Discurso do
SR. AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

e

Resposta do
SR. MÚCIO LEÃO

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 14 de novembro de 1951*

# I

# DISCURSO DO SR. AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

Veio-me à idéia, ao começar a escrever este discurso, que nesta noite não estivéssemos aqui somente os vivos, os membros desta Academia, os representantes dos poderes do Estado, os diplomatas, as personalidades das Ciências, das Artes, da Literatura, do Jornalismo, as formosas senhoras que dão beleza e graça a este quadro inesquecível. Pensei que o panorama de tantas presenças tangíveis poderia ampliar-se no conspecto ideal do corpo triunfante daqueles que verdadeiramente chegaram *Ad Immortalitatem* e são hoje objeto do vosso culto, honra da nossa existência, guarda e proteção dos vossos ideais.

Imaginei que viessem aqui todos, nesta solene ocasião, para testemunhar, na continuidade vitoriosa, o esplendor da sua obra. Primeiro, aquele sob cuja invocação esta Casa se consagra à estima da posteridade. O seu espírito não nos abandonou nunca, nem esta Academia cessou jamais de viver sob o seu augusto patrocínio.

O "mestre e companheiro" do famoso discurso fúnebre será sempre a pedra na qual assenta este edifício de cultura e à maneira que a nossa Pátria cresça e se imponha, dentro dela sereis maiores e mais vos imporeis, na justa medida em que souberdes manter fidelidade à sua palavra genuinamente inspiradora.

Em tudo serve como padrão inexcedível: nas virtudes do escritor, no devotamento ao chamado da Arte, na dedicação ao trabalho literário, no

amor à terra e ao povo, que o temperamento discreto tanto procurava disfarçar, e na crença no futuro de que esta Academia é a prova transcendente.

Aqui estais, segundo o seu mandamento, para "conservar, no meio da federação política, a unidade literária".

Vindos do sistema monárquico centralizado, tão próximos ainda dele, os fundadores temiam a dispersão da forma federal de governo, elegendo entre os objetivos do Sodalício, como primeiro de todos, sustentar a unidade do Espírito, sem a qual as demais periclitam e tendem necessariamente a desaparecer. Deveria constar do ritual da investidura acadêmica, à moda de promessa de bem servir, a afirmação de aceitar e transmitir "o pensamento e a vontade iniciais" de que deflui a vossa vida orgânica. Pensamento e vontade ligados à perpétua união do território e do povo e de que sois fiadores, na indissolúvel comunidade das aspirações artísticas no culto da língua, na estimação dos valores que caracterizam e engrandecem a alma das nações.

Ao lado do herói máximo, sopesando os alicerces desta Academia, estão dois outros da sua estirpe, da mesma imponência e de igual altura. Nabuco e Rui formam na linha hierárquica de Machado de Assis. Os três vêm à frente no desfile das unidades desta casa. Não porque outros o desmereçam e sim por serem maiores as suas responsabilidades. O primeiro nas letras de ficção e dois na vida política, no jornalismo e na oratória, consagraram-se no primado indisputável como soberanos da inteligência e oráculos do nosso destino.

Não é, porém, em desfile que os vejo aqui e sim assentados na aula magna, cada qual ocupando o posto conquistado no trabalho e cooperando com igual esforço para a grandeza da Academia.

Em Nabuco e Rui sobressai, no entanto, o terem sido artífices na formação liberal de que me orgulho; o haverem ensinado que nenhum bem supera a liberdade, nenhum sentimento é mais nobre que a Justiça, nenhuma aspiração mais digna do que servir à Pátria, dilatando os seus horizontes espirituais.

Nabuco salientava na sessão inaugural da Academia que, entre os primeiros quarenta, figuravam moços e velhos, para significar que o crivo da escolha não obedecera a razões discriminatórias contra escolas, tendências ou gêneros e fora o mais amplo no sentido de abrigar uma representação consciente e vária da cultura do País. Havia entre eles republicanos e monarquistas, católicos, agnósticos e ateus, não devendo prevalecer, contra o ingresso

entre os eleitos desta imortalidade simbólica, crenças e convicções de natureza política, religiosa ou filosófica, ou quaisquer outros preconceitos que aqui nunca se cultivaram e não podem medrar, pois seriam sempre contra a índole liberal da Instituição.

Nabuco proclamou que a fundação desta Academia há mais de meio século era um milagre e, ao dizê-lo, pensava sem dúvida na falta de espírito associativo dos homens, na indiferença da maioria, na pouca esperança de que a iniciativa durasse e, até, no receio de que os tomassem por presunçosos e ridículos, ao se outorgarem o título de imortais e adotarem o dourado fardão que é, tão-somente, o paramento de cerimônia nas solenes celebrações do culto externo.

Creio também que houve milagre, mas de outra espécie: o daquela geração do último decênio do século, tão rica em valores espirituais, da qual puderam sair quarenta homens insignes nas Letras e cujos nomes a posteridade venera pelo que exprimiram no Jornalismo, no Romance, na Poesia, na crítica, na oratória, nas Ciências jurídicas, no amor desinteressado da beleza, e que foram a base da construção que hoje se levanta tão sólida sob o nosso olhar vigilante.

Certo publicista americano explicou o portento da Contituição de Filadélfia, dizendo que o assombroso não fora aparecer a obra e sim que pudessem se ter reunido para realizá-la tantos homens de gênio, inspirados no mesmo ideal.

A maravilha fora que Washington, Franklin, Madison, Alexander Hamilton, Jefferson, os Adams e tantos outros de nível semelhante, tivessem existido na mesma época e juntos colaborassem para a organização política do seu País.

Ao encerrar-se o ciclo histórico do Império, a cultura que se desenvolvera nos sessenta anos de paz que nos proporcionara, apurada nos grandes centros de estudo do Recife e de São Paulo, cultura que nos vinha do latim e do português dos padres-mestres e da severidade dos grandes educadores leigos da classe de Macaúbas, profundos no saber e rijos de têmpera, produzira um esplêndido escol.

No fim do regime monárquico, a que devemos tantas diversidades felizes no tecido pan-americano, sazonavam os frutos dessa cultura, cujos melho-

res exemplares luziam então, ainda na pujança da mocidade criadora. Ao ver tal coincidência, como a que reuniu no ocaso da República Romana os homens que consagraram nas Letras a era de Augusto, ou a da extraordinária sementeira de filósofos do século XIII ou, mais tarde, fez aparecerem em Florença os gênios do Renascimento e, nas últimas décadas do século XVIII, os filósofos e os heróis da Enciclopédia e da Revolução, é-se tentado a acreditar nos bons fundamentos da teoria de Spengler e Frobennius de que a História é uma entidade independente, que se completa por força de um dinamismo interior e sob rígidas leis, alheia à influência da vontade humana.

A verdade é que se surpreende, aqui e ali, no espaço e no tempo, admirável conjunção de valores a somar os seus esforços para o conseguimento de determinados fins, numa cooperação espontânea, fora dos cálculos e propósitos dos seus melhores obreiros.

Veja-se, por exemplo, o que sucedeu em Vila-Rica, tão remota dos centros em que se operava a transferência dos tempos, porém no mesmo ano em que se desencadeou a tormenta renovadora dos ideais políticos do mundo.

A Arcádia Mineira reunia alguns poetas, homens de gosto, voltados para as preocupações do espírito, que praticavam as Artes sob a invocação dos deuses mitológicos, com a nostalgia das branduras do clima mediterrâneo entre as montanhas de Minas. Sonhavam.

Vistos hoje, ao sabor da Poesia das novas escolas oitocentistas e do Modernismo, parecem falsos e pesados, pois tudo contemplavam fora das cores naturais e com o mínimo possível de inspiração local. Cláudio Manuel da Costa, o patrono desta Cadeira, a que me dirigiu a vossa complacência e pelo que tantas graças vos dou, senhores acadêmicos, era o primeiro dos árcades, com maior prestígio no Cenáculo e nele os demais confiavam como orientador literário e, posteriormente, apóstolo da Revolução emancipadora.

Ele e Tomás Antônio Gonzaga eram, ao mesmo tempo, homens de lei e poetas, juntavam o conhecimento e prática do Direito ao convívio das musas. Um como advogado e o outro juiz estavam em contato com as necessidades diárias, os sofrimentos e os anseios do povo. Lidavam por ofício com os problemas da justiça, consideravam a opressão econômica da comunidade e, findo o labor quotidiano, voavam a outras paragens, mergulhavam na leitura dos clássicos gregos e latinos, embebiam-se nos cânticos de Dante,

Metastásio e Petrarca e, mais perigosamente freqüentavam os Enciclopedistas, Voltaire e Rousseau sobretudo, nos quais hauriam as justificações filosóficas da Revolta.

As inocentes paisagens bucólicas em que pastores imaginários vestidos de pele tangiam rebanhos ao som da rude frauta, as florestas povoadas de semideuses homéricos, as sutis aparições dos habitantes das árvores, dos ares e das águas, todo o mundo que sucumbira com a morte do Grande Pan revivia nas montanhas mineiras. Vinham de tão longe, do fundo dos milênios, no ritmo dos alexandrinos de Glauceste Satúrnio e do amorável Dirceu.

Cláudio era um artista. Não apenas pelo conhecimento que possuía das regras da Arte poética, como também porque tornava sensível aos outros o seu lirismo cheio de ternuras e desencantos. Chamaram-lhe "um descendente de Ronsard que leu Boileau e Voltaire". Leu principalmente os mestres italianos. Sabia sobretudo o seu Camões, os sonetos de amor, aprendidos nas tertúlias de Coimbra, quando ali estudava cânones.

Alguns compôs também de igual pureza e alta harmonia de pensamento e forma, ainda hoje dignos de leitura e capazes de comover.

No solar de Vila-Rica reuniam-se os letrados da comarca para ouvir Cláudio e Gonzaga falarem dos autores italianos, dos mestres florentinos, contando-lhes episódios de *A Divina Comédia*, mormente aquele inesquecível de Francesca da Rimini. Depois vinham os trágicos franceses e os filósofos semeadores da idéia nova.

Cláudio acompanhara a revolução americana, sabia que ao norte do continente um grande povo proclamara a independência, libertando-se da opressão da corte européia. Washington era citado como um semideus. Perpassava, nessas conversas, a princípio, a tímida aragem da doutrina em forma de longínqua esperança. Pelo dia, o advogado e o juiz, cumprindo os deveres dos seus encargos, ponderavam o sofrimento do povo, as enormidades do fisco, o abandono e pobreza em que vivia, as ameaças da derrama anunciada, enquanto partiam as tropas copiosas, conduzindo para o litoral, na lombada dos burros, o ouro roubado à terra. E tinham que pleitear a causa dos humildes e julgá-la segundo os rigores das ordenações, no serviço leal de Sua majestade.

E os casos e abusos praticados pelos exatores eram repetidos à tardinha, quando o assunto mudava da poesia para a contemplação desalentadora das condições da Colônia, pois era a mesma coisa em toda a parte, segundo notícias do Norte, de São Paulo e dos lugares mais remotos, na região de Cuiabá.

Insuflava-se por vezes o coração dos poetas, entre os quais o Coronel Inácio de Alvarenga Peixoto, que se repartia entre as musas e as armas, no comando de um regimento. E seu colega Francisco de Paula Freire de Andrade e Domingos de Abreu Vieira, destemidos soldados, em cuja espada repousavam as expectativas da revolução. E os padres Carlos de Toledo e Oliveira Rolim, como o Dr. João Álvares Maciel e o Alferes da Mílícia paga Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado o Tiradentes, todos assíduos e sôfregos na arquitetação dos planos da guerra.

Tiradentes ouvira a notícia alvoroçadora de que o estudante brasileiro José Joaquim da Maia conversara em Paris com Thomas Jefferson, então embaixador da América na corte de Luís XVI e dele soubera que os Estados Unidos poderiam ajudar o Brasil, caso houvesse uma revolução da independência. Advogados, juízes, padres e soldados foram aos poucos deslizando dos meros entretendimentos literários para a conspiração inflamada. Uns traçavam as linhas da estrutura política da nova República, os outros arrolavam os meios materiais de que dispunham para realizar um levante geral contra a Metrópole. Cláudio, o cantor de Vila-Rica, era a grande palavra incentivadora.

As reuniões iam-se tornando mais freqüentes; a audácia crescia. Estabeleceu-se entre todos a confiança que deveria perdê-los. Já se escolhera o pavilhão com o seu dístico virgiliano: *Libertas quae sera tamen*. Não, a liberdade não chega nunca tarde demais. Chega sempre com a força de renovação da aurora.

Alastra-se a conjura pelas montanhas de Minas e o triunfo parecia à vista e fácil. Até que a traição, inspirada na cobiça, esmaga o sonho com a triste realidade do degredo e do patíbulo.

Tiradentes ascende no Largo da Lampadosa como um símbolo imorredouro. Os demais, postos a ferro, são mandados para a África e ali acabam. Cláudio foi o primeiro a morrer. Talvez tenha querido libertar-se pelas próprias mãos, tirando ao carrasco de Sua Majestade a ocasião da vingança.

Talvez o tenham matado no cárcere para que não dissesse no processo tudo quanto sabia.

Foi, pelos grandes títulos da sua cultura, o prócer magno da Independência. Ao ser escolhido orago da Cadeira 8 desta Academia, tiveram em mente os fundadores não apenas consagrar o poeta, o jurista, o homem culto, primeiro do seu tempo nas terras de Minas, mas também o patriota, o mártir do ideal da Independência e da República, aquele que, tendo sido o primeiro a morrer, também o primeiro a alcançar a imortalidade.

Os seus sonetos camonianos, embora algumas vezes lembrem demasiado o molde, possuem sobriedade e elegância, repassam-se no desencantado ceticismo dos mestres de Assis e de Florença. O poema "Vila-Rica" lê-se ainda com agrado. É um tributo à terra mineira, no qual o poeta abandona os temas melancólicos dos sonetos, as suas desditas amorosas, para celebrar a conquista bandeirante. Sílvio Romero fulminou-o, ao jeito peremptório e áspero usual na sua crítica, dizendo: "O seu poema épico é chato, duro e inútil." Juízo excessivo, pois se faltam a "Vila-Rica" as qualidades do lirismo de Glauceste, não deixa de ser um testemunho do nacionalismo nascente da Colônia, prova de que o poeta procurara desfazer-se das influências estrangeiras, pelo menos no assunto, e abrir os olhos para as arrancadas heróicas dos paulistas de que descendia, reservando aos conquistadores da terra, no seu estro, um lugar de honra e glória. O seu patrocínio dá a esta Poltrona dobrado sentido na Poesia e no civismo. Nela assentou-se como fundador Alberto de Oliveira, herdeiro de Bilac no principado da Poesia, e depois o sociólogo Francisco José de Oliveira Viana, em cuja obra monumental a *Cívitas* foi a preocupação exclusiva.

* * *

Ambos são filhos da terra fluminense, essa cujos títulos e méritos se resumem quando lhe chamamos a "velha província", abençoada como a Virgínia na fertilidade de estadistas e alfobre das grandezas que fazem o lustre da vida brasileira e o orgulho da sua história imperial. Os dois nasceram no encantado município de Saquarema, em casas solarengas, o primeiro ainda

no esplendor das riquezas do café, quando o verde e o vermelho das suas folhas e frutos davam a sombra e o colorido do vale do Paraíba.

O segundo já na decadência da economia fluminense, pouco antes da revolução abolicionista e do fim do Império. Ouviu na meninice as queixas dos tempos, a lamentação dos inconformados, quando o silêncio ia caindo sobre as fazendas e os grandes títulos nobiliárquicos perdiam a sonoridade e o brilho, entrando lentamnente na melancolia e no olvido do nivelamento republicano.

Saquarema é um recanto de paisagem suntuosa e pode ressair pela singularidade dos contrastes, mesmo nesse luxo de incomparáveis cenários que é a costa fluminente, com as montanhas tombando a pique sobre o mar, baías, angras e lagunas rendilhando o litoral, a espelhar o céu em suas águas dormentes. De um lado o oceano corre ao assalto constante dos pedrouços enormes, e na distância, pela manhã, a bruma encurta o horizonte que se alarga na claridade meridiana até a vista perder-se. Do outro, as lagoas descansam e ainda quando o vento sopra as vagas infatigáveis, mal se percebe o debrum da superfície e, entre o mar turbulento e a lagoa pacífica, estende-se a moderação da restinga que detém as cóleras de um e da outra resguarda a tranqüilidade silenciosa.

Para dentro das terras alteiam-se as montanhas e é raro que se avancem muito no céu. Entre elas desdobram-se savanas e vales molhados pelas águas dos riachões e as fazendas de café e cana-de-açúcar com as suas casas imponentes, e aqui e ali, numa ponta de pasto, o gando ameno.

Aos olhos do poeta e do sociólogo, na idade em que os sentidos carreiam e fixam dentro da alma as sensações que nunca mais dela se apartam e são o paradigma da beleza de tudo quanto mais tarde os impressiona, desfilavam aquelas paisagens que no Palmital e no Rio Seco se completavam com o mundo dos pássaros, das borboletas e dos mil seres que povoam as florestas da serrania e a alfombra das várzeas.

Alberto saiu da terra do berço aos doze anos e disse-me que jamais ali retornou, nem para curiosidade de rápida visita. Parece que não queria que as lembranças da meninice se perturbassem com a visão de outras realidades e os quadros daqueles tempos insontes fossem substituídos nos recônditos da memória.

Saquarema porém vive em sua obra poética; é a origem daquele panteísmo que o coloca como o primeiro entre os cantores da natureza e faz que os campos, os rios, os mares, as árvores, os pássaros e as minúsculas criaturas da mata sejam o tema de preferência dos seus versos.

O espírito de Alberto de Oliveira, que habitou quase toda a longa vida nesta grande cidade, muito raramente perdeu-se no fogo das paixões estioladoras. Não se torturava. Era parnasiano pelos primores da perfeição na forma. Não tinha, porém, a frieza, tantas vezes contrafeita, da Escola. A poesia não lhe vingava nas raízes da alma, não era de introspecção, mas dos sentidos. Palheta e tinta, a musicabilidade das vozes canoras, o rumor das águas e do vento, o trom das tempestades, o surdo trovão das vagas rebentando na distância, que enchera de pavores as noites da sua casa no Palmital, as auroras e os crepúsculos, o suave aroma que se desprende das pétalas e das folhas ao amanhecer. Esse perfume que é "o espírito das flores que invisível ascende e vai falar ao sol".

Certa vez, num daqueles saraus literários tão freqüentes quando aqui cheguei menino, pediram-me que recitasse. A sala estava cheia e, com uma ousadia que ainda hoje me espanta, disse "Aspiração". Aprendera-a de cor e costumava repeti-la quando seminarista voltava às férias e fazia a cavalo demorada viagem pelos caminhos de areia solta, entre pomares silvestres e, de súbito, no tabuleiro, via erguer-se, flabelando, a carnaúba donairosa.

Clamava então com espanto do arreeiro que ia comigo:

> Ser palmeira! Existir num píncaro azulado
> Vendo as nuvens mais perto e as estrelas em bando;
> Dar ao sopro do mar o seio perfumado
> Ora os leques abrindo, ora os leques fechando.

E desfiava o hino pagão até confessar:

> E isto que aqui não digo então dizer:
> Que te amo, mãe natureza!

E a súplica panteísta, que não ficava bem na piedade de um candidato ao sacerdócio:

E pedir que ou no sol a cuja luz referves
Ou no verme de chão ou na flor que sorri
Mais tarde, em qualquer tempo, a minha alma conserves
Para que eternamente eu me lembre de ti!

E sucedeu que Alberto de Oliveira estava na sala e, findo o ato, veio ver-me e, com a sua voz sonora, a pesada mão sobre meu ombro, disse: "Gostei. Gostei muito." E tive com isso certo orgulho.

Mais tarde o poeta dispensou-me carinhosa estima, acompanhando sempre com palavras de incentivo e aprovação a minha desmerecida carreira de escritor público.

Possuo entre os livros, como precioso bem, o *Ramo de Árvore*, com uma dedicatória em que não fala de admiração e sim de afeto. E esse afeto perdurou, sendo uma das honras da minha vida, pois também sei o que vale a amizade de um grande homem.

Certo analista da obra de Alberto, seu contemporâneo, estranhava que não tivesse podido destruir a lenda de impassibilidade e frieza que lhe granjearam os sonetos "cheios de lavor e algum tanto inexpressivos da sua primitiva maneira de versejar". Eis que não concordo, pois nem mesmo nesses sonetos, nos quais é mais viva a influência da escoloa poética dominante na juventude de Alberto, encontro a frialdade de que o acusam. O que nele se vê é o temperamento retraído, a discreta maneira de exteriorizar o sentimento, o pudor da intimidade que tinha em comum com o seu conterrâneo que se assentou nesta Cadeira e me parece um dos traços da psicologia do *homo saquaremensis* e vem do hábito da contemplação que as belezas naturais criam e ainda da tradição do convívio familiar no recesso da casa, pois Alberto e Oliveira Viana eram homens eminentemente larários, para empregar uma expressão muito encontradiça no obra do sociólogo. Nunca se separaram dos seus e até a morte mantiveram a comunhão com eles, sob o mesmo teto, cultivando o puro amor fraterno, como o melhor sentimento que possa animar o coração humano. Alberto teve dezessete irmãos, dos quais dez homens e todos poetas menores, unidos à volta daquele que houvera mais tarde de recolher o principado da poesia brasileira. Além do amor, prendia-os a admiração, o prazer das boas letras, o devotamento à Arte. Esses laços não se desfizeram

jamais. Era uma "tribo patriarcal", como lhe chamou Oliveira Viana, no discurso em que celebrou o poeta ao ser recebido nesta Academia.

No retrato que fez de Alberto há muita semelhança com o próprio autor. Semelhança que é a marca do ambiente em que ambos nasceram e onde passaram os dias impressionáveis da infância.

Saquarema está presente no panteísmo de Alberto como nas concepções sociais e políticas de Oliveira Viana. Os dois eram homens "de pequena roda e sociabilidade reduzida", desamavam as manifestações multitudinárias, o alarido das praças públicas, a dispersão dos grupos numerosos e desafins. Gostavam da quietação, da pausa alentadora, do estar só Da Vinciano, ou do ficar entre amigos de confiança, conversando a meia voz. Nessas conversas que se entrecortam de silêncios sem vexames e o interlocutor não é obrigado a dizer alguma coisa descabida ou sem importância, tão-somente para que o entretenimento não esmoreça. Eram conversadores do estilo de Addison, como refere Macaulay, no conhecido estudo, que considerava que o verdadeiro *causeur* é o que sustenta longamente uma conversa a dois.

Tive ocasião de ouvi-los e guardo bem o jeito do trato gentil, a tolerância que tinham com as idéias dos mais moços, o apreço que sabiam dar aos principiantes, a bonomia da acolhida, no que revelavam os hábitos da vida rústica, tão profunda e indelevelmente insertos na alma de ambos.

Lembro-me do acanhamento quase infantil de Alberto quando se falava do seu busto, ao lado de uma pequena palmeira; a homenagem parecia-lhe excessiva, desconforme com os seus merecimentos e muito além do que pudesse aspirar um poeta, só preocupado com a beleza e a sinceridade dos seus cânticos. Os olhos já nevoados não se fixavam em ninguém e mal agradecia com palavras tímidas o entusiasmo dos admiradores e amigos que acorreram para tributar-lhe no bronze a glorificação perene.

* * *

Os meus contatos com Oliveira Viana foram mais raros e creio que as entranhadas e irredutíveis convicções liberais, a diversa maneira de encararmos a organização da *polis*, nos colocaram por vezes em posição antagônica,

embora confluindo as nossas aspirações para o mesmo objetivo, o engrandecimento da pátria comum.

Traduzindo em termos do Segundo Império, direi que Oliveira Viana foi, em toda a sua vida, um "Saquarema", conservador do tipo *die-hard* duo (*sic*) cerne de *Tory*, filho de fazendeiro da escola de Itaboraí, identificado até a medula com o esplendor imperial dos trinta anos que se seguiram à Maioridade. Enquanto eu sou um "Luzia", ligado pelo sangue Feitosa à Revolução Praieira, signatário do Manifesto de 1870, abolicionista sem dúvida, membro de clube republicano e por instinto inimigo do trono e dos incomportáveis privilégios da realeza.

Tudo isso éramos nestas plenitudes ideológicas do século XX, que têm as suas raízes no passado, única realidade intransformável, cujos influxos sujeitam e dirigem o misterioso destino das nações. Com toda a certeza, Oliveira Viana não teria figurado comigo na conspiração de Brutus, nem nos Idos de Março o encontraria embuçado entre os senadores que vingaram a República junto à estátua de Pompeu.

* * *

A Província Fluminense, entre todas, notabilizou-se pelo espírito de ordem que lhe vinha de dois fatores primordiais: a organização da economia cafeeira e a proximidade da Corte, com o poder de vigilância do Estado. A aristocracia rural fluminense formava-se nas melhores escolas da metrópole do Império e freqüentava Paris, assimilando nas fazendas, nos requintes da casa-grande, os luxos do Velho Mundo.

Os solares esplêndidos que se espalham no território da velha província, ainda hoje testemunham, em sua decadência, o fausto daquela prosperidade, o bom gosto, o senso de disciplina e de equilíbrio, a moderação dos hábitos do escol e do povo, tão evidentes aos olhos do pesquisador da sua História.

Noutras províncias não faltaram casas-grandes, como na da Bahia, na de Pernambuco, na de São Paulo. Não faltaram também dignitários da Corte, estadistas de renome. Mas foi na terra fluminense que o fenômeno de integração do povo nos costumes polidos das classes elevadas se produziu mais

depressa, criando-se o ambiente de paz interna, trabalho orgânico e submissão política que explica o conservantismo típico, a ausência de movimentos reivindicatórios, a solidariedade com as instituições imperiais e até a relutância à Abolição, pela maneira radical e prestes que se verificou a 13 de Maio.

Uruguai e Itaboraí são filhos legítimos da velha província, como esse formidável Andrade Figueira, "penhascal de fragas alpestres, angulado de arestas, apontado de espigões, semeado de cardos, de onde desce contínuo o sopro de uma crítica implacável, fria como o gume do aço, ou o corte do vento de inverno", como o retratou Rui de imperecível maneira. Pelo seu governo passaram as mais ilustres figuras do Império, inclusive o primeiro Rio Branco. E dela saíram também os numes do Exército e da Marinha, com Lima e Silva e Saldanha da Gama. Possuía uma consciência comunitária mais explícita e real do que as outras províncias, espalhada na formação de valores humanos, definida em características sociais, em morigeração, austeridade e senso individual da dignidade coletiva.

* * *

Quando Oliveira Viana nasceu, na Fazenda do Rio Seco, no ano de 1883, a Província decaía. O café prosseguira a marcha inexorável para o sul, empós as terras roxas de São Paulo.

Vacilava o Império nas questões militares e religiosas que acabaram determinando a sua queda. A escravatura não demoraria a findar. Aproximavam-se as coisas novas, que nenhuma força detém e invariavelmente são recebidas com apreensão de desencanto pelos que temem os reflexos da reforma sobre a sua posição social, a economia estável, o sistema de vida e as idéias cristalizadas.

A gente de Oliveira Viana vivia na fazenda do distrito de Bacaxá, perto da cidade de Saquarema, cultivando uns restos de café, no fabrico da farinha de mandioca e moendo um eito de cana-de-açúcar. Visitei aqueles lugares onde nada mudou, desde os dias da infância do sociólogo e que até a morte lhe pertenceram e aonde ia para os descansos da sua trabalhosa atividade a fim de conviver com os colonos e retomar forças no contato do chão nativo.

Foram seus pais educados na severidade antiga, representativos da família rural, cujos estilos passaram de moda e cada vez mais raramente se encontram, graças à frenética mutação dos costumes, que a fácil comunicabilidade do século impõe e tem-se afirmado como um fenômeno universal. A autoridade dos pais, do marido, do irmão mais velho, consagrada num sistema de usos e contenções constrangedores da expansão da personalidade humana, refletia o patriarcalismo da organização social em formas mais externas do que substancialmente verazes, consistindo mais no culto da presença dos mais velhos, nos preconceitos das relações entre pais e filhos que tiravam aos recíprocos sentimentos a espontaneidade e a confiança, o sentido de que pais e irmãos devem ser os primeiros amigos, os melhores confidentes, guias esclarecidos entre os caminhos do mundo, de quem esperamos antes de mais nada compreensão, consolo e ajuda. Gente conservadora, comedida e austera, para quem o Abolicionismo e a República representariam o fim do mundo, e as idéias liberais, nas aspirações igualitárias e niveladoras, com a destruição do trono e dos títulos de nobreza, a descentralização e a autonomia, o casamento civil, os cemitérios secularizados, a Igreja separada do Estado, seriam inovações arrasadoras, tristes sinais de que o povo estava sendo desamparadamente arrastado para o abismo.

Foi D. Balbina quem lhe ensinou as primeiras letras, como ainda hoje acontece em escala maior, pois não há mãe que não acompanhe os estudos dos filhos e que não empregue uma parte das manhãs em auxiliá-los nos deveres da escola e no esforço de preparar as lições.

Em homenagem a essa contribuição, Oliveira Viana mandou construir com o nome de D. Balbina uma escola que as crianças de Bacaxá freqüentam, em testemunho do amor do filho e da gratidão do discípulo.

Mais tarde passou às aulas do Professor Joaquim Antônio de Souza, na Escola do Rio da Areia, um casarão onde estive, na encosta de uma colina, dominando grotões e brejos, aonde chegava a cavalo, arredio dos camaradas, cioso da sua intimidade, incisivo e certo nas sabatinas, por tal forma acima dos demais que esses, tomados de despeito e inveja, uma vez o atacaram e apenas um correu em sua defesa, envergonhado da disparidade das forças e dos móveis subalternos da agressão.

Recolhi de um condiscípulo de Oliveira Viana, o próprio filho do Professor Souza, de nome Antônio Augusto e por apelido Taninho, depoimentos sobre o gênio solitário Dr. Chico, que assim lhe chamavam os antigos colegas conhecidos da região depois da sua formatura em 1906.

O sociólogo conservou sempre a amizade daquele povo e nas suas visitas ao Rio Seco, gostava de conversar com Taninho, na mesma casa da velha escola, onde o filho do professor vive há setenta anos e constituiu uma família de vinte filhos.

Transferiu-se, posteriormente, Oliveira Viana para uma aula de Saquarema e o curso secundário estudou-o no Colégio Carlos Alberto, de Niterói. Era sua intenção matricular-se na Escola Politécnica, levado pelos pendores para as matemáticas. Circunstância fortuita da perda do prazo para a matrícula ou o receio das agruras do trote, como asseguram os que conheciam o seu gênio tímido, o certo é que acabou seguindo a carreira do Direito. As Ciências sociais e jurídicas haveriam de encaminhá-lo melhor à Sociologia e à História Política, de que detém o primado na Literatura do Brasil.

Com o anel de grau, colheu-o a perplexidade que assalta os jovens a quem repugna a competição no Foro e carecem de jeito para os trabalhos da advocacia. Desde a Escola de Direito, e mesmo antes, Oliveira Viana escrevia em jornais e revistas. Os artigos no *Diário Fluminense* e em *O País* indicaram os rumos do seu espírito para os assuntos graves da interpretação do povo e da história. Desde os primeiros ensaios revela a seriedade das preocupações e o talento do escritor, na ordenação e clareza do raciocínio e sobriedade do estilo, no método expositivo das questões, no sentido pedagógico que tem a sua obra inteira, na lealdade e destemor do pensamento. Pois aquele homem que nunca falava alto e nunca obtemperava com vivacidade ao interlocutor, imutável na mansuetude, emitia por escrito, com toda a força da argumentação e veemência de palavras, as boas razões das suas teses, fossem as menos simpáticas ou conformes com a convicção geral.

Para ganhar a vida ensinou História no Colégio Abílio, de Niterói, e manteve um pequeno curso de alunos particulares de Matemática. Seguia assim a rotina dos estudantes sem mesada que trabalham não apenas para o sustento como ainda e principalmente pela disciplina do esforço intelectual, tão necessário na juventude.

Nomeado professor de Direito Judiciário Penal na Escola do Rio de Janeiro e depois de Direito Industrial, em ambas as cátedras, embora lhe faltassem os dotes de facilidade na expressão verbal, fez círculos dedicados de alunos, pela correção, assiduidade e devotamento com que se desempenhava no magistério e pelas preleções com que, fora da matéria lida, costumava prender a atenção dos rapazes, dissertando sobre os problemas da organização política e social do Brasil.

Nesse tempo, a obra de Alberto Torres parecia-lhe oferecer, sob muitos aspectos, as diretrizes nacionalistas que nos convinham, no sentido de revogar as infuências exógenas e de conteúdo puramente utópico para uma maior compreensão das realidades nacionais, apuradas na observação do seu desenvolvimento histórico.

O convívio pessoal com Torres, em cujo escritório de advogado tentou ensaiar-se sem êxito nos meandros da profissão, impregnou-o vivamente, menos das concepções do mestre do que do sentido e do gosto das pesquisas sociológicas, desse amor pelo exame direto, cauteloso e desapaixonado do fato, dessa objetividade fundamental que se tornou nele uma obsessão de "pensar em concreto"; tantas vezes anunciada como o próprio fulcro do monumento que ergueu, como observador, intérprete e profeta da vida nacional.

As horas sem clientela, passava-as na leitura, continuada em casa, nos demorados serões, na clausura voluntária desse asceta do estudo, que consumiu a mocidade dobrado sobre os livros, na ânsia de descobrir neles os impérvios roteiros do nosso destino.

* * *

Dos vinte aos 35 anos, quando terminou *As Populações Meridionais do Brasil*, Oliveira Viana teve sob os olhos tudo quanto se escreveu sobre este País, desde a informação do cronista das caravelas de Cabral, até os depoimentos dos viajantes ingleses, franceses, alemães e americanos, cientistas e aventureiros que se embrenharam pelo território a dentro, das ribas litorâneas aos contrafortes dos Andes. A imensa elaboração de *As Populações Meridionais* repousa em matéria escrita, rigorosamente meditada, didaticamente coordenada, meticulosamente escolhida, através dos quatro séculos de documentos de

toda ordem que se acumulam nas bibliotecas e arquivos, em testemunho da conquista, povoamento, organização rural e econômica, praxes, leis, instituições políticas, miscigenação e aculturação, os fenômenos que constituem a marcha transformadora das vastas e perdidas terras americanas, mal habitadas de indígenas, na grande Pátria de que somos filhos envaidecidos e leais servidores.

É a obra mestra de que as demais se nutrem, desentranham e irradiam nas duas direções dos problemas da raça e da interpretação política de que precipuamente se ocupam. Trabalho da madureza viril, em que transborda o vigor do espírito, amparado no entusiasmo do sábio, que se compraz no descortino de novos caminhos, para o conhecimento das origens da formação, do diagrama de crescimento e da exegese psicológica do seu povo.

Ali escorrem, palpitando, os quatro séculos brasileiros, desde que chegaram os homens das feitorias, conduzidos por tantos impulsos diversos, que iam da cobiça do lucro ao nobre afã de propagar entre os selvagens o reino da fé.

A apuração abundante e minuciosa do processo evolutivo da sociedade colonial, das causas e móveis na dispersão dos habitantes pela rosa-dos-ventos, da paulatina conquista do *plus ultra*, até o assentamento das lindes definitivas do sul, no centro e no norte, por força de magnetismos que variam muito, mas não é difícil retraçar neles a *sacra fames* a que o mundo deve tantas das suas mais poderosas construções.

Impressiona nas *Populações*, como nos livros seguintes do mestre fluminense, o método invariavelmente didático, que logo se manifesta na própria estruturação dos capítulos, nas divisões e subdivisões da matéria estudada, nas múltiplas epígrafes definidoras dos temas, na distribuição hierárquica dos assuntos, e até no hábito de acentuar em grifos, para forçar a atenção do leitor, as partes essenciais do discurso. A forma expositiva, tão apropriada ao gênero da pesquisa científica dos fatos sociais, completa-se no estilo fácil e escorreito, no rigoroso vernáculo no uso dos vocábulos consubstanciais à idade e ao objeto, exaltando-se em tudo a figura do grande escritor, de estilo altaneiro e polido, que ficará em nossas Letras entre os que mais souberam enaltecer os seus merecimentos.

História, organização, psicologia das populações meridionais, sejam os paulistas, os fluminenses e os mineiros, eis o propósito do grande livro, pri-

meira e mais ampla sistematização, à luz dos métodos sociológicos, da imensa epopéia que foi a dominação do trópico americano pelo homem branco e a sua descendência mestiça.

A novidade da obra não está epecificamente na cronologia, na extensão e natureza dos fatos narrados. Não é a história da colonização que lhe assegura perpétuo lugar na categoria do melhor que já se escreveu sobre o Brasil, pois até por critério arbitrário e sem plausível explicação, o autor elide o que a todos os olhos parece inseparável da formação brasileira, ou seja, a profunda e duradoura influência do Catolicismo através dos homens da roupeta, dos apóstolos fundadores dos primeiros colégios, que orientaram a política de defesa do índio e, nos rudimentos da organização educativa e eclesiástica, ofereceram as bases não só espirituais como administrativas da unidade nacional.

A ausência de Anchieta e Manuel da Nóbrega, os humildes jesuítas do primeiro século, das páginas de *As Populações Meridionais* surpreende o leitor, que não discerne por que espécie de inadvertência ou plano o mestre deixou no esquecimento as obras insignes de tantas vidas fiéis até o martírio à causa desta Pátria.

Em ensaio posterior, *O Ocaso do Império*, tão lúcido e completo no ponderamento dos fatores da ruptura do regime monárquico com o sentimento popular, reincide na omissão e não arrola o conflito religioso, assim como na obra arquitetônica levantada pelo seu gênio de sociólogo deixa em branco o papel da Igreja que a imparcialidade e o senso de justiça do cientista, seja qual for a sua posição filosófica diante das interrogações supremas, não podem obscurecer ao ponto dessa completa negação pelo silêncio.

A finalidade primaz, confessa, de *As Populações Meridionais* é interpretar a História, sob os critérios da antroposociologia e da Psicologia coletiva, ciências novas, incertas ainda nos seus passos, cujos luminares fizeram obra de pioneiros e eram a último palavra na primeira década do século, mas já foram sobrepujadas por estudos mais modernos, instruídos em métodos e recursos científicos que então faltavam. A América do Norte abriu largo estuário de contribuições originais a esses estudos. Alemães, franceses ingleses e italianos renovaram escolas, ampliaram investigações em campos mais dilatados, formularam hipóteses mais razoáveis e, em tal maneira rápida a ciência sociológica progrediu, subdividindo-se e tornando-se mais complexa, que os

mestres de há trinta anos na verdade apenas completavam as praias de um mar insondável.

Não digo para diminuir-lhes o mérito e sim para ressaltar que Oliveira Viana não estacionou com elas e, enquanto teve forças, acompanhou as novas aquisições da Ciência, serviu-se delas na continuidade do trabalho, reviu conceitos e, como verdadeiro sábio, nunca se pejou do erro cometido de boa-fé nem o deixou passar sem corrigenda.

Do esforço fragmentário dos publicistas brasileiros do século XIX e do começo deste, que foram numerosos, compôs o mestre fluminense um panorama homogêneo, como se tivesse subido a um píncaro para mirar de mais alto a quanto pudesse abranger a vista, pampas, montanhas, platôs, caatingas e o vale homérico, desde que tocou o solo o português audacioso, e a sua progênie mesclada e aventurosa, pelas mil vicissitudes da desordem, da ganância e do crime, preando e matando, apoderou-se da terra, com a ponta de lança das bandeiras vicentinas, espraiadas em leque, sob os aguilhões mais diversos, porém construindo, inconscientemente quase sempre, a grandeza física e a unidade do Brasil.

A existência suntuária da nobreza colonial dos dois primeiros séculos, no norte, e no centro, o seu fluxo mais tarde para os engenhos e fazendas, já acossada pela decadência da economia, rapidamente consumida nos lazeres e despesas de gente abastada nas cidades, o latifúndio, o potentado, o clã, as turbulências dos senhores feudais, insubmissos à lei, a marca dos fundadores de currais e, após eles, no ciclo do ouro, o ímpeto dos que faiscavam e descobriam minas, os bandos predatórios, a capangagem desleal e insolente, recrutada entre os mestiços sem trabalho, a represão progressiva e cautelosa dos representantes do Rei, a luta entre as forças anárquicas e o poder metropolitano, afinal o sedentarismo da atividade agrária, a organização política em torno do prestígio da Coroa e, nessa *congérie*, como de dentro da nebulosa, formando-se lentamente a consciência da nacionalidade...

Eis a contextura do grande livro, transvazado numa força de estilo, num esto de afirmação, numa segurança de juízo que espanta, naquele homem recatado e taciturno, que amava os tons médios e, no trato pessoal, não deixava transparecer a incisiva agressividade do seu temperamento de escritor. Com minúcia e mestria, caracteriza os três tipos de brasileiros, o sertanejo da

caatinga, o matuto do centro-sul e o gaúcho dos pampas. Frutos de três meios diversos e três histórias, que, embora confluindo no resultado da unidade política, acusam nitidamente a tríplice diferenciação da sua origem regional, das reações mesológicas que neles se operaram.

Não é um livro feito para lisonjear a sensibilidade patriótica do povo brasileiro, no qual o autor ocultasse certas duras realidades ou procurasse atenuá-las para não melindrar os mais suscetíveis. Oliveira Viana disse-o sem rebuços na expectativa dos desgostos que suscitaram:

> Neste livro revelo falhas, acentuo defeitos, mostro linhas de inferioridade e desfaço, com certa franqueza, um sem-número de ilusões nossas a nosso respeito, a respeito da nossa capacidade como povo. Quis apenas ser exato, sincero, veraz. Toda a estranheza que possam causar alguns dos meus conceitos vem de que vivemos numa perfeita ilusão sobre nós mesmos.

E mais além confirma: "Há um século vivemos politicamente em pleno sonho."

As populações rurais do centro-sul não tiveram analista mais minudente, pesquisador mais atento, mais claro intérprete. Não poderia repetir esse elogio às suas percepções peculiares sobre os povos nordestinos e gaúchos, cuja evolução histórica e papel correto no surto da nacionalidade não me parece que tenha apreendido, no seu elastério, alcance e magnificência. Espero a segunda parte de *As Populações* já em via de imprimir-se, na qual prometeu estender-se, seguindo o mesmo método e em fase de maior amadurecimento, para ajuizar melhor da agudeza com que soube considerá-los no que representam como elemento de fixação das qualidades específicas do povo nacional, no que contribuíram nas lutas libertárias para o advento da Independência, o êxito do Abolicionismo e a instalação da República e mormente no nordeste, o grau de civilização e cultura a que devemos alguns dos protótipos da inteligência e do cavalheirismo de que tão justamente se envaidece a Nação.

Nos remates de *As Populações Meridionais* exulta com acerto nos tributos a esse povo centro-meridional a que dedicou especialmente o estudo. Reconhece-lhe providencial função no equilíbrio da vida brasileira, pelas suas virtudes pacíficas, instinto de brandura e moderação, horror da luta e do sangue.

> Essas populações são a força ponderadora da nossa vida política; essas populações concorrem com a maior porção na fomação do escol dirigente; essas populações exercem uma ascendência imensa sobre os grupos regionais que lhes ficam ao Sul e ao Norte. No meio delas está a cabeça do poder, o centro do governo nacional, a sede da Realeza e do Parlamento. Nessa luta entre as aspirações liberais e o princípio da autoridade, tivessem o liberalismo a democracia, aqui, como tiveram no Norte e no extremo Sul, a lança do guerrilheiro ou cangaço do jagunço, e a grande obra da organização nacional estaria contraminada e destruída.

Será equânime por acaso esse julgamento que reduz a desnobres manifestações do cangaço e do jagunço os esplêndidos movimentos reivindicatórios dos ideais de 17, 24 e 48?

Como Euclides da Cunha, Oliveira Viana acreditou que nos sertões do Nordeste vivem os homens "mais bravos e inúteis da terra", dos quais temia "os excessos do liberalismo republicano ou os delírios do teorismo democrático, ameaçando a nacionalidade com a anarquia, a desintegração e a morte".

É o ponto de vista do "Saquarema", de têmpera moderada e cauta, contemplando, nos sossegos da casa-grande, os negros na faina, os barões mandando, a ordem material assegurada pelas tropas de linha, os perigos daqueles distúrbios criadores, nos quais estuava a nacionalidade nos ímpetos do seu gênio liberal.

Deslembrou-se o grande mestre de que a turba daqueles valentes descende dos soldados das guerras holandesas, os quais sozinhos, em demorada batalha de meio século, renitentes e imbatidos, salvaram a unidade política e espiritual do Brasil

No livro seguinte, os *Pequenos Estudos de Psicologia Social*, Oliveira Viana repisa os motivos centrais da sua grande tese nacionalista, a de que nos perdemos em excessos de xenofilia no vezo de imitadores dos costumes e instituições de outros povos e pitorescamente nos compara à macacaria kiplingliana do país de Bandar-Log que desprezava o restante povo do Jungle porque vivia na floresta, enquanto ela se desmandava em travessuras nas ruínas da "Cidade Perdida", coçando-se e catando as pulgas do pêlo, ocupados os bugios em guerrear uns contra os outros, aos gritos, no tumulto próprio da macacada. De repente "cessavam a algazarra e entravam a cabriolar do alto

dos muros, sobre os terraços, nos jardins do Rei, cujas laranjeiras e roseiras sacudiram pelo simples prazer de ver caírem as flores e os frutos".

O Conselheiro Lafayette, nos seus desgostos e decepções de monarquista, vendo a República nos primeiros espasmos da infância, costumava construir apólogos igualmente pitorescos para caracterizar os desazos do transplantio das instituições americanas e européias aos nossos climas tropicais e ao temperamento original do nosso povo.

Rui defendeu-se da increpação de plágio na obra constitucional brasileira, argumentando que não acontecera nesse terreno mais do que nos outros, pois "todas as reformas inestimáveis são cópias ou adaptações de experiências efetuadas noutros tempos, ou por outros povos".

Enorme seria a controvérsia a instalar-se nesse campo, pois não poderíamos expungir a herança da civilização européia precisamente do sistema da organização política do Monarquismo no padrão britânico, como ao fazer a República parecia fatal que tivéssemos de buscar o modelo do Republicanismo contemporâneo no regime federal norte-americano.

Eram da Europa os costumes sociais, a religião, o gosto literário e artístico, os ensinamentos da ciência, o trajo, a cozinha, o estilo da casa, a moral da família, a disciplina da escola, as instituições jurídicas. Como poderíamos criar a originalidade de uma forma de governo, na qual entrassem apenas as condições peculiares do povo brasileiro?

* * *

Numa série de livros sobre os problemas da raça e da organização política, Oliveira Viana procura mostrar, na escolha de um método positivo e essencialmente científico, que a origem dos males nacionais é o caráter espúrio das instituições de Direito Público; é a democracia formal, desenvolvida em planos utópicos, sem levar em conta o que há de específico e próprio na evolução do povo brasileiro, afeiçoando-nos a um tipo de governo, bom para os ingleses no Império, certo para os americanos do norte na República, mas vão nos seus postulados e perigoso na sua prática, se arbitrariamente imposto a um país de circunstâncias mesológicas e raciais inteiramente diversas daqueles modelos, cuja história se processa pela ação de agentes e reflexos que neles

nunca se verificaram. A falta de relacão lógica entre os regimes políticos e os instintos profundos do povo, as suas necessidades, psicologia e obscuros ideais, é na lição de Oliveira Viana a matriz das angústias brasileiras, dos desconcertos da nossa vida nacional, dessas pequenas convulsões que assustam, mas de fato não afetam a saúde orgânica nem sequer lhe retardam o desenvolvimento. Praticamos uma democracia de partidos, meros conglomerados ocasionais de interesses personalistas, que contendem e às vezes excluem os da coletividade, orientados em programas de conteúdo cívico extemporâneo, sob o comando, na órbita municipal, de coronéis semi-analfabetos e, na esfera dos Estados e da Federação, por oligarquias contumazes, que podem suceder-se nos indivíduos, mas são sempre idênticas nos propósitos.

Nada mais deprimente e desconsolador do que ver em *O Idealismo Político no Império e na República*, em *O Idealismo na Constituição*, em *Problemas de Política Objetiva, O Ocaso do Império* e, por último, nas *Instituições Políticas Brasileiras*, o retrato desses partidos, que Oliveira Viana malsinava, aproveitando-se em apoio da sua tese das amargas condenações de Joaquim Nabuco para quem os ministros do Império, fora do poder, caíam no vácuo e as agremiações políticas não passavam de ajuntamentos de aparência cívica, mas visando sempre, na verdade, a fins ilícitos nos arranjos dos bons empregos e na locupletação dos dinheiros públicos.

Não existindo no País opinião orgânica, inspirada na consciência de classe, com seus direitos e deveres, única possibilidade para o sistema do sufrágio universal e do poder representativo popular, o regime viveu sempre fora dos eixos, agitando-se como polia solta, insensível às considerações elementares do bem-estar da coletividade.

Convidado certa vez a apresentar as bases de uma nova Constituição e, posteriormente, a plataforma de um partido político, Oliveira Viana, iluminado em suas convicções, não se iludiu menos do que os teóricos da Democracia tradicional. O seu sistema de classes organizadas, de conselhos técnicos, de centralização rígida, do Estado como pirâmide, sob os olhos vigilantes e onipresentes da autoridade do chefe, tudo o que veio a ter fugaz expressão nas vicissitudes do nosso tempo e logo desmedrou, na inconsistência e vacuidade das suas fórmulas, era também matéria importada, experiência de outros cli-

mas, tentames de outras raças, que redundaram na opressão e encontraram o ocaso na catástrofe.

Não haverá no Brasil talvez opinião reflexiva ilustrada nos órgãos que a formam, na imprensa, na cátedra, no comício, nas associações de classe, no sindicato, nos sodalícios de Ciência, Arte e Literatura, mas existe, sim, opinião instintiva, que vem das razões profundas da vida, dos sentimentos coletivos transmitidos no sangue, nas reações que, de Norte a Sul, nunca faltaram da parte do povo brasileiro, para afirmar o sentido imutável do seu amor à liberdade.

A esse amor nunca fomos indiferentes e, onde quer que sofra dano ou restrição, as suas misteriosas forças relutam e a milagrosa unidade do povo retempera a sua liga de bronze para responder em reivindicações invencíveis aos agravos da tirania.

A visão política do grande mestre imergia no insondável. Aquele homem bom, cuja humildade e doçura filiavam o seu espírito às regras angélicas do monasticismo franciscano, assumia a atitude desafiadora dos profetas recriminatórios, com a pena acendrada em acentos carlylianos, quando defendia as suas teses contra os excessos do federalismo e apontava em palavras candentes de repulsa as tramas inferiores da politicagem democrática, com a mediocridade impando, os cargos distribuídos aos menos capazes, o ouro exercendo a sua atração magnética, a venalidade e a concussão estadeando aventuras impunes. Imaginava que toda essa paisagem, retrato do humano universo, poderia transmudar-se desde que relegássemos o teorismo político anglo-saxônio e voltássemos, assisadamente, as vistas para as realidades essenciais do patriarcalismo brasileiro, assente em valores orgânicos até agora esquecidos e que constituem, no entanto, os impulsos naturais e insubstituíveis da nossa vida nacional.

Uma coisa é a filosofia política, outra bem diversa a pragmática das instituições do Estado.

Deixar-se ir nas seduções estéticas da primeira é arriscar o destino como o astrólogo da fábula, os olhos postos no céu, marchando inconscientemente para o abismo.

* * *

Os problemas intrincados da raça, no segredo das misturas de sangue, a contribuição de cada uma delas na formação dos três tipos de brasileiros e

no caldeamento que prosegue, os conceitos e preconceitos das longas controvérsias que suscitam, foram em *Evolução do Povo Brasileiro* e *Raça e Assimilação* versados com lealdade, sempre em sentido construtivo e se, alguma vez, a formulação de hipóteses menos simpáticas causou estranheza na quase universalidade da mestiçagem das melhores cepas brasileiras, é que o cientista não pode recuar diante do que se lhe afigura a verdade. Nunca, porém, chegou aos extremos de que injustamente o acusaram. Nesse campo, como nos demais, o pesquisador científico impunha as suas convicções e é uma das glórias do homem e escritor que em tudo primeiro pusesse a fidelidade devida ao seu próprio pensamento.

Procurou aplicar na definição dos tipos do povo brasileiro os conhecimentos e processos mais modernos, de uso na Europa e na América do Norte, entre os sábios de maior fama e segundo as doutrinas mais fidedignas. Nessa esfera de apreciações, os erros de interpretação tornam-se inevitáveis e indicam a própria instabilidade dos critérios e aquisições, eminentemente transitória, das Ciências que se vinculam à caracterização das raças humanas. Como consultor jurídico do Ministério do Trabalho, deu à sua atividade uma amplitude criadora de que resultou esse esplêndido livro que é *Problemas de Direito Corporativo*, no qual rebate os anacronismos da concepção individualista do Direito e reivindica a preeminência da nova doutrina "nascida da crescente socialização da vida juridica cujo centro de gravitação se vem deslocando sucessivamente do indivíduo para o grupo e do grupo para a Nação".

Esse livro é um marco nas conquistas sociais do Brasil e abre perspectivas para um mundo em que se descortinam às gerações as suas melhores possibilidades no campo da Democracia social.

* * *

Das suas consonâncias teóricas com os interesses políticos vigentes e vitoriosos em recente fase contemporânea, não tirou Oliveira Viana proveitos censuráveis. Resistiu a todas as solicitações para o exercício de altos cargos administrativos e políticos, desdenhou honrarias, não foi caudatário de ninguém, nem ostensivamente filiado a grupos, arregimentações ou partidos. Todas as portas lhe estariam abertas se quisesse bater e entrar. A inteireza

moral do homem era irreprochável, tanto quanto a integridade da sua inteligência, a largueza e profundidade da sua visão de sociólogo.

Como ministro do Tribunal de Contas, acumulando o esforço rotineiro de pareceres inconspícuos e votos irrelevantes com a elaboração de uma obra ainda inédita e que, em volumes, iguala à que veio a lume em trinta anos de incessante produção, Oliveira Viana foi exemplar na assiduidade, competência e exação do funcionário. Na sua residência da Alameda São Boaventura, 41, em Niterói, solar das suas bem-aventuranças, curtiu também as duras penas de enormes preocupações espirituais e viu o corpo sucumbir à fragilidade da condição humana, em prolongados sofrimentos, que nunca descoroçoaram o indefesso labor.

As aflições da moléstia jamais comprometeram o equilíbrio do seu espírito nem a inalterabilidade da alma constantemente bonançosa.

Foi, até o último dia, no lampejo supremo, fiel aos seus ideias, na paixão do estudo, na obstinada procura da verdade elementar, na ânsia das sínteses reveladoras do destino social e político do seu grande povo. A vida deu-lhe recompensa de um talento que lhe assegura a perenidade da obra e a gratidão da Pátria, com os mesmos títulos com que esta Academia, em movimento consagratório dos seus membros, o elevou à glória da sua imortalidade.

* * *

A existência das nações, como a dos indivíduos, é uma desesperada busca de realidades sempre fugidias. Nada se detém.

O problema fundamental do espírito, hoje como nas eras mais remotas, traduz-se nas mesmas angustiadas interrogações sobre a origem e o fim, na teimosa perseguição à causa primeira, aos mistérios de que dimanam as religiões e as filosofias, ao segredo último que se esconde no imo da matéria instável e em perpétua transformação.

Todo o extenso e penoso esforço da humanidade desde que no cérebro do primeiro homem as imagens começaram a se fixar em idéias e a coordenar-se em raciocínios, e a animalidade ascendeu à categoria racional, orientou-se para as perguntas irrespondidas, que ainda agora nos perturbam e confundem. O caldeu que perscrutava o céu adivinhando a forma das constelações, experi-

mentava em face das imensas incógnitas dos abismos sidéreos a mesma perturbação do astrônomo que esta noite se debruça sobre a grande luneta do Observatório do Monte Palomar. O espanto de Leverrier, ao descobrir nos seus cálculos a inesperada presença de Netuno, não foi inferior ao de Galileu, contemplando pela primeira vez, no rudimentar instrumento que inventara, os satélites de Júpiter.

Quando a Ciência saiu do campo meramente especulativo para o experimental, graças às intuições maravilhosas de Bacon, os seus fiéis creram que todas as realidades estariam abertas à frágil compreensão humana. Bastaria prosseguir sem desalento para atingir a derradeira decifração dos enigmas tenebrosos.

"Pensar em concreto" pode ser também uma fantasia do espírito, uma forma de delirante soberba, capaz de chamar os castigos da divindade. Imaginação, intuição e razão pertencem aos poderes do espírito, são formas potenciais da inteligência. Qualquer delas é instrumento hábil na desvendação dos arcanos da vida. As três conduzem igualmente ao conhecimento da verdade.

Oliveira Viana demonstrou, com palavras enérgicas e por vezes ríspidas, a cegueira dos dirigentes políticos do Brasil diante da realidade profunda do povo nacional. Doía-lhe o predomínio das ilusões e preconceitos intelectuais, a reiteração de aspirações transplantadas de outros climas, os ideais políticos sistematicamente colhidos em fonte estrangeira, alheios ao costume das massas, única realidade autêntica de onde deveriam promanar, como de fonte natural, as nossas instituições estatais.

No curso da cuidadosa leitura dos seus livros, no trato de alguns meses com o seu alto pensamento, foi crescendo dentro de mim a dúvida que aqui vos exprimo. Se uma ilusão pode durar mais de um século, se as advertências dos que sabem "pensar em concreto" não aluíram o seu império; se, expulsa essa ilusão, retornou mais poderosa em breve espaço; se, dentro desse engano político revel a todos os conselhos da experiência dos sábios, vem-se agigantando este País nas conquistas de um destino diante do qual nenhum ceticismo é justificável ou operante, vejo-me tentado a perguntar se tamanha ilusão não é a própria realidade.

Respondereis que os cálculos e verificações da Sociologia são exatos e imperativos os seus cânones, como os da Matemática, e direi também que a

Filosofia é uma Ciência, a Teologia outra, a Física, a Química, a Biologia e as ramificações em que se repartem e estendem são ciências com os mesmos títulos de respeitabilidade e, no entanto, em quantas ilusões repousaram, e quantas novas realidades surgiram no incessante labor dos seus obreiros.

É o Jornalismo, por excelência, a profissão que ensina a apreender e manusear os fatos, para determinar-lhes a origem e o alcance na vida das coletividades. O jornalista deve possuir a intuição dos profetas. Cumpre-lhe subir a montanha, de quando em quando, a fim de escutar a palavra divina. É sua obrigação maior e a marca suprema do seu instinto profissional descobrir a realidade, para que não desencaminhe em devaneios o povo de que é juiz como os de Israel e o arraste nos seus erros à perdição.

Na culminância desta hora em que, fazendo o exame da minha consciência, proclamo que jamais fui infiel à ética da minha profissão de escritor da imprensa e analista isento da vida social e política do povo brasileiro, numa hora como esta, em que o homem se exalça sobre si mesmo e fala em testamento às gerações, confesso serenamente com humilde gratidão pelo que me foi dado ver no mundo, num século de transformações que dantes se operavam em milênios, confesso, como se a palavra que aqui pronuncio fosse o derradeiro sopro da minha alma, que estou convencido como num ato de fé que a ilusão não é somente a mais bela, como também a parte mais considerável e fecunda da Realidade.

# II
# RESPOSTA DO SR. MÚCIO LEÃO

Senhor Austregésilo de Athayde,

Coube ao mais antigo dos amigos que tendes nesta Casa a honra de vos dar as boas-vindas no limiar da imortalidade. Sede bem-vindo.

A solenidade desta noite, Sr. Austregésilo de Athayde, é propícia a velhas evocações. Por um momento, deixo de ver-vos tal como aqui vos achais, exibindo esse ouro do fardão acadêmico e essa prata que o tempo deixou que nevasse sobre a vossa fronte. E torno a ver-vos como vos vi na época em que nos conhecemos, mal saídos da adolescência e imaginando que na vida existisse realmente os encantados jardins de Armida.

Vínheis do Ceará, e poucos escritores daquele momento poderiam ser considerados tão legitimamente representativos do nosso doce e áspero Nordeste quanto o éreis vós. Nascido na orla do sertão pernambucano, tínheis sido criado em terras cearenses. Sangue e corpo, sensibilidade e alma, emoção e bravura, tudo o que possuíeis era Nordeste, sofria e cantava o Nordeste.

Teria sido esse o segredo da espontânea e afetuosa amizade que logo nos uniu? Talvez. Mas os motivos de aproximação que tínhamos – desculpai-me o que existe de pessoal na observação – eram ainda outros. Estavam na identidade do nosso gosto e nas nossas preferências literárias, na identidade do nosso sonho de nos dedicarmos a um longo exercício da crítica, na identidade das nossas austeras concepções do que fosse a atividade de intelectual.

## UM ENCONTRO EM RENAN

Havia, ainda, outra circunstância que nos aproximava. Havia o nosso mestre Renan.

Sim, Sr. Austregésilo de Athayde, estávamos ambos, aos vinte anos, vivendo em plena intimidade com o suave filósofo bretão. Em mim, a sedução renaniana fora superficial, e era meramente artística. Embalava-me a incomparável música do mais maravilhoso dos estilos, e confesso-vos que ainda hoje não encontrei, em nenhuma literatura, escritor que me dê tanto a impressão da poesia vaga, sempre difusa, porém sempre luminosa, quanto o autor da biografia de São Paulo, o escavador dos mistérios dos Evangelhos, o gracioso e comovido escultor da imagem de Jesus.

Em vós, porém, a influência renaniana fora uma crise profunda, fora de sentimentos e de crenças, fora de alma, fora dessas que transformam os destinos.

Não guardastes mágoa ao doce heresiarca por essa imensa subversão que operou no mais fundo do vosso espírito. Retomando Renan na maturidade, pudestes encontrar nele aquilo que uma humanidade mais adiantada que a de hoje, uma Igreja mais liberta, talvez venham a ver: o autor do Quinto Evangelho, um escritor canônico, apto a incorporar-se à mais bela família de escritores do mundo, a essa família sem igual que se compõe de Mateus, Marcos, Lucas e João. Não penseis que eu queira ser paradoxal no que vos digo. Os séculos têm operado milagres mais espantosos do que esse. E os tempos futuros hão de ver assombros muito mais vertiginosos do que os que viram os tempos pretéritos, do que os que vê o nosso tempo.

Vós mesmo, com a autoridade que vos dá um largo estudo da matéria teológica, dizeis-nos qualquer coisa acerca da possibilidade, já não digo da canonização de Renan, mas da colocação de sua *Vida de Jesus* entre os livros aceitos pela Igreja. Eis um perfil que traçastes de Renan – um perfil em que o próprio Renan se reconheceria:

> Na sua aparência de revelador do Cristo como homem, havia nele tanto amor filial e tanta piedade como em São Francisco de Sales. Acreditando-se discípulo de Voltaire, pelo sorriso e pela displicência, pela ironia maliciosa e quase sempre ingênua, era na verdade um apologeta, empe-

> nhado na destruição dos dogmas pelos métodos frios e neutros da Ciência, mas mostrando a cada passo que os fenômenos de ordem telúrica do Cristianismo transcendem a projeção das forças naturais e se filiam, por maneiras que não conseguiu explicar, ao testemunho dos milagres.

São palavras de ouro. E como estão próximas da graciosa confidência do escritor – da confidência segundo a qual tudo o que ele desejava realizar na vida seria um pequeno livro piedoso, para uso das almas devotas.

## VOCAÇÃO QUE FALHOU

Criança, sob os tépidos influxos de um lar impregnado na religião católica, imagináveis que a vossa vocação era a da Igreja, e para ela caminhastes.

No Seminário do Ceará fazíeis grandes progressos, e desde logo as esperanças dos vossos mestres se condensaram, alvissareiras, naquele estudante tão bem dotado para a aquisição de todos os conhecimentos. Foram-vos facultadas, então, todas as condições necessárias ao mais aprofundado estudo, e entre elas estava uma licença especial para freqüentar a biblioteca da Casa, departamento que era vedado ao comum dos alunos. Iniciou-se assim o vosso drama de consciência. Em vários autores encontráveis a negação da divindade de Jesus, a negação sem apelo das próprias bases da Religião. Nulos vos pareciam os argumentos de que podíeis dispor para refutar tais negações, reafirmando vossas crenças. Apeláveis, então, para os mestres do Seminário, desejando que eles vos oferecessem aquilo que já os livros não vos davam.

Mas, ah! tudo o que eles diziam vinha previamente esfarinhado e destruído pelos vossos filósofos racionalistas e libertos. O resultado dessas polêmicas verbais com os vossos mestres foi o desfazerem para sempre as vossas crenças. Pascal adolescente metamorfoseava-se em Renan.

Um dia nos haveis de contar, nessa série de comovidas evocações da primeira vida, que escreveis, o que foi aquele drama interior de vossa alma. Teremos, assim, em nossas Letras, um correspondente para certas passagens das *Recordações da Infância e da Mocidade*, do escritor de quem em tanta coisa vos aproximais.

Poderíeis, é certo, naquele momento, ter feito o que tantos fazem – ter deixado de lado os escrúpulos da consciência, e, tendo perdido a fé, aceitar a

batina. Mas isso não se coaduna com a vossa delicadeza, nem com a vossa lealdade. Sincero convosco mesmo, abandonastes os sonhos de vos tornardes sacerdote. E de vossa torre de marfim da religião, descestes para a planície em que se acotovelam e sofrem os homens comuns.

Certo dia, vestido de preto, exibindo uma gravata preta, trazendo um guarda-chuva preto debaixo do braço – atravessastes, pela última vez, o portão do Seminário onde atormentada se vos consumira a adolescência. Junto do portal, coroada de espinhos, a figura de pedra do mais doce dos amigos vos fitava, dirigindo-vos uma exortação ansiosa:

– Belarmnino, Belarmino, por que me abandonas?

Fitastes de olhar sombrio, o homem dulcíssimo. E apenas lhe respondestes:

– Nunca, nunca mais nos havemos de encontrar.

E, até agora, cumpristes essa declaração. Continuais distante de quaisquer crenças, e esse estado, segundo o confessais, é o de uma imperturbável tranqüilidade interior.

Mas, ao lado dessa descrença, conservais e cultivais certos pontos de vista, que em geral somente os espíritos religiosos, somente os que vivem da Igreja e para a Igreja desposam. Não sei de jornalista brasileiro, na geração atual, que tenha defendido com maior ardor do que vós a majestade da religião no coração das massas. É que sois, antes de tudo, um espírito político. E defendeis a religião por motivos sociais, da mesma forma como defendeis a Democracia, da mesma forma como defendeis a Língua Portuguesa.

## UM CONGRESSO INTERNACIONAL

Foi esse sentimento político – se posso defini-lo assim – que vos levou, em 1948, a assumir, diante do Brasil e diante do mundo, a atitude corajosa de que tanto nos lembramos. Representante do Brasil na 3.ª Comissão da ONU, colaboráveis na redação da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Esse documento, que estava destinado a tornar-se o Evangelho leigo da nova humanidade, consagrava, no seu pórtico, a afirmação de que "o homem era um ser dotado de consciência e razão pela Natureza". Isso equivalia à proclamação de um princípio filosófico. Embaixador de um país em cuja Constituição se

inscrevia o nome de Deus, antevistes a fria e racionalista finalidade a que com aquela afirmação se pretendia atingir. Resolvestes, por isso, pugnar por outra filosofia. Vossa meditação foi a de que, se a Declaração havia de sair sob a égide de algum princípio filosófico, que ao menos esse correspondesse às aspirações da maioria dos povos ali representados. E foi então que apresentastes vossa proposta, por força da qual aquela afirmação seria substituída por esta outra: "o homem é um ser criado à imagem e semelhança de Deus..."

O que foram os consectários dessa atitude nós o sabemos, pelas florestas de papel, pelos mares de tinta que o grande tema consumiu no mundo. Já existem livros estudando o assunto... Tais, porém, foram as dificuldades que no momento surgiram, que os delegados de outros Países, o da Bélgica e o da França, se viram forçados a negociar uma fórmula de transação: nem o grupo dos racionalistas faria prevalecer a sua natureza, nem o delegado do Brasil faria prevalecer o seu Deus... Aceitastes a conciliação. Na Declaração Universal dos Direitos do Homem passou a figurar esta fórmula vaga: "o homem é um ser dotado de consciência e razão..." Mas não se diz quem foi que o presenteou com essa razão e com essa consciência.

E ainda haverá sujeitos maliciosos, meu caro confrade, que oponham suas tenazes dúvidas a essa modesta e quase simplista declaração...

## A ESTRÉIA NO RIO DE JANEIRO

Vencida aquela crise em que, em vossos altares íntimos, um cataclisma destruíra Deus, deliberastes partir para o Rio de Janeiro. Jasão preparava-se para ir conquistar o Velocino de Ouro, Dom Quixote partia para ir redimir os pecados do mundo.

Foi com esse espírito de afirmação, de vontade de triunfo, que saltastes de um navio do Lóide, no Rio de Janeiro de 1918.

Aqui podíeis contar com uma simpatia carinhosa e com um amparo atento, a simpatia, o amparo do vosso tio Antônio Austregésilo, já àquele tempo um dos nomes triunfantes da Ciência médica brasileira, um dos valores mais respeitados da Academia. Foi o Professor Austregésilo quem vos apresentou ao meio literário da capital da República. Por intermédio dele, fizestes

duas aproximações que muito se gravaram em vossa sensibilidade e mais tarde em vossa saudade: a de Coelho Neto e a de Lima Barreto.

## REMINISCÊNCIA DE COELHO NETO

Com o autor de *O Rajá do Pendjab* tínheis certa aproximação anterior. Fora Coelho Neto, um dia, alvo da terrível diatribe de um foliculário de Fortaleza e, no entusiasmo dos dezoito anos, rude vos lançastes na arena, em defesa do escritor de vossa estima. Tivera ele conhecimento dessa atitude, e a louvara numa bela carta que ainda hoje possuís.

Chegando ao Rio, levastes-lhe os originais de um livro de contos – as *Histórias Amargas* – que trazíeis na mala, e lhe pedistes um prefácio para a coletânea. Coelho Neto vos deu esse prefácio. E nele afirmava que os vossos contos lembravam os de Machado de Assis "na proporção em que uma flor recorda os perfumes da floresta..." Mandastes o livro para a tipografia, mas um incêndio nos privou do prazer dessa leitura. Considerastes aquela catástrofe um sinal do Destino e destes o livro como inédito para sempre. Dele conhecemos apenas o prefácio de Coelho Neto, que conservais como relíquia.

Daí por diante vos mantivestes amigo do autor de *Rei Negro*. Mas, circunstância curiosa, Coelho Neto deixou de identificar-vos com o contista, com o jornalista que éreis. Passou a confundir-vos com o pintor Virgílio Maurício. A princípio procurastes desfazer o triste equívoco. Mas a confusão era persistente, e findastes por vos conformar com a fatalidade daquele destino. Aceitastes a nova condição de ser o pintor alagoano. E quando vos encontráveis com Coelho Neto, com ele conversáveis deliciadamente acerca das vossa Arte audaciosa e colorida.

## LIMA BARRETO

De Lima Barreto, porém, foi que naquele tempo de entusiasmo e de esperança, se gravaram em vosso espírito as reminiscências mais carinhosas. Era já no crepúsculo do grande escritor boêmio, e freqüentemente o encontráveis no Café São Paulo, na Avenida Rio Branco.

Lima Barreto com o espírito sempre enevoado, mas ainda assim miraculosamente claro e penetrante, andava sujo e semi-andrajoso. Muitos fariseus das nossas Letras fugiam-lhe ao contato, com receio de manchar as túnicas de uma alvíssima virtude. O criador de *Policarpo Quaresma* fulminava-os com o seu sorriso de semideus desprezador dos homens.

Era no fundo do Café São Paulo, em uma das últimas mesas, que Lima Barreto se sentava, para tomar a sua garrafa de cerveja, o seu chope, os licores poderosos em cuja névoa se esquecia dos tormentos da vida. Ali o íeis encontrar, e, enquanto ingeríeis abundantes copos de leite, com ele praticáveis longamente, arquitetando, talvez, em tais momentos, muitos daqueles diálogos que havíeis de localizar na Barbearia Sol. De algumas dessas práticas temos conhecimento, porque as narrastes, mais de uma vez, em vossas páginas de reminiscências. Vemos, por essas páginas, que um dos assuntos diletos de Lima Barreto, naquele fim de vida, era Machado Assis. Mas a maneira como o criador de Gonzaga de Sá encarava o criador de Dom Casmurro era a da negação. Sustentava Lima Barreto, nas confidências que vos fazia, que Machado de Assis era falso em tudo o que escrevia e em tudo o que imaginava – falso no conto e falso no romance. E vos exortava a que, escrevendo, e escrevendo obra de ficção, conservásseis sempre os olhos na pura e simples realidade. O preceito, como preceito, é excelente. A censura ao grande romancista é que me parece injusta. Como escritor, Machado de Assis nutria-se da realidade, tanto quanto se teria nutrido Lima Barreto. De certo eram diferentes as realidades de um e de outro, tanto quanto eram diferentes os dois homens – um todo clareza, todo franquezas, todo confissões de defeitos, exibições de vícios ou de virtudes; o outro todo sutileza, todo subentendido, todo meio-linha, meio-tom, meia-cor, meia-palavra. Como haveriam de entender-se os dois?

A Lima Barreto confiastes os longos planos que então vos entusiasmavam – o da publicação dos contos intitulados *Histórias Amargas*, o da publicação do romance intitulado *Quando as Hortênsias Florescem*. Sobre o romance creio que ele não chegou a ter idéia precisa. Com relação ao livro de contos, porém, é certo que o teve. Ouviu que Coelho Neto escrevera para ele um prefácio, no qual dizia que aqueles contos lhe lembravam

os de Machado de Assis. E, partindo daí, fez sumariamente o julgamento da vossa obra:

– Se lembra o Machado, não presta. Vá escrever outra coisa.

## UM MOMENTO LITERÁRIO

Já então, meu caro confrade, os vossos amigos sabiam que havia chegado ao Rio de Janeiro um companheiro encantador, de espírito ornado, malicioso e sutil, de ânimo incansável, apto às lutas espirituais e, se fosse preciso, às lutas físicas.

Lembro-me do afeto que vos testemunharam sempre Graça Aranha e Ronald de Carvalho, desejando chamar-vos para as fileiras do Modernismo, que então se organizava. Muito resististes às seduções dos dois feiticeiros. Deliberadamente, recusastes ser um dos templários daquela guerra santa. Preferistes ficar à margem, antes como assistente do que como ator. Foi, naquele momento, a posição de muitos de nós, foi de todos os que traziam uma séria formação clássica e que não tinham a audácia iconoclástica de esbofetear os ídolos antigos. Ai de mim, fui um desses jovens cheios de prudência que não ousaram caminhar com as ousadias do seu momento, e preferiram guardar a fidelidade ao passado! Como me penitencio disso! Hoje, que adormeço neste remansoso abrigo da Academia, hoje que vejo coberta de brancuras tristes a minha pobre cabeça, como lastimo não ter sido, aos vinte anos, o mais irreverente dos irreverentes! Agora é tarde, é muito tarde! Mas que vontade de retornar aqueles dias, meu caro Austregésilo de Athayde, e de voltar levando nas mãos a chama de Eróstrato!

Sei que convosco – que com tanta firmeza nos dizeis que desejaríeis ser um dos conjurados de Bruto nos Idos de Março – poderia contar, como um dos mais seguros companheiros, para essa missão de redenção do mundo literário.

## HISTÓRIA DE UM DUELO

Que éreis tão apto aos rijos combates físicos como aos espirituais, não o ignorávamos, mercê das proezas desportivas que desde logo se contavam a vosso respeito: as vossas aventuras de andarilho, as vossas exibições notórias

de jogador de boxe, as vossas demonstrações diárias e inexaustas de nadador corajoso e peritíssimo...

Foi nessa ocasião que ocorreu aquele gracioso episódio do duelo com Antônio Torres.

Torres era, então, o demônio da imprensa brasileira, e do seu mirante da *Gazeta de Notícias* vivia a flagelar as reputações mais respeitáveis. Um dos seus teirós mais duros era com o nosso querido Austregésilo. Considerando a injustiça daqueles ataques, deliberastes tomar Antônio Torres à vossa conta. E certo dia iniciastes, nas colunas da *Tribuna*, uma série de ataques crudelíssimos contra o cruel panfletário. A uma dessas agressões tais são as incoerências da alma humana! – aquele agressor incessante não pôde resistir, e vos mandou seus padrinhos, desafiando-vos para um duelo. Vossa resposta foi pronta: aceitáveis o desafio, e, como podíeis escolher a arma, escolhíeis o boxe. Durante dois dias esperastes os emissários do confrade, para com eles ultimar as condições da luta. E afinal eles vieram. Vieram, porém, trazendo uma carta de Antônio Torres, uma delícia de perfídia, em que vos eram dadas, a vós e, por vosso intermédio, ao Professor Austregésilo, as desculpas de um cavalheiro, e em que vos era aconselhada a leitura dos bons autores – e em primeiro lugar a dele próprio, Antônio Torres.

No envelope, o escritor desenhara um coração traspassado por uma espada. Era o que desejava fazer convosco...

O episódio morreu assim. Mas teve a conseqüência que desejáveis: o Professor Austregésilo pôde desde então dormir tranqüilo, sem mais o pesadelo daquelas atormentações de cada semana...

## PROEZAS DE UM ANDARILHO

É fato que, em vosso espírito esportivo, ao amor pelo boxe, ao amor pela natação, suplantou sempre o amor pela marcha.

Creio que o vosso paraíso íntimo se divide em três jardins: o primeiro é o gosto dos autores clássicos; o segundo é o órgão, ao qual confiais, em improvisos inspirados, todos os sonhos que alentam vossa alma; o terceiro é andar a pé. Suspeito que os livros que com maior prazer escreveríeis seriam o *Manual do Perfeito Tocador de Órgão* e o *Manual do Perfeito Andarilho*.

Que pena a absorção com que viveis a atividade jornalística vos impeça de dar execução a essas duas obras, nas quais, como o fez De Maistre, ao escrever a *Viagem em Torno do meu Quarto*, poderíeis condensar, em volta de um assunto aparentemente mínimo, uma síntese do mundo!

## UM DEMIURGO

Um dos acontecimentos que mais fundamente marcaram a vossa vida, meu caro confrade, foi a aproximação com Assis Chateaubriand, esse demiurgo. Com ele, ao lado dele, tendes trabalhado há 27 anos, numa identidade de espírito e de coração, que somente dois irmãos poderiam possuir.

Creio que não vos farei nenhuma revelação, se vos disser que ainda esse traço desportivo – o gosto por andar a pé – vos é comum com aquele espantoso dínamo de super-humanas energias, que é o criador dos *Diários Associados*.

E agora vos conto que, em meus tempos de estudante, já Assis Chateaubriand formado, e se preparando para o concurso em que na Faculdade de Direito do Recife aspirava a ser o substituto de meu pai, essa forma de esporte era a predileta de muitos de nós. A Barbosa Lima Sobrinho, prodígio de resistência, ousei acompanhar numa aventura audaciosa, realizando, em poucas horas, sabe Deus com que sofrimentos, a travessia a pé de Olinda a Goiana.

As mais famosas dessas expedições, porém, eram aquelas organizadas e capitaneadas por Assis Chateaubriand. Há longos anos, creio, o nosso queridíssimo Chateaubriand abandonou esse modesto exercício de pedestres: seus esportes hoje são outros, são os longos, incansáveis vôos nos céus brasileiros, nos céus americanos, nos infinitos céus dos outros continentes. Amplitude! Amplitude! Amplitude!

## O MISTÉRIO DE UMA ILHA

Com os fulgentes sonhos de homem de letras, trazíeis, quando chegastes ao Rio de Janeiro, outros sonho fulgente: o de ser proprietário de um pedaço do planeta. Mas que não fosse um mero sítio, um simples terreno para

a construção de uma casa, isso que é, afinal, a banal aspiração de cada um de nós. O vosso desejo era ser dono de um continente, e se esse continente não pudesse ser vasto, como a Ásia, que fosse minúsculo, como uma ilha da Guanabara. Mas que fosse vosso, todo vosso, sem repartir a sua propriedade com outros senhores...

O destino, que vos sorriu em todas as coisas, sorriu-vos também nesse anelo. E, ainda muito moço, pudestes realizar aquela aspiração criada em vossa alma desde o tempo de menino, desde quando pela primeira vez lestes Robinson Crusoé.

Uma ilha, viver na delícia de uma ilha, ser dono de uma lha! oh! sonho impossível dos criadores de fábulas, dos poetas de todos os tempos! É o sonho de Homero, quando entrevê, em seus deslumbramentos de cego, a divina figura de Calipso; é o sonho de Shakespeare, quando cria a mais impalpável das suas visões de mulher, a doce Miranda de *A Tempestade*; é o sonho de Camões, quando, desejando dar a máxima glória aos seus heróis, os conduz para a Ilha dos Amores.

Onestaldo de Pennafort, o harmonioso e esquivo poeta, que já devera ser um dos nossos, contou, num estudo que é em si mesmo Poesia, o que seja a delícia e o mistério das ilhas. Citando Gillet, ele assegura: "Toda a felicidade do mundo habita as ilhas. A Poesia está tão cheia de ilhas como o céu de estrelas. Que encantadora Oceania se faria com todas essas ilhas criadas pelos poetas!" Não tem importância nenhuma, reconheçamos, o fato de tais ilhas não existirem na realidade: o que tem importância é que os homens as hajam imaginado, é que elas sejam sempre perfumadas, formosas e felizes.

O nosso poeta conclui por afirmar que, quando esses paraísos se realizarem (eles hão de um dia forçosamente se realizar)! só para aqueles que os imaginaram é que se realizarão. "Porque só é digno de ver uma coisa aquele que pode imaginá-la antes."

O doce destino transformou para vós em realidade a Poesia incomparável do velho mito das ilhas.

Visitei esse vosso paraíso logo nos primeiros tempos em que o possuístes. Era, então, um recanto rústico, em que alvejavam umas modestas praias e frutificavam umas árvores modestas.

Mas vossos instintos de expansão nos mares são veementes. Tendes, como a Inglaterra, necessidade de reinar sobre as ondas. E eis que, quando a Fortuna dadivosa vos foi bater à porta, levando-vos uma sorte grande, tratastes de adquirir, na proximidade daquela primeira, uma outra ilha – esta agora um vastíssimo pedaço do planeta, capaz de fazer inveja a muito país da Europa.

E foi ali que fundastes o vosso império, D. Belarmino Maria Primeiro! Foi ali que plantastes o vosso jardim e as vossas florestas, foi ali que edificastes o vosso inacessível castelo! Doce retiro! É para lá que vos afastais, cada fim de semana, levando apenas alguns livros e os quatro suaves corações que mais vos amam. É para lá que conduzis os amigos, quando especialmente os quereis homenagear.

Um dos vossos amigos mais queridos, o resplandecente Bernanos, teve o privilégio de conhecer aqueles recantos, de aspirar o aroma daquelas flores, de repousar à sombra daquelas árvores. E foi depois de uma dessas suas visitas, que ele tomou da pena para vos fazer, na primeira página de *Monsieur Ouine*, esta expressiva dedicatória:

> *À mon cher Austregésilo, solidement planté dans son peuple comme un arbre dans la terre, et qui, comme un arbre, doit vivre et mourir debout.*

Aquele retiro é, pois, o País dessa grande Poesia que trazeis convosco, dessa Poesia a que vos recusastes, até hoje, a dar existência e forma. É lá que recebeis a visita daquela que celebrastes em formosa página – a misteriosa dama da noite, vaga fascinação do luar, perfume denso da terra, símbolo divino dos amores impossíveis, e, talvez, quem sabe, também dos amores possíveis.

Tão deleitoso vos parece aquele recanto que os deuses benignos vos ofertaram que, mesmo quando visitastes Capri, ilha duas vezes ilustre – a primeira por ter sido o refúgio preferido por Tibério, dono do mundo, para esconder a sombria tristeza de seus últimos dias, a segunda por se ter tornado o paraíso feliz de um dos mais famosos escritores contemporâneos – a vossa imaginação fugiu para o Atlântico fluminense, e veio repousar em Marabá. E

o vosso coração vos segredou que a ilha brasileira, que o destino vos dera, era mais bela que a maravilhosa ínsula italiana. E tínheis razão!

Que importância pode ter a imagem de um César, que importância pode ter a imaginação de Axel Munthe, quando as comparamos com uma centena de metros de terreno sem história, sem que entretanto frutifiquem algumas árvores que temos o privilégio de chamar nossas?

## ESTRÉIA DO PROFESSOR

Mas naquele momento de vossa estréia literária no Rio de Janeiro, estáveis bem longe de imaginar que um dia havíeis de ser diretor da maior corrente de jornais do País, bem longe de pensar que um dia havíeis de vos assentar num congresso de embaixadores, falando em nome do Brasil. Naquele momento, o que havia era o rude braço a braço da vida com um rapaz que se iniciava trazendo apenas como elementos de vitória sua coragem e sua capacidade de esforço.

Estáveis no Rio havia apenas alguns meses, e vãs pareciam as tentativas que fazíeis para arranjar um emprego, quando lestes, certo dia, um anúncio sugestivo: um colégio da cidade precisava de um professor de inglês. Lembrastes-vos de que já havíeis sido professor em Fortaleza. Resolvestes tentar aquele emprego. Mas como, se o inglês de que dispúnheis – apenas o que se aprende no curso secundário – mal dava para uma leitura apressada de jornal? Se fosse uma cadeira de língua latina, sim, porque essa faláveis familiarmente, no Seminário... Mas de inglês!... Contudo, lá fostes. Com o diretor do colégio assentastes as vossas condições. E quando esperáveis sair, para volver na manhã seguinte trazendo bem recordada a primeira lição do Berlitz, e ir, assim, cada dia recordando a reaprendendo a matéria da aula a dar – caiu-vos a alma aos pés.

O diretor vos avisou de que a classe estava reunida, acrescentando que havia dias não tinha ela aula de inglês e que portanto convinha que naquele momento mesmo iniciásseis vosso ensino. Valeu-vos nessa ocasião a raiz clássica da cultura que havíeis haurido no Seminário.

Assumistes a cátedra, e destes, numa brilhante estréia de professor, uma lição acerca da criação daquela nacionalidade, traçando o panorama das raças que se chocaram nas Ilhas Britânicas, e que haviam de forjar, para o deslum-

bramento da História, o milagre da língua inglesa, e, mais ainda do que isso, o milagre da pátria inglesa.

## INICIAÇÃO NA IMPRENSA CARIOCA

É dessa fase a vossa iniciação no jornalismo carioca – a atividade de colaboração no *Correio da Manhã* e na *Folha*, a atividade de direção na *Tribuna*, no *Braz Cubas* e, enfim nos *Diários Associados*, onde vos encontrais desde 1924.

No *Correio da Manhã* destes o primeiro trabalho em setembro de 1921, e ali penetrastes levado por uma sugestão hábil de Raul Brandão, brilhante jornalista, um dos vossos companheiros, naquele momento, na *Associated Press*. Ali chegastes como um conquistador indo desde o primeiro dia ocupar a coluna de honra, a fulgidíssima coluna em que doutrinavam Júlio Dantas, Monteiro Lobato, Assis Chateaubriand, Mário Rodrigues, Antônio Leão Veloso. Vosso primeiro artigo ali aparecido – um corajoso ensaio intitulado *Estudos Dantescos* – sobremaneira impressionou o mestre de todos nós, aquele que foi o lidador sem medo e sem subterfúgios, o Cid da nossa imprensa, aquele para o qual o exercício jornalístico foi sempre uma sarça ardente: Edmundo Bittencourt.

No dia seguinte à publicação desse artigo, em conversa com Raul Brandão, referia-se Edmundo Bittencourt às vossas capacidades, reveladas naquela página, e dizia que no *Correio da Manhã* havia aparecido um jornalista da estirpe de Rui Barbosa.

## EXERCÍCIO JORNALÍSTICO

Três décadas se passaram, pois, desde aquele dia, três décadas de um incessante exercício jornalístico. Trinta anos de uma atividade em que tendes produzido diariamente seis e oito artigos. Que pavorosa montanha de papel escrito isso representa, meu caro colega! Numa profissão toda melancólica, como é a dos jornalistas, eu não sei de coisa mais melancólica do que seja esta: considerar a imensidade do trabalho escrito, para sempre perdido, que fica de tais vidas! Pensai no caso de um Carlos de Laet, que

viveu oitenta anos e jamais deixou o exercício da imprensa. Se gostássemos de certas estatísticas pitorescas, poderíamos fazer algumas representações gráficas. E, então, iríamos ver que, postos em colunas presas umas às outras, os artigos que Carlos de Laet escreveu dariam várias vezes a volta da terra; iríamos verificar que eles formam talvez uma estrada da terra à lua, senão a Marte...

## UMA CONFERÊNCIA DE LÉON DAUDET

E isso, que ocorre com Carlos de Laet, ocorre com todos os que se dedicam, a fundo e com constância, à profissão jornalística. Ouçamos, nesse ponto, a confidência de um profissional dos mais representativos - ouçamos Léon Daudet:

> Tal como me vêem – diz ele – eu tenho hoje (1935) 45 anos de jornalismo na pena, 29 dos quais no artigo cotidiano. No conjunto, os meus *papéis da Ação Francesa*, reunidos, comportariam, somente eles, diversas centenas de tomos in-oitavo, os quais, juntos aos meus 87 romances e ensaios, fariam uma biblioteca de seiscentos ou setecentos volumes impressos. E a isso terei de acrescentar as minhas colaborações anteriores, na *Nouvelle Revue*, no *Figaro*, no *Germinal*, no *Gaulois*, no *Journal*, no *Soleil*, na *Libre Parole*. É pavoroso, é imperdoável, é inverossímil; mas é assim. Acrescento que me entreguei e me entrego ainda a esse excesso de imprensa com delícias. Não há trabalho que mais apaixone.

## JORNALISMO, GÊNERO LITERÁRIO

Seiscentos ou setecentos volumes... e tudo isso, ou pelo menos a maior parte de tudo isso, para sempre perdido!

Sois, porém, um campeão incansável da profissão jornalística, e amplamente defendeis para essa atividade o título literário. Que longas e facundas práticas sempre tivemos a esse respeito! Vós, meu ilustre colega, sustentando a tese de que o jornalismo é um gênero literário absoluto, de tal forma que a Academia devia acolher os homens da profissão sem deles exigir livros, con-

tentando-se com apenas a capacidade dia a dia demonstrada nas colunas das folhas efêmeras. Eu, compartilhando com entusiasmo desse vosso carinho e desse vosso louvor à atuação jornalística que considero a principal atividade literária numa terra como o Brasil, infensa à grande e fácil divulgação do livro, mas respeitando a tradição e vos mostrando a necessidade de conservarmos os Estatutos, no artigo em que estabeleceu para todos os candidatos a imperiosa condição do livro publicado. E com efeito, podeis ver, pelos exemplos mais veneráveis, que os jornalistas mais unicamente jornalistas que pertencem à instituição – um Patrocínio e um Guanabara – trouxeram, eles também, a sua obra publicada em volumes.

Assim foi na fundação da Academia, assim continua a ser ainda hoje. Víamos, há pouco, chegar à nossa companhia Elmano Cardim, representante desse baluarte do prestígio acadêmico, que é o *Jornal do Commercio*. Mas o título em que o nosso eminente companheiro baseou seu direito a entrar na Casa de Machado de Assis não estava na mera condição de diretor do venerando órgão: estava nos lúcidos e fortes estudos que ele coligiu no volume que intitulou *Na Minha Seara*.

Igualmente, os títulos que a Academia viu em vós não foram apenas os longos anos de atividade em *O Jornal*, no *Diário da Noite* ou em *O Cruzeiro*. Foram os finos ensaios, às vezes cheios de finas malícias, as bem lavradas crônicas, os discursos e as conferências, em que tendes estudado tantas figuras da cultura brasileira e da cultura universal, em que tendes analisado alguns dos temas mais importantes da civilização contemporânea. Alguns desses trabalhos estão reunidos nos volumes *Fora da Imprensa* e *Mestres de Liberalismo*. Muitos outros, porém, estão ainda perdidos nas colunas precárias dos jornais, nesse limbo em que o jornalista costuma deixar dormir para a eternidade a maior parte do que produz, nesse limbo em que, alguma vez, se desprezam obras-primas...

Vosso conceito de jornalismo aproxima-se muito do conceito de Martí, príncipe incontestado do gênero. Queria o grande jornalista cubano que o seu jornal fosse como os correios antigos: estivesse sempre com o seu cavalo ajaezado, o seu chicote não mão, a sua espora no pé, para que, ao menor acidente, pudesse saltar sobre a sela, e chegar ao seu ponto de destino antes de qualquer outro. Martí queria também que o seu jornal fosse útil e sadio, elegante, oportuno e valente. "Que em cada um dos seus artigos se visse a mão enluva-

da que o escreveu e os lábios sem mancha que o ditaram." Colocado um periódico nessa altura, não sei realmente de cetro que se lhe possa comparar.

## A CADEIRA 8

Vindes ocupar na Academia uma Cadeira das mais brilhantes. Nela resplandecem três nomes: o de um poeta lírico, um suave árcade de velhos tempos, o de um dos nossos mais gloriosos parnasianos, e o de um sociólogo, de um historiador das idéias, de um profeta da nacionalidade, como o definis.

Seria fácil encontrarmos as afinidades que tendes com cada um deles. A Cláudio Manuel da Costa e a Alberto de Oliveira, dois clássicos, vos achegais pelo amor dos conhecimentos humanísticos, pela devoção com que vos entregais ao estudo dos velhos e puros modelos da língua portuguesa. Com o primeiro, o poeta de Vila-Rica, tendes ainda outro ponto de contato: o terdes sido um homem de atuação revolucionária, castigado por isso.

Cláudio Manuel da Costa é um daqueles brasileiros de má sorte, que, na antiga terra mineira, seduzidos pelo entusiasmo do alferes Silva Xavier, imaginaram poder libertar a colônia do jugo português. Denunciada, a modesta conspiração, que, ao que julgo, não passava de uma aérea conversa de poetas e de sonhadores, ressaltou como se fosse um perigosíssimo movimento revolucionário. Isso convinha aos propósitos atemorizantes da autoridade reinol. Era um acontecimento que cumpria aproveitar. Gonzaga, Alvarenga Peixoto, o nosso Cláudio, pobres fazedores de versos, adquiriram, assim, a importância dos Catilinas ou dos Coriolanos, a de todos os que conspiraram contra a pátria. Foram presos, julgados, condenados. Mais fraco do que os seus companheiros, ou dono de mais perigosos segredos, Cláudio não resistiu aos sofrimentos: suicidou-se – ou o suicidaram – na enxovia.

Revolucionário de 1932, vós tivestes destino bem diferente. Terminado o movimento, festes mandado para um doce exílio em terras européias e americanas, e ali o vosso espírito se abriu à contemplação de novos milagres da inteligência e do saber dos homens.

## UM REVOLUCIONÁRIO E UM CONSERVADOR

De Oliveira Viana vos aproximais por esse constante, esse nunca adormecido amor com que estudais o Brasil, com que lhe procurais compreender a

alma e respirar a essência, com que tentais devassar-lhe os amplos destinos futuros.

Mas que distância imensa entre vós e o vosso antecessor! Que pontos de vista opostos representais, na conceituação da vida, na interpretação da alma, na aceitação e na compreensão dos fenômenos do Brasil!

Em primeiro lugar, sois, pelas vossas origens e pelas vossas próprias atitudes, um revolucionário, enquanto Oliveira Viana é o conservador obstinado.

## NASCIMENTO FEITOSA

Ecoa, realmente, no fundo de vossas tendências políticas, a voz de um velho e venerável revolucionário de Pernambuco, o vosso bisavô Antônio Vicente do Nascimento Feitosa, aquele que, em certo momento, encarnou as aspirações políticas do Partido da Praia, na Revolução de 1848. Com efeito, se Borges da Fonseca representa o movimento praieiro no momento em que este se processa, no *fiat* majestoso, Nascimento Feitosa representa-o na sua continuidade dramática e pungente. É ele o herdeiro das idéias e do prestígio de Nunes Machado, o chefe da luta que se prolonga em Pernambuco contra os estrangeiros opressivos, contra a opressiva hegemonia da família Rego Barros Cavalcanti. Lá está a verificação do fato em uma observação de Nabuco, em *Um Estadista do Império*: "Os restos da Praia estavam unidos em torno de Feitosa, soltando contra todos que se aproximaram do presidente o grito de 'vendido ao Governo'."

Dele, desse vosso antepassado, a cuja memória prestais tão devotado e justo preito, herdastes essa tendência à inconformação, esse desejo do melhor, sentimentos que em certa ocasião vos impeliram para a trincheira da luta, quando, São Paulo, voz do País, pediu pelas armas a reconstitucionalização do Brasil.

## OLIVEIRA VIANA, UM CONSERVADOR TÍPICO

Como deixar de chocar-se um homem de tais tendências com um espírito todo tradicionalismo, todo conservação, como era Oliveira Viana?

A obra do vosso antecessor – que é, sem dúvida, das mais altas e das mais gloriosas que ainda se escreveram no Brasil – vale, toda ela, como um protesto das tendências conservadoras do País contra os homens novos, de qualquer origem ou coloração que sejam, que desejem modificar as coisas nacionais.

Oliveira Viana mostrou, certa vez, que, colocados entre o extremo orgulho dos paulistas e a modestíssima concepção de vida dos mineiros, os fluminenses (expressão em que também se incluem os que hoje chamamos cariocas) são os homens da finura intelectual, da malícia, do subentendido e da graça. Serão, assim, os verdadeiros atenienses do Brasil. Ele dá como exemplar típico dessa família de espíritos a Francisco Otaviano, o orador musical, o perfeito esteta da crônica, o sutil parlamentar do Império. A galeria de tais tipos de atenienses seria longa, se a quiséssemos erguer. E, harmoniosos e medidos, nela resplandeceriam os nomes de um Machado de Assis e de um Quintino Bocaiúva, e, antes desses, o de um Francisco de Sales Torres Homem, tão cheio de aticismo e de malícia quanto os dois. Mas haveria também, em tal quadro, a galeria dos atenienses que Machado de Assis desconheceria, ou aos quais chamaria derramados: aquela em que ressaltariam as paixões dionisíacas de um Raul Pompéia, os arrebatamentos estelares de um Euclides da Cunha, os desregramentos clownescos de um Lima Barreto...

Oliveira Viana ficaria também como um exemplar típico dessa família deslumbrante. Seria, entretanto, não um ateniense da escola de Sócrates, capaz de sacudir o altar dos deuses da cidade; porém um ateniense da escola dos opositores do filósofo, um daqueles que, como um castigo para o homem irreverente, que ousava abalar os templos venerandos, lhe punham na taça a homicida cicuta...

Os ídolos da cidade brasileira, Oliveira Viana os conhecia bem: eram os grandes varões da Monarquia, aqueles a quem chama, com a sua terminologia mística, os homens carismáticos.

A constante contemplação do fenômeno nacional levou o nosso ilustre companheiro a algumas melancólicas afirmações: uma delas, e talvez a mais melancólica, consiste em dizer que o Brasil se acha ainda em estado de clã, não tendo atingido sequer ao estado de município; outra em dizer que isto aqui – o vasto e desorganizado Brasil – só pode ser governado como um feudo.

## TRABALHAR PARA A ETERNIDADE

Aqui chegais à vossa bela maturidade, cheio o espírito das fecundas intenções de cooperar nos trabalhos acadêmicos.

Vereis que trabalhar para a Academia é a mais suave das glórias. Temos aqui por nós a continuidade dos tempos, e isso é alguma coisa. Estamos na posição da esfinge, plantada em meio da solidão do deserto, segura da sucessão dos seus séculos, e contemplando o passar das caravanas efêmeras. Nesse clima rarefeito da altitude extrema é uma só a cor dos minutos e a das horas – é a cor cinza-azulada da imaterialidade e da distância. Não, não foi positivamente para nós, meu caro colega, que o divino Goethe escreveu aquela advertência que tanto amais e tanta vez repetis: "Não digas ao momento que passa: 'Detém-te, como és belo!'" Porque aqui são tão uniformemente iguais todos os momentos, que não haveria razão para pedirmos a um só deles que se eternizasse...

Certo, ouvireis em mim, e em um ou outro confrade frivolamente inquieto, uma queixa contra a morosidade dos nossos trabalhos, sempre e sempre protelados. Temos em elaborações incessantes o *Dicionário* da língua vernácula, o *Dicionário de Brasileirismos*, o *Dicionário Biobibliográfico*, a *Gramática*, obras quase todas que já constituíam o sonho de Machado de Assis e dos demais fundadores da Casa. Nenhuma delas foi possível completar ainda.

Não acrediteis, porém, nas queixas que nos ouvirdes: são ainda uma forma da *coquetterie* acadêmica.

A nossa Instituição, as instituições do gênero dela, são como a China de que me falastes um dia. Sua medida de tempo não são os meses nem os anos – são os séculos.

No princípio da guerra sino-japonesa, que antecipou a ebriez nazista, sentistes com terror, diante das repetidas vantagens do Micado, os perigos que ameaçavam a Democracia, na Ásia e no Mundo. Fostes então procurar o embaixador da China, que era vosso amigo; queríeis conseguir com ele, a pretexto de fazer uma entrevista, uma impressão segura da situação real do Oriente. Sua excelência, homem de agudo espírito, tranqüilizou com um bálsamo o vosso coração inquieto, dizendo-vos que sim, que o Japão estava realmente conseguindo belos triunfos, e que era forçoso que isso acontecesse no princípio... Podia assegurar-vos, porém, que a vitória final teria de caber de

qualquer forma à China... Perguntastes-lhe qual seria o prazo que ele marcava para mudarem os ventos no quadrante dos destinos asiáticos. E o sutil diplomata vos respondeu sutilmente: "O de uns trezentos ou quatrocentos anos."

Somos assim na Academia: como a China eterna, laboramos para a eternidade. Continuemos portanto, sem reproches ou mágoas, a cooperar para essas obras que hão de encantar os olhos dos bisnetos dos nossos bisnetos.

Enquanto cooperamos para atividades tão futuras, haveis de vê-lo, aqui nos tratamos com benignidade recíproca cultivando essa gentileza que não exclui, muita vez, as discrepâncias mais decididas.

Creio que vindes ser um acabado modelo dessa graciosa Arte por excelência acadêmica – a Arte de dissentir dos companheiros, envolvendo em veludo as discordâncias...

## HARMONIA ACADÊMICA

De Oliveira Viana, por exemplo, divergis em vários pontos essenciais. Mas o fazeis expressando os vossos pontos de vista numa doçura tal, numa tal elegância, que vossos conceitos mais parecem aplausos e acordo.

É o que vemos na seriação de idéias de vosso bem meditado discurso de posse, nessas várias reflexões em que o respeito que vos merece o autor das *Populações Meridionais do Brasil* não exclui a livre apreciação de uma crítica discreta, mas audaz.

Dele divergis, e esse é o vosso direito.

Um dos elementos que formam o encanto da Academia reside exatamente nisso, que chamarei o desencontro das sucessões, num feliz acaso mediante o qual vemos a substituição de um grande romancista, como Machado de Assis, fazer-se com a escolha de um jurista, a de um historiador político, a de um filósofo embebido de Poesia, como Nabuco, fazer-se pela escolha de um guerreiro, um cronista de assuntos militares, a de um poeta soberano, como Raimundo Correia, fazer-se pela escolha de um sábio, de um médico, de um sanitarista.

Se não há, em tais escolhas, aquilo que Nabuco desejaria que existisse – a *congenialidade* dos que chegam com os que partiram –, há, em todas, um característico comum, que irmana, harmoniza e unifica os escritores que nelas figuram: há o amor a esta instituição, o devotamento aos assuntos literários.

Na sucessão que demos a Oliveira Viana podemos observar um traço de harmonia e união idêntico àqueles que encontramos nas substituições a que acabo de me referir. Estais irmanado ao vosso glorioso antecessor pelo devotamento com que sempre um e outro cultivastes as coisas literárias, pela constância com que um e outro vos mostrastes sempre amorosos desta Casa, pela indormida ação com que sempre pesquisastes verdades acerca do Brasil.

## A VIRGEM VERDADE

E talvez seja este último o traço que em definitivo mais vos aproxima de Oliveira Viana. Sois o irmão dele no afã com que – cada um no seu terreno, cada um no seu rumo – procurais à Verdade.

É, esse, Sr. Austregésilo de Athayde, o mais nobre dos cultos, é essa a mais bela das religiões. Permanecer-lhe fiel é o sinal das grandes almas, qualquer que seja a profissão que exerçamos. Direi, porém, que essa permanência marca a superioridade dos espíritos, sobretudo na libérrima profissão que com tanto entusiasmo abraçastes.

E aqui vos posso recordar aquele esplêndido apólogo de Milton, síntese e glória da profissão jornalística. Refere o grande poeta que, descendo Jesus ao mundo, com ele veio também, perfeita e gloriosíssima, a Virgem Verdade. Quando, porém, o Divino Redentor regressou ao Céu, quando se fecharam os olhos dos Apóstolos, uma perversa raça de homens surgiu que talhou em mil pedaços o corpo da Verdade, espalhando aos quatros ventos os seus fragmentos lastimáveis. Desde aquele dia até hoje, os amigos da Verdade, imitando o cuidadoso amor com que Ísis reunia os pedaços sangrentos de Osíris, andam de serra em serra, de vale em vale, levando daqui e dali os fragmentos espedaçados que podem encontrar, ansiosos de recompor de novo o antigo e deslumbrante corpo. Esses fragmentos, conclui o poeta, hão de todos ser afinal um dia reunidos. A Verdade há de um dia de novo brilhar, em seus traços imortais de primor e perfeição, como brilhou ao lado de Jesus.

Esperamos, meu caro confrade, o raiar desse momento incomparável, e, pelo nosso lado procuremos também encontrar algum fragmento perdido do corpo daquela divina Virgem.

Discurso do
SR. LUÍS VIANA FILHO

e

Resposta do
SR. MENOTTI DEL PICCHIA

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 15 de abril de 1955*

# I

# DISCURSO DO SR. LUÍS VIANA FILHO

Apesar do bom conselho de Renan, que, pregando o recato necessário, aos mais fundos e fortes sentimentos, dizia não dever ter o coração senão a si próprio por espectador, quero vos dar testemunho do meu reconhecimento, pela indulgência com que me fizestes subir até vós, falando-vos com o coração nas mãos.

Falar-vos-ei, pois, com simplicidade. Com aquela simplicidade preconizada por Platão ao discípulo, que, recebido no Jardim de Acadêmio, lhe perguntava como agradecer. "Amigo, com simplicidade", respondeu o mestre. Também assim, livre de qualquer artifício, desejo dirigir-me a vós nesta hora em que, graças à vossa generosa acolhida, me é dado colocar o meu modesto escudo ao lado daqueles com que tanto vos tendes distinguido nos serviços aos altos ideais de Cultura e de Beleza. Imaginai, pois, a emoção com que alcanço estas cumeadas perseguidas pelos meus sonhos. Emoção e humildade, permiti que vos diga, pois, ao par das minhas alegrias, também vive em mim neste momento intensa simpatia por todos aqueles cujos esforços e aspirações, embora elididos desta ou daquela forma pelo destino, constituem a base sobre a qual, na cultura de uma nacionalidade, se levantam os mais favorecidos. Faltaria, porém, à verdade se vos dissesse, como pôde fazê-lo Afrânio Peixoto ao transpor os vossos umbrais, que vejo consagrada a "minha ambição de criança". Realmente, não me nasceu cedo a aspiração da Academia, do mesmo modo que não me foi precoce a ambição literária. Até porque dado o

ambiente que me cercou a infância, e por mais que meu pai se desvelasse por afastar de mim o demônio da Política, foi esta que primeiro medrou, confundindo-se com a própria vida que começava a desdobrar-se aos meus olhos. Somente mais tarde, já às portas da Faculdade, e quando o Jornalismo deslumbrou a imaginação do adolescente, é que as boas letras começariam a interessar-me. Como a vida é sutil! O que eu acreditava ser o caminho largo para a Política levar-me-ia concomitante e irresistivelmente para o campo das Letras, que, bem ou mal, não mais pude deixar, tanto é certa a observação de Schopenhauer de que o homem nunca pode "querer o que quer". Nem por outra coisa a escalada se me tem afigurado suave e breve, de modo tal que me permitiu aqui chegar sem precisar vos falar das fadigas da jornada, mas antes nos encantos com que me enlevou. É que, para me estimular e ajudar, sempre contei com aquela que jamais falta aos seus filhos, nos esforços da inteligência – a Bahia. A Bahia, fonte de toda a minha inspiração, e onde sei que, nesta hora, sincronizados com as minhas emoções, palpitam os corações de alguns amigos, que eu desejaria estreitar fraternalmente.

Bem mais recente ainda foi em mim a aspiração da Academia, na qual comecei a pensar timidamente, receoso de que me ficasse "curta nas mangas", como diria Eça de Queirós.

Entretanto, tal a magnanimidade dos vossos sufrágios que aqui estou para suceder – e nunca para substituir – o sábio Miguel Osório de Almeida, na Cadeira em que os vossos fundadores fizeram inscrever o nome de José Bonifácio, o Moço, tão caro a quantos perpassaram aquelas páginas de eloqüência em que Rui Barbosa lhe exaltou as peregrinas virtudes do professor, do poeta, e do cidadão. Aliás, a própria história da escolha do ilustre patrono é bastante para se lhe avaliar a estatura. Ao instalar-se, em julho de 1897, a Academia não tinha completos os seus quadros: restavam cinco Cadeiras para preencher, e, para uma delas, foi convidado Medeiros e Albuquerque, a quem Joaquim Nabuco, ao tempo em que lhe indagava do nome do patrono, lembrou a lista dos grandes esquecidos: Alexandre de Gusmão, Torres Homem, José da Silva Lisboa, Porto Alegre, Odorico Mendes, Antônio Carlos, José Bonifácio, O Patriarca, e José Bonifácio, o Moço. Medeiros, de pronto, fixou-se neste último. Por quê? Admiração pelo poeta? Entusiasmo pelo professor?

Arrebatamento pelo orador? Nada disso. "Certa ocasião", conta-nos o próprio Medeiros,

> de fato, nos longes tempos da Monarquia, fora eu ao Senado. Era a época da Abolição. A mocidade vibrava em prol da grande idéia redentora, à qual o trono imperial se opunha formalmente. Quando entrei no Senado, que nesse dia regurgitava, José Bonifácio estava com a palavra. Todos o ouviam em religioso silêncio, um silêncio que se poderia dizer majestoso e insólito. Nesse dia ninguém aparteava. As galerias, repletas de ouvintes, bebiam, também silenciosas, as palavras do orador. Cheguei. Entrei para o corredor junto ao recinto e fiquei ouvindo o discurso. Afinal, quando este acabou, vi o orador descer da tribuna no meio de uma explosão formidável de aplausos. Desceu apressado, extremamente pálido, mas com um olhar rutilante de energia. Alguém o tomou pelo braço e arrastou-o para o gabinete dos senadores. – Que queria dizer aquilo? José Bonifácio estava muito doente do coração. Seu médico lhe dissera que ele não podia tomar parte na discussão daquele dia. Se o fizesse, era até de temer que sucumbisse na tribuna.

Entrentanto, indiferente ao perigo, fiel ao ideal, José Bonifácio incendiara a tribuna com labaredas da eloqüência. O episódio, no que tem de épico, gravar-se-ia na memória de Medeiros, a quem, por sinal, apenas desta feita seria dado avistar o autor de *Rosas e Goivos*, que, dias mais tarde, morria em São Paulo. Portanto, bem estais a ver, o patrono escolhido por Medeiros e Albuquerque não era o orador, não era o professor, não era o poeta – era o cidadão, no que ele tem de mais grandioso, que é a coragem de sacrificar-se fria e conscientemente pelos seus ideais. Realmente, que há de mais sublime e mais nobre do que essa marcha para a tribuna a cuja volta todos, inclusive o próprio orador, sabem adejar o anjo da morte? Para mim, a cena é daquelas que mostram ser a alma humana, por si só, quando verdadeiramente grande, maior do que todos os atributos que lhe possam dar o talento, a cultura, ou a inspiração.

Aliás, embora tenham as circunstâncias conspirado para que, trazido pelo deslumbrado Medeiros e Albuquerque, aqui entrasse pela porta magnífica da bravura cívica, o certo é que José Bonifácio também poderia, honrosamente, ingressar pelas da eloqüência, da Poesia, ou das letras jurídicas. De fato, em que pese ao juízo de Sílvio Romero e João Ribeiro, que, numa história literária composta de parceria, afirmaram "não ser o famoso paulista mais do que um orador acadêmico e um poeta de talento", a realidade é bem diversa. Destinado à carreira das armas, em cujos segredos, dos quinze aos dezoito anos, chegou a enfronhar-se na Escola Militar, não lhe permitiu a saúde o término do curso. Transferiu-se, então, para os estudos jurídicos, e, em 1854, aos 27 anos de idade, aceitava a nomeação para lente substituto da Faculdade do Recife, iniciando assim a portentosa trajetória do professor, cuja memória ainda hoje se projeta como a de um dos maiores da gloriosa Faculdade de Direito de São Paulo, que, para se honrar, lhe ergueu uma estátua. Do que foi, porém, a sua posição como guia de muitas gerações que passaram pelo famoso Convento de São Francisco, são testemunho aquelas palavras de Rui Barbosa, seu discípulo, e tantas vezes repetidas na glorificação do mestre:

> Quando José Bonifácio assomou na tribuna, tive pela primeira vez a revelação viva da grandeza da Ciência que abraçávamos. A modesta cadeira do professor transfigurava-se; uma espontaneidade esplêndida como a Natureza tropical borbulhava dali nos espíritos encantados; um sopro magnífico animava aquela inspiração caudal, incoercível, que nos magnetizava de longe na admiração e no êxtase.

E esse deslumbramento da mocidade como que se reflete por inteiro nesta frase tranqüila, mas nem por isso menos eloqüente de Castro Alves, que, chegado a São Paulo, escrevia: "Estou na Academia, ouvindo o grande Bonifácio." Sem dúvida, dizia tudo. Não podemos nem devemos, porém, esquecer que, para realçar a figura do professor, havia a moldura do homem público, do deputado, do ministro de Zacarias, do senador, do abolicionista, e, talvez mais do que tudo isso, do político, que emocionara a Nação ao recusar o poder oferecido pelo imperador.

No Parlamento, deputado geral pela primeira vez em 1861, e senador em 79, por ocasião da ascensão liberal com Sinimbu, daria José Bonifácio largas à sua eloqüência, máxime na fase final, quando se tornou, no Senado, um dos campeões do Abolicionismo. "O grande orador paulista", escreve Joaquim Nabuco, "aliava à palavra mais arrebatadora que em sua época se fez ouvir em nosso País a imaculabilidade do caráter". E Joaquim Serra, patrono de uma das vossas Cadeiras, assim retrata o "morto imortal":

> Quando aquela cabeça aparecia na tribuna do Parlamento, como um globo de luz, aquela alma afinada no mais puro patriotismo desdobrava-se com a transparência de uma aurora. Ninguém teve entre nós tamanha magia na eloqüência, e nunca astro da eloqüência alçou-se àquela culminação.

Eram aquelas alturas invocadas no elogio de Rui Barbosa, e das quais

> se despenhava a palavra de José Bonifácio, a bater de fraguedo em fraguedo, a estrugir de quebrada em quebrada, a chispar de aresta em aresta, a iriar-se de raio em raio do sol, até se espraiar, estuando, na imensa bacia de sua foz.

Ao "eco sonoro", onde fielmente repercutem todos os ruídos do universo, comparou Vilor Hugo o coração do poeta. Não admira, pois, que no coração de José Bonifácio, que nascera poeta – *Poeta non fit, sed nascitur* –, tivesse repercutido tão fortemente a Abolição, nota final e grandiosa da sua eloqüência. De fato, desencadeada a campanha de abolição, que toma corpo ao iniciar-se a década de 1880, vem ele juntar-se, posteriormente, ao movimento. E o faz com tal brilho e intensidade que Nabuco, ao dar o balanço daqueles dias históricos, não se exime de afirmar que a adesão de José Bonifácio à idéia abolicionista "foi um contingente igual à libertação do Ceará". Que força não teria aquele verbo para ser equiparado à incorporação de toda uma província à causa da liberdade? "Sua palavra", escreve Pujol numa síntese, "cristalizava todas as maravilhas e todas as vibrações da natureza".

Mas, das múltiplas facetas por que se afirmou a privilegiada inteligência do neto do Patriarca, não foi das menos belas a da Poesia, que trouxe do berço. É certo que, no *Diálogo sobre os Oradores*, ao comparar a eloqüência

com a Poesia, escreveu Tácito que os frutos propiciados por esta se limitam apenas "a um prazer breve e a louvores frívolos e estéreis". Não será o caso de José Bonifácio, cujos versos, acredito, sobreviverão de muito aos seus discursos. É que, malgrado a opinião de José Veríssimo, que o chamou poeta diletante, o "poeta do amor e da saudade" viverá sempre, nas Letras brasileiras, pela beleza, inspiração, harmonia, e, em alguns casos, a força dos seus versos. Aliás, tendo vivido numa época em que a composição literária era considerada tudo, menos trabalho, máxime trabalho em busca de remuneração, não sei como pudesse José Bonifácio deixar de ser um poeta diletante. O epíteto, por sinal, faz-me lembrar aquele episódio narrado por Artur Azevedo, que, estando numa roda a se queixar do quanto necessitava trabalhar para ganhar a vida, nos diz que um dos presentes,

> homem maior de cinqüenta anos, bem trajado, sabendo ler e escrever corretamente, sorriu, teve uma leve inclinação de cabeça, e replicou incontinenti: – Deixe lá! O sr. não trabalha tanto assim, pois vejo que ainda lhe sobra tempo para fazer folhetins, comédias e revistas!

Ao autor de *Rosas e Goivos*, em meio aos seus trabalhos e lutas, também sobrou tempo para fazer versos. Nem podia deixar de ser assim, se cantar era o seu destino. Ele próprio escreveria estes versos dedicados *A um Poeta* – Castro Alves:

> Poeta – é teu condão cantar no mundo.
> Deus fadou-te ao nascer:
> Passarás como o cisne em lago d'oiro
> Cantando até morrer.

Compreendeis, portanto, a razão que me assiste ao asseverar que José Bonifácio, se entrou para a galeria dos vossos patronos como um belo e imenso exemplo de civismo, segundo a confissão de Medeiros e Albuquerque, também não forçaria as portas se ingressasse como um dos cimos da Poesia, da oratória, ou do magistério, no Brasil. Tanto melhor, porém, que ele haja vindo como veio, isto é, pela pureza do caráter e a força do patriotismo, tra-

ços inconfundíveis da sua desprendida personalidade. Que poderá haver de maior, de mais nobre, e de mais belo na vida de alguém do que se imortalizar por um civismo imaculado? "O coração mais nobre, que jamais pulsou em peito de homem", diria dele Joaquim Serra. E Machado de Assis, tão acusado de frio e parco nas suas expansões, não se furtou a compor estes versos, por ocasião da morte de José Bonifácio, a quem tão bem conhecia do Senado Imperial:

> Caro e vibrante espírito, caíste!
> Não ao peso dos anos, mas ao peso
> Do teu amor à vossa pátria amada!
> E ela, que fica desvairada e triste,
> Cora, lembrando o verbo teu aceso,
> Filho de Andrada, e portentoso Andrada!

Sinal de que o tímido e distante Machado de Assis também se deixara conquistar por aquele cavaleiro do ideal, que, na cátedra, inflamara e arrebatara a juventude. Não concluirei, porém, esse rápido perfil, mero esboço da figura do gigante, sem lembrar aquela imagem com que Joaquim Nabuco, depois de resumir a ação do idealista, assim se refere à atuação de José Bonifácio na vida pública brasileira:

> O que deixa, sim, em nossa política, é um deslumbramento, como a passagem de um novo Lohengrin, cujo verdadeiro nome só se revelará em 1885 e 1886 nas lutas da Abolição, no Senado, quando o cisne que o trouxe aparece de novo para levá-lo.

E já estava às vésperas de partir quando Medeiros e Albuquerque, na ocasião um adolescente, guardou para sempre a imagem e a bravura do orador, que, na defesa dos seus ideais, arriscava a própria vida. Aí tendes, senhores, a singular figura de José Bonifácio, a quem chamaram de "majestoso e olímpico", em boa hora escolhido por patrono da Cadeira que Medeiros tanto enalteceu durante cerca de quatro décadas. A escolha, se honra quem a fez, mostra também de logo o temperamento entusiasta de Medeiros, que,

ante a grandeza e a superioridade, seguia o conselho de Schiller: admirava-as! Quantos, porém, tem força para externar o louvor pela obra alheia? Medeiros, no entanto, teve uma imensa e generosa capacidade de admirar. Foi nisso belo e limpo de alma. E, se não me é dado, agora, pela escassez do tempo, apreciar a vasta obra do polígrafo – romancista, poeta, contista, crítico, jornalista – que durante quase meio século mourejou nas Letras nacionais, enriquecendo-as, desejo, pelo menos, trazer um tributo de admiração pelo homem que teve a ventura de não conhecer a inveja ou o despeito, que deformam e atormentam a perspectiva dos que se não desvencilham desses venenos. E que trabalhador infatigável! Entre as muitas idéias semeadas por Nabuco, no formoso discurso em que buscou traçar os rumos da Academia, está aquela com que nos escusa, graças a Deus, de produzirmos incessantemente.

> Alguém fez uma bela obra? Admiremos a obra e deixemos o autor viver com toda a gente; não o forcemos, querendo que se exceda a si mesmo, a refazer-se, uma e mais vezes, a viver a sua reputação, diminuindo-a sempre. Não o condenemos à série, deixemo-lo desaparecer na fileira depois de ter feito uma brilhante ação como o soldado.

A frase, evidentemente, não se fez para Medeiros, que jamais precisou dormir sobre os louros tão cedo conquistados. Continuou sempre a trabalhar e a crescer, pois era desses que podem produzir muito sem abaixar o valor da própria obra. E, modestarnente, com entusiasmo, animava os outros a elevarem-se ainda mais. Certa feita, justamente na época em que estavam no auge as discussões suscitadas pelo futurismo, dizia: "Subam os moços; nós aqui estamos para lhes mostrar, não o máximo, mas o mínimo a que podem atingir." Felizes, porém, os que alcaçarem chegar tão alto quanto Medeiros e Albuquerque.

Aliás, embora subisse tanto, Medeiros e Albuquerque., que estudou Medicina e possuía inteligência extremamente curiosa, não perdeu nunca o gosto pela Ciência. Ciência desordenada, cultivada em horas vagas, e que tanto fazia dele o cultor sensacional do hipnotismo quanto o primoroso precursor da divulgação da doutrina de Freud, no Brasil. Nem são de esquecer as invenções com que obteve algumas patentes em Paris e Nova Iorque. Delas,

ele próprio nos deu conta num dos capítulos das suas *Memórias* e, para acrescentar um traço a esse breve perfil, será oportuno lembrar o prazer com que se gabou de haver idealizado, em 1918, um engenho baseado no príncípio dos motores-foguetes, e que, para a imaginação de Medeiros, tornaria coisa sem sabor de novidade os nossos espantosos aviões a jato.

Era assim Medeiros e Albuquerque. um grande homem de letras a fazer incursões de amador pela Ciência.

* * *

Ao empossar-se nesta Cadeira que tão cedo deixou, dizia Miguel Osório de Almeida não saber a que devia a sua eleição:

> Se ao romance que se encontra em toda a obra de Ciência, mesmo a mais severa e árida, se à Ciência e experiência que se acham em todo romance ou obra de imaginação.

Naturalmente não desejava ser juiz em causa própria. Entretanto, para opor à dúvida por ele modestamente suscitada, não encontro melhor resposta do que aquelas palavras que proferiu Renan na Academia Francesa, ao preencher-se a vaga de Claude Bernard:

> Não foi o fisiologista que escolhestes, senhores; nas eleições dos sábios ilustres, é o próprio homem, ou, em outras palavras, o escritor que ides buscar. A inteligência humana é um conjunto tão bem ajustado em todas as suas partes que um grande espírito é sempre um bom escritor.

Por certo, fora bem esse o caso de Miguel Osório, em quem a marca do escritor e do artista era tão viva que jamais se deixou ofuscar pelos labores do cientista ou as eruditas lições do professor. A bem dizer, tudo constituía a luz do mesmo sol, e tal circunstância não permitia as sombras que realçassem esta ou aquela faceta da admirável inteligência. Razão tinha ele, no entanto, ao nos falar do romance que existe em toda a obra de Ciência. Romance que escapa aos olhos profanos, mas que podemos imaginar ou entrever se nos voltarmos

para a existência daqueles que, nos vários departamentos da atividade e do conhecimento humano, se têm deixado fascinar pelas aventuras em busca do desconhecido. Realmente, o desconhecido é sempre o desconhecido e há milênios que o homem, levado por curiosidade irresistível, tenta desvendá-lo, sejam quais forem as formas por que se apresente. Uns buscam novos mares e novas terras; outros devassam os céus à procura de astros, estrelas ou satélites; e não faltam os que consomem a existência em busca do muito que ainda ignoramos da vida, nas várias formas por que se apresenta aos nossos sentidos. E todos, irmanados nessa bendita e inexorável atração do desconhecido, experimentam os mesmos prazeres da descoberta. Ao dobrar o Cabo das Tormentas, limite máximo a que podia atingir a audácia humana ante as concepções de Ptolomeu, a emoção de Vasco da Gama não devia diferir da experimentada por Galileu ao reconhecer os satélites de Júpiter. E Lavoisier, ao fixar as leis da respiração, ou Pasteur, ao divisar todo o mundo microbiano, estavam dominados por uni sentimento comum de perseguição ao ignorado. Da mesma forma que Colombo, Newton ou Harvey, cada qual num campo inteiramente diverso, agem sob o impulso de ambição idêntica. Ambição que é um misto de curiosidade, isto é, o desejo de ver o que outros ainda não viram, e de dúvida, que é a inconformidade ante o que em dado momento representa a verdade. Em suma, buscam ampliar a verdade que existe, ou substituí-la por uma nova, que os fascina.

Ao agradecerem o *Livro de Homenagem*, tributo de amigos, professores e discípulos a mais de trinta anos de exemplar dedicação à Ciência, lembraram os eminentes Álvaro e Miguel Osório de Almeida, numa evocação do lar privilegiado em que nasceram, o ambiente no qual "a cultura intelectual, ao lado da intransigência do caráter, e o grande respeito pelo trabalho, ocupava o primeiro lugar". Não admira, pois, que bem cedo fossem ambos seduzidos pela Ciência, que a eles se apresentou sob o signo da fisiologia. O primeiro a anunciar o surpreendente propósito – o que parecia temerário, se não absurdo – foi o Sr. Álvaro Osório de Almeida, que, em 1906, diplomado em Medicina, partira para completar os seus estudos no Instituto Pasteur, em Paris. Voltara inebriado pela Fisiologia. E não tardou que, no modesto porão da casa da Rua Almirante Tamandaré, residência do casal Gabriel Osório de Almeida, começasse a ser instalado, com a generosa ajuda da Cândido Gaffré,

o laboratório, cuja lembrança está hoje, inegavelmente, associada à história da Ciência no Brasil. Miguel Osório, mais moço, logo lhe seguiu os passos, muito embora chegasse a matricular-se no curso anexo da Escola Politécnica. Assim, tal como uma das personagens do seu romance, não seguiria a carreira do pai. "Afinal todas as profissões eram belas e nobres quando se trabalhava com afinco", escreveria mais tarde. E não é essa, mais ou menos, a observação de Pasteur, em plena adolescência? "Quase sempre também o trabalho tem o êxito por companheiro". De fato, quando, passada aquela fase inicial de surpresa e incredulidade, se soube da publicação dos trabalhos dos irmãos Osórios em revistas científicas estrangeiras, colheram eles os primeiros louros. Ainda não era a glória. Mas, já as brumas da desconfiança dissipavam-se tangidas pelo entusiasmo e a inteligência dos pesquisadores.

E, durante mais de quatro décadas, alargando-a cada vez mais, graças à experiência e aos conhecimentos acumulados, trilhou Miguel Osório a estrada escolhida numa hora que se diria de irreflexão da mocidade. Viveu assim o seu romance, o romance do cientísta e do pesquisador a cujos olhos as simples reações de uma rã a que retirou os labirintos se apresentam como novos mundos desvendados nos seus segredos. Não é essa a alma e também o segredo do cientísta, que Faraday, numa definição citada pelo Sr. Tales Martins, assim retrata?:

> O cientista deve ser um homem acessível a qualquer sugestão, mas determinado a pensar por si mesmo. Não influenciado pelas aparências, nem renitente em hipóteses favoritas, nem pertencente a nenhuma escola. Em doutrina, não admitir mestre. Não respeitar pessoas, mas só obras; a verdade deve ser o seu objetivo primário. Se a todas essas qualidades acrescentar pertinácia, então poderá ter esperança de atravessar um dia a cortina que vela o templo da Natureza.

Assim, como se está a ver, deverá situar-se num ponto de equilíbrio que, ao mesmo tempo, lhe permita ter fé nas verdades a descobrir e duvidar daquelas que encontra consagradas. Nem deve possuir o dogmatismo de Pouchet, o célebre contraditor de Pasteur, nem se pode deixar enlear pelas sutilezas dos céticos. Destes estou mesmo a lembrar-me de Anatole France,

tão do agrado de Miguel Osório, e que, pela boca de Jérôme Coignard, assim falava da Ciência a Tournebroche:

> Os mais doutos entre nós apenas diferem dos ignorantes pela faculdade que adquirem de se divertirem com erros múltiplos e complicados. Eles vêem o universo num topázio lapidado em facetas em vez de vê-lo, como vossa Mãe, por exemplo, com o olho todo nu que o bom Deus lhe deu. Mas, eles não mudam de vista ao se armarem de lentes; não mudam as dimensões usando aparelhos próprios para medir o espaço; não mudam os pesos pelo emprego de balanças muito sensíveis; eles descobrem novas aparências e são por aí o joguete de novas ilusões. Eis tudo!

Benditas ilusões, senhores, que têm feito a humanidade progredir incessantemente através dos séculos. Não exagero se disser que, não sendo nada, elas são quase tudo. Miragens, sonhos, ilusões... que importam se é por elas e com elas que o homem tem encontrado energia e estímulo para a sua permanente ascensão? Para assinalar a longa caminhada da nossa espécie, lembra Henri Poincaré a posição do homem há alguns milhares de anos, quando, isolado em meio a uma Natureza onde tudo para ele era mistério, e vendo os fatos do universo como a conseqüência de alguma vontade caprichosa, atribuía todos os fenômenos à ação de pequenos gênios fantásticos e exigentes com os quais buscava "conciliar-se por meios análogos aqueles que se empregam para alcançar as boas graças de um ministro ou de um deputado". Realmente, somente descobertas as leis que presidem à mecânica celeste ou explicam meros fenômenos de todo dia, começou o homem a libertar-se da inquietação com que o atormentavam aqueles deuses caprichosos. Às primeiras leis da Astronomia vieram juntar-se outras da Física, da Química e da Biologia, concorrendo para que se alargassem cada vez com mais segurança as perspectivas do homem sobre o Universo. E que foi isso senão o esforço, o trabalho de homens que duvidaram do que encontraram, e acreditavam no que ainda procuravam?

Homens que buscaram a verdade, e entre os quais, em tão boa hora, se alistou o sábio Miguel Osório de Almeida, para quem o desconhecido era "o domínio próprio do pesquisador". "Um domínio fictício, irreal, cujas leis e

cujas regras não se acham escritas, e ainda ignoramos", conclui o ilustre fisiologista, que bem devia saber por que motivos citava esta frase de Wagner, que retiro de um dos seus ensaios: "Aquele que não for dotado por uma fada, desde o berço, do espírito de descontentamento de tudo o que existe, nunca chegará à descoberta de coisas novas." Mas, já que me tem sido dado falar da verdade, ou melhor, da busca da verdade como o objetivo dos cientistas, não é inoportuno assinalar a distância que os separa dos filósofos. Enquanto estes correm atrás de uma verdade que deverá ser total e definitiva, aqueles, talvez mais modestos, contentam-se com uma verdade que sabem parcial e precária, mas nem por isso menos exigente. "Ah! essa inexorável verdade!" – escreve Miguel Osório. "Que sacrifícios ela impõe à vaidade, ao amor-próprio! Que humilhações ela faz sofrer! Mas, ela é a verdade, tudo o mais desaparece diante dela e só tem a genuína alma de sábio quem assim a considera." Conceito que, mais tarde, num artigo sobre "Filósofos e Cientistas", ele assim completaria:

> O calmo e tranqüilo pesquisador científico é um mutilado, de nascença, ou faz o sacrifício voluntário de belas e importantes partes de sua personalidade. Para adaptar-se às condições de sua tarefa, ele se priva de uma boa porção de sua atividade criadora. Desiste de conhecer a Verdade, convencido previamente ou forçado a admitir, depois de inúmeras desilusões, que ela é inacessível, para se contentar em descobrir pequenas verdades parciais, fragmentárias, que o acabam satisfazendo, ou são úteis e necessárias.

Nem por isso, entretanto, essa verdade que concebia como "essencialmente móvel, elástica", e "em permanente evolução", se lhe afigurava menos bela. Tanto assim que dizia, dirigindo-se aos seus alunos da Escola de Veterinária:

> A vós que começais, eu peço portanto: amai as nossas verdades atuais como organimos cheios de vida, exuberantes na sua força e fecundos nos seus ensinamentos. Mas, eu vos lembro, evitando assim uma amarga desilusão, fatal para muitos insuficientemente esclarecidos, de que momento para outro elas poderão desaparecer. Não as amaldiçoeis então, como usurpadoras de uma posição

> que não lhes competia. Fomos nós que, em momentos de mal contido entusiasmo, levianamente quisemos lhes atribuir uma imortalidade que não lhes era própria. Elas são, por natureza, efêmeras, e por isso mesmo são essencialmente belas. Na frase do poeta, não é belo só o que é efêmero?"

Nesses pensamentos, que propositadamente citei com largueza, vemos nítido o perfil do apaixonado pela verdade científica, e, mais do que isso, do homem que meditou profundamente sobre o fato científico. Não se acredite, no entanto, que, dedicado a pesquisas, que tanto o enlevaram e elevaram, deixou de ter olhos para ver o mundo, a vida que lhe corria em derredor, e além dos limites do laboratório. É que nisso não foi como dizia ou queria Claude Bernard, pai da moderna Fisiologia, e para quem

> o fisiologista não é um homem do mundo: é um sábio, é um homem absorto por uma idéia científica que persegue; ele não ouve mais os gritos dos animais, não vê o sangue que corre, não vê senão sua idéia e não percebe senão organismos, que lhe escondem problemas que deseja descobrir.

Não, Miguel Osório não era assim. Não somente a sua inteligência era muito grande e inquieta para se conter exclusivamente nas fronteiras da Fisiologia, mas também suficientemente clara para compreender os seus transbordamentos. Dominado pelas "grandes inquietações de um espírito ansioso, que tanto torturaram minha mocidade", diz-nos o próprio Miguel Osório, nele cedo se arraigara "um ideal de cultura, de saber, de criar as bases para um desenvolvimento intelectual e moral para o País e para a humanidade". Por certo, a aspiração era ampla demais para caber num puro ideal científico. Aliás, ele o reconheceu nesta página, que tomo como uma confissão intencional:

> Entretanto a Ciência não é tudo e não pode tudo no mundo. No fundo, ela prepara para a ação e fornece-lhe os meios, mas no cria os motivos de ação. Admirável como instrumento, é limitada em extensão. O homem tem em si aspirações pouco definidas e de uma força incrível, que escapam à intervenção direta da Ciência.

Sinal de que a alma do cientista conservava janelas abertas para a vida, e por elas continuava a ouvir os gritos dos animais e ver o sangue vertido no curso das experiências. Não sei e esse desvio do modelo idealizado por Claude Bernard representou brechas na armadura do cientista. Mas, o que não tenho dúvida em afirmar é que serviu para mantê-lo em útil contato com o mundo, e multiplicar-lhe a força de expressão, que se cristalizou em tudo quanto disse ou escreveu. Além do que ele próprio parecia ter consciência disso ao proferir, aqui mesmo, estas palavras tão límpidas e felizes:

> Os homens de ciência de minha geração cedo compreenderam a impossibilidade de isolamento no qual se compraziam. Se há sábios apaixonados pelas pesquisas, que a tudo preferem os quase inacessíveis domínios das idéias e conhecimentos, outros nunca de todo perderam o contato com o mundo ativo e sofredor. Os primeiros são anacoretas para os quais não existem tentações fora do deserto; em lugar do areal adusto e ressecado, sob sol escaldante e esterilizador, encontram a sombra de frondosa árvore, os olhos se deleitam na contemplação de rica e luxuriante floração, os ouvidos percebem o rumor sussurrante das idéias a esvoaçarem, aladas e puras, à procura da cabeça dos eleitos. Os segundos, mesmo quando nesse deserto, têm ao ouvido o eco das vozes humanas, raramente alegres, o mais das vezes elevadas em lamentos e não raro em imprecações.

Não se imagine, porém, estar aí a prévia desculpa do cientista, que, por não ter feito tudo quanto podia fazer, deseja justificar-se ante a posteridade. Longe disso, ninguém terá trabalhado mais, pesquisado mais, produzido mais, do que Miguel Osório. Mais de trezentas publicações científicas lhe atestam o labor insano, e que somente poderia ser suportado por quem verdadeiramente amasse a sua Ciência, tanto é certo que a paixão, seja qual for a sua forma, costuma tornar leves os fardos que impõe. Não é, porém, pelo número ou pela extensão que lhe devemos avaliar o mérito, mas, precipuamente, pela originalidade e excelência do que produziu, e que o imortaliza no campo dos conhecimentos humanos. Nem foi por mero elogio, mas por verdade rigorosa, que o eminente Sr. Roquette-Pinto assim se exprimia ao receber nesta Casa o Sr. Miguel Osório: "Tendes sido o exemplo da vossa geração, arquite-

to de edifícios biológicos complexos e úteis, alguns belos e poéticos." E acrescentava pouco adiante:

> O caráter dos vossos trabalhos de fisiologia experimental é definido pelo arrojo das concepções, segurança da técnica, quase sempre criada por meios próprios, a tenacidade com que perseguis a verdade que se esconde ou negoceia, quando no determinismo das indagações aproveitais recursos precisos, inclusive os do simbolismo matemático.

Mas, até atingir a esses páramos, quantas decepções, quantos sofrimentos. Nem podemos olvidar que, ao ouvir a voz do irmão mais velho, que o convocava para a árdua ida de cientista, escolhia Miguel Osório um ramo de atividade quase inexistente no País. De fato, em matéria de Ciência talvez não se pudesse falar senão do Instituto de Manguinhos, que mal dava os primeiros passos. E, se nos voltássemos para a Fisiologia, nada parecia se haver acrescido ao que deixara o inditoso Louis Couty, morto aos trinta anos, em 1884. Tudo faltava. E, mais que tudo, esse apoio moral, esse estímulo generalizado da sociedade que dão energia para arrostar as dificuldades e vencer os obstáculos. Vira-se, assim, confinado em uma "atmosfera asfixiante, em um ambiente de pequeninas, mas constantes hostilidades". Era doloroso. E, como se fosse advertência, grito, protesto do homem cortado na própria carne, escreveu ele estas palavras amarguradas sobre a sorte dos homens de ciência no Brasil:

> Só quem possui uma organização de uma rijeza a toda prova resiste ao mesmo tempo às dificuldades materiais e a esse ceticismo dissolvente, a essa descrença destruidora de todas as energias. Como se defender sempre vitoriosamente contra essas doses de veneno inoculadas a todo momento? É aqui um sorriso de incredulidade, ali um olhar de compaixão, mais adiante alguém considerando com pena a falência da carreira que poderia ter sido feita, enfim a demonstração, aparentemente lógica, da inutilidade de uma vida consagrada às coisas de espírito.

Triste? Certamente. O admirável, porém, e que mostra a força da paixão do cientista, é haver em seguida, e apesar de tudo, assim concluído:

> Mas ainda mesmo nas condições atualmente existentes no Brasil, a vida científica é bela. Ah! Isso eu posso vos garantir! Desprezados e esquecidos, ou cercados de honras, tudo isso, na realidade, não tem a menor importância para os homens de ciência. Eles encontram em seus trabalhos uma fonte inexaurível de emoções, de encantos, de esperanças e de desenganos, de alegrias e de dores. Eles vivem intensamente, dessa forma de vida, grande, elevada, digna, pura, diante da qual todas as agitações, todas as grandezas ou misérias sensíveis são um nada: a vida interior. A Ciência é dos caminhos que conduzem a esse retiro, refúgio inviolável, intangível, onde a alma se retempera de todas as fadigas. Eles trabalham na construção de alguma coisa de eterno, de imortal, que não se sabe bem o que vai ser, mas cuja natureza, quase sagrada, é perceptível e não nos engana.

Realmente, para os que a amam verdadeiramente, a Ciência tem belezas que fazem esquecer todas as asperezas da escalada. Não uma beleza sensível, pois escapa a todos os sentidos, mas, uma "beleza intelectual", e que bem podemos compreender neste pensamento de Poincaré: "O sábio não estuda a Natureza porque seja útil, mas porque nisso encontra prazer –, e encontra prazer porque é bela." Não é também o que nos ensina o grande infortunado cientista nacional, o Sr. Amoroso Costa? "O valor supremo da Ciência não é seu valor de utilidade prática, nem mesmo o seu valor de verdade, é o seu valor de Beleza". Por certo somente os eleitos – e os eleitos são sempre poucos – poderão perceber e compreender essa beleza apenas vista pelos olhos do espírito, mas nem por isso menos verdadeira e sedutora. E, dentre aqueles poucos, foi o Sr. Miguel Osório, sem favor, dos maiores: nas harmonias da Natureza, viu coisas que, antes, a ninguém tinha sido dado ver.

Não preciso revestir-me de falsa modéstia para proclamar o quanto me falta para analisar, e, em certos casos, até para compreender, uma obra científica como a de Miguel Osório, cuja apreciação requer fundos conhecimentos de Matemática, de Física e de Biologia. Contudo, não devo deixar de mencionar aqueles seus trabalhos de maior repercussão universal e com os quais tanto enalteceu a inteligência e a cultura da nossa Pátria. É que, embora conservasse

abertas para a vida aquelas janelas da alma de que vos falei, o cientista esteve sempre presente, se não dominante, na extraordinária personalidade do artista, do escritor, e também do virtuose do piano, apaixonado por Wagner, segundo ele "o gênio incomparável". O cientista, que tanto gostava de contar ou saborear uma anedota, entre duas complicadas e difíceis experiências sobre a respiração, quanto de executar um trecho de Beethoven, depois de haver cruelmente escalpelado uma pobre rã, jamais se deixou vencer. Embora sem chegar aos extremos daquele Brown-Séquard, por ele próprio referido, que viajava acompanhado de cobaias a fim de não interromper as suas observações, Miguel Osório foi sempre um pesquisador infatigável. E, melhor do que isso, o pesquisador a que não faltou o sal do filósofo. Por isso mesmo, viu muito, viu longe, e meditou ainda mais. Não admira, pois, que desse conjunto desabrochasse o grande cientista, dentre cujos trabalhos há logo que ressaltar aquele sobre o tônus nervoso e com o qual desvendou mais uma das sabedorias da Natureza, que, previdente, nos conserva em permanente estado de alerta, com nervos e músculos sempre afinados, prontos para a ação, até nos instantes que se diria de maior relaxamento. A nossa consciência pode ser surpreendida: nunca, porém, o nosso inconsciente, que, para o manter em estado de eterna vigilância, tem por si, além do mais, a pele com tudo quanto ela possui de maravilhoso como captadora das excitações suscitadas pelo ambiente. Decorrência dessas investigações, hoje universalmente consagradas, é a teoria da excitação, ou estado de excitação prelúdio da famosa e complexa teoria matemática e físico-química da excitabilidade nervosa, tão séria e original que valeu ao autor o ambicionado Prêmio Sicard, que a Faculdade de Medicina de Paris concede de dois em dois anos ao melhor trabalho produzido, no mundo, nesse lapso de tempo. Não seria o bastante para a glória de um cientista?

Igualmente valiosos foram os estudos e descobertas em torno da crioepilepsia, e com os quais, graças à técnica inteiramente nova, logrou realizar o que Brown-Séquard tentara desde o meado do século passado, e abrir caminhos ao estudo funcional do sistema nervoso central, bem como da farmacologia. De fato, dotado da paciência peculiar aos grandes amorosos, livre de todos os laços do preestabelecido, cheio de curiosidade científica, Miguel Osório, durante largos anos, deleitando-se em desvendar alguns desses segredos avaramente guardados pela Natureza, teve a sua privilegiada inteligência

voltada para a pesquisa de novas verdades imaginadas ou entrevistas pelo sábio. Não concluirei, porém, essa breve referência a alguns dos trabalhos do eminente pesquisador sem mencionar os que efetuou sobre a fisiologia do labirinto, e nos quais, ainda uma vez, revelou o mesmo espírito original, ágil, pertinaz, e por isso mesmo apto a vencer os obstáculos antepostos aos objetivos que desejava atingir.

O que, porém, jamais o abandonou, e bem lhe caracteriza os trabalhos, foi o total desinteresse, que se refletia não somente no desapego às vantagens de ordem material, mas também na indiferença aos aplausos e glórias. Fêz Ciência pela Ciência, e os seus estudos nunca se subordinaram a outra hierarquia que não fosse a das suas tendências em determinado momento, alheio à solução de qualquer problema de imediata aplicação ou utilidade. Certamente, sabia da existência de

> homens práticos, que ostensivamente desprezam as preocupações desinteressadas da Ciência pura, declarando-as inúteis e vãs, e proclamando sonhadores inofensivos os que a elas se dedicam; e homens de ciência artistas que desprezam por completo as aplicações práticas, considerando-as nocivas e perrniciosas.

Os primeiros, conclui o próprio Miguel Osório, não compreenderam a Ciência, os segundos nada compreendem da vida. Situou-se assim entre os que não conseguem demarcar fronteiras entre a Ciência pura e a Ciência aplicada, que afinal não são senão uma única e mesma coisa: a Ciência. E, se dentre os seus numerosos trabalhos não se conta algum que tenha, de logo, debelado uma dor, extinguido uma enfermidade, ou estancado alguma epidemia, que podemos saber nós da utilidade que terão amanhã para tornar o homem menos sofredor ou mais longevo? O que hoje se afigura inteiramente sem utilidade prática, não raro alcança amanhã os altares do reconhecimento universal. E, por vezes, aquele que busca determinado objetivo vem a encontrar aquilo de que jamais cuidara.

Do primeiro, caso é flagrante exemplo o estudo das seções cônicas pela Escola de Alexandria, e que dir-se-ia mera especulação para recrear o espírito. Realmente, só o transcurso de séculos fez que idéia aparentemente tão abstrata viesse a ser o fio da meada para o conhecimento de medidas astronômicas,

que se tornaram, na época, o norte e a segurança dos navegantes. Do segundo, nada mais eloqüente do que os trabalhos de Pasteur sobre certa doença dos bichos-da-seda, e com os quais ele, que não era médico nem veterinário, revolucionou a Medicina até aos nossos dias. Por tudo isso, o essencial, para se avaliar uma obra científica, não está em saber-se da sua utilidade imediata, mas da contribuição que representa no desvendar novas verdades, e portanto novos caminhos. Até porque os degraus pelos quais se alcançam os descobrimentos de maior beneficio imediato, são, em regra, aqueles que parecem mais vãos, mas sem os quais não se construiria a escada do progresso humano. Como desvendaria Galileu o mundo celeste sem as lentes, que outros haviam descoberto? Qual a sorte da astronomia de Aristóteles, o mais perfeito dos sábios da Antigüidade, sem as observações dos caldeus recolhidas por Alexandre? Daí poder dizer Challaye, referindo-se à Ciência, que, "quanto mais desinteressada no presente, de maior utilidade será capaz no futuro".

O certo é que, através de uma grande e nobre vida de cientista – e nisso não faço mais do que repetir o depoimento uníssono dos seus contemporâneos –, logrou Miguel Osório, com a sua clara inteligência, não apenas edificar alguns dos degraus destinados a elevar o homem, mas também, e sobretudo, legar aos discípulos, que foram tantos e que tanto o admiraram, um raro e belo exemplo de amor à Ciência pela Ciência.

Contudo, tão inquieta e viva lhe era a inteligência que não se pode confinar entre as paredes do laboratório. E, enquanto era ele próprio a personagem desse romance que nos disse haver em toda obra de Ciência, quis também escrever um romance que fosse a expressão de alguns dos seus sentimentos e observações. Deixemos que nos conte essa aventura:

> De uma feita, porém, prestei maior atenção a vozes que pareciam reclamar alguma coisa além dessa contemplação de abstrações e transcendências: um consolo, amparo para dores mais humanas, imediatas, e, enquanto no laboratório passava horas fazendo medidas rigorosas e complexas, eu porfiava no afã de resolver equações destinadas a traduzir, em termos precisos, as manifestações visíveis da realidade obstinadamente oculta, em casa deixava correr a pena em pálidas tentativas de exprimir as angústias de algumas almas sem abrigo. Quando tudo acabou, aos fisiologistas apresentei uma teoria

> matemática e físico-química da excitabilidade; aos amigos mostrei duas ou três centenas de páginas.

Era o seu romance, que intitulou de *Almas sem Abrigo*, e ao qual, pelo que têm de autobiográfico, talvez se aplicassem aquelas palavras com que se referiu a Medeiros e Albuquerque:

> Intencionais talvez não fossem, mas o escritor não fugia à regra: atribuir a seus personagens idéias e sentimentos, aspirações e atitudes, impressões e lembranças que lhe pertencem.

Em verdade, não era o romance o forte de Miguel Osório, que, ao tentá-lo, como que nos quis apenas mostrar de quanto era capaz a sua poderosa inteligência. Nos ensaios, sim, é que as qualidades do escritor se afirmariam de modo inconfundível, graças às raras virtudes literárias que lhe ornavam o espírito. Virtudes tão acentuadas que me fazem lembrar aquele conceito de Coleridge sobre Sir Humphry Davy, de quem dizia que se "não tivesse sido o primeiro químico, teria sido o primeiro poeta do seu tempo". De fato, ao deixar os seus instrumentos para elaborar um ensaio, Miguel Osório, parecia sentir-se em casa. Abordando temas com o objetivo de torná-los acessíveis a público bem maior do que o dos seus discípulos, logrou dar a cada qual deles um interesse, um sabor, uma transparência, que fazem de muitos deles verdadeiras obras-primas no gênero. É que, filtrados através da alma do filósofo, os conhecimentos do cientista perdem certas arestas, que, por vezes, os fazem enfadonhos aos não iniciados, e ganham uma nota de sedutora universalidade. Realmente, em muitos dos ensaios em que vulgarizou assuntos científicos, logrou Miguel Osório um equilíbrio somente possível num espírito em que a Ciência não houvesse fechado para a vida aquelas janelas de que já vos falei. Alcançou assim o milagre de vulgarizar a Ciência sem banalizá-la, antes servindo-a como poucos a serviram no Brasil, pois atraiu o interesse e a simpatia de novos círculos para muitos dos problemas que afligem e esmagam os nossos cientistas. Poderia mesmo dizer que estes talvez não se tenham dado conta inteiramente do quanto devem ao companheiro que tantas vezes deixou o laboratório para clamar em favor dos que, apesar de esquecidos pelo poder, se dedicam heroicamente à Ciência pela Ciência. Essa, a meu ver, a

nota dominante nos magníficos ensaios reunidos em volumes que pelo tempo afora guardarão o nome de Miguel Osório, cuja pujança intelectual se reflete naquelas páginas somente possíveis a quem fosse, a um só tempo, cientista, filósofo e escritor. De fato, ele assim era. E foi isso que lhe permitiu ser não apenas um homem de ciência, mas sobretudo um grande e belo espírito. Aquele espírito que, para usar expressão possivelmente grata a ele, eu chamaria de gaulês: isto é, diáfano e profundo. Nem a outra circunstância deve aquele episódio narrado por Tristão de Ataíde ao nos informar que, ao falarem Miguel Osório e Amoroso Costa, em Paris, a "um público da mais alta cultura, a frase autêntica que brotou espontânea dos melhores de lá, foi esta: *ceux-ci pourraient être des nôtres*." Miguel Osório, no entanto, e, felizmente, era dos vossos. Bem dos vossos; desta Casa de Machado de Assis, a que enalteceu aqui e no estrangeiro com aquele espírito no qual a severidade do pesquisador se aliava às maneiras do homem de salão e do conversador cheio de verve, em quem o físico, antes da palavra, sublinhava a figura encantadora. Esbelto, lépido de movimentos, a barbicha ruiva, que lembrava um daqueles "maíres" do século do Descobrimento, a servir de moldura ao perfil aquilino, era um desses tipos inconfundíveis, e aos quais basta ver-se uma vez para jamais o esquecer. Não me custa, portanto, imaginar que estais talvez a vê-lo levantar-se de uma dessas Poltronas, irrequieto, o cabelo meio em desalinho, revolto por um sopro desse ideal de beleza e trabalho, que lhe encheu a fecunda existência. Alucinação? Sonho? Fantasia? Não, apenas a mais viva das realidades, tanto é certo que Miguel Osório de Almeida, o sábio Miguel Osório de Almeida, aqui está e aqui ficará *Ad Immortalitatem*.

# II

# RESPOSTA DO SR. MENOTTI DEL PICCHIA

Acadêmico Luís Viana Filho,

Estou advinhando que duas razões – além da minha admiração velha e proclamada – fizeram com que meus pares me escalassem para recebe-lo, no pórtico da Academia: uma fatalizada afinidade – nosso gosto pela Política – e nossa fraternização revoltada e libertária nos dias frustros e épicos de 1932.

A primeira das razões, nesta Casa presidida pelos numes angélicos do amor gratuito e sem jaça pelas coisas do espírito, talvez não milite muito em nosso favor. A Política, tal qual geralmente se processa no Brasil, vem, não raro, de toga tisnada por um debrum saturnino: a passagem fatal pela zona passional dos tumultuosos emícios onde, hoje, a demagogia ombreia, não raro, com a audácia e a improvisacão. A sua "cândida", porém, não traz nódoa. Seu amor à Política foi vocação, como o meu foi curiosidade artística e, depois, consciente aceitação de um dever. E tão genuíno era esse amor no seu temperamento, que a obra literária, transformada em aldraba de ouro com que bateu à nossa porta, é, no autor de *A Sabinada*, eminentemente política. Rui e Nabuco**,** objetos das suas pesquisas biográficas, foram do que nossa Política teve de mais santo. Pode o acadêmico Luís Viana Filho ir sentar-se calmamente numa dessas Poltronas, pois sobre ela adejarão as sombras de Rio Branco, Rui, Nabuco, Lauro Müller, João Luís Alves, Getúlio, José Bonifácio, *o Moço,* seu patrono, e outras criaturas excepcionais que puderam ser, sincronicamente, sem perder substância, grandes políticos e grandes escritores.

No fundo todo verdadeiro escritor é, de certa forma, um político. Não trarei à baila o caso específico de Dante – o vate supremo –, uma vez que o divino guelfo, por político, acabou exilado, tais fez ele na flor-de-lisada Florença. A política da inteligência, vestida sempre de roupagem literária, melhor socializa a idéia e sempre vem tocada de um alto ideal construtivo. Poder-se-ia até escrever um tratado sobre a poesia da política, pois, sendo ela, no seu mais alto sentido, a arte de governar os povos, sua finalidade suprema é atingir a harmonia e a paz sociais, dois ingredientes eminentemente poéticos. Tão poéticos e tão ideais que só existem, realmente, na imaginação dos estadistas-poetas, como Roosevelt, como Churchill, capazes de galvanizar as nações citando um verso no justo instante em que se decide a sorte da humanidade.

Esse conceito de Política, que é o seu, Sr. Luís Viana Filho**,** o absolve da preferência aqui tão corajosamente há pouco confessada. Antes da Poltrona acadêmica, almejou sua vocação uma Cadeira do Parlamento. Desejou-a com tanto ardor que, em 1934, eleito deputado federal, levou com seu diploma tal juventude para o Congresso, que foi logo proclamado o Benjamim da Câmara. Esse conceito de Política e seu ímpeto de moço propiciaram a segunda razão que justifica ser eu quem lhe fale: nosso encontro nas trincheiras de 1932, na mais lírica das arrancadas revolucionárias. Nessa hora, a Bahia culta e a mocidade impávida da terra de Castro Alves ergueram o grito tradicional *pola ley* e acordaram junto das suas igrejas barrocas, cheias de imagens tão pitorescas, os ecos da voz do poeta, sonoros do sentido de liberdade. O desafio bandeirante à perpetuação da ditadura encontrou o moço inconformado na ala dos que se entrincheiraram na Faculdade baiana, legítimo reduto dos que se batiam pela ordem constitucional na hora em que se apagavam as luzes da lei. Da intensa vibração espiritual desses instantes épicos, em que São Paulo de Rui via a seu flanco a Bahia de Pedro de Toledo – S. Paulo do "civilismo" e a Bahia "constitucionalista" – Alcântara Machado, o que tinha sua mesa de trabalho "como o leito de Ulisses", presa por seculares raízes à terra-berço, deu, nesta sala, em memorável discurso, o clima heróico e a indomada bravura. Nossa vitória, obtendo a Constituinte, foi precária. Em S. Paulo formou-se a "Frente Única". Na Bahia, ao lado de Prado Valadares, Nestor Duarte, Aloísio de Carvalho, Eugênio Gomes, Inocêncio Calmon, Gilberto Valente, Lafaiete Pondé, José Silveira, Miguel Calmon e João

Mendes, o novo acadêmico perfilhava o "Manifesto da Liga da Ação Social e Política" e, dentro de uma programática orgânica mas idealista, pisava o tablado dos comícios de toga cândida, porque limpos eram seus processos e alvíssimos seus ideais.

Pôde, Sr. Luís Viana Filho, neste nobre exercício de sinceridade que é um discurso acadêmico, orgulhar-se do seu pendor para a Política porque, como o exerce, tem ela a grandeza aristotélica de ser um nobre pensamento em ação, todo voltado para o bem da comunidade. Todo escritor é, por destino, um político: o romancista, que faz pesquisa humana na estrutura social; o ensaísta, que analisa e debate os problemas; o crítico, que passa pelo crivo da sua cultura o esforço da criação alheia no intuito de identificar os valores, ensejando sua catalogada disponibilidade para melhor ilustração e orientação da comunidade, e o poeta – *l'homme qui refait le monde* –, supremo político, porque surpreende o pensamento no seu núcleo germinal, puro e incontaminado, como assinala Novalis, sem vê-lo enquadrado nas categorias dos filósofos, nem transformado em material específico para a formação de uma ciência. O poeta – vede Dante, Hölderlin, Goethe – é um político que descobre até as normas que regem o céu e o inferno... Sua intuição adivinha e revela a conduta dos homens oferecendo, assim, toda a essência de que carecem os legisladores. É Homero iluminando Péricles.

Hoje, ilustre acadêmico, mais do que nunca precisa a Política dos pensadores e escritores para renutri-la de essência e de beleza. Essa palavra vai-se descolorindo de tal forma no estorricado "deserto de idéias" que alguns dos seus profissionais rasgaram numa área da vida nacional, que os dicionários honestos a registrarão, talvez, apenas como um jogo astuto de rasteiras ou como uma estratégia meramente eleitoral, na qual a audácia precisa ser fartamente acolitada pelo dinheiro.

Precisamos, na Política e na Administração, mais do que da inflação de leis com que se trava a expansão do país, de um largo pensamento capaz de dar sentido nacional e lógico à própria estrutura do Estado. Precisamos, mais do que de homens carismáticos, ou demagogos, de espíritos orgânicos semeando idéias, idéias como as semeavam Tavares Bastos, Alberto Torres, Nabuco, Rui, Euclides, Calógeras, Oliveira Viana, Roberto Simonsen. É que uma revolução se processa no mundo e, entre nós, um corpo emaranhado de

leis, como fios de um casulo onde jaz larva morta, defende um pensamento arcaico e traça a arquitetura estatal de um edifício constitucional superado, senão em parte obsoleto. Resumimos os problemas nacionais ao parto dramático e periódico do homem destinado ao supremo comando, do qual, dada nossa absurda e absorvente centralização, emanarão todas as graças e todos os benesses. Raciocina-se, pois, em função antropomórfica: que jeito terá o homem? E estes oito milhões e meio de quilômetros quadrados, ricos de todas as riquezas, povoados por um povo que, pelas suas origens titânicas e pela mescla poligenética plasmou a maravilha da "raça cósmica", jazem dormentes e quase ilegislados, como se um Caapora telúrico trancasse as suas riquezas e seu absurdo emaranhado de leis, que não funcionam, arrochasse o corpo hercúleo da Nação como os múltiplos cordéis dos liliputianos amarravam o corpo do gigante Gulliver.

Se a Política nos assusta, sr. acadêmico, ela é, ainda, para o nosso desespero, uma suprema esperança. A nação ainda tudo espera dela. É que a concebemos como a conceberam nossos pares: arte de governar os povos para sempre atualizar-lhes os processos de vida e promover a felicidade das comunidades humanas. Ouvi alguns dos seus discursos na tribuna da Câmara, Sr. Luís Viana Filho. Louvei o sr. por te-lo fatalizado à Política. Falava o doutrinador expondo, com arte, um pensamento orgânico. Preocupava-o o problema dos nossos partidos. E, quando aqui declarou que o demônio da Política o tentou primeiro, resolvi, desde logo, pleitear junto dos meus pares indulgência e perdão para tão temerário neófito. Era, ao lado de um brilhante pugilo de seus companheiros, um "político de idéias". E como as expunha com arte, fácil era identificar no político o escritor. E é a este que recebemos.

* * *

Que escritor? Um biógrafo!

Aqui começam meus temores. Causam-me certa apreensão os biógrafos... Basta dizer que, em vida, já meus canhestros biógrafos atribuem a dois Estados e a três cidades a vulgaridade de ter sido meu berço: São Paulo, Pouso Alegre e Itapira... Sinto ter nascido apenas na primeira delas, em S. Paulo, a maravilhosa megalópolis quadricentenária, porque o mundo não

assistiu ainda ao milagre de alguém ter nascido, simultaneamente, em três localidades... Vê, Sr. Luís Viana Filho, o que pode acontecer à gente? Há mais: há uns tempos, meu cunhado Sr. João Queirós Assunção Filho – que é meu biógrafo doméstico – na minha presença, com uma convicção que me comovia e me obrigava a não contrariá-lo, contou a uma roda de jornalistas como eu escrevera as *Máscaras*. "Em Santos, no antigo Miramar, num carnaval orgiástico, inebriado de champanha e de éter, na presença carnal de uma fascinante Colombina..." Pois foi em São Paulo, num hotel da Rua Líbero Badaró, sozinho no quarto, sem beber uma gota de álcool, meses depois da Semana Santa!

Estas duas experiências me inquietaram com relação aos Plutarcos, Suetônios, Boswells, Stracheys, Vasaris, Mejerowskys, Ludwigs, até meu admirado Pedro Calmon, que me ofertou o mais vivo e bizarro perfil de Pedro I.

Um biógrafo pode ser um indivíduo mágico. Com uns fragmentos de lápide do templo de Al-Ubaid, umas tradições quase míticas da gente sumeriana e algumas hipóteses, é capaz de retratar o chefe da primeira dinastia de Ur, como Cuvier, de um osso fossilizado, reconstruía a estrutura de um brontossáurio. Há uma anedota em que um filho com muita ternura e pouco miolo pediu a um pintor que lhe fizesse um retrato do pai falecido. "Tem fotografia dele?" "Não". "Algum desenho?" "Não". E deu ao pintor notícias somáticas do progenitor morto: bigode grande e preto, testa curta, nariz rombudo. Feita a pintura com tais ingredientes, o filho, ao ver a obra, quase desfaleceu decepcionado: "Ah! o meu pobre pai como está mudado!"

Não se assuste, acadêmico Luís Viana Filho: eu já deparei com vários Napoleões "muito mudados!" Uns épicos, de perfil de águia em vôo desferido, como no quadro de David, todos resplandecentes de sonho e de glória. Outros, vulpinos e calculistas, esgueirando-se pela política entre Tayllerand serviçal e escorregadio e Fouché tratante e policial, a arrastar uma desaçaimada fome de poder, tendo aos calcanhares a matilha da família esfomeada. Qual, dentro dessas centenas de corsos fatídicos vivendo na carne biográfica das palavras, é o pálido cadete de Brienne, o conspirador vitorioso do 18 Brumário e o estrategista genial de Marengo? Quer mais? O meu Lincoln era o lenhador longo, magro e atlético, estranho morcego funéreo flabelando as

abas da sobrecasaca desalinhada, limpo e reto de alma, soturno e introvertido de espírito. O amor o tornara romântico e pusera lágrimas que estriavam as chanfras da máscara talhada em ângulos como estalactites pingando em anfractuosidades de rochas. Estóico na dor, hábil no governo, assistia, impávido, o drama do seu povo, integrado no ideal de lavar na terra a mancha das discriminações raciais. Pois sabe como manipulou, com ingredientes prosaicos, esse mesmo Lincoln um seu recente colega, o popularíssimo Dale Carnegie? Um cidadão pouco asseado e displicente, infelicitado por uma esposa ciumenta, neurótica e negocista, renteando pela inépcia no governo, vencendo pela surpresa de um acaso a parada política e ganhando a guerra mais pela testarudez que pela genialidade.

Que me dirá de tais contrastes o autor de *A Vida de Joaquim Nabuco*? Já sei. Na sua magnífica *A Verdade na Biografia* responde, com cauta antecipação, a esta fatal objurgatória que aguarda todos os biógrafos, senhores da arte quase divina de recriar as criaturas, fazer das cinzas das suas memórias carne e nervos, ação e espírito, para nos dar, como nos deu, por exemplo, Maurois, o fidalgo judeu ítalo-britânico, Disraeli, vivo e gracioso, desesperando Gladstone com sua malícia política e encantando a grande Rainha com um madrigal ou uma rosa. Que linda coisa: um criador de império arrulhando versos... Seria isso ou seria, num disfarce de poeta, um voraz imperialista falando em cifras e arquitetando, à sombra da esquadra inglesa, expedições predatórias? Na vossa mão, ó biógrafos, está o poder de fazer-nos ridículos ou grandes! A nossa ressurreição espectral está na força da vossa simpatia e na esperança da vossa integridade ou na autenticidade dos testemunhos e dos documentos, porque biografia é apenas História. E o que é História, essa memória congelada no tempo, senão um admitir que "sim" de alguma coisa que pode ser substancialmente "não?" Lembra-se daquela fina sátira de Daudet – o enciumado inimigo das Academias – ao ironizar o infeliz "imortal" Astier-Réhu, fazendo-o revolucionar a história da França baseado, candidamente, em textos e pergaminhos gatafunhados por um refinado falsário? História pode ser "história", no pessimismo bem-humorado do povo. O zelo da sua autenticidade depende de mil circunstâncias. Homero funde o humano com o divino e a realidade às vezes se esfuma em mito, na fuga surrealista de uma transferência de planos. Nesses mitos – nódulos de complexos sociais

ou, como quer Mircea Eliade, "modo de ser no mundo" – vai, não raro, o biógrafo destacar o herói, compor-lhe a vida, como as desses reis fabulosos, Menelau, Édipo, Numa Pompílio, cuja essência é um hibridismo paradoxal de humano e social porque, como mitos, são criaturas que incorporaram, na sua essência, seu drama pessoal e o espírito do seu tempo transformado em alegoria.

Estou dizendo isto, Acadêmico Luís Viana Filho, para lembrar que a sua arte específica, a biografia, pede o que sua cultura e honestidade lhe têm dado: prudência na escolha do material e imparcialidade no expor. Nunca me esqueço, quando penso na História – pois biografia não é mais que a História de uma vida e a História, no conceito carlyliano, uma seqüência de biografias – do cético e indulgente Anatole France nas páginas maliciosas de *Île des Pinguins*, nas quais uma hetaira se transforma em santa e se sagra, nos altares, como Santa Orberose, somente porque as partes mais ondulantes do seu corpo eram famosas por terem a graça móvel das ondas e a cor cálida das rosas.

Entre nós, que se tem feito no nosso Tiradentes? E Calabar, Judas cívico ou herói frustrado, manipulado ao gosto das preferências passionais ou políticas, ora acusado da sórdida felonia de quem trai o próprio berço, ora redimido na sua defecção por se lhe atribuir o sonho de um futuro diferente para seu País, isento das humilhações da servidão reinol? Como pode o biógrafo fixar "a verdade" do biografado, problema tão árduo e complexo que lhe custou um livro? Somente "Deus todo poderoso", no dizer de Whitman, produz, com sua divina criação, a verdade de uma criatura, porque a verdade é uma essência e a visão humana dessa verdade, uma vidência, portanto, um espelhismo.

Como vimos, cinemático nas suas transformações corporais e psíquicas é o modelo do biógrafo; cinemática a evolução mental e temperamental do indivíduo exposto ao meio social, também este cinemático. Conclusão: o biógrafo é um caçador que desfere seu tiro em ave em pleno vôo, fundido seu vulto na bruma, tão instável, tão múltipla e, por isso mesmo, tão infixa a personalidade à qual procura dar a constante de um retrato. Pode atirar numa pomba e acertar num marreco. Na realidade uma alma é um ponto de vista. Rui, o seu Rui, Sr. Luís Viana Filho –, é um constante problema no tempo. Do ângulo de um clima social em que se coloque o biógrafo depende ser ele o arquiteto liberal de nossa Democracia, ou, pela prematuridade dos seus esquemas, um desfigurador perigoso, porque sedutor, das nossas agrestes realidades.

Qual é a personagem que sai autêntica e imutável de uma biografia? Sornente as criaturas ideais. Na verdade – e Pirandello tinha razão –, realidade integral é apenas a "personagem" no puro sentido da criação literária. Aliás tais personagens, quando vivas da vida que o consenso unânime lhes dá, são as únicas definitivamente reais, porque infungíveis no seu atrito com o tempo. A personagem literária é o "ente de razão" kantiano, vivendo sua inamolgável existência de arquétipo, ubíqua e universalmente – presente, íntegra na carne da sua estrutura somática imaginada, carregada eternamente da mesma carga anímica. Não flutua como homem ao vento das opiniões e das necessidades, o qual será fatalmente inúmero e irrepresável para seus biógrafos, portanto parcela ou instante de si mesmo, mas não seu todo vibrátil. A personagem porém não muda. Não oferece ângulos na sua estática de criação intemporal, não atingida pelo fluxo e refluxo das opiniões, não violada na sua imortal contextura pelo desgaste implacável do tempo. Essa biografia, a da "personagem", é a única que pode oferecer, com segurança, o selo da autenticidade. Exemplo: *D. Quixote de la Mancha*....

Lá vai o cavaleiro andante pelos caminhos do mundo oferecendo resgate à honra ultrajada, punindo vilões, abatendo gigantes. Lá vai no seu magro corcel de guerra, comovido e errante espetro do universal anseio de beleza e de justiça. Traz por celada um pedaço de papelão no morrião cor de azinhavre. As pernas balouçam ao longo das costelas do rocim lastimável. Todo ele é integridade e sonho. Os homens de todos os tempos se fixarão no seu vulto mais vivo e presente que o de César, que o de Zenóbia, que o de Gengis Khan, porque ele pertence a todas as pátrias, ou melhor, porque ele não é herói nacional, mas apenas o herói humano. Nenhum documento modificará uma só vírgula da sua verdade. Nenhuma polêmica porá em dúvida seu berço, sua filiação, sua formação, suas andanças. Essa biografia, que Cervantes traçou, não sofrerá contestações, nem encontrará um crítico para retificá-la...

Aí está, Sr. Luís Viana Filho, onde quis chegar. Isso para sua defesa e não para libelo da sua profissão literária. Quis registar quão difícil é ser exato e fiel no sofrido esforço de reconstruir uma vida. Aliás, isso ficou bem claro na sua esplêndida *A Verdade na Biografia*. Esse livro – entre nós o mais completo ensaio no gênero – também serve para colaborar na sua biografia. Livro polêmico, réplica vibrante aos reparos de Homero Pires à sua *Vida de Rui*

*Barbosa*, mostra como sua aparência pacífica e doce eriça-se de vibrante combatividade quando provocada ou ferida. Estou a crer que os instantes de sagrada cólera que lampejaram nesse livro lhe ofertaram – e ofertaram às Letras nacionais – a oportunidade melhor para resplandecer seu espírito na plenitude da sua cultura e na vibração do seu estilo. Todo o problema da biografia ali é exposto. Dele ressalta a honestidade com que sua arte procura reconstruir a vida das personalidades que escolhe, "buscando transmitir, com a máxima exatidão possível, a descrição de uma vida e a fisionomia de alguém". Os seus "alguéns" foram Rui e Nabuco.

* * *

Rui e Nabuco. Era fatal que fossem os tipos da sua predileção. Políticos, escritores. O baiano "cabeça de mapa-múndi contendo a erudição de cinco continentes", na humorada alegoria de um poema, e o fino fidalgo senhor de engenho, que somava à graça do corpo os requisitos do espírito. O proletário aristocratizado pela genialidade e o fidalgo proletarizado pelo coração. Este, o reformador; aquele, o revolucionário. A Abolição e o federalismo. O inglês e o americano. O "ontem" tão nobre e exato na sua história lógica imperial e o "amanhã" tumultuário, à procura de novas e cambiantes surpresas de uma chucra liberdade ora licença, ora ditadura, dentro do temporão enigma da República.

Nessas suas obras fundamentais, em que um estilo mais próximo de Tácito que de Suetônio vai recortando, em páginas sóbrias, mas ricas de informação e de observação, os perfis dos dois grandes brasileiros, realiza-se a plenitude da sua vocação literária para a biografia. Tais livros sagram-no mestre no gênero.

Em 1941 publicava *A Vida de Rui Barbosa*. A boa lógica determinaria que, antes, escrevesse a vida de Nabuco, mas esta nasceu do seu ensaio *Rui e Nabuco*, história de uma recíproca admiração que se sedimentou em nobre amizade. Reivindico a ordem cronológica por sentir que esses dois homens excepcionais encarnaram duas épocas e foram os divisores de dois ciclos históricos. O gênio e o patriotismo de ambos elidiram o choque, nuançando a transferência dos valores imperiais para as inovações da República. Na essência, por um paradoxo, era esta a reação contra a generosa concepção libertária

do Império, que morria ao dar à luz um dos nossos mais belos instantes históricos: a Abolição, portanto, a inauguração, no Brasil, da plenitude da liberdade. Aliás, Nabuco, mais do que ninguém, sentia sua fatalização de propiciador dos novos tempos, afirmando que

> o político perfeito é o que foi conservador e foi liberal, porque assim se formam a moderação e o progresso das idéias... Não se alcança a verdadeira posição senão vendo os dois lados das coisas.

De um lado estava ele, fiel ao seu mundo em ocaso, sem melancolia porque, no fundo do coração, partilhava da alvorada das liberdades em que o novo regime alvorecia. Sua aristocrática figura vive nas páginas com que lhe retraça o roteiro da nobre vida, Sr. Luís Viana Filho. Lá está o diplomata apolíneo, mais artista que político, traçando o retrato do seu ideal nesse largo painel sentimental, histórico e político, que é a obra-prima que nos legou, *Um Estadista do Império*, Nabuco é uma inteligência ocidental embebida na alta cultura inglesa, vivendo a civilizada concepção artificial do Império nessa ilha cultural litorânea do seu mundo doméstico e político, tão distante da realidade telúrica, das fórmulas ainda silvestres e larvares da cultura do *hinterland*. Estas esfervilhavam nos confusos ideais democráticos, que se exprimiam por convulsivos paradoxos, ora cristalizando-se na República como forma punitiva à revolução econômica produzida pela Abolição, ora levantando, em Canudos, a sombra vingadora e absurdamente monarquista de Antônio Conselheiro, libelo das populações largadas ao seu triste fadário por esse mesmo Império do qual a ignorância fanática era saudosista, Império que vivia extrovertido, fiel à sua matriz mental que era a arquitetura burocrática e o espírito legal das condições reinóis.

Era natural sua referência por Rui. Rui é o menino prodígio da Democracia, o cidadão avançado, uma espécie de Júlio Verne que virasse estadista. Fascinavam-no os novos inventos criados pelos políticos de outras pátrias e sonhava faze-los funcionar num povo ainda infante que ensaiava pelos vastos 8.500.000 quilômetros quadrados de um chão ainda selvagem, em nódulos demográficos rarefeitos, um tipo inédito de vida em comunidade. Seu frusto federalismo é um vislumbre intuitivo do que o País está a exigir: a adequação

racional das leis e da administração aos vários agrupamentos patrícios já tipificados por força da Economia, da História, da Cultura, pelas condições ecológicas das várias regiões. O erudito evade-se da realidade na sua iluminada fuga rumo do seu alto saber ou sonha amoldar o homem agreste às perfeições jurídicas que civilizações avançadas de séculos criaram para si. A estrutura do estado americano torna-se modelo falho do seu presidencialismo absorvente e ditatorial esquecido da lógica e orgânica descentralização administativa e jurídica da terra de Tio Sam. Seja, porém, como for, o genial baiano, pena e boca de ouro, sonha liberdades e progresso humano, leva sua ânsia igualitária à Sociedade das Nações, onde os Golias imperialistas são feridos na sua arrogância pela fulminante eloqüência desse intrépido David.

Essa vida nervosa e combativa, Acadêmico Luís Viana Filho, soube fixá-la palpitante no seu livro. Nele se vislumbra a ancestralidade biliosa do magro adolescente, tímido, que resiste aos impulsos da sua vocação beneditina, que quer confiná-lo num convento, para largá-lo a dialogar com Hamlet na sua devoção por Shakespeare, superando, porém, o pessimismo funéreo do príncipe com o luminoso idealismo de Dom Quixote, o outro livro amado, fundindo-se, assim, no seu espírito, um racionalismo perquiridor e mordente e uma iluminada ânsia de justiça e de ideal.

Lá está o filho afetuoso e o irmão dedicado. Depois, vemo-lo aos pés de Maria Augusta, escolhendo a graça das suas toaletes – estranho Dior sábio e amoroso – a provar, com seu amor ininterrupto e casto, que "desde o início encontrou na esposa o princípio e o fim da sua existência". Assim vai surgindo seu Rui, enleado nas transações erradas de *O Papa e o Concílio*, no legado das dívidas paternas, nas aperturas medíocres do gênio lutando contra a necessidade. E aquele predestinado palpitar de asas – seu amor ao estudo, sua admiração pelos estadistas britânicos Peal, Gladstone, Palmerston, Pitt... – todo um preparar de vôo... Agora o temos Librado no zênite, procelária e águia, em meio às tempestades e aos triunfos, integrando-se na nossa companhia para não dar descontinuidade à glória de Machado de Assis, de quem foi substituto, a justificar seu destino de ser padrão já lendário do mais alto cânone da inteligência brasileira. Tão subido e tão luminoso o seu vôo, que pairou num mundo jurídico de perfeições celestes, alheado, nos seus êxtases eruditos, à manipulação calibânica da vida brasileira, com magos e feiticeiros tecendo, cá embaixo, as

mandingas eleitorais com os ingredientes realistas da ignorância nacional, da nossa imaturidade política, da ambição dos sobas, da astúcia dos cabos. Nessa altura, dois mundos traçaram a dicotomia social da nossa gente, com dois líderes a identificar cada metade: Pinheiro Machado e Rui. A terra e o céu. O pragmatismo orgânico e a fuga rumo das estrelas...

A biografia, porém, é sua, não é minha, Acadêmico Luís Viana Filho. Eu, ao narrá-la, a vou desnaturando com impressões pessoais, o que prova o que provei antes, ou melhor, o que ambos provamos, eu no início desta oração e o novel acadêmico na sua *A Verdade na Biografia*: toda biografia é um ponto de vista... Seus pontos de vista procuram honestamente rentear a verdade e nos dar as personagens o mais perto das suas próprias vidas.

* * *

Não são, porém, somente o biógrafo e o político, que integram sua personalidade, sr. acadêmico. O jurista *in-herba*, de 1925, pisando os umbrais da Faculdade de Direito da Bahia, seria o advogado militante a partir de 1929, depois, em 1934, o professor de Direito Internacional Público, para, afinal, em 1940, tornar-se o mestre na cátedra de Direito Internacional Privado da Faculdade que o diplomou. Jornalista, iniciando a carreira ao lado de Aloísio de Carvalho Filho, Hermes Lima, Clemente Mariani, Sodré Viana, no "Diário da Bahia", passa para "A Tarde" levado por Aliomar Baleeiro, onde o político soma-se ao polemista. Polígrafo, nos dá, no setor da História, *A Sabinada*, depois *A Língua no Brasil* e *O Negro na Bahia*, obra que Gilberto Freyre, com entusiasmo, prefacia e consagra. Este trabalho, fundamental para os que estudam a formação social brasileira, rasga uma clareira na picada aberta por Nina Rodrigues e perlustrada por Oliveira Viana, Roquette-Pinto, Artur Ramos, Gilberto Freyre e outros. A influência do negro na formação nacional decorre da verdade que ali proclama: "Todos nós, mesmo os que não têm nenhuma ascendência negra, trazemos na alma um pouco de preto." Proclama em prosa o que há tempo eu disse em verso: "Trago na alma os fetiches de um macumbeiro mongongo..." Essa gota de noite trouxe à alma do branco um debrum de céu noturno povoado de pesadelos e de estrelas... O enriquecimento de uma vasta zona de nossa alma feita de inconformismo, superstição, inquietude, ingredientes que excitam a imaginação e os ritmos

típicos e motivos selvagens e originais da nossa música, tão evidentes em Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Lourenço Fernandez, no alto nível das grandes sinfonias, trazem a marca do negro escravo, da sua música ritual, da sua angústia e do seu júbilo bárbaro, da sua sexualidade e do seu banzo. Neste ensaio, a obra do sociólogo e de investigador é cheia de amor. Luís Viana Filho presta com ela justiça ao negro e se aprofunda no estudo de um dos mais fascinantes problemas humanos do Brasil.

* * *

Homem de tão inúmera ação e tão múltiplo saber vem continuar, nesta Casa, a tradição de um político, de um jornalista e de um cientista, também grandes oradores, escritores e poetas. Perfeita afinidade. José Bonifácio, *o Moço*, deslumbrou Medeiros e Albuquerque como tribuno combatente. Miguel Osório de Almeida, homem de ciência, encantava-se com o onimodismo de Medeiros e Albuquerque, jornalista, conferencista, poeta, amador da Ciência, sobretudo, vulgarizador informado e curioso das coisas do mundo. Miguel Osório de Almeida ainda vive em nossa memória como se aqui estivesse na irradiação da sua fascinante simpatia.

O Acadêmico Luís Viana Filho participa das faculdades do seu glorioso patrono e dos anteriores ocupantes da sua cadeira. Como José Bonifácio, o Moço, é político e tribuno parlamentar. Como Medeiros e Albuquerque, é jornalista e ensaísta e, como Miguel Osório, cientista, embora não sejam as ciências experimentais o seu domínio, mas as sociais e jurídicas.

Preenchendo a vaga de Miguel Osório de Almeida, traz para ela, o historiador e o biógrafo, uma grande obra realizada e uma nobre vida até agora vivida dentro de uma discrição avessa à extroversão. O fisiologista que ocupava essa Cadeira era, porém, loquaz. Parece-me ouvir ainda o jorro vivo de sabedoria e de graça que fluía daquela eloqüência fácil, sápida pelo humorismo da anedota, facetada pela múltipla cultura e policolorida pela alegre arte de bem conversar. Eu o vejo sorridente, com seu perfil de sofista grego, no qual a ironia era argúcia e a eloqüência pura alegria interior, discreteando sobre qualquer assunto ao qual dava sedução de artista a substância do mestre. A Ciência hoje, de fronteiras fluidas como observou o príncipe De Broglie, ora é uma sistematização de conhecimentos, ora um enigma que se

esfuma em hipóteses. Do jogo das escamoteações mentais a que se presta a arrogância da Ciência – onde está a matéria? como se esvaiu em energia? – gostava Miguel Osório de Almeida, quando se integrava no puro artista que era – literato, músico, no fundo, poeta no intuito de mostrar-lhe as limitações, levando-o a indagar até onde "a ciência era um romance" e quando um "romance constituía uma Ciência". A entrada de qualquer espírito para esta Academia o imerge, automaticamente, nesse clima. Clima redutor das petulâncias axiomáticas, clima de humildade de espírito, compreensão sábia de que a verdade suprema é apenas um convite para uma honesta e constante revisão do que se apresenta, neste pobre mundo, como concepções fundamentais possivelmente estáveis. Os grandes juristas, sociólogos, médicos, afinal, cientistas – Rui, Clóvis, Pedro Lessa, Afrânio, Francisco de Castro, Miguel Couto, Roquette-Pinto, Santos Dumont, Miguel Osório afinal, os luminares das várias ciências no País, nesta Casa se fundiram no artista, posição neutra e suprerna, mercê da qual compreenderam que uma coisa é realmente imortal: a pura e gratuita ânsia do homem pela Beleza. Uma sentença dos *Vedas*, um versículo do *Gênesis*, um fragmento da *Ilíada* perpetuam a sua verdade e, nas cambiantes do tempo, fixam o que é estável em meio do perecível. Esse sonho de beleza é o que nutre nossa imortalidade. Esta não sofre síncopes com a morte: continua no que toma a tocha do que tomba. O que é eterno nas Academias é a luminosa substância do seu sonho. Aqui está, Acadêmico Luís Viana Filho, o ponto alto deste rito de iniciação: a senha sábia da precaridade. Aqui todos penetram na compreensão exata do fungível e adivinham que somente a continuidade é, realmente, imortalidade. A herança espiritual de Miguel Osório de Almeida passa para as suas mãos. Não é seu patrimônio científico que lhe oferece em guarda, mas aquela quota de imortalidade que ele trazia na alma, legado de outras criaturas que ele amou e admirou e que conceberam a vida como a perpetuidade das coisas gratuitas e belas. Essa gratuidade espiritual e esse perpétuo anseio de Beleza são o clima da Academia. Agora, Acadêmico Luís Viana Filho, pode integrar-se na sua imortalidade.

Discurso do
SR. JOSUÉ MONTELLO

e

Resposta do
SR. VIRIATO CORREIA

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 4 de junho de 1955*

# I

# DISCURSO DO SR. JOSUÉ MONTELLO

## O ENCONTRO DA ACADEMIA

Entre os contos com que Patrônio exercitou a agudeza de espírito de seu amo, o Conde Lucanor, na prosa antiga do Infante Juan Manuel, há um pequeno relato, de leve sabor anedótico, que desejo evocar no pórtico deste discurso, para assim recomendar-me à vossa benevolência, iniciando-o com a colorida graça monástica de uma iluminura medieval.

Entre os monges da Catedral e os frades menores de Paris irrompeu, certo dia, uma querela de campanário, porque ambas as ordens igualmente aspiravam à primazia de tocar o sino ao apontar do sol.

Na condição de cabeças da Igreja na cidade, os monges da Catedral sustentavam que lhes competia a glória matinal desse cuidado. Mas os frades menores logo redargüiam que, sendo tradicionalmente madrugadores e expeditos, não atinavam por que teriam de esperar que outra Ordem lhes tangesse as horas no momento do arrebol.

A discussão dos frades, colocada nesses termos irredutíveis, converteu-se facilmente em processo com denúncias, citações, agravos, queixas, embargos e apelações, e arrastou-se pelo tempo adiante, sem que se descobrisse, nas marchas e contramarchas, a solução capaz de harmonizar os querelantes.

No rolar do tempo, a demanda acabou por alcançar em Roma os ouvidos de Sua Santidade, que logo decidiu pôr termo à contenda com a interferência direta de um cardeal.

Homem prático e decidido, o representante do papa chamou a si o processo com todas as suas peças e, sem ao menos deter os olhos na montanha de papel, citou os litigantes para o dia seguinte, a fim de conhecerem da sentença.

E à hora marcada, imutáveis nos seus pontos de vista, lá estavam, diante do emissário de Sua Santidade, os frades menores e os monges da Catedral.

O Cardeal começou por fazer queimar, à vista dos querelantes atônitos, a papelama do processo.

– Amigos – disse então Sua Eminência –, esta questão tem durado muito. E precisa acabar. Agora mesmo lhe daremos um fim. Ambos quereis tocar a matinas, sem que um se conforme com prioridade do outro. Mas aqui vos dou a sentença, que resolve o caso para sempre.

E alteando a voz:

– Ouçam! – gritou o cardeal –, aquele que acordar mais cedo, é esse que tange o sino!

Senhores acadêmicos:

Não me cabendo aspirar, pela natural limitação de meus possíveis merecimentos, à glória suprema dos monges da Catedral, somente me posso valer, para explicar minha presença nestas alturas, da desculpa do frade menor de Paris na eminência do campanário: aqui me vedes, minhas senhoras e meus senhores, unicamente porque acordei mais cedo.

Se chego com relativo adiantamento à serenidade destes cimos, nada mais fiz do que seguir o lema que Rui Barbosa engastou, com a autoridade de seu exemplo, no texto lapidar da *Oração aos Moços*: "Curtos se fizeram os dias, para que nós os dobrássemos, madrugando."

Ensinou-me um dos meus mestres de filosofia que a dificuldade em ser modesto está na circunstância de que não mais o somos, desde que o confessamos.

O ato de modéstia, que em geral se pratica nestas ocasiões, é mais um título com que, em tom de humildade, se exorna o recipiendário na solenidade de posse.

Cumpre-me esclarecer-vos, no início deste exame de consciência, que se me faltam os motivos para dizer que quem verdade mereço a honra de pertencer a esta Academia, por outro lado não me assistem razões, ante a consagração dos sufrágios recebidos, para imitar aqueles penitentes da Idade Média que vinham para a porta das igrejas apinhadas de povo e confessavam aos gritos os seus pecados.

Entre a vaidade arrogante, que não se coaduna com o meu feitio nem condiz com a minha obra, e a exculpação mortificatória, que igualmente pecaria pelo exagero, de mim para mim explico este triunfo, que sou o primeiro a conquistar em minha geração –, não como um prêmio aos meus trabalhos e sim como um estímulo à minha vocação de escritor.

Não havendo ainda atingido a idade em que o exercício reiterado das limitações converte a fraqueza da véspera na força do dia seguinte e que assim permite aflorar a obra-prima onde somente deveria vingar a mediania, galgo a eminência da Academia Brasileira, por uma deliberação de vossa benevolência, que generosamente se ampara na prospecção da obra que talvez eu chegue a realizar.

Assim fazendo, meus mestres e meus companheiros, redobrastes a vossa munificência na proporção em que se ampliaram minhas obrigações. E só posso responder a essa prova de confiança com o penhor de meus dias advindos e o resgate de meu trabalho, a fim de que não mereçais, pelo pecado de intuir benevolentemente o meu futuro, aquele castigo que Dante infligiu a Tirésias como adivinho: retroceder sobre os próprios passos, com a cabeça voltada para trás.

Recebo como legado patrimonial, para desafiar-me a uma competição com a exigüidade de meus recursos, a Cadeira que, ao longo da tradição acadêmica instituída por Artur Azevedo e reatada por meu antecessor, distingue especialmente o Teatro brasileiro, sob a invocação do nome de Martins Pena.

Não obstante incluir-se o teatro entre os caminhos que tenho percorrido nos meus labores de escritor, todos sabemos que estou longe de conciliar na sobriedade dos títulos de que disponho a opulência da herança que neste momento se confia aos meus cuidados.

E mais me perturbo quando considero que, para me dar as boas-vindas em nome da Academia, ides ouvir, na magnânima apreciação de minha vida e

de meus livros, um autêntico homem de teatro, dos maiores que o Brasil tem tido: o senhor Viriato Correia.

Num relance, ao lembrar que o teatrólogo de *À Sombra dos Laranjais* sucedeu nesta Casa a Ramiz Galvão, que mais se engrandeceu ao dirigir o nosso principal instituto bibliográfico, logo me fico a imaginar que bem pode ter sido o caso de que, escolhendo-me para substituir a Cláudio de Sousa, buscastes em mim, por uma secreta lei de equilíbrio acadêmico, o ex-diretor da Biblioteca Nacional que teria de suceder, desta vez, ao mestre do teatro.

Porque assim também se explica a generosidade dos sufrágios com que me conduzistes, senhores acadêmicos, à consagradora culminância desta tribuna literária.

Quero confessar-vos, minhas senhoras e meus senhores, o meu deslumbramento deste instante. A circunstância de me haver adiantado, para atingir bem cedo estas alturas, contribui ainda mais para a impressão de imensa alegria e imenso espanto que me domina a consciência e me faz contemplar tudo isto como se assistíssemos a um capricho de fantasia do meu destino, vivamente interessado em me encantar. E vejo agora comigo, acentuando-me o aturdimento, toda uma teoria ornamental de símbolos, que me acompanha no fulgor desta sala.

Por um momento detenho interpelativamente o olhar neste chapéu de pluma, em cujo penacho Lamartine descobria aquele *cimier emprunté à l'oiseau du desert*. E considero esta espada que me pende da cintura. E pergunto a mim mesmo que significação terá este uniforme, se não sou o Embaixador de Deus que o gênio de Victor Hugo reconhecia nos poetas?

Todos estes símbolos vinculam-se agora a mim, como as peças de minha armadura e as insígnias de minha condição. Mas não necessito ser outro, sob as galas desta farda. Nem mudar de idéias, com o adorno deste chapéu. Nem me julgar mosqueteiro das musas, com esta espada na cinta. Tenho de ser eu próprio, o que sou e o que fui – porque sempre me orientei no sentido destes símbolos, com o tirocínio de toda a minha vida literária, ao servir aos valores tradicionais que a Academia simbolizou neste uniforme.

De mim para comigo refleti há tempos que talvez se ajustasse aos acadêmicos, de preferência a esta farda, a túnica talar, guarnecida por um báculo e um livro, com que a tradição fixou, para a objetiva devoção das imagens, a

figura miraculosa de São Judas Tadeu. Mas a imortalidade das Academias, não colidindo com a do reino dos céus, desta se diferencia nos valores de sua contingência humana e no sentido terreno de sua perenidade.

No magistral discurso com que ingressou na Academia Francesa, Paul Claudel, ao referir-se ao simbolismo da espada que lhe completava o uniforme, evocou o provérbio que ouvira no Oriente e segundo o qual é à sombra das espadas que está o paraíso.

Antes de te cingir para esta cerimônia, longamente meditei, minha espada acadêmica, sobre a conveniência e a significação da tua companhia.

Num arremesso de esgrimista improvisado, ensaiei florear-te, e quase desfiz os pingentes do lustre com a ponta de tua lâmina. Depois, como aquele cavaleiro do quadro de Meissonier, estive a experimentar-te o fio, para sentir a periculosidade de teus golpes, sob o comando de punhos adestrados. E concluí de mim para mim, ante a movimentação inexperiente de meu braço armado, que eu apenas poderia suster-te com o semblante de inocência do menino da espada, da água-forte de Manet.

Sem vocação para converter-me naquele espadachim postado nas esquinas, que serviu à desafeição de Longfelow para a caricatura dos críticos, não poderás ser em meu punho a espada do capitão dos versos de Antonio Machado:

*Famosa por la mano viril que la blandiera,*
*No por el docto oficio del forjador preciada.*

Repara como quase somente tu, minha virgínia espada, estás presente a esta cerimônia, embora tenhas aqui trinta e muitas companheiras, que não saem de casa nem da bainha, mais esquecidas do que os livros que condenam às prateleiras do teto, no dizer de Macaulay.

Não estranhes que assim seja. Há quase três séculos, quando o Marquês d'Estoublon, secretário perpétuo da Academia d'Arles, assistiu na Academia Francesa à recepção de Monsieur Novion, logo mandou a seus colegas de província a reflexão tardia de que, se houvesse deixado em casa a espada, o talabarte e o chapéu, teria sido mais bem recebido por seus confrades da Casa de Richelieu.

Nesta noite, assim de público, hás de saber por que razão tens de ser, nesta Casa, mais esquiva do que os candidatos orgulhosos que só freqüentam a Academia nas noites de festa. E é que para nós, que vivemos da palavra e para a palavra, ao contrário do conselho de Lisardo da peça de Calderón, é a língua que fala quando à espada competia não calar.

A palavra foi dada ao escritor para que lhe fosse possível repetir a lição de Deus, quando tirou do verbo, no princípio da criação, todas as coisas objetivas.

Tudo há de poder a palavra, com seu contingente expressional, para viver por ti, minha espada acadêmica, sem que deixes a bainha, em que te recolhes, ou abandones o arremedo de panóplia, a que invariavelmente te condenamos, ao fim desta noite.

Na tua condição de símbolo, representas a batalha que travei para conquistar estas culminâncias e que se encerrará com o teu recolhimento definitivo e esta cerimônia, enquanto ficarei repetindo os versos que Rostand pôs nos lábios de Cyrano e que aqui novamente traduzo, para ter a ilusão de que eles são meus, como é minha esta noite e para mim esta festa de mestres e companheiros:

Combater sem esperança
É ter de início a vitória:
Se o triunfo não se alcança,
Mais pura se faz a glória.

## A IDADE NAS ACADEMIAS

Embora não sejam infensas aos escritores que ainda trazem na bagagem da vida uns saldos de juventude, as Academias quase sempre se inclinam, na composição de seus quadros, em favor daqueles que, amadurecidos pelo trabalho e experimentados pelo destino, mais facilmente encontram no sonho da imortalidade acadêmica a mais feliz das ilusões do outono.

A razão de ser dessa preferência, que as lições do tempo pretendem justificar, estará possivelmente na alusão que o gênio numeroso de Goethe fez a Oeser, numa das conversas com Eckermann: "Ele me ensinou que a

Beleza é simplicidade e repouso e daí se conclui que nenhum jovem pode tornar-se mestre."

Na controvérsia entre o dionisíaco, que é a juventude em ação, e o apolíneo, que é a maturidade em plenitude, o poeta do *Divã do Leste e Oeste*, esquecido de si mesmo, recusava conceder aos moços o supremo equilíbrio da emotividade e da razão, que em geral se conquista sob o signo de Apolo.

Ainda bem que o próprio Goethe, retomando os enunciados dramáticos do velho conflito calderoniano, criou no *Fausto* o símbolo eterno do homem envelhecido que transaciona com o diabo, dando a alma em resgate da juventude.

Mais do que uma etapa da vida sobre a terra, a velhice é por vezes um ponto de vista. E um ponto de vista que varia conosco, à medida que vamos vivendo.

É Henri Massis quem nos transmite, numa evocação da vida literária, a observação sagaz de Charles Peguy sobre o momento severo em que o homem, em plena maturidade, abre um dia os olhos em espanto, melancolicamente compreendendo que deixou de ser jovem.

Numa hora propícia às incursões no passado, Peguy pusera-se a narrar, para um grupo de adolescentes, as cenas a que havia assistido no correr do caso Dreyfus. E enquanto ele contava, recordando fielmente o que vira e ouvira, nenhum dos presentes se animara a interrompê-lo, para a sombra de um reparo ou o esboço de uma desconfiança.

Em vez de alegrar-se com a passividade aprovativa de seu auditório, o mestre dos *Cahiers de la Quinzaine* entristeceu-se consigo mesmo, ante a repentina convicção de que, no reconhecimento tácito de sua condição de testemunha do passado, estava a prova de que ele, embora estuante de vida, já principiara a envelhecer.

Quereis saber agora a idade de Charles Peguy no instante dessa melancolia? Precisamente aquela em que, no dizer habitual dos entendidos, se começa a viver: quarenta anos.

Há aproximadamente um século, nos bons tempos do nosso Romantismo, Joaquim Manuel de Macedo, que era médico e escritor, costumava atribuir aos anciãos típicos de seus romances – em *A Moreninha*, em *O Moço Louro*, em *Os Dois Amores* – uma idade de que deve merecer, com a

solidariedade preventiva de quem vos fala, a retificação oportuna de um protesto, que a todos igualmente atinge nesta Casa: cinqüenta anos.

A juventude é uma companheira ruidosa que sempre nos poupa, quando se vai, as lágrimas da despedida. Ao deixar-nos – e sempre o faz de manso, caladamente, na ponta dos pés – nunca sabemos quando foi que partiu.

Ainda bem que a maturidade, ao sobrevir para ocupar-lhe o posto, obedece à piedade da mesma discrição: enquanto uma sai sem ruído, a outra chega sem rumor.

Não há inquilina mais astuta do que a velhice, assim que se instala em nós. Nos primeiros tempos, mantém a casa como a encontrou, para que se prolongue, no engano de nossos sentidos, a ilusão de que a primeira hóspede não se mudou. Só mais tarde, depois que longamente nos distraiu com os seus ardis, é que a nova locatária nos adverte de sua presença traiçoeira.

E quase sempre a importuna se anuncia através das alterações que faz na casa – principalmente na frontaria. Por dentro, costuma alterar pouco, às vezes quase nada. Por fora, no entanto, tem o mau vezo de empreender mudanças sensíveis, que não raro dolorosamente desfiguram.

Daí este desencontro, que faz da maturidade da vida a surpresa de um contraste: no íntimo, alvoroça-nos a impressão de que a mocidade mora conosco, nos aposentos que foram feitos para agasalhá-la; mas na fachada do edifício, através das injúrias que o tempo vai deixando, logo se vê que a velhice – a grande caricaturista implacável – reside agora ali dentro, à revelia do proprietário.

Só se conhece um processo – aliás muito precário – para abrandar-lhe as impertinências: é aceita-a sem litígio. Ou então combatê-la aos poucos, sem tréguas, por um sistema tenaz de guerrilhas em que a estratégia sempre foi um dom feminino. Assim mesmo não se tem notícia de que ninguém, por mais audaz e destro, haja logrado batê-la em definitivo. O máximo que se obtém, nessas escaramuças contra o tempo, é substituir-lhe o avanço rápido por outro lento – para um dia reconhecer-lhe dolorosamente o triunfo, no embate trágico do último lance.

Machado de Assis, nos episódios exemplares das *Memórias Póstumas*, com o agudo senso das fraquezas humanas, nos descreve Brás Cubas a enganar a velhice e a ser, logo depois, castigado por ela.

Em um desses episódios, o memoralista machadiano, para espalhar a tristeza de súbito encontro com a antiga namorada à saída de um baile, tornou à festa e atirou-se animadamente, com alma e pernas de rapaz, a uma polca buliçosa, no repentino desejo de recuperar dançando a juventude distante. "Meia hora depois, quando me retirei do baile, às quatro da manhã (é o memoralista quem conta) – o que é que fui encontrar no fundo do carro? Os meus cinqüenta anos. Lá estavam eles, os teimosos, não tolhidos de frio nem reumáticos – mas cochilando a sua fadiga, um pouco cobiçosos de sono e repouso."

Ao escrever esse romance, que constitui o primeiro cimo de sua magnitude, Machado de Assis havia acabado de completar quarenta anos: se a vida não lhe dera o tempo necessário para a experiência da lição de meio século, o gênio literário encarregara-se de reverlar-lhe intuitivamente o que se passaria com o seu personagem – uma década depois.

A maturidade plena, que assinala no homem o prenúncio do declínio vital, freqüentemente marca, no destino de grandes escritores, o início da grandeza definitiva.

Num diálogo com Renan, Maurice Barrès colocou na língua do filósofo a observação de que é possível ser bom poeta aos vinte anos, mas somente se é bom prosador depois dos quarenta.

Joaquim Nabuco, que se nutriu da seiva renaniana, pensava de igual maneira. E tinha diante dos olhos, para confirmar a precipitada generalização desse juízo, o exemplo do melhor de seus amigos e do maior dos nossos escritores – porque em verdade Machado de Assis apenas alcançou a mestria de seu oficio, na harmonia da originalidade do pensamento e da forma perfeita, quando escreveu, pelas alturas de 1880, essa admirável súmula de desilusões, que são as *Memórias Póstumas.*

Apesar de haver Diderot afirmado que Voltaire, aos sessenta anos, era o papagaio de Voltaire aos trinta, a verdade é que o demônio de Ferney levou além dos oitenta invernos a primavera de seu espírito jovial. E Goethe, ao fim da vida, tirou de seu tinteiro a última parte do *Fausto,* com a mesma pena com que, na mocidade, principiara a escrevê-lo. E não foi para repetir-se, num testemunho de exaustão das forças de seu gênio, que ele retornou ao tema da juventude –, mas para recriar o velho símbolo, multiplicando-lhe assombrosa-

mente os enigmas literários, num claro indício de que, aos 83 anos, sua inteligência guardava o fulgor da luz do meio-dia.

É que a maturidade do escritor advém muito menos da cronologia do que do encontro da forma que corresponde à sua originalidade expressional. E o sinal de sua velhice não está na fadiga do corpo, que diminui a freqüência da escrita, nem nos amargores da alma, que deixam nos textos o sulco dos desencantos –, e sim na uniformidade de processos, que exaure a originalidade à força da repetição.

Inspirados certamente na amplitude dessa compreensão, que liberta do rigor da certidão da idade a inteligência e a sensibilidade do homem de letras, os fundadores da Academia Brasileira, ao constituí-la em 1897, não discriminaram velhos e jovens na estruturação de seus quadros. Ao lado de J. M. Pereira da Silva, que tinha oitenta anos, sentou-se Medeiros e Albuquerque, que ainda não chegara aos trinta. Olavo Bilac entrava pela casa ensolarada dos 32, enquanto Coelho Neto sonhava na dos 31. Pedro Rabelo andava pelos 29 – como Graça Aranha. Aos 35 beirava a timidez de Raimundo Correia. Em plenos trinta sonhava impenitentemente a boêmia de Guimarães Passos...

E foi pela mão prestigiosa de quem já era nesta Casa a sua maior figura que ingressou na Academia o mais jovem dos fundadores, precisamente aquele que, trazido por Machado de Assis, ao clarão matinal dos 24 anos, haveria de sobreviver a todos os companheiros, para prolongar entre nós, no mais sereno outono da vida, o perfeito modelo da primavera literária: o Embaixador Carlos Magalhães de Azeredo.

No volver de sua história, a Casa de Machado de Assis não se desgarrou dessa tradição, que despontou no instante de suas origens. Aos 35 anos aqui chegaram os senhores Gustavo Barroso e Hélio Lobo. Aos 36, mestre Aloísio de Castro. Ribeiro Couto, Múcio Leão e Osvaldo Orico entraram com 37. E aos 34 – os 34 anos que ainda parece conservar – o senhor Pedro Calmon entoou nesta sala a sua cantiga de esponsais com a glória acadêmica.

A predominância dos elementos novos na Academia de 1897 levou Joaquim Nabuco a confessar que aqui viera atraído pelo prazer de sentar-se ao lado da nova geração.

Não obstante a florada de juventude com que se engalanou e suas origens, a Academia Brasileira, inspirada no modelo da Academia Francesa, jamais incidiu, em relação ao problema da assimilação dos jovens escritores, nos erros ou excessos que pontilham, no curso de três séculos, a história da Casa de Richelieu.

Armand de Combout, marquês de Coislin e neto de Séguier, ingressou na Academia Francesa, com a influência do avô, aos dezessete anos. Com dezessete entrou igualmente Germain Habert, abade de Cérisy. E quando o Duque de Maine, aos quatorze, com o buço mal apontando no rosto juvenil, pensou em pertencer à Academia, logo Racine se apressou a dizer ao Príncipe, em nome da Casa, que, à falta da existência de uma vaga no momento, não havia acadêmico que não estivesse disposto a morrer, para que se atendesse aos desejos de Sua Alteza...

Esses exemplos extremos – a que outros poderiam ser acrescentados, num pitoresco respigar da História – valem como exceções à regra, porquanto a tendência manifesta da ilustre Companhia sempre foi erigir-se numa assembléia de escritores consagrados, com a dupla experiência – a da glória bem conquistada e a da vida bem vivida.

Em 1720, em carta ao Presidente Bouhier, apresentava o Abade d'Olivet esta explicação impertinente à estudada serenidade com que aguardava a hora de eleger-se acadêmico: "Compreendo que se queira encontrar uma sociedade onde conversar duas ou três vezes no correr da semana, quando se está velho. Mas eu enquanto tiver o pé firme e a vista boa, farei melhor emprego do meu tempo depois de meu jantar."

Três anos depois de escritas essas palavras, o destino obrigou o abade a morder a ponta da língua irreverente ao convertê-lo em sucessor de De La Chapelle, sem exigir-lhe o pé hesitante e a vista curta que o novo acadêmico havia atribuído a seus confrades.

As sátiras que se escreveram visando à Academia Francesa, ao longo das três centúrias de sua existência gloriosa, levam-nos à conclusão de que a idade dos acadêmicos raramente armou as flechas envenenadas que se assestaram contra o prestígio da instituição.

Tudo o que pôde instilar o ressentimento mordaz de Piron contra a velhice de Fontenelle foi que este, aos noventa anos, prometia diariamente abrir a vaga e sempre deixava de dar cumprimento à palavra empenhada.

Na urdidura panfletária de *L'Immortel*, Alphonse Daudet não conseguiu fazer da ancianidade quase centenária do acadêmico Jean Rehu um motivo de zombaria comunicativa. Pelo contrário: deu-nos um aspecto comicamente simpático do bom velho, quando pintou a esse pretenso decano da Academia Francesa, numa recepção mundana, extremamente surdo e muito lépido a redargüir sem propósito algum, apenas pela vaidade da velhice, todas as vezes que o cumprimentavam:

Noventa e oito anos, daqui a quinze dias!

Na Academia Brasileira – advertiu-nos o seu primeiro secretário, em 1897 – os velhos não têm velhice. Quero dar à evidência dessa verdade uma nova forma, com a afirmação de que, nesta Casa de homens de letras, o outono da vida só há de entrar aqui com pseudônimo...

Escoando indistintamente para todos, o tempo reúne, nestas culminâncias, antigos e modernos, no mesmo clima de compreensão cordial que estabelece o entendimento das gerações.

O velho conflito entre epiléticos e paralíticos, com que Ortega Y Gasset resumiu o antagonismo das gerações que se sucedem, jamais prevaleceu na Casa de Machado de Assis, em cuja altitude espiritual os acadêmicos podem ser comparados, em relação ao tempo que vai fluindo, aos pastores do topo da montanha, na tradição incaica do dilúvio universal: à medida que as águas subiam, a montanha subia – e salvava os pastores.

O milagre desse cume flutuante, que é a Academia no curso de sua história, somente se tornou exeqüível porque esta Instituição, perenemente atenta aos novos valores do espírito, jamais prescindiu daquela contemplação da juventude, que Montaigne expressou neste trecho de um de seus *Ensaios*: "Que o tempo me arraste, mas que me leve de costas: enquanto meus olhos puderem contemplar a formosa estação que se foi, cuidarei comigo de não perdê-la de vista".

## A CADEIRA 29

Foi sob o signo da juventude que Artur Azevedo criou a Cadeira em que tenho a honra de empossar-me nesta noite.

Pouco antes de ser fundada a Academia, um articulista apressado, aludindo ao criador da comédia brasileira, confundira Martins Pena com o

Presidente Afonso Pena. E logo Artur Azevedo assomou alegremente à sua coluna de jornal, para o remoque desta quadra:

O Molière cá da terra,
Autor de peças tão finas,
Não foi Ministro da Guerra
Nem Presidente de Minas.

Morto aos 33 anos, Luís Carlos Martins Pena conseguira realizar, com as intuições de sua juventude, esta obra perene: criara no Brasil a comédia de costumes.

E em dez anos de operosidade, que se iniciam em 1838 e terminaram pouco antes da morte do escritor, deixara ele no papel, ou atirara ao palco, quase trinta obras teatrais, entre farsas, dramas e comédias.

Ao organizar-se a Academia Brasileira, já Artur Azevedo havia recolhido, numa sucessão legítima, os valores essenciais do teatro de Martins Pena, cuja glória distante, a ajuizar-se da confusão do jornalista, era a tímida luz mortiça reclamando de seu legatário o alento de uma invocação.

Era natural, assim, que o narrador dos *Contos Possíveis*, à hora em que os fundadores da Academia escolhiam o patrono da Cadeira que iriam ocupar, se inclinasse para o nome de Martins Pena, que era o seu antepassado mais ilustre na cena brasileira.

De Artur Azevedo se pode dizer, sem receio de exagero, que morreu aos 53 anos, sem haver deixado nas suas Letras os sinais da fadiga física ou do tédio do espírito.

Ninguém lhe sentiu jamais, na prosa leve e ágil, a adiposidade excessiva, que foi o seu tormento da maturidade. Nem sua inteligência criadora, com os achaques da idade, perdeu a alegria irradiante, o teatrólogo de "Uma Véspera de Reis" guardou a jovialidade comunicativa com que, ao compasso ruidoso de comédias, contos, sátiras, crônicas, farsas, revistas e paródias, penetrara no mundo das Letras.

Ao atingir os cinqüenta anos, esse mestre de alegria teve a sua glória confirmada através de uma recompensa triste, no grande jornal em que, todos os domingos, na primeira página, publicava um conto: insinuaram ao escritor

que era chegada a hora de ceder o posto aos mais jovens. Sua maneira de narrar já estaria ultrapassada. Nos escritores da nova geração, havia agora um processo diferente de contar – que não era mais o dele. E Artur Azevedo recebeu, assim, do secretário da redação, a notícia de que, nos próximos domingos, no espaço que lhe publicava habitualmente os escritos, viria a lume a narrativa de um jovem escritor, selecionada semanalmente em concurso.

Feita a primeira seleção, saiu premiado o conto "A Viúva", de autoria de um desconhecido, que era realmente uma revelação notável de contista: o Sr. Tibúrcio Gama. E quem era esse jovem, que conseguira derrotar, no lance inicial de uma peleja, perto de cem concorrentes? É então que Artur Azevedo vem a público, para fazer esta confissão. Tibúrcio Gama, o jovem contista vitorioso, era ele próprio.

O episódio verídico define o escritor na perenidade de sua juventude espiritual: em vez de abater-se, compreendendo que havia soado no relógio de seu destino a hora triste da retirada, o narrador dos *Contos em Verso* deixara que a pena antiga corresse pelas laudas de papel, animada e lépida, reconquistando com uma graça nova o posto que lhe queriam arrebatar.

Em 1908, esse moço vitalício teve de calar a sua jovialidade insubmissa, por imposição inevitável da morte – e deixou sem sucessor imediato a tradição teatral que ele havia recolhido na obra singular de Martins Pena.

E é Vicente de Carvalho – um grande lírico, de nobre estirpe parnasiana – quem recebe dos senhores acadêmicos, na eminência desta Casa, o patrimônio de glórias da Cadeira que fora aqui instituída pela maior figura do Teatro brasileiro.

Ao contrário do que, de princípio, se pode presumir, o extraordinário poeta de "O Pequenino Morto," substituindo a Artur Azevedo na Academia, não constituiu, com a sua glória de poeta lírico, uma solução de continuidade nas tradições adjudicadas à Cadeira 29 por seu fundador.

Se Artur Azevedo fora essencialmente um homem de teatro, não deixara de ser também, sob o impulso de igual talento, um admirável poeta. Poeta satírico, de verso fácil e mordaz, nas revistas dramáticas ou na graça diária de Gavroche. E poeta sentimental, da linhagem de Vicente de Carvalho, nos *Sonetos e Peças Líricas*.

É certo que Vicente de Carvalho, nos *Poemas e Canções*, aludira com uma ponta de mofa à glória dos homens de teatro:

Queres a glória? Pede-lha: procura
Caminho (e há cem, à escolha)
Para alguns desses cumes teatrais,
Onde quem os atinge faz figura
– De bolha
Soprada das colunas dos jornais.

Não foi necessário que nenhum teatrólogo saísse a campo com o intuito de pedir satisfações ao poeta pelo desaire desses versos. Em 1918, vamos encontrar o lírico das *Cantigas Praianas* a fazer teatro, com uma comédia em dois atos intitulada *Luizinha*. E pelo menos por dois motivos essa peça não pode ficar esquecida: primeiro, porque aí está, na irradiação de seu fulgor, mais uma faceta do talento dominador do poeta; segundo, porque a figura do galã, que anima as cenas fundamentais da comédia, foi colhida entre as personalidades mais ilustres desta Casa, na pessoa de um mestre que apenas há alguns meses nos ensina a ter saudades: o professor Roquete-Pinto.

Mas Vicente de Carvalho, incorporado às glórias da Academia em 1909, voluntariamente se omitiu na Cadeira de Martins Pena, no curso de quinze anos que se ecoaram após o seu triunfo: não havendo tomado posse solenemente, privou-nos de uma página modelar de sua pena, que haveria de ser o elogio acadêmico de Artur Azevedo.

Em 1924, o lírico de *Rosa, Rosa de Amor*, que se considerava um pobre poeta deserdado da esperança de outra vida, dormiu o seu último sono, que ele próprio desejara fosse assim:

O meu último sono eu quero assim dormi-lo:
Num largo descampado,
Tendo em cima o esplendor do vasto céu tranqüilo
E a primavera ao lado.

E é então que chega à Academia, para louvar o grande morto e receber a herança teatral da Cadeira de Artur Azevedo, um homem de letras que já havia merecido lá fora, com sucessivos triunfos de sua pena de teatrólogo, o direito de abrigar-se nesta Casa, sob a invocação tutelar da glória de Martins Pena.

## DOIS CIMOS DA GLÓRIA LITERÁRIA

Num pitoresco livro de história literária, narra-nos Henri d'Alméras a luta que travaram grandes escritores franceses do último século para firmar um nome e uma posição no mundo das Letras.

*Avant la Gloire* intitula-se essa obra curiosa, cuja originalidade, como narrativa biográfica, está na regularidade com que, ao alcançar cada escritor aí estudado o seu instante de glória, o biógrafo o abandona, para narrar a batalha de outro escritor.

Se um livro dessa espécie fosse escrito a propósito de escritores brasileiros, o historiador teria de abandonar, no capítulo sobre Cláudio de Sousa, a figura do teatrólogo, no momento em que ressoaram, a 22 de dezembro de 1916, no Teatro Boa Vista, de São Paulo, os aplausos da platéia aos três atos de "Flores de Sombra", na interpretação de Apolônia Pinto e Leopoldo Fróes.

Porque esse instante assinala o ponto alto da glória na vida literária de meu antecessor nesta Academia.

Ao reparo goethiano, que nos considera incapazes de julgar as obras que causaram sensação, poderemos contrapor, como retificação dessa recusa, uma observação feliz de Nabuco, quando afirma, em seu estudo sobre Renan, que a obra-prima não se conhece pelo brilho – mas pela órbita que descreve. E por essa repercussão ser-nos-á possível aquilatar-lhe os méritos.

"Flores de Sombra", embora não seja, no conjunto harmonioso das qualidades cênicas, a obra de mais intenso vigor dramático de Cláudio de Sousa, é a que mais longe levou a irradiação de sua presença no teatro brasileiro.

"O Turbilhão", que a Companhia Maria Matos estreou no Rio, em 1919, e "Os Bonecos Articulados", que a Companhia de Chaby Pinheiro representou em Lisboa, em 1922, não obstante mais bem realizadas como técnica, no conjunto das grandes peças do ilustre acadêmico, não alcançaram, como influência renovadora, o raio de ação da comédia que o consagrou.

O conflito estrutural de "Flores de Sombra" punha em confronto dois estilos de vida: a velha fazenda paulista, com seus hábitos de antanho, e o Rio de Janeiro do começo do século, com o seu desapego às tradições. A singeleza brasileira desse tema era revestida por um manto diáfano de romantismo, que fazia destacar o intuito literário do diálogo, no apuro da forma escorreita haurida nas boas fontes clássicas. E seu autor, com essa experiência da ribalta, ao mesmo tempo que firmava em definitivo a sua reputação de teatrólogo, instantaneamente transformava, sob o influxo de sua peça, a comédia de costumes do Brasil.

Antes de "Flores de Sombra", Cláudio de Sousa vivera, por duas vezes, a emoção vitoriosa do teatro: a primeira, em 1806, quando fez representar, ainda estudante, pela Companhia Ismênia dos Santos, a comédia em um ato "Mata-a ou ela te Matará", e a segunda, em 1915, quando já na maturidade, exatamente no centenário de nascimento de Martins Pena, retornou ao caminho de sua verdadeira vocação, com a representação de "Eu Arranjo Tudo", pela Companhia Cristiano de Sousa, no antigo Trianon.

Entre essas duas datas, que demarcam o início distante e a definitiva realização do talento dramático do comediógrafo, o escritor vivera outras experiências igualmente profundas, que lhe decidiram o equilíbrio ulterior da vida.

Doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, Cláudio de Sousa, assim que se formou, abandonou a Literatura e foi clinicar em São Paulo, todo entregue ao gosto e às responsabilidades da nova profissão, sem querer servir simultaneamente às Letras com a velha desculpa de que não fazem mal às musas os doutores.

Mas o médico ilustre, a quem seus colegas honrosamente distinguiram ao dar-lhe o nome a um instituto hospitalar paulista, terminou por deixar a Medicina, precisamente quando firmara seu renome de mestre entre doutores, e veio escrever, com a tinta da melancolia, esta verdade molieresca, no diálogo de uma comédia: "Quando não havia médicos, os homens viviam trezentos anos... como os patriarcas."

Ao despir a bata de clínico para regressar à Literatura, Cláudio de Sousa não o fez, entretanto, através do Teatro: o Romance foi o caminho escolhido pelo filho pródigo nesta volta à casa paterna.

*Pater*, publicado em 1913, é o livro destinado a fixar o instante em que o médico de nomeada se afasta de seu consultório. Daí em diante o escritor nunca mais se distanciará de seus pendores intelectuais: romances, novelas, contos, comédias, ensaios, peças, discursos, conferências, impressões de viagens, hão de constituir, no rolar de quatro décadas, a opulenta seara de oitenta e dois volumes, operosamente lavrada sem descanso pelo semeador literário.

Entre o Romance e o Teatro dissociará Cláudio de Sousa, de preferência, as inclinações de seu espírito criador.

Em 1928, o homem de letras regressa, por alguns instantes, à meditação do homem de ciência, quando escreve, baseado em seus conhecimentos médicos, o romance que comparte com "Flores de Sombra", na biografia de nosso confrade, os cimos da glória literária.

Quero referir-me à narrativa de *As Mulheres Fatais*, cujas quinze edições brasileiras, além de traduções para o espanhol, o italiano e o francês, só por si atestam a irradiação do romancista, que outra vez envergara a bata do médico para compor o mais famoso e o mais discutido de seus livros.

A vitória do romancista não significa em Cláudio de Sousa o encontro de um gênero capaz de desviar do Teatro as inclinações do escritor. Em vez disso, revela-nos uma feliz dicotomia da plenitude de seus recursos literários.

Embora já se tenha afirmado que o Romance é o Teatro de bolso, a verdade é que entre os dois gêneros ocorre uma distinção bem nítida, que não é apenas da técnica, na sua estruturação formal, mas igualmente de processo, na sua elaboração orgânica.

Monner Sans viu claramente essa diferenciação essencial, quando demonstrou, num lúcido estudo sobre as tendências atuais da arte dramática, que o romance é um gênero de análise, enquanto o teatro é um gênero de síntese. E daí não ser freqüente, no mesmo escritor, o pleno domínio simultâneo das duas formas de expressão literária.

Nas dimensões adequadas ao seu exemplo, Cláudio de Sousa atingiu o equilíbrio dessa conciliação, depois de sucessivas vitórias em cena aberta, quando escreveu o romance de *As Mulheres Fatais*.

Mas à medida que o tempo foi distanciando para o passado a hora desse triunfo, o teatrólogo lentamente recuperou a predominância na sensibilidade criadora do homem de letras – e outras vezes impeliu Cláudio de

Sousa ao supremo desafio literário, que obriga o homem de teatro a medir-se com a multidão.

## UM HOMEM DE TEATRO

Peço-vos que imagineis, senhores acadêmicos, a imprudência de um candidato que, aspirando às glórias da Academia, em vez de apelar para os vossos sufrágios, visitando-os em vossa casa, num tom cerimonioso de polida humildade, como é de antiga praxe –, preferisse assomar a esta tribuna, para vos reclamar, alteando a voz, que o elegêsseis por aclamação.

Diante de uma interpelação dessa natureza, o vosso pronunciamento, que poderia ser indulgentemente favorável no caso das solicitações a domicílio, haveria de propender, o mais das vezes, para impugnação formal do postulante.

Não encontro melhor símile, para distinguir neste recinto a reação do espectador diante do Teatro e do leitor em face do livro, do que associar o Teatro ao candidato audaz que aqui vos interpelasse – enquanto o livro seria o postulante que humildemente vos visita ou que, chamando-vos a um canto, fala convosco em voz baixa, discretamente, longe de testemunhas, sem cometer o erro de irritar-se quando o acadêmico põe termo à conversa – da mesma forma que o livro não se enfada com a repentina interrupção de sua leitura.

Na sugestão do símile que acabo de propor-vos, tendes uma idéia aproximada e pitoresca da diferença essencial, na luta obstinada pela glória, entre o escritor que fala à multidão através de seu Teatro.

Evoluindo do cerimonial do culto para a sutileza da Arte, o Teatro parece ter conservado, nos seus segredos inescrutáveis, boa parte dos mistérios sagrados.

Nenhum autor dramático, por mais experiente que seja, conhece a fórmula infalível do êxito – mesmo que se trate de Molière. Cada peça é sempre um enigma. Porque o triunfo que se conquistou na véspera tanto pode influir na vitória como na derrota do dia seguinte. E disto sabem os atores, – grandes ou pequenos –, com a experiência de todos os dias, no instante de pisar um palco.

Se algum dia assististes, nos bastidores de um teatro, aos atores assomando à cena, numa noite de estréia, naturalmente observastes que, enquanto uns se persignam, outros guardam o silêncio recolhido com que a criatura humana se recomenda ao seu Criador.

Nesse momento decisivo, o artista compreende que o mistério o domina e envolve – e é necessário que algo superior o proteja.

Para melhor indício do que acabo de afirmar, lembrai-vos de que foi um homem de teatro, com o mais amplo tirocínio de seus imprevistos, quem deixou no papel, no diálogo entre Hamlet e Horácio, o famoso reparo de que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa vã filosofia.

Diz Louis Jouvet, numa confissão postumamente publicada, que, ao recitar as suas falas no palco, tinha a impressão de que as anunciava à borda de um precipício.

Num livro de memórias da vida literária, Alphonse Daudet procurou transportar para uma página perfeita as emoções do dramaturgo, ao estrear-se uma peça de sua autoria.

Jamais vereis um autor consciente incorporar-se à platéia no enigma dessas ocasiões: estará longe ou estará escondido, guardará um mutismo pânico ou falará nervosamente, quase sempre a fumar, para mostrar-se tranqüilo... um cigarro apagado. Todo ele, refugiado o mais das vezes por trás do cenário, é um ouvido de tísico, no exagero de suas percepções: sabendo de cor e salteadas as falas do texto, pode instantaneamente alcançar, entre alternativas de iras e temores, a palavra que foi omitida ou a inflexão que saiu despropositada. O silêncio do público, nos instantes em que este deveria rir, o apavora. Mas se estoira a gargalhada, num relance o espavorido se transfigura: o pobre diabo valentudinário e murcho é agora um dominador no êxtase da apoteose.

A esta altura, desejo dirigir-me especialmente a vós, minhas senhoras, porque somente vós, com a beleza do recato feminino, podereis compreender a emoção de um escritor teatral no momento em que se ergue, no enigma de uma *premiére*, o pano de boca que fecha o palco.

Lentamente, no silêncio que se estabelece, vai subindo o pano. Sob o jogo de luz das gambiarras, o cenário pouco a pouco se descerra. E logo ressoa na sala de espetáculos o diálogo da peça, marcando o prelúdio indeciso da ação teatral.

E é a experiência de Victor Hugo que ides ouvir agora.

Em alguns versos perfeitos, nos quais sintetizou a sua emoção de dramaturgo, dizia o grande poeta que, enquanto o pano se erguia, na estréia de uma de suas peças, tinha a impressão de que estavam levantando, diante de uma compacta multidão de olhos em chama – a saia de sua alma de escritor:

*Je voyais se lever la jupe de mon âme.*

Mas quando irrompe o triunfo, na tempestade dos aplausos, toda a provação angustiante do escritor encontra num instante a sua deslumbradora recompensa. E esta é de tal ordem que somente aos teatrólogos, vitoriosos em sua arte, é lícito afirmar que conhecem, em verdade, a sensação ressoante da glória literária.

A glória do tribuno assemelha-se, até certo ponto, à glória do dramaturgo. Mas apresenta a desvantagem de confundir, numa simultaneidade indissolúvel, o criador e a criação – ao passo que, no teatro, o autor já está dissociado de sua obra e pode ser, assim, diante dela, por força dessa dissociação, um espectador mais lúcido e mais interessado. Na vivência de seu caso, Narciso está em condições de contemplar-se na água pura da fonte.

Mais do que um combate, o Teatro é uma aventura, no sentido das surpresas que lhe regem o destino.

Assim que Henri Lavedan foi eleito para a Casa de Richelieu (é ele próprio quem nos conta o episódio), houve que impugnasse, em razão desse sentido de imprevisto que participa da obra teatral, a indicação consagradora – Da Academia Francesa – aposta então aos cartazes de rua, por baixo do nome do teatrólogo, no dia da estréia de uma de suas comédias.

A velha instituição, que acabara de consagrar o escritor atraindo-o às suas glórias, preferia não acompanhá-lo, assim, nas aventuras da ribalta, numa noite de *première*.

Quando o grande Calderón vestiu o hábito de irmão da Ordem Terceira dos Franciscanos, num país que sempre encontrou na arte dramática a sua melhor forma de expressão nacional, foi logo advertido de que não ficava bem a um presbítero escrever para Teatro. Não obstante essa advertência, ordenaram-lhe um dia que fizesse uma peça com intuitos piedosos – ao que

Calderón prontamente redargüiu, em carta famosa, ao Patriarca das Índias: *O es malo o es Bueno; si es Bueno, no me obste; y si es malo no se me mande*.

Cláudio de Sousa, depois que ingressou na Academia Brasileira, continuou galhardamente vivendo, sob o impulso da vocação, a aventura incomparável do teatro.

Pouco a pouco, no entanto, ele se foi retraindo de tal maneira que, nos últimos anos, a não ser no pequeno teatro experimental do Pen Clube, para uma assembléia de velhos companheiros e de bons amigos, não desafiou mais o grande público, nos teatros onde vivera as supremas emoções dos triunfos que não se esquecem.

Esse retraimento voluntário não correspondia a uma capitulação. Nem foi por se sentir intimidado por novos lances da peleja que o velho lutador invencível recolheu as suas armas. E sim porque, havendo transmitido a sua mensagem definitiva, numa obra incontestável de pioneiro, preferia que os novos escritores ocupassem a cena, em vez de repetir-lhes a mestria de sua lição.

Por aí se explica que uma peça de singular relevo em seu Teatro, que é *Le Sieur de Beaumarchais*, originariamente escrita em francês, buscasse o abrigo discreto do livro, em lugar de irromper no palco para maior glória do escritor.

Nos últimos quinze anos, Cláudio de Sousa havia substituído, em sua sensibilidade criadora, o gosto do desafio do público, que á a fascinação do teatrólogo militante, pelo contentamento de estimular vocações, que é a forma de converter a arte numa santa missão.

O teatro do Pen Clube, que ele construiu como se escrevesse uma peça romântica, foi muito mais dos outros do que de seu criador. Ali acolheu gente nova. Ali estimulou vocações. Ali celebrou, em louvor do teatro, solenes missas votivas, através de conferências e discursos, para celebrar mortos ilustres, como Pirandelo, Strindberg, Ibsen e Bernard Shaw.

Numa página acadêmica em que, a propósito de Lamartine, teceu considerações sobre a vida do autor dramático, Victorien Sardou apontou, como característica fundamental do homem de teatro, a capacidade de levar ao longo da existência a faculdade e o gosto de tudo dramatizar.

Uma paisagem há de ser para o teatrólogo menos um recanto da natureza, que se deve contemplar, do que uma sugestão de cenário, que se tem de

copiar. Um tipo curioso é um personagem a incluir-se numa peça. No drama ou na comédia dos outros, ou até de si mesmo – o excelente motivo da obra teatral que se vai escrever.

Vinte vezes, ante as incompreensões que freqüentemente assaltam o dramaturgo, ele dirá aos amigos que não voltará a fazer Teatro. E outras tantas vezes tornará a desmentir-se, sempre que um argumento novo lhe alvoroçar a imaginação.

O comediógrafo que escreveu as "Flores de Sombra" e conheceu o triunfo em suas manifestações mais frementes, espontaneamente escolheu a hora de seu retraimento. Podia continuar na batalha, com a experiência dos seus movimentos. E preferiu afastar-se da peleja, obedecendo a um mandamento de sua vontade, como aquela Sanseverina que, aos 31 anos, ainda estuante de vida, trocou o mundo por seu retiro, no romance de Stendhal.

Toda existência do evocador erudito de *Um Romance Antigo* é uma lição meticulosa de previsão e prudência. Por isso, assim como ele dispôs a vida, de forma que nada lhe faltou na hora do outono, dispôs também a morte, para que tudo estivesse à feição de sua vontade, quando lhe chegasse o último alento.

E assim foi.

Na forma severa de um pequeno templo grego, que lhe condizia com o espírito clássico, construiu Cláudio de Sousa o seu sepulcro, sem esquecer, nas linhas sóbrias dessa morada final, que ali ia residir um homem que tivera a paixão do Teatro: em cada lado do frontão do túmulo, mandou colocar em relevo duas máscaras, uma chorando e outra rindo, no simbolismo tradicional da Tragédia e da Comédia.

Consagrado inteiramente, nessa etapa final de sua vida harmoniosa, aos labores do Pen Clube, em cuja presidência soube ser igualmente um guia e um mecenas, Cláudio de Sousa, juntamente com a companheira que lhe encantou o destino com a sua dedicação e a sua ternura, costumava reunir, todos os anos, a 22 de dezembro, sob o pretexto do Natal dos Escritores, os poetas, os ensaístas e os novelistas congregados por sua diligência na associação idealizada por Galsworthy.

No mestre de *A Vida e o Destino*, quando o escritor dava à pena a disponibilidade do tinteiro, surgia no companheiro de sociedade o conversador

admirável. E assim ele volvia a ser homem de teatro, como ao tempo de Molière – era autor e ator, na graça de sua palestra.

Esse homem de espírito, que sabia ser conviva e mestre, fazia do Natal dos Escritores, que ele pacientemente organizava com especiais desvelos, uma festa de companheiros.

Mas quero crer que a ninguém Cláudio de Sousa jamais revelou que, nessa reunião de amigo, invariavelmente realizada na mesma noite de cada ano, estávamos também celebrando, sem dar por isso, uma linda efeméride, que correspondia, a um só tempo, a uma data na história de nosso Teatro e na biografia do Presidente do Pen Clube. Porque era o transcurso de mais um aniversário da noite de estréia de "Flores de Sombra".

## O TEATRO DE CLÁUDIO DE SOUSA

Por ocasião da representação de "A Renúncia" – peça que Cláudio de Sousa fez subir à cena logo após o êxito de duas comédias – o teatrólogo explicou de público, na homenagem que então lhe foi prestada pelos intelectuais paulistas, que o valor de seu trabalho estava no próprio título, isto é: na renúncia do aplauso que lhe era fácil obter com a exploração da comicidade das peças anteriores.

Bergson era de opinião que o riso tem sua origem na circunstância de que, onde esperávamos encontrar a liberdade e a vida, deparamos o mecanismo.

Em grande número dos teóricos do cômico – Spencer, Delage, Freud, par citar apenas uns poucos – iremos encontrar, por outras palavras, a aproximação do claro enunciado do conceito bergsoniano, que o velho Kant condensara nesta fórmula mais singela: "O riso nasce quando esperamos uma coisa e é outra que acontece."

Elemento substancial da comédia, o riso exige do teatrólogo, além da surpresa dramática, que comanda a ação teatral, a surpresa do cômico, que faz a graça da peça.

Creio, por esse motivo, que há na Comédia, muito mais que no Drama ou na Tragédia, a colaboração do artifício lúcido, que é a malícia superior do artista na formação da obra de arte.

Ao elaborar a Comédia, o escritor está na condição daquele rei da peça espanhola, o qual, ao enternecer-se, tratava de sair de cena. Porque há de manter, contrariando o fluxo emocional ou desviando-lhe o sentido, ao longo da ação teatral, a vigilância do cômico, que é, no dizer de François Germain, mais o antídoto do que a antítese do riso.

Para fazer sentir que o Teatro, como condensação da vida, não pode circunscrever-se à comédia, Schopenhauer afirmou que esta deve apressar-se em fazer cair o pano à hora do desfecho feliz, a fim de que não vejamos, numa ameaça à pureza de nosso riso, o desenvolvimento de um drama ou a eclosão de uma tragédia.

No teatro de Cláudio de Sousa, a comicidade não condizia com as inclinações de seu autor. Como um mestre de seu ofício, ele conhecia a fórmula fácil do riso, que faz estourar a gargalhada a um gesto ou a uma palavra do ator no palco – mas propendia para o teatro que deixa no espectador emocionado um traço de meditação sobre os problemas da vida.

Em 1914, quando o meu antecessor na cadeira de Martins Pena começou verdadeiramente a fazer literatura dramática, foi essa a lição que ele, com o propósito de renovar a cena brasileira, habilmente recolheu do Teatro francês, sob o influxo do realismo psicológico de Henri Bataille, Georges Porto-Riche, Maurice Daunay, Henri Bernstein e Paul Hervieu, que então dominavam a cena parisiense, com irradiação verdadeiramente universal.

Em 1896, quando Cláudio de Sousa escreveu a sua primeira peça, e 1914, quando afirmou em definitivo a sua vocação de teatrólogo, vivera o teatro francês o fim e o princípio de duas experiências extremas: a de Antoine e a de Jacques Copeau.

Embora houvesse escrito as suas melhores peças precisamente no período em que Copeau, assistido por Gide, Duhamel e Jules Romains, punha em execução a técnica revolucionária dos meios-tons, obedecendo à lição wagneriana que preconizava a fusão das artes no proscênio, o teatrólogo brasileiro se manteve fiel ao realismo psicológico, que sucedera à experiência de Antoine e era a convergência destas duas contribuições: o artificialismo de Sardou e o realismo de Henri Becque – para não aludirmos ao simbolismo, que irrompera no Theatre d'Art e impusera num relance o renome de Maeterlinck.

Essa maneira de fazer Teatro ajustava-se ao temperamento e ao espírito criador de Cláudio de Sousa, que, nos moldes do realismo psicológico, escreveu as peças mais representativas de seu talento dramático. Ele próprio reconheceu, entretanto, no início de sua missão renovadora do teatro brasileiro, que era necessário, para a reeducação do público, o apelo à comédia que sabe alternar a emoção e o riso e de que nos deixou o melhor modelo na urdidura sentimental e cômica das "Flores de Sombra".

Alfredo Pujol, ao receber Cláudio de Sousa em nome da Academia, resumiu as impressões de seu entusiasmo pelo Teatro do novo acadêmico, na afirmação de que, no final da estréia de uma de suas primeiras peças, experimentara a emoção de estar em Paris, numa *première* de Henri Bataille.

Como Henri Bataille, o mestre de "O Turbilhão" soube aproveitar, na graça de seu Teatro, a nota romântica, que faz a beleza de *Tendresse* ou de *L'Homme à la Rose*, e uma propensão congênere para encontrar na moda e nos modos femininos a observação cômica, a grandeza de moralista e a frase de espírito.

Atentai, por exemplo, para este reparo de um personagem de "Os Bonecos Articulados" e tratai de desmenti-lo sem dificuldade, senhoras que me ouvis: "As mulheres dispõem de dois reservatórios de lágrimas: um, no coração, escasso, e outro, na cabeça, abundante. As do cérebro caem por gravidade, sem esforço, porque estão mais altas que os olhos. Basta que inclinem um pouco a cabeça."

Na mesma comédia, Cota, infatigável leitora de romances, conta à velha Cipriana o enredo de um deles, no qual certo rapaz, apaixonado por uma senhora casada, salva-a da morte, doando-lhe seu sangue. Ao ouvir isto, indaga a velha, com a moral de seu bom senso:

– E o sangue do marido não servia?

– Talvez – redargúi molemente a moça –, mas deixava de ser romance.

Vós que escrevestes, senhor Presidente Rodrigo Octavio Filho, um belo ensaio sobre a moda feminina, anotai como Pedro, o saudosista insubmisso de "O Turbilhão", descreve as saias de outrora: "Uma grande armação de arame, a enorme roda dos donaires, e tufos, e mais tufos, que punham os homens distantes."

E como a ação da peça ocorre em 1919, não será demais que recordemos, desse mesmo personagem de Cláudio de Sousa, uma profecia perigosa, a qual, volvidos trinta anos, felizmente ainda não se cumpriu: "Descem os decotes cada vez mais, encurtam-se as saias... não sei... mas um dia o decote e a barra da saia acabam por encontrar-se."

Se à luz de uma crítica por demais severa os excertos aqui recordados parecem guardar uma que outra tonalidade levemente frívola, isto se deve tanto à intenção, que animava o teatrólogo, de refletir a sociedade de seu tempo, como ainda à circunstância de que a literatura teatral francesa mais em voga encontrava seus melhores acordes batendo exatamente nessa tecla.

Na tonalidade fácil desse estilo, sempre houve a densidade do rigor purista, nos oitenta volumes que Cláudio de Sousa perfilou nas estantes. Na frase direta e leve, que banhava de claridade intensa os seus temas eletivos, ele conciliou a língua depurada e a expressão correntia – e daí o cunho escorreito, de acentuada intenção casticista, que lhe domina, como luz de aurora na planície, a obra copiosa que se percorre sem tropeços.

A limpidez clássica, na maioria dos escritores que buscam a perfeição castiça, se resume na conquista obstinada e paciente, que Valéry expressou nesta definição: o gosto é o resultado de mil desgostos. Mas há também os que atingem a limpidez ideal por um dom da natureza, como no caso de São Francisco de Sales, de quem dizia Sainte-Beuve, para resumir-lhe a facilidade da escrita, que bastava levantar do papel a pena impetuosa para que seus períodos estivessem perfeitos.

No seu zelo constante pela pureza da língua, o teatrólogo de "A Renúncia" foi além da lição de seu próprio exemplo, porque freqüentemente chamou a si o cuidado de uma pregação direta e objetiva em defesa do idioma. E por isso são freqüentes, nas sucessivas edições de seu teatro ou de sua novelística, as notas de pé de página, em que o autor aclara pontos controversos da língua portuguesa. Principalmente no teatro, esse cuidado do escritor pelo instrumento essencial de seu ofício transparece com uma luz mais viva e irradiante, quando são os próprios personagens que debatem questões de linguagem.

Enquanto o Clodoaldo de "O Turbilhão" condena o emprego do galicismo *bouquet*, em favor do vocábulo *ramalhete*, que está nos glossários da

língua portuguesa, o Bernardo de "Eu Arranjo Tudo", ao valer-se da palavra "vesperal" numa de suas falas, explica ao interlocutor este recurso novo do idioma, dizendo-lhe: "É um termo que o Cláudio de Sousa criou para substituir *matinée*".

Sem resvalar nos excessos do Calisto Eloy camiliano, não raro o dramaturgo de *A Arte de Seduzir*, no seu porfiado empenho pela pureza do idioma, batia-se galhardamente pelo impossível.

Quando o anglicismo *foot-ball* entrou no léxico brasileiro, o escritor de *As Sensitivas* tudo fez para repatriá-lo, com o argumento de que não necessitávamos desse adventício arrevesado, pois já tínhamos nos glossários o termo que lhe correspondia: o vocábulo "fubeca".

Por igual motivo impugnou a palavra *sandwich*, a que contrapôs o vocábulo "casadinho", investido – no seu entender – da mesma significação.

Ao galicismo *claque*, o teatrólogo não batia palmas e sugeria que, em seu lugar, empregássemos, com idêntico resultado e igual ruído, a expressão *palmeadores*.

No combate ao estrangeirismo e em prol da limpidez do idioma, Cláudio de Sousa seguia mais um exemplo do mestre de teatro que fundara na Academia a Cadeira de Martins Pena. Em verdade, Artur Azevedo, não se contentando em bem escrever pela gramática de Sotero dos Reis, meticulosamente aprendida em sua terra natal, de quando em quando se arvorava em paladino da linguagem, floreando o aço da pena em estocadas deste teor:

> Ou no livro ou na gazeta
> Só termo alheio se meta
> Quando dele se precise.
> Se temos mala e maleta,
> Para que dizer valise?

Ao tempo em que a Academia debatia todas as semanas os verbetes de seu dicionário, Cláudio de Sousa teve ensejo de propor, numa das sessões de vigília de armas pela pureza da língua, que se substituísse o galicismo *garage* por esta palavra portuguesa: "autococheira".

E foi então que Humberto de Campos, de ouvido atento à sugestão do confrade, risonhamente o advertiu nestes termos: "Se V. Exa. procurar, tarde da noite, uma autococheira para guardar o seu carro, estou certo de que V. Exa. ficará com o seu carro na rua." Nessa pugnacidade inquebrantável de cavaleiro andante, para quem a língua equivalia à Dulcinéia de seus cuidados, Cláudio de Sousa estava longe de aceitar a tese de Ortega y Gasset, segundo a qual os erros de linguagem constituem o melhor testemunho da vitalidade de um idioma. Nosso confrade queria a língua escoimada de vícios e impurezas, ao mesmo tempo bela, plástica e bem nascida. Na Itália do século XVI, o dramaturgo de *A Renúncia* teria pertencido à Academia de Florença, tanto por seus méritos de homem de espírito como por seu cuidado meticuloso em separar pacientemente o joio nos trigais do idioma.

Esse pendor de mosqueteiro da língua levou naturalmente Cláudio de Sousa à religião do classicismo, que é a imposição do hábito aos que fazem do casticismo o seu noviciado. E foi também pelo caminho do espírito clássico que o teatrólogo mais facilmente alcançou, nas suas jornadas de homem de letras, a estrada real que o trouxe festivamente a esta instituição.

Cláudio de Sousa não se adiantou ao seu tempo, escrevendo para o futuro: escreveu para o meio onde vivia e falou, com elevação e beleza, para os seus contemporâneos.

## ASPECTOS DE UMA CRISE

Num pequeno e primoroso ensaio sobre o legado de arte da obra de Anatole France, observou recentemente Claude Aveline que, das três espécies de glória que a civilização proporciona a um homem vivo – a glória do ator, a glória militar e a glória do escritor – somente subsistem, no panorama da vida moderna, as duas primeiras.

A glória do homem de letras teve no criador do Abade Coignard o seu derradeiro representante, porque, com esse mestre universal da dúvida, na realidade parece ter desaparecido do mundo contemporâneo.

A glória dos escritores vivos, extinguindo-se, assim, repentinamente, no primeiro quartel deste século, pode ser explicada, no seu crepúsculo triste,

pelo desencontro flagrante entre o mundo moderno e os grandes artistas da palavra.

Em 1937, escrevendo sobre o destino das Letras em face da civilização contemporânea, e após assinalar o desajuste entre os vertiginosos progressos da técnica e a lenta evolução dos valores literários, Paul Valéry perguntava, numa sombra de profecia trágica, se uma literatura puramente auditiva não substituiria, em futuro próximo, a velha literatura escrita.

A nova literatura auditiva poderia significar a conjugação feliz da glória literária e da presença do escritor, como ao tempo dos menestréis e jograis, se esta presença não fosse igualmente dispensada pelas técnicas modernas de retenção do som e de fixação das imagens.

Dez anos depois da dúvida enunciada pelo criador de Mr. Teste, Jean Paul Sartre esboçou a análise da situação dos intelectuais diante dos novos tempos, para então evidenciar, no exemplo dos escritores franceses, sob o peso de cento e cinqüenta anos de aprimoramento da língua como instrumento de expressão burguesa, uma perigosa tendência à dissociação entre o refinamento da arte literária e a vida que essa arte deveria traduzir.

A tradição da cultura literária, à luz violenta da opinião de Sartre, longe de constituir uma disposição benéfica, agiria como elemento negativo de perturbação de arte através do contingente de artifício cômodo, sem a imanência das emoções verdadeiramente vividas, que o passado precipitaria no presente, na extrema facilidade expressional da língua depurada.

Dessa forma, enquanto Paul Valéry, em 1937, se mostrava apreensivo quanto ao futuro das Letras, pelo receio da superação da literatura escrita, - Jean-Paul Sartre, em 1947, denunciava as deficiências de uma literatura que, em vez de expandir-se, propendia a entravar-se na excessiva perfeição de sua língua clássica.

Os dois problemas, enunciados por escritores de geração e espírito diversos, apenas acentuam a existência de uma crise de ordem geral, que incide sobre a arte literária, tanto em seu processamento técnico como nos dois aspectos sociais de sua repercussão: a influência no público e a glória contemporânea do homem de letras.

A crise apresenta três modalidades principais, assim resumidas: crise do escritor como autoridade, crise das técnicas literárias e crise da Literatura como instrumento de opinião.

Durante a vigência do Romantismo, a autoridade do escritor decorria das soluções emocionais ou sentimentais que a Literatura proporcionava ao grande público: o *Werther* goethiano indicou o caminho do suicídio a namorados em desespero, como *A Cabana do Pai Tomás* instantaneamente contribuiu para a redenção dos cativos americanos.

No esplendor do classicismo, a autoridade do homem de letras havia sido uma decorrência, em grande parte, do mestrado de seu ofício: o que sobretudo se pedia à Literatura era que fosse literária, obedecendo fielmente aos moldes antigos, que lhe competia restabelecer.

Ao escritor moderno escapam, simultaneamente, o virtuosismo dos clássicos e a missão social dos românticos.

Vivendo uma fase da História, em que a cada instante se multiplica a interrogação das encruzilhadas, dir-se-ia que ao homem de letras – como a luz hugoana a marchar à frente do povo – competia a responsabilidade premente de indicar à humanidade os roteiros a seguir. Mas o próprio escritor não escapa à condição de vítima da crise, e a sente, e a compreende, e a padece, talvez de maneira mais intensa que o resto dos homens, porquanto, além do desespero de vivê-la lucidamente, vive ainda a angústia de não encontrar-lhe uma solução.

Na terminologia usual de teóricos e analistas, a Literatura de nosso tempo, de acordo com a sua atitude de indiferença, omissão ou calculada participação nos fenômenos circunstantes da vida social, é considerada como gratuita, pura ou comprometida.

A gratuidade literária, alastrando-se como se pertencesse à categoria das enfermidades contagiosas, corresponde ao uso vadio e bem comportado da palavra escrita. Não se esquiva nem interfere nos problemas essenciais da realidade contingente, porque não tem missões a cumprir nem aspira às supremas especulações da arte.

No afã microbiano de multiplicar-se, a Literatura gratuita vive egoisticamente para si mesma, no jogo mais ou menos destro da escrita. É a distração dos sibaritas da palavra, que esbanjam a riqueza que não ajudaram a entesourar.

Sem o lastro conveniente de meditações e agonias humanas, a condição inflacionária desse tipo de esbanjamento verbal, no mundo do papel impresso, contribui sensivelmente para a desvalorização da autoridade do escritor.

Por isso os que vivemos, como sugeria Ruskin, para a religião da Beleza, deveríamos estatuir para a Literatura, que é verbo, o que está estabelecido em relação a Deus, que essencialmente o é: não permitir que se empregue em vão o seu santo nome.

A principal tendência da Literatura pura de nossos dias, no plano superior da manifestação poética, é mais a expressão do indivíduo do que a fácil comunicação dos espíritos – ao contrário do que ocorreu na Literatura dominante no século passado – tanto a naturalista quanto a romântica – e que conciliava a especulação estética e a missão social, numa forma que facilmente atuava sobre a sensibilidade coletiva do público e das multidões.

André Malraux assinalou que o fato capital da Literatura, nos últimos tempos, tem sido precisamente a substituição da escritura, que expressa uma arte – pela tonalidade, que expressa uma pessoa.

A Literatura, colocada nos termos da observação de Malraux, distancia-se do grande público, para refluir sobre si mesma, buscando enriquecer-se na medida em que particulariza como expressão pessoal: em vez de pretender que o descubram, o artista procura descobrir a si próprio, ao contemplar-se no seu espelho de palavras.

Na antiguidade clássica, ao fazer a defesa da poesia que exprime sentimentos estranhos ao poeta, Píndaro se converteu no primeiro grande teórico de uma das modalidades mais vis da literatura comprometida – aquela em que o escritor se compromete à revelia de suas convicções.

Essa modalidade subserviente de Literatura, com finalidades alheias à arte, exige do escritor que seja, o mais das vezes, um simulador ou um instrumento, com a implícita abdicação essencial do supremo direito de sua liberdade.

Torna-se indispensável exigir da arte da palavra, a fim de reabilitá-la no âmbito de seus próprios domínios, que as Letras espelhem estas três fidelidades básicas: a fidelidade do homem às suas convicções, a fidelidade do escritor ao seu tempo e a fidelidade do artista à sua arte.

Como um novo testemunho dos assinalados merecimentos do meu antecessor na cadeira de Martins Pena, não posso esquecer que foi Cláudio de

Sousa, na Presidência do Pen Clube, quem convocou a atenção do Brasil, no transcurso do terceiro centenário da *Aeropagítica*, para este documento fundamental da história do pensamento livre e em que Milton, na Inglaterra formalista do século XVII, vitoriosamente advogou a causa dos escritores, em face da opressão vilipendiadora das censuras oficiais.

A literatura comprometida, em grande número de casos implicando na degradação da palavra como arte literária e impelindo freqüentemente o homem de letras à íntima traição de suas idéias e opiniões, leva-nos à convicção de que, tão nefasta quanto a censura oficial do que se escreve, é a liberdade individual de escrever o que não se pensa.

As três modalidades principais em que se dissocia a literatura moderna intensamente contribuem, cada uma a seu modo, para o extravio da autoridade do escritor e o conseqüente enfraquecimento da arte literária como instrumento de opinião.

Enquanto a literatura pura, requintando-se na elaboração de sutilezas expressionais, se encerra na sua alta e distante torre de marfim, a literatura gratuita desprestigia a arte da palavra por sua vulgarização inoperante, ao mesmo tempo que a literatura comprometida, desgarrada de seus fins estéticos, é por vezes o vocábulo subalterno, de conteúdo duvidoso e sem força para atuar em plenitude.

Esses aspectos da crise que envolve as Letras – e que são o reflexo de uma crise mais ampla e angustiante: a crise de nosso tempo – explicam de algum modo, com o flagrante desencontro entre o mundo moderno e os grandes artistas da palavra, a precariedade atual da glória literária, no esmorecimento melancólico do prestígio dos homens de letras.

Longe vai o tempo em que o grande Frederico, interpelado sobre que rei temia na Europa, logo respondeu:

O rei Voltaire.

No século XX nenhum homem de letras pôde ainda arrebatar a um Voltaire, a um Chateaubriand ou a um Victor Hugo, a glória universal da represália da pena.

Com o prestígio crescente de novas técnicas, que manipulam a opinião sem o concurso dos puros homens de letras, parece-nos que o mundo dos nossos dias, apartando-se sensivelmente dos valores literários, deixou de inti-

midar-se ante a reprimenda de seus grandes poetas, como se intimidou Luís XIV, para benefício de seu reinado e maior glória da poesia, diante da censura velada de um escritor de gênio – e abandonou pensativamente o teatro, ao compasso dos versos de Racine.

Há dois mil anos, quando o corpo de Virgílio desceu ao silêncio do túmulo, narra a tradição que um loureiro irrompeu do fundo da terra e lentamente estendeu a sombra de seus ramos sobre a campa do Poeta.

No curso de vinte séculos – diz ainda a lenda evocativa – mãos profanas têm arrancado as folhas e quebrado os ramos do loureiro, e a árvore, ao longo de dois milênios, renova o vigor de seus galhos, como se quisesse realmente competir, na perenidade de sua seiva, com a imortalidade dos versos legados à humanidade pelo Poeta que ali descansa.

Esse loureiro virgiliano, reviçando quando lhe quebram os ramos e encontrando nessas profanações o segredo de seu vigor, é uma lição que sobe da terra, como a mais bela das alegorias de esperança na glória dos escritores.

Nesta hora de apreensão universal para o destino da Literatura, não nos esqueçamos também de que as Letras, no desmoronamento das velhas idades, conseguiram superar, com o fulgor da Renascença, a longa crise de um milênio, em que Deus, monopolizando a glória, foi o rival do Poeta, sob os influxos do espírito ascético do Cristianismo medieval.

E enquanto rugem os ventos, prenunciando o desencadear da tormenta maior, na cólera dos elementos convulsionados, instituições como esta Academia, longamente experimentadas nos temporais, constituem os refúgios seguros, onde ainda podemos encontrar, no ambicionado alento de melhores dias, a sinceridade daquela fé, humildemente baseada nas dúvidas e hesitações, que levou São Manuel Bueno à eterna glória do Senhor, no desfecho alegórico de uma novela de Unamuno.

## REVELAÇÃO DA ACADEMIA

Nascido numa cidade que sempre soube guardar o culto das letras clássicas, eduquei-me na compreensão de que a Academia Brasileira, reunindo os

altos espíritos, que aqui se identificam na mesma teoria de valores intelectuais, realizava entre nós a suprema consubstanciação da glória literária.

Eu tinha notícia do culto e de seus sacerdotes: a Academia, com a tradição de seu cerimonial, proporcionou-me a idéia objetiva do templo suntuário onde esses sacerdotes oficiavam a imponência de seu culto.

Foi através das páginas de uma antologia escolar que me inteirei da existência desta assembléia, onde um dia fulgiram, com inextinguível esplendência, alguns dos grandes escritores que primeiro despertaram, no íntimo de minha natureza ensimesmada, o vivo e inefável sentimento da emulação, de que se nutrem as vocações no mistério de seus anseios iniciais.

Muita coisa guardei na memória, como traço de toda a vida, ao contacto desse florilégio das escolas.

Ainda hoje, quando ouço ou leio o nome de Coelho Neto, logo lhe vejo o retrato na folha do meu compêndio, enquanto escuto dentro de mim, ressoando o seu ritmo largo, a prosa do narrador incomparável: "Cravei as esporas no meu cavalo e, em pouco, alcançava a orla da estrada. Era grande, a inexplorada selva primitiva..."

No quadro dessas evocações involuntárias, o Visconde de Taunay nunca será o pintor da *Retirada da Laguna* ou o fascinante evocador das batalhas do Prata, e sim o aquarelista dos painéis românticos de *Inocência*, em cujas tintas sempre hei de encontrar, ao simples enunciado da glória do escritor, aquela estrada que se desenrola "à maneira de alvejante faixa".

Aluísio Azevedo é o artista de uma água-forte: o quadro da pedreira, que rebrilha ao sol a pino, no sonho de Magda.

E Euclides da Cunha, por mais que eu acompanhe deslumbrado os compassos nervosos de seu estilo, na epopéia dolorosa de Canudos, sempre dirá ao meu ouvido, na indelével ressonância das primeiras impressões: "O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral."

Páginas inteiras recolhi-as dentro de mim, como o cantador do sertão guarda os seus cantos. E basta o toque leve de uma solicitação instantânea, para que elas me refluam à consciência, íntegras e belas, na tonalidade exata que lhes deu por vez primeira a minha voz.

E não é raro acontecer que, sem qualquer estímulo externo, elas irrompem e cantam, e eu me ouço dizendo para mim, nas horas em que o homem, parecendo distante, se acha mais perto, porque está dentro de si mesmo.

Se a cólera que espuma e a dor que mora
Na alma e destrói cada ilusão que nasce...

Na notícia biográfica que acompanhava esses trechos seletos, eu lia a indicação freqüente de que seus autores pertenciam aos quadros da Academia Brasileira.

O Machado de Assis que me narrara, com um doce tom de melancolia resignada, o apólogo da agulha e da linha – fora daqui. Daqui fora o Afonso Arinos que evocara, na larga solidão do campo, a sentinela vegetal do buriti perdido. E por aqui passara o Bilac que despertava para ouvir estrelas. E o Alberto de Oliveira "A vingança da porta". E o Luís Guimarães que, ao regressar à casa paterna, desatara comovidamente a chorar, quando sentira que:

Uma ilusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade.

É compreensível que a minha imaginação juvenil, tocada pelo raio de sol que resplandecia na indicação habitual das notícias biográficas da antologia escolar, se inclinasse a decompor a luz nas cores do prisma, e a idéia que formei em mim, sobre a Academia Brasileira, na ambiência de tradições literárias da terra natal, era a mesma de Jacques Tournebroche sobre a Academia Francesa, nas conversas com o Abade Coignard: um Areópago da Poesia e da eloqüência.

Mais tarde, ao conviver com algumas das magnas figuras desta Casa – notadamente Rodolfo Garcia e Afrânio Peixoto, para citar apenas dois mestres e dois grandes mortos – pude facilmente concluir que não assiste toda a razão a Flaubert, quando nos adverte, com o espinho literário dos grandes desencantos, que, se tocamos em nossos ídolos, logo nos fica o doirado na ponta dos dedos.

A primeira antologia, fazendo apontar em mim a sedução literária, deu-me o gosto das outras, nessa encantada transição da adolescência.

E antes que eu me deslumbrasse, no jogo inquieto e surpreendente dos dicionários bilíngües, com o texto milenar da Antologia Grega, vi assomar à minha frente, solenes e opulentos como os elefantes carregados da caravana de um marajá, os 24 tomos escuros e compactos da *Biblioteca Internacional de Obras Célebres* –, de cujo bojo saístes vós, senhor Luís Edmundo, com a airosa cantiga de um poema da juventude, e de onde igualmente irrompestes, senhor Viriato Correia, com o conto magistral em que um bando de cativos busca pelo sertão cerrado o corpo apodrecido da senhora de escravos.

Ao alongar o olhar pelos escampados do torrão maranhense, quantas vezes tenho escutado o grito plangente desses negros, clamando em vão pela Sinhá dona! E é como se fosse um eco de meu passado, realmente captado na sonoridade de suas vibrações, o que vossa pena de adolescente atirou ao papel, no ritmo de uma página literária que eu tive sorte de ler na amplidão alpendrada de uma casa de fazenda, na mesma paisagem colorida que fostes buscar para servir de painel ao vosso conto.

Os trechos escolhidos, que esses florilégios me proporcionaram quando o adolescente se despedia do menino, corresponderam ao mostruário opulento dos tesouros que me aguardavam no recolhimento das estantes.

E aponto um exemplo, apanhado entre muitos.

A página em que Coelho Neto crava as esporas no cavalo e investe pela selva, no fragmento da coletânea escolar, teve para mim a força de um incitamento. No rastro de seus passos impetuosos, marchei ao encalço do cavaleiro romântico e penetrei na intrincada floresta de seus volumes, desde as *Baladilhas e Rapsódias*, que me perturbaram os sentidos, até a *A Conquista* e o *Fogo Fátuo*, que me deram a chave de prata da cidade encantada onde Paula Ney dominava como Príncipe do Espírito.

As antologias da juventude, antes que a maturidade mais ou menos me adestrasse no trato dos manuais bibliográficos, foram os meus primitivos guias de ruas na cidade dos livros. Não precisei de outros cicerones, para orientar meus passos nas infindáveis avenidas. E pude caminhar sozinho, sabendo o que buscava e o que iria encontrar, sem jamais regressar desses passeios com o desencanto das jornadas perdidas ou dos endereços equivocados.

Foi assim que se desenvolveu, na minha natureza retraída, esta paixão deliciosa da leitura que vai lentamente circunscrevendo às linhas impressas o horizonte dos meus olhos.

Proust encontrou no fundo de sua xícara de chá o passado esmaecido. A mesma ressurreição tenho experimentado em mim sentindo que refluem ao lume da água os meus mundos submersos de emoções esquecidas, quando pouso os olhos distraídos nos velhos livros que me encantaram a adolescência e que me permitiram muitas vezes vir a esta Casa, sem que eu saísse da minha província.

E como vou entrando naquela idade em que o homem, no dizer de La Rochefoucauld, não mais podendo dar maus exemplos, se consola dando bons conselhos, permiti que vos diga, eminentes confrades: entrai nas antologias, todos vós que acalentais o sonho do renome imperecível.

A glória não há de ser a soma de equívocos que se faz em volta de um nome novo – como pensava Rilke. Nem o cigarro posto na boca pelo lado da cinza – como queria Daudet. A glória é uma descoberta da juventude que a maturidade deve um dia ratificar.

Em que pese a malícia corrosiva de Luciano, no famoso *Diálogo dos Mortos*, o testemunho do gênio de Sócrates, que o faz perdurável, é uma dádiva de seus discípulos, por intermédio do reconhecimento de Platão.

E não vos esqueçais deste reparo do velho moralista: "Só as emoções que experimentamos antes dos trinta anos podem encantar-nos para sempre."

No discurso com que exaltou na Sorbonne a tranqüilidade operosa da vida provinciana, Renan se esqueceu de observar que é na província, com o prestígio e a perspectiva da distância, que intensamente reluz, na plenitude ideal de seu brilho, a glória das Academias.

Na minha cidade natal, ouvindo o sussurro das palmeiras que se perfilam, como se fossem as colunas de um templo, em volta da estátua de Gonçalves Dias, jamais deixei de acompanhar, à feição de quem segue com o olhar o movimento dos astros na noite constelada, o que se passava na Casa de Machado de Assis.

Na distância de minha província, pude estar aqui quando estes salões se iluminaram para acolher festivamente os novos companheiros. Sem perder de vista os horizontes de minha ilha, escutei os vossos poetas e prosadores, lá

de longe, no recorte azul da baía de São Marcos, onde todos nós, ouvindo cantar o sabiá no leque das palmeiras, romanticamente acreditamos que

As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

E era com a emoção alvoroçada de quem recebe notícias de velhos amigos que eu lia, no texto da revista que a Academia trimestralmente publicava, a resenha minudente de seus trabalhos, para saber por onde andavam as cigarras cantadoras de Olegário Mariano ou o que era feito daquelas barcaças pernambucanas que Adelmar Tavares carregava de saudades.

Posso dizer que foi lá que vos ouvi, senhor Múcio Leão, quando louvastes, com a vossa erudição e o vosso espírito crítico, a vida e a obra de meu conterrâneo Humberto de Campos, e também a vós, senhor Embaixador João Neves da Fontoura, quando celebrastes outro maranhense ilustre, no primoroso discurso em que deixastes demonstrado que a Política na Literatura, ao contrário do que pensava Stendhal, nem sempre é um tiro de pistola no concerto, porquanto, saindo por instantes da tribuna parlamentar, fizestes facilmente do louvor a Coelho Neto, nos rigores da tribuna acadêmica, uma página modelar, como forma e perfil literário.

E agora desejo que recordeis comigo, para finalizar este meu discurso, a doce figura daquele Anjo caído que, tendo encontrado em Paris um amigo companheiro, também egresso da glória de Deus, o levou ao quarto onde morava e aí lhe mostrou, abrindo as portas de um armário, duas grandes asas angelicais, recortadas contra o fundo da peça:

Estás vendo – disse o Anjo ao colega –, eu conservei minhas asas. De vez em quando, ao sentir-me só, venho aqui olhá-las, e isto me faz bem.

Cada um de nós, ao transpor a maturidade, é um exilado dentro de si mesmo, com a nostalgia de um paraíso perdido, como o Teófilo Belais da fantasia de Anatole France. E é bom que tenhamos guardado, na memória dos dias idos e vividos, as grandes asas de outrora, para com elas regressar, num milagre repentino de saudade, ao mundo que nos encantou.

Num relance, circunvagando o olhar por esta Casa, procuro comparar, na memória do tempo morto, a Academia que hoje me recebe e a Academia que vi sair do velho texto da antologia escolar, nos dias da adolescência.

E sinto-me mais feliz, na glória deste instante, do que, no seu quarto de expatriado, o personagem de Anatole France, ao contemplar as belas asas com que descera dos céus.

Porque, unindo o passado ao presente, no confronto do deslumbramento desta hora com as emoções resurrectas de minha juventude, jubilosamente verifico que, ao volver as folhas do meu compêndio, na tranqüilidade feliz da província natal, eu vos havia imaginado, senhores acadêmicos, exatamente como sois.

# II

# RESPOSTA DO SR. VIRIATO CORREIA

## OS ACADÊMICOS JOVENS

Um dos pontos impressionantes de vossa entrada nesta Casa é a verde idade que trazeis.

A Academia é um solar de gente outoniça e de gente velha e vós aqui estais entrando com a fresca primavera dos vossos 37 anos.

– É moço demais! exclamou-se, lá fora, quando vos elegemos.

Todo mundo estranhou que chamássemos aqui para dentro uma criatura que nem ao menos havia transposto as fronteiras da madureza, período em que, ao que se diz, os intelectuais atingem a plenitude da personalidade.

Até vós, ao que parece, não tivestes confiança na vossa juventude e procurastes ampará-la em outras juventudes que aqui entraram antes de vós. Com abundância de exemplos trouxestes para o tablado as figuras de Magalhães de Azeredo, de Medeiros e Albuquerque, de Olavo Bilac, de Pedro Rabelo, de Coelho Neto, de Graça Aranha, de Guimarães Passos, de Pedro Calmon, de Gustavo Barroso, de Aloísio de Castro, de Hélio Lobo e de Ribeiro Couto, que aqui chegaram com idade menor que a vossa, e de Múcio Leão e de Osvaldo Orico que, com a vossa idade, aqui chegaram.

E o vosso acanhamento em entrar tão moço para a ilustre Companhia se acentua no instante em que, achando insuficiente e prata da Casa, batestes

à porta da Academia Francesa, para ir buscar no seu passado remoto, os exemplos de Armand de Combout e Germain Habert, que se fizeram eleger quase meninos, aos dezessete anos.

Mas, os exemplos que apresentastes são apenas exceções e, exceções, vós bem sabeis, servem somente para confirmar as regras e não para fazê-las.

Na história dos príncipes da Igreja vamos encontrar exemplos muito mais surpreendentes do que os que trou:xestes de nossa Academia e da Academia Francesa.

A púrpura cardinalícia é dignidade que, em geral, os prelados só adquirem quando alcançam a idade provecta. No entanto, houve rapazotes, e até meninos, que a obtiveram.

Antônio Della Noce ganhou o cardinalato ao completar dezoito anos. Rafael Riário, sobrinho do Papa Sixto IV, Francisco Maideschini, filho de um irmão de Inocêncio X, e Afonso Cerafa, colateral de Paulo IV, aos dezessete anos já possuíam o chapéu cardinalício. João de Médici que, aos trinta anos, subiu ao trono pontifício com o nome de Leão X, quando completava quatorze obtinha a púrpura de cardeal.

E há outros exemplos ainda mais chocantes: o Príncipe Fernando, filho de Felipe III de Espanha, vestia as calças curtas dos seus dez anos de idade, quando lhe impuseram o chapéu cardinalício. Luís de Bourbon, filho do rei espanhol Felipe V, vestiu a púrpura aos oito anos.

E há caso mais forte ainda: o principezinho Afonso, infante de Potugal, foi feito cardeal com sete anos apenas.

Mas, nem por isso se vai dizer que o cardinalato é honraria que pode ser conferida a pimpolhos. Os casos apresentados pela História são exceções que nunca mais se repetirão.

Sr. Josué Montello: na Academia, a vida começa aos quarenta anos. Os que aqui entraram com idade menor que a vossa representam a minoria. São muito poucos, e servem para mostrar que, nesta Casa, apesar dos cabelos brancos dos homens que a compõem, tem-se confiança e tem-se fé na mocidade, desde que ela venha carregada de brilho, de flores e de frutos como a vossa.

Fostes mau advogado de vossa própria causa. Não conseguistes, com os exemplos apresentados, justificar o vosso benjaminato. Não é que vos tivesse faltado engenho e arte, que engenho e arte tendes mais do que janeiros. O que

vos faltou foi coragem, ou melhor, a coragem sentiu-se tolhida pelas algemas da modéstia.

Vou ser vosso advogado. Vou explicar e justificar ao país as razões de vossa entrada prematura na Academia.

E vou ser, com certeza, mais feliz do que fostes.. Não é que eu seja mais hábil do que vós. É que eu não tenho algemas que me prendam. É que eu não me vou servir de exemplos alheios. Vou-me servir apenas do vosso próprio exemplo, de vossa própria vida, de vossa inteligência e de vossa obra literária.

E isso me é suficiente. Não preciso de mais ninguém do que de Josué Montello.

E, para conveniência de minha tarefa, permiti que eu vos deixe de falar diretamente, para me dirigir às pessoas que me estão ouvindo.

## UM PASTOR SEM VOCAÇÃO

Minhas senhoras e meus senhores:

Ouvi a história do escritor para o qual se abrem hoje as portas da Academia. Ouvi-a e depois direis se a Casa de Machado de Assis teve ou não razões para lhe abrir as portas.

Lloyd George, nascido de gente extremamente humilde e extremamente pobre, fora criado por um tio que era sapateiro e pastor evangélico E, como ele revelasse uma surpreendente vivacidade de inteligência, o tio resolveu fazer dele também pastor. E ele foi, com surpresa de seus parentes, o grande estadista inglês do começo do século.

Josué Montello nasceu num lar como o de Lloyd George.

Era um menino pacífico, bem comportado, mais silencioso do que falador, mais dado à contemplação do que às estrepolias próprias das crianças:

– Que excelente ministro dará este meu filho! –, dizia o velho Antônio Montello, pai do menino.

Não imaginem os senhores que o velho Montello fosse um sonhador que pretendesse ver o filho sobraçando uma pasta de ministro da Justiça, da Guerra, da Educação, ou qualquer outra pasta. O velho tinha a exata compreensão de sua simplicidade. O ministério que ele sonhava para o menino era

um ministério religioso. Queria que o filho fosse ministro, sim, mas ministro protestante – pastor de ovelhas da Reforma.

Na casa de Josué a religião era coisa séria e de todas as horas. Na parede das salas e corredores, havia quadros com versículos evangélicos. Numa estante de livros, atulhavam-se as brochuras e folhetos de polêmica religiosa. O velho Antônio, protestante ortodoxo, guiava a mulher e os oito filhos pela mais servera ortodoxia luterana. Aos domingos só se saía para ir a igreja. A Bíblia, na tradução clássica do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, era o livro sagrado que ele sabia de cor e que pretendia que a família de cor também o soubesse.

Todas as noites, com a família reunida, fazia-se a leitura do grande livro. Rotativismo de leitura: ao chegar ao Apocalipse, voltava-se ao Gênese; ao chegar ao Gênese, ia-se ao Apocalipse.

Foi a Bíblia o primeiro livro que Josué conheceu, mesmo antes de entrar para a escola. E logo que apreendeu a ler, o velho fê-lo leitor do livro sagrado, nos serões religiosos de todas as noites.

Um bom pastor de almas precisa estar profundamente infiltrado dos preceitos da religião. O velho Antônio Montello achou que somente a leitura da Bíblia não bastava para a formação religiosa do filho. E levou-o para o templo evangélico, na esperança de que ele cimentasse melhor a sua fé cristã ouvindo, com enlevo e com encanto, a substância doutrinária dos sermões do pastor. Tinha Josué, naquela ocasião, onze anos de idade. E aconteceu, senhores, o inesperado. Em vez de encantamento e de enlevo, o menino começou a dar mostras de desagrado e desinteresse.

E aconteceu coisa pior, senhores: o menino, em certas ocasiões, passou a interromper o pastor, fazendo perguntas e levantando dúvidas incomodamente atordoantes.

E pior ainda, minhas senhoras e meus senhores: o menino de onze anos, com uma insubmissão estarrecente, contestava o pastor, levantando tais objeções de doutrina que só a cabeça de um ateu podia formular. Os fiéis arregalavam os olhos escandalizados; o pastor, com jeito, procurava sair das dificuldades e o velho Antônio Montello (coitado do velho Antônio) coçava a cabeça, inquieto e decepcionado. A coisa chegou a tal ponto que a família

achou melhor que o menino, passando de projeto de pastor a ovelha preta do rebanho, não voltasse mais à igreja.

O pobre pai andou desolado por muito tempo. Que fazer daquele filho, do qual esperava tanta coisa, e que se mostrava incapaz de um bom caminho?

O velho Montello não era sapateiro como o tio de Lloyd George, mas tinha uma loja de sapatos. Ficava na antiga Rua dos Remédios, rua absolutamente fora da zona comercial, mas o mais largo e melhor caminho para a estátua de Gonçalves Dias.

Já que o menino, por seu temperamento insubmisso, não tinha queda para pastor de almas, o remédio era arranjar-lhe outra ocupação. E o velho Montello levou-o para a loja.

Ali mesmo em São Luís, no século XIX, João Francisco Lisboa havia feito o seu estágio num balcão, antes de alçar o seu vôo literário. E Artur Azevedo passara pela mesma escola, num armazém da Praia Grande, antes de molhar a pena no tinteiro para fazer versos e peças de teatro.

Para Josué a loja foi um castigo: de manhã à noite olhando prateleiras com caixas de sapatos ou vendo o caixeiro a calçar e descalçar os pés dos fregueses que apareciam.

Mas, num dia do ano, a sua alma enfarada se engalanava festivamente – era o dia 3 de novembro, aniversário da morte de Gonçalves Dias. Da porta da sapataria via ele as escolas em formatura descendo alegremente a rua, ao som de músicas, a caminho do Largo dos Remédios, onde se alteia, esguia e branca, a estátua do poeta. Não resistia à tentação. Largava o balcão e seguia a revoada das crianças.

Ao pé da estátua, os colegiais cantavam e depositavam flores.

Quem era aquela criatura modelada em mármore, que, todos os anos, naquela praça aberta para o mar, recebia a festa das escolas ? Um homem que escrevera versos – um poeta.

Ser poeta, então, valia alguma coisa, mais, talvez, do que ficar no balcão da loja, fiscalizando a freguesia.

– E o que será preciso para ser poeta? perguntou ele, no regaço de sua mãe.

Estudar. Sem estudar ninguém é nada, meu filho.

A leitura diária da Bíblia havia despertado no menino a gulodice da leitura. Livro que lhe caísse nas mãos era lido vorazmente. Pouco se lhe davam os fregueses que chegavam, querendo um sapato. Que esperassem! Só os atendia quando terminava a leitura da página ou quando chegava ao fim do capítulo.

De uma feita, sozinho na loja, por doença do caixeiro, passou a tarde lendo um dos volumes de *Dom Quixote*, na tradução de Castilho. De noite, ao fechar a casa, o velho Montello pôs as mãos na cabeça: tinham furtado da loja dezesseis pares de sapatos, enquanto Josué andava por terras de Espanha seguindo Sancho e o fidalgo manchego.

E assim mesmo não se emendou. Lia, lia, pensava, pensava e às vezes dormia sonhando com o que lia.

Deram-lhe, um dia, o livro de contos de Perrault. Josué atracou-se com o volume e enfiou os olhos na leitura. A sapataria que ficasse às moscas. Uma maravilha! "A Bela Adormecida no Bosque", o "Chapeuzinho Vermelho", o "Barba Azul", o "Pequeno Polegar" encheram-lhe a cabeça de sonhos alucinados.

Lia e relia os contos, cinco, dez, quinze vezes, enlevado, encantando com o maravilhoso daquelas histórias fascinantes.

## A BOTA DE SETE LÉGUAS

Uma tarde... era uma tarde morna e silenciosa, dessas tardes que amolecem e dão sono à gente. Lá fora, na rua, uma solidão de aldeia. Nem um freguês na sapataria.

Josué relia o livro. O calor foi-lhe fechando pouco a pouco os olhos. O livro caiu-lhe das mãos.

E ele adormeceu. E sonhou. (Até hoje não sabe se foi mesmo sonho). O certo é que seus olhos começaram a percorrer as estantes da sapataria.

E aconteceu o maravilhoso. Lá em cima, na útima prateleira da mais alta estante, havia uma caixa diferente entre outras caixas de sapatos. Que era aquilo? Quem havia colocado aquela caixa ali?

A curiosidade do menino fê-lo erguer-se da cadeira. Foi buscar a escada. Subiu. Voltou ao chão e abriu a caixa. Era o maravilhoso! Nada mais nada menos que a bota de sete léguas do conto de Perrault. O destino (o destino faz cada uma!) havia se colocado ali, ao alcance de suas mãos.

Calçou-as. Pareciam ter sido feitas na medida de seus pés.

E ele partiu pelo mundo afora.

Nada mais o deteve. As distâncias que as outras criaturas precisam de anos para percorrer, ele as percorria em minutos.

Ei-lo em viagem a jato pela vida.

Em 1933, apenas com quinze anos de idade, faz-se professor do próprio colégio em que estuda. Em 1934, lança os seus primeiros versos. Em 1936 sai de São Luís do Maranhão e ruma para Belém do Pará. Em Belém publica o seu primeiro livro. Em Belém, aos dezoito anos, torna-se sócio do Instituto Histórico do Pará. Em 1937 chega ao Rio. E não perde um minuto; atira-se a escrever nos jornais e revistas, e mexe-se, e mexe-se, e no mesmo ano é nomeado inspetor do Ensino Comercial.

No ano seguinte, por força de concurso e defendendo de público, em renhidas provas, uma tese sobre o sentido educativo da arte dramática, conquista o cargo de técnico de Educação.

E tudo vai acontecendo em vertigem, numa celeridade de estontear. Em 1939, com 21 anos, entra neste salão, ocupa-lhe a tribuna e faz uma conferência sobre o estilo de Machado de Assis. Em 1941, publica *Janelas Fechadas*, seu primeiro romance. Dois anos depois lança o ensaio biobibliográfico *Gonçalves Dias*, edição da Academia. No mesmo ano, como assistente do saudoso Rodolfo Garcia, faz o plano de reforma da Biblioteca Nacional. Ainda no mesmo ano faz representar "Precisa-se de um Anjo", sua primeira peça de teatro. No ano seguinte, é diretor dos Cursos da Biblioteca Nacional. Em 1945 e 1946 publica os seus primeiros livros infantis *Tesouro de D. José*, *Calunga* e *Bicho do Circo*, e o volume de ensaios que tem o título de *Histórias da Vida Literária.*

Não há nada que lhe detenha os passos, não há nada que lhe impeça a carreira.

Em doze meses acontecem-lhe tantas coisas que a qualquer de nós seriam necessários anos. Em 1948 traça Josué a reforma do ensino no Maranhão, publica *A Viagem Fantástica*, outro livro de criança, e escreve e publica "Escola da Saudade", sua segunda comédia, e é nomeado secretário-geral do governo de seu Estado natal.

E mais ainda: conquistou o prêmio de ensaio conferido pela Academia Brasileira.

As botas de sete léguas não lhe permitem parar. A velocidade é cada vez maior, cada vez maiores são as conquistas a que elas o conduzem. Em 1948 é nomeado Diretor Geral da Biblioteca Nacional. Em 1948 publica o romance *A Luz da Estrela Morta.* Em 1948, conquista o prêmio de Teatro da Academia. Em 1948, escreve *Problemas da Biblioteca Nacional.* Em 1948 lança à publicidade *A Cabeça de Ouro*, outro livro infantil.

Em 1950 as livrarias expõem dois de seus mais belos ensaios: *O Hamlet de Antônio Nobre* e *Cervantes e o Moinho de Vento*. Em 1952, escreve a novela *Labirinto de Espelhos*, e *Fontes Tradicionais de Antônio Nobre*.

Só? Não. Levanta aqui na Academia o prêmio de Romance.

Em 1953 lá está ele no Peru, em missão de nosso governo, regendo, na Universidade de São Marcos, a cátedra de estudos brasileiros.

Em 1954 traz a lume a peça "O Verdugo" e o ensaio *Ricardo Palma, Clássico da América.*

E antes que o ano termine, é eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada pela querida figura de Cláudio de Sousa.

Logo depois, a Universidade de São Marcos inscreve o nome de Josué no seu claustro quatro vezes secular, como catedrático honorário da mais antiga instituição de ensino superior do continente.

Ninguém pode com este homem. Onde, minhas senhoras e meus senhores, onde irá ele parar, se não se resolve a descalçar as botas de sete léguas que o destino lhe deu em forma de inteligência, de cultura e de operosidade? Onde?

## OS TROPEÇOS DO CAMINHO

Josué Montelio tem sido na vida um pupilo da celeridade. Tem-se a impressão de que não é ele quem vai em busca dos acontecimentos, mas sim os acontecimentos que caminham ao seu encontro. Tudo lhe acontece com a rapidez dos relâmpagos.

Mas rapidez não é sinônimo de facilidade e muito menos de felicidade. Ele encontrou várias pedras estorvando-lhe o caminho.

Uma delas foi a pobreza.

A loja da Rua dos Remédios, quando ele se entendeu, entrava nessa fase que assinala o crepúsculo das casas de comércio. E o velho Antônio, que tinha em casa oito filhos, ganhava apenas o curto ordenado de fiel de Tesoureiro da Delegacia Fiscal em São Luís, emprego que lhe arranjaram quando a casa principiou a declinar.

É então que a aplicação da leitura produz os seus milagres. O gosto dos livros de tal maneira se havia entranhado em Josué que, aos dezesseis anos, ele já sabia para ensinar. E no mesmo ginásio em que era aluno tinha alunos.

E estudou à sua própria custa. Ganhou o suficiente para custear os estudos e ir formando, desde esse tempo, a sua biblioteca literária.

Não sei se no Maranhão todos são poetas, mas a verdade é que todo rapaz faz versos.

Josué Montello, que a natureza talhara para ser o belo prosador que hoje festejamos, não podia fugir ao destino dos moços da terra de Gonçalves Dias. E começou poetando.

Com versos ninguém manda ao mercado, afirma o povo numa sentença pessimista.

Vejam os senhores a habilidade de Josué Montello – ganhou dinheiro fazendo versos, não para mandar ao mercado, mas para mandar às livrarias.

Duas casas comerciais, ao tempo em que ele vestiu a sua farda de aluno do Liceu Maranhense, viviam em turras constantes.

O estudante do Liceu arranjou meio de elas brigarem em versos. E de maneira elevada. E era ele, anonimamente, o poeta de ambas. Um dia escrevia um soneto para esta, no dia seguinte um soneto para aquela.

E havia um agente, estudante como ele, que ia a cada uma das casas levar o soneto do dia. A peça poética custava dez mil réis – cinco para o agente e os outros cinco para o poeta.

E era com esse dinheirinho, conseguido com a animação da querela das duas casas de comércio, que ele pagava as contas de livros literários comprados numa livraria de São Luís. *Os Gatos*, de Fialho de Almeida, foram comprados por esse recurso – com seis alexandrinos! E com rimas ricas!

Quando concluiu o seu curso do Liceu Maranhense, as botas de sete léguas, que ele trazia nos pés sem saber, começaram a levá-lo para a beira do cais, defronte da baía de São Marcos. E ele seguia, horas e horas, com os olhos compridos, os navios que partiam.

Um dia, ao sair da beira-mar, ouviu que o chamavam.

Era o poeta Ribamar Pinheiro, seu amigo.

– Queres ir a Belém?

– Como?

– Como jogador de futebol. Eu te incluo no time. E assim ganhas a passagem. É preciso que haja alguém na delegação que saiba falar.

Josué não refletiu um minuto. Foram as botas de sete léguas que falaram por ele:

– Aceito.

Quando o destino quer, minhas senhoras e meus senhores, tem os seus caprichos mais estranhos. E escreve direito por linhas tortas. Josué não sabia chutar uma bola. Não conhecia nada do jogo. Mas sabia discursar. E por saber discursar – lá se foi, barra a fora, no rumo de Belém, num time de futebol.

Em Belém, Josué demora apenas o tempo suficiente para publicar um livro, manter-se como o primeiro aluno do curso pré-jurídico do Ginásio do Estado, ser eleito para o Instituto Histórico e Geográfico e esmiuçar o Arquivo e a Biblioteca Pública. Podeis imaginar, ao menos de longe, em quanto tempo isto se passou? Em oito meses, minhas senhoras e meus senhores.

Mas as botas de sete léguas, que sempre trazia nos pés, não o deixariam sossegar. Em dezembro de 1936, abre-se para Josué a perspectiva de uma nomeação para professor estadual. Outro qualquer teria agarrado a oportunidade pelos cabelos. Mas as botas não deixam. Josué troca a nomeação de professor por uma passagem para o Rio de Janeiro.

E aqui chega com três malas – duas de livros e uma com livros e roupas.

Aqui no Rio a sorte veio ao seu encontro com a dureza e crueldade com que costuma apresentar-se às criaturas que iniciam a caminhada da vida partindo da estaca zero.

Mas o moço, nos seus dezenove anos, vinha forrado de resignação e de coragem para enfrentar as surpresas do caminho. Contanto que pudesse ler e escrever – o mais não tinha muita importância.

Quando arranja o primeiro emprego é para escrever sobre assuntos de economia e finanças E ele aceita. Diariamente escreve sobre esses áridos assuntos, lidando com cifras astronômicas, em troca de minguadas cifras.

E deu-se então um episódio que é preciso contar para que se avalie o pendor inelutável do rapazinho maranhense pelas coisas de Literatura.

Josué, naquele dia, tinha acabado de receber os magros trezentos mil réis do seu primeiro ordenado. Vinha pela Rua São José, quando, ao passar pela porta de uma livraria, ouviu lá dentro a voz de um leiloeiro. Era um leilão de livros. Naquele momento o leiloeiro apregoava as obras de Balzac, edição de Olendorf.

– Duzentos e noventa mil réis!

– Duzentos e noventa mil réis!

– Duzentos e noventa mil réis!

Josué sentiu uma sacudidela em todo o corpo, assim que folheou um exemplar e lhe viu as gravuras:

– Trezentos! bradou.

– Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três!

E o leiloeiro entregou-lhe a obra.

Josué voltou para casa a pé. E se não fosse a valia dos colegas de pensão, teria ido e vindo a pé, durante trinta dias, da cidade para Botafogo, por culpa de Balzac.

Com uma carta de Antônio Carlos para Vitor Viana, então diretor do Ensino Comercial, Josué pretendeu conseguir um cargo de inspetor de ensino, aqui no Rio.

O gabinete de Vitor Viana não era de fácil acesso. Mas Josué não se intimidou. Comprou num sebo os nove volumes do diário dos irmãos Goncourt. E decidiu que só pessoalmente entregaria a carta. Cedo, anunciava-se. E começava a ler. Um belo dia mandaram-no entrar. Quando saiu foi com o emprego. Com a leitura do diário dos Goucourt no finzinho do oitavo volume.

Aos vinte anos, Josué inscreve-se no concurso que vai dar estabilidade e segurança à sua vida. Ele nunca entendera de assuntos técnicos de Educação. E é esse concurso que ele decide fazer. Isola-se, durante seis meses. E quando sai de seu isolamento é com a sua tese de concurso: "O sentido educativo da

arte dramática". E toda a matéria técnica na ponta da língua. Dos trezentos e tantos candidatos inscritos passam vinte e poucos. O concurso é de provas e títulos. Títulos – ele não os tem. Mas é aprovado, entre os primeiros colocados, apenas com as suas provas. E é então – como aqui – o benjamim da turma.

## A PAIXÃO PELA ACADEMIA

Na inclinação de Josué Montello pelos assuntos espirituais floresce uma ternura de namorado pela Academia.

Sente-se, em todos os passos de sua vida, que ele não nasceu para mourejar no comércio nem para pregar sermão – nasceu para acadêmico.

A sua primeira entrada nesta Casa fê-la quando apenas lhe apontava o buço. Foi em 1939, por ocasião do centenário de nascimento de Machado de Assis. Nesta sala e naquela tribuna – a tribuna que agora também lhe pertence – realiza ele uma conferência sobre o patrono máximo de nossa Academia.

É um trabalho de profundidade, em que o conferencista situa o estilo de Machado de Assis na tradição de sobriedade vocabular dos clássicos da língua portuguesa. É uma surpreendente revelação de cultura e de elegância literária, raríssima nas criaturas que ainda estão na aurora da juventude.

A Academia, minhas senhoras, é feminina – gosta de ser namorada.

A conferência de Josué sobre a figura do criador de Capitu corresponde ao seu primeiro colóquio amoroso com a imortalidade.

Quatro anos depois percebe-se que a Academia não foi insensível ao namoro e está visivelmente caída pelo namorado, ao publicar-lhe, na Coleção Afrânio Peixoto, o ensaio bibliográfico *Gonçalves Dias.*

Os laços afetivos vão se apertando de lado a lado. Em 1946, o namorado apresenta uma obra – *Histórias da Vida Literária* – para o novo concurso de ensaio e crítica e a Academia prontamente lhe confere a láurea.

Dois anos depois, ei-lo novamente em busca de mais uma conquista. Agora é uma peça de teatro "Escola da Saudade". Nova láurea – a do prêmio Artur Azevedo.

Em 1952 o namoro já havia ganho tanta altura que estava francamente na fase do noivado.

Os corações femininos, desde que o mundo é mundo, sempre se sentiram enternecidos quando os namorados os presenteiam. Josué entregou à Academia um presente régio – o romance *Labirinto de Espelhos.* A Academia conferiu-lhe a terceira láurea.

Não era necessário ser profeta para ver o que se ia passar. E ao findar o ano de 1954, deu-se o que toda gente previa – o enlace. Eleição disputada por muitos nomes ilustres. Vitória brilhante que todo o País aplaudiu, reconhecendo nesse triunfo a conquista de um legítimo homem de letras, dos maiores de sua geração.

## ENFERMIDADES PROVIDENCIAIS

Minhas senhoras e meus senhores:

A Academia não dá nome a ninguém. Aqui dentro ninguém edifica a sua glória. E mais ainda: a Academia não permite que alguém transponha de mãos vazias os seus umbrais. Aqui só se entra carregando a bagagem. A bagagem é o *Abre-te Sésamo* destas portas.

Estas portas não resistiram à força da obra literária de Josué Montello.

Não sei, meus senhores, onde li esta sentença curiosa – uma doença faz*, às vezes,* bem *à* saúde.

À saúde do corpo porque o indivíduo é obrigado a ficar na cama e assim descansa das fadigas. À saúde do espírito porque pode meditar enquanto repousa.

Foram duas enfermidades que ajudaram Josué Montello a encontrar o caminho de sua vocação para as letras.

Era ele estudante do Liceu Maranhense, quando adoeceu gravemente. A doença durou vários dias e a convalescença muito mais que a doença. E foi ao convalescer, ao embalo da rede, que o menino leu, de uma ponta a outra, um tratado de metrificação.

Ao restabelecer-se estava inteiramente escravizado às Musas. O verso não tinha mais segredos para ele.

Começou fazendo trovas, à maneira do nosso Adelmar Tavares. Metia a pena no tinteiro, convocava alguns suspiros, atirava a imaginação no rumo de uma namorada, e lá vinham trovas assim:

Queres fazer um juízo
De todo o bem que eu te quero?
Escuta: se for preciso,
A vida inteira eu te espero.

Ou então assim:

Viverias fatigada
De meus olhos encontrar,
Se estivesse em minha alçada
Dar destino ao teu olhar.

Mas o poeta não se prendeu apenas às musas do amor, prendeu-se também à musa ligeira da galhofa. E fez epigramas rimados que são pequenas jóias de humorismo.

Alguns exemplos.

A um padre de nariz enorme, que acabara de se ordenar.

Se se subisse na Igreja
Pelo apêndice nasal,
Este padre, sem peleja,
Subiria a cardeal.

A um médico que acabara de ter notícia de que o deputado, de quem era suplente, havia adoecido:

Diz o médico suplente,
Ao ver o chefe acamado:
– Se ele fosse meu cliente,
Eu já era deputado.

Durante mais de seis meses, numa luta política do Maranhão, esse poeta satírico dava o ar de sua graça, fazendo remoques diariamente nas colunas de um jornal de São Luís.

De um panfletário, que se decidiu a contar num livro a sua própria vida, Josué lhe fez o perfil nestes versos certeiros:

Pasquino, certo dia,
Resolveu escrever, com ternura e saudade,
A autobiografia
Capaz de o redimir ante a posteridade.
E teve esta surpresa:
A pena panfletária, hostil, áspera e dura,
Fiel à natureza.
Passou no próprio dono uma descompustura.

A facilidade de exprimir-se em verso – com a qual pode iniciar, com a rivalidade entre duas casas de comércio do São Luís, a sua biblioteca literária – faz com que em cartas para os amigos distantes, seja em verso e não em prosa que lhes manda as suas notícias, como neste soneto enviado de Lima ao seu amigo João Condé (o dos Arquivos Implacáveis), logo depois de visitar a Catedral peruana.

Na Catedral de Lima. A cada instante
Em relíquias históricas esbarro,
Até que o assombro salta ao meu semblante,
Quando avisto o esqueleto de Pizarro.

De emoção quase caio. E vacilante
À grade em frente, trêmulo, me agarro,
Enquanto à mente surge, extravagante,
Um pensamento trêfego e bizarro.

E eu me ponho a dizer: "Pizarro amigo,
Se não fosse o fulgor da luz diurna
E a antevisão prudente do perigo

Apesar de teus feitos formidáveis,
Por minhas mãos, saías dessa urna
E ias para os Arquivos Implacáveis."

Mas o poeta, marcadamente cerebral, que assim se revela no tom jovial destes versos, sabe encontrar também os seus belos instantes de poesia lírica, de que é exemplo este soneto:

Olha bem nos meus olhos. Na pupila
Que te contempla, um rosto logo aflora.
Se lhe sorris, sorri. E se intranqüila
Estás, ele contigo sofre e chora.

Nas humanas fraquezas desta argila,
Onde esse rosto misterioso mora,
Ele, ao te ver, no meu olhar cintila,
E desce ao coração, se vais embora.

Aqui fica escondido e sempre atento
Ao rumor de teus passos. Não te esquece
Esse rosto, que é teu, um só momento.

Filha: tem pena dele. Nos refolhos
De seu abrigo, eu sei que ele padece,
Querendo vir à tona de meus olhos.

Passam-se os tempos e uma outra enfermidade assalta impiedosamente Josué Montello.

Sem pausa nos estudos e sem repouso total, ao que diziam os médicos não teria ele muitos meses de vida.

Tem razão quem afirma que uma moléstia às vezes faz bem à gente. O doente é levado para o vilarejo do Anil, arrabalde tranqüilo pouco distante de São Luís, e, no Anil, à sombra de mangueiras centenárias, viveu ele o tempo necessário para restaurar a saúde.

Estava Josué, por esse tempo, naquela idade em que o cérebro juvenil é uma chapa fotográfica, sensível a tudo que os olhos vêem e a tudo que sente a alma. A paisagem do Anil, as criaturas do Anil, o ambiente do Anil, as abelhudices, as intriguinhas, os mexericos, as miserinhas do Anil, tudo lhe ficou gravado na memória, como numa fita cinematográfica.

E dessa fase, tudo lhe veio à pena naquele romance que é o mais rico e o mais humano de seus romances: – *Janelas Fechadas.*

É possível que *Janelas Fechadas* não mereça a estima do autor. É próprio dos escritores o desamor pelo primeiro livro.

Mas, a verdade é que a primeira obra é a reveladora máxima do valor de um artista.

A primeira obra (não estou dizendo novidade alguma) é quase sempre feita sem molde, sem figurinos e sem peias de escola, sem vaidades, sem intenções (usemos uma expressão da gíria, que a gíria, às vezes, tem expressões exatas), sem intenções de "abafar a banca". É o autor na pureza de suas virtudes de inteligência, de sinceridade e de emoção. É a vibração espontânea de todo o seu ser, de todo o seu poder, de todas as forças cósmicas de sua intelectualidade.

Tive sempre grande reverência pela florada inicial dos escritores. Foi na sua primeira florada que Gonçalves Dias produziu a maravilha da "Canção do Exílio", que Aluísio Azevedo escreveu *O Mulato*, que Euclides da Cunha lançou *Os Sertões*, que Gustavo Barroso nos deu a *Terra de Sol*, que Rachel de Queiroz nos surpreendeu com *O Quinze*, que José Lins do Rego se firmou em *Menino de Engenho.*

O primeiro romance de Josué Monteilo é, na verdade, uma surpresa.

Escrito no meio-dia da adolescência, revela no entanto, um escritor maduro, na plenitude de todos os tesouros da arte novelística.

É um romance de costumes e de tipos e ao mesmo tempo um claro laboratório de almas que se agitam no conflito da vida.

Tipos exóticos na Novela ou no Teatro não impressionam a ninguém. É fácil fazê-los e, como são obras sem consistência, não permanecem na nossa memória. O dificil é firmar o tipo que acotovelamos na rua, ou melhor, o tipo humano. Difícil porque é preciso ir buscar dentro da vulgaridade o segredo da individualidade ou, melhor, a originalidade que todas as criaturas humanas possuem no âmago de sua alma.

Os tipos de *Janelas Fechadas* são profundamente simples e, por isso mesmo, profundamente humanos.

É Benzinho, leviana e sexual, com a vida inteiramente arruinada pelos seus pecados da carne. É Dona Binoca, mãe suave e resignada que perde o sono a pensar na queda de Benzinho e na pouca sorte do filho. E Zé Sinhô, que tomou conta de Benzinho, unha de fome, apesar de ser a maior fortuna do arrabalde, não guardando um vintém nos bancos, com medo que eles falissem. É a desgraçada Maria das Virgens, lavadeira e vendedora de mingau, que enlouqueceu depois da morte do filho tuberculoso. É o Crispim Fonseca – a Dr. Crispim – a mais interessante figura da novela, querendo passar por doutor, fazendo questão que de doutor seja tratado, quando apenas entende de farmácia. É D. Almira, mulher de Crispim, imensa, gordalhufa, enchendo a casa com o seu mau gênio e com as suas banhas. É Claudemiro, o caixeiro da farmácia, pobre diabo apaixonado pela música e que babava de gozo quando ouvia o Dr. Crispim executar os acordes românticos do *Danúbio Azul*.

E tantos e tantos outros tipos, como o Anastácio, vendedor de jornais, a Nhá Cândida, a parenta, e o piedoso frei Hilário que fez no púlpito um sermão contra Benzinho.

Em *Janelas Fechadas* há a esplêndida revelação de um pintor. Josué Montello não é apenas o escritor que sabe pintar costumes, que modela tipos humanos e que mergulha na profundeza da alma dos personagens, é também um paisagista que se serve de tintas finíssimas para realizar a exatidão do colorido.

A descrição, na sua pena, quer a dos panoramas, quer a das cenas de movimento, ganha um porte que só um escritor de alto porte pode produzir.

Aqui está um exemplo. É a dança do bumba-meu-boi numa noite feérica de São João:

"O 'boi' desce pela rua da estrada e se detém no adro da igreja. O povo se reúne na praça, apinhando-se, e começa a batalha dos fogos de artifício numa fuzilaria policrômica jorrada de todos os pontos sobre o bumba-meu-boi. Silva, agudo, um apito estridente. As cantigas, as danças e os tambores cessam, num momento. Os 'índios' se dispersam – e o 'boi' ficou esticado no terreiro, enquanto os tocadores de pandeiro aquentam o couro dos instrumentos na chama das fogueiras. O apito silva outra vez. A dança recomeça

numa cantiga sentimental pela morte do 'boi'. O sapateado ressurge, os penachos se agitam. Irrompe, mais intensa, a fuzilaria dos fogos, dos foguetes e das bombas. O 'pai Francisco', de máscara de meia, com uma espingarda de pau, faz piruetas entre os assistentes, angariando compradores para uma tira vermelha de papel, que é a língua do 'boi'. Desaparece na multidão. Quando ressurge, sopra as ventas de veludo da armação de madeira. O coro se eleva mais forte, num baticum de matracas e pandeiros. Entoa-se agora o canto de ressurreição do 'boi', com o ronco compassado e grave do tambor-onça. Os fogos chovem coloridos no grupo rumoroso – e as cantigas vão longe e se perdem além, nos confins do lugarejo. O 'boi' continua o seu caminho. As vozes ficam suspensas por um instante, apenas as matracas aceleram as pancadas secas, solitárias. Vai o cortejo pela rua da estrada, em direção de João Paulo, que fica distante do povoado numa boa meia légua. As cantigas tornam a acompanhar a zoada dos pandeiros. Os besouros e as pistolas rareiam. E o 'boi' se some, para dançar adiante, na larga curva da rua da estrada.

Pela manhã no dia seguinte, os dançadores fatigados dormem pela estrada, ao pé das fogueiras desfeitas em mornos montões de cinza. E pelo espaço parece errar ainda, como um eco ao longe, a zoada ressoante e dolente dos tambores e dos pandeiros, por entre o estrondo das bombas, dos besouros, dos foguetes, das bichinhas e dos busca-pés."

O entrecho de *Janelas Fechadas* é o mais simples do mundo: uma rapariga sensual e leviana que vai esconder num arrabalde a triste situação de mulher que se perdeu nos braços do namorado, e que, não contendo os impulsos da carne, no arrabalde se torna comborça de um negociante.

E dessa fabulação corriqueira, que todos os dias acontece no mundo, o escritor consegue extrair riquezas que enchem os olhos de belezas que a nossa sensibilidade nunca mais esquece.

É como se ele realizasse o milagre de extrair o ouro de um solo onde o nobre metal já estivesse esgotado.

O ouro ele no-lo apresenta extraindo-o da alma das figuras que se agitam na gravitação da novela.

Essa capacidade de transformar em grandeza o que é pequenino e vulgar é uma das mais altas virtudes neste escritor.

## O LABIRINTO DE ESPELHOS E A LUZ DA ESTRELA MORTA

No *Labirinto de Espelhos* que veio à luz depois de *Janelas Fechadas*, lá está a virtude em dimensões maiores.

Qual o enredo de *Labirinto de Espelhos*? Um nada: uma velha rica e má que, ao morrer, não deixa vintém aos parentes que têm os olhos cravados na sua fortuna.

Pois esse pedaço de barro insignificantíssimo o escritor, como alquimista prodigioso, consegue transformar em pepita maravilhosa.

Um tipo de romance ou de teatro não vale pelas exterioridades, pelas roupas que veste, pela caracterização que apresenta. Vale pelo caráter que o escritor lhe deu, ou melhor, pelo feitio da alma que o seu criador lhe impôs.

O Conselheiro Acácio, barbado ou não barbado, vestido de sobrecasaca ou de paletó saco, é sempre o Conselheiro Acácio.

O *Labirinto de Espelhos* é um curiosíssimo belchior de almas sovadas pela gula do dinheiro.

O mais curioso desses tipos é tia Marta, a figura principal do romance. É uma velha rica, perversa, que martiriza voluptuosamente os parentes que lhe cortejam a fortuna, para depois os lograr no testamento.

Outra figura interessante é o velho Alberto, cunhado de Marta. Vive o dia todo numa cadeira de balanço lendo peças de teatro e decorando Molière. É tão viva a sua paixão pelas letras cênicas que atinge o delírio: julga-se, às vezes, em Paris, assistindo a comédias de Guitry ou de Bernstein.

O Teles é outro tipo bem marcado. Almoxarife de secretaria de palácio do governo, aposentado à força, espera pacientemente a morte de sua tia Marta para melhorar de vida. Não tem, como Alberto, a paixão do teatro. Tem-na por Belém, capital do Pará. Não se admira de nada – já viu tudo em Belém.

A paixão de Proença é a sua própria terra – o Maranhão. Para ele nem Paris se compara à capital de sua terra natal.

Não há Maranhão como este, afirma constantemente. – Onde um clima como o nosso? Onde se fala melhor o português? Quem deu um João Lisboa, um Sotero, um Odorico, um Gonçalves Dias, um Aluísio, um Coelho Neto?

Figura traçada igualmente com mão segura é o Paixão, espertalhão cordial, dono do jornaleco *Chibata* que, pelo título, parece zurzir reputações,

mais que, por esperteza do dono, é um periódico amabilíssimo, que elogia todo o mundo.

O *Labirinto de Espelhos* é um punhado de gente à espera de que tia Marta espiche as canelas. O Clementino, locador de flauta, quer mudar-se para o Rio, mas só o fará quando a velha fechar os olhos. A solteirona Cotinha pede a Deus que a velha morra, pois, herdando as jóias que espera herdar, com facilidade arranjará casamento. O Quincas Peixoto, político de vivacidade turbulenta, homem do mar, aguarda a morte da tia rica para comprar um barco. E a velha resiste a tudo, enquanto mortifica a pobre da Carmencita obrigando-a a tocar as polcas e mazurcas que lhe encheram a mocidade.

Em *A Luz da EstreIa Morta*, Josué Montello é o novelista da loucura. A sua pena consegue realizar a celeridade e o rodopio atordoante das narrativas em que o espírito se desagrega. Ao acabar de ler o livro está a gente extenuada como se acordasse de um pesadelo e cheia de pavor como se tivesse visto urna farândula de fantasmas.

E foi isso que o romancista quis realizar e que realizou com tanta habilidade e tanta volúpia, que se fica a pensar que ele, se não esteve louco algum dia, conhece a loucura com uma intimidade de arrepiar.

## O ESCRITOR DE CRIANÇAS E O ESCRITOR DE TEATRO, O ENSAÍSTA

Minhas senhoras e meus senhores:

Não é unicamente como novelista que a Academia recebe Josué Montello. Também como escritor, que sabe falar às crianças, na linguagem da simplicidade que Monteiro Lobato ensinou a todos nós.

Escrever para crianças o mundo inteiro reconhece como um dos gêneros mais árduos da Literatura. É tão difícil que, à maneira do que ocorre com os poetas, não é ecritor de criança quem quer e sim quem já nasce escritor de criança.

Josué nasceu sabendo contar histórias para a infância. *Calunga, Tesouro de Dom José, Bicho do Circo, Cabeça de Ouro* são histórias de simpli-

cidade, feitas em dose exata do surpreendente e do maravilhoso – atributos indispensáveis às histórias escritas para os leitores de calças curtas.

As boas fadas, acreditem minhas senhoras, não são figuras fabulosas. Existem e, às vezes, presidem ao nascimento das criaturas humanas.

O nascimento do homem que vem substituir Cláudio de Sousa foi, com certeza, presidido pelas boas fadas.

E elas encheram-lhe o berço de todos os tesouros que um escritor precisa para realizar a sua fortuna intelectual.

Em todas as modalidades literárias, este escritor tem conseguido vitória: na poesia de amor, nos versos satíricos, na Prosa, na Novela, no Conto, na Crítica, na conferência, na História, no Ensaio, no Teatro.

Os triunfos, no teatro, chegam sempre tardiamente. Só depois de muita experiência e de muito treino é que o escritor os alcança.

Josué consegue-os às primeiras investidas. A "Escola da Saudade" é uma das comédias mais engenhosas e mais equilibradas da Literatura dramática do Brasil atual.

A ação desenrola-se no pátio de uma casa de doentes mentais. Espera-se que, em se tratando de loucos, estoirem cenas violentas. Mas o autor, com surpresa do público (a surpresa é essência fundamental do teatro), conduz a cena para sentido oposto, em que tudo é suave, emotivo e humano.

Não se pode, com exatidão, aferir o valor de uma peça apenas pela leitura. O teatro não é feito para ser lido no gabinete, é feito para ser vivido no palco.

O "O Verdugo", que o autor concluiu há pouco tempo no Peru, ainda não passou pelas provas do tablado. Mas, tanto quanto é possível avaliar-se uma obra dramática por uma simples leitura, pode-se augurar para "O Verdugo" uma sorte brilhante.

Urna das modalidades literárias do escritor que hoje festejamos é o Ensaio.

É a mais eloqüente das provas que ele nos dá do seu grande amor pela Cultura.

Inteligência não é mérito de niguém. Nada fazemos para possuí-la; ela nos vem como uma graça de Deus.

O que é mérito é o aprimoramento da inteligência, é a Cultura, porque é o produto do nosso esforço e do nosso brio.

Um conto, uma novela, uma peça de teatro ou qualquer outro trabalho de ficção, pode ser apenas produto da imaginação que Deus nos deu. Mas sem estudo ninguém escreve ensaios.

*Gonçalves Dias*, *Histórias da Vida Literária*, *O Hamlet de Antônio Nobre*, *Cervantes e o Moinho de Vento*, *Ricardo Palma – Clássico da América* são trabalhos de erudição literária que honram não apenas quem os escreveu, mas a própria cultura nacional.

E agora eu vos pergunto, minhas senhoras e meus senhores: podia a Academia deixar de abrir as portas a um escritor de tanta solidez, de tanta operosidade, e de tanta fulguração, apenas por ele ainda não ter a idade para cobrir de cabelos brancos a sua cabeça fecunda?

## ESTACA ZERO

Senhor Josué Montello. Acabo de fazer a vossa defesa. Não sei se me saí bem, sei que não fui buscar prata alheia para fazê-la. Fi-la unicamente com a prata da Casa, ou melhor, desse amplo e sólido e belo palácio que é a vossa inteligência.

E agora volto a vos falar diretamente.

Para o seio da "ilustre Companhia" não trazeis apenas a obra que está encerrada nos vossos livros, trazeis também a grande obra de vossa vida, obra que não se escreve com a pena, mas que se realiza com a luta, com o sofrimento e com a dignidade.

Os homens que nascem na estaca zero e conseguem os triunfos rutilantes que tendes conseguido, têm duas vidas – aquela que Deus lhes deu e aquela que eles realizaram.

Nascer em berço pobre e caminhar sozinho pelo mundo, não é castigo da Providênca – é prêmio. Quando se chega ao meio da estrada, pode-se estar cansado, mas há uma alegria infinita, um infinito bem-estar no cansaço. O bem-estar e a alegria de quem construiu, polegada a polegada, a própria vida. Na vida do homem que nasceu na estaca zero, tudo é obra sua, tudo foi conseguido pelos seus braços, tudo foi moldado pelas suas próprias mãos.

Para erguer o edifício do seu nome contou ele, apenas, com ele próprio. E sozinho teve que fazer tudo. Teve que amassar o barro com os pedreiros, sozinho britou as pedras para os alicerces, sozinho coseu os tijolos para as paredes, sozinho lavrou as vigas mestras, para a cumeeira, para o telhado e para os torreões.

Não sei qual das duas obras é a maior no homem que inicia a caminhada como iniciastes – se a obra dos livros ou a obra da construção da própria vida.

A Academia tem uma forte predileção por homens de vosso feitio. Machado de Assis, a nossa figura solar, está sempre presente aos nossos olhos, com a magnitude de sua humildade. Sem exemplo não se apaga um instante de nossa memória: vêmo-lo menino pobre, de origem obscura, descendo do morro para subir a esplanada resplandescente da glória.

Conta a história que a Academia Francesa só tinha uma Poltrona – a Poltrona do escritor que presidia os seus trabalhos.

Até aquela época (toda gente sabe disso) havia na França uma profunda distinção de classes. Clero, nobreza e povo eram coisas absolutamente distintas. Eram assembléias onde se sentassem aristocratas e dignitários da Igreja, os outros ficavam de pé. E na Academia Francesa, havia escritores pertencentes às três classes.

Mas, acontece que La Monoye se fez candidato à imortalidade e o Acadêmico Cardeal d'Estrées queria dar-lhe o voto. Mas, como príncipe da Igreja, o cardeal, no momento da eleição, não podia ficar de pé nem também sentar-se em banco comum. Criou-se o impasse: ou se arranjaria uma poltrona para o cardeal ou ele não iria à Academia. O fato chegou aos ouvidos de Luís XIV.

Não haja dúvida, disse o rei, dêem-se quarenta poltronas aos senhores acadêmicos.

A Academia Francesa era, como ainda hoje, uma instituição retintamente aristocrática. Mas, com o oferecimento das quarenta cadeiras, Luís XIV, sem lhe tirar o feitio fidalgo, impunha-lhe um colorido de Democracia.

A Academia Brasileira, como grêmio de seleção de valores intelectuais, reveste-se de tons aristocráticos, como todas as academias do mundo. No entanto é impecavelmente democrática, impecavelmente fraternal.

Aqui dentro não há preconceitos de raça, nem preconceitos de classe, nem preconceitos de Escola. Para a Academia, a inteligência não tem pigmento. Tem ela as portas abertas para quem vem dos berços de ouro como para quem desceu do morro como Machado de Assis. Assim como no mar flamejam as bandeiras de todas as nacionalidades, as bandeiras de todas as escolas literárias tremuIam aqui dentro.

Teria a Academia encontrado no mundo um modelo que servisse de plasmar a beleza de sua estrutura? Encontrou. A Igreja. A Igreja, uma instituição milenarmente aristocrática. Os seus altos dignitários são considerados príncipes. O trono do pontífice é uma cadeira de ouro maciço.

No entanto, não há, no mundo, entidade mais democrática do que a Igreja. Apanha no campo um pastorzinho qualquer, mete-o numa escola, guia-o para o sacerdócio, dá-lhe um bispado, veste-lhe a púrpura cardinalícia, eleva-o ao trono papal e, às vezes, até faz dele santo. A figura de Hildebrando (filho de uma mulher do povo e de um guardador de cabras), que se tornou o grande Gregório VII, é um exemplo maravilhoso da conjugação – aristocracia e democracia, que a Igreja, secularmente sábia, vem fazendo através dos tempos.

## INTELIGÊNCIA SEM INFÂNCIA

Nos idos de abril de 1927, radiante de mocidade, Olegário Mariano, esse grande poeta que nós todos admiramos e a que nós todos queremos bem, entrou nesta Casa.

No discurso de recepção, Gustavo Barroso, exaltando a precocidade do autor de *Enamorado da Vida*, fez esta pergunta:

– Senhor Olegário Mariano, dizei-me, que idade tendes?

A mesma pergunta eu vos faço agora, Senhor Josué Montello.

Não me importa a vossa idade cronológica, que essa já aqui repeti tantas vezes. Quero saber é da idade de vossa inteligência e da vossa cultura.

Quando começastes a ser escritor? Há trinta, há quarenta, há cinqüenta, há cem anos passados? É que a vossa maneira de escrever não teve infância.

Como apaixonado das coisas simples, gosto imensamente de me servir de expressões populares. O povo, na sua candura, exprime-se às vezes com propriedade maior que os próprios homens de letras.

Há uma expressão popular que é uma obra-prima de expressão. É esta: "o que é bom já nasce feito."

Nascestes escritor. Não há que encontrar nos vossos livros os sinais de criancice.

O vosso estilo já nasceu perfeito. É um estilo sóbrio, bem medido, nobre, disciplinado. E espontâneo, sonoro, e enxuto, de beleza serena e de fascinante cristalinidade.

Se fosse possível comparar prosa com paisagem, eu diria que o vosso estilo é uma paisagem ensolarada, não pelo sol do verão tropical que sorve as fontes e cresta as plantas, mas pelo sol da primavera que doira os vergéis e desabrocha as flores.

Vindes do Maranhão, Senhor Josué Montello, a terra em que, outrora, melhor se escreveu no Brasil.

O destino teve o capricho de criar para a vossa terra, que também é minha, a predestinação literária. Essa predestinação, vista através da História, apresenta, às vezes, curiosidades interessantes. O homem a quem el-rei de Portugal deu o imenso latifúndio da capitania do Maranhão era João de Barros, o grande escritor da era quinhentista. O primeiro colégio de jesuítas que se fundou na capital maranhense e que foi a primeira célula da formação intelectual de nossa terra, teve a dirigi-lo um homem de letras – o Padre João Felipe Bettendorf, autor da *Crónica da Missão dos Padres Jesuítas no Maranhão*.

A cultura das Letras é companheira da história maranhense. Desde os primeiros albores da evolução brasileira, os homens do Maranhão estão preocupados com a pureza vernacular, com o estudo dos clássicos e com os problemas das belas-letras.

O Maranhão do passado teve, de fato, a hegemonia da inteligência nacional. O estudo de humanidades era, nas suas escolas, um culto sagrado. Os humanistas maranhenses (e eles eram tantos), o Brasil da época apontava-os como os seus maiores humanistas.

Isso foi naquele período em que a terra onde nascemos teve o belo cognome de Atenas brasileira – período dourado que encheu de resplendência a história espiritual do país, período em que fulguraram um filólogo como Sotero dos Reis – o criador da filologia brasileira – um erudito como

Odorico Mendes, um jornalista como José Cândido de Morais e Silva – o Farol, um cientista do pulso de Gomes de Souza, um prosador da sonora sobriedade de João Francisco Lisboa, um poeta da grandeza e do esplendor de Gonçalves Dias.

Foi realmente uma época de alta beleza, de solidez e de profundidade, mais duradoura e mais fecunda do que as épocas denominadas Escola Mineira e Escola Baiana.

Três gerações de escritores gravitam na história literária da terra maranhense. A primeira é a grande fase da Atenas brasileira que teve como chefe a figura veneranda de Sotero dos Reis. A segunda (aquela a que pertenço) é a da chefia de Antônio Lobo, aquela formosa inteligência que a atmosfera provinciana acabou matando. Antônio Lobo chefiou a terceira, que é a vossa.

E na rotação desses três períodos, desgraçadamene se vai tornando uma acentuada tendência para o esmorecimento. A terra não deixou de ser opulenta na seara da inteligência. Mas não há o entusiasmo antigo, que sacudiu o País, com a cintilação literária da nossa gente.

O Maranhão de hoje não é mais o Maranhão dos velhos tempos. É a lei natural: tudo passa no mundo. Aquele período de grandeza passou, como passou a Escola Baiana como passou a Escola Mineira.

Mas vós, Senhor Josué Montello, constituís, com o brilho de vossa inteligência e a solidez de vossa cultura, um remanescente do Maranhão de outrora.

O vosso amor ao estudo, a vossa preocupação em dominar as Letras clássicas, a vossa constante curiosidade espiritual, a limpeza vernácula de vossa prosa, a sobriedade ática de vossa maneira de escrever, a justa medida do vosso estilo revelam que, apesar de terdes nascido muito depois da hora solar da cultura do Maranhão, sois a ressurreição do escritor maranhense dos luminosos tempos em que a nossa terra era uma soberba constelação de altos espíritos literários.

E isso é surpreendente, Senhor Josué Montello. Surpreendente porque se passa no mundo da atualidade. Na atualidade o mundo é um mundo inteiramente diferente daquele que os homens de cabelos brancos conheceram. A vida como que sofreu uma subversão profunda. O planeta como que se virou

pelo avesso. Tudo é inquietação, tudo é irritação, tudo é perturbação. Parece que estamos atravessando um fim de idade.

A mocidade de hoje, a nós os homens idosos, parece que pertence a um outro mundo.

O Rio de Janeiro que Olegário Mariano, nos bons tempos, classificou de cidade maravilhosa, é hoje uma sucursal do inferno. A vida tornou-se urna agonia.

A mocidade, essa passa por uma transformação que alarma e que apavora a gente antiga. Nos velhos tempos, quando três, quatro ou mais rapazes se encontravam, era para trocar impressões sobre os livros que tinham acabado de ler; hoje eles se encontram para discutir a partida de futebol do último domingo. Nas Letras e nas Artes parece haver um pé-de-vento levantando uma poeirada que cega a gente.

E nessa época desabotoada e tumultuosa, vós, Senhor Josué Monteilo, vós apresentais um homem tranqüilo, com uma prosa bem vestida, talhada na serenidade eterna dos moldes clássicos.

Todas essas virtudes formadoras de vossa mentalidade foram meticulosarnente examinadas pela Academia e pesadas na balança dos sufrágios que vos deram a vitória consagradora.

A tendência acadêmica é sempre para aferir valores. Aqui não há *coteries*, não há achas de lenha para pôr em fervura panelinhas literárias.

A Academia não tem dono. É completa a independência aqui dentro; cada um de nós é senhor de sua opinião e do seu voto e só é senhor de seu voto e de sua opinião.

A Academia é soberana. Premia o que lhe parece merecedor de láurea, sem nenhuma influência lá de fora.

Senhor Josué Montello:

As botas de sete léguas fizeram com que madrugásseis na Academia, e a Academia, por ser eu vosso velho admirador e amigo, escolheu-me para vos saudar, no momento em que transpondes as nossas portas.

E eu o faço com a alma iluminada na mais alta festa da minha alegria e da minha emoção.

A vossa entrada nesta Casa lembra-me um episódio da Bíblia – o livro de vossa infância, lido todos os dias nos serões religiosos de vossa família.

Depois de quarenta anos de caminhadas, o povo de Israel chega às vizinhanças de Canaã – terra que Jeová lhe prometera. Vão acabar os castigos do deserto, onde houve fome, onde houve sede, onde havia escorpiões e serpentes como sopro de fogo.

Agora vai ser feliz a vida. Canaã é terra de regatos, de águas e de fontes. Nos seus campos mugem manadas de bois, balem rebanhos de ovelhas. É terra de trigo, de vinhas, de figueiras e olivais; é terra de linho, de azeite, de mel, de suavidade e de abundância.

Mas nem todo o povo de Israel pode entrar em Canaã. Só entrarão as criaturas que não tiveram uma única vacilação de fé, aquelas que nem um só instante descreram de Deus. O próprio Moisés, que conduziu o povo durante quarenta anos pelo deserto, o próprio Moisés não pisará na Terra Prometida, porque nem sempre foi firme na sua fé e mais de uma vez duvidou de Jeová.

Mas era preciso um homem que conduzisse aquele povo à Canaã que, lá adiante, fulgia bela, rica, iluminada e verde.

Quem havia de ser esse homem? Por inspiração de Deus, Moisés já o havia escolhido. Era Josué, filho de Nun.

Josué tem todas as virtudes para entrar na Terra Prometida. Está ungido de sabedoria e está ungido de fé - fé que nunca tivera um segundo de vacilação e de dúvida.

Ao fechar os olhos na planície de Moab, Moisés entrega a Jesus o povo que vinha conduzindo.

E Josué inicia a jornada em rumo de Canaã.

Para chegar a Canaã, é preciso lutar penosamente. Mas a fé, a grande fé do filho de Nun, vai produzindo milagres pelo caminho. As águas do Jordão abrem-se à sua passagem, como à passagem de Moisés se abriram as águas do Mar Vermelho. Ao clangor de suas trombetas ruem os muros da cidade e as muralhas das cidadelas. Para que o seu povo não tenha que combater na escuridão, manda Josué parar o sol.

E glorioso e feliz entrou ele em Canaã com todo o povo de Israel.

Vós, Senhor Josué Montello, me fazeis lembrar o episódio de Josué, filho de Nun. Caminhastes para esta Casa ungido de fé e sabedoria, como o Josué da Bíblia marchou para a Terra Prometida. A vossa sabedoria e a vossa

fé fizeram suave o vosso caminho. O Jordão dos julgamentos acadêmicos abriu-se, e de pés enxutos atravessastes para o nosso lado. Ao clangor das trombetas de vossas obras, todos os obstáculos e todas as muralhas ruíram aos vossos pés. Vencestes tudo, tudo, tudo.

Senhor Josué Moutello: a Academia é a vossa Canaã.

Entrai.

Discurso do
SR. MAURÍCIO DE MEDEIROS

e

Resposta do
SR. CLEMENTINO FRAGA

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 9 de agosto de 1955*

# I

# DISCURSO DO SR. MAURÍCIO DE MEDEIROS

Senhores acadêmicos,

Perdoai-me que, subindo a esta tribuna, sejam minhas primeiras palavras as de reverência à memória de quem foi de vossos maiores e por tantos anos a abrilhantou e a quem devo tudo quanto me permite falar hoje diante de vós, pois que, em verdade, foi para mim um pai e um guia no mundo das coisas da inteligência: Medeiros e Albuquerque.

Nesta Casa, que ele ajudou a fundar e de que a morte o ausentou há 21 anos, encontro sempre o eco de seu nome, de que eu trago a parte que nosso pai nos transmitiu, mas que, por isso mesmo, me confere um sentimento de grande humildade no confronto inevitável que fareis entre o que ele foi e o que eu possa ser.

Para sua memória se voltam neste momento os olhos de minha alma, em um preito de saudade que se aviva neste instante com a solenidade desta investidura. Saudade e gratidão!

Perdoai-me, senhores acadêmicos!

## MINHA ELEIÇÃO

A minha admissão a esta ilustre Companhia oferece algumas singularidades que lhe dão aspectos especiais.

Nenhum de vós, que tendes assento ao mais alto Cenáculo da cultura brasileira, bateu-lhe às portas durante tanto tempo e com tanta constância quanto eu, para nele, afinal, obter entrada.

Por isso mesmo creio que, a não ser o Barão de Ramiz Galvão, culto e respeitado helenista, e o infatigável historiador Rocha Pombo, ninguém aqui chegou carregado de tantos anos de uma vida inquieta e acidentada, mas, para mim, cheia de compensações, das quais hoje me chega a maior e mais constantemente desejada.

Por outro lado, contam-se pelos dedos aqueles que mereceram a honra desta admissão sem nenhum outro concorrente a disputar com ele os vossos votos. Esta é uma circunstância que, para mim, dá ainda maior valor ao vosso veredicto de acolhimento, pois que, em verdade, o que concorre sozinho é julgado pelo que possa intrinsecamente valer por si, e não no confronto entre valores maiores e menores de vários que se apresentem à vossa escolha. Cada voto que o candidato único recebe, permitindo-lhe o acesso junto de vós, tem, nessas condições, o peso de um julgamento severo e ímpar daquele que o recebe.

Não me engana a vaidade em crer que foi o meu valor intelectual o que julgastes.

Encontro nesse julgamento a benevolência de quem quer premiar a constância e a fidelidade no amor a esta Casa, fidelidade e constância de que dei provas nessa repetição de vezes com que postulei a minha candidatura desde moço e a fui repetindo em épocas esparsas até atingir e ultrapassar aquilo que, por eufemismo, se convencionou chamar a idade provecta.

Concretiza-se assim um sonho de mocidade.

Se as emoções dessa concretização são diferentes na forma e talvez em sua exteriorização, não diferem na sua intensidade interior.

## TOBIAS BARRETO

Quis o destino que eu viesse ocupar a Cadeira que tem por patrono um nome que se fixou na minha admiração desde os tempos de minha adolescência: Tobias Barreto!

A minha geração iniciou-se no conhecimento das humanidades, que plasmam a intelectualidade dos jovens, em um momento em que o positivismo dos fundadores da República, separando do Estado a Igreja, criava um ambiente de grande liberdade espiritual, que nos levava a admirar as grandes obras filosóficas de cunho materialista então em voga.

Cada um de nós guarda lembrança dos livros que marcaram fundamente a época de sua formação intelectual. No ambiente do nosso velho Internato do Ginásio Nacional, posteriormente Internato do Colégio Pedro II, havia, sem dúvida, espiritualistas. Mas a grande maioria estava empolgada pelas concepções materialistas do Universo.

Os meninos de meu tempo não jogavam futebol. Como divertimento, apostavam corridas à semelhança do turfe, dando-se a si próprios nomes dos cavalos mais famosos. Jogavam pelota em um paredão do colégio. Faziam um jornal manuscrito, onde extravasavam em versos lúbricos o erotismo da idade. E, nas horas vagas, discutiam acaloradamente os Enigmas do Universo ou a Origem das Espécies e até a do próprio mundo!...

Cada qual procurava ler mais para dominar os debates.

Dois livros me abriram, nessa época, os olhos da inteligência para a compreensão material da vida: *Força e Matéria,* de Büchner, e *O Conflito* de Félix le Dantec.

Ficaram tão profundamente enraizadas em minha inteligência as idéias baseadas nessa concepção materialista da vida, que não somente nela me tenho mantido sem nenhum momento de dúvida, como não contenho a minha admiração por quantos dela participam e a proclamam sem rebuços e com fidelidade.

Quando o acaso me fez conhecer a filosofia materialista de Tobias Barreto, passei a estimá-lo.

Na introdução de seu estudo sobre menores e loucos no direito criminal diz Tobias Barreto, com aquele seu espírito audacioso e temerário:

> Em nome da religião, disse o sublime gnosta autor do 4.º evangelho: no princípio era a palavra (*in principio erat verbum*); em nome da Poesia disse Goethe: ao princípio era o ato (*im Anfang war die Tat*); em nome das ciências naturais disse Canes Sterne: "no princípio era o carbono" (*im Anfang*

> *war der Kohlenstoff*); em nome da filosofia, em nome da intuição monística do mundo, quero eu dizer: "no princípio era a força e a força estava junto ao homem e o homem era a força!"

É claro que a palavra "força", do alemão *Macht*, em uso corrente na filosofia monística de então, correspondia ao que a energética consideraria a expressão dinâmica da energia universal. Força é, pois, energia!

* * *

Essas afirmações revestidas da coragem audaciosa de um gênio haviam fatalmente de impressionar o jovem materialista que eu era e marcar em sua memória o nome de seu autor como o de um luminar e guia.

O destino me veio colocar neste Cenáculo de cultura sob o patrocínio desse nome.

Ainda que me não ligasse a ele essa comunhão de idéias, como psiquiatra eu me sentiria ufano de ter como patrono nesta Casa o nome daquele jurista que reivindicava para os médicos e só aos médicos o "apreciar definitivamente o estado normal ou anormal da constituição psicofísica dos criminosos". Tão longe ia Tobias Barreto na valorização dos técnicos médicos no exame do criminoso, que chegava a dizer que "eles não devem atestar esse estado, mas, antes, devem julgá-lo, magistrática e autoritariamente!"

Como pode um psiquiatra, que tem visto julgamentos contrários às conclusões da perícia psiquiátrica, deixar de ufanar-se de um tal patrono?

E como pode um psiquiatra dos tempos atuais deixar de reverenciar o nome daquele que, há 71 anos, antevia as concepções hodiernas da integralidade biopsíquico social da personalidade humana nas suas inter-relações com o meio, quando dizia: "o homem é todo feito à imagem, não de Deus, porém da Natureza, isto é, do Céu que ele contempla, do ar que respira, da terra em que pisa, do leito em que dorme e até das flores que colhe, se não até dos lábios que beija!?"

Compreendo o entusiasmo dos jovens de seu tempo e que Graça Aranha, que abraçara Tobias Barreto no tumultuoso concurso de 1882, tivesse tomado o seu nome para esta Poltrona, de que foi fundador, e tivesse pro-

clamado que, a partir desse abraço, nunca mais se separara intelectualmente de Tobias Barreto.

Se, por seu conteúdo, não posso repetir textualmente a frase de Graça Aranha, posso, entretanto, dizer que, filosófica e espiritualmente, sinto-me bem ao sentar-me sob o patronato de Tobias Barreto – o sábio filósofo materialista que renovou a cultura jurídica brasileira e o sábio jurista que soube aliar a Medicina ao Direito e compreender a personalidade humana nas suas inter-relações cósmicas e sociais. Sento-me à sombra do nome de um gênio, combatido, discutido, mas gênio apesar de tudo.

## GRAÇA ARANHA

E que dizer de quem escolheu esse patrono?

A Graça Aranha ligaram-me sempre laços de grande afeto. Acompanhei de perto a evolução de sua compreensão da Arte até chegar ao Modernismo, que, na ocasião, arrepiava os clássicos.

Eu estava em Paris quando ele conseguiu que ali fosse representado "Malazarte". Acompanhei-o com o entusiasmo que ele sabia transmitir aos que lhe seguiam os empreendimentos. Sobre sua peça escrevi, na época, para uma revista carioca uma apreciação, que motivou sinceros agradecimentos de Graça Aranha. "Malazarte", com seu simbolismo místico, foi, creio eu, a primeira manifestação do inquieto espírito de Graça Aranha em busca de novas formas de Arte.

Em seu profundo e erudito discurso de posse, o meu antecessor, Sr. Celso Vieira, não foi benevolente para com Graça Aranha no julgamento de sua obra literária. Fez um trabalho de anatomista, dissecando peça por peça as produções do famoso autor de *Canaã* para mostra-lhe contradições filosóficas e, até mesmo, chegar a sentir-lhe uma sensível decadência literária.

Crítica por demais severa de quem julgou apenas o autor com os instrumentos usuais da crítica, mas desconheceu o homem na inquietação espiritual que lhe marcou toda a vida e lhe nutriu os arroubos de adolescente, que guardou até a maturidade.

Até no entusiasmo com que Graça Aranha liderou no Brasil o movimento de opinião em favor dos aliados da guerra de 1914, e principalmente

da França, Celso Vieira viu contradição com as suas afirmações de que nunca se separara intelectualmente de Tobias Barreto, o genial introdutor da filosofia alemã na compreensão do Direito, como se o autor de *Estudos Alemães* se tivesse fixado afetivamente à Alemanha na sua integralidade espiritual e material. Ninguém poderia dizer que, se Tobias Barreto fosse vivo em 1914, se tivesse mantido germanófilo na apreciação da guerra de agressão desencadeada pelos prussianos do Kaiser Guilherme II.

Ninguém pode afirmar que o admirador do gênio poético de Victor Hugo, cuja lira de tons patrióticos soube tão bem imitar nas suas famosas poesias patrióticas por ocasião da guerra do Paraguai, tomasse posição contra a Pátria de Victor Hugo, porque tivesse absorvido os clássicos da filosofia alemã.

Colocando-se decidida e entusiasticamente ao lado da França, Graça Aranha foi em 1914 o mesmo discípulo que, na adolescência, se deixara arrebatar pelo gênio de Tobias Barreto, pois que o movia o mesmo ímpeto de revolta contra a violência e a opressão.

Fui seu companheiro na fundação da então chamada Liga Pró-Aliados – uma iniciativa corajosa em um momento em que o governo brasileiro procurava manter a sua posição de neutralidade. Essa Liga Pró-Aliados, que Graça Aranha fundou nesta cidade, foi o ponto de convergência e de fortalecimento do impetuoso movimento de opinião que acabaria por romper as eclusas da neutralidade no famoso discurso de Rui Barbosa em Buenos Aires.

Pude acompanhar Graça Aranha nesse movimento como primeiro secretário-geral dessa Liga.

Penetrei-me de seu ardente entusiasmo. Fui, depois, ainda em plena guerra, encontrá-lo em França desdobrando-se em atividades em favor da Pátria de Hugo, e pude ver como ele, empolgado pelo sentimento francês, pôde compreendê-lo e interpretá-lo.

Permitam-me que narre um episódio de que fui testemunha e no qual assisti a uma verdadeira apoteose a Graça Aranha porque, no seu detestável francês, soube exprimir aquilo que, em certo momento, estava na alma de todos os franceses.

Se falo do detestável francês de Graça Aranha, é porque de fato o grande autor de *Canaã*, embora escrevesse correntemente o francês, jamais conse-

guiu pronunciá-lo corretamente. Certa vez, era ele nosso Ministro na Holanda e em uma das suas freqüentes visitas a Paris passeava pelos grandes bulevares em companhia de um brasileiro ilustre, Delgado de Carvalho, que, no seu amor pela França, abandonara duas cátedras que aqui tinha, no Colégio Militar e no Pedro II, para viver em Paris, com os simples recursos de correspondente do *Jornal do Commercio*. Delgado de Carvalho, professor de francês, cultivava com amor a língua francesa e punha nisso até um certo capricho agressivo. Ninguém podia empregar mal diante dele uma expressão francesa, ou pronunciar incorretamente qualquer palavra, que ele não procurasse sem-cerimoniosamente corrigir.

Muito amigo de Graça Aranha, ele vivia a pilheriar do francês que Aranha falava.

Nesse passeio pelos grandes bulevares, em certo momento, Graça Aranha deteve-se para trocar algumas frases com alguém que passava no momento.

Delgado ficou de lado, observando a conversa e parecendo alheio a ela. Quando Graça Aranha se despediu da pessoa conhecida e voltou para a companhia de Delgado de Carvalho, este resolveu fazer um cumprimento ao nosso grande Aranha, Ministro do Brasil em Holanda, havia pouco tempo, dizendo-lhe:

– "Graça Aranha! Como você aprendeu depressa o holandês! Está falando correntemente!"

Muito espantado com o elogio e sem perceber-lhe a malícia, Graça Aranha retrucou:

– "Mas eu estava falando era francês!..."

Se Delgado de Carvalho foi excessivo, fingindo confundir o francês de Graça Aranha com o holandês, a verdade é que o autor de "Canaã" tinha uma pronúncia incrível.

Pois bem, apesar disso, na sessão de encerramento de uma Semana da América Latina reunida em um grande Teatro de Bordeaux, Graça Aranha discursou e suas últimas palavras provocaram um delírio na assistência que, de pé, aplaudiu longamente aquele orador brasileiro. que, em um mau francês, interpretara o sentimento da França. É que, em fins de outubro de 1918, já se falava em armistício próximo. Wilson, Presidente dos Estados Unidos, tinha

formulado os seus famosos 14 pontos para base de negociações. Mas naquele momento os exércitos aliados estavam empurrando os destroçados exércitos germânicos para fora da França e da Bélgica. Mais um pouco e a paz seria ditada em Berlim. O povo francês, embora sangrando com o sacrifício de uma guerra cruenta, não queria saber de tréguas. Queria a vitória completa. Foi o que Graça Aranha soube dizer com o arrebatamento de um adolescente, concluindo seu pequeno discurso pelas seguintes expressões:

– *Armistice? Non. Capitulation? Oui.*

Recebeu uma ovação!...

Esse era o homem. Uma alma sensível aos estímulos do ambiente em que vivia, e sempre propensa à revolta! Quem o conheceu pessoalmente, com aqueles grandes olhos muito claros, por onde parecia que se penetrava em sua alma, não podia deixar de empolgar-se pelos seus entusiasmos sempre juvenis.

Suas transformações no campo da Literatura obedeciam às mesmas impulsões revolucionárias, que o fizeram proclamar que aos doze anos já tinha negado Deus e que o levaram a admirar Tobias Barreto, que fazia na Filosofia do direito a sua revolução inspirada nas doutrinas biológicas monistas então em pleno florescimento. A sedução que exerceu sobre os moços de então, que vieram perturbar a quietude do ambiente desta Casa de tradições e de austeridade naquele grito de revolta, com que Graça Aranha em 1924 se despediu da Academia em uma sessão pública tumultuosa, era o resultado natural daquela simpatia que irradiava de sua pessoa.

Não me cabe obrigatoriamente nos moldes rituais desta solenidade apreciar-lhe os méritos literários, mas não pude resistir aos impulsos do meu afeto por esse grande espírito que foi o fundador da Cadeira que venho ocupar. Rendo à sua memória as homenagens da minha saudade e de minha admiração.

## SANTOS DUMONT

Entre Graça Aranha – o fundador – e Celso Vieira, o meu antecessor, há, na história desta Poltrona, um hiato. É um hiato de luz ofuscante que emana da personalidade dos gêneros inventivos e construtores. É um hiato que se enche com um nome que se projetará sempre pelos séculos afora, como o do homem que venceu a condenação de Deus, que fixou o homem ao solo

em que pisa para alçá-lo pelos espaços infinitos num jogo de forças vencendo as da própria natureza.

Santos Dumont, que a vossa sabedoria inscreveu na vossa galeria de imortais, foi o gênio que deu asas materiais ao homem, e com essas asas, encurtando as distâncias, aproximou os homens e deu à cultura os meios de homogeneizar-se nessa obra que os séculos irão fazendo do mútuo conhecimento de todos os agrupamentos humanos!

Que importa que tivesse sido um homem "quase sem livros", como dele disse o meu antecessor Celso Vieira? Ele escreveu na história da humanidade a mais bela página desse livro maravilhoso que tem sido a conquista do ar. E a sua morte, antes mesmo de aqui empossar-se, é uma página de sensibilidade humana: a do homem que entra em angústia e tortura quando vê a utilização maléfica daquilo que inventou para o bem da Humanidade!

Os gregos, na observação penetrante dos sentimentos humanos, que são eternos, figuraram na lenda de Pigmalião a paixão que a obra criada pode inspirar ao seu criador, que sucumbe no delírio dessa paixão. A história da civilização humana nos mostra criadores que sucumbem de tristeza ao verem o que se faz de suas criações em usos que jamais eles pensariam possíveis Esse foi o caso de Santos Dumont ao ver o emprego guerreiro da aviação, que ele tornou possível para a paz! Esse foi, estou certo, o caso de Einstein ao ver as aplicações destruidoras da desintegração atômica, que ele tornou possível com as suas geniais descobertas no campo da física matemática!

Santos Dumont é um dos nomes que inscrevestes na história desta Poltrona que vou ocupar.

Eu não poderia nela sentar-me sem render-lhe o culto que se deve aos que iluminaram todo um século e iniciaram para a vida humana uma nova era. Santos Dumont foi um deles.

## CELSO VIEIRA E SEU PERFIL PSICÓLOGO

Não sendo eu um crítico literário capaz de julgar tecnicamente um escritor por seu estilo e classificá-lo devidamente em uma das categorias em que se diversifica a Literatura, deixo-me levar insensivelmente, talvez por vício profissional, a um exame da personalidade do autor, tal como se possa lobri-

gar através do que escreve. Embora a Literatura seja uma Arte e toda obra literária um artifício, o autor sempre lhe comunica os traços mais relevantes de seu próprio temperamento.

Acontece que, da vida de Celso Vieira e de seus inícios de formação cultural, pouco pude apurar.

Recebendo-o aqui, o vosso ilustre Confrade Aloísio de Castro alude à sua infância em Garanhuns, Pernambuco, embora nos Anais da Academia figure Recife como sua cidade natal. De Garanhuns cedo se deslocaria para Olinda a exercer as funções de caixeiro em uma livraria. Ao que me consta, Celso Vieira jamais contou como cultivou o seu espírito. Creio mesmo que não gostava de rememorar essa fase de sua vida em que, depois de empregado em uma livraria de Olinda, passou a trabalhar na revisão do *Comércio de Pernambuco*, no qual conseguiu publicar uma composição poética. Escrevendo, também, na *Revista Contemporânea*, em breve Celso Vieira passava a cronista dominical de *A Província*. E, daí por diante, sua ascensão no mundo das Letras se faria ininterrupta. Mas nos "Anais da Academia" nada disso consta e, neles, Celso Vieira mandou até suprimir a data de seu nascimento. Entretanto, nada me parece mais interessante no julgamento de um autor de que os seus primeiros passos na vida das Letras e até a sua infância, tão certo é que a infância por seu ambiente, por seus conflitos, por suas emoções marca definitivamente o destino dos homens e até a maneira de compor suas obras de Arte.

Essa pesquisa da infância dos grandes homens e estudo dos respectivos ambientes foi, de resto, uma técnica usada pelo próprio Celso Vieira ao escrever as admiráveis biografias de Varnhagen, Anchieta, Tobias Barreto, Joaquim Nabuco e Olavo Bilac.

Sem esses elementos, mas apenas com o que ressalta de sua obra, concluo que o Sr. Celso Vieira, a quem sucedo, foi um homem aparentemente frio, pouco comunicativo, embora, na sua introversão, fosse sensível ao culto da Beleza.

Seus agradecimentos, ao tomar posse desta Poltrona, se revestem de um sentimento de impressionante auto-estima, considerando a escolha acadêmica de seu nome para suceder nesta Academia a Santos Dumont, que ele diz ter sido "um gênio inventivo quase sem livros", como "o reconhecimento de uma

existência consagrada à Literatura, devotamente, na vetustez de seu nicho, à excelsa Madona reerguida por uma crença imutável sobre o desencanto de outras formas e a desilusão de outros signos".

São as suas palavras textuais ao início desse discurso de posse e elas são, a meu ver, sintomáticas dessa aparente frieza com que recebe o mais alto galardão da vida de um homem de letras.

Um outro traço psicológico que encontro na sua personalidade e que, afinal, não destoa do quadro que dela se pode esboçar nesse discurso de posse é o de uma grande suscetibilidade, capaz de guardar durante cinco anos o ressentimento causado por um sorriso coletivo, para dele vingar-se quando a ocasião lhe parece oportuna.

É que, recebendo-o nesta Academia, Aloísio de Castro, com aquela graça e leveza de tudo quanto diz, graça e leveza que mantêm sempre a assistência em atitude de sorriso pelo prazer intelectual que elas lhe causam, fez uma enumeração dos cargos de secretário que Celso Vieira exercera e continuava a exercer. E concluía, sem vaticínios, mas referindo-se ao passado e ao presente: "Evidentemente, uma predestinação ao secretariado."

Logo a seguir, com a sua delicadeza habitual, acrescentava Aloísio de Castro que "em todas essas situações, sempre o secretário esteve de boas andanças com as Letras e, entre tantos escritos e ensaios, que publicastes, quero recordar os vossos experientes estudos de polícia científica reunidos no vosso livro. Defesa social, que os componentes consagraram".

Parece que, quando Aloísio de Castro disse que o secretariado fora uma predestinação na vida de Celso Vieira, a assistência sorriu de modo mais franco.

Cinco anos mais tarde, em dezembro de 1939, ao agradecer sua eleição para Presidente da Academia, Celso Vieira aproveitou a oportunidade para vingar-se daquilo que não fora mais que uma alusão graciosa às suas atividades. Logo de início, relembrou o discurso de Aloísio de Castro dizendo que esse "amável confrade sentenciara que o secretariado era sua vocação e seu fadário".

Mencionando o fato de que a assistência sorrira, vinga-se desse sorriso dizendo que o amável confrade passara de médico a astrólogo, que, desvendando o futuro, lhe "impusera o secretariado como predestinação". Estende-

se em considerações sensivelmente irônicas sobre médicos e astrólogos para concluir que, a despeito do vaticínio, chegara à Presidência da Academia Brasileira de Letras... O médico errara no seu prognóstico!... O astrólogo, no seu vaticínio...

## CELSO VIEIRA E SUA ÉPOCA

Os que o conheceram pessoalmente falam-me de seu caráter rusguento, mas também do encanto de sua palestra, quando estava de bom humor e se deixava sintonizar com o ambiente.

Quero crer que assim fosse, dada a extensa massa de cultura histórica, filosófica e literária que se encontra em todos os seus escritos.

É evidente que, à época em que Celso Vieira se iniciou no caminho das Letras, era de bom-tom exibir cultura, sobretudo cultura clássica, na qual figuravam os deuses da Mitologia grega e personalidades da História antiga.

Raimundo Magalhães, no prefácio de seu último e interessante livro sobre aspectos desconhecidos de Machado de Assis, pinta com nitidez esse ambiente intelectual de meados e fim do século XIX falando da oratória política de então.

A oratória era recheada de flores de retórica, de alusões à Mitologia grega e à História antiga. Diz textualmente Raimundo Magalhães:

"Ai de quem fizesse um discurso sem falar pelo menos nos filhos de Saturno, ou no sonho de Cambises, ou na espada de Breno, ou no chão estéril que pisava o cavalo de Átila!"

A influência desse período é sensível, principalmente nas primeiras produções de Celso Vieira. Talvez por isso, tendo de dar título a uma coletânea de trabalhos que tinham sido publicados no velho e tradicional *O País*, Celso Vieira os entestou com uma fantasia em torno da lenda mitológica grega de Endimião e com esse nome intitulou seu primeiro livro, a que dava tão alta estima que, ao empossar-se nesta Academia, declarou que aqui entrava como autor do *Endimião* e *Anchieta*.

## *ENDIMIÃO*

A Mitologia grega é rica em lendas que se diversificam em torno das mesmas personagens porque, afinal, o que chamamos a Grécia antiga é um mosaico de povos com suas características específicas, embora dentro de uma linha geral, que constitui o quadro de sua civilização. Assim, qualquer lenda grega apresenta-se ao nosso estudo com várias versões, conforme a região ou a época.

Tudo faz crer que Endimião seja o símbolo da calma noturna. Como, porém, Endimião vive em sono eterno, alguns o confundem com o símbolo do próprio sono – Hipnos.

Segundo uma dessas versões, Endimião foi um pastor que Júpiter consentiu penetrasse no Olimpo, mas daí foi expulso por ter-se apaixonado por Juno.

Segundo Apolodoros, a lenda é diferente. Selene (a Lua), tendo se apaixonado por Endimião, Zeus (Júpiter) deixou que ele escolhesse o destino que quisesse. Endimião escolheu o sono eterno, no qual pudesse permanecer eternamente jovem.

Há ainda outra versão segundo a qual Endimião é um belo jovem que Selene (a Lua) visita enquanto ele dorme em uma gruta de Latmus. Dessa forma, ele se torna pai de cinqüenta filhas de Selene – as cinqüenta luas do ciclo festivo do Olimpo!

A versão que Celso Vieira nos apresenta em sua bela fantasia é uma mistura de todas essas. Endimião teria sido um jovem belo, casto e forte, pastoreando no monte Latmus e ambicionando o corpo de Selene. Zeus dele se apiedou e deu-lhe a escolher o seu destino. "Ele pediu a graça da eterna mocidade no halo de um sonho eterno" – diz Celso Vieira.

Partindo dessa versão, Celso Vieira procura interpretar a lenda de Endimião através de palavras que atribui a filósofos da Antiguidade grega e até de tempos modernos. É um jogo sutil e gracioso em que deflui, em um estilo próprio, a erudição do autor.

Em *Endimião* figuram crônicas em que o cronista trata de fatos ou personagens da atualidade através de uma linguagem figurada, sempre recheada de citações históricas, como era do bom gosto da época.

Não há datas nessas crônicas, o que lhes dá, pelo seu estilo, um caráter de perpetuidade. Jogando com figuras históricas, ele oculta atrás delas personagens da época das crônicas, para julgar-lhes os atos sem os inconvenientes das alusões diretas. Não creio que o presidente desta Academia, eleito em dezembro de 1939, reeditasse a sua crônica contida em *Endimião* com o título "O Testamento de Mecenas", em que o autor caustica, com figuras imaginosas e confrontos sentimentais, o testamento de Francisco Alves, legando a esta Academia a fortuna que amealhou como livreiro e editor. .. . .

Por vezes torna-se irreconhecível, dentro desse artifício literário, a figura que ele quer focalizar. É o que se verifica nas crônicas "Volteador", "Tartufo", e "O Inventor". Sente-se que há em todas elas alvos ocultos. Mas seria necessária uma pesquisa histórica para reconhecê-los.

Em todos esses escritos, o autor mostra erudição clássica, muito amor à forma castiça no escrever e um culto de imagens lavradas em adornos floridos, que tornam a arte de escrever um trabalho difícil e árduo, mas revelam em seu autor um perfeito conhecimento da língua nacional.

## *SEMEADOR* E *PARA AS LINDAS MÃOS*

São do mesmo gênero de *Endimião* dois outros livros que Celso Vieira já trazia como bagagem ao entrar nesta Academia: *O Semeador*, publicado em 1919, e *Para as Lindas Mãos*, editado em 1932. Embora, neste último, a declaração do autor de que se trata de "contos", faço o leitor admitir que ali vai encontrar obra de ficção, este caráter só se pode atribuir à primeira parte do livro, pois que as duas outras não podem ser consideradas como tais.

Em *O Semeador* reúnem-se reflexões evidentemente inspiradas por temas da atualidade de então. É de crer que tenham sido publicados em jornais e revistas da época e o autor os tenha enfeixado em livro. Isso é o que acontece a todos os que são levados a escrever em periódicos... Grande parte da obra de Rui Barbosa resultou da reunião de trabalhos desse gênero. Foi o que aconteceu igualmente a Tobias Barreto, cujos escritos esparsos foram coligidos pelo Dr. Manoel dos Passos Oliveira Teles e reunidos em volumes editados na presidência de Graco Cardoso, então governador de Sergipe. Eu próprio aqui me apresento com alguns livros, que resultam da reunião de crô-

nicas escritas dia-a-dia, ou de conferências feitas a espaço sobre assuntos de interesse geral.

A vida efêmera do que escrevemos ou produzimos dia-a-dia sepultaria no esquecimento pensamentos e reflexões em que, freqüentemente, pomos algo de nós próprios. Com essa auto-estima, que é, afinal, o fator indispensável ao desenvolvimento e afirmação de nossa personalidade, procuramos dar uma vida mais durável a essas reflexões. Daí, os livros. . .

Foi o que fez Celso Vieira em várias de suas obras. Em *O Semeador* o caráter de crônicas é nítido na primeira parte, a que o autor deu o titulo de "Germes de Nosso Tempo". Na segunda parte, intitulada "Frutos de Ouro e de Cinza", há comentários sobre problemas gerais, tais como a língua portuguesa, obras de arte, ídolos de cinema, etc., e sobre atitudes humanas como "epicurismo" a "mentira", a "avareza", o "instinto", etc. Em todos ressumbra a cultura histórica do autor e muito de sua capacidade de observação dos motivos psicológicos das atitudes humanas.

*Para as Lindas Mãos*, outra coletânea de trabalhos sobre vários assuntos, Osvaldo Orico, naquele seu estilo leve, correntio e agradável, o prefacia dizendo inicialmente:

"Colecionei para as lindas mãos estas páginas avulsas de Celso Vieira compondo na sua variedade a tríplice oferta das graças, dos signos, dos magos."

Falando do enigma da mão feminina, Osvaldo Orico é muito mais feminófilo que seu prefaciado. Em certo trecho de seu prefácio ele diz, com aquele arrebatamento de poeta: "A existência inquieta do espírito comunica-se à mão, que a mulher estende para tocá-la. É sonho. Cadência. Melodia. Êxtase. Fascinação. O favo das colméias sente a doçura dos seus dedos."

Já Celso Vieira, com seu espírito de rebelde misógino, burila belas fantasias para realçar os pecados das lindas mãos inúteis, que ignoram as outras "vigilantes, madrugadoras, anônimas, doloridas no seu cativeiro, deformadas pelo trabalho", ou das que formulam votos egoístas, até mesmo as de uma pobre mendiga, que as estende à caridade pública...

Todas desejam o conforto de suas donas, esquecidas da miséria alheia.

Essa misoginia de Celso Vieira é sensível em vários dos trabalhos reunidos nesse livro em que, de resto, "para as lindas mãos" só foram escritas as

duas primeiras fantasias. Naquela que o autor intitula "as 32 perfeições da mulher", sob a forma de diálogo, que ele tanto usa em seus escritos por influência dos clássicos gregos e latinos, sua opinião ele a põe na boca de um dos dialogadores ao fazê-lo dizer:

– Não te iludas. Em vão buscarias hoje nos mercados orientais a senhora das 32 perfeições do corpo. Desvaneceu-se há muitos ciclos o único exemplar feminino, que se chamava Ilusão, debaixo do céu das Índias e de todos os outros céus..."

E quais seriam essas 32 perfeições do corpo?

Lá explica Celso Vieira pela boca do Sacerdote Richi:

> [...] um escultor diria melhor que um sacerdote. Mas a perfeita mulher, conforme o *Desenvolvimento dos jogos*, tem a cabeça, as orelhas, o nariz e o queixo moldados no estilo carnal da encantadora Sita, esposa de Rama, a que nasceu da terra como nasce uma flor para o sol; tem a voz cariciosa, o sorriso enfeitiçante, na cabeleira o matiz da abelha negra, olhos comparáveis à folha tenra de lótus na primavera, supercílios jamais franzidos, cílios extensos, vibráteis e sedosos, lábios de nácar, dentes níveos e gêmeos, um hálito de jasmim, rescendendo ao luar, o pescoço bem aprumado sobre a inflexão harmônica das espáduas, os braços encurvando-se à maneira do arco-íris num resumo do céu, a palma das mãos transparente e a planta dos pés alígeros cor de laca, os dedos fuselados, o colo erguido, os seios breves, talhe delgado, cintura feita como um anel, dorso felino, ventre de apsará, o umbigo profundo, a maciez da tromba do elefante jovem no alvor das coxas de ninfa, pernas tão ágeis quanto as do antílope correndo no deserto, as articulações flexíveis, e toda ela é suave ao tato como um vestido de Katachalindi, ao olfato como o sândalo queimado no ritual de Agni, ao olhar como o Tesouro da pérola que ilumina a distância os parques reais e o coração de ferro dos exércitos...

Com tamanha e tão complexa discriminação da enumeração das 32 perfeições do corpo feminino não é de admirar que o discípulo do Sacerdote tenha exclamado que não tinha encontrado na sua mulher as perfeições do corpo.

Como certamente nenhum dos juízes dos freqüentes concursos de beleza feminina dos tempos atuais as encontraria se as buscasse nessa enumeração que Celso Vieira atribuiu ao padrão de beleza ditado pelo sacerdote hindu de sua ficção...

A despeito dessa misoginia, a ficção é interessante porque desperta no leitor, por uma espécie de revolta sentimental, maior admiração pela obra-prima da Natureza, que é a mulher.

## *SOCIALIZAÇÃO NACIONAL*

Já diferente é outro livro anterior à sua entrada na Academia: *Socialização Nacional*.

É um longo estudo da obra de Alberto Torres, tendo constituído assunto de uma conferência na Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Nesse trabalho defende-se a idéia da socialização do Brasil tal como a pregava o grande filósofo político, patrono da Sociedade.

É um livro de crítica política, em que são revistos e realçados erros na nossa evolução, principalmente os cometidos na Primeira República, à qual, entretanto, o autor atribui injustamente o ter procurado valorizar o café, atirando-o ao mar ou queimando-o. Como pensador esclarecido, Celso Vieira emite, no correr de suas páginas, conceitos judiciosos e adaptáveis ao sonho social-nacionalista de Alberto Torres, tendo por base uma política de desenvolvimento agrário.

O livro foge do gênero literário. Mas é escrito com a mesma pureza de linguagem que caracteriza todos os escritos desse autor.

## VARNHAGEN

Mas Celso Vieira foi, sobretudo, um paciente biógrafo.

No trabalho sobre Varnhagen ele exibe sua erudição no assunto citando uma infinidade de historiadores do Brasil, que antecederam Varnhagen, cuja concepção de História não parece das melhores ao autor.

Celso Vieira diz de Varnhagen que "o seu espírito é mais narrativo do que indutivo, sua compreensão é mais particular que cíclica, enfim, sua lógica é mais a dos fatos que a das idéias".

Mais adiante:

> A preocupação minuciosa da veracidade chega a impropriá-lo para a consideração transcendente da causalidade no processo historiográfico, de que tanto se ufanava. Nesse escritor, de origem alemã, em cujo trabalho afloram qualidades imanentes à raça, é surpreendedora a ausência de espírito filosófico.

E, ainda, criticando o modo pelo qual Varnhagen concebe a função de historiador – recolher depoimentos, pesquisar fatos e coligir indícios para, em seguida, formular um julgamento – diz Celso Vieira:

> Como definimos às vezes um caráter por uma frase em dado momento e dadas circunstâncias, naquela concepção histórica entrevemos o feitio pessoal de Varnhagen: autoritário e judicativo, mescla de arrogância e aspereza.

A despeito das discordâncias freqüentes com as interpretações históricas de Varnhagen, Celso Vieira lealmente proclama a grandeza do historiador brasileiro quando diz:

– Deixemos a ação instaurada contra Varnhagen. É um processo arquivado pelo tempo, que elevou o homem a super-homem, perpetuando-lhe a figura entre os beneméritos da Pátria, na sua galeria escultural!

Esse é, de resto, um traço marcante na personalidade de Celso Vieira. Ele discorda, fustiga, caustica – mas acaba rendendo homenagem ao autor criticado!

## *ANCHIETA*

Da obra biográfica de Celso Vieira, abundante e variada, *Anchieta* foi a que lhe granjeou definitivamente as glórias de grande escritor. É, de fato, o seu grande livro.

O prefácio, que nele se contém, é escrito por aquele admirável ensaísta que foi o jornalista Azevedo Amaral, um pujante talento que, já cego, continuou a divulgar, nos seus admiráveis escritos, os encantos de sua vasta cultura, ordenada e sistematizada à moda inglesa. Esse prefácio é um mimo de Literatura, no qual, em poucas páginas, se tem uma visão panorâmica da história da religião cristã e das lutas que a marcaram no ingente trabalho da civilização dos nossos povos.

Nesse prefácio, Azevedo Amaral diz que o livro de Celso Vieira vem preencher uma lacuna, pois que sobre a personalidade de Anchieta só havia, até então, "ingênuas narrativas de cronistas que recolheram a glória da Companhia". Com o livro de Celso Vieira diz Azevedo Amaral que Anchieta ressurge como primeiro marco dominador a assinalar, com seu perfil de asceta, o ponto de partida do ciclo da brasilidade.

Celso Vieira, com a coragem daquela auto-estima que já assinalei ao referir-me ao seu discurso de posse, participa também dessa opinião sobre seu trabalho. À guisa de curta introdução, com o título *Ecce liber* (Eis o livro), repete a afirmação de Azevedo Amaral. Depois de referir-se aos cronistas da Companhia de Jesus, que só se teriam ocupado com o aspecto taumatúrgico da vida de Anchieta e às evocações fragmentárias por ocasião do 3.º centenário de sua morte, diz Celso Vieira que nada disso situa o biografado na sua época e no seu tempo, como só um livro poderia fazê-lo. A Literatura histórica do Brasil requeria essa síntese documentada. E conclui apresentando o seu trabalho: *Ecce liber...*

Na verdade, "eis o livro". E não vai desestima de minha parte ao realçar esse amor que seu autor por ele confessa. Muitas vezes tenho refletido sobre esse gênero de orgulho que um autor – qualquer que ele seja – revela por sua obra. E compara-o com o dos pais para com os filhos, em cujo talento contribuíram apenas pelas leis da herança biológica. Por que não orgulhar-se daquilo que resulta muitas vezes de anos de porfiado trabalho? E quando se termina a leitura de Anchieta é-se forçado a convir que ele tinha razão de proclamar com ênfase: *Ecce liber...*

Recebendo-o nesta Academia e referindo-se a essa obra, o vosso grande Aloísio de Castro confessava o seu desprazer pelos romances históricos e pelas biografias romanceadas. Não deixava bem claro que incluía nesse gêne-

ro, embora o fosse nitidamente, a biografia de Anchieta feita por Celso Vieira. Eu confesso que não desgosto das biografias romanceadas, como as fazia com tanta Arte o saudoso Stefan Zweig.

Qualquer vida humana é um romance. Tudo está em saber apresentá-la na simplicidade das coisas que acontecem e se sucedem e dela faz, em certos casos, como no de Anchieta, um romance em que os acontecimentos ultrapassam o indivíduo e se tornam marcos históricos.

Celso Vieira tende para o gênero romanceado, narrando-nos a infância, adolescência e juventude daquele grande predestinado com a exuberância de seu estilo que vibra a sua imaginação tropical na descrição dos cenários dentro dos quais se vai plasmando a personalidade do biografado.

Ei-lo descrevendo a Natureza, na ilha de Tenerife, nas Canárias, quadro da infância de Anchieta:

> Torturada pelo fogo, a Natureza das Canárias exibia rudes vestígios de conflagrações ou esboroamentos geológicos: a ignicência extinta das massas desconformes, o revolto despenho dos fraguedos, a desolação dos barrancos... Crateras mortas e frias, de onde em onde, escancaradas sob a neve dos píncaros no mar morto das lavas, eram ainda reminiscências de voragens tonitruantes, mais incandescentes. Mas a violência da chama se esvaíra na doçura do clima. Outeiros e vales abrigavam toda uma flora edênica sob o louro e o mirto, com os seus vinhedos, as suas messes, os seus laranjais, tufos apendoados de canas ou flabelantes de palmas. A meninice de Anchieta brincava, fulgia à maneira de luz pelos vergéis, pelas escarpas, nesse contraste do mundo plutônico e do mundo paradisíaco, entre as *doradilhas* flavescentes e as dragoeiras das *ilhas afortunadas*, terras amáveis para o desejo dos antigos.

Essa é uma técnica constante no autor. Antes de chegar aos fatos, pinta o ambiente com luxúria de imaginação, em uma linguagem de prodigiosa riqueza verbal.

E não é apenas o ambiente físico, mas o social e moral, como fez no capítulo em que nos descreve os costumes dos indígenas e dos colonos ao

tempo em que chegou ao Brasil o governador-geral Tomé de Sousa para dar-lhe unidade de governo.

Esse capítulo, em que há sem dúvida muita fantasia, representa um notável esforço de pesquisa histórica feita pelo autor na busca dos hábitos dos indígenas, da sua terminologia para designar armas, objetos de uso, danças e costumes.

A viagem de Anchieta da Bahia para São Vicente em companhia de Leonardo Nunes nos é descrita em termos vivos de verdadeira tragédia, em que o historiador preenche pela imaginação as lacunas de qualquer registro histórico. Sua chegada a São Vicente, sua ascensão ao planalto de Piratininga nos são narradas sempre nos mesmos termos de um poeta a escrever em prosa!

A fundação da cidade de São Paulo – então Piratininga – entre os ribeiros Tamanduateí e Anhangabaú – com as lutas da catequese, árduas e difíceis, a conquista dos jovens pela instrução, o combate à depravação sexual e à poligamia nos são narrados sempre na mesma luxuriante linguagem. Mas os fatos, que nela se contêm, se impõem à atenção do leitor e se realçam nessa exuberante floresta de palavras.

São tão emocionantes os episódios que marcam esses primeiros passos da obra civilizadora dos jesuítas, que, uma vez iniciada a leitura dos capítulos em que Celso Vieira no-los narra, não mais se detém o leitor e fica a admirar a paciência do autor na busca da documentação histórica de que se utiliza para fixar tipos, quadros e acontecimentos de tempos tão remotos!

* * *

Compreendo a paixão dos que, como o vosso grande Pedro Calmon, mergulham em alfarrábios na pesquisa das origens de nossa civilização e se perdem por vezes na indagação das minúcias de uma lenda, como Calmon fez recentemente a propósito da das Minas de Prata, que José de Alencar transpôs para o romance.

E compreendo o entusiasmo com que os historiadores louvam a obra dos jesuítas, fundindo com a sua catequese e seu amor à religião católica as bases da surpreendente unidade deste imenso País de quase 9 milhões de quilômetros quadrados. Porque a verdade é que essa obra dos jesuítas foi, de

começo, abalada pelos aventureiros franceses, calvinistas ou luteranos, como o haviam de fazer posteriormente os holandeses.

No domínio que a nação portuguesa conseguiu impor na posse de suas terras dos Brasis, quem lê a história dessas lutas iniciais dos jesuítas na propagação da sua religião não tem dúvidas em reconhecer que, mais do que a força das armas ou a bravura dos que se bateram contra os invasores, o elemento de vitória foi essa unidade religiosa que os jesuítas conseguiram implantar nos tempos incertos dos primeiros anos de colonização.

De tudo isso se encontra admirável registro na obra de Celso Vieira.

A abundância de seus conhecimentos das várias tribos indígenas, a narrativa dos episódios que marcam as lutas pelo domínio dos portugueses com pormenores que mostram o cuidado do autor na pesquisa histórica fazem o leitor devorar as trezentas páginas dessa obra monumental, a despeito do estilo característico do autor.

É com profunda emoção que, depois de acompanhar em todos os transes essa vida prodigiosa de sacrifícios e construções, lê-se a página em que Celso Vieira nos narra o transporte do féretro de Anchieta para Vitória.

Não posso furtar-me a ler-vos essa página na qual, após narrar a morte de Anchieta, Celso Vieira nos conta:

> Um brado repercutiria, propagando-se a notícia, desde o planalto brumoso aos sertões adustos. Os lamentos das tribos amigas evangelizadas pelo missionário em 44 anos de peregrinações, desvelos, sacrifícios, combates, os seus prantos bárbaros como os seus cantos de guerra encheriam as selvas, abalando-as com o mesmo ímpeto dos vendavais. Caíra o *grão-pajé* dos cristãos, emudecera a grande voz que havia protestado as origens brasileiras em nome da liberdade contra a velha opressão do homem pelo homem.
>
> Alçada a cruz, processionalmente os índios de Reritigbá levaram-lhe o corpo fechado em uma caixa de cedro até a vila de Vitória, por uma distância agreste de 14 ou 15 léguas, indo com eles o padre João Fernandes revestido de alva e estola. Nesse pequeno féretro, leve como um berço, repousava meio século de heroicidade cristã. Por intercolúnios, labirintos, arcários degraus tapetados de musgo, através das florestas, ia descendo e ecoando o séquito. Guerreiros brônzeos, carpideiras seminuas, piás ingênuas lamentavam o eclip-

> se daquela força miraculosa. Na câmara-ardente do ocaso, longe, dir-se-ia que a hora vesperal gotejava sangue... Depois, ao anoitecer, o cortejo seguia entre massas, que eram troncos, fantasmas, que eram palmeiras, vultos colossais e montanhosos, denteadas bocas de caverna... Ouvia-se a espaço o coaxar dos batráquios, um grito de ave noturna varando a solidão, o choro de alguma fonte oculta nas matas sob o limo das pedras carcomidas. Penoso era o caminho de tantas léguas, mas não sentiam fadiga ou sono os caminhantes. Ramos em flor pendiam sobre o ataúde, exalando o perfume silvestre. À passagem de um rio em canoa, cessou a fúria das ondas na presença do corpo de Anchieta e sobre o leve despojo, simbolicamente, resplandecia o Cruzeiro do Sul.

Uma bela página! Um cântico poético em louvor ao gigante que construiu um dos pilares da brasilidade!

## *ASPECTOS DO BRASIL* E *ESTUDOS E ORAÇÕES*

Essa foi a bagagem literária com que Celso Vieira conquistou os vossos justos votos e tomou assento entre vós.

Não o paralisaram, porém, as glórias acadêmicas. Pode-se mesmo dizer que elas lhe serviram de estímulo para uma vasta produção na qual continuou como comentarista, como biógrafo, como esteta a distribuir a mancheias os ricos frutos de sua imensa cultura.

Do comentarista lêem-se com prazer seus livros *Aspectos do Brasil* e *Estudos e Orações*. O primeiro é uma coletânea de trabalhos sobre vários assuntos. Em todos eles o autor se mantém fiel ao seu amor pelas Letras clássicas, que o faz preferir o bom vernáculo português a uma proposta língua brasileira. No comentar fenômenos sociais, como a igualdade de raças, ou fatos históricos, como os relativos à vida de Frei Caneca – o protomártir da idéia republicana no Brasil –, Celso Vieira é sempre o mesmo burilador da palavra forrado de idéias nobres, em cuja defesa não raro usa de acrimoniosa ironia, ou, então, se eleva a uma altitude de mística religiosidade.

*Estudos e Orações*, editado mais tarde, é um livro que vale por uma consagração da Academia ao seu Presidente durante o ano de 1940, pois que foi editado em conseqüência de sua resolução unânime mandando reunir em volume orações e estudos de Celso Vieira no decurso do ano em que a presidiu.

Foi o próprio autor que selecionou os trabalhos a formarem esse volume.

Em verdade é uma coletânea de ensaios, pois que, tanto em seus discursos como em suas conferências, Celso Vieira é, sobretudo, um ensaísta.

Sua conferência, por exemplo, feita no Departamento de Imprensa e Propaganda em abril de 1940 sobre "Os Destinos dos Povos no Destino das Línguas", é um admirável ensaio que nos transmite uma esplêndida síntese da história da língua portuguesa e sua evolução na Literatura Brasileira.

Curvando-se, afinal, ante o fato indiscutível de que as fontes da língua portuguesa corrompem-se mais depressa no Brasil do que na península européia, proclama e louva o esforço dos que resistem à invasão corruptora dos solecistas, dos iconoclastas, dos pornógrafos – hoje muito mais numerosos, divulgados e aceitos do que à época em que Celso Vieira fez a sua conferência em defesa da língua. Porque, se é certo que a língua portuguesa transplantada para nosso imenso País deveria sofrer as influências do meio, receber o enxerto de vocábulos novos e até mesmo desvio no significado de seu conteúdo e na sua prosódia, uma coisa é a evolução natural da linguagem que, como tudo que é vivo, evolui, outra é a sua deformação no linguajar do povo e incorporada à Literatura pelos que assim buscam popularidade.

Certo seria pedante ou, pelo menos, anacrônico escrever nos dias atuais pelo estilo dos portugueses quinhentistas. Mas, por mais que se estime a simplicidade, esta não implica vulgaridade.

Nesse particular, se, por vezes, Celso Vieira se mostra excessivamente rigoroso no burilar de seus escritos, o que se verifica em trabalhos como esse, em que ele estuda a história da língua portuguesa, é um grande sentimento de defesa do vernáculo contra o seu abastardamento proposital por escritores que tentam originalidade.

Devemos ser-lhes gratos por esse sentimento.

É o que de novo se encontra em seu estudo sobre "Manuel Bernardes, Clássico e Místico", lido nesta Academia na sessão comemorativa do 3.º centenário do grande clássico português, realizada em 23 de dezembro de 1944. A Academia o indicou para fazer a grande conferência que ele imprimiu depois em opúsculo. Indicação justa, dados os pendores vernaculistas de Celso Vieira.

Nesse trabalho o autor segue inicialmente a técnica de Castilho, citado no Curso de Literatura Portuguesa, de Camilo Castelo Branco. Essa técnica é

a do confronto entre os dois artífices contemporâneos da língua: Vieira e Bernardes. É, noutro terreno, a técnica já usada por Plutarco nas suas famosas biografias de varões ilustres.

Do confronto que Celso Vieira faz, as razões do contraste que ele encontra entre Vieira e Bernardes são as do ambiente. Vieira, no meio tropical brasileiro, fala para multidões e nisso se compraz por temperamento. Bernardes, no suave clima de Portugal, também por seu temperamento esquizotímico, mergulha na cela e fala apenas a Deus, ou dá asas às suas fantasias.

Celso Vieira, em uma das passagens de seu magnífico trabalho, alude à filiação oratória de Rui à de Vieira, na "majestade neoclássica de seus discursos".

Essa é, sem dúvida, uma observação que não escapa a quem estuda o estilo oratório de Rui Barbosa, como decerto não deixará de encontrar em Vieira uma sensível influência da oratória de Cícero.

Nos três encontra-se aquele mesmo gosto de jogar com as palavras de uma mesma frase, alternando-lhes a ordem em uma ginástica espiritual que reforça o seu conteúdo.

Nos três se nota freqüentemente uma atitude de dramática invectiva contra os juízes, contra Deus ou contra o acusado "que malbarata a liberdade que é um bem coletivo", na expressão de Rui para, causado o pasmo dessa primeira atitude, render justiça a todos e defender a causa ou o direito pelos caminhos de um raciocínio ponderado.

Há tantas semelhanças na expressão oratória desses três artífices da palavra que, a acreditar na reencarnação, dir-se-ia que o mesmo espírito animou os três oradores com séculos de distância!

No desenvolvimento do estudo sobre Bernardes, cujo misticismo é posto em relevo, Celso Vieira realça todos os aspectos da obra a quem, segundo o autor, seus contemporâneos consideravam "o mais douto dos homens de Portugal". Um desses aspectos é o seu amor às citações infindáveis, o que, segundo Celso Vieira, não o impedia de colecionar "ditames especulativos ou epigramas picantes".

E eu me pergunto, ao ler esse comentário, se esse não é também o aspecto marcante da obra de Celso Vieira.

Ninguém, de fato, estaria em melhores condições do que Celso Vieira para estudar um clássico da língua. Essa era uma de suas paixões. Lá

diz ele: "Poucos lêem os clássicos, mas na realidade os clássicos perduram, enquanto os outros desaparecem. Ai dos escritores, dos efêmeros que os não conhecerem..."

## BIOGRAFIAS DE TOBIAS E DE JOAQUIM NABUCO

O biógrafo, já estudado em suas obras sobre Varnhagen e Anchieta, volta novamente ao seu trabalho esmiuçador sobre a vida de Tobias Barreto e de Joaquim Nabuco, publicadas com dez anos de distância.

O trabalho sobre Tobias Barreto é uma síntese muito bem feita na qual, em pouco mais de oitenta páginas, Celso Vieira nos dá um retrato do gigante contraditório e surpreendente que foi Tobias Barreto.

Tudo aí é passado em revista: o poeta, o ensaísta, o filósofo, o polemista arrebatado, o professor, o criminalista. Nesse trabalho, Celso Vieira nos revela uma qualidade que seu estilo não nos permitiria atribuir-lhe: uma admirável capacidade de resumir as idéias mestras do biografado e salientar-lhe as belezas ou as contradições.

Já na biografia de Joaquim Nabuco, embora perfeita por todos os seus aspectos, não há essa preocupação de sintetizar. Ao contrário. Tal como na de Anchieta, o autor se alonga na descrição dos cenários físicos ou ambientes políticos em que atuou Nabuco.

O trabalho pertence à grande cópia de estudos e biografias que o centenário de Joaquim Nabuco provocou. Depois da minuciosa biografia que Carolina Nabuco fez de seu pai, pareceria difícil escrever sobre esse grande estadista qualquer coisa de original. Mas um homem com tamanha projeção na vida pública oferece tantos aspectos ao estudo de sua personalidade, que sobem a dezenas os livros sobre Nabuco. Até eu enveredei por esse tema e tentei o seu perfil psicobiográfico.

O acadêmico Luís Viana, com uma grande capacidade de pesquisa, forneceu um dos mais originais estudos sobre Nabuco, conseguindo, pelo manuseio de documentos de várias fontes, revelar fatos inéditos na vida desse grande biografado, como aquela crise de melancolia com idéias de suicídio que tanto emocionaram seu velho pai, o Conselheiro Nabuco de Araújo.

Como membro de uma comissão julgadora nomeada pelo Ministério da Educação para examinar trabalhos apresentados em um concurso instituí-

do por lei do Congresso com altos prêmios, pude ler nada menos de onze monografias sobre Nabuco. Cada qual explorava um aspecto da vida do estadista. Dessa comissão fazíamos parte Carolina Nabuco, como presidente, Múcio Leão, Josué Montello, Otávio Tarqüinio e eu.

Curioso é que, tendo nós todos chegado de modo espontâneo a julgar em I.º lugar determinada monografia e a classificar as duas outras a serem premiadas, temos o desconsolo de saber que até hoje – cinco anos depois – nenhum dos prêmios foi pago e nem o governo publicou nenhum dos trabalhos premiados!

* * *

O trabalho de Celso Vieira foi feito por encomenda de uma casa editora de São Paulo para ser lançado ao público no ano do centenário de Nabuco. Suas principais fontes informativas foram *Minha Formação*, do próprio Nabuco, e o excelente livro de sua filha, a Sra. Carolina Nabuco.

Mas Celso Vieira põe muito de seu na narração dos fatos que marcaram essa grande vida, já na descrição dos ambientes sociais e políticos em que tais fatos se desenvolveram, já no desdobramento das idéias motivadoras das atitudes de Nabuco.

Todo o livro é escrito naquela correção de linguagem de que sempre usou Celso Vieira, com a vantagem de ser contida nos habituais arroubos do autor devido à objetividade biográfica visada pelo trabalho.

É claro que, dados os seus próprios pendores, Celso Vieira põe mais ênfase nas oscilações pelas quais passou Nabuco em sua religiosidade, à qual retornou e se manteve fiel até o fim da vida.

A despeito da multiplicidade de estudos sobre Nabuco, a obra de Celso Vieira é de leitura útil pela visão panorâmica que nos dá de uma grande vida, toda ela entregue a grandes causas.

## VÁRIOS ESTUDOS

Como membro desta Academia, Celso Vieira foi dos que mais lhe freqüentaram a tribuna em trabalhos sobre autores e vultos nacionais e estrangei-

ros, tais como Santos-Dumont, George Santayana, Carlos Malheiros Dias, Américo Facó, Ataulfo de Paiva, Medeiros e Albuquerque, além de apreciações sobre *Canaã*, de Graça Aranha, sobre poetas cearenses, e um bem lavrado estudo sobre a lenda de Nossa Senhora de Fátima.

Tal assiduidade aos trabalhos duráveis desta Academia mostra bem o que dele eu já disse: as glórias acadêmicas não o deslumbraram a ponto de paralisá-lo.

Ao contrário. Estimularam-no para um trabalho constante marcado pelos livros que continuou a publicar e pelos registros da Revista da Academia.

## *O GÊNIO E A GRAÇA*

Seu último livro publicado foi *O Gênio e a Graça*, editado em 1951.

Acredito que para o próprio autor esse livro deveria ter sido considerado a sua obra-prima, porque nele se encontram os traços principais de sua obra literária: erudição, principalmente clássica; riqueza verbal, que se aduba nesse classicismo para dele desenterrar freqüentemente vocábulos de pouco uso; arroubos de imaginação nas tonalidades mais constantes no autor, que eram as do misticismo religioso; capacidade de síntese na biografia de autores, cujas idéias, lutas e paixões nos transmite naquele seu gênero romanceado e florido.

Sem dúvida, o livro contém tudo isso, mas por isso mesmo é o de mais difícil leitura.

Nos dois primeiros estudos desse livro harmonioso no seu conjunto – o sobre Dante e o sobre Camões, em uma abundância excessiva e quase asfixiante de erudição clássica, o que o autor põe em relevo, em um passeio realmente original pelas obras desses dois gênios, é a figura da Mulher.

Em "Dante" é a Beatriz, em vários aspectos do amor que lhe dedicava o poeta e que Celso Vieira nos conta e de que encontra vestígios em inúmeras passagens da obra do gênio.

Em "Camões" é Vênus, como deusa do Amor, nas suas várias expressões mitológicas que o autor entrevê em vários cantos de *Os Lusíadas*.

Recentemente, em uma esplêndida aula inaugural do curso de Crítica, que aqui esta Academia organizou, o Professor Amoroso Lima – um de vos-

sos mais belos ornamentos –, numa admirável síntese de sessenta minutos, nos deu uma visão panorâmica da História da Crítica. Nela aprendi que a crítica moderna se atém exclusivamente à obra com abstração do autor. Nela procura todas as influências de seu momento, o que a faz mergulhar por todos os ramos das ciências sociais e até das naturais.

Em verdade, nas várias formas de Arte, é possível encontrar o tipo de cultura do momento e, conseqüentemente, a influência do ambiente. Mas como essa influência se faz através do autor, não me parece possível abstraí-lo totalmente do exame crítico de sua obra.

Talvez a minha incapacidade dessa abstração resulte do vício profissional do psiquiatra que estuda em alguns de seus pacientes as suas manifestações artísticas, sobretudo as da forma, nesse interessante capítulo que é o da Arte psicopatológica. Transposto esse estudo para o das produções da chamada Arte moderna, encontra-se uma certa identidade de mecanismo que, na Arte psicopatológica, é o das frustrações, e na outra o do choque de culturas. Mas parece-me impossível eliminar o exame do autor de uma e de outra dessas formas de Arte para tentar conhecer das suas motivações íntimas.

Se, obedecendo às regras que aqui, com tanta clareza, o Prof. Amoroso Lima fixou como presidindo a crítica moderna, alguém tentasse compreender a obra de Celso Vieira – sobretudo no seu último livro –, dificilmente encontraria as influências do ambiente.

Examinada a obra em si e por si, no seu texto e na sua contextura, dir-se-ia trabalho de outra época, tão diferente da atualidade que Antero de Figueiredo, no prefácio desse livro, iguala Celso Vieira "ao agostiniano Frei Tomé de Jesus, ao jerônimo Frei Heitor Pinto, ao carmelita Amador Arrais, ao domínico Frei Luís de Sousa, ao oratoriano Bernardes, aos jesuítas Vieira e Lucena".

Se a obra em si apresenta esses traços de ancianidade, há que fatalmente buscar através dela a personalidade do autor e o porquê desse alheamento às influências ambientais do presente.

Por que, por exemplo, nos estudos sobre Dante e Camões domina a figura da mulher em um autor que em outros trabalhos se mostra tão pouco amável para com as qualidades femininas?

Por que esse autor mergulha nos clássicos e com eles vive e lhes absorve o estilo a ponto de com eles ser comparado?

Ignoro a vida íntima do autor e creio ser ainda cedo para pesquisá-la. Mas da sua obra transparece uma tremenda frustração afetiva que o isola do mundo real da atualidade e o conduz a um mundo artificialmente construído com os vestígios do passado. Dir-se-ia que nessa obra transparece uma grande ânsia de amor de um misógino solitário, que dá livre curso na sua obra àquilo que lhe está recalcado profundamente e só vem à tona do consciente nesses arroubos sentimentais que, para melhor disfarce, vestem-se do estilo do passado e se travestem em figuras mitológicas.

Se nos excelentes estudos sobre Cervantes, a velhice de Chateaubriand, Eça de Queirós e Olavo Bilac não vem ao primeiro plano a figura da mulher, deles não se exclui totalmente e neles se realçam as aventuras do Amor.

Para um autor que cultivou com estranhado zelo a pureza da língua nos moldes clássicos, *O Gênio e a Graça*, último dos seus livros publicados, é, sem dúvida, uma chave de ouro.

De tal autor pode-se repetir o que Antero de Figueiredo escreveu ao prefaciá-lo: "Celso Vieira, historiador, ensaísta, crítico, orador, conferencista, articulista, é além disto (se não anteriormente a isto) um mestre da língua lusitana, em sua estrutura, riqueza, propriedade verbal, limpidez, flexibilidade, ritmo e cor, sob o timbre sutil do Bom Gosto".

## OS CONTRASTES DA SUCESSÃO

Eis o grande trabalhador intelectual a quem a vossa generosidade me faz suceder em uma série de contrastes que, certamente, realçam o valor daquele a quem sucedo.

Ao espiritualista, cuja Fé transparece em todos os seus escritos, destes por sucessor um materialista, agnóstico e incréu.

Ao paciente cultor das coisas do passado, humanista amante do grego e do latim, segue-se um professor que prega o predomínio da Ciência como melhor preparo dos jovens para a compreensão da vida no mundo moderno.

Ao estilista cuidadoso, que trabalha a frase com o cinzel de sua cultura clássica e põe na forma o lavor de um esteta, sucede o comentarista descuida-

do, que escreve como fala e deixa que o seu pensamento flua livre das peias da forma, a que dá menos atenção do que ao conteúdo.

São contrastes sensíveis no confronto entre o sucedido e o sucessor e que de novo notareis quando ouvirdes aquele que delegastes para receber-me e cujo alto valor de homem-ciência não privou nem do culto espiritualista da vida nem do amor aos clássicos, nem do gosto pelo estilo em bom vernáculo, numa arquitetura de pureza impecável.

Tudo isso me confere um intenso sentimento de humildade ao sentar-me nesta Poltrona, em uma idade em que os defeitos da inteligência e da cultura não mais se corrigem e em que nada se pode prometer, além de continuar a amar a Beleza em todas as suas formas de expressão.

Neste particular sinto-me, freqüentemente, de tal modo arrebatado que não noto o peso dos anos da minha acidentada vida e me empolgo pelo Belo com a leveza de verdes anos!

E aí está mais um contraste que esta solenidade comporta: é que na festa imediatamente anterior cantou-se aqui o vigor da mocidade e larga parte da solenidade foi consagrada ao tema do confronto de jovens que cedo revelaram o seu valor!

Não desejo empanar o brilho de tão magnificente apoteose à mocidade, pois que o valor, como disse Corneille pela boca de Cid, "não espera o número de anos".

Nem é, porém, na só verdez dos anos que ele está, e sim no imo de quem os tem, na maneira de senti-los e de afrontar a vida. Ninguém o disse melhor que Cícero no seu diálogo sobre a velhice, quando põe na boca de Catão a seguinte sábia sentença:

> Todas as idades são pesadas para aqueles que não encontram em si próprios nenhum recurso para viverem bem e serem felizes. Aqueles, ao contrário, que não esperam o bem senão de si próprios, não podem olhar como um mal tudo o que é uma conseqüência inevitável da Natureza. Deste gênero é, principalmente, a velhice.

Em verdade, ao passarmos em revista todas as fases da vida, em qual delas encontraremos a real felicidade, senão nesse julgamento benévolo da realidade?

Diz-se que a infância, na sua inocência e despreocupação, é a idade ideal. Considerar-se-á feliz a criança? Quem lhe constrói a felicidade não é ela própria, e sim os que dela se ocupam e a vêem de seu ponto de vista pessoal de adultos.

É na minha especialidade que vamos notar, na personalidade neurótica do adulto, os efeitos dessas frustrações da infância, involuntariamente criadas pelos pais e desapercebidas da própria criança, que todos supõem feliz.

Na puberdade e na adolescência, o conflito entre a personalidade que quer expandir-se e afirmar-se e o ambiente que a quer conter gera essa inquietação interior, com manifestações freqüentes de um desespero que está longe de ser a felicidade.

A juventude parece ser a idade mais amável. A personalidade já se vai afirmando. Não há ainda o peso das responsabilidades. Mas a inquietação da adolescência nela se prolonga por um infinito de interrogações e de dúvidas: – sobre o futuro a traçar, sobre o amor, sobre o mundo, num misto de ambições e de temores!

A maturidade vem quando se criou a estabilidade afetiva e material. O homem conquistou a posição que o destino lhe deu na vida material e no amor. Tudo parece em perfeito equilíbrio. Mas a defesa desse equilíbrio é um ônus para os que não confiam em si próprios. Os encargos da vida se acumulam. Se o homem não encontra em si mesmo os recursos para viver com fé e coragem e ser feliz – a vida é dura e áspera e dificilmente ele chegará à velhice com a alma serena com que cumpre entrar nessa fase harmoniosa da vida, em que não há mais ambições, nem dúvidas, nem insegurança, mas na qual os longos anos vividos ensinaram a encontrar beleza em tudo quanto a vida nos dá.

Pode-se repetir o que Cícero atribuía a Catão naquele diálogo famoso, dizendo que não é verossímil que a Natureza, que soube tão bem coordenar as outras fases ou atos da vida, descurasse do último, que é a velhice, como faria um poeta negligente com a última estrofe de um poema.

Em verdade, se a Natureza faz do arrebol matinal um espetáculo grandioso, em que a claridade do Sol se anuncia por uma sinfonia de cores que, em crescendo, despertam para a vida, ele não é menos belo – na suavidade com que vai descerrando as cortinas da noite, em cores que se vão atenuando

brandamente do rubro sangüinário ao roxo tranqüilo que precede as trevas noturnas.

Levante e Poente – tudo é belo na Natureza e na Vida quando se tem capacidade de sentir-lhe a beleza!

* * *

Esta é uma Casa em que se cultiva a Beleza na sua mais pura forma, que é a do espírito.

Não trago cansados para ela os olhos de minha alma, mas, ao contrário, ávidos de novos estímulos!

Venho encontrá-los entre vós, que os forneceis em abundância com os fulgores de vossos talentos criadores!

Na serenidade das suaves cores com que se vai descerrando a cortina da minha noite e que marcam exteriormente o meu próprio ocaso, sinto-me iluminado interiormente por um perpétuo arrebol matinal de entusiasmo pelo Belo! Considerar-me-ei feliz no vosso convívio, nesse culto eterno da eterna beleza da Vida!

## II

## RESPOSTA DO SR. CLEMENTINO FRAGA

Senhor Maurício de Medeiros,

Títulos e trabalhos que aqui vos trouxeram, tais e tantos, todos atestam o saber do médico e professor, cedo queimado nas labaredas do amor à Cultura geral e literária. Nas justas em que vos empenhastes pela conquista de autêntica nobreza intelectual, certo a Academia entrou a consumir a aspiração, mais de uma vez frustrada, e logo refeita no lance desportivo da sedução. A idade provecta, de que falais a talho da ocasião, não se paga apenas dos dias rodados, senão também do patrimônio de saber, que só o tempo permite; mas, pelo prezar o contraste, sois agora o acadêmico nupérrimo, o que, ao léu da fantasia, não deixa de ser uma forma graciosa de transigência com o último minuto. Também eu sinto o travo desse acinte melancólico: juntos vimos fugir a mocidade no ardor de suas paixões e na doçura de seus pecados; devemos convir entretanto, que a condição acadêmica não pressupõe vida generosa, embora aqui em maioria à beira da velhice se mostrem, uns reticentes e discretos no denodo da aparência jovem, outros menos rebeldes e mais desenganados, quase vencidos pela *canities morosa*, de Horácio, contem pelas brancas as ilusões goradas. Paul Claudel, chegando à Academia Francesa em 1935, teve a impressão de um "Parque de Sombras", em cujo âmbito gerotrófico a puberdade acadêmica começa aos oitenta anos. Fontenelle, na casa dos noven-

ta, desafiado ironicamente por uma dama galante, disse com bonomia: "Ah, madame, se eu tivesse ainda oitenta anos..."

Dir-se-á que a cronologia da vida, em seus derradeiros alentos, pode ser aquecida do conforto filosófico, entre pobres reflexos e sombras amáveis. É o que fazeis, com lucidez intrépida no feitiço da frase literária.

Mísero de mim, que, sem desdém pelos milagres da ortobiose, com Joubert, penso que o melhor "é morrer jovem o mais tarde possível". Mas, como estimar essa juventude? Qual seu verdadeiro teste? A lucidez do espírito? O bom humor no rumo consciente da velhice? A assistência caridosa da ilusão? A sensualidade? Não ouso responder. A considerar de ânimo sereno o meu caso, sinto deveras (e comigo devem sentir nossos cordiais confrades da Cadeira 41) que já vai tardando a conformidade do voto íntimo com a grata realidade...

Convosco a situação é outra: tranqüila, confiada e nobremente sentimental. Teimais em "amar a beleza em todas as suas formas de expressão" – lema emotivo, que se ajusta à sentença de Kafka: "Aquele que conserva a faculdade de ver a Beleza jamais envelhece."

Menos tardia, que advertida no preparo de expressiva recepção, vossa entrada nesta Casa aguardou a consagração da unanimidade para coroar uma existência em tanto auge vivida na embriaguez do ideal. É certo que a Academia não tem preconceitos de idade, filiação ou preferências culturais, e, entre "valores e melindres bravamente porfiados", só lhe não move a simpatia pela juventude inédita, ou apenas apontada na arrogância estulta do combate à tradição – "seu primeiro voto", no postulado fundamental de Machado. de Assis. Em regra, os nomes em apreço são colhidos entre sábios e poetas, artistas e geômetras, escritores de todos os gêneros, prelados, juristas, filósofos, oradores, homens de estado, diplomatas e outros titulares: tanto são os que, capazes de curiosidade cruzada, em boa compostura, merecem nossos sufrágios, sem embargo da modéstia, que aliás se não recomenda como virtude acadêmica, a não ser na afinidade com o orgulho. Adentro destas paredes, a prescrição da igualdade começa pelas poltronas, historicamente iguais, desde Luís XIV, que assim as quis, na Academia Francesa, para preservar a paridade doméstica. Daí o tratamento simples, equânime e regimental de "Senhor", ainda que a alguns sobrem títulos políticos, diplomáticos, eclesiásticos ou nobiliárquicos, como conquista vitoriosa de outras andanças. A propósito,

conta-se que naquela ilustre Companhia, ao receber a dignidade acadêmica, o Cardeal Maury, repetindo a impertinência do Cardeal Dubois, um século antes, exigiu o título de "Eminência", correspondido a ponto pelo sarcasmo dos confrades no tratamento de "sua insolência".

## OS MÉDICOS NA ACADEMIA

O Acadêmico Medeiros e Albuquerque, polígrafo, romancista, ensaísta, jornalista de milagrosa atividade, cuja memória tão cara ao vosso coração continua alumiada de nossa saudade. Medeiros, recebendo a Fernando Magalhães, aludiu às figuras médicas da Academia, nestas palavras:

> Somos um pouco mais previdentes do que parece na escolha das especialidades dos médicos que elegemos. Notai que, se temos grande médico que, pela aclamação de seus pares, é o especialista máximo de todas as especialidades, temos um que agora é higienista, mas já foi psiquiatra, médico de loucos, e ainda neste momento acaba de agitar perante o Congresso a questão da assistência aos psicopatas; temos outro que escreveu um notável tratado sobre a semiótica das moléstias nervosas, e temos, enfim, um terceiro cujos trabalhos sobre moléstias na fronteira da neuriatria e da psiquiatria são justamente célebres. Quantos especialistas de moléstias mentais ! Vê-se que nos garantimos.

No apreço desta advertência, aliás tradicionalmente amparada na sentença do Rei-Sábio – "sem a loucura nada é agradável na vida" –, e não sem sérios motivos de convicção, recebemos um psiquiatra, acreditado dos maiores, bem comportado de sua história pregressa e de boa cultura, raias além da especialização médica. Realmente, tratando-se de insanidade mental, os casos de fronteira patológica são os mais curiosos, porque bem compostos na aparência normal, são às vezes, até simpáticos nas manifestações de inteligência. Apostrofando a humanidade, disse Boileau:

> *Tous les hommes sont fous, et, malgré tous leurs soins,*
> *Ne different entre eux, que du plus ou du moins.*

Felizmente o diagnóstico é de poeta...

Sem nos colocarmos do lado de Euriniyes, parece que hoje a loucura é mais escandalosa, senão mal dissimulada, ou menos contida no círculo de família, dos alienados, alienistas e psicanalistas; talvez porque os fatos sociais de caráter psicoemocional, cúmplices de consciência mórbida, recrescem em ação e assomam à mentalidade humana. Não tardará que os psicólogos, em crise de explicação, queiram vislumbrar a razão nos loucos, ante os desvarios sociais e políticos do mundo atual. Sobre o certo, a consciência, que é apenas um momento na vida psíquica, se torna cada vez mais vulnerável.

## EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

Em vossa obra intelectual, Sr. Maurício de Medeiros, a cultura científica deu os primeiros frutos, recolhidos com entusiasmo pela geração que ouviu o professor na Universidade do Brasil. Devemos esperar menos da Ciência que da Arte do escritor, a duras penas conquistada, na intimidade de longo contato com as Letras mais belas.

Vejamos como madrugou o jornalista. Em 1908, apenas egresso da Faculdade, substituístes a Medeiros e Albuquerque na seção diária da *Gazeta de Notícias*, sob o título: "Aqui, Ali, Acolá", crônica sobre fatos da cidade, dos Estados e do estrangeiro. A 6 de agosto, daquele ano, foi publicada a primeira crônica em tal amanho, graça e polidez de linguagem, que impressionaram a Oliveira Rocha – o Rochinha, em seu artigo "Bastidores": "o público ficará surpreendido, como nós mesmo ficamos, com esse fenômeno extraordinário de apropriação em que a ortografia é o mínimo – está claro, e em que é tudo a maneira, a análise, a exposição, o comentário." Era o maior elogio que podíeis receber a comparação com Medeiros e Albuquerque.

Já se disse que o jornalismo é Literatura sob pressão – pressão do tempo, do espaço e do público. É de Medeiros o conceito: "Um jornalista é um homem enciclopédico, que entende de tudo, sobretudo das sentenças profundas e definitivas. Em um artigo de jornal, ele é capaz de fazer caber toda a história universal." Condensar, abreviar e simplificar é função de quem pretende liderar a opinião, atuando dentro dos seus reflexos, conforme o

momento em que incide a ação sobre o público. O jornal inspira o comentário, e a conversa o transmite por contaminação direta de pessoa a pessoa.

De então até hoje o jornalista numeroso não mais desertou a sua coluna diária, sempre alertada para discutir problemas políticos e sociais. Há muito desinfiltrado da política partidária, exercida antes de 1930 com bravura intelectual, quando a inteligência e a cultura eram prezadas pelos homens de estado, no intento de aforar sucessores febrilmente fizestes política no Estado do Rio, *in illo tempore* (conheceis, naturalmente, a tradução popular e faceta das palavras do evangelho, corrente em Niterói e adjacências). Admira que na República nova, que "tão depressa envelheceu", se é que não nasceu já decrépita, o combatente vencido pelo desânimo não tivesse chegado à conclusão de Santayana: "todos os governos são bons... para os governantes."

Algures, num dos vossos livros, confessais, sem falsa modéstia: "Deu-me a natureza a capacidade de sentir vibrantemente, em sintonização com a época que vou vivendo. Não me prende o passado, senão para melhor compreender o presente e bem augurar do futuro." Bem o dissestes. Nas ressonâncias da voz, como nos embates do Jornalismo militante, tal se revela o líder universitário, a espaços, o ensaísta e, diariamente, o cronista que vive o seu momento social, areja com a sã doutrina o ambiente político, comenta erros administrativos, misérias clandestinas, em pleno desabafo de opinião sobre "– idéias, homens e fatos". Tudo sem aridez nem asperezas, senão com tolerância e simpatia humana, quase sempre expondo o mal para apontar o bem. São de tal índole as argüições do comentarista e vulgarizador de aquisições recentes, que, às vezes, tomam o feitio didático, tão do vezo do professor. Vossas crônicas, como disse Plínio Barreto, "na sua brevidade calculada encerram muita reflexão preciosa e ministram muita informação útil". No livro, como no jornal, reconhecemos "no autor um homem", como disse Pascal.

## INFLAÇÃO LITERÁRIA

Em se tratando de cultura geral agita-se o problema da extensão da obra escrita, sua mediocridade e inconfidência com as aspirações literárias. Fidelino de Figueiredo, crítico, ensaísta e pensador, considerou, atalhando o propósito : "Há um movimento geral de ascensão das massas despertas, de forte curiosida-

de intelectual, ardente sede de saber e de informação realista, acerca de tudo, que as facilidades de comunicação descobrem e contentam. À sombra desta manifestação de saúde é que se definiu a doença: a falsificação da cultura."

A imprensa diária absorve e entretém o público com os acontecimentos da véspera, mais gratos de ler em colunas abertas do noticiário de sensação. Com as revistas semanais ilustradas, o rádio, a televisão, o cinema e o teatro industrial, completa-se o quadro da Literatura efêmera, ao revés da educação popular. Passam depressa, mas fica o sabor do comentário ácido, da linguagem partidária destravada e agressiva, ou do fato escandaloso. Outro elemento de colaboração malsã é a dos livros e folhetos de pura sensualidade, que aos jovens principalmente corrompem. Junte-se a isto a massa insípida dos livros a prêmio, dos versos sem poesia, da oratória sem forma nem expressão, e temos, torrencial e próspera, a Literatura instável e inflacionária. Dir-se-ia que "os livros caem dos prelos como o papel-moeda das emissões". E a Literatura continua polarizada no medíocre, talvez porque a pressa da leitura não dá para educar o gosto. Ao cabo de contas podemos repetir com Machado de Assis, naturalmente saudoso dos clássicos: "Muitas águas passaram sob as pontes da Literatura que nos encantou."

O livro bom, doutrinário e exemplar, de si mesmo raro, só interessa a raros leitores.

Num ensaio sobre o destino dos livros, Celso Vieira, disse com acrimônia: "Os livros enxameiam como os efêmeros, derredor da luz bruxuleante, vindos da mesma noite, para o mesmo nada." E pois, a inflação literária torna cada dia mais difícil a aquisição de um patrimônio cultural. Como acudir a esse problema em transe de salvação? O dia não tem mais de 24 horas, diz André Billy, que lança no ar a interrogação: pela instauração de novo humanismo? Pelo incêndio das bibliotecas? Pela bomba atômica? Respondam os pontífices da hora presente.

## A CADEIRA 38

Vosso entusiasmo pelo patrono condiz com o de Graça Aranha, fundador da Cadeira 38. Poucas palavras lhe reservais. Tendes a virtude da opinião expressa em sucinta claridade.

Tobias Barreto foi um dos ídolos de sua geração. Contemporâneo de Castro Alves, sua cultura precoce o aproximou do poeta, de quem pouco depois se separaria, quando ambos estudantes em Recife se tornaram chefes de grupos apostados na admiração de duas atrizes: Eugênia Câmara e Adelaide do Amaral. Da platéia do "Teatro Santa Isabel", a polêmica tomou a forma graciosa do ritmo. Disse Tobias:

> Sou grego, gosto das flores
> Dos perfumes, dos rumores;
> Mas minha alma inda tem fé...
> Meus instintos não esmago,
> Não sonho, nem me embriago
> Nos banquetes de Friné! ...

Respondeu Castro Alves, de improviso:

> Sou hebreu ... Não beijo as plantas
> Da mulher de Putifar.

Considerando sobre a luta universitária em Recife, diz Pedro Calmon em seu livro *Vida e Amores de Castro Alves*:

> Em 1866 brigaram no Santa Isabel não apenas dois partidos juvenis de atrizes que se detestavam – a cortesã ateniense e a hebréia hipócrita, porém, dois temperamentos literários polarizados pela divergência de suas atitudes em face da vida.

O curioso é que quase na mesma época, segundo referis, houve em Portugal uma contenda de jovens por duas atrizes: a Adélia Dabedeille e a Clara Belloni. Entre os bellonistas estava Camilo Castelo Branco, então mais turbulento e brigão, que narra sua disposição em "deixar-se bater e matar por uma mulher, doente, casada, e, de mais a mais, honesta..."

Narrais a seguir, sobre Graça Aranha, sua inquietação espiritual, assoberbada na juventude e mantida enquanto viveu. Nele o espírito de revolta

atestava o voto de mocidade perene. Até o último sopro de vida teve a companhia dos moços que o cercavam no penhor de viva admiração; e, como Unamuno, entre eles, parecia o mais jovem. Entretanto, como disse Manuel Bandeira, Graça Aranha não teve discípulos. "Não foi um mestre, no sentido da palavra, senão um companheiro mais velho cuja adesão deu ao movimento (modernista) o prestígio de sua glória pessoal e o calor do seu generoso entusiasmo."

A Cadeira 38 teve ainda a enfeitá-la a glória de Santos-Dumont. Graças ao poder legislativo o governo vai publicar em francês e inglês a obra de Henrique Dumont *Quem Deu Asas ao Homem*, que a Academia recebeu e festejou com o maior apreço.

De vosso antecessor vos ocupastes com desvelada atenção por sua alentada obra literária. Celso Vieira teve a virtude da fidelidade à vocação; no enlevo do gênio e no culto da graça, disse à maneira de confissão:

> Revejo com emoção as obras e as vidas ilustres, que me fascinaram, os belos templos da Arte escrita, devotamente percorridos neste longo itinerário, e em cada volume, em cada frontespicio, o nome do glorioso arquiteto: Dante, alma religiosa e poética das horas medievais; Luís de Camões, épico e lírico da renascença marítima; D. Miguel de Cervantes, eternizando o império solar da Espanha na Literatura; Chateaubriand, erigindo o mausoléu do romantismo francês com a sua piedade e o seu desencanto; Eça de Queirós, demiurgo da fase naturalista em Portugal; Olavo Bilac, revelador das núpcias de Eros e Psiqué no Brasil. Durante meio século, repassaram as Letras de fogo dos textos mágicos sob os meus olhos.

Foi autêntico homem de letras, admirado entre os da sua geração. Ensaísta, crítico, esteta da língua, foi dos nossos maiores prosadores: boa formação humanística, madrugada na leitura dos clássicos antigos, para logo dilatados os horizontes de sua cultura na visão dos cimos literários de todos os tempos. Da alegoria dantesca seu olhar contemplou Beatriz Portinari – a "Beatriz Paradisíaca", eternizada em símbolo poético; da Renascença não perdeu de vista a ebulição cultural, no qual tempo entram os rútilos tons crepus-

culares do século XV e a aurora radiosa do século XVI, que fizeram a esteira de luz dos tempos modernos.

A obra de Celso Vieira impressiona pela ascendência erudita e opulência verbal, buscadas em Pascal, Racine, Molière, La Fontaine, no grande século; em Voltaire, J.J. Rousseau, os enciclopedistas do século XVIII, sendo que mais inspirada se revela nos magos da prosa do século XIX – Chateaubriand, Victor Hugo, Stendhal, Flaubert, Rénan, Taine, Barrés, Anatole France.

Outro tanto se encontra patente nos ensaios e orações a influência dos clássicos portugueses, de encantada mira na cultura da língua – preocupação obsidente de sua formação literária. Dos escritores luso-brasileiros, mais flagrante é a preferência pelos vultos nacionais da segunda metade do século XIX, e desde 1897 pelas figuras estelares que gravitaram na órbita da Academia. Não teve simpatias pelo movimento modernista. Disse certa vez: "Vieram depois os modernistas, deformadores da Poesia e da Prosa".

O estilo de Celso Vieira atinge a fase artística em sua prosa dos últimos tempos; liberal na adjetivação, ora neutra e flexível, ao gosto dos românticos; ora concreta e exata, à maneira dos clássicos latinos, como podemos sentir, relendo as formosas conferências – *Vênus Camoniana, Cervantes e D. Quixote, Velhice de Chateaubriand, Eça de Queirós, Olavo Bilac, Destino dos Povos no Destino das Línguas*.

Na análise de sua obra bem aprendestes seu sentido e elevação; na apreciação do homem sua índole caturra, às vezes intolerante e explosiva, humor desigual e imprevisível disposição de ânimo. Assim o víamos, entre nós, de semblante carregado, o olhar velado pela sombra dos óculos, fechando uma fisionomia que não conhecia o sorriso, e só, a espaços, desatava em riso aberto, nervoso e breve. Assim como era, sem disfarces convencionais, ainda assim o tínhamos em muita cordialidade e admiração pelo seu merecimento, sua probidade intelectual, seus estimáveis dotes morais.

## OBRA LITERÁRIA

Meu caro confrade,

Vosso primeiro livro literário é de 1923, quando já a obra científica ia adiantada, discursos e conferências sobre ensino, política, idéias gerais em Biologia, dentre as quais ouso destacar duas orações, ambas de posse, na

Faculdade Nacional de Medicina e na Academia Fluminense de Letras. Conceituando sobre a orientação intelectual no governo dos povos, dissestes:

> Nunca precisamos tanto da ação iluminadora dessas academias. Não só pelo que de próprio apresenta o Brasil nessa necessidade, como pelo engano que está percorrendo o mundo a abalar-lhe a organização social até as camadas mais profundas, é mister que se acendam por toda a parte esses focos de cultura do espírito, a fim de que não submerja, na onda igualitária dos tempos modernos, o patrimônio intelectual da humanidade.

E, no penhor de plena atualidade, o conceito:

> No dia em que se retirasse da vida do homem o gozo intelectual abstrato, a capacidade criadora de ficção nas suas várias formas, literárias e artísticas, e se reduzisse toda a manifestação de vida a movimentos de pura ação – a humanidade perderia a maior parte de seus encantos para transformar-se num viveiro de autômatos descerebrados.

Outro livro, dado à estampa em 1931, tem o título *Rússia*. Impressões de viagem, sem fantasia nem crítica, esquivo até às expansões sentimentais, tanto do vosso temperamento, que a vida não corrompeu. Vinte milheiros de safra editorial. Aposto que nada acrescentou à modéstia de vossos haveres. Volume de mais de trezentas páginas, de bom aspecto tipográfico; não digo o mesmo da capa: figura mavórtica, cara de quem tem rugas no coração, quase feroz, como a retratar a ideologia que quer vencer pela violência. No texto nada que tal aconselhe, felizmente. Partindo da Bélgica, em viagem aérea, descreveis as aglomerações urbanas, a projeção das igrejas nos povoados menos densos, os campos cultivados, o Reno. E comparais:

> Quantos de nós seguimos pela vida afora em voltas e torneios caprichosos, como se nos espreguiçássemos hesitantes antes de atingir o ponto mais além. Também, a distância dos tempos, parecerá que poderíamos ter encurtado as distâncias, cortando retas ao fim. Cá de baixo, no contato

> presente das coisas, é que vamos contornando os obstáculos, que a própria vida nos cria, e nos enrolando em torno dos mesmos pontos, a rodopiar.

No mais, a não ser pela forma, sempre escorreita e amena, não creio que as impressões tenham ainda atualidade, 25 anos passados, num regime que evolve a golpes de autoridade com o apoio da força.

Em 1935 publicastes uma coletânea literária, sob o título sedutor *Pensamentos de Medeiros e Albuquerque*. Durante quarenta anos de convívio com um homem superior, o espírito lucra da aproximação, sobretudo quando escutado ou lido com curiosidade e amor. No prefácio, anunciadas as determinantes da publicação, explicais:

> Assim, na observação meditada dos melhores livros que Medeiros escreveu, fui encontrando admiráveis definições, conceitos, pensamentos, idéias gerais semeadas, descuidadamente, ao correr de sua pena. Resolvi colhê-los e reuni-los neste florilégio, que ofereço aos seus leitores. Creio que, lendo-os assim, marcados pelo isolamento, o leitor de Medeiros e Albuquerque sentirá aumentada sua admiração pelo grande e inigualável escritor, que lhe aparecera então como um sábio e profundo pensador.

Neste recinto, onde tantas vezes vibrou a palavra de Medeiros, e que revive no seu esplêndido livro *Homens e Coisas da Academia*, a recordação de sua fecunda atividade intelectual deve começar registrando com reconhecimento a parte que teve na fundação desta Instituição e, dia por dia, a ela sua devoção intrépida tanto que viveu. Conheci-o de perto e o acompanhei, já débil e doente, até o último alento da vida. É pois de alma comovida que relembro o companheiro e amigo que nele todos perdemos, principalmente aqueles que tiveram a graça do seu convívio, sempre enlevado pelas abertas de luz de sua vigorosa inteligência. Não me permite o momento acompanhar os pensamentos de Medeiros, ainda que de relance, através das páginas em que os condensastes. Mas não passarei adiante sem recordar opiniões suas que me ficaram de memória, por exemplo: "A ciência é um anedotário de fenômenos", "O silêncio é uma angústia e pesa terrivelmente." Sobretudo às mulheres, poderia acrescentar o Sr. Aloísio de Castro, recordando fatos e conceitos de sua maliciosa conferência sobre "Loquacidade Feminina". O orador já era

acadêmico quando Medeiros disse, referindo-se aos colegas: "A percentagem de maliciosos é aqui sempre superior a 100 por cento." Felizmente, porque malícia é libertação.

Medeiros, que era um tipo longilíneo, certa vez inquirido porque preferia as mulheres pequenas, respondeu: "Dos males o menor." A propósito de uma promessa de Cláudio de Sousa, não cumprida, a seu neto, observou: "Às crianças e às mulheres não se promete para não cumprir." Quando deputado, um colega, com extranheza irônica, declinou sem nome por inteiro: José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, tendo réplica imediata, em aparte: "Campos da Costa vem da linhagem materna, Medeiros e Albuquerque da paterna; José Joaquim é simples designação de sexo..."

Voltando à apreciação de vossos trabalhos, aberto o volume *Idéias, Homens e Fatos*, dou com um capítulo sobre Camilo Castelo Branco e sua psicologia. Em minha pobre qualidade de devoto do grande vernaculista português, lembro aos camilianos a leitura desse estudo, estimável em beleza e profundidade.

## *FOLHAS SECAS*

Por diante a curiosidade, damos com *Folhas Secas*: *Comentários e Reflexões*. Num estilo habilmente tecido de clareza e sobriedade, amais, à maneira de Camilo, o murmúrio do córrego e ver "cada tarde a folhinha seca derivar na onda límpida". Ouçamos o prosador. "Velho cronista, apanhei algumas dessas folhas secas, em que encontro, ainda hoje, algo de mim mesmo. Atei-as neste volume. Talvez resistam algumas, para dizer de uma alma inquieta e angustiada pela torturante busca da verdade, da beleza, da harmonia universal"...

O comentário sobre cinema e seus amadores mais ou menos delirantes, é de exata penetração psicológica:

> Quando qualquer de nós vai a um cinema, vê dois filmes: um o da tela, outro, o da própria alma. Inconscientemente transferimos aqueles episódios para a nossa própria vida, não com a minúcia do que se está passando, mas na vaga assemelhação ao tom geral de nossa própria afetividade. Bom filme

> é para nós aquele que encontrou maiores similitudes com esse estado de alma íntimo e que, muitas vezes, escapa à nossa própria observação.

* * *

Passastes o Natal de 1935 preso a bordo do vapor Pedro I na Baía de Guanabara, e, como pássaro em clausura, entoastes este cântico à liberdade:

> No convés superior, alongado em uma espichadeira, pousei sobre a perna o livro, que vinha lendo e deixei-me empolgar por aquele deslumbramento de fogo, cuja vermelhidão passava aos poucos do róseo ao violáceo, ao roxo, até que o azul-escuro do céu veio formar a cortina diante da qual a Serra da Tijuca perdia os seus contornos para ficar como um bloco negro, informe e misterioso... Súbito luziram as lâmpadas da cidade, cuja cintilação era o úinico sinal de vida que ela podia mandar...
> E eu pus-me a meditar no meu estranho destino em que as prisões, os asilos, quando não as fugas, são os marcos com que se assinalam as fases da minha vida, conduzida incorrigivelmente por um mesmo pensamento, um mesmo sentimento, uma mesma vontade: o amor à liberdade!

E em últimos acordes "eis-me de novo em liberdade... e de novo a defendê-la no único sentido em que a posso compreender: ampla, irrestrita, ilimitada, tal como a impõe a dignidade humana. Nem ditadores de esquerda, nem de direita!" Se me permitis um reparo, perguntaria como, no turno atual da civilização, amar à liberdade, objetivamente, sem libertar o homem de uma sociedade desumana? Apavorada com a inflexão ameaçadora das massas, advertiu Simone Weil: "Desde que o coletivo aparece não há mais homem livre". E mais: "do mesmo modo que o homem não pode ser o joguete de uma natureza cega, também não pode ser o escárnio das coletividades cegas formadas por seus semelhantes."

Descrevendo um congresso americano de Psiquiatria, no qual foi considerada a intensidade da vida moderna no aumento da alienação mental, registrais algumas opiniões: "O psiquiatra Dr. Cherney afirma, tranqüilamente, que se há mais malucos é porque a vida é hoje mais longa, e o homem tem, portanto, mais tempo de ficar maluco..." Um outro psiquiatra, o Dr. Darrh,

lançou aos seus colegas uma pergunta perturbadora: "Existirá uma pessoa, com um conjunto de qualidades de espírito a que se possa atribuir a designação de padrão da normalidade?" E por fim "aconselha muito seriamente que se criem ambulatórios especiais para dar consultas aos legisladores e aos políticos, em geral, de modo que eles possam orientar-se sobre os problemas da sua própria personalidade, antes de se ocuparem com as dos outros... Ora, que idéia... O que dá precisamente aos políticos uma grande superioridade no resolver sobre o destino dos povos é a completa ignorância de si mesmos..." Mas, convenhamos, nos dias que correm, não é sem propósito a medida de profilaxia mental, de referência a governantes e parlamentares, alguns ilustres esquizóides, dementados na ostentação da auto-suficiência.

À página 306, explicando como biologista as predileções e antipatias caninas, dependentes da alta capacidade olfativa dizeis: "Era Murtinho que dizia: 'Quanto mais observo os homens mais estimo os cães'... A verdade é que, de todos os animais domésticos, o cão é o que mais se aproxima do homem, nas virtudes e nos defeitos. Se perde no exercício de alguns pela falta da palavra, ele o supera em outros, por aptidões fisiopatológicas, que o homem não possui."

Ricardo Jorge, grande médico português e alta figura letrada, falando dos salvados do dilúvio, considera o cão "o mais nobre animal da arca, inclusive Noé". Vem a talho o caso ocorrido com o célebre Professor Sauerbruck, da Universidade de Berlim, criador do método cirúrgico de tratamento da tuberculose pulmonar. Quando ainda na vertigem das alturas de seu poder, Hitler recebeu um pedido para conseguir do sábio professor, em período de férias e fora da capital, a ida à Turquia para ver pessoa da família do Chefe do Estado. Mandou procurar o professor, que se recusou a seguir no mesmo dia, dispensando o carro oficial e só no dia imediato chegou a Berlim, encontrando o ambiente oficial reticente e nervoso, de referência à demora em cumprir a ordem. Sem embargo, o professor, que tinha fome, já manhã alta, apavorou os auxiliares, dizendo que ia antes tomar a sua primeira refeição. De volta, conta como foi levado ao gabinete de Hitler, passando através de salas diversas e de oficial a oficial. Introduzido no gabinete presidencial encontrou o vazio; entrementes, entrou um cão de grandes proporções e feroz catadura. O professor foi ao encontro do animal, e já estavam os dois em boas contas,

quando entra Hitler, que, sem sequer cumprimentá-lo, abruptamnente interroga: "Que fez o senhor com este animal? Este cão é o meu melhor amigo!" "Nada fiz, excelência, senão que há pessoas que têm misteriosa influência sobre os animais, como há outras, como vossa excelência, que a tem sobre os homens."

De vossa árvore as folhas, ainda que secas, não caem todas ou, se caem, não se perdem. "Sexos em Conflito" é uma dessas, em que a Biologia, temperada de *humour*, recomenda o cronista. A propósito de competição feminina nos jogos olímpicos, quis um dos membros do Comité Internacional que as mulheres candidatas sofressem rigoroso exame médico, porque em jogos anteriores duas atletas foram operadas e transformadas em homens. Com exemplos e comentários explicais como a Natureza se engana em matéria de sexo. A crônica foge aos estilos acadêmicos... Mas fique a conclusão: "Nada de enganos. Correr numa pista como mulher, e depois virar homem, não é sério..." Mais sério é o caso que referis, passado num convento de monges, em que um deles tinha os dois sexos, bem acabados na mesma pessoa. O fato se deu no País D'Auvergne do século XV. O escândalo, naturalmente sem explicação na época, levou o pobre monge à fogueira com as suas vergonhas...

Sob o título "A Mulher na Turquia e no Brasil" observais a renovação dos hábitos femininos, e, a propósito, levais um pouco longe a liberdade de uma crônica. Lendo-a, a memória me sorriu na evocação de um professor de meu tempo, na Bahia, em verdade querido e admirado, que, aos impulsos de sua eloqüência, se permitia umas tantas imagens e comparações, às vezes, exemplarmente caricaturais. Certo dia um aluno mais ousado, tomando do lápis para anotar uma frase pitoresca, foi advertido: "Moço, eu posso dizer isto, mas o senhor não pode repelir – são imunidades da cátedra!" Ora, não foi menor a afoiteza do cronista, quando, a folhas tantas, contando com a impunidade da crônica, arrisca corajosa apóstrofe, muito ao revés dos preceitos legais e religiosos: "Nós outros homens somos mais ou menos poligâmicos." Que enormidade! Talvez tenhais razão, mas não tendes razão de a terdes publicamente, como disse Voltaire de referência a Sócrates. Ainda há pouco, com fundamento em razões sociais e biológicas, moralmente pedagógicas, o Reitor da Universidade Islâmica fez o elogio da poligamia e aconselhou sua adoção universal.

O livro, deliciosamente, nos dá sua última página: "No manipulá-las, para escolhê-las, como um botânico minudente ou um herbanário zeloso, vi levantar-se a poeira do tempo e senti-a odorante, a avivar-me a memória das coisas e das gentes... Pude, às vezes, ter a ilusão de ver realidades do presente, esboçadas nas nervuras contorcidas e amareladas dessas *Folhas Secas*. E vi também coisas eternas, porque dizendo do sentimento humano, não envelhecem nunca, nem perdem de frescor..."

## *TEMAS FALADOS*

Em vossa obra literária a seara é farta, e lavrá-la em tempo hábil, só pela seleção de alguns trechos, ainda que sob caução do gosto, no meu caso, muito duvidoso.

Em *Temas Falados*, o psicólogo e homem de letras analisa atos da vida corrente, à luz das idéias atuais que explicam sonhos e recalques, eclipses e repentes da memória, protestos amistosos, sem amizade, às vezes despedidos do inconsciente em frase irônica. Em verdade, do inconsciente emanam as forças tirânicas das paixões, admitindo-se com Henry Ey que é o centro cerebral "habitado por mitos, complexos e entidades metafísicas as mais imperiosas". Em boa inspiração, como médico-psicólogo, invocais a capacidade de esquecer, felizmente piedosa e solícita. E, a ponto, a interrogais: "Qual a função de certos tratados moralistas, senão a de criarem derivativos mentais que forcem ao esquecimento das penas e dores deste mundo. Tratados de consolação, literatura teológica contra a tentação – não são mais, em verdade, do que compêndios da arte de esquecer." Não há dúvida que a alma sensível não pode fixar o presente, tendo sempre em evocação o passado, em cujas cicatrizes a vida nos desenganou. A lembrança da amargura, ainda que por instantes, amarga ainda... Não será melhor, como dizeis, "reclinar a cabeça sobre um colo feminino e deixar-se embalar, de olhos fechados à realidade das coisas?" E que melhor colo haverá que o da ilusão? Sem dúvida. De ânimo compreensivo até a inocência se pode justificar...

Noutras páginas tratais de assunto mais ameno: a psicologia da anedota e do riso. Cada manhã, em vez de bocejo, um sorriso, para entreabrir o bom humor e esperar as asperezas do dia. Estou a apostar que conheceis do grande

Roosevelt o preceito: "Se depois de ter tratado seriamente de coisas sérias, uma vez acertada a decisão, não se pudesse pilheriar, mesmo das coisas graves, não seria possível resistir quinze dias como presidente dos Estados Unidos."

Conta Stendhal que um príncipe alemão fixou um prêmio para a melhor dissertação sobre o riso. O trabalho premiado, de 150 páginas, parecia escrito em estilo dos tratados de química. Notou o escritor: Há mais gracejo numa só reunião social em Paris que num mês na Alemanha.

Cedo vos persuadistes da influência do bom humor e da alegria na luta pela vida, eu diria na luta contra a vida, ou, mais propriamente, contra a abjeção do mundo. Do tempo que vos conheço e estimo, como companheiro em árduas pelejas da classe, jamais surpreendi no polemista uma frase agressiva ou o tom irado. Viestes daquela escola do "Club Italiano do Bom Humor", que tinha no emblema o dístico salutar: *Non te arrebiare*, isto é, não te aborreças, não te zangues, não te enraiveças. E notais como virtude popular o vezo carioca dos trocadilhos e pilhérias, não raro os mais irreverentes. Tanto denuncia a boa índole do nosso povo, que os governos deviam cultivar e até premiar. Por isto mesmo, naquilo que o carioca leva a sério, isto é, no futebol, a competição acende a disputa, rebenta a desordem e sai briga.

Referis com a isenção do livre pensador o efeito psicológico da oração ao deitar-se. A prece sugestiona o crente e ajuda sua saúde moral, apagando da memória os pecados do dia. Sim, porque a oração "é o íntimo sublimar-se da alma pelo contato com Deus", disse Rui. Mas, variando de Medicina, aconselhais: "Duas a três anedotas que nos façam rir prazerosamente à hora de dormir, lavam-nos a alma, expurgando-a de toda tristeza e preparam-nos um sono repousante". A vosso respeito poderíamos repetir o que disse de Alibert, médico e escritor: "Cura seus doentes e encanta seus leitores."

## LITERATURA DO SÉCULO XX

Num estudo psicobiográfico de Joaquim Nabuco recordais seu belo tipo físico, conservado até a velhice no aprumo da elegância varonil, seu aspecto sereno, que deu a Oliveira Viana a impressão de postura olímpica, "como se quisesse legar à posteridade o modelo ideal da própria estátua".

A atitude intelectual de Nabuco foi a do pensador, revelada na predominância da meditação sobre a expressão artística. Tal como disseste, "a necessidade de criar é reflexo imediato das emoções estéticas, sejam estas causadas pela própria vida, ou pela contemplação da Natureza, ou por uma impressão artística no encantamento de uma leitura, de uma música, de uma figura feminina".

No interesse psicológico de interpretação da personalidade, perguntais: "Teria sido realmente um Narciso?"

A resposta dentro do conceito trivial de egoísmo, explorado nas crônicas sociais, para fazer restrições a quem tem a pretensão de ser alguém, não se ajusta, à figura de Nabuco, segundo se pode concluir do estudo em apreço.

Ainda menos se atentarmos para o sentido de Mallarmé e Valéry, a figura de Narciso, liberta da condição humana, é o símbolo do amor de si mesmo, no mito que beira a divindade, abismado no sonho insular de perfeição. A filiação poética de "Narciso" vislumbra a realidade além do nada, que é também das inspirações do pensamento hermético, rente com a sensibilidade que, em Poesia, ainda se alimenta do simbolismo.

No momento atual, ante a inquietação dominante, a literatura de salvação não se limita à revolução social, mas ao conjunto do problema humano, entrevisto pelo Cristianismo ou, sem Deus, pela concepção metapsicológica, que se traduz no *surrealisme*, de Breton. Nada menos que a inspiração luciferiana para reconquistar a divindade, ou seja, o homem noutro modelo espiritual, conduzindo a aventura humana à visão de novo paganismo, muito diferente do primeiro.

Qual o denominador comum da obra literária, assim revolucionária, objetiva e esteticamente configurada em nova atitude intelectual? Implicitamente a salvação humana, sendo de desejar que o homem e o mundo se reconciliem.

Em verdade, da encruzilhada sombria assistimos à ebulição de verdadeira crise do humanismo na civilização do Ocidente. Apelar para o conceito metapsíquico da Arte, como quer Malraux, para consolar-se da fatalidade do nada? É certo que só as obras de gênio desafiam a morte: são as "Vozes do Silêncio" no curso dos séculos. Porque oscila entre a angústia e a esperança, o destino sobreleva em mistério, e, ante o tempo que rola para a eternidade, a

nova vertente cultural atinge, perigosamente, a alma da humanidade. Numa lenda do século XV, Fausto, não o de Goethe, mas o de J. Klinger (1791), recorreu à influência satânica para salvar o mundo. O diabo viu na descoberta da imprensa o maior desafio às suas temeridades: o livro seria o grande fator da perdição e numerosas catástrofes prenunciava para a vulgarização da Cência. E afirmava convincente: "Sem os sábios, os poetas e os filósofos as portas do inferno estariam fechadas." Aí temos a era atômica e a literatura luciferiana. Devemos concordar que, no mínimo, o diabo é formalmente lógico.

Em verdade, a vida espiritual do universo respira com dificuldade, perdido o compasso com a liberdade nas relações políticas entre povos que se temem e se armam. Talvez atordoada com os avanços da Ciência e da Arte nos tempos modernos, a pobre humanidade tenha esquecido as éticas, principalmente cristãs, que formaram a personalidade moral, da Renascença ao fim dos tempos modernos.

O século XX abriu nova era – a era da agitação política e social, que deflagrou duas guerras mundiais, alterou a posição dos valores, inverteu normas espirituais adquiridas a muito custar, criou novos problemas, tornando mais frágil e inquieta a condição humana. Esperemos que, do beiral do abismo, um raio de de luz do Ocidente aponte ao homem, restaurado na confiança de si mesmo, o sentido redentor do bem e da verdade.

* * *

Sobre o novelista Maurício de Medeiros, gostaria de dizer, embora as novelas tenham baixado muito de cotação, depois de exploradas pelo rádio. Do autor, a novela, não sei se única, mas a que se conhece publicada, tem o título de *Segredo Conjugal*. É uma novela clandestina, porque nem o autor possui um exemplar... O tema melindroso é de si mesmo inconcebível, não sendo fácil o segredo de dois em companhia: é muito difícil a uma mulher manter segredo, senão nos casos do seu interesse personalíssimo. Mas de segredo conjugal temos um exemplo perfeito em vossa novela: ninguém dele sabe... Desconfio que terminou o enredo por duplo suicídio, sem carta à polícia e despedida à família.

## BRAVURA MORAL

Não me despeço dos nossos ouvintes, Sr. Maurício de Medeiros, sem me referir à página de saudade do pai que perdeu o filho, oficial da Força Aérea Brasileira, quando cruzava os céus espelhados pelo Mediterrâneo. Belas palavras comovidas que assim terminam: "Seu sacrifício fará com que vivamos eternamente juntos, enquanto houver memória desta guerra, de seus mortos, dos mortos do Brasil, do sacrifício de sua mocidade em flor, estuante de vida e de entusiasmo, porque, entrando a sorrir pelas portas da glória, ele repete no seu o meu próprio nome, obscuro nome de um pai que deu à Pátria o seu melhor tesouro : um filho!" Não as repito agora, senão por admirar o homem que soube resistir, honrando na bravura moral, a bravura do filho amantíssimo. Milagre do sentimento na vitalidade das energias crepusculares! Homem forte eu vos bendigo no heroísmo da resistência! A vontade é menos uma faculdade que um dom congenial, como a inteligência e o caráter; na composição da personalidade ela entra com o seu tributo de fortaleza moral. Levais a vida para onde a alma abrasada, a trabalhar, a produzir e a sofrer: compreendeis a dignidade de viver.

Como intelectual, sois eterno sonhador, sem exaltação; matutino pregador da liberdade, sem demagogia; geômetra sem ênfase; letrado militante, sem nem uma dúvida sobre a mais mínima influência do ascendente cultural brasileiro na vida política e social do País. Nós, os intelectuais, somos "desgraçados que pensam", na frase de Valéry. Conheceis a realidade aviltante que nas esferas oficiais estimula o farisaísmo da cultura e a apostasia do merecimento, até à fraude no renome e a inversão dos valores em matéria de saber técnico. Em toda a plenitude a filosofia pacífica do Sancho: é o exercício do cargo que faz a competência. Naturalmente por geração espontânea....

Mas, felizmente, a consciência destas verdades não vos esmorece o ânimo alerta: continuais a praticar a virtude lenitiva da esperança, ouvindo, como em múrmura corrente, o canto da última ilusão – a ilusão da posteridade...

Discurso do
SR. ASSIS CHATEAUBRIAND

e

Resposta do
SR. ANÍBAL FREIRE DA FONSECA

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 27 de agosto de 1955*

# I

# DISCURSO DO SR. ASSIS CHATEAUBRIAND

Esta Cadeira, Senhor Presidente, e senhores acadêmicos, pela ausência anímica dos seus vários detentores, traduz o que pode haver de menos adequado ao ritmo das Academias, como guardas da tradição, senhoras do metro e rainhas da medida. Ela é um paiol de pólvora, perpétuo, como o raio no firmamento. Tomás Antonio Gonzaga anda saturado, no lirismo da sua Poesia arcaica, do enxofre da rebelião, dentro dos porões de Vila Rica. O vate, se não exprime uma revolução em marcha, tem, contudo, o odor do que hoje se poderá chamar uma "conspiração fria". Frustro, a Costa d'África é o seu desenlace ainda mais álgido, que o exílio da Pátria e a distância da mulher amada.

Silva Ramos, gramático, de maço e mona, fino escritor da língua, tradutor feliz de Heine, era um explosivo. Brigava com quem o desafiasse. Era indócil com os provocadores. Andava às turras com os adolescentes insubordinados no Externato Pedro II. Não só gostava de lidar, como também aceitava as rixas que lhe eram trazidas por estúrdias de estudantes, e, galo valente, levantava a crista e vinha para o terreiro. Ciscava aí o bravo e ilustre professor, a quem o convívio com Portugal e os lusíadas, propiciou, ao lado de um elegante sentido da pureza da língua, a capacidade de pleitear pelo que ele julgava o seu dever, a sua honra, o seu direito.

Com Alcântara Machado mantive uma convivência que durou, do ano em que aqui cheguei até a sua morte. Afrânio Peixoto, seu amigo, mo apresentaria certa tarde, na Avenida Rio Branco. Nada menos de 23 anos mais tarde,

com Roberto Simonsen e outros, fundávamos a Escola de Sociologia e Política, de cujo Conselho Administrativo ufano-me de ser diretor, em substituição a Afrânio Peixoto. Seu filho, Antônio, morreu diretor do nosso *Diário da Noite* carioca. Alcântara Machado apreciava comigo, há muitos anos, o papel do Tietê, que vejo cada dia maior, no quadro da natureza econômica do Brasil. Do caminho pascaliano que anda, da grande estrada viva, aberta ao transporte das bandeiras, isto é, o Tietê, dizia Alcântara Machado que era o maior dos paulistas, até porque não pretere ninguém. Seu rival, suponho, será Nossa Senhora da Aparecida, mas essa chegou boiando, faceira, entre lírios, na bacia de outro rio, grande como o Tietê, porém, híbrido. O Paraíba corre entre seis braços. Não é só paulista. É um bandoleiro pérfido. Não ama ninguém. Vêde o ciúme que da terra paulista tem o Tietê. Não a larga nunca. Corre sempre dentro da área do território de São Paulo. O Paraíba ama três terras.

Suave, não falando, mas sussurrando, distante das multidões, fechado, sempre hermeticamente fechado, o clima espiritual e político de Alcântara Machado era um contraste com o daquela Natureza tépida, aparentemente macia, da garoa paulistana. O veludo que tinha na alma para os os amigos transformava-se em urtiga para os adversários. Quando se vinha de Armando Sales, fascinante na elegância dos ademanes de um supercivilizado, de um Jacinto sufocado pela exuberância tropical dos seus contemporâneos, e se desembarcava em Alcântara Machado, é que se notava a oposição dos dois temperamentos, que renhiam no seio do Partido Constitucionalista. Nosso presidente de Sociologia de São Paulo, dentro de um clã partidário, ele e os seus inconfidentes, que nas mesmas fileiras militavam, constituíam um pelotão em rebelião constante. Os fermentos que traziam para emulsionar a vida daquela maloca guaianás davam precipitados que os colocavam em constantes fricção com os companheiros da mesma agremiação cívica. Alcântara Machado era um galho viçoso do jequitibá perrepista. Ali dentro, sob a Primeira República, vivia insatisfeito. Resmungava. Seus competidores domésticos, na nova ordem partidária, a que surgiria após o colapso militar de 9 de julho, emanavam do Partido Democrático. Reivindicando uma larga dose de liberdade intelectual, no seio desse grêmio, Alcântara Machado agia dentro dos seus muros, soprando um mistral quente, no gênero daquele a que

Augusto levantou altares. A ventania que ele mandava do peito sacudia as vergas da nau-menina, recém-saída dos estaleiros da revolução. De noite, a tempestade acendia o santelmo nos mastaréus do barco, cujo bojo a todos acolhia. Eram os "fantasmas" da conspiração branca de Alcântara Machado. Tendes aí a terceira figura de conspirador da Cadeira.

Rondam, ainda, aqui, pelo Rio e São Paulo, dois dos seus "espectros" da meia-noite : os Srs. Motta Filho e Horácio Láfer.

A rotina desse clima celerado da Cadeira de Gonzaga, como não poderia deixar de corresponder a Getúlio Vargas, alma de conspirador e têmpera de subversivo, unha e carne com Gonzaga, e à fila dos endemoninhados, que o sucederam, na Cadeira, da qual o vate mineiro é o patrono? As caldeiras de Pedro Botelho de Vargas, do satânico Vargas, são, portanto, inseparáveis da célula de insubmissão civil e literária, armada nesta Cadeira. Não são senão *outlaws*, fora da lei, os ocupantes do posto do enamorado de Marília. Sento-me aqui, Senhor Presidente, tremendo, eu que me considero uma coluna da ordem, um *esteio* da legalidade. *Care, never extreme care*, dizia Brummel. Mas eu, pelo contrário, estou tomando cautelas adequadas, ao fixar os precedentes que se legaram os antecessores. Estou em más companhias.

Um benigno destino quis que me fizessem comendador, portanto, condecorável, e, a seguir, que me visse induzido, por um secreto e ambicioso instinto, a bater às portas da Academia, a declarar à Companhia, que, sendo condecorável, era, outrossim, "academizável", na expressão banvilesca. Tende a segurança de que nunca fui inimigo da Academia nem dos senhores acadêmicos. Mário Alencar, Miguel Couto, Alfredo Pujol *cunharam* esta invencionice. Mas não puderam prová-la. Fugi de maiores experiências com a Academia por entender que, com uma sensibilidade de paraibano, não iam a vossa ordem e a vossa disciplina. Eis tudo. Pensavam aqueles amigos que Capistrano e Pedro Lessa não me queriam ver acadêmico. Combatiam minha entrada em vosso Cenáculo. Também não é verdade. É certo que ambos falavam mal da Academia para mim e para o público em geral. Diante, porém, de quem poderia deter-se a veia de polemista daqueles dois temperamentos de provocadores, daquelas línguas venenosas que Santanás para aqui despachou, como embaixadores do Inferno na face da Terra?

Confere-me a Academia a maior de todas as honras e a mais cara de todas as glórias. Quando se recebe na Companhia um paraninfo como o Professor Aníbal Freire, ganha-se uma graça. Fostes comigo infalíveis, infalíveis e divinos. Pois a graça não é um dom celeste? Há 44 anos, o Professor Aníbal Freire tinha duas cátedras em Recife: a cadeira de professor, na Faculdade de Direito e o posto de diretor do *Diário de Pernambuco*. Uma e outra ele as exercia com um talento incomparável, e uma atração e uma têmpera de caráter raros. Fora difícil dizer qual era maior, se o jornalista ou o mestre do Direito Administrativo e da Economia Política, pois de tal forma consumada era a sua vocação para ambas as cátedras. Em 1911, na Câmara Federal, surgiu uma revelação que Carlos Peixoto me declarou, foi a maior do seu tempo. Nascia, nesta cidade, um parlamentar com a *allure*, a cultura e a graça do espírito, a técnica da oratória, e segurança na tribuna, o gosto pela liberdade, que o fizeram emular com os mais completos que tem tido o País, ao serviço das instituições livres. Depois, Ministro da Fazenda, que trouxe a libra esterlina a 24 cruzeiros, Juiz da Suprema Corte, com votos luminosos, diretor do *Jornal do Brasil*, a carreira do nosso mestre Professor Aníbal Freire é uma tão vigorosa marcha para a imortalidade que, quando a Companhia chancela a aspiração coletiva que unânime indicava, já repousava ele no seio amável dos deuses deste Olimpo.

Escolhestes, para suceder o fundador do Estado Novo, um antigo professor de Direito Romano e um propagandista das instituições representativas. Fostes, nessa linha de conduta, fiéis à memória de Getúlio Vargas. Como ele, seguistes a regra dos contrastes.

Acredito que a Academia me elegeu como quem busca uma natureza de equílibrio para tirar o demônio, que há mais de cinqüenta anos ronda esta Cadeira. De quantos pecados, cometidos em minha longa carreira de jornalista, não me penitencio agora! Espero que a ordem, uma ordem objetiva, venha imperar daqui por diante, no posto que ocupo, em vossa Companhia. A barulhenta memória dos que aqui se sentaram será compensada por uma tranqüilidade de lago suíço, à qual me vejo recolhido, na fraternidade das aspirações, que comungo com a Academia e seus leais servidores. Tende a certeza de que trouxestes para o vosso grêmio uma índole da Regra e do Método, disposta a proscrever dos seus trabalhos, aqui dentro, como lá fora, o quanto não contri-

buir para acrescer o vosso cabedal de fidelidade e de observância às leis da Ciência, das instituições, da vida, da sociedade e do céu. Está morto o último companheiro revolucionário, Getúlio Vargas. O pecado original do conspirador Gonzaga foi resgatado. Pela primeira vez, na história do mundo planetário, se elimina esse gênero de pecado. O mal cria o bem, digamos em termos goethianos. Desse bem, recuperado, sou o primeiro beneficiário. Aquele que cai morto pelas próprias mãos, em virtude de um ideal, propicia, com seu sofrimento, uma integração nossa, num plano superior de espiritualização.

Aqui vim apenas para bosquejar o perfil de Vargas, esperando que outros tomem o tosco retrato de hoje, como ponto de partida, para escrever os livros definitivos que, à luz de melhores observações e de outros ensinamentos, lhe deverão ser consagrados.

Se eu tivesse tempo, se houvesse lazeres na minha faina de gerente de jornais, rádios, revistas, televisões, fazendas agrícolas, com as suas técnicas tão diversas e as suas formas de atividades intelectuais e sociais tão variadas, tentaria dois livros: um sobre a Escola do Recife, com o seu germanismo presunçoso e as suas gaforinhas desabridas, e outro sobre os dois consulados de Vargas – o que vem de 1930 a 1945, e aquele que parte de 1951 e submerge em 1954.

Estas páginas, Senhor Presidente, foram escritas quase todas na Riviera francesa, em Cap Ferrat. O resto compus em Dakar e no Rio. Andei por três continentes para interpretar o último dono desta Cadeira. Fui a Nice respirar o claro ozona da ambiência mediterrânea. Não seria possível tratar de um bárbaro, filho também daquele mar de tão fina espiritualidade, sem ver Ulisses. E eu fui ver Ulisses, o companheiro inseparável daqueles que exercem o seu *métier de roi*, com a virtuosidade do equilibrista helênico.

Não era Vargas somente a América Latina e a Rússia, Minas e o Rio Grande. Seu tato, a sua finura, as suas manhas, a sua solércia de gato, a sua sedução de demiurgo o identificam muito com o Rei de Itaca.

Seu charme, o charme que emanava da sua pessoa, era irresistível. Quando queria, era-lhe fácil envolver-nos nos eflúvios da sedução, que o imantava, e subjugar-nos. Em outros, o poder de fascinar exigiria um jogo mais artificial. Nele não havia um esforço de amabilidade, senão aquela elegante volubilidade, que punha nas conversas, ora ferindo um ponto, ora outro, conforme as tendências dos que faziam a sua roda.

Vargas deverá ter sido o ser mais estranho e sobre-humano que teve até hoje a galeria dos homens de governo latino-americana. Com ele nos poderemos permitir a muitas combinações. Armando Sales já preso, no Rio, em casa, em 1937, sustentava na noite do 18 de Brumário Getuliano, perante mim, uma opinião que ele nunca mais negaria: "Vargas é um homem inteligente." O vencido reconhecia no verdugo da sua causa a pujança intelectual, que dele dimanava. Vargas tinha de Pedro II e de Floriano; de Sarmiento e de Facundo; de Mauá e das forças telúricas do índio ciumento, que olha de través o branco civilizado, como o usurpador da sua roça. É tolerante e intolerante; gosta dos ricos e dos pobres, e, fazendo política socialista, não tem constrangimento de freqüentar os ricos e de sentar-se à mesa deles, a fim de melhor experimentar a técnica de demoli-los. Enxundioso e plácido, enganava o que lhe tomava a gordura como indicativo do bonacheirão. Remy de Gourmont enxergava, no gordo, o bondoso, o fácil, o *coulant*. Só na aparência, Vargas podia ser isto. Espicaçado, o ginete cavalheiresco do pampa arremetia com fúria de javali.

Fixe-se bem este traço da índole de Vargas: ele era um emotivo, um sentimental, sujeito a cóleras súbitas, como nós outros. Somente sabia dominar-se. Não explodia, porque se refreava, calando. Uma noite, disse-me no Guanabara, em 1934: "Esses gaúchos aqui chegam e desabafam, dizendo impertinências. Depois, vão-se embora, e eu fico de noite sozinho, com um 'corno' na boca." Esta é uma expressão gaúcha.

Para estudá-lo um décimo é preciso tê-lo praticado, como o pratiquei, exaustivamente, todos os dias quase, entre 1924 e 1927; e menos, muito menos, daí por diante, mas o bastante para continuar a encontrá-lo a personalidade mais rica de contrastes, o maior diferenciado, dentro do seu próprio quadro pessoal, que se pode imaginar. Há um texto alemão que diz : nada será menos alemão do que ser-se unicamente alemão. *Es ist undeutsch, bloss deutsch zu zein*. Nada será menos Getúlio Vargas do que ser exclusivamente um só Getúlio. Falando de Getúlio Vargas é indispensável tanto sair do Brasil como mergulhor no Brasil; ter os pés em nossa terra, como perlustrar a dos outros, encadeando-o, tanto na própria vida quanto na daquelas criaturas, com as quais conviveu, desde a mocidade e que guardarão sinais indeléveis em sua individualidade, do seu contato pelo resto da existência afora.

Vargas aparece no cenário do Brasil em um momento de rebelião geral do mundo. Vinham os laboristas de terminar a sua primeira experiência, na Inglaterra, fazia pouco mais de um qüinqüênio. Roosevelt virá, em 1933, revolucionar a estrutura econômica dos Estados Unidos, martelando o capitalismo industrial, mercantil e bancário, com uma truculência só comparável à dos russos soviéticos. Na Espanha, os republicanos terão deposto o rei. Hitler e Mussolini faziam, um e outro, governos de massas, com ideologias populares. O Khan tártaro, Stalin, insistia em debilitar a sociedade capitalista, no quadro selvagem da escravidão russa. Todos os ditadores eram freneticamente totalitários, com exceção de Salazar e Mustapha Kemal.

Um provinciano da fronteira gaúcho-argentina surge disposto a quebrar o tipo clássico dos presidentes mineiros e paulistas. Recusava-se ser liberal e tampouco democrático. Vinha decidido a estrangular os reacionários da liberdade. Tinha o espírito malicioso de um Voltaire e agia em política com o sadismo aristocrático de César Borgia. O golpe político de 1937 é um fragmento do "Belíssimo Engano", de Sinagaglia. Afetava maneira de viver, de sentir, de reagir, inéditas, no panorama político do País. Misto das duas paisagens, a quixotesca e a do escudeiro, soberbo e humilde, anjo e demônio, Vargas mostra desde logo que tínhamos de emigrar do ameno clima paulista e mineiro que até então se respirava no Catete. Solitário, introvertido, impenetrável, vivendo dentro de si mesmo, suas duas instâncias, a primeira e a última, era Deus. Criou, para isolar-se, defesas naturais, que lhe dariam a configuração exterior de um contemplativo oriental. Viu-se, ao cabo de certo tempo, que o pampa intérmino, com a sua monotonia de estepe siberiana, principiava no Flamengo.

A Rússia aparece igualmente com ele, na forma de uma legislação obreira avançada, como também fragmentos de Bizâncio, na sua finura, na sua casuística, na sua *furberia*, para despedaçar certos postulados de ordem e de lei individualísticos, que ele se dispunha a levar a cabo, no ímpeto de um *Sturm und Drang*, para nós desconhecido.

Tinha os dois pólos, o dinâmico e o estático. Sossegado, tranqüilo, dir-se-ia, à primeira vista, viver no pólo estático, na vida vegetativa do animal. Disposto a socializar o Brasil, há de ser, dentro do pólo dinâmico, que irá viver. Infligia a pena capital, na "guilhotina seca" a milhares de brasileiros, em

função do programa que trouxe, de agir como um fator de perturbação no seio da sociedade brasileira.

Ao lado disto, um europeu, dotado do rígido senso das coisas. Com o vago, o impreciso de certas inovações, o líder novo derramava tesouros de *sachlickeit*. Era claro, objetivo, místico e elementar.

Quando redigi "O Monstro", a única criatura deste País que não se impressionou com o artigo foi ele. Disse a amigos que o havíamos escrito, pacatamente, juntos, em Ponta Grossa, e era a verdade. Toda a matéria-prima da sua contra-conspiração em Porto Alegre, ao lado daqueles dois querubins, o General Gil de Almeida e o General João Simplício, seria ele, ele e mais ninguém, que ma fornecera dentro do seu trem de campanha, no Paraná. Getúlio Vargas logo enxergaria, desde o primeiro instante, que "O Monstro" era dirigido contra o seu Ministro Osvaldo Aranha, para abater o poder político momentâneo desse caudilho, e, *ipso fato*, diminuir a pressão das pequenas patentes subordinadas ao outubrismo, no seu governo, contra nós que fôramos a parte civil da jornada. Era preciso dar um banho turco em Osvaldo Aranha para tirar-lhe substância, que ele estava politicamente gordo, cevado. Levamo-lo a um banho de 39 graus. Vargas achou esplêndida a idéia. Até porque, no dia seguinte ao da publicação de "O Monstro" muita gente ficou satisfeita em constatar que ele não viera a reboque de ninguém, para derrubar a República Velha. Era Vargas um gênio de iniciativa, como Aranha. Revelava-se, pela primeira vez, a força de iniciativa que fora ele, na revolução, com as suas marchas e contramarchas, com as ordens de avançar e recuar, que eram do trem da sua vontade hesitante e impetuosa.

Mas "O Monstro" encerra uma novidade para Vargas, era-lhe um mistério e ele busca, por todo o preço, desvendá-lo. E, para isso, me convidaria, quatro ou cinco dias depois, a uma visita ao Catete. Quem contou ao autor que ele fora o espírito mais imbuído de Nietzsche no Rio Grande do Sul? Ao esquivar-me de lhe revelar a fonte, insistiu, brando, mas firme. Eu lhe disse: o General Flores da Cunha.

– Pensei que fosse o João Neves, o Collor ou o Maurício, replicou. Efetivamente, será visível por todos os aspectos a influência do filósofo germânico em sua diabólica formação política.

Desastre fora tentar definir naturezas da opulência espiritual de Vargas, num conceito qualquer, por mais largo que fosse. A nossa geração e, quiçá a futura, se haverão apenas ao mister de assistir à decantação dos atos e dos gestos do herói trágico, com as suas ações santas, de apóstolo social, e as faculdades malditas de demônio político do seu tempo.

A Academia irá permitir que eu não tente a insensatez de desumanizar Vargas. O seu inumano é que é a delícia das deícias. Aquele que sucumbisse a uma tal tentação só lograria amputá-lo e diminuí-lo. O que há de sedutor em Vargas é precisamente o bárbaro, traduzindo numa linha de civilizado conservador. Aí é que está um dos segredos da durabilidade de Vargas. Que aparência de ordem interior e exterior não dava ele, mesmo quando cometia as maiores enormidades! Impõem-nos tratá-lo como um bárbaro, o culto da inteligência, o respeito da razão e a fuga ao paradoxo. Ele não é anjo nem fera, racional ou irracional, mau nem bom, tolerante nem intolerante. Considerada a ordem de valores em que o deveremos situar, Vargas é o caso de intelectualismo mais atrevido que ainda viu o cenário político e espiritual do Brasil, no hedonismo brutal das suas preocupações, e na vulgaridade da *table d'hôte* dos seus manjares habituais.

A peculiaridade de Vargas é que não havia um só Vargas. Há variados, específicos e numerosos Vargas e cada qual com a sua psicologia, a sua consciência, a sua face, as suas idiosincrasias, o seu estilo, vivendo numa vida à parte e com a intuição perfeita das suas relações próprias com os homens e as coisas. Ele foi prestar contas ao Eterno, levando a maior soma de indivíduos, que ainda se justapuseram numa só pessoa, e cada qual tocado de razões as mais respeitáveis, neste universo de ficções e de sonhos, dentro do qual construímos pontes, pilares, nuvens e talagarças.

Porque Vargas trabalhou com toda sorte de matérias-primas: desde as pedras preciosas até o granito bruto.

Quando se trata de Vargas o que será preciso identificar nele, antes de tudo, será o político.

O político cujo conteúdo é o caudilho – caudilho no sentido espanhol da palavra, na acepção em que a empregam os espanhóis com o General Franco.

Sei que falo para uma Suprema Corte da Inteligência. Todos aqui entenderam o que quero dizer, quando ofereço de um homem como Vargas, um depoimento destes. Conhece a História Civil do Brasil outras figuras desse tomo. Que são os Andradas, por exemplo, senão uma geração de caudilhos, em constantes tropelias? Se o que faz um caudilho é a sua alma, o estilo da alma dos Andradas é o que de mais caudilhesco haverá no Brasil. Mais tento penetrar no inconsciente da sociedade brasileira do primeiro decênio da independência, mais se me depara o Rio Grande embutido na endócrina dos Andradas. Os Andradas foram os indivíduos mais facciosos do seu tempo. José Bonifácio pedia que se aplicasse contra Ledo a "lei marcial". O caudilhismo tem uma bela contribuição paulista. A torrente vem desde o Século, com Gurgel do Amaral e outros cabecilhas, desemboca no rio-mar dos Andradas, que foram os gaúchos da sua época, no Brasil da Minoridade e da Regência.

Os Andradas, a partir da geração de José Bonifácio e Martins Francisco, são uma mestiçagem irlandesa. Os *sinfeiners* O'Leary acabam em Antônio Carlos, que incorpora em 1929 os "imponderáveis subversivos" do Rio Grande ao Thibet mineiro. O Rio Grande do Sul em núpcias com Minas Gerais para desencadear uma revolução! Só um caudilho irlandês seria capaz disto, e a mistura do sangue dos Andradas com o dos gaúchos da Ilha Verde é que produziu a aliança híbrida.

A política, em Vargas, era uma plenitude, a sublimação da sua natureza. Poucos sabiam que aquele temperamento tímido, reservado, sensitivo, não gostava de agir ostensivamente. Era um infernizado da ação, um dinâmico inesgotável, mas tudo isso por debaixo do lençol submarino. Quando vinha à tona da água o grande anfíbio, era só para ver o céu, as estrelas e mergulhar de novo. Procurava guardar a todo momento, diante de amigos e inimigos, a nobreza da linha e o segredo da sua presença nos acontecimentos. Era com a mão do gato que gostava de trabalhar. Agia pessoalmente o mínimo. Gostava de se exprimir e de se interessar, através dos outros. Adorava o próprio silêncio, que era suntuoso como um fundo da água de coral marinho. Sacudido pelas tempestuosas aventuras da sua carreira, na face não se lhe estampava uma crispação, vinda de dentro, da alma atormentada. Conforto, apoio, encorajamento, o que nina o coração do homem na luta, o que o embarca para a

vitória, ele buscava em si mesmo, nas suas próprias reações íntimas, na sua álgida impenetrabilidade.

Getúlio Vargas mexia tanto com a política, trabalhava-a de tal forma, que dela se podia dizer que, em suas mãos e na sua técnica, era quase bruxaria, ou caos, ou *schaden freud*, sadismo, no trato dispensado às suas vítimas, às vítimas do seu trabalho a todo vapor ou em câmara de ar condicionado.

Desde que enceta a luta contra os políticos (mas com eles convivendo sempre e adorando essa convivência, porque o toque profundo da sua alma era a política), Vargas entra a falar como se subisse ao "último rochedo druídico". E o que acontecia era que o druída era um misto de sacerdote e de feiticeiro. O sacerdote exorcizava os demônios, responsáveis pelas assombrações populares, pelas tempestades coletivas, pelas calamidades sociais, dando o sinal de combate aos gênios do mal, devorado ele mesmo pelo voto da castidade cívica, que fizera no serviço ao povo. Mas o bruxo não andava longe do personagem celeste, e em sua conjunção diabólica os dois perpetravam coisas infernais, de um interesse dramático e passional, que nos desorientava. Até porque Vargas (era visível nas suas ações) amava o pecado, adorava o maravilhoso do pecado, e punha no Olimpo, que criara, com os seus deuses da salvação do povo, os numes tutelares das massas, igualmente o pecador, isto é, o reacionário. Até porque a sua convivência era com toda a Arca de Noé. Eis o que é o Olimpo deste Júpiter: uma corte de anjos, vestidos de branco, alados, uns, outros, mercuriais, como ele mesmo, ainda esperando a conversão, sem embargo de Santanás chamá-lo a todos e a cada um, ternamente, meu filho.

Embora servindo-se muito e a todo tempo dos políticos, Vargas não acredita neles, não faz fé nessa gente. Sua massa de manobra para as construções políticas que arquiteta são povo e Classes Armadas. Nelas se refugiará, desde 1930, para preparar e desencadear a revolução. Governa até antes da revolução de 9 de Julho, com as forças militares, sobretudo as da linha. Depois de 1935, se lança novamente nos braços, ou melhor, nos sabres e nas espadas delas, para tirar o seu período de governo; e, quando o quadriênio está por terminar, aparece com o figurino do Estado Novo, que será o Estado Forte. Desse, permanecerá prisioneiro até morrer, cativo da sua glória até o dia em que se abateu com as próprias mãos. Um chefe e o oceano popular para dentro dele mergulhar, tal o sonho violentamente sonhado, que o acalen-

tou, e ao qual guardará fidelidade, a sua indefectível fidelidade, ainda no instante supremo. Morre vestido de uma "fantasia" de democrata liberal. A *intelligentsia* de Vargas não compreendia aquela *dégrisée*, a qual não passava de uma ponta de lança psicológica, orientada no sentido da "sua" verdade histórica.

A história haverá de fazer a Vargas, que era um homem excepcional, esta escusa; que onde quer que ele surgiu, foi onde os democratas fizeram fracassar a estrutura da ordem democrática, foi onde os republicanos frustraram o regime, por atos de imprudência e de irreflexão. Sua aparição prodigiosa em 1930 fixa o desastre e a ruína da democracia liberal, instalada pela revolução positivista-militar de 1889. E o que se segue daí por diante, é uma série de eliminatórias dos partidos democráticos, pela inaptidão dos seus líderes para realizarem as instituições representativas. Em 1937, como em 1951, os democratas liberais se dividiram: dividiram-se para deixar passar o andor e o estandarte do político esperto, ágil, que vive da sucessão deles.

Uma tese que sustento acerca de Vargas é que ele, na ação política, para subir e sustentar-se, fez muito menos por si quanto os adversários obraram por ele. Viveu menos do que fez do que daquilo que fizeram os que supunham combatê-lo, enfrentando-o. Como o empurravam para a frente os desastres e os fracassos dos adversários! Que inimigos políticos úteis, perfeitos, não lhe arranjava o destino amigo! Como eram generosos e camaradas com ele os que, pensando que lhe faziam mal, o que logravam era ajudá-lo, era alargar-lhe a área da sua superfície de poder! Muitas vezes, pouco ou nada se mexia. Os adversários é que se movimentavam, a fim de lhe darem cartas e trunfos de espadas, paus e ouros!

Um inexorável homem de ação em todos os sentidos (mesmo quando fingia que estava quieto, ou que estava morto). Vargas gostava muito de se omitir para o lado teatral da vida, a fim de não dar a sensação de que ia servir-se dos meios diretos, ou para não chamar a atenção do adversário, no recurso àqueles indiretos, com os quais trabalhava igualmente.

Em 1937, depois do golpe do pequeno Brutus mineiro, recua para o fundo do cenário. Foi o episódio, como escrevi numa manchete do *Diário da Noite*, "uma cornada de boi manso". Desiste, sem qualquer combatividade

inteligível, de pensar em reacender o trabalho para o esforço de ficar. Certo dia um companheiro gaúcho vem lhe pedir ordens.

– "Fazermo-nos de mortos, é a ordem de serviço", responde. Até 10 de novembro toda a sua atividade se passa no subterrâneo dos conspiradores e no porão das casernas, com os oficiais com quem colaborava os planos do golpe de Estado.

Vargas acertava sempre? Só teria errado à última hora, em 1945 e 1954?

Os erros de Vargas, os grandes erros que perpetrou no julgamento do Brasil resultavam disto: que ele era um homem de fé e, igualmente, de boa-fé; que ele tinha a fé infusa do místico, sem ser absolutamente um místico, e isto sendo um espírito de claridade meridiana. Ora, nada de substância mais metafísica do que a fé, sobretudo quando ela adere ao pensamento de um homem de combate, o qual recusa os dados da experiência das índoles positivas, para se lançar ao que a sua intuição o faz adivinhar. No fundo, porém, a sua tendência é para seguir, algumas vezes, os homens de fantasia, os que jogam com palavras abstratas sem maior conteúdo. E foi a fantasia, que o perderia em 1945 e 1954. Isolado, cercado por conselheiros de visão limitada, quase sem contato com o mundo exterior, faltaram-lhe os artistas com que sempre jogou, para dar as sortes inimitáveis dos seus velhos dias de triunfo.

Só o real é contraditório. Vargas era o real, e daí a sua resistência às sínteses, que não passam de construções lógicas. Nunca teve, nem o quis, programas, postulados ou doutrinas. Foi toda a vida um intérprete fluido da vida e dos acontecimentos, sem constantes nem dogmas. Evitava afirmar. Furtava-se a apoiar. Lamentava até ter que falar. A sua linguagem era a do silêncio, criador dos enigmas, das esfinges, dos equívocos, das situações contraditórias, que tanto apreciava. Uma vez me afirmou: "Gosto de ti, quando as nossas teses coincidem, porque me adivinhas. Prefiro não dizer o que penso. Gosto que me interpretem." Isto explica a independência de Vargas diante dos sistemas, dos grupos políticos, dos quadros coletivos; a sua incapacidade para neles se integrar, sobretudo se se tratava daqueles de política interna.

Vargas nunca quis se engajar em qualquer sistema internacional, a não ser, mesmo com restrições, o pan-americano. Ele entendia um *casus belli* consigo, com o Brasil nunca com outro País, que o obrigasse a bater-se, tomando conhecimento das linhas de força da estratégia do Atlântico. Quando os ame-

ricanos nos ofereceram, no seu governo, 67 milhões de dólares de armamentos, a posse desse material o deixaria frio. Ele não queria passar por um governo militarmente *marshallizado*, e por isso conseguiu que o seu ministro da Guerra jogasse as cristas com o outro do Exterior. O lobo da estepe o inquietava menos que o urso vermelho do Norte.

O americano atormentava Vargas por ser ele o homem do dólar, e Vargas desprezava o dólar, que era a consciência materializada do americano, agindo no plano brasileiro, e ele tinha ciúmes desse plano, que era seu, exclusivamente seu, e que ele não o transferia, no todo ou em parte, a quem quer que fosse.

A alma contraditória e atormentada de Vargas se comprazia na quantidade das tendências que o dilaceravam intimamente, dando-lhe modos de pensar e de sentir complexos. Ele é, por exemplo, um gaúcho, um gaúcho tradicional, enquadrado perfeitamente nas suas fronteiras políticas e morais, e distante, como em muita gente do nosso interior, da maioria dos países atlânticos.

Agora, a outra face da medalha: este rude capitão da indústria das revoluções, este fabricante ou condensador de crises políticas, este perito em situações subversivas era um dos engenhos mais sutis e ágeis que conhecemos. Dentro dele havia o limite das duas naturezas que se chocavam: a do criador de etapas revolucionárias, em grande estilo, do chefe das duas jornadas de 1930 e 1937; e a finura e o espírito fugidios do florentino, que jogava com a lâmina abotoada, escondendo o jogo ao adversário, até a hora de desfechar o golpe definitivo. Nenhum outro homem exerceu no Brasil a arte da política com a destreza, os filtros, o estilo sulfuroso, os sortilégios e o êxito de Getúlio Vargas. Com que simplicidade ática não sabia ele agir e redigir!

Era o escritor em Vargas mais outro contraste com a agressividade da sua razão de Estado, da sua estrutura política, dos seus dogmas radicais, que agitava, para não vivê-los, muitas vezes, mas que não deixavam de ser dogmas, nas suas arengas de *meneur* de massas. Como eram medidos, claros, harmoniosos os seus dons de expressão! Via-se, desde logo, quando redigia (e eu o vi escrever algumas poucas vezes, faz trinta e tantos anos) que era uma índole de cultura, que o seu espírito literário se abeberava em mananciais ricos, em cabeceiras de um lirismo generoso. Tinha uma prosa castigada. Corrigia o que ditava ou o que redigia, mais de uma vez. De sangue ibérico, fugia entretanto

a toda forma de gongorismo, de linguagem derramada. Era preciso, elegante, e, sobretudo, proporcionado. Seu estilo de escritor se apresentava o oposto daquele dos homens públicos gaúchos da sua geração. Era usurário de adjetivos. Sabia podar a crespa vegetação da nossa oratória. A despeito de ser caudilho de revoluções, seus manifestos eram vazados no metal de uma linha de compostura, que fazia como que o contrapeso do radicalismo, das idéias subversivas e do sanhudo revolucionário.

Diziam-no egoísta. Qual o chefe que não é condenado a ser egoísta, a dar-se pouco, muito pouco, aos companheiros, para jogar tudo na causa? Não há criatura menos livre diante dos que o seguem quanto o que comanda. Que custava a Getúlio Vargas estrangular o liberal Osvaldo Aranha em 1943, se este tagarela fulgurante lhe advogava a morte do Estado Novo todo dia, violando a censura do governo e o princípio de fidelidade ao chefe, o *Fuhrerprinzip*?

Como é belo o infanticídio que perpetra, em 1953, de cinco recém-nascidos do seu Ministério de 1951? Ele não tem outra saída senão marchar para o sacrifício desses filhos superados, que se aburguesaram demais para participar do novo Ministério, de medida social, que estava disposto a organizar. Como enquadrar os Srs. Horácio Láfer e Simões Filho dentro de um quadro ministerial de esquerda! As linhas burguesas eram em ambos a sua perdição inelutável.

Em 1930, quando quase dissolveu o Supremo Tribunal Federal, todo o mundo se pôs a indagar. Quem seria o autor secreto daquele golpe? Juarez Távora? Góis Monteiro? Ninguém. Ele, só ele, e mais ninguém. No Paraná, já anunciava as providências duras, que se dispunha a tomar, com relação à ordem de coisas existente, sem maior atenção por compromissos assumidos pelo Rio Grande, que se recusava a acatar.

Muita gente foi julgada responsável por atos de extremo rigor praticados por ele, no primeiro governo provisório. Entretanto, o autor dessas medidas era apenas Vargas.

Foi o último senhor de escravos deste País. Tinha uma Casa-Grande e um pátio, onde juntava os seus "pretos", os pretos de estimação, da sua Irmandade do Rosário e os quais também não o dispensavam. Poderiam os pretos zangar-se com ele, mas ele nunca despediu, para sempre, um só deles. Góis Monteiro, Osvaldo Aranha, João Neves, Juraci Magalhães, Alexandre

Marcondes, Benedito Valadares, Luzardo, Gustavo Capanema, e, por que me excluir? Eu também, todos fazíamos parte da sua família. Quando um se ia embora, amuado, batendo a porta, ele não desesperava da volta.

Não era possível a um "negro" dele viver longe do seu aconchego, por muito tempo. Ralava-se de saudades dos seus pretos e os pretos dele. O General Góis, o Sr. Osvaldo Aranha choravam, com os olhos enxutos, à Valadares, a saudade da sua companhia. Depois da revolução comunista, em 1936, uma tarde chamou-me. Falou do nosso confrade João Neves e de Batista Luzardo com uma tal ternura que eu senti que o que ele queria comigo era fazer a ponte que os deveria trazer à casa, onde os dois faziam falta. E ambos os filhos pródigos volveram.

Um dia, o Coronel McCormick, o famoso isolacionista dos lagos, interrogou-me em Nova Iorque: "Como é Vargas?" E eu lhe respondi: "Seu irmão; sua alma mais fraternal, neste hemisfério. Ignora ou finge que ignora como o senhor o Atlântico e o Pacífico. Anuncia, como o senhor do *Chicago Tribune*, o *junker* prussiano e o *mujik* eslavo. Seu fuso político será o do Paraguai, o do Equador, o da Argentina, o do México. O hemisfério para ele é o continente, o *foyer* do índio. Só entende, só quer entender da nossa política internacional, dois lados: a lacustre e a fluvial". Não era o isolacionismo do coronel?

Mas, como esta criatura, em cuja alma passavam todas as forças elementares do gaúcho, do *terrien* gaúcho, sonha e age em termos de industrialização para o Brasil! Seu eixo paulista será o mais firme, o mais rijo, da sua natureza. Através desse eixo é que falava com os paulistas a linguagem da civilização da máquina a vapor bandeirante.

Não encontro aspecto da educação política de Vargas mais curioso do que este. Observe-se que ele jamais entra em crise com o homem da indústria de São Paulo. Pense-se que nunca tocou nem consentiu que se tocasse na substância das tarifas aduaneiras, que protegem o parque manufatureiro de São Paulo e do Rio. Mandou negar papel ao *Diário de São Paulo*, em 1941, somente porque ali se escreveu que o Conde Francisco Matarazzo comprara uma fábrica de *rayon* na Colômbia.

Que levava Vargas a tomar por São Paulo o interesse que ele não tinha igual por nenhuma outra unidade brasileira? Apenas a civilização da máquina. Na carta do progresso da Nação, São Paulo, a seu ver, tinha o primeiro lugar.

É que ali se implantara a civilização da máquina a vapor, e ele reputava a máquina industrial o instrumento da nossa emancipação econômica, a trincheira dentro da qual iríamos pelejar contra os imperialismos do outro lado do mar.

Pelo ultranacionalismo político e econômico, que o devorava, Getúlio Vargas revestia esta singular capacidade de contato para tratar com os industriais de São Paulo. O fermento jacobino lhe dava pontes para entender a industrialização, muitas vezes *à rebours* do Brasil. Olhava no equipamento dos homens da manufatura paulista e carioca o instrumental desta terra, posto nas mãos de superbrasileiros, que era preciso proteger, para que eles exercessem a sua missão redentora.

O veneno do hipernacionalismo brasileiro traz dentro de si o fator da sua própria morte. Ainda não se capacitaram os nossos compatriotas de que a derrota do Japão, da Alemanha e da Itália nacionalistas, com o advento do plano Marshall, significa o fim do Nacionalismo hermético na era internacional em que vivemos, quando os ursos vermelhos da União Soviética saem das furnas orientais, onde viveram 38 anos, para ir visitar os Estados Unidos e ali aprender as lições de coisas edificantes da cultura ocidental.

Hoje, no quadro da atualidade, os maiores professores públicos da internacionalização das duas civilizações, Leste e Oeste, são os russos soviéticos. Brasileiros: sigamos os russos, e os bem vermelhinhos!

Vargas sentia pouco a Europa e menos os Estados Unidos. Pode-se considerar seu longo consulado um período de guerra fria, de especulações ora acadêmicas, ora doutrinárias, ora ideológicas, contra as potências que foram as nossas esplêndidas colonizadoras de braços, dinheiro e cultura. Ele jamais teria feito a guerra contra a Alemanha se não surgisse o acidente do Rio Real. Ele não será nunca um beligerante fora do Brasil, um contendor ao lado das grandes potências democráticas da Europa, da Ásia e do hemisfério, para tomar parte ao lado destas contra aquelas. A amplificação espacial da luta pelos submarinos alemães, no Atlântico, o levaria à força, à contenda, num conflito que não é seu, nem que julga seja do Brasil. Ao contrário, deseja ver minadas pela ação da guerra, reciprocamente, as forças dos países "imperialistas", no conflito planetário, porque está seguro que desse choque só os

neutros emergirão fortes. A querela entre os grandes, podendo sair dessa querela a sovietização do mundo, não o inquieta.

– A Rússia está longe – disse-me certa vez –, e os conquistadores brancos do Ocidente andam aqui dentro de casa, ou rondam lá fora, querendo entrar.

Permanece nas Nações Unidas, com mil e uma cautelas. Falei-lhe uma, duas, três vezes a respeito das bases aéreas e navais interamericanas. A sua reação era uma só. Não que repelisse os cubanos, os argentinos nem os colombianos aqui dentro. A suspeita, que o mordia, abrangia o irmão mais forte.

Em um mundo de solidariedade crescente e de interdependência cada vez maior – o que se revelou mais positivo no segundo conflito mundial – o Brasil delibera insistir em manter-se isolado, e isto à medida que o seu nível de vida se deteriora pela escassez de moedas fortes, o que quer dizer pela escassez de produção exportável. O Plano Marshall e seus satélites anteriores e posteriores permitiram à Europa reembolsar parte das dívidas de guerra, emprestar dinheiro aos seus domínios extra-europeus e neles investir outros recursos.

Campos Sales, Rodrigues Alves, Rio Branco, Afonso Pena, Rui Barbosa, Venceslau Braz colocaram o centro de gravidade política e moral do Brasil no nosso capital de relações com as duas metrópoles, das quais depende a sua segurança no Atlântico: Washington e Londres, ou seja o *britsh sea power* e o poder político e militar da América do Norte, a partir de 1917. Insular, servido de um ideal nacional egoístico, penetrado de um melindre de bugre da sua maloca, Vargas se dispunha a marchar para a civilização por conta própria, desprendido de qualquer bloco. Forçado, por circunstâncias alheias à sua vontade, solda a sorte do Brasil com a dos Estados Unidos e as Democracias do Ocidente. Mas vai para a guerra sombrio, desesperado, sabotando abertamente a participação do Brasil nela.

A amigos gaúchos com quem conversa, entre 1939 e 1942, repetira a frase de Nilo Peçanha: "Não tirarei um só filho aos braços da sua mãe, para lançá-lo aos azares de uma guerra que não é nossa". E, em Petropólis, dando-me a ler a pasta da correspondência com ele, do General Leitão de Carvalho, então Delegado do Brasil, no Comitê de Defesa do Continente, em Washington, declarou-me uma tarde:

"Separei para tu leres esta correspondência. É acerca da 'tua' guerra." Frisou o possessivo. Mais de uma vez, aludiu em conversa comigo à "impertinência" da campanha dos "Associados" em favor da "beligerância ativa" do Brasil. Reagia contra os nossos rumos internacionais, por entender que eles contradiziam os interesses gerais específicos da Nação...

– "Tu queres generalizar a guerra; e eu estou decidido a limitá-la". Recusava-se a admitir que a guerra, como choque armado, passasse no hemisfério, além dos Estados Unidos. Não tendo nela um papel essencial a desempenhar, melhor fora que nos disassociássemos do cenário da luta, no terreno da beligerância. Contemporizara com a ruptura diplomática, e nela desejou sempre ficar.

Aspirava ver a América Latina evoluindo na guerra dentro de uma atmosfera própria. Queria subtrair o Brasil ao ato da presença nos campos da luta, onde o seu espírito só alcançasse o desgaste dos velhos imperialismos europeus. Não o tentavam as atrações extracontinentais. E, quando lhe falávamos da unidade da bacia atlântica, não enxergava aí mais do que uma aventura, que era indispensável evitar. É que desfraldava, alto e petulante, a bandeira da independência nacional, como ele a entendia. Germes e seiva da nossa vida eram de outra substância. A tensão européia era outra coisa, na miragem de um universo, que se abstinha de identificar, como sendo nosso também.

Operando a anátomo-psicologia de Vargas, tenho a certeza de que ele gostaria de se ver tratado com o realismo com que me dispus a ferir os aspectos apenas de quatro ou cinco Vargas. O que não é nada no vergel opulento do milionário de personalidades que ele era.

Todo o problema para a pesquisa da selva de Vargas resulta do embaraço da escolha. Qual deles? Os Vargas não são um, dois, nem dez. São numerosos, ou, se quiserdes, numerossísimos. Eu poderia enumerar hoje aqui duzentos, quinhentos Getúlio Vargas, e a lista não estaria esgotada. Era-lhe grato fazer a figura do Malazarte, no meio dessa maioria morgânica de descontentes e de incontentáveis, que são as as tabas políticas brasileiras, onde o que predomina é o erotismo das paixões pessoais, na cupidez dos interesses particulares.

Um dia sustentei para o meu colega, Sr. Alexandre Marcondes Filho, que Vargas havia escrito a maior parte da história do Brasil pelo avesso. Ele

detestava as linhas retas, os caminhos conhecidos, as estradas já palmilhadas. A sua atração andava pelo desconhecido, pelo imprevisto, pelo nebuloso. Era impiedoso consigo mesmo, antes de o ser com os outros. Esfalfava-se. Fazia o pioneirismo. O que quer dizer que era um desbravador, pagando o alto preço pelo qual o mateiro retribui a audácia da sua invasão sozinho na *jungle*. Uma sua especialidade era atingir os mesmos resultados que os outros, por caminhos oblíquos, diferentes, que eles haviam alcançado por estradas conheidas, que não lhe interessavam.

Tinha duas peças de fazer política, das quais não se separava: uma câmara de banhos turcos, e uma cadeira de barbeiro, na qual cortava cabeleiras de Sansões. Não admitia político importante apoquentando-lhe a vida, com o seu prestígio. Levava-o à cabina de banho turco para tirar-lhe peso. Tirou dezenas de quilos aos nossos confrades João Neves, Osvaldo Aranha e Macedo Soares. Não aparecia um Sansão que não lhe cortasse a cabeleira, risonho, inefável em sua cadeira de Fígaro.

Era o General Flores da Cunha a maior cabeleira de Sansão que ainda teve, com o Sr. Borges de Medeiros, o Rio Grande, neste meio século. Ele cortou a do primeiro em 1937, e a do segundo em 1932, com duas navalhadas. Em 1931 abateria urna instituição mais que secular do Rio Grande: os provisórios. Na batalha de Passo do Rosário lá estão eles. Passa-os a fio de espada, sem dar um tiro, em novembro de 1937. Ocupa o Rio Grande do Sul, naquele ano, para exterminar a maior força do nativismo político dos gaúchos, depois da Brigada Militar.

Outra das suas armas políticas prediletas era a apatia pela sorte dos amigos. O amigo é, em política, uma calamidade, ao lado de uma complicação dos mil demônios. Para manobrar seguro em política, é indispensável organizar entreveros de amigos e inimigos, o chefe extraindo os sucos de um desgaste, que de certos amigos é até bom, porque os torna mais habitáveis. Nada tão perigoso para um político do que os aliados fortes, os amigos bem nutridos, independentes. O seu método consistia, pois, em não ter quem quer que fosse poderoso nos seus arraiais. E tampouco dedicar-se a ninguém. Era a dedicação para ele uma arma de piegas, de sentimentais. A amizade na política dá para liquidar um chefe.

O amigo era para Vargas o aspargo chupado. Seu apetite, ao que se dispunha sempre, era mascar novos aspargos, aspargos verdes, o que quer dizer entrar pela seara dos inimigos para seduzi-los e trazê-los ao seu bivaque, como botins de guerra. Na vida o interessava a caça e a caça se faz é ao bicho selvagem, que corre do homem, logo ao inimigo. O inimigo, que passa a ser amigo, cessa de ser útil. Capitulou. Não haverá mais interesse em cultivá-lo. Acabou a caçada. Está finda a partida esportiva, O que é preciso é ir buscar novos inimigos para massacrá-los com o nosso amor, a nossa piedade e o nosso interesse provisório por eles.

Uma tarde, em São Paulo, Vargas, passando com o Sr. Cândido Motta Filho pela Rua 25 de Março, vê este letreiro na porta de um alfaiate:

– Viram-se roupas pelo avesso.

Para um minuto, e depois explica ao companheiro.

– Motta, é o que venho fazendo há 24 anos com a História do Brasil.

Com efeito, era uma das suas satisfações virar pelo avesso a História do País e o destino dos amigos.

Quereis um exemplo típico de como Vargas escrevia, de fato, a sua e a nossa história pelo avesso? Em 1950, encetamos nos "Associados" jornais, rádios, televisão e revistas, a campanha pela ressurreição do seu prestígio. De acordo com ele. Através de entendimentos com Salgado Filho, o nosso objetivo consistia em transformá-lo no grande eleitor da jornada da sucessão. Ele mesmo me fazia saber, por Salgado Filho e outras fontes, que resistia a toda idéia de candidatar-se. Mas o público ignorava esse aspecto da nossa campanha de fortalecimento da legenda getuliana.

Era natural que viesse pedir para ajudá-lo o Senador Kerginaldo Cavalcanti, nacionalista como ele e campeão das suas idéias de crescimento vegetativo do Brasil. Mas não foi isso o que aconteceu. Recebi vários pedidos para lhe dar publicidade gratuita, e esses pedidos eram de um espanhol, incessantemente perturbado por Vargas, nos seus negócios, e mais de um americano e dois israelitas. Pensemos nos sortilégios que Vargas não teria feito para obter que essas quatro vítimas suassem por ele, a fim de revê-lo na presidência. O que em seu Estado Novo não se prepetrou para impedir que os israelitas tivessem acesso em nosso território!

Tive com Vargas uma vida, a qual durou pouco mais de três décadas. Juntos fundamos, em 1927, a revista *O Cruzeiro*. Ele levantou metade do capital, no Rio Grande do Sul, por intermédio de um amigo comum, o Coronel Mostardeiro Filho. Eu lhe havia pedido uma subscrição até duzentos e cinqüenta contos de ações, e ele formulou o pedido ao Coronel Mostardeiro para quinhentos.

Alarmou-se o presidente do "Banco da Província do Rio Grande do Sul" com o tamanho da cifra. Efetivamente, era ela despropositada para um Estado agropecuário, como o Rio Grande. Perguntou-me Mostardeiro se eu podia fazer, à turca, o negócio pela metade. Nesse ínterim, no escritório de Mostardeiro, chamavam-me do Ministrio da Fazenda. Era Vargas que me convocava à noite em sua residência. Antes que ele falasse, eu lhe disse: "Ministro, eu só lhe havia solicitado a colocação, em Porto Alegre, de duzentos e cinqüenta contos de ações. O senhor excedeu-se. Presidente, Mostardeiro está inquieto com o astronômico, da cifra, e propõe justo o que eu havia iniaginado como primeira *tranche* da subscrição gaúcha.

– "Seu bobo" – atalhou Vargas, "ao banqueiro a gente pede sempre o duplo do que precisa, para ele ficar na medida do que necessitamos."

Como vêem, há 27 anos Vargas já se exercitava triunfalmente no golpe. E por causa de um empreendimento dos "Diários Associados!"

Nossa vida sentimental, se não foi, à Machado de Assis, "um dramalhão cosido a facadas", resultou sempre numa comédia trabalhada a canivetadas.

Vargas tinha a volúpia de enganar, e daí as pequenas misérias conjugais da nossa longa existência em comum. Teve sempre restrições à nossa expansão. O que pôde fez, para deter o crescimento da nossa organização. Não queria dividir o poder que detinha, com aliados, e sobretudo nós. Sua medida era com um para o uso contra todos.

Não pensem que escapei incólume aos copiosos banhos turcos em que cozinhava os companheiros do Rio Grande.

Eu ia para a cabine, onde ferviam os vapores da água em ebulição, tal qual Lindolfo Color, Osvaldo Aranha, João Neves, Flores da Cunha, debatendo-me desesperado, para que a vizinhança soubesse que Vargas violentava o coração do amigo e lhe queimava o corpo e lhe derretia os untos.

Engana-se quem pensar que Getúlio Vargas, com a natureza inquieta que o consumia por dentro, fosse um indolente, um abúlico ou um caçador de posições tranqüilas na vida. O que não representava virar a história de um País pelo avesso! O trabalho a que não se entregava o político e homem de governo que a uma tal interpretação da vida pública se dedicava!

Getúlio Vargas não era a natureza da calma, da paz, da tranqüilidade, como aparentava sua doce fisionomia. Por dentro, esta é que é a verdade, o caldeiro lhe fervia. Nasceu espadachim, viveu polemista e morreu com o sentido gratuito, desinteressado e trágico da vida, que deverá ter um bom cristão. O seu gosto épico do combate se repete nos duelos que, desde 1926, trava com o seu chefe, com o seu partido, procurando, cada dia, cada vez mais ganhar a independência no seio dele. Faz figura de um profeta do Velho Testamento, de um Elias, anunciando, em horas decisivas, as desgraças e as calamidades que estão sucedendo à sua gente.

Uma tarde, saindo do Senado, eu lhe disse em Petrópolis, onde fui vê-lo:

– O senhor, Presidente, é um autêntico cristão brasileiro. A religião não tem crente mais perfeito. Entre o senhor e Cristo existe uma tocante fraternidade.

– Tu estás nietzschiano hoje –, retrucou com vivacidade. – Porque sou pelos humildes, pelos sofredores, pelos fracos, tu me identificas à Nietzsche, com o Cristianismo.

Retruquei-lhe:

– Com efeito, estou à von Ihering, com o senhor de escravos romano, que, dando cem vergastadas no cativo, será maior para o romanista alemão que o mais sábio doutor da lei. O Cristianismo tanto é a religião dos deserdados e dos vencidos, que o senhor não sai da órbita dele nem deles. Convoco-o a vir trabalhar conosco, e se convencerá como um Titã da sua força, com as suas virtudes viris, adotando a disciplina dos fortes; fará mais pelos fracos do que perfilhando, *vis-à-vis* deles, uma moral de tímido, com as razões de viver do escravo.

O historiador do futuro terá de reconhecer que os dois esportes favoritos de Getúlio Vargas eram as conspirações e as revoluções. Nasceu e viveu para elaborá-las, e, quando elas não vinham espontâneas, faziam-se de rogadas, provocava-as, por ação ou omissão.

Ouça-me a ilustre Companhia.

Em 1927 toma conta do governo do Rio Grande. Quem o elegeu? O Sr. Borges de Medeiros com o Partido Republicano. Era dos usos do partido elaborar o secretariado em cooperação com o chefe. Pois no dia da sua posse, às 11 horas da manhã, faz seguir a lista do seu secretariado ao chefe do Partido – a mesma lista que a "Federação" publicará às 2 horas da tarde. Foi esse o maior desafio que alguém até então mandara para uma revolta imediata, dentro do Partido Republicano do Rio Grande, onde todo o poder era atribuído ao Sr. Borges de Medeiros.

Que é o temperamento brasileiro? O das naturezas mais acomodatícias, que menos reagem, por demais falhas de combatividade.

Vargas é, a todos os respeitos, o antiBrasil, o antibrasileiro, como lidador de cem batalhas que ele é. Nós somos uma gente de personalidade essencialmente pacata, um povo que suporta tudo, que engole tudo, a massa mais resignada para padecer, sem o apelo a recursos extremos.

Antenticamente caudilho, gloriosamente *outlaw*, fabricante ele mesmo de constituições para desbordar uma espevitada legalidade constitucional, quando em sua consciência ou em sua vontade entendia resgatar os brasileiros de grilhões que os oprimiam, será dentro da perspectiva do "fora-da-lei" que podemos melhor compreender a psicologia de Vargas. Seu desdém pelas constituições, elaboradas pelos mandatários do povo, era olímpico. E quando sucedia encontrá-los em seu caminho, só o mordia um apetite: o de violá-las. Era um fauno todo o dia disposto a comer um prato de legalidade, cozido pelos outros.

Em 1929, no último dia do ano, João Pessoa, recém-chegado da Paraíba, telefonou pedindo-me encontro em nossa casa aqui no Rio.

– Tenho a minha cheia de gente –, dizia. – Prefiro que todos saiam para ir ter à sua, lá para as 10h30 da noite.

Ele me conhecia os hábitos. Lá foi ter, à Avenida Atlântica 574, para fazer esta confidência:

– Estou atônito. De todos os lados me chegam notícias contando a deserção de Getúlio Vargas da nossa causa.

– Mas ele, o que lhe diz, goverrnador? – indaguei.

– Sobre a resistência a fazer ao poder federal, diante da derrubada de funcionários em nosso Estado, me disse isto: "Por que não te armas?"

Este conselho mostra que, em dezembro de 1929, Vargas já cuidava de sair da legalidade, e caminhar para um plano que era, no campo dos prélios cívicos, favorito no seu Estado. Com quem em 1922 estava o governo do Rio Grande, senão com os propósitos subversivos da Reação Republicana? Se mudou, foi depois da derrota eleitoral de Nilo Peçanha. Logo ele seguirá uma tradição do seu partido, mas também uma tendência sua, contrafingindo que não queria ser para a subversão da ordem.

Nenhum político abriu, neste século, mais frentes de luta, de luta para pelejar ele mesmo, em pessoa, contra quem quer que fosse, Presidente da República e do Rio Grande, Exército, Marinha e Aeronáutica, quanto Vargas. O combate (por mais estranho que pareça aos que o conheciam pouco) era a sua ginástica sueca de todos os dias. E, particularinente a luta com os companheiros, com o seu clã, com os que o acompanhavam.

Nos primeiros dias de julho de 1932, o General Góis Monteiro procura-o aqui no. Rio, e lhe diz:

– Presidente, os paulistas já elaboraram o dispositivo militar da revolução. E nós temos um caminho para evitá-la. Ocupando com gente nossa a Serra do Mar, e alguns troncos ferroviários em torno da capital, o movimento estará abortado.

Vargas não tomou uma só das providências indicadas pelo General Góis para fazer abortar a intentona. Deixou-a vir de alma leda. Ele a queria, para fortalecer a sua autoridade de primeiro cônsul.

Em 1945, convocou-me, ao regressar da Argentina, para dar uma entrevista destinada a *La Nación*, onde eu colaborara, outrora. Escrevi a entrevista e fui levá-la para que aprovasse a sua redação. Aproveitou o ensejo para me inquirir da situação política. Eu lhe disse que a reputava delicada.

– Não é outra a opinião dos Srs. José Américo e Pedro Ernesto. Ambos estão impressionados com a infiltração do vírus comunista nas classes armadas.

Terminei por lhe fazer esta grave confissão: "que o prefeito Pedro Ernesto dissera-me que achava o governo Vargas perdido, sendo a única hipótese de salvação convidar o chefe comunista para ser o Ministro da Defesa Nacional, com a fusão das duas pastas militares".

Vargas ouviu-me com o rosto sombrio, passeando no Catete, diante da cadeira em que me sentava. Pedi-lhe que mandasse chamar o nosso comum amigo Pedro Ernesto, a fim de o salvar de um perigoso contato pessoal com os conspiradores.

Dez dias depois fui ver Pedro Ernesto. Ele me disse que desde o meu encontro com Vargas não se avistara com o presidente

Em 1945, convocou-me, por intermédio do Sr. Andrade Queirós, ao Rio Negro. Estava decidido intimamente a ser candidato. E disse-me veemente:

– Resolvi candidatar-me porque soube, de fonte segura, que Osvaldo Aranha e Juraci Magalhães resolveram vetar o meu nome. Não lhes reconheço autoridade para isso.

Engajou-se na batalha até o dia 24 de outubro. Mandei um dos seus mais íntimos amigos, seu e meu, sondá-lo acerca dos planos que tinha para o futuro. Ele voltou cabisbaixo, dizendo-me: "Sinto que Vargas o que deseja, de preferência, é uma revolução. E está candidato contra os dois civis que já ocupam a arena." E, realmente, tudo tentou em 1945 para continuar. Esse era o *détour* da Assembléia constituinte, primeiro?

Não restava dúvida que Vargas era mesmo do barulho, coisa que não é do brasileiro, salvo quando se tem o exército para ir na frente. Mas isto é outra história, e coisa que fia mais fino.

Assim como o nacional-socialismo nunca teve uma Constituição, Vargas, que o precede no poder, não tem maior apego por esse gênero de literatura. Seu raciocínio deveria ser este.

As constituições são organismos que se cristalizam, códigos que o tempo supera, sobretudo nos dias vertiginosos que atravessamos, com o poder destas transformações violentas que lhes oferecem a Ciência e a técnica. A obra-prima da arte política (para a escola de Vargas) consiste em não elaborar constituições, em não consentir que, feitas, possam vir a ser executadas, anos e anos, para decantação dos princípios que o caudal do progresso, que só povos, que têm o *horse sense*, como os ingleses e suíços, por exemplo, sofrerão a sua influência. Vargas reivindica uma alta dose de liberdade para tratar o direito público como uma matéria fluida.

Como um Deus criando leis próprias, Vargas fabrica, ele mesmo, igualmente, as suas. Não acredita nelas, até porque sua inventiva criadora, no curso

da vida, será mais útil ao povo que as constituições paradas no tempo. Mas ele faz ou manda fazer constituições para atender apenas à superstição de legalidade das elites. Nada mais.

Embutido numa moldura constitucional, o gênio renovador de Vargas dir-se-ia implacavelmente diminuído. Ou, se quiserem, estagnado. Seu ágil talento plástico e dúctil, desabituado da camisa de força da legalidade, porque singularmente aberto às especulações da metafísica política e da filosofia do Estado, se viu sacrificado nas suas forças de espontaneidade e de inconsciente! Excitado incessantemente pela vida, com ela dançando em quermesses, em orgias de liberdade de pensamento, Vargas, posto dentro de um figurino constitucional, foi como se o esmagasse um fardo insuportável.

"Eu não queria voltar ao Catete", disse-me em janeiro de 1951, depois de eleito.

Uma tal sabedoria e uma tal sinceridade revelavam a infinita sensibilidade deste homem para entender o seu verdadeiro papel na formação brasileira. A fonte original das suas normas do governo e da justiça, das suas regras do bem e do mal, não devia ser a lei manufaturada por outrem, mas a sua filosofia, o seu mesmo julgamento prático, em função do que ele havia sentido e sofrido pelo povo e suas necessidades.

É ponto de importância capital no estudo do perfil de Vargas, a gente capacitar-se de que ele não reduzia a vida a termos de bom senso – padrão vulgar e infecundo de viver – mas de imaginação, de aventura e de fantasia. Era uma expressão mágica para si a palavra liberdade. Entretanto, a liberdade que ele entendia era um elemento individual, que lhe cumpria utilizar para resolver as questões do governo com os critérios próprios do seu gênio público acaudilhado. Resvalar na legalidade hirta e seca dos códigos escritos era para este demiurgo cair no fictício da rotina e no factício dos atalhos da perdição.

Getúlio Vargas tinha um padrão de existência política fundado em bases opostas àquelas com as quais vinha governar. Ele havia perdido o sentido da democracia de representação popular. Fazia-a pagar caro, caríssimo, a sua esdrúxula esperança liberal.

É um capítulo a estudar, a meditar e a desenvolver o trágico do isolamento de Vargas dentro das fronteiras do Estado liberal de 1946. Mexe-se num mundo exótico e fala a surdos. Ele será um espectro solitário no meio do

niilismo que se estabelece entre a sua vontade forte e os pelotões políticos, diante dos quais só tem um desejo: diluí-los, para patentar a desassociação que os divide.

A máscara do liberal, posta em 1950 por Vargas, faz da fera esplêndida de 1937 uma caricatura de jaguar. Ninguém mais do que ele sente a humilhação do grande felino no meio dos destroços da floresta magnífica que plantara para nela viver. Aquele Eu viril que ele exibia outrora, no alto de uma filosofia, cheia de virtualidades metafísicas, ressoava como um som ininteligível aos ouvidos mesmo das massas.

Eu não sei de página em que se resuma a vaidade das vaidades na sua mais dramática experiência do que a aventura de Vargas em 1950. Confrontem-se os dois termos da relação Vargas e o Brasil e as essências douradas do passado já terão desaparecido. Ele se vem instalar num meio onde falta uma das peças do seu binômio. O povo, que o renegara um instante, volta a se reconciliar com ele. Mas o povo não se constitui só da massa e a própria massa, com a vida que sobe todo o dia, como também o larga desamparado! É certo que elites intelectuais, políticos, gerarcas da nova ordem liberal virão cercá-lo. Mas cercar não é coabitar, não é conviver, secretando-lhe interesse pela sua obra. Tanto que já em 1953 e 1954 lhe sentimos a sensação da frustração...

Nesta segunda presidência Vargas vive mais solitário do que nunca. Ele dera, contra a vontade, um *rendez-vous* ao Brasil e via que o Brasil não aparecia. O silêncio cósmico lhe surgia no caminho do seu apelo. Era a falência da grande aventura. Transposto o período da lua-de-mel da presidência, vemos estampada na face de Vargas a expressão do atormentado. Acaba o velho, no Catete, jantando sozinho, dentro do próprio quarto. Isola-se no próprio seio da família e dos amigos. É recíproco o desapontamento: o País e ele não se entenderam. E o que havia de amargo e desolador para Vargas é que ele tinha a consciência da desilusão que levara ao povo uma administração que não podia conter a inflação nem o alto custo da vida.

Francisco Campos pode-se dizer que envenenou para todo o sempre a alma e o sentimento de Vargas, fantasiando, para uso exclusivo da sua pessoa, o mais poderoso poder estatal que ainda viu um brasileiro, neste País, desde a sua independência. Primeiro o constitucionalista do Estado Novo, com o

ceticismo anárquico que lhe caracteriza a formação do espírito convenceu Vargas de que, nos Estados Unidos, não passa de uma ficção a afirmativa de que o presidente esteja impedido de legislar. Sim, ele pode legislar, e quem o diz é James Hart. A legislação delegada vem de Washington a Coolidge, o último presidente que abrange o livro de Hart. O Congresso tem a ver com os lineamentos gerais e os princípios. A técnica legislativa cabe ao Executivo.

Outro postulado alarmante da ideologia "campista" consiste na descapitalização da Suprema Corte como intérprete final da Constituição. Golpeou, de frente, o filósofo do Estado Novo a supremacia do Poder Judiciário, na parte ativa e dinâmica que lhe cabe, em face do processo evolutivo das instituições democráticas. Criou, para uso do Chefe Nacional, o Sr. Francisco Campos, uma tese temerária: a de que ao controle do Judiciário deveria escapar o exame da Constituição. Assim, destruindo os partidos políticos, tomando ao Legislativo a faculdade de legislar, e ao Judiciário o direito de interpretar a lei – que restava das instituições democráticas, no quadro do Estado Novo, representado por um Executivo escolhido pela vontade unilateral dos chefes militares, que estavam ocasionalmente no poder quando ele foi proclamado?

Caducado o Estado liberal das duas constituições, a de 1891 e a de 1934, o que se projetava no horizonte político da Nação era o Estado Novo, dominado pela personalidade do condutor do Executivo. O Estado Novo, assegura em 1939 à imprensa o Ministro da Justiça de Vargas, é o Presidente. Não será preciso acrescentar nada, mais nada para definir o *imperium* da vontade inconfundível de um homem, como expressão destas duas entidades: o regime político e a soberania nacional. Fixando o estilo da nova ordem de coisas decretada pelas Classes Armadas, rufava nos tambores da tropa de linha o Sr. Campos: "Um Estado como este não pode ser uma abstração jurídica. Há de ser um homem, uma pessoa viva, inteligência, vontade, sentimento – faculdades da pessoa humana, e não de fórmulas algébricas ou de abstrações jurídicas. O Estado popular é o Estado que se torna visível e sensível no seu chefe, etc."

À medida que os anos se passavam, mais Vargas se capacitava de que o regime que lhe servia era o da Constituição por ele outorgada, como ordem, poder e segurança do Estado. "Nada de plebiscito", disse uma vez o Sr.

Campos. Mas, embora não plebiscitado, ele era um fato, e esse fato seria o clima no qual Vargas passaria a viver, dentro ou fora do poder. Com uma atmosfera de supressão dos direitos individuais, seria possível, tal qual aconteceu entre 1937 e 1945, a passeata de um chefe nacional, transferida a sua ação para o campo da turbulência agressiva da investida dos supostos depositários da vontade popular, da validade das forças de propaganda do tipo de um governo autoritário, sem contraste, que a constituição outorgada proclamara.

Ora, Vargas, demitido em 1945 das funções de ditador, regressa em 1951 investido das funções de presidente constitucional. Existe um desencontro completo entre ele e o mecanismo com o qual irá novamente viver. Como poderia caber o antigo tirano dentro das instituições recodicionadas, com o Legislativo e o Judiciário como peças suscetíveis de congelar noventa por cento das atribuições de que ele vivia? Seu Estado Novo campista deixara de existir havia seis anos. Voltava o País a viver com sua Constituição vazada nos moldes do velho edifício do liberalismo, demolido pelo ditador em 1937. Mais Vargas vivia, a partir de 1951, mais se acentuava o seu divórcio, o divórcio da sua personalidade com o regime, no qual o País depositara as suas novas esperanças.

Se há um governo e um homem frustrados são o quadriênio de Vargas, de 1951 a 1954, e aquele que o encarnava. Quando ele volta, os partidos já haviam tomado conta da maior parte da opinião pública. Para se eleger carece do apoio de um seu encarniçado inimigo. E, mesmo assim, a votação que alcança é inexpressiva, no cômputo dos sufrágios da totalidade do eleitorado. Por fora dá mostras de grande fortaleza de ânimo. Mas, por dentro, Vargas vive indomável como um sombrio. Fala freqüentemente em passar o governo ao seu substituto legal, de tal modo é a desconfiança que reina entre a sua ação e o vozerio da turbamulta, que o atropela nas ruas e no parlamento.

Vargas aparece para despedaçar toda uma escala de valores políticos e sociais. Assume, abertamente, a árdua responsabilidade da luta contra a sociedade brasileira ainda em condições de virgindade mental, ou seja, compromissada com o pudor liberal. E a sua danação, a qual começa a revelar-se em 1931, em 1937 atingirá o apogeu. Surgirá, naquela época, ao lado do satânico Francisco Campos e de alguns inocentes úteis das Classes Armadas como "o

disponível" gidiano. "Era" o Getúlio Vargas que ele queria ser. Faz arder o fogo demoníaco em sua plenitude, fiel a si mesmo. Com vários caminhos trancados, pela própria mão, para a liberdade, para os direitos do homem, ele me dirá, em março de 1938:

– "Eu não queria continuar no governo por mais o ano de mandato que alguns me queriam conceder, com a Carta de 34; mas fico com esta outra."

E cerrou o punho, possuído da mesma dose de virilidade com que praticava o ato de repúdio aos dogmas constitucionais, discutidos e votados pelos representantes da soberania do povo, escolhidos nos comícios.

Na solidão de Itu, na inquieta intimidade de si mesmo, em lugar de diminuir-lhe aumenta a danação do compromisso antiliberal. Entregue ali a si próprio, a tensão de insubmissão do rebelado contra a liberal-democracia lhe avoluma o problema da consciência. No frígido silêncio da "querência", o seu antiliberalismo, ao invés de agonizar, se retempera. Mostra dez, vinte vezes a Salgado Filho a impossibilidade de uma constância conjugal com a nova carta, de 1946, a que anularia a sua. No espírito de não aceitação se varam as suas horas de angústia. Posto frente a frente da Democracia reconstituída, a crise de consciência irá até ao desespero. Sente-se possuído de uma Razão de Estado, que não cederá a ninguém, e essa Razão resulta da outra Razão, na qual confia cegamente. Será uma figura varonil da era pós-Hegel. No seu exílio da fronteira meridional, o outro, cá de fora, o reputará um condenado, que não tem o senso da culpa que sobre ele pesa, em sua queda no pecado original, o autoritarismo. Ele lá dentro considera os outros perdidos por não sentirem o avanço que faz a doutrina do patriarcado político, do homem providencial, na terceira e na quarta década do século.

Egresso de Itu, em 1951, Vargas arcaria com a posse incompleta da Nação brasileira. Ele fizera o seu ato de entrega, a entrega da sua pessoa àquela que tanto amava. Mas ela não se lhe dava com aquela confiança que esperava da ternura, do amor que ele lhe dispensava. À beira dos setenta anos, Vargas se engajara como nunca à Nação, e o seu espanto, o seu espanto aristotélico era constatar, após as primeiras experiências, que dos dois, o que mais amava era ele. E daí a descompensação entre sentimentos que não se completavam. O apóstolo não encontrava os catecúmenos que esperava rever. Quase todos

haviam recaído no paganismo, ou fosse na adoração do Moloch liberal. Ele evangelizava, devorado da fé de servir para ver que a sua doutrina morria sem eco, caía no vazio, e ele permanecia numa triste ociosidade, numa estéril solidão.

A vida revestia para Vargas algo da solenidade que lhe emprestam certos filósofos germânicos. Como vontade e vida nele se confundiam (pois a vontade é substância da própria vida), gostava de se deter, sempre, insatisfeito, à beira do rio da vida, para deixar que ele corresse, na sua marcha incessante, no seu impulso eterno. O que queria era concentrar uma maior soma de elementos, um conjunto mais robusto de condições para o êxito dos golpes que preparava. Este aventureiro vocacional, por uma estranha contradição, demorava o que fazia para eliminar o mais possível, nas cartadas que dava, a hipótese do risco. Desgastava a têmpera dos companheiros. Esgotava a paciência e os cálculos de todos, que o acompanhavam, porque a sua natureza se requintava num êxtase voluptuoso em esperar, visto como esperar significava para ele enriquecer tanto o seu ser interior e as forças ambientes que o ajudavam, como o seu naipe de mais trunfos que reduzissem as oposições inevitáveis e os riscos fatais.

Getúlio Vargas, conquanto a sua nota tônica fosse um nacionalismo, às vezes cru, de um brasileiro noventa por cento, a raça, o meio, a sociedade dentro do esquema tainiano bem pouco o explicariam. Seus signos, as suas "viradas", os seus gostos, as suas expressões nada de um primitivo são para desesperar, quando nos lembramos que, fazendo questão de ser povo, e logrando até aí nivelar-se, através do cálculo, da astúcia e da mistificação da inteligência, o que ele resultava, ao cabo de mil manobras e desenvolturas da natureza mais complexa que ainda vi, era viver de acordo com as concepções da vida de um aristocrata do espírito.

Tomado a distância, no meio das palhaçadas do circo das consciências, armado para comemorações de dias e fatos revolucionários, Vargas parece um Caliban lúbrico, a se mover no seio da massa, num total eclipse das perenes faculdades do seu raciocínio arguto, sutil e raro.

Tirássemos, porém, o monstro estranho de dentro da multidão e o puséssemos no seu gabinete, a arranjar as idéias, as caras idéias, que tanto amava, a fazer as concessões que habitualmente fazia à imaginação, a operar com a fantasia, que era uma das suas mais enternecidas deusas protetoras e

fonte das abstrações que criava – dos planos políticos que traçava e racionalmente aplicava, por forma tão pessoal – e Ariel, o mágico fascinante, se apresentará dentro das suas eternas nebulosas, da sua vida interior, do seus monólogos, dos seus diálogos com a própria consciência, dúbio, impreciso, doce, consolador, umas vezes quase casto, outras quase moral, indulgente com os fracos, os desarmados, o coração delicado, o gume intelectual acerado, vivendo coroado de estrelas e de rosas, entre *les beaux esprits*, que eram seus irmãos.

Por que Vargas, que fazia questão de ser povo, de ser turba, de ser tribuno da plebe, marcha para a Academia sem receio de que as massas, vendo-o no mundo elegante, sociável das Letras, duvidassem da sinceridade do líder que as trocava por outro meio embalsamado de Arte, de Poesia e de bom-tom?

Era que a companhia de Ariel traduzia uma necessidade que havia dentro dele da criatura que viveu anos, no seu retiro de São Borja pelo pensamento e para o pensamento; do provinciano que jamais deixou de conviver com Platão, Aristóleles, a metafísica e outros oráculos das suas horas de meditação e de solidão.

Ele disse-me, um dia, logo que chegou do Sul, em 1924:

– Tomo de Comte a filosofia e deixo a religião que é a caricatura do Positivismo.

Aí tendes o Vargas cético, o Vargas rico de renúncias teológicas, o Vargas órfão da capacidade de crer.

Faltou-lhe sempre ao espírito cético, ao adorável cinismo intelectual que sabia carregar com tanto charme e tanta naturalidade uma onça de misticismo revolucionário. Se mística lembra sobrenatural, Vargas voluntariamente se exclui desse terreno. Não era uma natureza de religião, de confraria e tampouco de santuário. Só adorava uma coisa: a sua imensa liberdade de espírito, para fazer o que quisesse, como quisesse e quando quisesse. Isto, é claro, na dependência de "outro" tirano com quem o bivalente reclama o poder.

Se pretendeis que vos ofereça um traço vivo da penúria do misticismo em Vargas, eu os darei um exemplo, que é transcendental: Ele faz o Estado Novo e vai caçar, não com uma matilha de jovens, nem uma legião de fanáticos autoritários, de ideólogos das idéias do Estado Forte ou de idéias nacionalistas, mas com velhos perdigueiros do regime derrubado em 1930, com os sovados políticos liberais, sem sombra de fé pelo regime que adotarão para viver!

Dando cá fora a sensação de crente, havia, contudo, uma visível incompatibilidade entre vargas e o mito – o mito, que é uma das peças fundamentais da glória do personagem carismático. No fundo da formação espiritual deste homem havia o Positivismo. Ao contrário do espírito da abstração, ele era criatura do fato, e do que da observação do fato se poderá provar. As religiões não entravam no seu sistema espiritual. Tolerava-as, como concessões à imaginação humana e, até se quiserem com elas convivia, não lhes sendo por nada hostil.

Ora, haverá maior absenteísta do misticismo do que o positivista? Ele prefere arrumar de outra forma as suas idéias, os seus compromissos com o "gorila feroz e lúbrico" de Taine.

Há que ver a paisagem do Estado Novo que o Sr. Campos fez tudo para chamar de Estado Nacional, mas nada obteve. Está, de saída, o ministro dele eliminado. Devia-se fazer a legião ou o partido para decifrar o Homem. Havia que elaborar a mística do Estado. Vargas suprimiu isso tudo, entregando-se ao povo com um misto de simplicidade e de humildade, em contraste com a linha dos chefes, no Fascismo e no Nazismo.

Vargas era muitas vezes aquele egoísta amável de Benda, o cético das suas íntimas divagações intelectuais.

Sustento a existência de alguma dose de metafísica em Vargas, pelo estuário que ele era, onde se davam *rendez-vous* o diabo e o Senhor. Vida e natureza, filosofia e rotina constituem o perpétuo diálogo da sua consciência. Não podia ter pontes para nenhuma ideologia, para qualquer doutrina onde ancorasse o espírito, aquele que amava viver no clima de um universo nu e deserto. E, invariavelmente, sem dogmas. Era uma criatura que não se julgava ofendida por nada, porque em sua introdução à vida do pensamento, Vargas aprendeu a não se deixar excitar por coisa alguma. Os inimigos o julgavam *rancunier* e vingativo. Que santa ilusão! Para que fosse odiento era preciso que acreditasse, que fosse beijado por uma paixão, que fosse encantado por uma alegoria, que, batido por uma tempestade, reagisse.

Qual a sua inquietação? Qual o seu patético? Qual a página do seu romantismo nietzschiano? Qual o momento em que se entregou a alguém? Desertor contumaz do ser moral, ancoraria no Estado Novo por ser este um

porto seguro para o seu duro espírito de caudilho. E o Estado Novo, para ele, não era uma doutrina, mas um fato. Um fato, sim, e só.

A vida de Getúlio Vargas com a comunidade, desde que ele veio para o poder, tinha coisas de místico sem, entretanto, de modo algum, ele lograr sê-lo. O seu espírito errava pela periferia deste imenso todo, com o qual procurava viver em unidade de sentimento, a tentar pôr ordem onde existe o caos. *Gemeinschaft*, *Führer*, *Stimmung*, como ele tinha o sentido destas expressões, que acordam a idéia de massas da matéria-prima do chefe, na riqueza e na variedade das suas faculdades! Quando, em 1937, adquiri meia dúzia de livros alemães, acerca do novo Direito Público do Estado Nacional-Socialista e entrei, com certa malícia, a interpretar o Estado Novo, o General Góis mandou-me dizer: "Se eu estivesse no poder mandava-o para Fernando de Noronha." Mas a filiação de Vargas com o dionisíaco da minha interpretação era maior que a do seu colaborador militar. Consentiu que eu ficasse no Rio e insistisse em interpretar o regime.

Para julgar (é da essência da lógica) é indispensável ter medida. O julgamento humano de Vargas será sempre diferente, porque, se ele é a medida, será muito mais o desmedido, o excepcional, o passionário, fora do espaço de qualquer método, do quadro de qualquer disciplina. Fugia a freios e a preconceitos. As suas atitudes, as suas reações diante das coisas temporais não eram morais nem imorais, nada tinham com o bem ou o mal, eram getulianas. Da regra do seu jogo de florentino fazia parte a autonomia do movimento. Não entrava na chave das suas manobras, nas manobras ágeis de *expertise* que traçava e executava qualquer sentimento de idealismo humanitário que o levasse a perturbá-las. O seu negócio era o fato, era o camundongo.

Getúlio Vargas, se não criou aqui o mito bonapartista, deixou, todavia, que outros o espalhassem e dele viveu. Engaja a própria responsabilidade nos dois golpes que desferiu, pela certeza de que a contumácia democrática mostra-se incorrigível, em muitos casos, na execução deplorável das instituições livres. Seus dois regimes, aqueles nos quais trabalhou com alma, ele os utiliza para "decantar" a vida política do País. O revolucionário do pampa se sentirá maduro, numa e noutra circunstância, para realizar o seu destino, que será o governo pessoal contra o que ele consideraria os governos impotentes e desenxabidos dos "leguleios" partidários e parlamentares. A quem pediria

hospitalidade para os seus princípios de governo de autoridade? Ao povo e às Classes Armadas. Principalmente à linha deve seus sucessos mais sensacionais.

Não conciliava as preferências individuais com as instituições democráticas. Recusava-se a depositar maior confiança nelas, e este seria o seu erro, em 1950, ao deixar-se eleger por um estatuto que não era o de sua vocação pessoal. Em 1938, disse-me rudemente, por volta do mês de maio, aqui no Guanabara: "Queriam arranjar-me a permanência de mais um ano no governo, com a Constituição de 1934. Repeli a idéia, O regime que eu desejava era este, da Carta de novembro. Agora, sim, poderei trabalhar à vontade." E logo deu o golpe de Volta Redonda. A seguir, o outro, da usina de papel do Tibagi.

Seus acumuladores políticos não eram carregados com a eletricidade criada pelas correntes partidárias. Essas, a seu ver, davam gás deletério ao povo. Nem do parlido único, chave e sustentação dos regimes autoritários, quis saber.

O Sr. Francisco Campos criou a Legião Revolucionária em 1931, quase à sua revelia. A propósito, disse-me, um dia, duvidar que Olegário Maciel vestisse a camisa da Legião de Minas Gerais. E, quando o velho fóssil do regime democrático envergou a camisa do Malazartes da Mantiqueira, Vargas, para se desforrar da dúvida que tinha posto quanto à abstenção do governador de Minas em envergar o uniforme da Legião do Sr. Francisco Campos, fez este reparo: "É fato que ele pôs a camisa revolucionária, mas por baixo do paletó..."

Desde que foi ditador, de 1930 a 1934, que Getúlio Vargas entendeu como sendo o governo unipessoal o único caminho dele sozinho, sem freios nem contrapesos, promover o bem-estar do povo brasileiro. Contava-me Antônio Carlos que ele assistiu ao processo de constitucionalização do País, em 1934, de braços cruzados. Jejuava constituinte. Procurava ter o mínimo de intervenção nos seus debates. Assim como Bonaparte quando desembarca do Egito, no 21 do Vendimiario, ano VIII (1.º de outubro de 799), diante da luta furiosa e exaustiva das facções, não tem outra ambição além da ditadura, Getúlio Vargas, depois da revolução de 1935, só encontra razões para aumentar suas reservas quanto ao Estado democrático. A mudança do regime pasa a entrar-lhe nos cálculos diurnos. Fora possível obstar-lhe o caminho se a contra-ofensiva viesse dos partidos democráticos unidos. Mas eles não se uniam, e, assim, quanto mais alargavam a brecha, mais o pretendente empurrava a sua cunha.

Alguns, no Exército, procuravam uma espada. Mas a sua lança de caudilho era mais afoita que o gume do General Góis Monteiro. Desse modo, no 18 Brumário brasileiro, concertado entre dois generais e um caudilho civil, foi o caudilho civil quem ganhou a partida para os soldados.

Getúlio Vargas aspirava a ter na sua Pátria, no seu meio, uma função eminentemente pastoral, armado ele de uma doutrina social. Era, a certos respeitos, um daqueles personagens das sociedades de pensamento *des sociétés de pensée* que de 1975 a 1993 fizeram a propaganda da revolução e a desencadearam na França. Tendo evitado com todas as forças e com todos os truques a jornada de 1930 (segundo disse-me e no que não acreditei), ele desembarca em Curitiba decidido a não emigrar. Estava com a revolução e dela não se apartaria mais.

Uma noite de fim de inverno, convocou-me ao Grande Hotel da capital do Paraná, onde ambos nos hospedávamos em outubro de 1930, para dizer-me, sem hesitar, que a Aliança Liberal estava extinta. A revolução de 3 de outubro era outra história. Com o programa da Aliança tentara-se uma eleição que foi fraudada e fracassada. Obstinara-se meses seguidos em não se fazer revolucionário.

– Fui o último a aderir à revolução no Rio Grande. Não desejava que confudissem uma derrota pessoal minha num pleito com os interesses imperiosos da minha terra.

Mas, já que nela entrara, iria até o fim. E até o fim com o Rio Grande do Sul.

Pode-se dizer que, desde 1930, Vargas adere à Democracia autoritária, e foi por isso que não quis mais saber da Democracia liberal; e se a ela irá volver em 1950, só Deus sabe com que constrangimento. Não deu uma arranhadura no regime. Mas, como guardava distância! Dois inimigos íntimos não se podem mais respeitar.

O Brasil é um inibido, com pouco dinamismo, e Vargas procurava cultivar-lhe o movimento, o amor do risco e a moral da vida perigosa.

Que outra poderia ser a base da sua intensa vida de conspirador? Ela não se concilia com a existência do pioneiro que vive o dia inteiro na *jungle*?

Um dia, em 1927, ele disse-me: "Há uma diferença sensível entre mim e o meu chefe Dr. Borges. Eu sou spenceriano." Não havia tal.

Nunca houve, pelo menos desde que Getúlio Vargas adotou o programa que sabemos.

Foi o primeiro chefe de Estado, aqui, a não cruzar os braços diante da injustiça social, a lhe oferecer combate com franqueza e valor. De 1930 a 1945, seu corpo traz a marca do que sente o indelével daquela injustiça. Dar-lhe combate será a sua obsessão; extirpá-la da face do Brasil social, a sua luta.

Não se desarmará mais, desde que a viu de perto, com a visão objetiva de calamidade.

O sucesso prodigioso de Vargas é que ele veio para o poder possuído dos filtros do populismo, ou fosse, de paroxismo da exaltação das massas. Ele era povo e foi povo, desde que em 1927 foi para o governo de sua terra até o dia 24 de agosto de 1954.

Procurando colocar as classes num pé de igualdade, seria nessa decoração exótica para uma sociedade ainda inorgânica que Vargas tentaria não só desenvolver o seu apostolado, como governar uma massa de 50 milhões.

Disse e repeti várias vezes a Vargas que ele era um sonhador, que, com efeito, a maior parte do esforço desse calculista frio, desse realista inexorável, é obra de um demiurgo, ou seja, o trabalho de uma criatura que vivia dentro do irreal, num mundo de fantasias e de sonhos... Pondo nas mãos do povo os regimes que tentava edificar, Vargas passava de longe pela incapacidade das nossas massas e classes médias, para sustentar uma ordem de coisas políticas nos seus ombros, pela sua mesma inaptidão para tornar coordenados e concomitantes os interesses delas com os seus arquétipos.

Qual a razão pela qual Vargas caminha adiante dos governos anteriores? É que ele tinha uma força que eles não possuíam: o ascendente sobre as massas. Que sortes não dava todas as semanas para impor o brilho de sua porsonalidade irresistível ao eleitor do País!

Fazia a política como uma Arte, como um esporte, na complexidade de suas exigências espirituais, no interminável da vida e dos acontecimentos que ele cria nesse terreno. É preciso ter uma certa ótica cênica para ver as preciosas peças políticas que Vargas armou pela vida afora. Borges de Medeiros, Osvaldo Aranha, João Neves, Góis Monteiro, José Américo, Armando Sales, Eduardo Gomes, lá sabemos com quantos o "monstro loiro" teve aventuras por este mundo além! Cá fora só tínhamos conhecimento do desenlace das

peças que armava. Os mais arrevesados, os mais cabeçudos, ele os seduzia. Fossem ver de dentro, na caixa do teatro, a escolha dos artistas, a distribuição dos papéis, a técnica dos ensaios, a preparação da ribalta com os seus jogos de luzes, a montagem, em suma.

Era qualquer coisa da paciência de um Flaubert, armando Madame Bovary ou de um operário de relojoaria suíça montando um relógio de precisão, ou Pratt-Whitney aprontando as peças de um motor de avião.

A história registrará, sim, registrará o pequeno ensaio que ele fez de uma das partes do golpe de 10 de novembro, na Guanabara, com os governadores de Minas, Bahia, Pernambuco e o Sr. Francisco Campos. É essa uma obra-prima de carpintaria teatral. Ouvi todo o episódio, narrado por um dos serafins da política brasileira, o vice-presidente Medeiros Neto, ator que Vargas havia preparado, com um esmero de ourives, para desempenhar um papel específico, deveras importante, nos dias dramáticos da sucessão e do golpe, na Bahia ao lado do seu governador, que ele precisava enfraquecer. Um serviço de anarquistas russos não teria montado uma máquina infernal mais diabólica para atuar num cérebro receptivo ao fascínio da sucessão presidencial, depositada engenhosamente por Vargas na cabeça do seu vice-presidente. Assisti, de corpo presente, a uma cena de despistamento, em que era ensaiador o seu então Ministro da Justiça. Asseguro-vos que no gabinete daquele Doutor Fausto, mesmo os aprendizes trabalhavam bem.

O biógrafo de amanhã, de Vargas, estudará o seu satanismo. Ele tinha um fraco por essa legenda, por esse jogo entre céu e inferno, que lhe vinha da fama de despistador, desde os pródromos de 1930 e da aversão que tinha muitas vezes em afirmar a verdade. Mas, acaso não era trair ou maltratar a verdade, o afirmá-la, sabendo-a quão fluida, quão transparente e quão relativa ela é?

Pelo que contam Aranha, Neves, Maurício Cardoso, João Daudt, Getúlio Vargas, desde a Escola que se impunha dos colegas. Impunha-se como? Por quê? Pelo seu eu dirigente. Moço, já conduzia os companheiros, entendendo mais, muito mais de Política do que qualquer deles.

Para se entender Vargas, é indispensável lançar um golpe de vista sobre o gaúcho e o Rio Grande, com os dados da sua vida real e do seu misticismo. Confundem-se os que pensam que o Rio Grande é Porto Alegre, ou mesmo Pelotas. Porto Alegre é um centro cosmopolita como Rio de Janeiro e São

Paulo. O Rio Grande não começa na Lagoa dos Patos. Aí pode dizer-se senão que ele acaba, pelo menos o que ele significa como proporções de elemento, como medida de natureza. Há dois anos, tomei, durante o dia, um avião e fui de Porto Alegre a Uruguaiana e de Uruguaiana a Curitiba. Ofereceu-me o pampa a sensação do ilimitado de um continente que não se detém na torrente do Uruguai. Ele avança pelas duas mesopotâmias, a paraguaia e a argentina, com uma vastidão de imensidade eslava. Dando uma vista de olhos no panorama do pampa, com as suas savanas hirtas, a primeira sensação que se recebe das suas populações ralas é a de um povo que ainda não se fundiu com a sua terra. A história interior do Rio Grande confirma que a reação da personalidade rica do pampa ainda não promoveu ali os grandes recursos suscetíveis de o dominarem – a fusão do homem com o meio só se acha parcialmente feita. Cedo ou tarde a síntese terá que produzir-se, e aí veremos, em quinze ou vinte milhões de homens, refletidos os traços que o crisol irá apurar, e que, entretanto, já se anunciam no *mujique* gaúcho dos nossos dias.

Em Porto Alegre, e, parcialmente, na zona da colonização italiana, palpita o dinamismo ocidental. A paixão mecânica do ítalo e do teuto progressistas é a continuadora das populações excêntricas do Mediterrâneo e da Europa Central, que trouxeram para o pacato meio rural o ruído da civilização da máquina a vapor. Tem o Rio Grande do Sul a dez, vinte, trinta, cinqüenta e sessenta quilômetros da sua metrópole, ilhas paulistas nas quais se discernem as linhas da rude tentativa de Street, de Pierson, de Sir Alexander Mackenzie, de Billings, de Siciliano, de Matarazzo, para industrialização do Brasil. A Democracia dos nossos tempos, em sua base mecânica e burguesa, a encontraremos em certos trechos da faixa atlântica do território gaúcho. São já duas articulações européias e americanas. Estudem-se os reflexos do pampa e do arquipélago da técnica manufatureira americana, quando se trata de partir com o Rio Grande numa aventura política. O arquipélago reage logo com um instinto ríspido de defesa do seu patrimônio produtivo, assim como com as suas concepções de viver, baseadas na propriedade privada e no poder da iniciativa. O pampa, esse, antes de ser ouvido, já está pronto para marchar para a Grande Aventura a que o convidam, e isto a fim de não se dessolidarizar das suas tradições guerreiras, *risque-tout*.

Como é este homem do pampa? Ele é quase todo de descendência portuguesa, espanhola e autóctone. Podemos defini-lo 50% Vargas. Um dos seus traços típicos é a rusticidade. Confundem-se a esse respeito as duas ambiências: a física e a moral. A simplicidade da vida do homem é a da sua mesma natureza. Terra, homem e concepção de vida do homem têm algo de primitivo. Estamos diante de gente pastoril, que, só recentemente, com a cultura do trigo, entrou a ocupar de modo mais direto o solo em que vive. Cavalo, homem e campo completam a figura do gaúcho, seu ritmo de viver e sua atmosfera. A geografia da terra não teria dito ainda tudo se a psicologia desse indivíduo não fosse marcada por aquilo de que Getúlio Vargas era representativo: a aptidão do gaúcho para a vida pobre, para sofrer a adversidade, na sua paciência para esperar, com o otimismo, o dia bom e o dia mau.

Era Vargas a natureza cautelosa do camponês. Ele era conspirador, sim. Gostava de conspirar muito. Conspirou desde o Rio Grande, em 1927, contra a autoridade de Borges de Medeiros, no seio do Partido Republicano. Conspirou em 1930 contra Washington Luís. Conspirou em 1937 contra a República Liberal de 1934. Mas, não desprezando as devidas cautelas, no seu ofício de conspirar, procurou sempre vedetas militares para dar os golpes que havia arquitetado. O seu Rubicon, o mais sério obstáculo que teria encontrado nas suas manobras subversivas, terá sido o 1937. Generais, almirantes, brigadeiros, havia às centenas contra o seu Estado Forte. Com quem atravessa ele o passo difícil, o passo de tão estreita garganta? Com os Generais Dutra e Góis Monteiro. Não faz uma revolução sem a tropa. Mas fez todas as que quis, menos a de 1945.

Na sua "querência", era Vargas um camponês, um perfeito homem de gleba, um *terrien*, como se diz em França. Ali reside outra lancinante contradição, de um lado entre o imperialismo avassalador do homem do Estado, a capacidade de ataque do seu intervencionismo estatal sobre a superfície da existência dos seus compatriotas, do que temos o testemunho na armadura do Estado Novo, e, por que não dizê-lo? O autoritário e o totalitário que ele era, com as suas medidas de grandeza, na ação pública, e do outro, o individualismo do francês de rotina, do *terroir*, do *pied-à-terre*, do sentido miúdo das coisas que ele também era. Desdenhava a concepção do *terroir* político para adorar a outra do *terroir* doméstico e nela integrar-se.

Encontrava-me, certa tarde, em Sorocaba, com os Senhores A. de Moura Andrade e Benjamim Vargas. Contava ao meu velho e caro amigo, o irmão do presidente, o que era, há 150 anos, um homem do campo naquela região. Então, Moura Andrade, a meu pedido, se pôs a detalhar a série de anedotas a respeito do camponês sóbrio, sovina, agarrado aos seus bens, que se alinha na zona rural de Sorocaba, Tietê e Itu.

Contou a do queijo que o ituano escondia no guarda-roupa (Não esquecer que o pai de Vargas, Manuel, e seu avô, Evaristo, eram filho e neto de um sorocabano, Bueno. Pura cepa camponesa, desse trecho do interior paulista).

Benjamim Vargas arregalou os olhos e levantou-se do chão, onde nós três estávamos de cócoras como jeca-tatus.

"Pois eu vi Getúlio, há meses, ganhando um queijo, levá-lo ao armário do seu quarto, fechá-lo à chave, e dizer- nos: Este vocês não o terão sozinhos." Era o ituano que, no Catete, 150 anos mais tarde, juntava as duas pontas da meada.

Falando à J. Nabuco, de Vargas se poderá dizer que foi o espongiário magnífico deste oceano humano que é o Brasil. Ele era o guasca, o campeiro, o caipira, o tabaréu, o matuto, o jeca, o sertanejo, o farroupilha, o favelado, o charrua, o tamoio, o guarani, o capixaba, o caeté, o tupinambá, o tabajara, o tupininquim, o timbira, o marroeiro, o homem branco, o negro, o amarelo, nas infinitas nuanças de todas essas cores; a música dos nossos rios; o barulho das nossas cachoeiras, a alegria das nossas madrugadas, a graça de um mês de maio nas campinas verdes do Rio Grande, o sorriso das nossas crianças, o uivar do minuano na cochilha, o coruscar das estrelas neste céu tropical. Que deslumbrante aquarela do Brasil! Que força elementar da vida! Não era um fragmento da nossa natureza, porque era toda ela!

Os medíocres charlatães, que já o estudaram, não enxergaram o segredo da sua imensidade. Vargas, era ele, e plus-todos os seus contrários. A sua prodigiosa glória é a de haver tantas vezes sacudido este cadáver obediente que é o Brasil. Ele não falava para o povo: oficiava como um sacerdote.

E como era nacional o demônio que as igrejas, porque ele não era de nenhuma para ser de todas, irão beatificar! Que soberbo animal telúrico, sur-

gido no terceiro dia da criação, não havia no poder messiânico desse pretendente fechado e desse providencial aberto !

Homem pirandelesco, fluido, sem constantes, pioneiro múltiplo e variável, desconfiado e agressivo, nas horas decisivas não gostava de falar, apenas advertia. Afinal, por que aparentemente frio, dava murros espectaculares na cangalha? Era para matar o burro? Para deixar o burro no chão? Não, só para assustá-lo, tão-somente para assustá-lo, com um golpe violento no dorso.

A opulência deste detentor feérico da psicologia, da patologia e das possibilidades do seu povo residia na sua mesma indeterminação, no seu, se quiserem, sonambulismo, no seu ar de quem abria a picada, na mata, e ficava o resto do tempo a fazer a estrada real, quase sempre sem consegui-la, para outra vez lançar-se a novas picadas.

Duas vezes, ao que me disse, Vargas deu o consentimento íntimo à idéia da morte. E ambas no campo da luta civil. A idéia de morte traduz invariavelmente um estado emocional de alta responsabilidade e de beatitude da espiritualização. Isto mostra quanto o pólo do sofrimento tinha uma elevada representação na natureza desta criatura. Ele era a encarnação do "homem paciente", como chamavam os gregos, do homem do qual era Ulisses o arquétipo, ou seja, a natureza saturada do heroísmo trágico. Vargas alinhava a bravura à serenidade, para encarar, face a face, o enigma da morte.

Derrubado em 1945, e, de novo, em 1954, a sua sensibilidade viu no segundo golpe uma tragédia sem saída. Era de novo a força militar a sua velha guarda que lhe faltara. Partira-se a cadeia formada de 1930 a 1945. Sente, já no fim da existência terrena, a necessidade de uma morte, como dizia o mito. Não é a desesperação suprema, porque é a humanização do Dragão.

Tarefa assaz difícil para um País, destituído de crítica, de cultura política e sem trânsito para as responsabilidades do Espírito, entender uma personagem como Vargas, que não encontra antecedentes em nenhum outro ponto do cosmos latino-americano. Nunca teve este País, em seus anais, nada tão espiritual como Vargas no campo da política. É o mais diferenciado dos homens públicos desta terra. Tem de vários deles, e não se parece com nenhum, como idéia, sangue, liberdade e dependência da comunidade. Suas vastas construções ainda não encontraram intérpretes.

Provocou uma crise, na qual, só agora, um ano após o seu desaparecimento, o País está entrando. Foi o primeiro homem do *devenir*, do *Gemüt*, do princípio germinal, dentro da órbita brasileira. É uma página desconhecida que ainda ninguém leu, por falta de iniciação filosófica, pelo estado embrionário da inteligência brasileira, essa, da intimidade de Vargas com o Brasil, malgrado um certo bovarismo gaulteriano que o levava a supor-se diferente do que eram as notas tônicas da sua gente. E isto era bem verdade. Tanto que era ele quem puxava o Brasil, ao invés de o Brasil arrastá-lo.

O fino animal sensitivo, que era Vargas, tem uma medida de não-fixação nos estilos das velhas rotinas nacionais, dos carros de boi do direito público indígena, que só um processo de renovação da nossa cultura poderia abarcá-lo.

Encontramos no quadro da morte voluntária de Vargas o ritmo da epopéia dos Niebelung. Matando-se, o que ele procura é sobreviver. A idéia da morte deverá ocorrer no ser que se dispôs, graças à plenitude do sofrimento, a encontrar os motivos do renascimento.

Vargas se apresenta ao povo numa atitude de líder, para dizer-lhe a frase que Cristo foi o primeiro a pronunciar para o Ocidente: "Eu sou a Verdade." Efetivamente, seu apostolado social dava-lhe à existência um sentido de cruzado. Era um homem que, quando volta em 1950, mais que dantes faz a doação de si mesmo à causa pública. Virá a realizar-se mais do que das outras vezes como representação de um destino, que nenhum outro teria força para cumpri-lo neste País, como poder de renúncia, para a qual ninguém aqui estava preparado, sobretudo num meio de depauperação espiritual como o nosso.

Velho jardineiro, podador dos galhos da árvore da liberdade, Getúlio Vargas tomba varado por esta suprema contradição: mandando aos seus compatriotas a mensagem do homem livre. Em seu calvário luta pela liberdade da iniciativa do presente, e, como um herói helênico, morre para renascer.

Tal a lanterna verde com que ele marcha para a eternidade.

# II
# RESPOSTA DO SR. ANÍBAL FREIRE DA FONSECA

À nossa glória faltava, Sr. Assis Chateaubriand, a láurea acadêmica. Amesquinhem-na impenitentes detratores, jubilados uns em rancor insofrido e a maioria em desdém, que, por tão ostentoso, chega a ser superficial e anódino. Pairando acima dessa injustiças, constituirá ela sempre a consagração de uma carreira.

Atingistes aos cimos da atividade intelectual. Fostes professor de Faculdade oficial, num instante da vida em que os moços recém-formados se aprestam a postos menos árduos. Alcançastes o domínio de uma rede de publicidade sem similar na história da imprensa e dos meios de difusão em nossa Pátria. Coube-vos a curul senatorial, em que vindes fazendo memorável trajetória. Tudo com a instantaneidade dos raios, iluminando em cheio as veredas que tendes de palmilhar.

Examinando outros aspectos de vossa ascensão, vemos que assumistes as responsabilidades do professorado de ciências jurídicas, sem o tirocínio da judicatura, que a elas preparam. Passastes de redator a fundador-diretor de jornal, com ascendência e fortuna que os mestres do ofício nem sempre conseguiram. Penetrastes no Parlamento, para o posto mais alto e severo, sem o tirocínio político nem o amanho afanoso da vida partidária, cheia, em regra, de sacrifícios e renúncias. A todos esses recantos da inteligência e da maestria levastes inequivocamente sopro novo. Por isto se criou a fama de "perturbador", tão realçada nas orações gratulatórias proferidas no ruidoso banquete

com que a sociedade desta capital festejou a vossa ascensão à Academia, homenagem que refluiu em nosso crédito e solidificou a convicção do acerto de nossa ecolha.

Não tememos os vossos arrojos, não nos arreceamos aos transbordamentos de vossa atividade. Erram os que vos julgam através de vossas campanhas jornalísticas. Tendes, a par da pertinácia nas idéias e nas conquistas espirituais, o respeito pela tradição que a vossa surpreendente inquietação não consegue eliminar.

Sem precisar recorrer a teorias e sistemas, vamos encontrar a fonte dessas supostas contradições de temperamento nos seres que vos deram a vida. Não quero vos proporcionar emoções, mas haveis de ter sob a retina sempre atenta a imagem de vossos pais.

Francisco Chateaubriand Bandeira de Melo era um belo tipo de homem. Traços olímpicos, fronte alta, cabeça emoldurada de bastos cabelos negros. Desempenado, ágil, irrequieto, espalhava alegria nos círculos onde aparecia. Ao lado desses sinais exteriores, fortaleza de ânimo inquebrantável. Um só episódio o demonstra. Tendo a esposa adoecido, os médicos recomendaram a estada em clima mais ameno do que o do Recife, tropical por excelência. Foi escolhido um lugarejo próximo da capital. Chã de Carpina – o seu nome, a indicar a configuração do lugar – planície descampada. A cura realizou-se sem sobressaltos. O marido encetou, então, a tarefa de transformar o povoado em cidade florescente. Procurou obter o apoio oficial para o seu tentame. Conseguiu logo mudar a denominação do povoado para Floresta dos Leões. Imagine-se o quanto de irreverência se formou em torno do assunto... Floresta onde não havia sequer árvores, e em leões nem havia que falar. Sucediam-se os remoques. A tudo indiferente o marido agradecido à Natureza. Começou pela arborização do local. A fama estendeu-se às cidades vizinhas. Passaram pessoas influentes a construir moradias de verão. Hoje o local é centro de turismo.

De D. Carmen Gondim herdastes, Sr. Assis Chateaubriand, uma qualidade que nem todos suspeitam em vós: a doçura, que ameniza as aparências agrestes do lutador. Não são muitos os beneficiários dessas efusões. Mas uma amizade de mais de quarenta anos, sem sombras nem intermitências, pode

escusar-se com o esplendor desta solenidade para deixar nesta página essa impressão afetiva.

Também redobrastes em carinhos com a autora de vossos dias. Jules Claretie, no discurso de recepção na Academia Francesa, fazendo o elogio de Cuvillier-Fleury, revela que em todas as contas registradas pelo jornalista, o primeiro artigo, o "artigo sagrado, piedosamente traçado antes de todos os outros, era o – Remetido à minha Mãe".

Não tendes tempo de fazer as grandes contas, muito menos as menores. Mas o traço existe. Nas folhas de pagamento da Faculdade de Direito do Recife, todos os vencimentos do Professor Assis Chateaubriand eram entregues no procurador de sua mãe.

Com esses apanágios, havíeis de ter infância feliz. Um escritor divisou Henri de Montherland debruçado sobre os jovens "com uma espécie de expectativa sagrada, como os áugures escutavam as fontes para delas ouvirem sair vozes". A juventude vos surpreendeu na luta e as vossas vozes foram logo as do combate pelas idéias, as da atração pela liberdade, as da identificação com os credos perfilhados.

Redator do *Dário de Pernambuco* – e o destino se encarregou de colocar, anos mais tarde, o velho órgão na órbita de vossa influência – tivestes de acompanhar a sorte da política submersa na onda de "salvação" que avassalou o Norte. O denodo com que auxiliastes a Elpídio de Figueiredo, quase trucidado na defesa da liberdade da imprensa, marcou o início da vossa carreira destemerosa nas lides jornalísticas. Foi a vossa primeira refrega contra o poder armado, e as que empreendestes na maturidade terão o reflexo da que selou a vossa adolescência.

Não desertastes o campo da luta. Aproveitaste-o para imprimir outra feição à vossa capacidade. Desde cedo manifestaram-se em vós os sinais de pesquisa intelectual, que realça todas as vossas incursões no domínio da palavra escrita ou falada. Destes logo sentido universal ao vosso pensamento. Sob este signo, se operou a vossa formação mental, banindo preconceitos, ostentando independência de idéias e levando até aos detalhes a orientação universalista de vosso roteiro. Nenhum estrangeiro, de passagem ou de residência em Recife, deixou de ser vosso admirador, merecendo a vossa atenção de jovem, ansioso pelo contato com as fontes onde se espelha a inteligência da

humanidade. A vossa formação intelectual obedeceu a esses dois fatores subjetivos: a apuração dos elementos que elevam o nível cultural e o cunho universal das idéias.

Não vos bastava a arena jornalística. Levantastes o vôo para a cátedra. Temeridade a do jovem jornalista, se não o animasse a chama da ambição interior, sobrepondo-se às querelas de província. O concurso na Faculdade de Direito do Recife versava Filosofia do Direito e Direito Romano. Neste lance têm-se a impressão de como aprendestes cedo a vos desvencilhar de dificuldades. Custa a crer que o autor do "Conceito do Direito" e *d' O Interdicto ut possidetis*, dissertações apresentadas para o concurso, seja o mesmo homem de imprensa, sôfrego, arrojado, inquieto. Soubestes vos precaver, na explanação dos assuntos jurídicos, dos excessos de imaginação. Sobriedade, clareza, objetivismo na exposição das doutrinas. O teor das dissertações é o contraste com a técnica do jornalista exuberante, insaciado, em regra prolixo. Nenhum laivo de agressividade nem sombra de embates, em que o ímpeto da pena avassala o raciocínio. Na advertência da dissertação de Direito Romano, salientastes o cuidado de fundamentar a exposição em informações colhidas nas próprias fontes legais e doutrinárias, e, se a tradução "não reveste forma esbelta e polida", é porque preferistes "sacrificar, quase sempre, a elegância e o torneio da construção à fidelidade das palavras e da expressão do original".

O vosso concurso figura entre os mais ruidosos da época. Tínheis como contendor uma vigorosa expressão intelectual, o Sr. Joaquim Pimenta, benquisto entre os acadêmicos. Como sempre, a mocidade se dividiu. Do lado do vosso concorrente, João Barreto, o filho de Tobias. Ao vosso lado – como será grato ao vosso coração relembrar o episódio – Annibal Fernandes, que ainda agora é o diretor do grande órgão pernambucano, enquadrado na cadeia dos *Diários Associados*. A Congregação da Faculdade, por voto de desempate, vos indicou em primeiro lugar. A vossa Paraíba não faltou neste momento. *A União*, o tradicional jornal, em que colaboráveis, fez imprimir a vossa dissertação de Filosofia do Direito.

A política usou de todos os recursos para impedir a vossa nomeação. Ingressastes no corpo docente da legendária Faculdade do Recife aos 24 anos de idade. Tínheis aparência juvenil. Não entra no anedotário que vos cerca,

como a todos os homens em evidência, curioso e verídico episódio. Ao virdes ao Rio de Janeiro acompanhar, como era natural, vossa indicação para o magistério, tínheis o dever de procurar o presidente da república, que era, então, o venerando Sr. Venceslau Brás. Fostes ao Palácio do Catete, em companhia do então Deputado Vicente Piragibe, diretor de *A Época*, que acolhera as vossas primeiras produções jornalísticas na imprensa carioca, O ilustre parlamentar havia solicitado ao Chefe da Nação o favor da internação gratuita de um jovem no Colégio Pedro II. Ao avistar o Sr. Piragibe em companhia de um rapaz, o Sr. Venceslau Brás recordou-se do pedido e, antes de qualquer apresentação, disse ao deputado: "Este é o seu recomendado para o Pedro II?" O Sr. Piragibe respondeu de pronto: "Este moço, Senhor Presidente, é candidato classificado em primeiro lugar no recente concurso da Faculdade de Direito do Recife." O presidente soube resistir à pressão exercida pela política dominante e cumpriu o seu dever.

Se o rumo de vossa vida não se houvesse alterado, transportando-vos para outro cenário, teríeis exercido papel relevante na direção mental da mocidade do Norte. Para isto não vos faltavam o arrojo das idéias, a independência do pensamento, o denodo das convicções, o poder verbal sem o qual o proselitismo perde muito na eficiência e na concretização dos objetivos. A vossa vinda ao Rio de Janeiro, em 1915, para o fim a que há pouco aludi, determinou nova direção à vossa trajetória. Emerson alude, como um impulso de liberdade, ao verso do persa Hafiz: "Está escrito sobre a porta dos céus: 'Desgraça a quem sofre de ser traído pelo destino!'." O destino não vos foi infiel e coroa sempre os vossos ingentes esforços.

Conquistastes de pronto a metrópole. Um artigo sobre Carlos Peixoto foi a vossa revelação ao público carioca. A figura varonil do parlamentar mineiro tentava quem quisesse retraçá-la, sem cortesanias nem arroubos. Ensaiáveis a tarefa em que sois mestre. Não vos seduz o panteísmo. A Natureza, fonte de inspiração para tantos outros, não vos deixa propriamente indiferente; não exerce, entretanto, poderoso fascínio sobre o espírito. De vez em vez, uma imagem fugidia, pondo um tom sugestivo na análise dos homens e dos caracteres, no exame dos fatos. Primais na fotografia humana, nos traços psicológicos e perpetrais as incisões que vossa pena produz na suscetibilidade, no orgulho, na vaidade dos homens.

Duas amostras de vossa arte fotográfica: com o "Carlos Peixoto" iniciastes a fundação da cidadela em que permaneceis, de lança em riste contra os que procuram assaltá-la. Com "O Monstro" previstes os meandros da era getuliana. Esse poder de penetração, que não é vã profecia, caracteriza os analistas da humanidade, inquieta, movediça, inconstante.

Tivestes a fortuna de encontrar encorajamento desde as primeiras vitórias. E se é próprio dos homens marcados para dirigir não se condenarem ao isolamento, a atmosfera que há de cercá-los tem de ser saturada de confiança e estímulo. Logo um grupo luzidio de veteranos intelectuais passou a prestar ao jovem nortista carinhoso apreço. Pedro Lessa, Alfredo Pujol, Calógeras, Pires Brandão foram afeições inalteráveis na vossa vida. Até Capistrano de Abreu se deixou captar. Em carta a João Lúcio de Azevedo esboça os traços de Assis Chateaubriand: "Rapaz de muito talento. De pequena estatura, glabro, nasceu em Imbuzeiro da Paraíba. Tem menos de trinta anos; é substituto da Faculdade do Recife. Colabora no *Correio da Manhã*, por cuja conta vai agora à Alemanha passar um semestre; é redator-chefe do *Jornal do Brasil*.

Dessa viagem à Alemanha resultou um volume de 449 páginas, editado em 1921. *A Alemanha, Dias Idos e Vividos*, tal o seu título. Sempre a vida a estuar, no escritor destemeroso. O livro, à luz dos acontecimentos futuros, sofreu a influência de impressões passageiras. Em matéria política, sentencia Léon Berard que só se é profeta na oposição. Em matéria jornalística, as crônicas têm de se ressentir da mobilidade da época. Adolf Lassen, conselheiro privado e professor da Universidade de Berlim, proclamava, em setembro de 1914, já deflagrada a guerra: "Um homem que não é alemão não sabe nada da Alemanha." De maneira que os Blondel, os J. Flach, os Seilhière, os W. Martin, os Joseph Barthelemy, que expuseram ao mundo, naquele período, em traços gerais, as concepções germânicas, eram "intrometidos". Não admira que o jornalista brasileiro, percorrendo um País amargurado pela derrota, nem sempre pudesse recolher a percepção justa dos fatos. Em conjunto, entretanto, o livro não contém reportagens frívolas, antes obra de analista, aspirando a perscrutar as inspirações dos povos, a esteriotipar as tendências dominantes e a extrair dos fatos e dos homens as perspectivas do futuro.

Toda a vossa carreira pública se situa no plano da curiosidade. Curiosidade, irreverente, injusta por vezes, indiscreta não raro. Mas curiosida-

de como lema mental. Nem há escritor destinado a exercer influência entre os contemporâneos que não seja aguilhoado pelo desejo de tudo perscrutar e conhecer. Um dos sintomas dessa avidez é o vosso gosto pelo avião. As viagens marítimas, com contatos forçados e em regra inúteis, são sensaborias para o vosso espírito ágil e trepidante. Paul Guth, estudando a personalidade de André Siegfried, salienta que o brilhante escritor, "em lugar de estreitar seus pontos de perspectiva, como a maior parte dos pontífices, cegos pelas honras, os multiplica". Observa que o autor de tantas obras, em que avulta a penetração do real, considera a curiosidade como o motor inesgotável do rejuvenescimento e relembra a sua frase: "Aprendi mais com as viagens e com a conversação do que com as leituras. Meu método é o de um repórter." O sabor literário que reacende dos vossos artigos, Sr. Assis Chateaubriand, mostra que a leitura é propícia à expansão de vosso pensamento, mas a arma predileta de vossa atuação é a observação direta, viva e palpitante.

O crivo dos tempos passou sobre Tirpitz, "o eterno". Falkenhayn, "o fascinador", Ratheneau, "o animador espiritual", erigidos em símbolos no vosso *Na Alemanha*. O vosso livro contém, entretanto, páginas em que sobressaem a acuidade da visão, o senso da realidade. O remate do capítulo sobre os Estados Unidos tem os contornos de uma lição de política econômica. Dissestes: "Sob o aspecto financeiro, a chave da ressurreição européia se encontra, pois, nas mãos dos Estados Unidos. Esses são os senhores da política de cooperação, que será a única capaz de salvar o Velho Mundo do bolchevismo sob a forma anárquica pela qual domina ele na Rússia. O apelo da Europa não deve ser dirigido ao espírito idealista da raça, mas antes à sua mesma índole prática." A vossa observação data de 1921, e como os fatos vos deram razão! O mesmo espírito penetrante e que, sob as aparências da inquietação exterior, envolve argúcia e sutileza, nem sempre encontradiças nos que escrevem ao sabor dos acontecimentos do dia, via realizada a sua predição, com o papel preponderante da grande nação norte-americana nos destinos das raças livres. Esse mesmo espírito é o que, mais de trinta anos passados, ergue a sua voz impetuosa e vibrante, combatendo, indiferente aos apodos, o Jacobinismo econômico. Essa continuidade de pensamento, expresso na juventude e ratificado na maturidade, sintetiza poderosa regra mental. Viste igualmente com irrefragável nitidez o que continha a estrutura dos tratados

de paz. Assinalastes os defeitos do arcabouço, em prejuízo dos objetivos visados, e salientastes com a precisão do cultor do Direito: "Só uma obra paciente feita num espírito simpático de justiça, poderia triunfar contra o caos." Também em relação à cooperação da ciência com os problemas militares tivestes conceitos de vidente. Proclamastes sem reservas: "A guerra futura será uma guerra de laboratório." E depois dessa concisão, o remate inacessível à contradita: "A Ciência se prepara a fim de entregar ao homem o segredo de elementos de destruição de tal modo assustadores que é de crer, nesse dia, o receio do aniquilamento coletivo ponha termo às veleidades belicosas dos profissionais da carnagem e da morte."

O vosso estilo transborda de exuberância, destreza e flexuosidade. Nem sempre límpido; sempre empolgante. Encachoeira-se por vezes, envolvendo o leitor numa atmosfera da qual a meditação é banida. Há certas passagens de vossa produção jornalística em que sentimos que o vigor do raciocínio se perde no labirinto que ides criando. Para chegardes a uma conclusão, o vosso espírito divaga em torneios dispensáveis. Entretanto, quando quereis ser objetivo, a vossa capacidade de observação atinge pontos culminantes. A verdade é que no vosso estilo jornalístico debalde encontraremos qualquer imitação. Tendes feição própria; nem o poder verbal e a torrente caudalosa de Ruy nem a simplicidade de Ferreira de Araújo, nem a simetria sentenciosa de Alcindo Guanabara.

Esse refugir ao pastiche é o que realça igualmente a vossa oratória parlamentar. Apresentais decerto traços da oratória britânica e não de oratória latina. Zombarias à Sheridan, acentos à Churchill, para citar dois exemplos distantes no tempo, mas iguais no processo mental. Os vossos grandes discursos sobre assuntos os mais variados revelaram uma força nova a agir com estrépito no cenário do Congresso Nacional, despertando simpatia, acolhimento e repercussão mais profunda do que a de vossos artigos de jornal.

Não sois ironista. A forma sarcástica é a deformação da idéia. Só a exercem com proficiência os seres malignos ou refolhados. Aliás, os ironistas são os mais suscetíveis e, por estranha contradição, os que menos suportam o revide. A ironia difere do *humour*; este é límpido e fluido; a outra, artificiosa e pedante. A vossa natureza indômita não se acomoda à ironia pretensiosa. Mas os vossos leitores sempre se surpreendem com a irisação de vossa prosa.

Edouard Herriot diz do vocabulário do vosso grande homônimo nas Letras francesas ser ele uma invenção perpétua. O vosso, Sr. Assis Chateaubriand, traz sempre o imprevisto, o traço cintilante, a expressão inédita.

O ponto decisivo da vossa atividade jornalística foi a criação dos *Diários Associados*. Não vos bastou a aquisição de um jornal, até então de índole conservadora e com acentuado cuidado pelos aspectos culturais. A ajuda de amigos influentes mostra até que ponto já começava a se manifestar o vosso poder de captação para empreendimentos de alcance social. Precisáveis de alavanca mais poderosa, e a organização de uma rede de jornais, se atendia à vossa ambição de domínio, correspondia ao sentido da vossa orientação intelectual. Com ela lucraria o sentimento da unidade nacional, respeitadas as peculiaridades das regiões a que procuráveis servir e que mereciam, com a intuição das coisas que vos é inata, devido apreço. Para esse certame vos inspirastes no exemplo da imprensa norte-americana. Pierre Donoyer, na sua monografia *La presse dans le monde*, acentua a diferenciação das características da imprensa inglesa e da imprensa norte-americana. Da primeira, as grandes famílias, a importância da imprensa de Londres, filiações políticas, o *Times*, instituição nacional". Da segunda, o mercantilismo, "cadeias de jornais, sindicatos, tablóides, divisão do trabalho, abundância de matéria, sensação, interesse humano. O abundante volume *American Journalism*, de Frank Smith Mott, a mais copiosa contribuição no gênero, demonstra a atitude dessas cadeias, que remontam a Frank Munsey e têm como protótipo *Scripts-Howard* e *Hearst*. Quem esquadrinhar a rede de publicidade que alargaste pelo país inteiro, não limitando o perímetro de sua ação à capital da República, verificará que ides, pouco a pouco, alcançando a meta de vossos desígnios.

Não interessa fundamentalmente ao exegeta de vossa obra o resultado prático nem o fruto político dessa realização. Deveis mesmo ter experimentado desilusões sobre as messes colhidas no terreno da ascendência sobre a opinião. À vossa argúcia não escapa o exemplo dos Estados Unidos. À poderosa organização material e extensão dos recursos de publicidade não se cifram proporcionalmente no império sobre a opinião. James Bryce, autor infalível nos comentários sobre a grande República norte-americana, conceituava que os jornais são influentes de três maneiras: como narradores, como advogados

e como cata-ventos. Em belas páginas mostrava as reservas da opinião no tocante à influência da imprensa. Sessenta anos mais tarde, na fase das redes de jornais, a se espalharem por todo o território, o mais recente comentador da vida norte-americana, André Siegfried, em *Tableau des Etats Unis*, observa: "Restaria a ver se a imprensa é efetivamente influente. Pode-se duvidar disto: sob Roosevelt, a maior parte dos jornais era de republicanos e ele era sempre reeleito. Em 1952 a maior parte dos jornais, mesmo republicanos, era redigida sob a orientação de repórteres que sustentavam Stevenson, e, entretanto, este foi batido. Será noutra parte que se formaria verdadeiramente a opinião?" O exemplo do Brasil não difere. Em 1910, 1919, 1922, 1945, 1950, os vitoriosos nas urnas não eram os favoritos da maioria da imprensa.

Temos de relegar, portanto, a influência de vossa organização na direção governamental do País e nos interesses extrair do vosso empreendimento os benefícios proporcionados ao progresso e à culura nacional.

Pontos essenciais da vida do País entraram na esfera de vossa ação construtiva; a aviação, o cuidado pela criança, o estímulo às artes e o encorajamento às vocações da mocidade. Não deveis temer o julgamento. Os vossos arremessos, as injustiças de alguns de vossos comentários, as fórmulas parciais tão comuns no critério dos homens de imprensa desaparecerão em face do acervo que a obra representa, no sentido social e mental. Podemos nos orgulhar de nossa posição proeminente nos progressos da aviação. A ela se devota uma legião de compatrícios, acrisolando-se no sacrifício de todos os dias para erguer bem alto as asas do Brasil. É de Shelley o dito famoso: "A alegria da alma está na ação." A nossa Literatura ainda não produziu um Saint-Exupery, piloto do ar e escritor, mas os feitos dos nossos aeronautas nos enchem de ufania e confiança na nossa raça. Não se há de escrever a história da aviação em nossa Pátria sem que o vosso nome não seja lembrado. Levais o apuro na contribuição para o nosso fervor aviatório até ao cuidado de consagrar aos aparelhos de vossa iniciativa o nome de vultos do passado, entrelaçando-os com os anseios da mocidade, a que eles se destinam. Semeais para o presente, com as vistas para os que fazem a grandeza do nosso patrimônio cívico.

As obras de caráter pediátrico que tendes ajudado a criar e a desenvolver refletem a consciência do que tem sido a vossa vida. Não esqueceis, também, as conquistas da Arte. Só quem conhece o Museu de Arte Moderna de

São Paulo, no funcionamento dos seus serviços, e assistiu enlevado aos cursos educacionais que ali se professam, pode calcular os benefícios que aquela instituição tem prestado à coletividade paulista, despertando nos jovens menos favorecidos a vocação para os misteres artísticos. Tudo isto representa para o País inestimável serviço que a posteridade há de registrar. Se aludo a esses aspectos de vossa tarefa é porque eles se entroncam na finalidade da vossa carreira e o seu relevo reflui sobre a Casa a que vindes pertencer. Não se pode separar o artífice dos instrumentos que ele maneja. Sois por destino um animador e mesmo na diversidade de vossas iniciativas e na trepidação de vossos cometimentos haveis de compor a unidade da vida.

O Sr. Gilberto Amado, em penetrante estudo, com as fulgurações de espírito e lavores de seu incomparável estilo – pena é que esse grande pensador não pertença à Academia – asserta: "Quando o acaso reúne no mesmo indivíduo as duas potencialidades, a de conceber e a de fazer, surpreendente é que conceber e realizar sejam coesos e sincrônicos sem interrupção e dissonância. A eqüipolência das duas virtudes é raríssima. Em Chateaubriand acumulam-se e funcionam em perfeito equilíbrio. E presidindo a ambas a dupla continuidade: a do arranco todo dia recomeçado e a da prossecução em nenhum dia surpreendida." Não poderíeis obter sentença mais verídica e completa.

A Academia indubitavelmente sagrou em vós o jornalista. A nossa Instituição sempre teve o fascínio pelos líderes da imprensa. Entre os seus fundadores Alcindo Guanabara, José do Patrocínio Medeiros e Albuquerque e Carlos de Laet. Ruy Barbosa escolhe para Patrono Evaristo da Veiga, Sylvio escolhe Hipólito da Costa, José do Patrocínio escolhe Joaquim Serra. E no momento, em menos de dois anos, a Academia acolheu sucessivamente três jornalistas notáveis. Contraste com a Academia Francesa que, neste instante, desaparecido André Chaumeix, não conta nos seus quadros um só titular da imprensa.

Vindes substituir a GetúIio Vargas. Fostes sempre um enamorado dele, desde "O Monstro" até às orações comoventes e às réplicas veementes por ocasião de sua morte. Dir-se-á que o termo do artigo é rebarbativo; a intenção porém, nada tinha de deprimente. Também Paul Deschanel empregou a mesma palavra em relação a Gambetta ao receber Alexandre Ribot na

Academia Francesa. A adequação da figura era diversa. Deschanel quis aludir ao dominador do Parlamento, monstruoso no seu poderio. Vós quisestes esteriotipar a astúcia, o maquiavelismo, e a acepção, aí, é a de prodigioso, que os léxicos registram.

Não quero esquecer um de vossos maiores êxitos jornalísticos, a entrevista com "Sumner Wells, o anjo rebelado". Como esta vossa expressão encontrou ressonância em nossa vida política, aplicada posteriormente a lidadores partidários! Nesta entrevista, publicada em setembro de 1944, em momento em que se acendiam desconfianças contra Getúlio Vargas no campo internacional – já que a suspicácia de sua ação na política interna era dogma entre os seus adversários, com reflexos na opinião –, neste trabalho insististes no vosso tema constante, do cemitério em que Vargas sepultava, com todo o rito da inumação, tantos dos seus servidores, e aludistes "ao aspecto getuliano de Roosevelt e ao mesmo traço maravilhoso de Vargas". E acrescentastes: "Dois homens que são fortes porque não têm paixões, porque são frígidos, se dominam e deixam que os passionários se percam pelas próprias mãos, entregues à fatalidade do mesmo temperamento." Só o sentimento de atração levaria o analista a colocar no mesmo nível o reformador audaz do New-Deal e o astuto e sutil governante do Brasil.

Não manifestastes, em instante algum de vossa carreira, o propósito de solicitar os sufrágios da Academia. Confessáveis, mesmo, divergências de mentalidade e independência de rito com a Instituição. O desaparecimento trágico do nosso grande companheiro despertou-vos a idéia de ingressar nesta Casa e fostes movido ainda uma vez pelo fascínio do homem de quem tínheis de retraçar o perfil. A tarefa era adequada aos sentimentos que uma convivência de longos anos cimentara no espírito e se afervorava nos impulsos do coração. Não foram poucos os dissentimentos surgidos nessas relações; freqüentes as rusgas e amuos. Inspirariam um Juvenal as cenas de reconciliação.

Esboçastes em "O Monstro" o prenúncio do que viria a ser a ação do chefe do Governo Provisório. O artigo é datado de 18 de novembro de 1930. Mediavam apenas vinte dias entre a deflagração do petardo e a posse do ditador. Os que relerem o artigo terão de reconhecer a clarividência de vossas impressões. Vinte e cinco anos depois, vem ecoar neste recinto uma das mais fulgurantes peças literárias, a enriquecer os nossos anais.

Não sei como me atrevo a falar de Getúlio Vargas, depois do vosso discurso. Podemos nesta Casa nos expressar sobre o inolvidável brasileiro com todas as veras do coração e com o senso da verdade histórica, soberana sobre as paixões. Ele esquecia em nossa convivência ressentimentos e amarguras. A última visita que nos fez foi no primeiro aniversário do seu atribulado governo, com a alma já pungida, mas sempre com a distinção de maneiras e a suavidade do trato, que, se não aumentavam aos nossos olhos a figura do chefe do Estado, realçavam a nobreza do companheiro. Retribuía com igualada confiança e indisfarçável efusão a honra que lhe conferimos, consagrando, a exemplo do que faz a Academia Francesa, um homem de Estado, preocupado com os problemas culturais do País e tendo no seu acervo produções de indiscutível valor.

Não se pode negar a Getúlio Vargas o culto da inteligência, revelado na sua atuação parlamentar, nos seus atos de governo nos seus hábitos de sociedade, na satisfação em que se comprazia do convívio com intelectuais. O Sr. Pedro Calmon narrou, na sessão consagrada à sua memória, que, na fase aguda da crise de remate tão trágico, passou quase uma hora a discretear com o presidente da República, a braços com a onda que dentro em pouco o submergeria, sobre assuntos literários, permanecendo íntegras a memória e a visão intelectual do interlocutor.

No discurso de recepção, Getúlio Vargas, com a modéstia tão natural da sua índole, confessava não ser "um escritor de ofício" e escusava essa deficiência com a atração que sempre teve pelos homens de pensamento, as inteligências cultas e desinteressadas. Quanto ao papel da Academia, acentua-lhe o relevo de "uma espécie de judicatura sobre a vida mental do País, preparando uma atmosfera de interesse e de respeito pelas criações intelectuais, estimulando as vocações e facilitando-lhes o acesso às fontes de revigoramento e renovação espiritual". De nossa parte, o dever da verdade nos leva a consignar que não houve solicitação da Academia em prol das Letras nacionais que não merecesse o seu apreço e não recebesse o seu apoio.

Numa das nossas últimas sessões, o Sr. Levi Carneiro, com o senso de veracidade que o caracteriza, salientou a correção, a firmeza de Getúlio Vargas na solidariedade dada à Academia no desenvolvimento da questão

ortográfica, com o pensamento de estreitar ainda mais as relações culturais entre Brasil e Portugal.

Não falta quem faça restrições aos recursos intelectuais de Getúlio Vargas. O crítico desapaixonado encontrará, entretanto, nos seus discursos, nas suas outras produções, os traços de uma mentalidade afeiçoada aos estudos, destra no manejo da linguagem, zelosa do vernáculo, encontrando mesmo, no natural e na simplicidade de suas manifestações intelectuais, o sinal de uma organização mental equilibrada, segura e consciente.

Rememorastes, Sr. Assis Chateaubriand, vários episódios dessa carreira sem par na nossa história política. Ninguém mudou mais a fisionomia social da Nação. O seu sincretismo levava-o a variar de direção ao respigo dos acontecimentos. Isto será tarefa do historiador da sua política. Mas a sua personalidade não foge à argúcia do analista que sois, e retratais em frases lapidares as alternativas dessa curiosa figura, que não desapareceu da história. Ao meditar sobre certos aspectos de vossas observações sobre as contradições do temperamento e as variantes da conduta de Getúlio Vargas, vem-me à mente o trecho em que Louis Madelin salienta, no *Talleyrand*, que Napoleão "se interessava tão vivamente pela vida, que seguia com olhar apaixonado um belo 'trabalho', mesmo feito contra ele".

A cerimônia que neste instante realizamos perderia na sensibilidade e na emoção se a desvirtuassem propósitos de política ou de paixão. Mas, para honra da Academia, que elegeu Getúlio Vargas, podemos fazer uma reflexão justa. Essa figura exerceu tanta fascinação entre os contemporâneos, brasileiros tão eminentes, pelo talento, pela cultura, pela moralidade, o serviram – e os seus processos não variavam no exercício dos poderes discricionários ou no manejo do sistema constitucional – que temos de considerá-lo como um valor prodigioso na direção dos homens. A Academia Brasileira comprazia-se com a sua presença na galeria de seus autênticos servidores. Reitera hoje à sua memória preito de reconhecimento e apreço.

Os vossos predecessores na Cadeira 37 aumentaram o patrimônio intelectual desta Casa. Silva Ramos exerceu o professorado com abnegação, solicitude e inteligência exemplares, constituindo-se uma das barreiras contra a desnaturação da linguagem e o desamor do vernáculo. Alcântara Machado e Getúlio Vargas serviram à Pátria, com entranhado zelo pelas suas forças espi-

rituais, amando enternecidamente a terra e a gente. Haveis de enfrentar, confiante e sobranceiro, as responsabilidades da sucessão. A vossa poderosa capacidade jornalística, a luminosidade de vossas concepções, o destemor de vosso espírito na defesa das idéias, a inesgotável provisão de fé e entusiasmo de vossas iniciativas asseguram a continuidade da trajetória que tendes percorrido. Confiamos em vós, Sr. Assis Chateaubriand, no resguardo do nosso padrão de cultura, labor e poderio mental.

Discurso do
SR. ÁLVARO LINS

e

Resposta do
SR. JOÃO NEVES DA FONTOURA

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 7 de julho de 1956*

# I

# DISCURSO DO SR. ÁLVARO LINS

## I
## PIONEIRISMO E ESTRANGEIRISMO

Senhor Presidente da República, senhores embaixadores e representantes de nações estrangeiras, senhores membros do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, senhores ministros de Estado, senhores magistrados de altos tribunais do Poder Judiciário, senhores autoridades civis e militares da União e dos Estados, minhas senhoras e meus senhores; e, por fim, mas não em último lugar, apenas por serem os donos da Casa: Senhor Presidente da Academia e senhores acadêmicos.

Giramos sobre dois eixos: um vertical, o dos Estados Unidos da América; outro, horizontal, o da Europa; o primeiro, mais de caráter político e econômico; o segundo mais de caráter sentimental e cultural.

Aliás, este é, também, um drama de espírito dos próprios norte-americanos, e a figura de Henry James, com o seu problema literário, elevou-se, sob vários aspectos, à categoria de símbolo e representação, bastando lembrar que se repetiu em nossos dias, de certo modo, na personalidade de T.S. Eliot. Para os Estados Unidos, Henry James, que lá nasceu e lá passou a sua juventude, é talvez o autor mais importante da Literatura norte-americana, o fundador da sua crítica e o seu maior romancista; para o mundo britânico, Henry James, que se naturalizou inglês, é um dos grandes romancistas do país do Romance por excelência que é a Inglaterra.

Sim, tão funda e tão aguda foi em Henry James a nostalgia da Europa que ele abandonou um dia os Estados Unidos e se fez cidadão da Inglaterra; mas permaneceu na sua obra, igualmente, uma substância norte-americana, um inapagável espírito americano. Nos seus principais romances surgem, sempre, como figuras de primeiro plano, personagens norte-americanas que vêm fazer a experiência da Europa, e em geral – misteriosa transposição psicológica pela arte da ficção! – essas personagens se desiludem e se perdem caídas em frustração e desencanto.

Possuímos em comum com os Estados Unidos da América o mesmo grande problema em dicotomia, que eles já resolveram e que para o Brasil se encontra agora na fase decisiva: o pioneirismo e o estrangeirismo, a necessidade de penetração no interior do País e a curiosidade pela Europa. De um lado, a técnica, o progresso, a evolução econômica, as exigências políticas de Estado, que nos convidam a avançar cada vez mais adentro do continente sul-americano; de outro lado, os olhos ainda voltados para a Europa, para as suas idéias, as suas criações artísticas, os seus itinerários espirituais.

Deste modo, não compreenderá bem a Literatura brasileira quem a não tomar como realidade americana, como uma Literatura, é certo, ligada às correntes européias, sobretudo às portuguesas, mas que apresenta hoje um autônomo e inconfundível espírito brasileiro. A todo esse patrimônio, recebido a princípio de Portugal, em seguida da Europa e dos Estados Unidos, impregnamos de um estilo próprio, que não significa ruptura com o passado, mas afirmação de individualidade num povo jovem que já entra a sentir a capacidade de viver por si mesmo, embora sem dispensar as influências ou até as lições de povos mais velhos e experimentados.

Para isto, de certo modo, tivemos de voltar às nossas fontes. Na estrutura de Nação, o Brasil foi feito por cima, herdando instituições, idéias, estilos que a Europa só conquistara após séculos de pesquisa e evolução própria nas suas condições e necessidades. Éramos, pois, nos primeiros tempos, bastante mais velhos do que a nossa idade, e um pouco postiços nesse arcabouço social e intelectual assim transportado de outro clima e de outras paisagens. Quando nem sequer tínhamos tido o gosto da genuína Poesia popular ou trovadoresca, quando nunca tínhamos feito as *cantigas d'amor* e as *cantigas d'amigo*, colocávamo-nos na postura de imitadores de Camões, Gôngora e Quevedo, que

representavam momentos culminantes na Literatura clássica de Portugal e de Espanha. Hoje, somos mais jovens, na tentativa de uma Literatura, de uma cultura brasileira e sul-americana. Imperfeitos – sim; porém mais jovem e mais brasileira é hoje a nossa Literatura do que aquela que aqui se praticava, com muita boa vontade e sensível artifício, na infância da nossa História.

Esta afirmação de espírito nacionalista e esta invocação da infância da nossa História – isto nos faz com naturalidade introduzir no salão nobre desta Casa a lembrança, e neste discurso o nome, do meu antecessor na Cadeira 17, por sinal uma das mais nobres, das mais afamadas, das mais enriquecidas de valor e tradição entre as Cadeiras da Academia Brasileira, desde o Patrono, Hipólito José da Costa, passando pelo Fundador, Sílvio Romero, até o último ocupante, Edgar Roquette-Pinto, a quem me coube o destino de suceder e substituir, sem fazê-lo, no entanto, desaparecer; nem a ele, nem aos seus predecessores, como é da natureza da nossa Instituição, que tem por si, não ouso dizer a imortalidade, mas a sensação e a compostura da duração no Tempo.

Com efeito: que outro homem de estudos, de pesquisas, de laboratório, de Ciência e de técnica se poderia apontar, entre nós, tão dividido quando Roquette-Pinto – dividido harmoniosamente, e não dilacerado – entre a mais requintada cultura européia, precipuamente a da França, e a mais primitiva e ainda fechada cultura sul-americana, em particular a do Brasil? Para ele, o gênio maior da humanidade foi um europeu marcado especificamente de universalismo, Kepler, a respeito de quem confessou em entrevista dada na maturidade do cinqüentenário, que assim o considerara sempre, desde estudante de Cosmografia, aos onze anos. O modelo amado de Roquette-Pinto, festejado às claras, imitado com discreta publicidade, acho que igualmente desejado para comparação e réplica – era a figura de Goethe, no qual admirava, mais do que a conjugação de cientista e artista, a harmonia das atitudes olímpicas e a paz interior do sábio. E deixou Roquette-Pinto que se conhecesse, sem reservas, essa "afinidade eletiva", ao colocar na parede do seu apartamento da Avenida Beira-Mar um retrato de Goethe ao lado dos retratos do pai e da mãe. Amador ainda foi Roquette-Pinto – veja-se este terceiro e último exemplo – de um poeta formalista e sofisticado como François Coppé, a quem valorizou, não obstante, ao dedicar-lhe, quando de seu centenário em 1942,

uma conferência nesta Academia, aproveitando o ensejo, aliás, para produzir esta confissão: "A minha geração deve tudo, em matéria de cultura espiritual, ao gênio da gente francesa. Filosofia, Ciência, Letras, Arte, Técnica... tudo foi Ela que nos ensinou. A gramática em que aprendi as minhas vagas noções da língua alemã, o próprio dicionário alemão de que me sirvo... são franceses."

Entretanto, a outra face de Roquette-Pinto está mergulhada na extensão e profundidade do território brasileiro. Se é simbólico que um carioca, Machado de Assis, nunca se tenha afastado do Rio de Janeiro, é ainda mais simbólico que outro carioca, Roquette-Pinto, tenha cortado, atravessado, estudado e amado o Brasil nas mais diversas regiões, em todos os seus quadrantes e recantos, à maneira de um pioneiro supercivilizado ou de um bandeirante animado de preocupações científicas.

Partiu muito moço, recém-formado, em direção à parte meridional do nosso País, para estudar, no extremo Sul, os sambaquis das lagoas do Rio Grande. Entretanto, compraz-se igualmente, no extremo Norte, quer na observação curiosa, quer na meticulosa análise de uma formiga amazônica e da semente também amazônica do camaru, a respeito das quais mais tarde escreverá duas de suas monografias especilizadas: a *Dinoponera grandis – Tocandira* (1927), em forma de memória apresentada à Faculdade de Medicina para obtenção da livre-docência de História Natural, e a *Nota sobre a Ação Fisiológica da Fava-Tonka* (1925), incluída no texto dos Atos do Congresso Internacional de Biologia de Montevidéu. Não lhe escapou, nestes giros, a região nordestina, sendo Pernambuco, aliás, a terra do seu pai: percorreu-a, e escreveu um trabalho sobre os índios primitivos do Nordeste. E, por fim, aquela viagem suprema: a penetração numa zona inexplorada do território nacional, o contato de meses com um grupo de ameríndios até então virgens de comunicação com os homens brancos, a entrada na Serra do Norte, o avanço em rumo ao coração do Brasil, no Mato Grosso, para a visão e estudo do indígena no mundo da Rondônia.

## II
## A LINHA DO DESTINO EM ROQUETTE

Neste espírito volvido simultaneamente para as situações mais civilizadas e para as zonas mais bárbaras, em qualquer delas possuído sempre de

preocupações científicas e artísticas, tem-se já uma imagem da personalidade de Roquette-Pinto – sentindo-se tão à vontade numa reunião de sábios em Paris ou em um congresso de cientistas em Londres como na cátedra de fisiologia em Assunção; falando tão naturalmente a mais aperfeiçoada das línguas européias, o francês, como a mais típica das nossas línguas primitivas, o tupi, do qual chegou, aliás, a preparar um dicionário, entregue por ele próprio ao Instituto Histórico, em sessão solene. Nesta mesma Academia – cito-vos os dois casos, dado o único interesse que eles apresentam: o do contraste – Roquette-Pinto pronunciou em francês uma saudação à Embaixatriz Louise Hermitte e pronunciou em tupi-guarani uma saudação ao General Morinigo, então Presidente da República do Paraguai.

Uma das ligações a estabelecer entre o fundador da Cadeira 17 e o meu antecessor encontra-se na proposição ou afirmativa de Sílvio Romero sobre o ideal da nossa cultura, que deveria consistir ainda por algum tempo, a seu ver, na aplicação de processos e métodos estrangeiros para o levantamento e estudo dos problemas nacionais. Enquadrou-se Roquette-Pinto, sem dúvida, neste conceito: a sua obra acha-se repleta de citações de autores estrangeiros e menções de teorias científicas universais, mas o assunto, a temática, o objetivo, a ideologia, a matéria substancial dos seus escritos – esta é toda brasileira. E isto representou para ele uma das forças do seu nacionalismo como um fogo sem cessar renascente e incandescente.

Posto conhecesse bem a cultura européia e a norte-americana – e não digo que Roquette-Pinto as conhecia a fundo, porque dispersado antes em extensão e variedade, segundo seus gostos e preferências – só de raro, porém, escrevia a propósito de assunto alheio ou figura estrangeira, exclusivamente debruçado que se encontrava sobre homens e problemas do Brasil, fazendo exceção apenas para alguns autores que se haviam interessado pelo nosso País, enriquecido a Ciência como o aproveitamento de material brasileiro e estudos feitos entre nós: Hartt, Von den Stein, Martius, Fritz Müller, aos quais dedicou ensaios ora curtos, ora longos, depois capítulos de livros como *Seixos Rolados* (1927) e *Ensaios Brasilianos* (1941), além de outros nunca recolhidos em volume – ensaios, em geral, reveladores de um à-vontade de idéias e expressões, uma disponibilidade de espírito e uma numerosidade de proposi-

ções que logo nos fazem recordar, embora com o prudente resguardo das proporções, alguns modelos do gênero em Montaigne ou Matthew Arnold.

De que modo encontrou Roquette-Pinto a linha do seu destino, determinando-se na fixação de itinerários e ideais a que permaneceu fiel durante a vida toda?

Não me impressiona o entrelaçamento entre os anseios da infância e as obras do sábio, que ele mesmo pretendeu compor para a posteridade, ao declarar em 1936, numa entrevista, que na idade adulta apenas se reafirmaram e desenvolveram as suas tendências naturais, "grande prazer no movimento e no trabalho manual, uma grande curiosidade pela natureza... e um pouco de amor aos livros".

De outra parte, em alguns depoimentos para jornais ou revistas, Roquette-Pinto contou mais de uma vez como viera a ingressar na Faculdade de Medicina. Concluindo o curso de humanidades, o seu lado sonhador ainda o inclinava para a carreira de oficial da Marinha – porque fora desde os quinze anos "um amoroso de viagens" e queria "desvendar terras, ferir novos continentes, depois de dias e dias de mar e céu". A seguir, volvidos tantos anos, o homem de ciência ainda parecia nostálgico do adolescente em enquete da *Revista da Semana*: "Ainda hoje, o meu espírito costuma fazer desses malabarismos ingênuos, vadeando nos livros, matando o desejo e a curiosidade das viagens nas angras e nas ilhas selvagens das páginas onde se aprende alguma coisa."

Um encontro com Francisco de Castro, por ocasião de pequena viagem em trem da Central do Brasil, alterou-lhe o rumo da bússola interior. O amigo de Machado de Assis e Rui Barbosa convenceu-o facilmente de que estava iludido naquele entusiasmo de menino. Mostrou-lhe pela primeira vez como são fascinantes os quadros da Biologia. Passou-lhe ao espírito essa opinião decisiva: um rapaz tão insolitamente curioso devia buscar na Ciência a ocupação da sua atividade intelectual e profissional. E aconselhou ao jovem já convencido o ingresso na Faculdade de Medicina.

Foi como estudante na Faculdade de Medicina que Roquette-Pinto conheceu de perto, por ele se entusiasmando, o Professor Augusto Brant Paes Leme, catedrático de Anatomia Médico-Cirúrgica; proclamaria mais tarde que à influência desse mestre, revelador de quanto era fascinante a Ciência das raças humanas, devia a direção dos seus primeiros impulsos e curiosidades para

o estudo da Antropologia. E este apaixonado interesse pela Anatomia, no jovem Roquette-Pinto, faz-nos lembrar – por força mesmo inconsciente dessa associação de idéias e lembranças que nos conduz a todas as aproximações possíveis entre o nosso solitário do apartamento da Avenida Beira-Mar e a endeusada figura de Weimar – que também Goethe, em 1784, por ocasião dos seus estudos de Anatomia Comparada, com a alegria eufórica de uma descoberta em Osteologia, classificada como "importante e bela" (e para ele próprio somente comparável a outra que realizaria mais tarde, no Jardim Botânico de Palermo), revelava também o seu encantamento com a Anatomia nesta observação dirigida a Knebel: "Toda criatura não é mais do que um tom, nuança de uma grande harmonia que cumpre estudar em seu conjunto, sob pena de desaparecer o indivíduo como uma letra sem vida no alfabeto."

Quanto a mim, nenhuma daquelas explicações acerca de fatores ocasionais ou interferências pessoais a conduzirem o jovem Roquette-Pinto para o seu destino de homem e a orientação da sua obra – nenhuma delas se apresenta de todo satisfatória e convincente. Pois dando como certo que as sugestões de Francisco de Castro determinaram em sua carreira a substituição da Marinha pela Faculdade de Medicina, e que a fascinação do professor de Anatomia suscitara decisivamente o seu interesse pela ciência das raças com o cultivo especial da Antropologia – ainda assim, e admitindo como assentada a sua deliberação de estudar, em conseqüência, exclusivamente o homem brasileiro – como explicar que de preferência não se inclinasse para o estudo da superioridade por excelência vitoriosa do branco em nossa etnia, ou se não dedicasse ao estudo do negro na composição antropológica, etnográfica, psicológica, sociológica e histórica do nosso povo, voltando-se desde o princípio, sem variações e como que numa linha reta, para o indígena, a ponto de haver o seu primeiro trabalho conhecido e publicado, a tese de doutoramento na Faculdade de Medicina, ventilado o tema *Etnografia Americana – O Exercício da Medicina entre os Indígenas da América* (1906), razão pela qual é hoje considerado como o seu passo inicial para atingir a etapa superior da concepção, elaboração e construção de *Rondônia*?

Na resposta, na desvendação de motivos, no querer-saber-por quê, eis que tudo resvala para aquela zona oscilante e fugidia do inexplicável; e somente valem, aí, as conjecturas em torno do mistério da vocação, das ten-

dências não reveladas e palpitações secretas do mundo interior, de tudo enfim que em Roquette-Pinto, ao lado do homem de ciência, já fazia pressentir o artista e adivinhar o poeta na curiosidade do adolescente – a curiosidade lançada em busca do imprevisto maravilhoso.

## III
## ESTILO LITERÁRIO E ESTILO CIENTÍFICO

Antes de tocarmos em cheio na obra do cientista, vejamos em que sentido ou em que proporção o autor de *Rondônia* pertence aos quadros da Literatura, como sabemos que pertence aos da Ciência – questão fundamental, esta, não só para a avaliação do conjunto estrutural da personalidade e da obra de Roquette-Pinto, mas também como operação de esclarecimento prévio, sem o que poderíamos mergulhar todos aqui num equívoco de *humour* involuntário.

De Roquette-Pinto sabe-se que foi, antes de tudo, um espírito científico posto face a face com a Natureza. Sabe-se também, por outro lado, que é mais difícil escrever uma bela página literária do que realizar uma boa experiência de laboratório ou de campo. Desde muito tempo, talvez, mas desde Renan com certeza, sobretudo em *L'Avenir de la Science*, pôs-se em causa o problema da diferença entre estilo literário e estilo científico como linguagem de dois mundos às vezes comunicantes, mas distintos quando conceituados em argumentos de absoluto.

E agora, numa das obras norte-americanas mais valiosas da moderna Estilística – a *Teoria Literária*, de René Wellek e Austin Warren, os quais declaram, aliás, no próprio texto, que o plano desse volume encontra maior aproximação e correspondência com obras alemãs e russas – voltou a ser situada, dialeticamente, a distinção entre linguagem literária e linguagem científica. Para Wellek e Warren, a linguagem científica adquire a tendência, por sua própria natureza, de confundir-se com um sistema de sinais como os das Matemáticas ou os da Lógica Simbólica; enquanto a linguagem literária se garante pela sua integração mesma no simbolismo fônico da palavra, tendo sido inventadas para este objetivo as mais variadas técnicas, como o metro, a aliteração e as escalas fônicas.

Afigura-se-me que a forma literária de Roquett-Pinto ultrapassou com vantagem, esteticamente, o esquematismo de tão rígidas teorizações; e que ele atravessou tais fronteiras entre a linguagem literária e a linguagem científica por efeito da mesma ciência íntima de escritor e de artista do seu colega acadêmico João Ribeiro, que via as fronteiras como prisões, esquivando-as com ligeireza, graça e bom gosto.

Recuso-me a crer, no entanto, que Roquette-Pinto venha a figurar na Literatura pelos seus contos de *Samambaia* (1934), volume em que, na primeira parte, se pode valorizar apenas uma ou outra página naturalista ou impressionista, como o admirável retrato de seu avô, em que tanto revelou do seu próprio caráter forte e bondade sensível, fazendo como se ele mesmo estivesse a confessar-se nessa evocação, feita em largos traços, do velho João Roquette; e na segunda parte, algumas páginas de observação ou reflexão do velho Duarte, páginas verídicas, conquanto mal disfarçada a personagem em figura inventada. Dos contos de *Samambaia*, em conjunto, tudo nos parece mal-nascido e mal-acabado. Mero divertimento de cientista. Em verdade, sobre o mestre Roquette-Pinto não baixara o dom da platéia imaginação romanesca; nele não habitava a arte da ficção, arte figurativa por excelência. Figurativa não no mesmo grau talvez da pintura e da escultura, que nos facultam uma visualidade direta; figurativa sob outro prisma, de maneira bem mais completa e perfeita, porque a estátua e o quadro exibem a figura numa só posição, enquanto a personagem da arte do Conto ou do Romance pode mostrar-se em numerosos desdobramentos de fisionomias físicas e de estados psicológicos. E esta arte da ficção não seria o forte do grande Roquette-Pinto. Tampouco seria qualquer espécie de Literatura pura. Acredito fácil a verificação de que nas diversas vezes – e fiz anotações neste sentido, folgando apenas por não haverem sido muito numerosas – em que o mestre deletreia abstratamente, sem ponto de apoio na realidade, como plumitivo de belas-letras, ou incursiona num terreno de devaneios largados e abandonos emocionais para uma formulação puramente literária – então, o resultado, no geral, é de qualidade secundária, senão constrangedora, seja em certas passagens de eloqüência discutível e, portanto desajustada à grandeza do sábio, seja em alguns daqueles seus estados raros, felizmente, de sentimentalidade indiscreta, a encobrir-se, a espaços, o que é ainda pior, num verbalismo com tendên-

cia para o sublime ou o bonito de lentejoula, tudo de duvidoso gosto ou indiscutível mau gosto.

Se o homem de ciência Roquette-Pinto pertence aos quadros da Literatura – e é evidente que sim – isto se deve exclusivamente ao estilo de Arte literária com que ele exprimiu e revelou a tão variada temática das suas obras. Não é pelos contos, nem pelos versos, que se encontra Roquette-Pinto na bem-aventurança do Reino das Letras – onde também ocorre que muitos são os chamados e poucos os escolhidos – mas graças à forma de expressão, ao estilo literário, ao ritmo do seu mundo interior, quando exteriorizado para ordenar esteticamente a temática do cientista e as idéias positivas do pensador. Está nos quadros da Literatura, e não apenas nos da Ciência, pela frase vibrátil e composição esteticamente bem proporcionada de tantos capítulos de *Seixos Rolados*, *Ensaios Brasilianos*, e, entre as obras menores, a aula *Conceito Atual da Vida* (1920), o guia das coleções do Museu Nacional sob o título *Antropologia* (1915), as conferências sobre Goethe (1932), Leopardi (1942) e Saint-Hilaire (1953). Está nos quadros da Literatura pela nobre forma expositiva e dignidade de expressão verbal do pensamento em livro de maturidade suprema como *ensaios de Antropologia Brasiliana* (1933). Está nos quadros da Literatura principalmente pela forte construção estrutural de *Rondônia* (1916), em que se alternam as páginas de seca objetividade do cientista e as páginas de emotividade do artista traçadas com beleza formal. Fixemos um exemplo pelo avesso: esta mesma obra *Rondônia*, e com este mesmo aparelhamento científico, se fora mal escrita ou construída aleijadamente, não seria Literatura: seria ciência e apenas ciência. Pois é pelo estilo que um autor e uma obra se instalam na Literatura. É o selo e sinal de sua nobreza. Não o esqueçamos: é pelo estilo, em primeiro lugar, que um ser se realiza, se fixa e permanece. E não só o homem; as vidas coletivas também: é pelo estilo que as civilizações subsistem e se prolongam em outras idades. Representa, assim, o estilo um elemento de perpetuidade e imortalidade dos seres: aquele que mais seguramente oferece garantia de sobrevivência.

Aliás, as características do estilo de Roquette-Pinto não são o refinado esteticismo, nem mesmo a beleza depurada em arte verbal. Caracterizam-no outros valores: a medida, a clareza, o equilíbrio, a ordem, o emprego preciso dos vocábulos, habituado que se achava desde muito à construção de períodos

curtos, claros e diretos, ainda isto representando, no seu caso, um recurso didático de professor em permanente comunicação escrita com o público.

Não obstante, como na conferência sobre Saint-Hilaire, como numa das primeiras páginas de *Rondônia* – que oportunamente transcreverei, para situá-la entre as mais fortes e nítidas já escritas por um homem de ciência no Brasil – utiliza-se às vezes Roquette-Pinto das frases longas, em que através de incidências coleantes, pontuação abundante e sinuosidades sintáticas, o pensamento se desenrola igualmente, por entre essas mesmas sutilezas e habilidades, para operar uma penetração mais aguda ou duradoura no espírito do leitor, repercutindo mais fundo em sugestões emocionais, infiltrando-se em nuanças psicológicas ou sociológicas. E aqui está como se me afigura a beleza difícil, rara, contudo sempre necessária, de uma frase longa e desdobrada: que ela nos transmita, afinal, a imagem de um corpo a avançar e deslizar com a lentidão, a elegância e a dignidade de um cisne sobre as águas. Acrescente-se, em conseqüência, a esta altura, que uma lição musical do estilo consiste em criar ou desenvolver, num processo quase imperceptível na interioridade, um ritmo harmônico por efeito do jogo entre frases longas e curtas, lentas e apressadas, desde que haja no escritor a ciência – como a tinha em música César Frank – capaz de justapor e imbricar um motivo-andante e um motivo-alegro.

De qualquer modo, por educação científica e feitio de natureza humana, Roquette-Pinto evita sempre em sua linguagem o ornato pomposo ou a declamação retórica. O seu estilo feito de clareza, ordenação e lógica é uma expressão natural da sua personalidade de homem de ciência, assim como deve ser sóbrio, despojado, como que ascético, sem uma palavra ou frase não correspondente ao essencial, o estilo do estadista, obrigado a uma linguagem que apenas lhe traduza graficamente o pensamento de homem de ação e de governo, em contraste com o estilo do artista, sempre liberto para as imagens e metáforas, que por sua vez lhe imprimam a natureza sonhadora em estado de contemplação. E agrada-me ainda na expressão verbal e estilística de Roquette-Pinto um tom de quem se coloca acima de tudo para conservar certa atitude de pudor e distância, em termos de altura e distinção, sem que isto importe orgulho ou ainda menos pedanteria: é um tom superior com naturalidade e elegante com displicência; em suma, um tom aristocrático do espírito.

Dos versos de Roquette-Pinto não desejo ocupar-me aqui, a despeito de conhecer-lhe de perto algumas coleções de poemas, uns publicados na

*Revista da Academia*, outros que ainda mais se valorizaram porque me foram lidos ao longo de toda uma tarde por sua própria filha. Num juízo superficial – e que Deus me inspire em sensibilidade e gosto para alterá-lo – parece-me que Roquette-Pinto, mais do que em sonetos e poemas, revelou-se poeta nas suas magníficas páginas de prosa com sentimento poético, como, por exemplo, em algumas de *Rondônia*, a sua obra científica por excelência, ou nos onze parágrafos do *Credo*, verdadeiro poema em prosa, sendo um código de idéias e convicções, escrito em 1935 para o Clube de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Não desejando nem me sendo possível imitar em coisa alguma a Roquette-Pinto – e ainda menos no seu admirável discurso de posse –, vejo-me forçado a aplicar-lhe, em parte, o processo por ele adotado, naquela peça oratória, em relação ao seu antecessor, Osório Duque Estrada. Louvou-o cordialmente, exuberantemente, como poeta: comprouve-se em transcrever, comentar, interpretar os versos da *Flora de Maio* ou das *Trovas Populares*, a ponto de invocar a Arte poética de Gonçalves Dias para compará-la com a letra do Hino Nacional. Recusou-se, porém, a falar de Osório Duque Estrada como crítico, desde que desvirtuado estava ele, na verdade, em miliciano de polícia gramatical no *Registro Literário*, ou em apaixonado agitador de questões personalíssimas em *Crítica e Polêmica*. Alegou Roquette-Pinto, com muito espírito, que tudo aquilo estava por demais perto de nós.

Pois bem: a sua Poesia também está muito perto; e neste momento não quero tocá-la, nem comentá-la ou interpretá-la para um juízo de valor.

No entanto, confesso que me senti tentado, de quando em quando, a utilizar-me, aqui, dos poemas de Roquette-Pinto, considerando que são a única parte subjetiva, intimista e coloquial de sua obra, quando até os contos de *Samambaia* foram elaborados com matéria objetiva de nacionalismo e regionalismo. E sabem para quê? Para procurar, para pesquisar, para descobrir em tais produções poéticas de caráter subjetivo – as criaturas femininas que as inspiraram, ficando-se, assim, a conhecer os numerosos amores e as muitas mulheres deste nosso Goethe, tão inconstante e vário em suas paixões quanto o de Weimar. Acabei, porém, assaltado pelo receio – ainda mais literário que pessoal – das falsas atribuições, lançando os dados ao acaso, atirando as hipóteses ora muito além, ora muito aquém dos alvos femininos, ainda que isto não constituísse temerária indiscrição ou até um pecado contra o Espírito Santo.

Lembrei-me apenas – isto sim, humanamente – de um episódio adequadamente goethiano. Aconteceu que a Kaestener, noivo de Lotte Buff, enviara Goethe, certo dia, a sua poesia "O Viandante". E desde então o poema passou a ser lido, interpretado, sentido como a expressão ou o reflexo das emoções de Goethe em relação a Lotte Buff. Depois, no entanto, veio a provar-se – e com quanta surpresa para todos! – que o "O Viandante" fora escrito e recitado por Goethe muito antes de ele conhecer Lotte Buff! E, proclamado o erro de atribuição biográfica, forçoso foi modificar a interpretação daquela obra goethiana.

Não sejamos, pois, imprudentes demais por força de impulsos da curiosidade. Não e não: deixemos por enquanto no intercurso do Purgatório ou na paz do limbo as poesias subjetivas, líricas, amorosas, de Roquette-Pinto.

## IV
## O ENCICLOPEDISMO DE ROQUETTE-PINTO

Dando por terminadas estas considerações sobre o estilo, abertas com o problema da distinção entre linguagem literária e linguagem científica, não quero fazê-lo sem citar uma página magnífica de comparação e aproximação entre o sábio e o artista, em termos e conceitos que considero insubstituíveis, não só para a compreensão da figura e da obra de Roquette-Pinto, senão também da sua presença mesma, por tantos anos, sempre estimado e festejado, nesta Academia. Trata-se, e ei-la aqui, de uma passagem do discurso de posse de M. Pasteur-Vallery Radot na Academia Francesa:

> *Je ne vois pas de différence entre l'artiste et le savant. Certes, les moyens de travail et les modes d'expression de l'un et de l'autre n'ont rien de commun mais leur but est le même: pénétrer le mystère de la matière et de la vie; ainsi nous font-ils percevoir l'âme du monde. Combien sont proches la joie du savant qui découvre un fait nouveau et l'enthousiasme de l'artiste qui extériorise sa vision intérieure du monde! Il n'est pas jusqu'à la satisfaction procurée par la connaissance des grandes lois physique ou biologiques qui ne soit de même nature que l'émotion ressentie à la vision ou à l'audition d'une œuvre d'une beauté exceptionelle, car l'exaltation*

*intellectuelle et la sensation artistique ne peuvent être différénciées quand elles ont à leur origine les principes d'harmonie qui régissent l'univers."*

Agora, retornemos à evolução, ao conteúdo, ao significado da personalidade e da obra de Roquette-Pinto, tomados nos seus padrões essenciais e nos seus valores intrínsecos. Da contemplação, como ante um monumento, e em seguida de uma séria exegese, a primeira reação que nos ocorre é a da surpresa. De um lado, a quantidade em equilíbrio com a qualidade, a extensão, a surpreendente variedade da sua cultura; de outro lado, aquela suprema liberdade do seu espírito, que lhe permitiu o máximo de imaginação no agir, inspirando-lhe ousadamente tão numerosas realizações e empresas como formador de gerações e educador da sua gente. Ora, em face de tanta sabedoria num homem só, de tantas ciências e técnicas na mentalidade de um ser com uma só existência, ante uma figura de obra tão variada e complexa como a de Roquette-Pinto – ficamos tentados, ao mesmo tempo, por espanto e comodismo, a aceitar aquela teoria do conhecimento, aprendizado e memória da Filosofia platônica extraída ao vivo de uma experiência socrática. Isto porque o platonismo se tornou a mais antiga e sedutora forma de evasão da realidade, transformando tanto os conhecimentos em memórias de outra existência como quaisquer referências em recordações de episódios idênticos num outro mundo. Com efeito, diante do enciclopedismo de Roquette-Pinto, tentados pelas seduções do cepticismo, indolência e incapacidade, e para não termos de examinar ou explicar como toda esta obra saiu, dir-se-ia magicamente, da personalidade, da Ciência, da Arte, da técnica e da ação de um só homem –inclinamo-nos, num primeiro instante, a adotar a fórmula de evasiva e transposição da filosofia platônica:

"Nós não aprendemos nada; nós nos lembramos."

Mas, não: isto significa apenas um devaneio sem propósito e sem conseqüências. Fixemos corajosamente, lucidamente, amorosamente – a realidade da obra roquettiana. E como a vemos e caracterizamos hoje? Ela forma, com os seus diversos volumes e as suas muitas publicações de circunstância, uma espécie de federação de territórios, comunicáveis a cada momento, mas independentes ou autônomos. E, como se verifica no estatuto das federações, existe e se impõe uma força de unidade, uma força central e aglutinadora – neste caso, a *Rondônia* – enquanto os estados, com os seus territórios privativos e

circunscritos, se conservam dentro de suas peculiaridades e das suas respectivas leis próprias.

Para Roquette-Pinto, *Rondônia* é o centro ígneo dos seus territórios culturais; é a capital do seu País de trabalhos não mais acabados e de iniciativas que se sucederam em ritmo de multiplicação; é o seu único livro, afinal, construído como obra inteira e fechada em si mesmo, na qual empregou toda a imaginação para o planejamento, toda a Ciência para a elaboração, todos os cuidados pra a construção.

Claro, porém, que não chegou de repente à plenitude da *Rondônia*. Antes, obras menores serviram de aprendizado e assinalaram o itinerário até a montanha. Primeiramente, em 1906, mal saído da Faculdade de Medicina, a tese *O Exercício da Medicina entre os Indígenas da América*. Nas proposições postas, como de praxe, no fim do volume, o jovem Roquette-Pinto já apresenta algumas teorias que não mais abandonará, convicções doutrinárias que, fielmente, serão por ele desdobradas ou ampliadas para apresentação em várias outras oportunidades. Dir-se-ia, por exemplo, que fixou para sempre o seu materialismo nestas três proposições da tese de 1906, na parate referente à Cadeira de Fisiologia: 1.ª) a alma é o conjunto das funções do encéfalo; 2.ª) as chamadas *faculdades da alma* nada mais são que funções cerebrais independentes; 3.ª) a verdadeira psicologia científica repousa nessas noções.

Depois, vem o pequeno volume *Excursão ao Litoral e à Região das Lagoas do Rio Grande do Sul* (1912), resultado de uma viagem, a primeira que fez, para estudar os sambaquis em pesquisas de campo, assunto de que voltaria a ocupar-se vinte anos mais tarde no opúsculo *Nota sobre o Material Antropológico do Sambaqui de Guaratiba* (1925). Menos citada, porém não menos significativa é a monografia *Etnografia Indígena do Brasil* (1909), na forma de relatório para o 4º Congresso Médico Latino-Americano. E este novo estudo não constituía somente mais um elo daquela seqüência obstinada na linha de uma temática e de um objetivo; agora, o próprio subtítulo, "Estado Atual dos Nossos Conhecimentos", indicava tratar-se de um balanço dado antes da viagem ao Brasil Central, uma operação de pesar, medir e contar documentadamente os seus conhecimentos sobre o indígena brasileiro antes da partida para a Rondônia.

Obra à parte, pela natureza do assunto e pelas condições de publicação, é o estudo da Antropologia – *Guia das Coleções*, importante porque

assinala já a presença revolucionária do então professor assistente do Museu Nacional no campo experimental da ciência antropológica, nas vésperas do aparecimento de *Rondônia*. As páginas originais daquela pequena obra-prima, planejada e escrita como um catálogo de museu, estão recheadas de documentos, números, formulações, informações, toda uma ciência ao mesmo tempo teórica e prática.

## V
## O LITORAL E O INTERIOR

Em vários destes primeiros trabalhos, isto é evidente, mostra-se Roquette-Pinto preocupado até à angústia com o problema da separação entre o litoral e o interior, problema que já fora graciosamente traçado na *História* de Frei Vicente do Salvador, e que em *Os Sertões* atingira, com Euclides da Cunha, coloração dramática e visão apocalíptica. E a nossa Literatura exprimia esta mesma realidade, exprimia-a antes mesmo ou ainda mais agudamente que a Ciência. Do próprio Roquette-Pinto, mais tarde – em capítulos dos *Ensaios Brasilianos*, na segunda parte, intitulada "Inspirações da Terra" – é a afirmativa pensada e categórica: "A Literatura, muito mais do que as artes plásticas e do que a Música, segue sempre a formação da nacionalidade." Frase que se completa com este outro passo, na mesma página: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um sistema interessantíssimo que há cerca de trezentos anos se desenvolve."

Então, como se sabe, as situações de pioneirismo e estrangeirismo só podem traduzir-se geográfica e socialmente, em termos de campo e cidade, significando barbárie e civilização num país como o Brasil por força de contrastes muito vivos desde o século XVI. Pois o drama de geografia humana e de Sociologia aplicada no Brasil de hoje, como foi o dos Estados Unidos e o da Rússia no século XIX, consiste na separação entre a elite culta, polida, afrancesada ou anglicizada de algumas cidades do litoral e a massa geral do interior, as populações largadas no primitivismo e desconforto de terras ainda não conquistadas sequer para a civilização. Vejamos a propósito, numa das notas de diário de *Samambaia*, as próprias palavras de Roquette-Pinto, a debater-se nessa preocupação angustiante:

> Costumes, hábitos, tipos morfológicos, mentalidade, arte e indústria, tudo quanto exprime atividade humana, é certo que se não pratica no fundo *hinterland* como se executa na orla do mar. Lá, no grande sertão, conservam-se ainda os traços ancestrais das virtudes da raça; nas cidades costeiras, a lepra do cosmopolitismo apressado, sem moral, transformou os melhores característicos do brasileiro, formados nos séculos XVII e XVIII; o espetáculo de uma grande capital litorânea, com todos os seus progressos materiais a se estatelarem ante olhos ingênuos, não ilude o sentimento dos que se habituaram a remover o verniz das coisas, para conhecer-lhes a massa fundamental. Há um Brasil que anda de automóvel, joga futebol e acompanha notícias da Europa, e há um Brasil que anda a pé, joga o búzio ou não joga coisa nenhuma.

Refletira-se este drama, naturalmente, na vida literária e artística; de fato, acima de todas as escolas literárias e movimentos intelectuais de importação, as duas tendências uniformes, permanentes, sempre vivas, são estas, em nossas Letras: a dos autores que exprimem o mundo dos campos, em paisagens e seres rústicos, e a dos autores que exprimem o mundo das cidades, em complexidades sociais e análises psicológicas: um Gonçalves Dias e um Álvares de Azevedo; um Bernardo Guimarães e um Manuel Antônio de Almeida; um Inglês de Sousa e um Aluísio Azevedo; um Franklin Távora e um Raul Pompéia; um Domingos Olímpio e um Lima Barreto; um Jorge Amado e um Marques Rebelo; um José Lins do Rego e um Otávio de Faria.

Dos grandes autores do passado, se bem me lembro, somente José de Alencar, a partir dos meados do século XIX, se empenhou em fundir literariamente, dando-lhes igual relevo, as duas realidades sociais, a do campo e das cidades. Possuído do plano ambicioso de apresentar em romance toda a sociedade brasileira – de um lado, com *O Guarani, O Sertanejo, O Gaúcho*, e de outro lado, com *Lucíola, Diva, A Pata da Gazela* – José de Alencar interpretou, embora de maneira incompleta, com uma realização literária que não atingiu a altura de sua ambição, aquela dualidade, fundindo em sua obra as duas esferas distintas, oferecendo, com a sua dupla visão, uma síntese, a um tempo moral e sociológica, como que de duas nações a coexistirem dentro de uma só nação. E por afortunada coincidência ou por determinação do destino que rege as artes de um País – eis que, precisamente, nas duas figuras maiores

das nossas Letras, nos dois escritores mais característicos e originais da nossa história literária, em Machado de Assis e Euclides da Cunha, ficaram representadas soberanamente, como em símbolos, as duas tendências e as duas correntes.

A Roquette-Pinto, para lhe assinalar a linha do futuro, definir-lhe o significado da obra e fixar-lhe as idéias nacionalistas, só faltava, por certo, a presença de Euclides da Cunha, a invasão impetuosa do bárbaro nos domínios do estudante da Faculdade de Medicina. Este encontro, aliás, ocorreu logo em 1902, no ano mesmo da publicação de *Os Sertões*, quando Roquette ainda ia pelos dezessete anos. Foi assim, com a receptividade e a vibração dos adolescentes que Roquette-Pinto conheceu Euclides da Cunha, a começar daí seu mestre e seu ídolo, e leu *Os Sertões*, desde então por ele considerado uma espécie de bíblia do seu nacionalismo e força impulsiva para sua inspiração de avançar interior adentro do país até a etapa culminante daqueles meses passados na Serra do Norte para a realização de *Rondônia*, quando proclamaria, afinal, esta síntese de tantas de suas descobertas, síntese – frase final do volume:

"Foi no grande planalto do Brasil que se iniciou o trabalho de diferenciação étnica sul-americana."

A nosso modo e gosto, eis como exprimiríamos esta síntese sobre a região da escolha de Roquette para inspiração e tema da sua obra maior:

Rondônia: coração do Brasil; e coração também, a Rondônia, do continente sul-americano.

## VI
## 1902 E 1920, ANOS DECISIVOS

Aliás, os anos de 1902 e 1920 – e vamos fixá-los assim mesmo numericamente, por mais arbitrário ou convencional que nos pareça o calendário – foram períodos de acontecimentos decisivos tanto na biografia pessoal como na destinação científica e ideológica de Roquette-Pinto. Um, 1902, representa o ponto mais alto de uma juventude inquieta e perquiridora de rumos; o outro, 1920, significará o começo da maturidade de um cientista e artista no inteiro domínio de si próprio. Ambos, como se vê, importantes e caracterizadores: no primeiro, encontramos o estudante Roquette-Pinto no instante agudo e definidor de sua formação ao impregnar-se de *Os Sertões*; no outro,

temos diante de nós o cientista Roquette-Pinto em estado de plenitude, na época da viagem ao Paraguai para o Curso de Fisiologia Experimental na Universidade de Assunção e no momento de publicar no Rio de Janeiro o seu ensaio *Euclides da Cunha, Naturalista* (1920), em cujas páginas ordenara durante tanto tempo as suas idéias acerca da realidade bárbara de Canudos, enquanto se mobilizava para empreender, ele próprio, a sua aventura de brasileiro, de cientista e de escritor como figurante da expedição Rondon no interior de Mato Grosso.

E como para bem caracterizar o autonomismo, o brasileirismo, o nacionalismo deste ano de 1902 – que movimentação de autores em lançamento ou em reedição de livros com idêntico significado, que floração de obras com essa mesma substância nativa! Dir-se-ia que estávamos todos a comemorar o aparecimento de *Os Sertões* com aquele 1902 bem marcado, historicamente marcado de Nacionalismo e brasileirismo, não lhe faltando sequer como fecho, no último mês, o espetáculo extraordinário da chegada do Barão do Rio Branco ao Rio de Janeiro para dar solução ao caso do Acre e estabilizar de vez o mapa do Brasil.

Nas Letras, em 1902, ao lado de seu amigo Euclides da Cunha, a quem saudou em discurso de recepção nesta Academia, Sílvio Romero, com a segunda edição da *História da Literatura Brasileira*, lançava praticamente um novo livro. Reedições também com algo de lançamento e novidade – fizeram-se, neste mesmo ano, dos três romances famosos de Franklin Távora, o primeiro deles trazendo no prefácio a sua tese, ainda mais regionalista do que nacionalista, de que "as Letras têm, como política, um certo caráter geográfico", prestigiados todos pelo crítico José Veríssimo ao proclamar, num dos seus artigos de 1902, agora recolhido na 5.ª série dos *Estudos de Literatura Brasileira*, que estes romances nortistas – *O Cabeleira, O Matuto e Lourenço* – "são das mais exatas e das mais belas representações em nossa Literatura do velho Brasil, de um Brasil tradicional".

E como se não bastasse toda essa efervescência nacionalista em 1902 – eis que surge, também, a edição nova e aumentada das *Poesias* de Olavo Bilac, e nela se publica pela primeira vez "O Caçador de Esmeraldas", com tanta e tão imediata irradiação e ressonância. Anteriormente, com algumas incursões em assuntos nativos, como nos versos de "A morte de Tapir", não adquirira

sequer Olavo Bilac a categoria de herdeiro dos restos do indianismo de Gonçalves Dias. Agora, aos seus próprios leitores surpreendia com aquela substância brasileira e aquela intenção nacionalista de "O Caçador de Esmeraldas", tentativa de epopéia sertanista, na verdade o único poema – e isto sem esquecer "Fugindo ao Cativeiro", de Vicente de Carvalho – com sopro épico e composição alongada que, no Brasil e com êxito, por um parnasiano foi empreendido.

Enfim, por singular coincidência, também de 1902 é outro livro nacionalista e muito brasileiro, considerado na época a grande obra ou a obra-prima que se destinava a fazer par com *Os Sertões*. Sabe-se que tão ruidoso foi em 1902 o sucesso do livro de Euclides da Cunha quanto o livro de Graça Aranha. Duas estréias que pareciam misteriosamente convergentes. Sem dúvida, hoje, um pouco envelhecido e ultrapassado se acha o romance de Graça Aranha, mas a verdade, historicamente, é que tão-só ao lado de *Os Sertões* se ousava colocar *Canaã* naquele 1902 efervescente de brasileirismo.

Aos olhos atônitos de Roquette-Pinto, jovem estudante de dezessete anos, *Os Sertões* e *Canaã* apareciam como duas descobertas do Brasil, revelações de mundos ignorados e até insuspeitados pelos homens do litoral. E significaram, realmente, as duas primeiras grandes descobertas culturais do Brasil do interior, antes que o próprio Roquette-Pinto realizasse a terceira, como a publicação de *Rondônia* em 1916.

Nesta altura, surgida assim espontaneamente a oportunidade, não posso nem quero esquecer uma nota sentimental. Pois nesse ano tão invocado de 1902 – e como nos sentiremos todos felizes com essa associação de lembranças! – foi que também ocorreu a estréia na crítica literária do então jovem poeta Carlos Magalhães de Azeredo, com o volume *Homens e Livros*, em que apareciam capítulos dedicados ao estudo de figuras para nós já distantes no passado, para ele contemporâneas, algumas até de sua amizade e intimidade, como Eça de Queirós ou Machado de Assis – e por tudo isso, na verdade, como é consolador lembrar agora o único sobrevivente da Fundação, o Fundador, a prolongar-se em aniversários, que desejamos ainda numerosos, pois o Embaixador Carlos Magalhães de Azeredo, com os seus 84 anos bem saudáveis, é o acadêmico por excelência, que hoje nos pode transmitir uma

impressão de desligamento do tempo para infundir-nos – ai de nós! – um pouco de crença e esperança em nossa precária imortalidade!

Retornemos aos nossos mortos. E quanto nos parece vivo um morto de ontem como Roquette-Pinto! Contudo, não só por isso me decidi a falar dele com espírito crítico, em termos de autonomia indisfarçável e sincera veracidade, livremente, desembaraçadamente, sem avareza nos louvores, que, aliás, por todos lhe são devidos, mas também sem fugir de assinalar a inaceitação de algumas partes de sua obra, como é de meu direito de escritor independente e de minha obrigação de crítico. E o próprio Roquette-Pinto assim se conduziu até em relação ao seu ídolo Euclides da Cunha. Volto-me hoje para o autor de *Rondônia* impregnado daquele mesmo sentimento com que ele desejava que nos volvêssemos para os mortos:

"É preciso pensar nos mortos, não para mergulhar a alma no desânimo, mas para robustecê-la nos bons anseios."

São também de Roquette-Pinto estas belas palavras, a sugerirem o ideal tratamento dos mortos nos cemitérios – uma daquelas páginas de prosa, por exemplo, a que já me referi como tendo sido a forma de expressão de sua alma poética, em vez dos contos e peças em verso:

"Cada morto querido, subindo pelas raízes para a vida das corolas perfumadas, santificando as lufadas do vento e, aos poucos, voltando ao azul do espaço."

Está claro que não falo de Roquette-Pinto com espírito de negação, mas sempre me recusando a ocupar-me dele, como de qualquer outro grande homem, com ânimo de endeusamento. Nunca me ocorreu, por isso, a idéia de escrever este chamado "elogio acadêmico" de maneira convencional, na banalidade dos adjetivos inconseqüentes e das frases tão redondas como vazias.

Quanto a Roquette-Pinto, à sua presumível concordância póstuma, sinto-me tranqüilo e apaziguado. Era neste tom de espírito crítico e dignidade que ele desejaria, com certeza, que se levantasse hoje aqui a sua figura, que se caracterizasse o conteúdo de sua personalidade, e se ajuizasse o valor de sua obra, aliás desigual quanto à qualidade. Não fui discípulo nem freqüentador de Roquette-Pinto, mas hoje, pelo muito que sei dele, acredito que o grande homem devia achar um pouco de graça nos discípulos que o louvavam não com palavras, mas com incenso; acredito que o Mestre, sem desdenhá-los, não

devia levar muito a sério os discípulos que dele só sabem falar com a exaltação cega dos fanáticos e dos intolerantes. Pois Roquette-Pinto, ao contrário, amava e cultivava a luz intelectual, com o gosto inato do relativismo e a virtude, sempre praticada, da tolerância. Nos seus sonhos goethianos – é possível que ele houvesse desejado o convívio e o diário póstumo de um Erckmann, mas um Erckmann que lhe fosse igual, em vez de subordinado.

## VII
## ROQUETTE-PINTO E EUCLIDES

Vejamos de mais perto a posição de Roquette-Pinto em face de Euclides da Cunha, sem o que não perceberemos o conteúdo nem o objetivo da própria obra de Roquette. Recordando que a Euclides classificou como alguém "a um só tempo cientista e poeta", e a *Os Sertões* como um livro "de Ciência e de fé", a trazerem, um e outro, "as duas molas que faltam para o desencadear da nossa cultura popular: crer e aprender" – parece estarmos a ouvir o eco das frescas e fortes ressonâncias da leitura de Euclides em Roquette. Estas impressões, por certo de 1902, fielmente conservadas, é que saltam do ensaio de 1920 *Euclides da Cunha, Naturalista*, onde o vê ainda com um toque de emoção: "É um escritor pungente; aflige, emociona, por isso mesmo, desperta, como nenhum outro, o ideal nacionalista."

Sim, o *ideal nacionalista* – eis a chave principal da corrente, a princípio de influências, depois de comunicação, que flui incessantemente, durante pouco mais de cinqüenta anos, das páginas dos livros de Euclides para o espírito de Roquette-Pinto. No texto mais recente dos *Ensaios Brasilianos*, temos outra opinião documentada do juízo especial de Roquette sobre *Os Sertões*, a seus olhos o único dos nossos livros em condições de universalizar-se como obra nacional à maneira do *Dom Quixote* ou de *Os Lusíadas*.

"Percorro", escreve Roquette-Pinto como fecho desse novo ensaio sobre Euclides da Cunha, creio que, cronologicamente, o último, "toda a nossa história literária e penso que *Os Sertões* serão, no futuro, para o Brasil, o grande livro nacional; o que *Dom Quixote* é para a Espanha, ou *Os Lusíadas* para Portugal: o livro em que a raça encontra a floração das suas

qualidades, o espinheiral dos seus defeitos, tudo o que, em suma, é sombra ou luz na vida dos povos."

Traçando nesse capítulo dos *Ensaios Brasilianos* um quadro sumário de sua visão da Literatura Brasileira – sumário, mas por certo dentro dele enraizado –, faz-nos, hoje, sentir o seu desejo de ver Euclides não apenas sentar-se sozinho no trono do Reino das Letras, mas também de estabelecer toda uma linha divisória entre a Literatura Brasileira antes de *Os Sertões* e Literatura Brasileira depois de *Os Sertões*.

Para Roquette-Pinto, a Literatura interessava sobremaneira pelos seus significados científicos, psicológicos, sociológicos, ideológicos, históricos, sociais e conseqüentemente como expressão de povo e nação fiel ao "espírito de brasilidade". Punha em segundo plano o significado por excelência estética daquelas obras às vezes menos vistosas, de autores com intenções resguardadas nos requintes da simbologia, sem ênfase verbal e exibição eloqüente de nacionalismo, não obstante muitas vezes trazerem, também, a seu modo, uma substância brasileira e traduzirem uma realidade social.

A este respeito, infelizmente, haviam germinado em Roquette-Pinto alguns daqueles antiquados preconceitos, que depois seriam banidos por uma concepção moderna de realismo literário, e também algumas frases feitas, que desmontadas seriam depois como refúgios de falsidades. Assim, aquela distinção a fazer-se das nossas obras em correntes e dos nossos autores em tendências – apresentava-se ao meu ilustre antecessor com deformação nas perspectivas, impedindo-o de reconhecer uma situação de equilíbrio ou equivalência entre as duas linhas: antes, proclamava a desproporcionalidade das partes e a predominância arrogante de uma delas sobre a outra. E como pôde um homem com a ciência e a experiência de Roquette-Pinto plantar-se em erro dessa espécie?

Visão parcial e mutilada, impressão preconceituosa e incompleta: eis o que nos revelam algumas opiniões e sugestões de Roquette-Pinto acerca da nossa história literária. Divide-a em duas linhas ou correntes. Uma delas, a primeira, ele a classificou amorosamente, e também cabalisticamente, entre aspas, com um "sistema" – e este é o seu – em que só se consideram autores e obras da zona de temática nativa e espírito nacionalista; a outra, a segunda, denominou-a, um pouco desdenhoso, "movimento", e tão-só em relação a

esse chamado "movimento" refere origens e filiações peninsulares, pondo-nos ainda de sobreaviso quanto à continuação dessa influência européia. Influência, acrescenta, de "natureza puramente literária, quase diria – retórica". E, devemos reconhecer, é com uma nota de senso comum, bom gosto e graça que os caracteriza em seguida, a esses representantes do intruso movimento de desenraizados e desnacionalizado: "Em geral, algumas gotas de mel negro, tragos de vinho do *Latium* e, principalmente, muitas flores recebidas da França."

Para a vitória acabada do "sistema" sobre o "movimento" – Roquette-Pinto recebe Euclides da Cunha como a um São João Batista, pregador e anunciador de nova idade histórica. E qual a missão trazida, o papel desempenhado, a revolução jogada em praça pública pelo gênio de Euclides? Vejamos – aproveitando tanto quanto possível os dois ensaios já citados de Roquette-Pinto – em que consistiram as esperanças mais verossímeis e as inovações realmente concretizadas – vindas, umas e outras, no bojo de *Os Sertões*.

Perguntamos ainda: o que veio testemunhar a revolução da presença de Euclides, em nossas Letras naquele advento do século, caindo em cheio num ambiente literário matizado pela boêmia vivida, mas leviana, e pelo Parnasianismo de austera ordenação, mas gelado de formalismo? Demonstrava-se, com o surgimento de Euclides da Cunha, a exprimir-se como cientista e como poeta, entrelaçadamente, que a primeira novidade de *Os Sertões* residia na apresentação do fenômeno cultural – possível e já verificado em outros países, mas ainda inédito no Brasil – de um positivo "espírito científico" a planejar e impulsionar "a edificação de um grande movimento literário". Para Roquette-Pinto, a principal originalidade de Euclides da Cunha em *Os Sertões* foi mostrar a possibilidade de uma suprema construção literária sobre a base de uma lógica científica. E acrescenta Roquette-Pinto, nessa mesma direção, que em *Os Sertões*, parece-lhe que a parte mais notável não é a parte aparentemente mais difícil e complexa, aquela muito admirada "minúcia técnica", mas, isto sim, o "espírito científico", que traveja e sustenta todo o edifício.

Segundo também o gosto do criador de *Rondônia* – e vejamos como esta opinião define ainda mais o comentador e intérprete do que o criador original –, não é pelo "encanto do *estilo*" ou pelo "*estilo* pessoal" que Euclides mais se recomenda à admiração dos leitores. Com a situação de cien-

tista e a categoria de pensador colocadas hierarquicamente acima do senso e do gosto do escritor – ei-lo nesta conclusão com o peso de uma sentença sobre *Os Sertões*: "A forma vale muito menos do que o conceito."

Este asserto taxativo põe um desfecho prematuro e insatisfatório no debate, por entre tantas ramificações e ampliações que o autor de *Rondônia* conhecia a fundo na obra toda de Euclides, em cada palavra eloqüente ou sugestiva, em cada intenção emocional, em cada objetivo político ou ideológico. Como avançar, porém, um pouco mais, para aceitar ou para divergir, quando nada resta, neste problema de crítica, senão o monólogo de um homem ilustre diante do seu ídolo?

## VIII
## EUCLIDES E MACHADO DE ASSIS

Ocorreu-me agora: estava deste modo promovida a entronização de Euclides da Cunha. Porém – ainda mais curioso – notei que o nome de Machado de Assis nem sequer apareceu citado ao lado do nome de Euclides da Cunha. Nesse capítulo dos *Ensaios Brasilianos*, esboça Roquette-Pinto um quadro com a disposição em relevo das duas tendências ou correntes da Literatura Brasileira, para as quais procurara, como já vimos, uma terminologia sua, caprichos de seus gostos e prevenções, esgotando-a nos vocábulos "sistema" e "movimento". Pois bem: situadas modestamente em terra firme, compondo, como precursores, a auréola de *Os Sertões*, acompanhando os vôos de Euclides da Cunha, são afinal invocadas, nessa tão significativa página roquettiana, algumas figuras mais antigas, todas embora do século XIX, ao menos para fundamentar historicamente a argumentação. Ei-las: Gonçalves Dias, Castro Alves, Alencar, Taunay...

Exatamente nesta ordem. Machado de Assis, porém, este não aparece em qualquer espécie de citação no capítulo de *Ensaios Brasilianos*. O seu grande preço em rivalidades ou disputa de tal natureza – era o silêncio. Aqui, no caso desse quadro roquettiano, a pôr em destaque o fenômeno de duas correntes literárias bem nítidas e distintas em nossa Literatura, fez-se como se a outra não existisse representada ou encarnada em seres vivos. Que num caso destes, em estudo-tentativa de análise e discriminação das nossas duas tendên-

cias literárias, se entre a invocar e exaltar Euclides da Cunha, como expoente de uma delas, sugerindo que a sua obra impetuosa poderá sufocar e aniquilar todo o lado oposto do rio, sem que o nome de Machado de Assis seja mencionado sequer de passagem ou ao acaso como o representante por excelência da outra corrente – então, que escândalo, ou que ingenuidade!

A mim mesmo, e sobretudo como operação de curiosidade e memória, muitas vezes tenho feito esta pergunta: onde, quando, como se haveria Roquette-Pinto ocupado de Machado de Assis ou se haveria detido por alguns momentos ante a ficção machadiana para conhecer-lhe um traço qualquer de sua fina tessitura de vida interior, avaliar aqueles seus prodigiosos malabarismos de psicologia sem escola ou perturbar-se com algumas de suas soluções de moralista acima do bem e do mal? De nada pude informar-me neste sentido, a não ser do seu interesse diligente na transposição para filme do Instituto de Cinema Educativo de uma das menos pessoalmente machadianas, por sinal, das obras de Machado de Assis: o apólogo da Agulha e a Linha. Uma citação do nome de Machado de Assis em seu discurso de posse na Academia, ao lado dos nomes de Gonçalves Dias e Tobias Barreto, não esclarece nada a este respeito. É uma citação a propósito simplesmente do fenômeno da mestiçagem, com objetivo sociológico e intenção documental. Nada mais.

Gostaria de ter visto Roquette-Pinto colocar Euclides da Cunha diante de Machado de Assis, não, naturalmente, para o exercício ginasiano de comparações ou paralelos, e sim, para de ambos extrair, mais fundamente, o significado anagógico das suas respectivas artes, nos efeitos de uma exegese e operada naquelas linhas largas e substanciosas que se cruzam humanamente, se interpenetram em zonas de sondagens psicológicas, se afastam ante as tentativas arbitrárias de justaposição de obras tão diversas, e se distanciam, afinal, quando sobem à tona as suas personalidades irredutíveis, desde que historicamente marcadas, literariamente diferenciadas como de propósito para a representação das duas tendências literárias que em nosso território exprimem e simbolizam as duas faces de um povo que ainda não encontrou a fórmula fundidora de realidades regionais, ou não buscou ainda o *ethos* de sua unidade territorial, social, política e moral.

Esquivando-me ao ridículo de dar um conselho, e conselho póstumo, ao mestre Roquette-Pinto, tenho ímpeto, porém, neste caso, de exclamar:

Sejamos mais humildes! Ninguém, em qualquer parte, menos ainda no Brasil, poderá ter a ilusão de alcançar com a vista o panorama completo de uma nacional realidade física ou sociológica, nem dominar pela visão intelectual, intuição e análise, a variedade larga e a complexidade difusa do espírito do seu povo. Sabemos apenas um lado, um aspecto, dos fenômenos e das coisas, talvez uma metade; faz parte do nosso castigo que mais não se possa conhecer de uma verdade redonda ou de uma realidade inteira.

E isto acontece como num grande mosaico. Dispomos apenas de pedaços do mosaico, de trechos mutilados, de desenhos soltos, de cenas isoladas, de quadraturas parciais, em suma, satisfatórias em separado, mas sempre incompletas pela falta das que as ladeiam e das que lhes ficam sobrepostas ou sotopostas. Ninguém conta por inteiro, em todos os lados e horizontes, com a visão do grande mosaico de nossa vida e da própria realidade nacional; cada um de nós há de contentar-se com o mosaico imperfeito ou inacabado cujos claros diligenciou preencher, reunindo afanosamente pedaços, trechos, quadraturas, para da melhor maneira compor em zonas de luz e sombra um conjunto ainda assim limitado, reduzido e proporcional – e eis que, em resumo, esta é a nossa única visão possível dos objetos e dos seres, complexo ainda não integrado, nem articulado, nem explicado, da realidade física e humana de um País e de um povo, só nos cabendo a humilde sabedoria de aceitar essa contextura ao mesmo tempo das nossas insuficiências e impossibilidades.

Não obstante, no caso presente, nem o problema Roquette-Pinto se apresentava tão complexo, nem lhe seria dilacerante dividir preferências entre as duas figuras. Certo é que Machado de Assis jamais poderia, ao modo de Euclides da Cunha, fazer-se bárbaro entre bárbaros, sentir, pensar e viver como sertanejo entre sertanejos; por outro lado, a Euclides da Cunha seria impossível, segundo o figurino de Machado de Assis, apresentar-se como um homem subterrâneo, isolado em monólogo dentro da Literatura, voltado para dentro das criaturas humanas e indiferente às paisagens, escritor dos mistérios da alma, da introspecção, a exprimir-se ainda melhor na pequena peça que é o conto do que no painel de faces múltiplas ou no quadro de muitas proporções que é o romance.

É certo, ainda mais, que o estilo de períodos curtos e sem retórica, exigindo interpretação para ser de todo entendido nas suas intenções secretas,

monótono, sóbrio e seco, de Machado de Assis, contrastaria gritantemente com aquele material rústico e primitivo, maciçamente bruto, tempestuoso e grandiloqüente de *Os Sertões*; enquanto o estilo inteiriço, contundente e eriçado de Euclides da Cunha seria monstruoso para o tratamento dos enredos ziguezagueantes, sentimentos amorais, amores frustrados, episódios esboçados sem possibilidade de desfecho, os complexos sociais e as sutilizas de moralistas dos contos e romances de Machado de Assis.

Diferentes, sim, mas ambos brasileiros. Já muito longe vai o lugar-comum de que Machado de Assis é um escritor pouco ou nada brasileiro, fruto feliz, mas artificial, de influências e correntes estrangeiras num americano, sobretudo porque de seus livros estão ausentes reportagens sensacionais, partidarismos ideológicos, apresentação demagógica de causas políticas, sequer o relato objetivo de movimentos sociais como a Abolição e a República. Entretanto, já ninguém ignora que se impôs, modernamente, uma diversa e correta interpretação sociológica da obra de Machado de Assis. Ao próprio Roquette-Pinto não faltou tempo à larga para dela inteirar-se: pertence ao número de junho de 1939 da *Revista do Brasil*, dedicado ao romance brasileiro, o admirável e revolucionário ensaio de Astrogildo Pereira, com o qual este escritor modificou a direção da crítica machadiana. Pelo peso, documentação e jogo de argumentos no estudo de Astrogildo Pereira, ficamos a saber que Machado de Assis, isto ainda mais nos romances e contos do que em crônicas e ensaios, reflete uma imagem da sociedade que o formou e cujo espírito ele exprimiu como talvez nenhum outro escritor do seu tempo. Colocou-se desde então sob o seu nome a legenda que não mais se lhe discute ou disputa: a de romancista brasileiro do Segundo Reinado.

## IX
## A NECESSIDADE DA EUROPA E OS PRECURSORES BRASILEIROS

Vem muito a propósito assinalar que nenhum dos dois, assim nacionais e representativos, nem Machado de Assis nem Euclides da Cunha conheceram pessoalmente a Europa; que nenhum deles sentiu a necessidade ou o gosto de viajar, embora isso estivesse ao alcance de ambos.

Por outro lado, entretanto, alguns dos nossos autores do século XIX e princípios do século XX, de espírito mais acentuadamente americano, mais caracteristicamente brasileiro e nacionalista, foram homens que durante muitos anos viveram na Europa, que lá se demoraram em constantes viagens ou mesmo no serviço diplomático: um José Bonifácio, um Joaquim Nabuco, um Oliveira Lima, um Graça Aranha, um Eduardo Prado. E isto sem esquecer, saindo por um momento da Literatura, que o nosso estadista nacional por excelência, o Barão do Rio Branco – ao mesmo tempo autor e ator na História do Brasil – residiu 26 anos ininterruptos na Europa, antes de aceitar o convite para ser ministro do Itamaraty e levar a efeito a sua obra internacional.

Entre Paris ou Londres e a então provinciana sociedade brasileira dividiam estes homens as inteligências e as almas. Não se desfiguraram no cosmopolitismo: estar na Europa, impregnar-se de civilização, tornava-os mais nacionais, integrava-os com mais firmeza e convicção nos temas e problemas do Brasil. E este foi, acima de tudo, o caso do patrono da Cadeira 17, Hipólito José da Costa, a organizar e escrever o *Correio Brasiliense*, órgão de estudos da nossa realidade, porta-voz de anseios pela independência do Brasil, editado no seu exílio de Londres, e através de cujas coleções se pode hoje aferir a mentalidade de um jornalista e de um professor empenhado não apenas na campanha pela autonomia política de sua terra, mas na causa mais importante da sua libertação social e econômica na esfera internacional. E este foi o caso também de Edgar Roquette-Pinto, que tanto se encantava com as idas ao estrangeiro, que tantas viagens, algumas com longa estada, realizou à Europa, sentindo-se tão feliz ante a grandeza do *Forum* Romano ou ante a frivolidade agradável do *Folies Bergères* quanto entre os nhambiquaras ou a avançar de navio-gaiola ao longo do rio Amazonas.

Em Paris, em Londres, em Copenhague, nos Estados Unidos, no México, em Buenos Aires, em Assunção – viajou um pouco ou muito por toda parte, e várias vezes; em todas, porém, era como se o acompanhasse uma sombra, digamos a visão um pouco sombria do seu País, em melancólico, mas para ele nunca desesperador estado de cultura, inclusive porque, experiente e realista, menos o preocupava a situação de natural primitivismo do indígena do que a irregular constituição de uma sociedade que se pavoneava de civilizada, mas vista, acertadamente, pelo antropólogo e pelo sociólogo Roquette-

Pinto, apenas como uma contrafação pretensiosa por efeito de uma educação importada, inadequada e mistificadora, que ele tentaria alterar, mais tarde, com um sistema racional, realista e brasileiro de educação.

Em 1911, realiza Roquette-Pinto a sua primeira viagem à Europa, comparecendo a Londres como delegado do Brasil ao Congresso das Raças; em seguida, a Paris, para iniciar ou continuar estudos com professores na época afamados, como Richet, Tuffier, Verneau, Perrier. De todos, provocar-lhe-ia maior impressão e interesse o sábio Richet, porque tão importante para os seus estudos de Fisiologia; e isto se repetiria, treze anos depois, na Universidade de Colúmbia, ao conhecer de perto, e com ele entreter-se, o Professor Franz Boas, mestre teórico e criador de métodos em Antropologia.

Não refiro esta primeira viagem de Roquette-Pinto à Europa como nota biográfica. Encadeia-se num compromisso anterior, talvez o maior de sua vida: a excursão à Serra do Norte, no Mato Grosso. Na verdade, antes de embarcar, assentara com o General Rondon para o ano seguinte a viagem de que havia de resultar – já o suspeitaria ele? – o seu livro maior e o rumo definitivo de sua existência. Um encontro com o General Rondon impressionara-o um pouco mais do que nele seria normal, com o seu feitio e educação. E o efeito de tal contato se traduz nesta confissão consagradora para o velho sertanista:

> Ouvir o mestre era escutar a voz chamadora
> do Sertão; sentir o rumorejo das florestas distantes.

Ao plenário do Congresso Internacional das Raças, quando reunido na Universidade de Londres em julho de 1911, apresentou Roquette-Pinto um minguado opúsculo *Note sur la situation sociale des indiens du Brésil* (1911). Tese? Comunicado? Relatório? Não se explica no texto. Li-o, porém, e me pareceu um dos menos valiosos, dos menos documentados trabalhos do mestre. Nada de Ciência ou de contribuição original. Crônica histórica de algumas páginas para estrangeiros supostamente jejunos em matéria etnográfica. Tão-só umas poucas páginas, todas de história superficial e já por demais divulgada acerca do tratamento dado ao indígena pelo invasor branco, salientado-se aí atitudes muito sabidas, como as de José Anchieta e José Bonifácio.

Considerável, no opúsculo, só um aspecto: as últimas palavras são dedicadas, ainda que sumariamente, às atividades e ao resultado da Comissão Rondon.

E na missão exploradora e civilizadora da Comissão Rondon com destino ao Brasil Central, em 1912, integra-se Roquette-Pinto. É o momento máximo de sua decisão quanto ao futuro e ao seu destino, essa viagem; é o seu Rubicão, essa partida. Não se tratava de uma vilegiatura de diletante, mas de uma excursão de resultados imprevisíveis, numa zona aonde nada chegara da civilização, onde o menor dos riscos que se corriam era o perigo ante o desconhecido da terra, da Natureza, dos bichos e dos homens. Será suficiente lembrar que fez Roquette-Pinto o percurso atravessando o Paraguai; e que não se atingia, na época, o objetivo dessa viagem de penetração em Mato Grosso sem a travessia do território daquele País.

Por isso mesmo talvez é que à sua obra *Rondônia*, resultante de tal aventura e experiência, Roquette-Pinto chamou amorosamente, em nota de prefácio da segunda edição – "a filha caprichosa do seu entusiasmo".

Não só entusiasmo simplesmente: era preciso ser moço, e dotado de uma resistência de moço, para empreender essa demorada expedição científica à região situada, de acordo com os mapas, no coração da América do Sul. Antes, dez anos antes, impressionara-o a maneira como Euclides da Cunha conseguira ser um autêntico etnólogo; como alcançara realizar, em *Os Sertões*, com rigor científico, "um tratado de etnografia sertaneja".

Ora, desde Varnhagen, um admirável caçador-naturalista como etnógrafo e historiador, que ajuntava, ao labor singular da construção histórica, o faro para as pesquisas, ninguém mais no Brasil, nem mesmo Euclides – e isto o sabia Roquette-Pinto – ninguém mais aparecera entre nós em condições de ligar "as ciências naturais com as que se chamam ciências sociais".

Ninguém. Tenho lido nestes últimos meses alguns comentadores, até doutores consagrados e muitos do meu respeito, sobre os precursores de Roquette-Pinto em matéria de etnografia. Aliás, será também de recordar, agora, o feito, sem precedentes, que operação de autoria de Roquette-Pinto foi a primeira dissecção anatômica de raça indígena realizada no Brasil.

Declarou o nosso eminente companheiro Aloísio de Castro, no discurso com que em nome da ilustre Companhia deu as boas-vindas ao recém-

empossado Roquette-Pinto, que ao novo acadêmico se devia a glória de ser "aquele que no vivo criou aqui a Ciência da Antropologia".

Não se esqueceu o Professor Aloísio de Castro de mencionar os precursores de Roquette em matéria de Antropologia e Etnologia: Batista Lacerda, Rodrigues Peixoto, Batista Caetano, Barbosa Rodrigues, Couto de Magalhães, Capistrano de Abreu. Mas tê-lo-iam sido realmente, em sentido estrito e rigoroso, em matéria na qual se exige mais Ciência autêntica do que naturalismo descritivo ou talento historicista? De todos esses antepassados se queixou – julgando-os desnutridos ou despreparados cientificamente, o autor de *Rondônia* – a despeito de contar-se com uma opinião como a de Gilberto Freyre, em página de valorização dos predecessores, sem deixar de citar antepassados como José Bonifácio ou Lacerda: "Deu Roquette-Pinto às antecipações desses precursores brasileiros o máximo de solidez científica do ponto de vista antropológico."

Há um precursor de Roquette-Pinto em matéria pelo menos de Etnografia que desejo lembrar com certa ênfase. Dele não se poderá dizer que foi um impressionista brilhante, nem um talento de improvisador. Contudo, não o encontrei citado entre os que mencionam os precursores de Roquette-Pinto, e somente o próprio Roquette-Pinto, na verdade, é quem o menciona em *Seixos Rolados*. Este brasileiro, que desejo aqui registrar como dos mais antigos e dos não menos ilustres precursores da Ciência do mestre de *Rondônia*, chamava-se Alexandre Rodrigues Ferreira, figura singular do século XVIII, a quem coube encerrar o ciclo dos estudos sociais no período colonial. Pouco conhecido, mesmo no Brasil. Dos fundadores da Academia Brasileira, ninguém o escolheu para patrono de uma das nossas Cadeiras. Contudo Alexandre Rodrigues Ferreira era da raça de um Roquette-Pinto, de um Oliveira Viana, de um Alberto Torres. Encerra ele o período sociográfico e abre o período científico dos nossos estudos. Em andanças e pesquisas de dez anos por todo o Brasil, colheu dados valiosíssimos sobre a Etnografia indígena, a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia, a Agricultura. E que bibliografia! Deixou-a imensa: cerca de 112 manuscritos inéditos em bibliotecas do Brasil. Dele se aproveitou vastamente, e sem cerimônia, Saint-Hilaire. O mesmo Saint-Hilaire tão da admiração de Roquette, a ponto de ter sido, parece, em sua homenagem que fez o último aparecimento em público, a última conferên-

cia na Academia, em fins de 1953. Mais agora me recordo melhor: tenho diante de mim um recorte de jornal, do dia 6 de outubro de 1928, já com um artigo entusiástico acerca de Saint-Hilaire, assinado pelo meu antecessor ilustre com os seus dois títulos de diretor do Museu Nacional e membro da Academia Brasileira. Foi uma coincidência: a sua última conferência na Academia versou sobre a figura do mesmo viajante estrangeiro que servira de assunto de um dos seus artigos publicados no ano da entrada na Academia.

## X
## *RONDÔNIA*

Que é a Rondônia? Ao contrário do que, geralmente, se imagina, tal designação não surgiu com a excursão de Roquette, nem foi por ele buscada para título do seu livro. É de sua invenção, mas sucedeu à viagem. Explicou-lhe o sentido numa nota de pé de página em *Rondônia*:

> "Inaugurando as conferências do Museu, em 1915, o autor propôs esse nome (Rondônia) para designar a zona compreendida entre os rios Juruena e Madeira, cortada pela "Estrada Rondon". Os elementos geológicos, geográficos, botânicos, zoológicos, antropológicos e etnográficos que tal região tem fornecido, originais e numerosos, justificam a criação dessa província antropogeográfica."

Apressa-se Roquette-Pinto em estudar essa região isolada e esse povo ainda no paleolítico – porque temia um desvirtuamento, uma descaracterização, ante a chegada e a influência dos instrumentos ou objeto de civilização. Temia que se perdessem os fenômenos etnográficos dos povos da região, usos, costumes, hábitos, práticas, indústrias, situações artísticas, religião, política. Pouco depois tinha realmente um exemplo: ao sair publicada, quatro anos após a viagem, a primeira edição de *Rondônia* , aqueles índios já não usavam, ou lá nem mais existiam, os machados de pedras, para eles objetos de riso. Já se sentiam superiores com o machado de aço.

Recorda Gastão Cruls, em artigo na *Revista Brasileira de Medicina* (número de outubro de 1954), o retorno de Roquette-Pinto da Serra do

Norte, após alguns meses de contato, experiência e até integração íntima na vida paleolítica dos nhambiquaras. Trazia já no espírito a *Rondônia*, à maneira de Euclides com *Os Sertões* ao tornar de Canudos. E memora o amigo íntimo que Roquette vinha abundante e transbordante de notas, observações, vocabulários, croquis, fichas antropométricas, filmes documentais, fonogramas, material etnográfico. Era o mundo largo, o mundo ao ar livre, que transportava para dentro do seu quarto. Ao Museu Nacional fez entrega de mais de uma tonelada dos seus documentos, todo um material de cientista moderno: filmes, clichês etnográficos, fichas antropométricas, e até fonogramas, pois, avisado naturalmente pelo seu senso musical, não se esquecera de fazer gravações documentais de canções sertanejas e músicas ameríndias.

Não era a *Rondônia* uma improvisação de viagem ou o efeito do impacto de uma excursão apaixonante. Representava o coroamento de uma série de estudos especializados sobre o indígena. E já chegado da Serra do Norte, mas antes do lançamento de sua obra-prima, no intervalo entre a viagem e a publicação do livro, pronunciou, na Biblioteca Nacional, duas conferências muito eruditas, documentadas com o material mesmo trazido de Mato Grosso. E ao escrever e publicar a *Rondônia*, não teve Roquette preocupação nem com a publicidade, nem com o sucesso imediato. Tanto a primeira tiragem, de 1916, como a segunda, de 1917, apareceram em edições dos *Anais do Museu Nacional*. Diga-se, de passagem, que foram edições maravilhosas, pelo luxo do papel e pela abundância das ilustrações, e que hoje fazem morrer de inveja os que se têm de contentar com os vulgares volumes das tiragens a partir da terceira edição, aliás somente surgida – e isto chega a ser surpreendente ou espantoso – dezenove anos depois do lançamento: em 1935.

Tecnicamente, como método de estudo e realização, *Rondônia* é obra de investigação direta, uma obra de campo, sistematicamente elaborada, com processos rigorosamente científicos, como não se fizera ainda entre nós em relação ao indígena brasileiro, tão explorado, não obstante, como motivação para variações literárias e material de observação para cronistas assim nacionais como estrangeiros, desde os primórdios do Primeiro Século, na verdade desde o descobrimento do Brasil como a Carta de Pero Vaz de Caminha. Enfim, a *Rondônia* desempenhou, para a revelação, estudo e compreensão do índio, o mesmo papel que mais tarde, com recursos e métodos mais

modernos de pesquisa sociológica, veio a representar *Casa-Grande & Senzala* em relação ao negro.

A *Os Sertões* classificara Roquette-Pinto como "um tratado de etnografia indígena". Por subtítulo traz *Rondônia* estas palavras caracterizadoras do conteúdo e dos objetivos da obra: "Antropologia–Etnografia."

Perguntamos: e o geógrafo, o historiador, o sociólogo e o naturalista? Estão presentes, sem dúvida, nas páginas de *Rondônia*. E também o escritor, o artista, o homem de letras – o que se exprime principalmente pelo estilo de revelação de um livro original, científico, objetivo, documentado, ao mesmo tempo que vazado em boa forma literária. Percorre a *Rondônia* um caminho que vai da objetividade daquelas páginas, um tanto insípidas para os profanos, em que o cientista técnico faz a biometria de tribos inteiras, ou daquelas em que a meticulosidade com que o médico nunca deslembrado de seu ofício descreve o fenômeno da dermatose esfoliativa observada nos índios locais – até o escritor de humana sensibilidade e de excelente forma de expressão. Citemos a propósito um trecho da sua página mais afamada entre os leigos, de efeito mais literário, a página "A Morte do Cavalo", certamente julgada antológica, que merecia – ouço dizer – a preferência do próprio Roquette-Pinto:

> Em pé, pernas abertas para não cair, arquejante, e pêlo riscado por alguns fios de sangue a jorrar do pescoço, da anca e da barriga, um triste pedrês, magro e pisado, tremia num arrepio imenso, como se fosse um grande cavalo de gelatina.
>
> Das feridas surgiam, oscilantes, ensangüentadas também, longas flechas retidas no corpo do animal pelas farpas agudas.
>
> Extraímo-las do mísero cavalo. E seguimos lentamente, dando-lhe tempo para que nos acompanhasse no seu passo de moribundo. Sempre a tremer, ia arrastando o corpo. Parava um pouco. Depois continuava com esforço, como desejando livrar-se, em último arranco, daquele meio fúnebre.
>
> Um quilômetro adiante, deteve-se, dobrou os joelhos, deitou-se sobre o flanco; pôs-se a tremer ainda mais, e lá ficou morrendo...

Por mim, se tivesse de me decidir por uma pequena página antológica de *Rondônia* – esta seria outra e bem diversa: aquela que versa sobre a Ciência e as nossas possibilidades. E por quê? Porque aí é que se encontram,

como eles são, nem mais nem menos, nem melhores nem piores, o cientista e o escritor.

> A ciência vai transformando o mundo. O paraíso, sonhado pela gente de outras idades, começa a definir-se aos olhos dos modernos, com as possibilidades que o passado apenas imaginava. O homem culto chegou a voar melhor do que as aves; nadar melhor do que os peixes; libertou-se do jogo da distância e do tempo; realiza em um continente o que concebeu em outro, alguns momentos antes; ouve a voz dos que morreram, conservada em lâminas, com o seu timbre, e as inflexões da dor e da alegria; imortaliza-se, arquivando a palavra articulada, com todas as suas características, e as suas formas e seus movimentos com todas as minúcias; e enquanto, mágico inesgotável, vai modificando a terra e lutando contra a fatalidade da morte, fazendo reviver as vozes que ela extinguiu, as formas que ela decompôs, o homem não consegue transformar-se a si mesmo, com igual vertiginosa rapidez.

Serviu *Rondônia* como o mais forte contato de Roquette-Pinto com a Natureza, com os primitivos donos da terra. Daí por diante, fortificou-se o que nele já era uma tendência inata: a consideração dos fatos acima das abstrações, a valorização dos homens acima das próprias idéias, a tomada de partido em favor do indígena contra a cobiça, a violência e a injustiça dos homens brancos. Dir-se-ia que pela prática também chegara ao mesmo exercício que o senador Nabuco de Araújo chamara a "política silogística". Lembrai-vos em que consistia? Explicava-a assim o velho Nabuco, segundo o trecho transcrito por Joaquim Nabuco, em *Balmaceda*: "Uma pura arte de construção no vácuo. A base, são teses e não fatos. O material, idéias, e não homens; a situação, o mundo, e não o País."

Dir-se-ia que o jovem Roquette-Pinto meditara a sério, convincentemente, sobre a decisão necessária de cada homem público no Brasil em face da chamada "política silogística" do velho Senador Nabuco. E Roquette-Pinto, aos 32 anos, no momento de publicação de *Rondônia*, já fizera a sua escolha e marcara uma decisão: pelos fatos, e não pelas teses; pelos homens, ainda mais do que pelas idéias; pelo País, colocado em deveres e preocupações muito acima do mundo.

Em prefácio da segunda edição de *Rondônia*, fala Roquette-Pinto de sua alegria sentida com as observações científicas que pôde realizar – e consideradas, por ele próprio, "quase todas de grande alcance para o conhecimento da antropologia sul-americana"; mas, como brasileiro, só se julgou bem pago daqueles dias de privações e perigos "porque voltou da Rondônia com a alma confiante na sua gente, que alguns acreditam fraca e incapaz, porque é povo *magro e feio...*".

E acrescenta como a definir, a exprimir, a caracterizar o seu nacionalismo ainda mais do homem brasileiro do que da nossa e de nossa natureza física:

> São feios, efetivamente, aqueles sertanejos; muitos, além disso, vivem trabalhando, trabalhados pela doença. Pequenos e magros, enfermos e inestéticos, fortes, todavia, foram eles conquistando as terras ásperas por onde hoje se desdobra o caminho enorme que une o Norte ao Sul do Brasil, como um laço apocalíptico, amarrando os extremos da Pátria. É preciso ir lá para retemperar a confiança nos destinos da raça, e voltar desmentindo os pregoeiros da sua decadência.

Esclareça-se desde logo que é pela *Rondônia,* e na época da *Rondônia*, que Roquette-Pinto inicia a sua grande campanha – campanha científica, política, moral, tribunícia, jornalística – pelo que ele próprio chamava a reabilitação do homem brasileiro.

E não só do índio, mas do mestiço. Com o indígena, neste sentido, tudo seria mais fácil e aceitável. Fora o indígena poetizado desde a Carta de Pero Vaz de Caminha, que o descreve como "de bons rostos e bons narizes, bem feitos", abrindo com suas descrições o mito de uma terra idílica, na América Meridional. Daí por diante, em seqüência, o resto se compreende: aos olhos dos civilizados, o indígena era o ser estranho, desconhecido, pitoresco e espetacular nas excentricidades. Prestava-se para a novela, a lenda, a fábula, para as narrativas românticas que impressionavam as platéias da Europa. É sempre o indígena brasileiro o tema principal nas obras de viajantes como Hans Staden, André Thevet, Jean de Léry, La condamine; nos tratados dos informantes portugueses, como Gandavo e Gabriel Soares; nas cartas e crônicas dos jesuítas, como Anchieta e Fernão Cardim. E lembremo-nos de

que mais tarde, grande parte da ação romanesca do *Robinson Crusoé* se desenvolve em território brasileiro, nas costas da Bahia.

Era o mestiço, este sim, que necessitava defesa e reabilitação. E para tanto Roquette-Pinto se dispõe a uma doutrinação constante e pertinaz, ao mesmo passo que objetiva, documentada e científica. Utiliza-se, contra preconceitos e tolices dos racistas, de todos os recursos de convicção e combate: percorre o caminho inteiro que parte da doutrina culta, passa pela polêmica, e deságua na sátira e no ridículo. Esta é uma temática – mais ainda: uma causa – pela qual batalhará até o fim da vida: como doutrinário, nos livros; como cientista, em experiências e demonstrações no Museu Nacional; como professor, educador e debatedor de idéias, nas cátedras universitárias ou nas tribunas leigas; como jornalista, em sucessivos e quase monótonos artigos na imprensa.

A ninguém cedeu, com ninguém transigiu, a ninguém esqueceu, e diante de ninguém silenciou cauteloso ou se apequenou em seu ideal. E nessa divergência não poupou sequer ao seu ídolo Euclides da Cunha. Num trecho dos *Seixos Rolados* enfrenta resoluto as idéias do autor de *Os Sertões* contra o fenômeno da mestiçagem, negando à atitude euclidiana qualquer base científica, acervo experimental objetivo da realidade. Mostra que ele em teoria ataca o mestiço, mas das páginas de *Os Sertões* sai valorizado o mestiço por efeito do que observamos dos seus atos e possibilidades. Roquette atribui os equívocos e contradições de Euclides da Cunha à influência desastrosa de Agassiz, que nos deixou tanto a lembrança sugestiva como o peso da tradição destes três erros pelo autor de *Rondônia* adjetivados como coloniais: "os blocos erráticos da Tijuca, as espécies ictiológicas do Amazonas, a mestiçagem da população do País."

E assim, Roquette-Pinto sintetiza também, em *Seixos Rolados*, a sua posição de defesa do mestiço em face dos erros e equívocos de Euclides: "Eis aí a grande ilusão de Euclides: considerou *inferior*, gente que só era atrasada; *incapaz*, homens que só eram ignorantes."

Parece fora de dúvida caber a Roquette-Pinto – e esta é uma das suas glórias de pioneiro, de antropologista e de educador – a legenda de reabilitador do homem brasileiro, notadamente do mestiço. E digo que o foi, fundamentalmente, quanto ao sentido ou ao caráter científico, pois antes dele mui-

tos existiram e se destacaram animados de sentimentos patrióticos, políticos, até pessoais.

Entre tantos precursores de Roquette-Pinto nessa valorização do mestiço brasileiro – mas sem a sistemática científica e documental, repitamos, do autor de *Rondônia* – avulta Sílvio Romero, apaixonado e exuberante, que nos deixou, neste sentido, uma frase bem típica: "Neste País somos todos mestiços; quem não o é no sangue ou na pele, é no espírito."

Creio também que é a contar desse tempo que ele se fortifica e se fixa em determinado conceito de Antropologia como numa fortaleza. Antes, no conceito de Augusto Comte, a Antropologia confundia-se com a moral, sendo uma Ciência do *homem individual*, distinta, portanto, da Sociologia. No sentido comtiano, sabe-se, o antropólogo seria simultaneamente médico, filósofo e sacerdote. Para Roquette-Pinto – e pelo seu prestígio e autoridade, tornou-se dominador e vigorosamente no Brasil – o seu novo conceito de Antropologia tomava-se como uma Ciência que "prepara" e "completa" a Sociologia. Eis tudo.

## XI
## ROQUETTE-PINTO E O PARAGUAI

A partir da amizade com o General Rondon e da publicação de *Rondônia* outro aspecto me chamou a atenção: o pacifismo de Roquette-Pinto e o seu horror à guerra. Porque será curiosos ou importante assinalar que este patriota e este nacionalista sempre foi um pacifista. Escreveu, por exemplo, numa das páginas de *Samambaia*, embora disfarçada em peça de ficção, estas observações que não são propriamente de uma antimilitarista, mas sim de um homem que sabia ver no futuro:

> Sou partidário do serviço militar. Todo homem deve prestar aquele tributo à sua terra. Mas o serviço militar deve ser: construir pontes e estradas, aprender um ofício, trabalhar numa coisa útil. A Grande Guerra, aliás, veio mostrar que a vitória caberá a quem melhor abastecer-se. O soldado, hoje, é, principalmente, um operário. As guerras são ganhas pelos eletricistas, pelos mecânicos, pelos motoristas...

Nascera, por certo, o seu pacifismo daquela nobre e famosa sentença do General Rondon que significava toda a política da marcha dos brancos ao encontro do índio: "Podemos morrer; matar, nunca".

E não esqueço o episódio que nos conta o seu discípulo Pedro Gouveia Filho. Quando, por ocasião da última Guerra, os italianos agrediram os gregos, sendo desde logo repelidos, e quando todos ridicularizavam a gente do fascismo peninsular, Roquette-Pinto fazia ao seu amigo e confidente Pedro Gouveia este comentário contra a corente geral da opinião: "Que povo admirável é o italiano, que já não sabe mais brigar!".

Naturalmente, não há de ter sido por pacifismo ou qualquer sentimento, mas por convicção histórica, que ele tomou contra Osório Duque Estrada a defesa do Paraguai na Guerra da Tríplice Aliança. Debateu longamente o problema em seu discurso de posse, sustentando com destemor a responsabilidade do Brasil na abertura do conflito, contrariando e combatendo os patrióticos argumentos e a inflamada orientação do autor do Hino Nacional, que lhe foi, aqui, antecessor. E isto deu a Roquette-Pinto oportunidade de proferir nesse mesmo discurso de posse, a propósito da questão da responsabilidade do Brasil na Guerra do Paraguai, uma frase que se prolongou até nós em toda a sua nobreza e altivez: "Pelo progresso da minha terra tenho arriscado contente, mais de uma vez a vida que ela me deu. Mas só compreendo o patriotismo que não precisa de mentiras para manter a existência."

Mas onde adquirira Roquette-Pinto tais sentimentos e convicções com respeito à responsabilidade no deflagrar da Guerra do Paraguai? Teria sido em Assunção, por ocasião de sua estada de vários meses como professor na Universidade?

Indicou-o, em 1929, o seu amigo Aloísio de Castro, então diretor da nossa Faculdade de Medicina, para inaugurar, como professor visitante, o Curso de Fisiologia Experimental da Universidade de Assunção. Sabe-se quanto foi, mais do que amigo, um apaixonado do Paraguai; e quanto foi retribuído em gentileza e compreensão. Aos paraguaios transmitia, inclusive com a sua beleza, elegância e maturidade desse ano de 1920, a impressão de um humanista, de homem do Renascimento ou do século XVIII. Chamavam-no, lá, "embaixador das idéias e dos sentimentos do povo brasileiro" – é o que nos relembra o Sr. Modesto Guaggiari, um diplomata paraguaio.

Se 1920, porém, é um ano culminante na existência de Roquette-Pinto, e se aconteceu, nessa estada no Paraguai, algo tão indicativo de sua passagem por ali – isto se deve principalmente ao valor de sua aula inaugural. Intitulou-a "Conceito Atual da Vida". É uma conferência, na verdade, e corre hoje mundo, impressa à parte, como peça independente da bibliografia roquettiana. Roquette se revela em estado tipicamente goethiano nessa aula em forma de conferência: é que realiza, ao longo de suas páginas, uma espécie de passeio de diletante por todas as ciências, tocando de passagem em problemas de todas elas: a Biologia, a Química, a Filosofia cartesiana. Mas assinalável, nestas páginas do "Conceito Atual da Vida", é um sentimento, direi melhor, uma sensação de otimismo, de euforia, de confiança no progresso e de fé na Ciência – tudo o que parece mais renaniano do que goethiano.

Duas afirmações, afinal, que encerram esse pequeno volume, lembram a sua fidelidade ao doutorando de 1906. Na verdade, estas duas proposições finais de "Conceito Atual da Vida" coincidem surpreendentemente com algumas das proposições da tese *O Exercício da Medicina entre os Indígenas.*

Uma das afirmações: "O diagnóstico e a terapêutica conseguirão um dia a certeza definitiva; e será isso milagre da Fisiologia."

A outra: "Bendita a Ciência que consegue conferir ao homem a posse de si mesmo, mostrando-lhe como seus ódios são condicionados pelas reações de seu cérebro, que um dia ela transformará de selva agreste de egoísmos em roseiral e fraternidade."

Isto representava ao menos uma coerência no materialismo, na convicção de que o ódio e o amor, como os demais sentimentos, são produtos do cérebro. Melhorará a humanidade, mudar-se-á o egoísmo em altruísmo, à proporção que se aperfeiçoar o cérebro humano...

E conclui Roquette a sua aula inaugural em Assunção com esta profissão de fé na Ciência e na Medicina:

"Por minha parte, encontro uma beleza majestosa na Ciência que concebe os supostos caracteres do homem integrados nas forças naturais, dominadoras e eternas."

Última é um modo de dizer: aqui está o que realmente constitui o fecho da conferência, as suas palavras finais, tanto mais sóbrias quanto mais eloqüentes, substanciais e expressivas.

"Eu me felicito que o torvelinho da minha vida me tenha trazido até vós outros, senhores do Paraguai, terra sagrada para as gerações republicanas de minha querida Pátria."

Só com a lembrança das circunstâncias será possível avaliar da elegância como da superioridade dessa frase. No ensejo da missão cultural de Roquette-Pinto ao Paraguai, faziam-se sentir ainda muito vivamente os ressentimentos e prevenções decorrentes da guerra. Pois bem: o professor brasileiro, em tal atmosfera, profere toda essa aula inaugural sem qualquer apelo ao esquecimento e abertura de novas relações entre os dois povos. Desde o primeiro período da aula escrita e preparada, entra na matéria científica do curso, sem a mais leve ou indireta alusão política, diplomática, sentimental; e assim prossegue até o fim. Sem poder corretamente declarar no Paraguai a sua convicção sobre a responsabilidade do Brasil no deflagrar da guerra, o que só fará em território brasileiro, compreendeu também quanto seria constrangedor ou vulgar proferir uma defesa, uma explicação, uma justificação. Ali, naquela cátedra de Assunção e naquele ano de 1920, tudo a este respeito seria descabido: demais ou de menos. Então, somente no fecho, naquela última frase expressiva, mas sem ênfase – tudo deixou dito e entendido, ao afirmar que, no seu País, "para as gerações republicanas" o Paraguai constitui uma "terra sagrada".

Cientificamente, o seu êxito no Paraguai fora perfeito. Ao lado das qualidades intelectuais e de sedução pessoal, Roquette-Pinto conhecia excelentemente a matéria.

Refere-nos Gastão Cruls que Álvaro Osório de Almeida, ao retornar de sua primeira viagem à Europa, havia instalado um laboratório na própria residência, à Rua Almirante Tamandaré, para experiências e trabalhos de Fisiologia. Aí Roquette-Pinto, com seu colega de turma e amigo íntimo, iniciaria os estudos que o levariam vinte anos depois à missão de inaugurar com um curso a cátedra de Fisiologia Experimental na Universidade de Assunção.

Sentimentalmente, das suas lembranças e encantos do Paraguai – que fale o próprio Roquette-Pinto neste trecho de uma conferência proferida na Academia Brasileira:

> Mais tarde, os encantos do Paraguai são tão grandes, tão numerosos e tão sub-repticiamente tomam conta da alma da gente, que não tive outro remédio senão prender-me algum tempo nas malhas do *nhanduti*, essas rendas frágeis que as mulheres fazem despreocupadas de todo o interesse e que deveriam estar hoje figurando em todas as revistas, em todos os tratados de etnografia, porque estão aí estilizadas as coisas de sua terra.

E o opúsculo, tese, memória – quem o dirá? – que dedicou a essas rendeiras, ao escrever a *Nota sobre o "nhanduti" do Paraguai*, sempre recordará aquela etapa culminante de sua carreira de cientista moço, de professor entusiasta e de brasileiro em apogeu de sociabilidade no estrangeiro.

Publicou, alguns anos mais tarde, em 1927, no Boletim do Museu Nacional, esta monografia de tão evidente interesse para os estudos de folclore no continente sul-americano.

Chegara Roquette-Pinto à plenitude de sua personalidade – com o sucesso pessoal do curso de Fisiologia no Paraguai – e de sua realização de autor – com alguns dos melhores ensaios, estudos, monografias, obra escrita culminando em *Rondônia* – ainda na juventude. Não é de admirar, não vinha constituir exceção. A frase de La Rochefoucauld: *La jeunesse est une ivresse continuelle: c'est la fièvre de la raison...* aplica-se ainda mais aos cientistas do que aos escritores e artistas. Lembremo-nos que foi com trinta anos que Lavoisier revolucionou a Química; só contava Newton 24 anos, quando lhe ocorreu a idéia da gravitação universal; Galileu não passava dos dezenove anos ao descobrir as leis do pêndulo. E para os jovens cientistas se têm aberto as portas do Instituto de França: Berthollet, com 32 anos; Fourcroy, com trinta; Biot, com 29.

Quanto a Roquette-Pinto, entre os vinte e os trinta anos, escreveu alguns dos seus melhores ensaios e realizou algumas das suas mais originais conferências; com 32 anos, publicou *Rondônia*; com 36, deu o curso no Paraguai e divulgou o ensaio *Euclides da Cunha Naturalista*; aos quarenta, elaborou o plano irrealizado de suas obras completas; aos 43, empossava-se numa das Cadeiras da Academia Brasileira; aos cinqüenta, por fim, proclamou a síntese do seu pensamento nos parágrafos do Credo.

Daí por diante, a obra escrita será feita de variações e notas convergentes, mas sem grandes descobertas ou novidades; e se não entra em decadência

é que fora sempre homem de ação e dos 45 aos setenta anos o gosto da ação empolga-o como educador, como fundador, como pioneiro no Brasil em matéria de rádio e de cinema educativo.

## XII
## O PLANO DAS "OBRAS COMPLETAS"

Tenho em mãos um documento talvez inédito, de qualquer forma raríssimo, hoje desconhecido e que não encontrei citado em parte nenhuma: um quadro das *Obras Completas de E. Roquette-Pinto*, segundo o seu próprio planejamento nunca executado. Em 14 volumes imaginara a publicação em conjunto das obras que já escrevera e das que planejava escrever. É sintomático que devesse intitular-se o último volume *Contribuição ao Estudo Antropológico do Homem Brasileiro*; e bem podemos hoje calcular, igualmente, o conteúdo como o significado de duas obras projetadas com estes títulos: *A Guerra do Paraguai* e *A Vida dos Animais*.

Por se tratar de uma contribuição de tão evidente interesse, pelo seu ineditismo ou pela sua raridade, e para que venha a ser respeitado, no caso da publicação em qualquer época de todas as suas obras, ordenada e uniformemente, vamos transcrever na íntegra este quadro das *Obras Completas de Roquette-Pinto*, segundo o documento que encontramos nos arquivos reservados da Academia:

1.º volume – *O Exercício da Medicina entre os Indígenas na América* – Tese de doutoramento – Rio, 1906.

2.º volume – *Biologia,* com as seguintes partes: Nota sobre a fauna cadavérica do Rio de Janeiro – Rio, 1908; Sobre um caso de prenhez quádrupla – Rio, 1909; Ectopia congênita do rim esquerdo – (Boletim da Soc. Med. dos Hospitais, Ano 2, n.º 7) – Rio, 1909; Um caso raro de sínfise renal no homem – Rio, 1909; Dinoponera Grandis. Memória de docência à Faculdade de Medicina – Rio, 1915; Nota sobre o Microsporum felineum (Folha Médica) – 1920; O Guaraná, Nota sobre a ação fisiológica da Fava Tonka – (Boletim do Museu Nacional, n.º 2) – Rio, 1924; Relatório da Viagem ao Paraguai (Folha Médica).

3.º volume – *Antropologia e Etnografia*, com as seguintes partes: Etnografia indígena do Brasil (Relatório para o Congresso Médico Latino-Americano) – Rio, 1909; Die indianer nambiquara (Nota enviada ao 18.º Congresso de Americanistas) – Londres, 1912; The indians of Serra do Norte (Mato Grosso – Brasil), a Condição da criança entre os indígenas do Brasil, Psicologia da Arte indígena (Arquivos de Medicina Legal) – Rio, *Anthropology and Etnography of Brazil* – Londres, 1912; Um problema de Antropologia aplicada (*Jornal do Commercio*) – Rio, 1914; A questão das raças em Versailles, *O Imparcial* – Rio, 1918; A paz e a antropogeografia, *A Época* – 1919, *Note sur la situation sociale des indiens du Brésil* – Paris, 1911; Nota sobre um caso de simulação (Arquivo de Medicina Legal) – Lisboa; A caminho de um paraíso – Saúde – 1918; Um manto real de Hawai – (Boletim do Museu Nacional, n.º 1, 1923) – Rio; Nota sobre o *nhanduti* do Paraguai.

4.º volume – *Rondônia* – 1.ª edição – Rio, 1916; 2.ª edição, Rio, 1917.

5.º volume – *Contribuição para a Anatomia das Raças Humanas* – Dissecção de uma índia do Brasil (em colaboração com o Prof. Benjamin Batista).

6.º volume – *Excursão às lagoas do Rio Grande do Sul*. Relatório – Rio, 1912.

7.º volume – *Guia de Antropologia do Museu Nacional* – Rio, 1915.

8.º volume – *Mineralogia* – Rio, 1918.

9.º volume – *Discursos e Conferências*: Aborígenes e Etnógrafos – Anais da Biblioteca Nacional, volume V, – Rio, 1916; Discurso do Instituto Histórico – *Jornal do Commercio* – 1918; o Brasil e a Antropogeografia – Rev. do Brasil – Dezembro, 1916; Conceito atual da vida – Assunção, 1920 – Rio, 1922; Nossa gente – Rio 1921; Tiradentes – Rio, 1924; 3 de Maio – Rio, 1917; Centenário do Museu Nacional – Rio, 1919; Euclides da Cunha Naturalista – Rio, 1917; Palavras na Rádio Sociedade – Rio, 1923; Vicente de Carvalho – Rio, 1924.

10.º volume – *Seixos Rolados* (contos): O pioneiro – *O Imparcial* – Junho, 1918; O segredo de Mauer – Imp. Fco., 1920; Manchas de Sol – Imp., 1918; As borboletas de Werther – Junho, 1918; A Poesia das estradas –

Saúde – Julho, 1918; Águas e Fagulhas – Imp., 1918; Conto de Natal; A canoa. A relíquia de Abel, O velho ninho – Imp., Junho, 1918; Maria Carmen.

11.º volume – *Notas de Estudos*: Um informante do Imperador Pedro II – Rev. do Brasil – Junho, 1918; Limites interestaduais, Alberto Loefgren – Rev. do Brasil – Setembro, 1918; A correspondência do Cônsul Sturtz – Rev. do Instituto Histórico; Um jubileu científico – Rev. do Brasil – Junho, 1918; e outros artigos de vulgarização científica.

Em preparo:

12.º volume – *A Guerra do Paraguai.*

13.º volume – *A Vida dos Animais.*

14.º volume – *Contribuição ao Estudo Antropológico do Povo Brasileiro.*

É fácil verificar-se que Roquette-Pinto assim planejou as suas *Obras Completas* nas vésperas da eleição para a Academia: a última data assinalada entre os trabalhos distribuídos é 1924 e não existe nenhum datado de 1927 para a frente. Fará cada ouvinte ou leitor suas próprias reflexões e face dessa ordenação e enquadramento da obra roquettiana. Queremos apenas assinalar uma curiosidade em matéria de transposição de títulos. Não aparece ainda o título *Samambaia*, aliás, de um livro que só se publicará em 1934. Vê-se, porém, que os contos de *Samambaia* já existiam de há muito e estavam ajuntados num volume que deveria intitular-se *Seixos Rolados*. Por sua vez ensaios que viriam a constituir capítulos do volume publicado em 1927 com o título *Seixos Rolados*, como outros tantos de *Ensaios Brasilianos*, achavam-se destinados à publicação, segundo esse primitivo planejamento, em volumes sob os títulos *Discursos e Conferências* e *Notas de Estado*, que, aliás, nunca apareceram.

## XIII
## O PRINCIPAL É "FAZER"

Por que ficou Roquette-Pinto como criador apenas de uma só grande obra especialmente construída e acabada em si mesma, a *Rondônia*, embora autor também, durante toda a vida, de tantas obras valiosas, mas fragmentárias, como de tantas monografias originais, mas limitadas em suas dimensões e preparadas no ritmo das circunstâncias?

Por que, a partir dos 45 anos, não digo que preferiu, mas de qualquer modo consentiu que a ação passasse a ocupar o principal espaço de sua vida e de suas preocupações? Empolgava-o a outra margem da existência, a das coisas práticas e com utilidade direta para a comunidade; fascinava-o, como educador e pioneiro, a missão de ensinar, mesmo imperfeita ou incompletamente, ensinar de modo precípuo com o exemplo, seja em seus escritos, seja em seus atos.

Representaria isto, talvez outro atendimento a mais uma sugestão de Goethe, no *Fausto*, ao proclamar que no princípio era a Ação, e não o Verbo. Sim, uma autêntica doutrina goethiana, em vez de mera sugestão. No *Segundo Fausto*, reafirma Goethe que a melhor maneira de responder o homem ao apelo do divino é agir, utilmente. E só por isso, a despeito de todos os crimes e blasfêmias, é que o Fausto se salva e ainda merece o reino dos eleitos. Por outro lado, encontramos a mesma conclusão no *Wilhelm Meister*, quando o herói do romance goethiano acaba por compreender que a verdadeira missão do homem é renunciar, não ao seu individualismo, mas ao seu egoísmo – e agir, e fazer obras úteis à comunidade.

Assim, tendo lidado com tantas ciências, tantas formas de expressão, tantas atividades, Roquette-Pinto, como era natural, não foi perfeito, nem completo em nenhuma delas. O essencial, porém, é que, vencendo o individualismo e o egoísmo, realizou a sua personalidade em obras escritas e atos, fez sempre o que lhe parecia necessário, cumpriu o seu papel.

Fazer: eis o essencial, na verdade. Roquette preferiu arriscar-se, e fazer; realizar-se na imperfeição, mas fazer. Não ficou como certos espíritos acorrentados em estreiteza, inveja, ressentimento, mesquinharia e secura de alma – que se gastam todos na empresa de escrever durante toda a vida *o que se deve fazer e como se deve fazer*, em vez de fazerem eles próprios alguma coisa, o que seria o melhor exemplo e estímulo para os jovens.

Como devem sofrer na impotência de criar, de produzir, de realizar alguma coisa – estes pequenos teorizadores de conselhos monocórdicos e divulgação das "últimas" receitas do estrangeiro! Como devem sofrer os estéreis que só sabem dizer e repetir, monotonamente, como se deve criar uma obra – e não são capazes nunca de criar uma obra qualquer, ainda que defeituosa, incompleta e imperfeita! Eis o que, na vida literária e científica, constitui realmente o inferno: esta atmosfera não de fogo, mas de gelo, em que se de

batem os seres privados da alegria de produzir, do talento e da capacidade de realizar-se em obras.

É um sinal de impotência, de incapacidade, como efeito, esta prisão angustiante numa mesma nota de repetição para dizer como se faz Ciência, ou Poesia, ou Romance, ou crítica, na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos. E não fazem nada, afinal, estes meros divulgadores do que se está fazendo no estrangeiro, não raro – sou forçado a acreditar – mediante resumos de revistas, índices de livros, neste afã de citação das "últimas novidades", em número de obras que não poderiam nelas aprofundar-se ou ler sequer, ainda que fossem *a lei da vida dilatando* ou tivessem por si a imortalidade, mesmo essa tão discutível *imortalidade acadêmica.*

Deixava Roquette-Pinto para as suas aulas de professor, para um ou outro espaçado artigo de jornal, para um ou outro raro capítulo de livro – esta tarefa de dizer *como se faz e como se deve fazer*, de acordo com os modelos mais adiantados da cultura estrangeira. Imaginem se Roquette houvesse consumido a vida toda a repetir, na regularidade e monotonia dos relógios, como Bergson fazia Filosofia ou como Eistein fazia Física, como Bédier realizava experiências em Fisiologia ou como Boas renovava a Antropologia – então, ele não teria escrito e não nos teria deixado a *Rondônia*, os *Ensaios de Antropologia Brasiliana,* os capítulos de *Seixos Rolados*, os *Ensaios Brasilianos*, a conferência sobre o *Conceito Atual da Vida*, o estudo *Antropologia* para a introdução do catálogo de coleções do Museu Nacional e tantas conferências, tantos ensaios, tantos artigos de jornal, tudo largo e construtivo ainda que em pequenas dimensões.

Sabia Roquette-Pinto que, num país como o Brasil, ainda em preparação e formação, mas já ansioso de empreendimentos e realizações, o principal não é dizer *o que se deve fazer* ou *como se fazer*, mas fazer. E por isso é que – homem generoso e espírito realista – não quis transformar em pílulas de ministração periódica as suas idéias e doutrinas, os seus princípios científicos ou estéticos, mas deu-lhes, isto sim, corpo, alma, vida em obras realizadas. E obras realizadas como eram possíveis de acordo com as condições de sua personalidade de brasileiro e as condições da vida cultural em nosso meio.

A este respeito, aliás, Roquette-Pinto sempre se mostrou um perdulário, um mão-aberta, tanto em relação ao que colhia em pesquisas científicas

como à sua capacidade de elaboração em texto e linguagem. Muitos trabalhos seus – e dos mais valiosos, alguns deles com extraordinário valor científico, inclusive entre os que estamos citando – nem foram sequer incluídos nos volumes de ensaios e estudos, nem foram reeditados, nem eram mesmo mencionados pelo autor ou incluídos na bibliografia que entregava para o *Anuário* da Academia. Deixou-os adormecidos não só em opúsculos, revistas, jornais; deixou-os escondidos em anais de Congressos, atas científicas, nos Arquivos e Boletins do Museu Nacional. Para conhecê-los todos – tive que muito procurar e muito pesquisar em bibliotecas e arquivos. Em outro plano, por exemplo, poucos se recordaram que de sua passagem muito rápida pelo Gabinete Médico-Legal deixou escrita em 1911 uma memória sobre a fauna cadavérica no Rio de Janeiro, experiência e realização de juventude que seria mais tarde, não obstante, ponto de partida para estudos do grande naturalista Luderwaldt, e que também no período para ele tão agradável de professor de História Natural no Instituto de Educação, naquele tempo Escola Normal, escreveu para as suas alunas um breve tratado *Elementos de Mineralogia* (1916), mas elementos de mineralogia no Brasil e pelo Brasil.

Estava Roquette-Pinto, porém, muito consciente da sobrevivência da sua obra, bem certo de que durante um século não se escreverá sobre antropologia ou sobre o indígena no Brasil, assim como sobre educação ou rádio, sem que se consulte o que ele deixou escrito a este respeito. Isto mesmo declarava, ele próprio, a Humberto de Campos, numa das sessões acadêmicas das quintas-feiras. É certo contar-se hoje, por outro lado, que nos últimos tempos, nas proximidades da morte, com uma melancolia de quem sente frustração ou incerteza quanto ao que fora realmente o seu destino em relação com o que poderia e deveria ter sido, costumava dizer:

"Nasci para general e não cheguei senão a capitão."

De outra natureza, no entanto, são as palavras de confiança e segurança que Humberto de Campos registrou no seu *Diário Secreto* como ouvidas de Roquete-Pinto:

> Humberto, eu sou, talvez, mais vaidoso do que você supõe. Eu não me desinteressei da minha Ciência predileta, a antropologia, porque estou inteiramente tranqüilo em relação à conservação do meu nome, nos seus anais. Dentro de

> um século, não se escreverá sobre raças, especialmente sobre os índios, assim como sobre educação e sobre rádios no Brasil, sem subir as escadas do Museu Nacional ou das Bibliotecas para consultar o que eu deixei... Tudo que um homem de pensamento aspira, e que é a sobrevivência na memória dos homens de amanhã, eu tenho como certo. Agora, o meu desejo é divulgar o conhecimento das maravilhas da Ciência moderna nas camadas populares. Essa a razão dos estudos que estou agora realizando. Eu quero tirar a Ciência do domínio exclusivista dos sábios para entregá-lo ao povo.

## XIV
## PROFESSOR DE ALTA CIÊNCIA E EDUCADOR POPULAR

De outra maneira, na expressão feliz de Aloísio de Castro, temos Roquette-Pinto a aparecer – "a um tempo como professor de alta Ciência e como educador popular". Na verdade, é só correr livros e artigos de jornal, é só percorrer-se toda a atividade de Roquette-Pinto – e ver-se-á ao mesmo tempo, às vezes no mesmo dia, ora "o professor de alta Ciência", ora "o educador popular".

Encontro facilmente dois exemplos ilustrativos. Aqui está um artigo ligeiro de Roquette-Pinto sobre um concurso de misses no Brasil, pois ele não desdenhava, nem achava fútil qualquer assunto. Sem dúvida, é preciso ter seriedade de espírito para escrever superiormente sobre um tema frívolo, ainda que em fórmulas graciosas ou em produções de circunstâncias. Um concurso de misses representava, neste sentido, excelente pretexto para lições amenas de eugenia, de antropologia e de sociologia por parte de um "educador popular".

De outro lado, porém, vamos encontrar o "professor de alta Ciência" a participar, com uma tese importante, do Congresso de Língua Nacional Cantada, reunido em São Paulo no mês de julho de 1937. Intitulava-se *Contribuição à Fonética Experimental do Português Falado no Brasil* – a tese de Roquette. É um trabalho de pequena extensão, mas original, produto de pesquisas e experiências diretamente suas, como se vê por este período inicial:

> Em 1926 principiei algumas pesquisas de fonética experimental sobre o português falado no Brasil. Os trabalhos foram realizados no mesmo labo-

ratório do Museu Nacional. Tomei numerosos gráficos de palavras e frases pronunciadas por indivíduos de várias regiões do País e alguns portugueses. A técnica empregada constituiu no registro, um papel enfumaçado, num quimiógrafo.

Contendo apenas umas poucas páginas de introdução, a tese compõe-se, na verdade, da apresentação das variantes de três palavras, segundo a técnica e o processo empregados pelo mestre Roquette em suas observações e verificações.

*Companhia* = Companhia (Rio de Janeiro)
Compania (E. do Rio, Minas)
Compãnia (Nordeste).

Foi como homem de ação, como vanguardeiro em matéria de iniciativa e realizações – mas, sobretudo, como *educador popular* – que criou em 1923 a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, e fundou-a, na Academia Brasileira de Ciências, precisamente como um instrumento para a propaganda educacional. Passou-a, em 1936, para o Ministério da Educação, na impossibilidade de mantê-la, em propriedade particular, a salvo da comercialização pelos anúncios. Em 1934, reaparece o Fundador do Rádio no Brasil – e cria a Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro, hoje a Rádio Roquette-Pinto. Em 1936, outra vez o Fundador em cena – e fundador e primeiro diretor do Instituto Nacional do Cinema Educativo. Por fim tocou pessoalmente na suprema invenção que reúne o rádio e o cinema. Antes de morrer, foi-lhe dado ver a televisão difundida vastamente. Mas foi seu – fabricado por suas mãos – o primeiro e naturalmente rudimentar aparelho de televisão aparecido no Brasil. Pouca gente o sabe, mas este aparelho se encontra no Museu Histórico.

"Para nós", escreveu Roquette-Pinto, "o ideal é que o Cinema e o Rádio fossem, no Brasil, escolas dos que não têm escola". E aqui está outra expressiva frase sua: "O Rádio e o Avião respondem pelo futuro." Contudo era com certa melancolia e mesmo apreensão que imaginava esse futuro de um interior do País devassado: "Por sua vez o matuto vai recebendo com o trem de ferro, o rádio, o cinema, a infiltração das tentações do moderno que secam, na sua alma ingênua, as melhores verdades da sua antiga educação."

Via tudo em termos de educação e de progresso do Brasil; e achava que em nosso País cheio de problemas havia duas coisas essenciais: uma, vencer a distância; a outra, aumentar a eficiência do homem que trabalha. Explicava-se: "Vencer a distância – no plano espiritual, intelectual e moral – é o fim que se chama *educar*; e *educar* é sempre aumentar a eficiência do homem que trabalha. Dizem muitos, o Brasil *precisa de braços*, mas a verdade é que o Brasil precisa, antes de mais nada, aproveitar os braços que tem."

Dividia-se Roquette-Pinto não só entre atividades, mas entre artes várias. Sabia compor musicalmente, e deixou algumas partituras, como a da "Folha Solta", de Vicente de Carvalho, e uma Ave-Maria dedicada à filha. E é um crítico da categoria e do rigor de Eurico Nogueira França que afirma que Roquette-Pinto "encarou a música não só como cientista, mas, igualmente, como artista, para seu prazer individual".

De fotografias por ele pessoalmente feitas do Corcovado e do Outeiro da Glória – com uma teleobjetiva pela adaptação de uma lente de binóculo a uma máquina de retrato – tirava gravuras numa prensa, também de sua invenção, fosse heliogravura, água-forte ou fototipia. Com elas gostava de presentear os amigos.

Tinha o dom, o gosto, a técnica do trabalho manual; sempre o cultivou, até como compensação, de acordo com a frase de Augusto Comte captada no tempo de estudante de Medicina: "O trabalho manual é a salvação do pensador."

Se em grego técnica é sinônimo de arte, como processo de fazer, na concepção spengleriana técnica é tudo o que se faz com as mãos. E esta era uma técnica de Roquette-Pinto: a das mãos.

Numa admirável reportagem publicada no *Jornal de Letras*, em torno da figura, de idéias e de hábitos de Roquette-Pinto, conta-nos Francisco de Assis Barbosa que "ele construiu com as suas próprias mãos, que a doença ia deformando, o aparelho de diatermia, colocado ao pé o leito"; e que "montava e desmontava o rádio de cabeceira, fazendo experiências de ondas curtas e longas". Acrescenta Francisco de Assis Barbosa que no apartamento outros aparelhos encontrou de invenção e fabricação do dono da casa: "A máquina de fazer gelo, o barômetro, o telescópio, o ampère-metro."

Entretanto, o sábio continua entregue a estudos e pesquisas de vária natureza. Quando já não mais estava possuído de força criadora, ainda assim a curiosidade continuava nele tão aguda e tão incontentável quanto na juventude. Levantava documentações, buscava dados e números, promovia estatísticas. A uma delas – por ser pouco conhecida e por se tratar de um verdadeiro cálculo de discriminação racial em nosso País – retiro agora das páginas da *Revista de Imigração e Colonização*, onde Roquette-Pinto apresentava, em 1940, este quadro de distribuição da população brasileira: Brancos – 51%; Mulatos – 22%; Caboclos –11%; Negros – 14%; Índios – 2%, sem contar aí, porém, a existência ainda em nosso território de 300 mil índios selvagens.

## XV
## O "CREDO" DE ROQUETTE-PINTO

Está datada de 4 de julho de 1935 – quando já atingido pela espondilose, mas ainda distante da decadência física dos últimos tempos – uma das páginas mais extraordinárias de Roquette-Pinto, tanto pelo valor de sua expressão formal e estilística quando pelo que significa como síntese do pensamento roquettiano na maturidade. Pela coragem das afirmações anti-religiosas ou pela negação seguramente intencional dos fenômenos de sobrenaturalidade, faz-nos lembrar o testamento filosófico de Renan; e sugere, no plano talvez ainda mais impressionante da ficção, o documento para depois da morte do personagem Jean Barrois no romance de Roger Martin du Gard.

Trata-se de um *Credo*, escrito a pedido dos jovens do Clube da Cultura Moderna. Não há como resumi-lo ou comentá-lo. É preciso conhecê-lo em todos os seus termos para conhecer-se realmente a figura humana, as idéias, o pensamento, a coragem intelectual, a filosofia de Roquette-Pinto:

> Recebo o convite para depor neste inquérito como verdadeira intimação, formulada em nome dos mais sagrados interesses coletivos. É hora das definições. Todos quantos assumiram, em consciência, compromissos com os seus pares ou com os seus discípulos não podem mais engrossar o bando das "almas flutuantes" de que fala Augusto Comte. Vivendo à margem das agitações políticas de toda espécie, engolfado com vivo entusiasmo na obra de edu-

car o meu povo, por todos os meios ao meu alcance, até hoje não falei, para não aumentar o coro dos inquietos...

Se me interrogam, porém, calar seria extinguir, por mim mesmo, os poucos e tênues raios de luz que o destino consentiu surgissem na minha existência.

Creio que o homem e a natureza são exclusivamente governados por leis imutáveis, superiores a quaisquer vontades;

Creio que a Ciência, integrando o homem no universo, criou em sua mentalidade ao mesmo tempo uma infinita modéstia e uma sublime simpatia para com todos os seres;

Creio que a Ciência, mostrando ao homem como o ódio e o amor são condicionados pelas reações do seu cérebro, deu-lhe a posse de si mesmo, permitindo que ele se transforme e se aperfeiçoe à custa das suas próprias forças;

Creio que a Ciência, a Arte e a indústria hão de transformar a terra no Paraíso que os nossos avós colocavam... no outro Mundo;

Creio que, ao lado das grandes forças egoístas que vivem no coração dos homens, jazem ali tesouros imensos de altruísmo e fraternidade que a vida em comum há de fazer desabrochar cada vez mais;

Creio nas leis da Sociologia positiva e por isso creio no advento do Proletariado, conforme foi definido por Augusto Comte, que nele via uma sementeira dos melhores tipos "realmente dignos da elevação política";

Creio, por isso, que a nobre missão dos intelectuais – mormente professores – é o ensino e a cultura dos Proletários, preparando-os para quando chegar a sua hora;

Creio que, sendo muito difícil conciliar os interesses da Ordem com os do Progresso, muitas vezes antagônicos, só existe um meio de evitar perturbação e desgraças: resolver tudo à luz do altruísmo e, principalmente, da fraternidade;

Creio que a ordem material deve ser mantida, mormente no interesse das mulheres, que são a melhor parte de todas as pátrias, e das crianças, que são a pátria do futuro;

Creio que no estado de inquietação do Mundo Moderno só há um meio de manter a ordem material: é garantir a mais ampla, absoluta e definitiva liberdade espiritual;

Creio cegamente no postulado de Fritz Muller: "O pensamento deve ser livre como a respiração."

Uma afirmação aí ressurge – como numa cadeia ininterrupta: 1906, 1920, 1935 – da tese de doutoramento, já repetida na aula inaugural em Assunção: que o ódio e o amor são condicionados pelas reações do cérebro. Falei antes, a propósito deste *Credo*, na filosofia de Roquette-Pinto. Na verdade, ele não tinha nenhuma. E se lhe fossemos emprestar alguma, pela necessidade de rotular ou caracterizar-lhe o pensamento, esta seria a Fenomenologia, no que possa ser conceituada de menos sistemática, concebida como um alargamento do racionalismo. Fenomenologia como expressão filosófica de um pensamento racionalista e idealista, pela situação oferecida ao *Eu* transcendental; e empirista pelo papel soberano que confere à experiência, pelo lugar concedido aos elementos anteriores ao julgamento, pela importância atribuída a uma passividade primitiva.

## XVI
## A FIGURA HUMANA

Via-se e em tudo sentia-se que Roquette-Pinto era um ser destinado ao sucesso, à glória, à felicidade. Fadado ao poder pela influência, pela ação e pelo encanto pessoal. Embora houvesse escrito certa vez: – "Feliz? Só é feliz quem esquece" – em outro passo deixou esta confissão mais explícita: "Como sou feliz! Com o suor do meu trabalho tenho ganho mais do que o pão: a alegria!"

Gostava das mulheres, dos prazeres do corpo, de todas as coisas agradáveis da vida. E amava a natureza, indianista nostálgico do estado de natureza, que considerava talvez tão idílico e bem-aventurado quando Montaigne ou Jean Jacques Rousseau. Uma das informações mais curiosas e pitorescas que nos oferecem os familiares de Roquette-Pinto – e, entre eles, o fiel Mateus – é aquela de haver organizado o autor de *Rondônia* uma tribo com os filhos e amigos mais diletos, localizada a princípio num sítio da Barra da Tijuca, depois nas proximidades de Petrópolis. Andavam todos de indígena; e Roquette, com um cocar à cabeça, era o cacique, com o nome de Iuiraçu, o que significava: gavião de penacho. Quando chegava um visitante ilustre, como o amigo fraternal Afonso de Taunay, a tribo o recebia com um toque de tuba, seguido de uma saudação em tupi.

A este espírito assim jovial, no sentido humano, e tão livre, no sentido do pensamento, estava reservado, no entanto, o destino da purificação pelos

sofrimentos e sacrifícios físicos. Traz-nos à memória a frase misteriosa de Nietzsche: "Aquele que libertou o seu espírito deve ainda purificar-se."

Na verdade: aquele que sonhara para si próprio um "corpo olímpico" e um "caráter de herói" (conforme se retratava em *Samambaia* por intermédio da figura do avô João Roquette), belo, elegante, alegre, sensual e feliz – seria atingido, antes da velhice, pela humilhação de uma doença deformante, tornando-o dobrado e curvado pelo avançar do processo degenerativo da espinha vertebral.

Foi assim que já o conheci, em princípios de 1946, na única vez em que nos encontramos e estivemos juntos. Sucedeu que ao meu livro *Rio-Branco* fora concedido o mais valioso prêmio literário daquela época – o Prêmio Pandiá Calógeras, distribuído pela Associação Brasileira de Escritores – e fui informado de que para essa escolha de um júri de cinco membros, o voto de Roquette-Pinto, que dele fazia parte, pesara como decisivo, no julgamento. Visitei-o, então, em seu gabinete no Instituto Nacional do Cinema Educativo, onde conversamos durante umas duas horas. Dois juízos generosos e estimuladores que proferiu a meu respeito – nem sequer posso reproduzir algumas partes. Não posso repetir o que me declarou sobre o valor e o significado da minha crítica literária – desde que a nossa conversa foi a dois, e um de nós já morreu. Mas dos seus íntimos, de alguns dos seus discípulos, da sua filha, de muitos ouvi, depois de sua morte, que o meu nome figurava numa pequena lista de pessoas que o mestre de *Rondônia* desejava viessem a pertencer aos quadros da Academia.

Contudo, não é esta imagem – a de um homem na velhice, e já dobrado e desfigurado – que desejo recolher e guardar de Roquette-Pinto. Prefiro fixar e imobilizar, como representação do meu antecessor na minha memória ou na minha lembrança, a figura ainda jovem e saudável que contemplo, por exemplo, neste retrato tirado na Biblioteca da Academia, de rosto cheio e corpo um pouco voltado para trás, no movimento de um riso largo e saudável, vestido de branco à moda tropical, belo porte, seguro de si mesmo, acho que ele estimaria que eu dissesse: goethiano. E este mesmo Roquette-Pinto é que vou procurar e identificar em alguns dos seus ambientes prediletos ou característicos.

Primeiro, no seu pequeno apartamento na Avenida Beira-Mar, conservado com todos os seus objetos e arrumações, que visitei com o meu amigo e

companheiro Francisco de Assis Barbosa, logo após a minha eleição, seis meses depois da morte de Roquette-Pinto. Encontrei aquela mesma mesa de trabalho cercada de estantes e que assim, atulhada de livros, revistas e aparelhos, "seria mais a banca de algum alquimista, a lidar com instrumentos estranhos e ferramentas bisonhas, tudo de mistura a tubos de ensaios, frascos de reagentes, retortas e matrizes".

Quem naquele apartamento me oferecia, porém, uma visão real de Roquette-Pinto era a sua filha – e sua colaboradora na Rádio Sociedade Brasileira, no Museu Nacional e no Instituto Nacional de Cinema Educativo – Sra. Beatriz Roquette-Pinto Bojunga. A este cientista, também um escritor e um artista, que amava a Beleza, na ordem estética, tanto quanto a Verdade, na ordem científica, ou o Bem, na ordem moral – a ele, deu-lhe o destino uma filha bela, vibrante, inteligente e vivaz, talvez o seu único grande e autêntico amor, ao mesmo tempo concreto e espiritualizado, por isso mesmo duradouro, e também uma criatura feminina para ele fascinadora, que o amou, por sua vez, de maneira tão apaixonada e absorvente como teria desejado o amor este Goethe a tal respeito descontente e frustrado. Foi para ela que apelou na hora da morte e foi com ela que trocou as suas últimas palavras.

Agora nessa tarde inteira passada no apartamento de Roquette, não é só dos livros, dos objetos, dos papéis que me vem uma sensação de presença de sua personalidade. Quem me transmite esta sensação, ao mesmo tempo natural e artificial, é a admirável e tão humana Beatriz, que ora chorava o pai por detrás dos óculos escuros, ora voltava a tornar-se radiante para de olhos límpidos evocá-lo ao vivo. Recitou-me muitos versos de Roquette. Mostrou-me móveis, objetos, livros, fotografias, documentos, relíquias do pai. Desculpava-se a toda hora da desordenação e trepidação com que saltava de um assunto para outro, entrecruzando no espaço e no tempo as linhas de suas lembranças, evocações, reconstituições.

Mas será (perguntava-me) que ela não compreende achar-se naquilo mesmo, naquela sua trepidação de gestos e desordenação das coisas relembradas – o interesse, o encanto, a autenticidade da ressurreição que estava realizando da figura do pai? Lembro-me bem, aliás, que D. Beatriz parecia muito preocupada em fixar um determinado traço do caráter de Roquette-Pinto, simbolizando-o em alguns episódios que ela não se cansava de repetir, como

se temesse a minha desatenção no momento ou no meu esquecimento ao sair da porta. Jamais se me apagará da memória, porém, aquela tarde no apartamento de Roquette, com sua filha a movimentar-se dentro dele como um pássaro de asas frágeis ou incertas para um vôo além da janela. E tenho vontade hoje de dizer à Sra. Beatriz Roquette-Pinto Bojunga que fixei bem e não esquecerei nunca o traço da natureza humana de Roquette-Pinto que ela caracterizou tantas vezes, sempre com aquelas mesmas expressões tantas vezes repetidas: ele sabia compreender, ele estava sempre pronto a compreender, ele de tudo e a respeito de tudo tinha compreensão.

– Sim – acrescentava D. Beatriz –, ele não desculpava apenas ou perdoava somente. Meu pai tinha compreensão para tudo e para todos, e isto constituía o primeiro sinal dos seus dons e disposições naturais para o amor. A sua compreensão era a sua forma de amar os seus semelhantes e o seu País, era a forma da sua tolerância, era a sua forma de respeito sagrado à dignidade e à liberdade da pessoa humana. Compreendia, compreendia, compreendia. E a compreensão era, somando tudo, a sua forma de bondade.

Não saberia, porém, D. Beatriz, que Roquette-Pinto, estimado muito, embora, este magnífico avô, considerava, nos antigos troncos roquettianos, como "o grande-homem da família" a sua antepassada D. Josefa? Dentro de um envelope, que classificou, em subscrito por fora, com a sua própria letra, como *Genealogia e pedigree*, Roquette escreveu, também, com a sua letra, vários papéis e documentos, acompanhados de desenhos, para traçar uma árvore bem frondosa de toda a família, copiando logo no alto, contudo, este trecho de *História do Movimento de 1842, em Minas Gerais*, de autoria do Cônego Marinho, sobre o seu chamado *grande-homem* D. Josefa: "Ela, porém, conduziu-se com tal heroísmo e dignidade, que a história deve imortalizar-lhe a memória."

## XVII
## NO MUSEU NACIONAL E NO CINEMA EDUCATIVO

Em seguida, no Museu Nacional, o que se encontra de preferência é o autor, além do homem público, professor assistente e diretor. No princípio da carreira, para o Museu escreveu alguns dos seus mais importantes trabalhos

da juventude e organizou em 1910 a famosa "Sala Dom Pedro II". Ao Museu Nacional retornou, em 1926, como diretor. Ao Museu, sobretudo, e em suma, ofereceu a primeira edição da *Rondônia*, que vale simbolicamente como um monumento erguido na entrada do edifício da Quinta-da-Boa-Vista. Da sua passagem pelo Museu, ainda, resta a assinalar pelo menos a lembrança de dois episódios que lhe definem, um, a sensibilidade da natureza humana, o outro, o caráter do homem.

Quanto ao primeiro, sabe-se que não se trata de anedotário, mas de um episódio real, a que Roquette, por sinal, não emprestou maior significação. Certo dia, diretor do Museu, deparou-se com a desolação de um rapazinho, a quem o porteiro, na fiel execução do regulamento, impedira de penetrar nas salas sem gravata. Parecia o rapaz interessadíssimo na visita às coleções. Humanamente, e com certo senso de *humour*, não querendo decepcionar aquela curiosidade de jovem, mas também não lhe sendo lícito desrespeitar o regulamento, o diretor encontrou a solução pronta, prática, excelente para todos: retirou a sua própria gravata, entregou-a ao visitante pobre, retirando-se a seguir do edifício com a gola do paletó levantada sobre o pescoço.

O segundo episódio apresenta um outro lado de sua figura humana. Vitoriosa a revolução de 1930, quanto mais arrogantes ou impertinentes se mostravam os novos dominadores, mais timoratos ou degradados se revelavam muitos diretores ou ocupantes de cargos de confiança da situação decaída. Fez Roquette-Pinto o que não se fazia então: compareceu perante o ministro da Educação para declarar-se amigo do presidente há pouco deposto. E mais: embora fosse de natureza técnica o cargo de diretor do Museu Nacional, dado que era também de confiança, apresentava ali o seu pedido de exoneração. Não lhe concederam a demissão, fizeram-lhe apelo para que permanecesse à frente do Museu; e o seu gesto – é o que se depreende no noticiário de jornais da época – provocou espanto e admiração.

Por fim – em busca de um Roquette-Pinto vivo, atuante, saudável, natural e empertigado, ainda não marcado pela doença – estive em outra de suas casas: o Instituto Nacional do Cinema Educativo, que ele mesmo caracterizou certa vez, visando a fixar mais uma das muitas distinções já enunciadas entre educação e instrução:

> Educação é principalmente ginástica do sentimento, aquisição de hábitos e costumes de moralidade, de higiene, de sociabilidade, de trabalho e até mesmo de vadiação... Tem de resultar do atrito diário da personalidade com a família e com o povo. A instrução dirige-se principalmente à inteligência. O indivíduo pode instruir-se sozinho; mas não se pode educar senão em sociedade.

Em companhia de sua filha Beatriz, dos seus discípulos Pedro Gouveia, Pascoal Leme, Bandeira Duarte e Humberto Mauro – passei algumas horas na sala de projeção do Instituto Nacional do Cinema Educativo, vendo reaparecer na tela os traços procurados de Roquette-Pinto: a figura em movimento, o cientista no laboratório, o artista a declamar versos. Tive de começo, com efeito, uma impressão de ressurgimento ao vê-lo ali, de novo, a pronunciar a oração oficial no lançamento da pedra fundamental do edifício do Ministério da Educação, sentindo bem na voz, nos gestos, nas palavras do orador, o tom irônico com que Roquette-Pinto, olhando precisamente para o Ministro da Agricultura, presente ao ato, e também para o titular da Educação, dono da festa, dirigiu-lhes esta pergunta: "Por que o Ministério da Agricultura proporciona facilidades aos lavradores, fornecendo-lhes arados e sementes, para pagamento a longo prazo, enquanto nunca fez o mesmo com os colégios, proporcionando-lhes, também, iguais facilidades para aquisição de um microscópio ou um projetor de cinema?"

De repente, muda-se a projeção, e uma voz ao mesmo tempo forte e comovida – a voz de Roquette – enche a sala a recitar, como força animadora das paisagens e figuras em dois filmes, as "Palavras ao Mar", de Vicente de Carvalho, e a parte final de *O Caçador de Esmeraldas*. Vicente de Carvalho é o seu poeta predileto – em *Seixos Rolados*, o penúltimo capítulo, por sinal de qualidade sob todos os aspectos secundária, tem este título: "Vicente de Carvalho, meu Poeta" – numa preferência que estabelece mais um ponto de ligação entre Roquette e Euclides – desde que Vicente de Carvalho já contava de há muito com a simpatia e predileção de Euclides da Cunha, que lhe escreveu, como se sabe, o prefácio dos *Poemas e Canções*.

Chama-me a atenção de súbito, como se aquele verso de Olavo Bilac despertasse uma ressonância especial no espírito de Roquette-Pinto, pioneiro de iniciativas e abridor de tantos caminhos, fundador ou realizador – chama-me a atenção como se viesse de dentro dele, com uma vibração, uma entona-

ção, uma ênfase particular, um personalismo de voz, a maneira como ele recita estas palavras de *O Caçador de Esmeraldas*, que tornam o poema menos um hino a Fernão Dias Paes do que ao bandeirante em geral: "Violador de sertões, plantador de cidades."

Pois, em outro sentido, não fora, também, Roquette um "violador de sertões" e um "plantador de cidades?" De outra parte, é com uma ênfase de nota igualmente particular e característica, com um idêntico sentimento interior de identificação ou confissão, que ele declama este verso de Vicente de Carvalho: "A tua solidão sentindo e vendo" – com a tônica na palavra *solidão*.

Algo – ao lado dessa palavra mágica – já me inclinara a debruçar-me, embora sem tempo de aí me aprofundar, na realidade de Roquette-Pinto como um ser sociável, mas que mantinha uma zona de sua inteligência, de sua sensibilidade, do seu coração naquela parte mais secreta ou escondida que só existe na natureza humana do solitário completo ou em pedaços da alma. Não falo dos tempos de doença, isolamento e melancolia, mas, sim, daqueles mais felizes em afagos da sorte e mais cheios de sociabilidade. Pouco importa que Roquette-Pinto estivesse cercado, nos seus melhores momentos, de amigos, parentes, companheiros, discípulos, mulheres, admiradoras, amantes, afetos, amizades e amores. Pouco importa: já se insinuava nele, talvez como prenúncio do final, a tentação de evasões e fugas para a solidão, em estado naturalmente psicológico, não propriamente sociológico.

É possível que lhe ocorresse ou que conhecesse a frase – diz-se-ia nietizschiana – de uma das peças de Ibsen: "O homem mais só é o mais forte". Mas isto não consola, nem apazigua os solitários não por falta de ambiente social ou vocação interior, mas por força de certas circunstâncias envolventes e determinativas.

De Roquette-Pinto não posso afastar o significado de um desabafo ou confissão dessa natureza:

"Prisioneiro feliz dos meus livros, dos meus aparelhos, da minha oficina. Prisioneiro feliz pelo que o trabalho me proporciona de calma e esquecimento; pelo que a natureza me oferece de renovada emoção das crises mais simples da vida."

Não digo que ele fosse dos seres que marcham isolados, no silêncio de extensões infinitas, ao encontro de outras solidões, nem que aos seus olhos o

universo se fechasse no feitio de um deserto em que cada um segue o seu caminho sem encontrar outro verdadeiro companheiro além da sombra projetada e oscilante. Solitário mitigado, no entanto, me parece que foi Roquette-Pinto no sentido de alguém que, vivendo no meio de tantas pessoas, escutava e seguia principalmente o impulso, o ritmo, a sugestão de sua própria alma. Não havia só velhice fechada e acabada, ou sensação de quem já está com o pé na sepultura, naquela frase confidencial apenas por causa da voz baixa com que Roquette a transmitiu à filha, na hora do bolo de velas do último aniversário, aos setenta anos, a um mês, precisamente, da morte:

– "Deus disse: tu viverás bastante, e cada vez mais só."

## XVIII
## PERSONAGEM DE VICENTE DE CARVALHO

Um pouco também como solitário é que a figura de Roquette-Pinto aparece e transparece como personagem de *Luisinha*, uma peça teatral de Vicente de Carvalho. Sim, a admiração era recíproca e correspondente. Para testemunhar a sua admiração a Roquette-Pinto, fê-lo Vicente de Carvalho herói dessa sua peça teatral em dois atos, uma obra de perdida mediocridade, a salvar-se até nós, a ser lembrada neste momento, apenas porque Roquette-Pinto é uma de suas personagens com o nome de Estácio. Não há, aliás, qualquer disfarce: em determinado momento do I° ato uma marcação assinala em grifo: "Luisinha – senta-se ao piano, e canta uma canção nambiquara, depois de tirar de uma estante um volume da *Rondônia*."

A despeito do primarismo como que infantil do enredo e da banalidade do tratamento literário, nessa pequena peça que nem se recomenda pela estrutura cênica, nem se impõe pela grandeza ou ao menos pela dramaticidade dos diálogos, a observação não se acha falseada e algumas das situações apresentam não só uma superficial verossimilhança, mas até alguns traços de veracidade. É assim, por exemplo, que a respeito de si próprio fala Estácio em diálogo com a sua noiva Sara:

> Eu sou um condenado à pobreza. Dediquei até hoje o meu esforço ao estudo de ciências que pensava poder cultivar sempre na independência das

> preocupações materiais. Sou um médico que nunca exerceu a medicina, e se reconhece inapto a exercer essa, ou qualquer outra profissão útil. Não sei ganhar dinheiro, nunca aprendi. E não quero, Sara, que você seja a mulher de um cientista incapaz de ser outra coisa, votado à pobreza, que para você seria a miséria...

Em outra passagem da peça, faz D. Emília, com a comparsaria de Luisinha e Gervásio, o elogio de Estácio, o que significa uma tentativa de caracterização de Roquette-Pinto...

> D. Emília – O que eu mais admiro no Estácio é essa coragem de se meter no sertão, a estudar os selvagens, como se não houvesse tanta outra coisa a estudar sem tamanho sacrifício do bem-estar. Um moço criado com tanto mimo. Estudou Medicina sendo um dos ornamentos da sociedade elegante do Rio. Formou-se. Estava conquistando nome de sábio... E deixou tudo isso...
>
> Luisinha – Para ir tentar a clínica entre os nambiquaras.
>
> Gervásio – Para ser um herói. O Sr. Dr. Estácio é paulista em quem revive a alma dos bandeirantes.

Reage Estácio com algumas palavras modestas e de bom tom, sobretudo ante o inadequado de uma conversa daquelas trazida para uma sala:

> Não exageramos. Fui, como simples auxiliar do ilustre Rondon, exercer a minha curiosidade científica no estudo de alguns dos últimos exemplares sobreviventes do homem paleolítico. Prestei o meu pequeno esforço, bem menor do que o de outros que lá estão com mais assiduidade, à grande obra de conquistar para a nossa Pátria o seu vasto sertão. Não exageremos o meu papel, muito secundário...

E agora é Luisinha, centro da cena, que se manifesta entusiasta, como devia sê-lo o próprio Vicente de Carvalho em relação ao sábio que o distinguia com a sua predileção ao poeta lírico:

> Luisinha – Exageremos ao contrário. Estácio é um entusiasta do Brasil brasileiro. Tudo que é nosso, bem nosso, o interessa com fervor, mesmo os selvagens, abandonados egoisticamente até há pouco por nós, parentes civilizados deles. *(A Estácio)* Eu gosto da energia com que você manifesta por atos como ama a nossa terra em tudo que é dela, os seus triunfos ou as suas tristezas. Admiro-o.

Para encerrar esta série de citações – feitas, sobretudo, para que se tenha uma idéia dessa curiosidade, que é Roquette-Pinto transformado em personagem de uma peça de teatro, sem data de feitura, mas, publicada em edição de 1924 – temos, por fim, estas palavras sensatas e esclarecedoras de Estácio:

> – Não confundamos, Luisinha. Eu pretendo que civilizemos os nossos patrícios selvagens, e não que aprendamos com eles a sua cultura...

Aliás, em *Rondônia*, chegara Roquette-Pinto, com o seu senso realista, a uma orientação educativa e normativa ainda mais simples, se isto é possível, em relação ao indígena no estado da natureza, excluindo desta chave, naturalmente, os índios que já considera sertanejos, porque trabalham, produzem, desejam aprender, assimilados que se encontram, pela cultura brasileira, embora modesta, do nosso interior. Estes – "não são mais índios".

Quanto aos índios, rigorosamente ainda índios, eis como Roquette-Pinto doutrina e aconselha a respeito deles:

Nosso papel social deve ser simplesmente *proteger* sem procurar "dirigir", nem "aproveitar" essa gente. Não há dois caminhos a seguir. Não devemos ter preocupações de fazê-los cidadãos do Brasil. Todos sabem que "índio" é índio, "brasileiro" é brasileiro. A nação deve ampará-los e mesmo sustentá-los, assim como aceita, sem relutância, o ônus de manutenção dos menores abandonados ou indigentes e de enfermos.

Estudioso científico, por isso mesmo, também advogado do indígena, verificara que era preciso defendê-lo como população à parte. E assim reconhecia Roquette que o antigo dominador da terra fora vencido pelo antigo invasor branco com a colaboração do escravo negro.

## XIX
## UM CRONISTA E UM HISTORIADOR

Agora, lendo as páginas de *Rondônia*, refletindo sobre o pensamento que daí se espraia acerca da política de defesa do indígena, diferente a de ontem daquela de hoje, então me ocorrem, com exata inteligência e perfeito entendimento, alguns pontos da conversa que mantive com Roquette-Pinto no nosso único encontro já mencionado de 1946. Dela fiz um registro, num dos meus cadernos de notas. Naquela ocasião, o mestre de *Rondônia*, entre outras sugestões, chamou-me a atenção para duas situações históricas, que somente, agora, ao conhecer-lhe a fundo o pensamento, posso avaliar devidamente: 1°) com muito tato, como lhe era habitual por educação e delicadeza, pediu-me que lesse ou relesse com a maior atenção, entre outras obras fundamentais, tanto a Carta de Pero Vaz de Caminha (recordo-me que me recomendou o texto excelente aparecido na *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, com abundantes e eruditas anotações de D. Carolina Michaelis de Vanconcelos, pois creio que não conhecia ainda o outro texto, aparecido pouco antes, em 1943, alcançando entre nós desde logo os foros de edição definitiva e perfeita naquele volume prefaciado por Jaime Cortesão) quanto a *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador, fazendo-me ainda a advertência afetuosa de que não me deixasse empolgar apenas pelos prolegômenos ou pela capacidade de editor de Capistrano de Abreu, mas que procurasse apreender, identificar e compreender o texto de Frei Vicente, diretamente, em suas linhas e entrelinhas.

Não me deu Roquette-Pinto nenhuma explicação, nenhuma justificação sequer a respeito das suas recomendações sobre esses dois autores. Não me explicou também outra de suas opiniões naquela conversa, que é possível assim sintetizar: a sua predileção na História do Brasil, se tomada em termos estritamente históricos, seria pelo século XVI. E apenas acrescentou: "Houve aí um drama nos conflitos em busca de uma decisão e de uma afirmação."

A princípio, não percebi logo o que se achava no pensamento de Roquette-Pinto por ocasião dessa nossa conversa, nem isso me preocupava. Recomendar-me a leitura de Pero Vaz de Caminha – isto me parecia uma banalidade insignificante de tão óbvia. Encantava Roquette nesse documento do nosso primeiro cronista, por certo, a valorização da terra não devassada e

do indígena ainda soberano. E também, acredito, os elogios equivalentes do cronista aos encantos da terra e à fortaleza do homem nativo, embora sendo certo que, após quinhentos anos, a fórmula roquettiana de antropólogo e de sociólogo – "A terra é áspera, mas o homem é teimoso e forte" – diferia tanto do otimismo idílico do quinhentista Caminha quanto do pessimismo um pouco desequilibrado do seu contemporâneo Paulo Prado, no *Retrato do Brasil*: "Numa terra radiosa, vive um povo triste."

E na *História*, de Frei Vicente Salvador, que desejaria Roquette que eu encontrasse, afinal, de tão ponderável e significativo? Não havia de ser apenas – isto não era questão primordial para o autor de *Rondônia* – aquela forma literária mais chegada ao Padre Bernardes do que a Vieira e Frei Luís de Sousa, forma, portanto, com as qualidades tão excelentes de limpidez, graça, pitoresco, a que não falta mesmo um certo senso de *humour* na narrativa; nem haveria de ser, também, embora se me afigurasse mais plausível, a certeza de que, publicada a *História*, Frei Vicente, trezentos anos antes, teria tornado impossível a publicação ou o êxito da grandiloqüente e falsa *História* de Rocha Pita, isto porque o estilo natural e a nota ingênua do Frade se teriam imposto ao nosso gosto de brasileiros, assim armados para reagir contra o estilo cultista, gongórico, amaneirado, retórico do século XVIII.

Não; não era em nenhuma dessas considerações de estilo e forma que se detinha Roquette-Pinto. Penso hoje estar em condições de calcular o que ele mais valorizava na *História* de Frei Vicente: um sentimento já brasileiro, senão nacional, pelo menos local, ao contrário do que se sente em geral nos cronistas do século XVI; e a grande inovação de aparecer o Brasil não mais apenas como referência geográfica, o que se verificava sempre até então, mas como realidade histórica e social. Além disso, o que devia encantar Roquette eram alguns temas, na verdade alguns temas fundamentais das cinco partes da *História* de Frei Vicente: a procedência da população indígena; a habitalidade da zona tórrida; a possibilidade de vir o Brasil a tornar-se centro e refúgio do governo português.

## XX
## ROQUETTE E OS PORTUGUESES

Quanto ao século XVI – o que desejaria sugerir, insinuar ou significar Roquette-Pinto com a sua declaração não explicada e não esclarecida? Para

que pontos seria de sua intenção atrair o meu interesse? Parece-me, hoje, pelo que é dado interpretar da idéias e pensamentos de Roquette-Pinto, que o atraía no século XVI o cenário daquela luta entre portugueses e indígenas pelo domínio não só da terra, mas da cultura americana. Encontrara já vencido o ameríndio, e assim o tratava, cientificamente, como antropólogo e como sociólogo. Por outro lado, como brasileiro e como homem, afigurava-se-lhe injustiça essa derrota do indígena, além do que, historicamente e moralmente, considerava iníquo – e, neste sentido, se externou por escrito, publicamente, mais de uma vez – que a colonização dos brancos se houvesse caracterizado na América, particularmente no Brasil, pela perseguição, submissão e determinação dos índios. Assim, ao menos no século XVI, encontrava Roquette a visão, o espetáculo de uma época histórica em que se apresentava ainda indecisa a vitória entre as duas raças e as duas culturas. Indecisa, sobretudo, no que dizia respeito ao problema da língua. Na verdade, as próprias Cartas Jesuíticas informam que se desdobrou e prolongou até o século XVIII, num processo de luta tão renhida quanto discutível entre o tupi, como chamada língua geral, e o português como instrumento lingüístico da cultura invasora e dominadora.

Quanto às flutuações típicas do século XVI, que provocavam uma contemplação nostálgica de Roquette-Pinto, tentei um agrupamento e seriação de suas principais incertezas, como se isto pudesse ser agradável ou simpático ao mestre de *Rondônia*, fazendo-lhe, assim, uma retribuição daquelas gentilezas com que me recebeu, há dez anos, no Instituto Nacional do Cinema Educativo.

Incerteza quanto ao próprio destino da colônia: seria ela portuguesa, ou seria ela francesa? – e isto era o que se perguntava na Europa na primeira metade do século XVI. Incerteza quanto à forma da colonização – se ficaria entregue à iniciativa particular, se seria feita sob a responsabilidade direta do Estado. Incerteza quanto ao tipo do governo: se descentralizado, com o sistema das capitanias que ameaçava prolongar-se, ou centralizado, com o sistema de um governo e de um governador geral na Bahia. Incerteza quanto à estrutura social, desde que, no começo, as raças não se fundiram logo, permanecendo rivais e mesmo hostis. Incerteza quanto à natureza do poder dominante – se poder eclesiástico com os Jesuítas, se poder civil, com a Coroa portuguesa. Incerteza quanto ao solo – cuja riqueza nem se conhecia, não se sabendo

se havia minas, em qualquer parte da colônia, quando Peru e México já davam ouro à Espanha. E, por fim, incerteza já caracterizada quanto à língua, por conseqüência quanto à vitória da própria cultura portuguesa sobre a cultura tupi dos indígenas.

Quem venceria? No século XVI, tudo se apresentava ainda incerto. E tais incertezas talvez constituíssem alegria póstuma de compensação histórica na visão de um antropólogo e etnógrafo que amava os índios e só aceitava historicamente, socialmente, a vitória dos brancos, não a considerando nem a mais justa, nem a mais acertada.

É evidente que Roquette-Pinto não gostava dos portugueses, isto é: do sistema de colonização portuguesa no Brasil. Verifica-se isto no seu discurso de posse na Academia Brasileira; no capítulo dos *Ensaios Brasilianos* sobre Euclides da Cunha; em tantos outros passos de sua obra inclusive *Rondônia*. Parecia-lhe, ao seu nacionalismo, que os portugueses haviam perturbado e continuavam perturbando o autonomismo tanto cultural quanto político do Brasil.

Se em vez de ser o sucessor de Roquette-Pinto, houvesse alcançado ser seu companheiro nesta Academia – então, em alguma quinta-feira, lá em cima, na cordialidade da mesa de chá, ou no pequeno salão das reuniões ordinárias, por natureza coloquiais até as fronteiras da intimidade, eu lhe teria perguntado, a falar de bancada para bancada:

– Quem nos estimulou, em algumas ocasiões decisivas ou ante alguns problemas angustiantes, na direção do nosso próprio espírito e no caminho da nossa autonomia nacional, no sentido, em suma, de uma realidade americana e brasileira? Precisamente, os portugueses mais lúcidos e conscientes. Parece-lhe isto paradoxal, até o absurdo, ou declaração platônica de luso-brasileirismo insuscetível de argumentação? Vejamos, então, alguns exemplos.

Quando Basílio da Gama publicou o seu poema no Brasil ainda colonial do século XVIII, de ninguém recebeu mais aplauso e estímulo do que de Almeida Garrett. Afinal o nosso *Uraguai*, escrito por um brasileiro e com uma temática naturalista, antecipara-se, em cerca de meio século, ao que haveria de mais revolucionário no *Camões* e no *D. Branca*, obras tão características da abertura do Romantismo em Portugal quanto o *Hernani* em França. E a respeito de Basílio da Gama e do *Uraguai* – eis como se pronunciou Almeida Garrett em *Poesias do Meio do Século XVIII até o Fim*:

> Justo elogio merece o sensível cantor da infeliz Lindóia, que mais nacional foi que nenhum de seus compatriotas brasileiros. O *Uraguai*, de José Basílio da Gama, é o moderno poema que mais mérito tem na minha opinião. Cenas naturais mui bem pintadas, de grande e bela execução descritiva; frase pura e sem afetação, versos naturais sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades comuns. *Os brasileiros principalmente lhe deram a melhor coroa da sua Poesia que nele é verdadeiramente nacional, e legítima americana.*

Em seguida, já na fase literária e até revolucionária do Romantismo, quando Gonçalves Dias publicou os seus *Cantos*, como nosso primeiro poeta nacional, foram eles saudados por Alexandre Herculano "como inspirações de um grande poeta". Acrescentava o autor da *História de Portugal* que, sobretudo a primeira parte dos *Cantos* – intitulada "Poesias americanas" – lhe parecia exemplo da verdadeira Poesia nacional do Brasil. Por fim, escrevia textualmente Alexandre Herculano:

> Quiséramos que ocupassem ainda maior espaço. Nos poetas transatlânticos há por via de regra demasiadas reminiscências da Europa. Esse Novo Mundo que deu tanta Poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand é assaz rico para inspirar e nutrir os poetas que cresceram à sombra das suas selvas primitivas.

Dir-se-ia, porém que sendo embora Almeida Garrett e Alexandre Herculano as duas figuras mais representativas da cultura portuguesa, não se exprimiam em nenhum deles o pensamento político e a orientação da Coroa. Vejamos, então, um grande documento político, e não apenas um documento referente a questões imediatistas ou subalternas de governo. Trata-se de um diploma internacional que define e caracteriza a orientação do Estado Português em relação ao Brasil na América. Trata-se do chamado Tratado de Madri, obra-prima de Direito Internacional, obra também representativa, como se sabe de um rei português, D. João V, e de um seu ministro brasileiro, Alexandre Gusmão. E este tratado de 1750 não significou apenas um ajuste de limites. Lançava os fundamentos de pan-americanismo – e chamou-o,

por isso, o primeiro Rodrigo Octavio precursor de uma nova política pan-americana. Aqui está o seu artigo XXI:

Sendo a guerra ocasião principal de abusos, e motivo de se alterarem as regras mais bem concentradas, querem Suas Majestades Fidelíssima e Católica, que se (o que Deus não permita) se chegasse e romper a guerra entre as duas coroas, se mantenham em paz os vassalos de ambas e outros como se não houvera tal guerra entre os Soberanos, sem fazer-se a menor hostilidade, nem por si sós, nem junto com os seus Aliados."

Como se vê, era um convite a que, sem sermos infiéis a Portugal, o que se sentia nesses meados do século XVIII era um fenômeno oposto: a presença dos brasileiros no cenário português. Na política: Alexandre de Gusmão, secretário do Rei D. João V e seu principal conselheiro. No ensino: Durão, reitor da Universidade de Coimbra. Na Literatura: o grupo mineiro, que lançava, com o seu americanismo, um jato de Natureza pura nos artifícios do Arcadismo.

## XXI
## A ASCENSÃO À ACADEMIA

Senhores Acadêmicos:

Acredito que chego à Academia Brasileira, nem muito cedo, nem muito tarde, nem demasiado jovem, nem ainda velho. Chego na mesma idade – apenas um ano mais moço – em que aqui chegou o ilustre Roquette-Pinto; e assento-me na Cadeira 17 na mesma idade com que nela se empossou o autor já famoso de *Rondônia*.

Não gosto de ver o espetáculo, que me parece, ao mesmo tempo, um pouco penoso e muito ridículo, de jovens de vinte anos ou de jovens desde os vinte anos – que não saem das portas, das salas, dos corredores da Academia, candidatando-se em séries aos seus prêmios como em coleções e suspirando em cálculos por uma de suas Cadeiras. Espalham-se pelos salões, esgueiram-se pelos cantos, insinuam-se às quintas-feiras na mesa do chá. E espera cada um a sua vez de candidato e de eleito – para quando? Para daí a quinze anos, a dez, quem sabe, uma vez que começaram a preparar-se desde os vinte em prêmios de consolação e afagos acadêmicos.

Não é de uma juventude de verdade, de uma autêntica e saudável juventude, essa reverência deformadora em face dos valores acadêmicos, nem ante os nomes consagrados. De preferência, gostaria de ver os jovens como irreverentes de espírito, como revolucionários em arte literária, como apedrejadores da própria Academia.

Esperem aos menos os quarenta anos, a maturidade – sinto ímpeto de adverti-los – para pensar a sério na Academia. E isto será uma garantia de vitalidade intelectual, de que realizarão dignamente as suas obras. Do contrário, só ficam de pé como uns desgraçados carreiristas ou como exploradores espertos dos expedientes de sucessos laboriosamente construídos.

Sinto vontade de dirigir-me hoje aos jovens de fato, aos que não se transformaram em rapazes de cabelos brancos, para dizer-lhes: sejam renovadores, sejam iconoclastas, sejam mesmo antiacadêmicos.

E estas portas se abrirão mais tarde para todos eles, não sei se mais facilmente, mas sei que, com certeza, mais dignamente, mais naturalmente, com um consenso mais espontâneo entre os candidatos e aqueles que irão elegê-los e recebê-los. Vejam-se hoje, por exemplo, estas Poltronas acadêmicas: alguns dos que negaram e apedrejaram a Academia, como rebeldes do Modernismo, agora nelas se sentam por saber o que fazem e o que querem na maturidade.

Permiti-me, senhores acadêmicos, que me ocupe de mim por um minuto, que invoque ou lembre o meu próprio caso – e não o faço, decerto, para vangloriar-me, mas para valorizar, para exaltar, para colocar em plano de grande altura e elevação os sufrágios com que definitivamente me penhorastes e me honrastes para sempre.

Antes de apresentar-me candidato à vaga de Roquette-Pinto, em outubro de 1954, jamais comparecera sequer a uma das sessões da Academia, que a isto me impedia corretamente o pudor dos gestos. Nunca fui visto em vossas salas ou salões, nunca estive presente às vossas festas, nunca me fiz encontradiço na mesa do chá, na Biblioteca ou na Secretaria desta Casa. Pela primeira vez, entrei no gabinete do Presidente da Academia, quando vim entregar em mãos, pessoalmente, ao Sr. Barbosa Lima Sobrinho, a minha carta de inscrição como candidato à vaga na Cadeira 17, mas, desde então, fazendo questão, eu próprio, de cumprir todos os deveres e formalidades, desde os

telegramas de comunicação até a visita pessoal a todos e a cada um dos senhores acadêmicos.

Jamais me candidatei a qualquer dos vossos prêmios anuais, nem a nenhum deles me considerei nunca em condições de ambicionar. Quanto ao prêmio maior que não se confere mediante candidaturas ou solicitações o Prêmio Machado de Assis – por duas vezes o meu eminente amigo e mestre Levi Carneiro, a quem hoje me honro de tratar como confrade, pretendeu que me fosse concedido, ora pelos estudos do *Jornal de Crítica,* ora pela biografia *Rio Branco.* Das duas vezes, o seu voto permaneceu aqui solitário, relator sempre vencido nessa como que obstinação de conferir-me o Prêmio Machado de Assis. Para Levi Carneiro sempre se conservará em estado de alerta e movimento a minha gratidão, mas desejo também acentuar que compreendo, estimo e valorizo devidamente os gestos de todos os senhores acadêmicos: é que eles reservaram a sua confiança, a sua bondade, a sua generosidade, para com elas me cobrirem e me engrandecerem de uma só vez, no ato da eleição, naquele inesquecível dia 5 de abril em que me consagrastes como vosso confrade e novo ocupante da Cadeira 17.

Assim, quando relembro e acentuo que andei sempre afastado da Academia, que jamais me pus entre os seus freqüentadores como entre os seus suplicantes tácitos e sabidos – isto não o acentuo ou relembro por vaidade, nem para valorizar-me ou exaltar-me. Faço-o antes, e somente, para ressaltar devidamente, para a todos mostrar e a todos testemunhar a superioridade com que me abriu as portas a Academia Brasileira, assinalando, em harmonia, a liberdade, a isenção e a generosidade dos sufrágios com que me elegestes sem vacilação, no primeiro escrutínio, e logo da primeira vez em que me apresentava perante vós como candidato.

Que por cima de tudo, senhores acadêmicos, tenhais marcado e consagrado a minha entrada na Casa de Machado de Assis com uma eleição feita mediante a unanimidade dos sufrágios, distinguindo-me assim em resultado singular num ato daquele vosso soberano direito de escolher os vossos pares em processo tão livre quanto secreto com as manifestações dos votos nas urnas – esta glorificação, que recebi com disposição serena e espírito de humildade, ainda mais eleva e dignifica a vós do que a mim. É que, senhores acadêmicos, assim elegestes, com o peso e a medida da unanimidade, a um

homem exclusivamente professor, escritor e jornalista, que não dispunha, naquele momento, de nenhum poder político; nem de nenhum poder econômico, do qual ainda hoje não dispõe em qualquer parcela; um homem sem postos de influência ou de força, sem riquezas, sem honrarias, sem condecorações sequer naquele momento. Elegendo-me em tão extraordinárias circunstâncias, e logo da primeira vez em que me apresentei candidato, não pedistes, nem exigistes de mim que me transformasse num medalhão ou que modificasse as minhas idéias e os meus gostos literários de crítico moderno, embora não, que nunca o fui, de crítico do Modernismo.

Cumpre-me lembrar – embora de maneira mais sumária do que seria dos meus propósitos e desejos – alguns dos nomes ilustres da Casa de Machado de Assis que vinham de há muito sugerindo a minha candidatura, ora a mim pessoalmente, ora em conversas entre os próprios acadêmicos. E antes de todos, dirijo-me a vós, senhor João Neves da Fontoura, cujo nome famoso a Academia Brasileira, num de seus requintes de distinção para comigo, quis ligar diretamente ao meu nome modesto, incumbindo-vos de responder ao novo acadêmico, no clássico mas nem por isso menos esperado discurso de recepção que ireis proferir como representante da Ilustre Companhia.

Em 1930, menino de colégio, tive a fortuna de ouvir em vós pela primeira vez, no Teatro Santa Isabel, no Recife, o orador e líder da Aliança Liberal; em 1932, estava eu entre os estudantes da Faculdade de Direito do Recife que assinaram um manifesto de solidariedade com a vossa campanha constitucionalista, levada depois às últimas conseqüências na Revolução de São Paulo.

Depois, com o passar dos anos vieram os desencontros ou os cruzamentos de destinos. Nunca nos havíamos avistado pessoalmente, não havíamos sido sequer apresentados um ao outro, quando assumistes pela primeira vez, em 1946, o cargo de Ministro das Relações Exteriores. Sem solicitação minha ou insinuação de ninguém, convocaste-me certo dia ao vosso gabinete de ministro de Estado para comunicar-me que eu fora provido, por contrato, no cargo de consultor técnico da Divisão Cultural do Itamaraty, dizendo-me nessa ocasião com amabilidade e tato:

> Desde que li, nas vésperas de investir-me na pasta, o seu livro sobre o Barão do Rio Branco, tornou-se meu propósito relacioná-lo com o Itamarati, e este cargo por contrato na Divisão Cultural foi o único meio que encontrei no momento. Pela sua biografia Rio Branco, o senhor merece e deveria estar ligado ao Itamaraty, mas nesta Casa só se entra de duas maneiras: ou por concurso para fazer carreira diplomática ou por escolha do presidente da República para ser Embaixador. Para fazer concurso, o senhor já não está muito moço, e nem isto lhe convém; e para embaixador, o senhor ainda é muito jovem, e pode esperar.

Isto faz dez anos. E há dez anos somos amigos pessoais, Sr. João Neves da Fontoura, sem que tenhamos sido nunca correligionários políticos, o que é um testemunho a mais do vosso espírito público. Em 1952, novamente na direção do Ministério das Relações Exteriores, escolhestes-me para outra missão cultural, a de ministrar um Curso de Literatura e História do Brasil na Universidade de Lisboa. Atendi ao vosso chamado e à vossa designação. E destes-me a oportunidade de um gesto que antes de tudo me satisfez a mim mesmo, às minhas exigências de lealdade e senso do dever. Foi que, ao informar-me nos meados de 1953 da vossa próxima retirada da chefia do Itamaraty, em condições que considerei iníquas, solicitei imediatamente que, no instante mesmo da vossa demissão, me fosse concedida a rescisão do contrato de professor na Universidade de Lisboa e autorizado o meu regresso ao Brasil, o que não se verificou, somente, porque achastes por bem impedir, numa carta de termos altos e honrosos para mim, que se consumasse o meu gesto de solidariedade.

Não é só pela invocação dos nomes que guardarei gratidão e lembrança de todos os acadêmicos que se vinham interessando para que também eu fizesse parte da ilustre Companhia. Já falei de Levi Carneiro, de quem sempre recebi apoio, estímulo, palavras de animação e de louvor que me levavam ao sonho de colocar-me um pouco mais além do que sou realmente. Referirei, em seguida, o mais jovem de nós todos, Josué Montello, amigo dos mais queridos e companheiro dos mais admirados, que não me permitiu sequer um período de benjamim, porque aqui ingressou merecidamente muito moço, e não apenas porque acorda antes dos outros, conforme a sugestão anedótica e espirituosa do seu magnífico discurso de posse, mas porque se encontra, realmente, na

vanguarda da sua geração. Deixo aqui registrados, menos por eles, que disto não precisam, antes por mim que me honro, mais uma vez, em prestar-lhes este testemunho de gratidão, os nomes dos ilustres acadêmicos que me estimularam a candidatar-me, em apelos ou sugestões, no decorrer dos últimos anos: Aníbal Freire da Fonseca, meu mestre na Faculdade de Direito do Recife, Alceu Amoroso Lima, Cassiano Ricardo, Rodrigo Octavio Filho, Peregrino Júnior, Afonso Pena Júnior, Elmano Cardim, Pedro Calmon, Austregésilo de Athayde, José Carlos de Macedo Soares, Barbosa Lima Sobrinho. E a estes acrescento a citação dos nomes aos acadêmicos que me ofereceram desde logo o seu apoio e dos que me distinguiram com os seus sufrágios. Posso fazê-lo, ficou-me possível e lícito fazê-lo – a despeito do sistema do voto secreto – porque obtive a unanimidade dos votos e não permaneceu secreta, portanto, a votação acadêmica no meu caso. É como um privilégio que me vejo assim com a possibilidade de fazer figurar neste meu discurso de posse os nomes de todos os acadêmicos – sim, realmente de todos – que se achavam na ocasião com direito de voto e me honraram com os seus sufrágios na eleição de 5 de abril de 1955. Peço-vos que tomeis este gesto de incluir no texto do meu discurso os nomes ilustres dos acadêmicos que me elegeram tão largamente como um sinal, uma promessa e uma garantia de que a todos eles – cujos nomes nesta página escrevo com o relevo das letras sentimentais – sempre testemunharei afeto, lealdade, gratidão e solidariedade: Em suma: um bom companheirismo, E aqui estão os nomes destes acadêmicos que pronuncio de maneira ao mesmo tempo afetuosa e respeitosa, juntamente com os nomes dos que já citei anteriormente: Ataulfo de Paiva, A. Carneiro Leão, Adelmar Tavares, Afonso de E. Taunay, Aloísio de Castro, Antônio Austregésilo, Dom Aquino Correia, Carlos Magalhães de Azeredo, Clementino Fraga, Guilherme de Almeida, Gustavo Barroso, Luís Edmundo, Manuel Bandeira, Menotti Del Picchia, Múcio Leão, Olegário Mariano, Osvaldo Orico, Otávio Mangabeira, Ribeiro Conto, Viana Moog e Viriato Correia.

## XXII
## MAIS DOIS MOTIVOS DE GRATIDÃO

Dois outros motivos tornam grata, ainda mais, a minha presença na Academia Brasileira: porque é uma Casa entrelaçada com o Imperial Colégio

Dom Pedro II e porque, no Brasil, nasceu a crítica literária, por mais primária ou insatisfatória que fosse, dentro das academias do século XVIII.

Durante muitos anos, a cultura humanística fez-se exclusivamente no Colégio Pedro II. Em qualquer nota biográfica de autor em antologia, os seus dois títulos mais destacados, sobretudo quando juntos, são os de professor catedrático do Colégio Pedro II e membro da Academia Brasileira de Letras. Releio com atenção, um a um, os nomes dos patronos das quarenta Cadeiras da Academia, e estão quase todos ligados ao Colégio Pedro II: se não como professores, a maioria como alunos. Não se desfaz aí, no entanto, o entrelaçamento. Lembrai-vos onde se realizaram algumas das primeiras sessões da Academia Brasileira, quando ainda sem sede e sem rumo? Precisamente, numa das salas do Colégio Pedro II, no edifício do Externato, ali na Rua Larga.

Dos professores do Colégio Pedro II, que eram também membros da Academia Brasileira, quero hoje recordar alguns nomes para a todos assinalar como num ato de presença, que se me afigura, pela memória, indispensável nesta noite: Sílvio Romero, Euclides da Cunha, João Ribeiro, Carlos de Laet, José Veríssimo, Silva Ramos. Antigamente, havia sempre pelo menos um catedrático do Colégio Pedro II entre os membros da Academia Brasileira. Recentemente, vários anos decorreram – creio que desde a morte de João Ribeiro – sem que isto ocorresse. Sei que ao Colégio Pedro II já se ia tornando penosa a quebra da tradição naquilo que sintetizavam com a expressão "um de nós na Academia". Vós compreendereis bem, então, as manifestações de contentamento e até de ufania com que a Congregação do Colégio Pedro II recebeu a eleição do seu professor catedrático de Literatura para esta Cadeira 17 da Academia Brasileira. E a mim, particularmente, imaginai quanto foi desvanecedor que me coubesse o destino de reatar a ligação sentimental e cultural entre as duas Casas, restaurando a tradição da presença de um catedrático do Colégio Pedro II, ao qual me sinto tão ligado desde a minha chegada do Recife, entre os membros da Academia Brasileira, na qual venho de me integrar para a vida e para a morte.

Por outro lado, sendo um crítico literário, nada me poderia ser, neste momento, mais agradável ressaltar do que esta afirmação histórica: a crítica no Brasil nasceu e surgiu dentro das academias literárias. É o que todos sabe-

mos; e, como documentação, citemos esta observação de José Veríssimo em sua *História da Literatura Brasileira*:

> A crítica no Brasil nasceu com as academias literárias do século XVIII. Os seus primeiros ensaios foram os pareceres ou juízos nelas apresentados sobre os trabalhos sujeitos à sua apreciação. Continuavam esses pareceres o costume português, também oriundo das academias, de que as nossas foram um arremedo.

De certo modo, estas academias do século XVIII – não sei se diga singelas ou pretensiosas – ocupavam o espaço ou desempenhavam um pouco o papel das universidades que não tivemos. Não as tivemos, com efeito, no período colonial, pois o ensino superior não se achava na metodologia, nem fazia parte dos planos da Coroa na América Portuguesa, enquanto universidades em nosso continente já as possuíam, desde o século XVI, Nova Granada, Peru e México.

Acrescento que uma tribuna acadêmica, como a cátedra universitária, deve sempre ser livre, alta, erudita, digna, corajosa – a salvo de preconceitos, mesquinharias e formalidades. Sobretudo, uma tribuna livre: eis o essencial. Vou dar um exemplo em grande forma. Em 1941, por ocasião da morte de Henri Bergson, a censura dos alemães e a censura do governo de Vichy impediram que se divulgasse ou se publicasse, em qualquer parte da França, a peça oratória de homenagem que sobre ele escrevera Paul Valéry. Pois bem: somente da tribuna livre da Academia Francesa, a Paul Valéry se tornou possível imediatamente, em janeiro de 1941, pronunciar esse discurso de homenagem a Bergson e de interpretação da filosofia bergsoniana. E entre nós, aqui mesmo, o famoso e afinal vitorioso discurso de Graça Aranha sobre o advento do Modernimo, em 1924, só obteve aquela notoriedade nacional, aquela ressonância, aquela repercussão, porque foi pronunciado da tribuna da Academia. Pois na verdade, mesmo para uma atitude antiacadêmica ou o lançamento de um movimento antiacadêmico, ainda é a Academia quem pode oferecer a melhor acústica...

## XXIII
## ROQUETTE E A ACADEMIA

Explica-se assim que Roquette-Pinto, já coberto de tantos louros e louvores, se tenha mostrado tão desejoso de pertencer aos quadros da Academia. Como se diz na gíria acadêmica, *correu* em três eleições. Apresentou-se pela primeira vez candidato, em 1924, na vaga de Vicente de Carvalho. Não foi eleito. Em 1927, por ocasião da vaga de Osório Duque-Estrada, não se chegou a qualquer resultado na primeira eleição, processados os quatro escrutínios naquele conhecido *désarroi* de votos dispersos, muito divididos por efeito do número por demais elevado de candidatos, entre os quais Roquette-Pinto. Na segunda eleição para essa mesma vaga, afastados que se declararam os demais candidatos, viu-se Roquette-Pinto acolhido pela Academia na consagração de uma eleição quase unânime: trinta votos e um voto em branco... Foi eleito no dia 20 de outubro de 1927 e empossou-se a 3 de março de 1928, com 43 anos, portanto, nascido que fora a 25 de setembro de 1884.

Vejam-se, como notas curiosas e como revelações de estados de espírito, duas de suas cartas de postulante, até agora inéditas, ambas dirigidas ao Conde de Afonso Celso. Observe-se, na primeira carta, o interesse, a flama, o entusiasmo, com que se lançou candidato à vaga de Vicente de Carvalho, em que foi derrotado; observe-se em seguida, na segunda, o tom protocolar, sóbrio, frio, com que apresentou a sua candidatura à vaga de Osório Duque-Estrada, quando foi, afinal, eleito. Eis a primeira carta:

> Rio, 31 de maio 1924.
>
> Meu ilustre Mestre e Amigo Sr. Conde Affonso Celso.
>
> Escrevo a V. Exa. para comunicar a minha próxima inscrição na lista dos candidatos ao lugar de Vicente de Carvalho, na Academia.
>
> Desejo ardentemente esta Cadeira, movido, antes de mais, por um profundo sentimento de gratidão à memória excelsa do Poeta que um dia ofereceu à minha humildade a bondosa, altíssima e singular prova de estima intelectual, que V. Exa. encontrará documentada na *Revista do Brasil,* vols. 8 e 9, de 1918, e na sua carta autógrafa que, por minha entrega, faz hoje parte do arquivo da Academia.

As honrosas provas de apreço que já devo à bondade de V. Exa. fazem-me acreditar que me perdoará a impertinência destas linhas.

Sejam quais forem os resultados da minha pretensão, pode o meu ilustre Amigo ter a certeza de que hei de ser sempre o mesmo grato venerador dos altos dotes de V. Exa.

Queira receber mais uma vez os protestos de minha particular e afetuosa estima.

(a) *Roquette Pinto.*

E aqui está a segunda carta:

Rio de Janeiro – Março de 1927.

Exmo. Sr. Affonso Celso – Academia Brasileira de Letras.

Senhor da minha distinta admiração:

Comunico a V.EX.a a minha candidatura à vaga de Osório Duque-Estrada na Academia. Esperando poder contar com o seu honroso voto, agradeço a atenção que me dispensar e apresento a V. Ex.a os protestos da minha elevada estima.

(a) *Roquette-Pinto.*

Nem sempre o melhor, ou o mais acertado, é aquilo que desejamos ou planejamos. Foi bom para a Academia, para Roquette-Pinto, para mim mesmo afinal, que ele houvesse sido eleito para a vaga de Osório Duque-Estrada e não para a de Vicente de Carvalho. É na linha tradicional, no espírito, no conteúdo, no significado da Cadeira 17 que ele se encontra mais à vontade. Era a Cadeira número 17 que parecia estar a esperá-lo.

A esta poltrona acadêmica podemos classificar como uma Cadeira harmoniosa. No caso dos ocupantes sucessivos, em qualquer das nossas Cadeiras, está claro que as coincidências não são necessárias; e o que em geral se tem verificado é a diversidade, é a diversificação. Raro é o que acontece com a Cadeira 17; as concidências a marcarem uma linha de continuidade e um sistema de unidade.

Classificou-a Roquette-Pinto, em seu discurso de posse, como "a Cadeira dos Professores", e isto – ao rememorar que todos haviam sido professores: Hipólito, o patrono Sílvio, o fundador. Osório, o sucessor, ele próprio –

permitiu-lhe escrever um belo, nobre e exato conceito sobre a missão e a profissão do presente:

"O professor é o homem que renuncia ao mando, para se exercitar no conselho. É o que não pode, o que não governa, o que não guarda, nem acumula. Tal qual os mineiros que descem, penosamente, ao fundo da terra, e, à custa da saúde e doconforto, vão arrancar o ouro e a gema, que outros aproveitam, ele mergulha, pela noite alta, no que a Humanidade ajuntou e arranca de lá a opulência que há de repartir com os moços, bisonhos conhecedores dos meandros em que a verdade se disfarça."

## XXIV
## CADEIRA DOS NACIONALISTAS

Cadeira dos Professores – sim, está certo, e nada existe a acrescentar ou a modificar nesta classificação, havendo tão só a assinalar a circunstância de ser também um professor – de haver sido sempre, desde a adolescência, professor – o novo acadêmico que hoje nela se empossa.

Cadeira dos Professores, sim, mas também eu desejo classificá-la e intitulá-la: é a Cadeira dos Nacionalistas. E esta tradição de nacionalismo na Cadeira 17 não se há de quebrar ou esmorecer em minhas mãos.

Um nacionalista acima de tudo, em sua mais pura substância, tivemos em Hipólito José da Costa, o patrono. Isto não só porque viveu toda a vida, no estrangeiro, dirigindo no exílio em Londres um jornal brasileiro, o *Correio Brasiliense,* e sim porque, nas páginas do *Correio Brasiliense,* como em todos os seus escritos e atos, tinha um programa social que se concentrava no ponto fundamental da libertação econômica e financeira do Brasil, com o aproveitamento ou a utilização das nossas riquezas de solo e subsolo. Não subiu Hipólito José da Costa na vaga do revolucionarismo liberal e militarista do continente, a princípio com a Revolução Francesa, depois com a estruturação burguesa de Napoleão Bonaparte. Do continente aproveitou os princípios de liberdade individual e Democracia política, mas a escola em que formou a sua mentalidade foi a da Revolução Industrial, na Inglaterra. E pelo gosto da indústria e senso prático das coisas Roquette-Pinto devia sentir-se também ligado ao patrono da nossa Cadeira acadêmica.

Grande e romântico nacionalista foi Sílvio Romero – e sendo o fundador da Cadeira, a escolha feita de Hipólito José da Costa para patrono já tornava, ela só, sintomática e esclarecedora – a empenhar-se a vida inteira pela cultura brasileira e pelos valores brasileiros, desde a monumental *História da Literatura Brasileira* até as apaixonantes coleções do *Folclore Brasileiro*, sem esquecer nada da sua vasta bibliografia, quase toda ela marcada de temática brasileira e intenção nacionalista. Brasileiro nos seus escritos como nos seus atos, uns e outros associados, às vezes, como no caso da campanha contra a colonização alemã como um quisto em regiões do sul do Brasil.

Igualmente nacionalista foi Osório Duque-Estrada, sendo bem expressivos a este respeito não os seus livros de versos e de crítica, mas a letra do Hino Nacional, que é medíocre em inspiração e arte poética, mas ardente de patriotismo. Pessoalmente, apresentava Osório o contraste de ser gordo, sem ter a lentidão, a mansidão, a circunspecção dos gordos. Era gordo – e era combativo até à turbulência, movimentado com agilidade, imprudente até às fronteiras da leviandade. Tanto quanto os seus preconceitos e idéias feitas em Literatura – a Pátria, o Brasil, o passado e o presente do nosso País constituíam uma das bandeiras de luta, a grande Dulcinéia desse Dom Quixote gordo.

Por outro lado, Aloísio de Castro assim se refere ao caráter independente e digno de Osório Duque-Estrada, como ao seu amor à Academia:

> Não se poderia negar certa beleza às suas atitudes, ainda que não raro pessoal ou intransigente em excesso.. Mas o que tinha por dizer, dizia-o a peito aberto, com denodo e bizarria. Ele era uma opinião, e isso não era pouco. O que nunca lhe ouvimos foram gabos de encomenda, louvaminhas ou cortesanices, porque em todas as vicissitudes de uma existência trabalhosa guardou estrênua e inquebrantável independência, que era afinal a sua força. Na vida literária de Osório Duque-Estrada perdura um traço que não pode ser hoje esquecido, o seu provado amor desta Casa. Em todas as circunstâncias, nos prélios mais acesos, aqui e fora daqui, era a Academia o seu constante cuidado, e na defesa do seu programa se extremou com inarrefecido entusiasmo.

Do nacionalismo de Roquette-Pinto nada será mais preciso acrescentar: todas as partes do estudo que sobre ele produzi, neste discurso de posse, con-

vergem para esta nesma caracterização, aliás, evidente na sua personalidade na sua obra. E nacionalista, homem do seu País, de sua terra e de sua gente, tem sido sempre o novo acadêmico que hoje recebeis. De figuras ou assuntos brasileiros, em sua grande maioria, e com a intenção de influência ou utilidade exclusivamente em nosso meio, são todos os volumes do *Jornal de Crítica.* Marcado pelo nacionalismo, pelo estudo de problemas brasileiros e pelo sentimento do seu País, em conexão com um homem de Estado que nada mais faz do que amá-lo, e servi-lo – é a biografia *Rio Branco.* Contribuição de estudo a sério e de valorização consciente da cultura luso-brasileira é o trabalho com que contribuiu para a antologia da língua portuguesa *Roteiro Literário do Brasil e de Portugal.* Não quero, porém, antecipar-me; não devo entrar pelo terreno adentro do meu sucessor.

Já que não se trata de comparações na base de um critério de valor e mérito, mas de aproximações harmônicas do plano somente objetivo de situações biográficas ou profissionais, seja-me permitido fixar algumas curiosas coincidências entre o novo acadêmico e os seus antecessores na Cadeira 17. O acadêmico que hoje se empossa é jornalista político como Hipólito José da Costa; crítico literário e professor catedrático do Colégio Pedro II como Sílvio Romero; crítico semanal do *Correio da Manhã* como Osório Duque-Estrada; professor no Instituto de Educação como Roquette-Pinto; enviado em missão cultural no estrangeiro para ministiar um curso na Universidade de Lisboa como o seu sucessor na Universidade de Assunção. E todos, afinal, homens de jornal. Jornalista e patrono dos jornalistas brasileiros, como patrono da Cadeira, foi Hipólito da Costa; colaboradores de jornais os três, Sílvio, Osório, Roquette, pois que nos jornais é que se tem feito e se faz no Brasil a vida literária, como a própria vida cultural, à míngua de revistas especializadas e publicações universitárias.

Agora, não uma coincidência, mas uma ligação curiosa, entre o patrono e o último ocupante desta Cadeira. Trata-se do termo *brasiliano.* Como se sabe, Roquette-Pinto, a partir de certo momento – em Seixos *Rolados,* de 1927, o subtítulo ainda aparece "Ensaios brasileiros" – só escrevia *brasiliano,* nunca *brasileiro,* que repudiava como falsidade e condenava como erro.

Aliás, em matéria de terminologia, somente neste caso parecia empenhado. Embora não fosse propriamente um vulgarizador, empregava às vezes *Raça* como sinônimo de *Povo;* tanto *Índio* como *Ameríndio,* indiferentemen-

te. Não se mostrava nada rigoroso neste terreno; e só em relação a *brasiliano* se revelava intransigente e obstinado.

Pois bem: antes de ser de Roquette-Pinto o emprego de *brasiliano,* isto fora um problema de Hipólito José da Costa. E Roquette, que parecia haver feito do *brasiliano* uma descoberta da pólvora, nada mais fazia do que repetir, sem qualquer originalidade, o patrono da Cadeira 17. Em artigo publicado no Tomo 28 (p. 165) do *Correio Brasiliense,* explica Hipólito José da Costa por que preferiu usar *brasiliense* em vez de *brasileiro.* Mais ainda: acrescenta que a terminação em *ano* também é correta e se poderia empregar *brasiliano* à maneira de *pernambucano* como aliás, o fazia ele também, apenas restringindo-o aos indígenas do país. Vale ressaltar ainda que o argumento de Hipólito, para considerar inaceitável o adjetivo corrente e usual, é exatanente o mesmo tão constantemente invocado pelo mestre Roquette, isto é: que *brasileiro* só deve servir para caracteizar profissão ou ocupação. E aqui está, por inteiro, a nota de Hipólito José da Costa, extraída do Tomo 28 do *Correio Brasiliense:*

> Chamamos brasiliense o natural do Brasil; brasileiro, o português, europeu ou o estrangeiro, que lá vai negociar ou estabelecer-se, seguindo o gênio da língua portuguesa, na qual a denominação *eiro* denota a ocupação; exemplo: *sapateiro,* o que faz sapatos; *ferreiro,* o que trabalha em ferro; *cerieiro,* o que trabalha em cera; *brasileiro,* o que negocia em brasis ou gêneros do Brasil, etc.; por toda a parte o natural do Porto chama-se *portuense,* e não portueiro; o natural da Bahia *bahiense* e não baieiro. A terminação em *ano* também serviria para isto, como por exemplo de Pernambuco, *pernambucano,* e assim poderíamos dizer *brasiliano;* mas por via de distinção, desde que começamos a escrever este periódico, limitamos o derivado *brasiliano,* para os indígenas do País, usando outro *brasiliense,* para os estrangeiros e seus descendentes ali nascidos ou estabelecidos; e atuais possuidores do País.

## XXV
## A VERDADEIRA IMORTALIDADE

Minhas senhoras, meus senhores e senhores acadêmicos:

Com propriedade e veracidade, estou intitulando e caracterizando a Cadeira 17 como a *Cadeira dos Nacionaristas* – sem excluir, antes comple-

tando a legenda que lhe dera Roquette-Pinto de *Cadeira dos Professores.* Fiel que pretendo ser a essa tradição e a esse espírito, – quero proclamar a necessidade de empreendermos um novo movimento, uma nova campanha, urna nova batalha com este objetivo. É necessário realizar o nacionalismo em Literatura e Arte. Realizar uma emancipação na ordem da Cultura como se fala de emancipação econômica. Precisamos *pensar* o Brasil em termos nacionais e em termos de América, principalmente de América do Sul.

Não nos podemos dar ao luxo de sermos "cidadãos do mundo" porque ainda não somos suficientemente homens da nossa região e do nosso País, isto é, homens devidamente impregnados do sentimento da terra, da sociedade, da Cultura brasileira. Este luxo deve ficar para outros povos, como o francês ou o inglês, por exemplo, já saturados de patriotismo. Não poderemos aspirar a uma posição internacional, enquanto não houvermos consolidado uma forte situação nacional. Isto em Arte como em Política.

Para atingirmos este objetivo, porém, impõe-se que fixemos uma atitude realista e lúcida, ao mesmo tempo séria e saudável, afastados, a igual distância, tanto dos *porqueme-ufanistas* em estado de exaltação emocional quanto dos *hipercríticos* com um oposto delírio de autodestruição.

Coube a Roquette-Pinto, sem dúvida, *criar* no Brasil uma nova visão do nosso País; um novo sistema, um novo critério para ver, sentir e julgar a nossa realidade. Ao ouvir tantas vezes cantar que "o nosso céu tem mais estrelas" – quis contar as estrelas. É que ele próprio, numa entrevista, declarou ter sido uma contribuição, nem propriamente sua, mas da sua geração:

> Venho dos últimos tempos da monarquia. Assisti aos cinco anos às primeiras festas da República. Penso que o País deve um grande serviço à minha geração: foi a que principiou a descrer das "fabulosas riquezas" do Brasil, para começar a crer nas "decisivas possibilidades do trabalho". Havíamos recebido a noção de que um moço bem nascido e criado não devia trabalhar... Ouvimos ainda o eco dos "eitos". Ouvíamos também que nosso céu tem mais estrelas que os outros... Minha geração começou a contar as estrelas... E foi ver se era verdade que nos nossos bosques havia mais vida... E começou a falar claro aos concidadãos. Com a minha geração o Brasil começou a deixar apenas de ser tema de lirismo.

Colocava Roquette-Pinto acima da terra e da própria natureza, o problema do homem. Assim doutrinava, por exemplo, logo a abertura dos *Ensaios de Antropologia Brasiliana:* "Para as nações modernas não há problema tão importante quanto o da população. Tudo depende da *gente;* do número e da qualidade." Em outra ocasião, como *em* muitas outras ocasiões, voltou a repetir: "O que faz a grandeza das nações é o *homem."*

Assim, o seu amor ao Brasil estava constituído ao mesmo tempo de razão e sentimento; fortificara-se, subira, cescera, por efeito de forças interiores enraizadas tanto no coração quanto na consciência. Guardemos de Roquette por isso mesmo, esta receita para estudar e amar o Brasil.

"É preciso estudar o Brasil, com os seus encantos e as suas tristezas, para amá-lo conscientemente: estudar a terra, as plantas, os animais, a gente do Brasil."

Que poderia haver, assim, de tão comum entre Roquette-Pinto e o seu modelo Goethe, com quem gostava de comparar-se, a quem homenageou de tantas maneiras por ocasião do centenário de 1932, recebendo em compensação aquela medalha-Goethe, de que se mostrava orgulhoso como da maior de todas as condecorações? Que haveria de tão comum entre os dois para marcar tantas aproximações?

Observou certa vez o Professor Silva Mello, em conversa com o próprio Roquette-Pinto, que lhe notava muitos traços de semelhança fisionômica com Goethe. Deve ter encantado o autor de *Rondônia* notar-se a sua parecença com o gênio de Weimar; tanto que ao amigo respondeu Roquette com a informação de que, na sua família, havia realmente ascendência germânica.

Acrescentou Silva Melo que nas veias de Goethe, segundo uma versão generalizada e não desmentida, corria sangue negro. Sabe-se, aliás, que não era Goethe um ariano. E isto se torna igualmente curioso para o nosso caso ante essa confissão de Roquette-Pinto, feita a Humberto de Campos, registrada por este em seu *Diário Secreto:*

> Do que eu tenho, porém, certeza quase absoluta é de possuir nas veias sangue negro... Havia em casa o retrato de uma das minhas bisavós, que era o tipo clássico da mulata brasileira. Linda mulata! A nossa família não gostava

> que se dissesse isso. Mas quem fala aqui é o etnólogo, não é o membro da família.

Por outro lado, quantas diferenças, mesmo de natureza humana e de maneiras de ser entre os dois! O alemão, um sábio principalmente universal; o brasileiro, um sábio estritamente nacional. Discípulo de Spinoza, Goethe coloca a Natureza acima de tudo, mergulhando em panteísmo; para Roquette, não, o que o interessa, em primeiro lugar, é o homem.

Lembremo-nos da figura de Goethe: na mocidade, um inquieto, um nervoso, um impulsivo, caindo periodicamnente em crises de hipocondria, alcança na velhice a paz interior, o domínio de si próprio, calmo, dominador, majestático, homem já feito estátua e monumento, cabeça já preparada para a cunhagem em moedas e medalhas. Revelou-se Roquette-Pinto, ao contrário, mais sereno e tranqüilo na juventude, enquanto, na velhice, se foi tornando cada vez mais moderno, mais contemporâneo, mais apreensivo e trepidante em idéias como em iniciativas.

Em momento nenhum, porém, desapareceu em Roquette-Pinto o fascínio de Goethe. Dir-se-ia que representava Goethe o seu outro lado, o outro lado que existe em todos os brasileiros, neste permanente oscilar ou equilibrar-se entre a cultura européia e a cultura brasileira, neste incessante girar sobre dois eixos. Nada é mais sintomático ou expressivo neste sentido do que ver-se que Roquette-Pinto começa e termina o seu ensaio *Euclides da Cunha Naturalista* – talvez o mais pessoal e o mais genuíno dos seus ensaios – com invocações e citações de Goethe. Nas primeiras linhas, abrindo o ensaio, encontramos a citação daquela página de Goethe em que o Fausto, decrépito, ergue um hino à Natureza, quando colocado no seio de uma floresta. No final – fechando o estudo com esta nota de suprema admiração ao autor de *Os Sertões:* "quando o desânimo te infiltrar o coração, procura Euclides, e ele te mostrará, com verdade e fulgor, o mundo de que és dono" – conclui Roquette com outra invocação goethiana do Fausto, precisamente nestas palavras:

> E tu, meu irmão, como o Fausto da lenda medieval, erguerás de novo o grito da esperança:

> – Espírito sublime! permitiste que eu lesse no seio profundo da minha terra como no peito de um amigo: revelaste as forgas secretas da minha própria existência...

Outras, porém, eram aquelas profundas e autênticas forças secretas da natureza humana do autor de *Rondônia.* Para nós, em nossa visão, havia em Roquette-Pinto ao mesmo tempo um sonhador por dentro do cientista objetivo em seus trabalhos escritos ou experimentais; um afetivo, um homem que deixou em tudo que fez alguns sinais fortes de bondade, de altruísmo, de amor, de necessidade de compreensão e comunicação com os seus semelhantes, menos para um comércio desses sentimentos confortantes, que de nada ele precisava, e a si mesmo se bastava em solidão, mas com o ânimo de contribuir, de dar, de oferecer.

Dissera Roquette-Pinto, um dia, à sua filha Beatriz:

"Minha filha: nada na vida se faz de grande sem amor."

Quanto a mim, acredito que Roquette-Pinto – ainda mais por se tratar de citação de obra em cinema, em vez de livro ou tratado impresso – acredito que ele seria de todo sensível à singular beleza a sugestão desta frase que Jean-Louis Barrault pronuncia no filme *Les enfants du Paradis.*

"Se todos os que vivem juntos se amassem, a terra brilharia tanto quanto o sol."

Contudo, mesmo fora desta aspiração impossível ou deste sonho poético de *Les enfants du Paradis* – para que Roquette-Pinto seja sempre recordado e amado, não é nos seus livros ou nos seus atos que encontro a certeza dessa perenidade. Pois se algum dia falhar na memória dos homens tudo o que fez como cientista, como fundador e como pioneiro; se vierem até a desaparecer as suas obras escritas de autor, de humanista e de pensador – então, ele ainda será lembrado e estará imortalizado nos animais que trazem o seu nome em conseqüência de experiências de campo ou descobertas de laboratório: seja uma aranha caranguejeira de nossa fauna – a *Grammostola Roquettei;* seja uma borboleta – a *Agria Claudia Roquttei;* seja um pássaro das regiões goianas – o *Phyloscartes Roquettei.*

Viverá e sobreviverá Roquette-Pinto – de qualquer forma – nos nomes da linda aranha caranguejeira, da frágil borboleta e do pássaro do Brasil Central.

# II

# RESPOSTA DO SR. JOÃO NEVES DA FONTOURA

## I
## ACADÊMICOS E NÃO-ACADÊMICOS

Com a solenidade desta noite, Sr. Álvaro Lins, entrais a participar vitaliciamente dos trabalhos, honras e responsabilidades da Casa de Machado de Assis. A par com as Academias de todas as épocas, situa-se a nossa no paralelo próprio da geografia do espírito. Assim todas constituídas, na idade contemporânea, pelo modelo da francesa, em fechados círculos das boas letras, em almenaras e por vezes refúgios da inteligência criadora, guardas avançadas do pensamento e dos idiomas nacionais.

Desde logo, nenhuma das Academias deixou de fixar o número de seus componentes. No Brasil, como em França, seremos apenas os quarenta segundo o texto e o símbolo.

E ninguém até agora ousou uma reforma, mesmo de superfície, no pergaminho da fundação, amarelecido por bem mais de meio século.

Já por essa razão, numericamente restritiva, não se encontram aqui hoje, todos quantos gostaríamos de ver ocupando estas Poltronas.

A força da Academia, porém, como a de todas as ortodoxias, reside na sua unicidade e na condição inamovível e categórica: não sai ao encontro seja de quem for, embora com as portas hospitaleiramente abertas aos que lhe peçam entrada e mereçam transpor estes umbrais.

Lançando os olhos sobre o passado, poucos são os ilustres que aqui não lograram entrar, quando candidatos. Não se veja, pois, nem mesmo um dissídio entre homens de pensamento. Marcam-se apenas posições incidentemente diversas, inclusive em face da Academia.

Mas o erro irreparável estaria em julgar-se a Academia tão somente pelo seu conteúdo pessoal sempre, como a vida humana, variável e provisório. Tanto os membros da Companhia quantos os que a ela não pertencem. tomados isoladamente, são donos de seus próprios méritos. E estes não crescem nem mínguam porque seus titulares sejam ou não sejam acadêmicos.

A Thibaudet, que considerava a Academia Francesa o parlamento da República das Letras, não parecia substancial que *le Parlement des Lettres soit composé des quarante meilleurs écrivains*.

## II
## O SENTIDO DA ACADEMIA

De todos os pontos de vista, o que imparcialmente se deve considerar não são os acadêmicos. Mas a Academia. A instituição é que conta. Na sua origem, no seu significado, na ordenação e prestígio que imprime à área nacional das boas letras e do bom gosto pelas coisas do espírito. Sendo uma espécie de governo constitucional, no plano da inteligência, um órgão reconhecido pelas outras Academias do mundo, como sede natural da cultura do País, com os caracteres ideais de um poder executivo, com todas as semelhanças à personalidade de direito público, desfruta autoridade para falar, em nome do Brasil, num vasto e luminoso âmbito da vida de relação entre os povos. É isso a Academia. Os acadêmicos simbolizam o efêmero, como as folhas das árvores roladas pelos ventos do inverno renovadas em cada primavera, segundo a alegoria de Homero. Quando morrem, outras expressões rebrotam do tronco imperecível. Nossa imortalidade é esta: a de ter-mos tido, um dia, a glória, justa ou injusta, de um lugar entre seus ramos igualmente passageiros.

A era em que vivemos, talvez mais do que as precedentes, indica – aos que amam as virtudes da cultura da inteligência – a necessidade de resguardar-se o prestígio destes luzeiros acesos em meio à montante escuridão, ao

caos e sombras do materialismo dialético, hipocritamente hoje recoberto com as alvas lãs do Cordeiro da Paz.

Nem se impõe retrocedermos ao absolutismo individualista, que levou o segundo Geral da Companhia de Jesus a exclamar perante o Concílio de Trento: "A multidão sempre me aterra, mesmo a multidão dos bispos." Nesta crise universal, o que importa é garantir o poder da pessoa humana, suas regalias espirituais, sua expressão, suas intocáveis liberdades. Nem o homem isolado dos problemas da comunidade; nem esta relegando seus componentes à condição de seres numéricos.

Daí por que as sátiras anti-acadêmicas, as antigas desavenças entre acadêmimos e não-acadêmicos, não passam de reminiscências distantes de outras eras mais simples, mais desocupadas; por isso mesmo – quem sabe? – mais felizes. De igual altura devem ser vistas as lutas e contradições entre clássicos e modernos, em todas as províncias da Literatura ou das Artes. Ainda agora, correndo os olhos por estas Poltronas, achareis muitos dos que combateram a Instituição, e até alguns que carregaram, nos braços afoitos e juvenis, o glorioso e sedicioso Graça Aranha quando desencadeou contra a Academia, aqui neste recinto, seus ímpetos luteranos, sua revolta, suas tempestades renovadoras, apaziguadas depois por um longo armistício, que os ânimos e os cabelos brancos de vários dos novos beligerantes transformaram num tratado de paz com cláusulas honrosas para os dois campos, sem vencedores nem vencidos.

Bem andastes, pois, Sr. Álvaro Lins, apresentando democraticamente vossa candidatura, sem outros oragos além dos vossos diplomas intelectuais, à sucessão de Roquette-Pinto, logo que a morte fechou os olhos a um dos maiores brasileiros de todas as épocas, a um dos homens cuja fama não viverá da nossa convencional imortalidade, mas da que ele mesmo conquistou com sua obra imperecível nos variados campos da Literatura, da Ciência, do magistério.

## III
## UMA ELEIÇÃO UNÂNIME

A Academia era claramente vosso objetivo. Quem vos acompanhou, de perto ou de longe, tinha a certeza de que ela estava no vosso itinerário. Também vossa eleição, por unanimidade, prova que a Academia vos esperava e

desejava, como deseja e espera tantos outros valores ausentes do seu quadro e que ainda hesitam no absenteísmo, entre a ambição de a ela pertencer e o inexplicável temor da refrega eleitoral, esquecidos de que, em França, alguns dos mais notáveis homens de letras colecionaram, sem desistir, como Victor Hugo, memoráveis derrotas.

Não é, porém, habitual em País nenhum o que vos aconteceu: esse perfeito encontro de vontades, esse casamento venturoso entre o aspirante e a Academia, sob as bênçãos de todos os sufrágios e mais os aplausos da opinião nacional.

Creio que, assinalando as duas circunstâncias, vosso elogio estaria feito, e esta enorme e notável assistência dispensada do castigo de escutar-me, depois de ter aplaudido como devia vosso primoroso discurso.

A solenidade, entretanto, não ficaria completa dentro do ritual acadêmico; e, quanto a mim, não me indenizaria, com o simples silêncio, da possibilidade de haver empreendido colocar, na moldura pobre das minhas palavras, vossa obra que amadureceu quando quase todos começam apenas a semear as primeiras esperanças de celebridade. Nem me perdoariam a omissão os laços de camaradagem, que fizemos lá fora, vai para mais de um decênio, quando vos convoquei para comigo colaborar, em 1946, na obra cultural do Itamaraty. Escolha espontânea sem outras indicações além da vossa consagrada autoridade literária. Sempre me repugnou considerar que meu partido devesse desfrutar o monopólio dos homens capazes, e até enciclopedicamente capazes, a ponto que se devessem tirar de suas fileiras os ocupantes de todas as funções públicas, inclusive as mais especializadas. Foi sempre meu rumo e meu gosto escolher livremente os colaboradores não legalmente obrigatórios, mesmo no campo adverso, desde que nele se encontrassem os melhores.

Além disso, há, entre a solenidade desta noite e o dom de fácil profecia, um documento com a minha assinatura, preconstituindo a certeza de vossa eleição e insinuando-me, como alvíssaras, o direito de ser vosso padrinho, nesta solenidade.

Lá pelos começos de novembro de 1950, respondendo à carta em que o recipiendário de hoje me desejava o regresso à Pasta das Relações Exteriores, no Governo que se ia inaugurar, assim conclui: "Esta vai em papel com timbre da Academia, como espécie de aperitivo. O que eu desejo

não é voltar à Rua Larga, mas ter vida e saúde para receber a Você, na Casa de Machado de Assis".

Foi assim considerando que meu direito a saudar-vos, em nome da Companhia, estava irrevogavelmente adquirido com a antecipação mais de cinco anos. Devo, aliás, dizer que a Academia é supersticiosa, e não lhe agrada ouvir falar em vagas, quando não existem; no fundo, também, não simpatiza com aspirantes ostensivos, enquanto vivem os quarenta, porque qualquer destes receia que o pretendente lhe seja portador de alguma nuvem agoureira. Se não temi candidatar-vos sem vaga, Sr. Álvaro Lins, foi porque uma vez, querendo instruir-me quanto à possibilidade de conciliar meu fundo supersticioso com a sincera condição de crente nos dogmas da Igreja Católica, da qual sou o pior dos filhos, procurei esclarecer minhas dúvidas de consciência junto do Mestre Alceu de Amoroso Lima, em quem sobram predicados para ser, inclusive, confessor leigo dos seus confrades. Respondeu-me ele, com aquela sua luminosa e, não raro, docemente irônica maneira de explicar a verdade: "Olhe meu caro, meu Mestre Jackson de Figueiredo costumava dizer – Sou católico, apostólico, romano e... supersticioso."

Ainda bem que não havia a temida incompatibilidade. Deus, que tanto me tem dado, com Sua Mão misericordiosa, sem olhar-me as falhas, permitiu que vossa eleição se cumprisse em breve prazo, e, ainda, me concedeu a oportunidade de abrir-vos oficialmente, esta noite, as portas da Academia.

## IV
## O DISCURSO DE RESPOSTA

Não é normalmente um gênero fácil o dos discursos de saudação aos acadêmicos que tomam posse. A tradição reclama que o louvor não se teça total, mas que, aqui ou ali as pontas de alguns alfinetes resvalem, de leve, sobre a epiderme do recipiendário. A glória tem sempre, como o corpo do herói, algum ponto vulnerável.

Neste particular há de tudo nos fastos acadêmicos.

Aqui, refere-se que um grande escritor não se considerou bastante elogiado na solenidade de sua posse, e disse a um confidente: "Espero que meu sucessor me fará justiça."

Em França, algumas vezes essa denegação de justiça foi ultrapassada, chegando-se até a recursos de efeito cômico despropositado, para obrigar o noviço a descer das nuvens da ilusão ao plano da humildade.

Quando Villemain recebeu Scribe, medíocre autor de comédias, colocou, na oração, estas palavras equivalentes ao maior louvor a um autor de peças de teatro: *On vous a comparé à Molière*. Scribe, que, como é da regra, lera o texto, deve ter sentido as antecipadas delícias do sétimo céu. Pois, na hora de proferir a saudação, Villemain – conta o cronista –, "Quando chegou àquela frase, depôs as folhas do discurso sobre o rebordo da tribuna, limpou pacientemente os cristais do *lorgnon*, e, erguendo os braços aos céus, para que fossem testemunha da monstruosidade que ia proferir, exclamou numa voz dolorosa: *On vous a comparé à Molière*!.

Estas normas e as exceções nada valem para arrebatar, a quem recebe a homenagem e a quem profere a saudação, o sério e malicioso prazer dos discursos. No mínimo os oradores se pagam com a filosofia de Machado de Assis: "Mas quem é que esquece os discursos que faz? Se são bons, a memória os grava em bronze; se são ruins, deixam tal ou qual amargor, que dura muito. O melhor dos remédios, no segundo caso, é supô-los excelentes e, se a razão não aceita essa imaginação, consultar pessoas que a aceitam, e crer nelas. A opinião é um velho óleo incorruptível."

## V
## PRIMEIROS FRUTOS

Para o vosso elogio, Sr. Álvaro Lins, o custoso não é descobrir vossos títulos e méritos à sucessão de Roquette-Pinto, mas, ao contrário, dissociá-los e demarcá-los – tão numerosos são e variados – para apresentá-los, cada um por sua vez, numa tentativa de fixar e isolar as diversas cores espirituais do vosso espectro solar.

Nem o pesquisador avisado das vossas mais remotas inclinações literárias se contentaria de fazer escavações nos volumes do *Jornal de Caruaru* ou de seu êmulo – o *Cinco de Novembro* – entre os anos de 1929 e 1930, ao tempo em que o aluno interno do Ginásio do Recife cometia sonetos, poemas, acrósticos e artigos, vazados naqueles padrões de subliteratura, que, depois, o crítico veio a perseguir tão implacavelmente. Aqui, como por toda a

parte, os maiores escritores não escaparam ao tateio juvenil pelas adjacências do jardim das Musas, na ânsia de achar o caminho da verdadeira vocação.

Não obstante, esssas primeiras erupções do espírito são quase sempre carregadas de sentido e influem, em certa medida, na composição das forças que vão imprimir um caráter e um destino à personalidade literária.

Os vossos feitos menineiros, na maravilhosa aventura das ruas de Caruaru, não andavam dando à família suficientes garantias sobre vossa seriedade de propósitos, como ela desejava. Ai de nós, quando meditamos hoje, a decênios de distância, acerca da inoportuna austeridade que os pais do nosso tempo exigiam precocemente dos filhões varões!

Se os cronistas não se enganaram, numa certa noite do princípio deste século, Caruaru esteve sob a ameaça de ficar às escuras, quebradas todas as lâmpadas da iluminação pública. Diante do clamor popular (e nós os filhos das cidades pequenas bem conhecemos sua perigosa densidade), o prefeito em exercício – Pedro Alexandrino Lins –, mandou abrir o que ainda hoje se chama "o competente inquérito". No fim da diligência policial, o chefe do executivo chegou à espantosa evidência de que as depredações tinham sido praticadas por um bando de garotos, sob vossa belicosa liderança. Ou, mais propriamente, a liderança do filho do Prefeito! Aquela pequena *blitzkrieg,* levada a cabo com o primitivismo dos bodoques de pedra, custou-vos a deportação para o Recife e a internação no Colégio dos Salesianos. Por ser primário o criminoso, a pena foi suspensa sob a forma de um *sursis* conventual. Vossa professora de primeiras letras, que devia possuir provas concretas da vossa capacidade combativa, já lá andava murmurando nos seus serões e confidências ao ouvido da vizinhança: "Este menino acabará na Marinha", maneira imponente e alegórica de mencionar a Escola de Grumetes, espécie de reformatório, para onde eram remetidos, então, os meninos terríveis!

Entretanto, a lei das compensações não deixava de equilibrar, no outro prato da balança, a revelação primaveril do vosso engenho nascente, com as mostras de uma surpreendente espontaneidade no que a minha e a vossa geração denominava "composição": um ensaio de redação sobre determinado tema. No período ginasial, o aluno Álvaro Lins não raro desperdiçava tempo conversando com os vizinhos mais próximos. Numa dessas ocasiões, o velho professor Júlio Pires tentou apanhar-vos num flagrante de descuido chamando-vos à

leitura do vosso trabalho. Ao primeiro impacto, sofrestes pequena vacilação. Mas, logo depois, abrindo o caderno, bem próximo dos olhos, lestes, durante dez minutos, uma bela página, precursora de tantas outras que depois ganharam foros de celebridade. Apenas as laudas estavam em branco, e o vosso texto fora improvisado, no momento do aperto. O mestre compreendeu tudo num relance. Espírito justo, não desconheceu vosso poder criador, também não omitiu a punição pela falta. E a sentença foi esta: Álvaro Lins: português – dez; comportamento – zero! Os dois extremos no prêmio e no castigo.

## VI
## O COMEÇO DO MAGISTÉRIO

O Ginásio do Recife foi vosso *fiat* na carreira do Magistério. Nem despontara a maioridade civil, e já vosso antigo mestre, o Padre Félix Barreto, cuja bela vida soube acumular as responsabilidades da cátedra de humanidades com a presidência da Assembléia Estadual e até, episodicamente, a governadoria de Pernambuco, vos convocara para lecionar História da Civilização. Das vossas aulas não vos adveio somente a primeira notoriedade didática. Um dia, entre as vossas alunas, encontrastes, aliando aos encantos da beleza física os dotes espirituais, aquela que havia de ser a melhor parte do vosso coração, a meeira da vossa vida, inspiradora e colaboradora da vossa obra. A ela dedicastes o estudo sobre Rio Branco, em singelas e altas palavras, que retratam a persistência daquelas "afeições tenazes" a que se referiu Rui Barbosa: "A Heloísa, minha mulher, como lembrança dos dias em que juntos trabalhamos neste livro."

Enquanto o professor lecionava, o estudante de Direito aprendia as disciplinas jurídicas na velha Escola, que se honrou com os nomes de Tobias Barreto, Clóvis Beviláqua, Laurindo Leão, José Higino, Paula Batista, Aprígio Guimarães, Artur Orlando, Coelho Rodrigues, Martins Júnior, para só falar dos mortos.

## VII
## O DEMÔNIO DA POLÍTICA

Mas, parede-meia com a vocação do homem de letras e do professor, há, escondido no vosso peito, o demônio da Política, que vos persegue desde

a adolescência. Vossas primeiras incursões nessa perigosa seara datam dos bancos universitários. Atravessávamos os anos de 1931 e 1932. O Governo de 30 sofria os abalos da tremenda transformação iniciada. A Revolução soubera destruir, com rapidez e perícia, o edifício da República Velha; no entanto, os vencedores não atinavam ou não queriam atinar com o caminho da construção, vacilando, tergiversando, adiando o encontro com o povo perante as urnas. São Paulo conspirava à luz do sol, para reconquistar o direito de prover a escolha de seus dirigentes, emancipando-se da condição castrense a que o haviam reduzido os triunfadores de Outubro. Toda a Nação seguia, atenta e solidária, o drama bandeirante. Pernambuco não lhe poderia faltar. Muito menos os estudantes, que receberam, gravado pelos compromissos de toda uma tradição liberal, o legado da velha Casa em que se professava a ciência do Direito. São Paulo e Recife, nesse aspecto, são dois berços gêmeos, fraternalmente unidos pela efeméride da fundação dos cursos jurídicos do Brasil. Não havia como reagir diversamente, ante a ameaça de perpetuar-se um governo discricionário, quando o ato da sua investidura, pela armas de Outubro, estava selado com a garantia de demolir o que era a negação da pureza democrática, substituindo-o sem subterfúgios, por outro regime que trouxesse inscrito no frontispício o dualismo da fórmula de Assis Brasil – "Representação e Justiça".

O segundanista Álvaro Lins produziu, à época, seu primeiro trabalho, já de largo fôlego: a conferência "A Universidade como Escola de Homens Públicos". Naquela altura de 1932, vossos vinte anos de idade contrastavam com madureza do vosso espírito. Enquanto os estudantes do Recife davam espiritualmente a mão aos rapazes de São Paulo começava vossa carreira de imprensa, num jornal que não é só dos mais notáveis do Brasil, senão também o mais antigo de toda a América Latina – o *Diário de Pernambuco*.

O jornalismo passou a ser, com assiduidade, a terceira revelação da vossa capacidade.

Mas a Política já se vinha aproximando, com aqueles meneios ofídicos, que lhe asseguram o predomínio, quase sempre eterno, sobre a vítima escolhida. A Carlos Lima Cavalcanti, em cuja maneira de ser renascem as elegantes linhas dos antigos senhores de engenho e se repetem as tradições do seu patronímico, não passou despercebida vossa atuação no mundo estudantil.

Muito menos vossos artigos na imprensa; e ei-lo a atrair-vos, sem conhecer-vos, primeiro para redator do *Diário da Manhã*, depois para o lugar de Secretário do Governo do Estado de Pernambuco. Começavam a cumprir-se os receios daquela que vos deu o ser. Tendo acompanhado o marido, que viveu durante dezoito anos do obscuro cargo de Secretário da Prefeitura de Caruaru, com as limitações orçamentárias dos ordenados da modesta função pública, na singeleza preocupada de mãe de família, que aspira a situações melhores para o filho, ela teve um dia esta significativa exclamação : "Eu só peço a Deus que este menino não dê para Secretário".

Parece que a divina misericórdia se acha afinal inclinada a escutar a prece materna, Sr. Álvaro Lins, permitindo que se abram ao vosso futuro próximo os novos e altos caminho da chefia de uma das nossas mais importantes Missões Diplomáticas.

O curso jurídico estava terminado; o Bacharel Álvaro Lins o concluiu, *cum laude*, em 1935. Os caminhos do foro não seriam, contudo, os que ele iria trilhar. Até ali, os alunos do Ginásio do Recife e do Colégio Nóbrega ouviram vossas acuradas lições sobre a História da Civilização, enquanto, com o pé firmado no jornalismo, breve ascendestes de redator a diretor do *Diário da Manhã*, que fora em 1929 o baluarte pernambucano da Aliança Liberal. Quando, ao alvorecer de 1930, visitei o Recife, à frente da Caravana Liberal, o *Diário da Manhã* era o clarim da campanha que lançáramos no ano anterior, para derrotar a chapa oficial à sucessão do Presidente Washington Luís.

Absorvido pela Política, vosso nome já se encontrava em chapa para a Câmara dos Deputados, apesar dos vossos verdes 25 anos de idade. No tocante ao futuro de vossa vida e no que deveria ser o desempenho do papel que vos estava reservado no mundo das Letras, o golpe de 1937, impedindo vossa eleição ao Parlamento, vos reteve na província natal, por mais um fecundo triênio de trabalho, de estudo, de meditação. Não tenho dúvida em que uma cadeira no recinto do Palácio Tiradentes não significa apenas a honra de representar o povo, mas a melhor oportunidade que possa ter o eleito para criar uma reputação e apresentar-se no centro do palco político, de onde, quem dispõe de predicados de verdadeiro homem público, se acha habilitado a partir para os mais altos destinos. Vossa retenção no Recife não foi, pois, uma pausa nem um mal, mas uma dádiva da Providência, que ia

marcar vosso rumo principal no exercício da crítica literária E foi assim que a Política serviu à Literatura. Envolvido, corpo-e-alma, no *maquis* de resistência ao Estado Novo, procurastes aperfeiçoar-vos no estudo da mordacidade da sátira e da aguda crítica social. Eça de Queirós havia sido o caricaturista dos tipos frustrados de estadistas, dos políticos incapazes, dos ridículos da sociedade portuguesa do seu tempo. As cenas dos seus romances, os dramas que surpreendeu na alma humana, os sentimentos que aprofundou, segundo os métodos da escola naturalista então na moda, não esgotam os aspectos maravilhosos de sua obra. Como se disse de Balzac, Eça fez concorrência ao estado civil, criando um mundo rico, palpitante, gotejando todos os caracteres de verdadeiros seres humanos. Com eles, com suas paixões, suas grandezas, deficiências, misérias e contrastes, povoou seus romances.

## VIII
## O LIVRO SOBRE EÇA DE QUEIRÓS

Caminhastes direito a Eça de Queirós, como quem procura modelos e situações para zurzir vossos adversários. Eis que o garimpeiro estacou às margens do luminoso rio, deslumbrado pela quantidade de diamantes que ia encontrando.

Os personagens de Eça tinham tamanho *tonus* vital, tanta presença física que Ramalho Ortigão, o amigo fraterno do romancista, quando se inaugurou ali na Rua do Alecrim o monumento de Teixeira Lopes, disse no seu discurso:

> As personalidades de Eça de Queirós, que ele arrancou da banalidade da carne para as imortalizar, tornando-as típicas pela auréola da Arte, vivem em nossa imaginação mais poderosamente e mais intensamente do que se fizessem parte material do nosso mundo objetivo. Fradique Mendes, Carlos da Maia, Gonçalo Ramires, o primo Basílio, o Padre Amaro, o Cônego Dias, João da Ega, o Raposão, o Dr. Margaride, o Libaninho, o conselheiro Acácio, e outros muitos, são outros tantos autênticos atuantes, ponderosos moradores de Lisboa, que, neste momento, talvez nos estão ouvindo, ou cujas opiniões, teoria, modos, gestos, expressões fisionomicas e estados d'alma iremos encontrar hoje mesmo na Havanesa, no Terreiro do Paço, na Central, no Tavares ou no Augusto, descendo o Chiado às 4 da tarde, passeando ao crepúsculo na

Avenida ou, à noite, no teatro, exibindo-se, pontificando discursando, flirtando ou aborrecendo-se, juntamente com as mulheres, os filhos, as tias, os namoros, e as próprias criadas: a alucinante e fatal Maria Eduarda, a desgraçada e trágica Luíza, a Condessa de Gouvarinho, a Maria Monforte, a Leopoldina, a desordenada Lola, a sentimental e efêmera Carmen Puebla, a abominável Juliana, a tia Patrocínio das Neves, a *hedionda senhora*."

## IX
## A CAMINHO DA METRÓPOLE

Com eles construístes dois grandes artigos de crítica literária, um pouco como Mr. Jourdain, quase sem saber que havíeis encontrado o gênero que, sem demora, vos faria ilustre. E a revelação veio natural, inesperada, como as coisas boas que não se encomendam, até porque as que a gente encomenda não chegam nunca ou não chegam na medida desejada.

O que seria, depois, vosso grande amigo e editor José Olímpio, leu os trabalhos. Com o admirável *flair* tantas vezes comprovado de descobridor e animador de jovens talentos, pressentiu vosso êxito futuro, e não tardou a mandar-vos este bilhete: "Li os artigos sobre Eça de Queirós. Você gostaria de escrever um livro sobre ele, para a nossa casa editar?"

Era o convite à valsa; e vos jogastes, corpo inteiro, ao livro que se fez estréia espetacular, aquém e além-mar.

Vossa vida política, naquele tempo, prosseguia sob o signo da inquietação. Na forma do primitivismo, que ainda dominava a taba, o adversário era o vencido romano, quase sem direitos. Muito menos com regalias. Inscrevendo-vos para um concurso de professor no Ginásio Oficial, as provas foram indefinidamente adiadas. O livro sobre Eça não foi apenas mensageiro de notoriedade e glória. Também vos custou o cancelamento da Cadeira no Colégio Nórega. Sitiado, assim, de vários lados, vossos olhos se voltaram naturalmente para a barra do Recife. O remédio estava em partir, buscar o grande centro, abordar a aventura, que é uma espécie de porta misteriosa para todos os triunfadores. O Rio passou a ser o pólo magnético do vosso destino.

Não fostes o primeiro nem sereis o último entre os que emigraram da província para a metrópole. Outrora, para a Corte. Hoje, para a um tanto desfiguarada Cidade Maravilhosa. É o que, aliás, sucede nos outros países.

Para intelectuais, a grande cidade é o chamamento, que pode levá-los à verdadeira altura dos seus merecimentos, ou calcá-los à mediocridade e até à miséria mesmo.

## X
## O PAPEL DA PROVÍNCIA

Mas todo o vosso capital, juntado vintém a vintém nos valores monetários do espírito, é a Pernambuco que o deveis. Quem não nasceu na província ou nela não teve sua formação desconhece o que ela marca de benéfico, de construtivo, de apaziguador de impaciências. A província ainda é e continuará sendo o Brasil, na sua genuinidade, no seu indeformável caráter, na sua incontaminada sensibilidade nacional. A não ser Machado de Assis e poucos mais, foi da província que chegaram, alguns já feitos, os maiores escritores do Brasil de todos os tempos, trazendo cada qual, destacados do meio físico onde cresceram, os componentes tão diversamente telúricos, climáticos e espirituais das várias porções da Pátria. Não só os poetas e homens de letras; os de ciência, os construtores da Nação, quase todos os homens públicos mais representativos, os estadistas que, em dois regimes, deram ao País algumas das melhores molduras para os quadros do nosso desenvolvimento material, para o aperfeiçoamento dos problemas do espírito, sem esquecermos que todos os Presidentes da República e seus eventuais sucessores também os forneceu o interior do País. Não seria nesta agitada altura dos nossos acontecimentos que um observador, com a dura experiência dos anos e a sabedoria dos desenganos, haveria de opor umas regiões a outras ou desmerecer a metrópole do País. Para engrandecer esta última, basta lembrar que aqui viram a luz Machado de Assis e o Barão do Rio Branco, falando apenas dos astros magnos, sem exclusão dos astros menores e satélites. O que estou a dizer é que as capitais em geral se descaracterizam pela afluência dos que vêm de outros países, com o espírito povoado de outros problemas, de outros impulsos, de outras lendas, e sem a misteriosa força das ligações estritamnente vernáculas. No tumulto dos grandes centros urbanos, cada coisa se desordena, uma parece – conforme a hora – mais importante do que outra, desde o tráfego até a concorrência no insaciável mundo dos empregos e dos negócios, desde as questões que se alternam vertiginosamente na ordem do dia até o ambiente artificial da vida noturna, *le*

*monde où l'on s'énnuie*. Nesse jardim, de luzes coloridas e comprometedoras penumbras, há infinitamente menos Brasil do que na tranqüila periferia, que conhece as madrugadas para o trabalho e as noites para o repouso. É lá que se guarda, como entre as páginas do livro de cabeceira, a flor das afeições duradouras, senão eternas. É lá, em qualquer de suas áreas, que o matuto, o seringueiro, o caipira, o capiau, o tropeiro, o peão, o *camarada*, o jangadeiro, o gaúcho, o que empunha a rabiça do arado, o que conduz as canoas a remo, o que colhe o café, o arroz, o trigo, o algodão, o cacau, a cana-de-açúcar, o minerador paciente, o fazendeiro, o senhor de vastas plantações, a dona de casa à moda antiga, o negociante, grande e pequeno compõem uma forma desinteressada de opinião pública, inacessível ao cansaço, à ambição às infidelidades, ao convencionalismo. Esse, o papel catalisador das províncias no sistema brasileiro. Existiam desde a colônia, sob a denominação de capitanias, que foram o berço do nosso federalismo. Continuaram na Monarquia, não mudaram na República, cada qual com as peculiaridades do seu caráter, todas essencialmente brasileiras, sem risco de secessão. Por isso, o que aqui por vezes parece um pensamento nacional não o é. É só um pensamento metropolitano, que não está no cérebro do Brasil. Nem no coração.

O mesmo acontece, não raro, com todas as capitais, pelo fenômeno da descentralização política, econômica, social e literária. 1930 foi uma prova de quanto pode a periferia quando o centro não responde aos seus anseios, aspirações e urgências.

## XI
## A FEDERAÇÃO LITERÁRIA

Falando no ato inaugural da Academia, Machado de Assis atribuiu a esta Casa o papel de "conservar, no meio da federação política, a unidade literária".

A experiência de mais de meio século demonstrou que, até por ação de presença, a Academia soube manter não só a unidade literária no seio da federação política, mas também simbolizar a unidade nacional no seio da federação literária. Porque é bem este o lugar de ressaltar que, se a federação política, instituída pela República, foi sempre, por imposições naturais, condição da nossa sobrevivência, com a integridade do território herdado de Portugal, a

federação literária – talvez mais do que a política – nunca cessou de existir, ainda quando o País se mantinha, *de jure*, sob a forma unitária.

No Brasil, a criação literária não foi um ditado do centro para a periferia. Talvez quase inteiramente o oposto.

Não há senão olhar o mapa da nossa agitada formação, desde as origens, ainda as mais remotas. No século XVI, já o Padre José de Anchieta, na capitania de São Vicente, aliava ao apostolado da Fé o da Poesia. Depois foram se sucedendo as escolas: a baiana já ostentava vivos traços de brasilidade nascente, com a sátira do leguleio Gregório de Matos, esse bem com o cheiro e jeito da terra: a mineira, com os árcades, com Basílio da Gama, com o Padre Durão, com os poetas da Inconfidência, com o lirismo de Gonzaga; o Romantismo, em todos seus aspectos, na Poesia e na prosa, inclusive o indianismo; e com o maranhense Gonçalves Dias, com o carioca Gonçalves de Magalhães, com o cearense José de Alencar, com os paulista Álvares de Azevedo e José Bonifácio, Moço, os fluminenses Casimiro de Abreu e Fagundes Varela, os gaúchos Araújo Porto Alegre, Félix da Cunha e Laurindo Rabelo, o catarinense Luís Delfino, o carioca Francisco Otaviano e tantos mais: o *condoreirismo*, que se alça de Pernambuco a São Paulo, com a lira de Castro Alves, o maior de todos, seguido da enorme, ardente e rumorosa plêiade dos seus contemporâneos, dos seus discípulos, dos seus imitadores, sem falar nos que enriqueceram o Brasil com a Poesia popular, com a sertaneja, com os trovadores do Norte e do Sul, trazendo inspiração no fundo das nossas lendas; finalmente, com o *Modernismo*, que, igual à independência, teve seu berço em São Paulo e é hoje representado nesta Academia por alguns dos seus mais altos poetas, criticos, escritores e romancistas.

## XII
## NO DOMÍNIO NACIONAL DA CRÍTICA

Terminado à perfeição vosso ensaio geral de Pernambuco, lá ficou ele distante, na bruma das melhores lembranças. Agora, é o Rio; é 1940. Vossa luta, Sr. Álvaro Lins, começou quase no dia seguinte ao desembarque. O livro sobre Eça fora a chave do renome e o princípio do vosso novo mundo. Teríeis de confirmar sua mensagem, ou perder a batalha. O grande jornal de Edmundo Bittencourt será, no rodapé de crítica literária, a banca do vosso

exame vestibular perante os confrades, sentados no hemiciclo, à espera de julgar-vos. São passos decisivos esses primeiros, para quem traz a perigosa etiqueta de celebridade da província. A tendência darwiniana é para inabilitar o recém-chegado. Nisso, há nas metrópoles algo de selvagem, pela inconsciente maldade dos que já venceram ou supõem ter vencido, instalados como senhores infalíveis do alheio valor. Pois foi esse justamente o princípio do vosso triunfo. Semana sobre semana, fostes construindo os volumes que depois se denominaram *Jornal de Crítica*.

Poderíeis ter entrado na liça, modestamente, pedindo desculpas aos leitores pela tomada de lugar no julgamento da produção literária. Sobretudo, aos confrades. Estes são muito semelhantes aos clássicos *chers confrères,* que ireis conhecer em breve, na diplomacia, pela sua malícia na apreciação dos seus pares. Seria hábil, mas não somaria com o vosso amor-próprio nem com vosso temperamento individualista, polêmico, afirmativo. Em vez de penetrar na arena, devagar, pelo lado da sombra, ganhando o centro sem as definições sempre perigosas, enfrentastes o problema da crítica e dos críticos, com uma espécie de plataforma categórica. Com razão sustentastes, no vosso "Itinerário", que "o ato de tudo aceitar, como o ato de tudo negar, não é um ato de crítica. É um ato de positiva ou negativa apologia, e só". Nem a crítica dita científica, nem a dogmática, ou a didática, segundo antigas classificações, vos seduzem. "É uma crítica, segundo considerais, falida e desacreditada".

## XIII
## O SENTIDO DA CRÍTICA

A que vos propusestes, então, assumindo no *Correio da Manhã* uma cátedra que tantos nomes eminentes já haviam ilustrado? A fazer a crítica "como uma diretiva da personalidade, como uma Arte, como um novo gênero literário de criação – eis como concebemos nosso ofício".

Sob este signo, fostes levado, talvez um pouco sumariarnente, a sustentar no mesmo artigo que "os melhores críticos do nosso tempo não são os profissionais exclusivos do gênero, mas, ao contrário, poetas e romancistas – um André Gide, um Paul Valéry, um Paul Claudel".

Negastes, assim, que a crítica fosse, como escreveu Humberto de Campos, vosso direto antecessor no *Correio da Manhã*, uma espécie de magistratura literária. Ora, o magistrado não cria lei, senão que a aplica.

Um dos autorizados louvores, que alcançastes não faz muito, proveio de Otto Maria Carpeaux, brasileiro por oportuna adesão ao Brasil, a que está servindo excelentemente no mundo das Letras. Determinando o étimo da palavra crítica, Carpeaux afirma ser grega a origem dela, descendendo do substantivo *Krisis* e do verbo *Krinein*. Enquanto o substantivo designa a situação, a crise, o verbo significa "julgar".

Segundo Carpeaux, exerceis, Sr. Álvaro Lins, uma "crítica predicativa", ao passo que ele preferia que vos inclinásseis pelos processos interpretativos. Entretanto, ninguém ultrapassou, em louvores, a crítica que do crítico Álvaro Lins fez o crítico Otto Maria Carpeaux, colocando-o acima de todo o doutrinarismo, a ponto de parecer-lhe que vossa crítica é a crítica impressionista.

Se bem captei, em margens e a fundo, vosso expresso pensamento, tenho que simpatizais com um estilo de crítica por sobre o enquadramento de escolas, sistemas e preconceitos – tão compactos que dela fazem uma nova categoria literária, inteiramente dissociada das outras.

Rejeitando, de algum modo, que a crítica se restrinja à apreciação da obra alheia, alvitrais que ela disponha e provenha de capacidade criadora, isto é, que traga ao debate, "ao lado e além das obras dos outros, idéias novas, direções insuspeitadas, novos elementos literários e estéticos". Donde: "Crítica num tríplice aspecto – interpretação, sugestão, julgamento" – concluís.

Não é bem esta a oportunidade de aclararmos até onde a crítica, exercida por mestres, como sois, apesar de vossa relativa juventude, pudesse acumular as funções de explicar, aprofundar e julgar a produção literária ou artística e, ao mesmo tempo, fazer concorrência aos criticados, no aspecto da criação de iguais ou semelhantes valores do espírito. É possível ser um poeta e um crítico, um romancista e um crítico; mas quem, como Gide, Valéry ou Claudel (a citação é vossa e a lista poderia ser enormemente acrescida), seja capaz de escrever um poema, um romance e um volume de crítica não escreve o poema ou romance como crítico, nem crítica como poeta ou romancista.

Esses privilegiados seres, como aquelas pessoas mencionadas no direito romano, equivalem ao *homo plures personas sustinet*. O próprio Sainte-Beuve, invocado no vosso texto, será exatamente a melhor prova de como aqueles múltiplos caminhos são apenas paralelas geométricas. Quando escreveu seus versos, saiu um poeta extremamente artificial. Quando compôs o romance *Volupté*, disse Jacques Bainville que o fez *avec un tel effort qu'il n'a plus recommencé cet exercice*.

Bainville, que prefaciou a edição de alguns dos esplêndidos retratos históricos devidos a Sainte-Beuve, considera com propósito que ele não era nem um poeta nem um romancista. Fez versos que *ne sont pas négligeables*, mas não era poeta; escreveu um romance sem ser romancista.

O que lhe havia de conceder inexcedível lugar na galeria espiritual da França era o seu talento de crítico literário e de intérprete das figura e segredos da história, com sua vastíssima cultura seu poder de penetração na prosa e na Poesia dos verdadeiros poetas e prosadores.

Cada vez mais a crítica assume os contornos de uma cátedra, para cujo exercício se requerem atributos tão variados e tão profundos conhecimentos, tão apurado bom gosto, que não é fácil regê-la sem uma especializacão vitalícia, um senso excepcional das proporções e uma honestidade espiritual, difíceis de serem desempenhados juntamente com outros gêneros da invenção literária.

E vede como o próprio Sainte-Beuve, quando se retirou do jardim da Poesia e do Romance (o dele, de flores artificiais), definiu exatamente a crítica como um gênero e o crítico como um executor impessoal da crítica. As palavras do Mestre não comportam equívocos: "*L'une des conditions du genre critique dans sa plenitude est de n'avoir par d'art à soi, ni de style.*"

Palavras e definições levam não raro a trilhas impraticáveis. Por isso, a apreciação de um homem e de uma obra convém seja feita objetivamente através do homem e da obra. E é bem o vosso caso, como crítico literário, Sr. Álvaro Lins. Para fixar vossos méritos, é ainda de Sainte-Beuve que me vou socorrer: entendia ele que a crítica sobre um escritor deve apoiar-se no conhecimento do homem para descobrir-se "*le lien du moral au talent*".

É aí mesmo que vossa autoridade se afirmou, desde saída, quando escrevestes no vosso primeiro folhetim do *Correio da Manhã*: "O crítico só tem um

partido: o partido da Literatura." E, a essa luz é que vossa reputacão ganhou altura, somando a capacidade do intérprete com a dignidade moral do crítico.

## XIV
## O JUIZ E O CRÍTICO

Aliás, é curioso marcar o drama do crítico, quando se compara sua missão com a do juiz. A semelhança entre ambas tem muito de superficial. Ao suceder a Brunetière, na Academia Francesa, Henry Barboux, que não era um crítico, mas um advogado, observou com *finesse: "Les juges qui sont assis sur les tribunaux se décident par des lois, qu'ils n'on pas faites et qui sont fixes. Les juges des ouvrages de l'esprit jouissent d'une entière liberté, ils n'ont pas de lois que celles qu'ils se font à eux-mêmes."*

A Brunetière, que também considerava a crítica como equivalente a uma judicatura, sempre pareceu necessário que ela se exercesse sob a disciplina de um código de regras genéricas com a impessoalidade, a seriedade dos fins da obra de Arte, o bom gosto, a correção.

Nesse aspecto, entretanto, ninguém vos excedeu, Sr. Álvaro Lins, na correção e exata medida com que situastes o problema em vosso capítulo "O Ato de Julgar", definindo com insuperável segurança esse dever do crítico: "Sem a coragem de julgar, sem a capacidade de emitir juízos, o crítico pode ser um artista da interpretação ou um comentarista de fatos e livros, mas já estará em outro plano que não é mais o da sua missão dentro da Literatura".

Com o tempo, foram-se distanciando algumas das vossas primeiras perspectivas um tanto prevenidas contra a concepção da crítica como categoria autônoma no quadro das Letras, a crítica especializada, com sua metodologia própria, sua função social entre o escritor e o público. Em suma, a crítica exercida com exclusividade, com nobre profissionalismo, se me permitirdes dizê-lo; não a crítica como fugaz expressão de diletantismo literário, porém a crítica dotada dos predicados, que lhe exige e se exige, com grandeza, o nosso Alceu de Amoroso Lima: "A independência, o bom gosto, a pertinácia e a cultura." Foram justamente esses os predicados que Amoroso Lima desde logo divisou nas vossas obras de iniciação, e, em nome dos quais, vos apontaria mais tarde como "o maior dos nossos críticos vivos".

## XV
## SINCERIDADE

A esse louvor, que a qualquer outro supera, por partir de quem parte, ouso acrescentar que, escrevendo acerca dos fatos literários e sociais, por anos a fio, e sobre as obras, durante eles publicadas, tendes efetuado, com altura, a perigosa travessia sobre o julgamento dos contemporâneos, *la critique des vivants*, que Sainte-Beuve entendia ser a parte mais difícil e a mais nobre da tarefa.

Exercendo a crítica com a compenetração de um oficio literário, não sois apenas "o crítico da coragem", como disse de vós o Sr. Otto Maria Carpeaux. A meu juízo, uma outra qualidade é inseparável dos vossos ensaios: a da sinceridade, com que procurais encontrar e pôr em relevo os valores do mundo espiritual, com seus contrastes entre luzes e sombras, sem paixões para louvar a quem não merece; muito menos para ocultar deficiências e erros.

E a sinceridade é ainda a virtude teologal da crítica, como da vida. Mesmo os diplomatas, quando iludem conscientemente, por dever de cargo, os negociadores da outra parte contratante, não deixam de ser sinceros; sinceros em relação ao Governo e aos interesses de sua Pátria.

A predominância, nesta era, da parcialidade, do espírito de facção, da hipocrisia, como razão de Estado, no jogo da política entre as Nações, por obra da doutrina e das aspirações marxistas, tornou arriscadas as posições dos homens ou dos grupos sociais que sejam sinceros. Refere o anedotário que ao grande pintor Degas uma dama apresentou o filho com apenas quinze anos de idade, dizendo-lhe: *"Il peint déjá, si vous saviez comme c'est sincère."* E Degas a responder: "*Si jeune et déjà sincère! Il est perdu.*"

Quando falo da sinceridade com que vos comportais na análise da realização literária e das idéias políticas e filosóficas, estou evidentemente me referindo à retidão interior dos vossos julgamentos. Como bem assinalou René Dumesnil, estudando o Realismo e o Naturalismo na Literatura francesa: "*l'objectivité totale, absolue, dans le domaine littéraire, est sans doute un leurre. On ne peut pas se retirer de soi au moment d'écrire et le style ne peut pas être autre chose que l'homme même.*" E concluindo, sem falha: "*Tout art est un choix et tout choix est obligatoiremente subjectif.*"

## XVI
## O CRÍTICO JULGADO PELOS CRÍTICOS

Digno de registro, Sr. Álvaro Lins, é que os mais acentuados elogios os tendes recebido dos vossos pares da crítica literária. Depois de Amoroso Lima, o Sr. Antonio Candido, tão altamente destacado no quadro atual da crítica, certificou, em vosso favor, "o justo equilíbrio e a imparcialidade entre o impressionismo estético, que ameaça os grandes individualistas, e a solicitação da atividade no mundo que arrasta o intelectual para o turbilhão dos acontecimentos e das paixões políticas". Aliás, é a Antonio Candido que deveis, além do diploma de "maior crítico de ficção, que já apareceu no Brasil", este outro louvor, denso de justeza e verdade: "Não quero dizer que o Sr. Álvaro Lins seja o "melhor" crítico brasileiro, porque estas questões não têm sentido. Não há dúvida que ele é o "mais" crítico, o único que não interrompe a atividade, que não a cultiva incidentalmente, que não se cansa de criticar."

A influência, que exercestes no meio intelectual, se tornou em breve considerável. Vossas opiniões e juízos acerca das obras literárias mais em voga passaram, por sua vez, a ser objeto de debates, tão fundamente alguns deles haviam vincado autores e livros. Vosso estudo, por exemplo, acerca dos poetas que dominam a atualida brasileira, contribuiu de maneira singular para uma compreensão mais profunda dos segredos e belezas da que foi chamada "a Poesia moderna". O que se está oxidando, pela ação do tempo, é o qualificativo moderno. Os primeiros arrepios contra a escola inovadora, seus métodos, a ausência das antigas regras da metrificação e das rimas, a aparente morte do soneto e seus fechos de ouro, desde Camões até o Parnasianismo, os estalidos revolucionários de 1922 perdem-se, hoje, na familiaridade espiritual entre os grandes astros da que foi há mais de trinta anos apelidada Poesia moderna e os que, sem quebra de antigas devoções, queimam agora no altar recente o incenso da adesão, se não aos novos padrões da poética, pelo menos ao engenho dos seus poetas.

Também o Romance e o Teatro nacionais receberm vossos atentos cuidados sobre a sorte de ambos, e ajudastes a esclarecer muitos equívocos na consideração dos dois gêneros literários e a realçar muitas belezas ocultas a olhos menos afeitos a discerni-las, entre paisagens por vezes pouco atrativas. Fizestes, a este respeito, um feliz contraste entre o leitor, "ser abstrato e inde-

finível, impossível de controlar pelo autor da obra", e o espectador, que é "um ser presente, concreto, atuante, com uma repercussão direta sobre o destino do espetáculo".

Assumindo a defesa do público, que freqüenta as platéias, evidenciastes que, ao lado daqueles que se comprazem apenas com a chanchada, há "um outro público consciente e de bom gosto, um autêntico público teatral, cujo paladar não se satisfaz com o simples divertimento só para rir". E é para aquela assistência cultivada e de bom gosto, que advogais a participação do Estado com auxílio financeiro às boas companhias, pelo menos libertando-as dos pesados ônus fiscais. Na campanha em favor do teatro brasileiro, tendes antecessores ilustres – e entre os mais ilustres que passaram pela Academia –, dos quais destaco o glorioso fundador e primeiro ocupante da Cadeira em que o substituí sem suceder – Coelho Neto, patrono da Escola Dramática, autor de tantas peças que ficaram nas nossas Letras, deputado maranhense que, na Câmara, defendeu tantas vezes o teatro nacional e seus artistas.

Foi por essa qualidade de Mestre da Crítica Literária, mais do que por qualquer outro dos vossos múltiplos diplomas intelectuais, que a Academia vos abriu, por unanimidade, as portas.

Conta-se que certa vez, quando um dos membros da Academia Francesa incitava Barbery d'Aurevilly a candidatar-se a uma vaga na Casa de Richelieu, recebeu do crítico, com sua habitual mordacidade, a seguinte resposta: "*Qui donc vous jugerait* ?".

## XVII
## A ACADEMIA E OS CRÍTICOS

A Academia Brasileira contou com a presença e o lustre dos críticos desde a fundação. Não me refiro aos críticos episódicos, mas aos que concentraram, nesse gênero, a vida quase inteira. Os nomes deles respondem pela importância das suas obras, pela influência que exerceram e exercem, pelo que de alto trouxeram ao Brasil: Sílvio Romero, vosso predecessor direto, o titã da crítica e da polêmica; José Veríssimo, do qual compusestes o retrato com os vossos próprios traços; João Ribeiro, cuja obra magistral o nosso insigne Múcio Leão, também crítico de justo e alto renome, reconstrói e classifica para a leitura das gerações que estão amanhecendo; Lafayette Rodrigues

Pereira, que escrevia Literatura e Direito com a diafaneidade de um clássico; Xavier Marques, sob certos aspectos incomparável na perfeição dos seus métodos de julgamento literário; Carlos de Laet, professor, como vós, crítico e panfletário que discutiu com Camilo; Araripe Júnior, cujos processos não o fazem santo da vossa devoção; o erudito Osório Duque Estrada, vosso destacado antecessor na Cadeira 17 e no rodapé do *Correio da Manhã*; Alceu Amoroso Lima, que pertence não só à teoria dos mais completos dos nossos críticos, como principalmente ao Brasil, que dele se orgulha como de um líder, um orientador, um grande homem de pensamento e coração. A lista de nomes encheria algumas páginas, se os outros acadêmicos, que fizeram também a crítica, não se houvessem celebrizado, a partir do próprio Machado de Assis, como romancistas, poetas, oradores, escritores de teatro, de Política, de Arte, de Ciência.

Tendo revelado pela imprensa vossas primícias literárias, nela é que haveríeis de ingressar bem cedo, na plenitude profissional. Logo depois de chegado ao Rio, a redação do *Correio da Manhã* passou a contar com vossa pena, mesmo fora do rodapé de crítica. Vosso estilo ágil, vivo, sóbrio, vossa cultura multiforme, o golpe de vista com que lobrigais e captais a substância dos acontecimentos político-sociais, vosso gosto pelo jornal, breve vos dariam um lugar de destaque entre os homens de imprensa.

O jornalista, o crítico literário não conseguiram, no entanto, absorver vossa atividade nem sufocar vosso pendor pelo professorado, que iniciastes no Ginásio do Recife. Vossas agulhas espirituais não se cansavam de apontar-nos o caminho da cátedra, como um dos vossos destinos.

## XVIII
## DA TÉCNICA DO ROMANCE EM MARCEL PROUST

O Instituto da Educação, desta capital, contava já com vossa cooperação como lente de História Geral e do Brasil. Mas o alvo de vossas aspirações, na política do magistério, era o Colégio Pedro II, que o imperador se comprazia em freqüentar, e do qual dizia: "Eu só governo duas coisas no Brasil: minha Casa e o Colégio Pedro II." O Pedro II foi sempre, mesmo nas épocas de decadência do ensino, um modelo no curso de humanidades. Por ele passaram, lecionando e aprendendo, muitos dos que depois se tornariam autênti-

cos grandes homens, alguns dos quais a História já os coroou com as láureas da posteridade. Os concursos para cáledra do Pedro II ainda guardam o prestígio de autênticos duelos entre excepcionais valores de cultura. Para o mundo dos professores e estudantes, eles constituem hoje o mesmo nobre espetáculo de inteligência e controvérsia, como ao tempo do velho monarca, que os honrava com sua presidência.

Inscrito para catedrático de Literatura, vossa peleja foi árdua, enfrentando quatro contendores altamente capazes. Tanto mais de destacar-se vossa vitória, com a conquista do primeiro lugar à base de 196 pontos num máximo de 200. Não só isso merece relevo, senão também o tema de vossa tese: "Da Técnica do romance em Marcel Proust."

Ora, se a bibliografia proustiana é imensa e variada em todas as línguas, até agora aquele aspecto não fora objeto de qualquer estudo especial.

Proust, seus romances, sua crônica pessoal, seus dramas íntimos, sua formação espiritual, o enigma de suas afeições, seu lado *salonnard* da juventude na casa da princesa Mathilde ou da princesa de Polignac, a hostilidade que lhe moveu a *rive gauche*, suas torturantes insônias, seu final isolamento e até as angústias da asma se tornaram o centro de um profundo inquérito, por parte da crítica e de exegetas sutis, para surpreender e revelar o segredo do seu universo e as tendências mais recatadas de sua psicologia.

Em toda a sua obra, o romancista não suscitou apenas o conflito de paixões – como a ambição, o amor, o ciúme, temas eternos da vida e da criação literária. Possivelmente, ele mesmo se terá autenticamente interpretado na célebre entrevista que deu a *Le Temps*: "*Il y a une géométrie plane, et une géométrie dans l'espace; eh bien, pour moi, le roman c'est n'est pas seulement de la psychologie plane, mais de la psychologie dans le temps. Cette substance invisible du temps, j'ai tâché de l'isoler*".

Talvez seja definitivo o conceito de Henri Massis:

> *"Avec Balzac et Proust, nous tenons les deux bouts de la chaine. Le génie de Balzac a enfanté cette société dont Proust a été, cent ans plus tard, l'Hamlet et le fossoyeur; et l'éffondrement de cette société confère à l'oeuvre de Proust une dimension historique et sociale qui en intensifie la portée et lui donne un surcroît de pathétique."*

Estudando com admirável profundidade a construção proustiana, sustentastes, Sr. Álvaro Lins, que ela constitui uma epopéia cômico-heróica e destes novos aspectos de interpretação ao casamento de Gilberte Swann com o conde Saint-Loup.

## XIX
## CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS EM LISBOA

Mas vossa carreira no magistério não se esgotaria dentro do Brasil. Coube-me contribuir para que ela se estendesse a Portugal. Convencido de que o interesse do nosso País está em difundir-se espiritualmente no mundo, apontando os contribuintes da sua formação histórica e política as bases da sua cultura, já multiforme, os pontos altos dos poetas, escritores, romancistas, homens de ciência, de Estado de pensamento, de imprensa, pude realizar, tanto quanto me permitiram os nossos problemas financeiros, a idéia de enviar para várias universidades estrangeiras, da América e da Europa, alguns dos nossos melhores intelectuais, entre os quais o Benjamim da Academia, Josué Montello, que professaram, naqueles centros, cadeiras de Estudos Brasileiros. A experiência foi amplamente vitoriosa. Como era natural, volteime, em primeira mão, para Portugal, que logo transmitiu ao Itamaraty, o *placet* da Universidade de Lisboa, em cuja Faculdade de Letras funcionaria o novo curso. E para regê-lo o professor, o jornalista, o crítico literário Álvaro Lins.

A aula inaugural teve a presidi-la o eminente Ministro de Negócios Estrangeiros de Portugal, Professor Paulo Cunha, presente toda a Lisboa mais notável no mundo das Letras, além do elemento estudantil, "rapazes e raparigas", como lá se diz, que aplaudiram a dissertação do mestre, com afeição e calor.

Era a segunda vez que, na direção do Itamaraty, me utilizava dos vossos talentos ao serviço da cultura nacional, colhendo, para o Brasil, os frutos da vossa preciosa ajuda, como a de outros ilustres escritores que também se incumbiram de levar a várias universidades do mundo uma exata noção do Brasil, do que ele foi, do que é, do que pode vir a ser ao preço do nosso esforço, da nossa capacidade de saber servir seu desenvolvimento atual, já prodigioso, embora atacado de paralisias parciais na infra-estrutura. A obra que, juntos, então empreendemos, Sr. Álvaro Lins, estará apenas interrompida mas terá de ser retomada, mais cedo ou mais tarde.

## XX
## O INTÉRPRETE DE RIO BRANCO

Quando se aproximava a data centenária do nascimento do Barão do Rio Branco, o chanceler Oswaldo Aranha acertou em confiar-vos uma grande missão: a de escrever um livro sobre a vida, a obra e a influência do glorioso brasileiro nos destinos do nosso País e na política do continente. Sem embargo da honra da escolha, condicionastes a execução à ausência de caráter oficial, assegurando-se ao autor "completa autonomia de trabalho e pensamento".

O sentimento da crítica, exercida com isenção, esteve presente nessa cláusula preliminar. A confissão está no prefácio: "Aproximei-me da figura de Rio Branco com espírito crítico, com um quase profissional espírito crítico." Não deixastes, porém, de acrescentar logo ao pé com verdade e nobreza: "Depois, senti-me humilde em face da sua grandeza. E não seria processo de crítica, mas de mesquinharia, deixar de reconhecer o que há de extraordinário e desproporcional nesse autêntico grande homem."

Bom começo para o escultor literário, que se propõe talhar, no mármore da apreciação imparcial, a figura do que foi e é o maior dos brasileiros – perdão para o lugar-comum! – por um harmonioso conjunto de virtudes e qualidades, inclusive as negativas; por um militante patriotismo; menos por ter aumentado o território da Pátria do que por ter fortalecido seu prestígio no hemisfério e no mundo; por ter sabido prover, à frente da chancelaria, as necessidades nacionais além da sua época; por ter dado à diplomacia republicana o sentido do regime, restituindo-lhe aquela autoridade e competência que caracterizaram a diplomacia do Império, quando nos coube liquidar, por vezes em pugnas sangrentas com os vizinhos de ascendência espanhola, a parte que nos tocava, nas lutas seculares, travadas entre Portugal e Castela.

Fácil não era o desempenho da incumbência. Teríeis de jogar, não com um homem, movendo-se no cenário de uma vida de fases diferentes e até contraditórias, mas reunir em torno dele os antecedentes e antecessores dos acontecimentos que lhe deram o espantoso relevo histórico, que íamos celebrar em 1945. Havia, desde logo, uma tentação em vossa frente, a da biografia romanceada, que estava fazendo furor entre intelectuais e subintelectuais, e deliciando, ademais, os serões domésticos com as tragédias de Maria Stuart ou os amores de Luís XIV, e popularizando-se até entre os iletrados.

O romance de Rio Branco não se conformaria, porém, com as dimensões morais e políticas do retratado. Tudo, na grandeza do homem, pedia a análise do historiador forrado do sentimento imparcial de crítica. O que se desejava era um explicador do chanceler, para a Nação, que o venerava por vezes sem compreendê-lo nos lances mais arriscados da sua política, afinal consagrada pela posteridade. Nem a banalidade do louvor, nem a fantasia tecendo coincidências não raro anacrônicas, ou deformando intencionalmente a fisionomia moral dos atores e dos fatos.

O segredo do vosso êxito esteve em cravar os pés na terra firme dos documentos, estudá-los com profundeza, interpretá-los com verdade e segurança. Mergulhando nos arquivos, deles trouxestes Rio Branco à luz da compreensão pública, podendo filiar suas atitudes e seus feitos da maturidade e da velhice aos antecedentes de sua formação, à influência paterna, ao meio físico, político e moral, que contribuiu para desenvolver os dons naturais, de que já era dotado o moço Juca Paranhos, através da vida boêmia, da passagem pelo jornalismo e pela Câmara, do impacto que lhe causara a guerra com o Paraguai, das decepções sofridas pela demissão do pai da chefia da Missão Diplomática no Prata, a que fora de tanto êxito, mas perturbada pelos atritos com Tamandaré. O futuro vencedor do juízo arbitral acerca doTerritório das Missões lá estava, uma tarde, no antigo Palácio do Conde dos Arcos escutando o pai – está na crônica de Machado de Assis. "O velho Senado" – lúcido e infatigável na tribuna até nove da noite, transformando, a propósito de sua demissão, a injusta derrota em esplêndida vitória! Machado, que não gostava da ênfase, e que assistiu à imprevista reviravolta, legou-nos este raro depoimento: "Foi uma das mais fundas impressões que me deixou a eloqüência parlamentar."

Enquanto o pai assumia a direção dos acontecimentos, o filho fazia seu batismo com a Europa, viajando, estudando, aprendendo.

Se não escrevestes o romance de Rio Brancos também não vos contentastes de ser o biógrafo do grande brasileiro. Era tarefa para amanuense aplicado, não para um evocador com as vossas disponibilidades intelectuais. Descendo ao fundo dos fatos, deles extraindo a verdadeira influência exercida pelo Barão na vida do nosso País, vosso livro, Sr. Álvaro Lins, tornou-se, através do estudo do estadista e do diplomata, a crestomatia do regime monárquico e do republicano, sob o ângulo da política externa. Não lhe posso –

nem seria preciso – acrescentar outra apologia. E o que ele tem, além disso, de sedutor, de íntimo, quase de crônica de família, é que, pela leitura, nos dá a sensação de termos andado convivendo com Rio Branco, na sua banca de jornalista, nos corredores da Câmara, aluno e professor do Pedro II, anotando a obra de Schneider, freqüentando os cafés e os teatros, casando por amor acima dos preconceitos, conquistando afinal, contra a vontade do imperador, o modesto consulado de Liverpool. Depois, é a República que o mantém na carreira, que o promove, que o enche – à revelia e a contragosto dele – de distinções e de encargos, e afinal o eleva por dez anos bem contados à chefia quase discricionária da nossa política exterior, de que se tornou o Mestre que ainda hoje rege seus sucessores, pela clara antevisão do nosso destino, apesar de duas guerras universais posteriores, ou, antes, principalmente por elas.

Vossa análise do homem e da obra não vos levaram ao incondicionalismo da admiração. Soubestes fazer as devidas reservas. Nem era possível que, em tudo e por tudo, não houvesse o que restringir. De outra forma, teríamos exorbitado das contingências da condição humana.

Nosso dever, o dever dos brasileiros, sobremodo o dos responsáveis pela vida pública, é manter estilizado e atualizado, dia por dia, perante as gerações, que se sucedem, o culto de Rio Branco, num bloco fundido com a doutrina e a realidade. Seus créditos são tamanhos, seus serviços à Pátria o fazem uma força da História, que não estaríamos servindo à comunidade se contemplássemos cada milímetro da sua vida ou cada cota da sua obra com a indiferente curiosidade de microscopista para apontar, aqui ou ali, uma sombra ou uma jaça.

## XXI
## POVOAR DE ÍDOLOS O JARDIM DA PÁTRIA

As nações, especialmente as jovens, precisam povoar de numes e semideuses os céus ainda relativamente desertos da sua crônica.

Em uma das vezes em que me tocou a honra de dirigir o Itamaraty, tive de fundar um Curso para a preparação obrigatória de quem quisesse ingressar nos quadros da carreira diplomática. E esse Curso aí está vitorioso, depois de mais de dez anos de fecunda experiência. Não deixava de ser uma inovação ousada a criação de uma Academia Diplomática. Quando fiz saber aos meus auxiliares que ia colocá-la sob a égide do Instituto Rio Branco, existente

desde o ano anterior, sem destinação concreta – uma espécie de fachada privada de conteúdo real –, um dos meus mais próximos e brilhantes colaboradores sugeriu-me que não aumentasse o número já considerável de evocações nominais ao grande chanceler; já havia – disse ele – a Casa de Rio Branco, o gabinete de Rio Branco, o Instituto Rio Branco, até Avenida Rio Branco, o Território Rio Branco. Por que não Curso Joaquim Nabuco ou outra denominação? Minha resposta foi justamente fundada na conveniência de insistirmos na consagração do homem, não só por tudo quanto valia e representava, senão pela forma simbólica de uma insistente mitologia nacional.

Para que de todas as coisas se extraia uma filosofia, não esqueçamos que essa unanimidade não marcou a obra de Rio Branco, ao tempo em que viveu. Combateram-no da naneira mais agreste. Por vezes selvagem. No Parlamento como na imprensa. Sua própria posição no Governo, ao tempo do Tratado de Petrópolis, que o nosso Cassiano Ricardo colocou na moldura de um livro magistral, chegou parecer abalada e a caminho da perdição. Ele mesmo assim o escreveu a Gastão da Cunha, seu verdadeiro líder, na Câmara Federal: "Ando muito cheio de tristeza. Eu por cá já dei o meu cacho." O recente livro do brilhante escritor Rodrigo Melo Franco de Andrade, acerca de Rio Branco e Gastão da Cunha, é um repositório de revelações, inesperadas pelos contemporâneos.

Na época em que a paixão política disparava sobre o Tratado de Petrópolis suas granadas incendiárias, houve quem escrevesse que Rio Branco havia "retalhado o solo de sua Pátria para dar ao estrangeiro".

Nem Rodrigues Alves nem Rio Branco cederam ao clamor artificial, e seguiram adiante, à espera da justiça da História, que não tardou a considerar a obra diplomática daquela época como das melhores do período republicano.

Graças a Deus, os céus carregados de ameaças e distorsões da verdade foram a tempo despejados, e Rio Branco pôde completar sua gigantesca missão, lutando até o derradeiro alento.

Esse foi o varão a que consagrastes um dos mais fecundos esforços do vosso talento, da vossa capacidade de aprofundar os problemas nacionais, de interpretar a criatura humana.

Entre tantos que enalteceram vosso livro, transcrevo o juízo de um só – pela sua autoridade em todos os sentidos, Gilberto Freyre:

"O livro do Sr. Álvaro Lins sobre o Barão do Rio Branco – ou sobre os dois Rio Branco? – é dos que, desde as primeiras páginas, nos dão o gosto raro do contato com uma obra monumental."

## XXII
## O SENTIDO HUMANO DE RIO BRANCO

Se me permitis, vou acrescentar, à margem do vosso esplêndido retrato do chanceler, uma nota de predileção pessoal. É que, no grande homem, no consumado diplomata, no governante, o que infinitamente me seduz é o humano vinco da sua personalidade, aquele terra-a-terra que, sem quebra da dignidade da função pública, não lhe deixava nem tempo nem prazer para a *morgue,* para a armação, para a presença da glória ou a antecipação da posteridade. Rio Branco era o *homo sum,* de Terêncio, interessado em todas as coisas humanas, as mais altas quanto as mais contingentes. Despia o fraque, no Restaurante Rio-Minho, porque sentia calor e não julgava que, por ser ministro, fosse pecado ou proibido imitar os que, em mangas de camisa, saboreavam a peixada da célebre casa de pasto da Rua do Ouvidor. Se não lhe vinha o sono, depois de aprofundar o exame dos documentos ou o estudo dos mapas, de que precisava, lá se poderia surpreender, no gabinete da Rua Larga, caçando moscas e mosquitos com a vela, enquanto a cidade dormia, o aposentado boêmio da juventude, convertido no chanceler da República.

Entre os fatos pouco notórios da vida do barão há que me parece a mais perfeita das suas definições. Apurei bem sua veracidade, em contato com os últimos dos seus colaboradores ainda vivos. Como sabeis, naquele tempo o ingresso na carreira não dependia de concursos ou de provas. O Instituto Rio Branco, da época, era o próprio ministro, que se incumbia de averiguar por método direto, a capacidade dos postulantes. Nisto, também, o barão era exímio. O rapaz chegava, bem vestido, bem admoestado para guardar um aspecto, que chamaríamos pré-diplomático, e submetia-se ao interrogatório do ministro. Com seu jeito peculiar, Rio Branco devassava até o fundo as possibilidades do aspirante, não sem antes ter lido a inevitável carta de recomendação, trazida pelo moço e assinada por um dos astros políticos da República. Por vezes a auscultação se repetia e, conforme os resultados, lá vinha a nomeação para adido, que era, então, o posto inicial da carreira.

Certa vez, o Congresso criara cinco novos lugares de adido. As nomeações, feitas por portaria, não dependiam senão da assinatura do titular da pasta. Entre os candidatos, um havia a quem o barão declarou ser insuficiente seu preparo para a função. O rapaz, porém, não se conformou com a inabilitação ministerial. Conseguiu ser recebido pelo Presidente da República, o ilustre e austero Afonso Pena, ao qual recorreu com certa facilidade de acesso, por serem ambos mineiros. O presidente escutou-o atentamente, tirou depois da gaveta seu caderninho de notas e escreveu qualquer coisa, entre o agradecimento e a esperança do reclamante. Correm os dias; as nomeações precisam ser feitas. Rio Branco mandou que Pecegueiro do Amaral preparasse as portarias; mas, no fundo, excelente político, com experiências dos homens, desde a teimosia com que o imperador lhe negara o consulado de Liverpool, antes de assiná-las foi ao Catete. Recebido por Afonso Pena, disse-lhe que dispunha de cinco vagas de adido, a serem preenchidas, sem demora, por necessidade de serviço. "Vim pedir a Vossa Excelência a lista de seus candidatos." "Espere, aí, barão", respondeu Pena, "deixe-me ver uma nota, que tomei a respeito." Abriu a gaveta tirou o caderninho e disse: "Tenho um só, o jovem Fulano." Era exatamente aquele que o barão não considerava com suficiente preparo, na sua inspeção vestibular! E logo Rio Branco a responder: "Veja só, senhor Presidente, esse rapaz é o primeiro da minha lista."

Tornando ao seu Gabinete, mandou refazer uma das portarias, substituindo o nome de um dos seus favoritos pelo favorito do Presidente. Diante do respeitoso espanto de Pecegueiro – o fidelíssimo Pecegueiro, celebrado no anedotário da época! – Rio Branco tapou-lhe a boca com esta frase, que é um retrato de sua grandeza: "Então você pensa que eu vou prejudicar a obra que estou realizando por causa da nomeação de um adido?"

Autêntico grande homem o Barão do Rio Branco! Quando a República foi proclamada, depôs nas mãos do Governo seu modesto consulado. Serviu ao novo regime, sem abdicar dos compromissos com a Monarquia. Foi ministro, lutando para não sê-lo. Quando Zeballos criou a intriga internacional do Telegrama n.º 9, esmagou a calúnia, com as provas na mão. Quando a Alemanha imperial mandava caçar um dos seus súditos, nas costas de Santa Catarina, violando a soberania brasileira, dispôs-se a meter no fundo do mar a conhoneira *Panther* pelos nossos couraçados, então esplêndidos de juventude e poder de fogo, se não recebesse do Governo do Kaiser as satisfações devi-

das. Não se amedrontou com a campanha parlamentar e jornalística contra a obra criadora do Tratado de Petrópolis. Administrou o Itamaraty para o Brasil, não para os partidos ou os líderes da época. Humano da cabeça aos pés, não criou um caso pessoal pela escolha de um adido, nem por tão débil razão interromperia sua obra em curso. Outro, de fraco entendimento e de dignidade postiça, sairia batendo com os pés e as portas. Mas esse ou esses teriam todos os predicados, menos um: ternura pelo sentido humano das pessoas e das coisas, aquele *milk human kindness*, da tragédia shakesperiana

## XXIII
## ROQUETTE-PINTO

Sr. Álvaro Lins. Agora já vos pertence vitaliciamente – pela eleição e a posse – a Cadeira 17. Roquette a considerava, como acabais de recordar, a Cadeira dos professores. A Academia sancionou-lhe a denominação, elegendo-vos para substituí-lo. Do patrono até vós, nenhuma interrupção no critério. Um acaso? Uma coincidência? Uma intenção? Por que e para que aprofundar certa coisas de explicação difícil? Melhor é acreditar que uma harmonia secreta domina, não raro pela vontade divina, nossos pensamentos e ações.

À solidez e ao brilho da obra, que vos assegurou o vote unânime da Academia, acrescentais esta noite o estudo sobre o glorioso Roquette-Pinto, o mais completo de quantos até hoje se empreenderam acerca do homem de ciência e de Letras, o escritor, o pensador social, o educador o criador de valores espirituais, que foi vosso predecessor. Bastaria o discurso que acabamos de aplaudir, para alcançardes, renovados, todos os sufrágios dos vossos confrades. Do polígrafo, que foi Roquette, dizeis com o habitual acerto e acuidade: "Rondônia é o centro ígneo dos seus territórios culturais; é a capital do seu País de trabalhos não mais acabados, de iniciativas que se sucederam em ritmo de multiplicação." "É o seu único livro oficial construído como obra inteira e fechada em si mesma".

Ouvindo-lhe agora a leitura, apreciando a segurança com que fixastes Roquette-Pinto no quadro da apreciação e da crítica, cedendo ao natural encanto da perfeição, clareza e fluidez da vossa forma literária, bem compreendi como Georges Bernanos, quando viveu no Brasil durante a última guerra – ele que foi um dos maiores escritores do nosso tempo – houvesse deixado a vosso respeito este testemunho, que é um julgamento: "... os católi-

cos agonizantes, de que falava outro dia o Sr. Álvaro Lins, em dois admiráveis artigos de frêmito pascaliano, de um estilo tão ágil e nervoso que me lembrou algumas das mais belas páginas da língua francesa."

Não era a primeira vez que um intelectual estrangeiro vos situava entre os grandes da Literatura. Quando comentou vossas "Notas sobre um Diário de Crítica", Roger Bastide escreveu que, "para traçar a genealogia do tipo do *Diário de Crítica*, seria preciso, depois de Montaigne e Gide, falar de Charles Dubos e Álvaro Lins".

## XXIV
## UM TESTEMUNHO PESSOAL

Sob outra luz, um testemunho não poderia eu omitir, nesta solenidade, acerca do vosso gesto, tentando renunciar à cadeira de Estudos Brasileiros, em Lisboa, quando soubestes que os dramas da política interna me determinavam a renúncia, em junho de 1953, da pasta das Relações Exteriores, que vinha exercendo durante cerca de três anos. Não calo a vossa atitude, porque ela completa o vosso perfil. Minha resposta foi, porém, peremptória: "Meu caro Álvaro Lins – A sua carta do dia 23 encheu-me de justo orgulho. Outra coisa não poderia esperar da sua retidão pessoal, que é uma das características de sua personalidade não absorvida pelos deveres da Literatura, da crítica e do magistério superior. Mas eu seria o último dos brasileiros a votar pela sua renúncia à Cadeira, que lhe tocou – não por munificência minha – mas pelo seu proverbial valor. A sua escolha me deu força a mim, não a minha a você".

Para muitos intelectuais a Academia é o fim da viagem, a que se chega com o peito estrelado de grã-cruzes reais ou simbólicas, e a fama consagrada pelo louvor da crítica ou ainda impugnada em apaixonados debates. Para falar verdade, nem se sabe quando a notoriedade é mais agradável: se com os aplausos tranqüilos, embora um pouco insípidos da unanimidade ou da indiferença, ou quando, apesar dos anos, continua sobrando sobre o gladiador, entre os louvores a ventania das lutas, das negações, das injustiças que são talvez a melhor das coroas, porque trazem a certeza ou fabricam a ilusão da juventude, com o homem ainda de pé no cenário, esgrimindo sem pressa e sem pausa, como estrela goethiana. Vosso caso, Sr. Álvaro Lins, é dos raros. Entrais na Academia com as velas sem fadiga, abertas no rumo de novas travessias. A viagem continua.

Mares, que ainda não navegastes, se encrespam à vossa espera. Pode ser que as sereias de outras tentações, como a Política, estejam aguardando a vossa passagem para desviar-vos da rota comprometida. Na era atômica, as precauções do prudente Ulisses já não bastam. Tereis de recorrer a nova defesas e sortilégios. O melhor de todos é a força de vontade, sob a graça de Deus.

## XXV
## O MUNDO DE HOJE E DE AMANHÃ

Obras há que tendes de começar e concluir. Apena de hoje em diante, dividireis com a Academia os vosso louros, segundo a jurisprudência da tradição.

Gide, no seu inconformismo, escreveu em *Caractères* a amarga sentença: *L'on vient trop tard*. Não; na insondável harmonia dos juízos divinos e das realidade humanas, todos chegam na sua hora. Pode ser que a vida revele desencontros nas afeições ou nas vocações. Ainda assim há um mundo de surpresas que sempre nos esperam seja qual for o tempo em que se nasce.

Vossa ascensão não chegou ao alto da montanha. Só não podeis é continuar prosseguindo como na metade deste século, com as mesmas ilusões da escola primária de Caruaru.

Até as crianças têm agora um ar de malícia ou de ingênua sabedoria.

Recebendo, não faz muito, Jean Cocteau na Academia Francesa, o Sr. André Maurois recordou que o poeta lhe contara, como apólogo, uma historieta de sabor irresistível. À noite em que nasceu um dos seus sobrinhos, o pai foi despertar o primogênito, para dizer-lhe que um anjo acabara de chegar, trazendo-lhe um irmãozinho. "Queres ver teu irmão?", perguntou o pai. "Não", respondeu o pequeno, "quero ver o anjo."

Todos, Sr. Álvaro Lins, querem ver o anjo, devassar o que se oculta atrás da última prega do horizonte, compreender a universalidade dos segredos.

Os mares e as terras estão descobertos. Os conquistadores buscam agora os continentes celestes, as perturbadoras incógnitas não decifradas. Talvez indecifráveis.

Este é o nosso mundo. E continuará sendo o vosso, Sr. Álvaro Lins, por muitos anos, se Deus quiser, e, apesar de tudo, belo e ardente como os melhores sonhos.

Discurso do
SR. JOSÉ LINS DO REGO

e

Resposta do
SR. AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 15 de dezembro de 1956*

# I

# DISCURSO DO SR. JOSÉ LINS DO REGO

Aqui estou sem ter feito uma caminhada de aventuras. Não me pus na luta empenhando o que podia e o que não podia. A Academia não me foi uma idéia fixa, um posto a conquistar com todo o meu sangue. E nem vendi a alma ao demônio para obter a vossa imortalidade.

Chego sem alvoroço e sem tropeçar na glória dos outros. Para muitos, a posição vale bem a missa de Henrique IV. Para mim, vale como um remanso, o convívio amável, a paz entre os homens.

Quando jovem, disse muito mal da Academia. Fora a contingência dos que não se conformam com a ordem das coisas. Há de ter sorrido a Academia das investidas furiosas dos que desdenham de suas honrarias. Assim devem fazer as academias quando não são de pedra. Aos moços, as intemperanças, os arroubos e mesmo a violência. Às academias, o bom humor de não se exasperarem. Muitos dos vossos grandes de hoje, que vejo tão sólidos em suas Poltronas, foram dos que sacudiram pedras em vossas vidraças. Jovens intempestivos, que se jogavam sobre o estabelecimento como ciclones desencadeados. O espírito dos jovens não faz mal aos que sabem envelhecer. O que nos mata é a intolerância para com a intolerância dos que têm o fogo da juventude.

Por tudo isto é que me sinto em casa, no meio de homens que sabem valorizar os que vêm de fora com a cicatriz das batalhas. Precisamos nos ligar aos jovens, porque viver com a mocidade é condição de vitalizar-se.

Chego a esta Casa sem arrependimentos pelo que fiz nem temor de falar como sempre falei, com a língua solta que Deus me deu. Estou certo de que a Academia não restringirá os meus surtos, as minhas palavras. Trago ao convívio de doutos e mestres a simplicidade de um falar ligado ao povo. Não me complicarão a sintaxe a presença de sábios e os rigores dos que manejam o estilo. Tenho para mim que a função essencial da nossa Academia é de ser menos de polícia do que de ligação entre as gerações. O espírito acadêmico não deve agir como um livro rígido de bem-dizer. As gerações não falam e não comem pela mesma boca. As leis que regem a linguagem, quando se cristalizam e se fecham em intransigências radicais, aniquilam a expressão e desmantelam o ritmo. O ritmo da vida carece do ritmo da Poesia como de alimento. As vitaminas e os sais minerais que fazem do homem animal uma potência estão encerradas nos frutos, nas folhas e na terra como num verso de Manuel Bandeira. A Poesia é, neste sentido, um precipitado químico capaz de mover as montanhas. Contra o acadêmico das academias convencionais, a vitalidade que brota da Poesia, sal da terra, a agir sobre as coisas inanimadas como se fosse vara de condão.

A boa academia não se deve grudar à tradição como a uma tábua de náufrago. O convencional é o seu exterior. Farda, espada, chapéu de dois bicos, tudo isto é a sua superfície. Para se eternizar, para chegar à verdadeira imortalidade, tem que fazer como os próprios deuses, que tiveram naturezas humanas. Os deuses da Hélade derramaram o sangue de suas feridas e lágrimas de seus olhos. E quando desciam para as lutas do rapsodo tudo tinham dos guerreiros da terra. Apenas se elevavam às regalias do Olimpo porque traziam nas entranhas a grandeza de outro mundo.

Os poetas realizam essas mesmas peripécias. Eles são as grandezas do outro mundo. Tudo pode parecer em decomposição. Basta o poeta para arrancar da morte os lázaros sepultos em tumbas de pedra.

Acredito que o destino de nossa Academia, como concebeu Machado de Assis, não se confundirá com o destino de um grupo que queria somente chegar a uma elevação e olhar o panorama.

Não. A Academia de Machado de Assis deve ser uma sociedade ativa, que seleciona e valoriza. A obra de Machado de Assis tem tudo de uma Real Academia. A língua de seus livros não se anquilosou num consumir de gordu-

ras inúteis. Os vasos que conduziam a linfa de sua prosa se elasteceram no exercício cotidiano do falar e escrever conforme o seu tempo. Os arcaísmos não vestiram as carnes da grande prosa machadiana de costumes e panos avelhantados. A vitória de Machado foi, neste sentido, muito maior do que a do nosso José de Alencar. A língua doce de Alencar é de quase sinfonia musical; não possui o sistema muscular do outro. Machado exprimiu a sua realidade e a realidade do seu tempo com o vigor de natureza que tinha os sentidos abertos à vida. Língua correta para fixar a sua época, em termos de quem era um elemento atuante em sua sociedade, é assim a obra de Machado, da melhor Academia.

A deformação da palavra *acadêmico* deu a este vocábulo a significação de deficiência, de carregação. Contra o vivo, opunha-se o acadêmico, embora *academia*, para os gregos, fosse escola de sabedoria, reduto de intérpretes da natureza. O Acadêmico Platão recolhia e elaborava as novas leis para governar e iluminar os homens. Portanto, senhores, antes de tudo, precisamos dar às palavras o significado que elas têm em sua formação.

Se um Valéry ascende na ordem dos mestres à condição de um Platão que tivesse lido Descartes, não viria para renegar a Academia, mas para trazê-la à sua economia espiritual, como o cenáculo onde não fosse possível a traição.

Richelieu não pretendeu somente congregar áulicos em tertúlias. O político de gênio imaginou uma obra capaz de exprimir a universalidade da língua francesa. A língua que era dos soldados que criaram a nação não podia permanecer fora dos livros. O dicionário ideado pelo grande Rivarol era já letra viva, através dos planos e dos achados dos homens que serviram à Literatura com a liberdade de criadores.

Há restrições ao espírito acadêmico, algumas precedidas de razões valiosas. Dizem que se conformam as academias com as verdades impostas, com os preconceitos, com as glórias de vidrilhos. Contra essas fraquezas devemos nos defender. Às vezes a Academia fecha os ouvidos aos movimentos libertários. Tranca-se em casa, quase que analgésica, semelhante aos refugiados nas torres de marfim. É aí que lhe vem em auxílio o exemplo dos que são o esplendor das academias. Para a debilidade diante dos fatos consumados, surge a vida de um Machado de Assis, de um Joaquim Nabuco, de um Sílvio Romero, de um Euclides, de um Roquette-Pinto, naturezas que não sofreram

as amputações deformantes. Sei que, de vez em quando, a nossa Companhia se amesquinha. Por outro lado, salvam-na os seus anjos da guarda, aqueles que são maiores do que os maiorais do tempo. Ser acadêmico nem sempre é uma elevação entre montanhas. Mas ser acadêmico é sempre uma dignidade que enobrece, pelo que há de melhor no homem.

Meus amigos, venho humildemente vos procurar. Não quero vos espantar porque vos desejo o convívio. Não quero mais do que desejei em toda a minha vida: ser um amigo. Não tenho rancores e nem simulo bondades. Dou-lhes a minha alma despida. E nem o fardão luzente e nem a espada virgem me farão diferente do que sou e quero ser: um homem simples. O que me basta é o que já tenho nas mãos.

Para muita gente, a Academia é um trampolim de onde se lançam ambições venais. Felizmente que são minoria os que procuram a sucessão de Machado e Nabuco com interesses suspeitos. No máximo, a glória da terra é o que nos tenta, é o que nos conduz às disputas pelas Cadeiras em eleição.

Acontece que o voto não tem senso crítico e vacila pela paixão, conforme as circunstâncias. A Academia escolhe e nem sempre escolhe o melhor, mas tudo devemos relacionar como se fosse da sua condição humana. A sua imortalidade não lhe dá invulnerabilidade a erros. Aqui pode-se errar como em qualquer agrupamento de poucas luzes. Se erravam os deuses quando desciam do seu Olimpo para se ombrear com os homens, o que poderemos fazer, nós imortais, com todos os nossos estigmas de criaturas passíveis de equívocos? Os lá de fora contam pelos dedos os nossos erros, sem levar em conta os nossos acertos numerosos. Se apresentam a derrota de um Domingos Olímpio, não levam em conta que fora o romancista cearense, muito digno de vosso convívio, vencido pelo gênio de um dos maiores brasileiros, Euclides da Cunha. E se erramos com Monteiro Lobato, tivemos a coragem de pretender corrigir o erro, desgraçadamente sem sucesso.

Mas aí estão homens que são o lustre de um povo. Basta vos falar de um Manuel Bandeira, poeta até a raiz dos cabelos, que trouxestes para a vossa companhia como se fosseis procurar a mais pura Poesia de nossa língua. Se temos uma grandeza nos dias que correm, esta grandeza está convosco. Este acerto corrige todos os vossos possíveis erros.

Temos uma Literatura que ainda é dos poetas. Se não contamos com todos os melhores de nossa época, é porque não querem eles a nossa companhia. Um dia chegarão. Devemos chamá-los no entanto sem o menor grau de ressentimento. Não podem ficar de fora. Esta Casa é deles. A arrogância de nos evitar vai muitas vezes por conta de caprichos e atitudes.

Afinal de contas, o que nos vale é o espírito que nos fortifica. A Literatura permanece no seu verdadeiro lugar, dando aos homens a sua originalidade intrínseca. Pelos poetas, pelos filósofos, pelos artistas, é que existe a Grécia. Uma pedra da Acrópole nos revela o ritmo de uma civilização que nos legou a sabedoria das proporções. Todos nós procuramos semelhanças e divergências que provocam o equilíbrio, quer venha de um verso ou de um pedaço de mármore humanizado.

Quando Machado de Assis concebeu esta nossa Academia, era o espírito acadêmico na sua essência o que ele queria congregar. O cético de uma filosofia desapiedada procurava no mundo o que lhe desse esperanças de viver, num meio que lhe parecia o mais fecundo de suas cogitações de homem. Machado queria um resumo da sociedade na sua melhor formação. O gago gostava da conversa entre amigos e, partindo da amizade, o criador de monstros de concupiscência e impiedade elaborou a formação de uma academia que valesse pela riqueza de seus fundadores. Os poetas que chamou ao seio amantíssimo não eram os poderosos do dia. Já se fora a especulação do encilhamento, onde valores se desvirtuavam nas vacilações de bolsas de jogatinas. Machado quis a convivência de homens pobres, de homens transbordantes de idéias, alguns arrastados pelas correntes mortais da boêmia, mas homens que tinham o que dizer, os admiráveis Raimundo Correia, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, o grave José Veríssimo, os imperiais Joaquim Nabuco, Rio Branco e Rui Barbosa, e os soltos de compromissos devorados pela vida airada como Guirnarães Passos. Todos, porém, servos das Letras, escravos das paixões fecundas.

Nesta Cadeira a que chego sem ter botado a alma pela boca, vou servir a um patrono que é a pura imagem da Poesia, o rapaz Junqueira Freire.

Este foi um homem de vida interior. Os poetas de natureza vegetal, os apaixonados pelos espetáculos da Natureza, os que cantam os mares, os rios, as vagabundas imagens que se acobertam à sombra das árvores e ao gemer das

fontes, estes se contentam com pouco, apesar de parecerem insaciáveis. Terríveis e incontentados são os que se fecham entre quatro paredes e enchem a cabeça de mundos impossíveis. São quase sempre os poetas malditos, os poetas que não olham o mundo de fora mas o mundo de suas elucubrações, e, desde que não podem se satisfazer, passam a romper o quadro natural das coisas. A música que jorra de suas estrofes são marchas fúnebres, agonia das harmonias de corações que batem mais do que a dos outros.

Junqueira Freire procurou o pretexto de um amor frustrado para conceber a sua maneira de matar-se. O monge e o claustro deram-lhe o ambiente para as suas constantes violações das leis de Deus. Deus foi o inimigo número um que era preciso afugentar de suas proximidades. A Poesia do padre falhado era o canto de um moço desesperado que queria adormecer o seu anjo da guarda. Quando lhe faltou a força para se impor às suas riquezas, o frade renegado fazia de seu claustro uma furna de fera acuada. Gemiam as suas dores em surdina. E o seu choro não era de um infante infeliz: era de um iluminado pelos clarões de Lúcifer. Se Deus o perseguia, era preciso entregar a alma ao diabo. Assim fizera Bocage, gênio que o mundo perdeu. Junqueira Freire deu-se ao desespero e, desde que a sua volúpia de D. Juan não se realizou, convenceu-se de que só havia um caminho a trilhar: o nada. E ele não parou de rilhar os dentes de raiva; a grande opressão era de Deus, e para que o Pai não o conduzisse ao bom caminho encheu a boca de nomes feios. Quase morto, quando voltava à casa materna. No seu quarto havia uma imagem de Cristo de braços abertos, e ele a arrancou fora para entronizar um retrato sardônico de Voltaire. E deu-se à Poesia erótica com a fúria de um demolidor de castidade. O poeta de vinte e poucos anos parecia um romano da Decadência, no deboche das rimas fesceninas. E como tudo aquilo era uma parada, como o homem era casto, essa Poesia soou em falso.

Não há verdade na contrafação do poeta desesperado. A grandeza de Junqueira Freire estava na sua tristeza temporã, no adolescente possuído de impotência, no renegado pelo amor. Aquela violência de Laurindo Rabelo não ficava bem no monge frustrado. Tinha ele vida interior e senso crítico para as suas próprias debilidades.

A Poesia romântica da época era toda ela de meninos que queriam morrer. Mas a morte para estes era um tema, embora todos tivessem morrido

na flor da idade. A morte não estava, no entanto, na raiz de suas almas. Morreram de tuberculose pelas extravagâncias, mas só queriam morrer dos dentes para fora. Não era o caso de Junqueira Freire. Este quis mesmo morrer, porque mortos estavam os seus sonhos. Vencido pela vida, recolhia-se em salas de convento, e ainda mais vencido se sentia. O que vinha para ele é um quase nada. Somente a morte é que pôde recolhê-lo como refúgio derradeiro. Junqueira Freire quer morrer não porque seja bonito morrer como Shelley, mas porque somente a morte lhe estendia os braços. É aí que mais se eterniza a sua realidade poética. E não é exagero dizer que Antero de Quental sentiu-lhe a influência no seu niilismo. A um amigo dizia Antero:

"Junqueira Freire é de primeira ordem, um verdadeiro poeta. Era frade por desgosto amoroso, e morreu aos 24 anos. Se não morre, seria dos primeiros do século, que lhe sinto no que deixou elementos para isto."

Mas aí não fica Antero. Lá está bem no seu coração a imagem do poeta brasileiro. É quando Antero fala da morte. Para Antero a Morte seria a "funérea Beatriz de mãos geladas, mas única Beatriz consoladora". Para Junqueira Freire, "pensamento gentil de paz eterna – amiga Morte, vem". O grande poeta, a maior consciência de sofredor da poética lusíada, imaginava o fim como um noivado capaz de pacificar o pobre coração. "Pensamento gentil de paz eterna", gemia Junqueira. Gentil a morte que pudesse levá-lo "à região da paz horrenda". "Leva-me ao Nada", suspirava o rapaz baiano, "leva-me contigo", e depois, mais ainda: "Já não há tempo, /nem vida, nem sentir, nem dor, nem gosto./ [...] Única idéia mais real dos homens, / morte feliz, – quero-te comigo."

Antero, para o seu soneto, teria sentido o poema nirvânico de Junqueira. Poeta sem alegria do mundo, expressão pungente do morrer para se libertar da vida, o patrono da Cadeira 25 é, não tenhamos dúvida, o mais universal dos românticos brasileiros. A sua dor não foi a dos negros cativos ou a mágoa de um amor perdido, foi a dor do mundo como em Schopenhauer, foi a queda do anjo na terra, o gênio despedaçado na ruína de sonhos malogrados.

Ligado aos poetas como Nerval, não será Junqueira um poeta músico, destes que vibram a lira para adormecer os dragões. O nosso poeta sabia que o dragão era mesmo invencível e mais perigoso que o gigante Polifemo de Ulisses. O monstro que lhe rondava a vida não se deixaria embebedar como o mito lendário. Devorador de ilusões, bebedor de sangue, vampiro que rompe as noites

atrás de suas vítimas, então Junqueira Freire, como Antero, se entregaram. O morcego virou Beatriz de mãos geladas, o pensamento gentil de paz eterna.

Tenho para mim que a Poesia de Junqueira Freire não tem em nossa história literária o lugar que merece. Poeta da Morte, poeta das irreverências diante do Eterno, quis o Nada com a violência dos seus sentidos poluídos.

Esta Poltrona tem assim uma paternidade de nobreza; um quase arcanjo caído na obsessão do pecado preside a seu destino. Os que vieram para lhe ocupar o lugar não seriam homens de espanto, mas naturezas contidas nos limites dos livros.

A obra de um Franklin Dória e de um Artur Orlando não exprime senão a mediania.

Orlando, saído da Escola do Recife, pegou do cientificismo da época a rigidez da forma. A sua contribuição para as Letras não é de um modelador em pedra, mas de paciente fabricante de estruturas de cimento armado, todo preocupado com as suas modelagens. Curioso é que os homens que se fixaram na investigação científica, tomando-a como base de Literatura, no Brasil, se mostraram tão alheios à espontaneidade da criação. A preocupação em exibir nomenclatura e exatidão não os anima ao vigor de obras que permaneçam. Parecem mais ventríloquos. A condição de ensaístas ou pesquisadores da história se restringe ao que já foi dito. Apenas, complicam o curso e o sentido das coisas. Pequenos arroios em suas mãos se transformam em águas turvas, sem profundidade, só o leito vasculhado, e o que eram riachos que se atravessavam sem se arregaçar as calças, fingem-se de rios caudalosos.

A distância de um Junqueira Freire a um Artur Orlando é sem tamanho. Um bebia em fontes sulfurosas e envenenadas pela rebelião contra Deus, o outro se servia da água mansa das bilhas, sem tocar em originalidade de espécie alguma.

O gosto pela generalização levou Orlando a tropeçar com a verdade a ponto de fazer afirmativas que são verdadeiros desconchavos. Fazendo ele variações sobre mestiçagem, chegou a dizer:

"Uni um negro a um eslavo. Qual será o resultado? Tereis transportado para o cérebro de um indivíduo o produto desta união: a antipatia e a rivalidade até então inexistentes entre indivíduos diversos."

Apenas este negro e este eslavo dariam à Rússia o maior poeta de todos os seus tempos, o grande Pushkine.

O melhor livro de Artur Orlando é aquele onde ele mais se aproximou da realidade, aquele em que ele se ligou ao que parecia que fosse o menor, o mais distante dos ensaios sobre estilo e propedêutica, iguais a teses de quem se preparava para concurso de lente. É a monografia sobre porto e a cidade do Recife. Mesmo aí, quando podia, lá vinha com a sua ciência em uniforme de gala.

A Literatura, para Junqueira Freire, era a posse de meios de propagador. Para Orlando, somente a explicação sobre certos problemas que ele não feriu com agudeza e fôlego: a predestinação do poeta e a pacífica submissão de ensaísta às regras convencionais.

A figura de um segrega o mistério do que provém dos que nasceram com estigmas.

Em Artur Orlando, o homem não rompe um milímetro a sua vocação de palmilhar o que já fora pisado por outros. O ensaísta pernambucano é dos que nunca descobriram um grão de pólvora.

Aqui não estou para falar mal dos que me antecederam, mas não estaria para mentir às minhas convicções. A Academia merece a verdade de cada um de nós. Isto de engrandecer os mortos com roupa alheia não nos fica bem. Nada de intrujices para ser fiel à convenção. Esta Casa se engrandecerá com a nossa sinceridade. Não estou aqui para me submeter a panos de boca.

O mestre Ataulfo de Paiva será para mim uma prova dos nove.

"Se negas a Artur Orlando, que foi das Letras, o que nos irás dizer de Ataulfo de Paiva, que não foi? Terás a coragem de ser verdadeiro?"

Sim, meus ilustres pares, esta nossa Academia vale mais que as regras do protocolo. Não serei um acadêmico protocolar, mas, para vos falar de Ataulfo de Paiva, preciso de coragem. Esta posse seria uma decepção para mim mesmo se viesse à vossa Companhia com subterfúgios ou sibilinas palavras. Tenho para mim que Ataulfo é a minoria de que não podem escapar todas as academias, sendo ele a contingência do tempo e exprimindo o que existe de exterior em nossa Casa.

As academias precisam dos Ataulfos, como ponto de referência, de elemento de sustentação em cálculos de resistência de material.

Conta-se que, certa vez, à porta da Garnier, o nosso fundador Machado de Assis, vendo o rapaz Ataulfo todo no melhor *smart* da época, de olhar brilhante e nariz de pássaro, não se conteve e lhe disse:

"Ficaria o senhor muito bem na Academia."

Queria dizer o mestre, o triste Conselheiro Aires:

> Assim como o senhor, com este corpo tão bem vestido, embora de cabeça tão despovoada, precisamos nós de homens que sejam o que nós não somos, homens simples de letras, sendo o senhor um homem capaz de aparecer nos salões com um brilho que nós não temos. Apesar de tudo, o senhor será um acadêmico que nos agradará.

Mas, pergunto eu, não haveria Machado de Assis desvalorizado a Academia com o seu gesto? Acredito que estava bem certo. Ataulfo de Paiva concentrava nas suas maneiras, na sua esperta alegria para todo o mundo, a perfeita elevação do seu meio social.

O Rio dos começos do século trazia de Paris o fulgor dos salões mundanos. Podia Ataulfo concentrar na sua total adesão às exigências sociais o modelo proustiano de Swann como fora o original, o que servira de inspiração a Proust, todo dos salões, do Jóquei Clube, das corridas, mas sem nenhuma espécie de interesse artístico, sem qualquer quentura de imaginação.

O poder de Ataulfo estava na sua invencível força para manobrar os homens. Nisto, ele foi admirável, com todas as manhas de um Brummell, sem orgulho e sem o esplendor do dandismo. Para vencer as outras criaturas, teve Ataulfo um extraordinário engenho. O que ele imaginava, conquistava ou conquistaria pelas escadas da vaidade e da gratidão de seus semelhantes.

Para muita gente de certa filosofia, o homem é o lobo do homem.

E não é. Aí está Ataulfo para nos mostrar que o homem é um animal grato. Tudo fazia Ataulfo de Paiva para agradar aos que pudessem servir às suas ambições. Para muitos vivia dando espetáculo de servidão. E não estava senão a serviço de si próprio. Era um corpo bem vestido, bem tratado, cuidadosamente em dia com as imposições da moda, e basta vê-lo no noticiário da crônica elegante do começo do século, quando o Rio de Janeiro imitava os

centros europeus. Não era homem de bar, mas de casa de chá, dos *five o'clock*, dos serões de D. Laurinda Santos Lobo, a marechala.

Foram-se as condessas e as baronesas, e o Império deixara o terreno aos marechais, e para um posto supremo ficaria bem que D. Laurinda, fixada em Santa Teresa com suas baixelas e seus tapetes persas, ganhasse o título de marechala com a sua corte de galantes homens da categoria de Ataulfo.

Aliás, o mestre Ataulfo, que já se fizera notar como pretor no caso ruidoso do Papai Basílio, abrindo as portas das suas audiências aos jornalistas, caprichava no talho de seus casacos, no trato de seus bigodes, nos laços de suas gravatas.

Há uma caricatura de Cardoso Aires onde Ataulfo aparece com seu porte inconfundível. O homem tem semelhança com os pássaros mais do que com os outros animais. Por esse tempo, tudo havia em Ataulfo de um colibri, o nosso beija-flor. De fato, não era Ataulfo pássaro de canto, mas pássaro bonito, de penas policrômicas, solto nas salas, a beijar a mão de damas, com a sua instabilidade em ir e vir sem parar.

O dom-juanismo do nosso herói não se fixava em ninguém. Não era homem de casos amorosos como um Maciel Monteiro, o Ataulfo de outra época, ou de perder tempo com namoros monogâmicos. O amor de Ataulfo não era por tal ou qual moça, mas amor pegado com o futuro. O colibri não perdia tempo com a mais bela roseira do mundo. Havia a carreira, havia os postos mais altos a conquistar. Procurar um amor de carne e osso era desviar-se do seu grande amor, aquele que ele perseguia desde o tempo de menino, quando o chamavam de Paivinha.

Narrou-me Carlos Pontes que era o menino Ataulfo interno de um colégio por onde passava o então General Deodoro a cavalo. Certa vez, o bravo do Paraguai conseguiu do diretor a companhia do menino para os seus passeios. Saía Paivinha com o cabo-de-guerra, até que um dia seu cavalo espantou-se e deu com ele no chão. Deodoro alarmou-se com o fato e o menino foi para a cama. Esta foi a única queda de Ataulfo de Paiva na vida. Até a última, a derradeira, para o fundo da terra.

Pois bem: foi daí que partiu a sua ascensão na carreira judicial. Com a República, Deodoro não se esqueceu do Paivinha e deu-lhe força para a pri-

meira nomeação. Criou asas o colibri e saiu a beijar as flores que descobria pelo campo.

Mesmo na maturidade, Ataulfo não perdeu essa sua fisionomia de pássaro saltitante. Cantar, não cantou, que não era de cantos, que não era para as delícias das sonatas campestres. Ataulfo era da sua carreira. E assim permaneceu fiel aos seus planos. A construção de seus castelos não assentava no ar, ou em areias movediças. Tudo nele era elaborado em termos de permanecer para somente elevar-se mais ainda. Os seus postos a atingir eram os supremos; o meio-termo não o satisfazia.

Chegou ao Supremo Tribunal Federal sem ter sido um juiz sábio e à Academia Brasileira de Letras sem nunca ter gostado de um poema. A natureza Ataulfo de Paiva se exercitava para os grandes saltos sem riscos de vida. Não havia nele o romântico dos trapezistas sem rede. Nada de perigos e pescoço partido. Ataulfo agia a frio, e vencia as provas mais difíceis.

Conta-se que, para a sua eleição à Academia, Rui deixara a sua reclusão para vir votar no seu nome. Mas, para vencer assim, tinha-se a impressão de facilidade.

Engano. Nos seus silêncios de solteirão, o beija-flor recolhia as asas e suava e curtia mágoa. Isto dentro de casa. Lá fora o mundo era seu. O Swann se desdobrava em mil Ataulfos, cartões de visita, flores, as damas, os batizados, os casamentos, olhos molhados em missa de sétimo dia, parabéns a ministros, posses, dias felizes, quartos de defunto.

Quando atingiu aos limites de suas ilusões, tinha que bater-se pelas condecorações, pelos bons lugares em banquetes. Para evitar os enganos dos homens do protocolo, tinha o seu cartão impresso com as regalias, com os seus lugares já marcados. Nada de esquecimentos, nada de equívocos.

Contou-me um amigo que, vendo-o parado, à espera de condução, o convidou para o seu carro e foi abrindo a portinhola para tê-lo a seu lado. Ataulfo aceitou, mas não ficava bem para a sua posição aparecer como ajudante de chofer aos olhos da cidade. E permaneceu na poltrona traseira. Não era orgulho, mas vaidade somente. Mesmo fora das competições, com todos os pontos atingidos, ficou-lhe o gosto pelas aparências. Velho, pintava de cores esquisitas os cabelos, e não parava. O mesmo colibri, nos teatros, nas

festas solenes, com o seu *dossier* de grão-senhor bem recheado, fez obra de filantropia e muito bem fez a necessitados.

Quis mostrar que não era um acadêmico de corpo, só de corpo, e imprimiu livros sobre legislação social. Um seu trabalho sobre criminosos irresponsáveis mereceu elogios, em 1916, do jovem médico Maurício de Medeiros.

Não se procure, porém, Ataulfo nos seus livros, que nada dizem de sua personalidade. Procure-se o homem representativo na sua atividade social e mundana. Neste sentido, foi um autêntico expoente.

As fórmulas que elaborou desde a queda do cavalo até a conquista do Supremo Tribunal Federal são positivamente originais. Porque nelas não havia sabujice, apena um sistema baseado na vaidade de seus semelhantes.

Partindo da evidência de que o homem é essencialmente um narciso, descobriu Ataulfo todas as espécies de espelho para que pudesse este narciso mirar-se à vontade

Lembro-me de que certa vez, ao encontrá-lo no Ministério da Educação, recebi do velho um apertado abraço. Imaginei-me logo louvado por algum artigo ou livro. Todo banhado pelos olhos quentes daquela admiração, quis saber a razão daquelas felicitações. Então Ataulfo respondeu-me com uma síntese digna de um criador de narcisos:

"Parabéns por tudo."

O narciso estava assim cercado por todos os lados.

O mestre Ataulfo era mais sabido do que se pode imaginar. A sua sabedoria sobre os homens não seria a de um Saint-Simon, que viu a sociedade no profundo de sua raízes. Era sabedoria de um carioca, embora nascido em São João Marcos, do carioca que tomava o homem pela suas fraquezas.

A Poltrona que foi criada sob a invocação do pássaro noturno que foi Junqueira Freire, o rapaz que queria morrer de verdade, teria a ocupá-lo o beija-flor que só queria viver e se deslumbrar com a vida.

Para Ataulfo, a vida era para ser sem atritos, sem as amarguras das noites em claro. Viver até o último minuto, viver, e tudo que lhe fosse estorvo à vida, que ele ignorasse – se não pudesse transformar em degrau.

Conta-se de um grande jornal, o único a lhe atrapalhar a carreira. O diretor era um tigre. Mas Ataulfo conhecia o segredo das flores, o prestígio

dos aniversários. E tanto fez com as suas dádivas de rosas à ilustre matrona, senhora do furioso diretor, que aos poucos o tigre foi se sumindo de sua carreira. Ataulfo conquistara uma praça forte sem disparar um tiro.

Era este homem prestimosíssimo cheio de blandícias e às vezes áspero com o que lhe merecia raiva. Não admitia reservas de inferiores e amava os elogios. Quando morreu, teve a morte que desejou, enterro de fardão e pranto de poetas. Carlos Drummond de Andrade, um pedaço das pedras do Itacolomi, Augusto Frederico Schmidt, o mágico das angústias do mundo, dedicaram-lhe artigos.

"Caro Ataulfo", chamou-lhe o Andrade.

"Fortaleza que parecia inexpugnável", escrevia Schmidt.

A morte foi, para Ataulfo, assim como uma tarde de sucesso na Confeitaria Lallet, em 1916. Aos 90 anos, só caiu de cama para morrer. Mesmo valetudinário, sempre nos quis dar a impressão de que era o mesmo Ataulfo de Paiva. Não sofria de nada, comia de tudo, bebia sem medo. Mas tudo isto como se estivesse num teatro.

As suas refeições e banquetes eram verdadeiras simulações de validez. Os pratos voltavam intactos, mas o conviva não parava de mexer nos talheres e tocar nos copos. O teatro da vida merecia os esforços do ator.

Se não recebia convites, sentia mágoas e planejava revides. A sociedade não podia passar sem Ataulfo. Se morriam amigos, estaria nas horas das despedidas como estivera na festa dos casamentos.

Tudo isto não era produto de improvisação. Nada em Ataulfo era obra do minuto, tudo obedecia a planos estabelecidos.

Se ia ao teatro, não dispensava o carro oficial e o automóvel de sua propriedade. Sempre havia pessoas que não dispunham de condução na hora do aperto. O mestre Ataulfo cuidava dos homens que lhe mereciam as atenções. E nesse sentido não podia ser chamado de bajulador dos grandes do dia.

Contou-me o amigo Andrade Queirós: dias antes da posse de Getúlio Vargas, apareceu Ataulfo no Palácio para fazer o ensaio geral da festa na Academia. O presidente do Livro do Mérito reproduziu em todas as minúcias as manobras da recepção. Pôs-se de pé com uma régua fingindo de espada, fez-se de candidato com todos os gestos, com todas as miudezas do ato. O

mestre Vargas ficara senhor de tudo, mesmo sem a audiência do seu homem do protocolo.

Assim era o homem magnífico que me precedeu. A sua cabeça funcionava como verdadeiro cofre de fichário. A atividade e o exercício cotidiano das relações sociais deram-lhe uma elasticidade prodigiosa. O seu preventório em Paquetá, além de funcionar como obra de caridade ativa, era pretexto para suas visitas em companhia de amigos e de viajantes ilustres.

Ali até as plantas traziam a marca de Ataulfo. Conta Carlos Drummond de Andrade de uma palmeira que dava leite como vaca holandesa. Ataulfo batia palmas como um marajá, aparecia um funcionário de estilete e, aberta a ferida no corpo da palmeira, corria do caule uma linfa branca que se bebia como dádiva de Deus.

As cenas de Ataulfo não eram paradas para somente deslumbrar. Visava ele fazer o amigo, aprofundar-se na afeição dos moços e dos velhos. Para isto, procurava agir com mãos de mágico.

Se o Sr. Santiago Dantas tinha uma babá doente do peito, Santiago ainda pobre, nos começos da vida, aparecia Ataulfo para providenciar leito, condução e cura para a pobre mulher. Fizera com essa senhora o que faria com os mais importantes.

Sentia-se grande no poder de propiciar alegrias. Como amigo, sabia como devia entrar e como devia sair. Depois de abraçar uma pessoa no aeroporto, um dos presentes lembrou que deviam ir até a casa do viajante. Ataulfo não cedeu, dando a sua lição:

"Aos que partem, não devemos perturbar em casa, porque precisam fazer as malas. E aos que chegam, não devemos impedir que tornem o seu banho e usem os seus chinelos."

Era assim o homem a quem sucedo.

Para ele, era necessário tirar os ossos da vida. Nada de espinhas atravessadas na garganta. Os dias deviam correr em cadência e para tanto melhor seria não ser um espectador de torrinhas, sujeito às vaias e aclamações. Primeira fila – coração sem estremecimentos de violências.

Teve tudo o que quis sem dar impressão de preterir aos outros. Quando chegava ao ponto colimado, não havia passado por cima de cadáveres. A sua vida foi um *five o'clock* em casa de D. Laurinda. Aos que o toma-

vam para sátira, não os tinha na conta de inimigos. O seu sucesso provinha muito da desvalorização da raiva. Pouco se dava se lhe vinham com perguntas sobre a sua idade.

De nada sei – dizia ele. – Os livros da igreja de São João Marcos foram destruídos pelas águas da Light.

Sabia ele que a morte não se enganava. De nada lhe valiam as tintas, as massagens, os dedos dos alfaiates. O monstro espreitava no momento marcado.

Sentindo a sinistra aproximar-se, o elegante se entregou. Não quis saber de mais artíficios. Ficou na sua realidade crua, de faces escavadas e de cabelos brancos. Dizia-se que assim mesmo procurou o nosso grande Ataulfo despistar a morte. Aquele não seria na certa o homem que era procurado. Os olhos sinistros têm a agudeza das águias nas alturas. Aquele era mesmo o seu Ataulfo, o velho sempre tão ligeiro, tão agradável, tão amigo das aparências. Era preciso levá-lo para os sete palmos da terra. E que morresse como vivera: vida de 90 anos.

Noventa anos de marchas e contramarchas, de espetáculos, de voar constante pelas flores da vida. E o colibri sem penas, todo reduzido a nada, deu o seu último vôo até o refúgio dos anjos.

Aqui nesta Casa deixou saudades porque foi companheiro de primeira ordem. Acostumara-se a Academia com a sua fluência oratória, as suas delicadezas, a amenidade de trato. Alceu Amoroso Lima, para consolá-lo de ataques da imprensa, dizia-lhe:

"Sobe mais o pão-de-ló quanto mais batido."

E não era velho de maus bofes. Não levava em conta os achaques da idade que sempre procurou dominá-los ao seu jeito, tratando a vida como a dama preciosa.

Morreu deixando saudades, porque fez amigos eternos.

E é aí que está a sua grandeza: amigos que não eram pela sua inteligência nem pelo seu dinheiro, que não os tinha para regalá-los. Amigos que os fez como bom oleiro, à custa de muito trabalhar o barro humano.

Senhores acadêmicos:

Chego ao fim e vos agradeço a eleição. Não rastejei. Não vos namorei com olhos compridos de enamorado impertinente. Destes-me esta Cadeira

sem esforço e sem trabalho. Agradeço-vos, e serei vosso companheiro sem torcer a minha natureza. O homem José Lins do Rego continuará intacto com as suas deficiências e as suas possíveis qualidades, pronto ao serviço de Machado de Assis, o capitão de nós todos.

## II

## RESPOSTA DO SR. AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

Senhor José Lins do Rego,

Sois um tema literário e humano bastante complexo, ao contrário do que me dissera o companheiro que comigo se congratulava, por me haver designado o Presidente da Academia Brasileira para saudar-vos nesta cerimônia de recepção. As vossas facilidades são enganosas aparências que se desfazem com a meditação da obra e do homem, assim como sucede com as paisagens distantes, muito simples nas grandes linhas da dimensão fotográfica, porém de perigoso e complicado acesso para os viajantes das montanhas, dos vales, das florestas e dos descampados, que de longe se confundem em lisuras verdes e plácidos caminhos.

Há mais de vinte anos que ando convosco, como encantado leitor dos vossos romances e crônicas, revendo nas vossas as terras da minha infância, identificando personagens dos vossos livros com os que encheram os meus verdes anos, porque nós, meninos do Nordeste, nascidos no fim do século passado ou no começo deste, vimos as mesmas coisas, tivemos iguais sofrimentos, preocupações e sonhos.

Eu poderia recompor a minha pequena vida no sertão cearense com os fatos da vossa vida e, apenas mudando o nome, muitos dos coronéis, dos padres, dos agregados de engenhos, dos moleques e outras figuras que enchem de tumulto e realidade as vossas páginas estão em minhas memórias. Digo-o

em louvor de vossa fidelidade de ficcionista, do poder autêntico da Arte que praticais como nenhum outro daquela estranha região brasileira, ao mesmo tempo tão árida e tão fértil.

Esses termos contraditórios, aridez e fertilidade, marcam o Nordeste, traçam a psicologia da gente, explicam fenômenos sociais e políticos, entram no entendimento da fisionomia física e espiritual da terra, onde tudo gira ao redor da chuva e da seca.

Criamo-nos, todos, na grande e temerosa expectativa dos favores do céu, interrogando os horizontes se haverá ou não chuva para as abundâncias dos pródigos invernos, com o gado gordo, os roçados cheios de milho apendoando e as várzeas cobertas de melancia ou jerimum, ou a terra calcinada pela soalheira, vazia a perder de vista, sem outro verde além dos juazeiros, dos xique-xiques e dos mandacarus que matam a última fome dos animais e dos homens.

A grande nota do regionlismo literário nordestino são as duas estiagens que de tempos em tempos se repetem e, às vezes, se prolongam anos seguidos. Então as misérias do povo e do solo inspiram romancistas e poetas. Cangaceiros e beatos também se misturam nesse regionalismo, como figuras obrigatórias da paisagem humana do Nordeste. Cantadores e repentistas têm nos primeiros os grandes assuntos de seus versos e os segundos, pelos milagres que operam, enchem de medo e esperança o coração do povo.

Tem que haver seca em romance nordestino, nem faltará nele episódio de cangaço e história de homem santo e podeis ver como tudo é verdade lendo os escritores de mais nomeada, que vêm de Franklin Távora a Graciliano Ramos. *A Fome*, de Rodolfo Teófilo, *D. Guidinha do Poço*, de Manuel de Oliveira Paiva, *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio, *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz e *Vidas Secas*, do mais ilustre romancista alagoano.

A seca desencadeia o destino, empobrece os ricos, obriga a emigrar, avilta os pobres, acarreta desonra, põe à prova os caracteres, aguça e deprava os instintos, porque ela traz consigo a fome que é sempre má conselheira. Como motivo sinfônico ou simples melodia acidental, a seca faz parte da literatura nordestina e é natural que assim seja, pois de outra forma o escritor

não se identificaria com o meio, ficando estranho à grande e sempre espantosa realidade da vida da região.

Vós, porém, Sr. José Lins do Rego, não sois um romancista das angústias da terra e da gente, quando batidas pela avareza das nuvens. As vossas histórias têm outra preferência. Falam dos canaviais, dos engenhos de grandes partidos, de senhores prósperos. Fixais tempos de fartura, bangüês, engenhos e usinas trabalhando, para alegria do seus donos, as famílias ricas ou decadentes de um mundo social que se formou nas casas-grandes e na bagaceira, com toda a raça de tipos que encontrastes na vossa meninice tão atribulada pelas experiências precoces que se acumularam em vossa mente e das quais tendes extraído a seiva fecunda de tão notável obra literária.

Não sois um escritor regionalista, no sentido das limitações que o regionalismo impõe, e já os críticos do vosso primeiro romance observavam a surpreendente universalidade do mundo ressuscitado pela vossa pena. Trabalhastes o Nordeste como Thomas Hardy o seu Condado de Wessex, ou como Thoreau os campos, as montanhas e as águas de sua cidade, os quais fez conhecer e amar por todos os americanos que leram, e como Thoreau podeis afirmar que nada se pode esperar de alguém que não considere a terra em que nasceu como a mais doce do mundo.

Nem as sucessivas orfandades, nem as aperturas da asma, nem os contratempos de menino que não teve a devoção permanente e insubstituível dos pais, nada dessas aflições fez de vós um escritor pessimista. Nesse particular honrastes a herança do vosso avô, com o seu temperamento feliz, pouco inclinado às lamúrias e invectivas contra as inconstâncias da natureza. Não sois como aquele velho Sinhô Marinho, do Engenho Maraú, que "chorava mais do que carro de boi carregado", só faltando soluçar nas queixas contra as lagartas, o açúcar ruim, o gado magro. Nunca fostes como aquele vosso parente "com vidro de aumento para as desgraças", porque os vossos olhos relegam as miúdas contrariedades, tal como o vigoroso Senhor do Santa Rosa, com os seus óculos de aro de prata, refletindo na cara toda a satisfação do homem feliz. E para a sua felicidade bastava-lhe ver as suas canas acamadas nos partidos, o milho criando corpo, o feijão crescendo e o gado roliço. E se o tempo não corria à feição, e a cana não acamava, o milho não criava corpo, o feijão não crescia e o gado minguava de carne, nem por isso lhe aca-

bava o contentamento, pois logo lhe vinha o consolo da esperança em dias melhores.

Dissestes numa crônica de jornal que o que vale é o tempo morto que víeis bulindo como o corpo de Lázaro na tumba de pedra. Assim oferecestes ao crítico de vossa obra a grande deixa para a mais exata compreensão de vossos enigmas. O tempo que para outros morreu e fica sepulto, para vós nunca se perdeu e jamais andastes à sua procura. Apesar de breve, indo apenas até os doze anos de vossa idade, escorre nele toda a linfa criadora e nunca aqueles dias se apartaram de vossa imaginação. Durante eles convivestes, unha e carne, com os personagens, grandes e pequenos, que povoam os romances que, vós mesmo dissestes, compõem o ciclo da cana-de-açúcar.

As lições modernas da Psicanálise informam quanto poder tem no adolescente e no homem maduro as impressões da infância. Elas enterram-se nas células profundas do inconsciente ou do subconsciente e ficam mandando soberanas no nosso destino. Não são mais os mortos que governam sempre e cada vez mais os vivos; é a criança que sempre e cada vez mais governa o adulto.

Muitas das lembranças de vossa meninice deveriam produzir amargura; delas porém logo vos libertastes, pela forma da confissão pública, transferindo-as às páginas de livros, para que dentro de vós nada restasse de incômodas fixações e complexos obscuros. Em cada romance, a matéria inerte das recordações converte-se em formas vivas de realidade e Poesia, e ainda dos episódios mais crus, nos quais a natureza humana parece rebaixar-se às últimas malignidades do instinto, sabeis extrair um certo quê de purificação e ingenuidade, pela força de uma narrativa tão estreme de sentido espúrio que, lendo-vos, é como se ouvíssemos árduas palavras pela boca de quem as pronunciasse com inocência e candura.

Pensou-se que após a publicação de *Fogo Morto*, com o qual declaráveis encerrada a série das histórias ligadas às casas-grandes, aos engenhos e aos canaviais, estaria exausta a vossa imaginativa, como mina de filão esgotado. Pois não tardastes muito em mostrar a existência de outros veios, jorrando novas e mais vivas lembranças daqueles seis anos passados na casa-grande de vosso poderoso avô. As páginas que denominastes *Meus Verdes Anos* e que dedicastes a vosso neto José, para que lhe sirvam no futuro como uma lição de vida, aí estão pujantes, aprofundando-se no recôndito da consciência do

menino, como os sertanejos cavam no leito dos rios secos fundas cacimbas para encontrar a água fugidia.

Fora temerário, ainda agora, acreditar que está tudo dito. Os escritores de vossa qualidade não cessam o fluxo das transmutações do quotidiano em matéria perene, graças ao toque da Poesia que é neles um dom congênito.

Proust achava que na transposição do mundo sensível para a realidade artística, o grande escritor devera ditar a sua maneira pessoal de ver as coisas e nunca submeter-se à visão comum. Ouso contrariar semelhante sentença, à luz dos vossos exemplos. A grandeza de vossa obra, que está atingindo a universalidade em traduções sucessivas nas línguas ilustres da terra, vem precisamente da maneira humilde com que nos transmitis das coisas e dos seres apenas a visão comum, o pensamento do pobre povo nordestino, as suas dores, os seus sentimentos, as suas esperanças e as suas ilusões.

Não há o menor constrangimento de imposição de formas pessoais, sendo como sois um espelho de cristalino reflexo e jamais um combinador de ingredientes literários, destro no refinamento de impurezas e na destilação de raros perfumes. Assim recende das vossas páginas a eterna Poesia que uma vez definistes como sendo "a que se finca na terra e se alimenta de nossa própria carne e de nosso próprio sangue". Uma Poesia hipostática, marcada pela mais íntima união do verbo com a natureza humana.

Não desejava nesta saudação recorrer à Literatura Comparada, mas, por acaso, existia visão pessoal do autor em grandes artistas como Tolstói ou Tchékhov? e cito esses dois russos, porque sempre fui tentado a ver no sentido profundo de vossa obra tão humana algo de *Guerra e Paz*, de *Ana Karenina* e da *Ressurreição* e aquela maneira lenta, quotidiana, com que o grande contista e dramaturgo de *O Cerejal* narrou a decadência da sociedade russa.

* * *

Muito ouvi falar a respeito da vossa vida de estudante no Recife, naquela mesma escola onde se formaram os bacharéis que repontam nos vossos romances. Nem sequer sabíeis bem onde eram as salas das aulas e a muitos dos professores só de nome conhecíeis.

É melhor que vós mesmo narreis, perante esta assistência que hoje vos glorifica, como foi a vossa vida na Faculdade.

> O estudante José Lins do Rego era íntimo de todas as agitações da Escola, gritava pelos corredores, cantando em voz alta e desafinada árias de operetas da moda, botava apelidos e se fizera o terror em arruaças de rua e boêmia. Rapaz perdido, o aluno péssimo do Dr. Amazonas, bacharel de 1923, que não entrou no quadro de formatura porque consumiu em cerveja da Rua Santo Amaro as verbas do avô.

Esse período descritivo de vossa mocidade turbulenta está num discurso que pretendíeis pronunciar na própria Faculdade de Direito, quando regressastes da Europa e que, por circunstâncias que não mencionastes, ao que parece, não foi nunca pronunciado.

Nesse retrato não há nada mais daquele menino asmático, criado junto às saias das tias, com o mimo das negras do engenho e que ficava invejando de longe os outros meninos tomarem banho de rio, correrem no lombo dos cavalos em pêlo e pintarem as diabruras perigosas dos garotos do sertão.

Esse ano de 1923 marcou caminhos novos de ascensão, conquista e glória em vossa vida. Foi o ano do encontro com Gilberto Freyre, quando, de volta de sua longa viagem aos Estados Unidos e à Inglaterra, onde preparara o espírito para a realização de sua obra científica e literária, o futuro autor de *Casa-Grande & Senzala* retomava contato com a juventude do seu tempo, no Recife.

No prefácio de *Região e Tradição* vêm singelamente contados os passos dessa amizade que considerais tão fecunda para o vosso destino de escritor. Na verdade, depois do conhecimento com Gilberto Freyre, mudaram-se os rumos do estudante da Faculdade de Direito, ocupado então em escrever crônicas e contos, perdendo-se também, como não pudera deixar de acontecer na província, nos panfletos da política partidária.

Abriram-se os vossos olhos para perceber que o vosso destino era outro. Começou a reconstrução de vossa personalidade, na base do encontro de um mundo até então ignorado e no qual penetrastes, com segurança, pelo braço do companheiro que retornava de Colúmbia e de Oxford, de prestigiosas universidades do outro lado da terra, pronto a realizar a mais completa

pesquisa da alma pernambucana e a resolver os problemas da integração brasileira, que não voltara americanizado ou britânico, porém mais intensamente pernambucano e, por isso mesmo, mais vivamente brasileiro.

Gilberto Freyre foi quem desvendou o vosso amor pela terra que dominava o vosso coração sem que ainda o houvésseis percebido. A nossa vida por esse tempo – está por vós escrito –, foi para mim admirável. Eu me fazia, construía a minha personalidade. Havia nessa época o movimento modernista de São Paulo. Gilberto criticava a campanha como se fosse de uma outra geração. O rumor da Semana de Arte Moderna lhe parecia muito de movimento de comédia, sem importância real. O Brasil não precisava do dinamismo de Graça Aranha e nem da gritaria dos rapazes do Sul; o Brasil precisava era de se olhar, de se apalpar, de ir às suas fontes de vida, às profundidades de sua consciência.

Esses ensinamentos tocavam a vossa alma e a casa do Carrapicho, onde Gilberto morava, era "como um refúgio que eu procurava com ansiedade e timidez", como confessastes.

Só por um milagre poderia ser tímido aquele moço cheio de violências e algazarra que acabava de sair da Faculdade de Direito.

Comprometemo-nos, querido confrade, a agradar nestes nossos discursos mais ainda pela brevidade do que pela substância e assim não me demorarei em dizer tudo quanto Gilberto Freyre representou no descobrimento de vossas forças interiores, encaminhando-as à vossa verdadeira vocação de testemunhar nos romances dos bangüês, dos engenhos e das usinas de açúcar algumas das matrizes da nacionalidade que o sociólogo, vosso amigo e guia, interpretou como cientista, aparelhado como nenhum outro antes dele dos métodos mais modernos de investigação e análise.

A associação espiritual com Gilberto Freyre nunca se interrompeu. Os dois muito construíram, cada qual em seu terreno, seguindo linhas paralelas, ambos prodigiosamente líricos, animados pela mesma paixão da terra e do homem do Nordeste. Poderia buscar na Literatura de outros povos casos semelhantes de recíprocas e duradouras influências, mas chega fixar-se neste nosso exemplo brasileiro, tão fértil e cheio de beleza, de completa correspondência entre dois grandes espíritos para quem só a vida com as suas leis e sugestões comanda e dirige.

No entanto, antes do canudo de bacharel e do rubi flamívomo, já não eram poucos nem pequenos os sinais de que entraríeis, rapidamente, nesse caminho de escritor que vos conduziu aos cimos gloriosos em que hoje achais o repouso: *Über allen Gipfeln ist Ruh*, como está dito no verso goethiano e é repetido aqui em alemão somente porque na língua original guarda a sua impressionante musicalidade.

Quando morreu Lima Barreto, escrevestes em Recife um artigo consagrando o grande romancista de Isaías Caminha e Gonzaga de Sá. Já então se mostrava a vossa rebeldia às formas estratificadas da linguagem gramatical nesta sentença: "Os grandes escritores têm a sua língua; os medíocres a sua gramática."

É certo, meu caro José Lins do Rego, que sois um grande escritor que tem a sua língua e também a sua gramática. Na releitura que fiz de vossa obra, a fim de aparelhar-me para este desafeiçoado estudo, verifiquei com surpresa que não andais muito longe de ser um cultor da nossa língua, e tudo quanto se tem escrito e proclamado a respeito das incorreções gramaticais de vossa prosa corre por conta de exagero, sendo a regra a escorreição, a medida, a obediênda aos cânones da gramática que atribuís apenas aos escritores medíocres. O que acontece e escandaliza é a vossa proximidade do povo, a consangüinidade com o povo, a apuração do sentido literal da linguagem popular, no que tem de mais viva e palpitante.

Se, algumas vezes, adotais certos modos de expressão, ou deixais de dar aos pronomes a posição convencional dos chamados bons autores, não o fazeis para desautorar a gramática e sim porque quereis que o organismo vivo siga a evolução da vida e adquira nos trópicos, além da maciez e dos ritmos cantantes, também a liberdade que lhe está comunicando o poder plástico que nunca teve e melhor serve aos impulsos e criações do pensamento brasileiro.

Eis um capítulo em que se poderia dissertar longamente, argumentando sem sofisma a vosso favor, para dizer que se esta Academia tem entre as suas finalidades mais instantes defender o nosso belo idioma, aqui estais muito bem, pois que em vossas páginas é falada a língua verdadeira, a que traduz melhor aquilo que realmente quereis dizer e não a língua dos sábios e dos puristas, com rebuscados parnasianismos, e léxico obsoleto. Se nos cumpre guardar a amada língua portuguesa, seria arriscar-nos a vê-la desaparecer

depressa, admitir que nos livros seja uma coisa e na voz do povo outra, pois não é nas formas eruditas que o idioma se mantém vivo e sim pela criação incessante da alma popular. E tanto é esse o pensamento desta Academia, que no seu vocabulário figuram os brasileirismos na mesma digna posição de membros da família, e ainda mais que a grande revolução literária que se operou no Brasil com o advento do Modernismo, hoje consagrado pela presença dos seus mais gloriosos chefes nesta Casa, foi nas formas da linguagem que se tornou mais evidente, e todos nós escrevemos hoje com uma liberdade que nem imaginavam os mestres que aqui nos reuniram e são os deuses de nosso culto

E os de ontem e os de agora conservam-se, igualmente, fiéis à missão da Academia de guardar a língua nos valores substanciais de sua vida, sem impedir que evolua e assim se mantenha viva.

Falando, certa vez, das literaturas, dissestes alguma coisa que deve se referir especialmente à língua: "As literaturas que querem sobreviver terão que ligar-se à terra. Terão que adotar as invenções e descobertas do irmão povo, se não se transformarão em pobres damas enfermiças, com medo do sol, da chuva e da vida."

E noutra ocasião, completando este comentário, afirmastes sem nenhuma cerimônia: "Os puristas que vão àquelas batatas do personagem de Machado de Assis." Sucede apenas que as batatas eram para o vencedor e não parece, meu caro confrade, que os puristas estejam vencendo na batalha de que sois tão valente soldado.

* * *

Não pertenceis, evidentemente, a qualquer escola literária, no rigor das classicações, a meu ver um tanto arbitrárias, e não é acertado sobretudo pregar em vossos livros a etiqueta do Modernismo.

Começastes a escrever romances quando a famosa e bulhenta escola havia transposto a fase de exacerbação, mas não vi o mais ligeiro traço que possa identificar-vos como epígono da tumultuosa corrente.

Creio que se não tivesse havido a Semana de Arte Moderna de São Paulo e tudo quanto se seguiu em Literatura e artes plásticas, haveríeis de

escrever do mesmo jeito, com a mesma linguagem e os mesmos assuntos, na pura e simples maneira de expressão do Nordeste.

Jamais observei em vossa técnica de romancista ou em vosso estilo, tão próprio como deve ser em sua correntia facilidade, pois como já li em Cocteau *tout effort visible manque de style*, jamais observei, repito, qualquer intenção de ser modernista, como propósito e escolha, à moda de tantos outros que foram modernistas somente para não ficar do lado de fora na procissão do dia e por falta de coragem para sustentar as suas convicções estéticas.

Não há em vossos livros deformações, nem distorção da realidade, nem recursos artificiosos e menos ainda intento de escandalizar pelo uso de rudes termos, quando não sejam necessários, para caracterizar cenas, atitudes e temperamentos em suas genuínas manifestações.

Dizeis as coisas como são, os fatos como se passaram, as pessoas como eram, com toda a naturalidade, sem prévia arrumação e menos ainda para que do entrecho possa sair o comprovamento de teses sociológicas ou de outra espécie.

Os acontecimentos concatenam-se por si mesmos, presos no fio de sua intercadência, porque não foram inventados. Como nada inventastes, exceto a arte de dispor esse material, as figuras humanas, os seus pobres e falhos destinos, a vida do Nordeste no momento das fixações em vosso espírito, por um método que não é de embalsamamento, mas de pura e bela ressurreição.

O menino José Lins do Rego, neto do Coronel José Paulino, poderoso senhor de engenho, nunca se ausentou do homem, do jornalista, do escritor de romances, do pensador que também o sois e do soldado da liberdade, pois na luta pela liberdade vos encontrei sempre, constante e destemido, na dura fase da evolução social e política que estamos vivendo. As vossas maneiras estabanadas, a vaguidade de vossas conversas, os vossos solilóquios, interjeições e gritos de espanto, o hábito das andanças matinais e do estacionamento nas portas das livrarias, as vossas telefonadas fora de horas aos amigos e os vossos conhecidos e impressionantes mutismos e apreensões, isto de chegar e sair sem falar com os presentes, inteiramente alheado aos mandos do bom-tom, o medo das doenças súbitas apesar da solidez vigorosa do vosso esplêndido organismo, tudo isso que dá a vossa marca personalíssima é nada menos do que a permanência da criança sertaneja no adulto perdido das capitais.

Não tendes refolhos nem complicações problemáticas; os vossos personagens são lineares, unidimensionais, aparecem e somem como se corressem nas linhas de um trilho por uma planície. Exatamente como é a vida, quando não se metem os homens a interpretá-la: simples sucessão de fatos na rotina dos dias.

Vistes, quando menino, a decadência de uma sociedade rural, a meia aristocracia dos senhores de engenho acabando, o fim do feudalismo nordestino vencido pela máquina com os cangaceiros que eram os seus cavalheiros andantes e os beatos, místicos da superstição, que é também um dos fios vitais das gerações.

Tudo isso se agarrou em vosso espírito para fecundá-lo, e, chegada a hora do amadurecimento do escritor, transformastes as reminiscências em formas vivas.

A vossa força de romancista está no soberbo poder da narração. Nada é de pano, de madeira, de borracha ou de matéria plástica nas multidões dos vossos romances. Senhores de engenho, avós, tias e primas, moleques, vaqueiros, negrinhas libidinosas, santos e bandidos, todos são de sangue e carne, têm músculos e ossos.

Tudo vive no triunfo ou na mesquinhez, no orgulho ou na humilhação, na violência ou na serena bondade. Ninguém é como os personagens de Dickens, arbitrariamente escolhido para ser sempre mau ou para ser sempre bom.

Contastes a vossa própria história de menino de engenho, de aluno de internato, cercado pela sarabanda do poviléu que representava a contingência humana na linha de um destino atormentado, desde muito cedo, pelas fraquezas do instinto, em seus mais rudes pendores.

Há quem se revolte com a áspera maneira pela qual contais as mais feias histórias de uma infância precocemente cosida pelo sofrimento e aguilhoada pelas revelações de uma exacerbada sexualidade.

Assim é por não ter podido ser de outra maneira. Tal se mostrou a vossa natureza em sua força propulsora para a criação artística. De algo vos gabais com razão: da vossa teimosa fidelidade a vós mesmo.

Certa vez dissestes:

> Nada me arreda de ligar a Arte à realidade e de arrancar das entranhas da terra a seiva dos meus romances e de minhas idéias. Gosto que me chamem de telúrico e muito me alegra que descubram em todas as minhas atividades literárias forças que dizem do puro instinto. Será destas fontes do instinto donde emanam as minhas únicas alegrias criadoras.

E como criastes! É certo que nada tirastes do Nada e sim da vida, pois que toda verdadeira vida vem de outra vida e o próprio sopro divino na argila pressupunha uma criação anterior.

Escrever é para vós uma necessidade incoercível e só escreveis porque, como queria Rainer Maria Rilke, tínheis de obedecer às forças indomináveis da vossa natureza. Quando vos chega essa espécie de crise, nada vos detém. As laudas seguem-se às laudas, umas emendadas nas outras como rolos do papiro antigo, mostrando a continuidade vital do enredo, e se parais, noite alta, nesse labor, é para chamar pelo fio algum amigo que julgais de vigília, esperando as vossas ordens e comunicar-lhe, como honrosa primícia, as peripécias em que se envolvem os duendes que restabeleceis na condição da vida.

E invectivais o velho Zé Amaro, por haver batido na filha enferma: "Isso não é direito, seu Condé !" E cobris de elogios o Vitorino Papa-Rabo com a sua tabica vingadora. "É no duro, sabe? Papa-Rabo é homem até debaixo d'água." Tudo entremeado de gargalhadas, de insultos, de nomes feios, vibrando o fio no silêncio da cidade deitada no sono.

Esse tumulto de vida é implacável no vosso espírito. São manifestações insopitáveis, e se vos metesseis a contê-las, correríeis o risco de um ataque de apoplexia.

Não é de vosso temperamento fechar-se, porque a vossa natureza está voltada para a vida e só se exprime e realiza em termos de ação e de vida.

Por isso amais as praças de esporte, acompanhais os grandes alaridos do triunfo do vosso clube, somais os vossos gritos e impropérios aos gritos das multidões decepcionadas, quando as suas cores não se impõem ao adversário.

Tendes em pouco apreço as rodas literárias, as confidências intelectuais, o preciosismo das conversas de gabinetes e de salão. Quereis ar livre, clamor, e frêmito. Ides ao povo para sentir o que ele está pensando e querendo.

Diariamente transmitis na imprensa, em jornal da manhã e em jornal da tarde, as histórias recolhidas nas conversas de lotação, nos ônibus e nos trens, os comentários da sabedoria popular, as notações da cidade viva.

Construístes com os vossos romances do ciclo da cana-de-açúcar um monumento a uma era já quase extinta e em vossas crônicas guardais as palpitações do nosso estranho mundo, nas formas mais agudas do seu realismo angustioso.

*Fogo Morto* é uma epopéia, à moda do Cervantes, e *Cangaceiros* outra. *O Moleque Ricardo* contém no fecho três páginas que ninguém poderá esquecer pela sua grandiosidade à Dostoievski, quando o mestre Lucas pergunta, em seu desolamento, na dança sagrada do terreiro, o que fizeram os negros mandados para Fernando Noronha. "Que fizeram eles? Que fizeram eles? Ninguém sabe não." Esse refrão repetido como o batuque no coro dos atabaques tem inflexões que descem na alma com uma ressonância fúnebre que não sai da memória. A extrema tristeza do povo humilde diante das injustiças inelutáveis.

Querem as tradições que este discurso seja leve e aqui e ali assuma certo ar de apadrinhamento do veterano ao calouro que se aproxima, mal-ajeitado no fardão, e tímido diante do corpo de veneráveis doutos da Academia. Pelas vossas palavras, vi que vos assentastes na Cadeira 25 com a bonomia, segurança e senso de posse absoluta de quem não tivesse feito outra coisa na vida.

Isso está certo. A Cadeira era vossa, vossa de pleno direito, visto que sois um dos maiores escritores brasileiros e esta Casa é dos escritores de sangue e alma como vós, Sr. José Lins do Rego.

* * *

Em determinada hora de vossa existência, resolvestes-vos a percorrer terras estrangeiras, varando ares e mares para a aventura das viagens. Desde as ribas mediterrâneas até os *fjords* vizinhos do círculo polar, vistes as grandes coisas do mundo, vivestes nas terras de mais apurada civilização e de tudo destes conta em crônicas diárias, sem a monotonia da repetição dos viajantes da Cook, com esta vossa maneira particular de sentir grandezas e misérias, e narrá-las, singelamente, para encanto dos outros homens.

Enfiastes as botas de sete léguas para ir mais depressa e mais longe, em tudo pondo esses vossos olhos alvissareiros, de modo a nada perder das paisagens e dos seres, conferindo a profusão de vossas reminiscências de leitura; mas por todos os lugares, fosse Paris ou Florença, Madri ou Estocolmo, nunca vos apartastes de vós mesmos, em nenhum momento vos tentou a idéia de parecer francês, britânico, italiano ou patrício de Hamlet. Em tudo percebestes coisas de apreciar e amar, nas evocações dos tempos antigos, ao lado das ruínas da Grécia e de Roma, mas tais coisas não afetavam a alma do nordestino, para quem Homero com os heróis ilustres que cantou não vale muito mais do que os cantadores de nênias nas portas das igrejas da Paraíba, pelo menos na força da inspiração poética.

É bom beber vinhos famosos, contemplar correntes de água, a cujas margens a História se cansou de deixar as suas pegas; parar defronte da fachada das catedrais góticas em Paris, Chartres ou Colônia; admirar quadros, estátuas em museus de renome, extasiar-se diante de panoramas ricos em sugestões milenares. Nada disso porém mudou um átimo na alma do bom e grande José do Rego, com o qual ninguém pode, como ele mesmo costuma dizer e que, de retorno, era o mesmo despachado madurão de quem ouvi, certa feita, uma senhora comentar: "Não tem cara de escritor"; e eu lhe respondi: "A senhora diz isso, porque nunca viu Hemmingway." Nem todos podem nascer com a cara de Byron.

Ajuntando em livro as crônicas das andanças européias, acrescentastes-lhes *As Nordestinas*, ou sejam páginas com as quais quisestes equilibrar os entusiasmos da outra banda do mundo com as ternuras de vossa própria terra, pois outras terras podem ter maiores encantos, nenhuma, porém, como a várzea do Paraíba "no seu esplendor de Natureza", a qual vos acudia à memória, quando navegáveis o Loire, "o rio dos vinhos que são bebidas dos deuses na primavera dos castelos de França".

Assim foi por todo canto e mesmo nessa Grécia que andastes palmilhando por último, e aqui daria tudo por saber das vossas reflexões diante da Acrópole, na qual muito longe da famosa oração renaniana, havereis, quem sabe, pensado nas matas do Itapuá, quando "a manhã de sol de inverno se alegra no colorido das flores que desabrocham nas capoeiras festivas".

Porque estamos certos, vós e eu, confrade ilustre, que não há nem nunca houve motivos mais suaves para églogas e bucólicas, ou ainda para anacreônticas e teocríticas, do que a mansuetude das campinas do Nordeste quando, no fim das tardes de inverno, as sombras sobem ao sopro das frescas virações atlânticas e o gado lerdo de gordura deixa o pasto em busca dos currais, tangido pelo longa aboio dos vaqueiros.

São paisagens e momentos imorredouros na lembrança de quem uma vez os viu e sentiu, e em vossos livros os reviveis como ninguém, com esse poder pictórico que a vossa pena adquire quando traça aqueles quadros. Já mestre João Ribeiro, que logo revelou sensibilidade especial para a vossa Arte, falara duas vezes em pintura ao dar notícia alvissareira do *Menino de Engenho*. Falou de "pintura magistral e verdadeira", referindo-se às descrições de vossas espantosas precocidades e depois sentenciou: "A pintura da enchente do rio é uma das mais belas que temos tido, assim como a do lobisomem, superstição vulgar em todo o Brasil."

Panorarnas de cheias e secas, manhãs e crepúsculos, ambientes da vida rural, serões de famílias, velórios e enterros pobres, a marcha do gado nas estradas, os aspectos das roças, a beleza dos canaviais no esplendor da safra, a fisionomia humana nas fainas dos engenhos, tudo isso sai literalmente pintado em vossas páginas e com tal força e genuína profundidade que se pode dizer de vós o que um crítico disse de Thomas Hardy: Possuís a redolência do solo.

* * *

Encontrareis nesta nova casa-grande que vos acolhe, com tanta alegria, variados motivos de satisfação. Dizem de nós muita coisa falsa e geralmente escondem as boas razões que nos justificam.

A Academia não é uma escola de aperfeiçoamento de escritores. É antes um regaço tranqüilo para aqueles que, nas labutas da pena, deram os melhores frutos. Aqui é um lugar de onde contemplamos a obra realizada, recebendo na imortalidade os precários galardões da fama e da glória.

Dissestes em um dos vossos escritos que amais a convivência dos velhos; pois tendes agora uma luzida companhia de homens maiores de cinqüenta e, se alguns poucos se acham ainda abaixo dessa cota, asseguro-vos que

neles se revelou mais cedo aquele espírito de aceitação, conformidade e placidez que caracteriza a velhice sensata.

Aqui e ali, nos tempos das vossas rebeldias de rapaz, quando é muito o sangue nas guelras, fostes incomplacente com as academias e os acadêmicos, e até fizestes uma jura que a vida se encarregou de desmentir. Jura falaz, como as juras de amor.

Essa culpa contra a lúcida matrona, cujos favores se distribuem por igual a todas as escolas, a todas as tendências e a todos os temperamentos, com a condição apenas de que possuam a credencial das boas Letras, todos a tivemos em nossa história de escritores. É até bom chegar-se aqui com um pouco de cinza na cabeça e envergando este fardão vistoso como se fosse também um burel de penitente. Os que menos prezavam a Academia, quando se inscrevem no estreito rol dos quarenta, costumam ser os que mais a amam e se comprazem em nossas serenas tertúlias, nas quais se cultiva a amabilidade, o sorriso, a cortesia, antecipando-se um pouco as vantagens da bem-aventurança.

Todos somos, uns para os outros, mestres e amigos, e, às quintas-feiras, não é pequena a volúpia com que mutuamente nos distribuímos cálidos elogios, cada qual mais empenhado em observar as boas cores, o ar de saúde e a teimosa mocidade do companheiro, carregando nos adjetivos amoráveis com que nos forramos aqui de ilusões para enfrentar as cruezas dos restantes seis dias da semana. Somos assim mais do que uma companhia amável: somos urna família cujos membros cultivam a cordialidade como a sua virtude mais esmerada.

Estou certo de que o homem vigoroso e rude, criado no massapé paraibano, tão representativo da terra e do povo do Nordeste, estimará em seus confrates as polidas maneiras, as atitudes mansas, as palavras medidas, o jeito precavido para não melindrar as susceptibilidades que entre imortais se encontram bem à flor da pele.

Isso não significa que não tenhamos malícia, que a ironia não pertença aos anais da Casa, que não se cruzem floretes nos debates e que as naturezas não guardem os espinhos que trouxeram do berço. Tudo, porém, nos choques mais renhidos, se passará de forma estilizada, entre veludos, cristais e rendas finas, cada um com a sua caçoleta de perfumes, de modo que o ambiente

quando mais se encrespe seja tão suavemente como a brisa, ao balançar, com leveza, as pétalas do jardim.

* * *

Muito tendes escrito e confessado aos íntimos a respeito dos terrores pânicos que a morte vos infunde. Ela vos parece uma grande injustiça. Assim também era Tolstói. Nada quereis com a Deusa Silenciosa e menos ainda com aquele *undiscovered country* para o qual marchamos, com passo inexorável, cada segundo de nossa curta vida. Assim somos todos feitos, nesse movimento de incessante rebeldia à transformação da matéria que é a suprema lei e a mais visível da natureza.

Para iludi-la criaram-se muitas fábulas e compuseram-se as esperanças de que o fim será apenas um instante de trânsito do doloroso efêmero para a felicidade eterna. As academias pertencem ao gênero desses recursos contra a idéia de que tudo desaparecerá e dão-nos o consolo de que teremos a sobrevivência, na mais longínqua lembrança da posteridade.

Os livros bastariam para garantir-vos a perenidade de vossa presença na Literatura Brasileira, mas assentado nesta Poltrona que a ilustre Companhia vos destinou, ciente da grandeza dos vossos títulos, podereis contar com a imortalidade. Esta não é uma Casa que os séculos abalem, que os regimes políticos destruam, que possa perecer no conflito das paixões ensandecidas. Tão fortes são os seus alicerces que se houver, entre as surpresas do mundo, comoções capazes de abismá-los, tudo não passará de mero delíquio; logo virão outros belos espíritos reconstruí-los, reunindo os destroços em novo e mais sólido monumento.

E logo também se reatará o diálogo que mantemos com os antepassados, para a reverência do culto que lhes é devido.

Quando vencido o segundo milênio desta nossa era já houverdes resignadamente compreendido que é bom descansar para além dos páramos, muito mais idoso ainda do que o varão a quem substituís, os que vierem para esta vossa Cadeira celebrarão o vosso nome, pelos tempos dos tempos, como agora o fazemos com Junqueira Freire, Flanklin Dória, Artur Orlando e

Ataulfo de Paiva. Esta nossa Companhia regala-se nas comemorações e nada lhe é mais caro do que os ritos da solene recordação.

O último a ocupar esta Poltrona 25, prezado confrade, com a pecha de intruso em cenáculos a que pertenceu sem diplomas suficientes, foi um leal servidor desta Casa e todos aqui queremos dar depoimento de seus préstimos. O que lhe faltou em títulos literários quis sempre suprir em devoção aos interesses da Companhia, fazendo o papel das abelhas que não participam dos vôos nupciais na primavera, que nunca enfrentam a glória das alturas ensolaradas, mas realizam o trabalho indispensável da colméia – nisso ele foi incansável.

Confessamos a saudade que nos deixou e queremos honrar a memória de Ataulfo de Paiva nesta noite, que também a ele é dedicada, a este companheiro assíduo, incrivelmente veraz e fidedigno, espécie de irmão leigo da Ordem, que só deixou de freqüentar-nos quando vencido pela moléstia nos cimos dos seus noventa janeiros, e que, estou certo, dirigiu o seu derradeiro pensamento a esta Casa que lhe velou o sono final, entre as pompas que tanto amava e na desolação dos seus confrades que se não o tiveram como mestre, viram sempre nele um amigo indefectível.

Sr. José Lins do Rego: trazeis ainda nas alparcatas de viajante a poeira da mais famosa colina que os vossos olhos tanto contemplaram, nessa nova sedução de vosso espírito pela Grécia, que retardou de alguns meses a alegria da investidura desta noite.

Sabeis, assim, que tudo passa, menos a Beleza, ainda mais duradoura do que a verdade. A erosão dos séculos, o ataque cego dos bárbaros, a displicência e o desencanto das gerações nada lograram contra a serenidade dos pórticos e das colunas dos templos em que se adoravam os deuses humanizados.

Na variedade das raças e dos climas, na ruptura aparente dos mundos permanece sobranceiro o mesmo sonho de imortalidade que animou o pincel, o escopro e a palavra, o sonho dos ginásios, das academias, dos teatros e dos filósofos. O sonho sempre evanescente e sempre renovado de fixar a formosura do momento que passa. Fixá-lo na pedra, no bronze, na tela e na mais duradoura de todas as matérias, o sopro da palavra, na prosa e no verso.

Entrai nesta nova Casa-Grande que doravante será para todo o sempre vossa. Aqui vivereis cercado da carinhosa assistência e da sincera admiração de 39 companheiros empenhados em prolongar as graças da vida sob a égide de Machado de Assis, o maior de quantos sonharam dentro dos umbrais da Academia.

Discurso do
SR. R. MAGALHÃES JÚNIOR

e

Resposta do
SR. VIRIATO CORREIA

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 6 de novembro de 1956*

# I

# DISCURSO DO SR. R. MAGALHÃES JÚNIOR

Permiti, senhores acadêmicos, que eu vos recorde, neste momento, as palavras com que há 120 anos, um velho e quase esquecido autor teatral francês, Eugène Scribe, iniciou o seu discurso de posse na Academia Francesa. O autor do *Fra Diavolo* assim abriu sua oração:

> "Haveis lido, sem dúvida, que tendo a República de Gênova ousado desafiar o poder de Luís XIV, foi o doge forçado a vir a Versalhes implorar clemência ao grande rei. E, enquanto ele admirava aqueles jardins maravilhosos onde em tudo a Natureza foi vencida, os repuxos brilhando ao sol, as florestas de laranjeiras, as maravilhosas terraças, alguém lhe perguntou o que lhe causava maior pasmo ou lhe parecia mais extraordinário em Versalhes. E o doge respondeu: 'O que aqui mais me espanta é a minha própria presença'".

E eu também, Senhores, no meio de todas as ilustrações que me cercam, de todas as pompas literárias, que se oferecem às minhas recordações, e aos meus olhos, diria que o que mais me devia espantar era a minha presença aqui, se uma reflexão não me viesse fortalecer e acalmar. A Academia, essa Câmara representativa da Literatura, quis que todos os gêneros, reconhecidos pela carta de Boileau e pelas leis do bom gosto, tivessem no seu seio mandatários por ela escolhidos, E como, nas nossas assembléias legislativas, o eleito de um pequeno burgo vem sentar-se nos mesmos bancos que os representantes

das grandes cidades, a Academia, dando-me um lugar em seu seio, veio elevar e engrandecer o humilde gênero de que sou o representante, inspirando-me assim o maior orgulho, se um simples autor de peças vaudevilescas pudesse agasalhar tal sentimento.

Esta palavra, até aqui, é do autor de *Bertrand et Raton* e de *Adrienne Lecouvreur*. Tornando-a por empréstimo, eu que sou também um autor de pequenas comédias, acrescentarei, por minha conta, que se o pasmo do doge de Gênova era o mesmo de Scribe, o de Scrlbe é o pasmo que eu, por minha vez, experimento.

## A CADEIRA 34

Na verdade, ninguém teria mais motivos do que eu tenho, senhores acadêmicos, para inquietar-me com a alta honra que me concedeis. Analisando-me e analisando os meus eminentes antecessores, surpreende-me, mais do que a vossa benevolência, a desmarcada audácia com que ousei apresentar-me diante de vós, pleiteando uma sucessão a que não me davam direito nem as minhas virtudes, que são poucas, nem as minhas Letras, que são pobres. Se acolhestes sob o vosso teto e honrastes com a vossa companhia quem era tão despojado de títulos e tão carecedor de direitos, decerto menos o fizestes para exaltar-me que para demonstrar a ausência de preconceitos desta Casa ilustre. Elegendo-me, destes público e solene testemunho de seu e vosso espírito democrático. Em meu nome, não encontrastes mais que a oportunidade para o exercício desse espírito e estou a ver que, por entendimento secreto, ou tácito acordo, haveis deliberado, cada um de vós, que depois do decano da vida parlamentar do Império, de um deputado do Império e chanceler da República, de um governador, deputado, senador e ministro da República e de um governador de Estado e arcebispo ilustre, não conviria senão um ato de humildade, que estabelecesse assinalado contraste com o opulento passado da Cadeira 34. Tendes a sabedoria de elevar as vossas escolhas ao ponto de ambicionarem as glórias acadêmicas homens altamente colocados na vida pública nacional, e ao mesmo tempo consolidais a regra com exceção como esta, acolhendo os que se encontram, como eu, na planície, numa demonstração de que aqui podem chegar também os que não tenham por si o prestígio dos grandes nomes, a sedução da fortuna ou a exaltação do poder.

## AMBIÇÃO DE GRANDEZA

Disse acolhendo, porque fui eu que vim ao vosso encontro e bati, não uma, mas duas vezes à vossa porta. E por que bati? Por que ousei tanto? Eu mentiria se não dissesse que era porque aspirava ao vosso convívio cordial e afetuoso, e queria ter a medida da vossa estima, expressa nos vossos sufrágios. Não é outra coisa o que têm buscado entre vós os que aqui me antecederam, inclusive os homens de Estado, a quem não bastavam os triunfos colhidos na tribuna parlamentar e nos altos postos de governo.

Pascal, tão da intimidade do nosso Machado de Assis, condenava a ambição de grandeza que mora no coração de cada ser humano, para exaltar a humildade que deve dominar o espírito cristão. Mas não o fazia sem compreendê-la e desculpá-la, porque via em tal ambição, imperiosa e irreprimível, um traço fundamental da nossa personalidade. "A maior de todas as nossas baixezas", dizia o jansenista de gênio, é a procura da glória, mas é essa mesma que é a maior prova de excelência do homem. Porque, quaisquer que sejam as posses que ele tenha neste mundo, qualquer que seja o seu bem-estar e as suas comodidades essenciais, ele não se satisfaz se não estiver na estima dos outros homens." Essa necessidade universal, de ser estimado, de que fala Pascal, é um elemento que não apenas impõe aos homens uma conduta capaz de lhes atrair simpatias, ou dedicações, mas faz com que tantos venham bater às vossas portas, no desejo insopitável de desfazer suas próprias dúvidas! Os homens de Estado – e têm sido tantos! – que aqui vêm impetrar guarida, não vos pedem em verdade a consagração de suas Letras: o que eles pedem é um atestado público de estima, que lhes dais, ou lhes negais, pois que assim o fizestes repetidas vezes. É por isso, senhores, que até ilustres generais têm querido trocar suas espadas de verdade por estes nossos inocentes espadins, que não atentam contra coisa nenhuma, nem violam sequer a virgindade dos livros ainda não lidos que enchem as nossas estantes. Alguns deles, atenuando a sua marcialidade e o seu belicismo, já chegaram a ingressar neste pequeno exército sem soldados, em que todos são iguais, sendo embora tão diferentes, e, às vezes, até opostos entre si.

## O CEARÁ E A ACADEMIA

Não quero deixar de assinalar com emoção a circunstância de que, há mais de três decênios, não ingressava nesta Casa um representante de minha província, o Ceará, representado, na fundação desta Casa ilustre por figuras como Araripe Júnior, Clóvis Beviláqua e Heráclito Graça, sobre ter em José de Alencar e Franklin Távora dois de seus patronos. Faz exatamente 33 anos que aqui ingressou o Sr. Gustavo Barroso, o erudito folclorista da *Terra de Sol* e *Ao Som da Viola*, o admirável contista de *A Ronda dos Séculos*, o historiador ilustre das nossas campanhas militares, a quem a condição de adversário político jamais tolheu a admiração intelectual e a amizade que há tantos anos lhe tributo. Sou o quinto filho do Ceará a ingressar nesta Casa –, não, porém, porque lhe tenham faltado figuras capazes de alcançar, pelo seu merecimento, o lugar que entre vós alcancei pela vossa bondade. Domingos Olímpio, o autor de *Luzia-Homem*, esteve no limiar da Academia, quando de sua fundação, e depois, duas vezes candidato, não logrou ser eleito, como seria de justiça. Se há alguns adversários que facilitam eleições, há outros que fulminam e sideram os concorrentes. Uma vez, teve o romancista cearense de se defrontar com a figura impressionante de Euclides da Cunha, a que ninguém poderia disputar a precedência. E da outra vez preponderou a mocidade e a simpatia de Mário de Alencar, ainda longe de ter realizado a obra literária que veio a produzir. Farias Brito, de não menor merecimento, tentou suceder ao cearense Heráclito Graça, e teríeis então tido um filósofo no lugar de um gramático. Mas a timidez de Farias Brito levou-o a recuar da primeira investida, e o recuo enfraqueceu-lhe a candidatura quando a renovou na vaga de Sílvio Romero. Além destes, outros houve, que poderiam ter aqui chegado, como Rodolfo Teófilo, Papi Júnior, Antônio Sales e Leonardo Mota. Foram, porém, homens desligados da metrópole intelectual do País, e mesmo Antônio Sales, poeta e romancista, que militou na imprensa do Rio de Janeiro e nela se distinguiu ao ponto de entreter polêmica com João Ribeiro, cedo se retirou para a terra natal e ficou praticamente esquecido. Nomeando alguns dos vultos das Letras cearenses que poderiam ter com mais direito do que eu aspirado à Academia, não lhes quero simplesmente reverenciar a memória, e, embora esta Casa não tenha preconceitos regionalistas, desejo afirmar que

aqui me sinto menos como um legítimo detentor desta Cadeira que como uma espécie de curador de ausentes...

## O GOSTO DOS CONTRASTES

Rara e espaçada é a nossa vinda a esta Casa, porque não apenas exigis que medeie a idade de Cristo entre a eleição de um e outro cearense, como ainda nos aplicais uma cláusula singularíssima: por tradição que se firmou na vaga de D. Silvérlo Gomes Pimenta, quando da eleição do eminente Sr. Gustavo Barroso e se confirmou agora na de D. Aquino, só nos pode caber a vaga de um acadêmico arcebispo. O que me deu esperanças ao apresentar a minha candidatura à vaga deste ilustre antístite foi saber que esta Academia tem, por vezes, o gosto dos contrastes e das soluções inesperadas. Lembro-me de que, quando se deu a vaga de Alcindo Guanabara, considerado o grande jornalista da República, a qualquer homem da imprensa, e muitos, sem dúvida, haveria, no rol dos possíveis candidatos, preferistes as virtudes sacerdotais e a velhice do arcebispo de Mariana. Este era uma glória da igreja pela cultura, pela fé, pela piedade, pelo zelo e intransigência de seu apostolado. De Alcindo Guanabara, servidor da política de Campos Sales e, por fim, da de Pinheiro Machado, dizia-se, porém, que tinha convicções para as ocasiões e que não tinha ocasião para as convicções. Já aqui foi narrada maliciosa anedota preparada para demonstrá-lo. Anedota improvável, sem dúvida, e já contestada com boas razões, mas nem por isso menos expressiva. É que lhe encomendara a direção do *Jornal do Commercio* um artigo sobre Cristo para uma sexta-feira da Paixão. Acertada a retribuição e o dia da entrega, Alcindo Guanabara, pela força do hábito, teria interrogado: "E esse artigo sobre Cristo, é a favor, ou contra?" O dente agudo da sátira mordia o jornalista que, amigo de José do Patrocínio, tirado por este da obscuridade, com ele rompera todos os vínculos para se converter no mais acirrado adversário da Abolição, nas colunas escravagistas e conservadoras do *Novidades*... Talvez por isso mesmo D. Silvério Gomes Pimenta, ao ser recebido nesta Casa, declarou que sabia que o seu discurso ia ser objeto de grande curiosidade, pois todos queriam ver como se sairia fazendo o elogio de um herege. Mas o sutil arcebispo, com as galas de sua inteligência e a sua capacidade de espargir indulgências,

garimpou os escritos de Alcindo Guanabara e deles extraiu algumas frases que lhe bastaram para que o proclamasse um espírito voltado para Deus...

No caso presente teríamos uma inversão daquele espetáculo: é ao herege que cabe a tarefa de fazer o elogio de uma figura eminente do clero. Mas o meu estado de perplexidade é tal que nem mesmo saberei dizer se sou de fato herege, embora, em sã consciência, não possa nem queira afirmar que sou católico. O que alivia um pouco os meus escrúpulos de sucessor de um arcebispo é que costumam teimar comigo, assegurando-me que o sou, alguns dos meus amigos padres, e até um bispo e um arcebispo que me honram com sua nobre estima. É uma forma que têm de preservar a nossa amizade encurtando generosamente as distâncias que poderiam separar-nos. Insistem em julgar-me não pelas minhas palavras, de negativa, mas pelos meus atos, que supõem ter uma expressão afirmativa. Um deles chegou a um requinte dialético, que não me furtarei a citar.

Sustenta que os verdadeiros católicos não são aqueles que assim se proclamam através de palavras logo desmentidas por seus próprios atos, e sim aqueles que, mesmo afirmando o contrário, revelam, pela sua forma de proceder, um espírito verdadeiramente cristão. Enquadrados por uma lógica tão férrea, teremos que nos render e admitir que o Brasil é um País essencialmente católico, pois que sua população há de estar praticamente dividida, não posso dizer em que proporção, entre católicos de confissões e católicos de ações. Espantará a alguém tal conclusão? Pois se até o genial e louco adolescente Arthur Rimbaud, que perseguia os padres com ditérios da maior impertinência, e escrevia "Morte a Deus!" nos muros das igrejas, foi postumamente declarado um crente! A Claude Edmonde Magny tudo isto se apresentava como atos de fé indiscutíveis. E escreveu: *On ne cherche à profaner que ce quon tient pour sacré*. Tenho, para mim, que a universalidade da Igreja vem da disposição cordial com que aceita como provas de fé ao mesmo tempo a compunção e a blasfêmia.

## O PADRE SOUSA CALDAS

E não estará certa nisto? E haverá caso que melhor o demonstre do que o do patrono da Cadeira 34. O padre Antônio Pereira de Sousa Caldas? Perseguido como incréu pelo Tribunal do Santo Ofício, não chegaria a ser

uma das mais altas glórias da Igreja? Teve um destino singular este brasileiro educado em Portugal. Era tão precoce e tão apegado aos estudos que ingressou na Universidade de Coimbra com permissão especial, pois lhe faltavam ainda três anos para alcançar a idade mínima, exigida aos matriculados. Soprava então da França o vento das idéias novas, e os enciclopedistas preparavam, com a letra impressa, a derrocada do Absolutismo. O ano do nascimento de Sousa Caldas – 1762 – era o mesmo em que Jean-Jacques Rousseau publicara o *Contrato Social*, era o mesmo em que *Émile*, ou *le Traité d'Education* era banido na França por suas idéias manifestamente antimonarquistas. Sua juventude, seu período universitário, coincidia com o crepitar das reivindicações que, dentro em pouco, sobre os escombros da Bastilha e os despojos da realeza, iriam estabelecer os Direitos do Homem. Voltaire, D'Alembert, Diderot, Rousseau eram os nomes que seduziam as imaginações moças e atrevidas. Até Coimbra chegou o eco desse tumulto de idéias, desse rumor ainda confuso que preparava um mundo novo... E era o jovem universitário coimbrão tão ousado nas idéias e tão franco na maneira de enunciá-las que, acusado de ser pedreiro-livre, o Tribunal do Santo Ofício resolveu honrá-lo com suas atenções, ordenando-lhe a prisão. O tio, sob cuja guarda se encontrava, obteve para ele a proteção do governo, sob a condição de encerrá-lo, por seis meses, no Convento de Rilhafoles, onde, para curar-se da heresia, devia fazer exercícios piedosos em companhia dos frades. O que há de extraordinário é que o estudante perseguido tão bem se deu no meio deles que só por muita insistência da família terminou os estudos de Direito em Coimbra. Doutorado, rejeitou o cargo de juiz de fora no Brasil, e nem os vários meses que permaneceu em Paris e em Lisboa, já depois de formado, lhe amorteceram o impulso para a vida religiosa. Uma vez maior, dirigiu-se a Roma e ali obteve ordens sacras. Queria ser padre, nada mais que padre. Veio para o Rio de Janeiro, onde se tornou famoso pela eloqüência e cultura. Várias vezes foi-lhe oferecida a dignidade episcopal, mas sempre a recusou, não querendo ser bispo.

## UM SERMÃO FAMOSO

O orador sacro Sousa Caldas era de tal modo eloqüente, tão imaginoso, tão torrencial, tão fluente, que poderia falar duas, três, quatro horas segui-

das, com encanto geral dos ouvintes sobre o mais simples de todos os assuntos. A respeito desse dom extraordinário conta-se que, certa vez, estava pregando na Igreja de Santa Rita, quando outro sacerdote teve de sair com o Santíssimo, para atender a um doente em artigo de morte. O doente morava nos confins da Gamboa e o outro padre para lá se fora a pé, acompanhando a pessoa que trouxera o chamado. Como seria longa a demora, Sousa Caldas teria que continuar a prédica até o momento de seu regresso... Após esgotar o tema do Evangelho sobre o qual falava, Sousa Caudas entrou a discorrer sobre a Eucaristia. E falava, falava, falava... Falava com tão persuasiva eloqüência, com tal beleza de expressão, que quando o viático voltou, mais de duas horas depois, estava ele ainda a falar, sem que os ouvintes se tivessem dado conta do tempo decorrido. "Parecia Inspirado", dizia dele o cônego Januário da Cunha Barbosa, "parecia inspirado por um poder sobrenatural".

## POESIA DAS BOAS AÇÕES

Pois este Bossuet brasileiro tinha o condão de reunir à eloqüência de grande pregador a humanidade de um frade mendicante, aos arroubos de um grande tribuno a simplicidade de um carmelita descalço. Não fazia o menor caso dos bens materiais e o dinheiro que lhe vinha às mãos logo delas saía, repartido com os pobres. Narra-se que, um dia, no Passeio Público, conversava com alguns amigos, quando um mendigo em andrajos deles se acercou. Sousa Caldas não tinha dinheiro algum no bolso da batina. Mas seguiu o pedinte, notando depois os amigos, ao regressar, que não mais trazia nos sapatos as fivelas de prata, antigamente de uso. Como sua oratória, sua Poesia era também a de um catequista. A tradução que fez dos Salmos de David é cantada ainda hoje, senão nos templos católicos, ao menos nas igrejas protestantes do Brasil. Pela obra poética, podemos estimar o orador sacro, avaliar-lhe os arroubos, medir-lhe as imagens, pesar-lhe a eloqüência. Vêde, por exemplo, este soneto em que descreve uma tempestade:

Tremei, humanos: toda a natureza,
Do seu Deus ao aceno convocada,
Sobre negros trovões surge sentada

Em cruel fúria contra nós acesa.
Do rosto seu escondem a beleza
Medonha escuridade acompanhada
De abrasadores raios, e pesada
Saraiva, que no ar estava presa.

Agora, perde a cor, de medo cheio
O monarca feliz e poderoso,
Que o vil orgulho abriga no seu seio.

Tu descoras também, ateu vaidoso,
E menos cego, sem achar esteio,
A mão que negas beijas duvidoso.

A humildade que o acompanhou na vida também o seguiu na morte. Desaparecido a 2 de março de 1814, foi sepultado no convento de Santo Antônio, e para o seu jazigo o poeta José Eloy Ottoni escreveu um epitáfio em latim.

Onde, porém, está o seu túmulo? Em lugar nenhum...

Exumados os seus ossos, ao fim de alguns anos, e não tendo sido reclamados pela família, foram colocados num ossuário comum, do qual, já bem cheio, os bons frades se desfizeram, atirando-os ao mar. Assim teve Sousa Caldas uma sepultura de almirante holandês... A santidade de sua vida parecia reclamar como coroamento esta humilhação póstuma. E se é verdade que os humildes um dia serão exaltados, sua exaltação começou com a escolha do seu nome para patrono desta Cadeira. As obras pias que praticou não valerão menos que as poéticas. Se estas lhe deram para sempre um lugar nesta Casa, e se, como as academias, o céu também existe, há de nele haver lugar para Sousa Caldas. E, em vez de longos discursos, ouvirá o coro dos anjos do Senhor, sentado numa poltrona mais macia e de um azul ainda mais celeste que o das nossas...

## O ECLETISMO DA ACADEMIA

O destino desta Cadeira tem sido o de trazer à vossa companhia homens ligados às atividades da política partidária e ao exercício de posições na vida pública. O primeiro ocupante foi um historiador, um poeta, um crítico, e

um ficcionista: João Manuel Pereira da Silva. Este brasileiro ilustre, pai de uma filha belísslma e elegante, que fazia sucesso nos salões mundanos de Paris depois da queda de Napoleão III, era o mais antigo dos deputados do Império, pois vinha da legislatura de 1850, quando, em 1888, foi escolhido senador na lista dos conservadores da Província do Rio de Janeiro, por influência, segundo então se escreveu, da senhora Condessa de Barral, amiga e confidente de D. Pedro II. Não foi ministro de Estado, nem chefe de gabinete, nos quarenta anos redondos de sua intermitente atividade parlamentar no Império. Mas iniciaria, apesar disso, a tradição política que marca esta Cadeira. Outras tiveram, também, a ocupá-las, expressões significativas do regime desaparecido – um ex-deputado, ex-senador e presidente de província como Alfredo d'Escragnolle Taunay, Visconde do Império; o presidente de província Inglês de Sousa; antigos ministros de Estado como o Barão de Loreto e o Barão Homem de Melo; parlamentares notáveis do antigo regime como Afonso Celso Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, este um monarquista que rompera os vínculos com o Império por amor à idéia da Federação. Liberais e conservadores, monarquistas e republicanos, couberam todos eles no grupo inicial da Academia, porque esta, ao surgir, no seu ecletismo, não pretendia ser uma instituição política eivada de espírito sectário, mas uma representação da cultura e da inteligência brasileira, sem preconceitos de opinião partidária ou de escolas literárias.

João Manuel Pereira da Silva é, dos fundadores desta Casa, um dos que ficaram, como Artur Azevedo, sem elogio acadêmico. Seu sucessor, o Barão do Rio Branco, exatamente como Vicente de Carvalho, sucessor de Artur, tornou posse por uma simples carta, o que era então permitido pelo vosso regimento. É essa uma das várias razões pelas quais o seu nome vai caindo no esquecimento. Era, contudo, um homem digno de ser aqui lembrado.

Sabemos que foi, como Varnhagen, um dos pioneiros da nossa historiografia. Faltava-lhe, talvez, o espírito crítico e a capacidade de síntese, uma teoria ou filosofia da história, que infundisse aos seus trabalhos um valor permanente. Foi principalmente um vulgarizador, sendo que grande parte dos assuntos de que se ocupou foram aqueles de que se tornou testemunha, por força de sua situação na imprensa e na Política.

Acumulou elementos, historiou fatos, biografou pessoas, fornecendo subsídios valiosos aos que vieram depois dele. Além da *História da Fundação do Império Brasileiro*, da *História do Segundo Período do Reinado de Pedro I* do livro sobre a *Menoridade de D. Pedro II* e as *Memórias do Meu Tempo*, foi também um dos precursores do conto brasileiro, conforme o demonstrará, em breve, o ilustre acadêmico Barbosa Lima Sobrinho. Educado em Paris, fez parte de um grupo de brasileiros privilegiados, que Joaquim Nabuco declarou que poderiam ter fundado uma Academia Brasileira..., na França! Lembrava, além de Pereira da Silva, os nomes de Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto Alegre, Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Sales Torres Homem, Maciel Monteiro, Joaquim Caetano e outros. Sobre todos eles, teve Pereira da Silva a distinção de ter sido o colaborador da *Revue Contemporaine* e da *Revue des Deux Mondes*, da França, e de ter escrito, diretamente em francês, um livro sobre a situação social, política e econômica do Brasil e outro sobre literatura portuguesa. Este último livro foi apreciado por Machado de Assis, na coluna "A Semana Literária", que publicava no *Diário do Rio de Janeiro*, a 20 de abril de 1886.

Depois de notar que se tratava de uma série de estudos publicados originariamente na *Revista Contemporânea*, de Paris, e de salientar o valor da contribuição prestada às Letras portuguesas, Machado de Assis assim conceituava os pendores do crítico e historiador literário:

> A sua crítica é geralmente justa, delicada, convencida, nem sempre profunda, é verdade, e muitas vezes desejaríamos que o autor se demorasse nos estudos de certos livros; mas é preciso lembrar que o Sr. Pereira da Silva tinha que dar antes uma notícia que uma apreciação de obras, em grande parte estranhas aos leitores franceses.

Não foi esta, aliás, a única vez que Machado de Assis se ocupou das Letras de João Manuel Pereira da Silva. Antes já a *História da Fundação do Império* fora por ele comentada, ao aparecer o primeiro volume.

Salientava a figura tutelar desta Casa: "É difícil aos homens militantes da política apreciar com o olhar imparcial do historiador os acontecimentos do passado; mas uma vez alcançado isso, a glória realça o dever e o aplauso

redobra de entusiasmo." Era o caminho que Machado de Assis esperava que Pereira da Silva trilhasse. Quando, retirado da vida pública, escreveu ele as *Memórias do Meu Tempo*, deu-lhes um tom de imparcialidade tão grande que há nelas, em geral, mais homenagens aos liberais, como Teófilo Ottoni e Francisco Otaviano, do que mesmo aos conservadores, seus correligionários. Tem esse livro páginas muito vivas e esclarecedoras. Nenhum dos nossos historiadores terá com mais precisão descrito os efeitos do primeiro encilhamento e o craque bancário, que se lhe seguiu, na administração financeira de Sousa Franco. E o melhor elogio que se lhe fará é o de dizer que Oliveira Lima repetiu quase textualmente algumas passagens de seu livro, ao tratar do assunto em *O Império Brasileiro*.

Um dos seus trabalhos, *Manuel de Morais*, alcançou divulgação na língua inglesa, em tradução de Richard e Isabel Burton. O autor dos *Varões Ilustres do Brasil desde os Tempos Coloniais*, prefaciador das obras poéticas de Tomás Antônio Gonzaga e Junqueira Freire, tinha com Sousa Caldas apenas uma afinidade: dominava a tribuna parlamentar como aquele dominava o púlpito.

Na *Revue Contemporaine*, como na *Revue des Deux Mondes*, da França, João Manuel Pereira da Silva defendeu, com fervor de moço, a abolição do cativeiro. Mas, vindo para o Brasil, integrado no Partido Conservador, seria um elemento de oposição às reivindicações sustentadas pelo gabinete do Visconde de Rio Branco. A Lei do Ventre Livre encontraria, nele, um opositor tenaz, na Câmara dos Deputados. Cada uma de suas palavras era para condenar a "desgraçada instituição do cativeiro", mas jamais reconhecia que a marcha para a emancipação fosse oportuna. Queria que a isso se chegasse pela ação privada, por meio de instituições filantrópicas, sociedades libertadoras da intervenção da maçonaria, nunca, porém, por intervenção governamental. Em suas próprias palavras:

> Declaro à Câmara que a idéia de libertar todos os nascidos de ventre escravo é em si mesma fascinadora, bela, utilíssima, mas como propaganda moral, para ser espontaneamente deliberada pelos proprietários de escravos, não, porém, decretada por lei do Estado.

Este conservador era, contudo, um espírito progressista, sob certos aspectos, e excetuada essa atitude, ditada menos pelos seus sentimentos pessoais que pela intransigência do reacionarismo saquarema, tinha rasgos de verdadeiro democrata. Por exemplo, quando, em discurso de 11 de junho de 1869 combatia o recrutamento a dente de cachorro para o exército nacional. "Não vos punge – perguntava ele aos seus pares nesse discurso –, não vos punge a desigualdade perante a lei, condenando somente as camadas pobres e misérrimas da sociedade a dar contingentes para o exército, criando privilégios e isenções aristocráticas para as classes não só superiores, mas até médias do povo?" Contra o recrutamento forçado, propunha o engajamento voluntário, "a obrigação a todos os cidadãos de servir na tropa de linha para poderem exercer cargos públicos na sociedade e gozar de direitos políticos, como na Prússia, ou então, o sorteio, como na França." Foi um paladino do desenvolvimento do nosso sistema ferroviário, pugnando, com veemência, ele que nem mineiro era, pela construção de uma via férrea que comunicasse Minas Gerais com o mar, pois lhe parecia injustiça gozarem já de tal vantagem Pernambuco, Bahia e São Paulo. Muito do que pregou da tribuna documenta esse espírito progressista, de homem que muito aprendera em seus contatos com o Velho Mundo. E ainda há nos seus discursos parlamentares algumas palavras que não perderam a atualidade, como as de um discurso de 22 de agosto de 1867, em que combatia o exagerado empreguismo reinante no Brasil. Para ele tudo começou em 1806, quando a corte portuguesa para aqui se transferiu e o Rio de Janeiro ficou cheio de fidalgos ociosos. "Criaram-se lugares na administração para lhes dar meios de vida" orava Pereira da Silva.

> Cercou-se o funcionalismo de importância, de consideração, de prestígio. Pegou o gosto ou moda de ser empregado público. Ricos e pobres não acharam posição social senão no funcionalismo. Desde então temos maior número de empregados do que precisa a administração pública. Continuou a moda ou mania, que perdura ainda hoje. Houve e há tendência excessiva para os cargos do Estado. Temos um exército de empregados públicos. O país quase se converte em funcionalismo, e é isto uma grande calamidade pública. O número excessivo impossibilita pagar bem e embaraça até o serviço, que é mal feito pelo amontoado e crescido do pessoal. Criam-se empregos para os

> indivíduos, e não se procuram cidadãos para o emprego deles e de sua capacidade precisa. Sempre que se reformam as repartições entre nós é para aumentar o pessoal e os ordenados.

Nem parece esta, senhores acadêmicos, uma voz que ressoa, vinda de um passado remoto! É que nada se parece tanto com esta República, como aquele Império que ela destruiu por sua inadequação e por seus erros. Isso nos adverte de que pouco vale mudar de regime quando os homens não mudam de mentalidade...

Em 1889, fez Pereira da Silva, na escola pública da Glória, uma série de conferências sobre a Literatura portuguesa e a brasileira, até fins do século XIII, e com os apanhados da taquigrafia, a seguir corrigidos, compôs um volume de quase quatrocentas páginas. Aí existem algumas linhas que valem como o elogio do patrono desta Cadeira:

> Refulge uma selva de inspiração na quantidade de poetas no fim do século, uns didáticos, outros epigramáicos, estes imitadores, procurando aquelas novas atmosferas. Acima de todos, pela elevação do pensamento e pela unção mística, o padre Antônio Pereira de Sousa Caldas, orador sagrado que na sua época só depara rivais em Frei Francisco e São Carlos, e às vezes em José Agostinho de Macedo, desigual nos vôos, mais instruído e eloqüente em seus momentos felizes.

Contudo, era Pereira da Silva um escritor anticlerical Sua última conferência, que é também o último capítulo de seu livro, embora tendo o imperador Pedro II como um dos ouvintes, se encerra com uma crítica veemente ao reinado de D. Maria I, bisavó do nosso último monarca. A rainha louca teria instituído a beatice em Portugal, cuja corte se povoara de novo de frades e confessores. Cresciam os jesuítas em número e prestígio, multiplicando-se as manifestações de intolerância com relação ao teatro, em cujos palcos as mulheres não poderiam subir, tal como na Inglaterra de Elizabeth, mas apesar disso entretinham-se, com grandes despesas, multidões de sopranos, para entoarem cânticos nas igrejas. Pereira da Silva diz que havia procissões sobre procissões, que se multiplicavam as ordens religiosas femininas e todas as freiras de uma destas, o cláustro de Alcântara, tinham sido processadas pelo

Tribunal do Santo Ofício, por ordem de um arcebispo, porque se dizia que ali entrara o diabo uma noite por uma janela...

Quando apareceu essa obra, em volume, em 1886, Carlos de Laet, no "Microcosmo", de 13 de abril, do *Jornal do Commercio*, não lhe regateara elogios, principalmente no tocante à pureza estilística e à vernaculidade, mas teve um rasgo de protesto contra o que considera um prejuízo do autor. E diz:

> Quero aludir aos preconceitos religiosos... Preciso se torna explicar-me... Quererei com aquilo inculcar que o ilustre conselheiro seja um desses historiadores impensadamente milagreiros e que, com pueris narrativas, mal sirvam à causa da religião que professam? Não, pelo contrário; mas neste contrário é que vai justamente a injustiça do historiador. O seu livro é um pertinaz arrazoado contra a influência do catolicismo em Portugal. Desgraças, para que evidentemente concorreram diuturnas e complexas causas, são teimosamente atiradas à conta do elemento religioso. No fim de contas, padres e frades é que levam a culpa de tudo. Não se pode ir mais longe em tal modo de ver, porém tudo isso pareceu-me singular, a mim, que já suponho atrasado de mais de meio século o velho ódio *sans culotte* que só se apaziguaria enforcando o último frade nas tripas do último rei. Essa tenção feita destrói a imparcialidade histórica, que é mister respeitar.

Esses rasgos de Pereira da Silva e Carlos de Laet nos levam a uma reflexão curiosa: a de que desses dois fundadores teriam andado mais certos se tivessem trocado de patronos; era o segundo o que mais merecia ter tido por patrono um padre e na linha de sua sucessão um arcebispo... Fique, nestas palavras, uma referência ao menos, e ainda que breve, ao primeiro ocupante desta Cadeira, sobre o qual neste recinto até aqui se fez silêncio...

## RIO BRANCO E A ACADEMIA

O sucessor de João Manuel Pereira da Silva dispensaria a minha palavra, tantas vezes tem sido aqui lembrado. Mas pareceria omissão imperdoável, senão criminoso desdém, ou atrevida impertinência, passar pelo vulto excep-

cional de Rio Branco sem render-lhe um tributo, ainda que apagado, sem a vibração das grandes vozes que no seu louvor me antecederam. Homem público dos mais eminentes de nossa Pátria, José Maria da Silva Paranhos Júnior de tal modo se agigantou no cenário nacional que nos dias de hoje é quase geral a impressão de que o acolhestes no seio desta Academia para que ela se beneficiasse com os reflexos do seu prestígio e com as cintilações de sua glória. Não foi isto, porém, o que verdadeiramente se deu: essa glória apenas despontava. Rio Branco não dera mais que o passo inicial para a realização da grande obra de demarcação das nossas fronteiras. Não foi, até então, mais que o simples advogado do Brasil, junto ao árbitro norte-americano, na questão das Missões. Negligenciada no Império, a República se dera pressa em tentar resolvê-la. Não houvera apenas pressa. Além do açodamento incompreensível, num governo que ainda não havia sequer adquirido estrutura jurídica, houve uma dadivosidade tão pródiga que tocou as raias do escândalo. A missão do Governo Provisório a Montevidéu ficaria registrada em nossos anais diplomáticos como um exemplo de como se não deve agir. Recusados os termo do tratado que Quintino Bocayuva negociara, o primeiro Presidente civil da República, Prudente de Morais, tivera o mérito de descobrir, na pessoa de Rio Branco, o homem para a ocasião. Foi o barão quem levou a Grover Cleveland, Presidente dos Estados Unidos, a convicção de que o Brasil tinha direito à parte do território das Missões configurada hoje pelo nosso mapa, e reclamada, antes, pela Nação argentina. Quando Rio Branco aqui ingressou não tinha a seu critério a vitória do Amapá, nem ascendera ainda ao posto de chanceler, no qual permaneceria até morrer, e que lhe daria a oportunidade de solucionar a questão do Acre. Por tudo isso, é lícito dizer que esta Academia, em 1898, acolheu menos o diplomata ilustre que o cultor das belas-letras, o antigo jornalista cuja pena deixaria traços vivos na imprensa do tempo do Império, o estudioso da História Pátria que tinha a seu crédito as "Efemérides", as anotações à obra de Schneider sobre a Tríplice Aliança e a biografia do Barão do Serro Largo. Eleito em ocasião em que se encontrava ausente do País e sem os benefícios de uma candidatura única, foi este o verdadeiro pórtico de sua fama. Foi daqui que partiu o primeiro ato de reconhecimento nacional de seus altos méritos. Antes que Rodrigues Alves o chamasse para o Ministério, antes que o Congresso Nacional lhe proclamasse a bene-

merência, antes que as multidões o consagrassem com o seu aplauso, antecipando-se a tudo e a todos, a Academia Brasileira de Letras o integrou em seus quadros, e o fez quando esse homem avesso às convenções era ainda um continente rico de energias cívicas à espera de quem o descobrisse.

Amadurecera no voluntário exílio, longe da Pátria, o moço estudioso, mas alegre, orgulhoso da agilidade com que executava os lances mais difíceis da capoeiragem e que desafiara os preconceitos da rigorosa sociedade imperial casando com uma atrizinha do famoso Alcazar da rua da Vala, uma das importações do empresário Arnaud... A vida, para ele, não fora apenas a dos mapas, a dos manuscritos, a da História, a dos arquivos, a dos documentos, a dos tratados. Vivera, quando moço, como um moço, e por isso mesmo tivera capacidade para devotar-se, por inteiro, na idade madura, ao serviço da Pátria. Os que foram moços com o espírito de moços, com as extravagâncias e as alacridades próprias da juventude, é que em geral chegam à velhice aureolados de dignidade. Ai dos moços que vivem a mocidade como velhos, porque estes quererão desforrar-se, com a triste ilusão de que poderão viver a velhice como moços! E terão apenas encontrado igual ridículo nas duas extremidades da vida, o duplo ridículo dos velhos precoces e dos adolescentes retardatários... O Juca Paranhos, nas noitadas do Alcazar, sobrevivera apenas nos gostos burgueses e nas atitudes popularescas, com que despia o fraque ministerial para regalar-se, em mangas de camisa, com as suculentas peixadas à lusitana nos restaurantes das cercanias do cais. No resto, cederia passo ao homem de gabinete, capaz de longas vigílias, de intermináveis serões, atento sempre, dia e noite, aos absorventes deveres do seu cargo. Tão absorventes que o roubaram ao convívio da Academia, em que não chegou a tomar posse, mas a que prestigiava em todas as oportunidades, fazendo de Machado de Assis um companheiro de mesa e, apesar de sua aversão aos discursos, o orador oficial do almoço a Guglielmo Ferrero. Nada faltou à sua consagração – o nome numa Avenida, numa cidade, num território –, nem uma estátua em bronze, em praça pública, aquela estátua em cujo pedestal Carlos de Laet queria que figurassem duas nobres efígies: uma a de Joaquim Caetano da Silva, patrono da Cadeira 19 desta Casa, e um dos precursores da conquista do Amapá, com seus profundos e alentados estudos sobre o Oiapoque e o Amazonas; outra, a de Teixeira de Melo, um dos fundadores desta Academia, menos conhecido, porém, não

menos eficaz preparador de outra vitória, a do território das Missões. Nenhum elemento faltou à sua consagração; nem mesmo o literário, com a biografia monumental de Álvaro Lins; os notáveis estudos de Levi Carneiro, e como ainda não bastasse, e decerto não basta, em se tratando de uma figura como a de Rio Branco, aí está o Sr. Luís Viana Filho, entregue a um intenso e apaixonado labor, para levantar, ainda uma vez, o gigantesco perfil do barão, com a minúcia de investigador e a acuidade de analista que são o traço fundamental de seus estudos biográficos. Se há palavra nova a dizer sobre Rio Branco irá dizê-la esse confrade que me venceu no primeiro pleito acadêmico a que concorri e sem que eu me sentisse derrotado, pois a Academia Brasileira de Letras nele distinguira um lídimo escritor, um homem de letras em trânsito na Política, e não um político que surgisse como cultor acidental das Letras. Direi apenas que se nada faltou à glória de Rio Branco, tampouco faltou sua figura extraordinária à maior glória desta Academia.

## O SUCESSOR DE RIO BRANCO

Depois de Rio Branco, passou a ocupar esta Cadeira o General Lauro Severiano Müller. Não era este um homem de letras, e para cumprir a formalidade estatutária, fez imprimir um dos seus discursos políticos, "Os Ideais Republicanos", em papel encorpado e tipos grossos – discurso que Lima Barreto, nas páginas satíricas dos *Bruzundangas*, disse ter saído em papelão e impresso em letras garrafais. A explicação da sua candidatura foi dada por Medeiros e Albuquerque. Entrou Lauro Müller nesta Academia derrotando o historiador, educador e jornalista Ramiz Galvão, que só muitos anos depois aqui encontraria um lugar. Ramiz Galvão era um barão de 1888, mas vivia apagado, na modéstia de sua cátedra e de suas tarefas do Instituto Histórico e Geográfico. Lauro Müller era, naquela hora, uma das expressões mais luminosas da vida pública brasileira. Nele o que viam os acadêmicos, que o atraíram, que o animaram, quase diria que o seduziram a candidatar-se, era um companheiro de Rio Branco no grande Ministério de Rodrigues Alves, o maior dos presidentes da primeira fase da vida republicana. Era um daqueles que haviam impulsionado o progresso brasileiro, precipitando o ritmo da nossa civilização, abrindo perspectivas novas, construindo, saneando, demarcando frontei-

ras, querendo fazer do Brasil uma verdadeira Nação. Notai que, daquela equipe, daquele conjunto de homens públicos jamais igualados em nenhuma circunstância da vida brasileira, aqui chegaram os três principais: Rio Branco, Oswaldo Cruz e Lauro Müller. – Este havia sucedido a Rio Branco na pasta das Relações Exteriores, e se era difícil a escolha de novo chanceler, o nome de Lauro Müller há de ter sido lembrado menos pela sua experiência, que era pouca, naqueles domínios, do que por ter sido um dos ministros de Rodrigues Alves, um dos companheiros de Rio Branco no ministério das capacidades.

Medeiros e Albuquerque dizia que o mérito de Lauro Müler como homem de letras não teria sido escasso ou desdenhável, se a vocação incontestável do escritor, documentada em algumas páginas já citadas nesta Casa, não fora nele suplantada por uma outra, mais imperiosa, a do homem político. Mal saído da Escola Militar, já participava de conciliábulos republicanos e assinava pactos de sangue. É dos que, a 15 de Novembro, ergueu a espada contra o ministério Ouro Preto e contra o Imperador. Está no piquete que avança para deter o Ministro da Marinha, Barão de Ladário, que tentava reunir-se ao ministério, ainda encurralado naquela praça d'armas. É ele quem faz recolher o almirante ferido ao palácio dos condes de Itamaraty e manda buscar os médicos que lhe salvam a vida. O único sangue derramado na manhã daquela parada cívica não chega, assim, a dar cores de tragédia à proclamação da República: o barão ferido defendia menos o Império que a sua própria dignidade de ministro. E há de vir, em breve, a sentar-se, como também se sentaria aquele tenente, numa das poltronas do Senado da República.

Onde melhor retrato poderíamos encontrar da alma brasileira? As nossas revoluções, todos o sabem, geralmente se resolvem em largos gestos de confraternização. Os opositores mais veementes, os articuladores de libelos, os subscritores de manifestos ameaçadores, os que firmam com letras de fogo a indignação dos *J'Accuse*! de hoje são os reconciliados de amanhã, entre lágrimas copiosas e abraços fraternos. E de tal forma que, não raro, se anulam as intenções desses movimentos na mole complacência dos seus líderes e pregoeiros. Sobrevém a fusão ou a confusão dos campos, antes opostos, logo que um deles arvora a bandeira do triunfo. As conversões mais recentes se revestem de tal fervor que os sinceros e antigos adeptos da causa vencedora começam a ser sacrificados para tomar possíveis as compensações aos cristãos

novos. E, ao fim de tudo, chega-se à conclusão de que quanto mais se muda tanto mais tudo permanece a mesma coisa. No alvorecer da República não foi senão isto o que aconteceu. Antes de um ano após o 15 de Novembro um dos barões conservadores da Monarquia, como Lucena, já governava um Estado, e meses depois estava feito ministro, enquanto um líder republicano do destemor de Silva Jardim era atirado às feras... A sabedoria de Lauro Müller foi a de ter continuado em evidência, sem conhecer o ostracismo, desde que em 1890 o despachara o Governo Provisório para Santa Catarina. Governador de Estado aos 26 anos, quando o bigode mal começava a sombrear-lhe o lábio superior, foi uma das poucas e legítimas revelações de estadista da novíssima geração republicana, a que se seguira à dos signatários do manifesto de 1870.

Muitos militares, velhos e jovens, foram elevados a tais posições, sem esquecer os civis de tradição republicana. Mas, enquanto um histórico, como Pedro Tavares, rapidamente se incompatibilizava no Maranhão, e enquanto um militar, como Clarindo de Queirós acabaria prisioneiro em palácio, no Ceará, sob a metralha dos seus inimigos, Lauro Müller não conheceria dificuldades de tal natureza. Constituinte, governador, deputado, senador, ministro do Estado –, só não alcançou a presidência da República, que ajudara a fundar. Ministro da Viação realizou, com a sua mentalidade de engenheiro militar e de homem de ação as obras portuárias do Rio de Janeiro, como complemento das quais fez traçar e executar, pela mão de Frontin, a Avenida Central, hoje Rio Branco. Ferindo interesses privados, tapando os ouvidos ao clamor dos que protestavam, ignorando a veemência dos editoriais de quase toda a imprensa –, que considerava um absurdo e um desperdício a abertura de uma via tão ampla –, Lauro Müller deu carta branca a Frontin. Arrastados, ambos, pela via da amargura, o único erro que cometeram foi o de não a terem duplicado, com a abertura de outra avenida, paralela e com as mesmas dimensões.

Duas vezes sucessor de Rio Branco, no Ministério das Relações Exteriores e na Cadeira 34 desta Casa, não escapou à maledicência e à sátira, – e como fosse muito magro, diziam que não tinha o mesmo peso que o barão, e como não fosse homem de letras, apesar de dois ou três sonetos que escrevera nos tempos da Escola Militar, argüia-se que aqui ingressara com as obras... do porto! Mas os que o conheceram de perto, como Medeiros e

Albuquerque, reconheciam nele um espírito arguto, forrado de não pequeno ceticisino. Múcio Leão, no seu admirável discurso de posse, contou uma anedota, que mostra até que ponto Lauro Müller tinha o espírito prevenido contra a velha política, a do voto a descoberto, a das atas falsas, as das degolas de deputados nas comissões de reconhecimentos de poderes, onde só se passava por especial mercê dos dirigentes da política de então... Humberto de Campos ia figurar numa chapa oficial, no Maranhão, e já se considerava eleito. Mas Lauro Müller o prevenia:

> Escute, menino... Quando o chefe do seu partido lhe disser que você está incluído numa chapa de deputado... não creia que é deputado. Quando vier a eleição, e o seu nome for votado... também não creia. Quando chegar à Câmara, e se vir empossado na Cadeira... ainda não creia. Só creia que é deputado quando o pagador do Tesouro lhe aparecer no fim do mês, e lhe pagar o subsídio...

Tal era o jogo das escamoteações, a falsidade do regime eleitoral. Nem mesmo nos postos executivos estavam tranqüilos os homens públicos. Com a irrupção da primeira grande guerra mundial, Lauro Müller se viu obrigado a deixar o Ministério das Relações Exteriores, sob a pressão da opinião pública, trabalhada pela maioria da imprensa e, especialmente, pela palavra de Rui. Defensor da neutralidade, não foi a mão dele, mas a de Nilo Peçanha, que referendou a nossa declaração de guerra à coligação dos impérios centrais. Voltou, então, às atividades parlamentares. E se não alcançou eventualmente a presidência da República foi porque o consideravam esperto demais. Gilberto Amado, ainda agora, num livro em que recorda sua mocidade, naquele anteguerra, diz que Lauro Müller ficara imobilizado nas classificações zoológicas. Rui Barbosa chamava-o de enguia. Pinheiro Machado descrevera-o como uma "raposa de espada à cinta". Não seria pela espada, que o preteriam, porque também Hermes da Fonseca ostentara uma. Apenas, ninguém o confundiria com animal tão vivo, símbolo de astúcia, que decerto possuía sem ostentar... Lauro Müller só era preterido em razão de sua fama de esperteza. Mas o próprio aliadófilo Medeiros e Albuquerque, que conspirou para tirá-lo do Itamaraty, é quem assim lhe faz justiça:

> Havia nisso um exagero, porque ele, afinal, não foi um tipo de deslealdade. Evidentemente o chefe de um pequeno Estado como Santa Catarina, para ter podido manter-se na primeira plana da política, precisava não ser tolo. Mas não chegou à incorreção.

Não lhe faltava finura, nem malícia. Quando, em 1906, veio ao Rio de Janeiro, para a Conferência Pan-Americana, o Secretário de Estado da América do Norte, Sr. Elihu Root, cada membro do governo Rodrigues Alves deu-lhe um presente que lhe relembrasse a passagem pelo Brasil. O de Lauro Müller foi o mais comentado, não porque fosse o mais rico, mas porque parecia o mais adequado à ocasião. Valia como um tributo de amizade, sem deixar de valer como uma advertência. Que presente era este? Era uma peça de museu, um prato do tempo do Império, no qual se encontravam estampados o emblema da Monarquia e a legenda que passou à história como o grito do Ipiranga: "Independência ou morte!"

Seu pensamento sobre este capítulo ficou muito bem expresso no seu discurso de posse, em que declarou:

> São cada vez menores os riscos de que as nações possam perder subitamente a sua independência; são, entretanto, cada vez mais numerosos os deslizes em que podem comprometer a sua soberania. A posse violenta repugna cada vez mais aos sentimentos liberais como à hipocrisia do nosso tempo e assusta rivais poderosos, que são muitas vezes impedimento intransponível; mas a arte humana a tem mais uma vez substituído pelas aproximações privilegiadas, que são os tentáculos da supremacia econômica na ante-sala das deliberações políticas.

E proclamava, como necessidade suprema, organizar a Nação, para torná-la forte e independente. Não era bastante definir-lhe os contornos geográficos, como fizera Rio Branco. Era necessário, também, dar uma consciência nacional vigorosa ao seu povo, educando-lhe a vontade na pertinácia e na estima de si mesmo, a fim de não aparecermos perante o mundo com os saturnos da nossa própria reputação.

## PRECOCIDADE DE D. AQUINO CORREIA

Depois de Lauro Müller, quem vem empossar-se nesta Cadeira? Um homem de letras? Não, não é um simples homem de letras, conquanto poeta, historiador, biógrafo e sermonista de fama. É um arcebispo? Não, também não é apenas um arcebispo. Claro que a dignidade eclesiástica dá ao homem de letras um prestígio que o destaca como candidato. Mas para suceder a Lauro Müller, na Cadeira por onde haviam passado Pereira da Silva e o segundo Rio Branco, teria de pesar também a sua condição de homem público. O novo acadêmico era, como os seus antecessores, uma figura de projeção na vida nacional. Era o moço que acabara de governar o Estado de Mato Grosso.

Se Lauro Müller amanheceu na política governando um Estado mal lhe repontava o buço e ainda com galões de simples tenente, foi também notável exemplo de precocidade o seu sucessor, D. Francisco de Aquino Correia. Durante quase meio século envergou ele as vestes sacerdotais –, e o ano em que se doutorou em teologia na Universidade Gregoriana de Roma, era o mesmo em que nascia, no Estado do Ceará, quem neste momento é entre vós recebido. Quando, aos 29 anos, D. Aquino foi escolhido bispo titular de Prusíade, era o bispo mais novo do mundo! A fama de orador e as virtudes eclesiásticas já haviam feito dele uma figura marcante no cenário mato-grossense. Os embates da política local, política sanguinária e violenta, levaram à exaustão as facções que ali se digladiavam. Orgulhosas e intransigentes, nenhuma das duas queria ceder passo à outra. Mas as rivalidades se abateriam, como se abateram, mediante a escolha de uma figura neutra, eqüidistante de ambas as facções, isenta de qualquer participação nas lutas que há longo tempo talavam a vasta e mal povoada unidade da Federação. O nome que realizaria o milagre da concórdia, que faria descer paz sobre os espíritos, era o do jovem salesiano elevado a bispo por Pio X. Ei-lo presidente de Mato Grosso, eleito aos 32 anos de idade, e no mesmo ano, o de 1917, em que publica o seu primeiro livro de poesias, sob o título de *Odes*. E na ocasião o mais jovem de todos os presidentes de Estado. Note-se que isto sucede numa República leiga. Mesmo nos tempos do Império, sendo a religião oficializada, e as nomeações dependentes apenas do Imperador e de seu ministério, não era coisa todos os dias ver-se uma batina no governo de uma província. O padre

cearense José Martiniano de Alencar, por duas vezes passou rapidamente pelo governo de sua terra, uma vez como delegado da Regência, outra ao alvorecer do Segundo Reinado, e o padre Vicente Pires da Mota, que sete vezes governou províncias, do Ceará a Santa Catarina, incluída entre elas, por duas vezes, a de São Paulo, foram dos poucos que administraram não só paróquias, mas províncias. D. Francisco de Aquino Corrêa inscreveu-se destarte, como a primeira exceção, nos fastos republicanos, não por simples nomeação, mas por unânime eleição popular. No segundo ano de seu governo, recebia as honras de conde palatino e era, no terceiro, elevado a arcebispo metropolitano e transferido da sede titular de Prusíade para a sede residencial de Cuiabá. Arcebispo aos 35 anos de idade, havia de alcançar a Academia Brasileira de Letras aos 41. Parecia que era esta a meta final de suas ambições terrenas, pois desde então se limitou a honrar os títulos já conquistados. Durante trinta anos foi ele um dos vossos –, e nesses trinta anos de convívio convosco foi exemplo de suavidade e cordura, de compreensão e bondade, de simpatia e indulgência. Fez-se estimar, *estimanno*. Honro-me de ocupar-lhe a Cadeira, reconhecendo embora que melhor sucessor encontraria ele em quem tivesse os seus dons, inclusive o dom arquiepiscopal. Perdoai-me, pois, senhores, se com minha audácia, fiz com que vosso pequeno exército em que todos são iguais, ainda que opostos, ficasse mais uma vez sem capelão...

## A POESIA DE D. AQUINO

A poesia de D. Aquino Correia encontra a sua melhor definição nas paIavras que ele próprio escreveu no prefácio dos dois volumes das *Odes* e que vale como uma profissão de fé literária. Nesse prefácio a que deu o título musical de "Prelúdios", proclama que "a Poesia, por qualquer lado que se encare, é naturalmente divina e religiosa" – e, portanto, "filha predileta do Altíssimo". Não admitia outra poesia que não fosse moralizante, cheia de unção, espelho de sentimentos puros. Para ele, devia ser o verso "um fruto do coração do homem", mas isento de máculas e elevado para Deus. Fora desses limites, não tolerava nem reconhecia outra poesia, e não via senão manifestações de impudor, ou mesmo "lenocínios de sereia" na sua expressão textual. Esta sereia seria a sereia do pessimismo, tangido pelas liras de Byron, de

Musset, Leopardi, Espronceda e outros. Que não diria então de um Baudelaire, de um Verlaine, de um Rimbaud? Não os nomeia, mas fala de uma escola, que mormente nos últimos tempos, não raro há transformado em pútridos alcouces o santuário imaculado da Poesia e das Letras! Protesta contra a desfaçatez e a imoralidade, proclamando que a Poesia, para ele, não foi a adolescente loura e sentimental de Casimiro de Abreu, mas o anjo do céu que acompanhou o jovem Tobias nas peregrinações para o ideal. Os conceitos de D. Aquino Correia, são sem dúvida, susceptíveis de controvérsia. Haverá alguns que subscreverão, mas há de haver também muitos que os refutem.

## OPINIÕES EM CONFLITO

Já advertia Montaigne, a propósito da Poesia, em seus *Ensaios* que *il est plus aisé de la faire, que de la congnoistre*. Porque até certa medida ela pode ser julgada pelos preceitos e pela Arte, mas a boa, a excessiva, a divina, está acima das regras e da própria razão. Notai que é um homem do século XVI que proclama que as regras existem para os poetas menores, não para os maiores. Estes transcendem as regras, suplantam os cânones, criam eles mesmos suas medidas e valores estéticos, porque são próprias do gênio criador as manifestações de independência. Mas um poeta menor assim proceder por artifício ou cálculo, fabricando um código abstruso a pretexto de inovações, em vez do reconhecimento dos historiadores e críticos literários o mais que conseguirá obter será o alarido inconseqüente dos seus confederados, na feira vã dos cabotinismos. Grande mérito já seria conhecer cada escritor suas limitações e a natureza das tarefas a que se pode abalançar, na Prosa como na Poesia. Sobretudo nesta. Difícil, realmente, há de ser julgá-la, quando tem sido e continua a ser objeto de definições as mais diversas, as mais opostas e contraditórias. Uns a querem livre, espontânea, rebelde às fórmulas, sem conhecer regras ou limitações de caráter formal. Alguns, como François Mauriac, dão-lhe mesmo direito de investir contra a própria razão. Para eles, o raciocínio é prosaico e banal, os pensamentos enganam e mentem, tendo o nosso adversário sempre razão sobre um ponto qualquer. Daí sustentar que toda a dignidade do homem está, não ao pensamento, mas no canto e na Poesia, a de um Francis Jammes, por exemplo. Mas outros a querem, ao con-

trário, sujeita ao metro, à rima, aos processos da arte poética, e mais do que isto, com um "fim", ou seja, cientificista, historicista, moralista, catequista, cívica, patriótica, didática...

Eis virada pelo avesso a pregação de Victor Cousin, na primeira metade do século passado, quando queria a religião pela religião, a moral pela moral, a Arte pela Arte... Em vez da Arte pela Arte, quer-se a Poesia interessada; em vez da Poesia abstrata advoga-se a Poesia militante... Os que menos querem são os que asseveram, como Artur Orlando, no seu discurso de posse nesta Casa, que "a Poesia não tem que ser científica, nem realista, nem simbólica, nem impressionista, nem parnasiana", bastando-lhe "que seja social no sentido de não ser somente um produto da sociedade no seio da qual ela nasce, mas ainda de construir uma sublimação da sociedade, uma criação do futuro, que vai além do meio atual". O próprio grupo surrealista francês, de André Breton, Aragon, Jacques Prévert, Paul Éluard e outros, na reação violenta "contra as fórmulas, as escolas, as convenções, as tradições, as coisas estabelecidas, a ordem burguesa, o patriotismo, os exércitos, as igrejas, a obediência, a disciplina, os lugares comuns de toda a espécie", pretendia infundir à Poesia uma direção, via nela um meio de atingir determinado fim – e lançava manifestos dizendo que "a Poesia é inseparável da revolução".

Esse grupo reclamava "a independência da Arte – pela revolução – pela liberação definitiva da Arte", o que representa um verdadeiro círculo vicioso. E por um dos seus porta-vozes mais autorizados, Paul Éluard, proclama: "A Poesia verdadeira está inclusa em tudo o que não se conforme a esta moral que, para manter sua ordem e seu prestígio, não sabe senão construir casernas, prisões, igrejas, bórdeis." Para ele, os poetas haviam descido de uma vez da torre de marfim sobre a qual se haviam plantado, em esplêndido isolamento, e ido às ruas, insultado os seus senhores, renegado os seus idolos, ousado beijar na boca a beleza e o amor e aprendido em suma, os "cantos de revolta das multidões infelizes". Vemos em cada um destes testemunhos, em cada uma destas posições, em visível conflito umas com as outras, um sinal da grandeza e do prestígio da Poesia, que torna a vida menos árida e o homem um ser um pouco menos mesquinho.

Além dos conflitos de doutrina, há também os conflitos de escolas. Para os tradicionalistas, irredutíveis em seus pontos de vista, o que praticam

os seus adversários é a excentricidade, a extravagância, a licença, a anarquia, a loucura, quando não a burla em que se compraz a audácia dos mistificadores. Para os destes grupos, aqueles por sua vez não representam senão a rabugice dos decadentes, a insistência no erro, a incapacidade de renovação, a confusão no julgamento, a inversão dos verdadeiros valores literários. Ninguém os harmonizará e só estarão em paz, nesta guerra que lavra surdamente os que, como Guilherme de Almeida, ou Manuel Bandeira, ou Ribeiro Couto, içaram seus estandartes num e noutro campo, poetas modernissimos aqui, poetas tradicionalistas acolá, metendo às vezes a mão nos alforjes dos clássicos da língua, de onde fazem vir à luz arcaísmos que fosforecem como se fossem palavras novas em folha...

## A SOMBRA DE HEREDIA

D. Aquino Correia não atingira a este ecletismo. Não tinha destas táticas perturbadoras. Armou sua tenda no campo da tradição, do verso medido, e não só medido como rimado, evitando qualquer ousadia ou liberdade, disciplinado não apenas na forma como no pensamento, no metro como nas idéias.

Nem caberiam ousadias, ou liberdades, na poesia de um padre, de um bispo, de um arcebispo, embora pudesse caber o fundo sentimento religioso mesclado de alegria, como em Francisco de Assis, ou de êxtase místico, como em Teresa de Jesus. Porque bem conheciam as tendências do seu espírito, foi que os seus companheiros, na Universidade Gregoriana, em vez de lhe darem como lembrança, ao se formar, um missal, ou um breviário, preferiram dar-lhe um livro de versos, *Os Troféus*, de José Maria de Heredia... Ninguém se espante, que era este o mais popular dos poetas franceses da época. Tão popular que, em outubro de 1888, o *Novidades*, jornal de Alcindo Guanabara, promovia um concurso destinado a premiar as melhores traduções de dois dos seus sonetos –"Antônio e Cleópatra" e "O Leito"... Os julgadores foram três dos fundadores desta Casa: Machado de Assis, Artur Azevedo e Luís Murat... E o primeiro lugar coube a um menino de dezessete anos, Mário de Alencar, que deixava em segundo Castro Fonseca, e em terceiro o futuro bicho-papão da crítica indígena, Osório Duque Estrada...

A iniciativa sacudiu o meio literário que acabara de ensarilhar as armas utilizadas nas refregas do abolicionismo. Apenas um espírito notável pela sua independência – o patrono da Cadeira 30, Pardal Mallet –, levantou um protesto contra o que lhe parecia uma subserviência. Pelas colunas da "Cidade do Rio", atacou, com alguma veemência, o ruidoso concurso. Ora, para que haviam dado o menino de José de Alencar e tantas outras figuras! E o culpado era Alcindo, que lhe parecia um perversor da mocidade intelectual do País. Sim, ganhara o concurso o adolescente Mário de Alencar. "Mas" – escrevia Pardal Mallet, – "ser grande tradutor de sonetos é não prestar para nada, é não ter originalidade, é não ter talento, é ser um simples arranjador de palavras..." Outros, porém, não eram do mesmo parecer. A despeito da escassez de sua obra, foi grande a influência que o parnasiano francês, discípulo dileto de Lecomte de Lisle, exerceu no fim do século passado e no princípio deste. Tão avassaladora, tão intensa, tão viva, que nessa época, para se tirar carta de poeta no Brasil, era necessário traduzir pelo menos um dos seus sonetos favoritos – o "Recife de Coral" ou "A Concha"...

Numa de suas poesias D. Aquino Correia diz que se pôs a ler o livro de Hérédia sobre as ruínas da antiga Roma. E foi reconstituindo, de quadra em quadra, o tema dos sonetos do parnasiano francês. Por exemplo:

> Soam búzios romanos no horizonte
> Do Trébia envolto a rúbidos clarões:
> E eis Anibal que ausculta sob a ponte
> A marcha das legiões..."

E adiante:

> Aqui – a hera vil invade e mina
> Os mármores de um arco triunfal;
> E o sol que beija a flora submarina
> De um bosque de coral...

É um resumo impressionista da obra herediana, ao fim da qual, fechado o livro, o leitor tem uma visão que não é, como ele mesmo diz, a de "uma

poesia frívola e pagã" mas o símbolo de sua própria fé, a Cruz que rebrilha como um novo sol. E exclama, por fim, que triunfa a Cruz, porque:

> Só ela é que não passa, mas perdura
> Como eterno troféu!

Só pelo seu paganismo impugnava D. Aquino a poesia de Hérédia. Quanto ao mais, o ideal poético do futuro arcebispo correspondia, sem dúvida, ao código de estética do sonetista francês.

D. Aquino, sem guindar-se a Horácio, ou a Boileau, compôs também alguns preceitos de arte poética, em que proclamara:

> Se queres ser poeta, que tua alma cante.
> Estuda, estuda a fundo, noite e dia,
> O belo idioma límpido cantante,
> Para engastar a rima de diamante
> No ouro velho da clássica harmonia.

É este o conceito de Poesia a que foi fiel, o conceito herediano, segundo o qual deviam ser os poetas cinzeladores ou ourives florentinos, à procura de rimas ricas, de sonoridades raras, de desenhos caprichosos e sutis, sempre dentro da "clássica harmonia". Se a Poesia de hoje se desembaraçou das formas constringentes, e se adotou uma revolucionária liberdade de movimentos, uma coisa há de permanecer de pé, nesse conselho de D. Aquino Correia, e não perde por muito repetida: a recomendação aos poetas para que se dediquem ao estudo diuturno da língua. Na verdade, assim como não há filósofo que se faça entender sem precisão de linguaguem, também não há poeta capaz de se elevar acima do banal sem uma profunda intimidade com as palavras.

Quando lemos um poeta moderno da força de um Fernando Pessoa, ou um Cassiano Ricardo, o que nos surpreende, antes de tudo, é a alquimia do verbo, a transubstanciação das palavras, a valorização extraordinária que dão aos vocábulos em suas combinação poéticas, deles extraindo uma essência nova e inesperada. Vemos que as palavras, como as pessoas, têm aparências diversas, distintas, segundo os lugares em que se encontram: o traje comum e o jeito despreocupado de andar em casa e o ar solene dos dias de grande gala.

Podemos dizer que elas também conhecem as alternativas do pijama e do fardão... E não apenas destes, mas igualmente do *deshabillé* e do vestido de baile, pois que há palavras varonis e feminis, como nos ensina a gramática e o confirma a sabedoria daquele cônego Matias, filho da afortunada conjunção do tinteiro com a pena de Machado de Assis... Segundo o bom cônego de *A Metafísica do Estilo*, as palavras não só têm sexo, como ainda se amam e casam por amor, quando se encontram em horas propícias nos desvãos do espírito do escritor, onde se processa a elaboração misteriosa das idéias... É preciso que estes as tenham, de um e de outro sexo, para conjugá-las em uniões fecundas. Os que as tiverem de um sexo, apenas, vê-las-ão perecer celibatárias e inúteis... Serão carentes de expressão, nada terão a dizer, não serão poetas nem prosadores – a não ser que se limitem a fazer a prosa de Mr. Jourdain... Com rima ou verso branco, métrica a rigor ou forma livre e solta, a Poesia se manifesta onde quer que existam serem humanos tocados por esse dom precioso. Mas o poeta de língua pobre será um rude soprador de pífano, ao passo que o de língua rica fará vibrar o arco de um violino mágico, ou o teclado de um órgão portentoso.

## D. AQUINO CORREIA E LÚCIO DE MENDONÇA

D. Aquino Correia era um salesiano. Os filhos espirituais de D. Francisco de Sales, organizados sob a inspiração de D. Bosco, não são contemplativos. São, como os inacianos, homens de ação, educadores aplicados em preparar a juventude para o trabalho e para a vida digna. Sua Poesia é, antes de tudo, didática e cívica, e se falar ao sentimento de quem a lê há de ser menos pela nota de vibração interior que pela objetividade com que invoca símbolos do patriotismo e da fé –, a bandeira do Brasil desfraldada ao vento, a grande Pátria dos gentis palmares, o amplo Amazonas e o Iguaçu revolto, a visão de Bernadette, a imagem da Virgem com o menino ao colo, a Eucaristia e a tragédia do Gólgota. Pouco tem de subjetiva essa Poesia e a falta de subjetividade decorrerá, provavelmente, do espírito prático dos salesianos, por um lado, e por outro da própria placidez espiritual de D. Aquino, homem decerto de fé repousada, firme e tranqüila, homem que não se perdia nos abismos insondáveis da dúvida ou da descrença. A Poesia nunca seria, para ele, aquele

*vinum daemonum*, a que aludiu Francis Bacon, mas o canto angélico para o louvor de Deus. Nada lhe dava maior prazer que ver um discípulo de Renan, um espírito de negação, reconciliado, ainda que em artigo de morte, com a cruz e o Cristo, como François Coppée e Lúcio de Mendonça. A ambos dedicou poesias que parecem parafraseadas uma da outra.

Permiti que eu vos fale deste último por ser, não apenas um dos fundadores, mas o fundador desta Casa, segundo o testemunho de Medeiros e Albuquerque. Muitas vezes evocado no recinto desta Academia, poucos o terão retratado melhor que Pedro Lessa, em rápida passagem de seu discurso de posse. O eminente magistrado e professor de Direito, ao lembrar os aspectos mais curiosos da vida de Lúcio de Mendonça, fez menção às alternativas de seu espírito, capaz de extremos da maior violência e da maior delicadeza. "Quando estudante em São Paulo – disse aqui Pedro Lessa –, moravam na mesma casa ele (Lúcio), o eloqüente e ilustre orador sagrado, padre Francisco de Paula Rodrigues e mais um ou dois companheiros. Um dia, Ezequiel Freire, o amigo inseparável de Lúcio, lia um romance, em que abundava, excessivamente, a nota crua, em um dos aposentos da casa e Lúcio, que sempre foi um livre pensador, tão cioso de sua coerência em princípios filosóficos, bruscamente interrompeu o leitor com estas palavras: "Vamos ler no meu quarto; nesta sala o padre Chico lê o seu breviário." Vêde, agora, o reverso da medalha, sem o qual não vos daria idéia exata do que foi Lúcio de Mendonça: não era raro dizer-lhe algum colega, na Faculdade de Direito: – "Parece que estás ficando católico; a convivência com o Padre Paula Rodrigues vai pouco a pouco modificando as tuas opiniões religiosas." Já estavam todos certos de que no dia seguinte apareceria infalivelmente na *Província de São Paulo*, o jornal de Rangel Pestana e Américo de Campos, um tremendo e descabelado artigo contra a religião e contra os padres".

Esse o curioso depoimento de Pedro Lessa, a que não falta um sabor de anedota. Quem leia a *Vergastas*, – cujo título talvez seja reminiscente dos versos satíricos de Machado de Assis, quando em "Os Arlequins", exclama: "Musa, toma a vergasta, e os arlequins fustiga!" – encontrará em suas páginas veementes poesias anti-clericais, sendo uma das mais longas dedicada "ao livre-pensador Angelo Agostini", o admirável caricaturista da Abolição e da República, cujo papel ninguém ignora qual foi na famosa questão dos bispos.

Basta recordar-se a célebre caricatura "O Sonho de Pio IX", apresentado em opíparo banquete com os cardeais do Sacro Colégio, tendo os imperadores e reis como seus lacaios... A musa de Lúcio de Mendonça, inspirada nos *Châtiments*, de Vitor Hugo, e nas sátiras desabusadas de Guerra Junqueiro, expandia-se em sonetos, como aquele em que descreve um santo homem, um pio varão, um velho padre cura sempre a ler piedosamente, num trem de ferro, o seu breviário. Mas, ao chegar à estação de desembarque, ergue-se apressadamente e, então, cai-lhe do bolso da batina – um saca-rolhas! Tal a nota satírica, a tinta burlesca, desfecho imprevisto. Mas esse desabusado panfletário da prosa e do verso, que começara poeta romântico e acabaria os seus dias ministro do Supremo Tribunal Federal, não cerraria os olhos à vida sem que ao seu leito de morte fosse admitido aquele amigo da juventude, o padre Chico, o cura dos humildes, o amigo dos pobres, considerado um santo pelo povo de São Paulo. Era ao amigo ou ao sacerdote que Lúcio de Mendonça recebia, no momento da partida para a viagem sem volta? Padre Chico deu-lhe a extrema-unção. E esta despedida tocante de velhos camaradas, o rebelde e o contrito, o que negava e o que cria, forneceu o tema da poesia do arcebispo cuiabano. No Lúcio de Mendonça da primeira fase, o das "Névoas Matutinas", via D. Aquino Correia um terno "sabiá do mangueiral", "êmulo do albatroz da branca borboleta e do condor". Na fase anticlerical, porém, aparecia aos seus olhos sob forma vulturina, na mais estranha das metamorfoses:

> Mas ai! que desdenhando as músicas divinas
> Do amor, o cisne faz-se abutre, e nas rapinas
> Nada, nada o detém!
> Fascinam-lhe a razão inspirações nefastas
> E as asas geniais tranformam-se em "vergastas"
> Contra a verdade e o bem!

No momento em que o padre Chico leva a Lúcio de Mendonça a extrema-unção, D. Aquino celebra vitória, menos talvez da fé que do clero. É uma hora de exultação em que lhe escapa o aspecto sentimental e humano da cena. O que vê, então, é o adversário rendido, o ateu humilhado, o livre-pensador confundido em face do padre vitorioso. E declama:

Fora de ver-te ao essa negra estamenha
Que tanta vez mordeste em sátira ferrenha,
com dentes de chacal!

Passado, entretanto, esse arrebatamento do triunfo, abre a Lúcio de Mendonça as portas do céu:

Mas ora que do padre à voz solene e calma,
O perdão do Senhor iluminou tua alma
como doce arrebol,
Canta no eterno azul, meu cândido poeta,
A par do serafim, do santo e do profeta
E da estrela e do sol!

## O POLIGLOTA E O TRADUTOR

Uma das curiosidades da vida literária de D. Aquino Correia – curiosidade que não pode deixar de ser mencionada em seu elogio acadêmico –, é a de ter sido um dos raros poetas brasileiros que versejaram em vários idiomas. Gil Vicente compunha sonetos, quer em português, quer em espanhol, com igual mestria. Ninguém ignora que Gregório de Matos, como Cláudio Manuel da Costa, escreveu poesias verdadeiramente primorosas em idioma italiano. O mesmo se dá com o ilustre decano desta Casa, o vosso eminente companheiro Carlos Magalhães de Azeredo. José Eloy Ottoni tinha o capricho de versejar em latim. Machado de Assis e Joaquim Nabuco foram poetas também em língua francesa. E a esta lista poderíamos juntar os nomes de Olavo Bilac, Alphonsus de Guimaraens, Freitas Vale, Eduardo Guimarães, Aloísio de Castro, Ribeiro Couto, Medeiros e Albuquerque, A. D. Tavares Bastos, etc. D. Aquino Corrêa entretanto, fez versos em quatro idiomas: o nosso, o latino, o italiano e o francês. No prefácio das *Odes* tem ele uma confissão curiosa: a de que foi o estudo do latim que lhe avivou e definiu a vocação religiosa. Eis uma singularidade para a qual insisto em chamar a vossa atenção. Ninguém ignora que foi o estudo das línguas semíticas, o hebraico e o siro-caldaico, que afastou Ernest Renan definitivamente da Igreja, liquidando-lhe a vocação religiosa. A filologia e lexicologia desses idiomas levou-o a

descobrir erros na interpretação dos textos bíblicos, principalmente os da Vulgata e esvaiu-se-lhe a fé, perdendo a igreja um futuro cônego, ou talvez mesmo um bispo. A Igreja porém, resiste sobranceira a todos os reveses e arremetidas e o que um idioma hoje lhe tira outro idioma amanhã lhe dá... O moço de Tréguier se perdeu por via do hebraico? O rapaz de Mato Grosso surgiria no clero brasileiro, para glória da Igreja, por via do latim...

De início, confessa D. Aquino que queria apenas ser poeta. E declara: "Convenci-me um belo dia de que não podia vir a ser poeta sem ter lido pelo menos as *Bucólicas*, de Virgilio. E mal possuindo os rudimentos da gramática latina, eis-me, sem mestre e sozinho, a traduzir as *Églogas*! Seu gosto era bem diverso daquele exigente Pococurante, que no *Candide*, de Voltaire, fala de insipidez de algumas passagens de Virgílio preferindo-lhe o Tasso e os contos para dormir em pé de Ariosto.. Empolgou-o o poeta da *Eneida* durante três anos seguidos. Notai-lhe, agora, estas confissões:

> Bem posso dizer que o pouco de latim que sei, aprendi-o entre os pastores de Virgílio. E adiante: "Em suma, o amor à Poesia levou-me a estudar e a amar o latim. Pois bem, a esse amor pelo idioma da Igreja devo, em grande parte, a minha vocação eclesiástica, porquanto não só julguei mais difícil cultivá-lo no século como também, graças a ele, revelaram-se na Literatura cristã tantas belezas, que me encantaram e prenderam definitivamente.

Eis um dos milagres da Poesia, um poeta profano a impedir uma vocação religiosa! E um poeta profano que viveu antes de Cristo, na Roma pagã – e que de pio só conheceu a Enéias...

Não satisfeito com as simples traduções, também em latim, como em francês e italiano, versejou, sobrecarregando as dificuldades naturais da composição metrificada e rimou até mesmo com acrósticos não simples, mas duplos. Evidentemente, não ia ao exagero de considerar tais curiosidades como peças literárias, pois que as incluiu nas *Odes* com um título à parte e que muito bem as define, o de *Diversões*. Tinha-os como simples jogos de espírito meras demonstrações de habilidade e de domínio das línguas em que escrevia. A publicação valeria mais pelo preito de homenagem

a amigos a quem assim distinguia que por motivos de ordem literária. São testemunhos de uma alma afetuosa e – aí assim –, flores do coração.

Tradutor de poetas latinos e italianos, eis um exemplo de sua habilidade em tão difícil Arte – a versão do poema "Minha Mãe", de Edmondo d'Amicis:

Nem sempre com o tempo se cancela
A beleza ou a esfloram desenganos;
Pois com seus sessenta anos,
Eu acho minha mãe mais bela!

Não tem um riso, olhar, palavra, ou ato,
Que não me faça a impressão mais doce;
Ah! se pintor eu fosse,
Faria toda a vida o seu retrato!

E a retrataria, quando inclina o rosto,
Para eu beijar os seus cabelos brancos,
Ou quando entre os arrancos
Da dor, finge em sorriso o seu desgosto.

Contudo, se no céu Deus me escutasse,
Eu não pediria esse pincel divino
De Rafael de Urbino
Para coroar de glória a sua face.

Mas quisera trocar vida com vida,
Dar-lhe o vigor de minha idade bela;
Ficando eu velho, e ela
À minha custa rejuvenescida!

A lira do ilustre antístite nem sempre se voltava para as coisas sublimes que pertencem ao reino dos céus, embora fosse essa a sua natural inclinação. Por vezes, circunvagava D. Aquino o olhar em torno deste mundo – e o poeta sacro cedia lugar ao profano. O orador, também, nem sempre guardava a sua

palavra inspirada para púlpito de que pregava aos fiéis. Sabeis que fez o discurso inaugural do prado do Jockey Club Brasileiro, na Gávea, decerto com os olhos mais postos na deslumbrante paisagem, em que veria a obra de Deus, do que no frenesi das apostas, certamente obra do diabo, esse insistente e ousado atravessador dos empreendimentos divinos. Como não tinha os olhos fechados à realidade do mundo moderno, chegou também D. Aquino a compor um hino aos jogadores de futebol. Nele, via o arcebispo cuiabano o mundo à semelhança de um imenso estádio e a vida dos homens convertida num *match* entre as equipes do bem e do mal.

E exclama:

> Avante, campeões! Já sorri-nos na lida
> o gol da vitória do nosso ideal!
> Embalde o inimigo nos chuta e convida
> Ao torpe *off-side* do erro fatal...

Mesmo na contemplação de um espetáculo esportivo, impunha-se ao poeta a preocupação moralizante. Falando de futebol em termos de futebol, revela-se, na adequação da linguagem, tão douto e tão profundo conhecedor do assunto como o nosso companheiro rubro-negro, o acadêmico José Lins do Rego.

Há ainda um traço da personalidade de D. Aquino Correia que não pode deixar de ser evocado: o da afabilidade pessoal, a elegância das maneiras, a polidez do trato, a suavidade de sua presença, que o tornava tão querido entre vós, como entre todos os que mais de perto o conheciam. Há, porém, um D. Aquino que não conhecemos, o que se oculta dos nossos olhos, o que não fazia ostentação de seus atos, o que realizava a caridade cercando-a de sigilo, o que fazia o bem às ocultas. Ainda há poucos meses, abri o boletim de uma instituição em que havia o seu retrato. E uma notícia que dizia: "Morreu o nosso amigo e benfeitor." Era de uma casa destinada a auxiliar a educação das crianças, a Biblioteca Infantil Carlos Alberto. Como esta, outras, muitas outras instituições terão sentido a sua falta, e o lembrarão com saudade e carinho.

## FALANDO DE MIM MESMO

Depois de tantos vultos eminentes, acolheis agora, entre vós, não um deputado, um ministro, um presidente ou governador, mas apesar de tudo, um militante da Política, um homem de partido.

Perdoai-me se chego a esta Casa tendo sido tão pouco, isto é, simples vereador na cidade do Rio de Janeiro. Certo este título não teria prevalecido em vossa escolha. A Academia e a vereança não se têm dado bem. Coelho Neto, quando já era uma das figuras mais ilustres desta Casa, candidatou-se em 1899 a uma cadeira de vereador, em nome da gente de teatro, e ainda que tivesse o apoio de Artur Azevedo, perdeu uma eleição que a toda a gente parecia certa... Jorge de Lima, quando vereador, deixou, por um voto apenas, de ser um dos vossos, como sabeis e decerto lamentais. Antes de mim só um acadêmico já houve, que politicamente outro título não teve. Era um homem de pele escura e palavras claras: José do Patrocínio. Não digo que com a minha eleição evidenciastes a vossa ausência de preconceitos mostrando que não fazeis discriminação contra a vereança, porque já o havíeis provado no caso do grande tribuno da Abolição. Honrando-me, a mim, com a minha escolha para tão ilustre Cadeira, honrastes também a Câmara a que pertenço e ao dar-vos os meus agradecimentos dou-vos igualmente os dela, que bordou estes dourados, e me armou com esta espada a fim de ver um dos cinqüenta converter-se num dos vossos quarenta.

Há, porém, ainda uma casa, que não é política, onde é proibido falar em Política, pelo rigor de sua regra, e onde a vossa generosidade repercutiu da mesma forma, honrando-a na minha pessoa: a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, em cuja presidência me encontro. Mencionarei aqui o seu nome como expressão do amor que lhe dedico e do empenho com que zelo pelo seu progresso. É uma sociedade de trabalhadores intelectuais, menos rica em prestígio e em patrimônio, porém tão útil quanto a vossa. Direi, mesmo, que ali encontrei quase uma ante-sala desta Academia. No Gabinete da Presidência, tenho à minha vista, emoldurada, como preciosa relíquia, a ata da nossa primeira reunião, traçada pela mesma letra miúda e nervosa que escreveu *A Juriti*, *Marquesa de Santos*, *Sansão* e *O Homem da Cabeça de Ouro*. Já sabeis que aludo a essa figura gloriosa do nosso Teatro e das Letras, que é o Sr.

Viriato Correia. No saguão da nossa sede, numa placa de bronze, ao lado do busto de Martins Penna, lê-se o nome de nosso primeiro presidente, Paulo Barreto, o João do Rio de *A Alma Encantadora das Ruas*. Pelos nossos quadros passaram Coelho Neto, Cláudio de Sousa, Rodrigo Octavio, Humberto de Campos, Goulart de Andrade, Filinto de Almeida... E hoje tenho a honra de presidir um corpo social que contém figuras tão ilustres como Olegário Mariano, Guilherme de Almeida, Luís Edmundo, Adelmar Tavares, Manuel Bandeira, Viriato Correia, Josué Montello, Menotti del Picchia...

Ao transpor os vossos umbrais relevai-me que a estes estenda eu a mão em primeiro lugar para lhes dizer no calor da efusão: Meus companheiros, levai-me aos vossos companheiros!

## II

## RESPOSTA DO SR. VIRIATO CORREIA

A vossa eleição foi uma das mais brilhantes que se tem realizado nesta Casa. É que tivestes de lutar com antagonistas de armas fortes, de pulso forte, de forte poder de combate.

E, por isso mesmo, foi a vossa eleição uma das mais dramáticas a que tenho assistido na Academia.

E eu vos quero contar como foi que ela se processou na tarde de 9 de agosto, a tarde da vossa vitória.

Apesar dos cabelos brancos que me cobrem a cabeça, não pude, até hoje, curar-me de uma fraqueza da emoção fácil e forte, acreditai, fez-me passar por dois grandes sustos no momento em que se desenvolviam as cenas da vossa eleição.

Eu era abertamente, declaradamente, fogosamente vosso eleitor.

Se Deus me deu alguma parcela de virtude, a maior virtude que ele me deu é certamente, a minha capacidade de admiração. Não é uma admiração estática e silenciosa a que Deus moldou para meu uso. É sempre com agitação, com ruído e, às vezes, com mau comportamento, que eu exerço o direito de admirar. O meu voto, nesta Casa, é para mim coisa sagrada. Dou-o, não por amizade ou por influência de pedidos, mas unicamente, por admiração. Dou-o àquele que eu imagino que mais o merece pela fulguração de inteligência e pela qualidade da obra produzida. Eu dou-o com a abundância d'alma, com a seriedade de quem cumpre um dever religioso.

E, às vezes, senhores, não espero que me peçam. Eu o ofereço ao candidato da minha admiração e do meu entusiasmo. E faço-o abertamente, à luz do céu, de consciência tranqüila. Poder-se-á dizer que isso é irregular. E é. O regulamento da Academia exige o voto secreto. Mas, num país onde é usual o descumprimento da lei, eu posso dar-me ao luxo de cometer uma infração que a ninguém prejudica e que é feita com a boa intenção de praticar justiça.

E a verdade, meus senhores, é que a minha consciência se sente bem com essa infração. É um desabafo de minha profunda antipatia pelo voto secreto.

O voto secreto é o voto impalpável, o voto que usa máscara. É o voto que não tem veias nem sangue para que se identifique a sua cor; voto que sofre de alalia mas que é capaz de articular mentiras; voto que não tem corpo tangível, mas que carrega no seu bojo todo um mundo de simulação, de embuste e de logro. O voto secreto é a contrafação de opinião, é a moeda falsa do mercado eleitoral. É o voto de duas caras que finge estar acendendo uma vela a Deus, quando, na verdade, acende a vela do diabo.

(Vamos esperar que a Academia, na sua constante marcha de elevação, para maior beleza de suas escolhas, faça, um dia, a abolição do voto secreto!)

## COMO SE PROCESSA UMA ELEIÇÃO NA ACADEMIA

Foi realmente um grande susto, Sr. Magalhães Júnior, o que passei no dia 9 de agosto, na hora em que esta Casa vos elegia. Uma tarde de eleição na Academia é uma tarde diferente das outras tardes. Os acadêmicos chegam mais cedo que de costume e sentam-se à mesa do chá mais silenciosos que nos outros dias. Caso curioso esse; os acadêmicos que, durante os meses de inscrição, conversam à mesa do café sobre os candidatos que se vão inscrever, no dia da eleição estão mudos, retraídos, concentrados, esquivos e insondáveis.

Às quatro e meia da tarde a Casa está cheia. Há um vivo burburinho de jornalistas e de fotógrafos. Às cinco horas em ponto iniciam-se os trabalhos.

No dia 9 de agosto eram cinco horas exatamente, quando Elmano Cardim na ausência de Peregrino Júnior, que se encontrava na Espanha, assumiu a presidência. Os acadêmicos residentes no Rio estão todos presentes. Faltam os que vivem no estrangeiro. Os fotógrafos batem chapas. Luís Viana

lê emocionadamente a ata. Emocionadamente porque, nos dias de eleição, a emotividade sobra até para a leitura da ata. O expediente é lido em seguida. Não houve oradores naquele dia.

O Presidente anuncia a ordem do dia. É a eleição.

E os imortais (pobre imortalidade a nossa!) vão exercer função profundamente terrena – a escolha daquele que vai substituir o imortal que a morte ceifou mostrando não levar a sério a imortalidade acadêmica.

A presidência conta os votos fechados dos acadêmicos ausentes. Na nossa carteira, à frente de cada um de nós, estão as cédulas com os nomes dos candidatos inscritos.

As criaturas estranhas são convidadas a sair da sala. Cerra-se a cortina. A eleição é secreta. Cesário – o porteiro –, na farpela dos grandes dias, apanha a urna e inicia a colheita das cédulas. Começa a apuração. Não há nesse momento quem esteja indiferente ao que se passa na sala. O Presidente em voz alta. Vai o Primeiro-Secretário – anuncia, com voz forte o número de votos que obtém cada candidato. – Magalhães Júnior quatro, Magalhães Júnior, cinco, Magalhães Júnior, seis.

Minuto a minuto a eleição vai ganhando interesse. Sente-se que a inquietação está transformando as fisionomias. Se alguém se der ao trabalho de tocar as mãos dos acadêmicos encontrará, com certeza, muitas mãos geladas.

Foi justamente quando a eleição começou a ganhar interesse que se verificou o meu primeiro susto.

Toda a Academia contava com a vossa vitória e nós, os vossos eleitores, estávamos firmemente convencidos de que ela seria facílima. No primeiro escrutínio estaria tudo resolvido.

Mas, em certo momento, a presidência anuncia seis votos para vós e sete para outro candidato. Fico subitamente como uma pedra de gelo. Olegário Mariano, o príncipe dos poetas, tem uma expressão de amargura na fisionomia fidalga. Carneiro Leão arregala os olhos para Levi Carneiro. Adelmar Tavares, o santo Adelmar, baixa os olhos tristemente. A cabeça grisalha e aristocrata de Múcio Leão tem um tremor de surpresa. Josué Montello toca inquietamente o braço de Cassiano Ricardo, Álvaro Lins e Maurício de

Medeiros, que pela primeira vez assistiam a uma eleição na Academia, revelam fundamente, no rosto, o espanto daquele transe dramático.

Olho à direita, olho a esquerda. Há surpresa em todos os rostos.

A presidência continua a apuração, O susto passou. Fostes, pouco a pouco, ganhando distância.

Magalhães Júnior doze! Magalhães Júnior treze! Magalhães Júnior quatorze!

As fisionomias clarearam, Olegário sorri, Adelmar levanta os olhos. Luís Edmundo fala risonhamente com Osvaldo Orico, Afonso Pena, com seu ar tranqüilo de mineiro que já sondou o terreno, diz baixinho a Menotti del Picchia:

– Ninguém mais lhe palpa o rastro.

– Magalhães Júnior quinze, Magalhães Júnior dezesseis! Magalhães Júnior dezessete! Magalhães Júnior dezoito! Magalhães Júnior dezenove!

Todos nós tínhamos os ouvidos e os olhos voltados para a presidência.

Foi aí que eu raspei o segundo susto. É que na urna havia apenas uma cédula.

Aquela cédula ia decidir a sorte. Se tivesse o vosso nome seríeis o vencedor, mas se o nome fosse de outro candidato, estaria em xeque a vossa vitória.

É verdade que havia mais três escrutínios. Mas, todos nós acostumados às eleições da Academia, sabíamos que quem não se elege no escrutínio que conta ser vencedor, dificilmente se elegerá nos outros escrutínios.

Pesou na sala um silêncio dramático. Minhas mãos, de tão frias, seriam capazes de gelar a Guanabara. Olegário tinha quarenta graus de febre nos olhos. Nunca ficaram tão revoltos os cabelos de Austregésio de Athayde. Macedo Soares procurava encobrir, num sorriso, a inquietação dos seus nervos. Clementino Fraga fingia estar absorto na leitura do folheto. Amoroso Lima, Aníbal Freire, Aloísio de Castro, Barbosa Lima Sobrinho e Hélio Lobo tinham os olhos pregados no teto para parecer que estavam fora do mundo. Manuel Bandeira, de lápis na mão, escrevendo, fazia tudo para dar a impressão de que o momento não lhe interessava. Múcio Leão, Josué Montello e Adelmar Tavares tinham nos rostos o vinco de criaturas que estão carregando pesos, Elmano Cardim tira a cédula da urna. Desdobra-a. Esse desdobrar parece que durou um século.

## MAGALHÃES JÚNIOR

Ouviu-se então uma salva de palmas que durou minutos. Todos os acadêmicos, todos saudaram com palmas o escolhido pela maioria. É assim que acontece em toda as nossas eleições. Gregos e troianos festejam o vencedor. Que seja bem-vindo o novo companheiro!

E eis aí, minhas senhoras e meus senhores, como se elege um imortal. Nada de extraordinário, nada de misterioso, tudo corriqueiro.

## MACHADO DE ASSIS DESCONHECIDO

A escolha do vosso nome, Sr. Magalhães Júnior, não era desejada apenas pelos vossos amigos. O Brasil inteiro a esperou. É que a Academia tinha o dever de eleger-vos.

Não era apenas um dever de justiça, era também um dever de gratidão. Com *Machado de Assis Desconhecido* tornastes-vos credor da Academia. E, para resgatar a dívida, ela hoje se engalanou. Há dívidas que a gente só paga florindo o coração.

O vosso livro que dantes que aqui entrásseis, já o considerávamos um patrimônio nosso, veio dar um cunho de maior beleza, de maior majestade e de resplendor maior a este teto de Letras.

A Academia é, com honra nossa, a Casa de Machado de Assis.

Mas que Machado de Assis era o gênio tutelar desta Casa? Um Machado de Assis desgraçadamente mutilado. Um verdadeiro aleijão.

O Machado de Assis dos biógrafos era um homem frio, um *iceberg* exótico, flutuando nas ardentes águas deste País ardente. Vós nos trouxestes um Machado de Assis flamante, de alma aberta a todos os incêndios da emoção, um Machado de Assis que, em moço, sobe ao palco dos teatros para recitar versos às atrizes brilhantes, e que, um dia, em pleno delírio de entusiasmo uniu-se a rapazes de sua idade para puxar o carro de uma cantora famosa.

O Machado de Assis que conhecíamos era uma criatura amorfa e descolorida, com absoluta indiferença pelos acontecimentos do País, insensível às palpitações da nacionalidade e do coração, inteiramente surdo às ressonâncias do patriotismo. E vós, com abundância de provas, revelastes-nos um Machado

de Assis milhardário de civismo, exaltador de heróis liberais, exaltador de Nunes Machado, de Pedro Ivo, um Machado de Assis vibrante de ternura pelos vultos da Inconfidência e de tão vivo amor pela figura de Tiradentes que, certa vez, censurou publicamente o povo por não ter festejado o dia 21 de abril o sacrifício do proto-mártir da Independência. Revelastes-nos um Machado de Assis possuidor de sensíveis antenas de patriotismo a captar todas as vibrações da nossa nacionalidade, um Machado de Assis que, ao sentir a Pátria ofendida na famosa questão Christie, forma barricadas de antigos inflamados e escreve hinos que desagravam a nossa honra.

Machado de Assis que conhecíamos era uma criatura de tão pouco interesse pelo Brasil que nem o sangue de nossa gente, derramado nos campos de batalha, lhe tocava o coração. Atravessou todo o período da guerra do Paraguai calado, em completa indiferença.

Mentira! Pura mentira! afirmastes documentadamente e documentadamente mostrastes a atividade do grande injuriado que, durante o período de guerra, pusera ao serviço da Pátria toda a flama de sua Inteligência, ora escrevendo artigos que tocavam os brios da Nação, ora fazendo recitar poesias, nos teatros, para festejar os heróis que voltavam da luta cobertos de louros.

O Machado de Assis que conhecíamos era um homem estranho, sem o menor vislumbre de humanidade. Oriundo de negros, decendente de escravos, sem o menor interesse pela propaganda abolicionista.

Mentira, pura mentira! Lá estão no vosso livro reabilitador, as provas destruidoras dessa grave impúria.

Vivia o orador de Capitu tão congelado na introversão e no seu egoísmo que nem um amigo fizera na vida. Isso até ontem se afirmou como verdade indiscutível.

As provas do contrário lá estão no vosso *Machado de Assis Desconhecido*. Amigo e do melhor quilate ele era de Saldanha Marinho, de Joaquim Nabuco, de Quintino, de Zacarias de Góes e Vasconcelos, de Mário de Alencar e de Magalhães de Azeredo.

Até o Machado de Assis escritor vivia deformado pelos biógrafos**.** O estilista, o prosador cristalino de modos áticos, senhor de fidalga substância clássica, o sóbrio o magnífico Machado de Assis, que produziu as maravilhas que formam o nosso maior patrimônio literário, esse Machado (vejam os

senhores que absurdo!) esse Machado não era obra dele próprio. Era obra de Carolina de Novais, a sua esposa.

Antes dela (isso se afirma sem a menor cerimônia), era ele um escritor secundário, sem simplicidade e sem pureza de língua. Foi ela, Carolina, que lhe estancou os excessos, quem lhe deu limpeza vernácula, quem lhe compôs os contornos do estilo e, como boa portuguesa, quem lhe ensinou (que heresia!) a colocar os pronomes.

Arrasastes, de uma vez para sempre essa balela. Que criatura era Carolina, que maravilhosa cultura devia ter essa mulher para poder guiar uma vocação literária do alto porte de Machado de Assis, policiando-lhe os deslizes de linguagem, refocando-lhe a feitura dos personagens, impondo-lhe a elegância dos clássicos e rumando-lhe o gosto para as obras-primas da Literatura da França e da Inglaterra?! Que criatura era essa incomparável mulher portuguesa que fez do marido o máximo prosador do Brasil e dela própria não fez nada? Que deixou ela para que se lhe conheçam os pronomes de cultura, para que se lhe possa atribuir o milagre de ter formado um escritor de gênio?

Foi aos trinta anos completos que Machado de Assis se casou com Carolina de Novais. Naquela idade já era ele um escritor de espírito completamente formado, já conhecia toda a Literatura clássica de Portugal, já lia Shakespeare em inglês e, de tal maneira dominava a língua francesa, escrevia versos tão bons como na sua própria língua. E já era um escritor na plenitude de todos os encantos do aticismo, já senhor da mais bela prosa que já se escreveu no Brasil. Já era o grande inconfundível e maravilhoso Machado de Assis.

## O NOVO COLOMBO

Meus senhores,

Pode-se dividir o mundo em duas grandes eras históricas: o mundo anterior a Colombo.

Antes de Colombo o mundo era pequeno: – O Mediterrâneo e algumas milhas de Mar Tenebroso que as abusões e as lendas tornavam desconhecido.

Com a proa de suas naus, o descobridor da América redobrou, multiplicou o tamanho do planeta.

Pode-se partir de duas fases a figura do autor de Brás Cubas – Machado de Assis antes de Magalhães Júnior e Machado de Assis depois de Magalhães Júnior.

O Machado de Assis anterior a Magalhães Júnior era uma criatura diminuída pelas injúrias, lacerada pela fantasia dos biógrafos.

Como a proa da nau de sua incrível operosidade, meus senhores, o homem que hoje a Academia recebe no seu seio singrou os mares nunca dantes navegados de excelente documentário e descobriu um Machado de Assis desconhecido – o verdadeiro Machado de Assis, o que eleva e dignifica a nacionalidade brasileira.

Sr. Magalhães Júnior: esta glória ninguém vos tira: sois o descobridor, o Critóvão Colombo do novo Machado de Assis que o Brasil hoje possui.

A epopéia de Colombo, desvendando a América, não serviu apenas para ampliar a humanidade. Vós não vos satisfizestes em revelar o novo Machado. Fizestes o trabalho completo do navegador que, na ânsia de descobrir, entra neste e naquele golfo, nesta e naquela enseada, naquela angra, neste estuário, naquele delta, à procura de novas terras. Com a paciência de um beneditino e de um chinês, entrastes pelos arquivos e pelas bibliotecas, desencabando jornais e revistas, amarelados pelo tempo. E dessas revistas e desses jornais colhestes nada menos de cinco volumes de contos – jóias que a operosidade perdulária do autor de *Quincas Borba* abandonara no esquecimento.

## O ESCRITOR DE MUITAS FACETAS

Ao dar-me o Presidente da Academia a incumbência de receber-vos nesta solenidade, procurei reler as vossas obras.

E, quanto mais vos lia, Sr. Magalhães Júnior, mais na minha admiração crescia o vulto da vossa inteligência. E o curioso é que eu, querendo, entre as vossas virtudes intelectuais, saber qual delas era a mais famosa, senti-me atordoado como se estivesse viajando sozinho no dédalo de canais e furos do desaguadouro de um grande rio. São tantas e tão brilhantes as vossas facetas literárias, que fiquei sem saber qual delas é a mais sedutora. Em vós o que primeiro impressiona é o trabalhador. Não existe atualmente no Brasil um escri-

tor de personalidade. Sois ainda um homem jovem e a vossa bagagem literária tem o porte de bagagem de um escritor no fim da vida.

Sabeis por ventura, Sr. Magalhães Júnior, quantos volumes já publicastes? Nada menos de 30.

Tem-se a impressão de que repouso é a palavra que não existe no dicionário do vosso labor. Para vós o dia e a noite têm a mesma serventia. Ambas foram feitas para o trabalho. Nunca vos vi senão trabalhando. Quando, convosco, me comunico pelo telefone, acreditai, fico com a impressão de que pratico um crime. Pela maneira de responder às minhas perguntas, percebo que cometi a inconveniência de interromper a vossa ocupação. Não é de mau humor que me atendeis; ao contrário, é com extrema delicadeza, mas com tantas e tantas repetições de "muito obrigado" fora de propósito, que eu verifico que não tendes outro desejo se não ver a conversa pelas costas.

Não sei quantas horas tem o dia para vós, mas me parece que a vossa capacidade de trabalho modificou de tal maneira o caminhar do tempo que as vossas 24 horas se desdobram em 48. Só assim se pode explicar a enorme produção que diariamente realizais. E que realizais pontualmente. A vossa atividade é de boa educação e impecavelmente disciplinada – Não faz ninguém ficar esperando na ante-sala. As promessas, os compromissos, as obrigações, vós a cumpris religiosamente, à hora marcada. Para se ter a noção dessa surpreendente operosidade que Deus vos deu, basta voltar os olhos para a Casa de Espetáculo – há ocasiões em que o nome de Magalhães Júnior figura nos cartazes de quase todas elas, ora com originais, ora com traduções. Eu não saberei contar o número das traduções. Aposto que vós também não sabeis a conta.

Outra faceta impressionante dos vossos talentos é a variedade de engenho literário. Dominais, com brilho, todas as modalidades das Letras. Na lista das vossas obras não falta nada: Há ensaios, há novelas, há contos, biografias, crônicas, antologia, pesquisas históricas, histórias infantis, poesia, comédias, muitas comédias, tudo.

E tudo bem feito. Essa – a boa feitura é outra faceta marcante da vossa individualidade.

Quem produz obra numerosa geralmente produz obra ligeira sem profundidade, sem consistência, sem exatidão.

Apesar de numerosos, os vossos trabalhos são meticulosamente compostos. As crônicas são encantos de leveza e de cintilação; os ensaios têm solidez de cultura os contos destacam-se pela vivacidade da fabulação e pela simplicidade da narrativa; as peças são ricas de entrechos e de personagens curiosas, inteligentemente observados.

E as pesquisas históricas? Ninguém vos leva vantagem no dom de pesquisador. Tendes como ninguém a habilidade de mergulbar nos fundos das minúcias, para de lá trazer a pérola que vem dar valor à figura ou ao fato que quereis realçar. Não se encontram erros nas vossas pesquisas. Não há citações falsas, datas sem exatidão, enganos, distrações, descuidos, desleixos. No *Machado de Assis Desconhecido*, no *Artur Azevedo e a sua Época*, no *Pedro II e a Condessa de Barrau*, no *Três Panfletários do Segundo Reinado*, é tudo honesto, seguro, fiel, fidelíssimo.

Outra faceta fascinante de vossas qualidades artísticas é a simplicidade na maneira de escrever. Simplicidade técnica, simplicidade vocabular, simplicidade de forma. É tudo límpido, tudo transparente, de cima para baixo tocado por fresca e viva claridade solar.

## O MESMO HOMEM EM TUDO

Não consegui, como vos disse, distinguir entre tantas modalidades do nosso engenho literário, a vossa modalidade preeminente.

Sois o mesmo Magalhães Júnior em tudo – o sólido, o fulgurante, o correto escritor tanto de crônicas como de ensaios, tanto de biografias como de contos, tanto de pesquisas históricas como de comédias. Janela aberta, que, nesta Casa, obteve o prêmio Carlos de Laet. *Europa 52* narrativa de viagem, são como crônicas, dois livros modelares pela leveza da exposição, pela vivacidade e pelo colorido satírico dos comentários.

Em *Europa 52* lá está a todo instante, a revelação da vossa operosidade incorrigível. Quem vai à Europa, em viagem de recreio, está claro, vai para divertir-se. Mas, nas vossas crônicas, há dados de tão difícil colheita, informes de tão trabalhosa consecução, que a vossa viagem de recreio, à Europa redundou num extenuante mourejar pelas ruas, pelas fábricas e pelos museus.

Na novela *O Capitão dos Andes*, nos contos *Impróprios para Menores*, na *Fuga de Outros Contos* revelai-vos uma legítima vocação de narrador que conhece, um por um, os segredos, as dificuldades, os meandros dessa coisa dificílima que é a narração.

Como biógrafo, como pesquisador de grandes vidas, mais alto do que qualquer elogio saído de minha boca fala o sucesso de livraria de *Artur Azevedo e a sua Época*, primor de equilíbrio e de minúcia. E, mais alto ainda, fala a ressonância que *Machado de Assis Desconhecido* está alcançando em todo o País.

Como homem de teatro poucos escritores, no Brasil, conseguem como vós, armar tão bem as peças, poucos, pouquíssimos com a vivacidade do vosso diálogo e com a comicidade dos vossos personagens.

## O TEATRO HUMORÍSTICO

E, curioso, Sr. Magalhães Júnior, notei, no vosso discurso, que não tendes grande apreço pelo Teatro cômico, o Teatro que, com freqüência, realizais.

Por quê? Será possível que esteja perturbando o vosso gosto artístico o gosto que, atualmente, perturba a mentalidade dos nossos críticos teatrais?

De algum tempo para cá, os críticos cariocas relegaram para o rol das coisas inferiores o Teatro para rir.

Brotou, estranhamente, nos palcos nacionais, um Teatro de entrechos escabrosos, em que as figuras são seres anormais, marcados pelos vícios, pela loucura e pelos crimes.

É esse o Teatro que a crítica festeja como Teatro; são como teatro artístico, como teatro de profundidade.

O mundo, dia-a-dia se torna mais difícil de ser compreendido. O velho e saboroso teatro humorístico passou a ser indignidade. No entanto, só há, um Teatro inferior, um Teatro indigno – o Teatro imoral.

Em todos os tempos, o humor, o riso, a comicidade foram coisas sãs. Em todas as épocas o Teatro humorístico foi considerado obra de arte. Na Grécia antiga, nos concursos dionisíacos, exigia-se que o candidato ao prêmio apresentasse uma tragédia e uma peça para rir. Os gênios do burlesco valiam

tanto quanto os gênios de tragédia. Aristófanes merecia tanto quanto Ésquilo, Sófocles e Eurípedes.

Nos tempos modernos esse conceito não modificou. Molière não vale menos que Shakespeare. Provocar a lágrima não é mais difícil que provocar o riso. E quem sabe? Parece que custa muito mais provocar o riso do que provocar a lágrima. Eu, se quisesse, poderia facilmente fazer toda esta sala chorar. Bastava contar com emoção um caso triste da minha vida ou da vida de qualquer outra pessoa. No entanto, eu poderia passar a noite inteira contando casos engraçados sem ter a felicidade de conseguir um sorriso dos vossos lábios. O povo, que sabe dar valia a tudo que realmente tem valor, usa de uma frase pitoresca para valorizar repentes humorísticos. Todos nós conhecemos e usamos a frase. Quando, ao nosso lado, uma criatura pronuncia um dito engraçado, exclamamos, sem sentir: "Não diga mais nada, você ganhou o dia."

Quer dizer que um dito humorístico vale o dia de trabalho de um homem.

O Teatro não se desvaloriza por ter feitio cômico. O próprio Shakespeare, o maior gênio de tragédia da idade moderna, escreveu "As Alegres Comadres de Windsor", "Sonhos de uma Noite de Verão", "A Megera Domada", "Muito Barulho por Nada", que são comédias para rir. E escreveu também "A Comédia dos Erros", com a roupagem indisfarçável de uma farsa.

Um escritor, mesmo que seja um Shakespeare, não se diminui em fazer obra leve. O alfaiate, que corta a casaca das grandes cerimônias, corta também o paletó-saco dos dias comuns. Se aquela é necessária, este é indispensável. Nem só de casaca se veste o homem.

Verifiquei também, Sr. Magalhães Júnior, que o vosso apreço pela Literatura infantil é fraquíssimo. No entanto, sois um genuíno, um ótimo escritor de crianças. O *Álbum de Toninho* e o *Chico Vira Bicho*, revelam tão fortemente as vossas virtudes na Literatura da infância, que o desdém que mostrais por ela é clamorosamente criminoso.

## A INCONVENIÊNCIA DE SER POETA

Minhas senhoras, meus senhores,

Na enumeração das virtudes do escritor que a Academia está recebendo, inclui a modalidade poética. Essa modalidade está excelentemente revela-

da na *Antologia dos Poetas Franceses* (do século XV ao século XX), por ele organizada. Na *Antologia* a sua cooperação é de 28 poesias traduzidas.

Mas, para ter noção exata do valor poético do festejado de hoje, não me bastaram as traduções. Quis ter, em mão, poesias originais. Em cem vezes as pedi e cem vezes ele me prometeu. E de nenhuma delas cumpriu a promessa.

Dizei-me, Sr. Magalhães Júnior, por que me negastes as poesias? Acanhamento? Medo?

Deve ter sido medo.

Nós, os escritores, devemos ser cautelosos. Precisamos fazer o possível para que o público não saiba que escrevemos.

E por que essa cautela? para não perder consideração do público.

João Ribeiro disse-me, uma vez, com aquela sinceridade de sábio: "O que é que você pensa? Literato não vale nada. Ninguém leva literato a sério. E quando o literato é poeta, a desconsideração do público é ainda maior".

Para o povo, poeta é sinônimo de distraído, de vadio e até mesmo de aluado.

– Ele é um poeta – é a expressão que ouvimos, freqüentemente, quando alguém quer falar de uma criatura que vive no mundo da lua.

Aquele fato que contam de Raimundo Correia mostra que o literato, principalmente se é poeta, para não perder o conceito de gente de bem, deve fazer tudo para que não se saiba das suas virtudes intelectuais.

Raimundo Correia, nomeado, não sei se promotor ou juiz, de uma localidade mineira, para lá seguiu, hospedando-se em casa de um velho conhecido. No dia seguinte, à hora do almoço, o dono da casa disse ao hóspede:

– Se chegar aos seus ouvidos a notícia de algum mau juízo que estejam fazendo do senhor, não faça caso. Esta gente aqui é horrível – de falar mal da vida alheia.

O poeta de "Mal secreto", que era um temperamento arisco e crispável, tremeu, empalideceu, perguntando:

– Estão dizendo mal de mim?

– Não se incomode, doutor, esta gente aqui não presta.

– Mas que é que estão dizendo? Que é? Que é?

O dono da casa baixou a voz como se fosse pronunciar uma palavra feia:

– Estão dizendo que o senhor é poeta. – E acrescentou imediatamente, como para salvar a situação: – Mas eu já desmenti, eu já desmenti.

João Ribeiro tinha razão: ninguém leva a sério o literato.

## A VANTAGEM DE SER PADEIRO

Eu, Sr. Magalhães Júnior, posso dizer que é verdadeira a afirmação de João Ribeiro.

Houve, há tempos, aqui no Rio, um padeiro que tinha exatamente o meu nome. A sua padaria, ali no Catete, ostentava, na fachada, uma tabuleta em letras vistosas – Padaria Viriato Correia. Os jornais crivavam-me de pilhérias, os caricaturistas pintavam-me em mangas de camisa amassando pão, muita gente me fazia parar na rua para perguntar se eu havia deixado de escrever.

Mas, apesar de todos esses aborrecimentos, houve uma compensação, foi a época em que eu gozei de maior conceito. Gente que não me prestava nenhuma atenção, passou a me fazer rapapé, criaturas, que fingiam não me conhecer, passaram a me tirar reverentemente o chapéu. Mais de uma vez, nos bondes e nos ônibus, cavalheiros se levantavam para me ceder o lugar. De tal maneira me vi cercado de consideração que, até hoje, lamento não ter capital para montar uma padaria.

## LÚCIA BENEDETTI

Sr. Magalhães Júnior,

Uma estrela coruscante presidiu o vosso nascimento. As boas fadas vos deram todas as fortunas. Deram-vos a imensa fortuna de operosidade. E também a mesma fortuna do coração de Lúcia Benedetti.

Por mais incenso que se queime para glorificar a influência das mulheres na vida dos intelectuais, esse incenso é pouco quando se trata de uma mulher como essa que o destino vos deu para esposa e para companheira.

Viver sozinho é viver na ante-sala do inferno, e o homem de labor mental, mais do que qualquer outro homem, não pode deixar de ter ao lado uma criatura que desempenhe as suas delicadas tarefas, a de esposa e a de companheira.

Ser apenas esposa não basta. A vida do lar não é apenas a vida da prole. É preciso haver a conjugação dos espíritos, a solidariedade dos corações. E isso só se realiza quando, além de esposa, a mulher é companheira também. E quando isso acontece, a mulher não é apenas do lar. É a responsável autora, ou melhor, a dona, pelo menos, de metade dos sucessos do marido.

O destino, convosco, Sr. Magalhães Júnior, não foi apenas generoso, foi magnânimo, munificente. Deu para vossa companheira uma criatura suave, uma mãe de família consciente de dignidade do seu papel. E como não bastasse, adornou-a com uma inteligência de tão fina têmpera que ela figura entre as mais notáveis figuras literárias do País.

## A MULHER NA ACADEMIA

É diante de uma mulher como Lúcia Benedetti que eu lamento não permitir a Academia a entrada de mulheres no quadro de seus membros.

A intelectualidade feminina, no Brasil, ganhou tão grande avanço que em nada se mostra inferior à intelectualidade masculina. Possui figuras de tão alto relevo nacional que dariam relevo a estas Cadeiras azuis. Há Gilka Machado, essa perene figura de inspiração que enche de clarões os céus de Poesia; há Rosalina Coelho Lisboa, admirável, Rosinha do *Rito Pagão*. Há Adalgisa Nery, de Astro fascinante; há Maria Eugênia Celso, um dos mais fidalgos talentos de Poesia, da crônica e da novela; há Rachel de Queiroz, a romancista surpreendente de *O Quinze* e de *As Três Marias*; há Lúcia Benedetti, cronista, contista, romancista e criadora do melhor teatro infantil que possuímos; há a romancista Dinah Silveira de Queiroz, sucesso invejável de livraria; há Henriqueta Lisboa, com o seu lirismo comovedor; há Maria Wanderley de Menezes e Maria Jacinta, autênticas vocações de Literatura dramática, que honraria a Literatura de qualquer povo culto. No departamento tipográfico aí está Lúcia Miguel Pereira, com a sua honesta capacidade de pesquisa. Na crônica diária podemos citar apenas duas culminâncias – Eneida e Elsie Lessa. No conto e na novela destacam-se ainda Lígia Fagundes Telles, Ondina Ferreira, Helena Silveira, Maria de Lourdes Teixeira e outras que eu não tenho tempo e memória para enumerá-las.

Não falta nada. Na Literatura feminina brasileira não falta nada. E o que existe, é da melhor substância e da mais pura essência.

E por que essas mulheres não estão aqui dentro?

Há uma explicação aceitável: Esta Casa foi feita por homens e, na época, as mulheres ainda não haviam entrado nas lides literárias.

Mas a Academia não é um sarcófago habitado por múmias. A Academia Brasileira de Letras é um corpo vivo que caminha para a frente, que evolui, que se aperfeiçoa. Amanhã, inevitavelmente, ela eliminará essa falha de sua organização. Amanhã, para a honra nossa, e para a glória do Brasil (vamos pedir a Deus que assim seja), amanhã teremos, nestas Cadeiras tão ambicionadas pelos homens, as mulheres proeminentes que dignificam a mentalidade e a nacionalidade brasileira.

## ATEÍSMO DUVIDOSO

Sr. Magalhães Júnior,

Não sei se notastes: quando falei na entidade que compôs o conjunto de vossas virtudes, não falei no nome de Deus. Fi-lo de propósito, por escrúpulo. Sempre voz ouvi proclamar em alto e bom som que sois ateu. Não quis que os vossos ouvidos se ferissem com o nome do Criador do Universo.

Mas, essa história do ateísmo, que viveis a proclamar, anda, há muito tempo, a roer-me a paciência.

Sois realmente ateu? Onde se encontram as provas desse fato?

É nas obras que os homens revelam as tendências espiritualistas. Li toda a vossa obra e não encontrei nada, absolutamente nada que revelasse vaga sombra do ateísmo. Nem uma confissão, nem um argumento, nem uma heresia.

O que encontrei foi justamente o contrário. Encontrei um doce recordar de perfume cristão. Desculpai a rudeza de afirmativa; o vosso ateísmo, Sr. Magalhães Júnior, não passa de uma fanfarronada.

Em duas de vossas peças descobri que, além de religioso, tendes até acentuada simpatia pelos padres. Na comédia "Vila Rica", o padre Ferreira é quase um santo. Em "Essa Mulher é Minha", destes ao Padre Basílio tantas e tantas virtudes que não as daria tantas se fosse o autor da peça o nosso companheiro Amoroso Lima, que é lider católico.

Que ateísmo é esse? Ao chegardes a Roma, um dos vossos primeiros cuidados foi ver o Papa. Não me parece que isso seja cuidado próprio de ateu.

E ainda existe esta particularidade para eu registar; quando chegastes a Roma o Santo Padre estava em Castel Gandolfo, seu palácio de veraneio. Castel Gandolfo fica hora e meia distante da Cidade Eterna. Isso não vos impediu de ir até lá. E é, realmente, um regalo ter em *Europa 52* a descrição que fizestes da audiência do Sumo Pontífice. É toda uma tela de simpatia, de carinho e de ternura, pode-se mesmo dizer de embevecimento.

A respeito de vossa irreligiosidade tenho à memória, um fato que, com certeza, de vossa memória já se apagou.

Íamos, nós dois, pelo largo de São Francisco de Paula e, ao passarmos pela porta da igreja, tirastes o chapéu. Foi um gesto natural, que me deixou a convicção de que usais à porta de todas as igrejas.

Que diabo de incredulidade é a vossa, Sr. Magalhães Júnior? Sois mesmo ateu? Pilhéria. Sois muito bom católico. Católico apostólico romano.

Uma semana antes da vossa eleição, Josué Montello me deu assombrado, pelo telefone esta notícia incrível: "O Magalhães Júnior já escreveu o discurso de posse."

– Não é possível! – exclamei.

Montello confirmou com segurança que não admitia dúvida:

– É verdade, eu vi.

Nem mesmo assim acreditei. Eu não podia imaginar que houvesse um homem que, antes da eleição na Academia, escrevesse o discurso de posse. Não teria ele nos seus dicionários a palavra flexibilidade? Quantas e quantas eleições, nesta Casa, tidas como seguras, falharam estrondosamente?! Não teria ele conhecimento desses fatos? Estaria ele no mundo da lua?

Era mesmo verdade, meus senhores e minhas senhoras: Magalhães Júnior, antes de ser eleito, escrevera o discurso de posse.

E dizei-me, meu caro acadêmico, porque assim o fizestes?

Não sabeis ou não quereis explicar? Eu explico. Escrevestes o discurso antes da eleição porque tínheis grande fé em Deus. Grande fé em que seríeis vitorioso.

## O QUE VEM LUTAR PELA VIDA

Minhas senhoras, meus senhores,

Em Janeiro de 1930 chegou ao Rio um rapaz cearense que aqui pisava para lutar pela vida. Não vinha da terra natal, vinha de Campos, onde fazia profissão de jornalista. Era humilde, pobre, mas tinha dezenove anos de boa saúde.

No bolso trazia apenas cento e cinqüenta mil réis, mas, na alma, trazia uma fibra de aço, uma imensa paciência para sofrer e uma indiscritível coragem para lutar.

Meus senhores,

Ainda não apareceu um gênio para escrever a odisséia do rapaz pobre e humilde que chega ao Rio de Janeiro com disposição para vencer.

É uma página de Balzac ou de Zola.

A luta é cruel, luta que dura anos, muitos anos, na treva da ansiedade, da inquietação, dos tormentos, da angústia e, as vezes, da miséria.

O rapaz humilde e pobre que chega ao Rio de Janeiro, para lutar pela vida e pela glória, mal pisa em terra está pisando num inferno. Correm-lhe ao encontro todas as hostilidades. Tudo o que é necessário para viver desaparece-lhe dos olhos. É preciso morar e não há teto, é preciso comer e não há mesa, é preciso vestir e não há roupa, é preciso dormir e não há leito. Não tem um amigo, não tem um carinho, nem de leve consegue a mornidão de um consolo. Os seus dias não terminam, nunca, as suas noites são ainda mais longas do que os dias. Aos trinta anos, um que começou a lutar aos vinte, já viveu três séculos pelo menos, porque não há mais nada comprido, no mundo, do que a desesperança e o sofrimento. Está ainda para ser escrita a tragédia do rapaz que consegue, sozinho, vencer no Rio.

O moço pobre e humilde que chegou, há 26 anos, é este que hoje festejamos pela sua entrada nesta Casa.

Sr. Magalhães Júnior,

Quando chegastes ao Rio, contou-me Herman Lima, fizestes, aos vossos íntimos, esta afirmação de homem que está disposto à luta:

– Nestes próximos vinte anos ou eu terei vencido ou estarei tuberculoso. Os vinte anos passaram. Pela rijeza e solidez do vosso físico, percebe-se que a tuberculose não se arriscou a aproximar-se de vós. Pela qualidade de

Poltrona em que estais sentado, pelo que vos cerca, deveis estar convencido, como nós estamos, de que alcançastes totalmente a vitória arnbicionada.

Magalhães Júnior deve estar satisfeito com Magalhães Júnior.

Vencestes. E de que maneira vencestes?

Sozinho, sem ajuda de ninguém.

A vossa caminhada eu assisti quase toda. Foi dura, espinhosa, extenuante. Lutastes sobre barrancos e sobre penhascos, sangrando os pés e de coração sangrando.

Mas, chegastes a esses píncaros de ânimo levantado e de alma limpa. Os imperativos da sobrevivência, que quase sempre abatem o caráter dos homens, não abateram o vosso caráter. Chegastes de honra intacta ao fim da luta.

## AS CRIAÇÕES DE MACHADO DE ASSIS

Minhas senhoras e meus senhores,

Eu me incluo no rol daqueles que acreditam que nós não acabamos no fundo de uma sepultura. Deus não faz obra efêmera. Deus só faz obra eterna. E a vida é obra de Deus.

Acredito que aqueles a que chamamos mortos estão vivos. A vida não acaba – transforma-se.

Machado de Assis está vivo. Está vivo na obra que deixou, está vivo em espírito, espírito que ele levou para outras regiões criadas por Deus e por nós desconhecidas.

E tudo que ele criou continua vivendo. Todas as figuras a que deu sopro de vida, nos contos e nos romances, estão vivas como nós estamos. Esse é um atributo imanente dos gênios: criar obra imperecível.

*Agamenon*, de Ésquilo, *Édipo*, *Antígona* e *Electra,* de Sófocles, *Eugênia*, *Orestes* e *Helena*, de Eurípedes, há dois mil anos atravessam o mundo com a mesma força vital com que foram criados. Macbeth, Romeu, Julieta, Ofélia, Desdêmona, todas as figuras tocadas pelo sopro genial de Shakespeare, parece que vivem na nossa época. João Valgean de Victor Hugo, o velho Goriot de Balzac, o Nababo de Daudet, Naná de Zola vivem, ao nosso lado, como vivem nos romances. Iracema, Peri, Ceci, todas as belas criações de Alencar agitam-se na nossa mente como se realmente tivessem existido. O solene conselheiro

Acácio, o respeitável Pacheco, as duas mais deliciosas figuras do engenho de Eça de Queirós sentam-se à nossa mesa, andam na rua conversando conosco e nos fazem rir com os seus sábios conceitos.

Não morreu uma só das figuras criadas por Machado de Assis. Não sei se é realidade ou é visão, sei que as estou vendo chegar, uma por uma, a esta sala para festejar a vitória do reabilitador do homem que as moldou para a perpetuidade da vida.

Ali está o Sr. Joaquim Barba dos Santos – o Quincas Borba –, não o andrajoso, o esfarrapado, mas o Quincas Borba dos dias de gala. E no primor da sobrecasaca perfeita, na alvura da camisa imaculada, dá a impressão de um desembargador sem beca, de um general sem farda, de um negociante sem deficit.

Antes dele entrou Brás Cubas, de olhos vivos e resolutos, arrogante, sangüíneo, tendo-se em conta de lindo rapaz, ele que a princípio fora criança com fumos de homem e depois homem com ares de menino, Junto dele o Lobo Neves, imponente, de ar ministerial, de braço dado a Virgília, cujos olhares disfarçadamente vivem caçando Brás Cubas.

Eis que, ali adiante, nos aparece o Conselheiro Aires, com a sua velhice rija de sessenta anos, calvo, enrugado, com a mesma flor eterna à botoeira, bigode alvo de pontas finas e agudas, passo firme, gesto grave, com aquele toque de galanteria que nunca perdeu. Vem em companhia da mana Rita, que é seguida também por um casal de velhos – o Aguiar e a D. Carmo, aquela que tecia com o coração. E quem está ali ao lado deles? É a viúva Fidélia e, perto dela, o Sr. Custódio, o indeciso Sr. Custódio, dono daquela confeitaria bem em frente ao Catete, cuja tabuleta ainda continua parada na letra "d".

Entraram dois senhores. Quem são eles? Parecidíssimos, tão parecidos que parecem um só, refletido no espelho. Reconheço-os agora, são Pedro e o Paulo dos Santos, os gêmeos de D. Natividade. Como se olham hostilmente! Pois se começaram brigar desde o ventre materno...

Quem é o sujeito que vem ali falando sozinho? Não se lembram dele? O Simão Bacamarte. E aquele outro com cara de quem tem a consciência pesada? O enfermeiro Procópio José Gomes Valongo.

Entrou agora uma figura importante. Quem a não conhece? É o deputado Botero, que não rompeu e nem romperá mais com o governo. Chegou um punhado de mulheres: a Mariana, a Marcela, a D. Paula, a Helena e Iaiá Garcia.

A sala foi invadida por um punhado de homens. São todos conhecidos. O Luiz Nogueira, o Cônego Galvão, o incurável, o Palha, o Camacho, o Aires, o Vergueiro, o Sales das promessas não cumpridas, e o Ezequiel Maia, precursor da mudança da capital do Brasil para o sertão longínquo.

E aquele sujeito que, logo à entrada, gastou vários superlativos? É o José Dias – o parasita. Acaba de entrar um cavalheiro encaramujado desses que dão à gente a impressão de quem vivem para dentro. Quem o não conhece? É o Bento Santiago, o Bentinho para a família, o Dom Casmurro para os vizinhos maldizentes.

Entrou uma mulher impressionante. Tem ar de sonsa. Tem olhos oblíquos. Tem olhos de cigana. Tem olhos de ressaca.

É Capitu, a manhosa, a sorrateira, a misteriosa, a traiçoeira, a sutil Capitu, obra-prima do gênio machadiano.

E todos ficam na sala como à espera de alguém. E eis que esse alguém entra segundos depois. É moreno, cabelos crespos, compleição franzina, barba, *pince-nez* e testa ampla de gênio. Que vejo? Será possível, será possível? Estarei acordado ou estarei sonhando? O homem que acabou de entrar é Machado de Assis.

Capitu, D. Casmurro, o Conselheiro Aires, D. Natividade, Iaiá Garcia, todas as figuras que há pouco entraram curvam-se reverentemente.

E ele avança. Avança e pára. Pára e, com o olhar, percorre a sala. Está procurando alguém. Sente-se que foi para procurar esse alguém que ele entrou na sala.

Olhou à frente, olhos à direita, olhos à esquerda, procurando, procurando...

E eis que, de súbito, o seu rosto se ilumina. Encontrou, encontrou a criatura que procurava. Um frêmito de gratidão inflama-lhe a fisionomia. Estarei acordado ou estarei dormindo? Será realidade ou será visão?

Ei-lo que abre os braços e caminha. E caminha, caminha vivamente ao vosso encontro, Sr. Magalhães Júnior, ao vosso encontro, ao vosso encontro...

Discurso do
SR. AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO

e

Resposta do
SR. MANUEL BANDEIRA

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 19 de julho de 1958*

# I

# DISCURSO DO SR. AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO

Chego ao vosso honroso convívio, senhores acadêmicos, a uma altura da existência em que, do cimo consagrador desta tribuna, o olhar atinge um trecho de caminho percorrido que já é bem maior do que a parte incerta que resta a percorrer.

Se me não apressei em solicitar o prêmio do vosso acolhimento foi porque, apesar dos estímulos generosos de tantos de vós, que conto, para ventura minha, entre os mais caros amigos que possuo, hesitava em competir com outros escritores que considerava mais dignos da investidura.

Duas razões me impeliam a essa certeza: a segurança da obscuridade da minha consciência de que as contingências da vida me haviam arrastado, nos últimos anos, a um campo de atividades muito mais próximo da esplanada dos comícios do que dos jardins de Academo.

Cogitava que o momento de pedir a vossa hospitalidade seria aquele em que os frutos da minha pobre colheita pudessem compensar a fragrância com a abundância, demonstrando-vos, e, sobretudo a mim mesmo, a autenticidade de uma vocação humilde, que resiste tenazmente aos impulsos dispersivos das lutas e cuidados que enchem o meu viver.

De velhos sangues provinciais herdei, com efeito, o duplo destino da Política e das Letras. Não o escolhi, senão que o encontrei aberto diante de mim. Irmão, filho, neto e descendente ainda mais longínquo de homens que passaram das tribunas e, às vezes, das prisões políticas para as reuniões literá-

rias, bebi, desde onde alcança a minha memória, o leite da Literatura e da Política. Não consigo rememorar conversas caseiras que não versassem livros e autores, eleições e revoltas. Espantei-me profundamente, nos meus dez anos, quando em São Paulo, hospedado na chácara do Conselheiro Antônio Prado, ouvi ali homens sisudos e instruídos falando de coisas frívolas: dinheiro, companhias, fábricas, plantações.

As casas-grandes de Belo Horizonte e de Copacabana, onde nasci e me criei, reproduziam, em pequeno, o agitado ambiente das Câmaras legislativas e das associações literárias. Nas salas do avô ou do pai discutia-se Política, sob o olhar experiente dos velhos retratos de família. Nos quartos dos irmãos era Literatura que se debatia, entre efígies de Verlaine, Voltaire, Beethoven e Eça de Queirós. Menino de calças curtas, fui levado por meu pai, mais de uma vez, à Cadeia Velha, de cujo ambiente ainda relembro os corredores, os tapetes, os reposteiros, os homens graves de fraque, cochichando refestelados nas poltronas, entre a fumaça dos charutos. Mas menino, também, e bem pequeno, levou-me meu pai, em Paris, a ver o seu amigo Raimundo Correia, que se acabava num leito de hotel ou de hospital. Fez-me sentar à beira da cama do poeta, e eu olhava transido o homem que meu pai me dizia grande, mas que eu só via barbado, esquálido, queixando-se ao amigo de suores e coceiras por todo o corpo.

Não forcei, assim, o meu destino, nem o conquistei: cumpri-o; medio-cremente, é certo, mas com naturalidade. É, portanto, sem surpresa, embora com profundo reconhecimento, que, de agora em diante, passarei a repartir a vida entre a minha casa e as outras casas que são hoje também um pouco minhas, aquela a que me levou o povo de Minas Gerais, a outra, onde entro em contato com colegas e alunos, e esta, onde neste momento falo, senhores acadêmicos, trazido pela mão encorajadora da vossa generosidade.

Desejo, assim, ao transpor o pórtico, saudar-vos como o mais obscuro dos confrades e o mais atento dos companheiros. Nosso convívio será, espero em Deus, longo, e tudo farei para imitar-vos, a fim de que, por falta minha, ele não seja menos fecundo. Tanto aos que sufragaram o meu nome como aos que preferiram o do meu ilustre competidor endereço a minha gratidão; aos primeiros especialmente, é claro, pela honra insigne que me conferiram, aos

segundos pela homenagem que prestaram a uma grande figura das Letras nacionais.

Agradecido me confesso, também, aos amigos que, dentro e fora da Academia, me ajudaram a ser, nas Letras, o pouco que sou. Os vivos não mencionarei por discrição. Ou melhor, reunirei todos os nomes em um único, o de Ribeiro Couto, que, pela longa convivência literária e pela bondade com que me induziu a candidatar-me, é grandemente responsável pela minha presença entre vós. Falarei agora dos mortos: de meu pai, que foi para mim, cedo privado dos carinhos matemos, ao mesmo tempo pai e mãe; do primeiro Afonso Arinos, dos meus irmãos e Virgílio, aos quais evoco nesta hora, não cedendo ao apelo das afeições íntimas, mas no imperativo reconhecimento de influências determinantes da minha vida. Arduino Bolívar, João Ribeiro, Mário de Alencar, Azevedo Amaral, Graça Aranha, Paulo Prado, Ronald de Carvalho, Tristão da Cunha, Raul de Leoni, Mário de Andrade, Rodolfo Garcia, Luís Camilo, João Alphonsus, Francesco Bianco, Georges Bernanos, Afonso Taunay, eis alguns mortos a quem fiquei devendo, também, pelo convívio, muito da minha formação intelectual.

Permiti que termine esta parte levantando o véu do recato doméstico. Aos meus caros irmãos e irmãs, aos meus filhos queridos agradeço tudo o que por mim fazem e tudo o que são para mim. E é a Deus que humildemente agradeço ter-me permitido encontrar a companheira da minha vida.

## OS ANTECESSORES

Senhores acadêmicos, sucedendo a José Lins do Rego, cabe-me seguir uma linhagem inaugurada por Franklin Dória sob os auspícios de Junqueira Freire.

No poeta baiano a biografia é bem mais importante do que a obra, se bem que esta deva ser considerada no primeiro plano da nossa escola romântica. Tive sob os olhos os manuscritos de Junqueira Freire, legados ao arquivo desta Casa pelo Barão de Loreto. Pude, assim, ler na letra nervosa do autor, ainda cálidos pelo contato da mão doentia que os traçou, os versos do estranho monge, angélico e sacrílego. Grande parte da obra de Junqueira Freire se

acha inédita, como consigna, aliás, Homero Pires, em livro escrito há trinta anos e que é, ainda, o melhor trabalho existente sobre o poeta.

"Musa torva e extravagante", chamou Raimundo Correia à de Junqueira Freire. Nem sempre... Às vezes, das sombras do claustro, surge-nos a sua Poesia nobre e bela, vestida na túnica da simplicidade solene com que os estatuários antigos cobriam as formas quase voluptuosas da morte.

Penso que a Academia deve organizar uma edição crítica completa dos escritos publicáveis de Junqueira Freire, incluindo os estudos filosóficos e os ensaios teatrais inacabados, e excluída, ou constituindo tiragem fora do comércio, a erótica. Assim, além de um juízo seguro sobre o valor literário de uma poesia tão louvada pelos contemporâneos quão ignorada pelos pósteros, teríamos a imagem exata daquela alma atormentada, daquele monge sensual, místico e doentio, voltairiano e devoto, cujas ascensões espirituais e decaídas morais eram o resultado do desajustamento de uma cultura literária moderna e livre, em choque com a religiosidade atrasada e os preconceitos sociais de um meio ainda preso ao obscurantismo da Colônia.

De Franklin Dória, Barão de Loreto, a imagem mais próxima que me acode é a da esposa, a Baronesa, que encontrei umas duas vezes em casa de um velho amigo enfermo. Viva e dada, era a Baronesa o tipo da dama antiga brasileira, ao mesmo tempo familiar e senhoril.

O Barão de Loreto, fundador da Academia, escolheu o seu amigo Junqueira Freire, pouco mais velho do que ele, para patrono da Cadeira que hoje passo a ocupar. E um dos primeiros escritos sobre o autor das *Inspirações do Claustro* foi o que Franklin Dória lhe dedicou alguns anos depois da morte do poeta. É um estudo mais biográfico, embora contenha apreciações críticas ao jeito da época.

Quanto aos versos de Franklin Dória, reunidos no espesso volume dos *Enlevos*, publicado em 1959, sendo o autor estudante no Recife, estão longe da forte delicadeza de Casimiro, da riqueza e perfeição de Gonçalves Dias ou do estro soberano de Castro Alves. Hoje lemos mais como documentários da época os poemas sobre o 2 de Julho, ou em louvor de Junqueira Freire e de João Caetano, recitado este no Teatro Santa Isabel, do Recife, em cena aberta, na presença do ator homenageado. Talvez as melhores peças do volume sejam as evocações bucólicas da Ilha dos Frades, no recôncavo baiano, onde o poeta

nasceu e passou a infância. São páginas meio arcádicas e meio românticas, não destituídas de graça e frescura, principalmente a poesia dedicada a relembrar a capelinha familiar, erigida sob a invocação de N. S. do Loreto, nome que o poeta adotou para seu título nobiliárquico.

Um ano antes de Franklin Dória publicar, no Recife, os *Enlevos*, nascia, na capital pernambucana, Artur Orlando, que veio sucedê-lo na Academia. Artur Orlando aqui chegou beirando o meio século de vida, quando sua obra de pensador e homem público já se impusera aos meios cultos do País.

Pertenceu ele à geração de Sílvio Romero e, de certa maneira, à escola nordestina que o ilustre sergipano chefiava, como uma espécie de herdeiro do seu patrício Tobias Barreto. Escrevendo sobre a obra do malogrado Tito Lívio de Castro, que era alguns anos mais moço do que Artur Orlando, Sílvio Romero alude à preferência dessa geração para os estudos sociais sérios. Realmente, em Sílvio, como em Artur Orlando ou Tito Lívio, que escreveram em fins do Império e começos da República, é marcante a preocupação pelas ciências sociais, com abandono da ficção, da Poesia e do Teatro. Na Literatura, apenas a crítica os atraiu realmente, e isto é bastante sintomático como disposição do espírito.

No livro *Propedêutica Político-Jurídica* (1904), que não é uma introdução à ciência do Direito, como o título parece insinuar, Artur Orlando reúne ensaios eruditos e, naquela época, modernos, sobre Filosofia do Direito, Sociologia e História. Seu fim declarado era a reforma do ensino jurídico, hoje talvez ainda mais necessária do que então. Outros estudos do mesmo gênero, versando matéria filosófica, etnológica, jurídica e de ciência natural, mais do que Literatura – embora haja capítulos de crítica literária –, foram colecionados nos *Ensaios de Crítica* (1904) e nos *Novos Ensaios* (1905). O Direito e a Política internacionais são as teses do *Pan-americanismo*, publicado em 1906. Como se vê, a linha da Escola do Recife, marcada por Tobias e continuada por Sílvio Romero, chegava, com os naturais desvios devidos às preferências de gosto, época e formação, até Artur Orlando, que pode ser considerado o seu epígono.

Em 1916, sucede ao pernambucano o fluminense Ataulfo de Paiva.

Aqueles que, como nós, viveram quase toda a vida no Rio, guardam simpática visão do homem que foi das figuras queridas da sociedade carioca durante mais de meio século. Ataulfo era, sem dúvida uma personagem literá-

ria e não um autor. Austregésilo de Athayde, nesse aspecto, definiu-o em frase mais sutil do que bondosa. Desde menino me habituei a vê-lo e a ouvir falar a seu respeito. Como diz Bandeira da casa do avô, nunca pensei que Ataulfo acabasse. Contou-me certa vez que, em moço, vinha a cavalo para a cidade e amarrava o animal, se não estou enganado, pelas cercanias do desaparecido Teatro Lírico. Depois, era no chamado "bonde de ceroulas" que se transportava para as noites da Ópera. Eu já o conheci mais tarde, nos serões de D. Laurinda, no ambiente ao mesmo tempo diplomático-internacional e brasileiro-patriarcal de Santa Teresa, ao qual meu pai me arrastou algumas vezes, adolescente constrangido. Era de ver-se como se emoldurava bem Ataulfo naquele cenário de fim de época, cenário que conservava tanto da reverência e das boas maneiras dos salões imperiais.

A moeda de troca intelectual era ainda o francês – e não o inglês cinematográfico e comercial de hoje. Os *potins* floriam nas conversas como as catléias nos vasos, conversas delicadas, de encoberta malícia, de infatigável polidez, tão distante do canhestro "disse-me-disse" que hoje se exibe, sem máscara, nas Letras ralas do noticiário mundano.

Não se interprete estas palavras como as de um saudosista, que não sou. Amo o meu tempo, que é o da ascensão das novas classes e, conseqüentemente, da criação de novas elites.

Isto não me impede de acentuar a finura ou a graça de certos hábitos estimados e praticados pelas elites desaparecidas. Ao fazê-lo estou, apenas, recordando aspectos do tempo carioca que coincidiu com o fastígio social de Ataulfo de Paiva, tempo que ainda entrevi nos seus derradeiros bruxuleios, semelhantes à chama inquieta da lareira que esplende súbito no momento de se extinguir.

Na memória de Ataulfo, devemos homenagear algumas das melhores virtudes da defunta sociedade da primeira República: as virtudes de honradez pessoal e funcional, de intensa e diligente solidariedade humana, do apego às boas tradições brasileiras, e, finalmente, do tacto e da cortesia que davam encanto à vida.

## JOSÉ LINS DO REGO, O HOMEM E O ESCRITOR

Por um desses contrastes comuns no funcionamento das associações como a nossa, um expoente social como Ataulfo de Paiva foi sucedido, por

alguém que era, de certa forma, a sua contradição viva; por um poderoso escritor, para quem a sociedade nunca foi outra coisa senão a massa dócil em que as suas mãos robustas iriam modelar vastos e sofridos relevos humanos.

Na nossa geração, ninguém foi mais totalmente escritor do que José Lins do Rego. Quem o visse, sedento de vida, interessado até à paixão pelas manifestações fugazes e às vezes miúdas do quotidiano, poder-se-ia iludir sobre a íntima natureza do seu espírito e considerá-lo um simples transeunte da existência, amoroso das formas, degustador de emoções e sensações. A verdade era, porém, muito outra. O impulso profundo que o tornava participante de tantas manifestações de vida traduzia, apenas, a necessidade de uma acumulação contínua de experiências. E essas experiências vitais serviam para enriquecer-lhe o conhecimento da realidade que, transubstanciada pelo mistério da criação artística, se fixava nas situações, paisagens e tipos dos seus romances.

Havia qualquer coisa de rabelaisiano na maneira pela qual a criação literária em José Lins do Rego se abeberava diretamente nas fontes mais genuínas da vida. E o fazia da única maneira possível, dentro do quadro indicado, que era o da experiência pessoal. Este processo de criação literária era nele tão profundo e natural que se desenvolvia sem vir à tona da consciência. Era convicto que José Lins do Rego afirmava ser um homem mais da vida do que dos livros, quando a verdade é que ele só vivia intensamente para transformar, para fixar a vida nos livros. Esta era a sua força, e este o destino que Deus lhe reservou. Seus sentimentos, paixões, gostos, ambições e súbitos terrores eram os de um homem, mas, também, nunca deixavam de ser os de um escritor, e como escritor os vivia e sofria.

Esta verdade, que é geral, mais clara se torna quando a particularizamos no terreno das ambições. Posição, prestígio, dinheiro não interessavam a José Lins do Rego senão na medida em que servissem ao seu destino de escritor. Em matéria de poder, de honrarias e de bens ele não era um desprendido, mas um distraído. Sem recusar as vantagens sociais por que tantos se matam, não era ele capaz de se aperceber dos aspectos mais agradáveis da vida que não fossem suscetíveis de conduzir à criação literária. Não se confunda, aliás, este traço psicológico com a simples rusticidade sertaneja, de que José Lins nunca se desprendeu. O que havia nele era a entrega de todo o ser a uma vocação dominadora, a vocação do escritor. De resto, o que estou aqui dizendo roça

pela banalidade, pois se aplica a todos os tipos de vocação absorvente, espiritual, intelectual ou profissional. Mas há banalidades que devem ser ditas e repetidas no estudo das personalidades humanas, pois elas são indispensáveis à interpretação dos caracteres.

Colocada a questão nestes termos, poderemos integrar harmoniosamente o homem e o escritor José Lins do Rego penetrando a contradição que havia entre o otimismo sadio e desbordante da vida de um e o pessimismo sombrio e tantas vezes trágico da obra do outro.

Aliás, a contradição estava nele mesmo, no homem, e se revelava a quem o observasse atentamente. O seu otimismo, sem ser fingido, era falso. Mantinha-se graças ao esforço da tensão nervosa, necessário à captação das impressões ambientes, material de que se nutria a imaginação do romancista. Mas, de repente, o falso otimismo esboroava-se em crises de melancolia e depressão.

A sua saúde tremenda de glutão agitado sombreava-se, de vez em quando, com temores inopinados: o medo de doença, o medo da morte. E o seu prematuro e absurdo fim demonstrou com que acerto a fina sensibilidade lhe denunciava as frinchas daquela aparente fortaleza.

Rústico nos hábitos e no convívio, chocava-se externamente com os requintes da civilização brasileira e européia, em cujo meio viveu durante tantos anos. Mas o choque era só externo, porque, internamente, ele era não propriamente sutil, mas extremamente sensível; sensível pelo gosto e pela inteligência, capaz, portanto, de receber e assimilar, no espírito, as riquezas da História, da Literatura e das Artes plásticas, que tão distantes poderiam parecer da sua rude formação infantil e adolescente. Este enriquecimento constante da experiência cultural, captada por uma sensibilidade sempre alerta e emotiva, vinha se transformar na criação literária, que exprimia, contudo, outros ambientes e paixões; outra realidade. O homem adulto, instruído e viajado, utilizava os materiais da cultura para aplicá-los na reconstrução de um mundo perdido e, no entanto, real: o seu mundo terno e bárbaro de menino de engenho.

Ele próprio identifica, com sagacidade, este fenômeno, em página de um dos livros que publicou com impressões de viagens. Escreve, dizendo adeus à França:

> Vi terras do sul, o mar Mediterrâneo, o mar da História, o mar dos gregos, dos egípcios, dos fenícios, dos romanos. Mas o nordestino

> tinha que voltar à sua realidade... Desde logo tudo o que vi e senti se refugia no fundo da sensibilidade, para que a narrativa corra, como em leito de rio que a estiagem secara, mas que as águas novas enchem, outra vez, de correntezas... Adeus, doce França. Agora os espinhos me arranham o corpo e as tristezas me cortam a alma.

Eis por que as contradições do homem se fundiam na riqueza complexa do escritor. Assim como os requintes da cultura eram substância que ele transformava no mundo quase primitivo que fez ressurgir da memória, e que durará tanto quanto durar a Literatura brasileira, assim também era na ânsia de viver que ele colhia a inspiração para exprimir, para marcar, na sua obra, a inanidade e a falta de sentido da vida, a marcha incessante e fatal de toda espécie de vida para a negação, a gratuidade e o nada.

Além desta impressão geral de negativismo e amargura, a sua obra possui, é claro, em aspectos mais particulares, outra significação que precisa ser reavaliada pela crítica.

## AUTONOMIA E SUBORDINAÇÃO DA CRÍTICA

Muito se escreveu sobre os romances de José Lins do Rego. É provável, mesmo, que nenhum outro escritor contemporâneo tenha sido mais estudado e discutido. Isso não impede que, periodicamente, se proceda a uma revisão dos julgamentos sobre o conjunto dos seus escritos, já agora, infelizmente, fixado para sempre pela morte.

Quando relemos os estudos críticos – mesmo os mais felizes e brilhantes – publicados sobre os livros de José Lins do Rego, à medida que estes apareciam, observamos que quase todos eles se desatualizaram. Este fato, aliás, ocorre habitualmente com a crítica jornalística, que é, salvo raras exceções, obra de circunstância. A crítica só permanece viva e fresca quando é, ela própria, uma criação literária autônoma, independente da obra que se propôs analisar. Nestes casos a obra criticada serve de motivo à critica, mas não a domina nem a esgota. Serve de motivo como a paisagem à descrição, como a paixão ou a emoção à análise psicológica, como a situação dramática à cena teatral, como o tema ao romance. A autonomia do gênero literário consiste, precisamente, na capacidade de insuflar vida própria à composição, fazendo

com que ela exista literariamente por si, tornando-se independente do seu motivo determinante. Sem esta autonomia a crítica não é gênero literário, não vive, e a sua condenação à morte fica patenteada pelo envelhecimento progressivo que a põe em contraste com a perene juventude da obra sobre que versou. Quando viva, a crítica chega a conhecer, às vezes, um destino maior do que o da obra criticada, e, então, vemos como ela permanece atual, colorida e poderosa, enquanto a outra se esfuma num relativo esquecimento. O exemplo clássico desta situação pode ser encontrado nas páginas de crítica que Boswell dedicou, na trama cerrada do seu livro, à obra do Dr. Johnson.

A crítica existente sobre a obra de José Lins do Rego, quase sempre feita na forma de revista jornalística e de apreciação impressionista, hoje nos parece, como já disse, na sua maior parte, inatual, exatamente porque não adquiriu quase nunca a autonomia literária indispensável, ficando, via de regra, presa ao valor e ao significado imediatos que os livros apresentavam, ou pareciam apresentar, no momento em que vinham a público.

Se acompanharmos as datas das primeiras edições dos romances de José Lins do Rego, penetramos melhor o sentido dos principais artigos que sobre eles escreviam os nossos mais reputados críticos. E, hoje, nos parece que o tratamento crítico dos romances estava, talvez, mais subordinado aos valores gerais extraliterários vigentes na data dos livros do que, propriamente, ao conteúdo literário destes. Por isto a crítica quase toda se desatualizou, enquanto o que havia de substancial na obra literária permaneceu vivo e raramente coincide com o que era posto em relevo pelos críticos.

## PRESENÇA DO SOCIAL

Uma das idéias dominantes na fase em que iam sendo publicados os romances de José Lins do Rego, chamados do ciclo da cana-de-açúcar, era a de que eles se destinavam a descrever e a interpretar a desagregação e decadência de uma certa estrutura social. O próprio romancista, em dado momento, pareceu convencer-se desse papel, ou, antes, dessa missão que a crítica dominante lhe atribuía: a missão de escrever, senão um *roman-fleuve* de tese, pelo menos uma série de livros que apresentasse uma realidade sociológica.

Na nota introdutória ao romance *Usina*, datada de 1936, observa ele:

> A história desses livros é bem simples – comecei querendo apenas escrever umas memórias que fossem as de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos. Seria apenas um pedaço de vida o que eu queria contar. Sucede, porém, que um romancista é muitas vezes o instrumento apenas de forças que se acham escondidas no seu interior.

Já este trecho mostra como José Lins do Rego, na época da publicação de *Usina*, parecia consciente da função que incumbia à sua obra desempenhar. Os livros deviam deixar de ser "pedaços de vida" para obedecer a outras forças, as quais não estavam, porém, como supunha o romancista, "escondidas no seu interior", mas, ao contrário, pressionavam-no vindas do exterior, vindas da interpretação temporal que a crítica, desde havia algum tempo, discernia no conjunto da sua obra. Isto se torna ainda mais claro com as seguintes linhas, extraídas à mesma nota introdutória: "Depois do *Moleque Ricardo* veio *Usina*, a história do Santa Rosa arrancado às suas bases, espatifado, com máquinas de fábrica, com ferramentas enormes, como moendas gigantes devorando a cana madura que as suas terras fizeram acamar pelas várzeas." Antes de *Moleque Ricardo* e de *Usina,* já em *Bangüê*, que é de 1934, a preocupação social aflora em certos pontos. A propósito da situação dos cabras de *A Bagaceira* escreve, por exemplo, o narrador:

> Concordava, vendo em tudo uma espoliação, como se não fosse a minha gente que viesse há anos vivendo daquele regime monstruoso, como se eu não tivesse sido criado com o suor daqueles pobres diabos, e os nove engenhos do meu avô, a sua riqueza, não proviessem daqueles braços e da fome de todos eles.

Não se pode dizer até que ponto esta e outras tiradas correspondiam aos acenos da crítica do tempo. Mas José Lins, memorialista lírico e evocador poderoso, não seria nunca um romancista de tese. Para felicidade nossa, ele não quis, ou não pôde, desviar do curso natural a torrente impetuosa de sua inspiração. É inegável que os romances de José Lins do Rego, de *Menino de Engenho* a *Usina*, constituem um grande painel da transformação social e econômica imposta pelo progresso técnico da indústria açucareira. Mas esses livros exprimem, também, qualquer coisa de diferente. Exprimem uma realidade emotiva e poética muito mais ampla, nas quais as paixões eternas que

sacodem o ser humano se apresentam poderosas e deixam em indiscutível segundo plano o complexo social que serve de pretexto à sua eclosão. Por outro lado, certos tipos de personalidade, como o de Vitorino Carneiro da Cunha, só muito relativamente se prendem ao meio social em que vivem, porque são figuras principalmente humanas.

Admito que um sociólogo ou um político possam considerar como documento social o conjunto de romances do ciclo da cana. Mas este é um aspecto parcial da obra, que não deve monopolizar a visão totalizadora do crítico literário. Diz-se que Lênin considerava o romance de Balzac *Les Paysans* como uma espécie de panfleto da revolução camponesa, e talvez o seja. No entanto, para o escritor Balzac, socialmente um reacionário confesso, o seu livro era o estudo da cobiça e do ódio que corroíam o coração e envenenavam a inteligência de um grupo de seres humanos. O *Cousin Pons*, aliás, representa o mesmo estudo, transportado para um bairro pobre da cidade de Paris.

Portanto, a crítica que visse no livro apenas o significado que lhe emprestou Lênin estaria atrasada, hoje, quando as condições de economia agrária são tão diferentes, na França, do que eram ao tempo da Restauração ou da Monarquia de Julho.

José Lins poderia também dizer que a piedade estava no cerne dos seus romances, e não a revolução. Ele não era, nunca foi um revolucionário, embora fosse freqüentemente um revoltado.

Em *Doidinho* o narrador desvenda cruamente o fundo conservador do seu espírito, conservadorismo orgânico de neto de senhor de engenho, de menino de casa-grande. Refiro-me à passagem em que o professor Maciel, logo depois de surrar impiedosamente um aluno, atraca-se em luta com outro, o forte Elias, que não aceitava a pedagogia da palmatória. Observa o memorialista, no caso José Lins do Rego:

> E eu, que era um dos mais seviciados pelo mestre – para que dizer o contrário? – odiava Elias. Não disse a ninguém. Mas, no íntimo, julgava-o um selvagem, incapaz de submissão, de satisfazer-se nos limites marcados pela autoridade... Pode ser que me julguem mal, mas a verdade merece este depoimento.

Esta confissão é corroborada por toda a composição de *Moleque Ricardo*, o livro em que mais agudamente se revela o panorama revolucionário da luta de classes no Nordeste. O herói, Ricardo, tipo admirável de mestiço brasileiro, nunca se interessou propriamente pela revolução, embora se sacrificasse por causa dela, mas por amizade aos companheiros. Sua paixão era o amor das mulheres, seu grupo social não era o sindicato obreiro, foco de agitação, porém o clube carnavalesco que trazia o nome simbólico de "Paz e Amor". E o próprio líder da revolta não era um revolucionário, senão um ambicioso demagogo. Retrato, aliás, voluntariamente contrafeito e infiel, porque o modelo do personagem, de todos conhecido, é dos mais puros e desprendidos espíritos de sábio que o Brasil já produziu.

## O REGIONAL

Passando do social para o regional, poderemos acentuar, em outro campo, a amplidão da mensagem literária que nos legou José Lins do Rego.

O regional funciona na obra do romancista da mesma maneira que o social, isto é, como pretexto para a fixação do humano e do universal. De resto, a obra verdadeiramente literária não pode ser, nunca, regionalista, precisamente porque ela é, antes de tudo, humana. Regionais são os materiais de que se nutrem certas grandes obras, desde Homero e Cervantes até Proust. O exíguo território de Micenas é tão região como o das andanças do esquálido Cavaleiro, ou o quarteirão dos Guermantes. Região é o território material ou social onde o escritor vai buscar, em certo tipo de obras, o infinito horizonte humano. O texto que é intrinsecamente regional deixa de ser Literatura para se tornar folclore. José Lins do Rego não é mais regionalista, no sentido literário, do que foram, são e serão, antes e depois dele, outros autênticos ficcionistas brasileiros, incluídos pela crítica na classificação formal de escritores regionalistas. Porque a obra dele é, antes de tudo, literária.

Parece-me certo que a consciência do sentido regional que, durante algum tempo, marcou a concepção que José Lins do Rego teve da sua própria obra resultou da sua amizade para com o mais ilustre intérprete e historiador da cultura e da civilização patriarcais no Brasil, Gilberto Freyre.

Na verdade, a obra de Gilberto e a de José Lins se aparentam mais do que se aproximam. Pelos próprios objetivos do seu trabalho de crítico, historiador e sociólogo, Gilberto Freyre valoriza literariamente manifestações culturais que ficariam deslocadas nos livros de um romancista. Foi, por isso, benéfico ao romancista não haver abandonado o seu próprio caminho pelos do ensaio ou outro tipo de Literatura que não é de ficção.

De resto, o significado regional dos romances de José Lins do Rego aparece, igualmente, como elemento ilustrativo e secundário nas obras dos maiores escritores nordestinos de sua geração, as quais, é claro, não me compete analisar nem mesmo referir pormenorizadamente neste discurso.

A prova de que o regionalismo nordestino era apenas um palco sobre o qual o escritor armava o drama da sua Literatura, temo-la em *Água Mãe*, cuja ação se desenrola em Cabo Frio. Os tipos e situações dos romances nordestinos se transpõem em grande número para este livro meio frustrado, mas intenso e dramático, que retrata ambiente social e geográfico tão diferente do nordestino. Há uma repetição quase monótona de planos. A preocupação da negra Felipa, de *Água Mãe*, com o neto, Joca, é a mesma da negra Aninha com o neto Nô, de *Riacho Doce*. As histórias contadas pelas velhas amas aos meninos se repetem no Norte e no Sul. De passagem, quero observar que estas histórias contadas na Paraíba e em Cabo Frio são aquelas que, em menino, me repetia a querida e saudosa Cândida, como já deixei relatado no meu livro *Um Estadista da República*. Continuando a comparação, veremos que a decadência das lavouras de café da província fluminense corresponde a idêntico fenômeno ocorrido com os engenhos de cana no massapé do Nordeste. Em latitudes geográficas e ambientes sociais tão diferentes, à beira dos canaviais que se estendiam como águas imensas ou à margem da lagoa de Araruama verde como um infinito canavial, o que dá força e qualidade à realização artística é o dom de penetrar as paixões e o gosto amargo diante da tristeza irreparável da vida. O tio Juca, na usina paraibana, vai se arruinar da mesma forma que o milionário Mafra nas especulações do Rio de Janeiro. A frustração do intelectual Paulo é parente da indecisão do estudante Carlos de Melo. Tanto na região nordestina quanto na fluminense vemos a destruição das famílias, o desaparecimento das fortunas, o horror da morte ou da loucura, a fúria das paixões carnais, o trânsito das crendices e superstições do nosso

confuso psiquismo brasileiro. Porque os fatos são aparências para o escritor, simples exemplos do real. A realidade é outra e paira sobre essas aparências, acima das regiões e das criaturas. A realidade, para José Lins do Rego, era o sentido absurdo, a fatalidade, o vazio, o escoamento perene, o nada permanente da vida. Esvoaça nos seus livros, sobre tudo e sobre todos, uma ameaça constante de destruição e de morte. Secundários são os aspectos regionais ou mesmo nacionais do grande afresco. O que fica, o que subsiste, é a criação literária, é a presença de José Lins do Rego e a sua visão dolorosa da vida.

## FONTES DE INSPIRAÇÃO

José Lins do Rego pertence ao gênero dos romancistas que fundem a criação com a memória. Colocando-se no centro da própria obra, o escritor não apenas preside ao seu desenvolvimento, mas participa de todo ele. O romancista brasileiro procura, como Proust, o tempo perdido, para eternizá-lo na obra de arte, mas, como em Proust, esse tempo perdido é vivido em toda a intensidade literária. Quero dizer com isso que, no tempo literário, a matéria do passado se mistura com os sentimentos e a maneira de ver do presente, formando uma trama uniforme e inseparável. A memória evoca o fato, mas o espírito criador o transforma, o conforma com esta nova realidade, muito mais forte e significativa do que a histórica: a realidade criada pela ficção. A passagem do tempo perdido para o tempo vivido ou literário, no qual o escritor insufla o fogo do seu gênio, faz com que o fato particular, colhido na memória, se transfigure na situação exemplar ou na reação emocional, que nos varrem a alma como rajadas.

Assim, os romances de José Lins do Rego têm a feição de memórias, enquanto as suas memórias poderiam ser consideradas como um romance.

José Lins do Rego, na sua prodigiosa vocação de narrador, se apercebia bem que a fusão do tempo histórico com o literário dava em resultado uma realidade incorruptível, mais duradoura do que a da vida. O fato de ser seu poder criador dos mais espontâneos de toda a Literatura brasileira não impedia que ele obedecesse, desde o início, aos imperativos de uma técnica consciente. No segundo livro que publicou, *Doidinho*, o romancista faz, de passagem, uma afirmação que mostra como ele procedia deliberadamente ao

pequeno milagre que era a transformação da água do tempo perdido no vinho do tempo literário. Doidinho, o colegial desajustado, ouviu certo dia uma explicação simbólica da universalidade de Deus que o impressionou profundamente. E o romancista observa a respeito, numa frase que desvenda todas as fontes da sua inspiração: "Pela primeira vez, naquelas preparações para o conhecimento de Deus, uma coisa me ficava clara, numa evidência de dia sem nuvens. Valia, por esta forma, o poder intenso da imagem."

Este poder intenso da imagem, esta ficção criada pela memória, este mundo vivo e diferente saído das entranhas de um mundo morto e conhecido são todo o tesouro que nos legou José Lins do Rego. O processo de reconstrução criadora atinge ao esplendor no livro que, sendo o menos fielmente memória, é, no entanto, o mais vivamente realidade, o maior livro do romancista, um dos mais importantes da nossa Literatura, *Fogo Morto*.

Com a publicação de *Usina*, parecia – e alguns críticos o declararam – que José Lins do Rego atingira aos limites das suas possibilidades no gênero. Terminara, harmoniosamente, o ciclo da cana. Do engenho do menino Carlos de Melo, o fluxo caudaloso da narrativa chegara ao ponto terminal da evolução: à usina faminta que devorava os restos do engenho, que triturava gentes e almas antes de se devorar a si mesma, numa autofagia final e implacável. Supunha-se que persistir na mesma linha seria, para o romancista, repetir-se, isto é, diminuir-se. Mas foi o inverso que sucedeu, e isto pelas razões que acima procurei identificar ao sugerir a fórmula da evolução do tempo histórico para o literário. De *Menino de Engenho* até *Usina* como que o elemento memória prendia um pouco o elemento criação, e, por isso, a composição literária mostra-se, às vezes, um pouco constrangida e indecisa. Não se percebia a indecisão nem o constrangimento até que, em *Fogo Morto*, o escritor, sem abandonar a contribuição da memória, passou a subordiná-la, inteiramente, à liberdade criadora. Fez como o pintor que, usando os dados da realidade visível, os utiliza submetendo-os a uma disciplina estética e racional que está nele e não nas formas objetivas nem na lógica visual. Eis por que *Fogo Morto*, sendo menos fiel à realidade histórica, é, ao mesmo tempo, o mais real dos romances da zona da cana, a obra-prima, chave de cúpula de todo o conjunto arquitetônico. Nesse livro memorável (do qual alguns trechos ainda hoje não posso ler sem me virem lágrimas aos olhos), temos uma verdadeira

fonte de ensinamentos para desvendar a inspiração do escritor. José Lins do Rego, a partir do segundo romance, publicado em 1933, sem praticar propriamente, como já deixei acentuado, a Literatura de tese, o que seria chocante com o seu temperamento, adotou, contudo, o que se poderia chamar uma atitude de escola em face da tese social. Isto, sem dúvida nenhuma, limitou a sua liberdade no desenvolvimento dos romances que ele mesmo chamou do ciclo da cana, levando-o, até certo ponto, a exprimir, na sua narrativa, algo que se encontrava fora do que veio a se revelar, com *Fogo Morto*, ser a mais fiel representação literária da realidade, porque a mais artística. No ciclo da cana os aspectos sociais do grande drama humano são fixados conscientemente, ou deliberadamente, o que dá ao conjunto, como disse há pouco, se não o feitio de romance de tese, pelo menos o de romance de escola. Já em *Fogo Morto* José Lins do Rego se liberta completamente da escola social. Confiante, pelos êxitos sucessivos, na própria força criadora, produziu um livro que, vindo depois de tantos outros do mesmo gênero, é precisamente o mais original. E é o mais original porque é o mais livre. Sucedeu ao escritor brasileiro algo do que ocorrera com o seu confrade português, Eça de Queirós, que foi, como José Lins, o mais expressivo romancista de sua geração. Eça de Queirós filiou-se – mais disciplinadamente do que José Lins – a uma escola literária, o realismo. No fim da vida, porém, com *A Ilustre Casa de Ramires*, libertou-se dela, e construiu, embora inacabado, o seu mais típico e original romance, o mais saborosamente português.

É que o Eça de *A Ilustre Casa* e o José Lins de *Fogo Morto* foram, então, autenticamente eles mesmos, escreveram o que lhes vinha brotando limpidamente do mais íntimo do ser, despreocupados das interpretações alheias.

## TÉCNICA DE COMPOSIÇÃO

Para terminarmos com esta apreciação crítica da obra de José Lins do Rego, devemos salientar os aspectos mais marcantes da sua técnica de composição.

Em primeiro lugar, o estilo. Muito se falou – e esta observação foi diminuindo com o tempo – da imperfeição gramatical do estilo de José Lins

do Rego. Lembro-me até de um articulista português que aludia à sua "tocante incorreção". Creio que, hoje, tais restrições encontrariam pouco eco. O problema do estilo do romancista me parece, no Brasil, país onde tudo se acha em formação, inclusive o idioma nacional, ser sobretudo o da adequação do mesmo estilo à substância da obra.

O estilo de Machado de Assis era o instrumento ajustado ao tipo de obra literária que ele praticou: instrumento preciso, despojado e rigorosamente fiel aos cânones. Já Nabuco, em *Minha Formação*, mas principalmente em *Um Estadista do Império*, carecia de outro tipo de linguagem, freqüentemente incorreto e trabalhado pela influência francesa, porém colorido, plástico, às vezes solene.

José Lins do Rego tinha o estilo apropriado para exprimir o mundo do seu romance: limitado, mas não pobre; terno, florido, ocasionalmente turvo, mais sugestivo do que lógico. As grosserias que às vezes irrompem só chocam quando desnecessárias, isto é, quando não reproduzem a fala do povo, e hoje até chocam menos, porque nos habituamos todos à personalidade opulenta e natural do escritor. Na linguagem do povo há diferenças sutis. Não é a mesma coisa, por exemplo, dizer-se "ele é alto" e "ele tem altura". Poderíamos empregar a mesma sutileza tratando de José Lins do Rego: ele não é estilista, ele tem estilo.

Um dos defeitos salientados na sua maneira de escrever é a repetição. Alguns veêm nesta técnica pobreza e monotonia. Eu não. A mim me parece que a repetição, em José Lins do Rego, é natural e coerente com o gênero da sua narração.

Talvez nem se trate, propriamente, de repetição, mas de qualquer outra coisa como sucessão ou ressurreição. As flores não se repetem, nem as manhãs. O estilo natural é como a Natureza: ressurge, renasce, continua.

Aliás, esta continuidade não é somente do estilo, mas da arquitetura mesma da obra.

A narrativa toda ela se encadeia na maior parte dos romances de José Lins do Rego. O enredo do ciclo da cana é contínuo. *Pedra Bonita* se desdobra em *Cangaceiros* e, dentro desta técnica, é natural que os personagens figurantes em um livro reapareçam naqueles que servem de continuação. Alguns dos personagens do ciclo da cana, depois de atravessar toda a série de roman-

ces, encontram a materialização final em *Verdes Anos*, o livro de memórias da meninice. Aliás, esta materialização nos decepciona um pouco no caso de Vitorino Carneiro da Cunha, muito maior personagem do que figura real. A própria expressão "verdes anos", que serve de título ao livro de memórias, já aparece, de relance, em uma passagem de *Doidinho*, para designar a idade infantil.

Não apenas o enredo é seguido, não apenas os personagens acompanham o seguimento do enredo. Há motivos que também voltam, como na música. Por exemplo, o motivo da loucura. José Lins do Rego tinha uma espécie de obsessão da loucura; assaltava-o, às vezes, o medo inteiramente infundado da insanidade. Lembro-me bem de uma vez em que ele me disse isto quando subíamos a pé a Avenida Rio Branco, saídos da Livraria José Olympio. Cabeça forte, juízo perfeito, vinha-lhe de chofre aquele horror da loucura. Esse medo aparece, aliás, em Carlos de Melo freqüentemente. O pai do "menino de engenho" cometeu crime por loucura. A louca D. Olívia, irmã da mulher de Lula de Holanda, é uma figura trágica, que acompanha todo o ciclo da cana. O romance *Doidinho*, já pelo título, mostra a preocupação obsessiva. Neste livro o pai do menino Heitor era doido, foi para Recife, contava o filho, amarrado na corda. Em *Pedra Bonita* o chamado santo era um louco, como Antônio Conselheiro, e o drama se desenrola em torno de uma espécie de loucura coletiva.

Em *Riacho Doce* a velha Aninha era uma feiticeira meio doida, e o seu neto, Nô, herói do livro, atravessa um acesso de loucura. Em *Fogo Morto*, a cena da captura e transporte da doida filha de José Amaro é das mais terríveis e provoca profunda impressão em Mário de Andrade. Finalmente, em *Cangaceiros* temos o temível fantasma de Siá Josefina, a mãe suicida e louca dos cruéis bandidos.

Outro motivo que poderíamos acompanhar em toda a trama dos romances é o medo da morte. José Lins do Rego não tinha a curiosidade filosófica de Montaigne em face do nosso fim inevitável. Reagia contra a idéia com uma força espontânea e invencível. Por isto mesmo a sombra da morte surgia amiúde nas suas páginas. Enterros, agonias, exposições de defuntos merecem-lhe descrições admiráveis. Uma das mais fortes de toda a sua obra é a do enterro do avô, José Paulino. Faz-me lembrar outra página, que guardei

na memória e cujo autor não sei mais quem seja, descritiva da procissão sepulcral de Carlos V, com o transporte do corpo, à noite, pelas estradas. O trecho de José Lins é um quadro assim espanhol. Lembra Goya.

Em *O Menino de Engenho*, escreve: "Tinha um medo doentio da morte. Aquilo da gente apodrecer debaixo da terra e ser comido pelos tapurus me parecia incompreensível... Esta horrível preocupação da morte tomava conta da minha imaginação." Já no colégio, o *Doidinho* remoía os seus pavores:

> O medo da morte envolvia-me nas suas sombras pesadas. Sempre tivera medo da morte. Este nada, esta destruição irremediável de tudo, o corpo podre, os olhos comidos pela terra – e tudo isto para um dia certo, para uma hora marcada – me faziam triste no mais alegre dos meus momentos.

E a morte prossegue o trânsito pelos livros de José Lins do Rego, como um dos personagens principais. Em *Bangüê*, é o fim do velho José Paulino, como disse, uma das páginas mais pungentes do escritor. Em *Moleque Ricardo* é o triste fim dos pobres, do amigo Florêncio, acabando num catre da Rua do Cisco; de Odete, escarrando os pulmões junto aos passarinhos do pai. Em *Usina*, a morte horrível do negro feiticeiro Feliciano determina uma reação dos trabalhadores do eito, que é uma espécie de pequena *jacquerie*. *Pureza* é a narrativa de certa fase da vida de um rapaz com medo de morrer; *Pedra Bonita*, a tragédia da crença primitiva levando ao genocídio. Em *Riacho Doce*, a presença da morte e de um Deus obscuro e vingativo alimenta as paixões humanas do poder e do amor. Em *Água Mãe*, a morte é a ameaça contínua e o desfecho final. *Eurídice* é a história de um criminoso de morte. *Cangaceiros* está sujo de sangue dos mortos.

Poucos são os momentos de consolo e remissão que o romancista nos oferece. Um destes refrigérios da alma, na áspera e absorvente caminhada da sua leitura, são, sem dúvida, alguns caracteres femininos.

D. Dondon, de *Usina*, D. Mocinha, de *Água Mãe*, D. Adriana, de *Fogo Morto*, que doces, que genuínas, que grandes mulheres brasileiras. Sente-se nelas a força delicada, o instinto de retidão, a presença oportuna, a resistência inquebrantável das figuras femininas que cercaram a nossa infância ou mocidade e que, na idade adulta, nos fazem tantas vezes encarar a vida

com menos desilusão e maior coragem. Da preta velha contadora de histórias à avó, à mãe de sobressaltados enlevos, à esposa que cicatriza com o bálsamo da compreensão as feridas da sorte, algumas mulheres brasileiras de José Lins do Rego redimem a humanidade trágica dos seus romances e são o único raio de luz que entra no ambiente sombrio da sua alma.

E, por mais estranho que pareça, a impressão de conjunto recolhida pelo leitor da obra de José Lins do Rego não é, afinal, de amargura e nojo da vida. Não sei bem explicar por que, mas se desprende do seu grande legado literário uma ternura humana, uma robusta e ingênua pureza, uma força vital tão caudalosa que arrasta, em redenção triunfante, os males retratados sem ódio, abrindo no horizonte uma clareira de fé. Talvez a razão seja esta, que acabo de enunciar sem querer: a ausência de ódio no espelho do mal.

A obra de José Lins do Rego, tão brasileira no conteúdo, é, também, brasileira nos fins. Embora puramente literária, ela nos convida não a descrer do Brasil, mas a nos desvelarmos para minorar os sofrimentos do nosso povo.

A glória do escritor está, hoje, perene. Os seus livros vão durar tanto quanto possa durar a nossa língua mestiça e saborosa.

Mas não é o romancista mais glorioso da nossa geração que desejo evocar nesta saudação final. É o homem puro, solidário e bom, o amigo forte, o menino de engenho encanecido, mas não envelhecido; o menino de engenho tocado pelas sombras e luzes da vida, que terá entrado, no seu jeito simples, sem cerimônia, como a preta Irene do poema de Manuel Bandeira, pelas portas do céu.

# II

# RESPOSTA DO SR. MANUEL BANDEIRA

Senhor Afonso Arinos de Melo Franco,

Relevai-me, relevai com todos os nossos caros confrades que eu faça aqui uma declaração de ordem muito pessoal: duas coisas não me agradam nesta ilustre Casa. A primeira é este tratamento na segunda pessoa do plural que serei forçado a dar-vos. Vou julgar-me um pouco ridículo dirigindo-me assim a quem é meu amigo há 33 anos, dezenove anos mais moço do que eu, e a quem me habituei a chamar Afonsinho enquanto não perdeu para o filho do mesmo nome o doce diminutivo. A segunda é esse aurisplendente fardão, que só me vestiu uma vez e sob o qual me senti não como glorioso itinerante *ad immortalitatem*, mas como um daqueles batráquios *chamarrés de pustules* do *Chantecler* de Rostand.

Cumpre advertir-vos que a indumentária acadêmica acentua bastante aquele ar despreocupadamente distante que, tomado por uns poucos vossos desafetos como presunção, empáfia, orgulho de família, os fazem dizer que tendes o rei na barriga. Se vos visse algum nesta casaca de gala, certo sairia daqui assoalhando que nela trazeis não só o rei, mas também a rainha, as damas da corte e todo o município de Paracatu.

Conheço eu, conhecem todos os vossos amigos mais chegados, a simplicidade e modéstia de vossa natureza, ainda que bom direito a orgulho de família tenha quem descende dos fundadores da civilização no mais fundo rincão mineiro, quem conta entre os seus avós o médico poeta autor da famo-

sa sátira *O Reino da Estupidez*, quem é filho de Afrânio de Melo Franco, um dos maiores estadistas da República, sobrinho de Afonso Arinos, o verdadeiro criador do conto regional brasileiro, irmão de Virgílio de Melo Franco, e, pelo costado materno, neto de Cesário Alvim.

Talvez por esse ar, que não vem do berço, pois em criança e adolescente contam os vossos companheiros que éreis bem mais comunicativo, seja responsável o desgaste dos anos, com as suas desilusões e melancolias (na bela oração que acabais de proferir aludistes à "tristeza irreparável da vida"), a reflexão filosófica sobre o mais sério de todos os temas, pois, para citar o vosso tão caro Montaigne, *mourir est la plus grande besoigne que nous avons à faire*.

Numa coisa, porém, acertariam os vossos desafetos, e é que trazeis de fato, não na barriga, senão nas partes mais nobres do vosso ser, todo o município de Paracatu. Eu avançaria mais e diria – toda Minas, a Minas da mata, a Minas da mineração, a de "ortografia tormentosa", e a Minas do Grande Sertão: Veredas (notai que nestas palavras acrescento a minha homenagem à que em vosso discurso prestastes ao grande escritor que veio convosco pleitear entrada nesta Casa). Todas as Minas, inclusive a morta, tão presente em vosso coração que vos levou a dizer certa vez que é a única Minas viva. Amais profundamente a vossa Minas, mas uma Minas integrada concentricamente na realidade mais vasta do Brasil. A esse respeito estabelecestes uma lúcida distinção entre o conceito do regional e do regionalista.

"Considerado sob o ângulo puramente literário e moral", escrevestes em vosso livro *Introdução à Realidade Brasileira*,

> o regionalismo é um fenômeno absolutamente legítimo e, mesmo, bastante louvável. Não existe verdadeiro sentimento nacional sem um forte sentimento do regional enraizado na alma de um povo. A imagem da Pátria é formada de um conjunto de tradições e de costumes locais. Onde essas e esses faltam não existe possibilidade de cultura nem, por conseqüência, de civilização.

Não falando de vosso primeiro trabalho publicado, a *Responsabilidade Criminal das Pessoas Jurídicas*, os vossos primeiros livros – *Introdução à Realidade Brasileira, Preparação ao Nacionalismo* e *Conceito de Civilização*

*Brasileira* – foram uma espécie de vigília de armas do cavaleiro que pretendia dedicar a vida ao serviço político de sua Pátria. Assim, abandonáveis as seduções da Poesia, que foi o pequeno jardim onde abriram as primeiras flores de vossa inteligência. Não que perdêsseis o dom da Poesia: ele reponta aqui e ali em toda a vossa obra de jurista, de historiador, de sociólogo, de político. Mas o poeta autor de poemas quedou satisfeitamente reduzido à condição de bissexto. Sabeis que não ponho no epíteto nenhum sentido depreciativo. Sabeis que tenho por grandes poetas alguns dos bissextos brasileiros. "O defunto", de Pedro Nava, e "A cachorra", de Pedro Dantas, são dois dos mais fortes e mais originais poemas da nossa Literatura.

No entanto, sei que por volta dos quinze anos fostes um sonetista frenético. Havia no Internato do Colégio Pedro II, onde fizestes a vossa instrução secundária, uma academiazinha, cuja atividade se exercia de modo muito fora do ordinário. Quando um dos seus membros sentia o estalo e perpetrava um poema, escrevia-o a giz no quadro negro e sofria a crítica dos colegas. Crítica impiedosa, não raro tumultuosa. Éreis um dos mais assíduos freqüentadores do quadro negro. Tínheis mesmo em casa, escondido numa gaveta, todo um livro de tenebroso título – *Caos*, grafado à antiga, com Ch, para aumentar a confusão. Um dia vossa irmãzinha Maria do Carmo descobriu os vossos originais, divulgou o segredo em casa e tivestes de arrostar uma infame campanha doméstica da parte de irmãos e primos. Entre estes últimos gritava Rodrigo: "Paus para o poeta do *Caos*!" O velho Afrânio sorriu indulgente. Em transe tão desastrado confortou-vos o juízo do bom Tristão da Cunha, que, sabendo do caso, ponderou que o título do livro quadrava bem à vossa adolescência.

Por algum tempo trouxestes a viola metida no saco. Mas na idade risonha e bela, que é a dos vinte anos como sabem todos os que, como eu, ainda lêem com gosto Tomás Ribeiro, andastes a publicar nas revistas literárias do tempo – a *Estética*, a *Revista do Brasil*, alguns raros poemas, em que tínheis abandonado pela musa lírica a musa filosófica e catastrófica do *Caos*. Um deles encantou-me porque, contando a história da matrizinha mineira de Boa Viagem que, construída em 1765 por ordem do senhor capitão-mor das Minas para os povos de Curral del-Rei, foi demolida em 1925 a fim de que em seu lugar fosse levantada uma igreja de estilo gótico, pusestes no poema

anedótico e piadista dois versos de infinitas perspectivas, dois versos que são grandes poemas em si: "Boa Viagem... Que lindo nome para um barco a vela!; "Boa Viagem... Que lindo nome para um cemitério!" Mereceria leitura aqui o vosso poema "Quase bucólico", tão cheio do "perfume brasileiro de madressilva", ou o poema para Santa Teresinha, única reincidência vossa no soneto.

Quando organizei a antologia dos nossos bissextos, logo pensei em alinhar-vos entre esses poetas, alguns dos quais mais tarde vieram a provar com livro a sua qualidade de contumazes na prática da Poesia. Bem o sabia eu: o que pretendi fazer foi pô-los em brio, e o consegui. Américo Facó, Joaquim Cardozo, Dante Milano, Paulo Mendes Campos acabaram publicando os seus livros, eximindo-se assim da situação, a muitos aspectos confortável, de bissexto. Fundado em que havíeis editado em 1942 o vosso drama lírico *Dirceu e Marília*, impugnou-me Pedro Dantas a vossa colocação entre os bissextos. Arinos, ponderou-me o autor de "A Cachorra", estava estudando a Inconfidência Mineira e de repente viu – manjou, como se diz em gíria – o tema do seu poema dramático. Este é fruto de uma elaboração mental bastante complexa; é uma construção, coisa de que um verdadeiro bissexto não será capaz.

O argumento de Dantas não me convenceu. Vós mesmo declarastes no prefácio ao drama que ele é "uma impressão lírica" da vossa etapa gonzaguiana, "impressão que se originou daqueles estudos tão natural e imperiosamente que eu (transcrevo as vossas palavras), esquecido já dos meus tempos de poeta, fui o primeiro a me surpreender". Que poetas, senão os bissextos, se esquecem de ser poetas? Sustento, pois, que *Dirceu e Marília* não passa de *délassement* de erudito. Sustento, aliás, que o idílio mineiro do nosso prezado desembargador foi um namoro meio sem graça. Em vosso *Roteiro Lírico de Ouro Preto*, verdadeiro poema em prosa, como justamente o chamou Alphonsus de Guimaraens Filho, acoimastes de temerário e leviano esse meu juízo. Ora, Rodrigues Lapa assinalou com agudeza o ideal familiar e burguês desses amores, tão bem ilustrado pela Lira n.º 3 da terceira parte.

Tão rala é a substância lírica daqueles amores que tivestes de a engrossar no fogo lento das conversas entre os três inconfidentes – Cláudio, Gonzaga e Alvarenga Peixoto.

Mais comovido e mais comovente me pareceis quando tratais o episódio da Inconfidência, não como poeta, mas como historiador e sociólogo.

Com valor vos rebelastes contra a opinião daqueles que não querem ver no movimento libertário mineiro senão um devanear de poetas, a que a leviandade e bravura do alferes acabaram por emprestar cores trágicas. Para vós, muito ao contrário, a Inconfidência representa "a mais substancial das tentativas de emancipação do Brasil, mais, mesmo, do que o próprio movimento vitorioso da Independência". E isso em virtude do quê? Em virtude do fundo de idéias que a informava. Ora, sois na vida, antes que tudo, um apaixonado das idéias. Essa reabilitação da Inconfidência, esboçada em artigo de crítica recolhido em vosso livro *Espelho de Três Faces*, desenvolveste-la posteriormente no admirável ensaio *As idéias da Inconfidência*, para provar, como de fato provastes, que o malogrado movimento foi uma dessas raras ocorrências que, sem chegar a explodir objetivamente, marcam fundo o presente de um povo e se projetam no seu futuro mais remoto. Sem sombra de dúvida lançou a Inconfidência Mineira na consciência brasileira e para todo o sempre a semente do seu mito mais belo: o verdadeiro herói de nossa libertação não foi o príncipe luso gritando "Independência ou morte!" nas margens do Ipiranga. Mas o Alferes Xavier morrendo por sua idéia enforcado e esquartejado.

O primeiro manifesto dessa revolução de idéias, disseste-lo, e com razão, está num poema – as *Cartas Chilenas*. Aqui trocamos um dos pontos altos da vossa atividade de crítico literário. Ao tempo em que escrevestes para o *Diário de Notícias* "A Poesia da Inconfidência", tínheis como definitivamente identificado autor da famosa sátira o mesmo louvaminheiro poeta do *Parnaso Obsequioso*. Havíeis aceitado fraternalmente, apressadamente, a tese de Caio de Melo Franco (relembro aqui com saudade o mais alegre, o mais extrovertido dos Melo Franco). Caio tinha evidentemente um fraco por Glauceste Satúrnio. Ao contrário do nosso querido mestre Afonso Pena Júnior, que quando fala de Cláudio Manuel da Costa cerra o cenho e rilha os dentes, como se o desventurado inconfidente fosse um seu contemporâneo de mau caráter.

Foram as pesquisas relativas à Inconfidência que vos deram oportunidade para examinar pessoalmente o problema da autoria das *Cartas Chilenas*. Estudando o ambiente intelectual e social de que a sátira é o mais típico fruto, acudiram-vos as primeiras dúvidas sobre a atribuição de sua autoria a Cláudio. Comunicaste-las a vosso amigo Luís Camilo de Oliveira Neto, que,

por sua vez, em escavaçõesz aqui e em Portugal descobriu muito documento fortalecedor da tese favorável a Gonzaga. Também meti nessa panela fervente a minha colherzinha torta. Não tinha nenhuma idéia preconcebida. Minto, tinha-a sim, e era que as Cartas bem podiam ser obra, não de Cláudio, nem de Gonzaga, mas de algum bissexto oitocentista. Nunca aceitara eu o argumento de certos críticos, a saber: em Minas não havia ao tempo, fora do grupo dos árcades, outro poeta que pudesse escrever aqueles versos. Por que não? Essa gente não sabe de que é capaz um bissexto em boa forma. Tentei a prova estilométrica e quando li na primeira Carta os versos

> Inda que o vento, que d'alheta sopra,
> Lhes inche os soltos, desrinzados panos?

[...] lembrei-me destes outros que estão na Lira 17 da terceira parte de *Marília de Dirceu*:

> Verás, verás d'alheta
> Soprar o brando vento;
> Mover-se o leme, desrinzar-se o linho

"D'alheta" e "desrinzar" são termos no emprego raro fora do meio náutico. Aliás, nenhum dicionário registra a forma "desrinzar": registram alguns é "desenrizar". Morais não registra nem uma nem outra. Essas duas expressões da Lira valem na Carta, me parece, por uma verdadeira assinatura. Devo dizer que, fazendo essa descoberta, estava eu arrombando uma porta aberta, pois Alberto Faria, que eu não havia lido, como não havia lido nenhum outro autor que se tivesse ocupado do assunto dentro do ângulo da linguagem, da metrificação e do estilo, e assim procedi para não me deixar influenciar num sentido ou noutro, Alberto Faria já assinalara a notável coincidência. Às minhas observações neste terreno juntastes as vossas. À prova estilística acrescentastes as dos fatos, e bastante convincente me soa aquilo a que já havíeis aludido antes no livro *Terra do Brasil*. O Silverino das *Cartas*, acusado veementemente pelo poeta de advogar negócios escusos junto ao Governador Minésio, é o traidor Joaquim Silvério. Este, na denúncia da

Inconfidência ao Visconde de Barbacena, só nomeia um homem – Gonzaga, apontando-o como cabeça da conjuração. "Ora", argumentais, "o *ódio* de Joaquim Silvério é uma demonstração bem clara de que Silverino sabia bem a origem do bote sarcástico que viera feri-lo na sombra". Vosso prefácio à edição que fizestes das *Cartas*, edição enriquecida de tantas notas preciosas, é um modelo de crítica de atribuição. De resto as contribuições de mestre Afonso Pena Júnior vieram dar o tiro de misericórdia nas teses antigonzaguianas.

Os vossos primeiros livros – *Introdução à Realidade Brasileira*, *Preparação ao Nacionalismo*, já revelavam com bastante força o escritor e o pensador social, sem deixar no entanto de acusar ainda uns resíduos de adolescência, desejosa de se apresentar com a circunspeção da idade madura. Faláveis aos rapazes pouco mais moços do que vós como se fôsseis um velho, carregado de experiência. "A primeira sensação de velhice", escrevíeis, "nos assalta antes dos trinta anos, e nos apanha com a instantaneidade das catástrofes. O homem se sente, pela primeira vez, velho, quando percebe que não é mais o *mais moço*." E pensáveis sorrir com requintada ironia ao interromper as palavras do vosso intróito à *Preparação ao Nacionalismo* com as apóstrofes: "É verdade, rapazes, vocês ainda lêem o Eça? Vocês ainda lêem Proust? Vocês leram Flaubert?" E no fim, ao perguntar cepticamente se haverá no mundo alguma coisa de novo: "A propósito, rapazes, vocês já leram o *Eclesiastes*?"

Amadurecestes, porém, rapidamente, e já em *Conceito de Civilização Brasileira* aludíeis às "ingenuidades explicáveis num escrito de primeira juventude".

Na vossa dedicação à terra do Brasil esses primeiros livros, de encantadora frescura, representam aquele estágio de conhecimento preparatório do amor. Dissestes muito bem que

> o sentimento afetivo pelo que não se conhece é um estado superficial de excitação emotiva, é uma disponibilidade difusa para o amor, mas não é amor. Trata-se de uma atitude intransitiva, sem objeto direto, uma ênfase da imaginação, que se quebra, como a das ondas, no estrondo da retórica, e que se satisfaz com o ribombo de sentenças tão declamatórias quanto falsas. O amor, repitamo-lo, é um ato de conhecimento. Um querer bem viril, repousado e diligente,

feito de luz intelectual e de ternura, diferente do apego histérico, vazio, vaidoso, dos que pretendem amar sem conhecer.

No ano de 1937, tínheis então 32 anos, três livros vieram marcar a vossa maturidade intelectual – *Espelho de Três Faces*, *Roteiro Lírico de Ouro Preto* e o *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*. *Espelho de Três Faces, Mar de Sargaços,* que é de 1944, e *Portulano,* de 1954, registram a vossa passagem pela crítica literária militante. Na releitura de todos os vossos livros, salvo a *História do Banco do Brasil*, para a qual me faltou coragem, vi, com desvanecimento, o meu nome citado em quase todos. Em *Espelho de Três Faces* incluístes mesmo um ensaio sobre a minha pessoa, ensaio que levantou celeuma no tempo, porque nele me definíeis como "o homem contra a Poesia", isto é, Bandeira homem estaria em permanente contradição com Bandeira poeta. É possível que tenhais razão, pois ainda sem raiar na Poesia, ainda como homem tão-somente, sinto-me freqüentemente em profunda contradição comigo mesmo.

O *Roteiro* é mais uma declaração de amor à velha cidade do Aleijadinho, e das mais belas e mais comovidas que já se fizeram. Nela já vinha recolhida a toada diamantina que nos últimos anos ganhou nomeada presidencial. Falo do "Peixe vivo".

Quanto ao *Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, é um marco importante em vossa obra. Com ele entrastes definitivamente na Literatura mundial, já que o vosso livro se tornou um clássico na bibliografia do assunto. Na elaboração desse magnífico estudo de Literatura comparada, partistes do segundo Discurso de Rousseau e do ensaio de Montaigne sobre os Canibais. Mas verificastes que nem Rousseau e Montaigne, nem os franceses que vieram depois – Chinard, Ferdinand Denis, Paul Gaffarel, nem ainda os brasileiros que se ocuparam do tema tiveram consciência de quanto influiu o conhecimento dos nossos índios, ou melhor, o falso conhecimento dos nossos índios, sobre a formação das idéias revolucionárias que acabaram provocando a explosão de 1789. Foi uma árdua pesquisa, em que rastreastes o conceito da bondade natural do homem, desde o Renascimento. Estáveis, aliás, no vosso elemento, que, como já disse, são as idéias e sua ação sobre o meio social e político.

Os livros *Responsabilidade Criminal das Pessoas Jurídicas*, *Síntese da História Econômica do Brasil, Idéia e Tempo, Homens e Temas do Brasil,*

*Desenvolvimento da Civilização Material no Brasil, La Literatura del Brasil, As Leis Complementares da Constituição, Histórica e Teoria do Partido Político no Direito Constitucional Brasileiro, Estudos de Direito Constitucional* e *Curso de Direito Constitucional* assinalam a vossa atividade como professor. Informam essas obras sobre a vossa agudeza crítica, sobre a amplitude de vossa erudição, clareza e lógica dos vossos métodos de trabalho, mas a tudo isso há que acrescentar o prestígio de vossa presença, e quem já teve a fortuna de vos ouvir numa preleção sabe que formais entre os luminares do nosso magistério.

Como bom mineiro que sois, não podiam faltar ao vosso quadro as notas humorísticas, e uma delas, deliciosa, está na malícia com que, a propósito do falecimento de João Pinheiro, contais o que se passou na Câmara quando morreu Machado de Assis. Um simples voto de pesar pedido pelo deputado Herédia de Sá. O representante do Distrito Federal era um tipo alto e magro, aprumadíssimo. Gostava de passear a sua elegância estranha pelas ruas do Centro, elegância que se caracterizava principalmente pela sobrecasaca cinzenta com que era visto a qualquer hora do dia ou da noite. Os jornalistas zombavam dele, diziam que tinha sido alfaiate e era homem de poucas letras. Pois foi esse homem de poucas letras que na sessão de 29 de setembro de 1918 tomou na Câmara a iniciativa da homenagem ao grande morto. Esta foi rápida. O Sr. Herédia de Sá: "Peço a palavra." O Sr. Presidente: "Tem a palavra o Sr. Herédia de Sá". Herédia diz que, chegando-lhe no momento a notícia da morte do glorioso escritor brasileiro Machado de Assis, julga bem interpretar o sentimento de luto da Nação pedindo seja inscrito na ata da sessão um voto de profundo pesar por tão infausto acontecimento. E o Presidente: "Os senhores que aprovam o requerimento queiram levantar-se." (Pausa.) Foi aprovado. Continua a primeira hora da sessão. Se mais ninguém pede a palavra, passa-se à ordem do dia. Ninguém mais pediu a palavra e passou-se à ordem do dia. Note-se que esse Presidente tão expedito era Carlos Peixoto.

Faltará talvez em vossa grande obra a sensação de perspectiva. E será porque, no desenrolar da história republicana, somos sempre introduzidos na intimidade de cada episódio, de que passamos a participar violentamente, apaixonadamente? O caso das cartas falsas atribuídas a Artur Bernardes é um

exemplo. Soube que mais de uma pessoa saiu da leitura das páginas do livro relativas ao diabólico dolo convencida da autenticidade das cartas. Eu que vivi aqueles dias sacudido entre a certeza e a dúvida, acho cabal a vossa demonstração: tudo o que dizeis e a dúvida meridianamente a boçalidade cafajéstica dos dois documentos forjados por Jacinto Guimarães. Bernardes, honra lhe seja, nunca foi cafajeste, como têm sido tantos dos nossos políticos republicanos.

A leitura do vosso livro deixa-nos afundados até a cabeça num poço de melancolia. Se a atualidade política brasileira nos assusta e entristece, a verdade é que o passado não foi melhor. Felizmente vós mesmo nos socorreis, como já havíeis feito em *História e Teoria do Partido Político no Direito Constitucional Brasileiro*, mostrando que o Brasil vai aprendendo, vai-se organizando, vai progredindo dolorosamente através de todos os desacertos e apalpadelas.

Sr. Afonso Arinos, assim como a coragem me faltou para reler a *História do Brasil,* faltou-me ela também para ler os vossos discursos políticos, os vossos pareceres nas comissões da Câmara. Abri exceção para o voto em defesa da Liberdade de Imprensa, onde citais tão apropriadamente a frase de Thiers: "Prefiro ser governado por homens honestos chamados de ladrões, do que por ladrões chamados de homens honestos." Não preciso definir-vos como tribuno: toda a gente conhece a vossa força e a vossa elevação em tal terreno.

Acabais de exibi-las no elogio que fizestes dos vossos antecessores nesta Casa. Sobretudo na visão sucinta e bem marcadamente pessoal da obra de José Lins do Rego. Sob a pretensa intenção, demasiado acentuada pelos críticos, de fixar e interpretar a desagregação e decadência de certa estrutura social, descobristes na obra do grande romancista uma realidade muito mais ampla – o sentido absurdo, a fatalidade, o vazio da vida. Pusestes em relevo o dom soberano do escritor – o poder intenso da imagem. E concordei convosco quando apontastes *Fogo Morto* como o ponto mais alto da ficção de Lins do Rego. Certa vez entrei na Confeitaria Colombo e deparou-se-me coisa que é rara ali: uma comprida mesa cheia de alegres convivas. Quase todos eram cabeças-chatas na flor da idade. Imediatamente palpitei: o *scratch* cearense de futebol! E era mesmo. Enquanto almoçava, fiquei observando-os. E o tipo físico dos jogadores, o plano braquicéfalo, uma ou outra inflexão cantada que me chegava aos ouvidos me foram enchendo de uma estranha emoção, em que

ao cabo reconheci o velho sentimento de Pátria, despertado assim mais fortemente do que por manifestações oficiais ou de encomenda. Senti-me então torrencialmente submergido naquela "onda viril de fraterno afeto" a que fiz alusão no meu poema do "Marinheiro Triste".

Pois bem: a mesma aura de emoção, o mesmo amor da Pátria: total identificada numa expressão regional me salteou desde as primeiras páginas de *Fogo Morto*.

Dizia-se que Lins do Rego só era bom mesmo na psicologia dos fracassados, dos indivíduos de vontade fraca, do tipo de Carlos de Melo: o mestre José Amaro e sobretudo Vitorino Carneiro da Cunha – Vitorino Carneiro da Cunha, não! Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, o homem pagou patente e a defendia no campo da honra! – vieram mostrar que o nosso amigo trazia todo o Nordeste no sangue. E justamente o capitão Vitorino me parece de longe a criação mais acabada, mais viva, de toda a sua galeria de tipos. Aquele Quixote do Nordeste não precisou de novelas de cavalaria para esquentar a imaginação e criar fibra de herói andante, defensor dos pobres e paladino da justiça. Não tinha sequer um Sancho Pança a acompanhá-lo, não queria auxílio de ninguém e toda a sua fortuna era o punhal de Pasmado e uma burra velha caindo aos pedaços pelas estradas. Mentiroso sem baixeza, vadio sem preguiça, valentão sem muque, desacatado até pelos garotos que o enfureciam ao gritarem de longe a alcunha indecente, Vitorino – dobre a língua, o Capitão Vitorino – mal escondia debaixo dos seus despropósitos uma pureza de criança. E só mesmo os demônios como os cangaceiros de Antônio Silvino ou os "macacos" da volante do tenente Maurício ousavam bater-lhe. Mas Vitorino Carneiro da Cunha jamais foi moralmente vencido. As cenas em que o romancista descreve a intrepidez desbocada do velho em face da crueldade dos bandidos do cangaço ou da polícia estadual são verdadeiramente épicas e se colocam, como a da surra terapêutica do mestre José Amaro na filha doida, entre as mais fortes de sua obra, se não ainda de toda a ficção brasileira.

Os romances de José Lins encantavam-me duas vezes: quando eu os lia e antes, quando, na fase em que ele os estava escrevendo, me ia narrando os sucessivos episódios. O romancista falava, então, não como se me estivesse expondo a sua ficção, mas como se falasse de personagens reais de carne e osso. Era uma delícia. E a obra sempre lhe saía da pena com aquele calor

humano que fazia esquecer certas falhas do escritor, avesso ao trabalho de reler e emendar (sabe-se que escrevia sem rasuras e só corrigia uma vez – quando ditava o texto original para a datilógrafa).

O homem Lins do Rego valia o romancista. Os seus defeitos eram todos defeitos nascidos da generosidade. Dizem que como fiscal do imposto de consumo nunca multou ninguém. Não estava certo, mas a falta resultava do seu bom coração. Nunca errou por mesquinharia. Era homem sem "bondades", como disse nordestinamente de certa personagem de um dos seus romances: sem "bondades", quer dizer, sem maldades.

Sr. Afonso Arinos de Melo Franco, no pesar irresistível de ter perdido tão cedo o grande escritor e grande amigo que era José Lins do Rego, temos o consolo de o ver substituído por quem reúne em sua pessoa as mesmas excelências que no-lo faziam um companheiro tão caroável. Assim, o "pequeno Brasil" que é o meu Nordeste passa o facho à vossa Minas "materna, nutriz e criadora".

O poeta Rui Ribeiro Couto, que é quem deveria estar aqui para saudar-vos, e só a doença o impediu, escrevia em setembro de 1927 a um rapaz do grupo Verde de Cataguases: "O caso mais maravilhoso de precocidade na última geração (mais ou menos a sua) é Prudente de Morais neto, ao lado de Afonso Arinos Sobrinho. Isso quanto ao Rio. Em Minas, os casos maravilhosos são inúmeros."

Uns dez anos depois Couto e vós estáveis no Sanatório Bella Lui em Montana respirando "nas resinas do ar a fama, o poder, a riqueza". "– Ai, pulmão, ainda hás de sarar. /Ai! hão de ser cicatrizes estas feridas do pulmão!" dizia o poeta num dos poemas do livro, todo para vós e para vossa Annah, o *Cancioneiro de D. Afonso*. Couto acertou: as feridas cicatrizaram, a fama veio para vós ambos. Couto, quando obscuro repórter de um vespertino carioca, tinha os olhos no posto de embaixador: ei-lo hoje à testa de uma embaixada, tendo iniciado a carreira como auxiliar de consulado extranumerário e sem vencimentos. Vós, ao tempo da *Introdução à Realidade Brasileira*, creio que sonháveis com a presidência de Minas, para todo mineiro mais cobiçável do que a Presidência da República. Ainda não chegastes lá, nem sei se ainda o desejais, eu é que não o desejo para vós e acho até que será da

maior vantagem para vós, para nós e para as Letras brasileiras que não chegueis nem a senador.

Já prestastes bastantes serviços à Pátria no setor da política. A verdade é que não pertenceis ao seu mundo. O vosso mundo é o das idéias, com as quais privais com incomparável elegância. Muito esperamos ainda de vós como estudioso de nossa profunda e dolorosa realidade. Sereis menos útil como político do que como doutrinador de políticos. Quando tínheis 24 anos escrevestes este belo poema:

Eu quis construir um barco salvador
Que me libertasse do isolamento da ilha deserta,
Da minha ilha árida, cercada de água violentas.

Aos poucos fiz crescer sobre a areia virgem
O casco possante,
A proa alta, orgulhosa como ave migradora.
Dei-lhe remos que furassem o ventre das ondas.
Dei-lhe velas,
As grandes velas brancas que o fizessem deslizar...

Oh! o desejo de abandonar para sempre a solidão
[impenetrável
E fugir livremente nas águas largas e azuis!

Só depois de ter gasto todo o meu esforço
Foi que vi que meu barco era enorme, pesado,
E que eu nunca conseguiria arrastá-lo até o mar.

Meu caro Afonso Arinos de Melo Franco, o Robinson Crusoé Afonso Arinos Sobrinho, também assinado Afonso Arinos, o moço, estava enganado, não tinha ainda consciência de sua pujante musculatura. O barco deixou a praia, ganhou o mar alto, a glória soprou de feição em suas grandes velas brancas. Trouxe-vos até esta Casa, que vos será um porto seguro de escala, onde, ao calor de muitas amizades, podereis continuar a vossa obra de mestre admirado e querido.

Discurso do
SR. IVAN LINS

e

Resposta do
SR. RODRIGO OCTAVIO FILHO

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 12 de dezembro de 1958*

# I

# DISCURSO DO SR. IVAN LINS

Longa e rude foi a escalada, mas, afinal, vejo-me entre vós, senhores acadêmicos, dois decênios após haver iniciado em vosso salão nobre, a comemoração do oitavo centenário de Saladino.

Não posso dizer, como o pregador famoso, que seja tarde, muito tarde... A verdade é, porém, que vinte anos na exigüidade da vida humana, constituem quase uma existência. Pouco mais viviam os românticos da estirpe de Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Castro Alves.

Se já vão distantes, para mim, os dourados anos da juventude, nem por isto se me arrefeceu o propósito da elevação do nosso nível cultural, não só através de cursos, conferências, artigos e livros, mas das atitudes da própria vida. Hoje, como há vinte anos, continuo a nutrir aquele mesmo ideal de Léon Gautier, a que me referi na série de conferências que, diante da incompreensão de uns poucos, aqui interrompi em setembro de 1938, apesar de vossa desvanecedora autorização para concluí-las neste recinto de tão altas tradições:

> Engrandecer as almas, subtraí-las ao mercantilismo, que as avilta e ao egoísmo que as mata, comunicando-lhes generosos entusiasmos pela Beleza ameaçada ou pela Verdade, que parece vencida. Há mais de uma espécie de Cavalaria e os grandes golpes de lança não são obrigatórios.

> Na falta da espada, temos a pena; na falta da pena, a palavra, e, na falta da palavra, a honra de nossa vida.

Ao me dardes acesso ao vosso convívio, devo, portanto, agradecer-vos, senhores acadêmicos, não só por mim, mas por muitos daqueles que representam o Brasil no que possui de mais puro e promissor – os moços, que ainda os há empolgados pelos mesmos ideais inspiradores dos meus primeiros empreendimentos literários e para os quais uma decisão como a vossa, no meu caso, há de constituir uma fonte do mais nobre incentivo.

E consenti que ao lado das de Laudelino Freire, Roquette-Pinto, Afrânio Peixoto, Rodrigo Octavio e Miguel Osório de Almeida, que paraninfaram aqui alguns de meus cursos e conferências, eu evoque perante vós a figura austera e amada de meu Pai. Quando, em 1942, me inscrevi na vaga de Xavier Marques, a minha candidatura foi, por assim dizer, muito mais dele do que minha, tão grande era a sua aspiração de ver-me entre vós. Embora preso ao leito pela enfermidade que dois anos mais tarde o arrebataria à vida, foi ele quem, através de cartas e telegramas a quantos amigos tinha, animou a campanha a favor do filho que com ele aprendera a língua e a Literatura de sua predileção, e com ele, já debruçado sobre a eternidade, esquadrinhava debalde os desvãos da filosofia em busca de uma solução para os torturantes problemas da origem e do fim do homem.

Em vossa ilustre Companhia apoiavam a ação de meu Pai quase todos os acadêmicos que citei e especialmente Roquette-Pinto, que, além de amigo, era meu correligionário de credo científico e filosófico. Fora da Academia, batiam-se ainda por mim, entre outros, Edmundo Bittencourt, Francisco Mendes Pimentel e O General Cândido Mariano Rondon.

Se, pois, como diz Tácito, "há um lugar para os manes dos homens virtuosos; se, como apraz aos sábios, não se extinguem com o corpo as grandes almas" – *si quis piorum manibus locus, si, ut sapientibus placet, non cum corpore extinguuntur magnae animae* – e se nesse "etéreo assento" "memória desta vida se consente", acompanhando-se o que ocorre em nossa humílima esfera (consolo que, infelizmente, não me acalenta o espírito), meu Pai e os amigos que acabo de recordar, também hão de estar agradecendo-vos.

Quanto aos que comigo se solidarizaram na candidatura de que afinal resultou a minha eleição, foram eles tão numerosos que me vejo privado do

prazer de mencioná-los para testemunhar-lhes de público o meu reconhecimento. Permito-me apenas destacar aquela que, prolongando, há mais de um quarto de século, os desvelos de minha inesquecível Mãe, é o anjo do meu lar e constitui, com os meus filhos, a alegria de minha vida.

A altitude desta tribuna não me faz esquecer a advertência de Pascal sobre a odiosidade do *eu*. Prometo-vos, pois, senhores acadêmicos, não mais falar em mim. Antes, porém, quero externar-vos a minha alegria por haverdes designado para receber-me o confrade que,

*Et par droit de conquête et par droit de naissance*, admiravelmente continua, entre vós, as tradições literárias do Ministro Rodrigo Octavio.

Por ter sabido conservar e engrandecer o patrimônio intelectual que herdou, repetiu Rodrigo Octavio Filho, pela primeira vez no Brasil, o que, no dealbar do século XVIII, conseguiu o Duque de Coislin ao suceder, na Academia Francesa, a seu próprio pai. Ao vê-lo entre vós sinto que ainda está presente nesta Casa o companheiro de Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Olavo Bilac, Afonso Celso, Magalhães de Azeredo e demais figuras primaciais de nossas Letras que, com ele, fundaram a Academia.

## ADELINO FONTOURA

Para Adelino Fontoura, patrono da Cadeira que ora venho ocupar, a Academia tem sido, sem dúvida, o seguro de vida literária, função que aos grêmios da natureza do vosso atribuía Afrânio Peixoto.

E, na verdade. Não fosse ele patrono da Cadeira I, fundada por Luís Murat, e ninguém saberia nem mesmo da sua existência. Em vão se procurará o seu nome em várias das mais autorizadas histórias da nossa Literatura.

Nem Sílvio Romero, nem José Veríssimo, nem Ronald de Carvalho, para só citar alguns dentre os mortos, referem-se ao patrono da Cadeira I da Academia. Ficaria, assim, evidenciada a inanidade da divisa *ad immortalitatem*, que deixaria de ter sido assegurada logo ao primeiro patrono desta Casa, confirmando-se melancolicamente o que observa Latino Coelho: "muitas vezes o mundo, ao depositar na última jazida os restos do homem, a quem cingiu com a auréola de efêmeros triunfos, diz com arrogância ao túmulo: 'Tu

não apagarás o nome que ilustrou um dia as cinzas que te confio.' E o túmulo esconde no esquecimento as cinzas e mais o nome..."

Talvez haja sido por isto que, com aquele ar simples de quem parecia incapaz de uma ironia, Afonso de Taunay, ao suceder a Luís Murat, começou o seu discurso reportando-se à Cadeira zero, ocupada, já na Academia Francesa, por "ilustríssimos desconhecidíssimos" acerca dos quais, nem à custa de fatigantes buscas em enciclopédias e dicionários literários e biográficos, nada se consegue saber. O fato é que, em sua longa peça oratória, o meu antecessor se restringiu a mencionar o nome de Adelino Fontoura sem tecer a seu respeito qualquer comentário. Mais feliz do que ele, posso cumprir, em relação ao nosso patrono, a praxe desta Casa. E faço-o graças ao crítico que, nas palavras de Nilo Bruzzi, desde a mocidade "se recolheu ao mundo do espírito e passou a criar o seu próprio universo através dos bons livros e do trabalho paciente de pesquisas intelectuais".

Aludo – vós o sabeis – a Múcio Leão, em cujos "Autores & Livros" e em *Dispersos* (publicação da Academia por ele organizada e anotada) encontrei não só os informes acerca de Adelino Fontoura, mas, o que *é* tão ou mais importante – quase toda a sua produção literária.

Adelino Fontoura nasceu no Maranhão, em 1859, no povoado, hoje vila de Axixá, à margem esquerda do Mearim.

Por esse tempo, no apogeu da glória, ainda vivia Gonçalves Dias, a quem, de modo especial, atraía esse rio. É que, beirando as suas águas, possuía uma propriedade o Dr. Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, ao calor de cuja amizade mais de uma vez recorreu o cantor dos Timbiras a fim de refazer-se, nesse bucólico recanto, das desilusões que lhe deparara a vida.

Nessas deliciosas paragens
"[...] as aves docemente atitam,
De ramo em ramo – docemente o bosque
A medo rumoreja –, a medo o rio
Escoa-se e murmura [...]"

e aí, mais de uma vez, em sonhos, almejaria o poeta que sua amada vestisse "as formas da neblina" e fosse

> [...] nos raios trêmulos da lua
> Cantar, viver e suspirar consigo...

Os pais de Adelino foram Antônio da Fontoura Chaves e D. Francisca Dias Fontoura. Depois de ter sido caixeiro em São Luís e ator em Recife, veio Adelino aos vinte anos, para o Rio, onde, segundo diz o seu amigo de infância Artur Azevedo, após trabaIhar no comércio, se iniciou na imprensa, com Lopes Trovão, no jornal consagrado à propaganda republicana – *O Combate*. E, cessado este,

> não por falta de combatentes, como o do Cid, mas pura e simplesmente por falta de leitores, Ferreira de Meneses, que apreciava imensamente o jovem poeta, ofereceu-lhe um lugar na redação da *Gazeta da Tarde*, que acabava de fundar. Foi aí que desabrochou plenamente o incontestável talento de Adelino.

As páginas da *Gazeta da Tarde* e as da *Gazetinha*, fundada e dirigida por Artur Azevedo, são "o repositório dos seus melhores escritos em prosa e verso".

Em *O Combate* de 23 de abril de 1880 publicou Adelino o terceiro capítulo de *O Embróglio*, romance que seria feito por vinte autores, tendo sido o primeiro capítulo escrito por Araripe Júnior, publicado em 14 de abril daquele ano, enquanto o segundo, da lavra de José do Patrocínio, saiu em 16 do mesmo mês.

João Ribeiro, que conheceu Adelino Fontoura na *Gazeta da Tarde*, dele traça um retrato pouco favorável: dava-lhe a impressão de "um sujeito de bom gosto nas Letras, mas ignorante e talvez presumido". Este feitio que, em Adelino, vislumbrou o grande crítico, possivelmente decorria do orgulho do poeta maranhense, assim caracterizado por Aluísio Azevedo na secção "Tipos e Tipões" de *A Gazetinha*, de 21 de fevereiro de 1882:

> Adelino Fontoura é o cabeçudo maior que eu conheço! Tem o côco duro e áspero dos provincianos teimosos e impertinentes! A sua cabeça redonda, grande, e de cabelo curto, não se vergaria a uma imposição de qualquer gênero, partisse ela do governo, da Igreja, da sociedade ou simplesmente, o que é mais sério, de uns labiozinhos femininos e rosados. Ele é refratário à ternura como ao elogio e às leis da etiqueta. Franco e orgulhoso. Diz abruptamente o que pensa sobre qualquer assunto ou sobre qualquer sujeito, e recusa oferecimentos de serviços, com escrúpulo de ser humilhado. Por isso algumas pessoas vêem nele um bicho; outras pretendem ver um grande espírito de contradição. Eu vou com os últimos. Fontoura é um imenso espírito de contradição. Ele deixa transparecer o seu talento, porque supõe que com isso desagrada. No dia em que se convencesse que o desejavam inteligente ele se fingiria estúpido. Tudo, menos concordar com a opinião pública! Entretanto, quer ele queira, quer não queira, há de ser fatalmente um talento de primeira mão. Mas o seu talento vê uma légua adiante da sua instrução. Fontoura o que possui não vem de fora, vem de dentro. Tirem-lhe o grande espírito original, que constitui a sua individualidade artística, e ele ficará reduzido a um tipo rabugento e vulgar. Com um pouco de trabalho, poderia ser uma das rodas principais da geração antipática ao Sr. Sílvio Romero, mas Fontoura aborrece o trabalho de paciência e deixa que o talento vague a seu bel-prazer. Adora o Ramalho Ortigão e tem 23 anos incompletos. Sabe fazer versos, e, quando alguém o desagrada ele ataca seis adjetivos e oito advérbios explosivos, que atordoam o adversário. De resto, um caráter perfeito. Tem garras ferinas no estilo, mas penugens angélicas no coração. Uma mulher dificilmente o amaria, porém qualquer criança o adora.

Adelino Fontoura, que morreu tuberculoso aos 25 anos, num hospital de Lisboa, é o único patrono da Academia que não deixou nenhum livro publicado, não se podendo, assim, a não ser pelo depoimento dos que com ele conviveram, ajuizar do seu valor.

Dele ficaram, contudo, alguns sonetos que consolidam a sua reputação literária, e, entre outros o que se intitula

CELESTE

É tão divina a mágica aparência
E a graça que ilumina o rosto dela,
Que eu concebera a imagem da inocência
Nessa criança imaculada e bela.
Peregrina do céu, pálida estrela,
Exilada da etérea transparência,
Sua origem não pode ser aquela,
Da nossa triste e mísera existência.

Tem a celeste e ingênua formosura
E a luminosa auréola, sacrossanta
De uma visão do céu, cândida e pura.

E quando os olhos para o céu levanta,
Inundados de mística doçura,
Nem parece mulher – parece santa.

Foi Adelino um daqueles poetas do último quartel do século XIX quase exclusivamente julgados através de suas qualidades pessoais, porquanto as suas obras, como frisava Miguel Couto, consistiram, sobretudo, em *ditos, repentes, centelhas espalhadas ao vento*... A impressão deixada por Adelino na roda boêmia que freqüentou foi de tal ordem que muitos anos depois de sua morte os organizadores da Academia acharam perfeitamente cabível fazê-lo patrono da Cadeira fundada pelo vate de *Ondas*.

LUÍS MURAT

Parnasiano, ainda fortemente impregnado de romantismo, teve Luís Murat a pouca sorte de ser contemporâneo de quatro dos nossos maiores lapidários do verso – Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Vicente de Carvalho.

Possuidor de grande cultura, não só literária e clássica, mas filosófica, sendo seus íntimos Homero, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes: Platão, Hesíodo,

Píndaro, Shakespeare, Dante, Victor Hugo e Augusto Comte, não se contentava o cantor de "Sara" em ser poeta. Sua ambição era ser um *grande poeta,* como um daqueles gigantes em cujo convívio se comprazia.

Ao assinalar José Veríssimo afinidades entre o poeta de "Primaveras" e Murat, este ofendeu-se e declarou com altivez: "Não sou discípulo de Casimiro de Abreu nem de ninguém: *mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre*!

Não se resignava Murat em escrever versos famosos: queria compor algo, como a *Ilíada*, capaz de desafiar a ação dos séculos, e, por isto, desprezava o soneto, achando que extenuava, esterilizava e desavigorava o engenho. Para ele, esse gênero de composição é *o pé atrofiado pelo sapato chinês*, enquanto *a poesia de largo fôlego afaz-nos às grandes idéias*, tornando dúctil o pensamento, expurgando-e as demasias e obscuridades...

Depois de aplaudir a felicidade com que M. Paulo Filho caracterizou Luís Murat chamando-lhe *escultor de fragmentos*, comenta Humberto de Campos:

> E assim é, realmente. O que produziu reduz-se a um amontoado de pedras talhadas bruscamente, e cujo lugar na escultura ideada só ele compreendia. Ao atravessar a fronteira dos 45 anos, compreendeu o poeta a inanidade da sua aspiração. A consciência do seu erro, aliada à certeza de que trabalhara mais do que os seus companheiros de geração, pois era mais culto do que eles, tornara-o amargo, irritadiço, revoltado.

Está assim explicada a ansiedade em que Murat passou a vida e à qual alude Afonso de Taunay em seu exaustivo estudo ao sucedê-lo nesta Casa.

Diante da pequena ressonância encontrada pelos seus versos, era insopitável a mágoa de Murat, explodindo por vezes na imprensa e nos preâmbulos aos seus poemas.

Em vão, porém. Não tinham, na verdade, os seus prólogos o dom de infundir-lhe aos versos a receptividade que neles não encontrava o público, porquanto, como notava Bilac,

> poemas não querem prefácios. Ninguém quer saber que teoria de Arte guiou os poetas que os compuseram. Os melhores, os verdadeiros poemas são aqueles que, animados de um calor comunicativo, transmitem a todas as almas a comoção que os criou: de modo que neles todos vão encontrar os seus próprios sentimentos, as suas próprias dores, os seus próprios sonhos.

Não penso assim – redarguia Murat depois de transcrever o juízo de Olavo Bilac. – É que – repito – supunha fossem os seus prefácios capazes de insuflar aos seus versos a vida e a palpitação que não possuíam, fazendo com que afinal viessem a ser apreciados.

Nada menos estranhável, porém, que tal se desse com o cantor de "Sara". Mais do que os outros homens vivem os poetas, escritores e artistas atormentados pela necessidade de aplauso. Racine, por exemplo, mesmo depois de plenamente reconhecido e proclamado o seu gênio, deixava-se abater pela mais insignificante restrição, como a de Chapelle à sua tragédia *Berenice*. Constituíra este ruidoso triunfo sobre o velho Corneille, cuja glória começou, então, a ser decisivamente suplantada pela do impecável poeta de *Britânico* e *Fedra*. O sucesso não podia ser maior: platéias transbordantes, espectadores a se desfazerem em pranto, os mais rasgados elogios da Corte, inclusive do grande Conde, que aplicava, à própria peça dois versos que nela ouvira:

*Depuis trois ans entiers chaque jour je la vois,*
*Et crois toujours la voir pour la première fois.*

Apesar, porém, de tamanha vitória, não se conformava Racine com o silêncio que, a respeito, mantinha Chapelle. Procurou-o, pois, a fim de que, como amigo, lhe dissesse o que pensava. Em resposta, improvisou Chapelle o dístico, que se tornou proverbial:

*Marion pleure, Marion crie,*
*Marion veut qu'on la marie...*

Foi quanto bastou para que Racine caísse em tremenda depressão, esquecendo-se de todos os aplausos e dissuadindo os filhos da carreira literá-

ria, da qual ele mesmo se retiraria em plena maturidade do gênio, isto é, aos 37 anos. No calor da composição – dizia ele –

> às vezes agrada-nos o que escrevemos; mas, quando, no dia seguinte, revemos o nosso trabalho, espantamo-nos de achar detestável tudo quanto, na véspera, admirávamos; e quando consideramos que, por melhor que façamos, poderíamos ainda fazer muitíssimo melhor, ficando, entretanto, sempre longe da perfeição, desanimamos. Além disso, embora os aplausos nos agradem imensamente, a menor crítica, por mais tola, sempre nos causa um pesar maior do que o prazer proporcionado por todos os louvores.

Esse estado dalma – *a nevrose do escritor* – é um dos múltiplos aspectos da dependência do indivíduo relativamente à sociedade. Quem escreve ou produz uma obra artística tem freqüentemente em mira o público, e, se este lhe não aprecia os trabalhos, está prejudicado um dos objetivos que também teve em vista, não podendo deixar de sentir haver despendido esforço, muitas vezes grande, em pura perda. Daí a angústia que, em caráter quase permanente, aflige a generalidade dos escritores e artistas.

Ninguém melhor do que Descartes pode, ao lado de Racine, servir de exemplo da subordinação do escritor aos seus contemporâneos. Apesar de toda a força de gênio de que se sentia possuidor, deixa, por vezes, o filósofo transparecer, em sua correspondência, a ansiedade de quem, incompreendido, se sente abater e indaga se vale a pena prosseguir... Ao Padre Mersenne reiteradamente suplicava não deixasse de enviar-lhe tudo quanto a respeito dele e de seus escritos, vantajosa ou desfavoravelmente, se dissesse. Mesmo depois de retumbantemente acolhidos, em toda a Europa, os seus livros, declara, em 1646, a Chanut, não desejar estampar o *Tratado* das *Paixões*, e, embora ainda tivesse vontade de escrever outras obras, não o faria, porque o desgosto de ver quão poucas pessoas lhe liam os escritos, tornava negligente...

Pode-se, assim, avaliar a maldade de Voltaire para com um autor que lhe solicitou o parecer sobre um livro em via de publicação. Depois de guardá-lo algum tempo, restituiu-o, dizendo: "Li-o e até lhe mudei alguma coisa." O autor percorreu, célere, o manuscrito, e, não encontrando nenhuma corrigenda, começou a desconfiar nem ao menos se tivesse dignado a passar-lhe os

olhos o temível Proteu do talento. Advertiu-lhe este então: "Vá até ao fim." Aí deparou, de fato, com uma modificação: o *n* da palavra *Fin* fora apagado e substituído por uma exclamação, transmudando-se em *fi!* que é como se disséssemos, em português, "*arre!*"

Se, entretanto, é um consolo, para os escritores, como Luís Murat, saberem haver sido a angústia que os atormenta participada por gênios da estatura de um Racine e de um Descartes, deve ser, para os que com eles tratam, um motivo de condescendência, pois fica, assim, evidenciado ser a susceptibilidade que os aflige superior às suas forças, fazendo parte da própria profissão, já a registrando Horácio há dois mil anos...

Luís Murat nascera nesse fecundo Estado do Rio, que tantos valores tem dado ao Brasil, não só na Política, mas nas Letras, sem ele não se podendo escrever a História de nossa Literatura, pois conta entre os seus filhos, além do poeta de *Ondas*, Alberto de Oliveira, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Joaquim Manuel de Macedo, Euclides da Cunha, Pedro Luís, José do Patrocínio, Domício da Gama, Teixeira de Melo, Luís Pereira Barreto, B. Lopes, Silva Jardim, Lúcio e Salvador de Mendonça, Teixeira e Souza, Miguel Lemos, Raul Pompéia, Raul de Leoni, Alberto Torres, Oliveira Viana, entre muitos outros, que formam uma verdadeira constelação de poetas, sociólogos e escritores capazes de fazer a glória de toda uma Nação.

## AFONSO DE TAUNAY

Em Nossa Senhora do Desterro (que era como então se chamava a capital de Santa Catarina) nasceu, a 11 de julho de 1876, Afonso d'Escragnolle Taunay. Aí exercia as funções de governador da Província seu pai, Alfredo d'Escragnolle Taunay, que já se tornara famoso como autor de *A Retirada da Laguna* e de *Inocência* e seria, além de senador do Império, agraciado com o título de Visconde.

Muito conhecida é a progênie paterna de Afonso de Taunay, bisneto de Nicolau Antônio Taunay, paisagista de mérito que veio com a Missão Artística de 1816, e do Conde d'Escragnolle, emigrado da Revolução, a serviço de Portugal e do Brasil.

O avô paterno de Afonso de Taunay, Félix Emílio Taunay, Barão de Taunay, foi diretor da Imperial Academia de Belas-Artes e mestre de Dom Pedro II, que era seu amigo pessoal e dizia dever-lhe o culto que devotava às artes.

A mãe de Afonso de Taunay, D. Cristina Teixeira Leite d'Escragnolle Taunay, era neta dos primeiros barões de Itambé e filha dos Barões de Vassouras, importantes fazendeiros na província do Rio de Janeiro e *Mineiros soturnos*, no dizer de Capistrano de Abreu.

Passou Afonso de Taunay a infância na capital do Império e em Petrópolis, onde estudou no famoso Colégio de Monsenhor Moreira, contando, entre seus condiscípulos, o príncipe D. Luís de Orléans Bragança e o futuro catedrático de Otorrinolaringologia da Escola de Medicina da Universidade do Brasil – o saudoso Professor João Marinho de Azevedo.

De grande curiosidade intelectual, os tios lhe chamavam, conforme ele mesmo conta, *o Dr. Pergunta*. Resolvendo seus pais, em 1889, que nesse ano ele prestaria exames de Geografia e História do Brasil, contrataram para lhe darem lições dessas matérias Alfredo Moreira Pinto, o nosso mais acatado professor de geografia na época, e Capistrano de Abreu, que tão grande influência exerceria sobre a sua formação, tornando-se seu amigo e despertando-lhe o gosto pelas pesquisas referentes ao nosso passado.

Formou-se em 1900, em engenharia, pela Escola Politécnica do Rio, onde foi colega de Heitor da Silva Costa, engenheiro que ergueu, no Corcovado, o monumento a Cristo Redentor.

Transferindo-se para São Paulo pouco depois, aí se casou, em 1907, com D. Sara de Sousa Queirós, filha de uma das mais ilustres famílias do Estado bandeirante.

Em 1904 fora nomeado professor substituto da Cadeira de Física da Escola Politécnica de São Paulo, da qual se tornaria catedrático em 1911, regendo-a até fins de fevereiro de 1917, quando foi convidado pelo Presidente Altino Arantes para dirigir o Museu Paulista.

Observa Fontenelle haver indivíduos capazes das mais elevadas especulações teóricas, sem possuírem, todavia, a aptidão de conduzir até elas outros espíritos, custando-lhes mais descer a um nível inferior ao já por eles atingido, do que continuar a subir para novas conquistas da inteligência. Parece ter sido este o caso de Afonso de Taunay, segundo se deduz, entre outros, do seguinte

episódio registrado pelo cronista, poeta e engenheiro Alexandre d'Alessandro, que lhe cursou as aulas na Escola Politécnica:

> Certo dia, tentando fazer o vácuo no tubo de Newtom, para comprovação das leis da gravidade, não houve meios de se chegar a um resultado apreciável. Depois de muito suar, virando e revirando peças e mais peças, já com os punhos postiços da camisa a escorregarem-lhe pelas mãos, o Dr. Taunay, triunfante, vira-se para a turma e diz: "Esta torneira tem espírito de contradição!" Era, de fato, a torneira da máquina pneumática que estava com os orifícios invertidos...

Tais incidentes entravam logo para o anedotário escolar – pondera o Professor Luís Cintra do Prado, hoje catedrático de Física da mesma Escola, "e os alunos da Politécnica, sem prejuízo do grande acatamento que sempre tiveram por Taunay, faziam ilações entre o nome do professor de Física e o vocabulário da própria matéria: comentando os respectivos fatos escolares – reais ou imaginários – falavam em '*toneladas*'"... Em data posterior, quando Taunay já não militava mais no ensino das ciências físicas, Agripino Grieco usou da mesma expressão ao referir-se à massa, verdadeiramente notável, da produção literária do historiador, constante de perto de uma centena e meia de volumes.

Esplêndidas aptidões de administrador revelou Taunay no Museu Paulista. Apresentava este, ao ser-lhe confiado, apenas a feição de um instituto de pesquisas zoológicas e etnográficas de acordo com os gostos do naturalista Von Ihering, que o organizou. Sob este aspecto em nada se distinguia dos estabelecimentos congêneres da Europa ou da América do Norte. Muito embora nele abundassem os espécimes originários do Brasil, de paulista só tinha o nome.

Ao empossar-se, como diretor, teve Taunay a sua atenção desde logo voltada para a circunstância de que, até então, apenas dois cômodos do Museu eram destinados a tudo quanto dizia respeito ao nosso passado, estando os objetos amontoados, sem catalogação e sem o menor cuidado de se despertar, para eles, a curiosidade dos visitantes. E, já no ano seguinte, colocava à disposição do público "as duas primeiras salas consagradas à tradição paulis-

ta", às quais se seguiram mais oito, com objetos, desenhos e quadros que recordavam episódios e vultos históricos, através dos quais preparou o Museu para a comemoração do Centenário da Independência.

Aqui, entretanto, impõe-se uma observação: católico praticante, certo da existência do inferno, não admitiu Taunay a Marquesa de Santos entre as figuras do nosso passado apresentadas na galeria do Museu, conservando-lhe o retrato no chão, num canto do almoxarifado, que era o inferno accessível ao seu poder de diretor. Quando, muitos anos depois, ao ser atingido pela aposentadoria compulsória, Sérgio Buarque de Holanda o substituiu na direção do estabelecimento, mandou expor o retrato da Marquesa ao lado dos demais. Ao visitar um dia o Museu e ao deparar o quadro condenado. Taunay não se conteve e exclamou: "Mas, então penduraram o retrato dessa tipa! Não ofenderão os melindres das famílias de São Paulo?"

Este episódio fornece, a meu ver, a chave para se decifrar a razão pela qual, podendo ter sido um dos nossos mais completos historiadores, digno de ombrear com Varnhagen, Capistrano e João Ribeiro, limitou-se Afonso de Taunay ao papel, muito inferior ao de seus reais méritos, de ser quase mero descobridor e colecionador de documentos, sem deles se valer para realizar uma grande obra de síntese dos períodos e acontecimentos correspondentes.

Sabendo que a história varia com os que a interpretam, dependendo dos preconceitos e das convicções de cada historiador (pois ele mesmo era capaz de deixar indefinidamente no porão do Museu Paulista o retrato da Marquesa de Santos), achou Taunay mais prudente, de acordo com a sua profunda honestidade, transcrever textualmente em seus volumes, numa fiada árida, mas segura, os documentos. Seriam estes a seu ver, a única fonte da verdade e propiciariam ao próprio leitor corrigir qualquer injustiça ou falha de interpretação, porquanto, como adverte antigo prolóquio, o historiador, para ser realmente imparcial, não deveria ter nem religião, nem Pátria.

Não estava Afonso de Taunay distante da conclusão de Raimundo Magalhães Júnior, ao resumir as considerações do escritor francês Paul Guérande em sua bela conferência sobre Historiadores Brasileiros no século XIX: "não há História. Há apenas historiadores. Assim como não há crítica, mas críticos... Por mais que os historiadores adiram a regras preestabelecidas ou a

métodos tidos como científicos, a história varia com o temperamento e a formação intelectual de cada um..."

Daí, as famosas revisões da História, que se sucedem conforme as idéias e os preconceitos de cada época, havendo tantas histórias quantos são os que interpretam os acontecimentos históricos do ponto de vista liberal, universitário, católico, protestante, positivista, reacionário, socialista, marxista etc.

Eis por que um escritor inglês chega a sustentar que o tempo da História passou, estando nós na época dos *documentos*, cuja leitura é mil vezes mais interessante e mais instrutiva do que a de todas as histórias...

A propensão de Afonso de Taunay para os temas históricos manifestou-se desde o primeiro livro por ele publicado: *Crônica do Tempo dos Felipes*, impresso em França, em 1910, e a cuja segunda edição, feita em São Paulo, em 1926, deu o título *Leonor de Ávila* (romance histórico brasileiro).

Foi este livro que lhe abriu as portas do Instituto Histórico por proposta de 15 de julho de 1911, assinada, entre outros, por Afonso Celso, e assim relatada pelo Barão de Ramiz Galvão:

> Sem ser uma obra histórica propriamente dita, traduz e revela cuidadosos estudos históricos na pintura dos costumes da época e em episódios notáveis. Sente-se em todo o livro o pulso de um investigador estudioso, que se não quis limitar a frases banais de intrigas galantes. Como estréia é auspiciosa. O tempo e o estudo acabarão por libertá-lo de alguns senões e de certas demasias.

Convencido de que a ficção não seria o seu gênero, enveredou Taunay pela investigação histórica e publicou, em 1917, *A Missão Artística de 1816* obra premiada, com medalha de ouro, pelo Instituto Histórico em 20 de outubro de 1917.

Em 1915 Basílio de Magalhães – um dos nossos maiores valores culturais (que, por circunstâncias difíceis de explicar deixou de pertencer a esta Casa, sendo, entre nós, um dos ocupantes da Poltrona 41, preenchida, na Academia Francesa, por figuras do porte de Descartes, Pascal, Molière, Diderot, Flaubert e Zola), em 1915, vinha eu dizendo, Basílio de Magalhães publicou a sua magistral síntese do bandeirismo – *Expansão geográfica do*

*Brasil até Fins do Século XVII*, mais tarde consideravelmente aumentada e editada com o título de *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*.

Era um tema até então imperfeitamente conhecido, apesar das investidas de Capistrano de Abreu a partir de 1884 quando publicou o seu trabalho sobre *A Bandeira de Francisco de Mello Palheta ao Madeira em* 1722 – 23.

Sobre o assunto estava Afonso de Taunay trabalhando com afinco, havia vários anos. Pensara ele, em 1904, escrever um história dos capitães-generais de São Paulo, mas Capistrano dissuadiu-o dizendo-lhe:

> A sua idéia de escrever uma história dos capitães-generais de São Paulo é simplesmente infeliz. Que lembrança desastrada a de preferir um período desinteressante, quando a grande época dos paulistas é o século XVII. Deixe este encargo ao... ou ao... Isto lhes vai a calhar. Que encham as páginas da Revista com tão desenxabido assunto. Reserve você para si o melhor naco, deixe os miúdos para quem deles gostar.

E assim, como ele mesmo diria modestamente em seu discurso de recepção, dispôs-se

> a uma empresa que apenas vale pela exigência árdua do labor, a fidelidade da consulta às fontes e o desejo de servir à verdade. Pois a narrativa da dilatação do Brasil pelos paulistas, avassaladores de milhões de quilômetros quadrados, que, por direito de bulas e tratados, deviam ser castelhanos, é tentâmen cujas dimensões cada vez mais se alargam e exige, para a sua explanação, o concurso de muitos trabalhadores animosos e encarniçados no trabalho.

Muito embora hajam sido os bandeirantes impelidos por motivos econômicos – a *auri sacra fames* que, em todos os tempos e em todos os povos, inexoravelmente tem aguilhoado o homem, a verdade é que também os inspirava o espírito de aventura e nenhum capítulo de nossa história é tão sedutor quanto o dessa surpreendente integração da nacionalidade, na qual, a cada instante, tinham de ser vencidos os mais variados perigos no fundo dessas florestas *ciosas de sua virgindade*, e nessas *imensas solidões, onde a Natureza*

*acostumada ao mais profundo silêncio* se espantava, como o Adamastor, de se ver pela primeira vez interrogar.

Nesses *vedados términos* quebrantados, de indefinidas regiões inteiramente selváticas e bravias, até então sem outro significado, no conjunto do território americano, do que o de incógnitas geográficas, designadas pelos cartógrafos apenas através dos animais que nelas imaginavam existir: *hic sunt leones: haec est psittacorum regio*, arrostaram os bandeirantes perigos tão grandes quanto os do próprio Mar Tenebroso, dos quais, no dizer do vate, o *menor era a morte*. Esta muitas vezes os assaltava após caminhadas sem fim, ora sob aguaceiros diluvianos, ora sob os abrasamentos de um sol impiedoso, com as noites mal dormidas, quase sempre ao relento.

Depois de escapar dos animais ferozes e das ervadas flechas de índios ainda não desbaratados; depois de vencer as torrentes de rios caudalosos e encachoeirados e escalar ínvios sertões, curtindo, não raro, as torturas da fome e da sede, marchando por vezes incendidos de febre, sob a ação de um acesso palustre, ausentes todos os carinhos e confortos do lar, privados por anos e anos do convívio da família, que ficara léguas e léguas distante, freqüentemente nesses ermos exalavam os bandeirantes o último suspiro. Pagavam, assim, com a vida, o tributo da ousadia de se atreverem a uma empresa digna de Hércules. Mas, no seu rastro, haviam deixado, em inúmeros recantos do Sul e do Norte, do Leste e do Oeste, núcleos de lavouras e criações, sementes de povoados, vilas e cidades, e, quando os súditos do Rei da Espanha se deram conta, estavam os paulistas, com Antônio Raposo Tavares e Luís Pedroso de Barros, a galgar os Andes, imprimindo ao Brasil a sua configuração geográfica, que demarcaram com suor, sangue e lágrimas.

Atraído por tão fascinante tema, que foi, anos a fio, a obsessão de sua vida, acabou Afonso de Taunay levando a cabo sozinho o imenso empreendimento que, a princípio, se lhe antolhava exigir nada menos de uma legião de resolutos pesquisadores para lhe devassarem os múltiplos e ensombrados escaninhos.

Convencido da ponderação, freqüentemente repetida por Capistrano de que um só dos autos dos nossos inventários bandeirantes valia mais do que uma grande ruma de cartas régias, pôs-se Taunay no seu encalço para a minuciosa reconstituição do nosso passado, em toda a sua complexa estrutura.

Visava focalizar-lhe não só o elemento dirigente, mas as bases econômicas e sociais, e, daí, estudos, além da expansão territorial nos onze volumes de sua *História Geral das Bandeiras Paulistas* o *Tráfico Africano no Brasil*, pois foi o negro não só uma das vigas mestras do bandeirismo como a principal mão-de-obra em quase quatro séculos de nossa existência. E completou os seus estudos com os quinze volumes da *História do Café no Brasil*, já que este constituiu, depois do pau-brasil, do açúcar e do ouro, a principal base de nossa economia.

Uma obra tão vasta, realizada por um só indivíduo, não podia deixar de apresentar imperfeições. Dentre as que mais freqüentemente se lhe apontam está a que a muitas se afigura até uma qualidade: não condensar os documentos por ele descobertos, submetendo-os diretamente à crítica e apreciação do leitor.

É verdade que, ao transcrevê-los, traído pela sua assombrosa memória, entrava por vezes em digressões literárias que provocavam a advertência de Capistrano: "Ouça-me! nada de alusões literárias! Nem mesmo as corriqueiras: o que uma geração conhece é muitas vezes ignorado pela seguinte. Quanto menos alusões depararem os pósteros tanto mais agradecidos ficarão ao trabalho poupado".

Ao recebê-lo na Academia, Roquette-Pinto deixou patente o pouco trato de Taunay com a antropologia, ponderando-lhe: "Não sei se fostes sempre bem inspirado consagrando no primeiro volume de vossa *História das Bandeiras*, um capítulo ao que chamastes *arianização progressiva dos paulistas,* porquanto a antropologia ensina que o *sangue ariano é uma utopia*".

E Roquette acentuava:

"Em todo caso afirmais muito bem: é *com elementos quase unanimente euro-americanos que efetua a sua obra a raça de gigantes de Saint-Hilaire*". Por outro lado – força é convir com José Honório Rodrigues – não andou bem Afonso de Taunay ao infringir um dos princípios básicos da historiografia moderna que é o de se indicar sempre, com precisão, a fonte das afirmativas e documentos, falha em que já incidira Varnhagen, concorrendo para grande desperdício das atividades históricas de Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, que quase passaram a vida a reconstituir-lhe e conferir-lhe as fontes, através de penosas e estafantes buscas.

Entre seus numerosos estudos do nosso passado, destacaram-se os que Taunay dedicou à evolução de São Paulo e que o tornam o mais completo historiador da terra e da gente de Piratininga.

Notáveis são ainda os vários livros que consagrou ao Padre Voador – Bartolomeu de Gusmão, onde lhe reivindica os títulos de Precursor dos inventos aerostáticos. Eram de suas obras, as que mais prezava, considerando-as superiores a tudo quanto realizara no domínio da História, talvez pela maior originalidade das pesquisas a que foi obrigado para a sua elaboração.

Forçando-o os seus estudos do bandeirismo "a permanecer um viajor infatigável, mas entre quatro paredes", como ele mesmo disse nesta Casa, também preparou uma *Coletânea de Mapas de Cartografia Antiga* e o *Ensaio da Carta Geral das Bandeiras Paulistas*, volumes que complementam a sua *História da Conquista do Brasil pelos Brasileiros*, que tal é, na sua própria expressão, a sua *História das Bandeiras.*

Incalculável é a massa de fatos ressuscitados pelas buscas de Taunay, dando feição inteiramente nova aos estudos e interpretação das bandeiras. Graça a ele podemos hoje acompanhar, passo a passo, minudentemente documentadas as caminhadas épicas de Aleixo Garcia, Manuel Preto, Antônio Raposo Tavares, Bartolomeu Bueno – o Anhangüera, Afonso Sardinha, Fernão Dias Pais, Pascoal Moreira e tantos outros paulistas audazes, cujo espírito – nas palavras de Oliveira Martins – "foi a primeira alma da nacionalidade brasileira e fez de São Paulo – esse foco de lendas e tradições maravilhosas – o próprio coração do País".

Apesar de seu imenso labor histórico ainda achava Afonso de Taunay tempo para prefaciar, comentar e anotar obras alheias e fazer traduções, como a da *Retirada da Laguna* e a da *Segunda Viagem de Saint-Hilaire a São Paulo*, além de se entregar a estudos e escritos de outra natureza.

As preocupações filológicas e gramaticais entraram em voga entre nós, transformando-se em verdadeira epidemia, sobretudo a partir da polêmica de Rui Barbosa com seu grande mestre Carneiro Ribeiro a propósito da redação do projeto do nosso Código Civil.

Desde então generalizou-se, entre os brasileiros cultos, a preocupação de conhecer e escrever a língua tão bem, e até, se possível, melhor do que os portugueses, estudando e esmerilhando os clássicos.

E quase todos os jornais passaram a abrir secções para o ensino prático da língua, verdadeiros consultórios das diversas enfermidades de que, entre nós, padecia o idioma.

Entre os mais afamados donos de receituários linguísticos, figurou, no Brasil, no primeiro quartel do século, Cândido de Figueiredo, cuja autoridade fora reforçada pelo acatamento com que, na *Réplica*, a ele se referiu Rui Barbosa.

Dado a estudos lingüísticos, tendo publicado, além de vários outros trabalhos do mesmo gênero, um *Léxico de Termos Técnicos e Científicos*, um *Léxico de Lacunas* e um *Vocabulário de Omissões*, abalançou-se Afonso de Taunay a oferecer uns *Reparos ao Novo Dicionário de Cândido de Figueiredo*, cuja terceira edição saíra em 1923, o que o levou a uma polêmica de muitos artigos com o famoso dicionarista.

Os que se dedicam ao estudo da língua são quase sempre irritadiços, degenerando, entre eles, as discordâncias em acerbas e envenenadas lutas pessoais em que não guardam qualquer medida, o que levou Dante a segregar os gramáticos num dos mais detestáveis ciclos do *Inferno*. Ainda no século de Erasmo, ao discordarem, abandonavam os gramáticos italianos o latim, em que usualmente se exprimiam, e passavam a mimosear-se, na língua materna, com expressões como "*accidente alla tua madre*!", *"figlio di porco*!", *"figlio d'un cane!"* e outras que será prudente não repetir.

Homem da mais fina educação, jamais se deixou Taunay, mesmo quando provocado, arrastar a tais extremos. Sempre objetivo, mostrou não só as inúmeras falhas, mas os enormes dislates de muitas das definições do *Dicionário* de Cândido de Figueiredo, que Rui Barbosa considerava *a maior das nossas competências em matéria de lexicografia portuguesa*, e cujos livros, todavia, no dizer algo inquisitorial do meu amigo Gladstone Chaves de Mello, "pelo grande mal que têm feito, devem ser queimados com solenidade, para exemplo às novas gerações".

Eis algumas das definições do *Novo Dicionário* criticadas por Taunay:

> "*Hertziano*, adj. Diz-se de uma variedade de telégrafo, cf. *Jornal do Commercio* do Rio, de 13 de junho de 1901."

"*Aeroplanos* aparelho aerostático, movido a vapor e sustentado sobre planos ou lâminas postas em ação por um motor da força de um cavalo. Inventado recentemente em 1896 por Langley."

Depois de dizer que esta definição, em 1923, era um figurinha de carteira de cigarro, conclui Taunay ser a mesma de origem futurista, por não haver outra entrada para tão ampla saída...

"*Fluor* – Corpo simples ainda não insulado", provoca o espanto de Taunay: "A química do Sr. Cândido de Figuelredo está atrasada de quase quarenta anos, porque desde 1886, realizando o ilustre Moissan a eletrólise do ácido fluorídrico, conseguiu isolar o misterioso e terrível *phtoro* causador da morte se não me engano de um dos seus tenazes e infelizes perseguidores, os irmãos Knox".

A definição: "*ácido fórmico* – diz-se de um ácido que se extrai das formigas", arranca de Taunay o seguinte comentário: "O processo dá certo, mas... continua a ser usado só pelos consulentes do Sr. Cândido de Figueiredo. Para que foi este idiota de Berthelot inventar o seu processo de desdobramento do ácido oxálico em ácido fórmico e gás carbônico? Matou assim um artigo de exportação notável que podia dar excelentes lucros ao Brasil: a exportação da saúva matéria-prima que temos em abundância..."

Ao transcrever as definições: "*Florianista:* sectário da escola literária do fabulista Florian"; "*Florianesco* – se diz no Brasil do estilo do tabulista Florian" e "*Siriema* – ave pernalta notável pela guerra que faz a todos os animais", declara Taunay que esta última definição lhe lembrava as de Bernardo de Melo Bacelar, o célebre dicionarista que definiu *macaco: animal de trejeitos delirantes*; *abdomen, parte* do *umbigo* e *castiçal, o que dá fogo e luz*...

Desse Bacelar, a cujas definições, no dizer talvez apaixonado de Taunay, quase se equiparam algumas das de Cândido de Figueiredo, narra Manuel Pinheiro Chagas a seguinte história:

Estava Bacelar compondo o seu dicionário e chegou ao termo *silogismo*. Ignorando o que fosse, tratou de procurar alguém que lho explicasse; deram-lhe a explicação e ele não a entendeu. Então, para tornarem o caso mais claro, disseram-lhe que silogismo era um raciocínio que provinha da fusão e combinação de duas premissas, como, no cós de umas ceroulas, se fundem as pernas das ditas. O pobre ainda não percebeu, mas julgou que sal-

vara a dificuldade, escrevendo: "*silogismo,* raciocínio sobre duas premissas. *Vide* ceroulas!"

Tenho encontrado quem estenda a Afonso de Taunay a crítica que em Portugal se fez a Inocêncio, isto é, "faltar-lhe a faculdade de animar um assunto, insuflando-lhe seu próprio espírito, fazendo-o respirar, mover-se, sorrir, chorar, interessando o leitor como uma personagem viva".

Não me parece procedente o reparo, porquanto não se propôs Taunay a fazer obra de ficção, mas a exumar, através do maior número de documentos, o nosso passado. E, como salienta um grande mestre de estética, o escultor maneja diversamente a espátula e o escopro, conforme afeiçoa ou esculpe a estátua de um mártir ou de um herói, ou cinzela uma taça ou uma espada. O mesmo ocorre no campo literário no que pertence à forma, isto é, à construção do período, porquanto o ritmo e o estilo estão ligados à substância, nela se integrando, sendo o corpo de que ela constitui a alma.

Dirigem-se os livros de Afonso de Taunay, mui de intento, apenas àquele pequeno escol de investigadores e estudiosos a que aludia Voltaire ao sustentar que o público está longe de ser o Universo, como ingenuamente supõem os que se iniciam nas Letras. Tomando, como referência, a população de Paris do seu tempo, dizia o autor de *Zadig* que o público, em matéria de livros, é formado por quarenta ou cinqüenta leitores, se se trata de assunto sério; quatrocentos ou quinhentos, quanto é divertido, e cerca de mil e duzentos, no caso de uma peça de teatro, havendo, mesmo no Paris dos Enciclopedistas, mais de quinhentas mil almas que nunca ouviram, nem jamais ouviriam falar de tudo isso.

Quase sem o perceber, estabeleceu Taunay uma nova era em nossa historiografia e trabalhou para que outros, valendo-se dos tesouros por ele desencavados, possam fazer livros e mais livros em que somente terão de preocupar-se com a forma e a apresentação, interpretando e sintetizando os documentos que generosamente pôs ao alcance de todos.

Suspendo aqui a referência aos escritos de Taunay, que sobem, como já assinalei, a perto de uma centena e meia de volumes e passo a tratar do homem, pois não é possível, num discurso, nem sumariamente analisar-lhe as obras. E muito menos posso referir-me à sua importante contribuição para os *Anais do Museu Paulista,* onde publicou tantos documentos preciosos. Nem

também poderei deter-me em apreciar-lhe a assídua colaboração na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* no *Jornal do Commercio,* no *Correio Paulistano* e em várias publicações periódicas do País e do estrangeiro. Os inúmeros artigos que, no decorrer da vida, estampou, foram por ele guardados e constituem sessenta alentados volumes a serem selecionados para futuras edições. O mesmo há de ocorrer com a sua copiosa correspondência que deve ser corrigida e traduzida pelos que se especializaram em decifrar-lhe a letra, porquanto é inestimável repositório de indicações e ensinamentos sobre os mais variados temas.

Nunca se negou Taunay a ministrar lições a quantos recorriam às suas luzes. Mesmo pelo telefone era constantemente assediado, até por pessoas desconhecidas, a fim de responder a perguntas e consultas. Muitas vezes eram mães de ginasianos que a ele se dirigiam para auxiliar os filhos em seus estudos. E ele, pacientemente, quando não podia, de pronto, dar uma resposta, ia enfronhar-se no assunto, e, mais tarde, fornecia os esclarecimentos que lhe haviam sido solicitados.

Um traço que quantos o conheceram são unânimes em salientar é a sua bondade. Excelente esposo e chefe de família exemplar passou a vida em sua mesa de trabalho com a bravura de quem estava numa frente de batalha. Fazendo sua a divisa de Apeles – *nulla dies sine linea*, escrevia de manhã, à tarde e à noite, como que impelido por imposição orgânica, segundo observa o seu filho Dr. Augusto de Taunay.

Para escrever, prescindia de ordem e silêncio em torno de si: enquanto redigia ou atendia à sua correspondência, era capaz de contar histórias para os netos ou auxiliá-los em seus deveres escolares, e isto doce e suavemente, sem perder o fio do assunto principal de sua atenção.

Sua mesa de trabalho, como a do Barão do Rio Branco, sempre transbordante de manuscritos e cartas, apresentava a maior desordem; sabia, entretanto, o lugar exato de cada papel e mantinha permanente vigilância para que aí ninguém tentasse fazer a menor arrumação.

Seus livros não eram catalogados, e, embora dispostos de maneira aparentemente anárquica, era Taunay, de olhos fechados, capaz de localizar cada um deles. Nos últimos tempos, impossibilitado de ir à sua biblioteca, indicava com precisão onde se encontrava tal ou qual volume, sem que nunca se enganasse.

Para poder estudar e escrever dia e noite, ano após ano, alheava-se completamente de todos os encargos domésticos e passava-lhes a gestão para a sua esposa, sem cuja colaboração, proporcionando-lhe a paz de espírito de que tanto carecia, não teria conseguido realizar a titânica obra que nos legou. Bênçãos recaiam, pois, sobre essa admirável D. Sara Souza Queirós de Taunay, companheira que tanto lhe embelezou a existência, exemplo do que pode valer, para um escritor, a abnegada e silenciosa dedicação de uma esposa no recesso do lar, preservando-lhe a vida interior para as criações do espírito.

Capaz de absorver-se, meses a fio, em leituras extremamente massantes, daquelas das quais dizia Eça que nem Robinson na sua ilha deserta, com todo o seu tédio, quereria, pode-se aplicar a Afonso de Taunay, cercado de alfarrábios, traslados de inventários, escrituras e testamentos setecentistas, o mesmo que Ramalho contava do jurisconsulto luso Martens Ferrão: quando tinha seus ímpetos mais ferozes de extravagância e de anarquia, saía a passear pelas viçosas campinas da Filosofia do Direito e fazia patuscadas orgíacas e escandalosas com as origens célticas do Direito e as liberdades municipais do Império romano. No dia seguinte acordava cansado, pálido, abatido...

A capacidade de Taunay para reter nomes, datas e fatos era prodigiosa e conservou-a até os seus últimos dias, conforme um episódio de que posso dar testemunho.

Quando, em agosto de 1956, publiquei o meu livro sobre o Padre Antônio Vieira, remeti-lhe, pelo correio, um exemplar.

Passado um ano, como dele nada houvesse recebido, contra a sua praxe (pois, de sua educação aristocrática, manteve, vida fora, a delicadeza de nada deixar sem resposta), supus tivesse havido algum extravio, ou do meu livro, ou do seu agradecimento. Solicitei, então, para apurar o caso, a ajuda de um amigo de São Paulo – Hugo Maia, um desses homens raros, de grande inteligência e cultura, associadas a imensa bondade, e que só vivem para a família, os amigos e as belas coisas do espírito.

Hugo Maia fora, havia cinqüenta anos, aluno de Taunay na Politécnica, onde era conhecido como Hugo de Campos Maia. Passando, a partir de 1908, a exercer sua atividade no comércio de São Paulo, deixou o *Campos* e adotou apenas o nome Hugo Maia, que foi o que apresentou à senhora de Taunay, a fim de transmiti-lo ao marido que não o via desde 1907. Ao descer

a escada para recebê-lo, exclamou Taunay, como se com ele houvesse estado na véspera: "Hugo de *Campos* Maia, como vai você?"

Era, aliás, seu costume, na Politécnica, fazer de cor a chamada dos alunos, por mais numerosa que fosse a turma.

Quanto à sua integridade, eis o que, a respeito, conta o meu querido amigo, Reverendíssimo Padre Murilo Moutinho, S. J.: lecionava Taunay, desde vários anos, a Cadeira de História da 5.ª série do Ginásio de São Bento, quando o seu filho mais velho galgou aquela série. Julgou, então, dever afastar-se da cátedra durante todo esse período letivo, porquanto não se supunha com autoridade para atestar o aproveitamento de seu próprio filho.

Quando Diretor do Museu Paulista, recusou o carro que o governo lhe oferecia, dizendo que a verba correspondente poderia ser melhor aproveitada em benfeitorias para o mesmo Museu, continuando ele a andar de bonde, como o fez até o fim da vida, trazendo sempre debaixo do braço velho guarda-chuva que se tornara parte integrante de sua pessoa.

Observava Cícero, a propósito de Varrão, que os homens, poços de Ciência, quase nunca são de convivência agradável, porquanto, sempre preocupados com o passado e o futuro, jamais são verdadeiramente contemporâneos daqueles com que vivem.

Apesar de sua enorme e variada cultura, tal não se dava com Afonso de Taunay. Notam mesmo os que o conheceram mais de perto que certos termos clássicos, de que habitualmente se servia na conversação, como *mendacidade, veraz, fero, rábido* e tantos outros de sabor camoniano, com tamanha espontaneidade lhe brotavam dos lábios, que não destoavam, completando-lhe até a bela e heráldica figura.

Afora o trabalho, entregava-se apenas a três distrações: conversar, jogar, uma vez por semana, gamão, e tocar piano, sendo de sua própria lavra algumas das sonatas que executava.

De trato ameníssimo, era um *causeur* encantador pela vastidão e profundeza de sua cultura. Palestrava horas a fio com qualquer pessoa, de qualquer nível intelectual, de um lado, para expandir a sua invulgar capacidade de narrar fatos e citar nomes e datas, e, de outro, por pensar, sem dúvida, de acordo com o provérbio castelhano, que *não há tolo de quem o sábio não possa aprender alguma coisa.*

Genealogista insigne, distraía-se em levantar a história de certas famílias de suas relações e até mesmo estranhas. Muita vez – ao lhe apresentarem alguém – citava, com espantosa riqueza de dados, fatos sobre a origem, os nomes, as datas e a cidade de onde provinham os ascendentes do apresentado, freqüentemente ignorados por ele próprio.

Não era grande amante da Poesia: a seu filho Augusto, ao qual Capistrano de Abreu vaticinara pendores poéticos, prometeu valente surra se o apanhasse a fazer versos... Apreciava, todavia, alguns dos nossos poetas, particularmente Olegário Mariano, a quem endereçou o último bilhete que escreveu, e ele mesmo compunha quadrinhas jocosas, geralmente dirigidas a seus parceiros de gamão.

O Museu Paulista foi a grande paixão da vida de Afonso de Taunay, levando-o a abandonar, para não deixar a sua direção, a cátedra que ocupava na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, quando passou a vigorar a lei que proibia as acumulações. Com o seu amor pelo Museu Paulista só rivalizava o que consagrava ao Museu Histórico de Itu, por ele carinhosamente ideado e organizado.

Embora carregado de anos, pois ia completar 82 em julho último, não chegou a conhecer a velhice. Faleceu de um colapso, em pleno gozo de suas faculdades mentais, lendo uma comédia de Labiche, dez minutos após haver dado, a um de seus netos, uma lição de latim.

Graças à sua longevidade, pôde receber, em vida, as homenagens em geral somente prestadas à memória dos grandes homens, porquanto, como nota o Padre Antônio Vieira,

> a inveja faz grande diferença dos mortos aos vivos, e dos presentes aos passados. Os olhos da inveja são como os do sacerdote Heli, dos quais diz o texto sagrado que não podiam ver a luz do Templo, senão depois que se apagava: *Oculi ejus caligaverunt, nec poterat videre lucernan Dei antequam extingueretur.* Enquanto as luzes são vivas, cada reflexo delas é um raio, que cega os olhos da inveja; porém depois que elas se apagam, e muito mais se se metem largos anos em meio, então abre a inveja, como ave noturna, os olhos; então vê o que não podia ver; então venera e celebra essas mesmas luzes, e levanta sobre as estrelas seus resplendores.

Para honra nossa, era Afonso de Taunay, havia vários anos, unanimemente apontado, no Brasil, como o nosso maior historiador vivo, e desde 1944, ao ser eleito membro honorário da American Historical Association, por proposta de historiadores do vaIor de uma Bernadotte Schmidt, de um Waldo Leland e de um Guy Stanton Ford, pôde antecipadamente ouvir a voz consagradora da posteridade, que tal é, para os vivos, no dizer de Capistrano, a voz do estrangeiro.

Tornou, assim, uma realidade a divisa – *ad immortalitatem,* porquanto, ao longo de laboriosa e edificante vida, enriqueceu o patrimônio cultural da Pátria, conquistando aquela glória que "fica, eleva, honra e consola."

# II

# RESPOSTA DO SR. RODRIGO OCTAVIO FILHO

Senhor Ivan Lins,

Creio que foi o malicioso Rivarol – com aquele jeito de segredar coisas inconvenientes, mas assustadoramente verdadeiras – quem disse que os homens aqui embaixo, não podendo receber suficientes provisões que lhes garantam legítima imortalidade, não passam de simples viajantes, cuja viagem termina onde termina a estrada...

Bem sabemos nem sempre ser asim. Do caminho percorrido fica, por vezes, a recordação de alguns passos dados, o eco de palavras ouvidas, a lembrança de muitos sofrimentos, de algumas alegrias...

Conheço-vos bastante, Sr. Ivan Lins, para não suspeitar ter sido a fria vaidade quem vos moveu, por duas vezes, a ambicionar as glórias acadêmicas. Por serdes vós quem sois, é que se vos abriram as portas desta Casa. Nela entrais galhardamente, armado cavaleiro egresso de ferrenho embate com rival de alto coturno. Ambos árcades.

E, apesar da escandalosa fantasia de vossa cabeleira branca, ides sentar-vos à mesa dos irmãos mais moços, que tendes sete anos menos que Belo Horizonte, jovem cidade onde nascestes...

Em aqui chegando não trazeis as mãos vazias. Ao contrário: ofereceis como credencial de alto teor, obra digna de vossa estirpe, produto exclusivo de vosso pensamento filosófico, de vossa cultura, de vossa vocação de escritor.

Ides aqui viver em ambiente propício, porque dedicado ao trabalho ininterrupto de defesa da Língua Portuguesa e da Cultura brasileira.

Apesar de sexagenária, a Academia é ainda tentadora... Em seu louvor cantam conhecidos menestréis... E sem número são os que se candidatavam a viver em sua companhia. E isso lhe faz florir a vaidade, aumenta-lhe o prazer da vida, incentiva-lhe as atividades propulsoras das Letras e da cultura de nossa terra. Sua já longa existência de trabalho é a prova de que só se atingem os encantos de uma maturidade respeitável e respeitada, pelo árduo e constante esforço de todas as horas, pelo sofrimento que fertiliza e ampara as boas intenções, pela solidariedade que equilibra as divergências, pelo consolo, pela alegria do dever cumprido.

Por assim agir, reconhece, irônica e superiormente, a malícia de certo membro da Academia Francesa, quando escreveu, em dois versos repetidos e celébres, duas verdades indiscutíveis: *Quand nous sommes* 40 *on se moque de nous./Sommes nous* 39? *on est* à *nos genoux*...

Não sei, Sr. Ivan Lins, se acreditais na glória literária. Realmente ela atinge a muito poucos. Estais vivendo, na noite de hoje, uma hora de consagração. Mas o vosso coração, bem sabemos, não está de todo satisfeito: – nesta sala vos falta alguém, cuja saudade vos agrilhoa o coração; vosso pai, Ministro Edmundo Lins, homem de ótimas Letras jurídicas e literárias, cidadão exemplar, varão inesquecível.

Fostes, sem favor, o seu melhor aluno, a começar pelo latim. Com ele traduzistes Eutrópio, Tito Lívio, Cícero, Suetônio, Virgílio, Horácio, Ovídio e os demais clássicos, nos quais alicerçais uma esplêndida cultura.

Existia entre vós dois – pai e filho – comovedora afinidade espiritual, afinidade que se acentuou depois de vossa maturidade filosófica. Pelas mãos paternas, despontastes no Positivismo que delas recebestes o contagiante *Esboço Biográfico de Benjamin Constant,* desse apostolar Teixeira Mendes.

Já se tinham passado três ou quatro anos que havíeis renunciado às vossas crenças religiosas, deixando de ser o bom católico, sincero e praticante. Fostes, então, dominado pelo cepticismo dos agnósticos, cepticismo que não raro mata as esperanças, nega a luz do dia, neutraliza atividades, e que, não se coadunando com vosso temperamento, enchia de inquietude o vosso espírito. Encontrastes enfim no pensamento comtiano o que as culturas de horizontes

largos buscam: sistematização dos conhecimentos científicos e filosóficos coordenadores dos demais estudos históricos e sociais, e base para o estabelecimento de uma moral científica.

O Positivismo, porém, não ficou sendo para vós um sistema fechado ou impermeável. Pregastes que tudo quanto já se fez, ou se vier a fazer, com critério científico, em qualquer setor do conhecimento humano, deve ser a ele incorporado, enriquecendo-o e modificando-o naquilo que estiver em desacordo com as novas aquisições da Ciência. Predestinado para os ofícios da sabedoria, encontrastes assim nova razão para compreender a vida e interpretar-lhe os mistérios.

Podemos discordar de muitas das vossas idéias e princípios filosóficos, que aceitais como definitivos. Uma coisa, porém, é preciso reconhecer e afirmar: a sinceridade, a honestidade intelectual, a coerência. Sois daqueles que, cultuando, acrescentam, e o maior serviço que prestastes à cultura brasileira, frisou há pouco tempo com sua autoridade, Castilhos Goycochêa, foi humanizar o Positivismo, tirando-lhe o caráter intolerante e até agressivo com que foi instituído e mantido até faz pouco, entre nós, tornando-o "uma doutrina como as demais doutrinas, uma escola para o pensamento, como as escolas fictícias e as escolas abstratas".

Uma recepção acadêmica não é apenas festa do espírito, revestida de ademanes mundanos, onde os dourados dos nossos uniformes enfrentam a elegância dos trajes femininos, e onde dois discursos, mais ou menos longos, e mais ou menos aplaudidos, são lidos com certa ênfase... É mais do que isso, uma hora de compreensão, é uma hora em que se dizem verdades, é uma hora de confissões mútuas. De outra forma não homenagearíamos, como é nosso dever, o nosso companheiro.

Por isso vou revelar, mesmo contra a vossa vontade, Sr. Ivan Lins, um gesto de tanta altitude moral e de tanta significação humana, que, só ele, bastaria para iluminar uma biografia e justificar o respeito que vos tributamos. Está ele narrado em uma das mais belas páginas que escrevestes: carta que dirigistes a um amigo: o ilustre Dr. Sobral Pinto. O que nela se lê é uma comovedora história que vou contar aos que me ouvem:

– Verificando não ter vocação para padre, Edmundo Lins, que havia sido posto no Seminário de Diamantina, por seu padrasto, para que seguisse a

carreira eclesiástica, depois de ter chegado a tomar ordens menores, abandonou os companheiros de batina e, com o pouco dinheiro que lhe emprestaram alguns colegas, transferiu-se para Ouro Preto, de onde, aprovado em exames preparatórios, rumou para São Paulo, matriculando-se na Faculdade de Direito.

Embora tivesse deixado de seguir a carreira eclesiástica, manteve-se católico, até que um dia, com o correr do tempo, perdeu a fé. Aconteceu que nos primeiros dias de setembro de 1943, estando Ivan Lins fora do Rio, onde deixara o pai convalescente de grave enfermidade, foi por ele chamado com a maior urgência. O susto dissipou-se, quando Edmundo Lins, já convalescido, lhe segredou a razão do encontro:

> – Mandei chamá-lo, porque não quero que você faça de mim um mau juízo, pensando que eu seja um homem sem caráter. Tive, há dias, um sonho que muito me comoveu. Sonhei que me achava no Seminário de Diamantina exatamente no momento em que o Superior, Padre Bartolomeu Francisco Xavier Sípolis (a quem sempre consagrei grande admiração e amizade, pois era, como todos os seus companheiros lazaristas, um verdadeiro santo), estava dando a comunhão a meus colegas de Seminário, e que se tornaram, depois, grandes e respeitáveis sacerdotes. Quando chegou a vez de ministrar-me a comunhão, o Padre Sípolis chamou-me em latim, como era praxe de se fazer a chamada dos alunos no Seminário: "Edmunde! Edmunde!" Mantive-me calado e não respondi, mas o Padre Sípolis insistiu: "Edmunde! Edmunde!" Afinal não pude resistir e respondi: "Adsum! Adsum!." E ao aproximar-me do padre Sípolis, este, muito emocionado, me abraçou com grande carinho, dizendo-me: "Edmundo, por onde andou você tanto tempo que nunca mais o vimos na mesa da comunhão? Temos sentido imensamente a sua falta. Então você não se lembra mais do Sagrado Viático de sua mocidade, o *PANIS ANGELORUM, FACTUS CIBUS VIATORUM*", de que fala o Hino ao Santíssimo Sacramento – o *LAUDA, SION, SALVATOREM*?" Ao ouvir estas palavras do Padre Sípólis, entrei em convulso pranto e acordei. Desde então tenho tido grande vontade de comungar, mas não quis fazê-lo sem primeiro ouvir você, por ser, de todos os meus filhos e amigos, aquele com quem mais detida e freqüentemente me tenho externado sobre assuntos de religião e

> filosofia. Se você achar que este meu desejo de comungar resulta apenas de uma deliqüescência de meu cérebro senil, atingido pela esclerose, não o farei, pois, como você sabe, em dezembro próximo, completo oitenta anos.

Emocionado, com o que ouvira, o positivista Ivan Lins consolou o velho pai, dizendo-lhe que a comunhão só lhe podia fazer imenso bem. E que ela iria integrá-lo, novamente, em suas convicções e práticas religiosas da mocidade! O sonho que tivera constituía prova tangível. E ele mesmo, o nosso positivista Ivan Lins, foi imediatamente buscar, na Paróquia, Frei Félix, que confessou e ministrou a comunhão ao Presidente do Supremo Tribunal Federal, o seminarista reiluminado por um tão belo e milagroso sonho.

Como vós, Sr. Ivan Lins, também eu sinto aqui a imensa falta do meu pai, que, se vivo fosse, seria quem nesta hora e nesta tribuna vos estaria louvando e recebendo em nome da Academia, brindando-vos com toda a profunda admiração que vos devotava.

Nada disso, porém diminui a glória, nem as galas desta festa em que vossa obra e vossa personalidade recolhem os louros de uma vida ininterrupta de estudos e trabalhos intelectuais. Nem este é o momento para evocação de tristeza e de saudades. Se assim não fosse, poderíamos, nós ambos, rezar juntos, aqui um longo rosário delas. Felizmente sentimo-nos protegidos pelo ensinamento do Padre Manuel Bernardes: das tristezas não se pode contar nada ordenadamente porque desordenadamente acontecem elas.

Acabais de pronunciar um discurso no mais clássico modelo acadêmico.

A sobriedade da linguagem, maleável instrumento de expressão, ganhou realce na sonoridade da voz serena e firme. Manejais o vernáculo como artista penetrante, que houvesse aprendido com Mário Pio que a estética não poderá ser uma Ciência objetiva, uma Ciência autônoma, mas um ramo, um grande e nobre ramo da psicologia. Realmente, nos três retratos que acabais de traçar, de Adelino Fontoura, Luís Murat e Afonso de Taunay, não vos revelastes apenas historiador e crítico, mas também, e acentuadamente, um psicólogo. E, desde que aqui chegastes, permiti-me uma advertência: Se não encontrardes, como queria Tácito, um lugar entre os homens virtuosos, vivereis entre homens de boa vontade, que trabalham por um ideal constante, desde que esta Casa foi fundada. Posso repertir-vos que tereis aqui, em amável companhia, tarefas que vos reclamarão os primores do ofício e tereis as bênçãos de

grandes tradições e o estímulo das glórias que laurearam esta Casa, que hoje vos ouviu, da tribuna que foi de Machado de Assis e Rui Barbosa.

Machado, modesto, retraído, sem eloqüência, dono da palavra adequada, única e indispensável, da frase que não hesita, da frase redonda que diz tudo que tem a dizer. Escrevia como quem fala, em surdina, num confessionário, parecendo pedir desculpas por tanto saber e por escrever tão bem. E Rui, falando alto, com ênfase, insuperada eloqüência e dono de um cérebro que era o prodigioso laboratório de onde projetou no quadro da inteligência brasileira, através do estilo que o ombreia e irmana aos grandes clássicos, um monumento culminante da cultura jurídica, social, política e literária.

Sr. Ivan Lins, na tribuna acadêmica, vosso discurso honrou-lhe as tradições. Se não fosse essa espécie de ministério público literário, que Múcio Leão devotadamente exerce, curador que é dos escritores esquecidos ou ausentes, Adelino Fontoura, patrono da Cadeira em que vos sentais, continuaria ignorado, amparando-lhe o nome, o seguro de vida literária, que, no dizer de Afrânio Peixoto, devem emitir os grêmios da natureza da nossa Academia. Realmente, não fosse o trabalho devido ao sacerdócio pesquisador de nosso ilustre confrade e o vigoroso retrato que dele acabais de fazer, Adelino Fontoura continuaria patrono sem que lhe conhecêssemos prosas e versos.

Luís Murat, vós o evocastes autêntico, perfeito. Estou a vê-lo nos primórdios da minha vida profissional, sentado diante de sua mesa de escrivão da Provedoria, assinando termos e ofícios, folheando autos, atendendo às partes com aquela fisionomia de olhar severo e marcada pelos bastos bigodes grisalhos, mas cujos versos, apesar das insistências de meu pai, me eram naquela época totalmente proibidos pela minha prosápia de poeta penumbrista.

Vosso precioso elogio de Afonso Taunay comoveu-me o coração. Companheiro quase sempre ausente, era de todos o íntimo amigo, o amigo epistolar. Sentado aqui, afidalgado, enobrecia o ambiente. De longe, com suas cartas assíduas, conceituosas, talhadas em letras pequeninas e difíceis, vivia em íntimo colóquio com seus irmãos de confraria. Fui a São Paulo para vê-lo, dez dias antes da sua morte. Enfraquecido fisicamente, era ainda o mesmo espírito, a memória e a lucidez de sempre, tal qual o retratastes.

Percebestes, por certo, Sr. Ivan Lins, que até agora andei fugindo a um encontro direto com a vossa obra literária. Se pela extensão e profundidade,

não me assusta encará-la, pelo respeito que a ela devoto, receio não poder comentá-la e louvá-la na escala merecida.

Muitos de vossos temas eu os toco em oitavas diferentes e não raro vos surpreendo em tais virtuosidades que me é mais deleitante deixar-vos no palco com vossos instrumentos requintados, para apenas aplaudir-vos como ouvinte respeitoso.

Ensinava o patrono desta Casa que "nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum".

No trato de vossa obra, esta idéia me ocorre, e eu próprio, ao percorrê-la agora e sentindo-a em seu conjunto, acrescentei tanto ao meu velho acervo que vos coloco, nesta geração, entre os mais dadivosos provedores.

Nem tudo, porém, incorporei: sois positivista; positivamente o não sou, mas, nas sombras do vosso harmonioso humanismo, há, a cada passo, um banco para conversarmos, para dizerdes vós da tranqüila segurança que desfrutais no sistema de idéias que adotastes, e fale eu de dúvidas metafísicas, dos meus velhos colóquios com Schopenhauer, meus entretimentos com Willam James, no caminho de Bergson, a quem ainda volto com o mesmo sentimento que identifiquei em José Maria Belo. "O retorno a Bergson, ao seu límpido e tantas vezes imaginoso estilo, era uma pousada de repouso na cansativa excursão através de filosofias áridas ou confusas a exigirem, no labirinto das idéias, um fio condutor que nenhuma Ariadne nos dava..."

A conselho paterno, nos meus verdes anos, andei também a bordejar vossas plagas, e fiz-me ouvinte, no Templo da rua Benjamim Constant, da comtiana pregação, mas, devo recordar, o demônio da Poesia se desmandava tanto em meu cérebro inflamado que me é mais fácil hoje repetir-vos versos que compus naquelas horas do que sabatinar-me sobre o quanto se disse da Lei dos Três Estados.

Louvo em vós, ilustre companheiro, essa gula das leituras intermináveis, de que fala Augusto Meyer.

Sois de grande saber e sois médico e não jurista, como tantos pensam, mas me confessastes a renúncia à clínica, obediente ao preceito latino *Medice, cura, te ipsum*!...

No magistério, do Latim e da História, no ginásio padrão, passastes pela Higiene Industrial, como bom esculápio... e acabastes na História da Filosofia, nos cursos de Direito da Universidade do Brasil.

Sois jornalista militante, e, na rica moldura do vosso caráter, da vossa probidade e da vossa vocação de homem público, está hoje, de corpo inteiro, o retrato do cidadão exemplar – o Ministro do Tribunal de Contas da Prefeitura do Distrito Federal.

Sois aqui, porém, acima de tudo, o escritor, e ao entrardes, teremos de esmiuçar vossa rica bagagem.

A leitura do conjunto de qualquer obra de real valor, como a vossa, é das que impressionam pela substância e firmeza de afirmações, pela aceitação e defesa de princípios literários ou filosóficos, pelo espírito polêmico, que domina todo pensamento que se opõe a outro pensamento, leva-nos a conjecturar com Paul Valéry: *"Personne ne peut dire ce qui demain sera mort ou vivant en litterature, en philosophie, en esthétique."* Maior consolo encontramos no que escreveu Mestre Fidelino Figueiredo:

> Ainda que obra de inspiração individual dos artistas, a Literatura é um fenômeno social pelo idioma de criação coletiva e pelos problemas e inquietações que expressa, pelas reações do autor ante uma coletividade e pelo eco da criação individual sobre a consciência nacional. Público e autores colaboram; e essa colaboração transforma ou amplia, através dos tempos, o sentido e a influência da obra individual.

Os livros que publicastes, Sr. Ivan Lins, têm um só sentido, uma só direção, animados por pensamento uniforme, são pregações escrupulosas de superior elevação moral. Trazem todos a marca de Montaigne: livros de boa-fé! E deixam a impressão de que deles fostes o severo crítico, obediente à máxima de Camilo: a crítica que principia por nós, é a melhor crítica.

Desde 1933, quando estreastes com a tese sobre "O Crime, o Criminoso e a Responsabilidade Penal" – publicastes nada menos de 21 volumes, e tendes prontos mais dez! E numerosos foram os cursos que proferistes, merecendo destaque os realizados em Montevidéu, a convite da Divisão de Cooperação Internacional do Itamarati, sobre – "Lope de Vega e o Signifi-

cado de sua obra", "A epopéia de Rondon nas selvas Brasileiras" e "A cavalaria Medieval; seus fundamentos e sublimidade de seus ideais".

Contemplando-vos agora na imortalidade acadêmica, eu evoco o amigo de sempre e me volto para a vossa obra, pelas reminiscências pessoais: críticas impressionistas, leituras que se me gravaram no espírito, à medida que vinham a lume vossos substanciosos trabalhos. O primeiro que li foi a "Introdução ao Estudo da Filosofia", que reúne as conferências proferidas por solicitação do proletário Antônio Pires, para figurarem numa "Cartilha Operária". Fizestes belo esforço para vencer a difícil empreitada de síntese.

O *Humanismo e o Plano Nacional de Educação* traz prefácio de Edmundo Lins, em que o notável cultor das Letras clássicas confessa, textualmente, ter encontrado ali, pela primeira vez claramente definido e precisado, o que seja o humanismo, comentando corajosamente que, se ele foi utilíssimo no Renascimento e continua a sê-lo, hoje, para um pequeno número de amadores e especialistas é inteiramente descabida a pretensão de ressucitá-lo com o caráter de cultura preponderante que apresentou nos séculos XV e XVI.

No pórtico do vosso livro sobre Benjamin Constant, deixou Afrânio Peixoto palavras que vos resumem o próprio pensamento:

> A lição de Benjamin Constant ao Brasil foi esta, simples, bela, confortadora: sem sair da doutrinação, apenas com os meios suasórios da educação, podem-se mudar instituições... Ele não foi outra coisa. A própria farda que vestiu foi apenas indumentária ao mestre. Se soldados o ouviram eram apenas alunos. E a convicção se fez. As palavras se tornaram atos. Venceu sem violência, como devem vencer as idéias. Por isso é benemérito e glorificado, enquanto se esquecem os violentos e possessos..

Em *Tomás Morus e a Utopia*, doutrinais sobre quem foi, além de Chanceler de Henrique VIII, humanista, homem de letras e canonizado pela Igreja Católica. Miguel Osório de Almeida, apresentando-o, aplaudiu-lhe, sem reservas, o autor,

> por seus alevantados ideais, por suas qualidades de pesquisador, apaixonado pelas grandes idéias, por seu otimismo e sua confiança no advento de tempos melhores, em uma humanidade mais razoável e mais sensata, menos dominada

> por preconceitos ou idéias falsas e impostas à força, e em nome das quais são cometidas as maiores crueldades...

Roquete-Pinto, no elogio do vosso Descartes, não resiste à confissão sobre o autor: "a gente pode, às vezes, não concordar com ele, mas encontra sempre o que aprender, quando ele fala." E acrescenta: "O surto do escritor é um prêmio do humanismo sistematizado e renovado pela influência de Augusto Comte."

Para o exame de qualquer obra literária, uma vez que se ponham de lado os excessos de objetividade da crítica moderna, que chegou a reclamar pesquisas científicas de laboratório – basta, acima de tudo, a honesta capacidade de apreciar. Ficamos assim com este douto paulista, Antonio Candido, para quem criticar é apreciar; ter gosto e ser dotado de intuição literária.

Na intuição literária é que se encontra a capacidade, maior ou menor, de cada um colocar a obra criticada dentro do espírito universal, do ambiente e do momento em que foi criada, fazendo-a, se necessário, atravessar séculos, e ressuscitá-la, depois, na emoção e na compreensão dos comtemporâneos.

Recomendo aos que me dão a honra de ouvir, o exercício deste gênero de crítica ao lerem os estudos do Sr. Ivan Lins sobre a velha e nobre Literatura espanhola, nos quais interpreta e julga, com olhos de ver, com sentidos de sentir, a grandeza sábia, misteriosa e filosófica da alma inquieta e emocionante da terra de Cervantes. Dois destes estudos são dedicados a Lope de Vega, de quem assinala que, se o século era de gigantes, havia de ser um deles o portentoso gênio que faria do teatro espanhol um dos mais ricos e originais do mundo inteiro.

Tal, efetivamente, a grandiosidade da obra de Lope de Vega, que, no vosso juízo "seria, por muitos, considerado um mito, como Homero, caso não tivesse vivido tão próximo de nós".

Nos dramas de Lope de Vega e de sua escola, como em Shakespeare, bem sublinhais, evocando Latino Coelho, sente-se que o belo e sublime se manifestaram, sob um aspecto novo e diverso das regradas formas de Racine e do estilo elegante, mas artificial, do teatro clássico francês e italiano. E concluis: "É que, se a luneta clássica é um instrumento precioso para apreciar os ornamentos de bom ou de mau gosto, as minúcias perfeitas ou imperfeitas, é também, como fez ver Chateaubriand, um microscópio inaplicável à observação do conjunto".

Estudos de profundeza literária, vossos ensaios integram o pensamento dramático e poético espanhol no pensamento universal, e nos trazem, à sensibilidade e aos olhos, costumes ibéricos de séculos idos, penetrando, com segurança, no ambiente social e político da Espanha barroca e renascentista, através dos motivos literários da grande obra de Lope de Vega.

Sobre Ruiz de Alarcon, a quem se diz precursor de Corneille e Molière lembrais, com acerto, Sr. Ivan Lins, que, sem Lope de Vega, pasmosso gênio, cognominado, por Cervantes, Monstruo de la Naturaleza, e por seus demais contemporâneos, Fénix de los Ingenios, não teria Alarcon escrito as suas 26 encantadoras peças.

Estudos a um só tempo de história, crítica, e filosofia, trabalhos como os que esboçastes sobre Calderón de la Barca e Tirso de Molina são preciosos e trouxeram aos nossos meios culturais, através de antenas de rara sensibilidade, temas empolgantes, quase inexplorados.

Se me fosse possível abusar, não deixaria esta tribuna, sem antes me alongar no louvor da vossa opulenta obra de esteta, humanista e filósofo, historiador e sociólogo.

Eu vos enalteci pela unidade exemplar do pensamento que vos norteia e domina. A linguagem sóbria e ao estilo vigoroso já cantei minhas loas. Num largo salto, lembrarei agora três livros que mais de perto me encantam: *Martins Fontes*, espelho de vossa amizade pelo deslumbrante poeta santista: *Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas,* após cuja leitura afirmou Afrânio Peixoto que escrever sobre tal assunto com a erudição de um humanista, com a piedade de um religioso, com a bravura de um cavaleiro cruzado é obra por todos os títulos meritória, que fez do vosso talento e de vossa sabedoria, divulgação educativa para as massas, e, por fim *Aspectos do Padre Antônio Vieira*, por todos os títulos, livro consagrador e realmente já consagrado.

Vossa amizade intelectual com Martins Fontes nasceu, vós revelais, da simples cortesia da oferta de um livro. Desde então, surgiu, como afirmação de pensamentos irmãos, essa corrente epistolar das mais interessantes. Lendo em vosso livro as cartas do amigo de Bilac, ficamos melhor conhecendo a indormida preocupação filosófica de um poeta de ilimitada emoção e permanente entusiasmo.

Conheci pessoalmente Martins Fontes, de quem se disse que lê-lo era um encanto, mas ouvi-lo uma felicidade: – e cujo perfil noz traçou Bastos Tigre: "Neste Poeta – Coração, enaltecer e glorificar é um prazer delirante. Não conheço, em mais ninguém no mundo, um culto mais fetichista da amizade, que chega à vesânia!

"Creio que ao nascer extirparam-lhe d'alma a vesícula biliar da inveja e do ciúme. Esfuma-se, dilui-se, apaga-se para fazer sobressair os amigos."

Com a apreciação da trepidante vida e da obra fantasmagórica de Martins Fontes, vós o revivestes sob um aspecto novo e ignorado até por alguns dos seus íntimos amigos: o de ter introduzido, na divulgação positivista, o que lhe estava faltando, a pregação poética. De fato, nada mais intuitivo e convincente do que os sonetos que se lêem. "Nos Jardins de Augusto Comte" e no "Calendário positivista".

Em vosso preito a Martins Fontes se evidencia o poder das afinidades e da atração intelectual, mesmo entre homens que nunca se avistaram, como é o vosso caso em relação ao poeta que, no fim da existência, trocou os motivos centrais da sua Poesia, o amor, a alegria, o encanto da vida e da Natureza pela disciplina do pensamento na filosofia de Augusto Comte.

Eu não tenho culpa, Sr. Ivan Lins, de ter maior a sensibilidade do que outros predicados. Não maldigo, porém, essa excessiva ternura à flor da pele que se, por vezes, me fez sofrer mais do que a justa conta, em outras, deu-me o consolo desejado. Não sei se a tenho espelhada na fisionomia, no olhar, para que todos me vejam como eu me retrato. Nasci assim e assim vivo, repetindo, para melhor compreender-me, o célebre verso de Musset: *"Mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre..."*

Sr. Ivan Lins, emocionou-me a leitura na primeira página de *A Idade Média,* da dedicatória que evoca "a humilde memória de Constantina", antiga e simples criada da casa de vossos pais, para cujo serviço entrou antes do vosso nascimento, e que considerais como pessoa das mais queridas da família. E Constantina, santa criatura que vos proporcionou alguns momentos mais venturosos, vive ainda na vossa memória e na vossa gratidão, como aquela árvore dadivosa, de que fala Rui, "cujos benefícios sobrevivem no reconhecimento que não murcha".

Meu nobre amigo, não poderíamos deixar de trazer Constantina à vossa festa.

*A Idade Média*, destacando-se entre vossas obras capitais, é a evocação de uma época em termos de gratidão e justiça, numa aguda revisão de julgamentos.

Ao escrever história, sois discípulo de Camilo, que contava os fatos como eles tiveram a imprudência de acontecer...

Não deixais de enfrentar nenhum dos pontos difíceis ou obscuros daqueles caluniados dez séculos. Sedutora e cheia de atrativos, bem demonstrais, é esta fase da História, onde, "em paradoxal milagre, surgem, da barbárie e do entrechoque das armas, as virtudes mesmas que constituem hoje o mais precioso apanágio do cavalheirismo". Com vossos eruditos estudos, tão ricos de ensinamentos, tínheis a certeza de ir ao encontro de quantos buscam, no passado, incentivos e forças contra os amargores do presente e as apreensões do Futuro.

"Noite de mil anos", no azedume de Michelet, a Idade Média não pode ser responsabilizada pelo retardamento do progresso humano.

A pecha da estagnação, já sobejamente respondida, como, em *Lumière du Moyen Age*, por Regine Pernoud, e, entre nós por Delgado de Carvalho, em seu valioso estudo inédito, bem como todos os pontos controvertidos, encontraram em vossa obra a crítica serena e, por isso, constitui ela, em nosso idioma, pedra básica para os estudiosos.

Alegastes muito bem, Sr. Ivan Lins, nas razões de defesa que se compararmos esse período com os séculos que se lhe seguiram, e, principalmente com os dias de hoje, devemos aceitar a lição de Burckhardt:

> Se os sonhadores que aspiram retornar à Idade Média – essa idade bem-aventurada! fossem obrigados a viver nela somente uma hora, reclamariam, com grandes brados, o ar dos tempos modernos. Se, porém, compararmos a Idade Média com os séculos que a precederam, então a resposta não poderá deixar de ser negativa. Desse paralelo, a não ser em caso de alucinação, não se pode efetivamente concluir que, se não foi a Idade Média um dia perene, também esteve longe de constituir uma noite de mil anos.

Existem estradas que se não podem percorrer por inteiro, pois os encantos da Natureza levam à contemplação que retarda os passos. Não chegaria ao fim deste roteiro literário, através da vossa obra, se dela pudesse ocupar-me na escala merecida. O que acabamos de fazer foi apreciar alguns dos aspectos que nos parecem mais característicos, fixadores do vosso pensamento e das vossas preferências. Deixamos de nos referir a uma parte importante do conjunto de vosso patrimônio de autor, onde merecem atenção: os *Três Abolicionistas Esquecidos* (Benjamim Constant, Miguel Lemos e Teireira Mendes), a *Concepção do Direito e da Felicidade perante a Moral Positiva* e *A Cultura e o Momento Internacional*.

Para ponto final desta saudação, reservei-me um grande tema: – *Aspectos do Padre Antônio Vieira*.

No prefácio, M. Paulo Filho adverte-nos de que vosso estudo completa os de João Lúcio de Azevedo, Antônio Sérgio e Hernâni Cidade, devendo, por isso mesmo, interessar aos eruditos e estudiosos do vieirismo, ao mesmo tempo que todos os que lêem no Brasil e em Portugal.

Antônio Vieira, padre da Companhia de Jesus, que ao tomismo preferia a liberdade de pensar por conta própria, "tinha horror às verdades impostas ex-cátedra, ao racismo e aos preconceitos sociais de que a Europa e a América de então enfermavam. Disso resultou que ele, um inaciano, educado nos exercícios espirituais, "fosse o mais corajoso advogado dos judeus e o mais abnegado defensor dos índios escravizados". Homem extraordinário, Vieira externava seus sentimentos, fossem quais fossem as conseqüências, com a mais corajosa e transparente sinceridade. Por assim agir, caro pagou. Não foi entendido nem pela Rainha D. Luísa de Gusmão, nem mais tarde pelo Santo Ofício.

Que outro espírito, senão o vosso, poderia melhor defini-lo, e situá-lo em nossa História e em nossas Letras? E quantos escritores, no Brasil, vos terão superado. Sr. Ivan Lins – no gosto dos estudos especializados e na ojeriza às improvisões passageiras? Vossa produção intelectual é toda documentada, revelando sempre estudo crítico sobre pesquisa paciente e séria. Conheceis profundamente a obra do grande Padre, em cujo julgamento sois severo e imparcial. Concordo com o juízo do prefaciador: por serdes filósofo e sociólogo positivista, tivestes crescida a responsabilidade ao vos pronunciar sobre

um grande sacerdote da Igreja Católica. O que fizestes foi mostrar e provar que o Padre Antônio Vieira é muito mais do que o consagrado orador sacro.

Ressaltastes em Vieira não só o pensador, o político, o diplomata, o missionário, o filósofo, o moralista, o reformador social e até o estrategista militar, mas também um Vieira ignorado, que surge vivo, completo, eloqüente, sábio e santo, no livro erudito e persuasivo que lhe dedicastes.

O Padre Antônio Vieira, sob alguns aspectos, foi por vós tirado da escuridão em que se encontrava para a claridade do convívio humano. Homem de altíssima estrutura moral, capaz de ação e reação sem superstições inúteis ou beatitudes insensatas.

O que realmente impressiona na egrégia figura humana de Vieira não é a altura da voz, do pensamento religioso e filosófico, da beleza literária das pregações, da atuação e contato rude com a vida cotidiana, da santidade e da fé: é a coragem com que agiu física e pessoalmente na perigosa época em que viveu, defendendo judeus, enfrentando e acusando a Inquisição, que o perseguiu, prendeu, maltratou e quase o fez morrer, como tantos outros, na praça pública, devorado pelas chamas de uma fogueira.

Colocastes o Padre Antônio Vieira no lugar que lhe cabe na Literatura e na História de Portugal e do Brasil. Concedestes, com isso, a todos nós a graça de melhor apreciarmos sua clássica oratória, sem os inconvenientes de uma procura paciente e pessoal, para encontrar as preciosidades literárias, a língua purificada, o pensamento mais elevado. Tudo isso está em vosso grande livro. Livro de exaltação e antológico. Lendo-o, temos ao nosso alcance e para maior glória do nosso amor à língua portuguesa o que Vieira produziu de mais clássico, de mais belo e de mais puro.

A Academia Brasileira de Letras, Sr. Ivan Lins, no dinamismo de suas nobres atividades, é incentivo para o trabalho. Ela conhece, e por isso vos escolheu, a extensão e o valor da obra que já realizastes. O que talvez vós não sabeis é o que ela ainda de vós deseja e espera.

As palavras que, por designação de nosso ilustre Presidente, acabo de vos dirigir são sinceras, e vos falam da admiração que todos vos votamos. Que me pese a suspeição de velho amigo, elas são justas e vazadas no prolóquio: amo Platão, porém, amo ainda mais a verdade.

Discurso do
SR. ÁLVARO MOREYRA

e

Resposta do
SR. MÚCIO LEÃO

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 23 de novembro de 1959*

# I

# DISCURSO DO SR. ÁLVARO MOREYRA

## EU, PECADOR

Cheguei hoje ao marco 71. Hei de seguir para a frente. O caminho parece menos claro, mais silencioso. Não faz mal. Levo na memória a luz e a música. A cabeça ainda sobe com delícia às nuvens. Os pés ainda gravam sinais radiantes no chão. Carrego todos os desejos, exceto um: descer, de corpo presente, na Lua.

Um dia, à beira do século, espero encontrar a Vida e pôr o meu beijo nas suas mãos. Que não me aconteça o que aconteceu a Fontenelle, perto dos cem anos, num salão em Paris: passou, com outra idéia, por Madame Helvétius, a quem costumava chamar: "A mulher maravilhosa". Madame Helvétius deteve-o: "Então, deixei de ser maravilhosa? Passa, nem me vê!" Fontenelle respondeu: "Se a visse, não passava..."

## ACORDO CANTANDO

Agora já me conheço. Não, líquido e certo: "O suficiente para ser perdoado." Surgi antes da República, em Porto Alegre. Apliquei o nome do porto à consciência. E que esforço para o conservar! Acordo cantando. Peço a bênção a Deus. Dou bom-dia ao dia. Recomeço o destino, tão natural, tão simples, tão amigo, tal qual o recebi, tal qual o legarei, sem queixas, sem

amarguras. Os campos estão cheios de flores. Não há nada ruim; tudo pode melhorar. Possuo um pouco de inocência, um pouco de imaginação, um pouco de prática da teoria. Sou dono de uma fortuna imensa: a pobreza. Se estou vestido com tantos ouros, devo-os à Sociedade Sul-Rio-grandense, ao caro Presidente, Nery Kurtz, devo-os aos meus patrícios que moram, de aparência, no Rio de Janeiro e moram, de realidade, no Rio Grande do Sul. Os gaúchos levam com eles, para onde vão, a terra que os criou.

Antônio Nobre me disse, no meu tempo de interno, em São Leopoldo:

> ...os homens, quase todos,
> têm sido e são muito mais maus do que eu.

Não acreditei em Antônio Nobre

Jules Laforgue me disse no meu tempo de solto, em. Paris:

> Vem, vamos cantar
> o Grande Perdão!

Foi em Jules Laforgue que acreditei.

Erro bastante, no sentido de direção e no sentido de que isso não se faz. Meu estado geral é de graça, com várias receitas da sabedoria chinesa, prontas para qualquer socorro na porta, no telefone ou na televisão. Custo a envelhecer porque custo a me aborrecer. Não penso mal de ninguém (eis o meu egoísmo). Acho que ninguém tem culpa (eis o meu truque de amar o próximo como a mim mesmo).

## A SURPRESA DA VIDA

Um dos grandes da família, Joaquim Nabuco, descobriu que a mocidade é a surpresa da vida. Enquanto nos espantamos, somos moços. Trago-vos um coração quase puro, um espírito mais que encantado. Deixai-me dizer-vos que venho dos lugares onde estão as fontes, os ninhos, as madrugadas. Olhei a eternidade, face a face. Entendi que é diversa na presença, uma em muitos, espécie de coxilha, não parando nunca, extasiada de cores e reflexos correndo

no vento, bulindo em águas que formam ilhas ao contrário, árvores solitárias, árvores em capão... Vultos, vozes... a campanha, o firmamento, unidos, com pena de se apartarem, e que se alongam prolongam por todos os horizontes...

## A LUZ DE UMA CEGA

Aperto no mesmo abraço, junto no mesmo beijo, minhas mestras: minha mãe e minha avó. Minha mãe, linda. Minha avó, cega.

Uma cega em casa ilumina a vida. Foi ela que me ensinou a ver: "Repara nas coisas bonitas, e me conta". Eu reparava no iate do avô marinheiro, nos lampiões cor-de-rosa, nos vasos com flores, na boneca da caixa de música, nos canários, nas abelhas, na oliveira, no jasmineiro, na banda que ia tocando à frente do batalhão. Contava, alvoroçado. E ela: "Não se deve falar alto, os anjos não escutam". Mandava fazer torta de nozes para a merenda. Punha água de alfazema na minha cabeça e nas minhas mãos. Se eu tinha medo, inventava Poesia, criava mundos. Era doce até no nome: Maria Angélica da Soledade.

Minha mãe sabia gostar, querer bem como ninguém. Colhia as tristezas e as alegrias na estrada. Guardava as tristezas, dava as alegrias.

Minhas mestras!

## GRATIDÃO

Senhores acadêmicos, aceitai a gratidão do homem que bateu à vossa porta e a quem mandastes entrar.

Não entro aqui cansado. Entro pela companhia. Pedi-vos uma Cadeira na Casa de Machado de Assis para ganhar o prêmio da vossa intimidade, de aprender convosco o que sabeis. Esta é a Casa do Brasil, como a consagrou quem lhe deu o nome e a glória:

> ... conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda a casta às escolas literárias e às transforma-

> ções civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da crítica e da eloqüência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira.

Assim fizestes. As palavras de Machado de Assis repetidas além de 62 anos, são o vosso elogio.

## A CADEIRA 21

Que Cadeira vos solicitei? A 21, onde, de 1927 a 1958, se sentou o poeta que primeiro me apareceu quando vim da minha província para terminar, na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, os estudos muito intitulados: "Ciências Jurídicas e Sociais".

Foi em março, como em *O Caçador de Esmeraldas*. Felipe D'Oliveira viera comigo. Olegário Mariano nos levou ao Palácio Teatro, na Rua do Passeio. Terminava o "número" inglês, cheio de trambulhões e de *all rights*. Um senhor, de jeito alemão e casaca forneceu seis cachorros inteligentes. Mais: uma cantora italiana, uma bailarina espanhola, outra cantora – rumaica – de quem Raul Pederneiras, apresentado pouco antes, disse: É a melhor asma que já se exibiu aqui. Por fim, no palco à meia-luz, esguia, braços parados, mãos paradas, cabelos escuros e rentes, cara de cara ondulando na água, produziu-se uma mulher de certo armada com pedaços da noite lá fora. Nunca me esqueci da canção que ela cantou:

> Se o teu coração não tem mais amor
> por que os teus olhos têm lágrimas ainda?

Do Palácio Teatro fomos ao Clube dos Políticos, que era de jogo. Vários clubes funcionavam na Rua do Passeio, diante do jardim com grades e sem bustos, perto da Lapa. O amigo novo rumou conosco para a Rua Chile.

Subimos ao Clube Mozart, que não era de música, e onde se comia o melhor bife com batatas fritas das horas mortas.

Noite de cinqüenta anos. Felipe partiu, mais moço do que ela. Olegário, mais velho. Desculpai: não fiquei por teimosia. Pode ser que eu tenha imitado, sem saber, o homem que passava, tapando a cabeça, disparando, pelo cemitério. Perguntaram-lhe: "Por que isso?"

Explicou:

– Quem não é visto, não é lembrado. Afinal, a razão é de Augusto Comte: "A humanidade compõe-se de vivos e de mortos; os mortos são mais numerosos."

## A BELA ÉPOCA

Rio de 1909, Rio da Avenida Central e da Avenida Beira-Mar. Rio de Osvaldo Cruz, Pereira Passos, Paulo de Frontin, Rio de Figueiredo Pimentel, o importador da crônica mundana, que proclamava, todas as manhãs, na coluna "Binóculo", da *Gazeta de Notícias*: "O Rio Civiliza-se". Rio de Barão do Rio Branco, Rui Barbosa, Pinheiro Machado, Irineu Machado, e de Alcindo Guanabara, Edmundo Bittencourt, Leão Veloso, João Lage, João do Rio. Rio de *O Malho*, da *Ilustração Brasileira*, do *Tico-tico*, da *Kosmos*, do *Fon-Fon*, da *Careta*. Regatas e corsos em Botafogo e no Flamengo. Concluída a série de conferências literárias, no Cassino, por Olavo Bilac, Coelho Neto, Medeiros de Albuquerque. Aberto o Teatro Municipal. O Lírico resistindo. Temporadas de óperas em italiano, dramas em francês, espanhol, italiano e também em português de Portugal. Revelação das operetas vienenses: *Viúva Alegre*, *Sonho de Valsa*, *Conde de Luxemburgo*, que substituíam a *Mascote*, *Os sinos de Corneiville*, *Bocácio*... Lucília Peres representava "O Dote" de Artur Azevedo, no Teatro Recreio. Itália Fausta ia representar "Antígona", de Sófocles, no teatro da Natureza, em pleno campo de Sant'Ana. Ensaiava-se Leopoldo Fróes. Muitos autores dramáticos aplaudidos, e um, sensibilíssimo: Roberto Gomes. Para os espetáculos de gala, a condução maior era o bonde, com bancos cobertos de pano branco: o povo lhe botara o apelido de "bonde de ceroulas". Os "salões" eram da Condessa Cândido Mendes, da Sra. Rodrigo Octavio, da Sra. Franklin Sampaio, da Sra. Sousa Ribeiro, da Sra.

Antônio Azeredo. D. Laurinda Santos Lobo, então alferes, seria depois "A Marechala da Elegância", na mansão de Santa Teresa. Copacabana dormia nas areias. Lugares de passear: o Silvestre, na montonha, e o Leme, na praia. As passagens dos bondes para o bairro marítimo anunciavam: "Hoje, luar feérico no Leme!" Rio do Morro do Castelo, do Hotel dos Estrangeiros, das barcas para se ir tomar o trem de Petrópolis. Rio do Clube dos Diários, Rio do Café Jeremias, dos primeiros cinemas, dos alfaiates Raunier, Almeida Rabelo, Brandão, dos chapeleiros Leivas, Alberto, Watson, do sapateiro Cadete; de Madame Coulon; camisas, colarinhos, punhos, lenços, gravatas; das Livrarias Garnier, Quaresma, Laemmert, Jacinto, Azevedo Martins; das Confeitarias Paschoal e Colombo da "Rotisserie" na Rua Gonçalves Dias, do Stadt München, no Largo do Rócio, do Bar Adolfo, no Largo da Carioca, do restaurante Labarthe, na Rua do Carmo (dois mil réis, almoço ou jantar), das casas de pasto desde o fim da Rua do Ouvidor até o Estácio; Rio das ostras, de madrugada, no cais da Praça Quinze; Rio dos "chopes" na Lapa; Rio das ruas musicadas pelos pregões; Rio dos Tenentes do Diabo, dos Fenianos, dos Democráticos, do Ameno Resedá, da Flor do Abacate, das Mimosas Cravinas; Rio das Batalhas de Flores na Avenida Beira-Mar, e do *footing* na Avenida Central com chá em seguida na Cavé. Não se tomava uísque, tomava-se vinho: Madeira, Porto, Málaga, Xerez.

Os poetas com Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Luís Murat, Augusto de Lima, B. Lopes, Luís Delfino, Félix Pacheco eram Mário Pederneiras, Emílio de Meneses, Bastos Tigre, Luís Edmundo, Martins Fontes, Goulart de Andrade, Aníbal Teófilo, Oscar Lopes, Leopoldo Brígido, Octávio Augusto, Adelmar Tavares, Paulo Barreto, construíam o jornal moderno. Júlia Lopes de Almeida e Carmen Dolores, as escritoras admiradas. Um estreante, de êxito imediato: Gilberto Amado. Outro: Agripino Grieco. Músicos: Alberto Nepomuceno, Francisco Braga, Henrique Oswaldo, Barroso Neto, Glauco Velasquez, Pintores: Batista da Costa Amoedo, Parreiras, Belmiro, Lucílio Albuquerque, Helios Selinger, os irmãos Chambeland, os irmãos Timóteo, um dos irmãos Bernardelli. Escultores: o outro dos irmãos Bernadelli, Eduardo Sá, Modestino Kanto, Correia Lima, Décio Vilares. Arquitetos: Jannuzi, Morales de los Rios.

Caricaturistas: Julião Machado, Raul Pederneiras, Kalixto, J. Carlos Amaro, Bambino, Fritz, Romano, Rian, Luís Peixoto. Presidente da República: Afonso Pena, que morreu. Nilo Peçanha, vice-presidente, terminou o quatriênio.

Cinco amigos sempre juntos: Mário Pederneiras, Felipe D'Oliveira, Olegário Mariano, Rodrigo Octavio Filho, Alvaro Moreyra. De quando em quando com Gonzaga Duque e Lima Campos, que faziam trindade com Mário Pederneiras.

Assim comparecemos à época inicial do século, dita "A Bela Época."

Um dia de onde viera Olegário, veio Múcio Leão. E quando Múcio Leão veio, na simpatia que nos atraiu, através do Felipe D'Oliveira, não estaria o presságio desta noite, para a qual nele escolhi meu gentil-homem de boas-vindas?

## CADEIRA DA LIBERDADE

A Cadeira 21 foi inaugurada por José do Patrocínio. José do Patrocínio escolhera para patrono Joaquim Serra. Dois paladinos da guerra santa da Abolição. A José do Patrocínio sucedeu Mário de Alencar, tímido, retraído, amoroso do canto com os livros; detestava os oradores e os jornalistas; metia-se na solidão para ser livre. Olegário Mariano, filho de abolicionistas, o poeta dos pássaros do ar, dos cães da rua, das cigarras do campo e da cidade, de todas as criaturas de independência ou morte, de todas as coisas sem fronteiras, sem perseguições, sem injustiças.

Esta é a Cadeira da Liberdade.

## HISTÓRIA E LENDA

A lenda é a névoa da história, encobre de leve os entes reais ou parecidos, disfarça-os, torna-os sorridentes e fáceis, embora às vezes sejam carrancudos e penosos de contar. Histórias de mais legou o cativeiro. Algumas, é preciso esquecer, por muito cruéis. Outras, lições direitas, podem andar sempre evocadas: a dos Palmares, a dos Quilombos de Minas Gerais, principalmente a de Chico Rei, tão alta que parece inventada. Histórias de amor, sinhás

velhas, sinhá moças, feitores, capitães-do-mato, e de troncos, chicotes, ferros em brasa, que se amarelem e sumam nos livros como se calaram nas bocas. Uma história só, das incríveis maldades, se mantenha na vergonha mas na ternura dos descendentes: a que a lenda envolveu, a do Negrinho do Pastoreio. O negrinho do Pastoreio corre pelos campos, pula os riachos, trepa nas árvores, ri para o sol. Uma ponta de sol ele gosta que lhe dêem, em forma de vela acesa, e quem dá acha qualquer bem que perdeu: sua vaca, seu cavalo, sua bolsa, seu anel, seu sonho. Alegre seria colocar num oratório do tempo da escravidão, o Negrinho do Pastoreio e a Negra Fulô, de mãos dadas, para que ficassem como dois Santos, junto de Nosso Senhor do Bonfim.

## JOAQUIM SERRA

Joaquim Maria Serra Sobrinho. Maranhense. Viveu em São Luís e no Rio de Janeiro 51 anos de bom humor. 1837-1888. Poeta, jornalista, orador, dramaturgo, revisteiro, tradutor, entusiasta, curioso, valente. Sílvio Romero, que não viajava pela admiração, escreveu sobre Joaquim Serra: "Homem alegre, compassivo, de um otimismo inalterável. Digeria bem e sabia dar gostosas gargalhadas." Homem no gênero dos que precisam ser conhecidos pessoalmente, vistos, escutados, assistidos. A obra que deixou está nas recordações dos companheiros, no que essas recordações fazem imaginar do magnífico espetáculo que ele foi. Bastaria ter José do Patrocínio o apontado como patrono, para a nossa convicção do valor de Joaquim Serra. Não leremos mais os versos de Joaquim Serra. Não procuraremos mais as crônicas de Joaquim Serra. Nem poremos mais em cena nenhuma das suas revistas, nem o drama *Remorso Vivo*, que ele fez em colaboração com Machado de Assis, Ferreira de Meneses, Furtado Coelho, responsável este pelo prólogo, a música, a encenação e a interpretação do protagonista. Conservaremos, entretanto, a certeza de que Joaquim Serra significou muito na cruzada contra os exploradores e os carrascos dos escravos, significou muito na cordialidade semeada durante a vida sem tédio.

O homem do povo Joaquim Serra! Ele se expandia, ardente, bem-aventurado, defronte à multidão, falando, olhando, voz de muitos na sua voz, olhos de muitos nos seus olhos. Quando deputado, num recinto sem eco,

exerceu o mandato quase indiferente. Faltou-lhe a comunicação, não teve a correspondência, o contato, o silêncio que atende, compreende, solidariza. Joaquim Serra, lúcido demais para se conformar, procurava as idéias, descobria o bom das repelidas, punha num desprezo reverente o mau das bem aceitas. Foi um dos estudiosos que logo propagaram o Positivismo no Brasil. O lema da nossa bandeira republicana fora o título de um jornal que fundou, ainda na província, em 1862: "Ordem e Progresso". Autor, sim. E ator mais que autor. O papel que encarnou, na peça da Abolição, ele o manteve até o último ato, com o mesmo heroísmo sincero, meditado, tranqüilo. Nenhuma violência contra a violência: esclarecimento, persuasão. Assinada a Lei Áurea, Joaquim Serra saiu de cena, jubiloso com os aplausos repartidos entre os camaradas, apertou, sorrindo, a mão da Vida e desapareceu na Morte, absolutamente calmo.

## JOSÉ DO PATROCÍNIO

Conjunto estranho de energias, corpo em que se aglomeravam todos os elementos. Espírito de luz. Tigre lhe chamaram. Foi, cada vez mais, da ascensão à queda, um homem. Trouxera o calor dos anjos rebeldes, a pele queimada de sol. O último desejo: voltar ao espaço. De asas perdidas, quis subir com um balão...

Morreu antes. 1905. O filho que em geral ampliava a verdade, creio que aqui a diminuiu:

> Morreu tarde, muito tarde. Devia ter morrido dezessete anos antes. Devia ter morrido em 1888, no estrépido, no clangor, na ilusão da sua glória... Os anos foram passando, mudaram os tempos. Em novecentos e tantos, já sem a *Cidade do Rio*, o seu jornal, que muita gente tinha comparado a "uma força desencadeada na vida nacional" – fazendo um discurso a Santos Dumont, no Teatro Lírico, foi acometido da primeira hemoptise. Caiu-me nos braços... Cama... Aneurisma, Cirrose. E nem um níquel. João de Souza, Lage ("Deus lhe fale na alma!") encomendara-lhe, quase por caridade, um artigo semanal para *O País*. Salvador Santos, nas mesmas condições, uma crônica humorística (humorística!) para *A Notícia*. Foram as derradeiras mãos

> que o ampararam... Vegetamos pelos subúrbios. Durante meses moramos num barracão onde o vento assobiava pelas frinchas das tábuas... Mas o governo mandou-lhe fazer o enterro, Funerais de Estado, coche de grande gala, cavalos cobertos de plumas negras, marcha fúnebre, embalsamamento, crepe nos lampiões... Seu corpo, durante quinze dias, esteve exposto numa igreja... Entretanto, no 8.º dia que se seguiu à sua morte, nós desocupávamos a casa em que ele morrera, em virtude de um mandato de despejo.

O Libertador dos Escravos. O Jornalista formidável. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. O primeiro que escreveu um romance com a vida trágica dos nossos irmãos do Nordeste *Os Retirantes*, depois de ter escrito, contra a pena de morte o romance *Motta Coqueiro*.

A Princesa Isabel leu os dois livros. Motta Coqueiro lhe incutiu o horror à execução dos condenados. Estando de regente, recusou assinar uma pena de morte, entregue pelo ministro Sayão Lobato:

– Eu não assino penas de morte!

– Princesa, a Rainha D. Maria Primeira, antepassada de Vossa Alteza, assinou muitas...

– Sim... mas era maluca.

O que *Os Retirantes* mostraram à futura Redentora não pôde ser remediado, então, nem depois, nem agora...

No meio dos sofrimentos da seca de 1877, José do Patrocínio pôs um sem data, e nele todos os regimes adotam a definição de Anatole France: "Mudanças de nome das necessidades públicas."

Entre o retirante e o Estado havia um sorvedouro – as comissões de socorros. Cresciam de par as despesas, a mortalidade, a penúria, porque indivíduos desnaturados, abusando da boa-fé do ex-presidente, aproveitavam-se da miséria do torrão natal para enriquecer.

*Os Retirantes* narram coisas vistas. O autor esteve no Ceará em 1877, acompanhado de Paula Ney.

Nilo Bruzzi, que não se fatiga da vocação de descobrir raridades bibliográficas e de clamar pela fama dos autores esquecidos, conseguiu um volume de *Os Retirantes*, edição da *Gazeta de Notícias*, 1879, e afirmou: "Esse romance de José do Patrocínio talvez seja o livro mais emocionante que se escreveu no Brasil até hoje. Ninguém o alcançou em dramaticidade, colorido

tão vivo e quadros tão fortes... É rica a linguagem do romancista, extenso o seu vocabulário."

O penúltimo romance de José do Patrocínio. *Pedro Espanhol*, tem duas partes: uma, em Lisboa, durante o terremoto de 1755; a outra, no Rio, e é a história do homem do título, criminoso, vindo para o Brasil escondido na frota de João VI.

José do Patrocínio, filho, queixou-se de Carlos de Laet por haver posto, em resumo biográfico de José do Patrocínio, na *Antologia Nacional ou Coleção de Excertos dos Principais Escritores da Língua Portuguesa do 20.º ao 16.º Século*:

> ... ainda estudante, já escrevia para os folhas, iniciando-se com uma acrimônia que por vezes ultrapassa as raias da verdade, enveredando pela calúnia.

Carlos de Laet e José do Patrocínio nunca afinaram um com o outro. Quando as reuniões da Academia eram no escritório de Rodrigo Octavio, numa delas, muito concorrida, quando Patrocínio chegou, só havia um lugar, – ao lado de Laet. Patrocínio olhou, dirigiu-se para lá, mas antes quis saber:

– Nós agora estamos de mal ou de bem?

– De bem.

– Então boa-tarde! – e sentou-se.

Enorme José do Patrocínio! Clamor e suspiro... Romantismo e realismo... Braços levantados em protesto e em agradecimento. Numa das mãos, um raio. Na outra das mãos, uma rosa.

## MÁRIO DE ALENCAR

José de Alencar segue pela sua estrada. Machado de Assis segue pela sua estrada. Entre os dois, Mário de Alencar procura criar distância dos rastos do pai, pois foi "o pai", o que o dominou desde a infância; procura criar aproximação do amigo porque, nele, anseia obter a alforria do espírito, já que não pode obter a alforria do sangue.

Escuta: "Verdes mares bravios da minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba; verdes mares que brilhais como líquida esmeral-

da aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros..."

Para abafar os gritos interiores, balbucia:

> Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos, três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso. – Continue – disse eu acordando. – Já acabei, murmurou ele. – São muito bonitos. – Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado. No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me Dom Casmurro...

Imaginação da realidade. Nela se formou, para mim, o escritor Mário de Alencar. Não o seduziam as figuras e os enredos contemplados, as palavras cotidianas, O ímpeto era pelo que lhe dava, na pequena igualdade sem marca, a gente representando a vida, como as cenas de Botafogo, do Flamengo, da Glória, da Lapa, do Andaraí, da Tijuca, em línguas de zonas diversas, em ruas de aspectos e nomes trocados, pelos continentes, pelas ilhas, pelas cidades onde a velha ordem de Deus nunca se recusou a ser obedecida: "Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra."

Ele adivinhou o geral de Machado de Assis, num idioma de pouco uso. No modo de dizer de Machado de Assis percebeu o seu modo de dizer. Não imitou: coincidiu. E compôs, pelo menos, duas obras-primas nos *Contos e Impressões*; "Tia Lulu" e "Coração de Velhos". Mais pessimista que o amigo; menos amargo.

## OLEGÁRIO MARIANO

### O HOMEM DA NOITE

De quem são esses passos cansados
Cortando o silêncio que escorre no asfalto da rua?

De quem são esses olhos molhados
Que choram brilhando na réstia prateada da lua?

De quem são esses gestos largados?
Que sombra é aquela que por entre as árvores se insinua?
De que mundos longínquos, perdidos, ignorados,
Vem essa voz que além do vento continua?...

De onde vêm esses loucos e fundos soluços?
Que homem é aquele que caiu de bruços,
Com a boca sangrando no último estertor?

– É o homem da noite que veio de longe, de rumos diversos
Com os ombros curvados, carregando versos,
Carregando estrelas para o seu Amor.

Neste instante eu bendiria os meus olhos se eles me mostrassem todas as mulheres do Brasil, fazendo roda e dizendo ao poeta enamorado da vida, porque a vida é mulher, dizendo a Olegário Mariano:

– Nós sabemos por ti o que é ser imortal. Vives no nosso amor. Em cada verso teu continuas entre o Céu e a Terra, como foste, como és, como serás.

Enamorado da vida. Eis Olegário Mariano. Enamorado da Natureza e da humanidade, nomes femininos, e das cigarras que se vão perpetuando pelo amor:

Quando a cigarra canta é o sol que canta.

A fragilidade da cigarra se acendia em Olegário:

– É um pedacinho de alma, não é?... da alma do mundo. A nossa alma é a cigarra que nos tocou da distribuição da cigarra grande... É preciso não deixar que não haja inverno na nossa alma... não deixar nunca que o sol se apague...

"Toda uma vida de Poesia..." O homem Olegário passou pelo poeta Olegário e não o viu. Se alguma vez o homem pecou, o poeta não teve culpa.

A quizília contra o Modernismo era atitude mantida, não era vontade sincera de negar. Admirou sempre a Poesia de Manuel Bandeira, Jorge de

Lima, Carlos Drummond de Andrade, admirou sempre a música de Heitor Vila-Lobos e Jayme Ovalle, admirou sempre a pintura de Portinari, Di Cavalcanti, Pancetti.

No hospital, certa manhã, me disse:

– Brasília, seu Álvaro, vai fazer no mundo a maior propaganda do Brasil.

– Você é contra?

– Não. Eu sou contra a mistura. Uma obra assim, completa, de estilo todo se harmonizando, com Niemeyer e Lúcio Costa dirigindo, é capaz de ser um acontecimento novo para a humanidade já farta de tanta guerra. Brasília pode ser a Cidade da Paz...

Ouvi do poeta:

– Os homens apressados deste meio século não têm tempo de pensar que a Poesia ainda existe. Nem a vêem no ar como os satélites artificiais, julgados simplesmente, como dizem, "a última palavra da Ciência." Mas, são os mesmos homens capazes de descobrir discos voadores, submarinos misteriosos, viagens à Lua, tudo fruto da imaginação. A Poesia está viva, em todas as horas, em todos os lugares: a chamada modernista e a sem objetivo – Poesias apenas. Os poetas continuam semeando e colhendo na sua ilha.

Tinha uma ternura de riso, lágrima, compreensão, pelos cachorros. Mas, quando se enfurecia, – para injuriar o enfurecedor, exclamava:

– Cachorro!

– "As duas sombras", de 1917, fatais em todos os programas de declamação, impediram que os poetas mais moços descobrissem Olegário Mariano – o poeta brasileiro, essencial, arraigado, resplandecente. Não foi o poeta do Amor e da Saudade. A saudade de Olegário era esperança. O amor de Olegário, no primeiro beijo, já dizia adeus.

Três mulheres lhe iluminaram a vida: duas Olegárias, a mãe e a filha, e uma Maria Clara no meio, a companheira, a que conservou as mãos de Samaritana para lhe dar de beber, no fim, a água da purificação.

## O CHAMADO DE PORTUGAL

Não se suponha que foi por ambição e vaidade que aspirou ser embaixador. Que honra, que glória lhe daria ser embaixador, se ele era príncipe, e Príncipe dos Poetas?

O céu e o chão de Portugal o chamavam, como chamaram e estão chamando os brasileiros partidos daquele Céu e daquele chão no corpo e na alma dos seus maiores. Luz de Portugal, ar de Portugal, água de Portugal... beleza, ternura, esperança... para ver toda a vida, para ouvir toda a vida, para abençoar toda a vida... Pôr na pronúncia de Portugal, o sotaque do Brasil:

LÍNGUA PORTUGUESA

Da avena dos pastores, da harmonia
Que o vento imprime às palmas das palmeiras,
Do bramido do mar e das cachoeiras,
Da voz que impreca à voz que balbucia;

Do sol que fala quando nasce o dia,
Do luar que enche de unção as cordilheiras,
Vem este claro idioma, que é Poesia
E alma das gentes luso-brasileiras.

Rumor de asas de abelha, um ruído apenas...
Doce afago de arminhos e de penas,
Perdão, queixume, lágrima, reclamo,

Ou grito estuante de alma incompreendida,
Do desgraçado: "Eu te condeno, ó vida!"
Do poeta que sofreu: "Ó vida, eu te amo!"

MOSTRANDO O RECIFE

Com a meiga fala de Pernambuco, mostrar ao Tejo, ao Mondego, ao Douro, aos grandes e pequenos rios de Portugal, o rio de Recife:

Os canoeiros passavam cantando na tarde lívida.
A cidade emergia das águas do rio,
Da enchente do rio. Na Rua da Aurora,

Como eram tristes os crepúsculos baixando
Da solidão do céu na alegria da terra!
E a água do rio – miradouro dos poentes –
Cheia de baronesas e ninféias,
Ia levando para longe o bojo das canoas,
E as varas dos canoeiros mergulhavam
Na água revolta, ferindo fundo
o coração do grande rio da minha terra.
E vejo no outro lado esbatido da margem
A Câmara, o Ginásio e a casa alta,
Bem na esquina da Rua Riachuelo
Onde vivi meu tempo amargo de pobreza.
E o rio me recorda outros dias longínquos
Quando as canoas, na calma das noites sem lua,
Passavam levando escondida a escuridão eterna
De outras noites, na pele retinta dos pretos,
Dos pretos escravos que meu pai mandava
Para o Ceará, que era o país da redenção.
O rio é o mesmo, o mesmo ritmo que embala
As águas, ora sujas e barrentas,
Ora claras, translúcidas e puras
Como a consciência cristalina
Dos homens antigos da minha terra:
Nabuco, Martins Júnior, Zé Maria,
João Alfredo, Faelante, Zé Mariano.
Rio da minha terra! Eu te bendigo
Pela unção que em minha alma derramaste,
Pela poesia que trouxeste das aldeias.
Dos campos floridos, dos sertões distantes.
Canta em ti a cantiga dos monjolos,
O mugido dos bois no cercado do Engenho,
O grito do aboio do vaqueiro errante,
Que vara as caatingas em busca do gado perdido.

As águas encrespam-se agora. De finas e leves,
Transforman-se em trombas pesadas que avançam
Como serpentes enroscadas. Vão rugindo...
E as vozes agora também se tronsformam:
É o movimento abolicionista:
Vem do Santo Isabel a imprecação estuante
De gritos, alaridos e blasfêmias
Contra os escravocratas do momento.
E o caudal de entusiasmo atravessa as aldeias,
E penetra os sertões e percorre as cidades,
Levando na fúria das águas selvagens
Milhares de braços que imprecam
E de olhos que choram, pedindo piedade.
Depois a preamar republicana. Ouço o bramido
Que ruge na garganta dos tribunos:
Torneios d'Agora a inflamar a alma do povo.
Minha mãe empenhando as suas jóias
Para que se vencesse a eleição de Nabuco.
O verbo do meu pai, prisioneiro
De Floriano, na "Revolta". Tudo passa
Diante de mim, dentro das cenas familiares.
E o rio na marcha sonâmbula e triste, retinha
No ruído das águas tranqüilas as vozes dos homens valentes...

## A VOLTA

Voltar. Querer mais o Brasil, ainda maior depois da visita à pátria primitiva. Ah! achou a verdade quem achou: "Feliz do poeta que tem uma província no fundo do coração."

Distender "O Panorama Natal":

Poeta do Sul!

[...]
Contempla o sol, o grande sol da minha terra!
É um dilúvio de luz numa carícia longa.

E escuta no pau-d'arco o grito da araponga
Alertando o horizonte ao seu grito de guerra.

Olha este homem vencido, humilde e pequenino,
Maltrapilho, a bater a enxada na labuta.
Vem apertar-lhe a mão: é o caboclo nordestino,
Um cordeiro na paz, um centauro na luta.

Verás como ele vai, como anda, como ginga...
Salta no pelo nu de um cavalo. Repara:
É uma seta que parte alucinada e vara
Num só golpe o cipoal imenso da caatinga.

Acompanha-lhe os gestos calmos e prudentes,
Sonda-lhe os olhos. Vês? Há chispas de arrebol.
Tenho a impressão de que nas suas veias quentes
Em vez de sangue corre o ouro líquido do sol.

Verás seu pulso de gigante a terra abrindo...
Em pouco é a antevisão das surpresas humanas:
Perdendo-se à distância, o panorama é lindo
Com os cocares guerreiros nas hastes das canas.

[...]

Dá-me o teu braço, poeta, e vem caminhando comigo
Ver a Festa rústica do Poço da Panela:
Nossa Senhora da Saúde, meu amigo,
Foi meu primeiro amor e inda hoje eu penso nela.

[...]

É assim a minha terra. Um roseiral desfeito...
O mar, o rio, o céu num sorriso infantil.
Vendo-a no que ela tem de mais nobre e perfeito,

Sentirás, meu amigo, a escaldar no teu peito,
Como eu sinto, esse amor grande pelo Brasil.

E "A Festa da Chuva":

As enxadas abriram na terra escaldada e deserta
Um sulco profundo que foi no fundo das suas entranhas,
E a terra com o beijo das chuvas, sorrindo, desperta,
Das chuvas que rolam das nuvens pesadas como altas montanhas.
Desperta e de cada ferida do seio ferido e sangrento
Irrompe o milagre da força da terra com as forças humanas
E agora perpassa, volátil, e tênue, nas crinas do vento,
O frêmito verde dos verdes penachos pendentes das canas.

O arroio pequeno na sua pequena e tranqüila humildade
Encheu de repente, quebrando as algemas das margens serenas,
E abriu-se num rio impetuoso que foi de cidade em cidade,
Levando no beijo das águas um bálsamo a todas as penas.

Chegara ao tempo em que o campo dá a recompensa da solidão. Abrigou-se em Teresópolis, na "Toca da Cigarra", entre rosas, madressilvas, cedros, com um riacho cantando perto, "duas pinhas no portão," todos os pássaros da serra – a cigarra na sua toca – casa de poeta, casa de Deus.

E via subindo a madrugada:

Há nas coisas um humano entendimento:
No alto da serra, quando dealba o dia,
Sobe um canto festivo de alegria
Das árvores molhadas de relento.

## II

## RESPOSTA DO SR. MÚCIO LEÃO

Senhor Álvaro Moreyra,

Agora podeis ver mais uma vez, meu prezado confrade, a inutilidade das promessas acadêmicas... Foi inútil a promessa que fizestes à sombra querida do Poeta das Cigarras – a promessa daquele mesmo silêncio, em que outrora se envolveu Hamlet. Pelo nosso regimento, temos o dever de falar, mesmo naqueles momentos em que preferiríamos ficar em silêncio.

Agora, por exemplo, a voz de um poeta encheu de ressonâncias mágicas esta sala, e trouxe a cada um de nós urna ternura, uma saudade, o frêmito de uma íntima e verdadeira comoção. Pelo poder encantatório das palavras desse poeta, as imagens dos queridos mortos que pertencem à Cadeira que vindes ocupar na Academia, e sobretudo a daquele gentil e cavalheiresco Olegário Mariano, ainda tão perto de nós, ficaram, por um momento, vivendo, sentindo, amando e sofrendo, ao nosso lado. Não era bastante que parássemos aqui? seria como que a parada de Ulisses na visita aos seus mortos diletos quando o herói vê surgir do eterno mistério tenebroso as sombras dos companheiros extintos, e sobretudo a de Aquiles, o guerreiro sem igual.

Mas essa parada, que eu, pelo meu lado, tanto desejaria, nos é vedada. Temos de prosseguir na cerimônia. Perdoai-me, portanto, se eu ouso quebrar esse eco de alongada Poesia, que ainda de vossa voz perdura em nosso ambiente, para vos dizer a acolhida da nossa Casa....

## TEMPOS DE INFÂNCIA

No delicioso discurso que acabastes de pronunciar, deixastes, sob a forma de recordações da infância, algumas imagens que explicam em parte a vossa poesia, a vossa obra, isso que poderíamos chamar a vossa filosofia da vida. Recordastes, por exemplo, D. Maria Angélica, a vossa avó cega, aquela que sabia encher de uma encantada luz o vosso lar. E com essa simples evocação muito nos dizeis acerca do ambiente em que se plasmou a vossa primeira sensibilidade. Era essa senhora, uma partidária ardente dos Farrapos, o movimento libertário que agitou o povo do Rio Grande do Sul, nos tempos em que ela fora menina e moça. E tão ardentemente se conservava fiel a essa antiga paixão, que, velha e cega, quando roncava nos céus de Porto Alegre uma daquelas trovoadas formidáveis, D. Maria Angélica se levantava, fazia o sinal da cruz, e anunciava: "São os Farrapos que vão galopando no céu."

Outra nítida imagem familiar que conservais é a do vosso avô Manuel Pinto da Fonseca. Era português, filho daquela Póvoa de Varzim, que teve a glória de ser o berço do maior escritor que Portugal deu em todos os tempos, esse maravilhoso Eça de Queirós, tão brasileiro em tantas coisas, e ao qual, seguindo uma de vossas fórmulas queridas, é preciso voltarmos sempre. Era esse vosso avô um homem pitoresco, dono de um grande espírito de irreverência, desprovido quase por completo de qualquer respeito humano.

Para mostrá-lo, bastará referir uma passagem que da vida dele nos contais. Chegara a Porto Alegre, no alvorecer do século, Camelo Lampreia, que era Ministro de Portugal no Brasil. Informado ali acerca do velho Manuel Pinto da Fonseca, quis prestar-lhe uma homenagem. O cônsul português combinou o assunto com o vosso pai. No dia aprazado, os salões de vossa casa se abriram para a cerimônia. Correu o vinho, correu o champanhe. Camelo Lampreia dirigiu-se ao vosso avô nestes termos: "Tenho a honra de saudar em Vossa Excelência o mais antigo representante da minha Pátria na capital do Rio Grande do Sul. E em nome de Sua Majestade, o Rei D. Carlos, é com orgulho que lhe ofereço o título de Barão." Vosso avô não vacilou em quebrar a solenidade da cerimônia magnífica. "Quanto é que custa isso?" perguntou ao diplomata. E, para aumentar o pasmo de Camelo Lampreia e o estupor de todos os

presentes, acrescentou: "O Rei o que quer é dinheiro. Diga quanto é que quer que eu dou. Quanto ao título, que o ensope com batatas."

Já que nos demoramos nessas evocações domésticas, transportemos para aqui, em uma justa homenagem a quem tanto significou sempre para vós, uma outra figura de vossa mitologia íntima: a de João Moreira. Era aquele a quem deveis a vida um espírito gracioso, boêmio, estouvado e alegre. Os deuses deram-lhe um privilégio único, tão bem herdado pelo filho – o privilégio de nunca envelhecer. O retrato que de João Moreira nos dais é o de um homem que sabia sorrir e que só teve um medo neste mundo – o do aborrecimento. Foi um autêntico escritor, o Areimor de tantas páginas, e aí estão, para prová-lo, os seus livros de crônicas, tão cheias de informações e de pitoresco, e os seus contos e as suas meditações filosóficas – tudo isso que evocais com tão comovido carinho.

Eis aí o que é um privilégio raro, um privilégio que a vida só concede a bem poucos: vir para a existência em um lar como o que tivestes. Possuir uma avó cheia de sonho e de fantasia, capaz de ver com os olhos da alma o que está para além das formas efêmeras da terra... Possuir um avô de tanto destemor cívico e republicano, capaz de não levar a sério os títulos de um rei... possuir um pai que dá o exemplo e a lição da perpétua alegria, da salutar conformação com as coisas...

Que caminho poderieis vós acabar por tomar em um lar como aquele, em convivência como aquela? Unicamente o caminho que tomastes. Ficastes assim, pelo imperativo dessas forças amoráveis, e de outras que também influíram na formação de vossa personalidade esse homem que sois hoje... Esse homem tão simples na aparência, porém de uma complexidade tão profunda... Esse ser compósito, feito da superposição de tantos outros seres, e no qual se misturam o poeta e o sentimental, o ironista, o zombador e o embromador, e até o histrião, e o cínico e o místico... Sois tudo isso, meu caro confrade, em diluições sutis e quase imperceptíveis. E sois mais o revoltado contra todas as convenções sociais. E ainda, e bem no fundo: o político de corajoso pensamento, o homem das esquerdas capaz de ferir de frente os ídolos do dia, ou mesmo os ídolos do século, escritor que não tem medo de ostentar, na sua forma desencantada e risonha as idéias mais audazes...

## TEMPO DE COLÉGIO

Vimos como o ambiente doméstico em que decorreu a vossa infância contribuiu para a sedimentação de vossas qualidades de escritor e de homem de idéias. Vejamos a contribuição que paralelamente forneceu para a vossa formação o ambiente colegial.

Muito criança, estáveis matriculado no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo. Um de vossos companheiros ali foi o nosso ilustre João Neves da Fontoura. Saudemos aqui essa bela amizade que através de mais de sessenta anos vos tem unido aos dois. Foi ela, essa pura afeição sem sombras, um dos apelos que mais poderosamente vos falaram, quando, distante e volúvel como sois, acabastes por querer ouvir o chamado da Academia, que tanto desejava ter o vosso nome na relação dos seus eleitos.

Ali, no Colégio Nossa Senhora da Conceição, tivestes como professores jesuítas alemães, os quais vos transmitiram, com a continuada lição e o continuado exemplo, o amor ao trabalho, o gosto pelo estudo, e esse prazer na mediana e na modéstia, que ficou como um traço dos mais fundos de vossa alma. Muitos desses velhos mestres estão para sempre vivos na vossa saudade. O mais vivo deles, o mais presente em vosso espírito, creio ser o Padre Rick, que vos lecionava a matemática e a história natural, e que teve a malícia de premiar a vossa esplêndida Ciência com um grau um. Era, como o descreveis, um indivíduo de fato apavorante: muito comprido, muito magro, muito feio – e sabendo tudo.

Foi esse padre que tudo sabia que um dia vos fez um vaticínio pitoresco. Chegara o momento de deixardes o colégio, e vos despedíeis de vossos antigos companheiros e de vossos mestres. Veio a vez do Padre Rick. Ele vos abraçou e vos abençoou, e depois vos interrogou acerca do vosso futuro. Quis saber o que pretendíeis estudar. Respondestes modestamente que íeis para a Faculdade de Direito. O padre abriu-se em uma gargalhada terrível, e, bom conhecedor do boêmio, inimigo dos prazos e das convenções, que já aquele tempo havia em vós, exclamou.: "Vai, Morrera, vai! Nunca será nada na vida". E com efeito, no sentido a que se referia o Padre Rick, vós nada fostes na vida! De fato, para as realizações que conseguistes a vossa carta de bacharel de Direito, sempre foi o mais inútil dos diplomas.

O que aquele sábio de batina ignorava de todo, porém, é que existem outras maneiras de um homem conseguir na vida os belos triunfos, sem entretanto, conquistar os galardões da vaidade e da fortuna. A que altura tão bela e tão gloriosa quanto a da Poesia por acaso subir um homem, um desses homens vitoriosos segundo o mundo? Qual o êxito político, do grande capitalista, do estadista, que se possa comparar com a glória do modesto cidadão florentino que escreveu a *Divina Comédia* ou do espanhol sofredor que escreveu o *D. Quixote*? Aplicando a meditação ao nosso Confrade Álvaro Moreyra –, qual o êxito dele se houvesse sido governador do Rio Grande do Sul, deputado ou senador federal pela mesma região, ou até Ministro do Estado, ou até Presidente da República, que se pudesse comparar com a glória que cerca o comediógrafo de Adão, Eva e outro membros da família, ou com a que coroa o doce poeta de "Um sorriso para tudo", de "As amargas, não" e de "O dia nos olhos?"

Já no colégio obtivestes belos momentos de triunfo. Fostes ali o poeta que todos celebravam, o orador que representava a sua turma, o ator mais aplaudido nos espetáculos que se faziam.

Foi ali que tivestes também o vosso primeiro amor: aquela paixão em que ardestes por Santa Cecília. Ela nunca soube, é bem verdade, desse grande amor que despertara no coração de um menino. Mas é bem verdade também que esse amor só desapareceu quando se sentiu decepcionado e talvez traído – no momento em que soubestes que a Santa contou a Valeriano este seu celestial segredo: "Eu possuo um amante. É um anjo de Deus, que, com o maior ciúme, cuida do meu corpo."

## AMIZADES NO CÉU

Foi naquele mesmo colégio que contraístes as mais suaves e desveladas amizades que vos têm acompanhado através dos dias da vida – a dos santos da corte celeste. Sois, sem dúvida, amigo de todos os varões sagrados que estão próximos a Deus, e basta-nos ler uma de vossas páginas relativamente a um São João, a um Santo Antônio, a um São Pedro, para sentirmos transportados a uma atmosfera de ternura, de emoção e de poesia. Creio, porém, que na corte Celeste evitais o contato com muita gente. Posso surpreender um

gesto de timidez, de afastamento ou de desconfiança de vossa parte, toda vez que se trata de um desses grandes santos – os doutores, os sábios, os reis, os chefes, os papas – que detêm o poder, a força, a infalibilidade da ordem ou da doutrina.

Os que de fato adorais são os santos espontâneos, os simples e os ingênuos, os mansos ou os obscuros. Adorais, sobretudo os que tiveram o privilégio da perfeita ignorância, os que, para vencer o demônio, só possuíram a força do amor. Adivinho que a vossa galeria predileta, aquela para a qual naturalmente caminhareis, quando, um dia, de hoje a muito anos, houverdes de penetrar no céu, será a de certos monges doces e modestos que enchem a hagiografia medieval. Tiveram eles por si a inocência, e, por terem sido inocentes, tiveram a predileção de Nossa Senhora... Pobre pecador que sou, de certo estarei bem longe dali, daqueles deslumbrantes lugares dessa outra vossa e incomparavelmente mais gloriosa eleição... Porém estou daqui, com o auxílio da incorrigível fantasia, a ver-vos penetrar nos salões da glória sem igual... Com a mesma risonha e suave timidez que ora exibis, vos aproximastes das portas de diamante da Jerusalém resplandecente. Vínheis cavalgando o burro de asas nos pés e que sabe conversar convosco com uma voz de violino – o único dos burros de vossa infinita coleção de hoje que guardais num cofre bem escondido e cuja existência não revelais nem aos mais íntimos dos vossos amigos. Vestis um manto alvo e leve, tecido de raios de estrelas – e tão ofuscantemente luminoso que, aos pés dele, esse orgulhoso uniforme que aqui trazeis, todo de ouro como é, parece sem brilho e triste como o burel de um monge... Ao chegardes, São Pedro, em pessoa, vos recebeu, e ele, que vos ama tanto vos disse com uma doçura paternal, tal como um dia o dissera a Irene preta, a Irene boa, a Irene sempre de bom humor de Manuel Bandeira: Pode entrar filho... Não faça cerimônia... A casa inteira é sua... Entrastes com um ar vacilante, e, continuando a sorrir o mesmo sorriso vago vagamente contrafeito, que neste momento vejo pairar em vossa fisionomia, fostes passando, de grupo em grupo, sem demorar em nenhum... Ali estão os primeiros Príncipes do Céu, os Rafaéis e os Miguéis, cujo esplendor maravilhoso mal podeis contemplar... Depois, estão os grandes mártires, os Estêvãos e os Sebastiões... Depois os incansáveis missionários, tendo à frente esse cavaleiro andante de Deus que se chamou Paulo, o verdadeiro organizador do Cristianismo...

Depois, os escritores incomparáveis, os quatro evangelistas... Depois, esses triunfantes doutores, um Gregório, um Basílio e um Tomás de Aquino, que souberam tudo. São varões magníficos todos eles. E o simples brilho de qualquer um daria para encher séculos inteiros...

Mas vejo que passais de longe por todos, inefavelmente aterrorizado diante do fulgor e da glória que exalam... E caminhais para um recanto distante e obscuro do céu (se o há!), caminhais para um grupo modesto de santos sem tanta luz – e que são os que verdadeiramente preferis...

Ali está um deles: é aquele monge venturoso, que se achou enfermo e pode restabelecer-se de seus males por efeito do mais poderoso dos remédios – o leite que um dia amamentou Jesus criança, o leite do seu próprio seio a Rainha dos Anjos deu a beber aquele servo querido... Ali está outro: é o feliz ladrão adorador de Nossa Senhora. Condenado por causa dos roubos que fez, ia morrer enforcado. Mas ficou vivo, pendurado na forca durante três dias, porque a Virgem Maria sustinha nas suas doces mãos a cabeça do seu devoto... Ali está um terceiro: é monge entre todos ignaro, que só sabia uma forma de oração – a Ave-Maria – o que fazia com que fosse desprezado e humilhado por todos na comunidade. Quando morreu, entretanto, a sua santidade ficou comprovada nas cinco rosas que brotaram de sua boca – rosas que representavam as cinco letras do nome de Maria... Ali está ainda outro: é o Tambor de Nossa Senhora, aquele que se tornou conhecido de todo o mundo, por ter inspirado um conto a um dos vossos mais perigosos amigos, nada menos do que Anatole France...

## AMOR POR SÃO FRANCISCO DE ASSIS

São os santos dessa espécie os que na corte celestial mais merecerão o vosso afeto, Sr. Álvaro Moreyra.

Entre todos, porém, um existe que inspira as vossas afeições mais profundas e mais comovidas – é aquele que vemos em tantas de vossas páginas sendo o Santo por excelência, aquele que mais se aproximou do ideal de Nosso Senhor Jesus Cristo, o monge que cantou a irmã Humildade e a irmã Pobreza...

Sois por excelência o devoto do São Francisco de Assis. É por ele que Sonhais ir para o céu. Com ele desejais estabelecer uma intimidade de amigo ou de companheiro, a tal ponto que chegueis a chamá-lo, como nem mesmo o irmão Bernardo o irmão Leão ou o irmão Ângelo o chamariam –de Chiquinho... É o meigo monge de Assis quem vos conduz a tantos dos vossos amores divinos e humanos, a começar por esse afeto que tributais aos animais.

A esse propósito encontro, em um dos vossos livros, uma reflexão que será interessante recordar aqui. É aquela em que realizastes o vosso constante anelo de chegar à presença do santo entre todos querido, e de conversar com ele. No curso dessa conversa, São Francisco se referiu ao seu próprio corpo e o chamou "meu irmão burro". Pensastes então:

> Irmão pode ser. Mas, burro, São Francisco? O corpo humano não possui nenhuma das virtudes que tornam os burros animais exemplares entre os seus semelhantes: a paciência, a compreensão, a bondade. Aliás com esses resignados amigos de quatro pés, somos sempre, santos e pecadores, injustos. (Desculpe, meu santo!) Tenho conhecido muitos homens burros. Ainda não conheci um burro homem.

A amizade com o grande santo teve um explêndido resultado: amadureceu, senão criou, muito dessa vossa deliciosa filosofia – a qual consiste em dois únicos preceitos: a paciência para com todos..., a resignação para com tudo...

Um dia tivestes a prova prática e real desse vosso franciscanismo. Acabáveis de falar em uma estação de rádio, expressando idéias que vos são das mais queridas. Finda a tarefa, íeis vos retirar, e por um momento ficastes no saguão, à espera de uma pessoa que devia sair em vossa companhia. E foi nesse momento que de vós se aproximou um monge franciscano. Tinha o aspecto macerado das pessoas que se entregam aos infinitos jejuns. Mas aparentava a alegria e a tranqüilidade... Aproximou-se... tomou entre as suas a vossa mão, que acariciou como se fosse a mão de uma criatura... Olhou-vos longamente os olhos, com uma expressão de afeto e gratidão... E depois, como a mais eloqüente das despedidas, vos disse apenas estas palavras:

– Meu irmão!

## INÍCIOS DE UMA CARREIRA

Creio que é possível marcar o ano de 1908 como o de vossa estréia no jornalismo do Rio Grande do Sul. Estudáveis o vosso Direito, e vós e os vossos amigos encheis as noites da cidade modesta – que era a Porto Alegre daquele tempo – de um rumor de boêmia e estouvamento. O grupo era numeroso e certo dia, estava congregado na redação do *Jornal da Manhã*, o órgão tão cheio de promessas que Alcides Maia acabava de fundar. Alguns dos nomes que ao grupo pertenciam chegaram gloriosos até nós. Um deles é o de Felipe de Oliveira, essa figura de príncipe do Renascimento: outro é o de Eduardo Guimarães o poeta da *Divina Quimera*, aquele que já foi apontado por um crítico – talvez com um exagero de amor – como a terceira figura máxima do Simbolismo em nosso País, como um irmão, pelo gênio criador e pela música do verso, de Cruz e Sousa e de Alphonsus de Guimaraens: outro é o do vosso querido Homero Prates, o fascinante poeta que a Academia permitiu que fosse ser mais um dos ocupantes da sua Cadeira 41 – aquele poeta que tão bem sabia se definir a si mesmo, dizendo que se sentia "um exilado em seu próprio País". Outro ainda é o de José Picorelli, alma de fundas sugestões, que entretanto desdenhou sempre de realizar em versos a Poesia que traz na alma. Era este último grupo, o que sabia sacudir a sensibilidade dos companheiros com descargas de emotividade súbita e maravilhosa. Evocais uma dessas descargas... Era já no Rio de Janeiro, em 1914, na casa em que, na Rua de São Clemente, residíeis, em companhia de Felipe de Oliveira e Homero Prates. José Picorelli às vezes ia dormir ali com os amigos. Naquela noite chovia, chovia muito. Os quatro amigos estavam tristes, trágicos, bebendo Madeira R e fumando cigarros sobre cigarros... Picorelli, calado na sua cadeira, não fumando nem bebendo, permanecia com os olhos fixos no chão... Em vão os amigos se dirigiam a ele, procurando atraí-lo à vaga conversa, insistindo para que bebesse, para que fumasse... Um deles não se conteve. Gritou, como se quisesse acordar alguém que estivesse a dormir.

– Picorelli!

E então o companheiro pareceu mesmo despertar..., e, como se houvesse chegado dos longos mares da Poesia de alguma peça de Maeterlinck, fez esta pergunta ansiosa:

– E as mãos das mulheres que morreram sem pecar e foram enterradas hoje? É a primeira noite debaixo da terra... A chuva vai molhar as mãos... É claro que, como dizeis, ouvindo essas palavras, ninguém viu mais nada: todos mergulharam de súbito na mesma dor, na mesma ansiedade, no mesmo romantismo, na mesma desesperada e tenebrosa Poesia...

A esses rapazes de vinte anos juntavam-se os escritores um pouco mais velhos – eles, também, vivendo no sonho ou na extravagância: como aquele singular Marcelo Gama ou como aquele singularíssimo Pedro Velho.

De Marcelo Gama recordais uma atitude decerto bem estranha... Tinha ele tido um poema recusado pelo diretor de um jornal, e por isso convocou o grupo dos amigos jovens, seus admiradores incondicionais. Com esses amigos tomou um carro, e mandou que o cocheiro rumasse para o cemitério. Ali saltou, aproximou-se da grade da cidade dos mortos, e gritou para os eternos adormecidos:

– Mortos! Mortos! Os vivos não querem ouvir o que lhes digo! Venho dizer a vós!

E recitou os versos do seu poema recusado – os versos que, depois ampliados, deram a "Noite de Insônia."

Pedro Velho foi um talento radioso, que se perdeu na insana boêmia... Certo dia, já muito enfraquecido de tanto cultivar as vinhas de Noé, adoeceu gravemente de uma gripe. Na convalescença, os amigos cotizaram-se e o mandaram repousar em Caxias, onde os ares são doces e o leite é uma delícia... Vinte e seis dias depois reaparecia o poeta. Vinha vermelho, inchado e com uma tosse horrível... Os amigos compreenderam o que tinha acontecido, e energicamente protestaram... Naturalmente Pedro Velho quisera interromper as suas farras... o sacrifício dos amigos tinha sido inútil... E mais isto... E mais aquilo... O incorrigível tapava a boca dos recalcitrantes:

Pára com esse sermão – dizia ele. Eu o que não quis foi explorar vocês. O leite em Caxias é caríssimo. Custa 800 réis o litro. E sabe quanto custa o litro de vinho? 400 réis. O que eu fiz foi trocar o leite pelo vinho, para não exigir sacrifícios maiores dos amigos.

Esse poeta, que morreu aos trinta anos de idade, devastado pela tuberculose, tinha graça, ternura, finura e emoção. Um dos seus epigramas, destinado a uma rapariga feia, diz assim:

Ida foi vista despida.
Pelo seu primo Fernando
Bem feito! murmura Ida –
Quem manda andar espiando?

## LEITURAS E INFLUÊNCIAS

Esse grupo de jovens poetas se acha sob a influência de meia dúzia de mestres cujo belo gênio irradia da Europa... Vós e os vossos amigos mais chegados tendes os principais ídolos em um D'Annunzio, em um Maeterlinck, em um Eugênio de Castro. Vindo da Bahia alguns anos antes da época em que viestes do Rio Grande do Sul, um outro moço, um pouco mais maduro do que vós, dedicava o seu livro de estréia a esses três poetas, que proclamava "a Trindade Santíssima que eu adoro..." Esse jovem se chamava Afrânio Peixoto ou, como se assinava naquele tempo: Júlio Afrânio – e o livro em que punha essa dedicatória era a *Rosa Mística*, o espantoso ou espalhafatoso, símbolo trágico em cinco atos, que foi impresso a cinco cores em Leipzig. No drama atroz, e mais do que qualquer outro catastrófico, Júlio Afrânio colocava em cena um pai que, para não ver a filha corrompida pelas iniqüidades do mundo, naturalmente o conduzia depois à loucura. Mais tarde, amadurecido no espírito, Afrânio Peixoto pretendeu corrigir aquele desvario dos seus vinte anos. Tomou da *Rosa Mística* e a foi emendando linha a linha, quase palavra a palavra. Afinal desanimou desse esforço sem glória... E abaixo da linha em que parou o seu trabalho de emendador, escreveu estas palavras desiludidas, que assinou e datou, como o podeis ver em nossa biblioteca: "É Inútil. Só com o fogo."

A esses três ídolos, fostes, de acordo com as amorosas leituras que fazíeis, acrescentando outros. No Brasil, creio que não encontrastes ninguém digno de vossa preferência: ainda não tínheis a dose necessária de amargura na alma para sentir Machado de Assis, e não conseguíeis aquele ardente incêndio que se chamou Raul Pompéia... Em Portugal encontrastes, ao lado de Eugênio de Castro, Fialho de Almeida, Antônio Nobre, Cesário Verde, e Sobretudo Eça de Queirós. Mas foi na França – ou, melhor, foi no idioma francês que encontrastes os vossos mais queridos mestres, na figura de um Verlaine, na de um Sarmain, na de um Flaubert, na de um Anatole France, na

de um Rodenbach, na de um Maeterlinck, na de um Jules Laforgue, na de um Jean Dolent.

Os dois últimos são, ao que posso crer, os vossos autores mais diletos, cuja graça, cuja melancolia, cuja ironia mais fundamente se afinam com a vossa graça, a vossa melancolia e a vossa ironia. São, pelo menos, os nomes que encontro mais vezes citados em vossas páginas.

De todos, acredito que o predileto dos prediletos seja Jean Dolent – traço que só por si é suficiente para indicar a extrema independência de vosso critério de julgador literário. Aposto que a maior parte dos vossos leitores se perguntam, quando lêem uma de vossas passagens em que aparece o nome daquele escritor: Mas quem é Jean Dolent? Que autor, poeta ou prosador, será esse? E terão motivo para assim se interrogar... Trata-se, como eu próprio tive ocasião de verificar, de um autor inteiramente esquecido de biógrafos, de críticos e de historiadores literários. Seu nome não figura nos compêndios oficiais da Literatura francesa, pelo menos nos quatro ou cinco que tive ocasião de consultar. E não aparece sequer nas duas linhas de um modesto verbete do Larousse! Entretanto, vós o amais enternecidamente, e o releides tanto! Possuís, preciosamente encadernados, três livros dele – *Amoureux d'Art, Art des Femmes* e *Les Monstres*. E não acabais de catar-lhe as opiniões ou os conceitos, as frases e as meditações, nossa ostentação de citações, que é a maior demonstração de um grande amor.

É ele, com efeito, um dos vossos amigos mais queridos: um daqueles raríssimos! – que levais convosco para longe da cidade... E quanta coisa ele vos ensinou! Ensinou-vos a impossibilidade da certeza – ou segundo as vossas palavras, que "a certeza é uma ilusão interina..." Ensinou-vos a não julgar... Ensinou-vos também esta verdade vaga, porém amorosa e divina: que só as mãos que beijamos são brancas. E foi ele também quem vos fez compreender esta coisa deliciosa: o silêncio que conduzis convosco.

Se é necessário reduzir a umas linhas frias e exatas uma figura tão longínqua e tão poética – eu esclarecerei as vossas inúmeras admiradoras, Sr. Álvaro Moreyra, dizendo-lhes que aquele escritor que vos comunica tanta ternura e tão alta Poesia era com efeito antes um erudito do que um poeta. Pertenceu ele, sem dúvida ao movimento simbolista francês, e foi um dos grandes amigos de Eugène Carrière, o pintor suave e enevoado que aparece

em tantos versos do jovens brasileiros daquele momento. Todo o Jean Dolent se acha condensado, ao que posso sentir, em certa resposta que ele deu a um inquiridor (ou inquisidor) literário, desses que de vez em quando inventam uma relação de perguntas monstruosas destinadas a pôr a alma da gente a nu. Levadas a Jean Dolent as tais perguntas desse inquisidor, ele se limitou a dar como toda resposta esta síntese de sua imensa melancolia: "Viver sem ruído consola de viver sem glória."

## VIAGEM À EUROPA

A essas várias influências, fostes juntando outras e outras – como em primeiro lugar, a daquela viagem que fizestes à Europa em 1913. A Europa – é a maneira de dizer. O que fostes ver foi Paris, o Paris em que residiam tantos dos poetas que mais amáveis, na vida e na tradição das leituras... E depois de Paris, Bruges, a cidade do sonho, a cidade por excelência da Poesia, a morta Bruges que vivia no vosso coração, vinda do coração de Rodenbach...

Antes de receber o grande deslumbramento de Paris, aportastes a Portugal, a terra daquele vosso avô republicano e irreverente, com o qual tínheis tão fundas afinidades. Data desse remoto dia a vossa amizade com João de Barros. Juntamente com esse poeta, que vos fora receber a bordo, fizestes de carro longo passeio através de Lisboa. Ao findar a excursão, tivestes o gesto de pagar ao cocheiro. João de Barros não vos permitiu a liberalidade... Houve então um pequeno debate, cada um pretendendo para si o privilégio de ser o dono da despesa. Na dificuldade, o poeta português e o poeta brasileiro deliberaram entregar a solução do caso ao próprio Portugal. Iniciastes o torneio:

> Portugal de meus avós!
> Portugal de João de Barros!
> Dize tu qual é de nós
> Que deve pagar os carros!

João de Barros respondeu com esta quadra:

– Portugal fez-se de mudo
Portugal não respondeu.
– Sou eu cá quem paga tudo!
Quem paga tudo sou eu!

Foi evidentemente ele o vitorioso. Coube-lhe o doce prazer de pagar a despesa do passeio.

De Portugal atingistes a França, tendo como companheiros Felipe de Oliveira, Rodrigo Octavio Filho e Araújo Jorge, este que mais tarde se tornou uma das figuras mais brilhantes da nossa diplomacia. Foram os três escritores – Araújo Jorge era, já àquele tempo, um estudioso ensaísta dos austeros temas literários, um biógrafo ou biólogo de Jesus, quase um teólogo... foram os três hospedar-se no Quartier Latin. Sentiam-se perfeitamente senhores da grande cidade – Como se fossem personagens de Stendhal ou de Balzac. E foi então – tomava alguma coisa, champanhe ou absinto, na Taverne du Pantheon – foi então que Araújo Jorge propôs:

– *Ecoutez mes amis*! *Dorénavant, nous allons parler seulement français, parce que, si nous parlons portugais, tout le monde va voir que nous sommes des étrangers et nous explorerons*.

Felipe não ficou de acordo com a adorável fraude:

– Não, senhor. É melhor continuarmos a falar português, porque assim eles poderão pensar que nós somos franceses...

E então consumais os vossos idílios com as ruas e as praças de Paris, os idílios em que já vivíeis tão fundamente engolfado da infinita distância... E é então que realizais outros divinos sonhos – o de ir ver e amar Florença, o de ir ver e amar Bruges...

## TRABALHOS DO POETA

Éreis a esse tempo, um poeta de puras e suavíssimas efusões como o comprovam os vossos livros daquele momento – *A Legenda da Luz e da Vida*, de 1911, e *A Lenda das Rosas*, de 1916.

Nesses dois livros vos encontramos em pleno luar simbolista. O mundo para vós é, nesses versos, o Outono é o crepúsculo, e a Violeta, é o Silêncio, é a Música em surdina, é o dobre de um sino que fosse bem plan-

gente... É, como o dizeis, a saudade da luz... E a saudade da luz anda no espaço e eleva, cheia de mágoa, o seu perfil dentro da treva...

Mas já, aqui e ali, se vão acentuando, em vossa Poesia, sinais que revelam uma personalidade que se distancia do indistinto do grupo. É do segundo desses livros "A Pobre Cega", momento que considero dos mais felizes em vossa poesia de todos os tempos:

– Pobre cega, por que choram assim tanto esses teus olhos?
– Não, os meus olhos não choram.
São as lágrimas que choram
Com saudades dos meus olhos.

É só mais tarde, porém, que, ao que posso sentir, ides conquistar a inteira posse de vossa personalidade de poeta. E isso, paradoxalmente, quando, deixando de lado o verso formal, tomardes o caminho do prosador. É aí que, em seu entender, tendes o mais belo do vosso território lírico – de tal maneira que há, depois que escreveis e que publicais os vossos livros, há alguma coisa que é vossa, alguma coisa que unicamente vos pertence, e que, quando a ouvimos, já sabemos de onde é que vem... É aí que tendes essa mistura estranha de emoção e de zombaria, de ternura e de malícia, de graça risonha e de lágrima amarga... É aí que vos mostrais o parente de Heine – um parente remoto, mas que mantém tantas afinidades com o velho poeta dos Reisebilder.

Peço-os licença, meu ilustre confrade, para, no acervo de vossa numerosa obra, ir recolhendo, aqui e ali, uma ou outra de vossas produções...

## ASPIRAÇÃO

– Papai, se eu te pedisse uma nuvem, tu me dava?
– Dava....
– E o sol?
– Dava...
– Não vê!...
– Dava, sim..
– E aquela árvore, lá em cima do morro?
– Dava...
– E todos os vapores que andam no mar?

– Dava...
– Ah!
– Que é?
– Eu só queria um tostão pra comprá um pirulito...

## PRETO VELHO

– Pai Adão, conta uma história do tempo da escravidão.
– Pai Adão olha com os olhos tristes os netos de Sinhô Moço.
– Pai Adão, conta uma história do tempo da escravidão.
– Pai Adão baixa a cabeça.
– Não conta não.

## ENCONTRO

– Sinhô Moço já morreu.

Quando o homem disse que se chamava Jesus, todos desandaram a rir. Só Madalena, no extremo da mesa, ficou séria e cravou nele os grandes olhos espantados.

O banquete chegara ao fim.

Tinha sido idéia de um doutor qualquer, revelarem os convidados os nomes próprios.

Quase ninguém se conhecia ali e os vinhos instigavam intimidades.

Depois o baile tomou conta daquela gente alegre.

Até de manhã, jazz-bands puseram os corpos unidos em movimento.

Jesus não dançou.

Madalena também não.

Jesus foi para o terraço, ouvir as ondas e fumar cigarros.

Madalena quedou-se, no vão de uma porta, para não perdê-lo de vista, mas sem coragem de aproximar-se.

Às quatro horas, Jesus caminhou para o vestiário.

Madalena seguiu atrás dos passos dele.

Ele pediu o chapéu e o sobretudo.

Ela pediu a capa cor de ouro e cor de morango...

Saíram.

Jesus ia entrar num automóvel.

Madalena correu e perguntou, com a última palidez na voz:

– Diga... diga... O senhor é Jesus mesmo?

– Sim, minha senhora. Jesus Maria de Vasconcelos, cirurgião dentista.

## PUZZLE

– Podes formar uma estrela, uma casa, uma mulher...

Quanta coisa tu podes formular com esses pedacinhos coloridos.

Mas, não tens paciência.

Queres acertar depressa. Misturas tudo. Erras. Erras. Erras...

Devagar, menino. Imagina quando fores grande, se fizeres o mesmo com as horas da tua vida.

Foi assim que eu comecei...

## HOMEM CALADO

Ele tinha um ar de papagaio tristonho.

Andava sempre de fraque.

Não falava.

Pensava.

Pensava.

Um dia, afinal, deu um suspiro e disse:

– Depois que a gente se casa, é que vê como as outras mulheres são interessantes.

## HISTÓRIA TÃO PEQUENA

Naquela manhã de inverno um floco de neve e um cabelo branco caíram juntos na terra.

O cabelo branco perguntou:

– De onde vieste?

– Do céu. E tu?

– Da cabeça de uma mulher bonita.
O floco de neve curvou-se:
– Passa na frente.
Não é linha esta história tão pequena?

## OFÍCIO DE NIGROMANTE

Que singular feitiçaria, meu caro confrade, existe nesse ofício misterioso, que é vosso ofício de escritor! Como às vezes um simples vocábulo – um verbo, um nome, uma partícula, mil vezes já empregada por mil escritores – nos parece de repente carregado de sortilégios estranhos, de uma nova significação que diríamos vinda de Deus ou do demônio!

Não seria preciso aprofundar muito a nossa meditação para demonstrar o que tanto dizer. Os exemplos estão à mão, e são numerosíssimos. Dar-vos-ei aqui três. O primeiro será tirado a Castro Alves. É aquele verso vago e quase sem sentido, que sempre nos penetra de emoção e de tristeza:

Vem, formosa mulher, camélia pálida,
Que banharam de pranto as alvoradas.

O segundo é tirado a Cruz e Sousa – e é aquele final de soneto em que o poeta se pergunta se as estrelas não serão

os ais perdidos
Das primitivas legiões humanas.

O terceiro será um pequeno trecho em prosa: estas simples duas linhas de Graça Aranha:

"...as mulheres, por mais inocentes que sejam, são antigas porque são as mães."

Vedes aí três adjetivos – pálida, perdidos, antigas – que nada têm de raro ou de novo. São antes palavras das mais corriqueiras, das mais gastas do idioma. Usamo-las, todos nós, em nossas conversas de todos os dias. Mas já vem um feiticeiro de vossa família – um daqueles em que o demônio e o anjo

se associam para formar aquilo que chamamos de poeta, e eis que dá nascimento a essas maravilhas de emoção e de novidade!

Qualquer um dos três exemplos que citei pode dizer-nos muito sobre essa misteriosa coisa que é a força da palavra. Que poder imponderável e impreciso, que é esse! Mas também que poder poderosíssimo!

Quando Castro Alves se dirige à mulher que ama, comparando-a à camélia pálida, introduz em nosso espírito uma série de idéias infinitas. Pela sugestão do substantivo camélia, sentimos que acorrem ao nosso espírito as idéias da fragilidade e da pureza. Pela sugestão do adjetivo pálida, sucedem-se nele as idéias do efêmero, do precário, do vão, do triste, do tão próximo ao fim e à morte, que há naquela flor e naquela mulher... E quando essas imagens, já de si tão melancólicas, são completadas pela imprecisão nevoenta do verso que segue – que banharam de pranto as alvoradas – a nossa imaginação se abre em perspectivas novas, de emoção, e quase que de saudade...

Idêntico sortilégio banha o verso que citei de Cruz e Sousa. "As estrelas são os ais perdidos da humanidade primitiva..." Como esse pensamento é carregado de sugestões indecisas e longínquas, como ele nos arrasta a imaginação aos confins das coisas, como ele é cheio de infinito... De um lado, faz-nos ver os primeiros tempos da Terra, quando, no planeta mal formado, se arrastavam as primeiras levas dos homens ainda afogados na amarga animalidade: do outro lado, arrebata-nos aos mais distantes segredos do céu, lá onde vivem e brilham, veladas não sabemos em que invioláveis nuvens, as últimas estrelas.

Uma carga de emoção semelhante encontramos na frase que citei de Graça Aranha. Qualquer um de nós poderia dizer que uma pessoa do sexo feminino é antiga, e isso não teria maior significação. No texto do prosador cheio de poesia o adjetivo surge carregado de uma comoção que eu não sou capaz de definir. Sei, porém que é uma comoção quase dolorosa, que nos leva o espírito à imagem de nossa mãe, e através dela, à imagem de nossas remotas avós, a à imagem de todas as mães e de todas as avós que têm existido em todos os tempos, na sucessão desses sombrios dias sem fim que formam a História do homem na terra.

Será assim mesmo, ou estarei, pelo meu sonhando coisas que só minha própria alma? [*sic*]

## UM SEMEADOR DE POESIA

Dai-nos tão raro, acabados modelos de um sortilégio semelhante a esses que acabo de procurar definir. Vossos livros estão aí, cheios dessa mesma valorização de um vocábulo. Creio que era a isso que Unamuno chamava, numa feliz expressão, a "santidade da palavra". Era esse encantador e varonil espanhol, era esse D. Quixote dos nossos dias quem fazia notar o prodígio em que esse mostrava perito Valle Inclán: o prodígio de unir pela primeira vez duas palavras que antes nunca se houvessem encontrado juntas.

Seria fácil anotar exemplos dessa mesma novidade de frases e de idéias, através de vossa obra. Contento-me com dois exemplos, tirados à mesma página do mais comovido dos vossos livros. No primeiro desses dois exemplos, narrais a despedida que, ao partir para a aventura do Rio de Janeiro, tivestes com vossa mãe. E como o dizeis? Com estas poucas palavras – que me parecem tão novas, cheias, como o são, de uma ternura infinita: "Depois (eu já estava homem...) beijei o meu adeus na criatura que me dera ao mundo, e vim para o mundo." No outro exemplo, tendes uma referência às ruas adormecidas em que adorais vagar à noite, sem destino. E como expressais esse sentimento? Dizendo que as ruas que assim percorreis estão cheias de céu. – Este beijar um adeus em uma criatura muito querida, esse ver cheias de céu as ruas em que passais sem destino à noite – não é isso descobrir para velhas coisas que todos nós conhecemos uma expressão nova capitosa e fresca como o orvalho da madrugada?

E agora, pelo ministério de vossa adjetivação graciosa, pelo mistério de vossas imagens tão cheias de emoção, eis-nos transportados à pura região da Poesia.

Creio que é essa a vossa definição verdadeira, Sr. Álvaro Moreyra: sois, em essência e em tudo, um poeta. Podereis fazer quantos livros de prosa quiserdes: o que neles haveis de deixar é unicamente poesia. Podeis aplicar a vós mesmo a lúcida fórmula que destes um dia para explicar aquele raro clarão de nossas Letras, que se chamou João Ribeiro. Eis a vossa fórmula:

> Disseram que era gramático, por haver escrito gramáticas. Disseram que era historiador, por haver escrito histórias. Disseram que era crítico, por

haver escrito críticas. Escreveu poemas e não disseram que era poeta. Pois poeta, só poeta, era. Um grande poeta que escreveu gramáticas, histórias, críticas, acreditando apenas na Poesia.

Estive anotando, aqui e ali, nos vossos últimos livros – nesses livros de contextura tão complexa, que fogem a qualquer classificação precisa, conjuntos, que são, de Poesia, de meditação filosófica de aforismas, de recordações da infância e da mocidade, de fantasias de crônicas e de sonhos... – estive anotando, aqui, e ali, uns rasgos mais nítidos dessa Poesia que em vós é tudo, ou sobredoira tudo. Permiti que, para delícia dos que se acham nessa sala, eu diga alguns desses pequenos e luminosos trechos.

" Para fazer um céu basta uma estrela..."

"Saudade de ser embalado. Insônia é isso."

"Sereno... orvalho... relento... Os mortos choraam por nós nas noites claras."

"A eternidade é a vida de cada um. Na vida de cada um quantas eternidades!"

"O meu maior prazer é mudar de opinião. Com esse prazer, vou evitando a velhice."

"Só nos jardins há amores perfeitos. Só nos jardins os cravos não são para crucificar ou para ferrar. E as rosas, que sinceridade!"

"Eu tenho pena é do meu anjo da guarda. Coitado! Teve que vir comigo..."

"As minhas rosas se esqueceram de que tinham espinhos. As minhas abelhas se esqueceram de que tinham ferrões."

"Não é a Lua que importa.... É o luar..."

"As lembranças são estrelas. A memória é uma noite bonita. Não faz mal que essas estrelas tenham morrido há muitos anos. A luz delas ainda me acaricia."

"O perfume da rosa volta em todas as rosas."

"... A hora dos sinos, quando cada um de nós é um pouco de Deus em sombra errante..."

"Felicidade... És do mundo e do céu. Tens um gosto de adeus..."

## NA IMPRENSA DO RIO DE JANEIRO

Foi ao regressar daquela deleitosa orgia de Arte e de Literatura, em que se constituiu a vossa viagem à Europa, que iniciastes a atividade jornalística no Rio de Janeiro. Era o belo momento dos começos de *Fon-Fon*, a revista fundada por Gonzaga Duque, Lima Campos e Mário Pederneiras. A essas figuras da direção juntavam-se outras – Felipe de Oliveira e Homero Prates, os dois poetas gaúchos que tinham vindo para a capital da República. Também por aquele tempo: Olegário Mariano e Hermes Fontes; Ronald de Carvalho, Rodrigo Octavio Filho e Caio de Melo Franco. Tal era o grupo fulgurante daqueles poetas e daqueles prosadores. Sois um pouco duro com a tão simpática geração de *Fon-Fon*, pois é assim que a vedes:

> A geração de *Fon-Fon* era tida por simbolista. Na verdade era maníaca: se os dois adjetivos não qualificam bem o mesmo substantivo, a diferença deve ser essa. Cada um dos iniciadores e dos incorporados, sem nenhuma combinação, adorava o Outono, o Poente, o Incenso. Polaire, Napierkovska, Monna Delza. Os pierrots de Willette, A Boêmia de Puccini, os Noturnos de Chopin, Bruges com todos os canais, Paris com todas as canções... Geração estrangeira. Estávamos exilados no Brasil. Achamos tudo ruim aqui. Vivíamos de cor...

Mas – pergunto-vos eu – quem é que no Brasil daquele momento não vivia em imaginação fora daqui, nas delícias da França, da Itália ou da Áustria –, nas delícias daquele paraíso europeu, que parecendo ter por si a eternidade, ia dali a pouco ser destruído pelas bombas aquele demônio louco que se chamou Guilherme II?

Dali, de *Fon-Fon*, saístes para ir dirigir a Seleta. E é a recordação desses dias que vos provoca uma confidência como esta:

> Foi depois do aparecimento dessa revista na mesma empresa, pelo aumento do meu trabalho sem resultado para mim, e pelo aumento do capital dos patrões com resultado para eles, que eu descobri a minha vocação de pobre. Daí em diante tenho me consolado em ser uma ponte por

> onde o dinheiro passa, suspira e lá se vai, Não volta mais. Um trânsito, afinal de contas, divertido.

Embora fosse assim já declarada a vossa vocação de pobre, um dia cançastes desse trabalhar insano para aqueles patrões...

Aceitaste então o oferecimento de trabalho que vos era feito pela firma Pimenta de Melo e lá assentastes os vossos arraiais. Era, ao tempo, uma das empresas de publicidade mais poderosas do País. Abrangia um conjunto de revistas, no qual se destacavam a *Ilustração Brasileira*, o *Para Todos*, o *Cine-Arte*, *O Malho*, o *Tico-Tico*, a *Leitura para Todos*.

Sob a vossa direção literária e festiva estavam as três primeiras. Tínheis como companheiro, na qualidade de diretor artístico das três revistas, o grande ilustrador que foi J. Carlos. Na redação contáveis com três trabalhadores fabulosos – Adalberto Matos, Luís Peixoto e Onestaldo de Pennafort, aquele fugitivo e raro poeta, cuja ausência das Cadeiras azuis de nossa Casa mais de uma vez tenho daqui mesmo lastimado. Na colaboração dessas revistas figuravam brilhantes nomes, alguns dos quais, como os de Olegário Mariano, Adelmar Tavares, Afonso de Taunay, Peregrino Júnior e Osvaldo Orico, atingiram a consagração acadêmica. Outros poderiam ter pertencido à relação das nossas Cadeiras – como o de Lima Barreto, o de Homero Prates, o de Angione Costa: outros poderão com plena justiça a essas relações pertencer algum dia – como o de um Raul Bopp, o de um Paulo Filho, o de um Carlos Drummond de Andrade... Havia também colaboradores portugueses, como Eduardo Vitorino e Antônio Ferro.

Trabalhador desses que não conhecem o cansaço, ali, à frente daquelas revistas, tudo fazíeis, líeis a todas as colunas a todas as tarefas, desde a crônica leve e poética até ao mister miúdo do paginador. Era a vós que cabia, com o auxílio da tesoura e da goma, organizar o espelho de cada página. E com tanta graça, com tanto bom humor, dáveis cumprimento a esses trabalhos, que éreis por todos adorado. Ainda agora ouço de um dos vossos companheiros daqueles dias o depoimento relativo à estima que todos ali, desde os diretores da Empresa até os últimos operários, vos dedicavam. Quando comecei a conhecer de perto a imprensa do Rio de Janeiro, naqueles idos da década de 1920, o clarão do vosso nome se encontrava em pleno zênite. Éreis glorioso pelo talento com que sabíeis exercer a Arte literária. E posso dar o testemunho de

que cercava o vosso nome o prestígio raro da generosidade, da bondade verdadeira, do carinhoso acolhimento para todos os estreantes. Se fui daqueles que não se beneficiaram com essas dádivas belíssimas do vosso coração e da vossa alma, aqui estão muitos, entre os vossos eleitores de agora, que agradeceram a Deus terem tido a oportunidade de pagar com um modesto voto a quem tão profundamente o merecia, o gesto de acolhimento e de proteção que receberam outrora...

## O TEATRO DE BRINQUEDO

Foi em 1927, quando ia mais intensa a vossa atividade de jornalista, que conseguistes levar à realização o mais ardente dos vossos anelos de todos os tempos: a criação teatral. Nasceu então o Teatro de Brinquedo, o qual proclamais que ficou sendo a vossa única vaidade...

E tendes razão para essa vaidade. Foi aquela uma hora belíssima de vossa vida. Nós todos, os que tivemos ocasião de vos acompanhar naquele momento, jamais poderemos esquecer o grande ator que ali vimos viver com tão comovida atuação, aquele ator que se movia tão naturalmente, e que tinha, na sua facilidade, na sua segurança, no seu domínio da Arte cênica, alguma coisa de um De Sica, ou mesmo de um Chaplin, porém do Chaplin da última fase, depois que o grande ator se despiu da dor e do patético de Carlitos.

Ao vosso lado evocamos os companheiros e as companheiras, que tivestes a sorte de descobrir para aquele trabalho. Em primeiro lugar tornamos a ver Eugênia. E a vosso lado e ao lado de Eugênia, tornamos a ver tantos que convosco precisamente colaboraram – como os três da família Ferreira. Procópio, Aída e a jovenzinha que então se iniciava, essa deliciosa Bibi, e Marques Porto, e Joraci Camargo, e René de Castro e Luís Peixoto, e Machado Florence, e Frederico Barrete, e Atílio Milano, e Briolanja Sottomayor, e Alvarus, e Flávio de Andrade, e Sérgio da Rocha Miranda e Tinon de Melo.

A estréia do Teatro de Brinquedo se fez com a vossa peça "Adão, Eva e outros Membros da Família", na qual representáveis o papel de Um – que devia ser o principal personagem, sendo aquele em cujo pensamento mas transparecia o pensamento íntimo e desencantado do autor.

Que queríeis provar naquela pequenina comédia? Acredito que nada. A Literatura que fazeis não é dessas que se pagam com o demonstrar nenhuma verdade. Queríeis ali apenas representar...

Está em uma de vossas páginas de *As Amargas*, uso uma confidência que acho preciosa, relativamente a essa vossa comédia.

Dizeis:

Eu queria um teatro que fizesse sorrir, mas que fizesse pensar. Um teatro com reticências. O último ato não seria o último ato... Justamente eu queria o Teatro de Brinquedo, que tinha uma legenda de Goethe: "A humanidade divide-se em duas espécies: a dos bonecos que representam um papel aprendido, e a dos naturais, espécie menos numerosa, de entes que vivem e morrem como Deus os criou..." Um teatro de bonecos? Sim. Mas, supondo que nessa estação do século XX, os bonecos de tal maneira aperfeiçoados dessem a sensação de gente de carne, osso, alma, espírito... Por que de brinquedo? Porque os cenários imitavam caixa de brinquedos, simples, infantis. Um teatro que não contrariou aquela cantiga que resume todas as histórias, todas as filosofias, todos os pontos-de-vista:

*Les petites marionettes*
*Font, font, font,*
*Trois petits tours*
*Et puis s'en vont.*

Os vossos personagens, ali, são, tanto quanto possível, simbólicos – simbólicos de atitudes ou de posições na vida. E a peça resulta, assim, numa espécie de síntese da própria existência humana.

A representação de Adão, Eva e reis não obrigaria o desgraçado!

Representada a peça, logo todos nós, simples adoradores desse universo maravilhoso e único que é o teatro, tivemos a impressão de que havia surgido alguma coisa de nova em nossa Arte cênica. Essa foi também a impressão da crítica especializada. Sem demora, um crítico teatral dos mais capazes que tínhamos então, Alberto de Queirós, chamou a atenção de todo o Brasil para esse alvissareiro fato. E fez mais: mostrou a semelhança que havia, quase que a identidade, entre a vossa peça e a peça de Marcel Pagnol – "Topaze" –,

que naquele momento constituía um dos maiores êxitos de Paris e do mundo. Queirós, porém, não se esquecia de fazer esse reparo: que "Adão, Eva e outros Membros da Família" tinha sido escrita em 1925 e representada pela primeira vez em 1927, enquanto que "Topaze" só subira à cena em 1928.

Tomando conhecimento dessa informação do crítico, escrevestes a Alberto de Queirós uma carta na qual aceitais a observação da semelhança de vossa peça com a peça de Marcel Pagnol. E é ali que tendes uma queixa – coisa rara em vossa obra, sempre de tanta resignação e de tanta paciência com todas as iniqüidades que vos cercam – uma queixa, amargurada e justa, em meio à qual dizeis:

> Num páreo assim, a desvantagem deve ser minha: escritor brasileiro – escritor clandestino. Também não me passa pela cabeça que Pagnol me imitasse! "Adão, Eva e outros Membros da Família" apareceram aos pedaços! em "Para Todos"... de 1925 e 1928 e completas na *Ilustração Brasileira*, números de março e abril de 1928. Pagnol não me poderia ter lido num idioma que ninguém lê... Coincidência apenas. Eu descobri aqui, em 1925, um jeito de fazer teatro. Não me levaram a sério. Marcel Pagnol descobriu em Paris, o mesmo jeito, três anos depois. Todo o mundo achou estupendo.
>
> Coincidência, da qual estou gostando muito. Principalmente porque "Topaze", neste momento, é representado em vinte teatros, até no Lírico do Rio de Janeiro, e "Adão, Eva e outros Membros da Família" dormem nas saudades do Teatro de Brinquedo.

Restar-me-ia, aqui, encarecer a contribuição que, com a vossa iniciativa daqueles dias temerários do Teatro de Brinquedo, destes para a renovação maravilhosa que nos últimos vinte anos tem ocorrido no teatro nacional. Essa renovação teve, decerto, várias causas... e entre elas convém enumerar pelo menos algumas – a proteção e as garantias trazidas pela legislação de Getúlio Vargas; as beneméritas medidas postas em prática por esse grande Ministro da Cultura que foi Gustavo Capanema: o desenvolvimento da SBAT; a criação em São Paulo, do Teatro Brasileiro de Comédia, fato que auspiciou a vinda para o Brasil de talentosos diretores europeus: a atuação no Rio de

Janeiro de outros mestres de cena mundial: a lição do Teatro de Amadores de Pernambuco: as iniciativas incansáveis de Paschoal Carlos Magno.

Devo, aqui fazer alusão, se não desejo ser injusto, a outras belas realidades da nossa vida teatral, mesmo nos tempos indecisos que se situam entre o falecimento de Artur Azevedo e alvorecer do Teatro de Brinquedo – isto é, naquele triste período em que todos aqui vivíamos clamando, a uma voz, que a Arte teatral tinha morrido no Brasil... Lembrarei, em primeiro lugar, aquela paixão ardente que pelo teatro brasileiro jamais deixou de sentir fossem quais fossem os tempos... paixão que fazia com que os moços da nossa geração se consumissem de admiração e de fervor aos pés de uma Germaine Dermoz ou de uma Marie Thérèse Pierat, tal como fazia com que os adolescentes da geração de nossos pais morressem de amor aos pés de uma Sarah Bernhart, de uma Eleonora Duse ou de uma Clara Della Guardia, tal como fazia com que os nossos avós, os jovens do tempo de Machado de Assis, se fanassem de adoração aos pés de uma Charton, de uma La Grua, de uma Adelaide Ristori... Lembrarei os nomes de tantos sonhadores impenitentes – tantos autores e tantos atores que, mesmo naqueles dias sem brilho, jamais deixaram de lutar em prol do bom teatro em nosso País – um Roberto Gomes, um Paulo Barreto, um Renato Viana, um Benjamin Lima, um Cláudio de Sousa, um Viriato Correia, um Oduvaldo Viana, um Joraci Camargo, uma Apolônia, um Fróis, um Mesquitinha, um Jaime Costa, uma Dulcina, uma Alda Garrido... e eu estou certo de que nessa relação esqueço os nomes de muitos, muitos outros, que representam momentos fulgurantes nessa esplêndida campanha... Lembrarei o papel da Escola Dramática, em que resplandeciam nomes de mestres como Coelho Neto, João Ribeiro e Alberto de Oliveira... Lembrarei igualmente – agora no campo das coisas mais práticas – o denodo com que, na década de 1920, o nosso heróico Viriato Correia se lançou à aventura do Trianon, com, inclusive, a revelação, para nós tão cara, do único trabalho para a cena, que nos ofereceu Ribeiro Couto...

É no meio desses momentos que "Adão, Eva e outros Membros da Família" constituiu um êxito em verdade raro.

As palavras dos vários personagens que criáveis viviam com uma vida curiosa – pois é uma evidência que aquela peça é antes de realidade interior. Peço licença para mostrar, nas falas de um outro daqueles personagens, ou em

um ou outro episódio alguma coisa que mais de perto nos comova ou nos faça sorrir.

Eis aqui um pensamento do Escritor – um pensamento em que há como que uma síntese de um estado de espírito sempre vosso:

"O estardalhaço da vida!... Para mim, ela é o silêncio sem termo, a imensa solidão, A vida é um jardim fechado..."

Eis outro pensamento, em que Um externa um paradoxo bem à la Álvaro Moreyra:

"O tempo é o ganha-pão dos historiadores, dos filósofos e dos relojoeiros."

Eis agora um retrato que vem de uma de vossas páginas, porém que nos é muito familiar. Fala Um:

> É juiz. Irrepreensível, com uma simpatia intransigente, do chapéu às polainas, ele desliza pela vida, afável, civil, perfeito. Sabe na ponta da língua as frases de maior consumo da sociedade. Apesar de pertencer à Academia, há de deixar a terra mortal como qualquer um de nós. Nesse dia, chegando ao Reino dos Céus, quando o apresentarem a Deus, dirá com certeza: "Deus! Ah! muito prazer, em conhecê-lo pessoalmente, já o conhecia há muito de nome".

Para encerrar este pequeno excurso através de vossa peça, transcreverei uma passagem em que podemos bem ver como se mudararn, de 1927 para cá, as condições de vida no País.

> Moça – Quase que se foi. (Refere-se a um empresário que tinha prometido aparecer na festa em que ocorre o diálogo e acabara não vindo). Vinte e seis dias entre a vida e a morte. Um batalhão de médicos, balões de oxigênio, injeções. Sabem em quanto lhe ficou essa brincadeira?
>
> Velha – Imagino!
>
> Moça – Seis contos
>
> Que acumula – Puxa!
>
> Um – Pneumonia dupla?
>
> Moça – simples.
>
> Um – É o caso de dar-lhe os parabéns.

Mulher – Sim... Porque, se a pneumonia fosse dupla, não fazia a festa com menos de doze contos.

Seis contos de réis... Doze contos de réis... Visão idílica de um Brasil para sempre perdido... Hoje, uma enfermidade dessas, tratada em um dos grandes hospitais da cidade, a que despesas de centenas de contos de rútilos, de entusiasmo e de fé, que temos de colocar a vossa iniciativa no Teatro de Brinquedo. Foi com efeito, da conjunção de todos esses elementos que surgiu a grande hora que o teatro brasileiro está vivendo hoje, a hora prodigiosa em que vemos a nossa cena ilustrada pela figura de uma Tônia Carreiro, de uma Maria Della Costa, de uma Maria Clara Machado, de uma Cleyde Yáconis, e de uma Cacilda Becker, esse ímpeto fremente de talento e de paixão... a grande hora em que a vemos palpitar, em nossas províncias, em realidades maravilhosas, como aquelas a que ainda este ano, vindas do Norte, do Sul, e do Centro tivestes ocasião de assistir no congresso teatral de Santos.

Desse congresso trouxestes a alma vibrando de entusiasmo, na convicção em que estais, e em que estamos nós todos, de que o Teatro brasileiro atingiu afinal a sua fase de maturidade, e é hoje alguma coisa do mais alto nível, digno de ser posto ao lado dos melhores teatros do mundo.

## AMBIENTE DOMÉSTICO

Bem sei que não é habitual, nos discursos com que saudamos os escritores que aqui chegam, a evocação do ambiente doméstico ou familiar dos novos companheiros. No vosso caso, Sr. Álvaro Moreyra, uma omissão dessas seria como que uma injustiça. Tão rara, tão diferente de tudo, foi a construção que nesse terreno também fizestes.

Permiti, pois, que eu convosco recorde a casa da Rua Xavier da Silveira, n.º 99, na qual decorreu grande parte de vossa vida, junto àquela que foi vossa companheira durante 34 anos. Ali, no lar que construístes com Eugênia, cresceram ao vosso lado, aprendendo a lição de vossa resignada conformação com as coisas, seis dos oito filhos que o destino vos deu, pois os outros dois vos abandonaram crianças. É inspirada por essa meninada inquieta, cheia de infinita Poesia que Deus só concede aos inocentes, a parte de vossa obra escrita naquela fase – esses deliciosos livros em que o endereço é a

Humanidade em qualquer idade em que esteja, porém em que o motivo ou o ponto de partida é a infância – esses livros que porejam ternura e carinho e que se chamam *Circo*, *Boneca Vestida de Arlequim*, *Caixinha dos Três Segredos* e também *O Outro Lado da Vida*, *Cocaína*, *A Cidade-Mulher*, *Tempo Perdido*...

Aquela casa foi como um convento da Porciúncula, no qual pusestes em ação o vosso franciscanismo. Tinha, em primeiro lugar, esta originalidade: era uma casa sem muros e sem portas, uma casa de todos. Basta dizer que as panelas nunca saíam do fogão e que a mesa nunca deixava de estar posta. Quem tinha fome ia ali, comer, quem tinha sede ia ali beber. Não precisava para isso nenhum título – a não ser o de estar informado de que existia aquele prodígio na cidade egoísta e fechada. Não raro sentado à mesa, a uma determinada hora, que uma vaga convenção das pessoas da família chamava hora do almoço ou hora do jantar, comendo com a sobriedade que vos garantiu sempre essa linha fina e elegante que tanto vos invejamos, víeis, defronte de vós ou ao vosso lado, sujeitos que, possuídos de uma fome de impingem, devoravam, devoravam, devoravam, febris, as vossas vitualhas. Quanta vez no curso dos dias, exercestes esse meigo papel de São Boemundo!

Em tais ocasiões, assombrado com a fome insaciável ou com a presença agressiva de um daqueles não-convidados de vossa casa, tivestes uma curiosidade natural. Quem é aquele sujeito? A pergunta corria discreta, em todos os que a podiam responder... E corria inutilmente! Ninguém sabia quem fosse o visitante de apetite insaciável ou de aspecto rebarbativo. Era alguém a quem alguém, amigo por sua vez de outro alguém, que, um dia, por casualidade, fora vosso hóspede de um almoço, aconselhara que, para matar a fome talvez de vários dias, fosse procurar o socorro de vossa mesa...

Acontecia freqüentemente que, como nos versos de Castro Alves, a corça e o tigre iam encontrar-se ali. Certa noite vos aparecera, solicitando o vosso amparo, um pobre diabo que uma agitação política qualquer ameaçava com os terrores de uma enxovia. Oferecestes ao ameaçado uma hospedagem sem prazo. No dia seguinte, quando, pela manhã, o hóspede se sentou para o almoço, empalideceu e quase desmaiou, ao fixar os olhos em outro comensal que descobriu na ponta da mesa. Vistes o vosso protegido abandonar o lugar em que se achava, e sair da sala, evidentemente espavorido. Fostes ao seu

encontro, desejando esclarecer o mistério... Ele vos disse o que ocorria... E pudestes perceber então que aquele outro hóspede, o que comia na ponta da mesa, era exatamente o policial, que estava encarregado da perseguição ao fugitivo...

Um tal sistema de vida vos foi possível manter quando os tempos eram outros. As condiões da cidade e do País modificaram-se fabulosamente, de 1930 para cá. Eugênia morreu... Vossos filhos, com a idade e com o casamento, dispersaram-se... A casa da Rua Xavier da Silveira n.º 99 não existe mais, transformada que foi em um arranha-céu...

Hoje, a vossa existência tomou nova feição – hoje que no vosso reino impera nova rainha... Mas eu aposto que ainda agora, ao lado dessa doce protetora de todos os necessitados, que é Sila, as disposições de vossa alma são as mesmas do tempo de Eugênia... Continuais a ser o mesmo apoio, o mesmo dispensador de favores, o mesmo franciscano prático, que fostes nos dias de outrora. Dais tudo o que possuís dos modestos bens materiais que os destinos repartiram convosco, e, sobretudo, das riquezas da alma e do coração –, que estas em vós são infinitas, e desafiam as arcas de todos os Rothschilds do mundo.

E como a vida de hoje não permite mais a liberalidade do outro tempo – a panela sempre no fogão, a mesa sempre posta para o hóspede que chegasse – resolvestes transferir a outro terreno o vosso caridoso acolhimento para todos. Tornastes o vosso gabinete, todo o vosso apartamento da Rua Francisco Sá, o paraíso de todos os burros. Haverá nisso algum malicioso simbolismo? Só a vossa alma, graciosamente secreta e enternecida, será capaz de responder que não...

## IDÉIAS POLÍTICAS

Tratando-se de um homem como vós, meu caro confrade, – um homem que jamais teve medo de suas convicções –, um perfil como este que tento aqui traçar ficaria demasiado impreciso, senão incompleto, se deixasse de todo de lado o exame das idéias políticas.

Creio que inutilmente tentaríamos procurar essas idéias num ponto determinado de vosso exercício jornalístico. Homem de imprensa que se con-

serva em atividade – ora em jornal, ora em rádio – há mais de cinqüenta anos, jamais exercestes o jornalismo propriamente político, mesmo quando tivestes o cargo de diretor de algum órgão. O fenômeno – jornalismo – para vós é, e sempre foi, meramente literário. Eis como o expressais:

> Os jornalistas são apenas as vozes que se escutam antes. Depois todas as vozes os repetem, murmurando ou gritando. Evangelistas da realidade. Os últimos poetas. Sem idade. Ficam sempre meninos. Contam tudo.
>
> A casa deles não têm portas nem janelas. O sol entra, o vento passa, a gente vai e vem. Podia ser a torre de marfim. É o albergue dos pobres. Pobres que dão e não pedem.

Evidentemente esse é o retrato do jornalista Álvaro Moreyra – e o dele unicamente...

Para podermos penetrar na vossa verdadeira orientação política, para sabemos até onde se estendem as vossas convicções nesse terreno, teremos de ir rastejando, aqui e ali, através de centenas e centenas de páginas, esse ser flutuante e problemático que sois... Dei-me um pouco a esse divertido trabalho...

Em certa resposta que destes a um jornalista que vos ouvia no dia em que fizestes setenta anos, contastes alguma coisa a respeito de vossa alma. Encontro ali alguns traços que vos são característicos, e que têm muito interesse, quando tentamos o exame de vossas opiniões políticas. Entre eles ponho em destaque os seguintes: não levastes trote na Faculdade de Direito em que vos matriculastes, porque pudestes contar com a proteção de um veterano, que se chamava Getúlio Vargas... sois, para que todos o saibam, um homem de esquerda... já estivestes preso nove vezes... acreditais em Deus, e esperais modestamente um lugar no Purgatório... Creio que, em síntese, são essas as principais idéias que no terreno da Política – nacional, internacional e extraterrena – ali expendeis. Ora bem essas confidências já nos dizem muito acerca do indivíduo que sois...

Poderíamos agora prolongar um pouco mais o exame de vossas idéias políticas. Iríamos ver, por exemplo, a vossa simpatia constante por todos os inconformados da vida e da história – sentimento que expressais todas as vezes que tendes contato com um homem como Romain Rolland, que se

sagrou tão heroicamente na luta pelo pensamento livre, como Anatole France, como Henri Barbusse, como Eça de Queirós ou como Garcia Lorca, iríamos descobrir, no Brasil, a vossa simpatia por um herói literário como Tiradentes ou por um homem de idéias sem temores, como Silva Jardim. Um dos brasileiros que talvez paradoxalmente mais merecem a vossa ternura é o vosso amigo de adolescência Getúlio Vargas. Para Rui Barbosa, a vossa simpatia é bem menor. E isso é natural, dado que sois esse homem todo medida, e que Rui é aquele escritor diluvial que todos conhecemos... Parece que na figura do grande baiano o que vos amedronta sobretudo é a eloqüência.

> Orador inesgotável – dizeis, subia, descia, andava de lá para cá, de cá para lá e em volta, numa gravidade, numa severidade absolutamente fora das medidas nacionais. Claro que não se pode negar o valor desse homem formidável. O que se pode negar é que se saiba o que foi que ele disse.

No terreno internacional, também poderíamos acompanhar um pouco o ritmo de vossas opiniões. Iríamos ver como, em primeiro lugar, amais a França – para a qual, quando a vedes em luta com a Alemanha, tendes esta bela imagem: ela é "a Branca de Neve que a madastra pensou que tinha matado". Iríamos ver como relativamente a quase todos os grandes países da Europa, que serviram de fonte a cultura brasileira, a vossa maneira de julgar é dupla – adorando nelas aquilo que deve ser adorado, detestando aquilo que deve ser detestado... Amais a Espanha de D. Quixote e a Espanha de Santa Teresa de Jesus, a Espanha em que Garcia Lorca sentiu no coração um vago tremor de estrelas... Mas abominais a Espanha de Franco. Quereis a Itália de Eleonora Duse, mas fugis da Itália de Mussolini... Adorais a Alemanha de Wagner e a de Goethe, mas tendes horror à Alemanha dos chanceleres, dos guerreiros, dos imperadores e de Hitler...

Para um País, entretanto, creio que o vosso desdém, a vossa ironia, a vossa malícia não encontram tréguas – são os Estados Unidos. Já tínhamos, em nossa Literatura panfletária, um grande livro contra a grande Nação que se diz tão nossa amiga – tínhamos *A Ilusão Americana*, de Eduardo Prado, a obra destemida que Capistrano de Abreu chamou livro de um homem... Temos agora também o vosso disperso e risonho articulado... Eis dois peque-

nos trechos – três ou quatro frases apenas – desse articulado implacável: "Os norte-americanos em geral têm alergia pela inteligência. É um direito que ninguém lhes contesta." – "Na América do Norte, liberdade é uma estátua."

## A CADEIRA DE LIBERDADE

A Cadeira para a qual a Academia vos elegeu, Sr. Álvaro Moreyra – perdão Sr. Álvaro Maria da Soledade Pinto da Fonseca Velhinho Rodrigues Moreyra da Silva, que tal é o vosso complicíssimo nome civil! – é, em verdade, uma das mais brilhantes da instituição. É, como tão bem o dissestes, a Cadeira simbólica da liberdade, pois nela recordamos os grandes nomes da Abolição. O patrono e o fundador são dois jornalistas destemidos, dois poetas que se transformaram em campeadores, dois corações que viveram para urna grande paixão, que por essa paixão sofreram e ainda na embriaguez dela morreram.

O Patrono Joaquim Serra, mal chegou a ver a vitória da causa pela qual tanto lutou pois morreu em outubro daquele mesmo ano de 1888. Era, segundo a tradição que deixou, um escritor genial, que nas páginas das folhas em que trabalhava se mostrava apto a tudo. Encontrei, num contemporâneo dele, a impressão assombrada de que Serra tinha qualquer coisa de demoníaco – tal a agilidade com que dentro de um jornal sabia mover-se em todas as colunas, desde a do mais leve e ágil noticiário até à dos artigos de fundo sisudos, circunspectos, desses que os nossos jornais usavam outrora e que não sei se usam ainda hoje – os tais artigos que pareciam vir vestidos de sobretudo negro, trazendo cartola na cabeça. Com essa virtuosidade risonha, com esse fácil saber, ele se constituíra a confiança e o esteio de muito jornalista em crise de falta de assunto.

O fundador José do Patrocínio, é aquele atleta lendário de tez de bronze e de alma de columba que, um pouco a exemplo de Luís Gama, certamente o maior dos negros brasileiros, saiu da humilhação de um pátio de senzala, para se tornar o redentor de todo um povo. Teve um grande papel na evolução literária do nosso País, e romancista sem rebuços, foi apontado por um dos nossos maiores crriticos do século passado e do século atual como o verdadeiro introdutor do Naturalismo em nossa terra. O prestígio dele é desses

que crescem à proporção que os dias vão passando. E ainda agora vemos um crítico cheio de sensibilidade, cheio de isenção para o julgamento dos fatos literários, um crítico da independência e do ardor combativo de Nilo Bruzzi, demonstrar, com os mais sólidos argumentos a tese de que Patrocínio é o criador do romance nordestino no Brasil – a tese de que é do modelo dado pelo grande negro, nos seus Retirantes, que decorre toda essa extraordinária florescência de romances trágicos e sombrios que, vindos da região nordestina, dominam grande parte do horizonte da nossa novelística.

Segue-se um interregno – o de Mário de Alencar, o poeta medido, o prosador de ritmo clássico e tranqüilo, o homem timidez, o homem suavidade, o homem reticência, o homem que detestava o tumulto e fugia da ação. Ele é, isso, sem dúvida. Mas é bem mais do que isso: é o contista gracioso, o novelista sutil, o analista das almas, penetrante e erudito. Basta-nos ler qualquer uma de suas páginas – qualquer daqueles estudos em que ele, ainda em plena juventude, já se mostrava tão compreensivo para um mestre cheio de nuanças e dificuldades como Machado de Assis, ou uma de suas novelas mais características – a Surdina da Morte, ou, talvez melhor, A Tia Lulu, pequena história que poderia sem desdouro figurar nos Papéis avulsos – para tempos uma idéia do escritor de qualidades puríssimas que houve nele. Apoucaram-no, parece duas sombras soberbas: a do gigante, que foi o seu pai, e a do semideus, que foi o seu grande amigo, o seu protetor e o seu padrinho. Mais tarde vieram, para ainda mais prejudicá-lo aos olhos do leitor comun, outras circunstâncias – em primeiro lugar o fato de haver ele vencido, na porta desta Casa aos trinta anos de idade, um veterano luminoso da nossa criação literária, aquele soberbo Domingos Olímpio, cujo brasão de glória se chama Luzia-Homem. Mas a verdade é que a vitória de Mário de Alencar, naquele momento, ao que posso sentir, foi de apenas um pseudônimo: atrás dela estava o fato verdadeiro, que era a animosidade de Rio Branco contra Domingos Olímpio, animosidade que vinha desde a jornada das Missões, nos Estados Unidos. E estava antes de tudo, no temperamento inconformado, vivaz, certamente irritadiço e irreverente, do poderoso romancista. Dele, Souza Correia traçava a Rio Branco um retrato como este."... de certa idade, calvo, cearense – gaiteiro – jornalista consumado, supõe-se que sabe inglês. É muito inteligente, mas ruim. Nada deve confiar nele..." Rio Branco, pelo seu lado, o

chama de trêfego, de despeitado, de célebre, e se compraz em recordar as circunstâncias em que ele fora demitido de fiscal das loterias por Murtinho. A má vontade prossegue recíproca, e se vai fazendo cada vez mais intolerante. Domingos Olímpio a comprova nos editoriais que escreve nos jornais em que trabalha, ou naqueles em que pode ter mesmo indiretamente alguma influência. – Era natural, sendo assim, que os amigos do Barão aqui dentro tudo fizessem, mesmo sem que houvesse algum gesto claro do grande homem, para evitar a presença de um adversário tão temível. Luís Viana, na excelente biografia do Barão do Rio Branco, que acaba de editar, deixa esse assunto muito bem indicado.

E afinal, depois de José do Patrocínio e de Mário de Alencar, vem Olegário Mariano, o poeta ardente, o que viveu sempre embriagado pelo amor e pela vida, o filho do Paladino, aquele que soube evocar a sombra paterna em belos versos como estes:

> Deus abençoou minha existência pobre,
> Dando-me o coração de meu pai que foi nobre.
> Se parou de bater no engaste de seu peito,
> Continua a bater no meu forte e perfeito.
> A ele devo o que sou – ramo do mesmo arbusto – E o orgulho de ser bom na glória de ser justo.

Essa é, como o vedes, e como o proclamais, a cadeira por excelência varonil, entre as quarenta da Academia.

Nela vos assentais agora, sem cerimônia e sem constrangimento – vós que tendes sido, sempre, em vossa vida, o homem livre no seu espírito, o escritor que se despojou de todos os preconceitos e de todos os formalismos, de todas as convenções de todas as hipocrisias.

## SIMBOLISMO E A ACADEMIA

Chegastes à Academia, para virdes ser, neste momento, o mais qualificado representante daquela grande escola poética, hoje quase inteiramente desaparecida: o Simbolismo.

A Academia se formou sob o signo do chamado Parnasianismo. Parnasianos, ou que assim se consideravam, eram um Alberto de Oliveira, um Raimundo Correia, um Olavo Bilac, um Afonso Celso um Magalhães de Azeredo, e até um Machado de Assis ou um Luís Murat. Parnasianos se consideravam muitos dos que foram sendo eleitos nas vagas que se sucediam – um João Ribeiro, um Vicente de Carvalho, um Augusto de Linha, e até um Martins Júnior. É claro que aí a palavra não valia senão como um remoto mito, e não correspondia a nada de real. Já não falarei do absurdo que seria batizar com o nome de parnasianismo – o que indica uma idéia de ordem, disciplina, precisão, exatidão, sobriedade – uma desordem romântica e nebulosa, como era o verso de Luís Murat, ou uma orgia metafísica e muita vez incoerente e do pior gosto, como era a Poesia de Martins Júnior. Falarei dos próprios corifeus da escola, dos três maiores representantes dela. Que eram eles – o nosso Alberto, o nosso Raimundo, O nosso Bilac – senão doces vates românticos, tão românticos como os mestres que tanto amavam – um Gonçalves Dias, um Castro Alves, um Casimiro de Abreu? Um deles, e provavelmente o maior dos três, teve mesmo ocasião de escrever um pequeno ensaio acerca do ideal parnasiano, ensaio em que renegava essa escola, em que mostrava qual era a verdadeira inspiração sentimental e apaixonada de sua alma.

Também com referência ao que se convencionou chamar simbolismo existe na obra daqueles três grandes poetas alguma coisa a rever, algum conceito a reformar. Leia-se, na obra de Olavo Bilac, uma Poesia como Surdina. Não é uma peça de meios-tons, de atmosfera turva e triste, de musicalidade embaladora e suavíssima? Não poderia, por tudo isso ser assinada pelo mais decadente dos decadentes? Veja-se, na obra de Raimundo Correia, aquela orgia de imagens, de sons, de sugestões, de reflexos pálidos e vagos, que se intitula Plenilúnio. Não uma página digna de ser assinada pelo mais nefelibata dos nefelibatas? E, tome-se, agora, na obra de Alberto de Oliveira, a Poesia intitulada "Horas de Ouro". Não é uma página em que existe tudo o que é vago, tudo o que é incerto, todo o que é distante e fluido – a começar do edifício de nuvens que o poeta evoca, e a findar nos três planos diferentes em que decorre a Poesia? Não é, assim, a página de um simbolista – e de um simbolista dos mais capacitados que tenha possuído a escola?

Que nos indicará tudo isso? Eu creio que indica, em primeiro lugar, esta evidência: que os orgulhosos nomes que usamos, em nossos vãos estudos de críticos e de historiadores da Literatura, nomes que indicam escolas ou tendências literárias, não passam de um mero luxo de eruditos... A Poesia é e permanece uma só.

Foi pena que a Academia se tivesse formado em hora de tantos preconceitos. Não me conformo com a idéia de que, no grupo dos nossos fundadores, ou no dos que para aqui vieram depois, tenham ocorrido omissões tão graves como as que encontro... Como compreender que, em uma Academia literária que se fundava em 1896, tivesse deixado de figurar um poeta sem igual como Cruz e Sousa – já naquele tempo o autor glorioso dos *Broquéis*? Como admitir que tivesse deixado de figurar no mesmo quadro um B. Lopes, já autor aquele tempo, de Cromos, Pizzicatos e Brasões? Como compreender, ou sequer admitir, que, na sucessão dos dias, – desde 1899, quando rompeu nos céus mineiros a alvorada do Setenário das Dores de Nossa Senhora, até 1912, quando o grande poeta faleceu – tenha a Academia deixado que vivesse no esquecimento e no abandono, em suas remotas cidades serranas, o poeta que se chamou Alphonsus de Guimaraens e que eu considero uma das glórias da Poesia do mundo no século atual? Como compreender, ainda, a ausência em nossas Cadeiras de um Gonzaga Duque ou de um Mário Pederneiras?

Sois o depositário que ainda resta dessas tradições, meu ilustre confrade, vós que soubestes impregnar a vossa Poesia, a vossa prosa, toda a vossa criação literária, daquele vago, daquela meia luz, daquela música inserta e irregular, daquela atmosfera de tênues sugestões, que são características da escola simbolista.

É claro que aqui estiveram, antes de vós, um Félix Pacheco, e um Emílio de Meneses, e um Rocha Pombo, um Pereira da Silva, é claro que ainda agora temos aqui o Antônio Austregésilo.

Mas todos vêm da primeira hora do Simbolismo, representam o movimento em sua nascente, falam-nos de Cruz e Sousa, de Nestor Víctor, de Saturnino Meireles, de Tibúrcio de Freitas, da Rosa Cruz... Vós ficais aqui ao lado de Rodrigo Octavio Filho, que foi vosso companheiro de todos os dias naquela fase que evocamos, e também ao lado de Luís Edmundo, representando o movimento em seu desenvolvimento ulterior, na sua última fase, isto é,

no crespúsculo em que ele se perde e se dissolve, nas colunas do *Fon-Fon*, da *Seleta*, e mesmo de outras revistas, na vasta cidade literária.

E não creio que haja aqui dentro, nesta Academia, em que dominam hoje os corifeus do movimento que ficou chamado Modernismo – e do qual também fostes magna parte – alguém que possa representar melhor do que vós a cambiância, a transição entre as duas épocas de nossa Poesia.

Assim – em gradações imperceptíveis, como as do colo de um pombo diria o nosso mestre Renan – assim se ligam e se perpetuam as fases da história literária...

## SAUDADES DO SIMBOLISMO

Daqueles velhos dias – de tanta inquietação de espírito e de tão ingênua crença na Literatura – permaneceu em vosso coração uma saudade sem remédio... É a saudade de quem recorda de longe uma doce Pátria perdida – pois, como belamente dizeis, a mocidade foi um jardim por onde passamos...

Em uma de vossas páginas encontro uma síntese perfeita de tudo o que nesse capítulo pensais – uma síntese do que foi para vós o Simbolismo, uma síntese dos vossos sentimentos de saudade diante daquele fulgurante momento que se dissolveu no passado. Eis como o dizeis:

Baudelaire e Verlaine, Mallarmé, os Sãos João Batistas do Simbolismo. Jules Laforgue, Francis Jammes, todos os Evangelistas... Maeterlinck, Rodenbach, Samain, Antônio Nobre, Eugênio de Castro... Vejo Yolanda de Mercioritto, com aquelas olheiras, aquele andar lento de quem chegava da bruma de Carrière, uma canção florentoina na boca, o sol do cais, Voltaire na cabeça. Meias pretas. Chapéu-salgueiro. Ninguém falava sobre Hollywood; nem o cinema mudo. Rádio era nome de outra coisa. Adorávamos a voz da água caindo no tanque dos chafarizes. O século tinha dez anos, e bons modos, Yolanda de Mercioritto não faz mal que você esteja no céu. É para você que Debussy continua tocando. Você é a Colombina de Willette. Você é a mulher triste de Steinlen, sentada no chão, olhando para o homem do seu amor. – Tu! queres me deixar?

Se você entendesse esta língua, gostaria de ouvir uns poetas do Brasil: Alphonsus de Guimaraens, que viveu numa cidade de Minas chamada Mariana, irmã mais pobre de Assis; Cruz e Sousa, neto de escravos negros; B.

Lopes, conde, marquês, às vezes duque, feliz no seu palácio maravilhoso, na verdade um quarto de casa de cômodos: Mário Pederneiras, parecido com o homem que dava pão para os passarinhos das Tulherias. Augusto dos Anjos – dos anjos rebelados...

É uma saudade longa, uma saudade que não tem mesmo remédio – e que se expressa a todos os momentos.. Ela está presa a tudo – a uma forma de nuvem, à sugestão de um verso ou de uma bela frase de prosa, ao nome de um pintor, de um músico, de um poeta querido... Está presa ao nome de um Laforgue – escritor e poeta do qual jamais vos despedis... Como uma chama suave, uma chama que não é deste mundo, o sorriso da alma de Jules Laforgue ilumina as palavras que ficaram contando o que ele contou dos dias em que viveu no meio das outras criaturas... Está presa a Fialho de Almeida, cujo estilo ainda hoje vos deslumbra pois sentis nele "aquela música solta, transformada em música das esferas", e nele sabeis viver na evocação do violoncelista Sérgio, da Velha, da Ruiva, da divina figura daquela menina doente e se eternizou em nosso conto como a Madona do Campo Santo... Ela está até presa a todas aquelas maravilhosas mulheres que através do tempo viestes adorando – e que, a partir de Santa Cecília se chamavam Monna Delza, Napierkovska Clara Della Guardia, Francesca Bertini, Theda Bara, Clara Bow, Greta Garbo, Marlene Dietrich, Michelle Morgan, e tantas tantas outras... São muitas, são infinitas... mas, que tem isso, se como ainda dizeis, em cada homem há um Sultão pobre, e um pouco triste?...

## O PASSEIO DE UM BOÊMIO

Concluindo esta saudação da praxe acadêmica, Sr. Álvaro Moreyra, eu poderia contar-vos a história de certo rapaz amável, gracioso e boêmio, ao qual a vida desde cedo prometera aquilo a que ele tinha tanto direito – uma das Cadeiras da Academia do seu País. O rapaz partiu para a aventura encantadora... Mas era tão fantasista, divertia-se tanto com as paisagens, com os objetos, com tudo o que via em torno de si, entregava-se tanto às emoções que se iam sucedendo na sua alma – que de todas as coisas que não fossem a sua própria e inefável Poesia se esquecia... De sorte que levou lentos anos para realizar a conquista do galardão outrora prometido. E só nas imediações da velhice chegou àquela modesta glória que poderia ter alcançado em plena mocidade.

Foi isso que em verdade aconteceu convosco. Devíeis ter vindo para a Academia há mais de trinta anos, quando para cá vieram os vossos amigos e companheiros de geração, um Adelmar Tavares, um Olegário Mariano, um Gustavo Barroso e um Guilherme de Almeida, nascidos, como vós, nos alvores da Abolição e da República. Devíeis ter figurado entre os eleitores daqueles que, como eu, nasceram nas proximidades do raiar do século. No dia em que me comunicastes esta que foi para mim uma grande notícia – a de que estáveis disposto a vir disputar uma de nossas Cadeiras e me perguntastes se poderíeis contar com o meu apoio, a impressão que me destes foi a de que havia, no mundo literário, algum desgoverno, inexplicável e injusto. Pois era eu quem deveria um dia ter ido, na inquieta posição do candidato, bater à vossa porta, para solicitar a honra do vosso sufrágio.

Ainda bem que soubemos corrigir a falha inexplicável. E embora aqui devêsseis ter chegado muito antes, agora entre nós vos assentais, cercado desse profundo carinho que não vem só do coração dos vossos confrades acadêmicos, porém sim da alma de todo o País, que reconhece em vós um dos legítimos valores da nacionalidade.

Aqui chegais, decerto, com esse longo atraso... Mas que tem isso, se ainda sois no espírito, o mais jovem de todos nós?

Considero a vossa juventude permanente uma prova a mais do escandaloso amor com que a vossa grande amiga, a Vida, vos tem invariavelmente distinguido. Sois, em verdade, em nossa geração, o homem eternamente moço, creio que posso dizer o eterno adolescente. Não é esse um dom que qualquer de nós vos possa disputar... Eu estava aqui imaginando partir de uma das mais belas reflexões de Joaquim Nabuco para vos dizer que a mocidade é uma dessas coisas sagradas, que ninguém pode fingir, que ninguém pode sequer imitar. É moço quem de fato é moço – quem acredita em alguma coisa boa e bela, seja o amor, seja a mulher, seja a Poesia, seja a humanidade. É moço aquele que sabe se entregar à embriaguez de um desses amores, aquele que tem uma alma capaz de, por força de um desses amores, vibrar e sentir sofrer. Ou, para adotar uma fórmula que decerto vos é cara – é moço aquele que conserva a capacidade de se espantar, de se deslumbrar... Por isso é que vemos tanta vez jovens em plena primavera transformados em velhos sem remédio. Por isso também descobrimos, de repente, um milagre como o vosso – o de um homem que soube realizar alguma coisa melhor do que o ideal de Byron, o de homem que jamais saiu dos seus vinte anos.

Possamos aqui dentro aprender depressa convosco esse doce milagre...

Discurso do
SR. CÂNDIDO MOTTA FILHO

e

Resposta do
SR. JOSUÉ MONTELLO

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 20 de julho de 1960*

# I
# DISCURSO DO SR. CÂNDIDO MOTTA FILHO

O imoderado Saint Just, que pretendia defender as virtudes da inflexibilidade, nas tormentas da Revolução Francesa, afirmava, sem preocupação de paradoxo, que só a indulgência é feroz.

Bem sei, principalmente como jurista e magistrado, que há demasias nesta afirmativa. Chego, porém, a compreendê-la ao aproximar-me desta tribuna.

Germinada, agora, na inconfundível delicadeza patrícia, que é a vossa delicadeza, teve conseqüências terríveis nas agonias das minhas dúvidas. Acostumado a suportar, virilmente, decepções e derrotas, sinto-me perturbado quando a vitória é uma surpresa no destino, uma provocação à minha humildade ou, como neste acontecer, prêmio que me concedestes, quando não quisestes resistir aos meus empenhos de participar do mais alto cenáculo das Letras nacionais.

Quantas perguntas fiz a mim mesmo, para colocar uma ponte entre a minha pretensão e a vossa generosidade! Encontrei, entre as delícias do século XVIII, o discurso acadêmico em que Voltaire explica que a sua Academia se originou de uma reunião de amigos; em nossos dias, no meio dos disparates de Picasso, conhecedor genial de todos os segredos das artes plásticas, aquele que manda em primeiro lugar, escolher e, depois, explicar o escolhido.

Alongo meus olhos no roteiro das vidas que sucedo, sob o patrocínio de Bernardo Guimarães, e adquiro a certeza, com os compromissos que assumo, de que a Academia acolhe em mim, muito mais do que um valor pessoal,

alguém que pode ser considerado fiel à sua geração, aos temas de seu tempo, e que procurou refletir em sua obra quase cotidiana o esforço comum pela adequação da cultura brasileira às exigências do mundo moderno.

Disse Aloísio de Castro, através de sua modéstia inexplicável, o que reitero aqui por amor à verdade: "Podem as circunstâncias o que noutra pode o merecimento."

De qualquer forma, respondem à vossa acolhida muitas vozes, que me acompanham, daqueles que, na ternura da vida provinciana, me ajudaram a formar o espírito, pelo sangue e pelo estudo; daqueles que me forneceram os primeiros livros, como meu avô, mestre severo de latim; ou, como meu pai, que deixava as preocupações políticas, para ler em voz alta os romances de Alencar e os versos de Rostand; ou dos professores da velha e inesquecível Faculdade de Direito do Largo de São Francisco onde, desde os dias assustados das primeiras aulas, me vi cercado pelas evocações de Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Castro Alves, Nabuco, Rio Branco e Rui Barbosa; por fim, dos que foram meus companheiros no movimento de renovação de 1822, quando deixávamos as noites de conjura, na neblina de Piratininga, para ir escandalizar, no Teatro Municipal, iluminado e repleto, uma vida literária e artística até então amortecida.

Há vários anos, ao receber-me na Academia de Letras da minha província natal, Cassiano Ricardo, imenso poeta com quem venho, dentro de inalterável amizade, olhar as surpresas do século, acentuou que eu ali estava como representante dessa insubordinada geração de 1922.

No empenho de salvaguardar os valores da cultura, a Academia Brasileira de Letras tem, sem dúvida, compromissos com a posição acolhedora, mas discreta, acentuada por Ernest Renan, quando a viu sem preconceitos e restrições, como um tecelão paciente a harmonizar o passado tranqüilo com o presente sempre inquieto.

Tão renovadora quanto conservadora, porque sempre renovou para conservar, fez do mito da imortalidade um culto singular a juventude da vida.

## CONSERVAR E RENOVAR

Na festa ritual de acolhimento dos novos acadêmicos, a relembrar, em todos os transes, o desnorteante traumatismo dos nascimentos, a Academia

solidifica, como um dogma, a tarefa de reviver o passado, de rememorar os esquecidos, de entrelaçar, no plano da palpitante atualidade, com os mesmos direitos à vida, os vivos e os mortos.

Pois haverá maior soma de mocidade do que a que se condensa na resistência acadêmica ao esquecimento e à morte?

Pois não patenteia as comemorações que se repetem o firme propósito de um recomeçar, que é, na verdade, um renascer?

E não se torna a Academia, de fato, uma Academia de renascidos? Com essa fisionomia se desdobra em alimentar a atualidade com as energias pretéritas, pela aproximação das distâncias e alçando metas mais largas pois, em países como o nosso, exerce uma influência providencial que longe estava de ser prevista pelo precavido Richelieu, para a Academia Francesa.

O Brasil, como todos os países do novo mundo, construídos por transferência de civilização, no ritmo desigual das aventuras de conquista, prefira o "amanhã" ao "ontem", o que vai ser ao que já foi. Vive, em conseqüência disso, entre esquecimento e sonhos, de modo a fazer perigar a própria solidez de suas construções. A cada passo, vemos confirmar-se o quadro da terra instável da Amazônia, esboçado em página inesquecível por Euclides da Cunha e surgir um tipo de vida descomprometida com toda e qualquer tradição. Disse, em uma de suas obras, Antônio Sardinha, que, em nossa época, os verdadeiros revolucionários são os conservadores. No Brasil, nessa pressa americana de viver, nesse alvoroço pelo dia seguinte, nesse andar para a frente, sem dar conta do que ficou para trás –, conservar é revolucionar.

Entre os excessos dos povos que ruminam, na esterilidade de suas provações atuais, a ensombrada vida dos tempos passados e a nossa demasiadamente deles distanciada apresta-se à missão orgânica da cultura que as academias ostentam, pelo passado e pelo presente.

## BERNARDO GUIMARÃES E RAIMUNDO CORREIA

Pois é o que está acontecendo. Bernardo Guimarães foi um ponto de partida. Sua figura, nas distâncias do Romantismo, fixa um rumo no terreno a percorrer. É ele a fonte inspiradora que vai conduzir, Raimundo Correia com certos e irrenunciáveis compromissos.

Entre Bernardo e Raimundo são tão grandes as diferenças que não há cotejo possível. Em duas épocas diversas eles representam duas sensibilidades diferentes.

Os que se reuniam por volta de 1880, preocupados com a nova encenação literária que o Parnasianismo oferecia, eram justificadamente antagônicos aos que se congregavam na fé inspirada pela libertação romântica, após os sucessos de 1830. Os primeiros visualizavam uma Arte acima das paixões cotidianas e invocavam a serenidade helênica, ao passo que os outros acreditavam que todas as paixões são fecundas e, por isso, criam na vitória do sentimento. Que veria, pois, Bernardo Guimarães, que pudesse ser visto com os olhos de Raimundo Correia? Contudo, este que trabalhava na feitura do verso e recebia, como definitivas, as lições dos que ainda, em 1860, tinham encontrado o termo "parnasiano" em nome da impessoalidade da Arte possuía uma outra visão do cosmo literário.

É bem certo que o Parnasianismo brasileiro tem suas características e nele os poetas conservam um certo gosto romântico. Raimundo Correia foi um grande sentimental: Sr. Raimundo! como chamou Afrânio Peixoto. Era um eterno preocupado com o comportamento humano. Quem conhece o poeta que ele foi, convencido de que o cuidado da forma é o processo exato para alcançar os dados essenciais da Poesia não encontra, de pronto, as razões pelas quais foi procurar Bernardo Guimarães para patrono. Ao considerar-se esse aspecto, ocorre-me aquele que pode parecer capricho feminino ou mistério da Academia.

Prefiro, entretanto, não ver nisso, nem capricho, nem mistério, senão um resultado da própria sociologia cultural: a Academia no esforço persistente de manter, através da diversidade das expressões literárias, a unidade saudável da Literatura nacional.

É por esse veio que se insinuam os motivos que levaram Raimundo a voltar-se para o desabusado romântico, que foi o autor de *Jupira* e de *A Escrava Isaura*.

Há, portanto, nessa escolha, uma fé patronímica, um apelo à inspiração das forças diferentes do passado, que se refazem tempo afora na marcha de uma procissão invisível.

## UM JUIZ BOÊMIO E POETA

É certo que Raimundo Correia, juiz e poeta, poderia inclinar-se pelo juiz escritor. Mas Bernardo Guimarães foi juiz discutido. Era um boêmio. Couto Magalhães, ao querer hospedar-se em sua casa em Catalão, viu que isso não era possível, pela desordem e falta de acomodação, pois não encontra ali sequer moringa e cuia.

De uma feita, Bernardo Guimarães, como juiz, manda abrir as portas da cadeia, para soltar os presos, após um julgamento simulado, o que lhe valeu ruidoso processo!

Esse mineiro de quatro costados, imaginoso e trêfego, ao contrário de muitos de seus companheiros de Romantismo, era um guloso das coisas da vida espontânea. Se duvidava dos valores, se punha de reserva as convenções sociais, buscava na Natureza, sem afetação, uma amiga cordial. Estudante endiabrado e boêmio em São Paulo, assim se mostra em nome dos direitos da Natureza, que não se confundem com os direitos naturais do homem.

Como a maioria dos românticos, era um desleixado, não raro, um desabrido. Mas era poeta e poeta é que satisfaz a Raimundo Correia por sua imaginação, por sua riqueza plástica e sua visível preocupação de tirar, pela métrica, pela música e pelo uso dos termos, os maiores efeitos poéticos.

Percebeu-lhe a evolução, comparando os *Cantos da Solidão* e a *Inspiração da Tarde* com as poesias da última fase, reunidas em *Novas Poesias* e em *Folha de Outono*. Observou suas leituras, as influências da Escola Mineira, de Garret e de Gonçalves Dias.

Porque Bernardo Guimarães, desde que deixou o Planalto de Piratininga e se afundou nos segredos sertanejos, curioso de ver e sentir de perto a Natureza sem contaminações, quis realizar uma das mais almejadas aspirações românticas. Pôs-se a escutar o sussurro do arvoredo, a contemplar o verde negro das selvas, e a sentir com enlevo as solidões formosas da terra. Não foi um solitário à maneira de Álvares de Azevedo, que procura isolar-se na convivência das cidades, nem aceitou a Natureza com a religiosidade de Fagundes Varela. Mas nela ingressa, como quem regressa a sua casa, ao seu lar, à sua Pátria autêntica.

Trazendo nos lábios o que acontece no sertão sem acontecimentos, vai apurando, com o correr dos anos, seu conhecimento da paisagem humana, que distribui pelas páginas de *O Seminarista* ou de *Ermitão de Muquem*.

Aí o prosador e poeta se encontram. E a inquietação que o agita o situa nos planos de seus romances e narrativas, ora na Província do Rio, ora no Oeste de Minas e no Sul de Goiás. Assim amplia seu universo psicológico, tumultuário e inconseqüente, quando deixa o realismo perder-se nos caprichos da imaginação – aventureiros, garimpeiros, escravos, padres, fazendeiros, um desfilar de tipos interessantíssimos na configuração e no comportamento.

## RAIMUNDO CORREIA E OSVALDO CRUZ

Se há porém diferenças enormes entre Bernardo Guimarães e Raimundo Correia, já não podemos falar em diferenças entre Raimundo e seu sucessor, o sanitárista Osvaldo Cruz. Não é este prosador, poeta parnasiano ou romântico, mas um cientista que põe sua Ciência a serviço dos homens da sociedade e do seu País. Acolhe-o a Academia, como quem conquista um valor raro, porque há uma aproximação natural entre poetas e sábios.

Raimundo Correia acreditava nas virtudes do espírito e na fragilidade dos homens. Estes se curvam ao vento dos acontecimentos como caniços pensantes. Vivem de sua fragilidade, porque viver é, para Raimundo, um exercício constante de sofrimento. O plenilúnio, para ele, é um reflexo sentimental da miséria humana que formula, incessantemente, os paradoxos da existência.

O seu fim dramático parecia estar escrito na fragilidade de seu viver, desfeito na surpresa de um desastre.

Osvaldo Cruz, entretanto, homem convicto da eficácia da lógica dos sólidos, era homem de ação, criador de cenários. Nos trabalhos de pesquisa, na luta contra as doenças, no lidar com as desconfianças, malícias e preconceitos – tinha a alma dos grandes lutadores. A cidade do Rio de Janeiro era uma antes dele, ficou sendo outra depois dele. Bem podia, portanto, como disse Aloísio de Castro "cingir à cabeça douta o louro sagrado e a coroa dos poetas".

Pelo fato de ser homem de ciência, e talvez, mesmo, por ter essas duas vocações, foi grande conhecedor da natureza humana. Assim, pois, com todos os dotes para ver aquilo que enchia de esperanças e desesperanças os versos de

Raimundo Correia. Compreende-os, em seus motivos, ao nascerem de uma alma delicada, transportando para a construção parnasiana os últimos acordes do Romantismo.

Dotado de energia realizadora, podia, por isso mesmo, admirar nas *Poesias* de Raimundo a emocionante voz do queixume humano.

O poeta que compusera o "Mal Secreto" e "As Pombas" era o seu oposto, porque via no homem o pobre homem numa luta sem objetivos entre a piedade e a inveja, e que fez da Ciência o pretexto para mais uma desilusão.

Nunca se deixaria Osvaldo Cruz, pela riqueza de seu temperamento, embotar pelas abstrações científicas ou por aquilo que alguém denominou desumanização da Medicina. E mesmo, com os sofrimentos que sofreu, com os desapontamentos que teve, foi uma objeção viva a essa humanidade desamparada, destituída de esperanças, dos versos de Raimundo Correia.

Conhecer Osvaldo Cruz pelas vitórias de sua sabedoria, pela sua obra de pertinácia e heroísmo, de estudos sem canseiras, de devoção imaculada, de inacreditáveis sacrifícios é imaginá-lo a ler, como realmente lera, emocionado, os versos de Raimundo Correia; é assistir ao encontro de duas eminências da vida nacional, só possível por um critério que as Academias podem ter.

## OSVALDO CRUZ E ALOÍSIO DE CASTRO

Aloísio de Castro, ao saber de sua escolha, procurou, numa reação espontânea de sua sensibilidade, justificá-la mais pelas circunstâncias do que pelos seus méritos, muito embora eles já fossem reconhecidos e proclamados. É que, apesar de médico, como Osvaldo Cruz, tinha diferente visão das coisas, da vida e dos homens.

Desnecessário, portanto, colocá-los em termos de comparação, mas ficaria bem repetir que os dois médicos, dois estudiosos da Ciência do homem viram, realmente, o mundo cada um a seu modo. Se Aloísio de Castro dedicou-se à Ciência, não deixou de ser professor claro e persuasivo e um encantado com as magias da Arte.

Osvaldo Cruz era um cientista que punha todas as suas esperanças na Ciência, para solução dos problemas da existência e da coexistência. Para

Aloísio de Castro, porém só a Ciência não basta, pois há um momento em que só a Arte soluciona os problemas da vida.

Eis aí até onde vai o dom magnífico da confiança acadêmica que chega a ter, muitas vezes, a aparência de uma desorientadora extravagância.

Ainda guardo, senhores acadêmicos, a impressão que recebi ao ler o discurso de posse na Academia Francesa pronunciado por Jean Cocteau que, em sua insubmissão literária, se imaginou equilibrista de circo, no tope de uma coluna de cadeiras, de diferentes tamanhos e estilos. Mas esse equilibrio não é uma habilidade do discutido *jongleur* das Letras francesas; provém, sem equívocos, do próprio gênico acadêmico, no seu esforço pela construção da consciência literária.

O equlíbrio se impõe apesar da resistência dos contrários e dos antagonismos sem que para ele seja necessária a habilidade dos equilibristas. A Academia é um painel primitivo, sem a preocupação de perspectivas. Nela não há distâncias maiores e menores com figuras mais diluídas ou mais desenhadas.

Ao lado dos contemporâneos de Aloísio de Castro, de Osvaldo Cruz , estão Raimundo Correia e Bernardo Guimarães. E, no mesmo plano, como se todos se situassem na mesma época aqueles que iniciaram no País que alvorecia os cânticos primeiros da vida brasileira.

Ninguém teve concepção mais exata da Academia que Aloísio de Castro. Pode-se dizer que foi acadêmico perfeito e acabado. E o foi mesmo antes de entrar para a Academia.

O professor admirável, cujas aulas magistrais tantas vezes freqüentei embevecido, era assim um acadêmico por direito de sangue.

Cresceu numa atmosfera cultural, no enlevo pelo pai, homem de letra da melhor cepa e professor dos mais exímios. A vocação, que lhe vinha da alma, era estimulada pelo meio que o cercava.

Desde criança, as figuras literárias de projeção lhe eram familiares. Muito cedo começou a respirar nas tertúlias intelectuais e viver na República das Letras.

Assim, antes de alcançar a idade do sonho e das aventuras sentimentais, já levava a sério o fato literário.

Quando se candidatou à vaga de Raimundo Correia, passou momentos de dúvidas, curtidos no mais íntimo de sua consciência. Animado por amigos e discípulos, procurou a um deles, que lhe disse representar sua presença na Academia a continuidade ao culto de Francisco de Castro. Foi quanto bastou. Ascendendo, na timidez de seus gestos, mais por esse motivo, depois justificou neste plenário, com elegância e humildade, as razões de sua vitória. Eis por que, no discurso de posse, ocorre-lhe lembrar a figura do Pai ilustre.

Pois, a esse tempo, Aloísio de Castro já era uma das mais lídimas afirmações da cultura brasileira. Seus méritos, como interno de Francisco de Castro e, depois, de Miguel Couto, grangearam-lhe um prêmio de viagem. Redobrara sua dedicação nos estudos, certo que honraria um compromisso que assumira para com a memória do Pai, cuja morte inesperada em 1901 lhe abrira uma ferida incurável. Em 1910, após um curso que marcou época, era nomeado professor catedrático de Patologia Médica e, em 1915, Diretor da Faculdade de Medicina. Possuía já uma obra literária conhecida e louvada.

Foi, assim, o que foi – além de professor, Diretor do Departamento Nacional do Ensino, membro da Academia Nacional de Medicina e da Comissão de Cooperação Intelectual da Liga das Nações, membro de honra do Instituto Brasileiro de História da Medicina da Academia Pontifícia das Ciências, professor honorário das Faculdades de Medicina de Montevidéu.

## O FILHO EXEMPLAR

A extraordinária veneração filial não se recolheu, um só instante, em toda a sua vida. Até morrer, fez questão de ser sempre o filho de Francisco de Castro. Sem o Pai ao lado, nas transfigurações da saudade, sentia-se na solidão, como uma criança perdida. Era a autoridade paterna, sua firmeza moral, sua bondade, sua sabedoria, que lhe serviam de guia.

Por isso mesmo, para ele, as gerações não colidem, mas integram desentendimento humano. Assinalando o que nos separa dos racionalistas e empíricos do Século XVIII, fez uma exposição de suas idéias, para explicar que o homem sempre compreende o homem.

Para Aloísio de Castro serviram as lições de filosofia aristocrática de Ortega y Gasset. Principalmente quando este, ao estudar o significativo das

circunstâncias, sustenta que em todo presente coexistem, pela lei da contaminação, três gerações: a dos jovens, a dos modernos e a dos velhos, acrescentando, com o esplendor de seu pensar, que isso significa abranger a atualidade histórica, em rigor, três tempos distintos, três "hojes" diferentes, que vivem alojados no presente.

Por essa solidariedade feita de espontâneas inclinações dos moços dos modernos e dos velhos – é que a vitória do humano sobre o desumano da liberdade, sobre todas as escravidões se realiza com a ostensiva e impenitente colaboração dos trabalhadores intelectuais, que encontram na Academia uma resguardada trincheira.

Eis por que o tumulto contemporâneo, em ponto mais vasto do que aquele, visto no Renascimento, por Erasmo de Rotterdam, haveria de ceder ao império da natureza humana.

A sensibilidade requintada de Aloísio de Castro afastava, de tal modo, os conflitos, que afinal não lhe pareciam existir. Era médico mas não precisa tomar o pulso do homem atual para verificar uma vida, como toda vida humana em todos os seus tempos. Sentia-se demasiadamente no século XIX para concordar com Franz Alexander, quando disse que o mundo está a reclamar o império da psiquiatria, ou como o Conde Keizerling, quando afirmou que, originariamente a inteligência é um negócio subalterno.

## O ESTÍMULO DE MACHADO DE ASSIS

Através do Pai, Aloísio de Castro recebeu o carinho e o estímulo de Machado de Assis. "Foi um dia", recorda ele,

> que conheci o mestre de nossa geração literária, quando, menino de colégio, entrei com meu Pai na Livraria Garnier. Era uma casa velha e escura, cujo assoalho gretado tremia aos meus pés. A um canto folheava livros certo homem de grande aspecto a quem o Dr. Francisco de Castro logo se dirigiu com significações de estima. Não sabia quem era ele, mas recordo-me que lhe beijei a mão, ou porque adivinhasse que agradaria à vontade paterna, ou porque já nos mais verdes dos anos desponte, às vezes, o instinto das venerações.

E ao avivar a posse de Francisco de Castro à direção da Faculdade de Medicina, evoca o diálogo com Machado: "Logo falamos de outras coisas, das casas do vetusto quarteirão que cruzávamos cheio de reminiscências coloniais. Como eu as taxasse de desgraciosas e tristes, corrigiu-me brandamente: 'São feias, são, mas são velhas.'"

## O HÓSPEDE RUI BARBOSA

Com seu Pai, aproximou-se de Rui Barbosa e principalmente daquilo a que chamou a "beleza de seu gênio". "Vão precisamente trinta anos", relembra Aloísio de Castro,

> mas eu diria ontem. Bem me lembro que no dia imediato à declaração da revolta eu era meninote, meu Pai me tomou à parte, recomendando-me silêncio, porque se ia hospedar em casa um doente, que havia de vir de Minas. Fez-me espécie o aviso, porque eu me havia em conta de diabrete. O doente veio à noite mas eu o não vi. O que vi, no dia seguinte, muito de manhã "o que é que escapa aos meninos?" foi saírem juntos de casa, em carro que rolou célere, Rui Barbosa e Francisco de Castro. Quando meu pai regressou, havia deixado a salvo, na Legação do Chile, então à Rua D. Luíza, o seu grande amigo, que dali depois se embarcou para o Rio da Prata.

E comenta, como um cultor da malícia de France: "Não sei o que disse então meu Pai, mas foi como se dissera que a Medicina era grande coisa quando operava essas curas repentinas da noite para o dia."

Mais tarde, diz, depois de recordar-lhe as virtudes.

> Concedei-me, contudo, que ao finalizar esta operação eu atravesse de novo os portais do Templo, onde vivi a minha mocidade para ali buscar a serena imagem de meu Pai, que hoje me reaparece entre as sagradas recordações.
>
> Eis que estou a vê-lo na suavidade do gesto como aquele dia de meus dezoito anos quando na sua enfermaria do Hospital da Misericórdia, sendo eu aluno interno de sua clínica, o seguia, ouvido-lhe a lição. Ao retirar-se meu pai, finda a preleção, eu o despedira, beijando-lhe a mão e a fronte e era, como

> se me dissesse uma prece muda, afervorada de amor: – "Oh Pai, empresta-me teu coração, para que eu seja como és.

Para ele, a suprema felicidade seria essa de ouvir seu coração batendo, como se fosse o coração paterno. Sem essa sublime identificação, não sabia, de nenhum modo viver.

Foi, talvez, por isso, que o seu saber, sempre acolhedor, pusera nessa parte, em reserva, as conclusões de Freud. A rivalidade entre filhos e pais era extraída do inferno e não da verdade. Foi a impressão que me deu quando lhe expus algumas observações que eu audaciosamente lhe fizera sobre o Complexo de Édipo e sua sinceridade era tão espontânea tão grande, que não agradaria nunca ler ou ouvir o que acontecera a Baudelaire ou Maupassant e principalmente em nossos dias, a Kafka, com seus desagradáveis conflitos com o Pai.

## O POETA ALOÍSIO DE CASTRO

Quando Aloísio de Castro começou a fazer versos, teve em conta as grandes linhas oferecidas pelos mestres. Lia e relia os maiores poetas da França e da Itália. Raimundo Correia era uma de suas leituras prediletas.

Percebia claramente o drama da transfiguração de Raimundo, ao procurar fugir da Literatura pessoal. Com sua concepção musical da vida, aborreciam-lhe as expressões imoderadas. Era seu consolo confidenciar com o piano, como São Francisco confidenciava com a irmã Natureza; alimentava-se de Chopin, como Chopin se alimentava da Poesia. E com essa disciplina que graduava sua discreção, podia oferecer o seu *Rimário, Os Carmes. As Sete Dores e as Sete Alegrias da Virgem*, as tradições de Papcoli e dos "Cantos" de Leopardi.

Muito embora se consagrasse, com perícia e emotividade, ao verso, para Aloísio de Castro a Poesia não estava em fazer versos, mas em viver a Poesia ou em participar da exaltação poética. E rigoroso no construir, no joeirar os termos, em medir-lhes o alcance, em sentir-lhes a música, possuía corajosa e ampla visão da Poesia. "Seria apoquentá-la" – escreveu ele – "circunspor-lhe os estreitos limites das escolas, que tantas vezes tomam como pretexto para arvorar bandeira o gosto efêmero das modas, ainda as mais espaventosas."

Tradutor de Leopardi, não podia aceitar a impassibilidade e tachou de despropósito o que diziam os teóricos do Parnasianismo. Preferia endossar os

argumentos de Verlaine em favor da carne e sangue, quando em 1867 sacudia e agitava a poesia francesa com os *Poèmes Saturniens*.

Por isso recitava Baudelaire, para ele grande e magnífico, como foi além, anotando restrições aos exclusivismos de Valéry e aplaudindo alguns modernos desabusados.

## O PROSADOR ALOÍSIO DE CASTRO

Mas, se passarmos da Poesia para a prosa de seus *Discursos Médicos*, de *Notas e Observações Clínicas* e de sua sempre interessante *Semiótica Nervosa*, encontramos a mesma fascinação pela Poesia. O escritor é correto e apurado. E a Ciência exposta com elegância e luminosidade.

Em 1958, ao oferecer-me os dois volumes que encerram os seus discursos, conferências e escritos vários, recordou, com um tom de melancolia muito sua, que esses dois volumes formavam seu inventário sentimental. Neles não só incluiu o discurso de recepção nesta Academia, como os proferidos em outras recepções. Chamou a minha atenção para o adeus aos mortos que tinham tomado parte em sua vida, Miguel Couto, Silva Ramos, Alfredo Pujol, Afrânio Peixoto, Oliveira Viana e, principalmente, para as palavras que proferira diante do corpo de Roquette-Pinto. "Cada um deles levou um pouco de minha vida" – concluiu.

Daí por diante sua vida entra no crepúsculo. O sorriso era-lhe esforço no rosto macerado; e seu andar começou a ser trôpego e difícil. Só falava no tempo, que lhe devorava as últimas resistências, e lhe aparecia como implacável fabricante de solidões. Reli, agora, a apresentação preambular desses dois volumes e nela encontrei essa sua tristeza, disfarçada em ira: "Há palavra", escreve, "de todos os dias, mas há dias que tem suas palavras. Estas de um dia para outro, agora revividas, quando já apagadas pelo tempo não mudaram de sentido." O autor as reafirma e se dá por contente, nelas procurando a imagem de outros anos. Velhas palavras lhe parecem novas. Todos somos assim, quando às vezes nos volta à presença o que já se diria perdido no turbilhão das coisas.

## A ESTATUETA LELIANE

Nossa conversa fora longa, numa das salas de sua casa, em Botafogo. Na maneira de trajar roupa escura e colarinho engomado dava-me a impressão de sair de um retrato impressionista, como fosse um egresso da *belle époque*. E não só ele dava essa impressão como também o teor dos arranjos da sala, a cor dos estofos e tapetes, o gosto dos quadros e estatuetas. E, por falar em estatueta, uma que estava em cima do piano de cauda tinha uma história que ele relembrava sempre aos seus amigos e que serve para caracterizar uma sensibilidade que não mais existe. Batizou-a com o nome de Leliane. Encontrou-a em sua primeira viagem à Europa, num antiquário de Florença. Como era pobre não a pôde adquirir. Consolava-se num namoro prolongado e platônico. Porém afinal, já decorridos alguns anos, conseguiu adquiri-la num encontro, como dizia, entre a fidelidade e o destino. E daí o soneto que também no piano se encontra, da palavra de Alberto de Oliveira, inspirado em velha amizade e que ao surpreender conversa do mar com os morros da cidade assim termina:

> E ao pé de um deles, tua casa, amigo,
> Onde os olhos de louça entrecerrando,
> Liliane está como a sonhar contigo.

## O MUNDO COMO OBRA DE ARTE

Instalou-se definitivamente nesse estilo de vida. Pertencia de corpo e alma a um cenário articulado pelo Ocidente europeu otimista e progressista. Cria no amor e na paz entre os homens, na Arte como aprimoramento intelectual, na Ciência como salvadora do gênero humano, na ironia como alegria dos sábios e na tolerância como redenção dos crentes.

Era católico, mas o seu catolicismo jamais se agitou ao sopro das inquietações e das dúvidas. O mundo era uma obra de arte construída por Deus e por isso tudo fora feito com peso e medida e na hierarquia dos deveres *erga omnia et erga Deum*. Mesmo os pecados eram provas evidentes das verdades eternas. O conflito de vaidade, das conveniências, dos egoísmos, das rivalidades, das ambições não conseguiu jamais deslustrar a marca do divino, impres-

sa na natureza das coisas. Num discurso de colação de grau, ainda em 1916, dizia aos moços:

> Fazei conta que na vida a cada um se encontre um novelo com que há-de urdir e fiar. Cada dia que passa, vai-se a meada estendendo e da teia surgindo o desenho de uma imagem. Primeiro são vagos os contornos do fio que na rede se entretece, depois a trama apertada e um dia após outro, umas vezes cedo, outras muito tarde, como a fortuna consente, do tecido broslado ressalta a figura em cujas formas se encerra o símbolo da vida entressonhada.

Tinha certeza de que os astros estavam no céu para dar o testemunho da vigilância do Criador.

Nascido em 1881, não podia escolher para sua juventude senão uma variedade descuidada de rumos. Quando começou a entreter relações literárias, encontrou os últimos boêmios, como produto de uma fauna extinta. Viu a cidade transfigurar-se ao sopro do progresso mundial, desaparecer a peste dos bairros saneados e surgirem as grandes obras executadas pelo governo Rodrigues Alves. A vida, para ele, aumentava em possibilidades. Em 1918, como diretor da Faculdade de Medicina, consegue instalá-la na Praia Vermelha e, com essa instalação, em Congresso Internacional de Medicina.

Havia nele por certo uma amargura inconfessada, que a beleza e a crença se encarregavam de transfigurar. Repetia com Ovídio que "o chorar é um grande gosto". Ovídio, que no desterro achou descanso nas musas, pois "o espírito poético é mais alto que o humano infortúnio".

Miguel Couto, num retrato magnífico em poucos traços, disse a Aloísio de Castro: "Homem de bem vos vi adolescente, no hospital, à cabeceira dos infelizes aprendendo piedosamente no sofrimento a curar o sofrimento."

Para seus males próprios, em louvor à sua sensibilidade à flor da pele, havia ainda a contemplação da beleza. Não era, contudo, um esteta à maneira dannunziana, nem mesmo acompanhava o vago panteísmo de Graça Aranha. Deixava-se fascinar pela obra de arte, viesse de onde viesse, de um recorte da Natureza, de um templo grego, de um Théophile Gautier, de um Ruskin ou de um Stefan George.

Para Aloísio de Castro, a nossa época é cruel, de grande queda moral, de rebaixamento materialista. Mas o homem que concorre para tudo isso pode e sabe vencer tudo isso.

As indignações explosivas são inúteis. Um homem que se zanga e se exalta é obrigado a revelar um mau gosto abominável. Goethe, para Aloísio de Castro, é uma criatura como as outras, com suas decepções e revoltas. Seu valor está principalmente em ocultá-las numa serenidade helênica. Daí o seu gosto em assinalar o decoro e o temperamento em Raimundo Correia, mas sem esquecer seu natural nervosismo e justificada irritação de caráter.

Sabia de alguns de seus tormentos íntimos e os via misturados aos tons românticos de seu Parnasianismo. Consagrou-o como poeta da dor. Por sua vez, a cabeça branca de Osvaldo Cruz era, para ele, a de um lutador que suportara toda a sorte de sofrimentos e decepções.

## MÉDICO POR VOCAÇÃO

Aloísio de Castro, médico e filho de médico, conhecia bem a dor sem constrangimentos. Nasceu em um meio em que se falava, mais que tudo, em Medicina. Adquirira, com o tempo, maior gosto pela profissão com a qual podia situar, mais do que ninguém, a verdadeira condição humana. Para ele o milagre de Lázaro não servia só para reatar, em nossos dias, as esperanças dos desgraçados Raskólnicov, porque a vida, para um médico, é sempre uma possibilidade de ressurreição.

Relembra, num de seus discursos, a perfeita compreensão do exercício da clínica que possuíam seus mestres inesquecíveis, e concluía: "Eu aprendi então que só há um prêmio para aspirar-se na clínica: o benefício do doente." E dava o exemplo intemerato de Miguel Couto, sempre grande capitão nos perigos e surpresas das doenças, combatendo até o fim, sem esmorecer. Era pois médico por vocação e, falando sobre a Medicina, cita uma página de Anatole France em *Vie en Fleur*, quando confessa que não quis ser jurista, nem médico. E lhe vem à lembrança um bom-dia em Paris, quando caminhando pelo cais do Sena com suas caixas de velhos livros, pôs-se em conversa com um dos antiquários. "Perguntei-lhe" diz Aloísio, se conhecia pessoalmente Anatole France. Que sim, desde menino, e apontou para o cais

Malaquias, onde fora a vetusta casa do livreiro Thibaut, pai do escritor. Houve um silêncio melancólico e o velho concluiu: "Convenho em que o rapaz foi longe nas Letras. Mas que pena não ter dado para livreiro!"

Aquilo que conhecia, pois, com o passaporte da profissão, fazia-o um admirador não do cético Anatole France, mas do escritor que era um esteta capaz de transfigurar em beleza os quadros da vida. E chegava à conclusão de que "a Arte é sentimento e só há uma Arte, a Arte humana".

Mas, por assim ser, um homem capaz de compreender as dimensões do sofrimento, apresentava-se acadêmico exemplar, aquele que sabe manter sua personalidade intacta no respeito da convivência social.

Era discreto por índole, mas a Medicina fê-lo mais discreto ainda, pelo respeito ao pudor daqueles que lhe entregaram os sofrimentos.

> No mister clínico, junto ao leito dos doentes, assistiu com o coração dessangrado às mais tocantes cenas de que é teatro o mundo, aflições, agonias, adeuses dos que ficam e dos que se partem. E aconselhava aos seus alunos: Respeitareis a majestade do sofrimento alheio como coisa sagrada sempre e cada vez mais, à maneira que ganhardes as experiências dessas tristezas infinitas.

Aloísio de Castro soube diluir na elegância sóbria do que escreveu seus impulsos pessoais. Aceitava o Modernismo mas via na rebeldia carbonária de Graça Aranha um mal, porque parecia negando um dos suportes da vida comum e da vida acadêmica: a tradição.

Para Aloísio de Castro a par de uma sabedoria acadêmica, que opera em campo próprio para conseguir o sentido global da cultura, há um compromisso acadêmico que retira o escritor de seu habitual monólogo para conduzi-lo a dialogar com a vida.

O intelectual arredio, prisioneiro do mundo interior, desligado da cordialidade humana, esse *outsider*, visto por Colin Wilson, deixa seu isolamento quando entra para a Academia. Não se recolhe a ela como a um convento, mas a um centro de amável ressonância onde a vida repercute com a voz humana do sino lendário de Ciro Alegria,

Mas um acadêmico, para Aloísio de Castro, não pode claudicar no que escreve ou no que afirma. Mas, também, não pode claudicar em sua conduta

social. Não precisa ir aos requintes do fim do século, onde a sociedade prousteana de Paris foi um modelo, embaraçosa para muitos intelectuais, como nos conta Romain Roland. O próprio Proust, comentador de reuniões desse naipe, com grandes damas afeitas aos requintes da frivolidade, chegou a afirmar que, nelas, nem sempre a boa educação é freqüente, e que não faltam criaturas desprovidas de espírito, como a própria duquesa de Guermantes.

Pelo saudoso Alcântara Machado, seu mestre e amigo, soube de uma passagem de Pedro Luís, homem de salão e de gosto, que confidenciara a um amigo, após uma reunião elegante, onde dissera coisas indiscretas a uma gentil senhora: "Pratiquei hoje silabadas imperdoáveis!"

Era o que Aloísio de Castro achava que um acadêmico jamais deveria praticar. E com isso afastava a possibilidade da velhice:

> Os tempos trazem o tempo. Mas, cada tempo seu viver, sua cor, suas idéias, suas lutas, suas esperanças. O espírito acadêmico é de seu natural cerimoníaco e conservador. Contudo, se guarda a lei antiga e os princípios inderrogáveis, perpetuando e aprovando na longa experiência, não é nesta Casa, espírito rotineiro, absolutista e ferrenho, firmado em velhos preconceitos; fechado aos pressentimento do futuro e às mudanças das novidades e do progresso.

## AMOR AOS CLÁSSICOS

Cada acadêmico traz a sua contribuição, que é a sua maneira de cultivar as Letras. É o edificador e habitante de uma cidade livre, onde todos se entendem. Entre os dados indispensáveis para a vida desta cidade, considerou Aloísio de Castro as virtudes do Classicismo. Não que nos dê um modelo a ser copiado, mas nos apresenta uma experiência a ser aproveitada com a resistência que opôs à erosão dos tempos. "Relacionar os clássicos do nosso idioma", sentenciava ele,

> não é reviver o arcaico e o cediço do português velho e relho, não é buscar o ridículo da pura imitação no falar e escrever à antiga, não é preferir o enfático, o guindado, o arrevesado, tudo isso que, em Portugal chamava Ricardo Jorge

> "escritura repuxada, prosa engomada e farfalhuda –", é ressalvar, nas belezas daqueles inacessíveis modelos, o escrúpulo da língua que não pode ser exautorada aos seus fundamentos, nem na disciplina de sua boa regra.

O passado, realmente, não é quem manda ou dirige. Cada época tem seu modo de viver e, portanto, seu modo de expressar-se. Cada região exige o império de seus usos. Mas o presente é sempre uma conclusão, é sempre uma capitalização do passado. Se, para Nabuco, em todas as épocas há modernismo, e se, para João Ribeiro o Modernismo tem razões que as razões do passado não alcançam, para Aloísio de Castro há uma solidariedade entre as épocas literárias, mesmo entre as gerações, e assim, para ele, cultivar os valores do passado é seguir um programa natural, porque sem o passado o homem, que é um animal de experiências, torna-se mutilado, um ser destituído de humanidade. O que se passa nas Academias, também se passa na vida literária. Dante leva por guia a Virgílio, separados ambos por uma distância de treze séculos, como se entre o poeta pagão e o poeta cristão não houvesse diferenças irredutíveis.

## OS MESTRES LATINOS

Nas suas leituras, incluía Aloísio como indispensáveis os grandes mestres latinos, *exempla maiorum*, para homologar as novas criações literárias. Mostrou-se um magnífico tradutor de Horácio e não hesitou em convocar os clássicos latinos para prestigiarem a ciência médica.

Relembrando seu mestre de latim, Dr. Fortunato Duarte, narra-nos a viagem dele a Roma. Descera ao Tibre, para banhar as mãos nas águas flavas, quando com elas viu se confundirem as lágrimas que pelo rosto lhe corriam...

Também era assim Aloísio de Castro, percorre a Itália, pelo que ela é e pelo que foi. E, muitas vezes, se comove até as lágrimas diante do depoimento da paisagem ao palmilhar o caminho de Capri ou ao divisar as ruínas do Forum romano.

O Horácio que traduz é como o Virgílio de Ernest Curtius, um amigo e companheiro. Descreve-o, como se tivesse conhecido pessoalmente, vagando pela Via Sacra, com os olhos entregues à imaginação. Retira-o dos livros e dos armários, para pô-lo em contato com os seus leitores:

> Não mudou em dois mil anos. Eu estou a reconhecê-lo tal qual o encontrei há dez anos, quando, em Roma, me perdi o dia inteiro lá por Tivoli, em visita à casa do poeta. Pensei que era coisa de sonho ver-me ali, levado por ele entre hortas e vinhedos vergados de cachos. Mas não era: há realidade na ilusão.

Horácio aparece-lhe baixote a atarracado, de tez rosada, cabelos pretos, branqueando já nas fontes, a sofrer nos olhos grandes e negros blefarite crônica. Ao lado dele, Virgílio, alto, esmagriçado, moreno, cabelos curtos, olhos encovados, mento saído.

O modo de Aloísio de Castro viver o passado deu-lhe certa originalidade que nada teve de intencional – Era dos que achavam que a preocupação de originalidade é mais apropriada às naturezas frívolas e inconseqüentes.

Na cátedra, na tribuna das sociedades científicas e literárias, nas reuniões mundanas, era um homem inconfundível. Construiu a sua maneira de ser, como a aranha constrói a sua teia; o meio, as circunstâncias e os próprios acontecimentos abriram espaço para que ele passasse. A compostura literária de Aloísio de Castro era, conseqüentemente, um resultado do compromisso com a vida que lhe foi dado viver.

O Classicismo que alimentava era a defesa de um civilizado, prevenido contra os destemperos da invasão do barbarismo. Era dos que acreditavam que, a partir de Atenas foi que o mundo, pela obra de seus artistas e escritores, se livrou do predomínio da natureza absurda e inconseqüente.

Atravessou a mocidade imune às inquietações literárias, provocadas pelos novos espetáculos da vida, porque confiava na eficácia do termo exato, da palavra apropriada, no sucesso do equilíbrio e da harmonia das cores, para a fixação de suas verdades, tudo o que dera a imortalidade a Virgílio, cuja sonoridade musical lhe encantava os ouvidos. Ele e Horácio não só ofereciam pela virtude romana e pelo amor grego à beleza um triunfo ao Classiscismo, como também constituíam uma das primeiras fontes do Romantismo.

Resguardado pela sua fé religiosa, por suas firmes convicções sobre o destino do homem, não o perturbavam as conseqüências da revolução industrial, da revolução social, da revolução filosófica e científica, porque, apesar de todos os erros e castigos a humanidade saberia recompor-se e reafirmar-se. Talvez assim quisesse pôr em relevo seu nenhum gosto pela Política e sua pai-

xão pelas Artes. Nunca esteve em seu programa solidarizar-se com as agitações impostas pela vida moderna. Tinha em mente a postura do homem clássico, a maneira pela qual Horácio, com suas *Odes* e suas *Epístolas*, se libertava das paixões e das conseqüências da guerra civil. E se insistíssemos com ele, com algumas objeções contra a restauração do passado perdido, respondia:

> Vivamos com o nosso tempo, mas não nos escravizemos a ele com nossas criações. Se o homem pode viver, pelo milagre do pensamento, a vida universal dos séculos, o múltiplo na sua unidade, o mistério de muitas vidas, o mistério do tempo e do espaço, porque se há de dar à Arte o sentido de um momento jungido à hora atual, de seu dia, atada aos horizontes de seu meio?

E afirmava, como afirmou em um dos seus trabalhos: "Nem só o presente, nem só o passado."

## NA CASA DE HORÁCIO

De uma feita, em Tivoli, num trenzinho a vapor, seguiu em visita à casa de Horácio. Lá se foi pela campina romana, deslumbrado com o desfilar das sugestões. E confessou:

> Quando volvi a mim, na vida de hoje, dei com o guia ao meu lado. Senti-lhe a intenção de me deixar enganado, quando me disse: "Nem tudo é certo. Terá sido ali mesmo a casa de Horácio?" A sinceridade pareceu-me detestável. Olhei com enfado aquele homem, no fim de contas, igual aos outros, que vivem a tirar ilusões a quem as tem. Então me recordei o que me ensinara Gaston Boissier: A quinta do poeta ficava muito além, a 8 milhas de Tivoli perto de Vicovaro (Vincus Varia) no vale da Digência. Assim o provara, em 1777, com uma dissertação de maça e mona, um devoto de Horácio, o abade Capmartin, de Chapy. Que me importa a mim o abade? Fiquei com Chateaubriand que há cem anos visitara o mesmo lugar onde estive. Sim! Ali deveria ter sido a quinta sabina que Horácio elegera para moradia de sua velhice, encomendando a Septímio regasse com devidas lágrimas as cinzas do poeta.

Aloísio de Castro ampliou assim as distâncias de sua discreta curiosidade. Extraiu das vocações do mundo antigo dados úteis para uma compreensão global da vida. Soube colher, como poucos, os resultados de seu saber como a capacidade de sobrepor-se àquilo que encontrou de inexpressivo na linguagem arcaica e convencional dos rapsodos. E, com essa Arte, foi distribuindo aos que o conheceram, amigos, discípulos e leitores, os frutos de sua graça e saber.

Em suas conferências, no seu dizer, nas palestras mundanas e mesmo em suas ações, jamais deixou de refletir os encantos da ternura e uma harmoniosa visão das coisas contraditórias.

Percorrendo-lhe a obra, não encontro o eco de qualquer conflito. Tudo é harmonia e lisura. A luta entre antigos e modernos serviria quando muito, como pensava, para encher as páginas dos sábios da História literária e não para contentar poetas e prosadores.

## ALOÍSIO DE CASTRO E A MÚSICA

Convém ressaltar que a música não lhe foi apenas uma distração, mas um dado essencial para a conquista da vida, envolvida ao enredo das atribulações. Tinha-a na mesmo plano que os livros. Com ela se recolhia a si mesmo. Por meio dela punha-se em contato com as coisas. Lembra que Hipócrates aplicara a noção de harmonia musical aos processos de desenvolvimento corpóreo e que nunca se pôs em dúvida que a música adoça os costumes. E tinha, para tanto, como melhor companheiro, por mais de acordo com suas fibras sentimentais o melancólico Chopin.

Para Aloísio de Castro o dizer é sempre limitado pelas palavras, ao passo que, com a música, tal não acontece. Há na verdadeira música – diz ele – uma expressão maior de sinceridade que nas palavras e se, com estas acontece mentir-se, não se mente com a música.

Assim, esse homem mundano e galante nunca estava com sua solidão. Vivia com os homens, com a imaginação, o livro, a música. Possuía uma virtuosidade extraordinária, aquilo que Spengler chama de "técnica de comunicação", a faculdade de amoldar as expressões dos outros a si, e as suas aos outros.

Nos últimos tempos de sua vida, já não ia, com freqüência, ao piano. E à medida que o ia deixando, ia morrendo...

Disse-me, num dos últimos encontros, que lera a minha conferência sobre Giovani Papini e que sentira como que sufocado, ao imaginar o escritor italiano bloqueado pela paralisia, mudo e surdo. E exclamou: "Que solidão atroz!"

Voltava-lhe a consciência ainda lúcida, quando seu andar se tornava cada vez mais difícil, sua tese para a Faculdade de Medicina, intitulada "Das Desordens da Marcha e seu Valor Clínico". Nesse trabalho, que é fascinante até para os leigos, acentua o valor do movimento no fenômeno da vida. E fixa, então, o fenômeno que ia dramatizar sua velhice, e já assim o avisara a lição dos fisiologistas com afirmar que uma sem outra são coisas que não têm razão de ser.

## RIO – SOCIEDADE ORQUESTRAL

O Rio de Janeiro não tinha nesse triste anoitecer de sua vida perdido ainda o cetro de seu imperial comando sobre a ordem política brasileira, recinto que fora dos grandes acontecimentos, nas pompas da Monarquia e da República.

Era o cenário que mais aprazia a Aloísio de Castro. Bastava vê-lo ao sair da sua casa da rua D. Mariana com olhos enternecidos por tudo o que a luz do sol carioca iluminava, desde as montanhas distantes até o mar, buscando distâncias...

Numa manhã domingueira, ao me ver sair da Missa, na Capela do Colégio Santo Inácio, atravessou a Rua São Clemente, com ares de quem estava em seus domínios para me fazer ver os caprichos da paisagem matutina.

Era a sua cidade orquestral, a cidade onde recolhia suas musas dispersas, a cidade em que viveu seu pai, sua família, seus mortos, os fundadores da Academia; a cidade de Machado de Assis, onde também encontrava suas figuras diletas, Rui, Miguel Couto, Alberto de Oliveira.

Agora senhores acadêmicos, eu vos falo, entre constrangimento, da Cadeira que era dele, situo-me na sua cidade já despedida das tradicionais prerrogativas de capital da República. E vos trago, além de nossas diferenças intelectuais, minhas emoções contraditórias da nova capital sertaneja de onde

vim e onde tudo é um começar audacioso e desbravador na inocência indiferente de uma paisagem despovoada.

Ao ver, sob o baixo céu sanguíneo, no doce crepúsculo do Planalto, límpida formação militar de garças brancas; e ao imaginar-se onde se aproximam nas cabeceiras dos grandes rios da unidade nacional, cheguei a lembrar-me do sertanejo Bernardo Guimarães, alma insubmissa e sonhadora, que havia adivinhado, dentro do silêncio das solidões minerais e goianas, uma forma de vida que exprimiu nestes versos:

> Na face deste solo imenso e belo
> Tempo virá em que nessa valada
> Onde flutua a coma da floresta,
> Linda cidade surja branquejando
> Como um bando de garças na planície.

Que dirá Bernardo Guimarães, voltado para o futuro, ao ver agora o que vejo, por entre discussões e entusiasmos? Po sua vez, que reação produziria na alma urbana de Aloísio de Castro esse descomunal improviso, ou mesmo a notícia da capital planaltina – massa de edifícios modernos, em uma cidade funcional em pleno sertão?

As perguntas se justificam, principalmente para mostrar neste mundo pequeno como se encontram os espíritos, e como o meu inesquecível antecessor e eu estamos em cenários inteiramente diversos, nesta hora histórica na vida desta Companhia.

E por sermos diferentes, Aloísio de Castro, com suas virtudes, e eu sem encontrar as minhas, é que pude amá-lo, pelo desinteresse da admiração.

Sou de uma geração problemática. Prende-me a ela todas as razões do meu ser, com ela comprometido nas tempestades de um século em que fermenta o ódio político e em que palpitam, portanto, as tristes misérias das paixões humanas.

É certo que essas misérias sempre existiram. Mas nunca existiram assim.

Henri Bergson relembrou, em seu discurso de posse na Academia Francesa, a tormenta que desabou sobre a cabeça de Émile Olivier, em 1870.

Fez ver, porém, como motivo central de seu discurso que, no túmulo de Olivier, havia uma inscrição: *Magna quies in magna spe* – um grande repouso, numa grande esperança.

Ficamos com as esperanças. Mas nunca tivemos repouso. Continuamos a nos inspirar, como Lessing, no grupo de Laocoonte e, por isso, não esquecemos do livro II, da *Eneida* de Virgílio.

Viram meus olhos as desmedidas transformações operadas pelos inventos, pela técnica, pelas guerras, pelo despertar de classes e povos oprimidos, e meus ouvidos, desde a infância, ouviram os desesperados brados da vida periclitante. E neste fogaréu, as promessas de um mundo melhor, mais generoso e mais simples.

Procuramos, em nossos processos artísticos, na dissociação plástica, na repulsa às fórmulas consagradas, uma linguagem capaz de decifrar os novos segredos, e tropeçamos, não raro, com os ardis da ignorância e da leviandade.

Nesta noite, contudo, quando a Academia festeja 63 anos de existência, falamos juntos, Aloísio de Castro e eu, ele a atrair para meu lado as sombras amadas desta Casa. Falamos juntos, na compreensão afetuosa da solidariedade acadêmica; ele com sua proverbial gentileza a pedir por mim e procurando fazer ver a todos os que me escutam as razões da minha posse, para que me perdoem naquilo que vos disse em demasia, sem poder oferecer o que vos devo, em louvor e glória da Academia Brasileira de Letras.

# II
# RESPOSTA DO SR. JOSUÉ MONTELLO

Chegais a esta Casa, Senhor Cândido Motta Filho, com a vida inteiramente realizada – na ordem particular, na ordem pública e na ordem literária. Em vosso lar, já ouvis a mais doce música, com que Deus dá ao homem uma idéia do canto dos anjos. Quero referir-me à algazarra dos vossos netos. Na ordem pública, alcançastes a culminação da experiência jurídica, na investidura de Ministro do Supremo Tribunal. Na ordem literária, completa-se agora, com esta cerimônia acadêmica, o ciclo da gloriosa ascensão a que vos elevastes pelos degraus de vossos livros, na harmonia de uma existência exemplar, que se ajusta àquele ideal da vida perfeita sonhada por Marco Aurélio e em que a vontade da natureza se converte em nossa própria vontade.

## O EXEMPLO DE ALOÍSIO DE CASTRO

Entre os belos ensinamentos de vosso antecessor nesta Academia, não sei se atentastes para a lição sutil por ele deixada em nosso Anuário. No lugar em que devia consignar, em sua notícia biográfica, a data e o local de seu nascimento, mestre Aloísio de Castro escreveu apenas estas palavras, com a sobriedade de seu feitio: "Nascido no Rio de Janeiro." Sobre a data do seu nascimento, silêncio.

Evidentemente, não queria com isto adotar certo tipo de cronologia feminina que, segundo Coelho Neto, imita a do paganismo em relação a Cristo, porque diminui à medida que avança.

O que Mestre Aloísio de Castro nos proporcionava, com o modelo de sua existência fecunda, era o ensinamento de que não importa o tempo que se viveu, mas a obra que se realizou. E a dele, nos diversos planos em que repartiu a inteligência, a cultura e o espírito público, colocava-o entre as eminências desta Instituição, como orador, como professor, como cientista, como poeta, e ainda como músico, visto que ele também o foi nas horas feriadas, cultivando amorosamente o seu piano.

É a esse mestre de Ciência e Poesia que vindes suceder nesta Casa, Senhor Cândido Motta Filho, e eu quero ver nessa sucessão a linha de afinidades que dá às nossas escolhas uma harmoniosa correspondência entre os ocupantes da mesma Poltrona acadêmica.

Quando batestes pela primeira vez à porta da Academia, o destino se mostrou inclinado a satisfazer-vos a vontade; mas, à última hora, direi melhor: no último instante, mudou de opinião. Assim se explica que, pela diferença de um voto, o nosso companheiro Ivan Lins vos haja precedido nesta Casa.

Provavelmente tereis lido, para consolação desse desencontro entre a vossa aspiração e o resultado eleitoral da Academia, estas palavras de Machado de Assis, em *Esaú e Jacó*: "Não se luta contra o destino: o melhor é deixar que nos pegue pelos cabelos e nos arraste até onde queira alçar-nos ou despenhar-nos."

Se a roda da fortuna não vos favoreceu, no primeiro momento, nem por isso vos desaviestes conosco. Louis Guimbad, num pequeno volume de história literária, contou-nos a luta de Victor Hugo, em *cabriolets vers l'Académie*, nas vezes sucessivas em que se candidatou. A constância do alto poeta é lição que aproveita a todos os candidatos, advertindo-os de que é o jogo das circunstâncias que decide as eleições acadêmicas. Voltar a candidatar-se não diminui ninguém, quando se tem como exemplo o exemplo de Victor Hugo.

Em carta a Joaquim Nabuco, Machado de Assis advertiu-nos que não há desaire algum nas preterições ocasionais desta Casa.

> O preterido – acrescentava – não perde nada; ao contrário: fica uma espécie de dívida, por parte da Academia, que não fará parar à porta, esquecido, quem já tiver direito de ocupar cá dentro uma Cadeira.

## A IMORTALIDADE E O DESTINO

Era precisamente o vosso caso, Sr. Cândido Motta Filho – o do candidato à altura da Academia, e que não podia ficar esquecido à nossa porta. No entanto, para que esta se vos abrisse, não era de mau aviso deixar que o destino dispusesse os lances de seu jogo, até que vos soasse a hora propícia – aquela em que os fatos acontecem, dando-nos a sensação de que os nossos desejos também amadurecem e caem no momento preciso.

Dir-se-ia que a imortalidade tem igualmente a sua hora nos mistérios deste Mundo.

Em seu discurso de posse, nosso companheiro Viriato Correia, para dar uma idéia de suas lutas de candidato, contou-nos que tinha a cabeça preta quando bateu pela primeira vez à porta da Academia, e só conseguiu entrar com a cabeça branca. É que ele, nas várias vezes em que se candidatou, não teve a intuição exata do momento adequado à sua imortalidade acadêmica.

Recolho ao acervo de experiências do mesmo companheiro um episódio que suponho bastante ilustrativo.

Medeiros e Albuquerque, desejando ardentemente que Viriato pertencesse a esta Casa, escreveu, já gravemente enfermo, uma carta ao Barão de Ramiz Galvão, presidente da Academia, para ser lida depois de seu enterro. Nesse documento, o missivista comunicava aos colegas a própria morte e enviava o voto, para o preenchimento da respectiva vaga, em favor do contista maranhense. O Presidente viu na carta um gracejo póstumo e não lhe deu andamento. Resultado: ainda nessa oportunidade, Viriato não conseguiu eleger-se. E por que o Barão extraviara a carta de seu confrade? – indagareis. Em resposta, eu vos peço que redobreis de atenção. Na verdade, Viriato Correia não substituiria nesta Casa o seu amigo Medeiros e Albuquerque. A vaga que lhe estava reservada, à luz da teoria do destino a que aludiu Machado de Assis, era – vede bem – a do próprio Barão de Ramiz Galvão.

Cito-vos agora outro exemplo, este da Academia Francesa. Quando Edmond Rostand se candidatou à Academia, teve como concorrentes Stephen Liegeard e Frédéric Masson. Na Academia Francesa, como sabeis, só podem votar os acadêmicos presentes ao pleito, ao contrário do que ocorre

em nossa Academia, onde os ausentes, por sugestão de Joaquim Nabuco, têm direito a voto.

Rostand contava com dois votos abertamente contrários ao seu nome: o de Sully Prudhomme e o de Albert Sorel. Deles não esperava qualquer movimento de simpatia em seu favor.

No dia do pleito, o destino começou a demonstrar a sua preferência pelo mestre de *Cirano de Bergerac*, excluindo da votação os seus dois mais aguerridos adversários: o primeiro caiu de cama, com um ataque de reumatismo, e o segundo, não pôde sair de casa, com uma doença que prefere as crianças – o sarampo.

E há mais.

Trava-se o pleito, num clima de ansiedade. O *quorum* é de 18 votos. A certa altura da eleição, Rostand alcança dezesseis votos, contra quatorze obtidos por Masson. A votação se equilibra entre os dois, sem que se possa prever, no desdobrar dos escrutínios, quem sairá vencedor.

E é nesse momento que o Acadêmico Paul Deschanel é chamado pelo telefone à Câmara dos Deputados, de que é presidente. Deschanel tem de ir: trata-se de um assunto da maior urgência. E ele deixa o recinto, antes da nova votação. Com a sua retirada, o quorum desce a dezessete votos. Logo a seguir, fere-se novo escrutínio. E Rostand, homem de teatro, alcança nesse momento, por uma intervenção verdadeiramente teatral do destino, os dezessete votos de que necessitava para eleger-se acadêmico.

Aí tendes, Senhor Cândido Motta Filho, dois exemplos ilustres em abono de minha tese. Muitos e muitos eu vos poderia citar, na mesma linha ilustrativa. Contento-me com esses. E concluo, para chegar ao vosso próprio exemplo, que a Academia não derrota ninguém, o candidato malsucedido é que não soube encontrar a hora de apresentar-se à Academia. Quando concorrestes à sucessão de Afonso Taunay, tudo levava a crer que seria tranqüila a vossa vitória. Mas a Academia, recusando-vos o voto que vos elegeria, vos disse que não. A votação que alcançastes valia por um triunfo. E significava que desejávamos a vossa companhia, embora adiássemos para outra oportunidade a vossa definitiva incorporação a esta Casa. É que a Cadeira que a Providência vos reserva era essa em que vos assenteis agora – a Cadeira que Raimundo Correia fundou, com a sua lira de poeta e a sua toga de magistrado,

sob o patronato de outro juiz e poeta, Bernardo Guimarães, e em que depois se sentaram Osvaldo Cruz e Aloísio de Castro, duas glórias da Ciência brasileira.

## O PERFEITO ACADÊMICO

Nesta Casa, até o dia de outubro em que levamos Aloísio de Castro à vizinhança de seu pai no campo-santo, para que juntos despertem no dia da grande chamada, era ele o modelo proclamado do perfeito acadêmico. Ninguém o excedia na doce cordialidade de seu convívio. Nem encarnava de modo mais harmonioso as virtudes e qualidades que compõem o padrão de cultura, correção, elegância e urbanidade de nossas figuras exemplares.

A vossa tranqüila escolha para a sucessão de Aloísio de Castro reaviva-nos a verdade shakespeariana que Machado de Assis colocou no começo de um dos seus contos. Hamlet observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia.

Para suceder ao perfeito acadêmico, na Cadeira fundada por um grande poeta e magistrado, sob a glória de outro magistrado e poeta, é que estáveis destinado, Senhor Cândido Motta Filho, com os vossos lauréis de perfeito escritor e perfeito juiz, que há de ser aqui o companheiro perfeito, na linha de tradição deixada por vosso antecessor.

Estive a cotejar a vossa vida e obra de Aloísio de Castro, e a conclusão a que cheguei, nesse jogo de confrontos, é que vos assemelhais a ele não somente na suavidade do convívio, mas também nas inclinações do espírito, apesar desta dissociação limiar – ser um médico e outro advogado; ele, professor da Faculdade de Medicina; vós, professor da Faculdade de Direito; ele Diretor do Departamento Nacional de Ensino; vós, Ministro do Supremo Tribunal.

Há tempos, houve no Brasil uma Sociedade de Psicanálise. Quem imaginais, minhas senhoras e meus senhores, que haja sido o seu Secretário-Geral? Aloísio de Castro – respondereis. E eu vos direi que não. O Secretário-Geral da Sociedade de Psicanálise, com sede em São Paulo, era o mestre que hoje recebemos na Academia.

Ainda em São Paulo, funda-se uma Sociedade de Psicologia – e sois vós, Senhor Cândido Motta Filho, o seu Presidente.

Ouvi agora, minhas senhoras e meus senhores, esta pequena página em prosa sobre Florença:

> Eu tinha, naqueles dias, vivido a velha cidade fundada por Júlio César e havia, não só participado daquele cenário de monumentos e de história, como também do singular espírito que iluminava Florença. Vira, do alto de San Meniato, o Arno silencioso e moreno, entre as alongadas planícies. E na paisagem, cujo colorido se diluíra nos discretos tons do inverno, o campanille de Giotto, a torre do Palazzo Vecchio, a igrejinha franciscana de Santa Croce, o duomo de Santa Maria de Fiore, cuja cúpula milagrosa Brunelleschi construíra. Em tudo se insinuava aquela estranha sociologia demoníaca que configurava Von Martin, como pórtico do Renascimento florentino. A Arte e os negócios confundiam-se no tumulto das ambições e do fanatismo.
>
> Em tudo era, ao mesmo tempo, sutileza e força, ardil e arrogância.

Ante essa imagem de Florença, verdadeiramente antológica no seu primor literário, concluireis que Aloísio de Castro teria dito também em prosa o que já dissera em verso com a sua alma de poeta neste soneto:

De longes terras, da Florença antiga,
Em que sonhei da vida e da arte o sonho,
Comigo vieste: a novo sol te expondo,
Junto da porta que a nós dois abriga...

Como cresce no campo a loura espiga,
Assim cresceste! O azul do céu risonho
Lembra-te a Itália! E ao ver-te, eu me entressonho
Do Arno a correr ouvindo a voz amiga.

Bendita a mão que te plantou, cipreste,
E a saudade do amor que em ti trouxeste!
No dia transitório em que hoje vamos,

Sinto-me eterno em teu altivo porte,
E o verde sempre vivo dos teus ramos
traz-me esperança para além da morte.

E se assim concluístes, incorrestes em equívoco. Porque é de Cândido Motta Filho aquela página em prosa sobre a velha cidade de raízes etruscas, sobre cujas ruas estreitas Dante estendeu a sua sombra pensativa.

Senhor Cândido Motta Filho: a Itália cedo madrugou em vossa consciência, quase a debruçar-se sobre o vosso berço, na figura daquela gorda napolitana, autêntica madona de Rubens, que vos acompanhou na infância e de quem traçastes o perfil maternal, no mais recente de vossos livros, evocando-a à luz enternecida com que Renan confessou a dívida de seu reconhecimento às mulheres solícitas da Bretanha que o ajudaram a caminhar.

Não somente ela, a gorda e alegre Filomena, vos ensinou o caminho da Itália. Defronte de vossa casa, o velho tio Matteu parava de bater o martelo no sapato que remendava para responder ao vosso cumprimento de menino com estas palavras efusivas: *Buon giorno, caro!*

Com esse velho sapateiro italiano, que era garibaldino e anticlerical e sabia de cor Dante e Stechetti, aprendestes os dois poetas, na madrugada da sua formação literária. Depois, foi a vez do velho Tisi, livreiro do Largo de São Bento, outro que vos levou às Letras italianas, e vos pôs em contato com os livros de Farinelil, de Papini, de Marinelli e de Pirandello.

Datam desse tempo, ainda estudante, os vossos primeiros escritos, inspirados na admiração pelo talento alheio. Num canto, com um livro – eis a legenda de vossa existência estudiosa, sem que tenhais substituído, contudo, o horizonte do mundo pelo horizonte das páginas impressas.

A leitura é uma viagem – a viagem através dos livros. Nessa navegação literária, há o leitor de pequena cabotagem, que se contenta com o bordejar costeiro dos volumes de ameno convívio, e o leitor das grandes travessias de mar alto, que sai do litoral em busca dos largos itinerários, como os antigos mareantes das Sete Partidas do Mundo.

## "NOTAS DE UM CONSTANTE LEITOR"

Cedo vos afizestes às grandes travessias, que se chamam Platão, Dante, Shakespeare, Cervantes, sem desprezar, entretanto, a navegação costeira dos mestres menores, e de todas as vossas viagens tivestes o cuidado de ir guardando memória no vosso livro de bordo, que são as *Notas de um Constante Leitor*.

Quero aqui confessar uma dívida, Senhor Cândido Motta Filho, que não será somente minha, mas sim de muitos brasileiros de meu tempo. Foi na minha província, em São Luís do Maranhão, nos dias em que me iniciava no gosto das Letras, que recolhi nas vossas notas de leitura a carta de navegar dos mestres italianos. O Papini, de *L'Uomo Finito*, que tão bem traduzistes e explicastes, e o Pirandello, que exaltastes em muitos de vossos trabalhos, eu os conheci, num primeiro contato deslumbrado com os roteiros que me advieram dos vossos entusiasmos.

D'Annunzio, nesses idos da juventude, era um dos ídolos do meu culto e eu ainda recordo a sensação de surpresa que me deixaram na adolescência estas palavras do Poeta, para sempre guardadas na memória: "A noite é onipotente e eterna. Quando eu quero a noite comigo, cerro os dedos e tenho a noite na concha das mãos."

Na polivalência de vossos pendores intelectuais, há assim a inclinação do espírito científico, que estabelece uma outra linha de concordância com o vosso antecessor na Academia.

## O AMOR AO CLÁSSICO

A sedução dos valores clássicos levou Aloísio de Castro à paixão da Itália – a Itália do mundo romano, que lhe deu o encantamento de Virgílio e Horácio, e a Itália do crepúsculo medieval, que lhe abriu caminho à paixão de Dante e Petrarca e lhe trouxe a nostalgia intelectual de um autêntico patrício de Florença extraviado no século XX.

Sempre que as circunstâncias lhe propiciavam uma viagem à Europa, era para as margens do Arno que mestre Aloísio se encaminhava, refazendo o itinerário poético da romaria à Igreja de Santa Croce, onde estão o cenotáfio de Dante e o túmulo de Miguel Ângelo.

De uma dessas romarias, trouxe Aloísio de Castro a muda de um cipreste florentino, que plantou à entrada de seu lar, na Rua D. Mariana, e era de ver-se o enlevo com que o tratava, falando-lhe carinhosamente com a unção do devoto ante a relíquia de seu culto.

E ele, poeta do entardecer, para quem a Poesia e a Medicina tinham em Apolo o mesmo deus romano, afinou um dia o verso pelo

compasso do metro antigo e celebrou neste soneto a árvore que nascera conterrânea de Dante.

Os antidanunzianos de vossa preferência, se não tiveram em mim o dom de retirar o ídolo de seu nicho, pelo menos fizeram-me ver, naqueles tempos de iniciação literária, que a Itália, na feição moderna de suas Letras, era mais do que a orgia verbal do Demônio Gabriel. Era Croce, com a nova luz meridional de seu espírito crítico, e era também Pirandello, a olhar comicamente a tragédia da vida e a rir de tudo para não chorar. Se é certo, como lembrou Machado de Assis, que a criança é o pai do homem, ser-me-á permitido afirmar que, em vossa personalidade, Senhor Cândido Motta Filho, a paixão da leitura é um legado da infância.

Embora não houvésseis nascido numa biblioteca, como a personagem de Anatole France, muitas vezes vos serviram de brinquedos os livros da biblioteca paterna. Nesses momentos fostes Pierre Nozière com o seu Plutarco.

Menino ainda, vosso pai vos levou à casa da Rua São Clemente onde morava Rui Barbosa, e ali, em lugar de percorrer as salas e corredores em busca das pequenas coisas que atraem a atenção das crianças, ficastes a olhar a lombada dos livros na cidadela literária de trinta mil volumes, disciplinadamente perfilados à espera do seu comandante. E foi ele quem dali vos quis tirar, pela mão, para que fôsseis olhar as roseiras do jardim.

Rui Barbosa, se podia dar esse conselho, não dispunha, entretanto, da própria lição para ilustrá-lo. Certo, lá fora, nos canteiros em redor da casa, floriam as rosas, mas a verdade é que os olhos do dono, por trás das grossas lentes do *pince-nez*, se voltavam de preferência para os florilégios literários, no silêncio de sua sala de trabalho.

E foi esse o exemplo que seguistes, meu eminente confrade.

Trocastes as flores pelos florilégios, mas não vos dissociastes da vida com os livros. E foi este o outro exemplo que Rui Barbosa vos proporcionou, avivando o exemplo paterno, que trazíeis no sangue e na consciência.

Aquele homem franzino, que os livros tinham vergado pelo hábito do estudo, soube ter a cabeça mais erguida do Brasil de seu tempo, ilustrando a palavra com a dignidade, a atitude com a coragem pessoal, a cultura com a ação, sem temer o tempo e os temporais na pregação de seu evangelho cívico.

Quando ele passa por São Paulo, conduzindo multidões com a coluna de fogo de seu verbo, tendes quinze anos e sois dos que o seguem. Arma-se um conflito de rua em frente à casa que o hospeda e sois apanhado por uma viatura no entrechoque do povo com a polícia. De perna partida, sois levado para o hospital. E ali, à noite, quem vos aparece? – É o próprio Rui Barbosa.

## O LIVRO SOBRE RUI

Essa visita do mestre ao adolescente acentuou em vossa personalidade uma outra direção – a direção no plano político, que vos levaria à meditação dos problema brasileiros e mudaria a cor da tinta de vossa pena de escritor.

Em Rui, esse desconhecido, saldastes na maturidade a dívida da juventude, louvando num belo livro o mestre que moldou em parte o vosso pensamento político e completou vosso pensamento jurídico, que vos adviera das lições e do exemplo paterno.

Antes, havíes publicado, no estudo sobre Alberto Tôrres e o tema de nossa geração, o libelo daquilo que vos parecia o excesso livresco de Rui Barbosa e era mais a impressão de sua livraria que de seus livros, com os quais viestes felizmente a aliar-vos em *Rui Barbosa, Esse Desconhecido*.

Ouvi agora, minhas senhoras e meus senhores, esta breve página de florilégio literário:

> Chegara o onze de outubro de 1901, quando, pela manhã, se cerraram os olhos de meu pai. Logo à casa da Rua Marquês Abrantes acudiu multidão de amigos e discípulos; logo chegou Rui Barbosa para abençoar o morto no derradeiro sono. Abençoou-o com lágrimas, porque, depois de contemplar a formosura do rosto que empalidecera se retirou para o meu quarto de estudante, a sós comigo, sentou-se à beira do meu leito e aí, primeira e única vez, o vi cobrir o rosto com as mãos e chorar de verdade, chorar o bem perdido. Eu era moço, me edifiquei com a cena, ao ver que aquele grande homem, tão ensinado na experiência da vida e das coisas, nas suas formas inconstantes, ainda conservava a grandeza de saber chorar.

Direis que ouvistes, nessa imagem pateticamente humana de Rui, uma página de Cândido Motta Filho. E eu vos direi que ouvistes uma página de Aloísio de Castro, numa nova concordância entre o empossado desta noite e o seu antecessor nas glórias da Academia.

À semelhança de Aloísio de Castro, jamais vos afastastes um só dia do modelo paterno. Dizia Stendhal que cada ser humano deve fazer uma boa provisão de máximas ao traçar o seu roteiro nas estradas deste mundo. Mais importante que essa provisão de sabedoria popular é a escolha de um modelo – o modelo que desejamos imitar. De todos os modelos, o paterno, além de ser o primeiro com que nos defrontamos, é o que nunca nos abandona, mesmo quando supomos estar distanciados dele. Se não é a nossa fisionomia, é o nosso gesto; se não é a nossa voz, é a nossa conduta; se não é o nosso pensamento meditado, é a nossa reação instantânea em face da vida. E à medida que vamos vivendo, mais nos aproximamos desse modelo matinal, copiando-o por instinto, o mais das vezes sem deliberada intenção, de tal modo que, um belo dia, ao compor o laço da gravata ou sugerir uma providência, dizemos conosco, na alegria de um reencontro: "Era assim que fazia meu pai."

Lente de Direito Penal na Faculdade de Direito de São Paulo, escritor de idéias liberais, grande advogado, o Dr. Cândido Motta tinha também o pendor para a Medicina, como Francisco de Castro. Nesta hora, nessa mesma Poltrona, ele está convosco, na vossa emoção, nas vossas lembranças, no vosso modo de sentar. Talvez seja dele essa mão canhota e esse feitio tímido. Portanto, poderiam sair de vossa pena, trazidos por idêntica emoção, os versos em que o saudoso Aloísio de Castro, ao cantar a saudade de seu pai, reconhecia que este não se extinguira na morte. E daí este fecho de um de seus mais belos sonetos:

Ambos nós renascemos, Pai perfeito:
Pois se ainda em mim há coração que sente,
És tu que pulsas dentro do meu peito!

## A SEMANA DE ARTE MODERNA

Entretanto, devo assinalar uma dissociação importante que vos separa de Aloísio de Castro: a atitude de rebeldia com que participastes da Semana

de Arte Moderna. Mestre Aloísio jamais anuiria em divorciar-se das formas clássicas e do rigor parnasiano. Queria a vida como uma disciplina.

Uma noite, de volta de uma de suas pregações em favor dos escravos, no Teatro Santa Isabel, Joaquim Nabuco resumiu o efeito do seu discurso nesta palavra incisiva na folha de seu diário: "Pateado". Dizia o presidente Washington Luís que a vaia é o aplauso dos que não gostam. Entre esta definição e aquele exemplo, podeis colocar a estrondosa pateada com que fostes acolhido, na Semana de Arte Moderna, ao tentar proferir uma conferência sobre o problema da cor no Impressionismo. Essa vaia gloriosa, parenta da que Nabuco recebeu no Teatro Santa Isabel, é um título a mais para a vossa presença nesta Casa e neste mesmo salão, Senhor Cândido Motta Filho.

Os historiadores do Modernismo, no período polêmico de 1924, não podem esquecer estas três contribuições da Academia: o campo de batalha, o comandante da revolta e, por fim, a aceitação do conflito.

O campo de batalha, como sabeis, foi este salão. A moldura, esta mesma, conforme verifiquei há tempos por uma fotografia da peleja. A tribuna tinha uma colocação propícia: não era ali, de frente para a mesa; era aqui perto, de costas para o Presidente, que por sinal era surdo. De modo que Graça Aranha, comandando os seus jovens e bravos insurretos, corria o risco de pregar aos convertidos, queimando à-toa a sua munição. E foi realmente o que se deu, no correr de sua conferência sobre o "Espírito Moderno". Afora uma ou outra manifestação de aplauso ou protesto, nos trechos em que o orador troou bordoadas na Corporação, tudo fazia crer que a sessão terminaria sem tumulto. E teria sido um desastre, para a causa da Literatura moderna, se nenhum sarilho acontecesse.

Diz a sabedoria popular que não brigam dois quando um não quer. Coelho Neto, ao fim da conferência de seu confrade, teve o gesto heróico, que faltava à propaganda do Modernismo: aceitou o desafio de Graça Aranha, entrando na briga em defesa da Academia E com isto, minhas senhoras e meus senhores, este salão pegou fogo. Graça Aranha saiu daqui carregado. Coelho Neto, também.

Considero o protesto de Coelho Neto, para a implantação do Modernismo, mais importante que a conferência de Graça Aranha. Foi ele quem criou a polêmica. Sem a sua reação bravia, a conferência do outro maranhense

não teria a repercussão que teve. E esta repercussão era essencial à criação do movimento de curiosidade em torno da insurreição literária que o mestre de *Canaã* chefiava com a juventude de seu espírito novidadeiro.

## O PROTESTO DE COELHO NETO

A Academia, Senhor Cândido Motta Filho, cometeu evidentemente um erro fecundo, quando protestou pela palavra de Coelho Neto. O protesto não participa de sua condição. Ela conta com o mais tenaz dos aliados – o tempo. E sabe que, sendo perene, tem vida bastante para ver a novidade de hoje convertida na velhice de amanhã. Não precisa ter pressa. É como Renan, no seu ceticismo risonho – coloca-se acima das divergências, e espera.

Este mesmo salão, varrido pelo tumulto da batalha modernista, iluminou-se depois, como nesta noite de festa literária, para receber acolhedoramente os modernistas. E aqui estão Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Alceu Amoroso Lima, Ribeiro Couto, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida.

A originalidade da Academia, como instituição conservadora, é que ela aceita os revolucionários, sem exigir que reneguem a revolução.

A rebelião modernista constitui em vossa vida, Senhor Cândido Motta Filho, o encontro de duas vertentes: a vertente da vocação literária e a vertente da vocação política.

A vocação literária confinar-vos-ia ao gosto da escrita e da leitura, como um perfeito sibarita da cidade dos livros, se a vocação política, que também trazeis no sangue, não vos impelisse a trocar o silêncio da biblioteca pelo ruído da rua, querendo ser alguém na multidão.

O Modernismo, que começava a aparecer, conciliou o escritor e o político, e daí a pateada gloriosa que não vos deixou falar.

A verdade, entretanto, é que ele, como biógrafo, não contou jamais a vida dos que escreveram pouco. Pelo contrário, seus temas têm sido Chateaubriand, Dickens, George Sand, Proust, Victor Hugo, Voltaire, Alexandre Dumas: toda uma constelação gloriosa de mestres políticos, cada um deles significando por si uma Literatura.

Sem considerar a densidade dos vossos lucros, Senhor Cândido Motta Filho, um malicioso poderia dizer que a vossa bagagem estritamente literária é de quem viaja de avião e não quer pagar excesso de peso.

Dos quatorze livros que publicastes, somente três se enquadraram, com rigor, na categoria das obras literárias: *O Romantismo*, *O Caminho das Três Agonias* e *Notas de um Constante Leitor*. Os demais se distribuem no campo do ensaio político e do estudo jurídico, alguns da maior importância, e eu lembro, a propósito, para o destaque de um louvor, a biografia de Bernardino Campos, em *Uma Grande Vida*, o ensaio sobre *Alberto Tôrres e o Tema de Nossa Geração* e mais a *Introdução à Política Moderna*.

No entanto, como resultado de mais de quarenta anos de operosidade contínua, tendes cabedal de sobra para enfileirar nas estantes meia centena de ensaios e estudos críticos, no plano puramente literário.

Não vos acuso, portanto, de exercer um controle demasiadamente severo de vossa natalidade literária.

Acuso-vos de não trazer ao registro civil, sob a forma de livro, os vossos artigos de jornal.

Logo que vos candidatastes, um amigo comum, o editor José de Barros Martins, perguntou-me o que podia fazer em prol de vosso triunfo.

Respondi:

– Apressando agora mesmo a publicação do livro dele.

Assim nasceu o volume recente das *Notas de um Constante Leitor*, onde reunistes ao acaso, na precipitação de quem atira ao fundo da maleta de viagem a roupa que encontrava ao alcance da mão, alguns dos mais belos estudos que eu tenho ultimamente lido e que bastariam para justificar esta noite triunfal.

Lá está, como exemplo, numa página de reminiscências, a melhor definição de Capistrano de Abreu: "Não foi um filósofo da História, nem foi historiador completo. Mas foi um ponto de vista da História, uma História como um rio volumoso que refletia em suas águas as regiões por onde passava."

## TESTEMUNHA DO NOSSO TEMPO

Sois, nas vossas próprias palavras, uma testemunha de nosso tempo, e refletis esse testemunho na limpidez de vossos ensaios. E tendes a sabedoria das frases felizes, como síntese de vossa meditação.

Lembro uma dessas frases ao acaso da memória. A personalidade do romancista de *Canaã*, que analisastes de relance nas *Notas de Um Constante*

*Leitor*, cabe inteira nestas palavras de vosso estudo: "Graça Aranha era demasiadamente esteta para ser renovador."

Numa carta a Mademoiselle Leroyer de Chantepie, afirmou Flaubert que as crianças lêem para se distrair e os ambiciosos para se instruir. Mas adiantou existir uma outra classe de leitores: os que lêem para viver. É o vosso caso, Senhor Cândido Motta Filho. A leitura é uma condição de vosso espírito, dela necessitais como a essência da vossa existência.

As literaturas antigas e modernas não têm segredos para vossa curiosidade. Mas não sois o leitor itinerante, que atravessa os livros de afogadilho. Sois o amoroso da leitura, com o gosto do regresso às paisagens literárias que nos encantaram. E daí, quando ergueis o olhar, de volta dos panoramas intelectuais em que se acham Unamuno, Ortega y Gasset, Nietzsche, Renan, Croce, Spengler, Shakespeare, Hegel, Pirandello, Machado de Assis, Claudel, Gide, Rui Barbosa, as vossas admiráveis meditações marginais, que vos colocam entre as grandes figuras do moderno ensaio brasileiro.

Tendes um compromisso a assumir com esta Casa: trazer do jornal para o livro, na unidade de toda uma vida consagrada ao gosto das Letras e das idéias, o vasto cabedal disperso, que a vossa modéstia converteu na luz por baixo do alqueire, da parábola das escrituras, mas que a Academia agora reclama, para o esplendor das suas novas glórias.

No dia de hoje, há sessenta e três anos, nasceu a Academia. Esta noite é, de si mesma, no calendário acadêmico, uma noite de apoteose. E traz consigo um motivo a mais de memória em nossas efemérides.

É esta a primeira vez que a Academia Brasileira abre os seus salões em sessão solene no Estado da Guanabara. E é expressivo que o faça para acolher um homem de Piratininga.

Considero altamente significativa esta circunstância, sinal de que deslocada para o Planalto Central a capital do País, aqui permanece a capital de nossa cultura literária, simbolizada nesta Instituição.

A fundação de Brasília, como sede administrativa e política da República, fez crescer as responsabilidades da Academia, na guarda de suas tradições intelectuais. Para que a Casa de Machado de Assis não perca a sua fisionomia nacional é preciso que não se interrompa a confluência de valores que, partindo de vários pontos da Federação, aqui por fim se encontram,

identificados pela paixão das Letras na cidade que deu ao Brasil o seu mais perfeito escritor e o fundador desta Academia.

Vindes de São Paulo, Senhor Cândido Motta Filho, e nos trazeis com a vossa presença o testemunho de que pensais assim.

Na carta em que, a 11 de agosto de 1958, me confessastes, com uma ponta de diluída mágoa, a tristeza de vos ter faltado um voto para a vitória na vossa primeira candidatura a esta Casa, pusestes estas palavras, como fecho epistolar: "Como no final de Hamlet, ao som dos clarins de sua pompa fúnebre, digo: o resto é silêncio."

Silêncio que se alongou, digo-vos eu agora, para que melhor se ouvissem, na sabedoria com que o destino constrói os seus caminhos – os aplausos desta consagração.

Discurso do
SR. ANTÔNIO DA SILVA MELLO

e

Resposta do
SR. MÚCIO LEÃO

*Sessão solene extraordinária do dia*
*16 de agosto de 1960*

# I

# DISCURSO DO SR. ANTÔNIO DA SILVA MELLO

Para chegar à porta desta respeitável Casa o caminho foi longo, tão longo e tão cheio de vicissitudes, que, por pouco, teria ficado eu de fora, na mirífica contemplação de uma miragem. Cheguei tão tarde, tão avançado em idade, que não tinha mais o direito de viver, e menos ainda de aspirar à imortalidade, pois de há muito havia ultrapassado os limites normais da vida humana, segundo os cálculos matemáticos das estatísticas. É verdade, todavia, que começamos a morrer desde o dia em que nascemos, mesmo já antes, antes de virmos ao mundo. A morte vive a espreitar-nos desde os primeiros momentos da nossa formação e acompanha-nos através de toda a existência, até vencer e aniquilar-nos em qualquer curva do caminho. Em geral, é uma dívida que pagamos em prestações maiores ou menores, até esgotarem-se os créditos e os saldos. Assim, vamos deixando pelo caminho os cabelos, os dentes, as ilusões, enquanto o reumatismo, a esclerose e outras misérias nos perseguem e invalidam. Muito mais a nós, os homens e os imortais, do que às mulheres, que vivem mais velhas, mais sadias, mais freqüentemente centenárias, talvez boa razão para não deverem concorrer às academias... Eu próprio, chegando tão tarde, vim ainda cheio de dúvidas e temores, porque vejo na Academia o que ela realmente é: uma Instituição de alta nobreza e dignidade, que deve amedrontar os tímidos e os humildes. Devo acrescentar que sofri sempre de um grave complexo de temor e respeito, que me fazia ver os mais velhos, os mais sábios, os colocados em posições mais elevadas, como entes superiores,

dignos da minha reverência e submissão. Por isso, a minha entrada para esta eminente Assembléia representa para mim próprio quase um ato de desmedido heroísmo, embora também um outro, de quase desmedida benevolência, por parte dos seus egrégios membros.

* * *

A criança é indubitavelmente o pai do homem, como a psicologia tem demonstrado sobejamente. Eu fui um menino de terrível timidez, timidez que, na adolescência, tomou proporções absurdas. Nos tempos de ginásio, cheguei a não sair de casa senão depois do escurecer, cheio de temor e acanhamento por ter de passar diante de moças à janela como era hábito à tarde nas cidades do interior. E dessa timidez, até hoje, em velhice avançada, não consegui libertar-me. Ainda agora, lendo este meu humilde discurso, sinto-me esmagado pelo ritual acadêmico, que me obriga a lê-lo, impedindo-me de declamá-lo. É que não sei ler em público e precisei exercitar-me, estudando-o repetidamente em voz alta, para conseguir fazê-lo nesta sessão memorável, o acontecimento mais notável e importante da minha vida. Eu fui o pior aluno da escola pública que freqüentei, não sabendo, aos doze anos, fazer conta de dividir. Estava tão capacitado da minha inferioridade, que não empregava qualquer esforço para estudar ou aprender. Se tinha de ler algo em voz alta, fazia-o medrosamente, tão mal e engrolado que somente recebia censuras e reprimendas. Assim, atravessei a escola sob o signo de uma falta de inteligência sem limites, o que me livrou de qualquer esforço de aprendizagem. Mas, em conseqüência dessa inferioridade, fiquei sem saber ler em voz alta, coisa que nunca mais consegui fazer. Mais tarde, no ginásio, quando obrigado a pronunciar discursos, segundo as exigências do estabelecimento, ia exercitar-me no alto de um morro deserto, decorando-os e recitando-os com ênfase, talvez ridícula, mas que me deu renome em torneios literários. Daí por diante, fiquei sabendo que era incapaz de ler, mas que podia perorar. A anomalia conservou-se tão persistentemente que, nas minhas aulas de clínica, fazia com que os assistentes lessem as anamneses, os laudos de laboratório, os resultados dos exames, porque tinha eu próprio dificuldade em fazê-lo, pois a voz fugia, apagava-se, engrolava como nos tempos de criança, enquanto que, na lição clí-

nica, sentia-me à vontade, tendo voz e calor para fazer a exposição. Isso prosseguiu durante toda a vida, e até nas minhas conferências no estrangeiro, nunca fiz uso de notas e apontamentos, que só poderiam atrapalhar e enfraquecer minha dicção. Aliás, tudo isso ocorreu sempre muito natural e espontaneamente, por assim dizer, por instinto, pois somente muito mais tarde, em época bastante recente, já familiarizado com a psicologia, é que vim cogitar dos motivos dessa insuficiência, que, afinal, não passava de um recurso de defesa e adaptação. Mas, para entrar na imortalidade, existem obrigações e, assim, exercitei-me para ler este meu discurso de posse, um autêntico canto de cisne, pobre e modesto, que os meus eminentes confrades perdoarão, quer em vista da minha idade, quer deste meu terrível defeito psicológico, que aqui procuro disfarçar, ainda agravado por um outro, físico, o da minha acentuada miopia.

Mas tenho outra confissão a fazer! Devo declarar humildemente que não conhecia suficientemente esta respeitável Instituição, que não me apareceu em toda a sua grandeza senão depois que, na minha insignificância, fui eleito um dos seus membros. Eu, na minha introversão, estava longe de suspeitar da importância que lhe cabe, e que vejo agora consagrada de todos os lados. Recebi, portanto, uma láurea mais elevada, mais honrosa, mais dignificante do que me fora dado avaliar. E sinto-me tanto mais dignificado, quanto é Múcio Leão que me recebe nesta ilustre Casa, um dos espíritos mais cultos da época, padrão de sabedoria das nossas Letras, maravilhoso pelo caráter, a bondade, a inteligência. Sinto-me orgulhoso de tão nobre paraninfo, temendo não estar à altura de merecer as palavras com que irá receber-me.

## DUAS GRANDES AUSÊNCIAS

Mas não há luz sem sombra, nem alegrias sem tristezas. É isso da vida e da Natureza, uma pesada nuvem empanando o luminoso desta solenidade. É que não se encontram aqui presentes dois membros desta Academia, aos quais estou ligado por uma amizade de dezenas de anos, amizade tão profunda que nos tornamos quase parentes, na aproximação de padrinhos, compadres e afilhados. Um deles é Antônio Austregésilo, por excelência o grande médico, que compreendia os doentes, que lhes insuflava ânimo, que os curava dos males do corpo e do espírito. Austregésilo foi o criador da maior escola médi-

ca jamais existente no Brasil, ainda hoje representada por valores numerosos, dos mais altos que tem tido a nossa Pátria. Foi um grande trabalhador, fecundo de sabedoria, mas que soube imperar pela bondade, a afetividade, a originalidade. Mas veio a doença terrível e inexorável, que o deixou são e robusto de corpo, mergulhando o seu espírito, tão arguto e luminoso, em trevas completas e insondáveis. O outro acadêmico é Assis Chateaubriand, verdadeiramente genial, o maior fenômeno humano que me tem sido dado observar na face da Terra através de minha já longa existência. Homem prodigioso pelo caráter, pela inteligência, pelo coração. A própria doença aniquilou-lhe o corpo, mas deixou íntegra, perfeita, maravilhosa, a sua espantosa personalidade, as suas inacreditáveis qualidades afetivas e espirituais. E, na doença, tem sido o mesmo homem dos tempos de saúde. Enfrenta a enfermidade com bravura indômita, sabe sobrepor-se às misérias da vida com grandeza e heroísmo, enchendo de admiração e respeito os seus médicos e amigos. Homem único, singular, cuja falta nesta recepção representa o maior vácuo que poderia ocorrer na minha posse. Se a Natureza foi tão violenta e brutal com Assis Chateaubriand, está ele vencendo-a no seu golpe terrível, pois, dia a dia, quase hora a hora, vemo-lo reintegrar-se na sua atividade, graças ao milagre do seu esforço e ao assombro da sua resistência. Esperamo-lo aqui de braços abertos, sobretudo eu que vim quase trazido pelas suas mãos.

O que há, na realidade, é a Academia ser formada unicamente de quarenta membros, eleitos para a perpetuidade e a imortalidade, dentro de uma população de muitas dezenas de milhões! Foi para isso que um leigo, não um acadêmico, chamou a minha atenção, perguntando: que representam, diante disso, deputados, senadores, ministros, embaixadores, que se sucedem nos cargos assim como altas patentes militares, marechais, generais, almirantes, brigadeiros, que formam quadros compactos de ascensão quase obrigatória? Raros deles chegam à Academia caso alcancem posicão social excepcional ou renome intelectual.

Haverá no mundo lugar mais dignificante do que o de ser acadêmico e imortal? Não era uma pergunta justificada, e que me enchesse de temor e respeito?

Se é verdade que as portas desta venerável Casa abrem-se somente pela morte de um de seus membros, não há nisso paradoxo algum quanto à imor-

talidade, porquanto o morto não desaparece, havendo sempre uma sentinela avançada para velar pela sua sobrevivência espiritual. Nessas condições, é de admirar que, aqui chegando, sinta-me emocionado, sobretudo devendo ocupar lugar que ignorava ser tão importante e significativo? Aliás, talvez essa minha ignorância seja sinal de que muitos não estão bem ao corrente da força que possui esta Instituição e da respeitosa admiração que lhe é consagrada. Ouso falar dessa maneira porque somente agora dei-me realmente conta da honra que me foi concedida e das obrigações que devo assumir. Entre estas, figurava a visita oficial aos seus membros, o que me parecia um degrau de difícil ascensão. Assim pensava eu e assim pensam muitos dos que desejam penetrar os umbrais desta nobre Mansão. Nesse sentido, a minha surpresa foi imensa, e deliciosa a minha experiência. Encontrei sempre, em todos os acadêmicos, em todos, sem exceção, uma dignidade, uma nobreza, uma finura de trato que saí encantado com todos. É verdade que, em nenhum caso, torneime indelicado, querendo saber se podia contar com o sufrágio desejado ou como seria ele distribuído pelos escrutínios. Sabia pelo regimento que o voto era secreto e que não ficava bem ao candidato querer desvendá-lo.

É possível que estas minhas explanações possam parecer inconvenientes a ilustres membros desta Casa, porque, somente hoje, recebendo a consagração da minha entrada, já venho falar em termos de veterano. Eu me penitencio dessa ousadia, que se justifica apenas pelo fato de estar ainda no limiar da minha aprendizagem acadêmica, embora gozando de outra imunidade, talvez mais poderosa, a concedida pela velhice, pela experiência da vida e da idade, que pode ser de todas a mais respeitável.

O que existe ainda, sem dúvida, é um grande espírito de clemência e de compreensão dominando os destinos desta Institituição, por vezes feridos em virtude da sua própria tolerância. Quero lembrar que Montesquieu fez parte da Academia Francesa e que dela zombou antes de ser eleito um dos seus membros. Na Casa de Machado de Assis já ocorreram acontecimentos idênticos, que mostram o ponto a que pode ir a indulgência de espíritos cultos e independentes, daqueles que cultivam a Arte e a sabedoria. Chateaubriand, René, não o nosso Assis Chateaubriand, mais assombroso este do que aquele e uma das figuras mais espantosas que tem tido a humanidade, entrou para a Academia Francesa sem proferir o discurso de recepção, tanto porque se recu-

sou a fazer a visita oficial, obrigatória pelo regulamento, ao imperador, então Napoleão I, quanto por não querer falar do seu predecessor J. M. Chenier, revolucionário. São fatos por demais conhecidos, mas que repito para ilustrar quanto pode ser tolerante o espírito acadêmico.

## A CADEIRA 19

Sou o quarto que tem a honra de, nesta Academia, ocupar a Cadeira 19, que teve como patrono Joaquim Caetano da Silva, ao ser fundada esta Instituição. Por uma curiosidade natural, procurei aproximações que pudessem existir entre a vida e a obra dos meus antecessores, talvez pela intervenção do acaso, canalizado em determinado sentido. O próprio jogo é regulado por leis estranhas, pois mesmo na roleta não se repete um número além de certa freqüência, assim como também não o deixa de fazer. As estatísticas revelam fatos equivalentes, em situações das mais diversas e desencontradas. Em Medicina, há uma chamada lei da duplicidade do caso, no sentido de um caso raro ou excepcional vir acompanhado de perto de um semelhante, que depois, poderão faltar durante meses ou anos. Eu próprio tenho verificado que isso acontece realmente na prática, às vezes em coisas insignificantes, como, por exemplo, na lista de doentes do dia aparecer um nome próprio raro, seguido logo da sua repetição nomes que, depois, não se apresentam por longo espaço de tempo. Pode acontecer também de o peso na balança ser o mesmo, exatamente o mesmo, do doente que acaba de ser pesado e o do próximo que vem substituí-lo. De qualquer maneira, o fenômeno pode parecer anedótico, mas é real que, nos meus tempos de estudante na Alemanha, vi muitos de meus mestres referirem-se a essa duplicidade dos casos raros, que surgiam um depois do outro. Mistérios da Natureza, talvez coordenados pelas mesmas leis que regem o jogo e o acaso? Por isso, não seria de estranhar que os fios do destino operassem de modo idêntico e que, na Cadeira 19, viessem sentar-se acadêmicos apresentando aproximações de existência, quer do lado mental ou intelectual, quer do físico ou corporal, aproximações do corpo ou da alma, do psíquico ou do somático, segundo linguagem mais moderna. Seria uma espécie de horóscopo, lido em sentido invertido, sendo os fatos interpretados depois do seu acontecimento. O método seria mais fácil, mais seguro, mais científico.

Mas os dados não trouxeram nada de congruente e significativo, antes desencontros flagrantes das mais divergentes, das menos apropriadas para ocuparem um mesmo lugar, não fosse a larga tolerância da Academia.

## JOAQUIM CAETANO DA SILVA

Joaquim Caetano da Silva, o patrono da Cadeira 19, nasceu em Jaguarão, no Rio Grande do Sul, em 2 de setembro de 1810. Desde cedo, revelou grande inteligência, razão pela qual o pai o mandou para a Europa aos dezesseis anos de idade. Aí, matriculou-se num liceu de Paris, onde alcançou o título de bacharel em Letras, em 1831. Aos 27 anos formou-se em Medicina pela Universidade de Montpellier, onde sobressaiu pelo talento e a aplicação. Com dezenove anos, tornou-se secretário da Sociedade Luso-Brasileira, fundada em Montpellier para o cultivo do nosso idioma, onde apresentou trabalho com 490 vocábulos que não figuravam no Dicionário de Moraes, três anos depois acrescidos de mais quatrocentos. Escreveu então a sua primeira obra, até hoje inédita, intitulada – *Suplemento ao Dicionário de Moraes*. O seu segundo trabalho – *Queda dos Corpos* –, escritos em francês, tornou-o membro de sociedades científicas. Em 1837, publicou a sua tese versando assunto de filosofia médica, recebendo o grau de doutor em Medicina. Voltou então ao Brasil, sendo nomeado professor do Colégio Pedro II, e lecionou gramática, poética e grego, prova da sua alta cultura. Foi depois reitor desse colégio, ocupou diversos cargos públicos de relevo, tornou-se membro de sociedades sábias, recebeu comendas e condecorações, tanto nacionais quanto estrangeiras. Em 1851, apresentou ao nosso Instituto Histórico uma memória sobre os limites do Brasil com a Guiana Francesa, que despertou grande interesse por parte do imperador, que o nomeou Encarregado dos Negócios do Brasil na Holanda. Aí, depois de estudar a fundo essa questão, escreveu uma obra monumental, em dois volumes, no mais puro francês, *L'Oyapoc et l'Amazone*, na qual defendeu os direitos do Brasil, sendo precursor das conquistas de Nabuco e Rio Branco. O imperador comparou-o a um exército de duzentos mil soldados defendendo as nossas fronteiras!

Carlos de Laet fala do porte majestoso e da basta cabeleira de Joaquim Caetano, esplêndida figura de quadro antigo, no tempo em que ele, fazendo o

curso de Letras no Pedro II, conheceu-o como Inspetor Geral de Instrução. Foi médico, professor, diplomata, preenchendo notáveis cargos na Monarquia, sempre com austeridade e sabedoria, como relatam os seus biógrafos. Morreu em Niterói, em 1873, com 63 anos de idade, cego nos últimos anos da vida. É uma figura nobre, o tipo, como descreve Laet, "desses brasileiros sisudos, circunspectos, austeros, cuja forma parece haver-se perdido no tumulto das revoluções". Manuel Joaquim de Macedo, falando dele, disse que "entre os homens sábios do Brasil nenhum excedeu a este, e poucos o terão igualado". Foi um trabalhador de grande fôlego, do qual Araújo Porto Alegre afirmou: "É um homem que estuda 25 horas por dia!" Acredito ser essa uma das características mais categóricas para levar à imortalidade acadêmica, que também explica a vida gloriosa de Joaquim Caetano, justificando a sua escolha para patrono da Cadeira 19 desta Academia.

## ALCINDO GUANABARA

O seu primeiro ocupante foi Alcindo Guanabara, nascido em 19 de julho de 1865 no município fluminense de Magé, onde seus pais exerciam o magistério, ambos formados pela Escola Normal de Niterói. Nessa função peregrinaram por diversas vilas e lugarejos, terminando Alcindo o seu curso primário aos treze anos de idade. Nessa época, começou a aprender latim em Mangaratiba com o vigário local, a quem ajudava na missa. O bispo D. Pedro Maria de Lacerda, em visita pastoral, ouvindo-o recitar a Epístola, "ofereceu-se para custear-lhe a educação religiosa, supondo-o propenso à vida eclesiástica". Mas não foi aceito o oferecimento, e os pais, mudando-se para Petrópolis, tornou-se ele aluno interno gratuito de um colégio de renome, onde exerceu as funções de bedel, passando mais tarde a professor de matemática. Aos dezoito anos, concluiu o curso secundário e, já antes, preocupava-se com leituras literárias, sobretudo Dickens, que era o seu autor predileto. Diz ele: "Compreendi a força do escritor; o segredo dela residia na capacidade de trabalho e no método que nele punha. Desde então, minha preocupação de menino foi imitar Dickens; certamente, não o glorioso Dickens romancista, mas o ignorado Dickens trabalhador." Depois, matriculou-se na Faculdade de Medicina, que deixou no segundo ano do curso, vendo-se obrigado, por difi-

culdades materiais, a ocupar lugares subalternos, como porteiro do Jóquei Club e inspetor no Asilo de Meninos Desvalidos. Logo depois, aos dezoito anos de idade, iria brilhar no Jornalismo, tomando contato com José do Patrocínio, Raul Pompéia, Luís Murat, Valentim Magalhães, Felinto de Almeida, Artur Azevedo e outros grandes espíritos da época. Alcança, então, uma verdadeira consagração pelos seus artigos cheios de imaginação, de bom gosto, de finura, de elegância de linguagem. E eram diários, múltiplos, a maioria não assinados ou apenas com pseudônimos, sobre os mais variados assuntos, crônicas, críticas, humorismo, contos, fantasias indo à Política, à diplomacia, às finanças, por vezes tão surpreendentes os últimos que se acreditou pudessem ser escritos pelo próprio ministro.

É no seus *Discursos fora da Câmara*, livro de pouco mais de cem páginas, que revela todas as suas qualidades literárias, o pensamento e as palavras fundidos em altos níveis de expressão. Aí figura "A Dor", conferência que impressiona pela finura e a profundeza dos conceitos. Acabo de relê-la e achei-a magnífica pelo lavor da linguagem e a soma de conhecimentos, alguns puramente médicos, citações de Claude Bernard, Brown Sequard, Wundt, Hipócrates, assim como pela análise dos fenômenos psicológicos no mecanismo da dor. Depois, encara-a debaixo do ponto de vista da mitologia, da história, das artes, sobretudo da Poesia, quer estrangeira, quer sobretudo brasileira, através de suas produções mais valiosas. No discurso que pronunciou na Câmara por morte de Machado de Assis, sobressai antes de tudo o literato, o homem de letras com seus predicados mais autênticos e inconfundíveis. Fora disso, Alcindo teve adversários terríveis, sendo o seu valor menosprezado pela sua atuação política, tão menosprezado que o próprio D. Silvério, na sua entrada para esta Academia, declarou que a curiosidade e a maledicência estavam excitadas quanto à maneira pela qual se poderia sair ele da investidura, tratando do seu antecessor. "Aflitos por ver como se há de haver um bispo tendo de homenagear um literato de talento superior, mas reputado totalmente profano e inteiramente indiferente ao ideal religioso." D. Silvério saiu-se brilhantemente da empreitada, demonstrando que Alcindo Guanabra, em vez de ateu, "desconhecedor quando não desprezador de Deus, foi um varão deveras crente, que na vida pública nunca procurou encobrir as suas crenças, antes proclamava a sua fé sem rebuço, com acentos de rigor pouco comuns

em nossa atual sociedade". D. Silvério, com citações decisivas, mostra quanto o espírito de Alcindo era religioso e cristão, o que não é de admirar dada a sua formação eclesiástica na primeira infância. No entanto, dúvidas e malícias partiam de diversos pontos, fenômeno muito natural e compreensível, pois se tratava de um jornalista que escrevera sobre todos os assuntos, quase sempre ao sabor do momento, segundo os interesses e as correntes dominantes. Carlos de Laet, no seu discurso de saudação ao bispo D. Silvério, procura pô-lo de "sobreaviso quanto a futuros julgamentos relativos a políticos e jornalistas, e notadamente a políticos jornalistas". E acrescenta:

> O jornalista político, segundo a necessidade inelutável de acompanhar a onda de opinião e de não a contrariar opondo-lhes a dele, o que desastradamente lhe angariaria antipatias e diminuiria a circulação da folha, longe de ser o diretor, é o joguete das maiorias e, por isto, não raro lhe sucede, antes de escrever, indagar como e em que sentido o faça.

O próprio D. Silvério não se faz ilusões nesse sentido, pois no seu discurso pondera:

> Na classe da imprensa nobre por sua elevação, independente por seus princípios, patriótica por seus benefícios, se acha colocada uma, que infelizmente e olhada de esguelha por alguns varões de alto merecimento. Falo da imprensa católica, e não da imprensa devota que se ocupa especialmente das obras e atos de piedade cristã.

EIe mostra que a imprensa deve "combater o erro nas idéias e a imoralidade nos costumes, mas não combater o homem a quem deve amar, por maiores que sejam as aberrações do seu espírito e a decadência moral da sua vida".

Como é comum na imprensa, Alcindo foi arrastado pela Política e pode dizer-se que por ela devorado. No entanto, adquire tal prestígio que se bate, não contra a escravidão, sim a favor dela, sem nada perder em defesa de causa tão antipática! Com a República, torna-se membro da Constituinte e, indo em comissão à Europa, no cargo de superintendente de imigração, é incumbido por Floriano da compra de torpedeiros, transação muito explora-

da pelos seus adversários. É essa a sina dos políticos e sobretudo dos jornalistas de todo o tempo e de todos os países, caso se deixem arrastar pelos triunfos de profissão. No governo de Prudente de Morais, Alcindo levantou-se contra ele, sendo preso quando procurava fugir para Montevidéu a bordo de um navio estrangeiro e desterrado para Fernando de Noronha. Mais tarde, bateu-se contra a campanha civilista de Rui Barbosa, o que fez cair muito o seu renome, "alienando de si a simpatia de intelectuais". Gustavo Barroso, falando de Alcindo ao ingressar nesta Academia, disse que seria melhor estudar o escritor do que o homem, ao contrário do que aconselha Cuvillier Fleury em relação à crítica de intelectuais. Mas Barroso, que o conhecera pessoalmente, tinha por ele admiração, guardava do seu convívio uma lembrança suave, acrescentando que "havia em sua alma uma luz de bondade natural destinada a apagar-lhe os grandes erros".

Alcindo faleceu repentinamente em 20 de agosto de 1918, aos 53 anos de idade. Foi um grande espírito que brilhou pela inteligência, pela perspicácia, pelas suas altas e variadas possibilidades intelectuais. D. Silvério, que o sucedeu nesta Academia, assim se expressa:

> Engenho universal, escrevia sobre política, economia, finanças, Literatura, Poesia, agricultura, revelando ser em tudo um homem superior pela largueza de concepção, pela clareza de intuição, que eu quase chamaria profética, pela força e viveza do estilo, pela beleza e castigado da frase, merecendo ser classificado entre os príncipes dos escritores brasileiros.

O que aconteceu, porém, ao lado disso, foi haver sido ele arrastado pelo Jornalismo e a Política, onde mergulhou profundamente, sem dúvida, em primeiro lugar, devido às suas qualidades intelectuais, que lhe permitiram adaptar-se às mais variadas circunstâncias. É dele que se conta que uma vez, ainda moço, ao sair da redação, avisou-lhe o diretor de que era véspera de Natal e tornava-se necessário um artigo sobre Cristo para o dia seguinte. Indaga, então: "Contra ou a favor?" É possível que não tenha passado isso de anedota, como afirmou em público um seu parente. Mas, no Jornalismo, existem realmente dessas ocorrências, lembrando-me agora de Medeiros e Albuquerque que, ao receber na redação um jovem estudante meu conhecido, dotado

de talento e que procurava colocação no jornal, perguntou-lhe à queima-roupa: "Ao entrar, que deixou você no cabide do corredor?" O rapaz respondeu: "O chapéu." Somente o chapéu? indaga de novo Medeiros, acrescentando que devia ter deixado também a vergonha, se desejava trabalhar na imprensa... Não há dúvida que nessa profissão há lugar para todas as possibilidades, embora não sejam raros os jornalistas que primam tanto pelas suas qualidades de caráter e dignidade, quanto pelos seus elevados atributos intelectuais. Ainda mais do que isso! Muitos, possuidores dessas qualidades superiores, podem ser perseguidos pela oposição, por vezes capaz de servir-se das maiores calúnias e indignidades para desmoralizá-los ou arrasá-los. Eu me recordo de Pandiá Calógeras e do velho Osório de Almeida, com quem convivi na maior intimidade, homens probos e de impoluta dignidade, mas que foram atacados repulsivamente quando ocuparam altos postos do governo. Não há dúvida que o Jornalismo e a Política são carreiras das mais traiçoeiras e perigosas, que atraem elementos das mais variadas categorias. Mas isso não ocorre somente com profissionais da imprensa, sim até na medicina e na religião que, apesar de deverem ser carreiras de renúncia e humildade, são muitas vezes aviltadas por elementos inadequados e inferiores.

Pergunto eu, agora, humildemente: que teria sido de Alcindo Guanabara caso tivesse aceito a oferta de D. Lacerda para seguir a carreira eclesiástica? Não revelara para isso talento e aptidão ajudando a missão e recitando com mestria a Pastoral? Seria, sem dúvida, um dos grandes da igreja, certamente favorecido pelas suas qualidades de trabalho e abnegação. Também teria dado um esplêndido médico, porque compreendeu bem o sofrimento humano, procurando respeitá-lo e mitigá-lo. Na adolescência, foi inspetor no Asilo de crianças desvalidas e, no Senado, levantou-se em favor da infância abandonada e delinqüente, procurando estabelecer leis para protegê-la. O discurso que pronunciou na Fundação da Liga Brasileira contra a tuberculose e outros em ocasiões semelhantes mostram a sensibilidade do seu coração e o sentimento piedoso de sua alma. Não se encontram aí as provas de que poderia ter sido um grande prelado ou um grande médico? Na realidade, possuía os atributos necessários, que o poderiam ter conduzido numa ou noutra dessas direções.

## D. SILVÉRIO GOMES PIMENTA

É indubitável que, na situação atual da Academia, pode o novo recipiendário ter suscetibilidades quanto à maneira de externar-se sobre o seu predecessor. D. Silvério soube resolver sabiamente o problema, mas Gustavo Barroso parece ter tido dificuldades para tratar do elogio deste seu antecessor. No seu discurso de posse, diz "que nem sempre é conveniente falar de eclesiásticos nas Academias de que fizeram parte. O padre dado a Letras pertence a uma espécie à parte, um tanto perigosa. Imagine-se o vexame de quem, na Academia Francesa, quisesse publicamente ocupar-se de alguns dos seus membros que pertencem à Igreja". E menciona diversos religiosos acadêmicos que se assinalaram por qualidades negativas de caráter, de decência, de dignidade. Foi, talvez, uma boa maneira de fazer ressaltar o valor de D. Silvério, "pastor de almas, sacerdote virtuoso, estilista clássico, por amor natural ao verdadeiro e ao belo, não por luxo, ou vaidade". E acrescenta que honrou a Academia pela serena beleza do seu viver e pelo brilho da sua sabedoria. Barroso, naquela época, confessa: "Não sou daqueles que crêem; sou dos que duvidam; mas o Cristianismo, em sua sua feição católica, me arranca sempre preitos de admiração."

D. Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana, nasceu a 12 de janeiro de 1840 em Congonhas do Campo, e morreu em 30 de agosto de 1922, com 82 anos. Aos dezesseis anos de idade tornou-se professor de latim do seminário de Mariana, onde se matriculara em 1855 e de cujo corpo docente fez parte até 1890. Foi sagrado presbítero em 1882 e bispo em 1890. Tomou posse na Cadeira 19 desta Academia em 20 de maio de 1920, sendo recebido por Carlos de Laet. A sua obra é toda de fundo religioso, a começar pela *Prática da Confissão*, publicada em 1873. *A Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana* é a sua publicação principal, primorosa pela linguagem e a exposição, embora de difícil leitura, segundo a opinião de Gustavo Barroso. Além disso, escreveu diversas circulares, pastorais, discursos, sermões, orações, assim somo várias poesias religiosas em latim. *Peregrinação a Jerusalém* e *A Morte de Minha Mãe* são obras de grande emoção e de profunda unção religiosa, consideradas das melhores escritas no nosso idioma, de acentuado caráter clássico.

Confesso humildemente que não me aventuro a mergulhar em leituras desse gênero, principalmente agora quando, quase no fim da existência, saturei-me de dados bíblicos e religiosos na preparação do meu livro *Israel*. Quero relatar apenas que, recentemente, maravilhei-me diante da obra do Aleijadinho em Congonhas do Campo, em um dia luminoso, de incrível céu azul, a igreja, no alto do penhasco com as suas imponentes esculturas, parecendo uma criação teatral. Quero acrescentar que tive grande admiração e estima por D. Helvécio, que sucedeu a D. Silvério no arcebispado de Mariana. Fui distinguido com a sua nobre amizade e, por mais de uma vez, censurou meus sentimentos pouco cristãos, como relato em um dos meus livros. Respondia-lhe humildemente não ser eu o culpado, porque era esse o meu temperamento, a minha sincera convicção. Afirmou-me que, por essa razão, iria eu para o céu, sendo uma autêntica obra de Deus. Alegrei-me com a notícia, acrescentando que, sendo assim, teria grande prazer de encontrá-lo na mansão divina. Retorquiu, com sincera humildade cristã que, sobre o seu próprio caso, tinha dúvidas quanto à entrada no céu... Tratava-se, no entanto, de um homem santo, cujas grandes virtudes são por todos reconhecidas.

A eleição de D. Silvério para a Academia Brasileira de Letras representa um galardão de glória para esta Instituição, que mostrou assim o seu alto espírito de tolerância, de autêntica sabedoria, de puro intelectualismo, pois muitos que o honraram com o voto eram agnósticos, escolhendo-o pelas suas virtudes humanas e o seu elevado valor literário.

## GUSTAVO BARROSO

Gustavo Barroso é o último ocupante da Cadeira 19, a quem tenho a honra de suceder, quase como uma sentinela avançada, alerta para velar pela tradição, atenta ao cumprimento do dever, sabendo que a nobreza e a dignidade desta Casa são requisitos essenciais para qualquer catecúmeno vir fazer parte da sua guarda.

Devo declarar, antes de tudo, que me sinto à vontade para falar da obra e da personalidade do meu antecessor, sendo tão ricas e numerosas as suas facetas e os seus ângulos, que bastará a menor das luzes para fazer ressaltar o seu brilho e a sua grandeza. Por esta simples razão, o novo acadêmico não precisa servir-se de artimanhas de retórica e artifícios de linguagem, pois tudo está

tão vivo, tão concreto, tão ao alcance da sua mão, que será suficiente apanhar os dados e dispô-los de qualquer maneira, para que logo apareçam o seu valor e a sua significação, independentemente dos lavores que lhes possa ajuntar.

Gustavo Barroso, Gustavo Adolf Dodt Barroso nasceu em Fortaleza, Ceará, em 29 de dezembro de 1888, morrendo-lhe a mãe sete dias depois. Teve dois irmãos, Valdemar, mais velho que ele quase três anos, e Ana quase dois. O primeiro, de tipo alemão, cabelos muito louros e olhos azuis, viveu sempre doentinho e morreu aos treze anos de idade. A menina, morena, brasileira, mas de alma alemã, finou-se aos trinta anos, como religiosa beneditina, num convento holandês. Recebera educação esmerada, tornando-se erudita, poliglota, artista. A mãe de Gustavo, Ana Guilhermina, diplomada com notas elevadas pela Escola Normal de Hamburgo, era filha de alemães, cujo pai, engenheiro e doutor em Filosofia pela Universidade de Iena, fora contratado em moço para a construção de pontes, estradas e linhas telegráficas no interior do nosso sertão. Adaptou-se ao Brasil e à sua gente, apaixonou-se pelo nosso folclore e a nossa etnografia e morreu pobre em Santa Catarina para onde se mudara por motivos de saúde. Pela morte da mãe de Barroso, os seus irmãos mais velhos, Valdemar e Ana, foram para a companhia dos avós alemães, que viviam então em São Luís do Maranhão, enquanto ele, muito pequenino para viajar, tendo apenas poucos dias de vida, ficava em companhia da avó e de duas tias brasileiras. O pai desmanchou a casa, acumulou móveis, louças e demais objetos no andar térreo, reservando a parte da frente para seu cartório de tabelião. A avó e as duas tias passaram a ocupar-se da criança, enquanto o pai levava a vida que bem entendia, dando-lhe pouca atenção.

Gustavo conta que ficava triste quando, pequenino, via outras crianças passeando, com os pais e abaixava a cabeça quando ouvia a palavra "minha mãe" ou "mamãe", ainda mais quando diziam: "Coitadinho, não tem mãe!" Foi criado assim pela avó, octogenária, e as suas tias solteironas, com mais de sessenta anos de idade. Viviam naquele velho sobradão colonial de paredes de fortaleza e assoalhos de tabões, mobiliado com móveis antigos, levando a vida habitual do interior: acordar cedo e indo dormir todos às nove da noite. Uma das tias, bastante lida e de espírito romântico, gostando de ensinar crianças, organizara na grande sala de visitas uma escola para principiantes, freqüentada

por uma dúzia de crianças, que aprendiam a ler e fazer contas na cantilena dos velhos tempos. Gustavo refere que aí desenvolvera a memória e

> aprendera a ler com três anos de idade, só de ouvir os outros. Aprendera a ler, a contar, a ter as primeiras noções do mundo e das coisas de maneira singela e racional, fazendo da mão que traçava riscos retilíneos e curvilíneos instrumento do seu cérebro infantil, e não fazendo, como modernamente se faz, do cérebro da criança instrumento dos olhos e das mãos.

Essa informação tão simples e espontânea parece-me de importância fundamental, pois é através dela e do seu prosseguimento que poderemos compreender melhor a vida e a obra de Gustavo Barroso. Além disso, constitui uma fonte de ensinamentos para a época moderna, que sofre transformações tremendas, a principar pela educação da criança e sua maneira de viver.

## UM HOMEM SIMPLES

Tenho tratado dos instintos humanos em quase todos os meus livros, sempre achando que eles devem ser guiados pela nossa inteligência. É um ponto de vista que defendo há dezenas de anos, cada vez com maior convicção, à medida que a idade e a experiência de vida me foram alargando os horizontes de conhecimento e do papel que o homem deve representar dentro do mundo. A vida e a obra de Gustavo Barroso vieram robustecer essas minhas convicções, estando impregnadas do seu instinto dominador. Isso lhes dá uma significação singular, representa quase uma revelação para mim próprio, que exalta a minha posse na Cadeira 19, que ele soube honrar magnificamente. É principalmente sob esse ponto de vista que desejo analisar a vida e a obra desse meu eminente antecessor, esperando que possam fornecer exemplos e diretrizes de valor, sobretudo nos dias que correm e para o futuro, tão cheios de dúvidas, perigos e desorientações.

Barroso fala da simplicidade dos seus primeiros anos de vida, acrescentando que isso iria modelar a sua alma para as lutas da existência, dando-lhe "um idealismo salutar que o preservou sempre da ânsia imoderada de enriquecer e gozar". Quando publica seus livros de memórias, tendo então mais de cinqüenta anos de idade e sendo de há muito membro desta Academia,

> à memória do professor Lino da Encarnação, mestre que me ensinou a amar o meu País e a honrar o meu nome, que, depois de educar sem reclamos nem mercantilismo várias gerações de meninos, no Ceará, morreu humilde, pobre e esquecido de todos.

Mas ajunta que nunca dele se esqueceu! Não é uma dedicatória esplêndida, de alta sensibilidade? Quando faz nove anos é levado pelo pai para matricular-se no colégio dirigido por esse mestre, "que lhe põe paternalmente a mão no ombro e faz-lhe uma série de perguntas sobre História do Brasil, Geografia e Português, mandando executar no quadro-negro as quatro operações e um problema de regra de três, que ele resolve". O mestre, que deve ter ficado contente, declara ao pai que o menino está mais adiantado do que esperava e irá para o terceiro ano primário, iniciando no seguinte o curso secundário. Isso em 1898, antes de ter dez anos! Parece-me que aprendeu precocemente, mas de maneira muito natural, simplesmente, não como as crianças atuais, sempre sobrecarregadas de tarefas e obrigações, premidas por faltas de tempo, sacrificadas por programas absurdos e excessivos. Eu acredito que isso lhes deve prejudicar a individualidade, a intuição, as poderosas forças que lhes vêm do instinto e do inconsciente. Permito-me repetir que eu, aos doze anos de idade, não sabia fazer conta de dividir, o que era atribuído à minha incapacidade intelectual, da qual estava eu próprio por demais convencido. Foi talvez a minha salvação, porque assim pude desenvolver-me segundo os meus instintos, as tendências mais espontâneas e naturais do meu espírito. Também, por essa simples razão, sobrou-me tempo para o brinquedo, a peraltice, a vagabundagem, coisas deliciosas, as melhores que o ser humano pode auferir no transcurso da vida.

Gustavo Barroso fez a sua aprendizagem primária no lar, certamente com prazer, espontaneamente, sem deveres e imposições desagradáveis, que podem sacrificar o gênio ou a inteligência de muitas crianças. As tarefas, as obrigações, as exigências podem criar inferiores e anormais, como posso declarar peremptoriamente, baseado na experiência viva do meu próprio caso. Tenho escrito muito sobre a questão, mas não é aqui o lugar para repetir os meus batidos argumentos. Barroso educou-se sem esforço, quase sem sabê-lo, tão natural e espontaneamente, que depois foram sempre os seus instintos e as suas tendências que imperaram e deram direção à sua vida. Relata que a tradi-

ção brasileira envolveu-o desde os primeiros dias, e que, em torno do seu berço e da sua infância, nunca se pronunciou uma palavra de alemão, nunca se sentiu o pensamento germânico, embora acredite, erradamente, que o seu pendor natural para a disciplina, a ordem, o sentido construtivo da existência devam trair a sua ascendência alemã. Sabemos pelas leis da hereditariedade que não se processam transmissões dessa natureza, a sua própria vida demonstrando quanto era ele livre, independente, obediente aos seus impulsos pessoais. Os seus sentimentos de ordem e disciplina devem ter sido tardios, de homem adulto, batido pelos reveses da vida e que então procura equilíbrio e harmonia. Suas qualidades de caráter, seu interesse pelo trabalho e a atividade, sua inquietude para criar e subir devem ter outras razões, mais próximas, mais diretas, decorrentes dos primeiros anos da sua existência, da maneira pela qual os viveu.

> O que pode haver no meu caráter de mais retilíneo e mesmo áspero, no modo de pensar dos amolecidos de hoje, vem de minha avó! Linha. Compostura. Dignidade. Nunca se curvou senão diante de Deus... Nunca encontrei na vida ninguém igual. Também ninguém a quis e admirou como eu... Ouço muitas vezes meu pai dizer que ela foi muito rigorosa com ele na infância, batendo-lhe demasiadamente. Sempre presenciei o seu desvelo para com ele, fazendo-lhe até o mingau da manhã e o almoço especial. Para mim, nunca levantou a mão. Em certa idade vivi sempre agarrado às suas saias.

## RECORDAÇÕES DA INFÂNCIA

Do pai refere que o seu maior prazer era ir todas as tardes, depois do jantar, para o sítio, levando restos de comida para os gatos e gulodices para um jumento de estimação. Aí, em mangas de camisa, ocupava-se das suas fruteiras e hortaliças.

> Aquilo o distrai e conserva o vigor. Goza de extraordinária saúde. É de ferro... Deixa que a vida vá passando por ele sem lhe dar grande importância. Aprecia o seu desenrolar como o de uma fita de cinema. Só intervém, forçado. Observa e critica sem tomar parte. Vive com o que tem sem pedir nada aos outros, sem incomodar e sem se humilhar, economicamente, sobriamente,

> honestamente e de cabeça ereta. Sem ambições a preocupações... Não faz mal a ninguém, não empurra ninguém para passar. Não faz questão de passar.

Voltava do sítio com uma cestinha de belas frutas, que se tornou tradicional em caricaturas e versalhadas nos jornais. Provavelmente essa maneira de viver, essa naturalidade e espontaneidade lhe devem ter dado uma existência sadia e prolongada, que excedeu de um século. Gustavo acompanha-o ao sítio uma ou duas vezes por semana e diverte-se à grande. Trepa nas árvores, monta no jumento, toma banho no grande tanque, brinca com as filhas do feitor, faz as suas escapadas. Tudo é natural, simples espontâneo, instintivo. Desde muito cedo, entusiasma-se pela farda, a corneta, as solenidades militares. Quando fala disso, ainda muito pequenino, a censura é geral, todos discordam. Via os moleques na vagabundagem, tomando banho ao ar livre, o sol a queimar-lhes a pele escura e tinha inveja, achava melhor ser moleque do que filho de família. Estava ainda no curso primário, mas já se falava de dever tornar-se doutor. Acrescenta que acabou bacharel contra a vontade, com uma surda revolta, que já explodira quando pequenino, ao gritar que não queria ser doutor, queria ser soldado ou moleque! Diz que essas coisas são encaradas como tolice infantil pela gente grande, que pouco se interessa em aprofundar a psicologia da criança, não se dando conta de como as primeiras impressões são profundas e duradouras. Relata que a sua primeira aspiração foi ser bolseiro de bonde, também um dos meus ideais na meninice. Numa página deliciosa das suas *Memórias*, descreve o seu entusiasmo por essa profissão, realmente empolgante para as crianças antes da época dos automóveis e aviões.

> Se eu não podia ser bolseiro, ao menos me deixassem ser soldado... Essas aspirações infantis parecem às vezes inteiramente loucas e são simplesmente naturais. As crianças vêem a vida por um prisma muito diferente da gente grande, o prisma da imaginação. Vivem num mundo ideal. Acostumam-se, desde a mais tenra idade, com os brinquedos, a dar vida ao imaginado e alma às coisas. A imaginação das crianças é maior do que a dos poetas. Uma é natural, a outra é de arranjo.

Barroso mostra que a farda de um simples soldado pode refulgir com o louro dos heróis e que ele próprio adorava os heróis. E recorda-se de histórias

contadas por parentes ou lidas nos livros, que o enchiam de entusiasmo. Desde muito cedo gostava de brincar de batalhão, usando ele, como comandante "seis galões dourados de uma antiga farda do pai, que fora comandante da Polícia, presos com alfinetes nas mangas da blusa de brim", enquanto as outras crianças "serviam-se de espingardas de pau, usando velhos bibicos do exército à cabeça".

Ainda muito pequenino, faz o conhecimento de um antigo oficial da Guarda Nacional, que o põe sobre os joelhos e desenha numa folha de papel, com lápis vermelho e azul, soldados e oficiais. Ele fica deslumbrado pelos desenhos e mais tarde procura imitá-los, pintando com giz, no passeio, os seus batalhões, que por vezes pessoas de idade elogiam, achando ter ele talento para pintor. O velho oficial conta-lhe histórias da guerra do Paraguai, cargas de baioneta, avanços de cavalaria, ribombos de canhões, que produzem profunda impressão no seu espírito. "Minha vida é povoada de recordações militares e gosto tanto de tudo que se refere à vida guerreira que todos os amigos e conhecidos de meu pai me auguram um futuro soldado. Na nossa família há o culto de tradição da Pátria e estima pela bravura pessoal." Achava o pai maravilhosamente lindo quando, comandante da polícia, vinha a cavalo na frente do batalhão, logo depois da música tocando dobrados. As tias vestiam-no de oficial e ele passava pelas ruas todo ancho, com uma espadinha de brinquedo à cintura.

Uma das suas mais longínquas recordações é "dum choro intenso por não querer vestir mais um vestidinho de babados e rendas, exigindo calcinhas que me foram solenemente prometidas se consentisse em enfiar mais uma vez a roupinha de menina, que sentia me desonrar". Lembrava-se de uma *marche aux flambeau* da Escola Militar para comemorar a posse do Marechal Floriano na Presidência da República e que lhe deixara a mais viva impressão, embora fosse tão pequenino que a assistiu do colo de uma das tias. Depois, fala de "quando andava correndo de camisola pelas calçadas, puxando um cavalinho-de-pau sobre quatro rodas ou galopando e espinoteando num cabo de vassouras, com um chapéu armado de papel à cabeça, fingindo de general".

Quando o Almirante Manhães Barreto esteve em Fortaleza, Barroso

> seguia-o onde quer que fosse, admirando-lhe a farda, sem que ele pudesse suspeitar daquela comovida contemplação. Se cursasse a Escola Naval, talvez um

> dia chegasse a almirante, pensava, sem coragem de revelar o meu desejo, que morria ao peso da incompreensão do ambiente... Só eu sei, por que somente a presenciei continuamente dentro de mim. Nossas almas são sepulturas de desejos e ambições desconhecidas dos outros e que não se realizaram.

Em outra ocasião, viu no Passeio Público, à noite, um rapazelho corado, mais ou menos da sua idade,

> com o mais lindo uniforme do mundo: calças garance, dólmã castanho, dragonas de torçal dourado. Nunca tinha visto uma farda assim! Quando a banda de música deixou o passeio e toda a gente foi-se embora, acompanhou-o de longe, sem que ele notasse, apreciando em silêncio sua linda indumentária. E não preguei o olho metade da noite, pensando no Colégio Militar.

No dia seguinte, tomara informações sobre o colégio e, armando-se de coragem, foi falar ao pai, a sós, no cartório. Ele queria estudar e fazer figura, mas o pai não acreditou ou talvez não tivesse recursos para aquelas despesas. "Se meu pai tivesse atendido, outro teria sido o meu destino. Mas recusou! Sabia que com um pequeno esforço podia realizar o meu desejo. Por isso, mordendo os lábios, recalquei uma explosão e afastei-me desalentado. Nunca mais na vida lhe pedi nada".

## ADMIRAÇÃO PELA FARDA

A tendência de Gustavo Barroso é, desde muito cedo, para o uniforme, a carreira militar, para ser almirante ou marechal, contentando-se, quando ainda pequenino, com galões de general. Em 1900, morre em Fortaleza o general reformado Morais Rego, cujo enterro, com honras fúnebres prestadas por um regimento de infantaria, com descargas de pólvora seca e o caixão mortuário envolto na bandeira nacional, causaram-lhe arrepios. Anos depois, ele comprava numa casa de prego o chapéu armado e o talim desse general, "empenhados e abandonados pela viúva necessitada. Com essas relíquias militares e uma sobrecasaca velha de meu pai, ornamentada de botões dourados, fantasiei-me de almirante em diversos carnavais. Isso denunciava minha obsessão em seguir a carreira da Marinha".

Nas suas *Memórias*, encontram-se diversas manifestações desse gênero, que traduzem tendências das mais profundas e arraigadas.

Muito mais tarde, em 1907, quando foram modificados por decreto os uniformes do Exército, procurou colaborar anonimamente na reforma, enviando ao Ministério da Guerra, pelo correio, uma série de desenhos com projetos de fardamento. Algumas das suas sugestões foram aceitas, e futuramente iria elaborar a lei que reconstituiu os Dragões da Independência. Além disso, escreveu um livro sobre "uniformes do Exército" e publicou outros trabalhos do mesmo gênero. Ele próprio mostra que essas publicações tinham raízes profundas, que vinham de longe, dos tempos em que, ainda criança, queria ser militar e no carnaval fantasiava-se de Almirante Barroso. Almirante era a sua secreta aspiração, Barroso o seu próprio nome! Não havia o inconsciente armado a peça, que iria ter inúmeras cenas e representações? Não é também compreensível que se cobrisse de condecorações, talvez mais numerosas do que jamais qualquer dos nossos diplomatas? Alberto Faria, recebendo-o na Academia, disse que desprezava todas aquelas veneras, "que não raro matizam e iluminam peitos vácuos", achando que uma das suas páginas literárias tinha mais valor, autenticando a natural e maior de todas as grandezas – a do intelecto".

No seu caso havia, atrás desses enfeites, das fitas coloridas e dos reluzentes metais, aquela velha aspiração do menino que se vestia de almirante e via nos galões e no uniforme o maior dos ideais. Isso estava calcado no seu inconsciente e explica por que se inscreveu diversas vezes nas vagas da Academia, conseguindo alcançar precocemente o galardão desejado, assim como tornar-se membro do nosso Instituto Histórico de outros estrangeiros, até finalmente fundar o Museu Hitórico Nacional. Eram o destino e os fados que trabalhavam sob a regência da criança que vive sempre dentro do homem e que pode realizar façanhas dessa natureza. Também o seu Consulado da China, simples brinquedo de acadêmico, foi realizado na vida quando se tornou Cônsul da Venezuela. É por acaso que tudo isso ocorreu? Sim, unicamente pelo acaso, que ele soube canalizar para conseguir tais realizações! É uma afirmativa que pode parecer ousada, mas que não passa de truísmo psicológico. Não é natural que tivesse sonhado desde cedo com esta Academia e que para ela entrasse precocemente, aos 34 anos de idade? Comigo próprio, tudo ao contrário! Nunca tive entusiasmo pela farda e os galões, talvez razão

pela qual aqui chego tardiamente, quarenta anos mais velho do que Gustavo Barroso quando para aqui entrou. Por quê? Provavelmente porque, sendo eu do interior de Minas, nunca havia nem um batalhão, nem um oficial. Juiz de Fora possuía então quatro ou cinco soldados de polícia, que tomavam conta da cadeia. O comandante era um alferes de polícia, que não chegava a impor-se pelo porte e a indumentária. Nunca brinquei de soldado e, no carnaval minhas irmãs vestiam-me de mulher, com as suas próprias roupas e sapatos e umas belas tranças de cabelo de minha mãe, como as senhoras aquela época usavam guardar por desfastio. Saía tão elegantemente vestido que acabava sendo acompanhado por numeroso grupo de moleques, acompanhamento respeitoso porque julgavam tratar-se realmente de uma dama, que apenas usava máscara, mas não falava, como competia a uma digna senhora, embora a razão maior fosse a minha timidez. Mas ia tão cônscio do meu papel, tão bem estudado sob a vigilância de minhas irmãs, que o sucesso era sempre completo. De uma vez, corri grande perigo, pois entrei no Passeio Público, aquela hora quase vazio, acompanhado da molecada. Reboou o grito de "Pega para ver se é mulher!" Como não era, tudo acabou muito bem!...

## OS BRINQUEDOS DA INFÂNCIA

Cabem num discurso acadêmico particularidades dessa natureza, vividas mesmo pelo catecúmeno, não somente pelo imortal que ele vem substituir? Eu me penitencio do agravo, pois penso que assim poderei apresentar melhor a figura do meu digno antecessor. Não há dúvida de que as diferenças de meio e as circunstâncias do ambiente podem dar direção às nossas tendências, muito compreensíveis no caso de Gustavo Barroso, criado diante do mar, vendo navios e marinheiros, numa cidade que era sede de um regimento militar. Interessante foi a adoração que ele teve pelo mar e as coisas marinhas. "Tenho a mania de ser marinheiro e só leio com verdadeiro prazer histórias de viagens e de piratas. Conheço como um lobo do mar todas as obras vivas e mortas de qualquer embarcação". Fez-se tatuar uma âncora no braço, sabe de cor os nomes de todas as embarcações do porto ou das que nele entram, e conhece todas as suas partes e minúcias, convivendo com pescadores, jangadeiros e catraieiros, que é gente da sua predileção. Muito pequenino, constrói em casa um estaleiro, num canto do alpendre, junto da cozinha. Tudo serve

às suas construções: latas vazias, barbantes, botões, parafusos, pedaços de madeira, de pano, de metal que são logo transformados em cascos, mastros, velas, âncoras, produtos náuticos dos mais variados. "O que mais desejo ver na vida é a construção de um navio, mas navio mesmo de verdade!"

Onde a infância de Barroso atinge máxima significação é no pendor que teve pelos brinquedos e na mestria com que soube realizá-los. Quando suas primas brincavam com bonecas, gostava de ficar perto, vendo e ouvindo.

> Conheço as personagens e sua história tanto quanto elas. Agrada-me saber das novidades, quais são os novos namoros, os passeios projetados, as últimas intrigas e se vai haver algum batizado. Elas afugentavam-me naturalmente porque há algum segredo entre os bonecos... Meus brinquedos têm vida, felizmente talvez maior... Minha casa de brinquedos causa inveja às meninas... É mais bela, sem comparação, graças à minha indústria. Pequeno carpinteiro e marceneiro, fabrico portas, janelas, venezianas e móveis, além de carrinhos e navios. Qualquer rodinha de velho relógio ou de brinquedo quebrado, qualquer pedacinho de metal, argola, parafuso, chapinha ou gancho, serve-me para tirar enorme proveito. Arranjo sempre tintas, com qualquer pintor em qualquer casa que esteja em consertos. Tudo o que é meu é pintado e parece novo.

Descreve então a gente que vivia naquele mundo, com os seus nomes, os seus títulos, as suas atividades, os seus bichos, as suas lutas, as suas bravatas e valentias. Se fosse contar os episódios e os romances que se passaram com os seus bonecos encheria livros. Um sem-número de intrigas, mutações, avatares, acontecimentos!

> Na minha meninice, a imaginação infantil, entregue a si própria, criava multiplicando-se. Hoje, a imaginação da criança está entregue a perversos modeladores que a retorcem num sentido materialista e a atarantam ou endoidecem nas ilógicas complicações dos desenhos animados ou no sensacionalismo barato das fitas em série.

Num capítulo das *Memórias*, descreve os seus brinquedos, que chama de brinquedos vivos, e que eram principalmente bonecos com característicos e

postos militares. "Não há mulheres para perturbarem a sua paz. O chefe é um zuavo de folha, já muito velho, aposentado como cabo e que tem um filho, um elegante oficial de caçadores alpinos, último remanescente de um batalhão que eu destruíra com um limão que ia e vinha, como uma bala rasa." E havia muitas outras personagens de farda, caçadores tiroleses, couraceiros alemães, hussares ingleses, sobras de um regimento que lhe deram de presente. "Esse Pessoal heteróclito agita-se naquele canto durante anos, reproduzindo na sua alma de ficção o que vai por dentro das ficções da minha alma de criança."

Reputo esse capítulo das *Memórias* como um dos mais interessantes da sua obra, dada a intensidade de ação e a vivacidade das personagens. É um documento de psicologia do mais alto valor, que eu próprio posso julgar com precisão, porque comigo se repetiu o mesmo fenômeno quando atravessei essa deliciosa fase infantil. Em toda a minha meninice, não ganhei senão um único brinquedo, um polichinelo com um guizo no barrete, do qual, até hoje, não me esqueci. Era de veludo azul e vermelho com estrelinhas douradas, essas duas cores alternando-se em oposição de cada lado do corpo. Também construí casas, muitos bonecos e muitos instrumentos de brinquedo, embora provavelmente sem a habilidade e a fantasia que Barroso soube dar aos seus. Mas não devem ter sido inferiores no prazer que me proporcionaram, nem na vida que lhes consegui incutir. Naquele tempo não existia ainda o comércio de brinquedos, que vinham todos da Europa, assim como a manteiga, até na minha terra, no interior de Minas! Concordo com Barroso quanto ao fato da criança moderna levar uma existência sofisticada, sem dúvida responsável pelas aberrações e monstruosidades, que tanto preocupam os sociólogos contemporâneos. Ele fala dos desenhos animados e das fitas em série, atualmente agravados pelas histórias de quadrinhos e sobretudo a televisão e a vida reclusa em apartamentos. É uma nova fase que atravessa a humanidade, que se reflete profundamente na formação da criança, prejudicada tanto pela educação, quanto pelas transformações do ambiente.

O brinquedo criado ou inventado pela própria criança tinha outra significação, punha à sua disposição um mundo diferente, de muito maior valor para a fantasia, o seu desenvolvimento, a sua felicidade. Barroso diz esplendidamente.

> A vida da minha alma com as almas que ela cria nos meus brinquedos é tão deliciosa que até os quatorze anos não me pude desapegar dessa gente e desses velhos bichos. Somente nessa idade começo a deles afastar-me abandonando-os às vezes dias e às vezes semanas inteiras. Por fim, deixo-os de vez, não porque não me dêem mais prazer, mais por respeito humano, porque criticam um menino "tão grande", um "ganjalão deste tamanho" ainda brincando com bonecos.

Aos quinze anos, encerra-os em uma lata de biscoitos, bem forradinhos de papel fino e os esconde no fundo de um gavetão, onde ficam durante muitos anos. Quando volta ao Ceará mais tarde, já homem célebre, tira-os do esconderijo e revive assim tempos passados. Da última vez, mortas a avó e as tias, tendo de trazer para o Rio o pai doente, encontrou o gavetão vazio e sentiu como que a dor de uma profanação. Ninguém conhecia nem estimava aquelas figuras,

> somente eu no mundo sabia quem elas eram, como se chamavam e o que haviam feito, eu, o seu criador, o seu animador, o seu único amigo!... Sei por experiência própria que os brinquedos são vivos porque vivi os meus melhores anos com eles.. Tinha a intenção de trazê-los, comigo para a minha casa... mas nunca mais os verei, porém nunca mais em mim morrerá a saudade deles.

## LIBERDADE E INDEPENDÊNCIA

O que caracteriza a vida de Gustavo Barroso desde muito cedo é a tendência para vivê-la com liberdade e independência, movido pelos seus instintos mais espontâneos. Ele fazia parte

> duma malta de meninos terríveis, nadadores e mergulhadores, mestres em soltar papagaio e atirar pedras... Subíamos pela costa das alvarengas carregadas de mercadoria, alcançávamos a coberta e pulávamos lá de cima, mergulhando por baixo do casco... apostando quem o atravessava a nado mais depressa... Depois do almoço, a malta percorria os coqueirais para beber água de coco e comer coco verde. Uma verdadeira delícia subir pelos troncos linheiros e oscilantes, passar a perna por cima das capembas como um marujo no cesto de

> gávea, empoleirando-se no olho das palmas... Que coisa maravilhosa! Ainda me lembro de tudo isso com arrepios de prazer.

Poderei perguntar a algum dos ilustres acadêmicos presentes se já subiu ou se já viu alguma criança subir em coqueiro? Acredito que, neste caso, não poderá deixar de ser nordestino porque eu, do interior, impressionei-me vivamente vendo fazê-lo. Pareceu-me uma aventura difícil e perigosa, que me encheu de admiração, mas que o menino Gustavo Barroso executava com prazer e mestria! E conta de outros brinquedos terríveis, um no Passeio Público, onde, com outros companheiros, penetrava galgando um muro de cinco metros de altura, que descia obliquamente até o solo. "Somente virando lagartixa se consegue descer por ali. Queda fatal ao menor descuido naquela descida! O mais leve movimento em falso basta para dar o aleijamento ou a morte! No entanto, nunca um menino caiu aí. Estou finalmente convencido que menino é como osga: tem visgo nas mãos e nos pés. Quantas e quantas vezes, depois de homem feito, tenho ido ao Ceará e visitado aquele local, para mais uma feita olhar aquele rebordo ainda existente e balançar a cabeça sem compreender. Foi milagre!"

Ele se refere ao primeiro cigarro que fumou, dado por um moleque da praia e que lhe produziu tonteiras, engulhos e vômitos. O moleque consola-o: "A primeira vez é assim mesmo. Depois, a gente acostuma e gosta que é uma beleza. Acostumei e gostei." Como adulto, foi grande fumante de charutos, hábito que abandonou por duas ou três vezes, deixando-o, afinal completamente. O pai era contra o fumo, mas tomava rapé, que ele achava horrível. "No colégio, quase todos fumavam uns já por vício, outros para se darem ares de homem."

Descreve a primeira vez que foi sozinho a uma matinê de circo, de onde sai maravilhado, terminando o espetáculo pela pantomima aquática, a que eu também assisti como menino. Gustavo acrescenta: "É a primeira vez que entro num circo e que vou sozinho a uma coisa importante. Como me custou alcançar essa licença! Dificuldades dessa ordem é que me farão com o tempo ir dispensando as licenças e conquistando uma liberdade selvagem à custa de malabarismos e disfarces."

Tudo na meninice servia-lhe de divertimento, sabendo inventar brinquedos e traquinices. Era apaixonado por passarinhos, tendo a mania de arre-

medar vozes de bichos, reproduzindo com perfeição as de gato e de galo, que lhe permitiram muitas maldades e brincadeiras. Ele concorda com o poeta quando diz da infância: *Cet âge est sans pitié*. Mas acha que essa falta de piedade dos meninos pelos infelizes e os inconscientes deve provir de defeitos da educação cristã, não devendo consistir a caridade somente em dar esmolas. A questão é muito mais complexa, não sendo aqui nem o lugar nem o momento de discuti-la.

## UM MENINO ENDIABRADO

No fundo, Barroso é um menino endiabrado, embora sempre cheio de sensibilidade, dotado de uma poderosa personaliiade. Funda uma maçonaria de crianças, imitando os ritos dessa associação que observara do alto de uma clarabóia. Como inúmeras outras crianças, inventa uma língua secreta, que os outros não devem entender e que é formada pela adição de uma ou duas sílabas a cada sílaba da palavra usada. Fala-se com tal rapidez que quem não conhece o mecanismo fica desorteado, Agiri, sigiri, negiri, tagiri, quer dizer a sineta. Assim, há a língua do fá e dos seus dialetos: do fé, do fi, do fó, do fu; a do pá, do pé, do pi, do pó, do pu; e outras mais complexas como o da-fi e até do pa-fé-fó, línguas proibidas no seu colégio, porque meninos não devem viver com segredos. A razão deve ter sido outra, porque eu próprio, mesmo em criança, consegui ser poliglota desses idiomas. Também fui bastante fraco em esportes, que Barroso dominava com mestria. Era campeão de marela, atirava a marca com pontaria certeira e agüentava-se num só pé o tempo que queria, ninguém o vencendo. Andava pelos telhados como um gato, indo observar as sessões do Tribunal de Relação, os desembargadores vestidos de beca, e sobretudo os trabalhos secretos da loja maçônica, que muito o divertiam. Conta a história de uma lanterna mágica de um velocípede, que lhe serviram de pequena fonte de renda. Recebeu uma galinha de presente, da qual comia ou vendia os ovos. Nas festas do barão de Ibiapaba, quando o palacete estava iluminado e o baile no auge, ia sorrateiramente ao corredor da entrada e fechava o registro de gás deixando a casa às escuras. O rebuliço era enorme, mas logo percebeu o perigo que corria. Da próxima vez, foi outro menino do grupo pilhado em flagrante pelo empregado escondido atrás da porta, que lhe

meteu o chicote. As rixas do seu batalhão com um outro da vizinhança não eram raras, havendo por vezes crianças feridas por pedradas ou pauladas, o que alvoroçava a população. Numa ocasião recebeu uma chicotada de um carroceiro português, quando pegava a traseira do veículo, defesa que empregava contra meninos travessos que lhe atrapalhavam o serviço.

Gustavo jurou vingar-se, achando ser desaforo levantar o luso o chicote contra meninos brasileiros. Prepara o plano com um companheiro e vão ambos atirar-lhe pedras no telhado de zinco e desafiá-lo com ameaças e injúrias, no escuro, escondidos. Os insultos são tão violentos que o português sai com uma acha de lenha, estando Gustavo armado de um garfo de jardim, de pontas aguçadas. "Corro sobre ele e finco-lhe o garfo com toda a força na coxa direita... O homem solta um berro e desce a acha de lenha, que o apanha na nuca, deixando-o desacordado".

Certa vez, apareceu em Fortaleza uma casa mal-assombrada, onde choviam pedras, quebrando janelas, vidros, louça e outros objetos. O mistério parecia impenetrável, e a polícia, depois de muito investigar, descobriu que era uma moleca da casa que executava as manobras, acumulando na abóbada do forno grande quantidade de pedras e pedaços de tijolo com que praticava a mistificação. Bela lição para o menino Barroso que em breve, com dois companheiros, passou a criar assombrações em lugar ermo da cidade! Quando aparecia um dos raros transeuntes começavam por chamá-lo com psius, logo acompanhados de um assobio longo, como vindo do outro mundo, e choviam pedras partidas de três pontos diferentes. A fuga era vertiginosa, ninguém resistindo àquele enigmático bombardeio. Os jornais fizeram barulho e a polícia pôs-se de prontidão. Graças à imprensa, "essa sublime invenção", diz Barroso, escapamos da boa. E acrescenta que também desta vez, como os carabineiros de Offenbach, a polícia chegou tarde e não descobriu nada...

Os livros de memórias de Barroso encontram-se cheios das suas vivências de criança, grande número delas deliciosas, outras prodigiosas, espantosas. É o tipo do menino danado ou menino danisco ou perguntador.

> Danado ou danisco porque tenho muita vida, monto nos jumentos e cavalos que encontro no pasto, remo nas baterias do Poço da Draga, nado das barraquinhas de banho até o extremo da Ponte Metálica, onde me dependuro

> nos varões de ferro cruzado, subo em todos os coqueiros, jogo admiravelmente o ponto com papagaios de rabo armados de afiadíssima rocegas, devoro os jamelões e as laranjas de todos os quintalejos, não respeitando muros ou cercados, não erro a pontaria duma pedrada e pinto o sete pelas redondezas. Perguntador porque quero saber de tudo: os nomes dos pertences das jangadas e os nomes de todos os peixes; como se pesca de anzol, de tarrafa, de rede, de landuá, de gererê, e de curral, na costa, nos lagamares nos maceiós.

Em 1899, com onze anos de idade, matricula-se no Liceu do Ceará, onde a sua vida vai tornar-se mais complexa e cheia de contradições. É magro, alto, desengonçado e os colegas apelidam-no de girafa. Ele próprio reconhece que era dos meninos mais difíceis de conduzir: "Rebelde, astucioso, tímido maleável. Sem forças para lutar peito a peito, recorria à astúcia e à inércia. Mesmo quando fingia ceder, não cedia. Com os modos e estimulando-me, conseguia-se tudo. De outro modo, não. Até hoje." Foi o que demonstrou sobejamente durante os seus estudos no Liceu, onde foi reprovado e depois desligado por falta de comportamento e de aplicação nos estudos. Tudo provinha de graves erros educacionais, que também conheço suficientemente, porque fui vítima deles, não me reabilitando senão tardiamente.

No segundo ano do curso, passou a estudar álgebra com o Dr. Francisco Marcondes Pereira, grande matemático, mas áspero com os alunos, sempre irritado e que toda a turma detestava. Como reação, Barroso ia para o quadro-negro e às vezes, talvez por pirraça, errava nos cálculos e nas fórmulas, o que o professor, que o exasperava, mandava sentar-se e dava-lhe , chamando um outro discípulo "menos burro". No exame, deu- lhe a nota mais baixa e, passando por ele, disse-lhe irônico: "Dexei você passar mas de quatro pés, por debaixo da mesa!" Barroso preparou-lhe uma vingança.

Existia então na cidade um cego, alto e magro, que era conduzido por um carneiro no cordel, acompanhado de diversos outros. O cego parava numa esquina e com uma gaita, taboinhas enceradas e a ponteira ferrada do varapau produzia sons acompanhados de

> gorgolejos e modulações engraçadíssimas com a garganta e a boca. O cego valia por uma orquestra, e os carneiros, ensinados, correspondiam às suas ordens**.** Fingia dar tiros com o cajado e os bichos iam caindo um a um, como

> se estivessem mortos. Indagava então se estavam mortos e como o silêncio era profundo, imitava o badalar e bradava: "ressuscita, cambada!" Os carneiros punham-se de pé e começavam a dar pinotes e marradas. " O último ato era com o carneiro-guia. – Mimoso –, dizia ele – O animal dava-lhe uma marradinha na perna. Acariciava-o, passava-lhe a mão lentamente pelo focinho e perguntava: – Mimoso, como foi que o Moreira César fez quando morreu em Canudos? O carneiro deitava-se de lado e soltava um berro estertorado e doloroso. O cego era monarquista e por isso caricaturava os vultos republicanos. Depois de Moreira César, vinham Quintino, Deodoro e Floriano. – Mimoso, como é que o padre Liberato faz sermão na Sé? De pé, o Mimoso sacudia a cabeça e emitia uns balidos fanhosos. A assistência ria a morrer e cobres e níqueis choviam no chapéu do cego... Eu e outros companheiros do Liceu nos cotizamos e demos cinco mil réis para um novo truque do carneiro. – Mimoso, dizia o cego, como é que o Dr. Marcondes dá aula aos meninos no Liceu? O carneiro levantava uma pata como quem vai escrever na lousa e punha-se a berrar descompassadamente. O professor Marcondes deu o cavaco e pretendeu queixar-se à polícia. Os amigos dissuadiram-no, mostrando que se tornaria ridículo.

Mais tarde, Barroso soube que aquela irritabilidade do mestre provinha da sua infelicidade doméstica, acabando por separar-se da esposa. Quando Marcondes veio para o Rio, aposentado, Barroso ocupava lugar de destaque na imprensa. Trabalhava no *Jornal do Commercio*, freqüentava a Garnier, privava com grandes nomes da Literatura. Um dia, falando com velho mestre, pergunta-lhe este sorrindo:

> Aquela palhaçada do carneiro comigo só podia ser obra tua. Foi ou não foi?" Baixei a cabeça para esconder o riso. E ele: – "Eras um demônio em figura de gente. Arrependo-me de não te ter reprovado duas vezes em lugar de uma". Fez uma pausa e indagou, pondo com simpatia a mão no meu ombro: "Que milagre foi esse? Como passaste de repente a estudar e deste para gente, tu o mais descarado moleque que jamais houve em Fortaleza? Sempre pensei que não desses para nada. Julgava-te homem ao mar. Felizmente enganei-me". Respondi-lhe: "Eu mesmo não sei como foi. Talvez que tudo fosse resultado de uma falta de compreensão. Não me compreendiam e eu não compreendia

> os outros. Um dia, deu-me o estalo na cabeça. Dei para compreender-me um pouco e compreender os outros. Bastou isso**.** Não foi preciso que me compreendessem. Imagine se me comprendessem... o que eu poderia ser...

O que aconteceu com Gustavo Barroso não é muito raro. Não é todo moleque que se torna grande homem, embora alguns o consigam, sendo outros sacrificados por erros, sobretudo na aprendizagem escolar. Eu tenho lançado por diversas vezes prognósticos favoráveis, quando pais desesperados julgam que um filho difícil e rebelde representa um caso perdido. O que há, quase sempre, é tal criança possuir uma personalidade poderosa, singular, que fica em oposição ao meio e à família, tornando-se por vezes intolerável. O critério de julgamento não me parece difícil, desde que atentemos para as qualidades positivas da criança, não para os seus pretensos defeitos e inadaptações. É um julgamento quase inverso ao que se deve fazer em relação a doentes mentais, que precisam ser reconhecidos pelas suas anormalidades e insuficiências, não pelo que apresentam de normal ou equilibrado. Na criança, são os fatores positivos e superiores que devem contar e, nesse sentido, o caso do menino Gustavo Barroso é fecundo de ensinamentos. Desde cedo percebe-se a sua acuidade intelectual, pois aos três anos de idade já consegue adquirir de oitiva os primeiros conhecimentos primários.

## O ESTUDANTE DO LICEU

As suas rebeldias no Liceu repetem-se, tomando por vezes aspecto de terrível oposição. Os seus rabiscos e desenhos servem para diverti-lo e aos colegas, sobretudo traçando caricaturas de alguns mestres. De uma vez, foram surpreendidos pelo padre Xisto Albano, mais tarde bispo do Maranhão, que Barroso descreve como um professor paciente, bondoso, que deixou saudades. Fora pego quando traçava uma caricatura do reverendo, havendo debandada geral. Na aula, este disse que iria dar parte do grupo ao diretor, exceto se o responsável se acusasse a si próprio para receber a punição. Barroso levantou-se "de cabeça baixa, sem poder dizer nada. O padre desfranziu o rosto e concluiu: – Ora, muito bem! Está perdoado já que se acusa com dignidade. Está perdoado! Não faça mais, sobretudo não me pinte tão feio, tão esquisito... Nunca mais tive a coragem de rabiscar qualquer coisa contra ele". A lição foi

maravilhosa e eu próprio insisto no seu efeito corretivo, porque no ginásio passei por situação idêntica que teve idêntico resultado. Depois, o padre Albano foi substituído por um novo professor, homem de outro gênero, arrevesado, que dava informações ao pai de Gustavo das suas gazetas e de quando não sabia a lição. O menino implicou com o mestre e certa vez respondeu-lhe mal em presença do pai, recebendo correção imediata, que muito o revoltou, sendo "causa de coisas que seria melhor não tivessem acontecido. O castigo paterno em público arrasou-me. Pretendi fugir do sobrado e ganhar mundo". Passei por transe semelhante e posso avaliar quanto é profunda a revolta infantil numa dessas situações. Fugi para o mato e passei o dia com frutas silvestres, disposto a nunca mais voltar para casa. Ao cair da noite, com o escuro, fugiu-me a coragem e regressei na maior das humilhações. O castigo fora dado por minha mãe, sempre tão justa e rigorosa que eu e meus irmãos, depois de punidos, acabávamos por procurar o seu regaço, à noite. Isso mostra quanto a criança tem o sentimento de justiça e de bondade, quando a punição é justificada e aplicada com critério. Barroso continuou em oposição ao mestre e alegrou-se quando o viu chegar de óculos pretos e pontos falsos na cabeça, resultado de uma paulada recebida numa briga. Na aula, para irritá-lo, dizia não estar preparado para a lição, mesmo quando a sabia muito bem. O professor dava-lhe um zero com tanta força que chegava a quebrar a ponta do lápis e "resmungava entre os dentes cerrados: 'meu consolo é que nunca serás nada na vida!'" Muito mais tarde, Barroso teve ocasião de lhe lembrar que a profecia falhara, tendo havido apenas erro de psicologia, pois era por amizade que o mestre procurava pôr o pai ao corrente de suas peraltices. A lição é fecunda e precisa ser aprendida por muitos pais e pedagogos!

Com Barroso, as coisas prosseguiram, de mal a pior. Não estuda, quase não freqüenta aulas, recebe reprovações, é suspenso com outros colegas e finalmente, no fim do terceiro ano, é excluído do Liceu por falta de freqüência. Ele gostava era do mar, de passeios e cavalo, de assistir a touradas, de viver na vagabundagem. Já trazia consigo uma navalha, da qual nunca se separava, cujo uso aprendera com marinheiros. Uma vez, no corredor do Liceu, um inspetor repreendeu-o. Respondeu-lhe no mesmo tom e ameaçou-o de uma surra cá fora se desse parte ao diretor. "Sentindo-se desmoralizar diante dos alunos, o inspetor reagiu, avançando para mim de punhos fechados.

Descasquei a navalha e o pus a correr, lívido, até a portaria, onde o negro José se levantou, protestando com energia. Disse-lhe horrores e fui embora". Nas suas *Memórias*, descreve esse negro, porteiro do Liceu, nos seguintes termos: "tipo de abexim, de pince-nez de ouro sempre a escorregar, pretensioso, malcriado, antipático, continuamente de má vontade, mas desmanchando-se em adulações ao diretor e aos professores." Em casa houve o diabo, sermões, ralhas, ameaças, castigos, "que absolutamente nada adiantaram. Continua mais revoltado e mais terrível do que nunca. Comigo era na navalha ! "Vê-se por tudo isso quanto era intensa a revolta da criança, sinal de que a sua personalidade devia ser poderosa. Tenho visto casos semelhantes, sobretudo quando o pai ou a mãe, por demais exigentes e autoritários, não admitem réplicas e oposições. Vejo nisso, não a rebeldia, o defeito, a inferioridade da criança, sim o seu valor, a sua ousadia, a sua coragem para enfrentar adultos que se julgam importantes e todo poderosos. Então, biologicamente, quase se pode afirmar que, quanto pior, tanto melhor! Melhor se o carinho, a educação, a Pedagogia e a Psicologia souberam trabalhar, aplicando os seus recursos, que podem ter efeitos prodigiosos.

Barroso era vadio, não estudava, quase não freqüentava aulas, mas era atraído pelo desenho, a geografia e a história. "Minha vadiagem não conseguiu fazer com que deixasse de ser um dos primeiros em desenho e o primeiro, sem contestação, em geografia e história. Dois professores, apenas dois, lhe dispensavam uma consideração afetuosa.

> Monsenhor Bruno nunca descreu em mim. Devo-lhe isso! Quando lhe contavam minhas diabruras encolhia os ombros e dizia: "Isso passa! Ele endireita." Os outros, não: estavam todos convencidos de que era um perdido, um moleque. A meninada até os maiores, no entanto, respeitavam-me os ares de mata-mouros, o que se contava das minhas traquinadas e sobretudo a navalha que trazia dia e noite no bolso. Minha família, isolada no velho sobradão silencioso, ignorava quatro quintos do que eu fazia.

Depois, vem a regeneração!

> A falta de consideração de que comecei a ser alvo por parte da maioria dos colegas, devido ao meu procedimento, causou em meu espírito maior

> efeito e mais salutar do que todas as punições que me impuseram. Os dois anos perdidos muito me haviam atrasado no curso de madureza. Encontrei um dia na rua o professor Lino da Encarnação, que me chamou à parte e indagou com voz triste por que deixara de estudar e me comportava tão mal. Sacudiu a cabeça encanecida: – Que pena, você meu melhor aluno! – Não tive uma palavra pra responder-lhe. Aquela suave recriminação apunhalou-me!

De outra vez, é um preparatoriano que se ri dele, chamando-o de bico crônico. "Três anos no terceiro ano, quatro no quarto, cinco no quinto, seis no sexto e no fim desse tempo bacharel em letras barbado e pai de família. Uma beleza!"

## RUMO À FACULDADE

A infância de Gustavo Barroso foi, como acabamos de ver, das mais agitadas, cheia de lutas, que o tornaram rebelde, quase perigoso. Depois, as ondas se acalmaram, quando começou a sentir as sua primeiras tendências literárias. Ninguém pode adivinhar o que teria sido a sua carreira na Marinha e no Exército, embora muita criança que brinca de marechal ou almirante não passe depois na vida de simples e eterno soldado raso. Barroso vinha dotado de outras possibilidades e soube subir, elevar-se, conquistar a imortalidade e as palmas desta Academia, infinitamente mais difíceis do que os mais elevados galões militares. Aliás, naquele momento, os acontecimentos precipitaram-se. Barroso passou a estudar ativamente e terminou rapidamente os preparatórios. A Escola Militar estava fechada e admitia-se que tão cedo não se reabriria. Nessa época, foi fundada também a Faculdade de Direito em Fortaleza, onde ele se inscreveu como aluno. Ia ser bacharel em Direito! "O destino era mais forte do que eu!" Fizeram assim dele um doutor em Direito, ocorrência que lastima repetidamente nas suas *Memórias*. Informa que, se pudesse, passaria o ano inteiro errando pelo sertão, mas que precisava estudar e ganhar a vida, o que fazia dando aulas do curso primário e secundário, retocando retratos para um fotógrafo, pincelando nanquim, corrigindo falhas das chapas, tirando rugas e empretecendo cabeleiras encanecidas dos fregueses. Depois, pintou cenários para teatro e chegou a fazer um pano de boca, tendo aprendido com bons profissionais muita dessa Arte.

## A SENSIBILIDADE DE BARROSO

Um ponto da personalidade de Gustavo Barroso que merece a maior atenção é o da sua sensibilidade, que se manifesta das mais variadas maneiras. Ele descreve um dos maiores divertimentos do povo naquela época – o jogo de pato, que lhe causa verdadeiro horror. Enterrava-se o animal no chão, só deixando de fora a cabeça. Os participantes pagavam entrada e, de olhos vendados, desnorteados, iam com um pau dando pancadas visando alcançar a cabeça do bicho. O espetáculo era dos mais apreciados, mas Barroso tinha verdadeiro horror àquela brutalidade, o que atribuía ao fato de haver sido

> criado entre moças e mulheres, o que fizera penetrar profundamente na sua alma a natural piedade dos espíritos femininos. Eu não suportava ver o sofrimento. Nunca pude maltratar um bicho. Quando os moleques amarravam latas no rabo de cães vadios ou das cabras à solta, fazia os esforços possíveis para apanhá-los e libertá-los da judiação. Essa piedade se estende até as coisas inanimadas, não compreendo que se jogassem fora objetos que houvessem servido durante muito tempo.

De uma vez, fez uma manha terrível, aos quatro anos de idade, por causa de um velho cesto de palha provido de alça, um uru como é chamado no Nordeste, que servia para compras no mercado, sendo depois pendurado num prego da copa. Via-o todos os dias, desde quando andava de gatinhas. Num dia chuvoso, ao voltar para casa, com a tia, viu o uru atirado na rua, com a alça partida. Quis saber se não era o das compras, o que foi negado diante da tragédia que se preparava. "Eu despejei o Niágara de tal modo que tiveram de consentir trouxesse o velho uru e o escondesse debaixo de uma mala, num dos quartos do depósito. Ali se acabou dignamente dentro da sua casa e não na via pública". Não se esboça aí a psicologia do futuro diretor do Museu Histórico, que também explica muitas das suas tendências literárias?

Barroso, nas suas *Memórias*, afirma que "se os meninos pudessem dizer o que pensam e o que sentem em certas ocasiões, a gente grande com certeza não os compreenderia... As almas infantis desabrocham ao seu lado e eles não sentem ao menos o seu perfume". Por mais de uma vez, diz que "o pai era indiferente ao que lhe fosse n'alma, tão indiferente como se vivesse na China".

Em certa ocasião, o pai matou a tiro de Flobert um gato que ele conservava escondido, sabendo que o progenitor tinha o hábito de matar esse animal, não propriamente por malvadeza, mas por lhe ter ódio desde a infância, pois, como criador de pombos, precisava defender os borrachos, caçando gatos com armadilhas e, mais tarde, com espingarda. Barroso refere o caso de uma outra gata, igualmente por ele criada às escondidas, e que teve dois filhotes.

> Um dia descobri-os todos mortos e soube mais tarde que fora obra de um caboclo da vizinhança que os atraíra, afogando-os na cacimba do quintal. Ainda hoje na arrepia o crime silencioso, solitário e inútil daquele caboclo! Chamar os bichinhos confiantes e mansos, afogá-los devagarinho e gozar friamente a agonia de animais inofensivos!

O seu sentimento foi de tal ordem que depois arranjou um pedaço de mármore e fez um túmulo no quintal para os pobres bichanos. E conta que nunca se esqueceu de uma frase da cartilha, aprendida na escola da sua tia: "Fazer mal aos animais é indício de mal caráter."

Ele refere que nunca foi bom caçador e que, durante os anos que viveu pelos matos no Ceará, o que menos seduzia era a caça. "Não me sentia com ânimo de atirar nos pássaros canoros e de cores vivas. Preferia admirá-los. Entre mim e certos animais estabelicia-se como uma simpatia tácita e espontânea, corrente misteriosa que até hoje não sei explicar."

Em certa ocasião saiu com a espingarda de um primo e foi a uma pequena lagoa, onde não encontrou caça alguma. Ao voltar para casa, viu um vulto de ave que se ocultava na moita.

> Aproximei-me cautelosamente e espiei. Vi entre os ramos folhudos uma rola caboclinha deitada sobre o seu pequenino ninho. Ao menos esta, pensei, vou levar para a minha prima Rosinha não fazer troça. Apontei covardemente a espingarda e puxei o gatilho. A ave imobilizou-se morta sobre os ovinhos espatifados. Veio-me logo uma profunda tristeza por ter praticado aquela maldade inútil. Logo depois, quando li o poema do Albatroz, de Coleridge, compreendi que, como marinheiro maldito, pendurara para sempre ao pescoço o minúsculo cadáver emplumado.

Mais tarde, já tendo casa no Rio, revela esses mesmos sentimentos para com os animais, pois cria-os numerosos no seu lar. Chegou a ter muitas dezenas de gaiolas de passarinho, dos quais, enquanto lhe possível, tratou ele próprio, com o maior desvelo. Conseguiu ensinar um corrupião a cantar o hino nacional, o que o pássaro fazia logo que o via e também diante de pessoas estranhas. Possuiu um gato de tanta estimação, que o acompanhava quando saía para a rua!

## BONDADE E LIBERDADE

Para o futuro, serão sempre predicados desse mesmo gênero que irão surgindo através da sua vida. A bondade, a justiça, a imaginação dominam os seus atos, estando ele sempre pronto para a luta, que tem de ser pelo direito, a liberdade, a independência. Profliga a violência e o poder da força. Conta de um jornalista que teve de engolir um artigo transformado em pílulas, sob a ameaça de revólveres empunhados por militares. A sua revolta é enorme diante desse ato a que assistiu e que classifica de covarde, sujo, miserável. Acha que seria, quando muito, motivo para um duelo ou um desforço pessoal. "A agressão em massa, sem dar ao outro a menor possibilidade defesa, enojou-me. Foi o primeiro empurrão que levei em Fortaleza para cair nos braços da oposição... O tempo reserva-me ver coisas piores, quanto às tradições liberais do Brasil". Num outro lugar das *Memórias*, refere o caso de um pobre bêbedo surrado pela polícia, que o deixou desacordado no chão. Soube disso e foi reclamar do delegado. Este respondeu-lhe grosseiramente, dizendo que, para ele, bêbedo era no pau e que soldado de polícia tinha sido feito para bater em paisano. "Contive minha revolta e retirei-me, decidido a fazer justiça por minhas próprias mãos e fi-la". Disfarçou-se e com um companheiro foi uma noite atacar o soldado agressor, armados de pau e faca. Deixaram-no estendido no chão, tomaram-lhe o boné, a túnica, o cinturão e o sabre, queimando aqueles e guardando este durante muitos anos, como lembrança. Os jornais noticiaram o fato sob o título de "Covarde atentado" e a ronda daquela zona foi dobrada... Não é a mesma mentalidade que aparece dezenas de anos mais tarde, quando se torna um dos grandes chefes do integralismo?

A primeira fase da vida de Gustavo Barroso fornece material extraordinário para compreender o homem e o escritor. Ele vivia ainda no paraíso,

"um paraíso que a ninguém era dado tirar, porque o paraíso estava dentro de mim". Mas, já naquela época, quando ia para o colégio passava todos os dias pelo mostruário de um bazar onde dependurados pratos de porcelana com retratos de vultos eminentes do Ceará. Olhava aquelas figuras

> com um desejo inconsciente, larvar, informe, indefinido de ser ilustre como eles de honrar a minha terra e a minha geração. Esqueço nesses momentos de contemplação minhas inclinações para a molecagem, minhas aspirações de ser boleeiro de bonde e penso em estudar, para a Escola Militar ou a Escola Naval tornar-me notável e ter também o meu retrato no fundo de um prato de porcelana.

O que o parece esperar, no entanto, diz ele, é o cartório do pai, que já fora do avô, um sitiozinho, o casamento e muitos filhos. Mas "há uma voz muito baixa e muito longíngua que me insinua pedir ao destino mais alguma coisa. Sinto, às vezes, que não é bem pedir que ela me segreda, mas tomar-lhe à força, arrancar-lhe das mãos". E acrescenta:

> Também se essa voz misteriosa e quase imperceptível me contasse a poeira de ódio, incompreensão e inveja que levantariam meus passos pelo caminho a percorrer, julgo que teria preferido o cartório, o sitiozinho, a vida miúda, corriqueira, em que o tempo passa pela gente e não a que me coube em que passo pelo tempo.

Num outro lugar das *Memórias* havia dito:

> Porque, as vezes para subir, os homens não se limitam somente a empurrar os outros, mas matam-nos mais do que se os matassem fisicamente, matando-os moralmente, espiritualmente. Graças a Deus, não carrego na minha consciência o peso de nenhum desses cadáveres. Os únicos cadáveres que andam comigo são dos sonhos que não consegui realizar.

Barroso foi, sem dúvida, difícil, autoriotário, querendo que imperasse a sua vontade. Assim, não é de admirar os trotes que levou no colégio, as brigas

de que foi vítima ou o autor, uma delas culminando numa canivetada no braço de um colega e mais tarde no uso precoce da navalha, a sua arma de predileção. Dessa maneira, imperava, vivendo sempre em lutas e oposições. No fundo, porém, surgia invariavelmente o menino de bons sentimentos, ávido de verdade e de justiça, vendo o mundo ao seu modo: ele sempre no alto do aconcontecimentos, de acordo com as suas tendências as suas fantasias, os seus desejos. Era destemido, corajoso, atrevido, podendo ser levado à bazófia e à temeridade. Não tinha medo de andar pelo sertão, mesmo à noite, e teve ocasião de encontrar cangaceiros célebres no seu caminho, que se admiravam da sua coragem. Declara que acreditava haver nascido com o instinto de orientação, pois nunca se perdeu nos tabuleiros e caatingas da sua terra, nem nas intrincadas cidades da Europa e dos Estados Unidos. "É uma coisa que está em mim, que sinto e não sei explicar". Não posso julgar quanto há nisso de verdade e de fantasia, mas também eu senti-me sempre dotado de bom senso de orientação, sobretudo comparado ao de inúmeras pessoas com quem tenho convivido. Relato o duplo fato porque, atrás dele, pode haver algo de mais profundo e instintivo, à maneira do que se verifica com diversos animais, em circunstâncias que a fisiologia não conseguiu ainda não conseguiu esclarecer. Será ocioso levantar problemas científicos dessa natureza?

## ENTUSIASMOS E BRAVATAS

A vida de Barroso encontra-se cheia de bravatas, de entusiasmos, de lutas e rebeldias que definem esplendidamente o seu temperamento. "Ninguém foi mais carnavalesco do que eu e também na infância e na juventude não conheci limites ao divertir-me." Refere-se à "vida alegre, despreocupada e gostosa" que levava, com conversas nas farmácias e outros estabelecimentos, onde encontrava o seu círculo de relações, ávido de anedotas, cheio de humor e camaradagem. Nas quermesses era proclamado leiloeiro para dizer graçolas. Quando esteve numa vila de pequenos recursos, redigiu um jornalzinho semanal, manuscrito e ilustrado por ele, que todos disputavam, o *Beija-Flor*, do qual diz haver um exemplar na coleção do Barão de Studart. Nas festas sociais, era freqüentemente o orador, sendo elogiado pelos jornais como aca-

dêmico inteligente. Mas, ao lado disso, era sempre o rapaz que proviera da criança, com os mesmos defeitos e qualidades, inquieto, brincalhão, ao mesmo tempo altivo e bondoso, agressivo e conciliador. Tudo servia para divertilo e dar-lhe distração. De uma vez, associou-se com um cobrador para receber contas reputadas perdidas e comportaram-se de tal modo que "não havia devedor relapso que se agüentasse nas nossas mãos". Não posso imaginar os truques aplicados, mas parece que o emprego da força não era dos menores. Um seu companheiro tinha fama de ser o maior carnavalesco da cidade e com ele executou brincadeiras endiabradas. Quando lhe morreu a esposa, querida e virtuosíssima, renunciou a tudo e se fez padre, que muito honrou o clero cearense. De uma vez, quando ambos voltavam de um baile carnavalesco pela madrugada, para encurtar caminho, saltaram o muro do cemitério, ainda vestidos de dominó. Um leiteiro que passava a cavalo deu um grito e fugiu a galope, dando chicotadas no animal. Na esquina, um padeiro largou o cesto de pães e saiu a correr. Esconderam-se atrás do muro para amedrontar as pessoas que passavam pela rua deserta, e que escapavam em carreira desabalada.

Numa festa de Bom Jesus, montando num belo cavalo, foi vítima da inveja da rapaziada da vila, que resolveu dar-lhe uma surra à noite, porque monopolizava a atenção das moças. Quatro a cinco o esperaram, armados de paus. Meteu-lhes o cavalo em cima que foi um estrago, uma beleza, diz ele! Em outra ocasião, ia ser desfeiteado pelos rapazes de Baturité, uma cidade onde fora passar alguns dias de férias, em casa de um parente. Ele gostava de se vestir bem e ganhava com suas aulas e desenhos o suficiente para fazê-lo. Usava então colete vermelho, da última moda, que tornou célebre o deputado Heredia de Sá. Além disso, possuía um outro, verde, que usava com um terno de casemira cinzento, pondo em ambos as abotoaduras de ouro do pai. Isso feriu os brios ou a inveja da rapaziada local, ainda aguçada porque publicara um conto infantil na imprensa do Rio. Enfrentou impávido os grupos de esquina que dele se riam, mas que não chegaram a agredi-lo fisicamente. No dia seguinte, surgiram, por toda parte, boletins para desmoralizá-lo e ridicularizá-lo perante a população, mas não se emocionou, acrescentando que muitas vezes fez coisas contra as suas inclinações somente para açular inimigos e invejosos.

## CONSULADO DA CHINA

Quando acadêmico de Direito, funda em Fortaleza uma república de estudantes, "como nunca houve igual no mundo". Em letras esgalhadas sobre uma placa oval, pintada de amarelo, encontrava-se o dragão imperial ao alto, tendo por baixo, como tradução: "Consulado Imperial da China" tremulando aos domingos, num mastro, o pavilhão do Celeste Império. Depois, apareceram diversos outros consulados, unidos ao da China: os do Japão, do Turquestão, da Hotentocia, do Afeganistão, de Madagáscar. "Todas essas repúblicas se ligavam entre si por uma espécie de federação tácita e serviam para esconder e dar escapula aos perseguidos da polícia, que costumava procurá-los e surrá-los à noite, nas ruas mal iluminadas da cidade." O Consulado da China publicava editais pela imprensa, como Barroso ilustra num volume das suas *Memórias*, que tem por título *Consulado da China*, aparecido em 1941. Pelas informações apresentadas, pode-se verificar quanto eram culturais as reuniões, pois ele próprio falou aí de Pero Coelho e da sua expedição ao Ceará, tratou da etimologia da palavra Ceará, da volta da expedição e de questões semelhantes, enquanto outros companheiros ocuparam-se da classificação das Ciências segundo Augusto Comte, de curiosidades matemáticas, de Camões e a Língua Portuguesa, do Sistema Baudot e outros assuntos dessa categoria. Barroso presidia as sessões, na qualidade de mandarim – cônsul, vestido de cabaia amarela e barrete chim à cabeça.

> Nos dias em que não estava ocupado com esses variados assuntos espirituais e educativos, o consulado era foco de divertidíssimas brincadeiras... Alternávamos assim as preocupações mentais com pilhérias e molecagens próprias da idade. Reunimos uma vez todos os cônsules e elegemos, por unanimidade, o velho Coelho, que gozava de péssima fama na cidade, Cônsul de Sodoma. Comunicamos-lhe a auspiciosa nomeação por ofício e o velho deu o cavaco. A coisa pegou e ficou conhecido até morrer como Cônsul de Sodoma. Mas o sentido cultural do fato sobrelevava a qualquer outro.

Barroso fora sempre muito dado a fabricar fantasmas, como se pode concluir das suas *Memórias*. Na época do Consulado da China, saía com

outros companheiros, de pijama e sobraçando uma trouxa, para uma igreja em obras, onde subiam pelos andaimes. Vestia a sua fantasia carnavalesca de almirante, um outro envolvia-se num lençol, enquanto os restantes escondiam-se com as mãos cheias de pedaços de tijolos e cacos de telha. Na noite tranqüila e calada, o almirante surgia lá em cima, perto da torre, hirto como se comandasse uma batalha naval no passadiço do capitânea, tendo ao lado o vulto branco, que parecia o acompanhamento da morte. Se se avistava um transeunte nas proximidades prolongados assobios chamavam sua atenção para a igreja. Levantava os olhos e dava com aquela cena inesperada. Sobre ele choviam pedradas. Presenciamos com gosto as mais lindas carreiras deste mundo".

> Quando fazia luar não se acendia a iluminação pública. Às vezes, nuvens esparsas toldavam a face da lua e a cidade mergulhava na escuridão. Então saíamos nós e esgrimíamos com velhas espadas do império em plena rua. Atraída pelo tinido das lâminas de aço, a da de cavalaria vinha a galope. Escondíamos rapidamente em casa. Os soldados examinavam os arredores silenciosos. Tudo parecia adormecido. Nem uma luz nas casas. Iam embora meio desconfiados e, mal se afastavam um quarteirão, recomeçava o duelo. Voltavam na carreira, com as ferraduras dos cavalos chispando nas pedras do calçamento. Não encontravam ninguém e acabavam certos de que eram almas do outro mundo e aquele trecho tomou fama de mal-assombrado.

Outra cena, do seu tempo de acadêmico:

> Se chovia durante a noite, tapávamos com uma esteira o bueiro do quintal por onde se escoavam as águas pluviais do quarteirão. A rua ficava toda inundada. Não se podia atravessá-la. De calções de banho transportávamos às costas, pela manhã, os transeuntes de um lado para o outro a duzentos réis. Eduardo Studart, meu colega na Câmara Federal e meu amigo, muitas vezes transpôs aquele passo nas minhas costas por dois tostões". O fato é real, porque eu próprio ouvi a descrição de alguém que se servira de transporte às costas do meu ilustre antecessor nesta Academia.

Brincadeiras desse gênero repetiam-se sob variadas modalidades. Inúmeras vezes, eram executadas entre os próprios estudantes e outras para arreliar a polícia, servindo de agravo à política da oposição ou desagravo à do próprio partido.

> Marcado pela gente do governo ameaçado de relho pelo órgão oficial em letra de forma, esperava ser surrado qualquer noite pela polícia. Tomei providências para evitar isso. Refugiava-me nos consulados, dormia lugares diferentes, entrava por uma porta e desaparecia pelos fundos, não raro saltando muros. Isso forçou-me a andar à noite quase sempre disfarçado. Tornei-me mestre em percorrer as ruas como mendigo, embarcadiço ou capanga policial.

Assim, armou muitas ciladas à polícia e mesmo a alguns companheiros, por vezes com uma audácia inacreditável que dava mais força à aventura. Mais de uma vez, disfarçado, no escuro da noite, descascava a faca e exigia cigarros e fósforos. Uma vez, o passante levou a mão ao bolso do revólver e replicou: "Venha buscar se é homem!" Deu-se a conhecer e deram uma boa gargalhada, enquanto o amigo ajuntava: "Esperava tudo, menos isso!" "Meus disfarces permitiam-me andar pela cidade toda e divertir-me à noite, nas barbas da polícia." Vestia-se como os capangas dos políticos influentes: descalço, calças de uniforme, camisa de braços arregaçados, chapéu de couro, faca nos cós e cacete na mão.

## SIGNIFICAÇÃO DA INFÂNCIA

Devo perguntar de novo: é crível, é admissível, é simplesmente tolerável que um novo acadêmico ao entrar para esta nobre Associação venha falar do seu antecessor, relatando minuciosamente os seus primeiros tempos de criança, as brincadeiras que cometeu, as suas peraltices na escola, as suas vagabundagens de rua, que lhe valeram tantas censuras e reprovações? Depois, ainda os seus tempos de acadêmico, as suas singulares atitudes, quase uma continuação do que perpetrou na primeira infância? É esse, então, material adequado para se falar de um imortal que se foi e que deixou uma imensa obra literária e fulgurante trajetória no caminho da sua vida? É possível que muitos pensem

que não e até censurem o novo acadêmico pelo seu procedimento, sem dúvida fora dos hábitos desta respeitável Assembléia, como pode ele próprio dar-se conta estudando as orações de entrada de muitos dos seus membros. No entanto, na qualidade de médico, dado a questões de Psicologia, acredita ser essa uma boa norma, que merece ser cultivada com reverência. Na verdade é aí que se encontram os segredos e mistérios de qualquer personalidade, mesmo daquelas que atingem as mais altas culminâncias dadas ao espírito humano alcançar. Não é, portanto, por displicência ou irrefletidamente que procuro falar das brincadeiras e peraltices de Gustavo Barroso, dos fantasmas e sombrações que ele soube inventar, dos medos por que passou ou daqueles que soube incutir, das suas disputas e amizades, das roupas que vestiu e dos disfarces que usou, das reprovações que sofreu ou dos elogios que recebeu, de tudo que constituiu a sua vida, desde a infância até atingir a juventude, a maturidade e a quase velhice. Aliás todas essas fases da existência não passam de um seguimento, tendo as suas razões de ser, desenvolvendo-se segundo determinados imperativos, quer se trate de um escritor, de um artista, de um filósofo, de um sábio ou de um homem qualquer. A situação é sempre equivalente, sendo daí que devemos partir para estudar e compreender qualquer personalidade. A obra de criação é um produto tardio, que pode ficar suspensa no ar, sem apoio nem explicação, caso não a analisemos baseando-nos na vida do autor, se possível desde o seu nascimento. Eu tive a feIicidade de encontrar três volumes de memórias de Gustavo Barros, a fonte principal das minhas investigações, completadas pelos dados fornecidos gentilmente pela sua ilustre família. Além disso, pude certificar-me, por numerosos indícios, que as suas recordações são traçadas com simplicidade e honestidade, maneira de proceder que parece ter sido habitual em sua existência. Isso é de fundamental importância, porque o que se verifica hoje, em quase todos os documentos pessoais desse gênero, são grandes doses de bazófia e sofisticação, o autor, procurando dar de si próprio a melhor das impressões. É toda uma arquitetura de fachada, cuja significação pode escapar à perspicácia de qualquer psicólogo. No caso de Gustavo Barroso tudo parece simples e transparente, porque foi ele sempre o mesmo ser humano, através de toda a vida, desde a primeira infância à sua gloriosa imortalidade. É esse o traço mais característico da sua vida, traço que se reflete através de toda ela, e aparece no

seu próprio trabalho intelectual, nas criações do seu espírito. Quando se acredita que tudo envolveu, que a idade fê-lo passar de uma fase errônea e desconexa da vida para uma mais harmoniosa e ajustada, percebe-se que ele, como ser humano, prossegue sendo o mesmo, apenas havendo variado a exteriorização das suas vivências. Ele se torna então rapaz estudioso sedento de leitura, tão sedento e estudioso que atravessa uma grave opilação atribuída a excessos de trabalho intelectual! Escreve, faz discursos, executa desenhos e ilustrações, torna-se jornalista, depois político, mais tarde acadêmico e imortal. Mas no fundo, aquela criança dos primeiros tempos, precoce, rebelde, autoritária, cheia de fantasia, de bondade, de imaginação vai reaparecendo e dominando todas as fases da sua existência.

Acompanhamo-lo através de uma infância por demais agitada e vamos vê-lo agora na sua juventude, que traz novas surpresas e inesperadas revelações. Os seus pendores literários começam a aparecer, passa a interessar-se por estudos mais sérios, também pela música e representações teatrais. Um dia volta emocionado de uma festa cultural e indaga secretamente de si próprio: algum dia terei coragem de pronunciar um discurso? Se, de há muito, era imaginoso e sabia arquitetar histórias que impingia aos companheiros, começava agora a ligar-se com elementos intelecutais mais cultos, com os quais o seu temperamento se casava melhor. Assim,

> foi pouco a pouco se retirando das garras da molecagem. Batidas pelo sol começaram a luzir outras facetas da minha alma. Aqueles amigos achavam que podia dar para gente e que já sabia muita coisa apreendida às tontas, por aqui e por ali. Carecia de certa metodização. Estimulavam-me. Abandonei a navalha.

Graças a um primo de Trieste, instruído e viajado, começa a tomar contato com jornais e revistas estrangeiros, dá-se conta do mundo pelas ilustrações, sendo guiado por ele, nas lições de francês e inglês e na tradução dos deveres escolares. Também iniciou-o em maravilhas culinárias de outros países, da Itália, da Áustria, da Alemanha. Nessa época, Barroso desenvolve-se, cresce de maneira espantosa, tem um apetite devorador, que não raro o leva a jantar duas a três vezes, segundo o horário das casas dos parentes. Em breve, começa a aprender a dançar, coisa que eu nunca consegui. É verdade que a

princípio parece não ter tido muito pendor para a dança, pois chega a declarar que, se um colega não o ajudasse, não sabe como se teria saído da empreitada para fazer o convite e tirar a moça. "Tornava- me então social", diz ele nas suas *Memórias*.

Por vezes ressurgem as suas tendências militares, não raro mais fortes que as literárias. Assim, em vez de freqüentar clubes literários que aparecem em Fortaleza e fazer sonetos como a maioria dos seus colegas, prefere exercícios náuticos e a sala de esgrima, sendo mais dado à baioneta e ao sabre do que ao florete.

## REGENERAÇÃO

O que é, porém, admirável é como tudo segue uma marcha espontânea, muito natural. Barroso desenvolve-se, ganha no físico, cresce na idade, alcança sabedoria, mas no fundo, no recesso da sua personalidade, continua a ser o mesmo ser humano, manobrado por aquela criança que está sempre dentro de nós, que nos manda e comanda, caso não a assassinemos, sufocando-a pela educação, pelas convenções sociais, pelos imperativos da vida. Em Barroso, a criança continuou sempre viva, sôfrega, irreprimível, dominadora, dando direção à sua existência, tanto nos tempos de mortal, quando nos de imortal. Se a ascensão foi rápida e gloriosa, guardou sempre uma certa diretriz, que caracterizou a vida do homem e a obra do escritor. Ele estuda, passa nos exames, entra para as rodas literárias, escreve nos jornais, faz ilustrações, dá aulas, trabalha para poder viver, faz discursos, veste-se com elegância, é dado aos esportes, adora a equitação. O físico acompanha o desenvolvimento intelectual: torna-se um belo homem dotado de um espírito. Mas, atrás de tudo isso encontra-se a criança que o espreita e conduz, que lhe dirige a ação e a personalidade. Já lhe reconhecem méritos artísticos, trava amizade com um velho austríaco que o entusiasma para entrar para a Escola de Belas Artes. "cheguei a usar gravata *La Vallière*, a fumar somente cachimbo e ter na lapela uma palhetinha de metal dourado". Mas o entusiasmo é passageiro, de curta duração.

Certa manhã, depois de muito anunciado pelo telégrafo, aporta a Fortaleza um célebre andarilho, tipo exótico, vestido de verde, de botas, bolsa a tiracolo, uma flâmula com a bandeira nacional na mão. Um bando de estu-

dantes acompanha-o pela cidade, do qual fazia parte Barroso, que se entusiasma. "Invejei-lhe a indumentária esquisita, o todo decidido, a liberdade de andar mundo afora, contemplando novas paisagem caras. Havia dezessete anos que eu via as mesmas, todos dias. Estava cansado, ansiava por uma mudança". Já antes, fizera parte de um circo de rapazes, trabalhando nas argolas e sendo palhaço. Todavia, marcha sempre para a frente cada vez mais rapidamente. Dá aulas particulares, ganha dinheiro, vive à sua maneira, morando com o pai e o padrinho num sítio próximo da cidade, onde ocupa um quarto num dos extremos da grande casa, o pai um outro no extremo oposto e o padrinho um no centro, "ornamentado de nus artísticos".

Aí, ele estuda à noite à luz de uma candeia de querosene ou de uma vela de cera de carnaúba. Passa a fazer desenhos para capas de livro, ilustrações, aquarelas, diplomas, cenários.

Aos 21 anos de idade, faz a sua primeira conferência pública numa sociedade literária, sobre Pero Coelho no tricentenário da primeira exploração do Ceará. Foi o seu primeiro ponto de contato com a Literatura histórica, que iria continuar em seus estudos futuros, através de toda a existência. Naquela idade, com assombro geral, prestou todos os exames com notas elevadas, alcançando principalmente "distinções".

Um professor de história, o Dr. Coelho de Arruda, deve ter tido grande influência na sua formação, pois Barroso fala dele com o maior carinho, chamando-o de alma doce e contemplativa, uma das melhores pessoas que havia conhecido e que lhe queria muito bem. Era redator-chefe da *República* e um dia tomou-lhe das mãos a cópia que fizera de um quadro de Henri de Neville – *A Escalada*, expondo-o na sala da redação com uma notícia encomiástica na primeira página do jornal. Elogiava-o na aula de Literatura e diante das suas composições vaticinou-lhe que seria escritor. "Longe estava de pensar que um dia houvesse na minha terra Grêmios Gustavo Barroso." Mas a vida lhe prepara ainda muitas lutas e decepções, que prosseguem mesmo quando chega à glória e à imortalidade.

## PRIMEIROS ESCRITOS

O dia 11 de outubro de 1906 é uma grande data na sua vida. Num número especial da *República* aparece o seu primeiro escrito, um artigo sobre

o Descobrimento da América, assinado com o pseudônimo – Nautilus! A maioria dos colegas não acreditou que fosse dele, mas quando veio a confirmação sentiu que o seu prestígio crescera como por encanto. "Nautilus era o botão de que desabrocharia mais tarde João do Norte para frutificar um dia em Gustavo Barroso." Percebem que Nautilus vem ainda do menino que quer viver e sonha com o mar? A primeira vez que aparece na imprensa carioca é com uma aquarela de um peixe estranho pescado no Ceará e do *Leitura para todos* deu notícia acompanhada dessa iIustração.

Nessa época devora livros de toda espécies, tanto em português quanto em francês e mesmo inglês. Romances, obras históricas, verbos, viagens, contos, ensaios. Encanta-se com Herculano, delicia-se com Eça de Queirós. Recita Gonçalves Dias, Castro Alves, Bilac e sabe de cor a *Velhice do Padre Eterno, Morte de D. João, D. Jaime* de Tomás Ribeiro. Está num nível tão elevado que ao sair do Liceu, com 18 anos, diz-lhe um dos mestres: "Um moço como você não se deve estiolar na província. Procure meio mais adiantado. Vá para o Rio de Janeiro, lute e vença!"

## DOENÇA

Nessa altura cai doente, de uma moléstia que os médicos não souberam diagnosticar. "Naquele triste fim de 1906, parecia um cadáver, sem pinta de sangue. O menor esforço exauria-me. Sentia em torno de mim os passos silenciosos da morte ou da tuberculose. Cobria-me de suores gelados. Quando fazia pequeno passeio, devagarinho, pelas cercanias da casa, entrava numa farmácia e punha-me a ler o Chernoviz". Certo dia, numa reunião teve um desmaio e depois permaneceu "esgotado, imóvel e como alheado da vida numa cadeira de balanço na sala de visitas". Davam-lhe leite, ovos quentes, gemadas, mas a inapetência dominava, precisando tomar alimentos quase à força. "Não dava uma palavra. Resignara-me inteiramente e esperava a morte." Atribuiu-se aquele mal oculto aos estudos forçados e ao seu espantoso crescimento: dez centímetros de um ano para outro!

> Os médicos enchiam-me de fortificantes que pouco ou nada adiantavam. Tomei dúzias de vidros de hemoglobina Deschiens e de óleo de fígado

> de bacalhau, sem nenhum resultado. Injetaram-me caixas e mais caixas de soro de Fraise, composto de glicero-fosfato de sódio e cacodilato de guaiacol. Ingeri todos os remédios caseiros aconselhados... Passei seguidamente pela mão dos melhores médicos clínicos do Ceará, durante meses e meses.

Tudo sem proveito algum. Mas curou-se por acaso, depois de um ano de luta! Numa livraria na conversa, lembrou-se de que podia ser um caso de anquilostomíase, cuja descrição havia lido num jornal de Medicina. Barroso falou com um médico sobre a questão e este achou que se podia tratar realmente de opilação. "Aplicou-me a título de experiência uma dose de timol pelo método bárbaro do tempo. A melhora foi tão grande que continuou o tratamento, ficando eu radicalmente curado."

Ele e eu somos quase da mesma idade e também conheci meninos naquela época atacados de males ocultos, que hoje os médicos sabem diagnosticar, como o beribéri, a opilação, o impaludismo e outras moléstias, então obscuras e enigmáticas, mas atualmente de fácil reconhecimento e garantida terapêutica. Gustavo Barroso sofreu assim não só os efeitos da doença orgânica, sim igualmente as suas conseqüências sobre o desenvolvimento da sua existência. "A insidiosa e longa enfermidade matou definitivamente minhas aspirações à carreira militar. A Escola de Guerra reabrira-se e fora com desespero n'alma que a ela renunciei para sempre." Não! Ele não renunciou para sempre à carreira militar! A existência continuou impregnada das aspirações de criança, que ele soube realizar sob modalidades na trajetória da vida. A conquista de uma Cadeira nesta respeitável Academia faz parte daqueles seus planos infantis, nos quais o brilho do uniforme deve representado papel significativo. Se Barroso foi vítima em criança da opilação, mais ainda o foi da criação e educação pelas suas tias e a velha avó. É daí que partem muitas particularidades da sua personalidade, que irão nortear toda a sua existência, desde a mais tenra idade. Ele deve ter recebido excessos de carinho, situação hoje muito conhecida pelos estudos de Psicologia, que mostram quanto o filho único, o caçula, o criado pelas tias e as avós são mimados, tornando-se difíceis, exigentes, egoístas, pretensiosos. Eles querem o mundo a seus pés, todos sempre prontos para servi-los, acreditam-se precilegiados, cheios de direitos e regalias. Querem mandar, dominar, que pode transformar-se em

tragédia da vida, pois, só desejando afagos e obediência, entram em oposição ao que lhes não convêm.

## PREDIÇÕES

Vimos que o ambiente em torno de Barroso foi de tal ordem, que aprendeu os primeiros rudimentos de ensino precocemente, sem que lhe procurassem ensinar. Felizmente, viveu em meio essencialmente feminino, cercado de bondade e justiça, sentimentos que iriam predominar na sua vida, mesmo quando atravessa perigosas crises de luta e incompreensão. Certamente, por essas mesmas razões, tem terrível medo da morte e de sombrações, chegando ao mesmo tempo a acreditar-se imortal! Ele se sente tão privilegiado que declara "que observou que quem o persegue gratuitamente deita-se em breve a perder, sem que em pessoa ele contribua para isso.. Se publicasse a lista dessas observações no decurso dos anos seria impressionante... Chego muitas vezes a pensar que o meu santo é muito forte, como diz o povo." E relata que uma leitora de buena dicha lendo-lhe a mão exclamou: "*Gare à qui vous touchera!*" Um outro quiromante augura-lhe coisas maravilhosas, na época em que esteve gravemente atacado de opilação. "Tomou carinhosamente entre suas mãos rosadas minha dextra flácida e lívida, pôs os óculos e analisou miudamente as linhas que se cruzavam na palma descolorida. Sentenciou, depois, num tom peremptório que ainda ecoa, apesar do tempo decorrido, em meus ouvidos: – 'Você vai ficar bom quando menos esperar e de repente. Gozará, depois, duma saúde de ferro por muitos anos. Tenha coragem!'" Voltando-se para meu pai, minha avó e minhas tias, declarou, como se fosse absoluto senhor dos segredos do futuro: "Se eu tivesse um filho, não desejaria para ele mais do que a posição a que este menino vai atingir numa grande cidade aos vinte e tantos anos e aos trinta e tantos!... Na sua vida haverá baixos e altos, porém mais altos do que baixos. Não desamine nas piores ocasiões!" Nunca durante o meio século que tenho vivido palavras humanas me fizeram maior bem... A profecia realizou-se totalmente. Aos vinte e tantos era deputado federal pela sua terra e aos 34 alcançava uma poltrona nesta Academia! "Na verdade fiz algum esforço ao velho francês, que talvez só me tivesse dito aquilo para me animar. Segui-lhe o conselho augural

e nunca desanimei." O quiromante era um velho amigo do seu pai, que chegara à cidade e fora a cidade e fora visitá-lo. Quem leu o meu livro –"Mistérios e Realidades deste e do outro Mundo", poderá dar-se conta facilmente do mecanismo dessa profecia, que se realizou tão esplendidamente. Se tudo tivesse ocorrido de maneira diferente ou oposta, como é muitíssimo mais freqüente nas predições, ninguém mais se lembraria do caso. Além disso, há sempre ainda a reconstituição pela memória, que completa e reforça os dados da profecia, não raro traçada em outros termos. É uma verificação fácil de ser feita, caso os dados sejam tomados na ocasião por escrito. Do contrário, entra a imaginação em ação e rememora à sua maneira o que se vai tornar surpreendente, embora o material de origem possa ter sido muito diferente. Tratamos da questão longamente no nosso livro e aqui queremos apenas lembrar que a quiromancia, ao contrário do que relata Barroso, é executada na mão esquerda, não na direita! Ao lado disso, é preciso considerar que o indivíduo, sugestionado pela profecia, procura realizar o que nela se encontra mais de acordo com os seus desejos e as suas tendências podendo levar assim a resultados espantosos. É o que mostrei por meio de diversos exemplos extremamente ilustrativos.

No caso de Gustavo Barroso, os acontecimentos já se preparavam para conduzir a tais resultados, sendo possível que a própria moléstia tenha agido como um fator moderador e de equilíbrio da sua conduta, por demais impulsiva em conseqüência do seu temperamento e da sua educação. Uma enfermidade, um defeito físico, uma inferioridade orgânica podem influenciar qualquer existência e dar-lhe direções precisas e definidas. É o que demonstram à sociedade estudos de Psicologia Individual, que mostram quanto o complexo de superioridade pode compensar defeitos e inferioridades. Gustavo Barroso teve a sua personalidade exaltada pela educação recebida das tias e da avó, o que explica muito das suas desarmonias de vida, que tantas vezes levaram-no a lutas e oposições, mesmo até em relação ao próprio pai, por mecanismos psicológicos de fácil compreensão. Ele informa que o caso da sua irmã foi parecidíssimo com o seu. Ela viera do Maranhão, onde fora criada pelos parentes alemães, mas fez tais diabruras que o pai viu-se obrigado a interná-la num colégio de irmãs. Receava-se a sua expulsão, mas foi obtida uma recomendação especial do bispo, que era seu padrinho, e a menina encarreirou-se e tornou-se a melhor aluna do estabelecimento.

O pai, que se havia oposto às tendências militares do filho, fê-lo também em relação às propensões religiosas na filha. Como livre-pensador, levantou-se contra a sua vocação, sendo ela obrigada a esperar pela maioridade, afastando pretendentes a casamento e ajuntando, à custa do trabalho de professora, o dinheiro necessário à formação do dote de noiva de Cristo e à viagem para o estrangeiro. Professou então como Soror Beatriz, Oblata de São Bento, numa abadia da Escócia, indo depois para um convento na Alemanha. Era uma exímia desenhista e pintora, que na Holanda fez toda a decoração da capela do mosteiro, onde faleceu como monja beneditina aos trinta anos de idade.

## PAI LIVRE-PENSADOR

Gustavo Barroso acrescenta que o pai nunca se conformou com essa decisão da filha, que traduz sem dúvida uma reação de oposição, idêntica a muitas que teve o irmão na trajetória da vida. O pai era livre-pensador, pilhérico, levando a vida que melhor lhe convinha. Gostava de jogar e entrava tarde, razão pela qual Barroso pouco o via. Era conhecido pelas suas piadas e anedotas, que corriam a cidade. De uma vez, quando estava ganhando no jogo, caiu um temporal tremendo, com raios e coriscos, e um dos parceiros propôs que prosseguissem pela noite dentro, pois seria difícil voltar para casa. Ele protestou, mas teve de continuar. Aí, a sorte mudou e começou a perder. Levantou-se, escancarou uma janela e, enquanto os relâmpagos fuzilavam, exclamou: – "Deus, ó Deus, se em verdade existes, manda já um raio nesta casa de viciados e castiga de uma vez esta canalha!" Houve protestos gerais, mas prosseguiu: – "Deus, se és mesmo Deus, arrebenta de raios este antro de perdição! Não creio, porém, que tenhas poder para tanto." E continuou com blasfêmias terríveis, que fizeram com que todos os companheiros fugissem arrostando o temporal. "São uns bestas", concluiu. Era irônico e vivia apontando erros da divindade ao fabricar o homem. "Barriga da perna para trás e osso na frente para dar canelada; dez dedos inúteis nos pés, fábricas de calos, e outros órgãos mais preciosos no singular!" Mas era amigo do Bispo do Ceará, que um dia disse a Gustavo:

> Seja feliz, meu filho! Seu pai nunca foi religioso e, como é paradoxal, se diz materialista. Isso é só da boca para fora, porque é homem de bem a

> toda prova. Sua incredulidade nunca nos impediu de sermos amigos. Ignoro se você é religioso, mas sei que é bem procedido. Continue. É meio caminho andado por Deus. Desejo-lhe o mais que lhe posso desejar: que seja homem de bem como seu pai. O amor de Nosso Senhor virá com a experiência da vida, com o sofrimento do mundo.

Belas palavras, que somente uma boa alma poderia pronunciar. Faz- me lembrar D. Helvécio, arcebispo de Mariana, que acaba de falecer e me distinguiu com a sua amizade, também me havendo dito, por mais de uma vez, palavras ungidas de piedade cristã e de muita bondade humana ao referir-se ao meu agnosticismo irrefragável. Lembro essa particularidade com tanta maior emoção, quanto fui um sincero admirador daquele santo varão, o continuador no arcebispado de Mariana de S. Silvério Gomes Pimenta, o meu pré-antecessor nesta Cadeira da Academia.

Em relação à religião, Gustavo Barroso refere que não era preocupação maior na casa da sua família. Seu pai, "embora admire a Igreja e seja amigo pessoal de muitos padres, é livre-pensador e acha que quem afirma a existência de Deus cai no mesmo erro de quem a nega". Uma das tias que o criou pensava da mesma forma e citava repetidamente a obra de Draper – *Os Conflitos da Ciência com a Religião*. Uma outra ia às vezes à Igreja e uma terceira ouvia missa quando aí passava aos domingos. "Minha avó é a única que conserva uma fé robusta e simples, a fé dos antigos tempos. Ora de manhã e à noite, diz o seu terço ao toque das Trindades". Barroso acrescenta não ter formação religiosa, tendo sido batizado como todo mundo num País de catolicismo superficial. Não freqüenta a igreja e vai à missa às vezes, para acompanhar uma tia ou por simples curiosidade. Não fez a primeira comunhão senão para o casamento, havendo sido educado num colégio leigo, cujos alunos viviam em oposição aos de um outro, religioso, entrando, não raro, em brigas e disputas, por vezes com conseqüências sangrentas.

## IRMÃ RELIGIOSA

Não há dúvida de que, à maneira do pai, foi profundamente agnóstico, como é fácil verificar através da sua obra e da sua vida, nos seus primeiros decênios. Ainda ao entrar para a Academia, aos 34 anos de idade, para ocupar

o lugar do arcebispo D. Silvério, fala da sua falta de crença, das suas dúvidas religiosas. Pela sua correspondência com a irmã, já então religiosa de um convento na Europa, pode-se concluir igualmente sobre o seu grau de incredulidade e as suas tendências anti-religiosas. No seu livro *Idéias e Palavras*, publicado em 1917, refere-se às cartas de uma irmã monja dirigindo-se ao irmão ateu e secular, numa das quais ela diz:

> Quanto ao estado deplorável em que se encontra tua alma, que queres que te diga? Dizes que tens forte espírito e não sentes necessidade de crer. Não acredito. Enganas-te a ti mesmo. Todo homem precisa de crenças. Serias tu a única exceção? És moço e tens a cabeça cheia de ilusões próprias de tua idade. Fias-te em tuas próprias forças, em tua habilidade, em teu talento e em que mais sei eu? Quando quero saber quem é meu irmão, leio em minha própria alma. Temos os mesmos defeitos e as mesmas qualidades. Só nos separa a diferença de pensamentos em matéria religiosa... O homem sem fé é um infeliz. A fé é um dom que se precisa pedir a Deus. E Deus só a dá aos humildes de coração. És humilde, meu irmão? Eu não o sou apesar de tanto desejar ser. A humildade de coração é a virtude sobre que faço meus exames de consciência. Quando eu me tiver tornado completa e perfeitamente humilde, minhas oraçoes terão tanta força que meu irmão se converterá. Pobre espírito tresloucado e vaidoso, que te posso dizer ainda? Compreendo tudo neste mundo: a fraqueza humana, o orgulho, a mentira; mas não posso compreender que se não sinta a necessidade de crer em Deus! Tive e tenho ainda, às vezes, tentações contra a fé. Expulso-as: *Credo qui dixit Dei Filius nihil hoc veritatis verbo verius*. Tenho tanto medo de perder a fé! Se eu não acreditasse em um Deus pelo qual devo viver e morrer, matar-me-ia. Eu devo ser um espírito fraco... Se eu fosse forte, quereria, meu Deus, ser fraca, para que tu fosses forte. Poderia ainda falar-te muito sobre este assunto. Temo fatigar-te e mais ainda clamar no deserto. Pobre criança! Não és culpado! Culpados foram os que se não deram ao trabalho de te encaminhar para Deus. E esses mesmos só Deus sabe se são verdadeiramente culpados... Quisera falar-te de Jesus. Tu não o amas, porém. *Quid fecit tibi?* Ele, no entanto, te amou e morreu por ti. *Et nom amas eum*. Dize-me qual destas duas coisas é mais extraor-

> dinária: que o perfeito existe ou exista o imperfeito? É uma pergunta de Aristóteles. Saberás respondê-la?

Que lhe responde o irmão? Limita-se a comentar que se trata de "uma ladainha de conselhos, demonstrando o empolgamento do espírito pela fé, tão grande que se esforça por amesquinhar-se para que ela se torne maior". E acrescenta: "Religião! tens sido e serás muitas vezes a mãe da Arte. Por ti se vai também até perto do ideal, que ninguém alcança, porque não pode e não deve existir a perfeição!" Argumenta afirmando que a irmã continua levada por estranhas divagações de artista, metida no burel de freira e que o ama pela cor e pelos mistérios do seu cair flácido e elegante de túnica antiga. A sua maior preocupação é a Arte, tanto que fala mais dela que da religião. "Presentemente", prossegue ela,

> estudo órgão. É um instrumento que me dá grande alegria, às vezes uma estranha distração... Já comecei a acompanhar a psalmodia em coro. Oh! a pintura, a música, a Poesia, como essas três palavras dizem segredos à minha alma de artista! E por que não és um beneditino? Por quê? Então, todas as tuas aspirações de Arte se realizariam. Como eu gostaria, meu irmão, de ver o teu perfil emoldurado pelo capuz cor de castanha, lá dentro o rosto muito pálido e tua esbelteza envolta nas pregas misteriosas do hábito monástico! Não rias nem blasfemes que passo adiante!

O que há de mais extraordinário na questão religiosa da família de Gustavo Barroso é de a sua irmã se ter tornado freira, enquanto ele, mais tarde, em plena maturidade, iria revelar-se crente, cheio de ardor e convicção. Isso é tanto mais surpreendente quanto o pai permaneceu irredutível no seu ateísmo até a mais avançada velhice, até a sua morte aos 102 anos de idade! E vivia em companhia do filho e da nora, senhora de altas virtudes e profundamente católica, que deve ter contribuído para a conversão do marido. O velho pai, até o extremo, conservou-se lúcido, inteligente, levando vida normal, saindo quase diariamente. E lembrava-se de tudo, sendo ainda capaz de recitar Os *Lusíadas*, prosseguindo de cor qualquer das suas estrofes. Mas conservou-se invulnerável em suas convicções agnósticas, apesar de viver num ambiente essencialmente religioso. Não há dúvida que estes três seres humanos, o pai, a

filha e o filho, formaram um conjunto psicológico de mútua oposição. É mais do que natural que a educação deva ter representado aí papel preponderante, no sentido de confundir e desorientar valores, como ocorre tão freqüentemente na aprendizagem escolar. O velho pai foi provavelmente o único que ficou a salvo dessas contradições culturais, tendo permanecido fiel aos seus sentimentos mais íntimos, sentimentos ainda exaltados pela oposição que encontrou por parte dos filhos, que, em vez de removê-lo das suas convicções, deve ter reforçado os seus pontos de vista. Estes eram, aliás, tão arraigados, que se rebelou contra a filha, ficando tão contrário à sua vida monástica, que nem sequer abria as cartas que lhe escrevia do convento.

Quero lembrar ser hábito muito generalizado admitir-se que os agnósticos, privados de Deus, devem ter sentimentos inferiores, sendo dados a misérias e indignidades, uma vez que lhes falta a trava moral da religião. É um erro gravíssimo, pois os fatos têm oposta significação, como bem demonstra o progenitor de Gustavo Barroso, que aparece sempre como um homem digno e independente, valendo a sua própria atitude anti-religiosa como prova da integridade do seu caráter.

## CONVERSÃO

Mais tarde, no entanto, sobretudo na época em que se tornou integralista, Gustavo Barroso passou da indiferença e do cepticismo a uma crença profunda.

> A grande experiência do tempo, feita de observação, de estudo e de dor, sobretudo de dor, amadureceu um espírito inquieto depois dos 35 anos... Em procura de uma fé, minha alma se debatera em labirintos filosóficos até que um olhar à bússola distinguisse o rumo certo marcado pela agulha norteadora. Comecei a acreditar, comecei a crer... Voltei a Deus. Voltei à Terra. Voltei ao Sangue. Acredito. Cri. Orei. Batalhei.

Em *Luz e Pó*, publicado em 1932, exclama: "Malditos os que negam! Benditos os que afirmam! Só afirma quem tem fé. Só nega quem não a possui. Afirmar é criar alguma coisa. Negar é destruir." Em outro lugar do mesmo

livro diz: "Os espíritos superiores já deveriam ter bem compreendido aquela doutrina que, em séculos chamados de obscurantismo, a própria Igreja pregou: "Toda Ciência vem de Deus, que nos deu tudo; toda Ciência é portanto teológica e divina. Essa seria a maneira mais lógica de se ter compreendido a questão, unindo Deus e a Ciência, não afastando esta dele e tornando-a inimiga do seu criador." Na sua Conferência da Academia no Bicentenário de Goethe, em agosto de 1949, manda que nos voltemos para Cristo, a fim de que a sua luz brilhe nos nossos pobres olhos e não consinta que o sopro da apreensão os cegue definitivamente para a verdade e a vida. "Luz que vem da cruz, daquela cruz que trazemos dentro de nós."

Aliás, a sua evolução religiosa parece ter-se processado lentamente, como é fácil concluir da trajetória da sua vida. Quando veio ocupar a Cadeira deixada pelo arcebispo D. Silvério, em vez de exaltar as suas tendências religiosas, como era o lugar e o momento se as possuísse, declara: "Não sou daqueles que crêem; sou dos que duvidam, mas o Cristianismo, em sua feição católica, me arranca sempre preitos de admiração." Tudo isso é natural e torna compreensível a sua conversão, principalmente se considerarmos a vida que viveu desde criança, entre a piedosa existência das suas parentas e o impacto que deve ter sofrido depois pelas palavras da irmã, que morreu moça, afastada do mundo, num convento da Europa.

Além disso, o temperamento de Barroso era de um místico, como bem mostra o terror que tem da morte, do fúnebre, do defunto. Nesse particular, acredito ser-lhe um digno sucessor nesta ilustre Casa, pois também tive sempre terrível horror da morte e do fúnebre, como relato em passagens de meus livros. A sensação é tão profunda e desagradável que ainda hoje, para guardar cartas de pessoas queridas, tarjadas de luto, corto-lhes as mangas negras, para mim por demais desagradáveis. Barroso conta que a morte lhe faz medo e que "o primeiro morto que viu, cor de cera, mãos postas, deitado num caixão dourado e todo coberto de flores, deixou-lhe uma impressão apavorante". Depois, lembra-se do enterro, que lhe causou impressão tão profunda que durante muitos anos a imagem da morte o amedrontou. "Não tinha coragem de olhar para um enterro, para um defunto no caixão, para o pano preto da cruz prateada ou dourada, que era costume pendurar à porta dos que morriam". Numa festa ouvira, ao som da Dalila, *O Noivado do Sepulcro* de

Soares dos Passos e passara a noite sem dormir, vendo o fantasma, sedento de amor terreno, caminhando por entre os túmulos, arrastando a sua mortalha. Eu próprio passei dezenas de anos sem olhar qualquer defunto, exceto quando se tratava de um paciente que me morria às mãos. Nos enterros afastava-me do caixão, evitando sempre ver a fisionomia do morto. Não foi senão em tempos muito recentes dentro desta Academia, que tive coragem de aproximar-me do ataúde para ver o morto, o meu grande e inolvidável amigo Miguel Osório. Achei-o sempre em vida de traços tão finos e tão nobres, a fisionomia emoldurada pela barba que começava a embranquecer, que tive coragem de vê-lo morto, numa profunda cor de cera. Um quadro inesquecível, quase de Arte, à altura da sua imortalidade. Mas, até hoje, não me libertei da outra impressão, dolorosa, quase trágica e humilhante, que me deixou a sua morte. Encontrava-me eu presente no momento em que foi posto o seu corpo no ataúde. Vestido no belo uniforme desta Academia. Mas deve ter havido qualquer erro na medida do caixão, se é que o corpo não se distendeu por demais pela rigidez cadavérica, não cabendo no ataúde. Foi necessário retirar-lhe os sapatos e assim, apenas de meias, os pés cobertos de flores, foi enterrado no seu solene uniforme acadêmico, ao lado o chapéu de plumas brancas, complemento da nobre indumentária. Até hoje incomoda-me aquela ausência de sapatos, sabê-lo enterrado apenas de meias, partindo assim desta Academia para o Além, depois do discurso do seu presidente, e, no cemitério, dos de representantes nunca mais me me fugiu do espírito, do espírito de um agnóstico, que passou anos dissecando cadáveres, vendo seres humanos morrer nos estertores da agonia! Não vem tudo isso dos primeiros tempos da existência, que deixam gravados engramas definitivos e que mais poderão ser afastados da consciência?

## MEDO DA MORTE

Gustavo Barroso descreve o medo que tinha do maracatu e da escuridão do corredor da velha casa que habitava. Ficava brincando com os meninos dos vizinhos até sete horas, quando era chamado para estudar, já noite fechada, o que constituía para ele uma tortura diária. Ao pôr o pé no limiar da entrada, fechava os olhos para não ver a escuridão do imenso corredor, em cujo fundo deviam estar à espreita duendes e mistérios. "Fecho os olhos, tre-

mendo. Começo a rezar baixinho o credo e sigo a toda pressa com a mão a tocar a parede, até a porta da escada. Subo-a em três arrancos e só respiro ao ver-me na sala de visitas iluminada." Eu também sofro desses medos, que tenho descrito em diversos dos meus trabalhos, não raro para surpresa e incompreensão de alguns leitores. É assim a natureza humana e, nesse sentido, julgo-me um digno sucessor de Gustavo Barroso, embora menos em relação à imortalidade. Ele próprio informa que o seu medo da morte "não era propriamente medo, era mais um horror, porque tinha uma secreta esperança até certa idade de que não morreria. Isso de morte era coisa que acontecia aos outros. A mim, não! Cá por dentro qualquer voz me sussurrava que eu escaparia. Por que e como, é que não sabia explicar". Talvez, por isso, tenha entrado precocemente para a Academia, enquanto não cheguei eu à imortalidade senão já muito tarde, quando bastante aproximado do final irrevogável.

O que devo ainda aqui acrescentar, para meu consolo e ufania, é que há muito de comum no transcurso das nossas duas existências, na dele e na minha, quase uma continuação, como posso dar-me conta ao vir assentar-me na Cadeira 19. Somos semelhantes pelo instinto, pela alma, pelo coração, pelo intelecto, apenas trabalhados e diversificados pelas circunstâncias ambientes. Ele criado pelas tias e a avó, enquanto eu entre oito irmãos, pelo emprego da vara de marmelo. Ele sabendo ler aos três anos de idade e eu, aos doze, não sabendo fazer conta de dividir. Ele um moleque cheio de vontades e liberdades, eu, outro moleque, talvez não menor, sob a influência da obediência e da disciplina. Um tornou-se extrovertido, o outro introvertido. O fundo, o temperamento, as tendências parecem muito semelhantes, sobretudo pela ânsia de liberdade, de justiça , de trabalho. Ele foi sincero comigo próprio e eu não o tenho sido menos em relação ao meu caso. É esse o nosso ponto em comum, que julgo fundamental para caracterizar qualquer personalidade. No caso de Gustavo Barroso, essas particularidades são tão poderosas que atravessam toda a sua obra e a sua vida como um fio, fio que aproxima e liga todas as partes, desde a infância à juventude e desta à idade madura e à velhice. E também a sua obra pode ser compreendida e explicada pelo jogo desses mesmos imperativos.

## O HOMEM

Eu prório vi Gustavo Barroso uma única vez na vida, num encontro fortuito no escritório de uma editora, onde nos fomos apresentados há quase trinta anos. Tive uma impressão desagradável do homem, já à vontade dentro do seu sucesso e da sua glória da Academia e intelectual de grande renome. Ares importantes, decisivos, dominadores, enquanto eu ainda unicamente médico, introvertido e humilde na minha profissão. No entanto, acredito estar longe de ter sido verdadeira essa impressão, pois hoje, estudando a sua vida e a sua obra, julgo sermos dotados de temperamentos opostos, tornando-se fácil, mesmo nos seus rompantes e nas suas intolerâncias, descobrir as desarmonias e contradições que marcaram fundamente a sua vida. Olegário Mariano, prefaciando o seu livro de poesias, diz que Barroso,

> homem de pensamento e de cultura, parece as mais das vezes exilado em si mesmo, dentro da torre de marfim de uma vaidade sem limites. Que erro lamentável o daqueles que assim o julgam! Não há, na face da terra criatura mais simples nem mais sensível. Eu o afirmo com a autoridade de quem viveu sempre ao seu lado nos bons e maus momentos... Necessário se torna, eu bem compreendo, conhecê-lo de perto para poder julgá-lo através da criatura que ele é, não pelo retrato físico do homem público tão incompreendido pelos seus semelhantes. Gustavo Barroso só surpreende aqueles que não o conhecem na intimidade!

Adelmar Tavares comparou-o às juremas do Ceará, "que podem ter espinhos, mas também quanta flor!" E Herman Lima, que o conheceu na intimidade, afirma que era um homem cordial, cuja aproximação muitas vezes não parece fácil, embora fosse de grande ternura para os amigos. Peregrino Júnior lembra que, na presidência desta Academia, Barroso foi leal, tolerante, delicado, compreensivo, bem educado, um autêntico democrata, apesar de suas fumaças totalitárias. Acrescenta que não se gabava do amor e da admiração das mulheres nem se amofinava com a inveja dos homens.

O seu aperto de mão era quase violento:

> Não gosto dos homens que dão a mão molemente ou fugidiamente, que não sabem reagir ao aperto da minha. Tenho horror a essas mãos de sapo. Se as convenções sociais não me obrigassem a compactuar com certas coisas, jamais falaria com indivíduos de mãos flácidas. Suas almas devem ser como essas palmas frias, viscosas e sem vida, incapazes duma ação nobre e desinteressada. Quando, por acaso, aperto uma dessas mãos, experimento a sensação de que palpei um batráquio e lembra-se do aperto de mão sadia e brusco de um velho sertanejo,

que fora seu grande mestre de coisas do sertão e de folclore. Não há dúvida de que, na descrição de Barroso, há boa parte de verdade, pois o aperto de mão pode traduzir muito da personalidade e da psicologia do indivíduo. No seu próprio caso é isso bastante característico, como se pode concluir de inúmeras particularidades da sua vida. Além disso, falava e exprimia-se bem, a sua dicção era pura e cristalina expondo sempre o assunto com clareza, amplamente, diretamente, como tenho ouvido de muitos dos seus ouvintes.

Gustavo Barroso era um belo tipo de homem, que primava pelo porte e a elegância. Herman Lima descreve-o como "alto, espadaúdo, o peito aberto numa altaneria de gladiador... de uma beleza varonil, a cabeça de traços enérgicos contrastando estranhamente com o olhar velado, de uma singular melancolia sonhadora. Austregésilo de Athayde, que também o conheceu desde menino, dele se despedindo como Presidente da Academia, no dia do funeral, recorda-se dos tempos em que, como aluno do Seminário de Fortaleza, passeando com os colegas, viu-o como uma aparição maravilhosa: "Montavas um cavalo alazão e entre os olhares atônitos dos rapazes que humildemente se preparavam para o sacerdócio passaste como uma visão romântica de inesquecível beleza. Terias 25 anos e já eras o famoso autor de *Terra de Sol*. João do Norte! exclamou um dos seminaristas e foi como se um frêmito de admiração e glória apanhasse aquela comunidade de monges que viviam na distância das coisas do mundo, mas também sonhavam com o triunfo no leito de lona do seminário pensando na visão daquela tarde, quem sabe se com inveja do garbo e da glória que tão cedo se incarnavam naquele triunfador". No Rio, Barroso tornou-se leão da moda, vindo à tarde para a Avenida, onde se postava na esquina de *O Paiz*. "A sua estatura, a sua corpu-

lência, o apuro no trajar, certa insolência que apresentava para os que não o conheciam, marca sua personalidade."

## O INSTINTO

A vida e a obra de Gustavo Barroso oferecem ensinamentos prodigiosos, quer do ponto de vista psicológico, quer sobretudo do pedagógico e educacional. O que parece imperativo em todas as manifestações da sua existência são os seus impulsos instintivos, a sua tendência para a liberdade, para a independência, para a afirmação da sua personalidade. Aprende a ler aos três anos de idade e revela pendores intelectuais e artísticos desde muito cedo. Mas depois, no Liceu, torna-se um péssimo aluno, é reprovado e até excluído do estabelecimento, embora tendo interesse e sobressaindo-se em algumas disciplinas. Quando passa a prestar preparatórios, estudando como o bem entende, torna-se um aluno excelente, que vai brilhar na Faculdade, apesar de muito faltar às aulas. Em compensação está a ler e escrever, adquirindo espantosa erudição. Isso sobressai dos seus livros e dos seus múltiplos trabalhos, desde época muito precoce. Com ele aconteceu o que é regra muito freqüente: de a boa aprendizagem não vir da escola, dos cursos da Universidade, sim daquilo que é aprendido colateralmente, sem exigências ou obrigações, livremente, de acordo com o temperamento e as tendências mais íntimas de cada um. Barroso definiu-se prematuramente nesse sentido, sendo natural que, se tivesse seguido outro caminho, muito diferentes teriam sido a sua vida e a sua obra. Não há dúvida de que é o interesse direto, a verdadeira atração ou curiosidade pelos problemas que definem o indivíduo, mostram a sua vocação, indicam a rota que deve preferir. Quem não se interessar por livros, coisas espirituais, é pouco provável que possa depois a eles se entregar com dedicação. Isso é válido para qualquer carreira intelectual, como pode ser ilustrado esplendidamente por eminentes membros desta Academia. Uma análise dessa a pode constituir uma fonte de fecundos ensinamentos e inesperadas revelações, antes de tudo para mostrar quanto as inclinações instintivas podem conduzir a realizações culturais. Gustavo Barroso encontrou o caminho desimpedido e pode realizar a sua vida de acordo com o seu temperamento, caminho desempedido no sentido de poder lutar, contrariar ordens superiores, fazer

imperar a sua vontade. E os recursos que tinha à mão eram a oposição, que se revelava tanto pelos seus insucessos no Liceu, quanto a vadiagem que pôs em prática durante longo período da vida. Foi talvez essa a sua grande força, a maior razão dos seus sucessos e das suas derrotas. Não sei bem o que teria acontecido, se tivesse seguido aquela aprendizagem, trôpega, banal, igual para todos, invariável na sua monotonia. Acredito que muitos dos valores, dos maiores desta Academia, a começar por Machado de Assis, não teriam alcançado a sua plenitude intelectual, o lugar que vieram as Letras do nosso País, se tivessem seguido cursos universitários regulares, passando depois à profissão dada pelo diploma.

Ninguém é capaz de fazer um bicho qualquer, um cavalo por exemplo, beber água, se ele não tem sede. Mas se a tem, então saberá encontrá-la com habilidade, com uma perspicácia que pode encher de admiração ou até de incompreensão o próprio homem. Com a cultura e a sabedoria o fenômeno não é muito diferente, embora seja possível obtê-las compulsoriamente de cursos e treinamentos apropriados aos medíocres e inferiores, que viverão dentro de um mundo sofisticado, que eles próprios estarão longe de perceber. O apanágio principal do homem de letras, do intelectual, é o de viver sedento de livros e leituras, de o estudo tornar-se para ele um imperativo profundo e decisivo da vida, uma atividade com os característicos de uma verdadeira vocação, não de qualquer banal obrigação. É quase como o caso de um daqueles bichos a que me referi, que, sedento, sabe encontrar água para matar a sede. A sede de aprendizagem, de leitura, de devoção intelectual é que me parece imanente, dando o verdadeiro valor de uma personalidade. Estudar, aprender, formar-se dentro de uma rotina escolar é hoje a grande fábrica de medíocres e inferiores, que dominam o mundo e a civilização, dentro de uma bitola que serve para todos. É daí que vêm os leitores de jornais, de revistas, de ilustrações e de outras publicações que lhes podem excitar superficialmente o interesse, como acontece igualmente com o cinema, o rádio, a televisão. É uma autêntica industrialização de conhecimentos, muitas vezes em desacordo com as tendências mais íntimas do indivíduo, que se torna vítima desses processos de sofisticação. Processos de sofisticação que dominam o mundo contemporâneo de maneira cada vez mais avassaladora, quase impondo ao leitor o que a crítica determina ou o interesse do editor podem comandar. Assim, o

adulto não se encontra muito longe da criança, que pode ser arrastada e dominada por história de quadrinhos e outros produtos artificializados capazes de conquistá-la, assim como o açúcar e o doce enganar o seu paladar. Acredito que tudo isso esteja muito errado e seja muito prejudicial como tenho procurado mostrar em alguns dos meus trabalhos. É nesse sentido que o caso Gustavo Barroso impõe-se como um exemplo magnífico que prova quanto a sua personalidade foi piedosa e singular, formando-se e desenvolvendo-se segundo os seus imperativos mais íntimos e naturais, embora criados alguns por erros educacionais. Mas ele ficou a cavaleiro dos cataclismas e soube encontrar o seu caminho servindo o seu temperamento e as suas propensões mais instintivas. O que é preciso ser posto em relevo é o fato de somente as tendências instintivas, que caracterizam a vocação do indivíduo, serem suscetíveis de dar-lhe aquela energia, aquela persistência, aquela devoção necessárias a um trabalho contínuo, infinito, capaz de encher uma existência, por vezes sem deixar tempo para outras atividades, como foi o caso de Gustavo Barroso e de outros ilustres membros desta Academia.

Com Gustavo Barroso, as modificações se vão operando lenta e progressivamente, sem perderem contudo os seus característicos fundamentais. Da infância passa à mocidade e desta à idade madura, mas sempre conservando-se o mesmo homem, tão fixo, tão pouco variável, que parece uma continuação, elos que se entrelaçam numa longa cadeia, guardando entre si estreita correlação. Assim, desenvolve-se da criança mimada e voluntária ao moleque dominador, moleque que sonha com farda e galões, em ser general ou almirante, mas que prossegue como peralta da rua, vadio da escola, colecionando reprovações, perdendo anos, até ser excluído do Liceu! Entretanto, aos três anos de idade, sabia ler, sem aprender! É a oposição que o conduz, que o leva a cometer desregramentos, a tornar-se insuportável dentro das suas reações.

## O ESPÍRITO DE OPOSIÇÃO

Quando acadêmico de Direito, no Ceará, faz Jornalismo, talvez mais para lutar, na oposição. É a época das mofinas e insultos, que ele recebe, primeiramente, em geral, atirando-os e depois precisando revidá-los. Mete-se em

sociedades secretas e terroristas, que realizam sessões alta noite, quando a cidade dormia como uma pedra...

> Forrávamos as paredes de fazenda preta ordinária, semeada de caveiras e tíbias cruzadas, que pintei a alvaiade... Sobre a mesa, coberto de preto, um tinteiro, dois castiçais com velas e um punhal. Realizávamos as sessões de rosto inteiramente coberto de cogulas de chita preta, em que os olhos brilhavam nos dois buracos. Ritual e juramentos de arrepiar. Por eles nos comprometíamos a libertar o Ceará e implantar o Socialismo.

Estão vendo quanto o jovem acadêmico provinha do menino terrível e endiabrado? A política invadira a Faculdade de Direito, cujos estudantes dividiram-se em campos rivais, cheios de ódio. "Atraído muito cedo pela oposição, embora meu pai fosse amigo particular e sincero do velho Acioli, logo no primeiro ano do curso tomei atitude franca contra o governo." Aliás, essa atitude é muito mais explicável pelo fato de ser o pai amigo do governador, do que se não o fosse. Trabalhou em alguns jornais de Fortaleza, sempre na oposição e com tendências socialistas. Mas, antes de tudo, é irreverente, quer meter tudo à bulha e ao ridículo. Em fins de 1907, funda com um companheiro um jornal – *O Garoto*, que é apresentado como crítico, desopilante, molieresco e rabelaisiano. "Mexia com Deus e todo o mundo." Começou a carreira jornalística com João Brígido, espírito combativo e que se tornou célebre na política, na advocacia, na imprensa. Depois tornaram-se inimigos, o que Barroso atribuiu "a coisas feitas por outros. A política nos ajuntou e nos separou... Sua pena cruel nunca poupou ninguém senão enquanto isso lhe convinha. Espalhou em volta de si a falta de respeito pelas coisas mais sérias. Foi um acanalhador do talento. Não o respeitavam temiam-no".

Desde cedo, Barroso entrega-se a uma luta terrível e sem tréguas em que a polícia e a violência representam o papel principal. Ele descreve a surra terrível que recebeu Américo Facó, espírito de elite, cheio de bondade e sabedoria, que tive a ventura de conhecer aqui no Rio e que faleceu há poucos anos. Facó abandonou a luta e expatriou-se de Fortaleza, passando Gustavo Barroso a ocupar o seu lugar no *Jornal do Ceará*. A luta prossegue e, em breve, é o gerente dessa publicação que é surrado e deixado como morto na praça públi-

ca. Mas depois, procurando vingar-se numa desforra, morreu na luta e matou o seu contendor.

No *Jornal do Ceará*, em substituição a Américo Facó, Barrroso acabou colaborando em quase toda as seções, indo da Política ao humor, do editorial à anedota. Foi a época de atacar e ser atacado, época em que vivia sob ameaças, despejando o governo sobre ele as suas baterias. Tornou-se vítima de variadas perseguições, a começar pelas que lhe negavam qualquer intelectual, procurando humilhá-lo ou desmoralizá-lo. Evidentemente era a reação contra as suas agressões, que muitas vezes primavam pelo humorismo. Mas a situação ia-se agravado e por fim "as ameaças do governo exigiam medidas de prudência e segurança pessoal". Ele não chegou a apanhar, embora havendo sido muitas vezes ameaçado. "Deixei o Ceará antes que as ameaças se realizassem... Malgrado minhas precauções, não me era possível continuar em Fortaleza. Violenta discussão na imprensa e o que escrevia constantemente contra o governo teriam fatalmente como fim a surra policial ou coisa pior. Era forçoso emigrar, destino do cearense pela seca, pela pobreza ou pela política." Dessa atividade, alguns trabalhos iriam aparecer mais tarde em livros tendo por vezes difusão no estrangeiro. Por esse tempo já colaborava na imprensa do Rio, da qual tornar-se-ia depois um dos elementos mais fecundos e representativos. Usava então pseudônimo de João do Norte, com o qual primeiramente se celebrizou na Literatura. Em abril de 1910, parte para o Rio, abandonando o *Jornal do Ceará*, depois de uma disputa com o redator chefe, que lhe quis modificar o artigo de fundo, enxertando elogios ao candidato à presidência da República. "O caso decepcionou-me quanto à pureza de intenções de certos oposicionistas." Parte para o Rio, quase como um emigrado, pronto para a luta, sem saber o que o iria esperar. Muitos o dissuadem da empreitada e, por diversas vezes, parece que é ele próprio que se arrepende, mesmo quando já está colhendo vitórias que muitos os invejariam. Há informações de que passou fome e dormiu em bancos de jardim, sendo ele próprio que informa que andou sem vintém na algibeira, mas com muitos sonhos na cabeça. Lutou à cata de emprego e muitas vezes apertaram as saudades e o desejo de voltar para o Ceará. "Mas como enfrentar a família e os amigos depois de fracassado?" Ainda no fim da vida, lastimava haver deixado a sua

terra, perdendo as suas belas frutas, os cajus, as mangas, as atas, as laranjas, os sapotis, sobretudo as graviolas!

## NO RIO

Depois de cursar a Faculdade de Direito do Ceará durante três anos, de 1907 a 1909, vem concluir os estudos na do Rio.

> Não perdi um ano. No primeiro, prestei exames na época normal. Nos outros, em segunda época, porque trabalhos de professor, desenhista, cenógrafo e jornalista, com que ganhava a vida, não me permitiam freqüentar aulas. Obtive sempre boas notas. Alguma vezes, as melhores.

Estudava com prazer as matérias do curso, sobretudo as de caráter mais filósofo. Um professor, Soriano de Albuquerque, que reunia em sua casa, nas tardes de quinta-feira, os alunos que só tiravam distinção, considerava-o o seu melhor aluno. Soriano era professor de Filosofia de Direito e naquelas tertúlias a conversa era sobre os grandes espíritos que haviam ilustrado o mundo. Ele tinha aversão pelas outras cadeiras do curso, detestando os livros e os autores de tais disciplinas. Detestava-os cordialmente e com o meu espírito de tendência militar; mas, como não havia outro remédio, engolia-os certo de não os digerir muito bem. Plenamente e distinções choviam-me na cabeça. Decididamente tomara vergonha de uma vez como estudante. Longe os tempos das vadiagens do Liceu". Estava dando para gente, surpreendendo os seus velhos mestres e conhecidos! Torna-se um jovem esforçado, apaixonado pelos trabalhos intelectuais, ávido de conhecimentos.

Desde cedo, tornou-se oposicionista e acredita-se envenenado pelo espírito de análise do século XIX, que evidentemente estava mais de acordo com as suas tendências de revolta e oposição. Um professor de francês, com quem aperfeiçoa conhecimentos nessa língua, instila-lhe "o ódio da burguesia e o amor do proletariado, um grande anseio da justitiça social que até hoje não se acalmou no meu espírito. Deu-me a ler Bakunine e Lasalle, Proudhon e Karl Max, muito influindo em minha formação mental". Passei também esse mesmo caminho, participei desses mesmos sentimentos, tendo a justiça

social feito parte dos meus entusiasmos, até hoje! É o estalo que explode comumente na mocidade, em geral envolvendo o problema religioso, embora variável de intensidade e não obrigatório na cabeça de todo mundo.

Quando vem para o Rio, como quase todos os provincianos, anda à procura de emprego, das coisas mais difíceis de alcançar naquela época. Basta dizer que o conseguiu no interior de Minas, na velha cidade de Congonhas, onde foi trabalhar como agrimensor, profissão que desconhecia e da qual precisou aprender o necessário à execução da sua tarefa! Dessa cidade, enviava colaboração para o *Jornal do Commercio* do Rio, onde mais tarde passou a trabalhar na redação. "Completei a minha educação de jornalista dentro do velho órgão e lhe atribuo a couraça com que pude resistir a todas as seduções da imprensa escandalosa, preferindo antes o retraimento do que certa publicidade."

O que se percebe freqüentemente nos trabalhos de Gustavo Barroso é a sua independência, a sua sinceridade, o seu entusiasmo pelo que é justo, digno, superior. Numa conferência sobre Rodolfo Teófilo, diz que, na sua vida intelectual, um dos títulos que mais o envaideceu foi haver merecido a estima e a consideração desse escritor, dada a pureza da sua alma, a limpeza das suas intenções, a incorruptibilidade do seu caráter. Ninguém foi mais puro do que Teófilo. Embora acrescente que nunca houve apóstolo que não levasse pedradas. Mostra que ninguém superou Teófilo nas descrições da seca do Nordeste, da qual foi um observador emocionado. Revolta-se pelo fato de a sua obra não ter a repercussão merecida e ajunta:

Que me importa, nesse grande louvor, o descuido na maneira de escrever, pronome mal colocado, francesismo, este ou aquele vício ou erro, se ele pinta verdadeiramente o drama angustioso do elemento humano". Fala então do charlatanismo, do elogio mútuo, da sofisticação em torno da mediocridade, ao passo que Teófilo era "o novelista nato pelas qualidades de observação e descrição, pela imaginação criadora, pela capacidade de transmitir emoções e pelo íntimo conhecimento do assunto tratado.

## GOETHE

Barroso tinha pouco mais de vinte anos quando a Livraria Garnier, em 1914, poucos meses antes da Guerra Mundial, deu-lhe a incumbência de tra-

duzir o *Fausto* para o nosso idioma, do qual existia apenas o trabalho de Castilho, em verso. A tradução apareceu em 1920 e mereceu referências elogiosas, por exemplo de Sérgio Buarque de Holanda, que achou "mais de acordo com o original que a de Castilho, excelente, utilíssima", pois visava antes de tudo a difusão educativa dessa obra da Literatura mundial. Naquela época, Barroso não se animou a meter-se pela segunda parte do *Fausto*, cuja tradução justificava a opinião de Madame de Stäel, que a julgou intraduzível, porque "obrigava a meditar sobre tudo e sobre alguma coisa mais do que tudo". É Barroso que o repete, acrescentando que "a grandeza da obra de Goethe está justamente em que, nas menores coisas, é tão profunda como nas maiores. Suas raízes vão muito longe na gleba inesgotável das tradições, dos sentimentos, das ciências". Muitos anos depois, relata a sua passagem por Weimar, antes da derrocada nazista da Alemanha e a destruição da cidade. Viveu aí alguns dias e, pelas visitas que fez à residência e à casa de campo de Goethe, à habitação de Schiller e a outros monumentos históricos, acredita ter sido dos últimos brasileiros que peregrinou "por aquela cidade célebre, ainda intacta, em visita aos lugares imortalizados pela vida e pelas obras de Goethe e Schiller". Eu também por lá andei, uma dezena de anos antes, e hospedei-me no Parkhotel Erbprinz, o mais tradicional da cidade, fundado em 1749, onde estiveram Napoleão, Liszt, Mendelssohn, Weber, Humboldt, Hebel, Berlioz e inúmeras outras grandes personalidades, de algumas das quais existiam os apartamentos que habitaram e receberam o seu nome. Foi aí que encontrei, numa das paredes, o retrato do nosso D. Pedro II, com a data da sua visita a Weimar. Relato essa particularidade porque a ignorava e nunca a vi citada por nenhum autor, provavelmente havendo escapado a Gustavo Barroso, que se hospedou em outro hotel, no Elephant, também histórico, ainda mais velho que "Erbprinz", fundado em 1521. Barroso refere-se ao livro de W. Hoffman-Harnische – *Goethe e o Brasil*, onde vem assinalado que o pensador alemão, na sua obra, refere-se 84 vezes ao nosso País, não havendo dedicado a nenhum outro, fora da Europa, tanto interesse. Goethe conhecia a História do Brasil, lera algumas das obras sobre ciências naturais, procurara conversar com viajantes sobre o nosso País, estudava as suas plantas, os seus minerais, as suas formações geológicas. Entusiasmara-se pelas nossas palmeiras, tão majestosas e variadas, mas não conseguiu obtê-las cultivando semen-

tes. Foi tão longe que chegou a traduzir para o alemão canções dos nossos índios! Por todas essas razões, Barroso considerou um dever de gratidão celebrar o centenário desse gênio, "cidadão do mundo pela beleza da sua vida e o espírito universal da sua obra". Pergunto agora, lembrando-me do retrato de D. Pedro II que vi em Weimar: quanto haverá o nosso imperador contribuído pessoalmente para Goethe interessar-se pelo nosso Brasil? Acredito, que como no caso de Wagner, poderosamente, para glória do seu nome e do Império, dessa Monarquia que, como diz Barroso, era a única república do Continente!

O que sobressai da obra de Barroso é o seu interesse pelas coisas de espírito, o seu ardor de trabalho que o levam a aprofundar-se em variados terrenos culturais, por vezes regiões inesperadas, que sabe explorar com mestria. Nesta Academia, fez duas conferências sobre Eça de Queirós, que mostram quanto conheceu profundamente esse escritor, quando penetrou a sua psicologia, revelando também quanto depende do leitor a maneira de compreender qualquer autor. Desde cedo, é empolgado por Eça, numa época em que as suas predileções levavam-no ainda a Ponson de Terrail, Júlio Verne, Dumas, Cooper. Depois, sobe na escala cultural, passa a ler Walter Scott, Alexandre Herculano, Rebelo da Silva e então mais ativamente Eça, que acaba sendo o seu autor predileto, autor que irá reler e estudar em Portugal, achando-o o mais português dos seus escritores. "Sua obra toda está impregnada de Portugal, sabe a Portugal, cheira a Portugal!" Na sua conferência – "Meus encontros com Eça de Queirós" – há páginas de magníficas observações, que mostram a evolução intelectual do próprio Gustavo. Eu passei igualmente por essas fases de desenvolvimento antes de chegar ao Eça, mas fiquei por mais tempo ancorado ou fixado em Júlio Verne, assim como Barroso fê-lo em relação a Fenimore Cooper. Mas Eça tornou-se para ele, assim como para mim, o deus soberano, que certamente chegou a conhecer a fundo, tal como acredito ter sido o meu caso. O que ressalta dos seus "Encontros" com o escritor, assim como de outra conferência que proferiu nesta Academia em novembro de 1945 sobre *Eça de Queirós e a Política Internacional* –, é ser esse escritor

> um dos mais atilados correspondentes de jornal que tem existido. Alicerçado numa cultura invulgar, servido por um estilo maravilhoso, sabia observar e comentar com tão fina sensibilidade, tanta graça, tanto a propósito e espírito

crítico que suas crônicas e correspondências na maioria não envelhecem e conservam saboroso gosto de atualidade.

Eu próprio tenho esta impressão a julgar pela leitura recente das *Cartas de Inglaterra* e dos *Ecos de Paris*, que me fizeram reviver com delícia meus entusiasmos literários da juventude. Passaram-se desde então muitas dezenas de anos, mais de meio século, mas acredito que foram as leituras daquela época que conservaram no recôndito do meu espírito os ensinamentos literários, que mais tarde viriam possibilitar-me a tarefa de escritor, acabando por abrir-me as portas desta Academia. Barroso exclama, com toda a razão, que foi uma época maravilhosa aquela em que um cônsul de Portugal, servindo numa Nação estrangeira, podia criticar-lhe abertamente a Política sem que nada lhe acontecesse. Fala da formidável liberdade que gozavam os diplomatas daqueles velhos tempos, hoje reduzidos a escravos dos protocolos, sempre cheios de medo quanto às opiniões que devem externar.

Um outro autor pelo qual Barroso teve grande predileção é Balzac, como bem mostra a sua conferência – *O Segredo de Balzac*, pronunciada em novembro de 1950 nesta Academia. O escritor francês era, como Barroso, filho de tabelião, mas desde cedo revelou aversão por essa carreira e tendência para as Letras. O seu segredo foi uma mulher, mulher vinte anos mais velha do que ele, mãe de nove filhos, culta, inteligente, sentimental, mas infeliz no casamento. É espantoso o papel que representou na vida de Balzac, que por sua vez "prestou imenso serviço às mulheres pelo que elas nunca lhe serão suficientemente gratas, duplicando-lhes o período do amor. Antes dele, todas as apaixonadas dos romances tinham vinte anos. Ele prolongou até os quarenta a sua vida ativa. Defendeu para elas a causa da Natureza e da verdade. Livrou o amor do preconceito da mocidade... Foi esse o dom imortal que, na sua generosidade, fez o gênio de Balzac às mulheres e humanidade". Barroso, citando essas frases de Harotauy e Vicaire, termina a conferência sobre Balzac, glória da França e da nossa civilização, dizendo: "Inclinemo-nos diante do seu gênio e ajoelhemo-nos diante da bondade daquela mulher que foi o mais belo segredo da sua vida". Isso depois de citar Victor Hugo que afirmou: "Debaixo do céu somente há uma coisa adiante da qual nos devemos inclinar – o Gênio, e uma coisa diante da qual devemos nos ajoelhar – a Bondade".

## ENTRADA PARA A ACADEMIA

Gustavo Barroso foi eleito para esta Academia no dia 8 de março de 1923, concorrendo com o grande historiador Rocha Pombo, que teve sete votos, enquanto ele 23. Dos três candidatos restantes, um recebeu dois votos, outro apenas um e último nenhum. Tinha então 35 anos, sendo o mais jovem dos imortais. Fora Secretário do Interior e Justiça do Ceará, depois deputado federal, partindo como secretário da Embaixada à Conferência da Paz, sob a direção de Epitácio Pessoa, em 1919. Teve as funções de inspetor escolar, que deixou quando passou a diretor do Museu Histórico. Entrou para esta Academia depois de haver concorrido a quatro vagas, uma vez em duas delas ao mesmo tempo, conforme vem declarado no seu pedido de inscrição. Quando eleito e recebido em 1923, tinha publicado dezessete volumes, entre os quais três traduções editadas em Paris: *Fausto*, de Goethe, *Lições de Moral* e *Vocabulário das Crianças*, todos de 1920. O seu primeiro livro é *Terra de Sol*, editado no Rio em 1912. Depois vem: *A Balata*; *Praias e Várzeas*; *Idéias e Palavras*; *Heróis e Bandidos*; *Tradições Militares*; *Ronda dos Séculos*; *Casa de Maribondos*; *Ao Som da Viola*; *Coração da Europa* e *Mula Sem Cabeça*. *Tratado de Paz*, da época em que faz parte da Missão Epitácio Pessoa na Europa, foi por ele traduzido e – *Uniformes do Exército* e *Pergaminhos* aparecem em Paris em 1922. Eram esses os seus livros, acompanhados de abundante bagagem jornalística, quando entrou para a Academia. Depois, a sua produção foi crescendo rapidamente, abrangendo variados territórios das Letras. Ao mesmo tempo, a sua atividade na imprensa foi sempre das mais produtivas, havendo certa vez informado a Josué Montello que se reunisse tudo que publicou daria mais de trezentos volumes. Escrevia fluentemente, quase sem corrigendas, sempre à mão, numa letra firme, ligeiramente arredondada.

É necessário acompanhar a obra de Gustavo Barroso através de toda a sua extensão para se poder calcular o valor do homem e do escritor. Um dos seus característicos principais são as suas tendências regionais, o sentimento da sua terra, as afinidades que tem pelo Nordeste e o Brasil, o que explica muitos dos seus livros e das suas produções históricas, sempre de caráter mais nacionalista. Ainda no Ceará é Araripe que lhe diz: "O Ceará vive sempre dentro de nós, por mais que nos afastemos dele. Às vezes teima em sair e sai!

E despedindo-se: "Menino, ponha logo para fora o Ceará que você traz aí dentro!" Seguiu-lhe o conselho e publicou, como primeira obra, *Terra de Sol*, o seu melhor livro!

## *TERRA DE SOL*

O que ressalta ainda da sua obra é a erudição, a massa imensa de conhecimentos que adquiriu, não para explorá-los com um critério científico frio, objetivo, impessoal, sim dando-lhe forma mais sugestiva, mais colorida, mais sentimental, na qual transparece o seu temperamento, o seu patriotismo, o seu amor pelas coisas do Brasil. O Brasil está sempre presente nas suas lutas e nas suas criações. É o fator mais constante da sua obra, penetra tudo que ele pensa e observa, mesmo no estrangeiro. Há, em quase tudo que escreve, um sabor local, quase lembrando o Ceará, a presença da sua terra. Por isso, vive também muito do passado, nele encontrando as melhores fontes de inspiração e criação. Assim, serve-se da erudição, da imaginação, da emoção para trabalhar temas que lhe trazem a vida ou a história. E por que deve ser a sua opinião sobre esses temas única, fixa, irredutível, invariável, se a própria psicologia que os domina está sujeita a variações? O que há talvez de mais marcante na obra de Gustavo Barroso é justamente a sua espontaneidade, a sua inspiração natural que decorrem dos fatos e das suas observações pessoais, não provindo unicamente da leitura de outro livros e trabalhos, que podem dar mais harmonia, mais igualdade, menos variações e contradições, uma vez que já estão padronizados pela atividade de outros cérebros. Barroso é mais livre, mais espontâneo, mais original, razão pela qual muitos de seu livros, a começar por *Terra de Sol*, conservam-se novos, atuais como no dia em que apareceram. É Afrânio Peixoto quem diz que as suas idéias e os seus documentários são sóbrios, fixando "sem insistência a documentação necessária. Ao cabo, tem-se a cena ou a figura, evocada no seu meio, vivendo para nós. É um efeito de Arte que não traz artifício algum, tão natural aparece".

É hábito muito comum falar-se mal das academias, assim como dos seus membros. Isso é da natureza humana. Aquele que não pode subir e alcançar níveis superiores, contenta-se com rebaixar os que estão no alto. Gustavo Barroso tem sido vítima dessas imprecações, alguns querendo ver na

sua obra o superficial, o apressado, o incompleto, "o que pode ser verdade numa parte dela, pela sua extensão no tempo e as proporções que alcançou". Mas sobre o que não pode haver dúvidas é sobre a erudição do autor, o seu trabalho afanoso através de toda a vida, a sua cultura que se veio fazendo desde os primeiros anos da existência e desenvolveu-se através de toda ela, sempre com um máximo de interesse, dedicação, de quase devoção ou abnegação. É esse o característico supremo da sua personalidade, que me leva a poder falar dela com a mais sincera admiração. Os loucos nunca devem ser julgados pelos atos normais e perfeitos que praticam, como também não os literatos e os artistas pelos trabalhos mais fracos ou menos felizes que produzem. No entanto, essa regra é freqüentemente violada, quer admirando-se o bom senso dos dementes, quer menosprezando o intelectual pelo que produziu de menor valia. O bom de cada um é o melhor que pode oferecer! Nesse sentido, a situação de Gustavo Barroso é ótima, porque a sua formação é das melhores e os seus imperativos dos mais nobres e elevados. Neste momento, refiro-me à sua cultura, que resplandece nas conferências desta Academia, quer falando de Isabel, a católica, a criadora da América cristã, quer de Eça de Queirós, de Balzac, de Cervantes, de Camões, de Rodolfo Teófilo ou recebendo visitantes como Kipling, Durtain, Júlio Dantas, o ministro Gimenez ou recepcionando acadêmicos como Olegário Mariano e Pedro Calmon. Mas, acima de tudo, quero colocar as suas conferências sobre Goethe, falando uma vez sobre o Sabat na sua obra genial e da outra em comemoração ao bicentenário da sua morte. É de vantagem lembrar que Barroso desde cedo aprendeu línguas, o inglês, o italiano, o alemão e sobretudo o francês, que chegou a conhecer profundamente. Ainda no seu leito de morte, sem se dar conta da gravidade da doença, recitava poesias em línguas estrangeiras, em francês, inglês e mesmo em latim, como nos revelou Austregésilo de Athayde, o nosso presidente, que o acompanhou carinhosamente até a terminação fatídica da moléstia.

## NA ACADEMIA

Na Academia, Barroso realça o mérito de muitos dos seus conterrâneos, alguns dos valores mais elevados da nossa nacionalidade. É assim que fala dos cearenses José de Alencar, Juvenal Galeno, Araripe Júnior, Tomás Pompeu e

outros, mas também dos grandes de outros Estados e do estrangeiro. É ele ainda que recebe Durtain e agradece a Robert Garric pelo curso de Literatura francesa dado na Academia, então sob a sua presidência. Além disso, fala de Lope de Vega numa conferência que é uma revelação pelo que tem de estudo da obra e compreensão do autor. Fez ainda outras conferências sobre diversos temas, em geral mais ligados às suas tendências históricas: uma sobre *Ouro Preto, Cidade Sagrada*, outra sobre *Petrópolis*, uma terceira sobre *Mauá e o Prata*, e ainda: *O México e o Catolicismo*, *O Brasil dos Brasileiros*, *A Alma das Catedrais*, *Walter Scott*, *Tomada de Lisboa aos Mouros*, *A Morte de Gonçalves Dias*, *Vida, Obra e Morte de D. Quixote*, *Conferência na Bahia* e inúmeras outras.

Esplêndida a lição que aqui realizou no Curso de Poesia em 1953, tratando da Poesia popular, na qual analisa em profundidade o mecanismo da sua criação entre os diversos povos, ilustrando-a com numerosos exemplos da nossa gente. Conclui que essa Poesia é sempre semelhante no seu pensamento fundamental, é um grito de sentimento, uma expansão que eleva e sublima, sempre idêntica, porque "o homem é o mesmo onde quer que apareça, quando chora, quando ri e quando canta, sobretudo quando canta". Num outro ciclo de conferências ocupa-se do conto popular, uma preleção rica de ensinamentos, onde a erudição liga-se intimamente à sua observação pessoal. É uma lição magistral, que dá interpretações próprias a alguns dos fenômenos estudados, sempre com grande perspicácia e conhecimento de causa. É estudo que merece atenta leitura e que julgo das suas melhores produções.

Depois da sua entrada nesta Academia, fazendo o elogio de D. Silvério Gomes Pimenta, recebe Olegário Mariano e mais tarde Pedro Calmon. Passa três vezes pela presidência desta ilustre Casa, numa delas falando longamente sobre Francisco Alves, que trata com imenso carinho e reconhecimento. Há sempre nas suas palavras muita sinceridade, a preocupação de exaltar a justiça, a bondade, a dignidade. Referindo-se à morte de Getúlio Vargas, diz que foram sempre amigos, amigos velhos, embora as suas idéias políticas divergissem, como é fácil verificar nas suas publicações. Mas ele próprio acredita que as suas nunca se modificaram, sendo, "em matéria de política, um vencido, não um convencido". Em outra ocasião, declara que não tem "outra autoridade senão aquela que emana de uma fidelidade às minhas crenças e opiniões e

duma independência moral mantida sem desfalecimentos, tanto ao sol da liberdade, quanto nas tristes sombras das prisões políticas".

## ERUDIÇÃO

O que surpreende em Barroso e demonstra a sua erudição é não só a variabilidade das questões de que trata, mas também a maneira pela qual a faz, sempre empregando linguagem rica em termos apropriados, técnicos, militares, náuticos ou do exército, assim como da indumentária e de todas as coisas do presente e de épocas passadas, sabendo o nome de todas as aves, de todos os peixes, de todas as árvores, de todos os utensílios, tanto no linguajar do nosso povo através do folclore e das suas expressões mais variadas quanto em relação aos hábitos de outros povos. É todo um dicionário de língua brasileira, do qual se serve com profundo conhecimento regional, mas que, em outras obras, resplandece pela contribuição do passado, a começar pela linguagem, por exemplo toda medieval em *Pergaminhos*, obra impressionante pelo que tem de sabedoria, de fantasia, de finura espiritual. Fiquei perplexo diante da abundância de termos aí empregados, para mim desconhecidos, mas certamente também para a maioria dos homens cultos da época atual. É tão variada a terminologia, que se tem de usar dicionário, não raro, muitas vezes para uma mesma página. É realmente extraordinário o seu vocabulário, quer o regional, quer o de culturas passadas, que traduzem os acurados estudos a que se entregou. Além disso, sabe pintar paisagens e descrever personagens com mestria, sejam da vida ou do folclore, da realidade ou da imaginação. É tanto o romancista e o folclorista que conhece as minúcias e o colorido do ambiente e dos indivíduos, quanto o observador ou o repórter ágil, arguto quando anda pelo estrangeiro e traduz as suas impressões. Pode ser exato, preciso tanto nas linhas e contornos, quanto sentimental, lírico, fantasioso nas suas criações e interpretações. Pode ostentar sabedoria e observação como em *Terra de Sol*, *Pergaminhos*, *Ronda dos Séculos*, *Sertão e o Mundo*, *Através dos Séculos* e outros dos seus livros, quanto explorar o sentimento místico, a delicadeza espiritual, por exemplo no *Livro dos Milagres* e outras produções, assim como a ficção nas suas numerosas novelas, mas ainda também a anedota ligeira, o conto faccioso, a sofisticação alegre e divertida, como em *Mulhe-*

*res de Paris* e outras publicações. Onde impera, porém, pela superioridade é nos estudos das nossas tradições, do nosso folclore, das nossas lendas, que foram desaguar nos seus livros de história e de folclore, sobretudo nos das nossas guerras e dos seus heróis. O que não lhe falta, antes lhe sobra, é a espontaneidade, o talento de escritor, a sinceridade de sentimento. Ele sabe exaltar tanto o caboclo e o sertanejo, na sua simplicidade ou na sua bravura indômita, quanto atacar e agredir os poderosos quando se deixam levar por interesses subalternos ou escusas manobras políticas. Barroso tem muito de quixotesco quando vem lutar em campo aberto havendo sido o integralismo a sua maior e mais desastrada aventura. O mais significativo é que todas as suas tendências e rompantes podem ser explicados pelo desdobrar da sua vida, poderosamente influenciada pelos tempos da sua infância.

Vimos que os seus brinquedos de criança, ainda muito pequenina, já tinham caráter militar, sendo caracterizados por uma extraordinária capacidade de imaginação. Não é isso que ressalta também da sua obra, na qual se revela muito mais escritor do que historiador? Os temas são de História, mas o autor é por demais instintivo para ser o historiador tipo Topsius, que procura aprofundar-se investigando minúcias. Por temperamento, encontra-se acima dessas algemas e restrições, deixa liberdade para poder vibrar e impressionar-se segundo o jogo das circunstâncias. Representa isso um erro ou uma inferioridade? Não do ponto de vista intelectual e artístico e, menos ainda, dos da dignidade e liberdade espiritual. Um mesmo tema pode ser retratado das mais variadas maneiras, segundo seja o autor um poeta, um literato, um filósofo, um historiador. Todos estão certos à sua maneira, não sendo os escritores que se ocupam de História nem uma exceção nem uma anormalidade. A situação é tanto mais natural quanto a própria História comporta múltiplas e variadas interpretações, segundo a visão que conduz o escritor. Aliás, é regra muito geral de a extensão prejudicar a profundidade, de a variabilidade levar à superficialidade. É isso, no entanto, um mal, um defeito, uma insuficiência? De forma alguma, porque na criação literária há lugar para todos os temperamentos, cada qual podendo externar-se segundo as suas tendências. O historiador grave, solene, profundo é um tipo intelectual que tem os seus característicos próprios, naturalmente comandados também pela vida e o passado do autor, as suas vivências desde criança, certamente dependentes de

outros atributos, quer orgânicos ou psíquicos. É um todo que tem as suas razões de ser tão próprias e imanentes que somente elas poderão tornar compreensível o conjunto.

A obra de Gustavo Barroso é, nesse sentido, das mais interessantes, quer pela extensão, quer pela vida ou o ardor que soube insuflar em seus personagens. É uma obra bem arquitetada, suficientemente baseada na bibliografia existente, na qual perpassa o trabalho da sua imaginação, bem servida pelo instinto e a erudição. Não é uma história fantasiosa, sim respeitosa dos fatos e dos documentos, trabalhados ou explorados pela visão do literato. É o próprio Gustavo Barroso que declara que, nos seus trabalhos históricos, deixou lugar para expandir a sua fantasia, não raro usando enfeites e atavios literários para tornar o texto mais agradável. Para ele, a História deve ser antes uma obra de Arte do que de Ciência e assim condena "a mania generalizada de cientificismo" que dominou nesses estudos e acabou mostrando o seu exagero ou a sua irrealidade. Acrescenta que é preciso "iluminar a história com o esplendor solar das idéias, com a luz maravilhosa da vida espiritual", que se refletirá melhor na obra dos pensadores, escritores, poetas, dramaturgos, críticos, deixando de ser uma simples enumeração cronológica. Ele cita Anatole France, que diz "ser extremamente difícil escrever a história, pois não se sabe nunca como passaram os acontecimentos, crescendo as dificuldades do historiador com a abundância dos documentos". Barroso, que tem sido atacado como historiador, declara que os "seus livros sobre as guerras não têm a pretensão de ser mais do que a singela narração do que ficou na memória do nosso povo, no nosso folclore militar, minuciosamente documentado". Mesmo nos seus trabalhos, que parece imporem-se pelo caráter histórico, a julgar pelos títulos, prepondera o elemento literário, não raro mais subjetivo e emocional. É, aliás, o que ele próprio põe em relevo quando, em *Guerra dos Rosas*, em *Guerra do Lopez* e em outros livros declara, no subtítulo, que se trata de contos, e episódios dessas Campanhas.

## VALOR DA OBRA

João Ribeiro, em 1931, falando de Barroso, conclui que, atenta à sua idade, é o mais fecundo dos nossos escritores, pois já contava então perto de

cinqüenta volumes sobre os mais diversos gêneros literários, principalmente o romance histórico, a história e o folclore, que justificam a reputação merecida que aureola o seu nome... Essa fecundidade de escritor tem raros exemplos na Literatura da nossa língua... Não fazemos absolutamente o elogio dos escritores fecundos. Por vezes, a quantidade é danosa à qualidade, e não é fácil em Gustavo Barroso notar alguns números bibliográficos de secundário interesse". Eu me louvo na opinião de João Ribeiro, das mais autorizadas do nosso País, e que se distende encomiástica aos seus livros sobre as guerras do Lopez, de Artigas, do Flores, do Rosas, de Videu, "quase romances de Literatura histórica, que constituem uma série de admiráveis panoramas da História brasileira em seus contatos com a vizinhança argentina". Outros críticos elogiam igualmente a obra histórica de Gustavo Barroso, por exemplo Pedro Calmon que, referindo-se à *Guerra do Rosas*, diz que é um relato verídico, autêntico, escrupuloso", enquanto Afonso Celso, falando da *Guerra do Flores*, diz que "o livro empolga, comove, entusiasma". Eu próprio não me animo a dar opinião, por me sentir incompetente e por demais afastado dessas questões. Procurei ler diversas obras de Gustavo Barroso e deliciei-me nos contos, romances, novelas, não raro esplêndidos, cheios de vida, de finura e movimento. O autor sabe manobrar os personagens, sabe colocá-lo em ambiente apropriado, sabe tirar delas tudo que podem fornecer. É essa, sem dúvida, a habilidade maior do escritor, aquela que dá o verdadeiro valor do seu talento. E, nesse particular, Barroso corre toda a gama das possibilidades, indo da anedota e da futilidade às mais profundas fantasias e percepções psicológicas. Mas não é nunca um vulgar, um medíocre, um terra-a-terra, um sofisticado, que trabalha com recursos espúrios ou de pequena ou falsa significação. Nele há cultura, muito da vida que soube viver, do trabalho obstinado que foi a sua devoção e, antes de tudo, o seu temperamento, a sua vocação literária, a predominância das suas tendências instintivas. Não é por outra razão que se tornaram tão numerosas as árvores da sua floresta, que facilmente se pode perder a perspectiva do conjunto.

Impressionante na obra de Barroso é a sua enorme extensão, sobretudo se o leitor se deixar guiar pelo número e os títulos dos livros. É quase impossível uma orientação precisa, se não tiver à mão todos os volumes e puder compulsá-los para dar-se conta da sua extensão e do seu conteúdo. Se o fizer,

como foi nosso dever, tarefa muito facilitada pela boa organização da Biblioteca desta Academia e o prestimoso auxílio dos seus funcionários, então verá quanto é desigual e dispersa a produção, talvez pela preocupação de aumentar o número das publicações, multiplicando títulos de pequenos volumes. *Mapirunga* publicado em inglês, em Londres, em 1924, tem menos de trinta páginas e *Mesquita Muerta*, em espanhol, menos de dez. No *Anel das Maravilhas*, história infantil de poucas dezenas de páginas, aparece também a fantasia do autor na execução das próprias ilustrações. *Praias e Várzeas* são onze contos, num volume de 140 pequenas páginas, *Mula sem Cabeça*, bem menor, compreende apenas três contos, dos quais um é dado separado na bibliografia, traduzido para o inglês. *Ronda dos Séculos*, *Pergaminhos*, *Livro dos Milagres*, *Bracelete de Safiras* são coleções de contos e novelas. Alguns dos seus trabalhos constituem estudos de fundo mais social, como *Heróis e Bandidos*, *Livro dos Enforcados*, *Almas de Lama e de Aço* e ainda outros. De grande significação são as suas numerosas publicações sobre folclore, terreno em que se tornou um dos nossos mestres supremos. *Ao Som da Viola*, *Maribondos*, *O Sertão e o Mundo*, *Através do Folclore*, *Colunas do Templo* são excelentes repositórios de nossas lendas e tradições, que se aprimoram em *Mythes, Contes et Légendes*, editado em Paris em 1930, contendo lustrações, certamente escrito diretamente em francês pelo autor.

Se o que predomina na obra de Barroso é o elemento regional, representado por contos, novelas, vivências das mais variadas, com títulos que se multiplicam, não há dúvida de que o conjunto ganharia por uma aproximação mais consentânea, fundida em volumes de maior número de páginas. É verdade, porém, que essa dispersão está mais de acordo com o temperamento e as tendências do autor, embora a sua produção ganhasse em conglomerados mais unidos e definidos. Talvez possa ser essa sugestão posta em prática pela Academia de Letras, reeditando as suas obras com um melhor critério de distribuição. Assim, haveria uma rubrica de romance, englobando *O Santo do Brejo*, *Tição do Inferno* e talvez *A Sra. de Panguim*, não se casasse este melhor com outros estudos de erudição. Neste último setor e no de Ensaios entrariam: *Idéias e Palavras*, *Inteligência das Coisas*, *Aquém da Atlântida*, *Luz e Pó*, e no de viagens: *Ramos de Oliveira*, da viagem com Epitácio Pessoa à Europa e aos Estados Unidos, e *Coração da Europa*, no qual se ocupa da

Tchecoslováquia, *Memórias* compreenderiam: *Coração de Menino*, *Liceu do Ceará* e *Consulado da China*.

Um dado surpreendente no conjunto da obra de Barroso é de o seu primeiro livro – *Terra de Sol*, que cito no meu *Nordeste Brasileiro*, mas acabo de reler para melhor conhecimento do autor, haver tido sucesso imediato, conservando-se até hoje como a sua produção mais elevada. Rui Barbosa, José Veríssimo, Graça Aranha, Sílvio Romero e diversos outros intelectuais de renome exaltaram-lhe os méritos, mas desejo basear-me principalmente em João Ribeiro que, ao seu aparecimento, traçou-lhe uma crítica que permanece invariável até nossos dias e provavelmente para todo o sempre. É elogiosa tanto para o autor quanto para o próprio crítico, que previu que *Terra de Sol*, a todas as luzes que se considere, é uma obra notável, destinada a vasta e duradoura popularidade... No Brasil raro se publicam livros de tamanha valia e tão profundamente nacionais como este... Há ali páginas primorosas. Sente-se na sinceridade e espontaneidade do estilo, com a magia da verdade, a boa educação artística do autor. É exatamente o que podemos repetir ao reler agora essa obra memorável, escrita quando o autor tinha pouco mais de vinte anos. João Ribeiro compara-a aos *Sertões*, achando que a obra de Euclides da Cunha "tem mais poesia que realidade, mais imaginação e fantasia que experiência e conhecimento das coisas". É aí, na realidade, que se encontra o motivo primacial, que faz de *Terra de Sol* um grande livro, um livro definitivo. É que está ele de acordo com a vida do autor, um observador perspicaz que foi aproveitando o que encontrava pelo caminho, aquilo que entrava imperativamente pela sua existência adentro. É mais uma vivência do que um estudo literário, dentro da qual se encontra aquele mesmo menino, aquele mesmo adolescente, cujas recordações aparecem nas suas *Memórias*. Sente-se quanto bebeu na fonte a mãos cheias, sempre a verdade excedendo a fantasia, quando muito, servindo esta para dar àquela maior força e maior brilho. Aliás, o menino e o jovem Barroso perpassam freqüentemente na sua obra e quando qualquer deles domina nas suas páginas, então, atinge o escritor a sua mais alta expressão, alcança as regiões olímpicas da criação.

Otto Kankeleit, especialista de doenças nervosas em Hamburgo, em livro recente, estuda o inconsciente como fonte de criação intelectual, passando em revista grande número de sábios, escritores, literatos, poetas, pintores,

compositores, muitos dos quais lhe forneceram o seu próprio depoimento. Ele chega à conclusão de que todas as criações desse gênero partem do inconsciente, nelas representando o consciente papel secundário. Para basear melhor seu ponto de vista, apresenta citações de Goethe, Schiller, Jean Paul e também de escritores modernos, mesmo de alguns em cujas produções há participação de processos patológicos, como Rilke, Hoffmann etc.

## A CRÍTICA

Tem sido mau vezo dos críticos colocarem determinada obra, em certo nível, devendo ficar as outras, de um mesmo autor, abaixo ou acima dele. Em geral, abaixo, porque o lugar de cima tem de ser ocupado por uma única, que se torna soberana. O que se procura são comparações malévolas, que se repetem, sobretudo com os que sobem, porque o que se deseja é rebaixar o artista ou inferiorizar a sua obra. Isso é de todos os dias e parece ter sido de todos os tempos. No entanto, constitui um absurdo ou uma monstruosidade porque ninguém é invariável, permanece fixo dentro da natureza, principalmente o que vem do espírito, representa produto da sua atividade. A variabilidade, a desigualdade, mesmo a contradição e a oposição podem fazer parte da criação de um mesmo indivíduo, variável segundo o seu estado mental, as funções dos seus órgãos, as circunstâncias do ambiente. Os próprios vegetais variam a sua produção de ano para ano, havendo as boas e as más colheitas, boas e más, tanto na qualidade das flores e dos frutos, quanto na sua quantidade. O homem e os bichos não fazem exceção a essa regra, variando os seus produtos segundo múltiplas circunstâncias, internas e externas. Por que exigir fixidez no padrão artístico ou literário, que não deve variar de nível, nunca descendo abaixo de certo ponto? Essa exigência é sem dúvida maléfica, pois pode tirar a liberdade do artista, pondo-o de atalaia à sua obra, embora, mais tarde, o julgado melhor possa ser o pior, e o pior salvar-lhe a reputação. Isso tem acontecido muitas vezes em todas as artes, especialmente na da escrita.

O que se pode afirmar é que a liberdade de espírito é essencial para que se possa atingir um máximo de elevação e de possibilidades. Qualquer entrave, qualquer interesse secundário, qualquer imposição forçada ou aceita pode rebaixar a qualidade da criação e tolher a sua produção. Certamente não é por

outro motivo que Gustavo Barroso foi tão avesso à crítica literária, dela falando com azedume. É o que fez numa conferência desta Academia em julho de 1955, numa lição do Curso de Crítica. Diz que o assunto lhe foi imposto, em desacordo com os seus pendores, "que ama o vôo e a luta, fugindo sempre que pode às exegeses e às hermenêuticas". E acentua: "A crítica é uma espécie de vegetação parasitária das obras de Arte, quando não passa muitas vezes de simples esmiuçamento dos seus pormenores." Em certo ponto, fala do amor-próprio e do orgulho dos críticos, "cujas vaidades persistentes e amargas os levam sempre a encontrar defeitos na obra criticada, ao invés de preferirem a exaltação de suas belezas". No seu estudo, "A Crítica em Portugal do Século XVI ao Século XX", mostra quanto pode ser ela variada, indo da psicologia e da erudição ao cotejo, à exposição educativa, à precisão histórica, ao fator social, à beleza literária, muitas vezes, quase sempre adubados pelo azedume pessoal ou a agressividade política. "São espelhos curvos, côncavos, convexos, torcidos, que dão imagens destorcidas, enquanto que a Arte criadora deve refletir o belo na sua exata perspectiva de luz, de cor, de realidade"

Quando Barroso publicou *Casa de Maribondos*, falaram da decadência precoce do escritor, da mesquinhez dos "seus contos e historietas populares e picarescas, intercalados às facécias tradicionais e inocentes, sinal de mau gosto e regressão". Alberto Faria refuta a aleivosia, achando que a educação de Barroso era o penhor de que, malgrado os atrativos pecuniários, jamais cultivaria ele a fruta malsã. A própria *Terra de Sol* recebeu ataques, até de plágio e do roubo, mas o autor ficou acima dessas pequenas misérias e em breve, pela continuação de seus trabalhos, mostrou quanto era poderosa a sua personalidade e fecundos os recursos de que se servia para realizar a sua obra.

## A CRIANÇA NO ADULTO

Houve na vida de Gustavo Barroso momentos épicos, desses que facilmente descambam para o grotesco e o ridículo. Um deles, dos mais surpreendentes, foi quando se entregou ao Integralismo, passando a um dos seus elementos mais ativos e ardorosos. Vestiu a camisa verde e partiu pelo vasto Brasil fazendo propaganda da doutrina. Entrou em lutas e desavenças, foi atacado de todas as maneiras possíveis e imagináveis, chegando a renunciar à

Presidência da Academia de Letras. No entanto, naquele momento, encontrava-se numa situação definida e gloriosa, tanto como presidente da Academia, quanto como diretor do Museu Histórico, além de escritor de grande renome, com extraordinário número de publicações. Por que deixar situação tão digna e superior e lançar-se numa campanha política, cujas idéias não estavam muito de acordo com as suas próprias, nem a indumentária do partido com as suas tendências para galões e uniformes? Não houve como uma daquelas peraltices e oposições da infância, que ele punha em execução até as últimas conseqüências?

Na sua vida gloriosa de adulto, ressurge por vezes o antigo moleque da primeira infância, que parece saudoso das suas travessuras de antanho. Ele está na Grécia e, nos arredores de Atenas, passa perto de uma oliveira, velha de 25 séculos, sob cuja sombra descansou o divino Platão. É o que informa uma tabuleta ali posta pela Municipalidade. A árvore, cercada de um gradil de ferro, apresenta um tronco monstruoso, de dois metros de altura por talvez um e meio de diâmetro, "rugoso, retorcido, escuro, gretado e esburacado, verdadeiro aleijão vegetal", tendo no alto alguns ramos débeis de folhas vivas acinzentadas. Barroso quis apanhar um daqueles galhos para oferecê-lo à Academia de Letras, como Joaquim Nabuco fizera com o carvalho de Tasso, enviando a Machado de Assis um dos seus ramos. A polícia andava perto e o companheiro avisou-o do perigo que corria, podendo ser preso, ele, então Presidente da nossa Academia de Letras, como depredador das coisas públicas! Foi-se embora e voltou à noite no escuro, quando não havia mais policiais à vista. "Cheguei ao gradil, trepei na sua base, segurei-me a um varão e, estendendo a dextra, colhi um ramo com certa dificuldade. Estava cometida a infração. Não creio que tenha sido um sacrilégio pela intenção glorificadora que guiou o meu ato." Trouxe esse ramo, que se encontra no Museu da Academia. Não há dúvida que é o Barroso da primeira infância que aí aparece, porque o outro, o presidente da Academia Brasileira de Letras, poderia ter obtido facilmente, por via diplomática, um ramo maior, muito maior e mais vistoso!

Quando homem maduro, no mais alto pedestal da vida, torna-se integralista, exalta-se pela Política e passa a servi-la com a sua impetuosidade natural, com todas as forças da sua personalidade. Fala, escreve, discursa e sua atividade alcança proporções extraordinárias. Publica alguns livros sobre a

doutrina, em alguns deles agredindo os judeus, deblaterando contra a maçonaria, atacando o comunismo, julgando o Brasil uma colônia de banqueiros. Gasta alguns anos nessa empreitada, dissipando talento e energias, por vezes em contradição com os seus trabalhos e as suas convicções anteriores. É arrastado pela corrente, como o fora na meninice pela travessura e a vadiagem, como também o podia ser pela Literatura, quando explora gêneros mais leves, mais agradáveis, de quase pura sofisticação. Era capaz de adaptar-se às mais variadas circunstâncias, podendo ser tanto o melhor aluno da classe, quanto outras vezes o pior. Por vezes, era contraditório nos seus impulsos, que o podiam levar aos extremos, embora soubesse sair com galhardia da situação, mesmo das piores e menos aconselháveis. O adulto quase repetiu o menino terrível, que foi perfeito no lar assim como exemplar dirigindo o Museu Histórico. Ainda bem que, desde cedo, conseguiu adquirir renome, tornando-se uma grande figura das nossas Letras. Apesar disso, talvez jamais haja existido no Brasil intelectual mais combatido e agredido pela imprensa quanto Gustavo Barroso. Certamente, em primeiro lugar, por ser jornalista, a mais venenosa ou perigosa das profissões. É ele próprio quem diz:

> A vida dos jornalistas aparece aos olhos de toda a gente como um castelo maravilhoso, iluminado pelos focos elétricos da publicidade e da fama. Mas os que mourejam na imprensa bem sabem o que ela é o que ela vale... O jornalista é tal qual o papel de jornal. Este, claro, limpo, virgem, é colocado no prelo. Sobre ele rodam os cilindros e sai por fim achatado, dobrado e sujo de tinta. Para nada mais serve depois disso... Maldita sejas tu, ó tinta de escrever! És negra como a treva e, se tens causado alguns benefícios, inumeráveis são os males que tens causado. És tu quem afasta da vida prática os sonhadores do verso e da prosa. És tu quem ajuda a imprensa a viver sua vida escandalosa. Por ti tomam vulto os ódios e as vinganças. Em ti se concretiza a calúnia... Servir ao público no Jornalismo é a pior das escravidões, porque se serve ao mais impiedoso dos senhores.

## LUTAS E INCOMPREENSÕES

Por tais razões, não é de admirar as lutas que sofreu e que provinham do seu temperamento e das suas oposições, embora não se canse de

lastimar-se das perseguições e injustiças de que se julga vítima. Em 1932 escreve:

> Há 25 anos, soam e ressoam para mim os clarins da luta. Há cinco lustros, combato dia a dia pela minha vida. Há 25 anos, não tenho um minuto de repouso e, mal repilo uma investida do inimigo, outros se apresentam em campo, armados de ponto em branco, forçando-me a nova batalha. Há cinco lustros dura, sem tréguas, essa árdua peleja e eu não mando dar o toque de retirada, esperando sempre e sempre ouvir a marcha batida da vitória... Ao iniciar a descida da encosta que leva ao túmulo tenho os pés sangrando dos espinhos e dos pontudos seixos da tortuosa vereda percorrida. Sofro; mas ninguem vê os meus pobres pés ocultos na poeira. Eu atingi o cume, acham-me no rosto sinais de triunfo e todos me invejam. Um gênio bom aconselha-me: – Mostra-lhes teus pés para que te queiram menos mal. Mas continuo e continuarei a escondê-los.

Estão vendo quanto a criança mimada e rebelde pode sofrer tornando-se adulto, mesmo alcançando glória e renome?

Em torno do nome de Gustavo Barroso criou-se um acervo de opiniões desencontradas, que correm toda a gama de julgamento, indo da ofensa grosseira à glorificação entusiástica. É possível que todos tenham razão, como é comum nas coisas humanas, cada um à sua maneira. A perfeição não é deste mundo e, quando alcançada, não o pode ser senão em doses insignificantes, à custa de esforços incalculáveis. Não era isso muito do temperamento de Barroso, sempre movido pelo instinto e os rompantes da sua personalidade. Era sincero consigo próprio, embora tal sinceridade pudesse andar impregnada de complexos, vindos desde a infância e que agiam poderosamente, O conjunto, porém, é que conta, havendo material de sobra para fazer de Barroso uma das figuras mais marcantes do nosso mundo intelectual. Não foi por outra razão que Rui Barbosa admirou o talento da sua pintura literária, tão cheia de colorido e de vida. Tristão de Athayde classificou "sua Arte de sadia e vibrante, colorida e quente, autônoma, variada". Múcio Leão, em 1922, falando de *Mula sem Cabeça*, diz que o artista logo se impõe fazendo-se amar por todos nós. Luís Murat, dois anos depois, refere-se à *Alma Sertaneja*:

"Não conheço livro algum em que se dê tão larga visão, atinentes todas a refletirem um pedaço da nossa alma."

Antônio Torres, tratando dos seus escritos, disse que revelavam "graça, espontaneidade e uma qualidade indispensável ao escritor: o espírito comunicativo, escrevendo com clareza coisas simples que obrigam o leitor a ir até o fim". E Afonso Celso acrescenta que se vai ao fim seduzido, subjugado, satisfeito, desejando mais. Este autor, analisando seus livros sobre as guerras do sul, diz que

> neles escrupulosa exatidão histórica é realçada pela imaginação... As asserções sobre os acontecimentos e o caráter das personagens baseiam-se sempre em irrecusáveis documentos e conscienciosas pesquisas. É a História romanceada com fidelidade e probidade rigorosas, de modo a excluir o mínimo erro intencional. É a exposição do ocorrido como deveras ocorreu objetivamente, ou devia subjetivamente, logicamente, naturalmente ter ocorrido.

Julgo essa apreciação de grande valor psicológico, porque deixa perceber quanto o subjetivo pode influenciar o objetivo, quanto um ator pode ser conduzido subconscientemente na feitura da sua obra. No caso de Gustavo Barroso, aquele homem singular vem da infância, serve-se de uma imaginação poderosa para brincar com bonecos, atravessando depois a existência numa luta perpétua, no qual a fantasia procura dominar a realidade. O fardão da Academia e as condecorações representam sonhos da meninice, assim como a sua obra literária desafogo das suas variadas tendências instintivas. A sua adesão ao integralismo é quase uma tropelia para espantar burgueses e reviver sensações das suas terríveis brincadeiras infantis. O mais grave é que brincadeiras e oposições desse gênero, quer de criança, quer de adulto, são tudo que há de mais sério e importante na vida, tal a força que recebem do inconsciente. Por isso, não são todos que podem recalcá-las na austeridade dos dias que surgirão mais tarde. Barroso foi sempre um instintivo e é sob esse ponto de vista que precisam ser analisadas a sua vida e a sua obra, vida esplêndida e cheia de ensinamentos, obra notável e de extraordinárias proporções! Isso explica que Pedro Calmon, que o acompanhou num largo percurso da existência, tenha podido afirmar recentemente haver sido ele "um fracassado nas

aspirações terrenas e um glorioso nas aspirações espirituais", deixando "uma obra cheia de vida e brasilidade, vazada na preocupação das coisas sérias e nobres, como um eterno namorado do Brasil". Calmon foi seu companheiro de trabalho, "desde os seus mais verdes anos de iniciação literária", seu secretário no Museu Histórico e mais tarde seu afilhado e colega na Academia de Letras. E acrescenta: "Barroso era aparentemente um teutão, mas no íntimo um sertanejo, bom, grande, generoso."

## INTEGRALISMO

Barroso deixou uma obra que alcança quase as proporções de uma biblioteca, sem contar o jornalista fecundo e variado, que passou dos jornais da sua província ao *Jornal do Commercio* e às revistas do Rio, desde o *Fon-Fon* e a *Seleta*, em longínquos tempos, até terminar na *Ilustração Brasileira*, na *A Manhã* e no *O Cruzeiro*, tendo neste a sua crônica semanal durante anos seguidos, que ainda prosseguiu meses depois da sua morte, o tal material que organizara. A sua força suprema foi talvez a sua extraordinária capacidade de trabalho, que se revelava tudo em que punha as mãos. Quando se dedicou ao Integralismo, escreveu livros sobre a questão, sem contar os artigos e as duras polêmicas que teve de enfrentar. O seu ardor atingiu aí um máximo de intensidade, como ressalta dos numerosos trabalhos que deu então à publicidade: *O que o Integralista Deve Saber*, *A Palavra e o Pensamento Integralista*, *Integralismo e Catolicismo*, *Integralismo de Norte a Sul*, *Integralismo em Marcha*, *O Integralismo e o Mundo*, *Corporativismo, Cristianismo e Comunismo*, descambando daí para violentos ataques aos judeus, aos maçons e aos comunistas, ele vê congregados como uma força política, social e econômica que domina o Brasil e outras nações. É o que mostram outros dos seus livros: *Brasil Colônia de Banqueiros*, *Sinagoga Paulista*, *Reflexões de um Bode*, *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*, *A Maçonaria, Seita Judaica*, *Os Protocolos dos Sábios de Sion*, nos quais a sua agressividade não tem limites. O judeu, o maçom e o comunista tornam-se para ele responsáveis por todos os males, estando bem organizados e precisando ser combatidos e extirpados. É a tarefa do Integralismo, que trai a sua aproximação com o Fascismo e o Nazismo. Nessas obras, a sua preocupação maior é descobrir o judeu, o

maçom, o comunista, escondidos ou disfarçados em todas as atividades. Parece ter sido essa uma das grandes armas do Integralismo, que Barroso manobra com aquela mesma fúria com que atacou com um garfo de jardim o luso que chicoteava crianças brasileiras. O Nacionalismo transforma-se em Integralismo e assim ataca José Américo como comunista, Armando Salles e os Roosevelt como judeus, pouca gente de valor, do passado e do presente, deixando de ter sangue semita.

Tudo andava embuçado, sendo o materialismo o maior fator desmoralizante da humanidade. Era preciso estudar a história subterrânea dos acontecimentos, despir estes dos seus mistérios e das suas mistificações. A sua *História Secreta do Brasil* anunciada em quatro volumes, dos quais não foram publicados senão três primeiros, está impregnada desses pontos de vista, que ele procura justificar ou demonstrar à custa dos mais vados argumentos e documentos. Mas, em muitos deles é fácil verificar quanto o autor é conduzido pelos seus sentimentos, que o levaram a opiniões extremas, tanto no ataque, quanto na defesa. No fim, parece que se cansou de tanta luta, deixando até de escrever o quarto volume dessa *História Secreta*, onde ia entrar na fase contemporânea, estando ainda vivos alguns dos personagens ou tendo parentes no cenário. Isso certamente iria acarretar novas e terríveis ondas de revolta e oposição. Já em 1932 parece cheio de desalento quando pergunta: "Por que não tive a sorte de não dar na vista? Por que não me contemplou o destino com a obscuridade? Por que as fadas não me cobriram com o véu da mediocridade feliz? Por que não passo despercebido entre os outros homens sem despertar seus sentimentos hostis? Por quê?" Antes, dissera:

> Tenho feito sempre o meu caminho pela vida entre rosas ou espinhos, observando e aprendendo, como um dos personagens de Dostoievsky. Do mesmo modo que ele, vou amando a humanidade em geral e detestando o homem em particular. E, como no coração desse indivíduo, quanto mais aumenta o meu amor pela humanidade mais cresce o meu desprezo pelos indivíduos... Julgo-me capaz de um grande sacrifício pela grei humana e sinto-me absolutamente incapaz de dar metade do meu lençol para cobrir o meu semelhante friorento...

Aliás, a sua luta pelo Integralismo deve ter feito decair as suas forças e a sua impetuosidade, aumentando as suas desilusões. Desde então, sua produção literária decresce extraordinariamente, o que talvez sirva de exemplo para mostrar quanto a Política pode prejudicar um homem de letras. Também, por isso, não é de admirar que o pêndulo pudesse oscilar em sentido contrário, alcançando igualmente deste lado um máximo de amplitude. Depois da luta e da destruição é preciso a salvação e a regeneração. Então, torna-se ele um soldado de Deus, aquele que, desde pequenino, vinha vivendo como um exaltado da Pátria. Em 1935, traduz *Jesus Desconhecido* e publica *O Quarto Império*, que termina com as seguintes palavras: "Os dias são chegados do reinado do Cordeiro Divino que resgatou os pecados do mundo: Cristo vive! Cristo reina! Cristo impera! E a glória infinita de Deus resplandecerá na Unidade Espiritual dos Povos! Amém."

No meu estudo sobre a vida e a obra de Gustavo Barroso há uma lacuna, que desejaria haver preenchido, o que não me foi possível por não haver encontrado elementos suficientes para fazê-lo, quer na trajetória da sua existência, quer na sua produção literária. Refiro-me à sexualidade, que, como é fácil verificar, foi deixada de lado, nunca fornecendo ele informações para permitir qualquer interpretação. Nas suas *Memórias*, não trata da questão, apesar da sua vida de menino arteiro e de, como jovem, ser dado a prazeres, certamente favorecidos pelo físico e a sua inteligência. Em *Luz e Pó*, fala do amor e das mulheres como um literato, de qualquer época, usando frases e sentenças mais convencionais do que reais. Em *Mulheres de Paris* sofisticado amor e das mulheres à maneira dos que se ocupam do assunto como simples Literatura. Assim, nessa questão, Barroso conservou-se sempre afastado, como se vivesse na pré-história da época freudiana. Por essa razão julgo o meu trabalho por demais falho e incompleto, sobretudo porque esse componente da vida impõe-se como dos mais importantes no estudo de qualquer personalidade. Deixo assim, em aberto, capítulo tão significativo da existência de Gustavo Barroso, tanto mais significativo quanto a escapatória ou a renúncia ao assunto devem traduzir o papel fundamental que representou na sua vida, a julgar pelos ensinamentos psicanalíticos.

## O MUSEU HISTÓRICO

Depois das explanações apresentadas, podemos chegar à parte mais importante e gloriosa da vida de Gustavo Barroso, que é a sua passagem pelo Museu Histórico Nacional, do qual foi fundador e criador, permanecendo como diretor enquanto viveu. É obra das mais notáveis, em 1922 criada por um decreto do governo Epitácio Pessoa, graças a uma sugestão de Gustavo Barroso, que se entregou de corpo e alma à tarefa, de início modesta e insignificante, mas que nas suas mãos transformou-se numa das realizações mais valiosas da nossa Pátria, como pude dar-me conta recentemente visitando esse Museu e suas numerosas e extraordinárias coleções. Na verdade, fiquei vivamente impressionado diante dos valores encerrados naquela casa, dentro de uma ordem e organização perfeitas, a começar pelo edifício, imponente pelas transformações que sofreu e que deram grandeza à sua arquitetura. Acumulam-se aí tesouros de incalculável valor, que precisamos todos conhecer, quer do ponto de vista material, quer sobretudo do histórico. E foi tudo obra de Barroso, obra de dedicação, de abnegação, que servirá como a maior glória da sua imortalidade. É uma particularidade que deve ser posta aqui em evidência, porque, em certo momento, Barroso foi destituído das suas funções e exonerado do cargo, por motivos políticos, depois de uma revolução! Foi, então, exilado "por ser contrário", como diz, "ao chamado espírito revolucionário, nunca até hoje definido, que se desencadeou sobre o Brasil pelas forças das armas". Felizmente soube defender-se, pondo em relevo o esforço, o desinteresse, a dedicação que empregara na realização dessa grande obra. É uma página histórica que merece ser rememorada, pois mostra quanto podem as injunções políticas mesmo contra uma obra patriótica, digna do maior respeito e admiração. Em 1930, quando caiu o governo, Barroso oficiou ao novo ministro da Educação pedindo uma devassa naquela repartição e na sua vida particular para que ficasse provado que, no cargo de diretor do Museu, servira o País sem ônus, com uma verba insignificante, obtendo de particulares, pela sua intervenção pessoal, dinheiro, móveis, objetos que representam hoje a grandeza da Instituição. Em vez da devassa solicitada, que deveria demonstrar a seriedade e a honestidade do seu trabalho, o ministro oficiou-lhe dizendo que o governo provisório aceitava a exoneração que ele não havia

pedido! Barroso protestou violentamente contra essa aleivosia, declarando que havia sido nomeado em caráter efetivo, que contava muitos anos de serviço sem licenças ou férias, o que garantia a sua vitaliciedade. Acrescentava que seria uma exoneração arbitrária, contra um funcionário que sempre soubera cumprir o seu dever com a máxima honestidade e dedicação. Houve barulho pela imprensa, tanto maior quanto o novo governo propunha-se regenerar costumes, fazendo prevalecer a justiça! Barroso acabou sendo reconduzido ao cargo, recebeu um banquete de desagravo por parte dos amigos, e prosseguiu como diretor do Museu até a sua morte, há meses passados.

O Museu Histórico representa um alto padrão de glória para o renome de Gustavo Barroso, sentindo-se em todo ele, através das suas salas numerosas e coleções riquíssimas, o seu trabalho criador. Na verdade, foi essa a menina dos seus olhos, hoje um dos monumentos mais valiosos e imponentes do nosso Brasil. Quando chegou à aposentadoria compulsória por limite de idade, foi mantido no lugar graças à solicitação de um grupo de intelectuais, reconhecendo o governo quanto era justo e necessário conservá-lo no posto de diretor. A Instituição tomara enorme incremento, desdobrando-se em múltiplas direções. Assim, publicou Barroso *O Catálogo Geral do Museu Histórico*, diversos volumes dos seus *Anais*, um sobre *A Coleção Miguel Calmon*, dois sobre *Introdução à Técnica de Museus*, um sobre *História do Palácio Itamaraty*, além de um *Catálago Comentando da Exposição Histórica do Brasil nos Centenários de Portugal*; *O Brasil na Lenda e na Cartografia Antigas*; *Portugal, Semente de Impérios*, e diversos outros. No Museu, criou cursos que o tornaram uma verdadeira Faculdade de ensino dessa especialidade, devendo os alunos visitar cidades e regiões históricas do nosso País e cursar três anos para obtenção do diploma. Entre os diversos cursos, há o de Técnica de Museus, criado e ministrado pelo próprio Barroso, que publicou um Tratado em dois volumes sobre a questão, ilustrado de numerosas figuras e escrito com tanta proficiência que pode empolgar mesmo pessoas leigas. É o que posso declarar ao tomar conhecimento dessa obra esplendidamente didática, ao mesmo tempo profunda pelos conhecimentos que apresenta e extensas bibliografias, em grande parte revelando a importante colaboração do autor. Acredito ser uma publicação das mais úteis ao Brasil, pois como base do curso de técnica, tem permitido formar todos os conservadores de museu

atualmente em função no nosso País. É também do Museu que partiu o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico do Brasil, cuja atuação têm sido das mais relevantes para conservação e elevação da nossa cultura. O Museu Histórico representa hoje um patrimônio de incalculável valor para a nacionalidade, ainda enriquecido pela sua biblioteca e um arquivo fotográfico. É com razão que Pedro Calmon exclama: "Poucos homens trabalharam com tanta probidade e com tão desinteressado amor quanto Gustavo Barroso defendendo com intransigência e patriotismo os interesses do Museu."

## DRAGÕES DA INDEPENDÊNCIA

Quero chamar a atenção para o fato de a criação desse Museu constituir obra exclusiva de Gustavo Barroso, que a vinha imaginando há muitos anos e soube servir-se das suas relações com Epitácio Pessoa para transformar o plano em realidade. Esse plano tinha raízes profundas e longínquas, vinha do menino que gostava de se fantasiar de almirante e que, mais tarde, como acadêmico, tornou-se cônsul de uma república de estudantes, presidindo as sessões vestido de mandarim chinês. Daí partiram também as suas tendências para estudos históricos, tão impregnados de patriotismo e imaginação. Desde os tempos de criança, gostou de brincar com soldados e batalhões, o que estava mais de acordo com as suas propensões e ideais. Isso explica por que, em 1917, no seu livro *Idéias e Palavras*, vai ocupar-se dos Dragões da Independência, o que faz nos seguintes termos:

> Porque não o temos ainda, precisamos criar o culto de nossas tradições, especialmente das tradições militares. Sem o amor do passado e a lição dos feitos antigos, não pode haver nacionalidade. Amar a História é amar a terra. Uma não passa de corolário da outra. Até hoje, quase não temos feito esforços nesse sentido. Façamo-los. Os ensinamentos das lutas atuais nos mandam defender o Brasil das ambições que se possam elevar contra ele. Devemos executar esse programa materialmente – fomentando o desenvolvimento físico e o aparelhamento militar; espiritualmente – incutindo em todos os brasileiros a religião do passado, que é a alma mesma da Pátria. Seria de grande alcance, para tal fim, rememorar constantemente ao povo as coisas

> antigas, colecionando em museus adequados objetos representativos da vida militar da Nação, expondo-os, explicando sua significação, familiarizando as gentes com eles. Somos o povo que menos guarda e, portanto, menos estima as coisas do passado. Necessitamos ser educados. Trata-se agora do levantamento do espírito patriótico e militar do Brasil. Há uma verdadeira cruzada. Patriótica e nobre é a idéia de um museu militar. Queiram os numes que ainda se realize, para nele depormos os nossos troféus como os gregos suspendiam os broquéis vencidos nas métopes de mármore dos templos. Todas as nações têm museus militares, guardando tradições guerreiras, documentando o progresso dos armamentos e das táticas, exaltando o culto das glórias passadas. Somente nós não os possuímos ainda. Até hoje não tivemos o cuidado de guardar as tradições militares, abrigá-las, cuidar delas, roubando à ferrugem, à destruição, as armas dos que desapareceram depois de combaterem pela Pátria.

Não estava mais do que maduro para ser o criador do Museu Histórico, que permanecerá como o seu maior título de glória e imortalidade, mesmo quando quaisquer outros já tiverem sido destruídos pela marcha do tempo e dos acontecimentos? E não é esse criador do Museu Histórico aquela mesma criança que, com poucos anos de idade, desabalara num choro tremendo vendo o velho uru de compras atirado à rua como objeto inútil e desprezível?

Senhores acadêmicos,

Estou no fim da minha humilde oração, que tem um único mérito, o de ter de falar dos meus predecessores, sobretudo do último e maior deles – Gustavo Barroso. Vimos que a sua obra é quase ciclópica pela extensão e das mais variadas pela erudição, a imaginação, a observação. É antes de tudo original, nativista, regional, mas distende-se por temas internacionais de regiões e épocas diversas, embora tendo sempre algo do sabor do seu nordeste e da força do seu instinto. Trabalha tanto com a ficção quanto com a observação, tanto se ocupa da História quanto do folclore, escreve ensaios, romances, novelas, contos de todos os gêneros, ocupando-se quer do caboclo, quer dos seus colegas da Câmara e da Academia ou das mulheres de Paris. É um literato que sabe servir-se da História da Ciência para traçar quadros da Natureza

ou penetrar profundos recessos psicológicos. É um namorado eterno do Brasil, que deixa ressumbrar essa paixão através de todos os anseios da sua personalidade. É, porém, antes de tudo, o trabalhador, o homem que atravessou a vida a lutar e produzir, num tremendo esforço de criação, como bem mostram as proporções da sua obra, na qual aparece sempre a individualidade do autor, respeitoso da tradição, sincero nas suas manobras, cioso da sua Arte, obediente às injunções do seu temperamento. Também por isso, torna-se fácil acompanhar a evolução da sua vida, as peripécias do seu espírito. É assim que, na sua primeira fase, sente-se o influxo da sua infância, que se reflete poderosamente na sua obra. *Terra de Sol* é o seu melhor livro, porque nele convergem todas as vivências da sua meninice e da sua adolescência, que encontram aí esplêndida moldura para enquadrá-las. Depois prossegue, amadurece, eleva-se, deixa progressivamente de lado as fontes que o nutriam e que agora brotam de outras regiões. Emancipa-se do passado e passa a viver solto no mundo, no mundo das Letras, onde a erudição que adquiriu e o talento que possui permitem-lhe penetrar em todos os territórios, colhendo a mancheias o que vai encontrando. A colheita é fecunda e abundante, embora também por vezes toque em espinhos e fira-se em abrolhos. Parece não ter mais necessidade de farda, do galão, do uniforme, mas é ainda aí que se vão espraiar as suas tendências, quando se sente livre de todas as peias, dentro da glória da sua obra literária, no fardão desta Academia, que lhe deveriam ter bastado. Mas a Política é a hidra de mil cabeças, capaz de nos assaltar quanto menos atentamos aos seus botes. As suas feridas podem ser graves e até mortais, se a vítima não está imunizada pelo seu valor ou o valor da sua obra. Foi esse o caso de Gustavo Barroso, que celebro aqui como intelectual, devendo o elogio acadêmico ser feito principalmente ao escritor, embora também ao homem, sincero nas suas lutas, nobre nos seus imperativos, infatigável no seu trabalho. Foi uma existência que se realizou à custa de esforços e dedicações, daquilo que se pode chamar os impulsos de uma verdadeira vocação. Por isso, julguei de vantagem estudar não somente a obra, mas também a trajetória do autor como ser humano na face da Terra. É quase uma autópsia, que precisa ser realizada enquanto os dados objetivos estão presentes e podem ser devidamente analisados. A própria obra, em si, é perpétua, conserva-se nos arquivos e nas bibliotecas ao alcance de todos os olhos, podendo ser consultada em qualquer

época, presente ou futura. Já por essa razão, deve o discurso de sucessão acadêmica ocupar-se da personalidade desaparecida, cujo rastro pode apagar-se rapidamente no tumultuar da vida de todos os dias, enquanto a obra produzida é perene, podendo estar sempre presente. Não foi por outro motivo que dei essa forma à minha oração, tarefa extremamente facilitada pelas "Memórias" de Gustavo Barroso, embora, mesmo nelas tenha aproveitado o que me pareceu mais consentâneo com o panorama psicológico para permitir uma visão de conjunto do homem e da sua obra. Mesmo contando a nossa própria história pessoal, podemos nos enganar quanto a engramas guardados do passado, como pode por vezes o interlocutor perceber. Haverá, assim, verdadeiros entreatos de psicologia, cuja interpretação dependerá da perspicácia dos participantes. Também, por isso, é de praxe deixar em aberto os julgamentos, passíveis de outras intepretações.

## TENDÊNCIAS MILITARES

Em relação a Gustavo Barroso, não há dúvida de que os seus primeiros impulsos para a vida militar podem explicar muito da sua obra, principalmente a tendência que mostrou para sua obra, principalmente a tendência que mostrou para assuntos históricos e militares. Grande súmero dos seus livros versam sobre guerras e os seus heróis. *Guerra do Videu* dá-nos conta da campanha Cisplatina, de 1825 a 1828; *Guerra do Flores* refere-se aos episódios da Campanha do Uruguai, de 1864 a 1865; *Guerra de Artigas* é a campanha das Missões, em que se cruza o Uruguai para atacar São Bórgia *Guerra do Lopez* é a nossa guerra do Paraguai. Depois, vem ainda um livro sobre *O Brasil em face do Prata*; um outro sobre *História Militar do Brasil*, que atinge diversas edições, além disso: *Tradições Militares*, *Uniformes do Exército* e outros, sem contar biografias uma de Caxias; outra de *Osório, o Centauro dos Pampas* uma terceira sobre *Tamandaré, o Nelson Brasileiro*.

Será por acaso que se interessou por tais temas, deixando tantos livros sobre a questão? Não se vê aí que procurou dar corpo às suas tendências infantis, quando brincava de almirante e gostava de estudar história e geografia? É o próprio Gustavo Barroso que afirma "que nada é mais curioso para os que se preocupam com coisas do espírito do que conhecer os primeiros

escritos, prosadores e poetas que atingiram certa notoriedade. Palpa-se assim, o ponto de partida da sua evolução mental". Lastima que não tenham sido publicadas as primeiras páginas dos grandes das Letras, a exemplo do que se fez com Flaubert. Não há dúvida que a sugestão é de grande valor, pois permitiria investigar o desenvolvimento de qualquer intelectual, tornando a sua obra mais interessante ou compreensiva pelo melhor conhecimento do autor.

## A CRIANÇA LIVRE

Quando em 1932, na presidência desta Academia, Barroso deu as boas-vindas ao Barão Henri de Rothschild, o conhecido milionário, que foi escritor e criou o Teatro Pigale de Paris, referindo-se aos seus livros autobiográficos, disse:

> Li, nessas páginas singelas e sentidas a história da vossa infância triste, murada em palácios, no meio de saias de *nurses* e rabonas de pedagogos. Como Colete, lamento-o e não o invejo. Fui criado selvagem e livre, na imensa liberdade dos sertões e praias do Nordeste do Brasil. Não trocaria, por todos os vossos tesouros, a minha meninice pela vossa. E por isso murmurei, ao terminar o capítulo de vossa tortura infantil: "Pobre criança rica!".

Desejo chamar a atenção para cada confissão, que ilustra a riqueza e a variedade da vida de Gustavo Barroso, fazendo compreender melhor o desdobrar da sua existência. Se ele se atira nos braços do Integralismo, numa época em que já devia estar tranqüilo e contente com os triunfos alcançados, traduz bem isso a revivescência daquelas velhas tendências infantis, quando cometia tropelias, dando-lhes não raro aspectos de vingança justiceira. Agora, ia bater-se pela Pátria, por Deus e pela Família, movido por antigos engramas do passado. Sai para a liça como um ferrabraz, aquele mesmo que assombrava transeuntes com fantasmas ou esgrimia na calada da noite para desnortear soldados de polícia. Explica que se tornou integralista porque era preciso salvar a Pátria, que ele amava acima de tudo. E saiu de lança em riste para acabar com mouros e judeus, para dar moralidade e dignidade ao Brasil, que estava sendo devorado pelas forças corruptas da política. Era sincero em seus sentimentos e

viera para a luta com convicção, como fizera sempre na vida. Desta vez, já adulto e imortal, procurou na filosofia recursos para dar mais consistência às suas convicções. É sempre o mesmo lutador, sedento de justiça, pronto para arremessar contra tudo que não se case com os seus desejos e convicções. É contra os judeus e os maçons, bate-se pela religião católica, levanta-se contra o comunismo, torna-se integralista. Despreza a política, profliga a sua concorrência nas Letras, contenta-se com o seu lugar de Diretor do Museu Histórico, obra silenciosa, paciente, ignorada, mal recompensada e mal compreendida... Repartição de ordenados parcos, de verbas humildes de promoção dificílima. E desafia os seus contendores a apontarem uma cavação, um negócio escuso feito por ele, em qualquer tempo. "Tudo quanto possuo tem sido ganho com o meu esforço e a minha pena. Nunca herdei de ninguém nem pretendo herdar. Não recebi jamais dotes ou presentes." Numa conferência, em Petrópolis, diz que está ligado à cidade por coisas de espírito e acrescenta: "Os títulos de que me valho não são os de dinheiro ou de política. Dinheiro e política morrem com o tempo. O espírito é imortal".

Agora, senhores acadêmicos, posso terminar esta longa e modesta oração, longa não por mérito ou arte do autor, sim por ser o tema tão vasto, tão variado, tão cheio de recursos e possibilidades que o mais bisonho dos escribas encontraria facilidade para desenvolvê-lo e por ele se empolgar.

## MORTE DE BARROSO

Gustavo Barroso faleceu em 3 de dezembro de 1959 e o féretro, como do rito, saiu desta Academia, recebendo as despedidas do seu Presidente, numa das orações fúnebres mais comoventes a que tenho assistido. No cemitério, além de outros oradores, é Pedro Calmon que na sua palavra sugestiva, inexcedível de calor e emoção, vem chorar o amigo e o mestre, o companheiro de trabalho, que voltava à terra, partindo para a Eternidade e a Imortalidade. Era ao cair da tarde, uma tarde luminosa e azul, que banhava de luz a paisagem dos mortos em derredor. Calmon não deixou escapar a grandiosidade daquele espetáculo para a despedida final. Vi lágrimas em muitos olhos e correu um arrepio quando a sentinela avançada, um soldado dos Dragões da Independência, no seu grande uniforme, do alto de um túmulo, fez soar o cla-

rim, dando ao toque de silêncio. Era a última homenagem ao morto, homenagem vibrante como fora a sua existência, quase um símbolo da sua vida. Ali estava o soldado com que ele havia sonhado, paramentado com o uniforme que fora da sua criação! Imagino, no seu monumento funerário, essa sentinela de pé, empunhando o clarim e, ao lado, a imagem da Pátria reverente, chorando o filho que tanto a amou. Também eu hoje aqui, dentro do meu uniforme solene, não passo de uma simples sentinela que vem velar pela imortalidade do meu antecessor. Devo, porém, pedir perdão por não possuir uma voz mais moça, mais vigorosa, mais significativa para traduzir a mensagem que esta Academia deve a Gustavo Barroso, que eu venho substituir humildemente na Cadeira 19.

## II

## RESPOSTA DO SR. MÚCIO LEÃO

Se eu possuísse, num grau razoável, a doce virtude da modéstia, começaria esta oração, meu eminente confrade, por vos pedir desculpas... Desculpa por ser eu quem esteja a vos falar hoje aqui, a vos dizer o quanto eras querido e esperado em nossa Casa, o quanto sois nela bem-vindo.

Não era, decerto, a minha a voz que devíeis ouvir, neste primeiro alvorecer de vossa glória acadêmica. Sou um simples homem de letras, um vago cronista, um escritor que se perde na multidão sem fim dos outros escritores, um daqueles a quem o mais querido dos vossos poetas, o divino Goethe, chamaria *um tocador de flauta*.

Para descerrar-vos as portas da nossa Casa, precisaríamos de outro órgão, que não o meu: o de alguém que fosse autoridade nos terrenos que percorreis como vossos – o de um Roquette-Pinto, o mestre dos assuntos biológicos e etnográficos, aquele Roquette-Pinto que vos seduziu tanto, e ao qual, para mostrar a identidade que nele encontráreis com o maior dos alemães do século passado, em tudo o que fosse beleza, saber, alegria de existir e de pensar, haveis mudado o nome para *Roguête-Pinto*; ou de um Miguel Osório de Almeida, médico, humanista e escritor como vós mesmos o sois; ou – já que o destino nos levou os dois queridos companheiros – o de um Assis Chateaubriand, esse homem prodígio, que, ainda vivo, já invadiu o terreno da lenda... Foi Assis, creio, o primeiro amigo que fizestes, quando ao Brasil regressastes, para a conquista do renome e da fortuna. E essa amizade

fraternal tem permanecido inalterável através de mais de quarenta anos. Agora mesmo, por ocasião de vossa candidatura foi ele o general inquieto que se lançou em campo, com o peito descoberto, para a direção de uma batalha em que lhe parecia tão difícil... E era uma batalha tão fácil!

A esse nosso confrade, portanto, é que em boa justiça deveria caber esta missão que agora tão gratamente cumpro: a de vir traçar um resumo de vossa vida e dar aos que nos ouvem uma notícia de vossa obra e de vosso pensamento. Enfermo como se encontra, ele não poderia infelizmente falar hoje aqui, dando-nos mais uma demonstração daquela graça, daquele pitoresco e daquele humorismo risonho e malicioso, que lhe são tão característicos.

Meus títulos para estar aqui vos falando hoje, na noite de vossa glória, Sr. Silva Mello, são talvez poucos, porém existem. São principalmente os desse afeto sincero e verdadeiro com que, desde que aqui, ao Rio de Janeiro, chegamos os dois, na mesma semana e talvez no mesmo dia do ano de 1919 – vós, procedendo da Alemanha e da Suíça, onde havíeis terminado o curso médio, para começar as atividades de clínico, eu, modestamente desembarcando do Recife, bacharel como toda a gente, para iniciar-me nas Letras e no Jornalismo. Vossa estrela já era bela e fulgidíssima, naquelas primeiras horas do Oriente. Puz-me a contemplá-la e a admirá-la. E é a essa qualidade de um amigo das primeiras horas, e também (perdoai a referência pessoal que a ninguém, decerto, interessará) a de ter sido um doente grave que naquele tempo arrebatastes ao sofrimento e talvez à morte – que devo agora essa honra de ser quem venha descerrar-vos a cortina de nossa Casa.

## UM RACIONALISTA E OS SEUS FANTASMAS

Desejando dar cumprimento à tarefa que me incumbe, eu volto-me, em primeiro lugar, para aquele modesto lar de Juiz de Fora, em que, nos fins do século passado, sendo o mais moço de cinco irmãos, começastes a receber os primeiros conhecimentos do mundo – deste mundo sempre tão novo em tudo. É bem verdade que a alma da criança é apenas um casulo em que se está plasmando o homem que vai vir. Aquele período de vossa infância tem uma importância transcendente para explicar o homem que vos tomastes – este ser compósito, feito de rebeldias aparentes e ostensivas, de grandes pavores secre-

tos, de ânsias de realização sempre para mais longe, de anseios de renovações jamais tranqüilizados.

Por este tempo, habitáveis em uma fazenda, e é de então que data a vossa atormentada preocupação com o *outro mundo*... A casa em que residia a família era um desses velhos edifícios tão comuns em nossas zonas rurais – uma construção erguida em meio a um terreno cheio de árvores, aberta a todos os que chegassem, na abundância dos quartos e das salas. Tudo, porém, modesto, senão pobre, pois as posses da família eram reduzidas: mas tudo amplo, agradável, acolhedor, paradisíaco...

Mas a envolver todos esses adjetivos, é preciso escrever um outro – tudo apavorante... Acontecia que a velha fazenda era mal-assombrada. Povoavam-na vários fantasmas: o do antigo fazendeiro, cuja distração preferida consistia em se embalar na velha cadeira de balanço em que outrora se sentava, quando ainda era corpo e vivia entre os humanos; o da antiga fazendeira, mais prático do que o do marido, que todas as noites ia varrer o casarão, arrastando a sua vassoura com um barulho de espavorir; o da filha do casal, que se dedicava ao piano e acordava o silêncio com o gemido das músicas que não eram da terra... A fama desses mal-assombrados corria mundo. E tanto era assim que somente raros viajantes desprevenidos daqueles horrores ousavam aproximar-se da fazenda cheia de perigos.

Está aí, Sr. Silva Mello, a primeira nascente de um desses grandes veios de vosso espírito. Recebestes, naqueles primeiros anos, o influxo daquelas terríveis assombrações. Vivestes com elas, e elas foram como que um véu de Ísis, denso e forte, que vos envolveu a sensibilidade e a emoção, nesses primórdios da vida. Quando, com o espírito já feito, pudestes empregar o vosso racionalismo à análise daqueles fantasmas, tivestes uma explicação para cada um deles: o fantasma do velho que se embalava na cadeira não era mais do que um cachorro que, encontrando a porta da sala aberta, ia dormir deitado no móvel...; o fantasma da velha, que varria a casa, era apenas o vento a se agitar, lá fora, nos arbustos...; a sinhá-moça pianista não passava dos ratos que se metiam no teclado do piano...

O vosso racionalismo explicou tudo assim muito bem... E contudo... Contudo, permaneceu em vosso espírito o mesmo alarmado medo de outrora! Sois, ainda hoje – grande médico, o humanista por excelência de que se

podem orgulhar as Letras brasileiras – um eterno medroso de fantasmas. Mas convém aqui ouvirmos a vossa própria confidência, que é expressiva e muito graciosa:

> O medo que tenho é, por assim dizer, específico, peculiar a uma determinada qualidade de assombração. Trata-se de um fantasma invisível, que não aparece, que não faz ruído, que não tem nada de maléfico, e por isso, nem medo ou pavor deveria causar. É noturno só da escuridão. Deve manifestar-se por um leve sopro atrás da orelha ou da nuca, um toque muito ligeiro, quase imperceptível, numa das faces, talvez na própria mão, sobretudo numa perna deixada descoberta, por exemplo, ao descer do leito no escuro. E seria só isso. Absolutamente nada mais. Mas o medo é tão grande, tão intenso, que pode fazer arrepiar os cabelos, disparar o coração, resultando daí uma imobilidade pétrea, pois qualquer movimento parece que será motivo para o fantasma executar a ação que está sendo temida. Ele está invisível sob a cama, espera pela perna que deve ou precisa descer, pelo braço oculto sob o lençol, pelo rosto que procura esconder-se sob a coberta. Daí a imobilidade, a falta de coragem para sair da cama ou executar livremente qualquer movimento...

A obsessão desses velhos pavores vos perseguiu durante anos e anos. Viajou convosco da velha terra de Minas Gerais para o Rio de Janeiro. Seguiu-vos à Alemanha, quando fostes estudar Medicina. Regressou convosco... É ainda agora um dos vossos traços... Foi ela, essa antiga obsessão, que vos levou a estudar durante longos decênios os insondáveis problemas do outro mundo... Foi ela que vos levou a escrever o mais racionalista dos vossos livros – essa obra intitulada *Mistérios e Realidades deste e do outro Mundo* – em cada uma de cujas páginas achamos uma explicação humana e lógica para cada coisa misteriosa que nos parece vir de outras regiões diferentes da nossa...

Os crentes desses sagrados e divinos mistérios chocaram-se convosco, indispuseram-se convosco, que assim ousáveis abalar nos alicerces os majestosos castelos em que tantas esperanças humanas resplandecem. E houve alguns deles que, para combater as vossas negativas, chegaram a escrever livros. Trabalho vão, de todo esperdiçado ou inútil! Não sabiam

eles, esses adversários, que o primeiro crente, daqueles estranhos e apavorantes mistérios continuava a ser o analista cheio de lógica e razão que tanto os combatia!

## AMOR AO TRABALHO

De outro dos traços que mais vivamente caracterizam a vossa fisionomia e a vossa vida, meu ilustre confrade – e quero referir-me a esse insofrido amor ao trabalho, que é tão vosso –, podemos encontrar a nascente também nos tempos da vossa infância.

Éreis menino, quando a morte de vosso pai veio lançar na orfandade aquela família já então composta de oito filhos. O que até então fora tranqüilidade e despreocupação, transformou-se, de súbito, em dificuldade, apreensão, tristeza. Andáveis pelos treze anos, e fostes forçado a aceitar a determinação do destino, indo trabalhar como caixeiro, em uma casa de comércio. Era um armarinho, propriedade de um vosso cunhado, muito amigo vosso. O sistema que esse excelente homem havia adotado na vida era o do trabalho sem descanso. Nem por alguns minutos abandonava o seu estabelecimento. Tinha como auxiliares dois caixeiros, um dos quais éreis vós. O horário de trabalho para servir à freguesia era implacável – das seis da manhã às dez da noite. E quando as portas da casa se fechavam para os fregueses, continuava ainda o serviço lá dentro: vinha a limpeza com vassoura de piaçava e vinha a arrumação. Nas horas do trabalho, não tínheis um momento de descanso – sempre de pé, atendendo a quem chegasse. E se acaso ninguém chegava, tínheis, vós e o vosso companheiro, de transportar as mercadorias de uma prateleira para outra, a fim de dar aos que passavam na rua a impressão de um movimento que não cessava.

Foi esse o primeiro contato que tivestes com a chamada *vida prática*. E foi esse, entretanto, um ótimo momento de vossa existência. A tão rígido sistema de trabalho – vejo-o em uma de vossas sinceras confidências – sabíeis ajuntar belos e freqüentes sonhos de amor, os sonhos daquele irrealizado amor adolescente, tão poético sempre e sempre tão melancólico, em que entram, fascinantes, todas as mulheres – desde as Messalinas feitas de devassidões ou as Cleópatras feitas de experiências, até às Julietas e as Ofélias, feitas

de dedicações de coração puríssimo, ou de puríssimas angelitudes. Ainda acháveis tempo para entremear a tantos trabalhos e a tantos amores a leitura dos romancistas. Foi nessa época que travastes relações com Eça de Queirós – que se tornou para vós, conforme o confessais, ainda comovido e fascinado, *o deus soberano*. Foi também nesses dias de encantamento que travastes conhecimento com Júlio Verne, o delicioso revelador de tantos mundos, o romancista cuja leitura deveria ser obrigatória a todos os cérebros de treze anos. O escritor francês foi o enlevo de vossa alma, nesse tempo. Sua leitura vos arrebatou... "Sentia-me como um indivíduo perdido, mergulhado no fundo de um abismo, de onde procurasse a claridade e as maravilhas do céu". O entusiasmo que Júlio Verne soube despertar em vosso espírito foi tão grande, que tomastes a resolução de ser também romancista. E, antecipando todos os esputiniques possíveis dos dias de hoje, andastes escrevendo um romance que era uma viagem a Marte. Infelizmente esses originais se perderam.

Perderam-se os originais – mas a lembrança daqueles dias de um trabalho tão terrivelmente intenso ficou eterna em vosso espírito. Do hábito, naquele momento contraído, do esforço incessante, vos ficou essa fabulosa disciplina de trabalho que todos conhecemos. Sois daqueles que não descansam nunca, ou, antes, que dizem que estão descansando quando apenas mudaram de tarefa. O descanso para a ação do clínico consiste no escrever livros; o descanso para o escrever livros consiste no tomar notas – as infinitas notas – das leituras que vão sendo feitas; o descanso para o tomar notas, consiste na leitura dos grandes autores, os mestres da Biologia ou da Sociologia, na Alemanha, na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos, um Bertrand Russell, um Carrel, um Keyserling, um Siegfried; o descanso para a leitura desses autores consiste em uma experiência de Zoologia ou de Botânica, feita em vossa casa das Águas Férreas, ou mais provavelmente ainda em vosso sítio de Petrópolis.

E como as coisas – as vossas coisas – são assim, e como foi nesse ritmo que vos habituastes ao trabalho, propugnais a mesma coisa para os outros. Encontro, em um dos vossos ensaios, uma citação do vosso exemplo pessoal, seguida da consideração de que o trabalho, mesmo numa proporção dessas, "não é aquela punição criada pela Bíblia".

Fazeis essa observação para refutar uma frase de Bertrand Russell, o qual afirma que o trabalho esgota o indivíduo, tornando-o incapaz de gozar as delícias da vida. Pelo meu lado, meu caro confrade, eu acredito que há excesso na palavra do filósofo inglês – como que há excesso também na palavra do humanista brasileiro. Condenar o trabalho, de forma geral ou total, achando que *somente do lazer pode vir a felicidade humana,* é evidentemente um abuso. Também é um abuso – e ainda pior, permiti que vos diga – imaginar que o homem pode viver sujeito a essa tirania monstruosa de dezoito ou vinte horas de trabalho por dia. Não! nem uma coisa nem outra!

Por que não procurarmos uma razoável medida entre os extremos? A meu ver, o homem seria feliz se pudesse dar ao trabalho umas quatro horas por dia. Ficaria assim com uma disponibilidade de vinte horas para outras coisas igualmente essenciais – para se divertir, para dormir, para sofrer, para ler, para devanear, para esperar, para desesperar, para pensar na eternidade e em Deus... e também para sonhar com a mulher que é a mais doce forma de Deus e da eternidade.

Aqui está ao meu lado, porém, aquele que reputo um dos maiores homens do mundo contemporâneo, George F. Nicolai, o autor desassombrado e heróico dessa epopéia científica dos nossos dias, que é a *Biologia da Guerra,* e é nesse filósofo e nesse sábio, uma das mais puras glórias da Alemanha atual, que aprendo que o ideal para a humanidade seria o ritmo de uma hora de trabalho por dia.

## O CURSO MÉDICO NO BRASIL

Foi, pois, com o hábito espantoso de um trabalho tão intenso que, mal saído da adolescência, viestes para o Rio de Janeiro, sonhando a conquista de um título de médico.

Em princípio de 1907 estáveis matriculado no primeiro ano da Faculdade de Medicina e em abril do ano seguinte deixáveis a incômoda situação de calouro.

É de quatro dias depois dessa promoção ao segundo ano que ficou datado um formidável documento: a carta que enviastes a vossa irmã mais velha – vossa amiga, vossa protetora e vossa confidente – contando o que era

a Ecola de Medicina, fazendo a crítica do que ali acháveis de errado, de tolo ou de falso.

O documento, pela extrema importância que tem, não pode passar sem uns momentos de análise Olha-lo-ei apenas aqui e ali, não só para não alongar demais o discurso, mas também para não lembrar certas coisas que dizíeis, e que ainda hoje com certeza ferirão epidermes delicadas...

"A Escola de Medicina" – escreveis nesta carta –

> é hoje um aleijão do ensino superior, é um meastro horrendo e disforme, a principiar no ladrilho dos anfiteatros e terminando nos cérebros moles e anêmicos dos lentes. Estes são uns sábios opilados, com cabeça de palha e cérebro da cortiça. São pançudos e alimentam-se de fumo, e talvez às escondidas de feno ou de capim...

A fúria é homérica, como vemos. Mas, se ela assim fere os lentes, fere ainda mais os programas que esses lentes organizam:

> Os programas são funambulescos. Um exército de adjetivos injetados de raiva e de dinamite não basta para invetivá-los; só coices ou murros eles merecem e seria então um espetáculo admirável: seria um duelo de patadas. Cada um deles é uma epopéia de contrasenso ou ele asneira. Os lentes parecem reunir tudo que há de inútil, de fofo, de ridículo, para formular os programas. E depois, por uma vaidade ou uma pretensão que merece gargalhadas, eles arranjan o célebre ponto cavalo de batalha, o ponto que vem pintado de vermelhão, de máscara, de barbas e de bigodes postiços, para fingir originalidade ou concepção virgem. É um ponto sagrado, polvilhado de nomes e de expressões retumbantes. É enjoado e grotesco a enjoar...

A carta prossegue, assim, toda ela no mesmo tom. E, já aparecendo aquilo que havíeis de ser em toda a vossa obra – o demolidor que não se contenta com apenas destruir, mas que sobre cada ruína que faz deseja erguer um monumento – nessa mesma carta apontais as duas grandes realidades gloriosas da Medicina brasileira daquele tempo – o Instituto de Manguinhos e o

Hospício Nacional. Dessas duas instituições dizíeis que se erguiam, poderosas, "esmagando a Academia que está desprestigiada e sem valor".

Quem lê essa carta compreende a decisão que tomastes por aquele tempo: a de dar por findos os estudos de Medicina no Rio de Janeiro, e partir para a Alemanha. Foi ali que concluístes um curso médico sério, severo e orgânico, tal como sempre havíeis desejado fazer.

## OS PROBLEMAS DO ENSINO MÉDICO

Trinta anos depois de haverdes escrito aquela memorável carta, médico dos mais gloriosos que o Brasil possuía, mestre ouvido e atacado por todos – fostes convidado pelo Ministro Gustavo Capanema a dar a vossa impressão acerca dos nossos problemas do ensino. Falastes apenas acerca do ensino médico – que era o que melhor conhecíeis e o que de fato vos interessava. E produzistes um trabalho que veio a ser este excelente *Problemas do Ensino Médico e da Educação*, que ficou sendo o vosso título de acesso no território das boas letras. Aquele livro foi uma revelação e uma surpresa, para quantos conheciam o grande médico, porém ignoravam o escritor que nesse médico se escondia.

E esse escritor era digno da admiração dos leitores mais exigentes. Em primeiro lugar, era um humanista, um defensor do indivíduo contra o preconceito, um libertador da sensibilidade, da inteligência e do coração. Em segundo lugar, mostrava a fibra e a coragem de um polemista – arrancando os ídolos falsos dos falsos altares, apontando defeitos, mazelas e erros. E em terceiro lugar esse humanista e esse polemista, não sendo uma cópia dos arrevesados mestres do seiscentismo luso (o que era tão comum nos nossos médicos que naquele momento se davam ao exercício da Literatura) era um estilista ágil, dono de uma forma direta, dizendo que era branco o que queria dizer que era branco, dizendo que era negro o que queria dizer que era negro... A impressão que esse livro em todos produziu foi a mais viva. Gilberto Freyre, chamado a prefaciá-lo, tratou-o com carinho, belamente, definindo o seu autor como "um esplêndido desertor da glória acadêmica e do conforto burguês". E foi com estas palavras que ele deu a síntese de sua impressão acerca da obra:

> Há alguma coisa de romântico no livro. De romântico somente, não; de quixotesco até! Alguma coisa de aventura. A beca do doutor quase se transforma em manto de São Miguel lutando contra dragões. Estamos diante de um grande médico brasileiro que escreve um livro tão cheio de verdades que parece mentira a sua publicação.

Outros juízos surgiram, cheios de igual entusiasmo. Um rude destruidor como Agripino Grieco depôs por um momento o seu tacape de tuxaua para, tomando o vaso de cauim, fazer ao autor dos *Problemas do Ensino Médico e da Educação* um eloqüente louvor como este:

> Livro de um homem que não faz questão dos sufrágios dos tolos e clama sempre em favor do espírito, pondo paixão nas idéias. Livro de quem detesta os doutores indoutos, e se tornou agora, nestas páginas surpreendentes, um clínico de costumes, o seguro diagnosticador de muitos males sociais que nos afligem.

Outro brilhante crítico que possuíamos no momento, José Maria Belo, exaltou no livro sobretudo a excelência do estilo.

Os erros que naquele livro apontáveis em nosso ensino médico, Sr. Silva Mello, eram terríveis e profundos e tão terríveis que ainda tornavam oportuna aquela carta-panfleto que, havia trinta anos, tínheis enviado à vossa irmã.

Não posso aqui deter-me sobre essas páginas vivíssimas, honestas e viris, muitas das quais parecem escritas com fogo. Mas posso sumariamente indicar alguns dos erros que naquele menino mais duramente combateis. É o de nos extraviarmos num excesso de teorias; é o de não sabermos consultar a verdadeira vocação dos estudantes; é o de abreviarmos os estudos, permitindo formaturas demasiado precoces; é o de pouco exigirmos dos alunos (em certos casos) condenando-os a um vício irreparável, o do raciocínio precipitado, insuficiente ou sem base; é o de comunicarmos aos estudos o fanatismo das boas notas, circunstância as mais das vezes inteiramente ilusória; é o de favorecermos o simples preparo para os exames, em vez de exigirmos um estudo a sério das matérias.

A essa crítica, seguia, como sempre acontece em vossos trabalhos, um esforço de construção. E então podíamos ver o que era ou o que devia ser, de

acordo com as lições de vossa experiência, de vossas meditações e de vosso saber, o sistema de um verdadeiro ensino médico em nosso País.

Ouso acreditar que, não obstante as modificações que o ensino tem tido no Brasil, vossa análise ainda hoje é pertinente e vossos conselhos ainda hoje são oportunos.

## A IDA PARA A ALEMANHA

E um dia conseguistes realizar aquele sonho tão difícil de ir para a Alemanha, estudar medicina.

Viajar, naquele tempo, para o brasileiro de alguma posse, era a mais doce e a mais cômoda das coisas. Nosso dinheiro, como o dinheiro americano de hoje, realizava milagres incríveis, naquela Europa feliz e perfeita das duas primeiras décadas do século. Basta dizer que, com os cento e cinqüenta mil-réis que daqui vos enviava a diligente proteção de vossa irmã, tínheis recurso para pagar uma pensão, custear os estudos na Universidade, e, quando havia ocasião, gozar, como os outros estudantes, a delícia da boa cerveja germânica. É fama também que como aqueles outros estudantes, cultiváveis as musas louras e gentis da *Unter den Linden.* Também ao nosso querido e grande João Ribeiro, que uma ou duas décadas antes tinha igualmente sido um estudante na Alemanha, país que dizia ser "a condensação de todos os paraísos, inclusive o de Mafoma" – também a João Ribeiro Medeiros e Albuquerque fez, certo dia, a adivinhação do amor daquelas musas gentis e louras..., o que o próprio João Ribeiro chamou um *Diagnóstico Ich liebe...*

Deixando de lado essa parte de vossas memórias, recordarei que chegastes a Berlim em companhia de um brasileiro que daqui fora no mesmo navio e que falava bem o alemão. Logo achastes hospedagem em casa de uma família judia. E como o vosso primeiro propósito era o do domínio da difícil língua do país, iniciastes um sistema de estudo duro e terrível – que consistia em não parar jamais a aula. De tal maneira as dezoito ou vinte horas de vigília, que vos dava cada dia que surgisse, eram todas empregadas no estudo do alemão. As poucas que não eram dadas à prática da conversação eram dadas à leitura dos grandes livros.

Não contarei aqui o que já contastes em tantos de vossos livros, e principalmente naquele sobre os problemas da Educação. Não contarei o que era, segundo a explanação que nos fazeis, o estudo médico na Alemanha severa e exigente das imediações de 1914.

## O ESTUDO DO TÓRIO X

Referirei desse vosso período da Alemanha uma única circunstância: a das experiências que fizestes no Instituto de Rádio de Berlim, com o tório X. Agora mesmo vejo dois trabalhos vossos relativos a esse assunto e dois trabalhos sumamente interessantes ambos: um, a conferência pronunciada em Guarapari, e onde estudais as qualidades radioativas das areias daquela maravilhosa praia; outro, o estudo intitulado *Efeitos da Radioatividade sobre o sangue e os Órgãos Hematopoéticos.* Por esse último, podemos ver o trabalho, em verdade de precursor, que tivestes no que se relaciona à biologia da radioatividade.

Em um desses dois trabalhos narrais a origem de vosso interesse por esse transcendente assunto. Havíeis chegado ao fim do curso, e precisáveis fazer uma tese. Procurastes então o professor Wilhelm His, consultando-o acerca de um tema que tínheis em mente – alguma coisa relacionada com o metabolismo da água. His, porém, não concordou com a escolha, e aconselhou-vos o respeito à rotina da Universidade. Esta rotina consistia em que devíeis ir ouvir, para a escolha daquela tese, o professor Gudzent. Foi o que fizestes. O professor Gudzent, que, sob a supervisão do professor His, dirigia o Instituto do Rádio, aceitou-vos entre os seus alunos, e vos deu como tema o estudo do tório X sobre o sangue. Iniciastes as investigações, e, como o dinheiro era pouco, tivestes de vos contentar com camundongos e ratos. O trabalho era duro e ia pelas tardes e invadia as noites. Certo dia foi o laboratório honrado por uma grande visita – a do professor His, que naturalmente já estava informado do caminho excelente em que íeis seguindo. Aproximou-se do aluno diligente, procurou informar-se de tudo. Mostrou-se tão satisfeito com o que viu, que quando do laboratório se retirou vos tinha promovido a assistente do Instituto, dando-vos a facilidade de fazer experimentações da maneira que vos parecesse melhor, gastando todo o material que achásseis necessário.

E para maior felicidade vossa, deu-vos a possibilidade de experimentar com coelhos, deixando de lado aqueles míseros camundongos. Com isso se abriu a mais bela aurora de felicidade na vossa alma. Experimentar com coelhos, e já não com ratos! Que maravilha e que glória!

Vemos por aí que também nos bichinhos que servem ao laboratório dos sábios existem os proletários e os aristocráticos.

Foi assim que conseguistes aquela que foi, ouso crer, a primeira, em verdade magnífica, vitória de vossa vida profissional.

Mas esse período de vossa existência ficou muito para trás perdido entre outras muitas memórias que a névoa dos dias deposita na alma da gente. E de tal maneira que, segundo uma de vossas confissões, chegastes a esquecer completamente que um dia fizestes aquelas experiências do tório X.

## UM NAUFRÁGIO NO MAR DO NORTE

Nessa permanência de tantos anos na Alemanha, vivestes numa obsessão tal dos estudos médicos, que não tivestes um momento para a meditação de qualquer outro problema que surgisse no grande país ou no mundo. Era aquele um momento terrível para a humanidade: era o momento em que o Ferrabraz sinistro que se chamou Guilherme II se aprontava para a temerária empresa de afrontar, numa guerra sem tréguas, o mundo que insistia em não se tornar um prolongamento da Prússia guerreira e poderosa. Os jornais de Berlim andariam cheios da glória marcial do País. Nos próprios meios universitários a fermentação belicosa havia de ser ardente. E tanto o era que, mal começada a guerra, foi produzido aquele incrível documento que é o manifesto dos 90 sábios alemães – a peça histórica que nos deixa ainda hoje assombrados, e na qual vemos que homens da estatura mental de um Haeckel ou de um Rôntgen não vacilam em deformar a realidade evidente dos fatos, para exculpar as aspirações guerreiras e conquistadoras da Alemanha – ou, melhor falando, do seu aloucado líder...

Mas a verdade é que não tomastes conhecimento, de maneira nenhuma, desse grande drama, cujo prólogo se desenrolava aos vossos olhos.

Quando, porém, a guerra explodiu, verificastes que não podíeis permanecer em terras alemãs. E reunindo então tudo o que possuíeis – a vossa preciosa biblioteca científica, todo o material de pesquisa e de laboratório, mi-

lhares de preparados microscópicos, os manuscritos de tudo o que tivésseis escrito ou observado durante todo o curso, a bagagem toda, enfim, com todo o vosso tesouro –, tomastes passagem para o Brasil. Estáveis a bordo do *Tubântia*, e não ignoráveis que a viagem se fazia entre perigos... Uma noite esses perigos tornaram-se em pavorosa realidade: o *Tubântia* foi torpedeado ou se lançou de encontro a uma mina, e, em pleno Mar do Norte, naufragou. Perdestes assim todos aqueles petrechos preciosos, todos aqueles estudos, com que tanto contáveis para a realização da profissão de médico no Brasil.

Horas de tremenda angústia foram aquelas em que, dentro de um bote frágil, esperando a todo o momento bater em outra mina, andastes perdido na solidão do Mar do Norte.

Afinal um navio holandês que passava lobrigou a embarcação dos náufragos. Fostes assim recolhido, e fostes enfim levado para um porto da Holanda. Daí, vencendo dificuldades de toda a ordem, conseguistes atingir a Suíça. E foi nesse doce país – autenticamente um prisioneiro de guerra a esperar em um campo de concentração – que ficastes dois anos, entregue aos trabalhos da clínica, em hospitais e em consultórios. Já o resultado das vossas experiências com o tório X fora divulgado em revistas médicas de Berlim. E foi esse conhecimento que vos abriu as portas dos acolhedores meios científicos da Suíça, quando ali, náufrago que perdera tudo, chegastes, ansioso por encontrar um trabalho.

Ali ficastes até que, terminada afinal a guerra, tranqüilizado afinal o mundo, pudestes de novo sonhar com a volta ao Brasil.

## UM CONCURSO FRACASSADO

No Rio de Janeiro a vossa vitória foi fácil e magnífica, pois vos bastaram alguns anos de clínica para serdes apontado como um dos luminares da ciência médica do nosso País. Não direi que tudo tenham sido águas de rosas... A começar do começo...

Quero dizer que essa história de indumentária, para vós, meu eminente confrade, representou, desde sempre, um problema dos mais sérios. Em criança, e já bem taludo, a vossa felicidade verdadeira e única estava em uma certa camisola. Era uma veste larga e considerável, na qual estáveis inteiramente a

cômodo. Se acaso vos constrangiam a tirar aquela camisola amiga e a vestir a roupa comum dos meninos de vossa idade, o vosso suplício começava. E se tornava agudo e tenebroso, quando vos enfiavam no corpo uma camisa engomada. Em tais ocasiões não tínheis dúvida nenhuma: corríeis para o tanque mais próximo, para uma bica ou para um ribeirão – e reduzíeis a nada a goma que vos torturava. Éreis por isso uma atormentação na família.

Ora, essa impossibilidade de sofrer as torturas de qualquer indumentária de cerimônia ficou sendo um dos característicos de vossa individualidade. Não podeis suportar uma roupa que vos aperte a cintura ou os ombros – como não podeis usar um anel, como não podeis usar um relógio de pulso. Nada que não seja a absoluta liberdade em tudo!

Levado por essa tendência, ou por esse instinto, sofreis longamente para encontrar o alfaiate que vos sirva. E quando encontrais o alfaiate ideal, nunca mais o esqueceis. Creio que o vosso alfaiate de hoje – perito em cortar as roupas que usais, as roupas em que confortavelmente vos instalais como um peixe que nada com delícias em suas amplas ondas – é ainda o homem de sabedoria infinita, o prodigioso artista que logo que chegastes ao Rio de Janeiro conseguiu copiar, de acordo com as ordens expressas que então lhes destes, certo modelo de paletó, largo, imenso e confortabilíssimo, que trazíeis da Suíça. Vendo-vos agora aqui, metido nesta dura e vaidosa couraça medieval, a que a nossa humildade de acadêmico nos condena, eu me consolo dos martírios que sofro, pensando que, sendo um Veterano desta camisa-de-força, as minhas angústias são bem menores do que as vossas angústias de estreante. E ambos nos podemos consolar, Sr. Silva Mello, com a meditação melancólica de que ainda mais do que nós sofreu Hércules – e era um semideus, um filho de Júpiter! – quando vestiu a túnica do centauro...

Mas o que eu quero dizer aqui é que esse vosso amor às roupas largas e comodas teve, nos vossos primeiros tempos do Brasil, um certo papel em vossa vida. Foi o caso que, informado de que estava aberto um concurso para o provimento de uma cadeira na Faculdade de Medicina, ali aparecestes para a inscrição. Íeis vestido com a vossa roupa preferida – a única que possuíeis posso dizer, pois todas eram do mesmo modelo: um modelo, para o Brasil daqueles dias sem dúvida exótico, abrindo-se nas costas como uma sanfona.

Gastão Cruls, de quem vos aproximastes naqueles dias, não deixou de se espantar com a vossa maneira de vestir. Eis como, tendo descrito o vosso tipo físico, o autor de *Elza e Helena* se refere à vossa indumentária:

> Onde o recém chegado de outras terras se traía, era nos trajes. Vestia roupas que não seriam daqui. Um paletó felpudo, de excursionista, com ombros soltos, *martingale*, bolsos amplos. Calças também folgadas. Se não me falha a memória, de cor diferente do casaco. Enfim, nada do amaneiramento um pouco efeminado a que no obrigam os alfaiates patrícios.

Recebido pelo secretário do estabelecimento, sentistes a primeira dificuldade ao vosso desejo. Fostes então levado ao diretor da casa. Era Aluísio de Castro, o nosso querido saudoso companheiro. Aluísio de Castro era, nesse capítulo da indumentária, como o seria em tantos outros, o oposto do que sois. E a primeira prova dessa oposição foi o olhar horrorizado que lançou ao vosso trajo...

Seguiram-se empecilhos de toda ordem, no que se referia ao vosso concurso. E afinal, levado o assunto ao Conselho Superior de Ensino, ficou resolvido que só podíeis fazer concurso para uma Faculdade brasileira se antes houvésseis no Brasil revalidado o vosso curso. Foi o que imediatamente tratastes fazer: rumastes para as vossas queridas montanhas mineiras e prestastes exame de todas as matérias do curso, preparastes uma tese que brilhantemente defendestes... De sorte que, quando o tal concurso se realizou, já de posse de vossa documentação toda em ordem, pudestes entrar nele como um dos candidatos.

Correram as provas – e aconteceu o que devia acontecer, o que, creio, já devia estar previsto em vosso espírito desde o ano de 1908, desde o dia em que escrevestes à vossa irmã preferida aquela famosa carta satirizando o ensino em nosso País. A cadeira foi dada ao feliz candidato a quem estava prometida. Quanto a vós, não conseguistes nem a consolação dos tristes a qual seria uma classificação em último lugar. Não tivestes um voto sequer...

## UM GRUPO IRREVERENTE

Foi pelos fins de 1919 ou pelos começos do ano seguinte que, em casa de Juliano Moreira, consolidastes aquela grande amizade que vos uniu a Miguel Osório de Almeida e a Gastão Cruls.

Eram três homens de espírito, que em muita coisa se encontravam e em muitas outras divergiam. Escontravam-se, por exemplo, no amor com que se davam ao estudo, no respeito que tributavam à personalidade humana, no rigoroso culto que dedicavam à Ciência, sobretudo se encaminhada para a experiência e a verificação. Divergiam, porém, nas formas da sensibilidade, do gosto, da atividade do espírito.

Para começar, Miguel Osório, como vós, Sr. Silva Mello, era um apaixonado da nossa Instituição. O que não queria dizer que diante dela deixasse de ser aquele irreverente que era e tudo... Aqui o tivemos por quase vinte anos – modelar sempre na sua finura e na sua distinção, encantando-nos pela graça com que sorria, pela elegância com que falava, pela perfeição com que se conduzia. Homem do Renascimento, dizíamos que ele sabia todas as coisas. Era um mestre na Fisiologia, domínio seu entre todos, um mestre nas demais matérias do curso médico; possuía um conhecimento completo de outras ciências, como, por exemplo, das matemáticas, a ponto de se corresponder acerca de problemas transcendentes dessa matéria com professores de fama universal; na música era também uma autoridade – ele que se sentava a um piano para tocar óperas inteiras de Wagner... E com isso, que afetuoso coração, que alma feita de afabilidades para todos os companheiros!

Gastão Cruls era outro tipo. Filho de um grande homem que o Brasil tinha recebido de climas europeus, guardava na alma alguma coisa da frieza e da distância dessas suas origens. Os que conheceram de perto disseram-no bom e difícil como a colméia das abelhas. Para os que dele se aproximavam e que conseguiam o privilégio do seu afeto, era o mel dos mais adoráveis favos; para os estranhos, porém, era a frieza ou a hostilidade do ferrão das abelhas – aquelas vivazes abelhas que se chamavam Ironia e Sarcasmo...

A casa de Juliano Moreira, que os três freqüentavam nos domingos à noite, era aberta aos diplomatas estrangeiros, aos professores, aos médicos, aos artistas. Casado com uma senhora alemã, amigo de europeus e de orientais, em

cujo meio se comprazia, Juliano se deliciava em receber em seus salões gentes de todas essas procedências. Psiquiatra que era, recebia, também, um ou outro dos seus amigos clientes – e mesmo, como costumava dizer Antônio Torres, outro que de vez em quando ali aparecia, um ou outro dos seus clientes futuros...

Foi ali que aquela trinca endiabrada inventou coisas memoráveis – e em primeiro lugar um idioma novo, a famosa *língua tatá*. Com ela assombravam os brasileiros e com ela embrulhavam sem caridade os pobres estrangeiros. Juliano Moreira, enfronhado nos mistérios do estranho idioma, se acaso ouvia uma conversa dos três amigos com algum sábio vindo de outros países, levantava-se mal contendo o riso, saía da sala, balançando a cabeça...

O convívio se prolongava além da casa de Juliano Moreira. Em um artigo que escrevestes acerca de Gastão Cruls encontro referências a fatos numerosos que pudestes conservar da vossa longa convivência com o romancista. Com ele fizestes demoradas excursões a praias do Espírito Santo, bem como a fazendas fluminenses e mineiras.

## A CONSTRUÇÃO DE TODA UMA OBRA

Foi a datar dessa época, meu ilustre confrade, que iniciastes a construção dessa bela obra de confiança, constância e harmonia, que é a vossa vida de clínico no Rio de Janeiro e que é a vossa vida de escritor. São duas atividades diferentes. Mas uma sai da outra, uma completa a outra, e de maneira tão natural que é como um fruto que segue e completa uma flor.

Entregue a esses longos e profundos estudos, que vos impuseram em poucos anos, no Brasil, como a autoridade suprema em assuntos de nutrição, fostes tomando notas de tudo o que meditáveis, de tudo o que víeis, de tudo o que podíeis observar em vossa clínica particular. Reunistes assim um cabedal imenso de fatos e de observações – a maior parte destas inteiramente inéditas. E foi assim que nasceu, quase sem que o autor se desse conta da gigantesca gestação, essa obra que se chama *Alimentação, Instinto e Cultura*.

Eram esses, sem dúvida – os da alimentação, os do instinto e os da cultura – os campos de meditação que naquelas páginas tínheis para o vosso espírito. Mas atrás daqueles três campos de meditação estava o campo imenso que abrangia a todos – estava o indivíduo, com os seus infinitos problemas de alma e corpo... Foi o que logo sentistes. E partistes então para a construção de uma

outra ala do vosso palácio espiritual. Resultou esta outra obra – *O Homem, sua Vida, sua Educação, sua Felicidade* – fonte de crescimentos preciosos.

Mas agora, quando esse estudo sobre o homem recebeu a última demão, pudestes sentir que alguma coisa ficara fora de suas páginas: ficara a alma, pelo menos naquilo que a alma se prendia aos terrores ou às superstições de tudo o que ignoramos.

E veio então mais uma ala erguida no vosso palácio – veio o volume intitulado *Mistérios e Realidades deste e do outro Mundo*.

Ficou assim o estudo do ser humano completo em suas várias direções.

E a esses volumes, que representam o maciço de vossa construção de pensador e de humanista, vieram acrescentar-se outros – que são apenas complementos ou esclarecimentos dos três principais. Veio acrescentar-se o *Nordeste Brasileiro*, livro único em nossa bibliografia, livro em que encontramos, traçada por um sábio de espírito livre, inteiramente desprovido de qualquer sentimento de ufanismo romântico, a mais quente valorização do homem e da vida do nosso País. Veio acrescentar-se o volume dedicado aos negros, em cujas páginas achamos expressas com tanta eloqüência e tanta coragem tantas idéias inteiramente novas (para mim, pelo menos) relativamente aos africanos. Veio ajuntar-se, depois, o volume referente aos Estados Unidos – exame de uma das maiores civilizações que têm existido na Terra, e exame que revela, nessa civilização, defeitos, vícios e mesmo crimes, que muitos de nós, por mais pessimistas ou negativos que sejamos, estaríamos longe de imaginar que existissem... Veio ainda o livro de viagem à América Latina. Estou informado de que em breve nos dareis também um volume acerca de Israel, completando, assim, com a análise que realizastes acerca deste País – que é um dos mais novos, mas também um dos mais progressistas do mundo todo – essa estupenda perspectiva sobre o homem, que é o conjunto da vossa obra.

## UM AMIGO DA NATUREZA

Creio, Sr. Silva Mello, que o traço que principalmente caracteriza a vossa figura mental é esse intenso amor à Natureza que achamos em todas as vossas páginas. Não conheço, nesse sentido, autor menos livresco do que o

sois. Para vós o que existe é o grande ensino das coisas e da vida. Fora daí tudo é ilusão e engano sem remédio.

"A Natureza" – escreveis em um dos vossos livros – "deve ser a mestra suprema, atrás da qual precisamos apagar-nos humildemente para ouvir a sua voz e obedecer aos seu ditames".[1]

É ela, é a Natureza, segundo o ensino de vossa filosofia, quem tudo pode, quem tudo faz. No que se refere aos médicos, o mais capaz e o mais sábio de todos eles, o mais que pode fazer é auxiliar – e em verdade nem isso mesmo às vezes fará! – o trabalho da Natureza. Eis como o afirmais:

"A Natureza é uma força tão poderosa, as reações curativas do organismo de tal ordem que, freqüentemente, a doença se cura, mesmo quando a intervenção terapêutica foi ineficaz ou até maléfica".[2]

A conclusão de uma tal afirmativa não pode ser senão contrária aos médicos que se perdem nos meandros das doutrinas e das teorias. É o que também nos ensinais nestas palavras:

"Não precisamos de médicos sábios e eruditos, desses verdadeiros dicionários ambulantes, mas sim de médicos que, no momento adequado, saibam agir com segurança em benefício do doente."[3]

Creio que essas meditações podem servir, senão como uma síntese, pelo menos como um caminho, uma espécie de orientação de vossa filosofia – dessa que eu chamaria a filosofia da Natureza.

## PRECEITOS DE UMA FILOSOFIA

Aqui e ali, em vossos vários livros, andei recolhendo alguns pensamentos que mais vivamente me feriram a sensibilidade. E creio que neles temos um pouco do reflexo de vossa alma numerosa e rica. Ouçamos alguns desses belos aforismos – em todos os quais sentimos o pensamento de um homem autêntico, que não se deixa enredar em deformações ou em enganos.

---

1. *O Homem.* pág. 121.
2. *Problemas do Ensino Médico,* pág. 71.
3. *Problemas do Ensino Médico*, pág. 25.

"O que o estudante deve aprender é, antes de tudo, o caso comum, as coisas de todos os dias, o essencial da prática, sem o que não poderá galgar degraus mais elevados."[4]

"O segredo maior da vida, do sucesso, da felicidade está em o indivíduo agir, atuar, viver de acordo com as tendências íntimas do seu ser, de executar a tarefa para a qual tem verdadeira vocação."[5]

"Logo que qualquer obra ou trabalho do espírito visa ao sucesso material, traz já em si o estigma de sua inferioridade."[6]

"As nossas academias, a de Letras, a de Medicina, a de Ciências, algumas delas com múltiplos similares estaduais, não deixam de lembrar a antiga Guarda Nacional, onde qualquer pacífico cidadão, falto de qualquer conhecimento da Arte da guerra, se torna alta e brilhante patente militar. Em vez de valores reais, de verdadeiras sumidades, muitos membros dessas associações não passam de autênticos lobisomens de academia."[7]

"O ser vivo deve ser tomado em sua totalidade."[8]

"Correr atrás da glória ou da fortuna é lançar-se em busca de um infinito, que nunca poderá ser atingido."[9]

"O ladrão é o melhor polícia e o pobre o senhor mais arrogante."[10]

"É muito provável que a Ciência por si só não possa fornecer a todos nós as satisfações de que temos necessidade. Ela é por demais fria, rigorosa, exata, mal deixando lugar para a atividade da nossa fantasia e da nossa imaginação."[11]

"A Humanidade é que deve contar, e nós precisamos tornar-nos seus servos, quase como os têm compreendido as concepções religiosas."[12]

"O erro de negar não é menor que o de aceitar."[13]

---

4. *Problemas do Ensino Médico*, pág. 27.
5. *Problemas do Ensino Médico*, pág. 53.
6. *Problemas do Ensino Médico,* pág. 54.
7. *Problemas* do *Ensino Médico*, pág. 192.
8. *Alimentação, Instinto Cultural,* pág. 29.
9. *O Homem,* pág. 97.
10. *O Homem*, pág. 105.
11. *O Homem,* pág. 529.
12. *O Homem,* pág. 768.
13. *Mistérios e Realidades*, pág. 79.

"Pode também o erro constituir uma excelente fonte de progresso e ensinamentos."[14]

## A APOLOGIA DO INSTINTO

Esses e muitos outros lampejos muitos deles tão novos, tão vivos, tão inesperados – enchem os vossos livros. Tenho pena de não poder dar aqui aos ouvintes conhecimento de tantas de vossas páginas em que acho a melhor revelação desse filósofo da Natureza ou desse humanista que encontro em vós.

Como esquecer jamais (e é apenas um exemplo) aquela página em que dissertais sobre a sabedoria do ovo? Ou aquela em que dissertais sobre a pena – "uma única pena" – da cauda de um pavão?

Como esquecer as lições que nos dais acerca de tantos problemas humanos – os do amor ou os do sexo; os da nutrição; os da insatisfação; os do sentimento; os da morte?

Como síntese de tudo, aqui desejo lembrar um aspecto de vossa filosofia que tanto vos aparenta ao sempre vivo, ao sempre de nossa hora, ao grande Montaigne. Quero referir-me a essa exaltação do instinto, que encontramos em toda a vossa obra. O instinto – definis – é uma inteligência que está dentro de todos os órgãos e tecidos e é à custa dele que os seres vivem e se perpetuam. "O instinto" – acrescentais –,

> quando ainda não desvirtuado, é, sem dúvida, um excelente ou talvez o melhor dos guias. Foi ele quem, através de milênios, desde as épocas mais primitivas, possibilitou aos diversos povos o encontro de uma alimentação adequada, capaz de garantir-lhes a vida e a perpetuação da espécie, tal como aconteceu igualmente com todos os animais, através de todas as idades, nas mais variadas regiões do globo.[15]

E é em outra de vossas páginas (no livro dedicado ao *Homem*) que encontramos aquela bela meditação relativa à nobreza e à beleza do Instinto.

---

14. *Mistérios e Realidades,* pág. 568.
15. *Alimentação, Instinto e Cultura,* pág. 54.

Ele também, o maravilhoso francês, reconhecia a excelência do instinto – e não vacilava em colocar o Instinto acima da Inteligência. Estou a lembrar-me de certa meditação em que ele se refere à faculdade que tem o camaleão de tomar a cor do lugar em que se acha; e diz então:

"Ora, essas propriedades, que nós reconhecemos nos animais, e que são maiores do que as nossas, dão o testemunho de que existe neles algum faculdade mais excelente que nos é oculta, como é verossímil que o sejam diversas outras das condições e dos poderes deles..." Não parece que estamos lendo uma página de *Alimentação, Instinto e Cultura* ou de *O homem, sua Vida, sua Educação, sua Felicidade*? Entretanto estamos lendo Montaigne, e o melhor Montaigne, o da *Apologia de Raymond Sebond*...

## AMOR À VIDA

Esse amor à vida, a todas as coisas da vida, tem o seu lado avesso: é o de um imenso horror à morte, a todas as coisas da morte. No discurso com que acabais de aqui tomar posse da Cadeira que vos coube – peça em verdade importante como estudo crítico e sobretudo psicológico de Gustavo Barroso, peça que é, como vós mesmos a classificais, quase uma autópsia do nosso extinto companheiro, e que tem a peculiaridade de ser uma das mais extensas orações jamais produzidas em qualquer Academia do mundo, demandando seis ou oito horas para uma leitura total... – encontramos diversas manifestações desses dois sentimentos que se completam tão profundamente.

O vosso ardente amor à vida pode ser surpreendido em inúmeras passagens do vosso discurso, não só na parte que dedicastes a Gustavo Barroso, mas igualmente naquela em que estudais os demais vultos da Cadeira 19. Encontro-o, por exemplo, na volúpia com que traçais o perfil de Alcindo Guanabara. Encontro-o também nessa curiosidade afetuosa e talvez risonha, com que ousais vos aproximar de D. Silvério Gomes Pimenta, procurando, talvez, como o satã de Machado de Assis, nas vestes inconsúteis do virtuoso homem de Deus, alguma franja de algodão.

Mas do vosso fabuloso amor à vida, a maior e mais eloqüente prova que dais está mesmo é no estudo que dedicastes a Gustavo Barroso. Como vos divertis com as tropelias da infância e da mocidade daquele endiabrado

menino do Ceará! Rapazinho sisudo e triste, que trabalhava todas as horas do dia num balcão comercial, não tivestes, por assim dizer, infância nem adolescência. Por isso como que fazeis vossas agora as experiências largas, agitadas e não raro tormentosas do vosso antecessor na imortalidade. Com ele vos sentis, nas noites de Fortaleza, tranformando em alma do outro mundo, para ir assombrar as populações ingênuas, cheias de crença em tudo o que fosse difícil de crer. Com ele partis a ser um impossível moleque das ruas, agora caprichoso, depois arbitrário, sempre violento e vingativo, o que chamaríamos hoje, talvez, um elemento da juventude transviada, chegando até ao uso da navalha e de outras armas. Com ele seguis para a experiência áspera mas deliciosa pelo mundo atormentado que é o sertão do Nordeste – viagem que havia de dar ao nosso companheiro os mais perfeitos dos seus livros, e em primeiro lugar e à frente de todos aquele que lhe marcou a vigorosa estréia – *Terra de Sol*.

Como sorrides a essas peraltices sem número, como vos deliciais e embeveceis com elas! Como viveis com o vosso herói picaresco as aventuras de que ele soube encher o vasto romance da vida – se é que não as inventou a quase todas...

É esse amor à vida que igualmente vejo transparecer em tantas de vossas revelações, como estudioso, como pensador e como crítico. Descubro-o, por exemplo, na extrema valorização que dais ao conhecimento da vida sexual dos personagens que submeteis ao vosso estudo. Gustavo Barroso, que foi tão claro em tudo, que tanto contou de sua vida, que tanto revelou de seu coração e de sua alma, deixou esse lado de sua existência num desvão de penumbra. Foi o que bastou para que, não vos sendo possível esclarecer assunto de tal monta, considerásseis incompleto o estudo acerca do vosso antecessor. Fico a imaginar o que seria a vossa tortura se tivésseis diante dos olhos um modelo secreto, sempre escondido em neblinas, como o era Machado de Assis, ou então um daqueles professores de disfarce, um constante simulador, como o foi Merimée, ou, melhor ainda, como o foi o mestre desse mestre de sutilezas, o embromador de tudo e de todos, o arqui-sutil Stendhal.

## A PERPETUAÇÃO DA VIDA

Vejo que em vossa filosofia esse grande amor à vida se expressa em alguns mandamentos poderosos – como o de possuirmos a saúde, bem que

precisamos defender com todos os esforços; como o de conservarmos a alegria inalterável, preceito que partilhais com o incomparável São Francisco de Assis, esse que é um dos vossos mestres ignorados, porém dos quais estais sempre tão próximo; como o de transmitirmos, com satisfação e com felicidade, a vida a outras gerações...

Creio que toquei agora no cerne de vossas idéias de biólogo e de filósofo. Esse último preceito de vossa filosofia – o que estabelece o dever que temos, nós, todos os seres, da reprodução da vida – me parece o primordial entre todos os que traçais.

Encontro infinitas vezes, em vossa obra, a expressão indizível da melancolia deste pensamento: o terdes chegado à velhice sem ver ao vosso lado um filho.

Em verdade é de uma tristeza sem fim uma reflexão dessa ordem – a reflexão que entretanto constituía o único motivo de consolação que o desencantado Brás Cubas encontrava para a estupidez da vida.

Não gerastes um filho, e isso, para o vosso coração, é uma fonte de eternas tristezas. Também eu, se neste lugar me é lícito fazer uma confidência, sofro o drama dessa mesma frustração: o destino jamais me deu o prazer ou a glória de um filho. Opondo-me, nesse ponto, à felicidade de Brás Cubas, que se vingou de sua esterilidade odiando a espécie humana, eu me conformei docemente com essa contingência de não ser pai e me pus a amar a todos os seres que na Terra existem – e não só aos humanos – como se fossem meus filhos. Acredito que a solução evangélica é a melhor, pelo menos a que mais nos ajuda a suportar essa aventura que é a vida – essa aventura sem explicação possível, e para a realização da qual não fomos consultados no misterioso paraíso do Nada, na qual não existíamos, e onde éramos, por isso mesmo, donos de uma inexcedível ventura...

## UMA CENSURA DIVINA

É realmente alguma coisa grave e solene – ser o último de uma cadeia que deveria ser sem fim, e que até agora foi sem fim... Pensar que no primeiro dia em que houve na Terra esse mistério atroz e torturante que se chama a Vida, começou a existir, através de uma sucessão intérmina de coisas ou de

seres, uma determinada linha de vivências... Pensar que, através de milênios de milênios, essas vivências se transmitiram de pais a filhos – de um ser a outro ser, de uma espécie a outra espécie, de uma idade a outra idade... E pensar que um dia apareceu um homem para ousar interromper essa continuidade sagrada e sem termos... É realmente grave e solene!...

E que poderemos nós, os seres solitários e sem continuidade, nós, os que representamos esse último elo de uma cadeia da vida, que poderemos dizer ao Senhor dos Exércitos, quando ele, no dia sem subterfúgios, erguer, no Vale de Josafá, a sua voz terrivelmente inefável, e nos dirigir uma interrogação como esta:

– Que fizeste, filho meu, daquele primeiro preceito que estabeleci ao criar a vida – que fizeste do meu preceito do *Crescei e Multiplicai-vos*?

De mim, eu sei, desde agora, que, humilhado como nunca em minha humilhadíssima humildade, nada encontrarei para dizer... Afundar-me-ei no mais desprezível silêncio... esperando que vós, o biólogo, o sábio, o filósofo que sois, encontreis uma palavra que possa servir aos ouvidos de Deus como um motivo de indulgência para os pobres seres que vegetam nesta inconsolada solidão sem filhos que é a nossa...

## O TERROR DO FÚNEBRE E DA MORTE

Do outro sentimento que completa esse amor à vida também aqui encontro reveladoras passagens. A uma delas não quero deixar de fazer alusão, por sobremaneira nos interessar a todos. Refiro-me àquele trecho em que fixais o terror de Gustavo Barroso – "temperamento de místico" – diante da morte, do fúnebre, do defunto, e em que declarais que tendes os mesmos sentimentos. É aí que dais acerca de Miguel Osório de Almeida uma notícia estranha. Havia morrido Miguel, e vós, grande amigo dele como éreis, permanecíeis ao lado do cadáver. Chegou a hora de ser o corpo colocado no caixão. E então verificou-se que a dimensão do fúnebre móvel não era suficiente para o corpo do morto. Foi necessário retirar os sapatos, para que o cadáver coubesse lá dentro. O nosso querido Miguel foi enterrado assim – sem sapatos, os pés cobertos de flores... Escreveis então: "Até hoje incomoda-me aquela ausência de sapatos – sabê-lo enterrado apenas de meia partindo assim desta

Academia para o Além, depois do discurso do seu Presidente... Essa impressão nunca mais me fugiu do espírito..."

Não creio, Sr. Silva Mello, que uma impressão dessa ordem deva permanecer mais tempo em vosso atormentado espírito. Para os que partem para a eternidade, que importância terá um par de sapatos a mais, ou um par de sapatos a nenos? Mesmo que no dia da ressurreição da carne haja de haver também a ressurreição dos sapatos – isso deve ser um problema de muito pouca importância aos olhos do Padre Eterno. Há de haver, naquele dia, ressuscitando das milenárias cinzas, gentes, que, em matéria de indumentária e de proteção aos pés terão todos os costumes possíveis. Haverá os que trazem sapatos de ouro e de diamantes e haverá os que levam rudes sandálias, e haverá os que vão com os pés descalços... Deus saberá escolher todos os seus, entre aquelas multidões sem fim. E depois uma preocupação dessas é a que menos devemos ter, quando evocamos uma figura como a de Miguel. Tivemo-lo aqui durante longos anos, e víamos nele, todos nós, a representação graciosa e quase alada do Ariel de Shakespeare e de Renan. Tanta era a leveza, a finura, a espiritualidade daquele ser humano feito de luminosas transparências. Não refiramos a ele, na vida que ele tem hoje, nessa vida melhor e mais bela e que tem o nome de glória, nenhuma imagem de materialidade ou de grosseria, como seria essa de levar sapatos nos pés. Ele andará nos ares, será como uma essência ou uma luz. E se é certo que existem os anjos, se é certo que entre este existe a categoria dos anjos feitos de ironia, de malícia e graça, podemos estar certos de que é aí que havemos de encontrar nosso caro Miguel Osório de Almeida, como o mais gracioso, mais malicioso, o mais irônico dos elementos dessa bela milícia celestial.

## A RAZÃO E O MISTÉRIO

Quem vos lê, meu ilustre confrade, quem, como eu, tem o hábito de longamente se deter sobre esses vossos livros, finda por ter uma impressão curiosa e que não deixa de ser desconfortante. Figurai um diálogo, em que falam de um lado a Razão e do outro lado o Mistério, ambos expendendo, com argumentos excelentes, a sua lógica e a sua dialética – sem que, afinal, nenhum conseguisse em essência destruir nada do outro... Creio que é esse –

o dessa eterna falta de solução – o resultado único de todas as polêmicas, de todas as discussões, de todas as controvérsias, neste mundo em que, ao que posso sentir, não existe uma Verdade absoluta, mas apenas uma sucessão de pequenas verdades relativas.

Detenho-me sobre o vosso caso, e ele constitui para mim uma grande lição de ensinamento filosófico.

Senão vejamos. – Num livro em que ficou condensado um saber infinito, desvendastes aos nossos olhos os *Mistérios e as Realidades deste e do outro Mundo*. Lendo-vos naquelas páginas, a impressão que temos é a de que estamos vendo um gigante que, com a sua clava na mão, vai pelo mundo, a limpar as coisas e a redimir a alma dos homens. E com efeito nada dessa Poesia trágica e terrível, porém no fundo tão volutuosa e tão doce, que é a do homem no afã de criar os seus pavores, os seus ídolos e os seus deuses, aqui fica de pé. Lá se foi, na derrubada implacável, o que era Arte de ler para além das coisas materiais ou aparentes. Lá se foi tudo – quiromancias e cartomancias, mensagens de deuses, aparições de espíritos... O mundo ficou reduzido apenas ao que podemos ver com os nossos olhos, ouvir com os nossos ouvidos, sentir com os nossos outros sentidos, compreender com a nossa pequeníssima inteligência. É uma coisa considerável, sem dúvida, para um bom racionalista, esse trabalho que fizestes – embora eu, que não chego a ser um fanático dessas artes ocultas, comece a sentir uma nostalgia inquieta e triste, uma como saudade de um mundo em que o mistério medrava e em que portanto existia a poesia.

Acrescentarei que essa melancolia se torna ainda mais triste e maior, quando medito na multidão daqueles meus irmãos sem número, os pobres homens, para muitos dos quais só existe uma explicação razoável da vida – explicação que, afinal, é esse próprio mistério que implacavelmente destruístes.

O Espiritismo, por exemplo. Que fonte infinita de consolação e de felicidade para muita gente existe nele! Quanta gente só consente em viver, embriagada pelo suave e doloroso mel que ele fornece aos seus adeptos! Que mal existe, pois, em que o Espiritismo não corresponda a uma realidade? Se isso acontecer, teremos a eternidade para o desencanto. Enquanto possuímos o privilégio desse curto minuto miserável de vida, deixemo-nos embalar nas canções ilusórias que essa crença nos dá, e acaso é nela que encontramos a

sombra de uma sombra de felicidade... Não é esta a mesma reflexão, a única, que devemos fazer diante de todas as religiões?

Mas prossigamos no que eu estava a dizer acerca do diálogo da vossa Razão com o eterno Mistério do mundo e dos mundos... Pois muito bem: o vosso grande livro desfez o mistério das superstições e dos assombros. E já sabemos que não há assombrações, não há almas errantes, não há fantasmas... já sabemos que ruiu o mundo das quiromantes e das cartomantes... já sabemos que o próprio Espiritismo evaporou-se, leve e depressa, como a neblina das manhãs de verão...

Mas isso terá alguma significação, no sentido de suprimir os mistérios das coisas e os enigmas da vida?

Faço a pergunta ao meu mestre e amigo Silva Mello – e é o meu mestre e amigo Silva Mello quem me dá a resposta negativa...

Basta para isso, meu eminente confrade, abrir um dos vossos livros mais sinceros e mais sábios – *Alimentação, Instinto e Cultura*, por exemplo. Recorro ali a uma da páginas iniciais – aquela em que falais de um tema que é tão vosso o do instinto dos animais – e vou encontrando mistério sobre mistério, enigma sobre enigma. O Paramécio, por exemplo, um ser unicelular, o mais rudimentar pedacinho de coisa provido deste milagre que se chama vida... o paramécio sabe escolher os seus alimentos... Quando posto em contato com partículas diversas, umas quadradas e outras redondas, as primeiras inúteis como alimentação, as segundas úteis – paramécio, da segunda vez em que é feita a experiência, já sabe repelir as primeiras e usar somente as segundas! Como aprendeu aquele protozoário essa realidade da sua ecologia? Que Dr. Silva Mello dos paramécios lhe terá ensinado a longa teoria das vitaminas que são imprecindíveis à existência dos protozoários, esses reis da criação?

O mistério desses seres primariíssimos é, sem dúvida, grande.

Mas há outros tão grandes e até maiores, na atormentada existência dos animais. O da sabedoria da vespa é fabuloso, e mal podemos concebê-lo... A vespa, como o recordais, para a sua reprodução, procura um inseto. Paralisa-o com uma picada com que inocula um veneno – uma espécie, digamos, de curare, que somente ela conhece... Depois cava na terra um pequeno canal em que sepulta a sua presa. E é sobre essa presa que deposita os seus ovos. Em seguida sai, vai procurar nova vítima, que igualmente paralisará, para garantir

a subsistência do filho que vai sair do ovo. O ato da vespa é mais extraordinário ainda, porque evidentemente é ditado por uma espécie de sabedoria anatômica, digamos assim. A picada que inocula no inseto tem que ser dada em uma determinada região e só nessa região – e de maneira tal que o inseto continue vivo, embora já incapaz de fugir ou de ter qualquer ato de defesa... O processo é tão misterioso, e é tão da própria vespa, que o grande Fabre, observador sem descanso da vida dos insetos, tentou, pondo em jogo todos os recursos de sua infinita Ciência, reproduzir o ato, sem resultado nenhum...

Mistérios, como vemos – mistérios que se desdobram em outros mistérios... Como explicá-los? Como conseguir decifrar os segredos da esfinge?

Procurais fazê-lo, explicando, em vossa sabedoria, que "há, por assim dizer, dentro das células, uma inteligência, uma memória e uma lógica irracionais, que ultrapassam de muito aquelas de nossa própria cerebração consciente". Ouvimos vossa palavra – que respeitamos e aceitamos. Mas será que ela nos serve, realmente, de alguma coisa, ao sentido de esclarecer O enigma que nos preocupa, o enigma que está por trás dos outros enigmas – no sentido de dissipar a angústia que nos oprime? Creio que não. De que nos serve saber que há na célula da vespa uma inteligência do paramécio ou na célula da vespa uma inteligência e memória? Isto seria apenas uma informação... Mas como foi ali existir essa inteligência e essa memória?... Para que foram elas ali postas?... Quando foram elas postas!... Por que foram elas ali postas?...

Aí parareis conosco, meu sapientíssimo confrade. E o mistério, que há pouco dissolvestes, o grande mistério que há em tudo neste mundo e em todos os mundos, começa de novo a se gerar de si mesmo, pois ele não é senão a teia sem fim que envolve tudo, essa teia a que, seja qual for o nome que lhe dermos, temos sempre de dar um outro batismo... E esse outro batismo é a nossa irremediável, fatal, eterna e infinita ignorância...

## AUDÁCIA DOS ASSUNTOS

O traço que como escritor principalmente vos distingue, meu ilustre confrade, creio ser o da audácia dos assuntos. Não sei de ensaísta, já não digo na Literatura brasileira, mas em qualquer Literatura, que possua essa coragem que tendes de invadir todo e qualquer tema, sem a mínima cerimônia, sem qualquer aparência de nos pedir desculpas. O território de El-Rei Silva Mello

é o homem em toda a sua imensidade – e reinado ele o possui com segurança, força e decisão. Como que vos estamos a todos os momentos ouvindo repetir o velho verso do poeta latino:

> Homem sou:
> Nada que seja humano me é alheio.

É nesse terreno – no da incrível audácia dos assuntos – que mais uma vez me lembrais Montaigne.

Já ao mestre dos *Ensaios* tive ocasião de aproximar, ainda pouco, um outro escritor brasileiro – o nosso glorioso João Ribeiro, que aliás tem evidentes afinidades convosco.

Mas o parentesco que eu achava entre João Ribeiro e Montaigne consistia sobretudo na mobilidade, na flutuação que caracteriza tanto a um como ao outro. João Ribeiro, a impressão que nos dá é a de que não é um João Ribeiro – é uma associação de muitos Joões Ribeiros. E esses vários indivíduos estão nele a pensar ao mesmo tempo, ao mesmo tempo a exprimir os pensamentos que tem... De sorte que o resultado de tudo é aquela impressão de inconstância, de incoerência ou de contradição. O nosso grande escritor o sabia muito bem. E em certas páginas de seus ensaios mais pensados – no estudo sobre Friedrich Nietzsche ou no estudo sobre Gustav Freytag – escreveu períodos que valem como uma autodefesa eloqüente e maliciosa. Ele queria que esses dois escritores, também em tanta coisa móbeis e inconstantes como eram, fossem sempre vistos em progresso, e não, como o faria uma crítica estreita e mesquinha, em contradição.

A observação é válida para João Ribeiro. E é válida também para Montaigne, esse modelo de contradições – tão contraditório, ai de nós, como qualquer homem.

Era o próprio Montaigne quem assim se mostrava, ele que se auto-analisou tanto. E estou aqui a lembrar-me de certo ensaio em que ele confessa que às vezes enfrenta um assunto com um ponto de vista firme e decidido; mas, de repente, por puro exercício mental, põe-se a argumentar como se a sua idéia fosse exatamente a oposta. E então a força dessa segunda posição é tão dominadora, que ele se vê de repente inteiramente possuído por ela, repe-

lindo a posição contrária em que estava de início. O que não o impedirá – podemos concluir – de tornar de novo, também por puro exercício mental, a posição que acabara de repelir e findar por ser por ela inteiramente dominado de novo... E assim por diante, indefinidamente. É nesse ponto – o da infinita possibilidade de ver os prós e os contras de cada coisa, e de assim oscilar entre as idéias – que vejo o nosso João Ribeiro tão próximo de Montaigne.

O parentesco que entre vós e o filósofo francês encontro é, porém, de outra ordem. Está, como o disse acima, nessa incrível audácia com que vos meteis em todos os assuntos.

O velho Montaigne analisava-se em tudo. Para ele, a cor da sua pele, a resistência de um fio dos seus cabelos, a ponta que aparava de uma unha, tinham uma importância suprema, e cada fatozinho desses era capaz de lhe merecer um grande ensaio.

É claro que aqui não posso falar senão com a contenção acadêmica, mas vós, que já vos deliciastes com aquele estilo, que é o mais sutil e o mais plástico da língua francesa, sabeis que naquela fabulosa obra não há pecado, não há vício, não há sujidade humana, que deixe de ter o seu lugar de honra...

Ora, é exatamente assim que também procedeis como escritor, Sr. Silva Mello. Não há mistério da alma humana, não há região do corpo humano, não há hábito ou costume de homem – que não seja observado, analisado, dissecado por essa implacável lente sem aro que trazeis no *pince-nez*. Como o fiz com Montaigne, tenho que limitar-me agora na medida da discrição acadêmica. Mas basta ao ouvinte curioso abrir uma ou outra página de qualquer de vossos livros – aquele em que estudais os Estados Unidos, por exemplo. E logo esse ouvinte irá vendo surgir dos quartos mais secretos os móveis mais miúdos e os mais humilhados, para serem expostos a uma grande luz.

## OS ESTADOS UNIDOS

Não me sendo possível acompanhar-vos, Colombo temerário, em toda a audácia dos temas que enfrentais – posso, entretanto, tentar, na medida da discrição que este discurso me impõe, seguir-vos em algumas explorações que fazeis nos vossos mares amplíssimos...

Retomo o livro que escrevestes acerca dos Estados Unidos – livro a que destes o subtítulo de *Prós e Contras*, porém em que eu, para ser honesto, vos confesso que só encontrei os *Contras*... – e me divirto com a luz vivíssima com que ides clareando tanta coisa. Aqui está a indicação de um aspecto em verdade muito importante, e que, conforme o sentis, antes de qualquer outro, caracteriza a grande República: o Puritanismo. A análise que dele fazeis despoja-o de suas cores amáveis, e o põe a nu, com as suas grandes mazelas, a primeira das quais é aquela soberba hipocrisia.

É como o fruto fatal desse Puritanismo, também o mostrais, que a civilização americana se tornou isso que vemos hoje: esse terrível matriarcado, em que a mulher reina como soberana e em que o homem mal chega a existir... A opinião é certamente vossa – mas é também de muitos outros observadores, de argúcia e sutileza igual à vossa.

Um Keyserling chega a uma afirmativa destas: "A posição da mulher na América é a de uma raça dominante, tal qual foi a dos ingleses na índia."

E tanto o é que, pondo-vos de acordo com um brasileiro que longamente viveu nos Estados Unidos, Olímpio Guilherme, assim descreveis um casamento americano:

> Quem casa hoje nos Estados Unidos não é o homem, é a mulher. Os maridos são considerados coletivamente um rebanho (*little cattle*), que se tange com um olhar. Inverteram-se as atribuições domésticas da família: agora, na burguesia americana, é o marido quem carrega a criança; quem vai de cesta de vime no braço ao mercado fazer as compras do jantar enlatado, que depois amornece no fogão; em seguida à refeição, enfia um avental e lava conscienciosamente a louça suja; e à noite, a horas mortas, ainda embala o filhinho manhoso, que ignora o seu cansaço e a surda revolta do seu coração.

Inúmeros assuntos de que tratais estão aí a me desafiar a atenção e a malícia e alguns deles são deliciosos, pois muito revelam acerca daquele País estranho que inventa a monstruosa hipocrisia da lei seca; que permite a existência do exército dos *gangsters*; que coloca os negros no último lugar da coluna zoológica; que mata, sob o protesto indignado do mundo, Saco e Vanzetti e agora Chesmann; que lança a bomba atômica em cima das popula-

ções civis do Japão; que deixa medrar em suas cidades a floração desses míseros seres de egoísmo e de abandono, que são as Lolitas de toda espécie; e que, tendo por si a amizade e o amor de todos os povos do continente, acaba por alienar esses sentimentos, perdendo-os em benefício de ideologias nefastas ou perigosas... e isso por ter reduzido, como tantas vezes já tem sido dito, o belo programa do Pan-Americanismo, que deveria ser o de – *América para os Americanos* – a estas outras palavras: *A América para os Americanos do Norte*.

Já num duro e formidável livro, escrito nos começos da nossa República – e aludo à *Ilusão Americana*, de Eduardo Prado – isso tudo está demonstrado, com um vigor e uma coragem que hoje é raro encontrarmos em nossos publicistas...

Vosso livro, Sr. Silva Mello, vem, por muitos aspectos – salvo, é claro, o aspecto político –, ligar-se ao de Eduardo Prado.

E é pena que eu não me possa deter em cada um dos vossos capítulos – e sobretudo naqueles por demais interessantes (e são tantos!) em que estudais a vida sexual no grande País; ou naqueles em que analisais o problema do dinheiro; ou naqueles em que vos estendeis sobre o problema religioso ou o problema científico.

Como digo, deve haver alguns *Prós* aí, porque assim nos afirmais. Mas tudo o que posso discernir, nas vossas páginas, creio que são os *Contras*...

## ALGUMA COISA SOBRE O NEGRO

Deixo de lado essa análise espectral dos Estados Unidos, e retomo o livro em que estudais o negro.

Quanta compreensão, quanta bondade para essas vítimas eternas de todas as injustiças, vou desde logo descobrindo nestas páginas em que fala uma Ciência perfeitamente informada de tudo – mas em que jamais faltou a vibração de um coração.

Para que tenhais a maior simpatia pelo negro não seria preciso mais do que isto: o ter sido o negro, através dos tempos, a vítima que foi. É claro que essa simpatia está baseada em doutrinas científicas da maior segurança, todas as quais afirmam que não há tolice maior do que a dos que sustentam a superioridade de qualquer raça sobre as outras. Mas creio que, mesmo se não fosse

essa a decisão final da Ciência, a raça de Cão teria da mesma forma a vossa simpatia e o vosso amparo, senão o vosso amor. Bastava para isso ser a raça oprimida. Havíeis então de amá-la como amais todos aqueles que, conforme a belíssima palavra do Evangelho, tem fome e sede de justiça. É esse mesmo o segredo do vosso amor pelas vítimas de todas as espécies ou categorias – os velhos, as crianças e os enfermos, os pobres e os abandonados; e, numa órbita mais larga, os que foram feridos pela injustiça da História ou dos homens: os negros ou os judeus, por exemplo.

No que se refre aos negros vossas exposições são eloqüentíssimas. Encontro, por exemplo, em uma de vossas páginas, uma demonstração das mais curiosas, na qual deixais evidenciado – por uma estatística da incidência da úlcera péptica em brancos e em negros durante a guerra – que o negro é muito mais sensível, muito mais delicadamente humano, que o branco.

Levais a vossa necessidade de proteção a essa raça eternamente oprimida a um extremo tal que chegais a conceber uma *Associação Brasileira, para Reabilitação do Homem de Cor*, redigindo com minúcias os estatutos dessa instituição. Estamos vendo que, se fosseis contemporâneo de Patrocínio e Nabuco, a vossa atitude na década de 1880 teria sido a de um apóstolo da Abolição. E o vosso nome estaria hoje em letras de ouro escrito naquela maravilhosa Ilíada que o Brasil então viveu.

Destruidor de preconceitos, não vos detendes nesse terreno doutrinário em que mostrais que o negro em nada é inferior ao branco – mas ides muito além... Era nesse terreno que nosso grande Nabuco ficava, ele, o aristocrata que era – ao enunciar um pensamento justo como este: "O mau elemento da população não foi a raça negra, mas essa raça reduzida ao cativeiro."

Quanto a vós, Sr. Silva Mello, não ficais, como eu digo, restrito ao campo da doutrina. Ides muito além... As páginas mais vivas que encontro neste vosso vivíssimo livro prendem-se a um assunto ultraprático e também ultraproibido: à invasão que o sangue do negro fez nas veias dos brancos – nas veias dos nossos brancos... Como o mostrais, existe por aí muito arianismo intolerante, duro de branquidades excessivas... que ainda traz consigo o suave cheirinho da senzala.

As revelações que nesse ponto fazeis são assombrosas.

Não vou transportar para aqui uma lista das informações que, baseado em autoridades seriíssimas, nos dais, relativamente aos nosso mestiços. Tenho um secreto medo de ser apedrejado na rua por fantasmas... Sim, porque se trata sempre de mortos, e eu devo fazer a ressalva imprescindível de que os vivos – todos eles sem exceção – são sempre branquíssimos.

Mas vamos à vossa abundante lista. Ao que pudestes averiguar, a boa mestiçagem em nossa terra começou no trono. Estava em D. João VI, em D. Pedro I, D. Pedro II. Passou aos presidentes da República, aos ministros de Estado, aos titulares e aos nobres.

Detenho-me aqui... Mas poderia acrescentar a informação de que a nossa querida casa tem no seu pórtico inscrito, como o símbolo mais alto da glória no nosso País, o nome de um homem que, sendo um mestiço, foi um gênio – e um gênio de alma límpida e pura como os santos...

## REFLEXO DO BRASIL

Assim, Sr. Silva Mello, achamos em todos vasta e múltipla obra o reflexo do homem e o do mundo.

E o reflexo do Brasil? Também o encontramos – e com a mesma intensidade e com o mesmo brilho.

Sois bastante malicioso para traçar do nosso País o recorte de um paraíso terrestre, como o faziam certos cronistas de outro tempo. Mas a Poesia que se exala da terra de leite e mel, que é a terra do Brasil, toca também o vosso coração de analista, de observador e de sábio. Eis um esboço que encontro em um dos vossos livros:

> Não possuímos nem os animais de grande corpulência, os imensos e numerosos mamíferos de outras zonas quentes, nem tampouco os seu animais ferozes de grande porte. Houve como um sopro de doçura e bondade pelo continente. A natureza animal se abrandou, perdeu do seu porte e da sua ferocidade, tendo talvez ganho em astúcia e vivacidade. A própria preguiça, esse estranho fenômeno zoológico, tem ainda direito de existência dentro da nossa selva. E a influência parece tão intensa e poderosa que também o homem, em poucas gerações, se modificou, seguindo a mesma tendência. A

> própria linguagem falada se abrandou, perdeu da sua aspereza, amoldou-se em doçura...

Quanto ao *abrandamento* do homem assim os mostrais:

> O brasileiro tem uma natureza extremamente dócil, um surpreendente fundo de bondade, é sensível, humano, tolerante, altruísta. Tudo entre nós é feito como em família, por camaradagem, entre bons amigos. Prometemos tudo, esforçamo-nos por evitar decepções, não sabemos negar. Isso é tão geral que já vai se tornando conhecido até no estrangeiro, onde nossas doçuras e bondades têm-se tornado proverbiais...

Na procura do que seja o conhecimento e a valorização desta maravilhosa terra e do homem que a povoa, poucos, Sr. Silva Mello, terão prestado serviços iguais aos vossos. Já vos vimos empenhadamente detido sobre o elemento negro, a estudá-lo com a atenção e o carinho que só um muito desvelo reunido a um muito saber poderia possuir.

Outro elemento formador do Brasil que vos merece atenções especiais é o índio. Poderíamos apontar ainda outro: o judeu. E isto sem falar nos estudos avulsos, encerrados aqui e ali, e nos quais, de uma maneira ou de outra, sob um ângulo ou outro ângulo tendes estudado todas as gentes formadoras do Brasil, desde a camada mais remota, que é a dos portugueses, até as camadas mais recentes, a dos japoneses, por exemplo.

Nesse grande sentido – o da valorização do nossso País – creio que não há livro, em vossa bibliografia, que se compare ao *Nordeste Brasileiro*. Fostes ver pessoalmente aquela vasta região em que o Brasil ainda não se deformou por influxo das correntes emigratórias – e a impressão que de lá trouxestes, creio poder dizer sem exagero, foi a de um deslumbramento. Já antes, no primeiro dos vossos livros, havíeis estabelecido que "o cérebro do Brasil está no Norte, aí pela região baiana, talvez bem em Pernambuco". A viagem do Nordeste vos confirmou, em tudo, esse ponto de vista. O que mais vos surpreendeu naquela região parece ter sido o milagre da harmonia que achastes em todas as coisas: os animais, como os homenm, reduzindo as suas proporções, para viverem bem no ambiente que a Natureza lhes deu; o instinto – o sagrado instinto, de que, já o vimos, sois apologista – levando todos os seres vivos,

e principalmente os homens, a encontrarem as formas de que necessitam para a melhor alimentação, a melhor defesa da vida do indivíduo e da espécie.

Vejo aqui, em torno de mim, vários nordestinos, representantes, sem dúvida, do espírito e da sensibilidade brasileira, no que essa sensibilidade e esse espírito têm de mais belo, de mais profundo, de mais maravilhoso. Mas a verdade é que não é a nenhum deles que o Nordeste deve a sua valorização mais decidida e mais intensa. Essa dúvida o Nordeste a tem é para com o filho de Minas Gerais na região do Sul, o mineiro de Juiz de Fora, que vós sois.

## UM PRÊMIO MACHADO DE ASSIS

Achava-se já toda construída a vossa obra, quando a Comissão do Prêmio Machado de Assis da Academia começou a cogitar do nosso nome para a grande láurea.

Tínhamos aquele tempo na presidência da Comissão um homem, sempre muito mal julgado lá fora e mesmo, por muitos, aqui dentro, porém um homem que possuía as raras qualidades da dedicação aos amigos, do fervor nas admirações. Refiro-me a Ataulfo de Paiva. Foi ele quem, durante anos, lembrou o vosso nome à Comissão. E foi ele, também, quem, ao cabo desses vários anos, achou que havia chegado afinal a hora de terdes o prêmio.

Se me perguntásseis qual a razão daquela demora de Ataulfo, eu não saberia responder-vos. O prestígio do vosso nome era tal, já aquele tempo, que, apenas aparecida a proposta para o prêmio, seria este concedido com certeza e sem uma única opugnação. Teria acontecido o mesmo que aconteceu há poucos meses com a vossa candidatura à imortalidade...

O que me parece é que aquele prazer de demorar era um simples traço da alma do nosso Ataulfo de Paiva.

A idéia que tenho de Ataulfo é que ele era o semeador que antes de semear toma a semente na mão por longas horas, e por longas horas a contempla e a acaricia... Depois a coloca no lugar que para ela abriu.. E então vai ver, cada dia, o que está acontecendo... Vai assistir ao despontar do primeiro olho do broto... assistir ao broto que se desenvolve e que se transforma em árvore... E depois, na árvore que cresce, vai dia-a-dia ver o aparecimento da folha, o da flor, o do fruto... Tudo lentamente, tudo sem pressa e sem vexame, tudo com a volúpia de um artista e de um criador...

Não terá sido essa a verdadeira forma de ser daquele requintado poeta de sua própria vida, que o nosso José Lins do Rego, rude e cheio de claridades nordestinas como era, esteve tão longe de sentir e de entender?

## A CADEIRA 19

Chegastes à Academia, Sr. Silva Mello, para a substituição de Gustavo Barroso, na Cadeira 19. Foi uma grave responsabilidade, a que assumistes com essa eleição. E não sei se até agora vos destes perfeita conta dessa responsabilidade. Examinemo-la, porém.

A Cadeira 19 tem como Patrono Joaquim Caetano e como Fundador Alcindo Guanabara. Seguem-se a Guanabara D. Silvério Gomes Pimenta e Gustavo Barroso.

Podeis ver como se alternam, nela, a austeridade e a mundanidade – quase estou a dizer a virtude e o pecado. Joaquim Caetano deveria ser homem de uma bondade de costumes alta e delicadíssima, pois mereceu a Sílvio Romero um elogio como este: "É a glória mais pura, mais desinteressada do Brasil." Para servir de sombra a essa figura de santo de vitral gótico, temos Alcindo Guanabara – que era, ao que se diz, todo o prazer de pecar dentro do coração de um homem...

Vem a seguir o outro par – D. Silvério Gomes Pimenta, modesto, enclausurado em si e em sua virtude, só vivendo para as meditações de sua alma, para o bem do seu rebanho, para o amor da sua profissão religiosa; e ao lado dele, Gustavo Barroso que ainda temos tão perto de nós, e que era por excelência o homem da agitação humana e política, o partidário intransigente e alguma vez feroz. Integralista veemente, nunca deixou de trazer, como ele próprio sempre disse, a camisa verde na alma. E para a imposição ou a vitória de seu ideal político estaria permanentemente disposto a tudo...

Vemos assim por uma lei matemática que considero infalível – a da alternação da virtude e do pecado – que pertenceis, na Cadeira 19, ao grupo não sei se poderei dizer dos santos – em todo o caso ao grupo dos austeros, senão dos ascetas. Aliás esse traço de vossa personalidade não deve ser difícil de apanhar para os peritos nos mistérios dos espíritos e dos corações. Pois não era um suave pastor de almas, não era o sucessor de D. Silvério no

Arcebispado de Mariana, não o virtuoso D. Helvécio quem vos assegurava que éreis uma autêntica obra de Deus, e que por isso vos prometia um lugarzinho azul na bem-aventurança divina?

Assim, um acaso da Vida e da eleição acadêmica vos situou muito bem neste vasto País que se chama imortalidade. Tendes muito, Sr. Silva Mello, por todos os aspectos de vossa rara personalidade – por esse amor desvairado e heróico à liberdade, que é o primeiro dos vossos traços característicos, por essa predileção que sinto em vós por tantos assuntos proibidos, por esse gosto de sorrir de tudo, mesmo quando, terrível *Pince-sans-rire* que sois, pareceis estar levando tudo a sério – tendes muito, digo-vos eu, daqueles doces e amáveis monges que Rabelais levou para a sua Abadia de Teleme.

## UMA NOVA ABADIA DE TELEME

Nós aqui a temos também, a nossa Abadia de Teleme. Para começar, obedecemos ao mando de um homem da Igreja – que se conserva da Igreja, embora não tenha chegado a ser padre, como Renan também se conservou, por aquela sublime determinação de que quem um dia esteve perto de Deus jamais poderá deixar de estar perto de Deus.

Em segundo lugar, por mais que digam o contrário lá fora, isto aqui é uma casa de liberdade – e bem poderíamos gravar acima de nossa porta de entrada a palavra que Gargântua deu como regra os monges de sua gloriosa abadia:

## *FAY CE QUE VOULDRAS*

Acredito que com uns pequenos limites, que não chegam a ferir ninguém, esta é a lei da nossa casa.

Vereis, agora que aqui chegastes, que a nossa regra é muito suave e que as nossas obrigações são muito poucas. Temos para o nosso convívio os melhores homens do Brasil. Às quintas-feiras, temos um lanche, moderado em sua quantidade, como convém a estômagos sensíveis, mas substancial em sua qualidade, dosado submilimetricamente em proteínas e em vitaminas,

tudo com o intuito louvável de prolongar até ao extremo possível a nossa imortalidade precariíssima. Possuímos em nossa biblioteca os mais belos livros do país e do mundo – livros de que, ai de nós, já quase não podemos fazer uso, porque as condições dos nossos olhos não permitem... E quando acaso em uma de nossas sessões surge uma discrepância separando dois companheiros – é nuvem que logo passa, como essas rusgas ligeiras que por uns instantes separam os velhos casais.

Tudo isso, e muita coisa mais, que forma a excelência da nossa Instituição, haveis agora de ver com os vossos olhos, haveis de sentir com o vosso coração, na continuidade dos dias que viverdes ao lado desses doces telemitas, que somos todos aqui.

Vinde, pois, irmão Antônio da Silva Mello, vinde, cheio da vossa glória de mestre, de sábio e de escritor, ser um dos monges mais dedicados da nossa querida e deliciosa Abadia de Teleme.

Discurso do
SR. AUGUSTO MEYER

e

Resposta do
SR. ALCEU AMOROSO LIMA

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 19 de abril de 1961*

# I

# DISCURSO DO SR. AUGUSTO MEYER

Senhores,

No limiar desta Casa, convocado pelo generoso voto dos meus pares, se hesito ainda no degrau da entrada, não é só pela conveniência de uma atitude composta, que não esquece o rigor do ambiente e o olhar judicial do auditório, mas também graças àquela humildade que se aprende no trato das causas do espírito, e anda sempre de cabeça baixa, vergando seu peso da autocrítica. Já dizia um poeta entre os poetas, agora integrado em vosso grêmio, que "a vida é de cabeça baixa".

Não certamente a presunçosa cabeça baixa do imperador Constâncio ao passar sob um arco de triunfo, como a sugerir – assim dizia Amiano Marcelino – que a sua mirrada estatura ameaçava derrubar as portas da glória. Não mas a pensativa atitude de um magro sonhador que aprendeu a curvar-se diante da vida e a caminhar lentamente para os lados do crepúsculo distendido em sombra longa.

"Nós somos a sombra de um sonho na sombra", murmurava, lá pelos idos de 28, o tresnoitado poeta Bilu, parafraseando Píndaro, como observou Manuel Bandeira.

Se me debruço um pouco para dentro de mim mesmo, voltando aos caminhos confusos da juventude, vejo um mocinho espigado e tímido, já mais ou menos doente de Literatura. Colecionava páginas e páginas de revistas

cariocas, onde vinha então, quase sempre enquadrada em vinheta ilustrativa, a colaboração aos poetas mais celebrados naquele momento.

Encadernado em couro vermelho, era um ingênuo florilégio feito de folhas avulsas, que ainda estou compulsando. Entre um poema e outro poema, no anverso de cada folha, apareciam as coisas mais disparatadas, *de rebus pluribus*, e entre elas, alguns retratos de acadêmicos. A Academia Brasileira...

Quem não sonhou de longe, provinciano e bisonho, estas quimeras de gosto, na expressão do clássico, não imagina o que é sofrer de Literatura e nem é digno, pensando bem, de conquistar um lugar nesta Casa. Tudo aquilo parecia-me então sublime, recuado e vertiginoso, como a nossa marcha estelar no rumo de Vega da Lira.

E agora, senhores acadêmicos, a primeira idéia que me acode, se ouso dar os primeiros passos ao encontro da Cadeira 13, galardoado com o vosso voto e o auriverde fardão, é que este mundo é vário, imprevisível a fortuna – e tudo pode acontecer, inclusive o degenerado representante daquele mocinho tímido generosanente na Casa de Machado de Assis.

Na vossa ilustre companhia, aos vivos se ajunta a sombra de grandes mortos e por isso mesmo falam mais alto no convocado as razões da modéstia, geralmente esquecidas. Devo talvez penitenciar-me do prêmio, relendo Matias Aires, ou seu padrinho La Rochefoucauld? Mas vejo que assim, duvidando de mim mesmo, dissentindo da aprovação dos que me elegeram, pecaria dessa outra forma de intemperança: o gosto amargo da humilhação, a que muita vez não faltam certos laivos de hipocrisia, quando começa a aparecer, entre duas curvaturas, a ponta lívida e contrita do nariz de Tartufo...

Creio que basta, para o arrefecimento das vaidades acadêmicas, o tempero de uma fábula de Fedro, ou melhor ainda, reler com alguma atenção as palavras do bruxo de Cosme Velho, quando adverte:

> A vida dos livros é vária, como a dos homens. Uns morrem de vinte, outros de cinqüenta, outros de cem anos, ou de noventa e nove... Muitos há que, passado o século, caem nas bibliotecas, onde a curiosidade os vai ver, e donde podem sair em parte para a História, em parte para os florilégios. Ora,

esse prolongamento da vida, curto ou longo, é um pequeno retalho de glória. A imortalidade é que é de poucos.

E não será descabido reforçar as razões da modéstia, refrescando a memória das nossas contradições. A Academia é uma espécie de casamento, e já confessava o acadêmico N.. solteirão sarcástico na anedota de Chamfort: "Eu disse horrores da Academia, e eis-me acadêmico; a julgar pelo exemplo acabarei arrependido e casado."

Penso que a principal virtude e o melhor influxo deste ambiente é o de incutir no espírito do candidato eleito a idéia de uma continuidade no esforço comum, através das gerações. Nele se respira o amor da tradição viva, e o seu exemplo é o de um ideal de confraternidade. Por isso mesmo, desde logo estou sentindo a presença de sombras que provocam os menores desvãos desta Casa.

De uma, quero dizer a feição amiga, mestre a quem fiquei devendo as primeiras aproximações com a Academia Brasileira de Letras: Rodolfo Garcia. Foi ele quem serviu de assistente na minha delicada apresentação de credenciais ao comandante Eugênio de Castro, então diretor do Instituto Cairu. Deu-me, na área imperial da nossa Biblioteca, uma cabeça-de-ponte, uma nesga de *Lebensraum*, para a instalação do Instituto Nacional do Livro. Surpreendeu-me ali certa vez Rodrigo Octavio a devorar minha frugal refeição na própria mesa de trabalho, que pouco tempo então sobrava para a conquista de mais verba, mais espaço, mais pessoal.

No seu gabinete da Biblioteca Nacional, agrupavam-se os rosacrucianos da História. Estou a rever os mais assíduos: Afrânio Peixoto, Otávio Tarquínio de Sousa, Tasso Fragoso, Artur Neiva, Serafim Leite, Alberto Rangel, Aurélio Porto, Carlos Pontes, Primitivo Moacir, Wanderley Pinto, Batista Pereira, Eugênio de Castro. De vez em quando, sobranceiro, monumental, porejando saber e a afabilidade olímpica de um gigante bom, Afonso Taunay vinha iluminar o ambiente com seus olhos de pervinca e a vigília da prodigiosa memória, sempre de fogos acessos. Ali conheci eu, apresentado por Garcia, o nosso Alfredo Varela, esbelto, elegante, urbaníssimo, encantador; e o mesmo Garcia, num sorriso muito seu entre malicioso e administrativo, mais tarde havia de revelar-me que Alfredo Varela manifestara o desejo de ser amortalhado com o pavilhão tricolor dos Farrapos.

Onde estão eles? *Ubi sunt*? Só o Dr. Serafim Leite, o robusto historiador da Companhia de Jesus no Brasil, e o desempenado Wanderley Pinho poderiam responder: presente! a uma lista chamada, a um apelo saudoso de relembrança. Um por um, foram-se os outros. Afrânio Peixoto, o primeiro, mais rico de seiva e agilidade, o mais diserto e baiano, o menos conformado com a estranha obrigação de aprender a renunciar, discutindo com a própria sombra as cláusulas da rendição inevitável.

Rodolfo Garcia punha toda a sua vida no aguçamento de uma anotação de pé de página ou fim de capítulo. E quanto esforço de pesquisa, resumindo em poucas linhas, quanto zelo de bolandista, ao dar o máximo de conteúdo, num mínimo de fadiga para o leitor! Teria sido se quisesse, nos domínios da lexicografia, um mestre consumado e inigualável. Mas em vão insisti com ele para que aceitasse a incumbência de organizar um *Dicionário de História do Brasil*. Quantas vezes, depois do expediente, esclarecia um passo mais controvertido de História colonial, sugeria novas pesquisas de arquivo, relembrava apenas asperezas e malícias de Capistrano! Ou, mergulhando na leitura atenta de um código amarelecido, o eterno cigarrilho ao canto do lábio, deixava-se estar todo esquecido de si mesmo, cercado de uma nuvem de fumaça, a um só tempo reconcentrado e vago, pois, se aparentemente ali o víamos nós outros, em verdade vagueava então pelos meandros sutis de uma glosa erudita e pulara séculos, a dialogar com Ambrósio Fernandes Brandão, Nuno Marques Pereira, Fernão Cardim – talvez algum Visitador do Santo Ofício com cara de poucos amigos...

Antes de cumprir à risca as obrigações que me impõe a tradição acadêmica – a evocação do patrono, do fundador da Cadeira e do antecessor – pareceu-me não podia faltar neste pobre discurso uma referência amiga àquele autêntico erudito, o primeiro a apadrinhar minha candidatura.

E vejamos agora, meus senhores, na penumbra de tantos anos sem memória, outra sombra, esquiva e sedutora. Os olhos sorriam à morta poesia de um destino já cumprido. Quando homem, havia nele sem dúvida um encanto indefinível que logo se entrevê no testemunho dos contemporâneos

Deputado, senador, conselheiro, plenipotenciário, tudo ficou devendo Francisco Otaviano à "Messalina impura", à Política destratada num desabafo ingrato. É que havia dentro dele a má consciência da vocação mal desempe-

nhada: era um poeta, e não só em momentos medidos e intencionais de Poesia, mas virtualmente um poeta, no desafogo da prosa jornalística, na crônica leve, tecida de improvisos, na graça confidencial da correspondência. Já observou Antonio Candido:

> Muitas vezes a vocação existe; na maioria dos casos, porém, só parece existir porque não pudemos segui-la. Então, durante a vida inteira, age como paraíso perdido e escusa servindo-nos para justificar a mediania das realizações e alimentar o sonho banal de cada dia.

Otaviano, ou a virtualidade poética... Daria o tema bom pretexto para desenvolver o estudo psicológico das vocações insatisfeitas, mediante a análise daquele contraditório vaivém, entre estímulo e desânimo, que parece desgovernar o esforço criador, no mecanismo das criações truncadas. Certo não faltam vocações viúvas ou mal casadas, solteirões da vocação poética. Parece que estão dizendo: *might have been*, poderia ter sido e não foi. Entre a vocação e o poema, apesar dos momentos de namoro, talvez o beijo e a carícia fugaz, não se verificou afinal o fecundante enlace, que é renovo da insatisfação, longo aprendizado conjugal e necessidade na continuidade. No caso de Otaviano, o *might have been*, poderia traduzir-se numa paráfrase do seu famoso poema. Cuidamos que está repetindo a si mesmo, incansavelmente:

> Quem passou pela vida e não foi poeta,
> Foi fantasma de homem, não foi homem,
> Só passou pela vida e não viveu.

Não deveis procurar o melhor da sua poesia nos versos que deixou, mas na prosa do cronista, naquelas crônicas em que já sentimos o antegosto do cronista Alencar, do cronista Machado de Assis. Tenho afagado muitas vezes a vaga idéia de uma Antologia da Crônica Brasileira, e parece-me que é data importante, na cronologia do tema sugerido, aquele 2 de dezembro de 1852, quando Francisco Otaviano começa a publicar no *Jornal do Commercio* a sua colaboração dominical, sob o título: "A Semana." Foi ele o primeiro a tratar com leveza e agilidade as transições graciosas e sem aparente juntura

de tema a tema, fazendo da crônica um aperitivo de muitas sugestões, que vão de tudo a nada e de nada a tudo: a técnica do borboleteio dirigido.

Poeta menor e tradutor de poetas, na prosa deixou a marca de um andamento mais firme, com a vantagem de esquecer então o acicate das veleidades líricas, o seu voto inconfessado:

*Sublimi feriam sidera vertice.*

Xavier Pinheiro, em 1925, junto ao escorço biográfico uma seleção de escritos, versos e prosa. Compreende a seção poética "poesias originais inéditas", "traduções inéditas" e "traduções publicadas". Mas a parte reservada à prosa nem de longe corresponde à importância de sua produção. Otaviano foi prosador, acima de tudo jornalista. Como observou Ferreira de Araújo: "Filho do povo, educado na imprensa fez pela sua pena o que quis fazer: foi deputado, foi senador, foi chefe de partido, foi diplomata, não foi ministro porque não quis."

Só uma pesquisa demorada na Gazeta *da Instrução Pública* no *Jornal do Commercio*, no *Correio Mercantil*, no *Diário do Povo*, na *Tribuna Liberal* e na *Reforma* dará uma primeira colheita menos incompleta dos seus escritos. No fundo, portanto, uma atividade voltada para a ação imediata, com intermitência de evasão ramântica, logo refreadas. Era um homem de ação, mas facilmente desinteressado e capaz de sentir os lados negativos da sua participação na vida política, ou na vida literária.

Mais que Poesia, mais que na Prosa jornalística, ou na oratória parlamentar, quem sabe o Otaviano fiel a si mesmo anda acaso perdido no desalinho confidencial das cartas? As deliciosas cartas ao seu amigo Arêas e a José Antônio Saraiva, do arquivo do Instituto Histórico, algumas cartas datadas de Montevidéu, que cheguei a consultar no original, estão pedindo comentário e editor. É o que nos promete Wanderley Pinho para muito breve, depois de acurada pesquisa de longos anos. Chegaremos então a compreender com mais intimidade e uma desarmada simpatia o tom cativo, de admiradores incondicionais, que notamos nas referências dos contemporâneos. De qualquer modo, ganha muito o encanto singular de Francisco Otaviano com a distância no tempo e a relativa imprecisão do seu perfil. Otaviano, poeta virtual, franja

de indecisões da personalidade me faz pensar na poesia do indefinido. Todas as coisas limitadas têm sempre saudade de outras coisas e se entregam à nostalgia do indefinido. Ou, como dizia tão lucidamente um grande conhecedor das nossas contradições: "Toda coisa já traz em si mesma a tristeza da sua forma, a tristeza de ser assim e não poder mudar – ser outra coisa..."

Houvesse a liberdade da escolha, e eu não poderia ter escolhido patrono mais oportuno e mais condescendente Chego a imaginar que ele está murmurando para meu uso e numa cumplicidade maliciosa as palavras de um grande poeta, em seu discurso de recepção na Academia Francesa. "*Qu'est-ce qu'un esprit de qui les pensées ne s'opposent aux pensées, et qui ne place son pouvoir de penser au-dessus de toute pensée*?".

Quem passou pela vida e não hesitou, voltado para a rosa dos rumos, quem não parou muitas vezes à beira do caminho, duvidando, ou sonhando a aventura de outros roteiros, quem alimentou sempre a ilusão de possuir a verdade num corpo limitado e nunca admitiu, de si para si: poderia ter sido, foi abstração de homem, não foi homem.

Só passou pela vida e não viveu.

Dizia Hélio Lobo certa vez a um jornalista, a propósito da Cadeira 13: "Talvez pela sugestão de número, sempre ela foi considerada a das sombras; de quatro de seus ocupantes, o Visconde de Taunay, Francisco de Castro, Martins Júnior e Sousa Bandeira, dois nem mesmo lograram ocupá-la." Referia-se a Francisco de Castro e Martins Júnior. Francisco de Castro, que seria recebido pelo seu amigo Rui Barbosa, faleceu sem tomar posse da Cadeira. Martins Júnior, nos dois anos de vida que lhe restavam, sempre se manteve a distância e tomou posse por carta. Em compensação, e apesar do 13 agoirento, Hélio Lobo foi acadêmico durante um longo período de quarenta anos. O desmentido prosaico não deixa de confortar o seu inquieto sucessor.

Hélio Lobo nasceu em Juiz de Fora, a 17 de outubro de 1883, e faleceu no Rio de Janeiro, a 29 de janeiro de 1960. Cursou a antiga Faculdade Livre de Direito, colando grau a 23 de dezembro de 1904. Logo após a formatura, passa a colaborar na *Gazeta Jurídica*, de São Paulo, e na *Revista Forense*, de Belo Horizonte.

Em 1908 é nomeado auxiliar do Tribunal Arbitral Brasileiro Boliviano, criado pelo Tratado de Petrópolis, e a 23 de junho de 1910, exerce as funções de secretário da Delegação Brasileira à 4.ª Conferência Internacional Americana de Buenos Aires. Nesse mesmo ano, ingressa no quadro permanente do Itamaraty, onde irá conquistar todos os postos da carreira.

Foi Secretário da Presidência no Governo Wenceslau Brás. Secretário Geral da Delegação do Brasil no Congresso da Paz, Versalhes, em 1918. Delegado do Brasil à V Conferência Internacional Americana, em Santiago. Delegado do Brasil à Conferência Interamericana de Consolidação da Paz. Representante do Brasil no Conselho de Administração da Repartição Internacional do Trabalho, em Genebra. Delegado do Brasil à Conferência Internacional do Trabalho:

Publicou: *Sabres e Togas*, 1906; *De Monroe a Rio Branco,* 1912; *Brasil, Terra Cara*, 1913; *Antes da Guerra*, 1916; *Cousas Diplomáticas*, 1918; *Causas Americanas e Brasileiras,* 1923; *A Passo de Gigante,* 1925; *Brasilianos e Yankees,* 1926; *A Democracia Uruguaia*, 1929; *No Limiar da Ásia*, 1935; *Docas de Santos*, 1936; *Um Varão da República*, 1937; *Manuel de Araújo Porto Alegre,* 1938; *O Pan-americanismo e o Brasil,* 1939; *O Domínio do Canadá*, 1942; *A Lição Suíça*, 1949.

O melhor do esforço está, pois, dedicado às "coisas diplomáticas, e História diplomática oscilando entre os objetivos imediatos da carreira e a pesquisa dos arquivos, como podemos ver de modo exemplar em *Às Portas da Guerra.* Mas, permeando a obra toda, a contar de *Sabres e Togas*, notamos a constante preocupação pelas questões de Direito Internacional Público. Sobre o internacionalismo, aliás, já se manifestou, com a autoridade que me falta, o professor Haroldo Valadão. Todos os que nos interessamos pela História literária e das artes plásticas no Brasil, ficamos devendo muito ao seu estudo biográfico sobre Araújo Porto Alegre, ainda hoje fonte indispensável de consulta, que deveria andar ao alcance dos pesquisadores. Também ao traçar a biografia de seu pai, Fernando Lobo, deixou falar os documentos e preferiu dar mais relevo ao ambiente político em Minas, durante o agitado período inicial da República.

É de cabeça cada vez mais baixa, numa atitude reverente de bárbaro às portas do Capitólio, que estou considerando a imponência dessa produção.

Conheço-a mal, traduzida a meu gosto e alcance, com o arbítrio de um impressionista. Meu parecer, em tais condições nada pesaria nos pratos da balança. Convidado a opinar, ousaria quando muito sugerir. E um pobre *suonatore di flauto*, afeito ao subjetivismo das divagações literárias, como há de apreciar com devido rigor crítico a austera obra que deixou Hélio Lobo, toda consagrada a problemas de sua especialidade? Nem cabe nas proporções de um discurso acadêmico esse desenvolvimento analítico.

Pareceu-me, isto sim, que devia tratar essa obra, tão digna por todos os títulos, com a atenção objetiva que está convocando a cada instante no espírito dos seus leitores. Mais cômoda seria, sem dúvida, a desobrigada solução de um elogio formal, como quem se limita a louvar para não ler. Mas na problemática tão complexa e tão sujeita a variações que está contida necessariamente nos temas da preferência de Hélio Lobo, a dialética da História se renova a cada passo, e o que parecia atual a seu tempo, evolveu com a mudança de perspectiva.

Para meu uso, direi que alguma lição proveitosa me ficou do estudo mesmo incompleto dessa obra. Ficou-me a impressão de um mundo já distante, com outro estilo de vida, em que ainda era possível tratar de americanismo à luz oficial da doutrina de Monroe, prescindir das pesquisas de História econômica, ao deslindar uma questão de História diplomática, reduzir os grandes problemas internacionais ao âmbito da norma preceitual e jurídica, e considerar *under western eves*, com recuo e expanto, a formidável convulsão social dos nossos dias, estacando prudentemente "no limiar da Ásia"... Reduz-se então o fato histórico a simples conseqüência da intriga política dos gabinetes, ou das operações militares.

Nos anos trágicos de 1939, Ilhado em Genebra, escrevia Hélio Lobo, ao prefaciar o *Pan-americanismo e o Brasil*: "Entre tropeços vários, ensaios reiterados e desvios eventuais, a América não se apartou de seu ideal da paz pelo direito. Há nisso um esforço perene, que não tem, como expressão continental, paralelo noutras partes do mundo." E mais adiante, reproduzia a solene declaração exarada em documento memorável, na Conferência do México, em 1901: "Por mais que um pessimismo amargo proclame inúteis os esforços destinados a realizar entre os homens o predomínio da justiça e o desterro da força como substituto do direito, é preciso convir em que a afirmação cons-

tante de sãs teorias e sua aceitação oficial pelos governos, mediante convênios ou declarações em comum, que os obrigam moralmente, irão criando uma opinião tão poderosa que acabe por extirpar os abusos mais arraigados."

Palavras estas que poderiam servir de epígrafe a toda obra de Hélio Lobo, repassada de um espírito de sadio humanismo, o mesmo humanismo de que se alimenta o Direito internacional público.

Já houve quem apontasse em tais declarações o ascendente da "ilusão jurídica", isto é, daquele obrigatório otimismo dos magistrados e plenipotenciários nas cortes internacionais, quando imaginam corrigir a violência a golpes de leis, ou acordos, sem atacar a questão nas suas causas profundas. Sua atitude corresponde a um impulso de inconsciente defesa, como de quem se esquiva a uma análise mais detida, para que não esmoreça a coragem de afirmar. Observa Santo Hilário pela glosa de Bernardes, que "há entre os homens tantas fés quantos quereres", *tet existere fides quot voluntates*.

E não obstante já então bem outra começava a mostrar-se a lição da História americana, com o exemplo de Cuba. Do mesmo ano da Conferência do México é a famosa Emenda Platt, imposta a uma assembléia constituinte convocada pelo comando militar americano, pelo qual Cuba se obrigava a não contrair dívidas incompatíveis com suas rendas e concedia aos Estados Unidos o direito de intervir no país, garantindo a permanência de governos capazes de assegurar a proteção da propriedade privada. A emenda, além disso, autorizava generosamente Cuba a vender ou arrendar aos Estados Unidos as bases navais de Guantánamo e Bahia Honda e foi aprovada pelo senado americano sem que os convencionais cubanos dela tivessem conhecimento prévio.

As conseqüências aí estão, meus senhores, para mostrar que a verdadeira História não costuma pautar-se pela cláusula oficial de tratados, convenções e acordos. Como, de outro lado, bastaria uma seca enumeração de fatos históricos, de 1826 aos nossos dias, para deixar bem claro que a doutrina de Monroe, brilhando pela omissão no que resta a um anteparo contra as acometidas da avidez européia, revelou-se, do ponto de vista continental, mera preservação de um espaço econômico votado ao expansionismo da hegemonia norte-americana; uma preservação de áreas de influência, mantidas em estado de subdesenvolvimento.

Era no fundo, uma variante americana daquele desconcerto fundamental que viciou pela base a europeização do mundo: o liberalismo como filosofia da expansão, provocando a necessidade de um retrocesso como instrumento de progresso. Retrocesso como instrumento de progresso não é um gratuito jogo de rimas, e quer dizer o seguinte: aos colonizadores e ao imperialismo capitalista pouco importava a negação dos seus propalados ideais entre os povos subdesenvolvidos, quando semelhante negação vinha consolidar sua esfera de influência, em proveito dos seus interesses. Ainda melhor: da inércia, do pauperismo da desarticulação, do retrocesso político faziam poderoso instrumento a serviço do progresso ocidental. E é curioso verificar o aspecto moral e confessional dessa contradição. Em *Asketischer Protestantismus und Kapitalistischer Geist* (A Ética Protestante e o Espírito de Capitalismo), refere-se Max Weber à "moral para uso externo" dos colonizadores ocidentais. Passada a linha, a moral para uso externo tolerava, nas relações com os povos chamados *nativos* o que estava condenando severamente a moral cristã, na relação entre irmãos.

Agora mesmo, outro Acadêmico, Barbosa Lima Sobrinho, acaba de publicar um notável discurso pronunciado na Câmara dos Deputados, *Cuba e o Dever do Brasil*, em que analisa magistralmente a situação cubana em seus diversos aspectos. "Que livro delicioso, que tratado de hipocrisia e de astúcia não se escreveria, com o estudo dos pretextos de que se tem valido o Imperialismo, para a sua tarefa de espoliação!", diz ele.

E não obstante, por uma espécie de salto dialético, o imprevisto já começou. Estamos assistindo, meus senhores, a um formidável despertar das energias adormecidas, não só no Oriente e na velha China, mas na América Hispânica e na própria África, ainda há pouco a grande terra de ninguém, *the heart of darkness*, imensa extensão continental de possessões e protetorados, presa fácil da gula colonialista. Esta Ifrikya, esta Negrícia dos humanistas começa agora a fermentar, e novas perspectivas históricas se descortinam, que deixariam atônitos os seus desbravadores, a começar pelo Infante de Sagres, com seu *talent de bien faire*. Os brancos terão de enfrentar as conseqüências desse novo nacionalismo que eles mesmos provocaram no Próximo Oriente e na África do Norte. Já em 1920, num artigo memorável publicado na revista *The Round Table,* sob o título *The Changing East,* Thomas Edward

Lawrence, cognominado o Árabe, havia chegado a uma intuição profética destas reações inesperadas. Mas em nossos dias, como bem sabeis, na África do Norte e outras regiões do Continente, trata-se de um movimento irreprimível de rebeldia e autodeterminação.

Começou a afirmar-se aos poucos o verdadeiro espírito universalista, que é a essência do Humanismo. Por enquanto, parece manifestar-se apenas com a ingenuidade das contradições, como proliferação de nacionalismos destemperados. Não importa; é a conquista para melhor. *Il faut tenir les pas gagnés.* A imagem viva e plástica desse espírito é a nave sideral dos astronautas, é Gagarin dizendo: Vamos! ao sinal de lançamento...

Mas – torno a reconhecer – não cabe nas intenções de um discurso o desenvolvimento mais amplo da questão. Meu intuito foi apenas mostrar como a obra de Hélio Lobo necessariamente provoca uma atitude crítica no leitor de hoje e convida a uma revisão de valores, com a dramática mudança que se verificou a contar de meados do século. Se a História merece algum crédito, é quando obriga a repensar a lição histórica, à luz do presente, para nós outros, sul-americanos, é o heróico exemplo de Cuba, de Cuba espoliada e agora mesmo invadida...

Senhores, para tão outro curto fôlego, já vai longo o discurso. Um soba africano, poupado em palavras, determinara que, nas cerimônias oficiais, o orador só teria o direito de falar enquanto conseguisse manter-se em equilíbrio ameaçado, num pé só. Estou de pleno acordo com a avisada providência desse inimigo da loqüela. Já me sentia, contra todos os meus hábitos, orador, homem de testa erguida e palavra desatada, todo entregue à coragem de afirmar. Uma infidelidade, portanto, à minha técnica de longa ruminação das cousas e cabeça baixa. A cabeça baixa de quem não acaba de acertar o caminho e ainda procura, ainda hesita. Mais ou menos como no adunco Poeta:

*[...]*
*portava la mia fronte*
*come colui che l'ha di pensier carca*
*che fa di sé un mezzo arco di ponte...*

## II

## RESPOSTA DO SR. ALCEU AMOROSO LIMA

Quem diria, senhor Augusto Meyer, que aqui nos defrontássemos no limiar das despedidas, depois de termos tanto escarnecido, em nossa mocidade, das vaidades acadêmicas! Será que a Academia mudou ou mudamos nós? Provavelmente nem uma nem outra coisa. Embora estivéssemos ao lado de Graça Aranha, em 1924, sem querer negar a evidência da minha primogenitura, bem sabíamos que era vã sua esperança de mudar a natureza da Academia, transformando-a em renovadora de formas estéticas. Sempre foi outra a missão das Academias em todo o mundo. Foi sempre a de defender o patrirmônio cultural de um povo, sem tolher entretanto o surto contínuo da sua renovação. Quando vemos um Pasternak ser levado ao desespero e à morte pela intolerância de uma Academia, é que o espírito dela se ausentou, colocando-a ao serviço do Poder Absoluto e do fanatismo das novas classes.

As Academias não são boas nem más por si mesmas. São más quando pretendem aparar os raios com a mão, como dizia o nosso Mário de Andrade, pioneiro da nossa geração. Mas são boas quando deixam as cigarras cantarem em liberdade, sem desdenhar, entretanto, o papel das próvidas formigas, abastecedoras e guardas vigilantes dos celeiros.

Foi, porventura, uma compreensão menos apaixonada do papel das Academias, na vida literária de um povo, e ainda quem sabe uma consciência mais nítida de que há tanta vaidade em ser, como em não ser, acadêmico, que

explica, senhor Augusto Meyer, este nosso reencontro depois de quase trinta anos de silêncio epistolar. É verdade. Uma vida! Foi essa a dolorosa surpresa que me foi proporcionada pela alegria de vos receber na Casa daquele que estudastes, com tanto amor, tanta ciência e tanta argúcia.

Revendo velhos arquivos à procura dessa nossa correspondência jamais relida – mas guardada na saudade com aquela doçura que, mais do que a lembrança, o esquecimento nos deixa dos sempre furtivos momentos de felicidade – verifiquei com espanto e melancolia que em 1931 cessaram as nossas cartas entre Rio–Porto Alegre. E nunca mais se renovaram! A distância, dizia La Rochefoucauld, é como o vento, que apaga as velas e ateia os incêndios. O amargo moralista aplicava a imagem apenas ao amor. Podemos também levá-la aos domínios da amizade. A nossa nasceu à distância e nela se alimentou. Quando os bons fados vos trouxeram, depois de 1930, do Guaíba à Guanabara, não para amarrar cavalos no obelisco mas para nos guiar com a vossa cultura, já começara a descer, entre nós, a cortina do silêncio que a proximidade, por vezes, engrossa mais do que as distâncias. Revendo agora essas folhas murchas da nossa mocidade – quando entrávamos lado a lado, embora à distância, na mesma aventura de um continente novo a desbravar foi como se revivesse a experiência proustiana da famosa *madeleine*. Marcel Proust teve um lugar de grande destaque nessas nossas cartas durante a batalha modernista. A esse Proust dedicastes aquela famosa Elegia de 1927 que me enviastes então, ainda quente do forno, e a quem dizeis:

> Marcel menino mimoso, estou contigo, Proust:
> .....
> Escuta: a vida avança, avança e morre...
> Marcel Proust, diagrama vivo sepultado na alcova
> o teu quarto era maior que o mundo:
> cabia nele outro mundo...
>
> Fecho o teu livro doloroso nesta calma tropical
> como quem fecha leve leve a asa de um cortinado
> sobre o sono de um menino...
> .....

Estranha essa descoberta, que ambos fazíamos tão longe um do outro, dessa estranha figura de um fim de era que tão grande eco encontrava nos jovens do novo continente que se lançavam à conquista de um mundo novo e em nome de uma revolução de jovens – estética, política e espiritual. Pois foi tríplice essa revolução modernista a que íamos entregar as energias intatas da nossa mocidade. Intatas? Isso é que não. Se não podíamos dizer como os românticos pela boca de Alfred de Musset: "*Nous sommes venus trop* (*tard dans um monde trop*) *vieux*", o que procurávamos no Modernismo não era uma iniciação mas um rejuvenescimento. Tínhamos pouco mais de vinte anos, mas carregávamos nos ombros, como essas indiátides das igrejas coloniais andinas, muitos milênios de civilização. Nossa geração envelhecera prematuramente e vinha procurar, nessa tríplice revolução, o corpo inanimado da mocidade aparentemente morta e o segredo de a ressuscitar.

A herança que recolhera da geração anterior fora a do cepticismo e da perplexidade. Vale aqui relembrar a figura, as palavras dramáticas de um dos vossos antecessores na cátedra de Francisco Otaviano a quem soubestes tão bem fazer a justiça que até hoje lhe faltara, quando pela mão de Graça Aranha, em 1906, tomou posse da Poltrona que hoje vos pertence. Refiro-me a essa requintada figura de humanista e de "humorista" que foi, como vós, J.C. de Sousa Bandeira. Dele ouvi as primeiras leituras dos versos que da Suíça lhe enviava, no exílio de um sanatório, um jovem sobrinho, cedo acariciado pelos dedos febris e glaciais ao mesmo tempo, do gênio poético e da morte pressentida. Era esse mesmo Manuel Bandeira – precursor dessa revolução literária que nos prometia reencontrarmos o tempo perdido e nos reconciliarmos conosco mesmo. E continua a ser bem vivo, entre nós, graças a Deus, o próprio símbolo, não apenas da poesia moderna, que o tempo leva, mas da poesia eterna, que resiste à monotonia da vida, mais destruidora do que a própria morte.

Foi o esquecido Sousa Bandeira uma das flores mais sutis da nossa cultura. Conheci-o aí por volta de 1910, ainda em pleno vigor de uma inteligência que recebera na mocidade o banho de fogo destruidor da Escola do Recife. Mas reagira contra a lógica implacável do seu dogmatismo às avessas. Mantinha então na Rua Barão de Itambi, a dois passos da casa onde iria morrer alguns anos mais tarde Olavo Bilac, um dos últimos salões literários do

nosso Rio. A obra escassa, embora de alta qualidade cultural, que deixou, não traduz, nem de longe, o que foi a sua pessoa. É o destino por vezes dos tímidos como vós, dos dedicados como vós, dos que abominam o mundanismo intelectual como vós, tão deliqüescente como o outro... Era o homem da conversa íntima. Das alusões em surdina. Da medida e do bom gosto. Citava Goethe ou Shakespeare, no original, mas procurava apagar-se quanto podia, fazendo o possível por passar despercebido e sorrindo de todas as gloríolas.

Fiz, junto dele, noviciado do precoce desencanto de viver, da despedida dessa *belle époque*, que iria provocar, do outro lado do Atlântico, da boca de outro desses grandes esquecidos do naufrágio do século XIX, Charles Louis Filippe, aquela trágica palavra: "*Finie la douceur de vivre, les temps de la passion sont arrivés.*" E isso antes de 1914, de 1917, de 1921, de 1933, de 1939, de 1945, de 1957, de 1961, de todos os grandes acontecimentos sociais e científicos que mudaram a face da terra no decorrer de uma geração. A geração de Sousa Bandeira, como a de Graça Aranha, que o recebia nesta Casa em 1906, fora a geração da renovação "tobiática" do Recife. Mas nessa data o ambiente literário era o da frivolidade, o da literatura de salão, o da mediocridade intelectual, o do fim de um século que só iria terminar com o tiro de Serajevo e a invasão da Bélgica em 1914. Mas que no Brasil iria mesmo prolongar-se até 1916, como o refere o inigualável historiador dessa época de transição, o Sr. Brito Broca. Escreve ele quase ao fim do seu livro já hoje clássico *A Vida Literária no Brasil – 1900*:

> Em 1914 foi a surpresa, o imprevisto: a guerra, a guerra como até então não se conhecia, conflagrando de um momento para outro toda a Europa, estendendo-se pela Ásia e África... Era o fim de uma época, de um teor de vida. *La belle époque*, que na Europa terminou nesse agosto trágico de 1914, teve assim para nós uma espécie de suplemento, prolongando-se no decurso da guerra...
>
> Uma onda de futilidade, de prazeres, de inebriamento continuava a envolver o ambiente carioca, permitindo a livre expansão de uma literatura que refletia em todo o rigor da palavra, o "sorriso da sociedade" (p. 253-257).

Se assim foi até 1916, que não diremos de dez anos antes, em 1906, quando ainda não havíeis atingido o primeiro lustro de vossa vida e a moda das conferências literárias, lançada por Medeiros e Albuquerque já fazia furor aqui no Rio. O "bota abaixo" não apenas mudava a fisionomia urbana do velho Rio ainda colonial e imperial da minha infância ou inspirava romances de costumes com esse título, como o do nosso saudoso José Vieira, mas anunciava o crepúsculo de uma era social. O brilho efêmero e enganoso das girândolas de uma falsa euforia não ocultava sombra de melancolia que começava a descer sobre a face dos espíritos mais lúcidos. E Sousa Bandeira era um deles. Embora o seu salão literário tivesse sido um dos centros mais brilhantes, intelectualmente, desse fim de uma era de despreocupação e frivolidade, ele próprio não tinha ilusões sobre o grande vazio recoberto por esse manto de lantejoulas. E entre gritos de guerra que haviam embalado a sua mocidade, à margem do Capiberibe, e os sorrisos despreocupados que assinalavam a despedida de um mundo, à margem da Guanabara, sua consciência arguta de observador assinalava em 1906 o vácuo perigoso que se abria para o desconhecido.

## A hecatombe pré-modernista

"Entramos na vida", dizia Sousa Bandeira no seu discurso de apresentação como sucessor de Martins Júnior mas já tão diverso do seu mestre e amigo da Faculdade de Direito do Recife e da revolução de idéias naturalistas, "entramos na vida" com o entusiasmo de religionários de uma fé nova, acreditando que o velho mundo que víamos aluir seria prestes substituído pelo que sonharam as nossas ardentias. Chegamos, porém, à idade madura, lançamos um olhar saudoso para o passado que destruímos e ruínas vemos em torno de nossa desolação... Nossa época fez as mais terríveis e maiores demolições. Aluiu as majestosas basílicas de crenças religiosas... Destruiu o velho ideal de humanidade soberba, cheia de vaidoso orgulho de ser a senhora da criação e o centro da vida universal... Derrocou os dogmas consagrados que faziam a felicidade dos povos e tornavam fácil o governo, pelo efeito mágico das palavras. A tese sedutora da soberania popular... o poderoso prestígio do capital... a própria constituição da família... tantas coisas que pareciam eternas, são hoje postas em dúvida pelos implacáveis missionários da negação. E nesta convulsão suprema, onde tudo pareceria naufragando em uma terrível

voragem de cepticismo, que ideal, que princípio apresentamos nós, os demolidores do passado, que possam consolar a atualidade da queda de suas mais caras ilusões? Nada se olharmos para o presente. Tudo se lançarmos as vistas para o futuro. Compete às novas camadas a difícil missão de regenerar a humanidade sofredora. As nossas mesquinhas discussões hão de desaparecer, as doutrinas que hoje damos como verdades assentadas hão de figurar como simples recordações históricas. A posteridade, porém, aproveitando dos nossos erros, corrigindo os excessos das nossas impaciências, dissipando os nossos temores alcançará a época em que crenças mais consoladoras surgirão sobre os destroços das nossas dolorosas negações.

Quadro doloroso e mesmo poético na boca de um homem tão hostil àquele estilo "derramado" tão cordialmente detestado pelo seu mestre Machado de Assis. Sua geração destruíra um mundo. E não sabia como reconstruí-lo. Apelava então para as "novas camadas", para os "filhos" ainda adolescentes de uma paternidade desiludida, de negadores.

Era à nossa geração, Sr. Augusto Meyer, que se dirigia então o vosso insigne e hoje tão injustamente olvidado antecessor. Era para nós ainda imberbes então, ou na primeira infância como vós, que ele mostrava as trágicas conseqüências do espírito negador, de que a sua própria geração fora vítima depois das falsas ilusões iniciais. E convidava os jovens a uma nova aventura baseada no espírito de fé e de dignidade humana:

> Preparemos, porém, a geração que ora surge para a decisiva função social que lhe está destinada. Perpetuemos nos filhos o sentimento de solidariedade humana, ensinando-lhes a zelar, como precioso patrimônio, as tradições dos antepassados. Inoculemo-lhes o austero sentimento da justiça, a nítida idéia da Pátria, o nobre estímulo da caráter.

Nobres e melancólicas palavras que o vento ia levar como tantas outras!

Essa geração que surgia depois do limiar do novo século era a nossa. A ela se dirigia o velho mestre desiludido. Crianças ou adolescentes em 1906 – ao serem pronunciadas essas altas sentenças de um verdadeiro testemunho espiritual – iríamos ser moços em 1922 quando se desencadeou a tormenta nordestina. Incubada durante esses vinte anos de despedida do século XIX,

retardada pelo advento da primeira grande guerra, que durante mais de um lustro como que interrompeu a vida intelectual em todos os continentes –, essa onda de renovação se tripartia. Ia ser uma tríplice revolução – estética, política e espiritual. Vinha, porém ignorados contra os consagrados que formavam a gerontocracia literária dominante e herdada de século anterior, já com um ou outro valor novo, revelado durante esse período, como um Euclides da Cunha, um Lima Barreto, um Afrânio Peixoto.

Já tenho, por mais de uma vez, relembrado como esse momento pré-modernista é uma Via Ápia ladeada de túmulos. A partir de 1901, no próprio ano da revelação de Graça Aranha, que iria ser vinte anos mais tarde o traço de união entre a velha e a nova geração de 1920, começava a hecatombe dos consagrados que dominaram as letras nos quatro primeiros lustros da nossa centúria.

Em 1901 morria Eduardo Prado e com ele começava a derrocada dos generais da velha guarda. Em 1908 tombava o jequitibá da floresta, Machado de Assis. Em 1909 Euclides da Cunha. Em 1910 Nabuco. Araripe Júnior e Raimundo Corrêa em 1911. Rio Branco em 1912. Sílvio Romero em 1914. Aluísio Azevedo e Mário Pederneiras em 1915. Em 1916 Afonso Arinos. Em 1917 José Veríssimo e Sousa Bandeira. Em 1918 Bilac e Emílio de Meneses. Em 1920 Francisca Júlia. Em 1921 Alphonsus de Guimaraens. Em 1922, Lima Barreto. Em 1923, enfim, o último dos procônsules, Rui Barbosa. Mesmo os que restavam de pé, dos grandes de outrora, depois do pé de vento, como Coelho Neto, João Ribeiro ou Alberto de Oliveira, já tinham dado o melhor de sua obra e penetrado na zona do silêncio em vida.

Como que se fizera o vazio para que a caravana dos novos iconoclastas entrasse de atropelo. E permitisse o advento dos reconstrutores de que ireis fazer parte.

A experiência dos velhos nunca aproveita aos novos. Era vão aquele conselho de Sousa Bandeira –, depois de contar as suas decepções com a obra demolidora de sua própria geração – pedindo aos novos que respeitassem "as tradições dos antepassados". Os que chegaram atropeladamente eram tudo menos tradicionalistas. Tanto os avançados como os moderados, e sempre os há em todas as revoluções, falavam em nome do futuro e não do passado. O que pretendiam era precisamente romper com esse passado, especialmente o mais próximo, embora pouco soubessem do que desejavam fazer do futuro. Sabiam o

que não queriam, mas pouco ou nada sabiam do que queriam. O grande público, depois da Semana de Arte Moderna, de São Paulo, em 1922, e do discurso de Graça Aranha em 1924, nesta mesma sala, tão bem evocada há tempos neste mesmo recinto histórico, por Josué Montello, dividia simploriamente os campos em passadistas e futuristas. E a nova década se anunciava não mais sob o signo da hecatombe dos consagrados, como as anteriores, mas ao som dos clamores desencontrados dos grupos em que logo se dividiram os assaltantes da tríplice fortaleza estabelecida – a parnasiana, no campo literário, a dos "carcomidos", no campo político, a da indiferença cética, no campo espiritual.

Em duas séries de grupos se dissociaram então os novos pioneiros: os grupos ideológicos e os grupos regionais. Foi o famoso atrito de Oswald de Andrade, logo depois da ruptura de Graça Aranha com a Academia, que provocou a cisão das hostes modernistas. Não era uma prova de fraqueza, mas de força. O movimento era mais uma reação contra o domínio dos consagrados, da gerontocracia literária, simbolizada pela Academia, do que a afirmação de um ideal comum. Lançado o grito de guerra, os novos legionários se dispersaram, fracionando-se em pequenos grupos distintos. Os dinamistas, mais próximos do ideal futurista de Marinetti, ficaram fiéis a Graça Aranha, na revista do Movimento. Os primitivistas, mesmo protestando sempre contra o apelido, mas radicais e demolidores como os dadaístas europeus, tendo à testa, ao menos simbolicamente, a maior figura do movimento, Mário de Andrade, reuniam-se nas páginas da *Revista de Antropofagia* ou *de Terra Roxa* e outras Terras, sob o signo da poesia Pau-Brasil. Os nacionalistas, tomando como símbolo a *Anta* e como tema todo o Brasil, do mais primitivo ao mais dinâmico, no grupo de Bandeira ou nas páginas de *A Razão*, procuravam a síntese do novo Brasil. Enquanto os espiritualistas, herdeiros e continuadores do Simbolismo, na revista *Festa*, buscavam acentuar o aspecto de renascimento espiritual, que partira meio século antes, de Farias Brito.

Os entretons ideológicos marcavam a sede de liberdade que inspirava os recém-chegados e era mesmo, porventura, depois da reação contra o academicismo da Literatura oficial dominante, o maior laço comum que unia a todos. Desejavam era romper os grilhões de *A escrava que não era Isaura*, como dizia Mário de Andrade, no título famoso de sua arte poética, escrita

no mesmo ano de 1922, em que lançava ao escândalo público a sua *Paulicéia desvairada*.

E junto à reação antiacadêmica e à libertação das formas estéticas obsoletas, o que também unia esses grupos, divididos logo depois da vitória ou pelo menos da revolução desencadeada, era um agudo sentimento de nacionalidade. É verdade que fora, uma vez mais, em Paris, que o mais radical desses inovadores, Oswald de Andrade, recebia o impacto que o lançaria, e aos seus companheiros, na aventura do movimento Verde e Amarelo ou na poesia Pau-Brasil. Como foi ali que antes mesmo do autor de *Serafim Ponte Grande*, como nos informa Mário da Silva Brito, meticuloso pesquisador das origens do Modernismo no início da sua *História do Modernismo Brasileiro* – o escultor paulista Brecheret devolveu a revelação das novas formas plásticas recebida na Suíça. Ou que, em 1913, Graça Aranha nos aconselhava a vir lançar aqui a chama de uma renovação literária, entre os moços, por meio de um livro "*Sturm und Drang*".

Paul Fort e sobretudo Blaise Centrars é que inspiraram a Oswald de Andrade os novos rumos a seguir. Repetia-se a aventura de Ferdinand Denis no início do século XIX, aconselhando os poetas brasileiros a dizer adeus às ficções de Homero, como iria timidamente fazê-lo o "romântico arrependido", como a Gonçalves de Magalhães chamou Alcântara Machado.

## Localismo e universalismo

O Modernismo, cuja feição regional e humanista vindes aqui representar, ia ser um neo-romantismo, pela analogia de suas raízes e tendências libertárias. Até mesmo por essas sugestões vindas do Velho Mundo e especialmente da França, mostrando como os santos de casa realmente não fazem milagres. Pois essa mesma advertência aos novos de se voltarem, com mais atenção, para a realidade ambiente e trocarem o mimetismo por uma criação mais original e nacional, já fora dita por muitos, inclusive por um dos mais ilustres antecessores desta Cátedra hoje tão obscuramente por mim ocupada – Afonso Arinos. Por simpática coincidência, assim como o vosso antecessor Sousa Bandeira conta hoje, entre nós, um ilustre sucessor de sua linhagem, na pessoa de um sobrinho, assim também Afonso Arinos continua entre nós na alta personalidade de um Afonso Arinos de Melo Franco.

Afonso Arinos! Nele revejo toda a minha infância, como em Sousa Bandeira a minha mocidade. Como Nabuco, era todo luz, naturalidade e harmonia. Imagens de um mundo sereno que se despedia. Crepúsculos de um dia claro e de um céu azul que as nuvens, as tempestades, os ventos, os relâmpagos e trovões iriam em breve converter em tumultuosa e angustiante paisagem do novo ciclo histórico, aberto pela primeira grande guerra. Homens dos dois mundos, presos pela inteligência à Europa e pelo coração a Massangana ou a Paracatu, iam transmitir a nós outros, Sr. Augusto Meyer, a nostalgia perene do transoceanismo e a paixão de universalidade fundidas indissoluvelmente ao apego a um manso rincão sulino ou a um verde bairro carioca, aldeia de cidade grande.

Antes que os homens de além-mar viessem alertar a nossa geração dos perigos do cosmopolitismo, já esse filho das Gerais advertia aos escritores patrícios, em 1894:

> Aceito, pois, a influência estrangeira em nossa Literatura, mas não aceito o modo de sentir nem a forma estrangeira... Pode o artista nacional, sem perder o cunho nacional, escrever sobre seu País ou sobre outro, sobre o presente ou sobre o passado... (Mas) desde que uma obra literária não seja um "simples brinco da imaginação... deve corresponder ao estado de civilização de cada povo".

E o que pretendia nos seus contos do alto sertão era transmitir a outrem um pouco das impressões colhidas na Natureza alpestre, selvática e brutesca do grande planalto central do Brasil, um pouco de perfume da charneca das paixões bravias desses homens que moram a duzentas léguas do litoral, sem lei nem grei, habitadores de tugúrios à beira dos rios ou de palhoças batidas de vendavais, pendurados em vales estreitos, sem outros tetos que não a folha do indaiá ou do baguaçu, sem outras paredes que não vigas de pau-a-pique, unidos, dormindo em giraus sobre couros de jaguares ou de lobos. (*Histórias e paisagens*, p. 226.)

E no ano seguinte, em 1895, falando em Ouro Preto numa comemoração a Cristóvão Colombo, renovava o seu apelo a um nacionalismo universalista, dirigindo-se à mocidade brasileira:

> Eu, porém, me dirijo principalmente à mocidade... Nós somos já: ela precisa ser mais ainda brasileira. Não no sentido exclusivista e brutal, que se não compadece com a moralidade do século e que, na Grécia, foi a causa da sua ruína política. Mas no sentido generoso e humano, moralizador e científico, que os pensadores modernos atribuem ao concurso ou à colaboração de um povo na obra coletiva do progresso humano. (*Notas do dia*, p. 66.)

Como era possível ainda falar com tanta serenidade, com tanta confiança no futuro! Como era possível falar sem o peso do pessimismo sombrio nem o delírio das euforias alucinadas, que iriam se suceder no século novo e que a nossa geração veio a viver, quando foi chamada, por seu turno, à participação do drama existencial moderno.

Sim, a voz dos nossos antecessores nestas duas cátedras que hoje aqui se defrontam, Sr. Augusto Meyer, já abria para os seus sucessores pequenas nesgas nos sombrios e trágicos horizontes em que nossa geração ia lançar-se, depois de um crepúsculo suavíssimo, na aventura sangrenta de 1914. Nacionalismo e cosmopolitismo, regionalismo e humanismo, desapontamentos e *humour*, simbolismo e socialismo, cultura requintada e barbaria sertaneja, tudo o que vossa obra representa já reponta imprecisamente nessa transição de séculos, no meio da despreocupação ou na futilidade ambientes. Nós, porém, ainda nada percebíamos do que se passava em torno. Empinávamos papagaios ou bebíamos alegria nas taças de cristal das manhãs azuis, como vós o fazíeis lá no Sul e nos contrastes com tão pura beleza, naquela ciranda infantil que o vosso poema evoca:

> Ciranda
>
> A manhã azul é uma grande taça de cristal
> sobre a alegria loura do arrabalde.
> Moças de vestido branco, em charia clara
> passaram na manhã cheia de aromas frescos
> (havia orvalho nas corolas).
> passaram na manhã.

Vertiginosa ronda, as mãos entrelaçadas,
entre a poeira fina,
ingênua ronda e risos de alegria
as crianças dançam loucas sarabandas:
Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar...

As janelas riem pelas vidraças, onde treme
a nesga azul de um céu macio;
nas poças de água bóiam painas soltas de nuvens
e espirradeiras jorram de entre as sebes.
(As mãos entrelaçadas na vertigem louca,
nós também dançamos,
nós também colhemos a vertigem boa
de quem dança a vida numa sarabanda...).

Enquanto dançáveis, entretanto, nos vossos pagos sulinos, a ciranda louca da vossa infância – nascido que fostes em 1902, com o nosso século –, as águas mansas do velho século silenciosamente para a voragem que se abriria em 1914, mergulhando o mundo por quatro anos a fio num inferno de lama e de fogo sem precedentes. E do meio dele ia ouvir-se uma voz, uma surda voz desconhecida, que vinha de São Paulo e lançava anátema contra os cavaleiros do Apocalipse desencadeados sobre a humanidade. Como tê-lo contra o fiel historiador do nosso Modernismo, já citado, Mário da Silva Brito:

> O clima nacional era francamente aliadófilo. A França, sobretudo por suas ligações culturais com o Brasil, gozava das nossas simpatias. É nesse ambiente de brios nacionalistas exaltados e de oposição ao militarismo germânico – afora os interesses econômicos que ligavam o país aos adversários da Alemanha – que Mário de Andrade, tímida e medrosamente, escondido sob o pseudônimo de Mário Sobral, publica o seu primeiro livro, que é de versos (parnasianos, acrescentamos nós), *Há uma Gota de Sangue em cada Poema*. Sua poesia inspira-se na guerra, brota do próprio conflito universal" (*História do Modernismo Brasileiro*, p. 67),

mas para lançar um apelo à paz e descobrir-se a si mesmo. "Apesar de julgar *Há uma gota de sangue em cada Poema* seu primeiro detestável livro, Mário de Andrade não o renegava, quando já escritor feito. O livro, para ele, tinha significado todo especial. Levara-o à descoberta de si mesmo e ao rompimento com o passado (op. e loc. cit.).

Mal sabia o menino magro e ruivo de Porto Alegre, filho de imigrantes, educado na severa disciplina de uma formação moral e intelectual germânica, mas já profundamente impregnado de sabor local e curiosidade universal, que no âmago desses anos despreocupados de sua infância no início do século ou durante os acontecimentos catastróficos de sua adolescência de 1914 e 1918, se preparava uma revolução que o iria também envolver na sua voragem abrangendo cedo os cantos líricos das cirandas infantis.

Pois o Modernismo não foi, para vós, Sr. Augusto Meyer, uma simples festa do espírito, ou apenas a vaidade fácil de substituir a velha guarda, ou o gosto infantil do escândalo. Sendo, como notório, um dos raros autênticos mestres do *humour* em nossas letras, sois, por isso mesmo, um espírito extremamente sério e profundo. Não daqueles que confundem seriedade com enfatuação, ou profundeza com solenidade. Os homens verdadeiramente sérios são aqueles que sabem rir. Mesmo que o riso seja o *pince sans rire* dos franceses ou o *humour* dos ingleses, como tão bem se fundiram um e outro, em vossa singularíssima personalidade, ao misticismo das raízes germânicas da vossa estirpe, de sangue e de espírito.

Sois a confluência feliz dessas três correntes universais, unidas pela marca profunda do vosso torrão natal, desses pagos gaúchos, de que sois hoje, sem a menor dúvida, uma das mais altas e puras expressões culturais em nossa terra. E já agora também no plano da Literatura Universal, em que as Letras brasileiras começam apenas a ingressar, por obra de alguns espíritos requintados como o vosso.

Há, em toda a vossa obra, a marca dessas três influências universais. Da velha Germânia não recebestes apenas o sangue, trazido por esses louros imigrantes fixados no extremo Sul do país e de cuja união, tanto lá como em outros lugares do Brasil, brotou justamente um dos elementos típicos da geração modernista. Refiro-me ao aparecimento, nessa geração, de nomes expressivos dessa massa imigratória não lusitana, que vinha enriquecer os ingredientes da nossa miscigenação. Foi com a geração modernista que surgiram os Menotti

del Picchia, os Raul Bopp, as Anita Malfati, os Brecheret, os Sergio Milliet, os Agripino Grieco, os Sud Menucci, os Augusto Frederico Schmidt, os Afonso Schmidt, os Portinari, os Di Cavalcanti, os Cecílio Carneiro (tradução brasileira do seu nome árabe), os Vianna Moog, os Hamil Addad, os Jorge Medauar, as Clarice Lispector, e outros. O nome de Augusto Meyer é estrela de primeira grandeza nessa constelação de filhos ou netos de imigrantes, que galgaram em uma ou duas gerações o degrau que os levava à condição de representantes típicos da mais elevada cultura da nova nacionalidade luso-afro-indo-brasileira.

Da velha Germânia, repito, não trazeis apenas o sangue. Vossa obra traduz um segundo momento do germanismo em nossas Letras. O primeiro, como todos sabem, foi representado por aquela Escola do Recife, de onde vinha não só o vosso predecessor Sousa Bandeira, mas principalmente Martins Júnior, a quem Bandeira sucedera e não chegou a tomar posse. Fora ele um dos mais típicos representantes do germanismo negativista de Tobias Barreto. Como fora este, poucos anos depois da guerra de 1870, que em 1874 dirigia ao redator do *Deutsche Zeitung*, do Rio, aquela famosa carta em que pregava a necessidade de uma deslocação do eixo cultural brasileiro, da França para a Alemanha.

## Surge o poeta

"A Alemanha é no Brasil inteiramente desconhecida", escrevia Tobias Barreto em 1874.

> Antes da guerra alemã-francesa, cujo mérito consiste em uma transformação das instituições, em uma passagem do Império, do lado das nações românicas para o lado das nações germânicas, era compreensível que venerássemos a França... Desde 1871... não só na luta bélica, mas também na luta espiritual, os franceses foram superados e atirados em segunda linha... A despeito de tudo isso, os grandes feitos da guerra não tiveram entre nós influência alguma. Descuidosamente continua o Brasil a ser um satélite da França... E é por isso que as Letras Brasileiras padecem da indigência de uma própria vida substancial. (*Estudos alemães*, cap. XIV.)

Esse deslumbramento pela cultura germânica, pela *Kultur* bismarckiana, foi o primeiro momento do germanismo em nossas Letras. Para Tobias

Barreto, a vitória militar era o símbolo da superioridade cultural. E a substituição da tutela francesa pela impregnação profunda da cultura germânica era, para o chefe da Escola do Recife, a lição de guerra de 1870 para as Letras Brasileiras. A conseqüência desse deslocamento, embora só muito em parte conseguido, foi o quadro desolador que um discípulo da Escola traçou e há pouco reproduzido em algumas de suas expressões mais desoladas. "Lançamos um olhar saudoso para o passado que destruímos, ruínas, somente ruínas, vemos em torno da nossa desolação", exclamava Sousa Bandeira no discurso de 1906.

A obra de *Kulturkampf* foi a expressão do germanismo demolidor e redundou no Nazismo

Outro, muito outro, senhor Augusto Meyer, é o vosso próprio germanismo. Não só – longe de excluir as componentes latinas e anglo-saxônicas da vossa complexa personalidade –, não só a elas se aglutina mas ainda representa uma outra vertente oposta à do naturalismo anti-transcendental proclamado pela Escola do Recife. É uma longa linha fluida e cristalina, de espiritualidade mística, de inquietação metafísica e de poesia pura, que vem de Ruysbroek, o Admirável, uma de vossas leituras prediletas, passando por Goethe, Schiller, Herder, Novalis, Holderling, Heine, Nietzsche, até desaguar em nossos dias num Stefan George, num Scheler, num Husserl, num Heidegger, num Jaspers, num Thomas Mann, e até mesmo naqueles que representam, em nossos dias, a Fé reconquistada, num Peter Wust, num Romano Guardini, num Theodor Haecker.

Não chegastes totalmente até esses últimos, bem o sei, por experiência própria e por tudo o que trocamos de mais íntimo em nosso ser naquela nossa inesquecível correspondência, que andei relendo há dias, depois de vinte anos de silêncio! E com que emoção!

Era em 1927. Havíeis publicado, um ano antes, o vosso *Coração Verde*, que eu recebera com entusiasmo de jovem crítico ansioso por descobrir valores novos. Vi no vosso livro a entrada do Rio Grande na avançada modernista, em que já se alistara Raul Bopp.

Desde o início do século que aquela primazia do Norte em todos os movimentos literários de nossa história intelectual, parecia ceder à pressão do Sul. Foi com o Simbolismo que os ventos mudaram. Embora ainda fosse do Ceará que, no acaso do Império e pela palavra de um filósofo como Farias

Brito, no prefácio dos seus *Contos Modernos,* de 1889, se lançam as bases de uma nova estética, que seria a do Simbolismo foi no Sul, em Santa Catarina, no Paraná, no Rio Grande do Sul, que o simbolismo tomou vulto. No mesmo ano de 1900, em que um baiano, ainda desconhecido e mais tarde famoso, Júlio Afrânio Peixoto, fazia imprimir em Leipzig e nas sete cores do arco-íris a prosa simbolista da *Rosa Mística*, um gaúcho, Adalberto Guerra Duval, fazia imprimir em Bruxelas os versos de *Palavras que o Vento Leva*. "Uma novidade havia nessa obra que, em tal época, fez arrepiar de surpresa, desdém, revolta e também agrado: o verso livre pela primeira vez tinha entrado em nossa poesia." (Andrade Murici, in *A Literatura do Brasil*, III, 1957.)

Até então o Rio Grande do Sul não figurava na Literatura Brasileira. Embora já possuísse, desde 1834, poetas e prosadores, de que hoje estamos bem informados depois dos estudos histórico-literários de João Pinto da Silva, e sobretudo depois da obra memorável de Guilhermino César, a *História da literatura do Rio Grande do Sul* (1956), foi com o Simbolismo, paradoxalmente, que os gaúchos vieram ocupar uma posição de destaque nas Letras nacionais. Digo paradoxalmente porque o Rio Grande sempre foi, de todas as regiões do arquipélago político e cultural brasileiro, a zona heróica da fronteira, de espírito positivo e democracia militante, mas sem qualquer ressonância intelectual e muito menos poética. E o Simbolismo foi, por definição, uma estética alada, distante, nebulosa, onírica, afastada das realidades concretas e do espírito político e militar, tradicionalmente, por essa estética anti-realista que o realismo psicológico do gaúcho se apaixonou. Fala, ao menos, do gaúcho convencional, tal como o resto da nacionalidade considerava pela tradição histórica e pelas companhias gloriosas do passado. Esperávamos dos gaúchos uma literatura heróica mas não uma literatura simbólica e evanescente. Foi, ela, entretanto, que nos deu, e com uma exuberante riqueza de poetas e uma sutilíssima utilização da linguagem lírica, a geração de Marcelo Gama, de Eduardo Guimaraens, de Homero Prates, no início do século, e por ocasião do Penumbrismo, por volta de 1911, a grande e pura poesia de Álvaro Moreyra ou de Felipe de Oliveira, já nos umbrais do Modernismo. Foi uma grande geração de poetas, que vieram enriquecer, no Rio, o escasso grupo dos simbolistas postos à margem desde a constituição da Academia, como poetas acidentais e puramente excêntricos .

E como o Simbolismo foi a preparação do Modernismo, podemos dizer que de vossas paragens, senhor Augusto Meyer, é que nos veio e espírito das novas gerações, da nova poesia, da estética revolucionária de 1922, embora em São Paulo e depois no Rio é que o movimento praticamente foi desencadeado.

Informa-nos o Sr. Péricles Eugênio da Silva Ramos, talvez o mais arguto crítico da nossa Poesia moderna, no magnífico estudo que escreveu sobre o Modernismo na Poesia (para *A Literatura no Brasil*, sob a direção de Afrânio Coutinho, vol. III, p. 602), que Guilherme de Almeida esteve, em setembro de 1925, em Porto Alegre, onde proferiu sua conferência "Revolução do Brasil pela Poesia Moderna", na qual preconizava "o abrasileiramento da nossa poesia com o uso de assuntos nacionais e o abandono das influências e modelos estrangeiros".

Pela palavra do atual Príncipe dos Poetas e um dos participantes da Semana da Arte Moderna de 1922, a mensagem modernista chegava ao Rio Grande. Não sei até que ponto a presença do Guilherme de Almeida em Porto Alegre, em 1925, influía na publicação, no ano seguinte, do vosso *Coração Verde*, que abria à nova estética as coxilhas do Sul.

O que sei é que esse livro representou para vós um verdadeiro renascimento. Depois daquela infância estudiosa a que antes me referi, entrou em vós o demônio da leitura. Tudo acaba em livro, dissera aquele Mallarmé, que foi uma das vossas paixões, na poesia moderna. Para vós, tudo começou pelo livro. Por anos seguidos, antes de encontrar em Cachoeira a Sara dos vossos poemas, aquele "Grande amor" de que enternecidamente faláveis, em mais de uma de vossas cartas, e tem sido até hoje a vossa admirável Carolina, por anos seguidos vivestes trancado em casa, sem quase sair do vosso quarto, mal vendo a luz do dia, como um autêntico lobisomem! Nada mais restava das cirandas de outrora. A infância livre, em contato com a terra verde, no meio do gado chucro, recebendo nos cabelos infantis o orvalho das madrugadas – que irá ser um dos temas de vossa futura poesia –, ficara aparentemente abolida para todo o sempre. Só nos livros encontráveis agora os vossos companheiros. Só com eles conversáveis. Só neles íeis buscar a água fresca que, em criança, havíeis bebido nas fontes dos bosques úmidos. Absorventes estão, entre as paredes do vosso estúdio, grande parte de tudo que a humanidade concebera e legara à posteridade nos idos de outrora e nos tempos modernos. Tanto o que nos viera da alma do povo, e iria explicar o vosso assombroso conhecimento folclórico,

como o que nos legara o gênio dos grandes faróis da humanidade, e explica o vosso versadíssimo humanismo –, tudo isso durante anos seguidos passou das estantes mudas para a vossa insaciável curiosidade intelectual.

À medida que a vossa memória e a vossa inteligência, na solidão da *cité des livres*, se enriqueciam assim como o patrimônio cultural dos séculos, o vosso corpo minguava, minguava, quase sem alimento, pois invertíeis a máxima de Sancho – *primo vivere deinde philosophare*, por um *primo philosophare deinde vivere*, de essência quixotesca. Ao cabo desses anos de reclusão livresca estáveis reduzido à figura esquálida de um cavaleiro da triste figura. Alarmáveis a vossa boa Mãe. O médico, tomando do vosso braço temeu quebrá-lo. Estáveis reduzido a um cadáver ambulante vítima de uma espécie de acromegalia cultural. Desconfio que vem dessa época a vossa aversão aos gordos, que é um dos *leit-motives* do vosso *humour*.

## O Rio Grande e o Modernismo

Graças a Deus atendestes aos rogos maternos e aos preceitos médicos. Fostes para o campo recompor as forças físicas. Retomastes o contato com a terra boa, a terra farta, a terra verde da campina. Trocastes as folhas impressas pelas folhas naturais e voltastes a contemplar com os olhos da criança que a avalancha livresca não conseguira asfixiar em vosso coração a querência natal:

> Querência
>
> Paisagem longa, na ondulação das coxilhas
> Debruns de caponetes...
> Longes...
>
> Oh! linhas suaves, como se houvesse
> em cada coxilha uma saudade do chão
> e alvos capões de nuvens muito brancas
> no pampa azul de um infinito azul.

Vosso coração se abria ao coração verde dos pagos natais. Vossos olhos, longo tempo encadeados, soltavam-se livremente pelos largos horizon-

tes sem fim dos vossos pampas. Vossas narinas por tantos anos afeitas ao morno hálito do couro, da cola e do papel, arregaçavam-se avidamente ao acre perfume da erva fresca ou àquele "cheiro da terra quente quando começa a chover" de que falava Catulo. Ao vosso amigo, o poeta Teodomiro Tostes, da futura *Novena à Senhora da Graça* (1928), devoto como vós mesmo e como nós todos a esse tempo, de Omar Khayyam, escrevíeis então:

> Théo, de que vale Omar Khayyam?
> Vem ler comigo o poema da manhã azul.
>
> Olha o nimbo de luz que há na espuma das nuvens,
> a carícia do vento esfolha as rosas murchas.
>
> Volutuosa indiferença dos que vivem...
> Teu passo esmaga as folhas mortas do pomar.
>
> Mas, na vinha, que parece ressequida,
> a seiva amadurece para o cacho
> e o cacho amadurece para o sangue.
>
> De que vale, pois, o teu Khayyam,
> quando a vida chama, quando a vida é bela?
> Vem ler comigo o poema azul desta manhã.

Era dessa redescoberta da terra natal e da alegria de viver que vosso *Coração Verde* ressumava, e aqui nas margens da Guanabara o recebi com um cacho de uvas frescas e orvalhadas vossas vindimas do Sul.

Vossa poesia livre, pura, matinal, telúrica, respondia perfeitamente aos anseios de liberdade que Manuel Bandeira lançara desde o seu "Carinho triste", de 1913. Fora também o apelo de Ronald de Carvalho, em 1922, nos seu *Epigramas Irônicos e Sentimentais*, ao aconselhar ao poeta:

> Cria o teu ritmo a cada momento
> Cria o teu ritmo livremente
> como a Natureza cria as árvores e as ervas rasteiras.
> cria o teu ritmo e criarás o mundo.

Tudo isso que a poesia nova vos segredava, no fundo do vosso tugúrio de sábio precoce, vos levou também a retomar contato com a terra gaúcha, a terra da vossa infância, abandonada pela tentação da cultura universal.

O amor atávico do rincão nativo, que vinha de longe, de Araújo Porto-Alegre, ao longo do século XIX, repontava ardentemente nesse tronco esguio e ruivo, prematuramente ressecado pela sede invencível da curiosidade fáustica do conhecimento.

Foi durante a vossa infância e adolescência, nas primeiras décadas do século, que o regionalismo rio-grandense tomou vulto e se revelou mesmo a todo o Brasil, na pessoa de um grande prosador que em 1916, ao tomar posse na sua Cátedra nesta Academia, vinha consagrar aquela revelação do gauchismo literário, com que o Simbolismo surpreendera o pequeno público que então se interessava pelas Letras. Nesse discurso podia Alcides Maia dizer, com certo orgulho, que pela primeira vez as portas da Academia se abriam aos escritores gaúchos:

> Era justo que o Rio Grande do Sul fosse representado aqui: o gaúcho defende e mantém, nas fronteiras do Sul, a obra titânica do bandeirante. Ele é o irmão do sertanejo. Sirva de amparo ao meu áspero e rude regionalismo essa verdade de sangue, de sacrifício e de sentimento comum.

Hoje mudou muito o panorama. Vindes encontrar aqui um triângulo de grandes artistas da pena e da palavra, na pessoa de vossos conterrâneos, João Neves da Fontoura, Álvaro Moreyra, Vianna Moog. Como eles vindes formar um douto quadrado gaúcho com um orador, um poeta, um romancista e agora o humanista lírico. À espera que outros e dos maiores, como Érico Veríssimo, consintam em vir sentar-se aqui à sombra amiga e venerável do nosso fundador. Quantos nomes marcantes em vossas Letras desde o Simbolismo? Marcelo Gama, Eduardo Guimarães, Homero Prates Neto, Athos Damasceno Vieira, Rui Cirne Lima, Sotero Cosme, Paulo Correia Lopes, Mansueto Bernardi, João Pinto da Silva, Teodomiro Tostes, Dionélio Machado, Reinaldo Moura, Armando Câmara Brito Velho, Miranda Neto, Moacir Velinho, Carlos Dante de Morais, Pedro Vergara, Ernâni Fornari, Paulo Hecker Filho, Ivan Pedro Martins e tantos outros ainda, pois apenas

exemplifico, na Poesia, no romance, no Teatro, na Crítica, na História Literária, assinalaram neste século a entrada vitoriosa das Letras gaúchas, até então praticamente ausentes, na sinfonia das Letras nacionais.

Em 1926, nesse mesmo ano em que, em Porto Alegre, o vosso *Coração Verde* marca a entrada do regionalismo gaúcho de tipo da revolução modernista, já que Raul Bopp, logo no início, se incorporou ao grupo paulista, realiza-se no Recife o I Congresso Brasileiro de Regionalismo, sob a inspiração de Gilberto Freyre, que lança nesse momento o seu Manifesto Regionalista nordestino e mesmo lançado contra o Modernismo, acusado por ele de cosmopolita. Nesse ano de 1926 os dois regionalismos, o nordestino, pela palavra de Gilberto Freyre, e o gaúcho, pelo vosso *Coração Verde*, se integravam no movimento modernista geral. Às diferenças de grupos ideológicos, vinham somar-se as dos grupos regionais – paulistas, cariocas, gaúchos e nordestinos, que iriam formar a fase inicial do Modernismo.

Vosso *Coração Verde*, por conseguinte, era uma etapa essencial, tanto na história de vossa própria evolução estética pessoal, como na da poesia moderna brasileira em geral.

Para vós, era a salvação do ensimesmamento, ou da supercultura pela volta à terra. E o excesso de leitura pode levar facilmente à esterilidade criadora. Para o Modernismo, era a acessão de mais uma região cultural no movimento de incorporação de rejuvenescimento e de totalidade nacional que buscava. Por mais que vossa modéstia proteste, sois um marco em nossa história literária.

## Confidências epistolares

Data de 1927 a nossa correspondência. O jovem crítico carioca recebera com encanto o vosso idílio campestre. Vós, por vosso lado, leitor de Proust, como de tudo mais, durante esses anos de reclusão puramente bibliográfica, encontráveis muitas afinidades com certas páginas do vosso correspondente e especialmente numa carta conferência desse mesmo ano de 1927, sobre o autor de *Jeunes Filles en Fleur*. Durante um ano a coincidência de pontos de vista foi perfeita. Mas não durou muito o idílio epistolar. Em 1928, quando o vosso correspondente carioca vos comunicou que chegara ao termo de um duelo epistolar com Jackson de Figueiredo, reintegrado no Catolicismo, só vos

faltou responder-me: "Tristão, caiu-me a alma aos pés." Só muito a custo podeis compreender o meu "adeus à disponibilidade", de dezembro de 1928, quando um ano antes, em carta de 10 de dezembro de 1927, me escrevíeis: "Compreender. Toda a vida eu estarei no estado de disponibilidade compreensiva ... Compreender já é quase amar. Amor é integração."

Éreis, então, como hoje, pois o tempo parece não vos ter tocado, um rapaz ruivo e sério. Tímido, reservado, discreto, descarnado, tão diferente desse gaúcho convencional cujo retrato ireis mais tarde tão fortemente condenar em Euclides da Cunha (cf. *Prosa dos pagos*, p. 38):

> A imagem pletórica do gaúcho, desenhada a traço grosso por Euclides da Cunha, sem mais leve pudor crítico, merece severa análise do ponto de vista do seu contágio enfático, da sua leviandade enfunada, que tanto impressionou os leitores incautos da minha geração. Muito pode a retórica: deve-se principalmente à influência de Euclides da Cunha a difusão desse clichê – o gaúcho entonado e pachola.

A 18 de abril de 1928 me escrevíeis de Porto Alegre:

> Desejo de conversar com você. A sua indulgência é tão grande... Já notou que o estado constantemente introvertido leva a uma espécie de diálogo interior que no fim se torna quase doloroso? Escrevendo a v., até certo ponto me depuro, me liberto... Serei apenas um diletantesco? Um hedonista?... Uma coisa é certa: a minha repulsa pela forma imposta, pelo dogma, Jorge Simmel já explicou essa antipatia como fazendo parte da inquietação moderna. V. cita nos *Estudos* a frase de Marcel Arland: "Nenhum sistema satisfaz e a ausência de um sistema me angustia." Creio que nada me revela melhor a mim mesmo. A vida para mim não possui sentido fora do "vértice", da afirmação pelo amor e pela crença. Mas não compreendo a atitude dogmática. Ela me parece uma parcialidade inadmissível... O que há de triste no meio brasileiro por enquanto é a falta de raiz mística (*sic*), tudo se pretende resolver segundo um "esquema spenceriano", primário, calculado. O Progresso, etc., etc. Somos tão chatamente materialistas como os americanos do norte, que afetamos desprezar. Eu me sinto constrangido no meio destas "odes ao Progresso" (P grande) –

> (hoje se diriam, digo eu, odes ao Desenvolvimento...), tanto mais quanto já comunguei na mesma Igreja – aliás, já fui tudo e não sou mais nada – positivista, anatoleano, americanista lírico, progressista, separatista (!)... Agora me declaro "ipsista", como diz o Raul Bopp. Mas um ipsista que procura alargar o horizonte até destruir o seu ipsismo. No fundo preocupado com matar todo e qualquer espírito de negação, o que é um programa para a vida inteira.

E de fato iria ser, pois sempre resististes à tentação do cepticismo. Viestes a construir uma das obras humanísticas mais consideráveis da nossa história intelectual. Como era diferente o vosso germanismo do de Tobias Barreto. Como se abeberava em fontes do espírito e não da negação da espiritualidade e chegava a uma obra criadora e não demolidora.

Já então, como se vê por essa carta, havíeis de novo perdido aquela infância reencontrada no *Coração Verde*. O vosso segundo livro, *Giraluz*, desse ano de 1928, com poemas dos dois anos anteriores, já nos revela um Augusto Meyer cheio de angústia, debruçado sobre si mesmo, num narcisismo trágico e não vaidoso, procurando no espelho das fontes, não mais o frescor das águas cantantes, mas a imagem refletida do vosso próprio eu à procura de um não-eu que sempre lhe foge. "Espelho" é o título do primeiro desses vossos novos poemas, como ia ser um tema que voltará continuamente à vossa inquieta introspecção:

> Quem é esse que mergulhou no lago liso do espelho
> e me encara de frente à claridade crua?
> Tem na íris castanha irradiações misteriosas,
> e o negrume do sonho alarga tanto as pupilas
> que o seu lábio sensual como um beijo esmaece
> Abro a mão – ele abre a mão.
> Meu plagiário teimoso...
> Tudo o que eu faço morre no gelo de um reflexo.
> (ele sorri do meu sarcasmo...)
> Não poder fugir da introversão,
> tocar a carne da evidência!
> Dói-me a ironia de pensar que eu sou tu, fantasma...

Toda a inquietação do homem moderno, à busca de si mesmo, que foi a da nossa geração e nos acompanhará, mesmo depois das opções transcendentais, está retratada nesses vossos poemas. Como o estão os vossos sentimentos mais íntimos. Já agora com uma arte aprimoradíssima do vocabulário. Uma poética que atingiu o grande ideal da poesia mais autêntica. O lavor do poeta joga admiravelmente com as palavras e, longe de destruir, multiplica a naturalidade dos movimentos de espírito. Se o vosso espírito crítico procura e consegue captar o que há de essencial na obra de Camões, de um Rimbaud, de um Machado, o vosso espírito poético destaca o que há de mais sutil e efêmero na realidade. Assim me escrevíeis, em 5 de março de 1928, ao me mandar alguns dos poemas do livro a aparecer: "Procuro envolver cada poemeto numa franja de capricho. Nada mais sistemático. A voz do momento. O tremor do fugitivo... Para o autor não existe mais imprevisto nem mistério, na obra feita. Pertence ao definido, ao fixado, ao morto. Só no "vir a ser" há beleza. Talvez um dia eu possa deixar esta mania de matar a realidade e viver na pura contemplação. Porque eu nunca me encontro na limitação do verso ou da frase.

E o que me dizeis na intimidade de uma carta, a vossa arte incomparável do verso traduzida em poemas admiráveis e vindos tanto da perfeição da inteligência manipuladora como do sentimento profundo, como este:

> Cigarra, eu também não tenho carne nem sangue
> eu sou tão leve
> que às vezes sinto uma saudade humana do chão.
> Uma gota de orvalho me embebeda,
> um raio de sol me coroa,
> a nuvem que passa me chama,
> e eu lá vou, coisa passiva e boa,
> ébrio de vento e de volúpia,
> sem saber, sem lembrar – à-toa...
> Amo tudo que é móvel e flutuante
> porque os meus olhos não se fecham sobre a imagem
> e as minhas mãos têm orgulho das corolas vazias...
> Ah! viver como um reflexo
> no movimento facílimo das ondas!

Viver na dispersão total do esbanjamento
Depois,
deitar o corpo na terra,
ouvir a voz embaladora
do vento bom no capim:

– Dorme dorme que eu te embalo,
no chão escuro há uma luz
há um sol claro de perdão
Dorme dorme, nina-nana,
hás de voltar para o chão...
Fecho os meus olhos sobre o mundo – quanta luz!
(Esta voz embaladora
é o vento bom no capim?)
Fecho os olhos para o sol
Quanta luz dentro de mim!

## Retrato final

Como quisera citar, citar, citar, substituindo o milagre da poesia a estes pálidos comentários. Citar os vossos poemas e citar os vossos próprios comentários íntimos das cartas. Como quando em julho desse mesmo ano de 1928, me dizíeis: "Perdi aquela confiança ingênua e pueril que madrugara nos meus contos. Agora mais do que nunca me procuro. Acima de tudo eu sinto que é preciso abençoar estes momentos em que 'a semente apodrece'. Esperar."

O poeta se lança mesmo à ação nessa procura de si mesmo... fora de si, já que não se encontra mirando-se no espelho interior.

Em dezembro de 1928 me dizíeis:

> Tenho vivido, meu querido Tristão, aos trancos e barrancos. Uma espécie de "fuga exterior" me arrasta a tapar os ouvidos ao único problema digno de nossa dolorosa atenção. Acompanhei meu amigo Osvaldo Aranha nas suas excursões políticas ao interior do Estado, imaginando deixar em casa o Eu que me atormenta. Ingenuidade de animal ferido. O espetáculo dos meios políticos não é dos melhores para a saúde espiritual. O bicho

> homem aparece aí em toda a sua imbecilidade suprema, coronelícia, quase milagrosa. Cada sujeitinho prestigiado imagina que o centro do universo está no seu umbigo. Volta-se com nojo da raça, eis tudo... Daí mesmo, Tristão, este meu desejo de passar algum tempo na exterioridade, na casca, na superfície amável das coisas. Tenho medo de me olhar. Compreende?

Foi então que surgiu em vossa obra esse estranho Bilu, que tanto tem dado que falar aos vossos críticos. Não tentaria sequer a sombra de uma exegese desse vosso heterônimo, um pouco a jeito desse Fernando Pessoa, que lá do outro lado do Atlântico lutou a vida inteira contra essa dissociação da personalidade que foi porventura o tema central da nossa geração, do ponto de vista psicológico. "Enquanto fizer versos há de me acompanhar o Duplo que nega tudo e a ironia da duplicidade estética", escrevíeis em vossa carta de 7 de julho de 1929.

Bilu era o lado garoto dessa vossa multiforme personalidade que toca simultaneamente e com a mesma absoluta maestria em três teclados: no mágico da poesia, no lúdico da crônica ou do ensaio e no lógico da crítica. É isso, justamente, que faz de vós um dos mais completos humanistas da nossa história literária.

Como os poemas pirotécnicos de Bilu, o que afinal queríeis significar era o vosso desacordo com o niilismo da corrente "antropofágica" do Modernismo, dando a entender, por simples "humor", que estáveis de acordo com ela naquela famosa "carta aberta", de que foi portador Barreto Leite e contra a qual logo protestei. Em vossa carta de 12 de setembro de 1929, explicáveis a vossa posição:

> Sobre a tal carta aberta, queria observar a V. que não deve levar muito a sério uma (coisa) de momento, escrita para chocar a segurança pétrea do antropofagismo, para irritar o Bopp, feita visadamente, com ares de eqüidade, uma ração para isto, outra para aquilo. V. deve saber que eu estou muito mais perto de v. do que daquela ninhada histérica de originalismos fáceis, com exceção de Bopp, personalidade representativa e forte, talvez a mais curiosa... Releia com atenção (a carta manifesto) e verá como tudo ali é paródia irônica, intenção de ricochete e pura malandrice. A não ser, repito, profunda amargura de acento, que há em toda ela.

O que dizíeis da vossa carta manifesto pode-se dizer dos vossos *Poemas de Bilu*, admirável realização poética, em que o vosso poder de versificar alcança a mais alta, a mais polida, a mais aguda penetração tanto nos poemas malabarísticos como naqueles em que se retrata toda a vossa personalidade e todo o sentido ao mesmo tempo pessoal, regional e universal que existe em vossa poesia. Permiti que cite, para terminar, esse admirável "Minuano", já agora uma das páginas clássicas da nossa poesia de todos os tempos, e de que em *Literatura Poesia* nos destes também uma versão em prosa:

Minuano

Este vento faz pensar no campo, meus amigos,
Este vento vem de longe, vem do pampa e do céu.

Olá compadre, levanta a poeira em corrupios,
assobia e zune encanado na aba do chapéu.
Curvo, o chorão arrepia a grelha fofa,
giram na dança de roda as folhas mortas,
chaminés botam fumaça horizontal do sopro louco
e a vaia fina fura a frincha das portas.
Olá compadre, mais alto mais alto!

As ondas roxas do rio rolando a espuma
batem nas pedras da praia o tapa claro...
Esfarrapadas nuvens galopeiam
no céu gelado, altura azul.

Este vento macho é um batismo de orgulho:
quando passa lava a cara enfuna o peito,
varre a cidade onde eu nasci sobre a coxilha.
Não sou daqui, sou lá de fora...

Ouço o meu grito gritar na voz do vento:
– Mano poeta, se enganche na minha garupa!

Comedor de horizontes,
meu compadre andarengo, entra!

Quem bem me faz o teu galope de três dias
quando se atufa zunindo na noite gelada...

Ó mano
Minuano
upa upa
na garupa!

Casuarinas cinamonos pinhais
largo lamento gemido imenso, vento!
Minha infância tem a voz do vento virgem:
ele ventava sobre o rancho onde morei.
Todas as vozes numa voz, todas as dores numa dor,

Todas as raivas na raiva do meu vento
Que bem me faz! mais alto compadre!
derruba a casa! me leva junto! eu quero o longe!
não sou daqui, sou lá de fora, ouve o meu grito!
Eu sou o irmão das solidões sem sentido...
Upa upa sobre o pampa e sobre o mar...

Nesse poema admirável, um dos mais belos da nossa língua, está contido, como em um búzio, todo o oceano de vossa cultura, como em um fruto de umbuzeiro todo o pampa de vossa infância, como num grito d'alma toda sede de vossa eterna inquietação.

Nem desse oceano, nem desse fruto, nem dessa sede, pude dar aqui sequer a sombra de uma sombra. Sois o homem do pampa, como sois o homem do mar. Há em vós a mais profunda ternura pelo vosso rincão natal, cuja poesia popular estudastes com uma ciência e uma sensibilidade incomparáveis, nos vossos estudos definitivos sobre o cancioneiro gaúcho, – como existe a sede dos horizontes mais largos da *Weltliteratur*. Sois hoje em dia, em nosso meio, talvez quem melhor o conheça. Vossos cursos sobre técnica

literária foram memoráveis. Os ensaios da vossa *Prosa dos pagos* (1941-1959); da vossa *À sombra da estante* (1947); da vossa análise e interpretação do "Le bateau ivre", de Rimbaud; de vosso *Camões de Bruxo* (1958); as vossas páginas do *Preto e branco* (1956); o vosso clássico estudo sobre Machado de Assis (1935), vos situam hoje porventura como o maior humanista vivo da nossa língua.

Que mina inesgotável nessas páginas de trinta anos da maior intimidade com a literatura nacional e universal. E os suplementos literários, cada sábado ou domingo, continuam até hoje, como há vinte anos, a nos trazer o fruto de vossas doutas meditações e aventuras. Que o silêncio alpestre da gruta de livros em que vos refugiais, sob a guarda de um anjo forte onde o minuano vos leva, de vez em quando, a saudade das coxilhas natais, mas onde jamais secou nem sequer minguou a água fresca e constante da vossa cristalina inspiração poética, – conserve ainda por longos anos o lirismo da vossa infância, o inquieto fervor da vossa adolescência, a fecunda sabedoria da vossa maturidade ainda tão verde e, acima de tudo, essa encantadora timidez com que nos dois sempre a impressão de estar pedindo desculpas à glória...

Discurso do
SR. JORGE AMADO

e

Resposta do
SR. R. MAGALHÃES JÚNIOR

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 17 de julho de 1961*

# I

# DISCURSO DO SR. JORGE AMADO

Senhor Presidente, senhores acadêmicos,

Chego à vossa ilustre companhia com a tranqüila satisfação de ter sido intransigente adversário dessa Instituição, naquela fase da vida, em que devemos ser, necessária e obrigatoriamente, contra o assentado e o definitivo, quando a nossa ânsia de construir encontra sua melhor aplicação na tentativa de liquidar, sem dó nem piedade, o que as gerações anteriores conceberam e construíram.

Ai daquele jovem, ai daquele moço aprendiz de escritor, que, no início do seu caminho, não venha quixotesco e sincero, arremeter contra as paredes e a glória desta Casa. Não seria ele digno de sua maravilhosa condição se, em lugar de bandeiras de guerra e violentas armas de combate aparecesse ante a Academia dobrando em curvaturas e sorrisos, em aplausos e elogios, e alma vestida com o fardão acadêmico. Ah, não seria um jovem, não estaria cumprindo com as inapeláveis obrigações de seu tempo interior, com as exigências da sua mocidade. Faltar-lhe-ia o sumo da agressividade, do não-conformismo, da necessidade de romper com o passado para caminhar na rota do futuro. Seria insosso como essas frutas colhidas ainda verdes e à força amadurecidas para o mercado.

Triste espetáculo, a meu ver, o de certos moços na flor de uma idade onde a rebeldia é a marca e a essência fundamentais, e que, abandonando seus deveres para com o entusiasmo e a imprudência cobrirem-se com o manto da aceitação passiva. Fecham-se num conservadorismo medroso e afivelam os rostos numa emprestada e falsa madureza. Pobre daquele jovem que assim agir: jamais chegará realmente a amadurecer, não guardará o fruto de sua obra o sumarento sabor da juventude, suas ânsias, suas revoltas, sua necessidade de destruir para firmar-se. Não é traindo essa urgência e fome de viver, esse ardente e violento impulso que o escritor levanta, na experiência viva, sua medida de homem, aprendendo aos poucos, numa longa marcha, a estimar e a compreender, amadurecendo em riqueza espiritual.

Quanto a mim, felizmente, muita pedra atirei contra vossas vidraças, muito objetivo grosso gastei contra vossa indiferença, muitas vezes gritei contra vossa compostura, muito combate travei contra vossas forças. Minha geração surgida na onda de um movimento armado e popular tinha sua palavra a dizer, feita de realidade áspera e de densa esperança. Chegávamos com o coração pesado de penas e dores ante a visão de nosso povo despojado de suas riquezas, pasto de apetites estrangeiros, humilhado em suas grandezas. Devíamos assim romper com todos os muros e impelir o eco da nossa palavra, nosso duro protesto. Tomamos de nossas armas ainda imperfeitas e partimos contra tudo quanto nos parecia representação daquele passado, inclusive a Academia Brasileira. Só o tempo e a vida podem ensinar ser a Academia em sua continuidade conjugação de passado, presente e futuro. Se um jovem, ao iniciar-se na vida e na Literatura, disser compreender e aceitar tal verdade será quase certamente um oportunista, um carreirista, um pobre diabo.

Como igualmente triste é o espetáculo do homem maduro a afivelar a máscara da eterna juventude, a exibir-se em praça pública em atitudes perfeitas aos vinte anos e ridículas aos quarenta. Ai dele porque não soube amadurecer interiormente, e não saberá envelhecer sua pose de jovem e melancólica, desoladora caricatura – como aquelas frutas que não seguem seu ciclo e de verdes passam a  pecas e nada existe de mais inútil que um fruto peco. Triste é o espetáculo do acadêmico de vinte anos, triste é o espetáculo do antiacadêmico de quarenta anos.

## A ACADEMIA DOS REBELDES

Procuro, num milagre de imaginação, reviver no dia de hoje o adolescente magro, membro da Academia dos Rebeldes, na Bahia, nos anos de 1928 a 1930. Pequeno aprendiz de escritor em cerrada fita com outros de sua idade e condição, levantava-me em imprecações contra a Academia Brasileira e toda a Literatura de então, disposto a arrasar quanto existia, convencido de que a Literatura começava com a minha incipiente geração, nada devendo-se fizera antes do nosso aparecimento, nenhuma beleza fora criada, nenhum resultado obtido. Que diria o jovem de dezesseis anos, assombrado ante a vida e o mundo, solto ao mistério da Bahia, ao ver o quase cinqüentão de hoje, envergando fardão, espadim e colar acadêmico. Dentro de mim, senhores, neste coração que resiste a envelhecer, ouço o riso moleque do rebelde um busca de caminho. Rio-me com ele, não há entre nós oposição, não existem divergências fundamentais entre o menino de ontem e o homem de hoje, apenas um tempo intensamente vivido. São muitos homens em diversas idades a encontrarem-se nessa tribuna somados num homem maduro, mas ainda de experiência e vida vivida que de idade.

Posso assim rir um riso bom com aquele velho companheiro o adolescente que eu fui nas ruas e ladeiras da Bahia plenamente jovem e plenamente rebelde. Rebelde e não ainda revolucionário resulta do conhecimento e da consciência.

Aproveito este momento para falar-vos do perigo a pesar sobre esta Academia e vossa glória pelos idos de 1929. Perigo grave e sério não sei se esta instituição chegou a se dar conta de como esteve de morte ameaçada. Porque naquele ano num primeiro andar do Largo do Terreiro de Jesus, na cidade de Salvador, alguns jovens se reuniram e fundavam a Academia dos Rebeldes. Alguns desses moços são hoje nomes conhecidos e admirados: o poeta Sosígenes Costa, o contista Dias da Costa, mestre Edison Carneiro. Outros não puderam completar sua cara vocação de escritor, levados uns pela morte, como o romancista João Cordeiro, outros pela vida, como o poeta Alves Ribeiro ou o romancista Clóvis Amorim.

Acolhera rebelde Academia num gesto talvez impensado, uma sala destinada a sessões espíritas, atmosfera mística e misteriosa, com um retrato de

Alan Kardec e um obsessionante desenho de almas transmigradas a impressionar nossas desabrochadas imaginações. Nosso programa era simples, efetivo e imenso: arrasar definitiva e completamente o já existente e construir o monumento de nossa Literatura. Meta primeira alcançar a Academia Brasileira, substituí-la por nossa Academia de Rebeldes. Saímos de nossa primeira reunião eufóricos e convencidos: seria assunto de pouco tempo o fim da Academia inimiga e a pujança de Literatura que transpirava por todos os poros.

## A PROTEÇÃO DOS ESPÍRITOS

Ainda hoje tenho minhas dúvidas e aqui as confesso: se não houvéssemos sido expulsos da sala do Centro espírita, como teriam evoluído os acontecimentos? Nossa decisão era definitiva e inapelável, vossa sentença de morte fora ditada e confirmada. Fostes salvos pelos espíritos. Nos distantes círculos do universo onde vagavam, tomaram partido naquela batalha já de si desigual uns poucos estudantes sem eira nem beira contra os quarenta imortais.

Segundo nos informou importante médium dirigente máximo do Centro, quando ali regressamos para nossa segunda reunião onde assentaríamos os últimos detalhes de vossa destruição, aquele era um templo largamente conhecido e procurado pela qualidade dos espíritos que ali baixavam e conviviam. Só espíritos purificados, de alta mentalidade e eminentes virtudes, vinham àquela sala aconselhar os crentes e suavizar-lhes as dores. Dizia-nos, tudo isso, no alto da escada colonial onde nos apertávamos na pressa e segurava na mão a chave da sala, a defendê-la. Contou-nos, para nos mostrar a que preço obtivera tanta perfeição espiritual, terem-se imposto, ele e a esposa, há três anos, votos de rigorosa castidade. Ora, continuou com sua voz mansa, havia acontecido, na primeira sessão após nossa fundação, imprevistos alarmantes sucessos: nenhum espírito de luz voltara à sala maculada por nossa rebelde presença, por nossa juvenil Literatura e – quem sabe? pelas imprecações contra vossa glória nem sempre vazadas em termos elegantes e castiços. Em lugar dos habituais luminosos espíritos de bondade, haviam descido dos círculos infernais os condenados espíritos das trevas, a ranger os dentes e berrar palavrões e escandalizar os crentes com seus desatinos. Ficamos orgulhosos com esses resultados, sinal evidente de nossa força a refletir-se além dos limites

do nosso mundo de mortais – mas não obtivemos a chave da sala. A chave trancada na mão, a irredutível médium pedia-nos desculpas e expulsava-nos.

Passou a Academia a funcionar no Café Bahia, no Bar das Meninas, em lugares suspeitos, nas madrugadas boêmias, na Feira de Água de Meninos e assim foi se dissolvendo com a idade e a Literatura. É evidente que não podíamos lutar com êxito ao mesmo tempo contra vossa imortalidade e contra e a imensa legião dos espíritos.

## A GERAÇÃO DE 1930

Quanto a mim sou um rebento da família de Alencar. Nasci para a Literatura e o romance com uma geração de coração aberto e generoso. Os escritores surgidos no ano trinta quando os fundamentos do Brasil vinham de ser abalados por um movimento revolucionário de raízes populares. Refletiram-se no Romance de Trinta e duas vertentes a que venho aludir. Mas houve uma constante, nos machadianos: a preocupação pelo Brasil, seu destino, seu futuro. Permitiu-se aqui dizer uma palavra sobre esse tempo e os companheiros que o compuseram, quando a publicação de *Casa-grande e Senzala* foi um impacto ainda não renovado e nosso ensaio, quando surgiram os ensaístas e críticos de nossa realidade. Luís Viana Filho, Afonso Arinos, Artur Ramos, Sérgio Buarque de Holanda, Edson Carneiro, Caio Prado Júnior. E os novos poetas como Drummond, A. F. Schmidt, Murilo Mendes, Vinicius de Moraes. Da angústia e da miséria nasceu o Romance de Trinta. O Romance do açúcar, da decadência dos meninos de engenho e do aparecimento na cena da vida nacional dos moleques Ricardo, saga escrita pelo grande mestre da narração brasileira e inesquecível figura humana que foi José Lins do Rego. O Romance do árido sertão e dos sofridos sertanejos desse extraordinário Graciliano Ramos, em cuja obra, num milagre de harmonia, conciliaram-se as duas vertentes, Alencar e Machado. O Romance do desespero da seca do homem castigado pela Natureza e pelo latifúndio, o Romance de José Américo de Almeida, que abriu a picada inicial por onde marchamos, pois sem seu notável *A Bagaceira* não teria existido o Romance de Trinta; o Romance de Rachel de Queiroz, parenta de Alencar pelo sangue, pela paisagem e pelo sentimento sertanejo que preside sua obra. O Romance da

pequena burguesia brasileira, doloroso e inquieto, na obra cada vez mais considerável e importante de Érico Veríssimo. O mundo trágico e denso de Otávio de Faria, que realiza uma das obras mais sérias da ficção de língua portuguesa. O Romance carioca e universalista de José Geraldo Vieira. A dilacerante novelística de Lúcio Cardoso, o espantoso menino dos tempos de *Maleita*, o romance de hoje o mesmo de *Crônica da Casa Assassinada*.

Dinah Silveira de Queiroz com suas moças enfermas e seus paulistas heróicos. O romance mineiro de Cyro dos Anjos da família de Machado. Os contos de Marques Rebelo, de João Alphonsus, de Magalhães Júnior, de Orígenes Lessa. Romance que permitiria o acesso de novas gerações de romancistas, os que vieram em quarenta. Dalcídio Jurandir com os rios e o povo da Amazônia, Josué Montello e sua cidade de São Luís, a lenta vida provinciana, Adonias Filho das terras do cacau. Mario Donato do aforismo de São Paulo, Lúcia Benedetti, Guilherme Figueiredo, para chegar a Guimarães Rosa, ao seu mundo extraordinário e à sua discutida experiência e aos mais jovens surgidos a partir de 1945.

Minha geração, esses romancistas do Ano Trinta, chegava à vida e para a criação novelística com o peito oprimido sob a angústia do Brasil e do homem brasileiro, em busca de caminhos para solução dos nossos problemas. Variados foram os caminhos surgidos, mas o ponto de partida era o mesmo: o amor ao Brasil e a seu povo, a necessidade de solidarizar-se com o homem e o seu drama fosse o drama inferior de sua solidão.

Quanto a mim busquei o caminho nada cômodo de compromisso com os que nada têm e lutam por um lugar ao sol, com os que não participam dos bens do mundo, e quis ser, na medida de minhas forças, voz de suas ânsias, dores e esperanças. Refletindo o despertar de sua consciência, desejei levar seu clamor a todos os ouvidos, amassar em seu barro o humanismo de meus livros, criar sobre eles e para eles.

## O ESCRITOR – UM SER POLÍTICO

Muitas vezes fui acusado de interessado e parcial, de escritor comprometido e limitado por esses compromissos, de escritor político e participante. Jamais tal acusação me doeu ou pesou, jamais me senti por ela ofendido. Qual

o escritor não político? De mim não sei de nenhum. A própria condição de escritor é uma condição política, tão politicamente poderosa que ultrapassa a própria atuação imediata de escritor e por vezes a ela se opõe como sucede inclusive no caso de Alencar, cuja obra sob tantos aspectos revolucionária não coincide com determinadas posições do senador do Império. Políticos somos todos nós escritores, a começar por aqueles que exigem seu horror a política, seu nojo à participação. Ao agir assim, que estão fazendo senão assumir uma posição política, sem dúvida a mais desalentadora e triste, a de fuga da vida? Aos demais, cumpre notar um curioso detalhe; só é considerado *engagé* e comprometido merecer de censura e culpado de manchar a pureza da Literatura, quem se compromete com o povo e se engaja nas batalhas da libertação de povos e países nas lutas pela modificação da sociedade atual os que se comprometem e se engajam do outro lado, não sei por que espécie de mistério, jamais são acusados, sua Literatura não sofre restrições, continua da maior pureza e jamais contra ela se levanta a acusação de participante e político. São méritos da crítica literária que um modesto romancista baiano não pode perceber.

Quanto ao meu comprometimento e à minha parcialidade, meu único compromisso, dos meus começos até hoje, e espero, certamente até a última linha que venha a escrever tem sido com o povo, com o Brasil e com o futuro. Minha parcialidade tem sido pela liberdade contra o despotismo e a prepotência; pelo explorado contra o explorador; pelo oprimido contra o opressor; pelo fraco contra o forte; pela alegria contra a dor; pela esperança contra o desespero, e orgulho-me dessa parcialidade. Jamais fui nem serei imparcial nessa luta do homem, na luta do futuro e o passado entre o amanhã e o ontem.

Nunca desejei senão ser um escritor de meu tempo e de meu País. Não pretendi e não tentei nunca fugir ao drama que nos coube viver, de um mundo agonizante e um novo mundo nascente. Não pretendi nem tentei jamais ser universal senão sendo brasileiro e cada vez mais brasileiro. Poderia mesmo dizer, cada vez mais baiano, cada vez mais um escritor baiano. E se meus livros foram felizes pelo mundo afora, se encontram acolhimento e estima dos escritores e leitores estrangeiros, devo essa estima a esse público à condição brasileira daquilo que escrevi, à fidelidade mantida para com meu povo, com quem aprendi tudo quanto sei e de quem desejei ser intérprete.

Não consegui jamais, sequer nos meus tempos de intensa militância política, ser um homem sectário. Por isso mesmo soube sempre estimar e admirar a obra daqueles escritores cuja maneira de encarar a vida e a Literatura diverge da minha. Creio caber a cada escritor o direito de realizar sua obra como melhor lhe pareça, fazendo-a participante ou não, voltada para o mundo interior, a serviço de uma causa ou na busca da beleza, sem acreditar, no entanto, que existe um só escritor ou uma única obra despida de certa porcentagem de participação. Inclusive o mais puro poema de amor. Não é por acaso das flores que as abelhas retiram o mel, poderoso alimento?

## O ESCRITOR PARTICIPANTE

Exatamente por admitir o direito de cada um criar como melhor lhe aprouver, e por ter capacidade de admirar obra diversa da minha, é que não posso aceitar a condenação violenta que pesa sobre os escritores participantes ou interessados. Tão válida, nobre e considerável é a sua Literatura como outra qualquer. Tão importante e capaz de imortalidade, tão cheia de grandeza e de humanismo. Tem o escritor o direito – e por vezes o dever – de tomar posição quando bem queira e entenda. Não é a Literatura frágil cristal inconsistente ou pundonorosa donzela aflita que não possa misturar-se aos interesses imediatos do homem, aos seus conflitos, a seu tempo, às suas lutas e anseios. Dessa mistura com a vida, com os problemas imediatos, não sai a Literatura diminuída e manchada. Mistura-se o cristal com o aço, desabrocha a tímida donzela em mulher fecunda e bela, ganha a Literatura uma dimensão maior. O que a História literária nos ensina é que desse misturar-se nascem as obras imortais, as que atravessam os tempos e permanecem lidas.

Não receei fazer de minha Literatura arma de batalha do homem brasileiro, jamais fugi a interessar-me. Não temi sequer a chamada Literatura de compromisso, aquele de objetivo puramente imediatista. Certa ocasião um homem estava na cadeia pelo único crime de suas idéias, pesava sobre ele longa pena, haviam lhe assassinado a esposa. Escrevi um livro para ajudar a luta por sua libertação e a luta contra a ditadura brasileira, e honro-me de tê-lo escrito. Com isso não quero afirmar dever o escritor construir sua obra na base do compromisso e do imediatismo. Não é o *Acuso* de Zola que lhe dá a

imortalidade, é o *Germinal*. Mas ele cumpriu seu dever de escritor quando deixou por algum tempo o seu trabalho de romancista para defender a liberdade de um inocente a lutar contra a onda racista. Cumpriu seu dever de escritor Álvaro Lins com *Missão em Portugal*, em nada diminuiu sua obra com este livro, acrescentou-lhe algo.

Da mesma maneira quero dizer-vos, como me parece indispensável, essencial à Literatura, a liberdade de criação.

Liberdade real e concreta. Não acredito em escola única nem em tendência única e tenho para mim que só o diálogo e o debate entre as diversas tendências possibilitam a elevação e o crescimento da Literatura anêmica e banal, sem vitalidade, castrada em sua força criadora. O erro comumente cometido por certos defensores da Literatura interessada é confundir a essência da própria condição do escritor. O escritor, pelo dom que possui de comover e influir sobre os homens, por sua particular sensibilidade mais aguda que a normal, deve ser aquele que primeiro vê os problemas e os expõe e para eles exige solução. Querer transformá-lo em simples propagandista das soluções encontradas para cada problema pelos estadistas e políticos é degradá-lo em sua dignidade, é reduzir a Literatura a simples discurso moral.

Arrastaram-me Alencar e Machado a essas divagações e deixaram-me pouco tempo para falar dos demais que nesta Cadeira me precederam. Lafayette, o bravo defensor da glória de Machado de Assis, contra a desabusada polêmica de Sílvio Romero, Alfredo Pujol, o primeiro no tempo a tentar, com talento e amor, o estudo do conjunto da obra machadiana. E, finalmente, Otávio Mangabeira, o eminente baiano a quem tenho a honra de suceder nesta Casa.

## OS TRÊS MANGABEIRAS

Eram três moços, Francisco, João e Otávio, e o nome Mangabeira fora adotado pela família nas lutas da Independência para que mais ainda se afirmasse sua condição brasileira. Francisco Mangabeira morreu aos 25 anos de idade após uma existência aventurosa e heróica. "Notável poeta, de escrever sobre ele Andrade Muricy considerando-o "o poeta do Norte de mais elevado e vigoroso estro, depois de Castro Alves" e o de vida mais agitada e heróí-

ca entre todos os simbolistas brasileiros". Como é que morre um poeta aos 25 anos? Somos levados a repetir a pergunta, revoltados contra o destino que nos roubou o vate simbolista em plena juventude, quando começava a amadurecer sua Poesia.

De certa maneira, seu destino heróico renovou-se numa das fases da vida de João Mangabeira. Quando os rudes sergipanos e sertanejos entraram pela selva adentro no sul da Bahia, para derrubar a mata e plantar cacau, quando a grande saga se vestiu de sangue e cada árvore escondia um homem na tocaia, quando as cruzes sem nome se levantaram na orla das picadas, quando a vida humana não valia mais de dez mil-réis, um homem advogado, adolescente ainda, pois terminara o seu curso de direito aos dezenove anos, elevou sua voz nas tribunas de Ilhéus e de Itabuna. Era João Mangabeira iniciando sua gloriosa carreira. Contei num livro essas lutas, esse matar e morrer, esse desesperado heroísmo de homens varando a selva, disputando-a palmo a palmo, vencendo os animais, os outros homens e o mistério da floresta. Minha infância coincidiu com o fim das lutas, guardei nos ouvidos os estampidos dos últimos tiroteios, e nos olhos a visão dos homens em armas, das cavalgadas à noite para as emboscadas fatais, a visão da floresta penetrada e incendiada. Cresci ouvindo as narrações da epopéia que tentaria recriar, depois cresci no espanto e na admiração pelos feitos daquela minha gente sem lei e sem medo. Aprendi os nomes dos chefes destemidos, os coronéis do cacau, os jagunços famosos, os bacharéis cuja voz nos júris e cujo saber nos tribunais dava a primeira forma de civilização à conquista bárbara. O nome de João Mangabeira era dos mais freqüentes na boca dos narradores, pois jamais viram antes os grapiúnas, nem veriam depois, bacharel de maior talento, orador mais fulgurante, mais apaixonado criador de civilização e de cultura.

Eu era ainda muito menino nos tempos em que ele parava em frente à casa de meu pai, seu amigo, e me tomava ao colo. Mas o seu rastro ficou para sempre nas terras do cacau, e dele ouvi diariamente falar como de um homem de Ilhéus, um daqueles que construíram a riqueza e o progresso.

A vida iria ligar-me depois a João Mangabeira pelos laços da admiração e da amizade. Envaideço-me de ter um pouco concorrido para que ele escrevesse seu livro monumental sobre Rui Barbosa, ao perguntar numa nota de pé

de página no *ABC de Castro Alves*, onde estava João Mangabeira que não escrevia o grande livro que a memória de Rui Barbosa estava a exigir.

Homem do progresso das idéias avançadas, soube caminhar à frente do seu tempo. Vida de exemplar dignidade, inteligência e saber a serviço da verdade, da Justiça, do Socialismo, é João Mangabeira figura ímpar em nossos tempos. Poderia lembrá-lo aqui em vários momentos dessa sua vida admirável, que é um patrimônio de todos nós que escrevemos no Brasil. Poderia lembrar a grande festa com que nosso Estado, Bahia, comemorou há dois anos, seus oitenta anos de idade com aquele fervor e aquela ternura em que os baianos se irmanam para louvor de seus filhos bem-amados. Poderia recordá-lo na tribuna da Câmara em solenidades da vida Pátria. Ou na barra dos tribunais populares defendendo a Democracia e o Direito, ou na tribuna popular dos comícios, educando as massas. Permiti-me recordar apenas certa noite distante do ano de 1936, se não me engano no mês de abril. O terror dominava o mundo, o Nazismo esmagava a liberdade, eram os direitos dos homens espezinhados. Começava no Brasil o processo de liquidação da Democracia, que nos levaria aos anos desgraçados do Estado Novo. Estava eu preso na sala de detidos da Polícia Central, com muitos outros. João Mangabeira era uma das poucas vozes que o medo não havia calado no Parlamento de então. Elevava-se em acusação aos donos do poder, na defesa dos presos políticos. Naquela noite de que vos falo, fomos despertados pelo barulho anunciador de novas levas de presos. E vimos passar para a sala ao lado o deputado João Mangabeira, preso pelo crime de cumprir com dignidade seu mandato. Recordo como se fora hoje, sua serenidade, seu calmo sorriso, sua postura de homem. Parou um instante para falar comigo, tranqüilo, como se não estivesse rodeado de policiais, ameaçado não só em sua liberdade, mas em sua vida, pois naquele ano torturava-se e assassinava-se nas prisões brasileiras.

Quero saudá-lo daqui, quando venho ocupar a Cadeira em que se sentou seu irmão, esta Cadeira que devia ser, por todos os títulos, hoje ocupada por João Mangabeira. Quero dizer quanto me honra em ser de seu tempo, de seu Estado e daquelas terras do cacau que ele ajudou a construir e civilizar.

## ELOGIO DE OTÁVIO MANGABEIRA

Falar sobre Otávio Mangabeira seria fácil para mim, seu admirador e seu amigo, não me tomasse o peito a emoção da ternura e da saudade. Bem o conheci; honrou o político ilustre, com sua amizade, ao escritor jovem da sua terra pelos idos de 1930, quando a revolução veio tirá-lo do Ministério do Exterior para o exílio. Exílio que se repetiria, como as ameaças de prisão e o ostracismo. Porque a vida de Otávio Mangabeira foi uma única batalha, ininterrupta, pela liberdade, pelos direitos do homem, pela Democracia brasileira, pela moralidade dos governantes. Poucos homens tão íntegros e coerentes possui nossa vida, e poucos baianos tão conseqüentes em sua condição de baianos quanto este mestre da oratória e da habilidade parlamentar, esse administrador de raras qualidades, esse homem de imensa doçura pessoal.

Se a Política nos roubou o escritor que ele poderia ter sido, nos proporcionou o espetáculo magnífico de um dos maiores tribunos da história parlamentar brasileira. A elegância da forma, a pureza da linguagem, a clareza do pensamento, e, sobretudo, a constante fidelidade aos ideais democráticos, à liberdade, fizeram dele, como bem observou Afrânio Coutinho, "a personificação da arte da palavra". Fui seu colega na Câmara dos Deputados e era sempre com renovada alegria que o via subir à tribuna, com certa solenidade na figura e certa gravidade nos gestos precisos, alegria a crescer em puro deleite intelectual ao ouvi-lo, em afirmações das quais por vezes eu discordava, mas ditas de tal maneira que era impossível deixar de admirá-las. Foi o último dos grandes oradores de certa fase de nossa vida política. Hoje a oratória dos comícios e mesmo da tribuna parlamentar perdeu certa unção quase sagrada, certa grandeza de forma e de aspecto, certa magnificência, para ganhar maior vivacidade, colocar-se a par com o nosso tempo. Dessa grande oratória, vinda do Padre Vieira no púlpito da Sé da Bahia a clamar contra os invasores holandeses, foi Otávio Mangabeira mestre inconfundível.

Penso nele e o vejo sentado no grande salão do hotel, no Campo Grande, em Salvador, a desfilar histórias e fatos com alegria, com humor. Algumas dessas histórias definem o caráter e a sensibilidade desse homem que se manteve, durante toda a vida, fiel à sua integridade e à Democracia. Conta-se, por exemplo, em Salvador, de sua preocupação, quando governa-

dor do Estado, ao saber de manifestação oposicionista, passeata de estudantes ou greve operária; evitar que a polícia se envolvesse e fosse brutalizar manifestantes ou grevistas. "Sobretudo não chame a polícia", dizia ele a seus auxiliares, pois era a negação da violência, era a própria delicadeza feita homem e governante.

Ele próprio narrou-me a seguinte história: após deixar o governo, os sindicatos fizeram-lhe calorosa manifestação de apreço. E o orador operário disse, ao fazer-lhe o elogio: "Sr. Otávio Mangabeira, o senhor soube governar a Bahia com muita delicadeza." Mangabeira guardava na memória e no coração essa frase como a melhor homenagem às suas qualidades de governante. Ria, ria, ao contar a história satisfeito de não haver magoado a ninguém, quem quer que fosse, de não haver atirado os cães da política contra o povo, de ter podido, na hora de governar, exibir a unidade de seu pensamento e de sua ação.

Quando da última eleição legislativa, quis candidatar-se à Câmara de Vereadores de Salvador, onde começara sua carreira política, para dedicar seus últimos anos à cidade que tanto amava. Mas o povo baiano, numa prova de alta cultura, uniu-se por cima dos partidos para fazê-lo senador.

## EVOCAÇÃO DA BAHIA

Se eu tivesse de buscar uma única imagem para definir Otávio Mangabeira, eu vos digo que ele é a Bahia. A Bahia em suas melhores e mais generosas qualidades, aquela finura de civilização que era dele e é do último homem do povo baiano. A Bahia da grande oratória e da extrema habilidade política, a Bahia da delicadeza, da gentileza, da ternura humana, a Bahia afável e afetuosa, a cordial, a acolhedora, a da doce brisa do mar, a dos luares sem igual. Otávio Mangabeira era a Bahia: o amor aos nobres ideais, à irredutível luta pela liberdade, à consciência democrática.

Quando penso nele, penso na Bahia, na ampla humanidade de sua gente, na alegria do seu povo, em sua constante e fundamental doçura. Penso na Bahia nesta hora de minha vida, quando aqui chego com a responsabilidade de substituir Otávio Mangabeira. Chego coberto com a ternura de minha gente baiana. O fardão que envergo foi bordado com o ouro dos cacauais, foi

a terra de Ilhéus, a terra do cacau, quem a ofertou a seu filho romancista, ao menino que ontem corria em suas ruas e atravessava suas estradas e hoje conta as histórias de espantar daquelas "terras do sem fim". E com o ouro da amizade com que o povo de Salvador agraciou-me, mas me cumulava numa festa de tanta emoção que não posso descer desta tribuna sem a ela me dirigir, na pessoa do ilustre governador e meu amigo Juracy Magalhães; nas pessoas de amigos tão caros ao meu coração, como Dorival Caymmi, cantor dos pescadores e do mar baiano; o sertanejo Wilson Martins, do Rio São Francisco; o baianíssimo Odorico Tavares, vindo do Recife; meu velho e querido Giovanni Guimarães; o tranqüilo Mousés Alves, com seu sorriso e sua pintora Balbina; o jovem crítico Eduardo Portella, tão lúcido; a inquieta inteligência de Vavaldo Costa Lima; a doce ternura de Luiz Henrique, o riso largo de Mário Cravo e o coração de Mirabeau Sampaio; a sábia humanidade popular de Mãe Senhora, para dizer ao povo da Bahia que em nossas relações sou o único devedor. Do saber do povo me alimentei e se alguma coisa construí, ao povo o devo. Minha obra não é mais do que pobre recriação de sua grandeza.

Senhores acadêmicos: chego à vossa ilustre companhia sem ódios e sem rancores. A vida foi generosa para comigo; deu-me mais do que lhe pedi e mereci. Pobre de bens materiais, sou rico de muitas outras coisas, muitos bens possuo em meu surrão – nem sei como tanto pude merecer da vida. Esposa e filhos, que são alegria diária e incentivo maior pra o trabalho, pais de toda dedicação, irmãos perfeitos na amizade. E tenho o mar da Bahia, os coqueiros do Nordeste, uma granja e uma praia em Pernambuco, mesa posta em tanta casa por esse Brasil afora, amigos em tantas partes do mundo, tantas mãos estendidas e tantos corações fraternais, saveiros navegando para o Recôncavo, adolescentes que me sorriem e me contam seus amores, uma roda de capoeira e uma cadeira de Obá no terreiro do Opô Afonjá, a solta cabeleira de Yemanjá, as invencíveis de Oxóssi de Xangô. Tenho o mel e a rosa, a ânfora de água pura, a farinha e o pão, o obscuro metal, um pasto de veludo e a límpida manhã de cada dia.

Tenho a alegria de ter conservado jovem o coração, por não ter rompido jamais a unidade entre minha vida e minha obra, e por ter a certeza de que jamais a romperei.

E quando aqui chego, chegam a esta casa, a esta tribuna, vestindo este fardão, pessoas simples do povo, aqueles meus personagens, pois é por suas mãos que aqui ingresso. Vêm mestres de saveiros e pescadores. Mestre Manuel, Maria Clara, Lívia e Guma, e sua ansiosa espera da morte no mar; vêm negros e mulatos, pai-de-santo Jubiabá e o negro Balduíno, Rosenha Rosedá e o Gordo, vêm as crianças abandonadas, os capitães da areia, trabalhadores dos campos de cacau e rudes coronéis de repetição em punho; vêm o rei das gafieiras da Bahia, Quincas Berro D'água, a mulata Gabriela feita de cravo e de canela, e o comandante Vasco Moscoso de Aragão, que amava sonhar e comandava os ventos. Gente simples do povo, não sou mais de que ele, e se os criei, eles me criaram também e aqui me trouxeram. Porque eles são o meu povo e a vida que tenho vivido ardentemente.

## A ATMOSFERA LITERÁRIA DE 30

Não creio ter sido, no entanto, inútil e infecunda a existência da Academia dos Rebeldes, na Bahia, naqueles anos. A atmosfera literária da cidade e do Estado caracterizava-se naquele então por um rancoroso conservadorismo, professores de Medicina preocupavam-se mais com a colocação dos pronomes e a criação de neologismo do que com o desenvolvimento das Ciências Médicas, onde uma retórica vazia matava os instintos criadores e anulava a nobre tradição baiana de uma Literatura voltada para os grandes problemas e as causas populares. Naquele rumoroso discurso de palavras sonoras e difíceis, a ficção de Xavier Marques, a poesia de Arthur de Sales, os sadios panfletos de Pinheiro Viegas eram execuções e manter a continuidade das Letras baianas maus imitadores de Rui Barbosa sem as qualidades do mestre, acentuavam ao máximo exagero o verbalismo com que escondiam a falta de idéias e a falta de seriedade científica. Contra essa realidade desoladora levantaram-se os rebeldes, juntamente com o grupo do "Arco & Flexa", este diretamente influenciado pelo Modernismo paulista, grupo de onde sairiam figuras da importância de Eugênio Gomes, Herman Lima, Pinto de Aguiar, Godofredo Filho, Carvalho Filho. Companheiros da mesma luta contra as mazelas de uma época literária decadente, não havia, no entanto, unidade entre nós, os da Academia dos Rebeldes, e os excelentes rapazes do "Arco & Flexa".

Digladiávamo-nos nas mesas dos bares, inconseqüentemente. Inconseqüentemente? Não sei, em verdade... Ao recordar aquele tempo ardente de juventude, creio encontrar uma explicação para nossas divergências. Enquanto o "Arco & Flexa" refletia sobretudo o Modernismo, o verde-amarelismo ou a antropofagia, influenciado por Oswald e Mário de Andrade, Bandeira, Cassiano, Menotti, G. de Almeida, nós queríamos ir além do Modernismo, queríamos uma Literatura de raízes e características mais populares, a realidade do nosso Estado, a captação dos anseios do povo. Tudo isso de forma embrionária e confusa, é certo, porém essa idéia central de nosso pensamento fez caminho, perdurou e floriu na atual realidade cultural da Bahia, magnífica.

Penso fazer-se urgentemente necessário o estudo daquela fase da Literatura baiana e do que ela significou para nosso Estado. Onde está Eugênio Gomes, admirável mestre do ensaio brasileiro, escritor de perfeita consciência; onde está Dias da Costa, contista da cidade de Salvador, que guarda memória de cada detalhe de nossa vida de então – onde estão eles que não analisam e não contam os movimentos transformadores da vida intelectual baiana?

## OS ANOS DE APRENDIZADO

Eu vinha de uma infância nas terras bravias do cacau, assistira ao drama da conquista da selva, ouvira a voz dos advogados nos júris dos coronéis de toda audácia, ainda infante fora banhado pelo sangue de meu pai ferido numa tocaia. Traduzia dentro de mim os ecos da grande epopéia e também os lamentos lancinantes dos trabalhadores curvados nas roças, numa vida de bestas de carga.

Os anos de adolescência na liberdade das ruas da cidade do Salvador da Bahia, misturado ao povo do cais, dos mercados e feiras, nas rodas de capoeira e nas festas dos candomblés e no átrio das igrejas centenárias, foram minha melhor universidade, deram-me o pão da Poesia, que vem do conhecimento das dores e das alegrias de nossa gente. Ao rememorar esse tempo, posso medir e pesar a infinita compreensão, a paciência do coronel João Amado de Faria, conquistador de terra e plantador de cacau, e de D. Eulália

Leal Amado, sua esposa, que muitas vezes dormiu com a repetição ao lado do leito como ainda hoje ama contar. Como todos aqueles rudes desbravadores, eles desejavam ver o filho feito doutor, advogado, médico ou engenheiro. E o filho desprezava os manuais de estudo para atirar-se à vida, procurar a redação dos jornais, escrever inconseqüências em pequenas revistas de limitada duração. Souberam eles compreender e confiar e, se alguma coisa realizei de perdurável a eles devo, à sua constante e comovente solidariedade.

A eles e ao povo de meu Estado. Com o povo aprendi tudo quanto sei, dele me alimentei e, se meus são os defeitos da obra realizada, do povo são as qualidades porventura nela existentes. Porque, se uma qualidade possui, foi a de me acercar do povo, de misturar-me com ele, viver sua vida, integrar-me em sua realidade. Seja no mundo heróico e dramático do cacau, seja no oleoso mistério negro da cidade de Salvador da Bahia.

Penso, assim, poder afirmar que chego à vossa ilustre companhia pela mão do povo, pela fidelidade conservada aos seus problemas, pela lealdade com que procurei servi-lo tentando fazer de minha obra arma de sua batalha contra a opressão e pela liberdade, contra a miséria e subdesenvolvimento e pelo progresso e pela fartura, contra a tristeza e o pessimismo, pela alegria e confiança no futuro. Segundo a lição da Literatura baiana, fiz de minha vida e de minha obra uma coisa única, unidade do homem e do escritor, aprendida na estrela maior do céu baiano, o poeta Castro Alves, estrela matutina da liberdade, estrela vespertina dos ais de amor.

## ALENCAR E MACHADO: DUAS VERTENTES

E chego para ocupar, pleno de humildade, uma Cadeira cujo fundador foi Machado de Assis, alicerce e fundamento desta Casa e cujo patrono, por ele escolhido, é José de Alencar, viga mestra de nossa Literatura. José de Alencar e Machado de Assis, o próprio romance brasileiro, o conjunto das qualidades de nossa prosa de criação.

Quando digo que Alencar e Machado são o romance brasileiro, não o faço tão-somente para exaltar a grandeza do criador de Iracema ou a grandeza do criador de Capitu. Faço-o, sobretudo, para ressaltar a oposição existente

entre essas duas grandezas, ambas, no entanto, autênticas e fundamentais em nossa História literária.

A grandeza de Alencar resulta de certos valores que marcam e definem toda uma vertente de nossa ficção, assim como a grandeza de Machado é conseqüência de valores outros que marcam e definem toda uma vertente do romance e do conto brasileiros. Um é a força do povo, bravia, descontrolada, enchente e enxurrada, árvore nunca podada, jequitibá gigante, floresta enredada de cipós, grávida de cores violentas, rumorosa de vozes de pássaros, espalhando-se sem fronteiras como um rio em cheia, banhada de sol e de luar, de "verdes mares bravios de nossa terra natal", excessiva e deslumbrante. Tentando transpor para o plano literário a língua doce e musical de nossa gente; longe da gramática portuguesa e da limitação dos clássicos numa liberdade e numa libertação próprias das grandes massas e das nações jovens. De valores assim é feita a obra de Alencar e seus defeitos e limitações provêm da terra onde está plantada, da pujança de suas raízes e de sua condição revolucionária. Sua permanência e sua universalidade, seu tempo e seu espaço independem dos críticos, dos filósofos, dos professores, dos estudos, dos ensaios, das palmas dos intelectuais, do elogio dos pedantes e aristocratas, independem do papel escrito, pois os escritores dessa família de Alencar escrevem menos com tinta do que com sangue, menos com as regras da gramática do que com o conhecimento da vida. Por isso se sofrem o nariz torcido de certa crítica esteticista, arrastam consigo o amor do povo, e é nas mãos do povo que partem para o futuro, para serem amanhã os clássicos de seu tempo. Que importa a Alencar o persistente silêncio de nosso ensaísta e de nossos críticos, a desconfiança com que olham o mundo por ele criado, amedrontados ante as picadas por ele abertas, que importa a Alencar essa conspiração de silêncio se suas edições crescem e multiplicam-se com o passar dos anos, se cada homem do povo conhece e estima seu nome, se a cada dia batizam-se dezenas de Iracemas, se os índios de seus romances viraram folclore, dança e carnaval, habitam para sempre nossos corações? Sua imortalidade não é de edições críticas, do refinado gosto dos raros, não é conservada nas bibliotecas. Sua imortalidade é viva, está nos trens dos subúrbios, nos alucinados lotações, nos bondes lentos, na bolsa do estudante, na noite pobre da costureirinha, no despertar do adolescente, nos milhares e milhares diariamente debruçados sobre

livros seus comovidos com a leitura. Essa é a glória que corresponde aos escritores da família de Alencar.

Machado somou, ao seu conhecimento da vida e dos homens, a qualidade literária conquistada dia-a-dia, palmo a palmo, é feito de meia luz e de meia sombra. Em sua obra é tão importante o que foi apreendido nos livros quanto a experiência vivida e, por vezes, até mais importante. Nele tudo é medido, num cálculo sábio e preciso, cada coisa em seu lugar, a voz não se altera em gritos. Há uma busca de perfeição, um cuidado de forma, respeito à língua literária portuguesa, aos seus cânones e regras, à lição dos clássicos, que faz com que ele, brasileiro mestiço, escreva um português mais puro e comportado de que na mesma época escrevia m Portugal Eça de Queirós, como se, a julgar-se pela língua, português fosse Machado e o brasileiro fosse Eça. Mais próximo do ceticismo do que da confiança no homem, mais do pessimismo em relação à vida que do otimismo voltado para o futuro, mais da pena bem aparada e da tinta do que do sangue aos borbotões, bosque bem cultivado de formosas árvores, de cuidados caminhos, seus espinhos estão escondidos nas pétalas das flores, os embaraçosos cipós foram retirados, nele culmina a Literatura como Arte. Há tanto que aprender em sua obra como feitura literária, tanta lição de artesanato e de Arte, que apaixonados curvam-se sobre sua obra a estudá-la, a analisá-la, a buscar os segredos de cada parágrafo e de cada palavra os ensaístas, os historiadores da Literatura, os críticos em cujas mãos repousam sobretudo a glória e a imortalidade da obra machadiana. Sem que, no entanto, deixou de repousar nas mãos do povo, no respeito e na admiração do povo, pelo que ela contém de vida e de verdade, de brasileiros apesar da língua lusitana pelo mundo de ambientes, figuras e sentimentos brasileiros, pelas Capitus de olhos de ressaca e pelos senhores tímidos e irônicos, pelo Rio de Janeiro, bela retratada e recriada pelo carioca amante de sua cidade, pelo amor mais poderoso que o ceticismo a iluminar sua criação.

## ROMANCE SOCIAL E ROMANCE PSICOLÓGICO

São os dois caminhos do nosso romance, nascendo um de Alencar, nascendo outro de Machado, indo um na direção do romance popular e social, outro com uma problemática ligada à vida interior, aos sentimentos e proble-

mas individuais, à angústia e à solidão do homem, sem, no entanto, perder seu caráter brasileiro.

É curioso notar que, se numerosa é a descendência de Alencar, não tem ele praticamente imitadores, como se os romances que compõem esta vertente de nosso romance recebesse do mestre apenas a indicação de um caminho. Enquanto a maioria dos descendentes de Machado – com evidentes e importantes exceções – são seus imitadores copiando do mestre não apenas a posição ante a vida transposta para a Arte, mas também os cacoetes e os modismos. É que Alencar nos logra a vida e a vida vive-se, não se imita, enquanto Machado nos lega a Literatura, a perfeição artística que invejamos e tentamos imitar.

Falo dessa oposição entre a obra dos dois grandes mestres, oposição que se prolonga em nossa novelística, não para fazer o elogio de uma vertente e a crítica da outra, para concluir pela validade de uma delas e o erro da outra. Seria atitude não só sectária, mas falsa e tola, infelizmente habitual e corrente, resultante de uma limitação do espírito crítico. Válidas são uma e outra, qualidades e defeitos encontramos nas duas, e o justo e certo é considerar a necessidade da existência e do desenvolvimento das duas vertentes, do debate por elas provocado, do diálogo por elas situado, do confronto por elas estabelecido. A meu ver é da soma dessas duas vertentes, da soma de seus valores, que se forma o complexo do romance brasileiro. Sem Alencar não teríamos romance brasileiro. Não o teríamos sem Machado de Assis. Não somos apenas um lado de nosso corpo, não somos apenas a mão direita ou a mão esquerda.

# II
# RESPOSTA DO SR. R. MAGALHÃES JÚNIOR

Contaram-me que uma velha mãe-de-santo, com a gaforinha já branquejando, tendo aprendido, além dos pontos de Umbanda algumas artes de ciganos, leu um dia a vossa mão, num terreiro da Cidade de Salvador, e vos disse com a solenidade cabível no ritual de grandes revelações:

> Meu filho, esta linha aqui diz que você vai andar fardado que nem um general, com uma espada dependurada na cintura... General? Não é não... O peito está cheio de dourados e além disso o chapéu é de almirante! um negócio meio esquisito, lá isso é**.** Mas é bonito como quê. Meu filho vai ficar um princez!

Contaram-me também, Sr. Jorge Amado, que a vossa primeira reação foi um sorriso e um dar de ombros, duas expressões de um mesmo ceticismo. Que farda estranha seria aquela? Sendo Pacifista, não poderia ser, é claro, uma farda de almirante por mais que ameis o mar e os seus mistérios. Uma farda de embaixador? Uma farda de acadêmico? Ou as duas? Talvez tenhais esquecido as interrogações que vós mesmo fizestes, depois do primeiro impulso de incredulidade. Mas hoje vedes que a profecia está se cumprindo muito naturalmente e que nada tinha de assombroso!

Na verdade ela começara a cumprir-se desde os vossos dez anos, na hoje célebre cidade de São Jorge de Ilhéus, então um burgo modesto e quase

esquecido, por ainda não ter sido escrita a sua saga tumultuosa e apaixonante. Foi naquela tenra idade que revelou o vosso amor às Letras, com o jornalzinho *A Luneta*, de circulação limitada à própria família e aos vizinhos. *A Luneta*, ao mesmo tempo noticiosa, crítica e literária, teria em breve a circulação, quando o seu redator-calígrafo, no ano de 1923, se viu colhido nas malhas de uma irrevogável decisão paterna: o velho João Amado de Faria decretara a vossa ida para Salvador e o compulsório internamento no Colégio Antônio Vieira, dos Padres Jesuítas. Nesta, que foi a vossa primeira prisão, chegastes com todo o ardor de um bom católico e foi isso, talvez, o que vos credenciou a particular estima do Padre Luís de Gonzaga Cabral, grande orador sacro, fugido do "jardim da Europa à beira-mar plantado", quando aí se instaurou a República, não só leiga, mas até mesmo, a princípio, anticlerical. Foi este jesuíta de talento, mestre da língua, muito versado em Letras profanas, quem descobriu logo a vossa vocação literária e a estimulou por todos os meios e modos. A decoberta se deu quando, numa aula de redação, vós e os vossos pequenos colegas recebestes como tema "O mar". Enquanto outros meninos se limitavam a algumas linhas toscas e laboriosas, repetindo compêndios geográficos e vendo o mar como uma simples massa de água salgada, ou um pedaço de oceano aprisionado, vós o descrevestes como um poeta descreveria o grande mar sonoro e caprichoso, o imenso mar, o mar fascinante, que seria futuramente alguma coisa de essencial – cenário e personagem – em quase toda a vossa obra. Com a vossa descrição, conquistastes naquele padre português, tão diferente do Padre Amaro e do Padre Soeiro de Eça de Queirós, o vosso primeiro entusiasta. Ele foi, para vós, o que o padre mestre Silveira Sarmento foi para Machado de Assis, ou mais até. Suas aulas de português não se limitavam à gramatiquice caturra, às regras decoradas de Gonçalves Vieira ou Cândido e Figueiredo. Iam a leituras constantes dos clássicos portugueses. Adquiristes intimidades com Frei Luís de Sousa e viestes, por fim, até ao dramatizador de sua vida, esse delicioso Almeida Garrett. Dono de uma biblioteca eclética, o bom padre luso vos emprestou livros e mais livros. Graças a ele devorastes os romances épicos de Walter Scott, escocês admirável que se orgulhava de ter sido a glória que foi sendo neto de um simples ladrão de gado. Passastes depois a Jonathan Swift, gênio da sátira, irmão espiritual de Rabelais. E por fim chegastes a Charles Dickens, o pintor

das misérias londrinas, que fez a Rainha Vitória chorar copiosamente quando, no isolamento dourado de seus palácios reais, por traz da cortina de ferro do aulicismo aristocrático, ficou sabendo que na sua orgulhosa Inglaterra dos milhões de teares, poderosamente industrializada, havia gente que gemia de fome e pessoas que desde a infância eram escravizadas pelos proprietários das grandes fábricas, num regime de doze horas de trabalho por dia. Seria esta, a Dickens, pai de *David Cooperfield* de *Oliver Twist*, de *Barnaby Rudge*, uma das influências que ficariam no vosso espírito e nas vossas Letras.

A princípio fostes um excelente colegial. Mas quando as leituras incendiaram a vossa imaginação passastes a ser péssimo estudante. Entrastes abertamente em conflito com o vosso colégio e um dia, em 1925, dele fugistes, com apenas 100$000 no bolso, e atravessastes todo o sertão do norte da Bahia, até alcançardes a casa do vosso avô, em Sergipe. Quando voltastes foi para recomeçardes os vossos estudos no Colégio Ipiranga, do Professor Isaías Alves de Almeida, onde tivestes como colegas o hoje romancista Adonias Filho e os irmãos Vieira de Melo. Em 1927, aluno externo, fizestes a vossa iniciação no jornalismo profissional, primeiro no *Diário da Bahia*, depois no *O Imparcial*. Experimentastes um grande entusiasmo pela vida de imprensa e juntastes, à mesada paterna os vossos primeiros dinheiros ganhos com a pena. Aqueles 90$000 de ordenado vos davam uma viva sensação de independência e uma extrema confiança em vós mesmo.

## ENCONTRO COM O MODERNISMO

No ano seguinte, em 1928, dá-se o vosso encontro com o Modernismo literário brasileiro. É quando começais a ler Osvald de Andrade, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida e outros cujos nomes e obras só então começavam a repercutir na vossa Bahia. Dois grupos literários se haviam formado na capital da velha província: o dos anti-retóricos, numa reação ao verbalismo torrencial que a opulência da linguagem de Rui Barbosa exacerbava, grupo esse liderado por Carlos Chiacchio, com Eugênio Gomes, Herman Lima, Pinto de Aguiar, Godofredo Filho, Carvalho Filho, Hélio Simões e outros, e o grupo do velho poeta Pinheiro Viegas, epigramista destabocado, epicurista e cético que fizera de Rimbaud o seu deus, zombava das

religiões e das Academias. Companheiro, outrora, de Coelho Cavalcanti, Lima Barreto, Agripino Grieco, Raimundo Magalhães e outros matamouros da imprensa panfletária, feroz com os medalhões mas benévolo com os rapazes que se iniciavam nas Letras, gozava ele, na Bahia, a aposentadoria de modesta função na administração do Cais do Porto do Rio, ao mesmo tempo que crivava de farpas e sarcasmos os figurões da vida pública e das Letras baianas. Na sua pobreza orgulhosa e na sua altiva independência, esse homem de muitas e boas leituras fascinava um grupo de jovens, a que pertencíeis vós, Édison Carneiro, Sosígenes Costa, Dias da Costa, Clóvis Amorim, João Cordeiro, Alves Ribeiro e outros, quase todos com alguma coisa de importante a dizer em dias futuros. O mundo que este pobre e quase esquecido Pinheiro Viegas influi sobre a vossa formação vós mesmo o reconhecestes tomando-lhe por empréstimo uma epígrafe e inscrevendo-lhe o nome na dedicatória de um dos mais belos dos vossos livros.

Não sei que opinião teria ele formulado a respeito de um romance, que em 1929 escrevestes, com vossos amigos Edison Carneiro e Dias da Costa, para publicação seriada em *O Jornal*, órgão da Aliança Liberal da Bahia. Romance que se chamava *Lenita* de que foi, depois, tirado um voluminho, de capa colorida, assim no estilo atualizado de *Elzira, a morta virgem*. Mas, conhecendo-lhe o espírito irreverente, imagino que é bem capaz de ter dito:

"Nunca se juntaram tantos para fazer tão pouco e tão ruim." Aquele pecado da mocidade foi repudiado pelos três autores, envergonhados e arrependidos. Nada liga tanto os homens como um crime praticado em comum, mas há de ser outra a razão da amizade que vos liga àqueles dois colaboradores, já cercados do vosso sincero e profundo afeto, quando sobrebreveio a pequena catástrofe.

## O PRIMEIRO ROMANCE

Em 1930, com o curso de humanidade incompleto, estais no Rio de Janeiro, um pouco deslumbrado. De junho a dezembro todo o vosso empenho é adquirir os conhecimentos necessários para conquistar os certificados de Física e Química e de História Natural. Em outubro sobrevêm a revolução de Vargas. No meio daquele imenso regozijo cívico, exames. Basta requerer os

certificados, de acordo com as inscrições processadas antes do decreto salvador. É com alívio que vos atirais à feitura de um novo romance, terminado rapidamente em poucos meses. Já sois então um dos mais jovens acadêmicos da velha Faculdade de Direito, e entre os vossos colegas estão Eddy Dias da Cruz, hoje o grande contista e romancista Marques Rebelo; Alvaro Cotrim, o Alvarus, que neste momento nos fala de D. Pedro I e do caricaturista Daumier; um mocinho que militava no Partido Comunista e em quem se refletiam a eloqüência e a passionalidade de Maurício de Lacerda; e um grupo de jovens escritores da direita – Almir de Andrade, Otávio de Faria, Hélio Viana e outros, que se encaminharam, quase todos, para o Integralismo. Nessa época, era ainda indeciso o vosso espírito. Estáveis numa encruzilhada, sem terdes escolhido a vossa direção. E o vosso primeiro romance, *O País do Carnaval*, reflete esse estado de perplexidade. Foi Otávio de Faria, a quem o deste a ler, que levou os originais a Augusto Frederico Schmidt, editor pobre e esforçado, acreditando então em livros com o mesmo fervor com que hoje acredita no desenvolvimento industrial do Brasil. Tivésseis escrito o vosso primeiro romance nos dias de hoje e, com todo o vosso talento, estaríeis condenado a ficar inédito, como hão de ficar, de Norte a Sul, dezenas de jovens escritores, se o governo atual não debelar de imediato a brutal crise do livro, mais atingido pela virulência das instruções cambiais do que o contrabando e quaisquer formas de especulação. A ocasião vos era favorável. Publicado o romance em 1931, grande foi a surpresa dos críticos: tivestes logo os aplausos até mesmo dos mais severos, a começar por Tristão de Athayde, hoje um dos vossos companheiros nesta Casa. E os de Medeiros de Albuquerque, que observou terem tanto o autor quanto o editor feito todo o possível para que o livro não fosse lido: o editor, dizendo tratar-se de um "romance filosófico" e o autor por ter perpetrado antes com mais dois cúmplices, uma *Lenita* que era uma pura abominação...

O romance do Nordeste não havia surgido, mas sim resurgido, vigoroso, em 1928. Com *A Bagaceira* José Américo de Almeida retomara a tradição interrompida com o desaparecimento de Franklin Távora e Domingos Olímpio. Em 1930, saíra *O Quinze*, revelação de uma nova e extraordinária escritora, Rachel de Queiroz. Lembro com especial emoção o seu nome, já honrado, nesta Casa, com a mais alta láurea, por ter sido em torno dela que,

ao chegar ao Rio, já com as glórias do Prêmio Graça Aranha, se aglutinaram a certa altura, vários rapazes que então consideravam terrivelmente tímida e até ridiculamente tolhida nos seus objetivos a revolução de 1930. Foi então que vos conheci numa casa da Rua Redentor, muito acolhedora e burguesa, de uns tios de Rachel, onde nos reuníamos aos domingos para longas e inflamadas discussões, que não tardaram a provocar, como revide, a proibição ali da nossa entrada, logo depois de um comício esquerdista, dissolvido a bala e a borrachadas, e em que Rachel e as primas, de menor idade, foram truculentamente encanadas pela Polícia Política.

Pouco depois de vossa estréia, revelavam-se três outros gigantes da nossa prosa de ficção: José Lins do Rego, já poderoso e amadurecido com *O Menino de Engenho*; Érico Veríssimo, com *Fantoches*, apenas uma leve indicação do muito que poderia fazer no futuro; e Graciliano Ramos, com *Caetés*, não mais que um exercício para a depuração do estilo que se apresentaria sóbrio, denso e preciso em *São Bernardo* e em *Angústia*. O momento era de grande ebulição intelectual. Ecoavam em nosso meio o internacionalismo pacifista de Henri Barbusse e a adesão de Raomain Rolland à Terceira Internacional. Os nomes de Léon Trotzky, de Lenine e de Bukharin se tornavam familiares aos moços da vossa geração, como as de Karl Marx, Engels, Kroptkine, Jean Jaurès e Georges Sorel aos da geração anterior. Mas assim como havia quem outrora se empolgasse com as idéias de Nietszche, outros dos jovens de então se deixavam fascinar por Léon Daudet e Charles Maurras. As divergências ideológicas se prolongavam no campo literário. Em edições espanholas, chegavam às nossas livrarias obras que os nossos editores não teriam pensado em traduzir: *Petróleo*, do socialista norte-americano Upton Sinclair: *O Don corre para o mar*, do russo Mikhail Sholokov; *Paralelo 42* e *1919*, de John dos Passos; *A Derrota* e *A Inundação*, do russo Alexandre Fadayev, sem falar nas obras-primas desse extraordinário gênio literário que foi Máximo Gorki, já correntes, no Brasil, em edições portuguesas do período pré-salazaresco.

Essas múltiplas influências contribuíram para dar aos nossos jovens escritores uma visão nova da vida e uma nova dimensão do Romance, atuando sobre eles tão poderosamente quanto o Naturalismo francês, levado por Émile Zola às últimas conseqüências, atuara sobre o talento sensível e maleá-

vel de Aluísio Azevedo, o primeiro a tentar, no Brasil, o romance social, com a notável experiência de *O Cortiço*.

Mas é mister que eu cite, ainda, dois escritores que, nessa época, também fascinavam a mocidade: o norueguês Knut Hamsum, laureado com o Prêmio Nobel, autor de *Fome* e *Um Vagabundo Toca em Surdina*, o norte-americano Michel Gold com um pequeno e impressionante livrinho, *Judeus sem Dinheiro*. Este viria juntar-se a Dickens, entre as vossas mais fortes influências, e elas transparecem desde logo em *Suor*, o vosso terceiro romance da Bahia.

## PROIBIÇÃO DE *CACAU*

Antes deste escrevestes *Cacau*, publicado pela Ariel Editora em 1933. Foi o primeiro dos vossos livros a merecer as atenções da Polícia que intimou as livrarias a sustar-lhe a venda. Iam já mandar buscá-lo no depósito da pequena empresa de Gastão Cruls, Agripino Grieco e Mânlio Giudice, quando Cláudio Ganns, espírito liberal e amigo de Osvaldo Aranha, levou o autor e um dos editores à presença do poderoso Ministro. Com um telefonema enérgico ao Chefe de Polícia e outro ao delegado de Ordem Política e Social, Osvaldo Aranha conjurou a apreensão, contra a qual, com grande veemência protesta em nome da liberdade de criação literária o vespertino *O Globo*. Nada de melhor poderia ter acontecido ao jovem autor, pois a primeira edição, de dois mil exemplares, se esgotou em apenas quarenta dias, saindo logo a segunda, de três mil, depressa também consumida. Era o romance que vos daria passaporte internacional, sendo imediatamente traduzido e editado na língua russa, em Moscou. Vieram depois dois dos vossos maiores romances, *Jubiabá* e *Mar Morto*. Em 1937, quando o Integralismo alçava o colo, a prudência vos aconselhou a deixar o Brasil. Partistes para a Argentina, com uma parte do manuscrito de *Capitães de Areia* na mala e fostes escrevendo, depois, à medida que subíeis a costa do Pacífico a bordo do *Rakuyo Maru*. Escrito de maio a junho, lançou-o José Olímpio naquele mesmo ano, a tempo exato de ser colocado na grande fogueira em que, na capital da vossa província foram queimados como malsãos os vossos livros juntamente com os de José Lins do Rego, Gilberto Freyre e outros.

## VIAGENS E LIVROS

Percorrestes todas as Américas, inclusive os Estados Unidos, então de fronteiras abertas, sem medo e sem restrições, terra ainda Franklim Delano Roosevelt, não terra de Mac Carthy. Ao voltardes, fostes preso em Manaus. Prisão breve, porque não sabiam bem o que haveriam de imputar-vos, a não ser o crime absurdo de ter talento. Nada podendo editar no Brasil, depois daquele auto-da-fé, deixastes, pela segunda vez o país, em 1941, já então decidido a um protesto que tomou a forma de uma biografia do homem cujo nome não podia ser sequer mencionado perante o Estado Novo. A publicação em espanhol da vida de Luís Carlos Prestes sob o título de *O cavaleiro da Esperança* era algo de intolerável, tratando-se de um inimigo do regime atirado ao fundo de um cárcere pelo famoso Tribunal de Segurança Nacional. Um processo contra vós foi iniciado em vossa ausência e isso então equivalia a um decreto de desterro. Ficastes impedido de voltar ao Brasil, mas ao entrar o país na guerra, cruzastes a fronteira do Rio Grande do Sul, no mês de agosto de 1942. Preso em Porto Alegre fostes solto no fim do mesmo ano, mas ficando obrigado a residir na Bahia. Vossos livros só recomeçaram a sair no ano de 1943, com o lançamento de *Terras do Sem Fim*. É verdade que pouco antes, em 1941, saíra a primeira edição do *ABC de Castro Alves*, mas quase clandestinamente, comprometendo-se o editor Martins a não expô-la nas livrarias. Na Bahia, voltastes a trabalhar em *O Imparcial* enquanto escrevíeis vossos novos romances. De lá só saístes em 1945, para aquele memorável 1.º Congresso Brasileiro de Escritores, na qualidade de presidente da delegação baiana. Eleito vice-presidente do Congresso, lá ficastes e, com a queda da Ditadura, concorrestes à eleição para a Assembléia Nacional Constituinte, sendo eleito deputado federal por esmagadora votação. Durante os anos de 1946 e em 1947, exercestes o vosso mandato, cassado em janeiro de 1948. Embarcastes então para a França, onde desde 1937 tinham começado a circular vossos livros. Em 1946, aliás, tinha o romance *Seara Vermelha* saído no folhetim *Lettres Françaises*. Convosco iam Zélia, companheira e musa, um filho pequenino, os desenganos políticos e as saudades da Bahia. Em Paris não tardais a vos ligar a algumas personalidades ilustres: Jean-Paul Sartre, Louis Aragon, Paul Éluard, Pablo Picasso, Fernando Léger, Roger Vailland e

um jovem intelectual negro Léopold Senghor, que é hoje Presidente da República do Senegal. Viajastes muito pela Europa e, por fim, vos fixastes em Praga, espécie de Recife brumosa, e aí às margens do Moldávia, celebrado nas imortais canções de Smetana, nasceu a vossa filha, a adorável poetisa Paloma. Aí escrevestes *O Mundo da Paz*, que teve o prêmio Stálin, e vivestes os anos de 1950, 1951, 1952.

A curiosidade e espírito errante vos levaram a novas viagens, não só pela Europa, como pelo norte da África e por uma parte de Ásia. Enquanto isso escrevíeis *Os Subterrâneos da Liberdade*, que terminastes em 1954. Vosso retorno ao Brasil foi retardado por instauração de um processo, este baseado na publicação de *O Mundo da Paz*. Dois advogados deviam nele atuar, Alfredo Tranjan, na fase preparatória, e João Mangabeira na defesa oral. Mas não foi preciso concurso deste eminente jurisconsulto, porque um juiz inteligente determinou o arquivamento do processo ao sentenciar: "O livro não é subversivo, é apenas sectário."

## O ESCRITOR E O POLÍTICO

Vossa carreira literária é marcada por duas fases distintas: uma, aquela de militante político, em que ao lado das obras de ficção, ladeadas de intenções ideológicas, mas animadas por um largo sopro poético, figuram também as obras de circunstância, quase com um caráter de tarefas de partido, já excluídas de vossas obras completas. Outra, a que iniciastes há três anos ao escreverdes uma das vossas obras máximas, *Gabriela, Cravo e Canela*, e continuastes, agora, em *Os Velhos Marinheiros*. Aí já não aparecem as marcas ostensivas da pregação doutrinária, não se acusa a forte intenção de fazer proselitismo. O político cede lugar ao poeta. O admirável contador de histórias, que vós sois, chega aos mais altos cimos da virtuosidade literária, paira nas regiões a que só ascendem os grandes espíritos.

Entre as muitas ilusões da vossa vida, tivestes uma vez a de pensar que, de *O País do Carnaval* a *Capitães de Areia*, havíeis esgotado os mananciais da vossa inspiração regional e que nada mais tínheis a acrescentar sobre a vossa Bahia. Mas em vão destes por encerrado, com os seis primeiros romances, "o ciclo da Bahia". Depois desse encerramento é que vieram *Terras do Sem Fim*,

*São Jorge dos Ilhéus* etc. O veio de ouro era persistente como o da mina de Catas Altas: quando parecia esgotado aí então é que, ao menor esforço, afloraram novas e rutilantes pepitas de um fantástico tesouro. Tivestes a fortuna de nascer num Estado de amavios e seduções irresistíveis, em que se depuraram os sentimentos de cordialidade humana no convívio fraternal das raças e no próprio sincretismo religioso, aí não medrando nem preconceitos de sangue, nem preconceitos de fé, nem racismos, nem ortodoxias. Tivestes ainda a fortuna, Sr. Jorge Amado, de ser fiel intérprete desse mundo colorido e pitoresco, dessa geografia física e humana sem igual no Brasil ou no mundo. A vossa pura baianidade, Sr. Jorge Amado, é o segredo da vossa universalidade.

Quando publicastes os vossos primeiros romances, havia quem falasse na vossa fluência de estilo para qualificá-la de torrencialidade. Não éreis, propriamente, um artista, mas uma "força de Natureza", admirável, sem dúvida, mas indisciplinada e turbilhonante. Convocai-os, agora, aos que falavam em "caudal impetuosa", para que apontem os vossos excessos. A vossa prosa de hoje não poderia ser mais artística. Sabeis represá-la, dominá-la, submetê-la à disciplina, mantê-la no nível exato, através de eclusas que ligam o fantástico com o real, o poético com o prosaico, do mesmo modo que ao rigor da técnica as sucessivas comportas do Canal de Panamá ligam o Atlântico ao Pacífico. Vêde aqueles diálogos de Vanda com o pai defunto na obra-prima que é a primeira história de *Os Velhos Marinheiros*. Só há um exemplo de fusão do real e do irreal, tão bem realizado em nossa Literatura: a conversa de Evaristo com o retrato da antiga namorada, no conto "Mariana", de Machado de Assis.

## A ACADEMIA SEM PRECONCEITOS

Sr. Jorge Amado! Não deveis a vossa eleição para esta Cadeira apenas aos membros desta Academia. É certo que a deveis a vós mesmo e à vossa obra realizada ao longo de trinta anos de intensa atividade literária. Mas não a deveis menos aos vossos confrades que não fazem parte do vosso cenáculo. Nenhum dentre eles ousou concorrer convosco e deles recebestes também a consagração unânime, inclusive daqueles que, por motivos de ordem política, de oposição ideológica, de convicção doutrinária, pudessem ter contra vós

reservas de natureza pessoal. Por sua vez, a Academia Brasileira de Letras honrando-vos com o seu voto unânime, honrou a si mesma pela atitude e exemplaridade de sua conduta. Homens de formações e tendências as mais diversas usaram o mesmo critério imparcial e isento para a aferição do vosso valor. Mas não surpreende que assim seja a nossa Academia. Desde o seu início, aqui repercutiam vozes sábias que nos aconselhavam a buscar a unidade literária na diversidade dos pensamentos. Joaquim Nabuco, em seu primeiro discurso de secretário geral, disse estas palavras que é muito oportuno lembrar neste momento:

> Já tivemos a Academia dos Felizes; não seremos a dos incompatíveis, mas na maior parte das coisas não nos entendemos. Eu confio que sentiremos todo o prazer de concordar em discordar; essa desinteligência essencial é condição da nossa utilidade, o que nos preservará da uniformidade acadêmica.

Esta Casa provou, com a vossa eleição, que é limpa de preconceitos políticos e que nela cabem homens de todas as crenças e opiniões. Assim, é fiel às suas próprias origens. No momento exato em que ela foi constituída, mal haviam cessado as terríveis lutas que, a partir de 1893, se estenderam do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, e no vosso glorioso Estado, Sr. Jorge Amado, troavam os canhões da legalidade na luta de Canudos, "loucura e crime da nacionalidade". Naquela hora trágica em que eram empastelados os jornais suspeitos de sebastianismo e em que eram caçados a bala, em plena rua, supostos agentes monarquistas, formou-se a Academia Brasileira de Letras, como um modelo de equilíbrio e boa convivência entre os escritores das mais diversas tendências.

Dela faziam parte republicanos extremados como Lúcio de Mendonça, Medeiros e Albuquerque, Graça Aranha e o ex-ministro do Governo Provisório, Rui Barbosa, ao lado de monarquistas como Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, Carlos de Laet, Afonso Celso, Visconde de Taunay, o Barão de Loreto e o Velho Conselheiro Pereira da Silva. Ao lado de florianistas recentes, como Artur Azevedo, Coelho Neto, Medeiros e Urbano Duarte, formavam antiflorianistas como Rui, Olavo Bilac, Luís Murat, Guimarães Passos e José do Patrocínio. José Veríssimo explicou a união de homens de opinião

tão diversificadas como tendo sido ditada por imperioso e necessário sentimento de solidariedade de nossa vida intelectual. E quem mais do que vós tem esse sentimento de solidariedade, sempre pronto a manifestar-se, nos congressos literários, na ação da União Brasileira dos Escritores, nas Feiras de Livros, em tudo quanto representa a negação dos egoísmos estéreis e das atitudes isoladas?

É, ainda, Veríssimo quem declara: "Uma Academia não é, não deve ser doutrinária; veda-lho a sua própria composição de homens de caracteres, opiniões, sentimentos, crenças diversas." E acrescenta que, com o convívio, em certa altitude moral intelectual, essas diferenças tendem a diminuir, daí resultando um critério geral mais apurado. Antes de vos eleger, alguns membros desta Academia já haviam feito profissão de fé socialista: Lúcio Mendonça, Euclides da Cunha, Roquette-Pinto, Manuel Bandeira, Barbosa Lima Sobrinho, Álvaro Moreyra e alguém mais, que me escuso de nomear, mas a quem podeis ver sem que eu o veja. Mas nem antes, nem agora, fez a Academia um pronunciamento de ordem política. Não foi com intenção de vos converter que ela vos escolheu, senão para vos ter aqui tal como sois. Pesou na avaliação dos vossos méritos de candidato o exclusivo valor das vossas obras literárias, tão numerosas quão excelentes. Mas, para honra desta Academia, seja dito, não vos exigiu ela fosse repudiada uma só linha do que escrevestes, mesmo quando nelas se refletia mais o ardor do militante político do que mesmo o gênio do escritor.

## CADEIRA 23

Sr. Jorge Amado,

A Cadeira em que agora vos sentais é a que melhor vos convinha; colocada sob o alto patrocínio de José de Alencar, o patriarca do nosso romance, ela teve como primeiro ocupante o incomparável autor de *Dom Casmurro* e das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Por ela passaram sucessivamente Lafaiete Rodrigues Pereira, Alfredo Pujol e Otávio Mangabeira, cujo elogio acabais de fazer, em palavras tão justas e tão eloqüentes. Destes três últimos, nenhum foi, como vós, romancistas. Com a vossa presença nesta Casa, a

Cadeira 23 se reintegra no que parecia ser o seu destino inicial, mas de que, desde 1909, se desviara, por um conjunto de circunstâncias de fácil explicação e entendimento. Se é ao lado de José de Alencar e de Machado de Assis que estais situado pelo vosso talento de ficcionista e pela vossa capacidade criadora, não menos rica, forte e original que a dos gloriosos mestres de *O Guarani* e de *Quincas Borba*, nem por isso vos deixais de aproximar em alguma coisa dos vossos três outros antecessores. Quando as identidades não ressaltam propriamente da obra literária é porque se manifestam nas circunstâncias da vossa vida intensa e movimentada, de homem que nunca foi um acomodado, um passivo, um indiferente aos problemas, às crises e aos dramas do seu tempo.

Lafaiete Rodrigues Pereira geralmente nos aparece hoje sob a carapaça de grave conselheiro, do erudito jurisconsulto, do tratadista do *Direito das Coisas* e do *Direito Internacional Público*. A imagem barbilonga e austera que nos ficou do eminente estadista mineiro nos faz esquecer o terrível panfletário da *Atualidade* e de *A Opinião Liberal* e, mais ainda, o audacioso denunciador da insustentável ordem política e social do tempo do Império. Aos 36 anos de idade, já tendo presidido províncias ele se adiantava ao seu tempo e punha a assinatura no "Manifesto Republicano", que proclamava a falência da Monarquia e pedia uma Constituinte para a aprovação de um novo regime. O gesto de 1870 marca-lhe significativamente a biografia sem embargo de ter sido ele posteriormente reconquistado pelo regime imperial, com as mais altas honras e proveitos; as funções de Ministro, Presidente do Conselho, Senador vitalício e Embaixador especial em Washington. Aos 36 anos de idade, que éreis vós, Sr. Jorge Amado? Se não me engano, o vosso nome figurava também em manifestos que ousadamente denunciavam a ordem social e política então vigente, cujas muitas iniqüidades, tão bem conhecidas, acrescenta-se em nosso tempo a ausência de tolerância. Mas é sem terdes retratado as vossas opiniões de ontem que entrais agora, para o nosso convívio na mesma Cadeira que pertenceu a Lafaiete. Com Alfredo Pujol, o primeiro a tentar fazer o levantamento da vida de Machado de Assis, tendes a afinidade de biógrafo. O escritor fluminense, que São Paulo adotou, fez louvação do patrono desta Casa, em sete conferências, do mesmo modo que fizestes, letra por letra a do mais amado poeta da Bahia no vosso *ABC de Castro Alves*. A diferença que

vos separa, a ambos, no campo da biografia é, no entanto, enorme. Pujol, operário paciente e esforçado, limitou-se a lançar as fundações de monumento, trabalhando com pedra e argamassa. E, no caso de Castro Alves, encontrastes já preparadas as fundações e sobre elas modelastes, ao vosso modo, a efígie do grande cantor dos escravos, transmitindo-lhe com a vossa Arte literária um grande calor humano e uma poderosa sensação de vida. Como se tivésseis usado um telescópio mágico captastes o passado e transportastes, para perto de nós, como a sugestão da vossa prosa, por vezes tão ou mais poética do que própria Poesia do bardo condoreiro.

Não sei de quem, como vós, tenha infringido tão inteira e livremente as regras britânicas da biografia, ditadas por James Boswell e reeditadas contemporâneamente por Lytton Strachey, ressuscitador das notabilidades da época vitoriana. Em linguagem enternecida, sob a forma de narrativo a uma amiga misteriosa, Sulamita, cuja identidade constituirá problema para os que futuramente tentarão reconstituir a vossa vida, escrevestes algo de verdadeiramente novo em nossas Letras – um *Cântico dos Cânticos de Castro Alves*, uma biografia-balada, ou uma balada-biografia. É assim, com uma Arte consumada, que conseguis criar no leitor a empatia, o clima psicológico para aceitação da figura ao mesmo tempo lírica e heróica, romântica e revolucionária, do jovem poeta baiano. Nenhuma passagem dá melhor a idéia da técnica por vós tão eficientemente utilizada do que a introdução do capítulo correspondente à sexta letra do ABC:

> Quem sabe, amiga, se aquele navio iluminado de mil lâmpadas elétricas, luzes que cortam a noite do mar, não parte para Recite, no país de Pernambuco? Tu estendes a tua mão e lanças um amplo adeus ao navio que parte. Respondem, são inúmeras mãos que acenam adeuses na noite do cais quase deserto. Boa viagem, desejamos nós ao barco que parte para a aventura sempre renovada da conquista dos caminhos do mar. Um dia partiremos nós também, daremos adeus para um casal que se ama nas areias do cais, à luz amarela da Lua. Iremos também, talvez, para esta cidade de Recife, de pontes e de holandeses. Têm uma linda cor os telhados de Recife, amiga, são amáveis e belas as pontes sobre os rios. Seu povo valente, de faca à cintura, anda em ruas que foram pisadas pelos pés dos maiores do nosso passado, Nabuco e

> Castro Alves, Rui Barbosa, Pompéia, tantos outros, sonharam nessa cidade os maiores sonhos do Brasil. Essa cidade viu Nassau, sua grandeza, sua fome de progresso. Abrigou judeus essa cidade que lhe rasgaram o comércio. Cresceu agitada e inconformista, heróica e com certo ar aventureiro e rebelde como não o possui nenhuma das nossas outras cidades. Recife tem uma legenda, seu clima é um clima de luta e de futuro. Antes que qualquer outra cidade do país, recebe, pelo mar que ela penetra, as idéias novas, os sonhos que logo depois serão realidade. E os acalenta no seu seio imenso de pedra. Dá-lhe o leito da inteligência dos seus poetas e sábios, dá-lhes o sangue dos seus heróis. Recife, a heróica, Recife, a das mil revoluções.

É assim que preparais o espírito do leitor para a chegada de Castro Alves, rapazinho de 15 anos, à cidade literária. Mas exagerais, exagerais muito, exagerais poeticamente em vossas contas. As revoluções de Recife não se contam por mil, nem mesmo por cem. Mas tendes razões quando dizeis que ali irromperam alguns dos mais nobres e generosos movimentos do Brasil. O sangue de mártires adubou, em solo pernambucano, a semente da Independência e a semente da República. E foi ali que irrompeu em 1848 a Revolução Praieira, fruto de desespero de um povo acuado entre o mar e os grandes latifúndios. Revolução memorável, que foi a primeira a colocar entre as tímidas reivindicações de um superficial liberalismo político o grave problema da reforma agrária. Problema que infelizmente, mais de um século depois, permanece o mesmo, sem se ter chegado, por via legislativa, a uma solução nacional, continuando o País habitado por milhões e milhões de joãos-sem-terra, com o mesmo irremediável e antigo desespero a gerar a nova Praia sob a forma das Ligas Camponesas, com este ardente Francisco Julião como um novo Nunes Machado, e com os latifúndios a reagir marcando homens a fogo, com a prestimosa colaboração da Polícia.

Tenhamos, porém, esperanças. Numa das suas *Cartas da Inglaterra*, a propósito de Carlyle, lembrou Rui Barbosa uma frase do *Times*, de Londres, sobre a rapidez com que os povos assimilam as mais ousadas reivindicações sociais e políticas: "As novidades e os paradoxos de 1846 constituíram, em larga escala, o bom senso de 1881." Quer dizer, menor do que o período de duas gerações bastara para fazer frutificar na Inglaterra, aparentemente tradicionalista, muito do que antes parecera sonho vão, loucura de idealistas ou

exigência de carbonários. Somos bastante mais tardos, no nosso processo de incorporação de certa ordem de conquistas, razão do nosso atraso cultural, da imensa vastidão territorial do Brasil e da nossa própria falta de coesão social, bem maior no passado que agora. E também da nossa precária educação política, responsável por certos equívocos que seriam divertidos se não fossem, antes, verdadeiramente trágicos. É ainda difícil, por exemplo, fazer penetrar na mentalidade refratária e eriçada de alguns brasileiros a idéia de que deve prevalecer, sob um regime democrático, a maior variedade de doutrinas e pensamentos políticos, estruturados organicamente em partidos. Há mesmo falsos doutores da Ciência política que em nome da perfeição democrática, ou do bom funcionamento do Legislativo, pensam até em eliminar de plano, os pequenos partidos, como já foi eliminado o que vos elegeu, para que reste, apenas, o oligopólio dos grandes, senão iguais, muito aproximados. Não haveria melhor caminho para a criação, no País, de um clima revolucionário, que só desaparece com o livre diálogo entre toda a espécie de facções. É bem verdade que os pequenos partidos de esquerda, minoritários, como são, poucos ou nada realizam, por si mesmos, sobretudo não tendo suas bancadas a possibilidade de participar da alta administração, num regime em que tudo depende da exclusiva confiança de um presidente com a prerrogativa de governar com as suas próprias idéias, ao sabor de tendências pessoais. Mas esses desdenhados partidinhos realizam muito através dos outros. E são, na verdade, um grande elemento de dinamização da vida parlamentar e política, colocando teses e problemas a que fogem os grandes partidos, ou que só relutantemente, sob pressão, acabam sendo por estes aceitas. No regime imperial, queixavam-se os liberais de que os conservadores lhes arrebatavam a bandeira de todas as generosas reformas, para realizá-las e assim se enfeitarem com penas de pavão para a corte ao eleitorado. O que foi verdade no tempo do Império se repete nos dias presentes, quando os partidos de centro, para não ficarem estigmatizados como retrógrados, adotam ou proclamam idéias que antes execravam. É bem verdade que o fazem às vezes por mero expediente, dando aos seus entusiasmos recentes um caráter alentador e protelatório, ou para atenuar, moderar ou mesmo inverter o sentido de certas teses. Mas, mesmo caminhando entre contradições, ao fim de algum tempo é evidente

que se liberalizaram ou fizeram concessões não raro muito além do que se poderia honestamente esperar.

Ninguém tem feito mais, no sentido de tornar o Brasil consciente, solidário, coeso e progressista do que os seus escritores verdadeiramente nacionais, os que se identificam com as causas do povo, os que traduzem os anseios desse povo, ou a ele estão sólida e solidariamente ligados, os que lhe têm verdadeiro amor e dele se aproximam com mensagens de fraternidade, liberdade, esperança e paz. Cem, mil, dez mil ensaios críticos poderão sustentar a superioridade da poesia de Gonçalves Dias sobre a de Castro AIves, mas nunca será este destronado do coração do povo, a quem falou tão fortemente da liberdade e das lutas heróicas pela Independência.

Baiano como ele, sois hoje um seu continuador. Um continuador em prosa, pois que o pudor vos leva a esconder quase inteiramente os vossos versos, só uma vez anunciados ao público, em tiragem limitada e fora do comércio. Ningutém saberia hoje da vossa veia poética, se não fossem as recentes baladas celebrando certos encantos calipígios que, um pouco à moda de Bernardim Ribeiro, na *Menina e Moça*, liricamente entremeiam a boa prosa de *Gabriela, Cravo e Canela*. Os vossos livros nunca são inteiramente gratuitos. Mesmo quando pareceis escrever apenas um grande romance de amor, desse amor que move o sol e outras estrelas, traz ele no meio um problema. E duzentos mil exemplares de vosso livro gritam a todo o Brasil que os nossos portos estão abandonados e que o da zona do cacau é uma ruína e uma vergonha, encoberta por quarenta anos de promessas e de mentiras governamentais! Em *São Jorge de Ilhéus* está o problema da terra e da ausência de financiamento agrícola, apresentado de forma precisa, como motivo central de obscuras tragédias. Noutro romance há o problema das crianças abandonadas, sementeira de criminosos, a quem, depois, a heróica força volante de uma polícia qualquer poderá cortar as cabeças, para expô-las num museu estadual. Sem o saberdes as vossas idéias vão fecundando cérebros e corações. E até um padre, em Copacabana, vos citava num sermão, há bem pouco tempo, ao falar sobre a necessidade social de evitar-se a multiplicação dos pequenos capitães-da-areia.

Não escondestes as razões da vossa preferência, ao elegerdes Castro Alves para tema de uma biografia. Ao contrário, fizestes praça disto, ao pro-

clamardes: "Como escritor uma coisa me liga poderosamente a ele: tenho sempre encarado a vida de frente e, como ele, escrevo para o povo e em função do povo." Esta Academia, que escolheu Castro Alves para patrono da Cadeira 7, acolhe agora mais um dos seus biógrafos. Não é esse o vosso único encontro com Alfredo Pujol no terreno biográfico, pois escrevestes, também como lembrei, a história do guerreiro e do líder popular da Coluna Prestes.

Com o vosso antecessor imedito, o eminente Sr. Otávio Mangabeira, as afinidades também existem, extravasando, porém, do campo literário. A rigor, o nosso eminente confrade, há pouco desaparecido, não era um homem de letras. Prevaleceu, em seu favor, o critério dos expoentes. Embora figura altamente representativa da cultura brasileira, tinha escassa obra literária ao ser eleito para a Academia. Mais valiosos do que os cinco trabalhos por ele publicados antes do seu ingresso nesta Casa eram sem dúvida os seus notáveis discursos políticos. Não os de deputado situacionista ou de convencional incumbido de fazer a saudação a candidatos do oficialismo à Presidência da Nação, consoante as práticas eleitorais da República Velha, mas os que proferiu no ostracismo e nos seus momentos de descrença no atual regime e nos homens que o representavam. Lembro-me ainda de algumas dessas orações apocalípticas, cheias de um denso e magoado pessimismo, em que cada período lembrava as entonações sinistras de Cassandra, profetizando as desgraças da Tróia brasileira.

Sua índole conservadora, seu espírito formado na matriz de um liberalismo à Rui Barbosa, sua crença numa democracia mais de aparência que de conteúdo, mais de superfície que de profundidade, mais formalista que real, entrara em conflito com a rápida evolução política das massas, guiadas talvez mais pelo instinto que pela consciência, mas geralmente impelidas para o rumo certo. Daí aqueles longos discursos, modelares na forma, mas um tanto inatuais na substância. Discurso que muitas vezes morriam sem eco, ou cuja ressonância nem sempre correspondia ao seu extremo esforço de grande figura do nosso Parlamento. Esse o seu drama: o drama do desencontro de uma grande vocação política com o meio e a época em que se desenrolou a sua ação. Apesar disso, havia nele uma incontestável grandeza humana, uma admirável enfibratura moral.

Ninguém mais zeloso da legalidade e ninguém mais digno no trato da coisa pública do que esse homem que morreu pobre depois de ter sido deputado em muitas legislaturas, senador da República, Ministro das Relações Exteriores e Governador do seu Estado. Não aspirou, nunca, à popularidade fácil, nem se incucou jamais como vanguardeiro de revoluções que trouxessem como programa algo mais que a simples restauração do que lhe parecia ser o império da lei. Por isso mesmo quando, capitalizando as impaciências e as inquietações das massas, a solércia dos políticos aluía os alicerces constitucionais do país, era certo estar ele na galharda, intransigente e teimosa sustentação da ordem legal. Duas vezes vencido e duas vezes exilado, desapareceu sem capitular.

Como ele, fostes uma vez membro de uma Assembléia Nacional Constituinte, como ele tivestes um mandato popular interrompido, como ele comestes também o amargo pão do exílio.

Em certo momento, quando tudo lhe fora tirado, restou a Otávio Mangabeira ao menos a segurança de encontrar nesta Casa, a sua espera, uma Cadeira que ninguém lhe tiraria. Tal certeza também podereis ter, Sr. Jorge Amado, quaisquer que sejam as surpresas dos dias futuros, nos quais só podemos profetizar o acréscimo da vossa glória universal, a que falta apenas coroamento do Prêmio Nobel, para o qual tantas vezes tem sido o vosso nome tão espontânea, oportuna e justiceiramente lembrado. Sois hoje o candidato natural do Brasil e essa láurea consagradora, da qual nem mais necessitais para a projeção internacional da vossa obra, traduzida nos mais numerosos e estranhos idiomas. Mas necessitam o Brasil, para a maior projeção de sua cultura, e a língua portuguesa, para a sua maior difusão e prestígio do mundo. Ela é hoje o patrimônio de apenas duas nações. Amanhã talvez o seja de quatro ou cinco, ao completar-se a inevitável emancipação dos povos africanos, já cansados de tantos séculos de menoridade tutelada.

Somos os vossos assim como sois o nosso companheiro pelo resto da vida. Ganhais 39 amigos que eram 39 dos vossos admiradores. Porém mais, muito mais ganhamos nós, porque não vindes sozinho. Trazeis convosco pelo menos uma centena de pessoas tão vivas, tão palpitantes, tão reais quanto vós mesmo. Trazeis, digo mal. Porque, na verdade, elas vos anteciparam. Como muito bem lembrastes, ainda há pouco, foram elas que vos trouxeram. E aqui

entraram sem fazer cerimônia ou pedir licença, tão furtivamente que ninguém se deu conta.

Olhai em torno. Não as vedes? É que talvez, por causa dos trajos, se dissimulem, modestamente, pelos corredores, ou mesmo pelos desvãos secretos do nosso subterrâneo.

Vinde, senhoras! Vinde, senhores, onde quer que estejais! Padre José Pedro! Sinhô Badaró! Pedro Bala! Antônio Balduíno! Lindinalva Pereira! Zé Camarão! Boa-Vida! João-Grande! Pé-de-Vento! Negro Pastinha! Cabo Martim! Vasco Moscoso de Aragão, capitão de longo curso! Joaquim Soares da Cunha, ou, se preferis, Quincas Berro d'Água, conhecido em terras de França como Quinquin la Flotte!

Mestres de saveiros, capitães-da-areia, pais-de-santo, moradores do Tabuão, da Baixa do Sapateiro e do Pelourinho, habitantes suarentos dos encardidos sobradões da Salvador das velhas ladeiras e dos quitutes gostosos, vinde todos!

Mas, cuidado: nada de atropelos! Primeiro, deixai passar a Sra. D. Gabriela, com cheiro de cravo e cor de canela. Vinde, já que estais aqui! Vinde, já que não podeis faltar, pois que por toda parte andais à frente do vosso criador iluminando-lhe o caminho.

Vinde e cercai-o! O instante maior de sua glória é um reflexo da vossa maravilhosa eternidade!

Discurso do
SR. AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA

e

RESPOSTA DO
SR. RODRIGO OCTAVIO FILHO

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 19 de dezembro de 1961*

# I

## DISCURSO DO SR. AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA

Moinhos ao vento! Eiras! Solares!
Antepassados! Rios! Luares!
Tudo isso eu guardo, aqui ficou:
Ó paisagem etérea e doce,
Depois do Ventre que me trouxe,
A ti devo eu tudo que sou!

Assim canta o menino triste que se chamou Antônio Nobre, em um dos mais belos poemas do *Só*.

Quase o mesmo – não em beleza, claro, mas em ternura – diria eu de paisagens das Alagoas: principalmente das que se acham mais vivo ligadas à minha meninice. Quase o mesmo: às minhas paisagens faltam solares, eiras e moinhos. De luares, porém, estão elas alagadas: daqueles luares de outra nobriana que revestem de cal as moradas humildes:

Casas dos pobres que o luar, à noite, caia...

Não lhes falta, também, a prata liquefeita e viajante dos rios – os rios do Porto Calvo da minha gente materna.

Contudo, mais viva que a presença de águas fluviais trago presa à memória a presença do mar: nascido à beira-rio, em Passo de Camaragibe, vivi na beira-mar de Porto de Pedras, terra de meu Pai, dos oito meses aos dez anos.

A contemplação do mar é incentivo e limitação. Estimula aventurosos, que mergulham nos mundos que para além dele se ocultam e fecham em beleza e mistério, até que, dando velas ao sonho, lá um belo dia se vêm, como no verso baudelairiano,

*Berçant notre infini sur le fini des mers.*

E, por outro lado, antepõe um dique à fantasia dos tímidos que mais se encaramujam no seu microcosmo circunstante, temerosos à perspectiva do ignorado.

A mim, o mar ("Oceano terrível, mar imenso", amedrontava-me Gonçalves Dias, nas páginas do *Quarto Livro de Leitura*, de Felisberto de Carvalho), o mar me sugeria menos as terras longínquas, alongadas, os "outros mundos, do que o outro mundo" – céu. O céu era fronteira do oceano, por mais que, porta-voz dos geógrafos, me asseverasse o contrário a minha professora. Mais certa, para mim, a geografia de um colega de classe.

> – "Pelo mar a gente vai ao céu, rapaz!" – assegurava ele. E contava do menino que um dia saíra a pescar, "e a jangada foi-se afastando, foi-se afastando da terra, que quando ele deu fé estava junto-junto do céu. Ai o pequeno fez um rombo no céu com a vara de pesca, mas não houve nada, não, graças a Deus, que São Pedro, habilidoso que só ele, remendou tudo bem remendado, com sabão".

Fui, assim, de criança, timidamente contemplativo. Ajudava-me esse pendor e disposição de espírito a bocejante modorra da cidadezinha, o remorado ritmo de sua vida, e os coqueiros que a cingem "a dialogar com a imensidade", como as palmeiras, suas irmãs, de um poema de Alberto de Oliveira. Lá das alturas da torre de sua copa, o pernalto, embora volta e meia desgrenhado pelo quase incessante vento mareiro, parece evadido ao bulício do mundo e entregue à ascese da meditação. E contagia-nos desse hábito e gosto, para cujo exercício o mar, ali próximo, também oferecia matéria farta e contínua.

E dentro do coração do menino o mistério ganhava corpo e asas. Corpo e asas dilatavam-se com as histórias de Trancoso, contadas por meu

Pai e amigos meus, à noite (porque: "quem conta história de dia cria rabo de cotia"...), na calçada de casa, quando se calava a luz dos lampiões espaçados e capiongos, e o luar tomava conta de tudo, furtando o sono e prodigalizando sonhos que prescindiam de olhos fechados. Avultava, à brancura lunar, um mundo arrepiantemente escuro de mal-assombrados. Eram proezas da Caipora, do Lobisomem, do Fogo-Corredor, do João-Galafoice: e era o medo a nos arregalar os olhos e apertar-nos os corações.

O mistério crescia e, com ele, o desejo precoce de o decifrar. Ora, as operações mentais, por mais silenciosas, têm por substância a palavra: com palavras pensamos, e *em* palavras. Se aquele escultor do apólogo de Oscar Wilde só sabia pensar *em* bronze, era que no bronze se haviam transubstanciado as palavras, matéria-prima de suas concepções. A palavra, pois, não é tão só o veículo do pensamento, senão também a própria matéria dele. Desse prazer de interrogar o mistério e da ânsia de esclarecê-lo me há de ter vindo o interesse por um novo mundo – o mundo vocabular. Entrei a amar as palavras, ferramenta do ofício das idéias e porventura chave de enigmas. Daí viria a desabotoar, com o volver dos anos, o aprendiz de lexicografia, o interessado pelo exame dos textos, pela exegese poética, o estudante e curioso da língua.

Assim, Senhores Acadêmicos, antes de agradecer-vos a generosidade que aqui me trouxe, viajo ao arrepio do tempo, para revocar à tona dos dias de hoje, por contraste com a iluminação factícia desta sala, a luz natural de tantas noites de minha infância, e, mais contrastantemente, o escuro de tantas outras noites, tão gratas ao João-Galafoice, à Caipora, ao Lobisomem, e a companheiros de seu fabuloso universo. E, agradecendo-vos, quero estender a gratidão à minha terra, às suas paisagens sólidas e líquidas, aos seus habitantes míticos, e também aos reais; que a todos eles devo, senão *tudo,* como diz Antônio Nobre, ao menos muito do pouquíssimo que sou.

E, porque falo de mim, não julgueis que abuso do "odioso eu": por mim falam as minhas Alagoas – elas, como todo o Nordeste, tão desqueridas e desassistidas; e fala por mim, ainda, num falar póstumo, o meu ilustre antecessor, nordestino velho de guerra, firme e forte, que soube a duras penas argamassar realidade e sonho para a fatura de uma grande obra: obra de autoconstrução.

Um dia, aos dois anos de idade, Toninho fugiu de casa. Tonhinho: o menino Antônio Austregésilo Rodrigues Lima, nascido no Recife em 1876, num dia histórico: 21 de abril.

É ele mesmo quem o conta, em sua *História da Minha Vida*, inédita, e por ele entregue a seu discípulo Dr. Benjamim Albagli, que amável me confiou o precioso original, onde se lê a declaração: "Para ser publicado depois da minha morte. Rio, 5 de maio de 1945."

Fugiu, e pelos pais aflitos foi encontrado na vizinhança comendo, dançando e cantando.

Soube ele isto por sua mãe; que os sucessos da infância de Austregésilo, até os dez anos, carecem de nitidez.

Cantar e dançar: coisas muito de seu gosto, por então. Esperto como ele só, tinha facilidade no falar e decorou e cantava uns versinhos carnavalescos:

> Cigarrinho de papel,
> Fumo verde não fumega;
> Quando vê moça bonita,
> O meu coração se alegra.

E vai crescendo, com os sete irmãos, solto a correr e cabriolar no campo, de timão (camisola), trepando em árvores frutíferas, descobrindo ninhos de pássaros, "a pescar" – palavras suas – "em pântanos e alagadiços salgados no sítio de minha avó e tios, e nos quais íamos, irmãos e primos, pescar camarões, peixes, com os puçás e jererés, ou apanhar caranguejos quando de atá, isto é, atontados pelo luar magnífico na ameaça da maré enchente"; "a perseguir os passarinhos com os mundéus, os alçapões e o visgo de jaqueira"; a roubar cagasebitos e rolinhas.

De nada valiam "correadas ou peadas": continuavam as fugas. Vezes, porém, o guri ficava agarrado às saias da mãe, ora cosendo vestidos de bonecas, ora a fazer croché ou renda. E, como a atormentasse muitas vezes com pedidos e choramingações:

– Vai-te daqui, peitica! Sai daqui, azucrim! – ela gritava. Vigiava as diabruras dos irmãos mais velhos, dava queixas contra eles, que em troca o apelidavam de "queixeiro" e mangavam da sua palidez:

Amarelo de Goiana,
Come sapo com banana!

Para cura de uns acessos de febre palustre ministrava-lhe a mãe talhadas de abacaxi: excelente remédio. "Quantas vezes eu fingia o acesso para devorar o saboroso fruto pernambucano! – 'Mamãe a febre está começando, preciso comer abacaxi!'"

Delicioso elenco – delicioso ao paladar e a ouvidos nordestinos – o das frutas de sua preferência: jaca, banana, caju, trapiá, ubaia, pitomba, sapota e sapoti, tamarindo, jenipapo, guajiru (ou gajuru-roxo, donde a frase a mim tão familiar: "Uma morena gajuru"), maçaranduba, grumixama, oiticoró, oiti-da-praia, oiti-urubá, mamão, araçá, goiaba, melancia, melão-são-caetano, maminha-de-cachorro..."

O menino era "mungangueiro", como tão nordestinamente lhe chamavam os irmãos mais velhos: dado a mungangas, vale dizer, a tiques e cacoetes. Cantava o "mês de maio", em louvor de Maria. Freqüentava lapinhas, no dia de Reis. (Delas bem me lembro: ao queimar-se a lapinha, vozes femininas entoavam roufenhamente estes versos:

A nossa lapinha
Já está se queimando;
Companheiras, vamos
Nos arretirando...)

Gostava de pamonha e de canjica (a canjiquinha, aqui no Rio) e de pé-de-moleque. Dormiu em rede ou em cama-de-vento.

De viagem ao Ceará, com a família, aí pelos dez anos, ficaram-lhe inapagáveis os banhos em poços e açudes; a pega de rolinhas rabaçãs, ou avoantes; as atas (frutas-de-conde, ou, em Alagoas, pinhas), o caldo-de-cana, a rapadura, o leite tomado ao pé da vaca, o pirão de leite com carne-de-sol; sonos dormidos no amplo côncavo de redes caprichosamente bordadas; a festa do Imperador do Divino... Seis meses cheios, de lavar o peito.

De volta ao Recife, foram morar no Beco do Espinheiro, onde tiveram por vizinho a Tobias Barreto, que vivamente o impressionou. No volume *Estátuas Harmoniosas*, pinta-nos o grande sergipano – "um devorador de livros,

verdadeira moenda intelectual" – ora a falar só, virgulando os monólogos com gestos expressivos, ora sentado numa esteira, no chão da sala de frente da casa, não "em mangas de camisa", como no título do famoso discurso, porém nu da cintura para cima, cercado de livros, e ao lado o seu cachorro, *Goethe*.

Por então principiam-lhe os estudos. Bom latinista, o pai, o velho Dr. Austregésilo Rodrigues Lima, lhe ensina o Latim antes do Português, pela clássica artinha do Padre Pereira, "A tardinha, à noite, a hora do serão, o Latim, o indefectível Latim..., pelo qual não tardou a interessar-se.

Só aos dezesseis anos ocorreu a primeira namorada. Antes, nenhuma fizera caso dele, o que no íntimo o rebelava e lhe acendia inveja aos mais velhos, de quem se vingava "com denúncias e pequenas queixas". E a guria lhe viera de sétima ou oitava mão, pois dantes lhe namorara irmãos e primos.

Ver e ouvir, aos onze anos, Joaquim Nabuco, que por esse tempo andou em propaganda abolicionista na terra natal, causou-lhe impressão forte e funda.

Preparava-se para os exames de Português e Aritmética, quando professor desta matéria disse particularmente ao velho Austregésilo que induzisse o menino a desistir de estudar: os dois irmãos e dois primos condiscípulos iriam longe; mas Toninho, esse "não daria para nada". Ao ouvir do pai a triste comunicação, não se zangou: o mestre não sabia ensinar; e, abandonando as aulas, entrou a estudar sozinho, afincadamente, e no fim do ano, às caladas, inscreveu-se para exame. Aprovação plena – e outros, os "bons alunos", reprovados.

Daí por diante, são-lhe bem claras as reminiscências: banhos no Beberibe, presepes e pastoris, festas passadas em Olinda, na bela praia "povoada de coqueirais, tufada de cajueiros pejados de frutos, a admirar os menestréis pechisbeques, os cantores melosos ou estrídulos nas dolências primitivas das modinhas ao violão". E mais: procissões e novenas, e meses marianos, e festas de São João e de São Pedro, quando o enlouqueciam "as rodinhas, os buscapés, os estrídulos e gementes foguetes de rabo, as fogueiras, as cantilenas do tempo, semi-selvagens e semi-religiosas". E banhos de mar – "banhos salgados" – e "pequenos passeios em jangadas, bordejantes na praia", que ao mar alto ninguém se aventurava.

Nas noites de luar, "apagavam-se os lampiões, e com a tremulina luminosa de prata abundantíssima que se derramava pelo ambiente, fazíamos as serenatas", "e cantávamos as modinhas plangentes, arrancadas às almas sofredoras dos menestréis da moda".

Ia pelos quinze-dezesseis anos o menino, arraigadamente religioso, devoto ardente de Nossa Senhora dos Remédios, caem-lhe às mãos livros como *Força e Matéria*, de Büchner, e a *História da Criação Natural*, de Haeckel. Estava a mocidade sob o influxo das reformas de orientação filosófica trazidas por Tobias Barreto e Martins Júnior E: "O incêndio ardeu." A crença da juventude, varreram-na as "labaredas do evolucionismo, do Materialismo e do Positivismo".

*"L'empreinte* porém ficou" – acrescenta ele.

Depois, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Deus aparecia-lhe "vagamente como Senhor do mundo, em luz longínqua, como luar hiemal, como força harmoniosa do Universo, como o centro equilibrador da energia cósmica. *Deus super omnia*."

Surgiu-lhe por essa altura o desejo de escrever. E eram versos (maus versos, reconhece), contos, ensaios de crítica e filosofia. Bilac, Coelho, Raimundo Correia, Eça de Queirós, Théophile Gaultier, Daudet, Bourget, Maupassant: eis alguns dos seus ídolos literários.

Dezesseis anos de idade: completo o curso de preparatórios. Nenhuma reprovação – e seria sempre assim. Queria estudar Medicina. Arrostando a obstinação do pai em mandá-lo para a Bahia, fez finca-pé: Rio de Janeiro. O tumulto da metrópole, os grandes homens que nela viviam fascinavam-no. E no aceso do debate, saiu-se com uma tirada enfaticamente simbólica: – Quero aprender a nadar no Oceano Atlântico, e não em açudes!

Riu-se o velho e cedeu. Curtiu o menino-e-moço, em viagem, enjôo do luar e saudades de sua mãe.

Aqui, foi habitar uma cela no Convento de Santo Antônio, onde apenas moravam, além dele, sete pessoas, entre as quais um alfaiate e um capitão reformado do Exército.

Os estudos enchiam-lhe o tempo, leniam-lhe o triste ermo das horas. Queimou as pestanas sobre os tratados de Física, de Química e de História Natural; "e um novo mundo cultural se me revelou".

Entrou em comércio literário com alguns "novos".

Nisto explode a revolta chefiada por Custódio José de Melo. Sobressalto contínuo para quantos residiam no Convento, exposto às descargas vindas dos navios. Suspendem-se as aulas. Foram-lhe estes os dias mais trágicos da mocidade. Enjaulado no mosteiro, quer tornar a Pernambuco. Neste ínterim vem o pai ao Rio e vai morar com ele.

Não tarda muito, o velho o chama ao Recife. Lá chegando, o filho encontra-o muito mal e o perde logo depois.

Ao seu propósito de volver à capital do país resiste rijo a família. Ele, porém, teima: e volta. Volta com "vinte mil-réis no bolso e um mundo incontido de sonhos e ambições, fustigado pela dor, pela saudade e pelo desespero".

Queria vencer: "Vencer era verbo que me atormentava a existência."

Vai de novo para o Santo Antônio, agora dirigido por um frade "de coração de pedra", "cuja fé em Deus era uma indústria", e que o sujeita a um mofino dia-a-dia de humilhações. Tinha de varrer sua cela, lavar e passar a ferro a sua roupa, carregar água para suas necessidades, preparar o seu almoço – "uma xícara de café com leite condensado, uma fatia de pão dormido e uma ou duas bananas".

Começou a ensinar a colegas vadios, e em colégios; do que lhe vinha o estritamente necessário para a alimentação. Orçava esta por mil-réis diários; trezentos para o almoço, cem para a merenda, e para o jantar seiscentos réis. Andar de boné. Nem falar. Diversões? Nada.

Em tais aperturas, contudo não se furtava aos deveres de estudante, sempre "túmido de desejos para conquistar o título de doutor".

A espaços, chegava-lhe da mãe, carregada de filhos e necesidades, algum dinheirinho "vasqueiro", pronto devorado por coisas de urgência. Dentro da cela, buscava consolo nos livros adquiridos em vida do pai e na festa gratuita da paisagem que da janela descortinava a seus olhos, vivamente sensíveis a agrados e encantos da Natureza. "As aspirações, a fé, a confiança me anestesiavam as dores da vida." Nada lhe vergava o ânimo. Nada temia, a não ser doença grave que o desviasse do rumo traçado. Dizia-lhe uma voz interior: "Vai, caminha, que lá chegarás."

Era obrigado a recolher-se ao toque das ave-marias: a esta hora, por ordem do frade mau, fechava-se-lhe inexorável a porta. Se alguma vez o sem-

número de afazeres lhe impossibilitava chegar pontualmente, vagueava as ruas, até que, exausto, ressubia a ladeira e dormia, sentado, ao portão. Certo dia – junho; frio de entanguir – o porteiro acintosamente o fechou, mal viu aproximar-se o estudante, posto ainda não houvessem dado as seis. Austregésilo bateu, bateu: em vão. E, ali, pela primeira vez o esmagou o desânimo. E, ao pé daquela casa de Deus, se quedou a ruminar as torturas que lhe infligia a maldade dos homens. E a noite se escoou, em gelada vigília de lágrimas e saudades dos seus.

No dia seguinte, um primo e companheiro de infância, vindo ao encontro da firme decisão de abandonar imediatamente o mosteiro, ofereceu-se a compartir com ele o seu quartinho da Rua Dois de Dezembro. Embora a falta de dinheiro para o bonde o levasse a fazer a pé as viagens de ida e volta à Faculdade de Medicina, então na Rua de Santa Luzia, sentiu-se outro. Cinqüenta mil-réis de um emprego e alguns bicos de aulas asseguravam-lhe dois anos de estudos.

No fim do ano, viu-se ameaçado de interromper o curso: onde os quarenta mil-réis da matrícula? Valeu-lhe, porém, um velho amigo de seu pai.

Depois, as coisas correm-lhe mais fáceis: novos alunos, novas relações de amizade entre os colegas; "já me sentia em estrada segura para marchar na vida".

Boas notas nos exames, e sobretudo uma distinção alcançada, deram-lhe volta feliz à existência: foi convidado a participar da comissão médica de combate ao cólera-morbo no vale do Paraíba, em quinhentos mil-réis por mês e as despesas pagas. "Que achado!"

Ao fim, teve a sensação da riqueza: juntara quase quanto ganhara: três contos de réis! Aquisição de livros em sebos, reforma de guarda-roupa, freqüência de teatro – "teatrinhos ordinários" –, convívio literário e mundano: tudo ia de vento em popa.

Talvez me estendi no traçar a infância e o começo da puberdade do meu antecessor: os fatos expostos me parecem, em si mesmos, do maior interesse; tanto mais quanto é muito verdadeiro aquilo de que "o menino é o pai do homem".

Agora, buscarei sintetizar-lhe ao máximo os sucessos posteriores da existência: a projeção crescente do seu nome irá escusando minúcias.

Em frente da sua mesa de estudo, ao principiar-lhe a vida acadêmica, escrevera Austregésilo – apaixonado de provérbios – *Gutta cavat lapidem*, norteador de sua vida, e que ao longo das obras suas teimoso se repete, ora na forma latina, ora na ampliada tradução portuguesa:

> Água mole em pedra dura tanto dá até que fura.

E firme atravessou o curso, de cabo a rabo, "sem olhar percalços, nem apurar fadigas, aferrado aos deveres escolares".

Duríssimo lhe foi o sexto ano. Professor do Colégio Kopke (cujo diretor inspirou a Alceu Amoroso Lima bela página evocativa), do Colégio Alfredo Gomes, e de turmas particulares; preparador do Pedagogium; interno da Colônia de Alienados, na Ilha do Governador; aluno assíduo, e, ainda por cima, às voltas com o preparo da tese de doutoramento, *Estudo Clínico do Delírio*, sua atividade entrava pela noite, restringindo-lhe a quatro ou cinco as horas de sono. Terminou esfalfado, "estazado".

Vencer, a todo custo. A idéia do triunfo obcecava-o.

A brilhante defesa da tese – aprovada com distinção – constituiu-lhe a primeira alegria da adolescência. Formado! Que felicidade para a mãe!

Era em 1899, um ano depois da estréia nas Letras – com o livro *Manchas*.

"Desde então" – declara – "nasceu dentro de mim um outro homem, outro ser mais humano e menos sonhador. Abandonei a Literatura e engolfei-me feio e forte no estudo sistemático da Patologia e da Terapêutica".

Lia, a bom ler, os graves e gordos tratados, intervalando sistematicamente com dez a quinze minutos de repouso cada hora de estudo; organizava resumos; elaborava esquemas; e repetia, repetia, repetia. E uma idéia lhe repontou no espírito e se transfez em idéia fixa: ser bom profissional em sua carreira e professor de Clínica Médica da Faculdade onde estudava."Nesta caminhada gastei dez anos."

Duas preterições sofridas – quando se criara na Faculdade mais um lugar de assistente e ao vagar um desses lugares na Clínica de Miguel Couto – tinham-lhe doído fundo. Da primeira vez Francisco de Castro, seu mestre amado quase idolatricamente, "o divino Mestre", como lhe chamavam os dis-

cípulos, nomeara outro para o cargo, a que a dedicação e talento de Austregésilo, os serviços por ele já prestados à Ciência – entre os quais a sua concepção acerca das ratafrenias em oposição à demência precoce de Kraepelin, os estudos sobre as polineurites escorbúticas e as síndromes pluriglandulares endocrínicas – lhe conferiam pleno direito; da segunda, a desilusão lhe veio de Miguel Couto, que formalmente prometera aproveitá-lo. Contudo, a não ser nas suas memórias, sempre se referiu aos dois sem laivo de queixa, e até com os mais ardentes, exaltados louvores.

Porém o golpe não o desenganou de todo da justiça humana. Po-la-ia à prova no concurso a que se submeteu em 1909. Para a fazenda do sogro mandou mulher e filhos (casara no próprio ano da formatura), e, sozinho em casa, por maior tranqüilidade, devorou livros e revistas, saindo unicamente para freqüentar hospitais e praticar em laboratórios. Seis meses a fio: 180 dias de exaustivo esforço e desgastantes emoções. E por mais um mês se arrastou o consurso, cujo resultado foi a sua classificação em segundo lugar, ficando-lhe à frente Miguel Pereira.

Uma compensação teve ele para o abatimento moral: a clientela, dantes minguada, pegou a crescer insolitamente, certo graças às suas boas provas, sobretudo as práticas, julgadas as melhores entre as de todos os concorrentes.

Não se passa um ano – outra vaga. E ei-lo outra vez inscrito. Agora, além dos habituais boatos, mexericos e pistolões, tinha contra si a hostilidade aberta de um dos membros da banca examinadora. Enfim: novamente, Austregésilo em segundo lugar; coube o primeiro a Aloísio de Castro. Novamente suas provas práticas foram, de todas, as melhores. "Quem algum dia me ler poderá saber do meu desespero!"

Não tardou porém que, sem mais concurso, a Congregação da Faculdade o indicasse lente substituto de Clínica Médica, Patologia Interna e Clínica Propedêutica.

Seis meses mais: abre-se uma vaga, e para preenchê-la Nilo Peçanha o nomeia catedrático efetivo, com aprovação plena da congregação. "Vivi as grandes horas de prazer intelectual."

O sonho do pai, iniquamente preterido em dois concursos para a Faculdade de Direito do Recife, realizava-se agora, transferencialmente, no filho.

Vasta clientela, aulas, pesquisas, publicações, acendiam-lhe contentamento, otimismo e entusiasmo, e "coragem, desprezo ao cansaço e ansiedade de progresso".

Cria-se depois a Cadeira de Clínica Neurológica: e eis Austegésilo professor – e fundador – da nova disciplina. Afinal, a velha aspiração realiza-se em cheio. Mais do que professor, é Austregésilo o mestre. De seus alunos, muitos serão mais do que alunos: serão discípulos – e ninguém, no Brasil, os terá tido tão numerosos e tão eminentes.

Cresce-lhe a fama, dia-a-dia, na cátedra, na clínica, nas Letras médicas. Entra nesta Academia, depois de aceso pleito – "a mais renhida das minhas lutas", declara. Deputado federal por Pernambuco, indicado por todos os partidos. Exaltam-no e deprimem-no: é a glória, esse conjunto de mal-entendidos que se criam em torno de um nome, segundo Rilke. A Glória.

Senhoras e senhores: Quando Austregésilo abriu os olhos para a vida literária – ainda no Recife, onde colaborou num jornalzinho, *O Neófito* –, tínhamos uma república, a bem dizer, novinha, estalando, como o papel-moeda da inflação derramado pela insensatez do Encilhamento. Uma república ainda engatinhando, mal das pernas, frágil, prestes a sofrer os males da cura violenta da consolidação. Ao sebastianismo dos *clássicos* da Monarquia entremesclava-se a *romântica* insatisfação de numerosos republicanos, para quem não era aquela a "República dos seus sonhos". E as duas correntes, com elas digladiando-se, o *realismo* dos mandantes do novo regime. Bem feitas as contas, uma luta entre clássicos e românticos. Mais: o sentido clássico de aspiração à ordem era, nos monarquistas, contrastado pelo sentimento de contemplativa saudade do passado imperial – romantismo nítido; e, quanto aos republicanos desiludidos, basta essa expressão para ter idéia de como tais apóstolos da realidade do presente se achavam tocados e iscados da eiva romântica: eram também saudosistas, à sua maneira; saudosistas – parodiando o célebre verso – *do regime que poderia ter sido e que não foi*. Assim, monarquistas saudosos e republicanos desenganados estavam em luta não apenas contra o poder, senão também contra si mesmo – contra bipolaridade sentimental.

Isto, na Política.

Na Literatura, esgotado o processo do Romantismo (de que no entanto subsistiam traços residuais, ainda hoje perdurantes), rebentara desde alguns

anos a vaga do Realismo-naturalismo, na prosa, e do Parnasianismo, no verso (parnasianismo, por sinal, laivado de toques românticos, de derretimentos eróticos e que no rigidamente correto da forma procurava compensação à quase geral ausência da insensibilidade e objetividade exigidas pelos teoristas da escola); e já se faziam ouvir, por outro lado, os primeiros rumores do Simbolismo, movimento de raízes românticas. Esboçava-se o entrevero das correntes, do qual sairia vitoriosa a primeira, a ponto de um Félix Pacheco reescrever à parnasiana alguns poemas seus de tom simbolista, como assinala Andrade Muricy, e Alberto de Oliveira morrer parnasiano em 1937, quando já fazia dezesseis anos que desaparecera Alphonsus de Guimaraens, e já viera e se fora o neo-simbolismo, e encerrara-se, a rigor, o processo modernista.

No Rio, embora decerto estonteado em meio a esse entrechocar de rumos, Austregésilo atira-se com vontade às Letras, pelos dezessete anos, ao principiar o seu curso de Medicina. Contos, versos, ensaios.

E pouco depois se filia ao Simbolismo. Entra no grupo dos "novos", ao qual pertencia o nosso querido Luís Edmundo, e que, além de publicar um decálogo bicolormente impresso em preto e vermelho, funda uma revista – *Vera-Cruz* – também impressa em duas cores, "com tipos antigos e símbolos arcaicos".

São de tal fase os seus livros *Manchas* e *Novas Manchas*, contos e fantasias, rijamente surrados por Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto e Valentim Magalhães, e *Velho Tema*, novela que republicou pela altura de 1925, remanipulada e crismada em *História de Amor*, como tornaria a publicar com alterações muitas, a começar pelos títulos, várias peças dos volumes anteriores, nos *Perfis de Loucos*, já em plena maturidade.

Entre as fantasias e contos, inçados de falhas e excessos peculiares à escola e à mal segura imaturidade – lembre-se, de passagem, haver o Simbolismo dado o melhor de si, em geral, na poesia, que não na prosa –, cumpre salientar ao menos um trabalho de relativo merecimento: "Ele! o Dr. Strauss", estranho caso de um homem que prevê o dia e hora exata de sua morte, realizando-lhe o presságio.

*Velho Tema* (ou seja, *História de Amor*), autobiográfico, é a mais frágil de suas obras de ficção. O cediço trio amoroso: mulher, marido e amante – Sinanta, Silvano e Selênio – sem outra originalidade a não ser a do aliterante e sibilar. A destemperada paixão dos amantes frisa pela insensatez e loucura.

Sinanta, mais velha que Selênio, é uma espécie de Carolina luxuriosa e capitosa daquele Machado moçamente desinquieto e ávido. Uma Carolina talvez mais branca do que a lusitana irmã do poeta Xavier de Novais: tamanha a insistência como que sua brancura domina as páginas da novela e a mente do jovem fauno caboclo, que se diria um alucinado, ao jeito de Cruz e Sousa, pelas "formas alvas, brancas, formas claras". Quase se espera uma paráfrase ao verso mallarmeano inundado de azul. *Je suis hanté! le blanc! le blanc! le blanc! le blanc!*

Por que teria Austregésilo relançado, já cinqüentão, esse livro de sua juventude? Andaria nisto, quero crer, aquele "prazer das dores velhas" de que fala Machado de Assis. Não vos recordais? Depois de narrar a velha crise de seu amor adolescente, diz Bentinho, pela pena do mestre *Dom Casmurro*, que de espiritualizadas pelo tempo, as antigas dores diluíram no prazer.

Para não partir o fio comentário da ficção do meu antecessor, projeto-me, com um pulo de bota de sete léguas, a 1943, quando lhe apareceu um romance – *Almas Desgraçadas* – sob o pseudônimo de "Feitosa Lima".

É livro de tendências filósoficas, onde em primeiro plano se agitam personagens ansiosos de viver a vida cada um a seu jeito e gosto, remando contra a maré. Um deles, Rodaque, vagabundo, em realidade não vive: é vivido. O outro, Cristiano, estigmatizado por uma desventura que lhe feriu as raízes da existência, quer fazer frente à vida, não foge ao trabalho, mas intenta construir um mundo ao capricho dos seus sonhos de crente na regeneração humana, e a realidade traga-lhe as generosas utopias. O romance interessa; e as principais figuras masculinas, e uma das femininas, Sílvia, estão caracterizadas a traços psicológicos em regra seguros e certeiros. A outra, porém, Consuelo, é o seu tanto evanescente e infixa, frouxamente tratada. Ressente-se a obra, também, de certa falha de ambientação. Assim como assim é, de longe, o trabalho mais aceitável do Austregésilo ficcionista.

Sucedem-se alguns sonetos, pequenos poemas, na maneira nefelibata. Depois, volvendo-se aferradamente para a Medicina, dá por encerrada a carreira literária. O que porém não impediu viesse ele a namorar a Academia, complemento à glória de professor e clínico. E, já se viu, obteve-lhe a mão. Dois volumes de Medicina, e um de discursos médicos, *Palavras Acadêmicas*, foram os títulos com que enfrentou a Gilberto Amado**.** Da eleição e posse veio-lhe a sensação "de haver conquistado a felicidade".

Agora, dando cartas e jogando de mão na vida material, intensifica os estudos e lança-se aos trabalhos de vulgarização científica, "com tonalidades filosóficas e literárias".

Não sendo propriamente Literatura, será essa, considerada do ângulo estético, a parte mais significativa de quanto escreveu.

Era Austregésilo trabalhado e dividido por uma dicotomia de tendências. Resquícios de velhos sonhos, reminiscências da freqüentação de rodas literárias, o desejo de canalizar para a Arte, num processo de sublimação, antigas mágoas com que o malferira o amor e a vida prática, impulsionavam-no às boas-letras; mas a lucidez do realista que nele também vivia (e mais largamente), a autocrítica a apontar-lhe decerto o escasso poder de fantasia, e a ânsia de vencer e, para tanto, buscar os mais seguros caminhos da vitória, guiavam-no para as coisas positivas, para as atividades em que mais influíssem o querer, a energia tenaz e pertinaz, o estudo a todo o pano – em suma, para a Ciência.

E a Literatura científica, a difusão de conhecimentos por maneira leve e simples, ofereceu-se-lhe como feliz compromisso entre as duas correntes antipódicas do seu eu. Assim realizaria na Ciência, parcial e vicariamente, subjacentes aspirações às Letras.

Dessa atividade paraliterária resultaram mais de vinte volumes; entre eles: *Os Pequenos Males, Preceitos e Conceitos, O Mal da Vida, A Cura dos Nervosos, Educação da Alma, Pessimismo Risonho, As Forças Curativas do Espírito, Neuroses Sexuais, As Psiconeuroses, O Comportamento Sexual.*

Diz o Visconde de Santo Tirso, com espírito, ser admirador daqueles escritores que, sem nenhuma idéia, alcançam encher trezentas páginas de um livro; os outros não lhe causam espanto: têm lá suas idéias, trasladam-nas ao papel; nada mais natural... E Euclides da Cunha, a propósito de um cronista oco, porém de certo brilho, confesssou a João Luso admirar tipos assim: "Acho-os inquestionavelmente superiores, com essa faculdade de tirar do nada alguma coisa, alguma coisa que se veja." Ele, Euclides, era como certos pássaros que para desferirem vôo necessitavam de trepar a um arbusto. – "Ora" – rematou –, "o meu arbusto é o Fato."

Austregésilo, quanto mais senhor do fato, e a ele mais adstrito quanto mais dominador do assunto, tanto melhor escreve. Daí o sairem-lhe falhas, pelo geral, as obras de fantasia; e daí, em regra, os seus malogros quando, na

Ciência da fantasia se abeira, e se espraia e desmancha em comentários marginais ao tema, querendo fazer Literatura, como em *Viagem Interior* – talvez, da série de divulgação, o livro mais procuradamente literário. Esgarça-se, aqui, a precisão habitual; arredonda-se o estilo em imagens, símiles e alegorias vaporosas e convencionais, dilui-se e desvigora-se em marchas e contramarchas; avolumam-se os períodos, intumescem a compasso com o adelgaçar das idéias – assim até cerca da metade do livro.

Entretanto, em outros vários de seus volumes – e, deles, *Comportamento Sexual* – o autor, sem fugir ao tom prático e didático, preso aos *fatos*, dá o melhor de si mesmo.

Em todas essas obras ressalta o otimismo. A cada passo, no seu jeito pedagógico de repetir para fixar no cérebro e no espírito a noção transmitida (lembrai-vos do papel significativo da repetição em seu método de estudo), insiste em conselhos assim:

"Procuremos por todos os meios fazer da vida um bem."

"A vida é boa; os homens a fazem má."

E até:

"Procurai ser otimista. Se o temperamento não vos permitir, sede estóico."

De Machado de Assis escreve o fino escritor que foi Tristão da Cunha: "Diretor de Contabilidade do Ministério, este céptico desalentado acreditava na Contabilidade." Coisa semelhante diria eu de Austregésilo: aquele otimista, se propriamente da felicidade não descria, achava inútil fazer dela um problema. Para ele, o *mal da vida* (afirma-o no começo do livro de igual título) é *a ânsia de ser feliz.* E aduz, como provas, opiniões inúmeras de escritores, pensadores, filósofos, religiosos, além de exemplos da vida real. Noutra obra, equaciona por este modo a questão VIDA = DEVER; DEVER = PRAZER; PRAZER = FELICIDADE.

Insiste Austregésilo na tecla da utilidade do trabalho, do esforço:

"Não há esforço inútil na existência."

Crê firme na ergoterapia. E chega a prescrever aos cansados, aos esgotados, três drogas, em doses pequenas, mas constantes (salvo em casos especiais):

"A primeira: trabalho; a segunda: trabalho; a terceira: trabalho."

Prega o altruísmo:

"Cada indivíduo que possui um programa deve executá-lo pensando nos outros, porque então o êxito será habitualmente seguro."

Não vai, contudo, a excessos: criticando o Positivismo, escreve, na *Moral Biológica,* um de seus últimos livros, que o altruísmo absoluto não passa de idealismo moral, porque

"todo ato humano é representado pela defesa biológica, que se transmuta em ação psicológica e moral".

Aconselha a fugir da preocupação de sempre enganar o próximo:

"Podeis assim triunfar. Mas ao fim da jornada, o ludibriado sereis vós."

Desde obras muito antigas, verbera a superstição da existência de raças superiores e defende a mestiçagem brasileira. Já em discurso aos doutorandos em 1916, proclama:

"Não há raças superiores, há as raças contingentes dos climas: e de uma maneira absoluta não podemos afirmar que o anglo-saxão seja realmente superior ao novilatino americano; é questão de momento e maturidade."

Nessa convicção se enraíza o seu humaníssimo anti-hitlerismo, com todos os efes e erres:

"A guerra cruenta, bárbara, impiedosa, contra os semitas, demonstra grau inconcebível de amoralidade."

"Hitler é visionário altamente prejudicial à humanidade... O arianismo é sonho idealizado em falsas premissas. A seleção, o cultivo, a pureza do arianismo alemão não passam de metamorfose na história das civilizações. Por falsa puridade desenrola-se o mais monstruoso feito da humanidade."

Nacionalista, contudo não se desmanda em xenofobia,

"sentimento profundamente selvagem".

Pragmatista, sustenta serem as questões práticas

"as mais eficientes para qualquer curso preparatório de toda profissão".

"Cumpre ao homem preparar-se para a vida real e não para a cultura sem visão pragmática."

Propõe seja ministrada nos cursos oficiais a educação dos sentimentos, a "ortopedia sentimental ou moral".

A preparação em meios estrangeiros, diferentes daquele em que o indivíduo terá de atuar, é por ele criticada: a este indivíduo faltará "a convibração com o seu meio".

Combate reiteradamente aquilo a que chama o "americanismo intelectual", ou seja, "o processo de importação ideativa".

Nos *Caracteres Humanos* – onde se notam pegadas de La Bruyère – descreve, entre outros tipos, "os pomadistas e fanfarrões, os homens amáveis, os invejosos". Nestes, vinga-se, indiretamente, de adversários seus; indiretamente – a única maneira por que se vingava esse descendente manso dos Feitosas do Ceará, truculentamente vingativos.

Em *Estátuas Harmoniosas* – estudos psicológicos e retratos de acadêmicos falecidos – sobressaem: o perfil de Pardal Mallet, o patrono da Cadeira que me coube a honra de ocupar; "Alguns Aspectos Psicológicos de Machado de Assis"; e a admirável página evocativa acerca de Tobias Barreto. É gênero, diga-se, em que o autor vai quase sempre bem, esse dos retratos e evocações, à parte a sua tendência para superestimar amigueiramente as figuras estudadas. Entre tais exageros se inclui o pendor para o abuso de "gênio".

Ressaltaria, ainda, no volume *Frustos,* onde acaso se requinta a inclinação para os elogios hiperbólicos, a erudita conferência sobre a "Psicologia da Saudade". Entre muitas outras coisas, mostra-se inteirado das hipóteses etimológicas acerca da palavra que a Valéry Larbaud sugeria "um céu nublado entre duas longínquas zonas luminosas". Provavelmente não chegou a ler o estudo de João Ribeiro a esse respeito, nas *Curiosidades Verbais*, onde o grande polígrafo se refere à etimologia arábica, apontada e defendida pelo Prof. Ragy Basile. Nem se lembrou, versando a saudade na Literatura, do belo soneto de Da Costa e Silva, corrente, até não há muito – até à minha meninice, não demasiado remota, salvo traição da memória – em todos os álbuns e em todas as bocas sentimentais do Brasil. Toma Austregésilo o vocábulo, igualmente, no aspecto semântico, e dá-nos conta do que apurou em textos literários e filológicos pacientemente revolvidos. Recordo-me de conversas com Alfonso Reyes, no México, em que o Mestre me falava de autores antigos – sobretudo poetas – nos quais se depara *soledad* com acepção perfeitamente igual à de nossa *saudade*. No *Dicionário de la Real Academia* se encontra, entre as definições de *soledad: "Pesar y melancolia que se sienten por la ausencia, muerte o pérdida de alguma persona o cosa.* E – não esqueçamos – em português, *soledade* pode ser, ao menos bem aproximadamente, sinônimo de *saudade*. Vemo-lo nestes versos de João de Deus: "Despe o luto

da tua *soledade* / E vem junto de mim, lírio esquecido / Do orvalho do Céu!" Já precisamente há setenta anos Caldas Aulete os citava em abono da primeira das duas significações dadas por ele a *soledade:* "solidão; estado de quem se acha só; a saudade que acompanha a pessoa que se acha solitária."

Cabe, aqui, mencionar outras obras austregesilianas: *Afeto e Inteligência,* retratos, dos quais o primeiro é o de seu pai – "Bom, sábio e justo, bondade humana, sapiência sólida e justiça baseada na probidade"; *O Homem Brasileiro*; o breve e comovido estudo sobre *Cruz e Souza e o Simbolismo no Brasil,* onde, além de retratar o Poeta Negro, a quem pessoalmente conheceu, e outras muitas figuras ligadas ao movimento, evoca diversos fatos de interesse para o conhecimento de seus próprios começos na vida literária; e dos trabalhos estritamente científicos: *Estudo Clínico do Delírio*, tese de doutoramento; *Clínica Médica, Clínica Neurológica, Clínica Patológica, Patologia Mental, Troubles nerveux et mentaux dans les maladies tropicales, L'analyse mentale en pratique médicale*.

"A minha pena sofreu tanto como o meu coração, porque sempre se me feriu o amor-próprio por causa dela": confissão melancólica do meu antecessor, em suas memórias.

E mais adiante:

> "Nunca fui muito considerado como artista."

De contínuas impiedosas agressões foi ele vítima, por parte de vários escritores nossos. Tornou-se moda tachá-lo de arcaizante, pesadão, bolorentamente soporífero. Em livro pilhérico, atribuiu-lhe Mendes Fradique a autoria do conceito – "A mentira é a *negança da verdez*".

Pois a *boutade* pegou. Pegou, conquanto o livro esteja cheio de piadas desse estilo, entre as quais a seguinte imitação do tom de Augusto dos Anjos (cito-a de memória):

> Quisera entrar num necrotério; e um dia
> Consegui penetrar num necrotério.
> Fazia frio, e o frio que fazia
> Amortalhava esse lugar funéreo.

Sobre a marmórea *morgue* o inchado abdômen,
Que a ascite transformara em túmido odre,
Na desagregação dos restos do homem,
Fedia, como fede um queijo podre!

Pegou a *boutade.* A ponto que, tantos anos volvidos, mais de uma pessoa a reeditou:

– Então você vai fazer o elogio de Austregésilo, o homem de "A mentira é a negança da verdez?" Tarefa difícil!

Eu mesmo, conhecendo-o, de menino, só de pequenos trechos, escolhidos a dedo e glosados por Antônio Torres, o mais desumano de seus opositores, tinha-o por um desses literatos médicos de estilo retortamente quinhentista, useiros e vezeiros em afetações e rebuscamentos, que vicejaram à larga no Brasil, e dos quais ainda se encontram lastimáveis supérstites.

Mas, ao principiar a lê-lo, caí das nuvens. Sem ser, fundamentalmente, um artista – nele, de ordinário, o *lógico* devorava o *mágico* –, todavia seu frasear é por via de regra simples e claro.

Tendo, como vimos, aprendido o latim em verdes anos, antes de sua própria língua, e havendo lido apaixonadamente os clássicos, dois traços, no entanto, governam-lhe a sintaxe: o predomínio sensibilíssimo da ordem direta sobre a inversa e o não menos sensível da coordenação sobre a subordinação. Por outro lado, usa fugir dos períodos sesquipedais.

Prega em suas obras a conveniência de escrever claro e simples, em períodos preferivelmente breves – e raro o exemplo contradiz a pregação. Não o sentimos preocupado em fazer praça a cada instante, do conhecimento de locução e giros sintáticos antiquados ou obsoletos.

Emprega, é certo, vocábulos arcaicos, ou em desuso: sol *sofrença, personal* (ao lado de *pessoal), fortitude, parvo* (no sentido de pequeno). Por exemplo. Pouquíssimas vezes embora, vale-se de construções mortas, como esta: "A moral não se exerce por espíritos rudes e ignorantes" – à maneira de Camões: "Por ele o mar remoto navegamos, / Que só dos feios focas se navega" (em vez de é navegado).

Podemos acusá-lo por tudo isso: já Fernão de Oliveira – e Rodrigues Lapa o recorda, na *Estilística da Língua Portuguesa* –, já Fernão de Oliveira, o primeiro gramático de nossa língua, dizia, nos idos de 1536, que "o arcaís-

mo dava vontade de rir"; ainda que alguns deles – acrescentarei –, quando bem encaixados, funcionem estilisticamente às mil maravilhas. Mas até num Machado de Assis – e mais era Machado de Assis – nem sempre eles caem bem no contexto. É o seu tanto forçado, por exemplo, aquele "garção" em vez de "rapaz" que se vê no *Dom Casmurro:* "Ao cabo, era um lindo garção, lindo e audaz."

Contudo, longe de ser desabaladamente arcaizante, Austregésilo escreve, em geral, na língua do seu tempo. E em palestra nesta Casa, no ano de 1936, não só afirma que

> "não nos podemos quedar congelados nos cânones dos puristas",

mas reconhece, até, que os neologismos

> "derivam da necessidade da frase, do pensamento; e por isto são necessários, e quando formados segundo a índole do idioma constituem riqueza vernácula e devem ser adotados".

Mais:

> "O justo neologismo é sinal de vitalidade idiomática."

E criou, ele próprio, umas quantas centenas de neologias, em grande parte ainda indicionarizadas, e muitas figurantes – ao lado de outros vocábulos colhidos em páginas suas – no dicionário de Figueiredo, nas últimas edições do de Caldas Aulete, e na décima de Morais. Nem faltam às suas obras termos e construções familiares ou populares, tanto deles de uso corrente no Nordeste.

Incorre por vezes em lugares-comuns: é certo. Aliás, assim como se fala, hoje, de um "folclore nascente", que dispensa a tradição, pode-se também falar do chavão nascente, da palavra ou frase que, sem dantes haver sido usada, já se apresenta de ponto em branco para conquistar o título de "lugar-comum". Um exemplo: "Cai a tarde" não será, a rigor, lugar-comum, como não o é "Bom-dia" ou "Boa-noite"; enquanto aquilo do Barão de Parana-

piacaba – "Era a hora mágica do tombar do dia" –, como ser, decerto, de emprego unicamente pessoal, é redondo atestado de mau gosto, de gosto do lugar comum – e o pior, o precioso (bem pouco freqüente em Austregésilo). E na poesia? Aqui, o chão, a chapa, o clichê, pode funcionar excelentemente. Se é imperdoável aquele "o caso é muito sério" que um tradutor do famoso soneto de Arvers meteu em sua versão, para ser fiel à rima em *ère* do texto e consonar com outros *èrios,* inclusive o de "cemitério", impressiona grave e fundo o *algo perfectamente serio* que Antonio Machado põe a certa altura da *En el entierro de un amigo*. Os sepultureiros fazem cair ao fundo da sepultura, suspenso por grossas cordas, o caixão, que, batendo em terra, ressoa rijo. E glosa o poeta: *Un golpe de ataúd en tierra es algo / perfectamente serio*.

Referi-me ao limpo e singelo do estilo do meu antecessor. Pergunto-vos, senhoras e senhores: sentistes alguma dureza, algum arrevesamento, nos trechos numerosos que dele até aqui citei? E – crede – não os colhi de caso pensado.

A linha geral do estilo de Astregésilo – insisto – é fluentemente desafetada. Poderia ele afirmar, como Garrett, que não fazia "servir a idéia à frase, que é vício de ignorantes e impostores, os quais primeiro escolhem as palavras, depois buscam o pensamento – como pintor que fizera um retrato antes de ver o original".

O homem que se levantava horas mortas para socorrer-se aos dicionários jogava seguro com as palavras: e, se por exceção pecava no emprego individual delas, ou no associá-las na comunhão sintática; se, ao doseá-las, lhe ocorria alguma vez espichar-se em perífrases ou perissologias, o certo é que de ordinário elas serviam muito bem aos seus propósitos.

Dizei-me se um mero enteado das Letras seria capaz de exprimir-se com a originalidade e graça deste período:

"Um piano da vizinhança era provocado por dedos nervosos a soluçar a alma dos clássicos."

Atente-se, ainda, na propriedade, força e número deste passo, extraído aos *Preceitos e Conceitos*:

> O silêncio é uma vez em perspectiva, como qualquer idéia constitui um ato nascente. Em torno dele gira um mundo infinito de peque-

> nos sons, quase imperceptíveis como as diminutas linhas retas que formam a circunferência. Nas selvas tropicais, nas escaladas sertanejas, nas noites polares, nos rincões sombrios ou desolados da Terra, no oceano, na planície, ou na montanha, o silêncio soergue-se sempre como a perspectiva do som, que se acha distribuído de mil modos pela atmosfera: ventos que gemem, galhos que estalam, insetos que zumbem e ciciam, águas que fremitam [note-se a bela expressividade deste verbo, talvez criação de Austregésilo, e ainda ausente dos léxicos], flores que desabrocham, sementes que fecundam, pios agoureiros que se diluem, cantilenas esparsas das coisas na Natureza, porque há sempre a surdina em torno dos fenômenos. Moléculas que se desagregam e se unem, a vida que se manifesta, o vegetal que se atrita, a noite que estremece, o nada que se corporifica perturbam em sons quase indistintos o suposto domínio tzaresco do silêncio.

E ou muito me engano, ou algo do melhor Machado existe aqui:

"Era uma linda e estrondosa morena de olhos grandes, sensuais, conversada, bem feita de corpo, inteligente e palreira."

Em momentos assim, o *mágico* subjugava o *lógico.*

Sábio, humanista da melhor estirpe, entre os seus largos conhecimentos se incluía o de numerosas línguas vivas estrangeiras – uma delas, o alemão – e o do latim e do grego. Além das matérias de natureza estritamente científica, sabia a sério literaturas antigas e modernas, e a cada passo, ao longo dos livros, o manifesta, sempre muito a propósito. E mais: Filosofia, História, Mitologia eram-lhe familiares. "Estudei como um escravo" – disse uma vez, quando a caminho da velhice: e não mentia.

Grande, extraordinário professor, os alunos queriam-lhe e o respeitavam. Bom, de uma bondade ativa; e quantos com ele privaram ressaltam-lhe no caráter a mais entranhada e férrea noção do dever. Desconhecia a inveja; não costumava guardar rancores. Faltava-lhe "bossa para negócios". Sabia amar a vida, sem saudades do passado, nem inquietações com o futuro; e aos 66 anos de sua idade saíam-lhe da pena estas belas palavras:

"Amei a inteligência e amei o amor."

"Eu e a vida estamos quites: nenhum deve ao outro alguma coisa. Posso morrer tranqüilo como quem procurou cumprir o dever. Profissional,

na cátedra e na clínica, amando misticamente a Medicina como a grande fortuna da minha existência."

Prova desse amor, senhoras e senhores, o nobre ato de contrição encerrado no discurso que proferiu, em sessão conjunta das sociedades e institutos sábios do Brasil, em agradecimento às homenagens recebidas por motivo da outorga do título de professor emérito da Faculdade Nacional de Medicina:

> Sei que os meus 35 anos de professorado foram mal gastos. Cometi grandes erros evolutivos; fiz parte do Congresso Nacional durante três legislaturas, sem vantagens reais para a Ciência, salvo o recurso para a construção do Pavilhão de Clínica Neurológica; perpetrei várias erronias, mas confesso-vos que sempre reconheci os meus falsos passos e nunca deixei de amar a Medicina.

E acrescenta, sempre modesto:

> [...] tive fortes desejos de trabalhar, de fazer alguma coisa de novo, de assegurar o meu dever universitário; de conduzir os meus amigos íntimos, os meus filhos, os meus parentes da família neurológica, para neles incutir o entusiasmo pela cultura prática da neurologia.

A ele não se lhe pode aplicar o chavão de que vida foi maior do que a obra: a obra, nele, é prolongamento e complemento natural e harmonioso do homem; é, por assim dizer, o homem escrito.

Morreu alguns anos antes de morrer. Bem antes que a morte física lhe cerrasse os olhos, – a consciência, o espírito, já se achava morto e enterrado. Morreu sem saber, sem sentir. Não precisava desse favor do destino: longevo, carregava já muitas outras mortes na alma, sobretudo, por fim, a do filho querido, destinado a continuador de seu nome ilustre, e cuja perda terá contribuído para apressar-lhe a morte espiritual. Sim, dispensava esse favor do destino: aquele em cujas veias corria o sangue dos truculentos Feitosas de Inhamuns, no Ceará, e em quem a violência dos ímpetos se transmutara em energia para o culto da Ciência e a prática do bem, para o estoicismo, arrostaria a morte estoicamente sereno, como tantas e tantas vezes arrostara a vida.

# II
# RESPOSTA DO SR. RODRIGO OCTAVIO FILHO

## I

Sois um jovem cinqüentão, em perfeita forma, Sr. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Mas, como não gozastes horas de vadiagem, conquistastes lugar de relevo no cenário da cultura brasileira, realizando, com método e intenso trabalho, uma obra respeitável e uma vida digna de admiração. E ao atravessardes os umbrais desta Academia, não trazeis, apenas, a obra feita, mas a promessa de que tendes muito mais para oferecer.

Sois nordestino, homem de vontade indômita, nascido em lugarejo de nome bonito. Passo de Camaragibe, no interior das Alagoas. Tendes olhos cor de mel, com laivos de verde-claro, olhos que gostam de ver longe. Talvez por isso fostes levado, aos oito meses, para Porto de Pedras, pequenina vila marítima, de onde, olhando para a frente, vos encantastes com o mistério dos horizontes oceânicos... Depois, na deliciosa e natural malandragem da meninice, além de olhar o mar, fonte de Poesia, íeis ao outeiro apanhar passarinhos e colher murta... Começáveis a definir a incipiente personalidade. E bem gravadas ficaram na estupenda memória o pitoresco das viagens pelo rio Manguaba, que liga Porto Calvo a Porto de Pedras, e os longos passeios às salinas do extremo da cidadezinha.

Mas, homem que ama as confidências (que mais parecem confissões), revelastes a jovem biógrafo, o escritor Renard Perez, aquilo que mais se fixou

em vossos sentidos: a viagem marítima a Maceió, que, se não despertou, decerto avivou em vosso coração menino o instinto poético, que ainda conservais intato. E, hoje, continua envolta em poesia a evocação que fazeis do avanço das jangadas no alto mar, desafio da fragilidade material à força misteriosa do oceano. Esta viagem inicial povoou de sonhos constantes vossa imaginação infantil. Não creio, Sr. Aurélio Buarque de Holanda, que o passar dos anos tenha modificado ou apagado essa atitude mental da infância.

II

Foi vossa Mãe vossa primeira mestra. Bom augúrio; e felicidade que, para sempre, acompanha na vida os que dela usufruíram. Mas a figura de mestra que ficou gravada em vossa lembrança, e que lá está, bem viva, no conto com que abris o livro *Dois Mundos*, foi aquela mulher de olhar e gestos disciplinadores, a quem perguntastes à entrada da igreja, junto à caixa de esmolas para as almas:

– Fessora, para que é que alma quer dinheiro, hem?

Esta pergunta deliciosa provocou, entre colegas, risadas e risadas.

> O Cheira-Céu é que se expandiu mais, mostrando os dentes podres – sempre a justificar o apelido, cabeça bem caída para trás, o nariz quase em posição horizontal.
>
> D. Paulina franziu o cenho e cerrou os lábios: censurava a pergunta e impunha silêncio.

Mas vossa curiosidade infantil continuava acesa. Jeitosamente, e entre curioso e tímido, renovastes a pergunta:

> – Fessora, diga: para que é?

E lá está no conto:

> A fisionomia de D. Paulina ensaiou um sorriso; mas a rigidez disciplinar fechou-lhe outra vez os lábios e reavivou as rugas que lhe vincavam a testa, entre as sobrancelhas.

– Mas, fessora...
Segurou-me pelo braço:
– Isso é pergunta que se faça! Vem-se confessar, e ainda está pecando!

E um beliscão vos convenceu de que era possível adiar a satisfação da curiosidade.

Foi esta, por certo, Sr. Aurélio Buarque de Holanda, a vossa primeira curiosidade, curiosidade indomável e permanente, que continua sendo a mais constante das características de vossa personalidade de homem maduro. Ainda hoje, como no tempo de menino, tudo quereis saber. E desta vontade, desta procura, desta ânsia de tudo conhecer, de bem conhecer, de bem saber, resultou a respeitável obra que já realizastes como escritor, homem de letras – ficcionista, crítico, filólogo, dicionarista, antologista, tradutor e poeta!

A curiosidade, fonte criadora de irradiação intelectual, foi também uma das marcantes qualidades do vosso antecessor, o Mestre Antônio Austregésilo, cuja reabilitação literária acabais de fazer com tanta bravura, inteligência e entusiasmo, apagando e anulando, definitivamente, uma insólita injustiça.

## III

A leve evocação de alguns episódios da infância e da adolescência levanos a imaginar estarmos com os cotovelos fincados no peitoril de uma janela, olhos perdidos em paisagem distante. Na realidade, porém, estamos debruçados para dentro de nós mesmos, na contemplação encantada de nossa paisagem interior. Por isso não me assalta o remorso de estar aqui contando estes pequenos episódios, aos que hoje vieram ver-vos e aplaudir-vos, no momento alto de vossa glória literária, na hora da consagração do homem de pensamento e de Cultura que incontestavelmente sois.

Vou colocar-vos, agora, na pequena escola primária de José Paulino, em Porto Calvo, onde, aos doze anos, fizestes tais progressos que o professor resolveu ensinar-vos análise sintática e francês; e mais do que isso – pediu a vosso Pai que mandasse buscar em Maceió gramática e dicionário franceses, dando-vos o orgulho de ser talvez o único menino que, em algumas léguas de redondeza, possuísse livros de tanta importância!

Bem sei que em vosso espírito e em vosso sensível coração de vez em quando surgem a lembrança daquela imagem enorme do Senhor dos Passos, no altar da velha igreja trissecular de Porto Calvo, as impressionantes lendas que pairavam sobre o passado da multissecular cidade; e as heróicas histórias do tempo das guerras holandesas, contadas, ao cair da tarde, pelas pessoas mais velhas.

Continuando no país dos sonhos e das recordações sentimentais, passemos, como relâmpago, por vossa estada em Maceió. Aluno pobre e atento do Colégio Quinze de Março e do Ginásio Adriano Jorge, fostes forçado a abandonar os estudos sistematizados para ir ganhar sessenta mil-réis como empregado modestíssimo de uma casa comercial, o que permitiu (a informação parece útil) que, em pleno verão, mandásseis fazer a primeira roupa de casimira grossa – àquele tempo, nota de refinada elegância... Já vos era, então, grande o interesse pela leitura. Começastes a fazer os primeiros versos, todos bem certinhos e medidos, sem que entre vossos poucos livros existisse um trabalho de metrificação ou dicionário de rimas.

Mudando de emprego, passastes a receber ordenado confessável: cem mil-réis por mês. Porém o novo patrão, que não dava importância ao fato de o jovem empregado melhorar o português da correspondência, exigia fôsseis varrer o chão e limpar a placa de metal fixada à porta do estabelecimento.

Aconteceu, minhas senhoras e meus senhores, que no dia 24 de fevereiro de 1926, aniversário da Constituição de 1891, o jovem empregado, ofendido por lhe darem tarefas humilhantes, não foi ao trabalho, mas, sim, tomar banho de mar com amigos da mesma idade. No dia seguinte, é lógico, foi despedido. Acusava-o o patrão de viver lendo poesias, o que não era bem verdade, pois o nosso recipiendário afirma que só as lia depois de terminadas as obrigações diárias... Estas ocorrências, que seriam sem importância para muita gente, levaram o jovem alagoano a julgar-se vítima da Poesia e da Constituição de 91...

Com o pouco dinheiro que lhe sobrara do ordenado recebido, o jovem Aurélio, ávido por ler e aprender, foi direto a uma livraria e comprou, por nove e oito mil-réis, respectivamente, os seus primeiros livros: a gramática de Maximiano Maciel e as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Foi esse o ato inicial de amor à nossa língua e à nossa Literatura, setor em que, hoje, é mestre consagrado.

Desempregado, deu asas à veia poética, escrevendo e publicando em *O Semeador* (onde também colaborava Valdemar Cavalcanti) um soneto cívico, e outros, naturalmente, sentimentais e amorosos.

Mas, na vossa vida, meu ilustre confrade, na evolução ascendente que ela teve, é marcante o ano de 1926: nele destes o primeiro passo no professorado, ensinando Português – a 400 réis por aula – a antigo colega de Porto de Pedras. E aí começou vossa verdadeira vocação – ensinar – que por tal modo glorificou o vosso nome que hoje sois conhecido e popularizado como *Professor Aurélio*.

Daquele primeiro aluno passastes a dar aulas no curso primário do Ginásio de Maceió, trabalho que vos deixava tempo para a leitura de autores prediletos: Euclides da Cunha e Machado de Assis que, como todos nós, continuais ardentemente admirando, e Abel Botelho (romancista hoje assaz esquecido). E vieram Fialho de Almeida, com sua prosa nervosa, bela e agressiva, e Eça de Queirós, com a sinuosidade estética do seu estilo.

Mas o preço dos livros e o pouco dinheiro disponível impunham leituras restritas. Foi quando, levado por mãos amigas, começastes a ensinar no Orfanato São Domingos, ganhando ordenado que vos permitia, além de comprar os volumes desejados, auxiliar o velho Pai na luta pela vida. Era o professor do Orfanato muito ligado às rodas literárias de Maceió. E, intensificada a amizade com Valdemar Cavalcanti, colaborastes em *O Semeador* e na revista *Maracanã*, que, como quase sempre sucede com revistas literárias, não passou do primeiro número.

Mas a vossa notória vocação de mestre firmou-se no então Liceu Alagoano e, posteriormente, nas salas de aulas do nosso Instituto de Educação, do Colégio Pedro II, do Instituto Rio Branco (do Itamaraty), da Universidade Antônoma do México, e em outras, dos Estados Unidos, Cuba, Guatemala e Venezuela. E hoje sois um dos mestres que se reúnem em comissão para o preparo do texto crítico da obra de Machado de Assis.

## IV

Em 1930, algo de muito importante aconteceu em vossa vida. Vindo de Palmeira dos Índios, onde fora prefeito, chegava a Maceió, para assumir a

direção da Imprensa Oficial, alguém que viria a ser uma das grandes figuras centrais da Literatura brasileira: Graciliano Ramos, grande (embora sóbrio) conversador, argumentador incisivo, espírito liberal, autor de um livro inédito, *Caetés*, e que se impôs ao pequeno grupo de que fazíeis parte, juntamente com alguns outros nomes hoje também nacionais: Jorge de Lima, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Santa Rosa.

Mas a capital das Alagoas era cenário estreito para as vossas atividades intelectuais. Mal sucedido na primeira viagem ao Rio, tivestes de voltar para Maceió, onde iniciastes carreira burocrática, como secretário da Prefeitura – cargo de que fostes demitido e ao qual voltastes, reintegrado por mandado de segurança requerido pelo vosso amigo Raul Lima. Em 1937, já bacharel em Direito, assumistes as diretorias da Biblioteca Municipal de Maceió, do Teatro Deodoro e do Departamento de Estatística e Publicidade do Município.

Instalado, definitivamente, no Rio de Janeiro ("Rio, minha linda mulher de toda a vida"..., do verso de Álvaro Moreyra), antes que a minha bela cidade natal deixasse de ser a sala de visitas do país, para adquirir a dúbia, esdrúxula e simultânea característica de estado, município e cidade, começastes a colaborar em jornais e revistas, publicando contos, ensaios, crônicas, páginas de crítica, que deram relevo ao vosso nome.

Em 1940 encontrastes o rumo certo, o vosso destino de homem de muito saber: fostes contratado professor do Colégio Pedro II e iniciastes preciosa colaboração no *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*, cuja recente 10.ª edição é, praticamente, de vossa integral responsabilidade. E é de louvar a vossa capacidade de trabalho: o *Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portugesa*, que publicastes este ano, em colaboração com Manuel da Cunha Pereira, contém cerca de 50.000 palavras a mais do que o publicado por esta Academia e perto de 1.000 locuções e expressões.

E começam a surgir os livros... Em 1942, *Dois Mundos* – contos, retratos e quadros premiados por esta Academia, páginas pontilhadas de notas autobiográficas da infância e evocações da adolescência – que ofereceu ao meio literário brasileiro um moço escritor dono da língua e dominador dos seus segredos e encantos: o filólogo a projetar-se na difícil Ciência do conhecimento das palavras, e o ficcionista original e emotivo, isento de ênfase.

*Dois Mundos,* ao aparecer, mereceu de Graciliano Ramos, seco em elogios, palavras adequadamente afirmativas sobre vossas histórias, "admiravelmente simples e claras", reveladoras de "figuras inesquecíveis – Molambo, João das Neves, o otimista Gonçalo. Maria Araquã, D. Cândida Rosa, sobretudo D. Cândida Rosa, grande velha" (vossa velha avó), "personagem que ficaria bem numa Literatura sólida".

Na dificuldade de apontar, entre este e aquele, qual o melhor, qual o mais afinado ao meu gosto, escolho, pelo seu jeito pirandelliano, por ser, talvez, a que melhor espelha vossa qualidades de observador emotivo, a obra-prima que é o conto "O Chapéu de Meu Pai". Diante de vosso Pai morto, olhais o chapéu, "pendente do gancho, ali abandonadamente inútil", "despojo de guerreiro vencido"; e que, avivando vossa saudade, servia de ponto de referência para a reconstituição, sem ordem cronológica, de um passado inteiro. E depois da evocação de toda a vida de vosso Pai, através daquele chapéu mole e abandonado, acrescentais: "O pranto me devolve à realidade do momento, e agora o chapéu me oferece uma imagem muito próxima de meu Pai – a do velho tirando-o quando entrava na Casa de Saúde, para nunca mais o usar."

"Linguagem e Estilo de Eça de Queirós" é das mais altas páginas do *Livro do Centenário* do grande escritor. "Linguagem e Estilo de Machado de Assis" e, muito especialmente, a edição crítica dos *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, de Simões Lopes Neto, são trabalhos de alto merecimento.

Apresentastes a obra do maior escritor regional do Rio Grande do Sul, e talvez do Brasil, com admirável estudo estilístico introdutório, além de notas e glossário, que deram à Literatura de Simões Lopes Neto a interpretação, a compreensão e o relevo que somente podiam ser dados por vossa acuidade crítica, vosso conhecimento dos problemas do estilo e vossa assiduidade no estudo da língua falada em todos os rincões da terra brasileira. Com razão lembrais que a principal característica do escritor gaúcho "é a feliz combinação da maneira literária com a linguagem oral – a fala espontânea e viva dos seus heróis".

O estudo da linguagem e do estilo dos nossos maiores escritores regionalistas e o exaustivo exame do vocabulário e suas variações e aplicações técnicas tornam o grande estudo uma das páginas de maior valor da vossa obra. Reconheceis a existência de um sabor clássico na obra de Simões Lopes Neto, e

o permanente estilo *telúrico*, que "vem das entranhas da terra, carregado de todo o húmus que fecunda as árvores lá no mundo calado e laborioso das raízes. Faz-nos sentir – de verdade – a campanha gaúcha. E esse húmus, abundante, se acha tão harmoniosamente difundido por todas as páginas, por todas as linhas que não é fácil apontar-lhes os trechos de maior plenitude de vida".

V

Irmanado por laços de estudo e de amizade ao escritor Paulo Rónai, começastes a publicar *Mar de Histórias*, antologia do conto mundial, programada em dez volumes; acabam de nos chegar às mãos as belas traduções das *Sete Lendas*, Gottfried Keller, escritor, suíço-alemão, cognominado "o Shakespeare da novela do século XIX" – cuja leitura é enlevo, pelo conteúdo e pelo estilo.

Com outros trabalhos enriquecestes a bibliografia da cultura brasileira: *Apresentação de Vitorino Nemésio, Roteiro Literário do Brasil e de Portugal*, este último em colaboração com o nosso eminente confrade Embaixador Álvaro Lins, antologia que não copia nem imita qualquer outra. Creio ser obra única em nossa língua. Por seus vários aspectos de feitura, proporções e processo de estruturação, é obra notável, de valor e utilidade. Não há exagero no título. *Roteiro Literário do Brasil e de Portugal* é amplo e verdadeiro panorama das duas literaturas.

*Enriqueça o Seu Vocabulário* é obra de sabedoria lingüística; e quanto ao livro de ensaios *Território Lírico*, escrevi em sua primeira página, depois de o ler, em 1958, longe de imaginar que teria a honra de vos saudar na noite de hoje, esta pequena anotação: "Livro erudito, claro e bem escrito. Foi-me muito útil a sua leitura."

Não é, porém, possível deixar de conceder-se grande importância às vossas traduções. Traduções requintadas, na linguagem e na fidelidade.

Arte difícil é a de traduzir. É velha advertência: *traduttore, traditore*... Tradução não é coisa que se possa fazer arbitrariamente: exige honestidade e o mesmo amor dispensado à obra de criação. Uma boa tradução demanda muita paciência, ritmo lento no trabalho e algo de humildade – por isso que ao tradutor não cabe impor à cultura alheia a sua própria obra, filha da sua

imaginação, da sua inteligência, ou a criação espontânea do seu espírito, mas, sim, riquezas por outros produzidas, que julga devam ser lidas por quem não conhece a língua em que foram escritas. Leio na *Escola de Tradutores*, trabalho de vosso colaborador e amigo Paulo Rónai, que Ortega y Gasset chega a negar a possibilidade, em princípio, da tradução, excetuando, apenas, as obras científicas, escritas numa espécie de gíria artificial. Não vejo nesta afirmação indiscutível fundo de verdade, pois não me foi difícil escolher entre as vossas numerosas traduções um bom exemplo. Traduzistes para o português um livro a mim familiar, daqueles que eram lidos e relidos no alvorecer do meu gosto pela leitura: – os *Pequenos Poemas em Prosa* de Baudelaire, dos quais citarei o primeiro, igualzinho, na sugestão e na emoção, ao original. Ei-lo:

> – A quem mais amas, responde, homem enigmático: a teu pai, tua mãe, tua irmã ou teu irmão?
>
> – Não tenho pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.
>
> – Teus amigos?
>
> – Eis uma palavra cujo sentido, para mim, permanece obscuro até hoje.
>
> – Tua Pátria?
>
> – Ignoro em que latitude está situada.
>
> – A beleza?
>
> – Gostaria de amá-la, deusa e imortal.
>
> – O ouro?
>
> – Detesto-o como detestais a Deus.
>
> – Então! a que é que tu amas, excêntrico estrangeiro?
>
> – Amo as nuvens... as nuvens que passam... longe, lá muito longe... as maravilhosas nuvens!

## VI

Pondo ponto final no relato, apenas expositivo, da vossa vida e da vossa obra, tentarei enfrentar a difícil tarefa de interpretar os motivos que vos colocaram tão no centro de nossa cultura contemporânea, a ponto de vossa eleição para completar os quarenta desta Academia ter sido a solução esperada, pousada natural que ela é de quem, beneditinamente, vem sempre purificando a

nossa língua e engrandecendo as nossas Letras. Nesta Casa, não nos esquecemos das primeiras palavras de Machado de Assis ao inaugurá-la, definindo-lhe a finalidade: conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Esta unidade muito dependa da defesa da língua. E a força mestra de vossa personalidade é o fiel amor à língua portuguesa. E desvelado amor ela merece.

As línguas são o melhor espelho do espírito humano; análise exata da significação das palavras fará conhecer melhor que qualquer outra coisa as realizações da inteligência. Estas afirmações, colhidas em Leibniz, vieram à baila nas conversas com que me honra o Prof. Pedro A. Pinto – nas quais minha pouca ciência vai ao encontro e à procura da sabedoria. É que a forma, a roupagem da idéia, tem grande valor, quase tão grande como o da própria substância; e, mal vestida, deselegante, ou desalinhavadamente exposta, a idéia não sobressairá. Na feliz expressão do Prof. J. Matoso Câmara Jr. – cada um de nós tem de saber usar uma boa linguagem para desempenhar o seu papel de indivíduo humano e de membro de uma sociedade humana. *O que é bem concebido se enuncia claramente* – é frase de Boileau.

Lembro-me de haver lido em Almeida Garrett que, se alguém escrevesse, com dobrada erudição, *o Espírito das Leis*, sem os encantos do estilo de Montesquieu, quantos leitores teria? E poderemos acrescentar: traduzam-se em "língua de farelos" as obras de Plutarco, de Cícero, de Laplace, e veremos quantos leitores terão...

Ainda no que respeita à educação moral e cívica no disciplinamento do indivíduo, é de indisfarçável utilidade a cultura da língua, de modo que se patenteie solidariedade entre o presente e o passado, de maneira que a juventude aprende a repetir, melhorando, insensivelmente, a forma que, no decorrer dos séculos, nossos maiores domaram, poliram e repoliram. E isto porque – bem sabemos – não há assunto em que não sejam necessárias e indispensáveis as graças do estilo e correção da frase.

Se assim não acontecer, e cada um, por seu alvedrio, alterar a significação dos vocábulos ou a metamorfosear sem maior aferição de seu valor, teremos de enfrentar uma nova Babel, um pandemônio, um cipoal sem saída. A semântica ensina que as variações de sentido se dão acertadamente com o passar do tempo, sem que alguém, de caso pensado, deva promover a transforma-

ção ou acelerá-la. A confusão seria desesperadora, se cada um de nós se elegesse fator espontâneo da evolução do idioma.

Todos já ouvimos dizer que a gramática pode ser tida como início da arte de pensar. E não é possível negar que o exame de uma frase, a análise de uma estutura lingüística, é bom e útil treino de raciocínio. Dá trabalho à inteligência. E o falar e escrever bem é nossa melhor arma de defesa. Somente o bom estilo é convincente. Não pensem os incautos que a filologia é terra de ninguém, ou terreno fácil de conquistar. A por vós dominada floresce e frutifica. E as vossas armas, Sr. Aurélio Buarque de Holanda, são perfeitas e bem cuidadas.

## VII

Há muito tempo esperávamos um confrade da vossa especialidade intelectual. A Academia, pela sua natureza, pelos seus ideais e pela pregação de seus maiores, tem pensamento e ação voltados para o idioma, conscientemente louvando e enaltecendo a importância do seu estudo, o papel que representa na cultura, nas relações sociais, nos misteres, no exercício das profissões, máxime nas liberais.

Honrado com a missão de saudar-vos, julgo de meu dever realçar nossa tradição, assinalando o trabalho de alguns compatrícios que se consagraram ao magistério da linguagem e das boas letras, principalmente o daqueles "que por obras valerosas" como que alcançam libertar-se "da lei da morte".

Vidas esfumaçadas no tempo, mas que deixaram obras meritórias, que ainda seriam lidas, com proveito, se fossem encontradiças, como, entre outras, a *Filologia*, de Manuel Rodrigues de Massena, aqui publicada em 1883.

Não virão, pois, fora de propósito, nomes de acadêmicos que, não lidando, propriamente, no ensino da língua, foram mestres no escrever. E é grande o número deles. Dois, porém, estão a aflorar-me aos lábios: Alberto de Oliveira e João Ribeiro.

Rui Barbosa, orquestrador da língua portuguesa, considerava Alberto de Oliveira dos mais opulentos e quiçá dos mais castiços escritores do seu tempo. Contou-me o Prof. Pedro A. Pinto ter ouvido Rui referir-se a Alberto de Oliveira dando-o como aprimorado artista da palavra escrita, no metro e na prosa. E em cavacos de livraria ouvira o mesmo Rui dizer a Mário Barreto

esta frase, que arquivou: "Até na prosa é de perfeição inexcedível a forma do nosso poeta."

João Ribeiro, quando queria, era corretíssimo, eloqüente, rico e de elegância invejável. As vezes, porém, redigia às pressas, sobre a perna ou na escrivaninha do livreiro Jacinto, discutindo, muitas vezes, calorosamente, com amigos, com circunstantes, o que dava origem a simples distrações... É no entanto João Ribeiro autor de livros adoráveis e de erudição literária, que lhe teriam custado leitura e meditação de milhares de volumes.

Continuando a mexer, ao de leve, com matéria-prima da Casa: não há letrado que ignore ter sido Medeiros e Albuquerque escritor de clareza meridiana, apto a pôr em termos compreensivos temas intrincados... Mas alguns sabem que Medeiros, escrevendo de modo mais que muito simples, conhecia a língua, sua História, seus mistérios, suas minúcias. Não tinha, porém, o gosto de pôr em evidência a sabedoria idiomática. Comprazia-se em escrever simples, claro e correto.

Certa ocasião, quando Alberto de Oliveira imprimia um livro em Paris, incumbindo-se Medeiros e Albuquerque da revisão das provas, escreveu, a propósito, muitas cartas ao poeta, cartas minuciosas, de excelente crítica, mostrando-se conhecedor seguro de muitos fatos e segredos da língua.

Em panegírico de nossa fala, costuma ser figura quase obrigatória do seu louvor o soneto de Bilac, que começa pelo verso "Última flor do Lácio, inculta e bela", cuja excelência não o imunizou das censuras de alguns, que nele apontam deslizes.

Bilac encontrou, porém, erudito advogado, que, defendendo-o, ensina: "chamou Olavo Bilac à língua "última flor do Lácio", considerando a distância que existe entre Portugal e o território pequenino, em as margens do Tibre, onde viviam os latinos, na Península Itálica.

> É quase certo, ao poeta passou despercebida a situação geográfica dos países em que se falam idiomas novilatinos, ou românicos, uns em redor do Lácio e próximos dele, outros afastados, como a Romênia, França, com a Provença, Espanha, com Portugal, com a Catalunha, Galiza, Gasconha, Brasil...
>
> Se estivessem as regiões em fila, e no mesmo sentido, até quem soubesse pouco, olhando a carta geográfica, teria aproximada noção da distância.

> Como estão dispostos, somente técnico perceberá se a Romênia, por exemplo, está mais longe, ou *mais* perto do Tibre, do que está Portugal...
>
> Sem necessidade de cultivar a História da língua, do assunto não curou o poeta e admitiu fosse a que falava mais recente que as outras, daí o nomeá-la "última", porque ainda "nova", "inculta", "rude"...
>
> Há idiomas novilatinos que surgiram depois de formado o português – o romeno, o italiano, o brasiliense...
>
> Datam no século IX os monumentos escritos do francês; os do provençal remontam ao décimo; são o castelhano e o português da centúria XII. Quando já estava o português constituído, inexistia o italiano, que surgiu, para assim dizer, com Dante (1265-1321). O romeno, ou valáquio, é da segunda metade do século XVI (V. Pedro A. Pinto, *Revista Filológica*, Rio de Janeiro, 2.ª fase, n.º 2, abril-maio de 1955).

De qualquer maneira, conclui, com razão, o eminente professor, o erro é perdoável a um poeta, sobretudo da categoria de Bilac, e muitos estudiosos da língua dariam todos os seus conhecimentos em troca da aptidão para escrever "Ouvir Estrelas" ou "A Missão de Purna"

## VIII

A esta altura, Sr. Aurélio Buarque de Holanda, não será oportuno evocar, ainda, em vossa presença, a figura, o vulto de mais alguns que, no passado, fizeram o que fazeis hoje pelejando em favor da boa linguagem? Penso que sim.

Rui Barbosa e Carlos de Laet, em regra, são havidos como os maiores, se bem que não tivessem cultivado a Filologia, no conceito moderno e amplo. Cuidaram ambos da exação de significados de vocábulos, clareza, harmonia, sonoridade e beleza.

Rui, além da língua materna, dominava a latina, e Laet, como Rui, estudou a materna e conhecia, a preceito, nossas duas línguas clássicas, a latina e a grega.

Na presença de Mário Barreto, Alberto de Oliveira confidenciou a um amigo que de grego tinha Rui, apenas, rudimentos. Isso para mim pouco importa, uma vez que, com muito ou pouco grego, mas com grande dose de

bom senso e sabedoria, Rui escreveu esta verdade: – uma raça, cujo espírito não defende o seu solo e seu idioma, entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por ele absorvida.

Se me estou ocupando destes dois fundadores da Academia, é porque vossa presença nos leva à evocação de ambos, que tinham a atenção disciplinadíssima no estudo do idioma. Mas um dos principais guias dos estudiosos da língua, em nossos dias, parece-me, foi Mário Barreto, que a cultivou carinhosamente, dela não desviando o pensamento, numa fidelidade emocionante. Todos os seus estudos levam a mira no melhor modo de dominá-la.

Eu tive como primeiro mestre de Português o Prof. Fausto Barreto, pai de Mário. A este conheci de perto: conversador, inteligência multiforme. Mas quem não fosse de suas relações, ao ler um de seus livros – *Novos Estudos, Novíssimos Estudos, Fatos aa Língua Portuguesa* – pensaria fosse ele um frade ensimesmado, daqueles que se entregam a fundo aos misteres de sua devoção.

Mostram as pesquisas de Mário Barreto nas obras dos grandes mestres da língua paciência requintada, rigor no exame dos textos, probidade de santo, e modéstia que se confunde com a humildade. Seus livros, com exceção do primeiro, este quase de adolescente, constituem um rocal, um colar de pérolas cultivadas por homem habituado ao rico fundo dos mares. Foi Mário, sem sombra de dúvida, grão paladino da língua, jardineiro diligente, dedicado e encantado de suas belezas

E diante de vós, Sr. Aurélio Buarque de Holanda, quero evocar outro que não fica atrás de Mário Barreto, o ilustre Professor Sousa da Silveira, mestre de uma geração de mestres, a quem passei a mais venerar e admirar pela atuação que teve no Congresso Brasileiro de Língua Vernácula promovido por esta Academia, em comemoração do centenário de Rui Barbosa, em 1949, e do qual fui secretário-geral.

Sousa da Silveira continua, hoje como ontem, amando, ensinando e purificando a língua portuguesa, tal qual Mário – como um frade beneditino eternamente devotado à santa do seu altar. Ambos – o que a morte levou tão cedo e o que, para alegria nossa, aí está bem vivo –estudaram com profundidade as línguas latina e castelhana, tão necessárias ao mais que perfeito conhecimento da nossa. E ambos bateram, sem êxito, às portas desta Academia... Foi pena, foi realmente pena, que elas não se tivessem aberto, de par em par,

para que fossem aqui saudados com palmas iguais às que estais recbendo hoje, Sr. Aurélio Buarque de Holanda.

E não devo (pois cometeria grave pecado) deslembrar-me do sabor clássico dos poemas e escritos de Aloísio de Castro, nem esquecer dois nomes que completaram nosso quadro social, mestres na difícil especialidade em que também sois mestre: Heráclito Graça e Silva Ramos, que também ajudou a fundar esta Academia, professor que foi de muitos que dela fizeram parte e de alguns que hoje lhe compõem o quadro social.

IX

O que pouca gente sabe, Sr. Aurélio Buarque de Holanda, é que sois um magnífico poeta. Não exagero: somente quem tenha a Poesia no sangue, no coração e na alma consegue trazer para o Português, com a máxima das perfeições, respeitando forma, técnica, ritmo, métrica, estilo e inspiração, os poemas que pretendeis reunir no volume *Grandes Vozes Líricas Hispano-Americanas*.

É absoluta vossa integração com os poetas. Com os que sentiram os encantos da vida. Com os que se irmanaram às coisas tristíssinas do mundo... Com os que vivem, no milagre da Poesia, os sortilégios da beleza e da filosofia.

Não preciso de maiores divagações para tão belo tema. Vou provar o que disse, lendo, aos que me ouvem, duas de vossas traduções. A primeira, um soneto de Alfonso Reyes. Quem não se lembra do grande poeta mexicano, que foi dos maiores escritores e pensadores da América Latina e que, durante anos, viveu entre nós, como embaixador de seu País? Intitula-se o soneto:

VISITA

– "Sou a morte" – me disse. Não sabia
que tão estreitamente me cercara
a ponto de lançar-me pela cara
sua turbadora baforada fria.

Já não tento evitar-lhe a companhia;
segue-me os passos, transparente e clara,

e desde então nunca me desampara,
nem me deixa de noite nem de dia.

– "E pensar" – confessei – "que de mil modos
eu quis dissimular-te com apodos,
entre temores e erros confundida!
Mais de carícia tens do que de pena.
Eras alívio, e te chamei geena.
Eras a morte, e eu te chamei a vida."

Outro poema, bem diferente, mas não menos belo que o soneto de Alfonso Reyes, é o que traduzistes do poeta, também mexicano, José Gorostiza:

QUEM ME COMPRA UMA LARANJA

Quem me compra uma laranja
pra minha consolação?
Uma laranja madura
em forma de coração.

O sal dos mares nos lábios
– ai de mim! –
o sol dos mares nas veias
e nos lábios recolhi.

Ninguém nunca os seus me dera
para beijar.
A branda espiga de um beijo
nunca eu a pude ceifar.

Ninguém pedira o meu sangue
para beber.
Eu mesmo não sei se corre
ou se deixa de correr.

Como se perdem as barcas
– ai de mim! –
como se perdem as nuvens
e as barcas, eu me perdi.

E, pois que ninguém mo pede,
já não tenho coração.
Quem me compra uma laranja
pra minha consolação?

X

Do poeta vamos diretamente ao encontro do dicionarista Aurélio. E vou contar-vos, senhoras e senhores, uma bela e significativa história.

Em 1940, Aurélio Buarque de Holanda recebeu um telefonema: era de Manuel Bandeira, que o convidava para colaborar na terceira edição do *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*; devia completar a obra na parte de brasileirismos, e com isto ganharia três contos redondos. Não nego que Aurélio gostou dos três contos, mas, pior que isso, apaixonou-se pelo dicionário.

Daí nasceu uma relação de 21 anos – uma obra de paciência e esmero, pesquisa e inteligência. Para avaliar a tarefa a que se propunha Aurélio Buarque de Holanda, basta lembrar que alguns milhares de brasileirismos, espalhados pelas obras de centenas de escritores, ou vigentes apenas na língua popular, aguardavam colheita e definição; que inúmeras palavras, ao emigrarem do Reino para a Colônia, haviam ganho matizes semânticos desconhecidos aos dicionaristas de além-mar; e que outras, como congeladas, conservavam um renitente sabor quinhentisa já desaparecido na antiga metrópole.

Com rara percepção, o dícionarista Aurélio tocou o âmago do problema de nossa língua emigrada: herdamos uma estrutura gramatical já cristalizada – pouco a modificamos, e a medo. Mas sobre a contribuição estrangeira recebida pelo léxico português, sobre a já apreciável evolução semântica da língua em Portugal, o Brasil estendeu uma selva de conceitos novos, de usos inéditos.

Tal o problema: colher, classificar, compreender, definir, e selecionar a língua brasileira.

Foi assim que, das cinqüenta mil palavras da terceira edição do *Pequeno Dicionário*, chegamos às noventa mil da décima. Dessas, umas vinte mil são contribuição pessoal de Aurélio Buarque de Holanda, além das inúmeras a que acrescentou acepções ou aperfeiçoou a redação.

No entanto, um dicionário não se mede apenas pelo número de palavras que inclui. Mede-se sobretudo pelo rigor do método, pelo aperfeiçoado nas definições, pela sensibilidade às sutilezas de sentido.

Dicionário é obra de gerações; o dicionarista torna-se humilde ante a própria realização, e apenas a empurra um tanto à frente, para que outro a retome. Sabemos que o fundo léxico da língua é em grande parte estável – compulsar outros dicionários, sem repetir, é a tarefa cotidiana do lexicógrafo. Se Bluteau foi o primeiro dicionarista do português – ele mesmo auxiliado por autores de outras línguas – Aurélio Buarque de Holanda é seu descendente brasileiro, neto de Morais, primo de Aulete, Figueiredo, Silva Bastos – essa terrível família dos catadores de palavras.

Existem gerações que, de pai a filho, se dedicam a capturar palavras; estas, por sua vez, se comportam como pequenas raposas cheias de manha, ou como a lebre de Tartarin.

De fato, é preciso primeiro levantar a caça – colher o vocábulo na boca do povo, no escritor ou em outro léxico. Sobretudo, é preciso saber se ela *existe*. Há por aí, espalhadas em romances e poemas, em dicionários e tratados, centenas dessas filhas espúrias de um ouvido mais duro, de uma fraca memória, de uma pena apressada.

Descoberta a palavra, tenta-se compreendê-la. Ao contrário do que parece, as palavras dependem tão intimamente do contexto que, uma vez isoladas, se tornam imprecisas, pejadas de sentidos ancilares, ou vazias de sentido. É o caso de vocábulos tomados a textos poéticos, em que, muita vez, figuram apenas como constante musical, desejadamente misteriosa. A palavra refugia-se dentro de si mesma, é necessário tocaiá-la.

Depois, a palavra compreendida – se compreendida – deve ser domesticada. Urge grafá-la, recorrendo à etimologia ou à simples lógica. Como um fidalgo de velha cepa, o dicionarista, mal trava relações com a palavra, sai a investigar-lhe os avós e bisavós, a palmilhar os caminhos do étimo, inçados de

cruzamentos e hiperbibasmos, dissimilações e sinalefas, aféreses e paragoges, em que se espetam os mais cautelosos.

Mas, se o nosso herói espreitou, surpreendeu e se apoderou do vocábulo, não pensemos que chegou ao fim de suas penas. Falta definir. Presa e manietada, a palavra ainda tem forças para fazer-lhe mil caretas de fuinha, uns arreganhos em que põe olhos de peixe em corpo de coelho, deita asas, lança caudas e lhe mostra a língua. Falta definir.

A definição, afastada a idéia de cópia de autor mais antigo, representa a cristalização de todo o trabalho anterior. A procura dos atributos essenciais de um objeto, estado ou ação requer poder de análise essencialmente filosófica. É também um problema de precisão vocabular e de síntese estilística. Como definir *janela*, como definir *pé*, como definir *astúcia, mundo, espelho, vontade, nada, vento*? Só Deus sabe. É comum o dicionarista perder dias, ou anos, para topar com uma definição aceitavelmente exata, quando outro a descobre mal se propõe a isso. Quantas vezes a idéia perseguida na noite anterior, a quinta-essência do pequeno monstro indefinido e irônico sobre o qual se perdeu o sono, aparece de súbito no ônibus, no cinema, dentro do prato de sopa do jantar? É por isso mesmo que o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda tem a fama de trazer sempre consigo uma bateria de lápis, uma coleção de papéis em branco, que, neste mesmo instante em que falamos e o recebemos como um dos nossos, devem estar prontos para a anotação ligeira, para a súbita iluminação. Inspiração, ou estado de graça, ou pesquisa de anos a fio. Um dia, porém, sempre nasce a perfeita definição, a definição inevitável, seja ela obra do intuir ou do laborioso polir de gerações e gerações.

Talvez esteja aí a maior qualidade a ressaltar no lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda: o estado de graça diante das palavras que pastoreia, a intuição que o guia infalivelmente ao atributo essencial de qualquer vocábulo, a economia do estilo.

E isso não é tudo; mas, dos métodos adotados por Aurélio Buarque de Holanda quanto ao registro de flexões, quanto a variantes, sinônimos e antônimos, e tantos outros problemas lexicográficos, de todo esse trabalho não poderei falar neste rápido escorço de uma obra de vinte anos. Basta dizer que sobre cada um dos detalhes citados se exerceram a inteligência, o cuidado e o rigor

de um verdadeiro estudioso da língua, e que a obra daí resultante, se humilde em objetivos e maneira em tamanho, é monumental em precisão e utilidade.

XI

Acontece que vossas tendências e inclinações literárias são espelho de muitas faces. E não deixarei esta tribuna sem outra referência a um dos vossos livros, importante pelo estilo e pelo que ensina. *Território Lírico* permite-nos um passeio por alamedas quase desconhecidas da crítica estilística.

O nosso eminente Confrade Augusto Meyer, prefaciador do livro, com aquela simplicidade, aquela arte e aquela sabedoria que lhe são peculiares, depois de contar, em traços pitorescos, certa discussão que tivestes com o poeta Murilo Araújo, no fundo da Livraria São José, a propósito de um decassílabo de Artur Azevedo, refere que o episódio serviu para retratar, num flagrante, "pelo menos um dos Aurélios mais simpáticos que se integram na generosa pessoa do Professor Buarque de Holanda Ferreira: o amador, o degustador, o maníaco de Poesia".

"São os Aurélios desta têmpera", acrescenta Augusto Meyer, "que garantem a perenidade da magia poética, o seu cultivo consciente, os seus direitos de conquista na posse do território lírico".

Para tão nobre mister é preciso ter – e é o vosso caso – "O amor desinteressado pelo sortilégio poético, a intuição da Poesia acima de tudo, mas, ao mesmo tempo, o estudo dos textos, a pesquisa minudente, a incansável paciência de reler, sentindo e amando, analisando e perquirindo, reler mil vezes para compreender bem a intenção do poeta à luz do estudo estilístico". Só um *poeta-leitor*, "há longos anos capinando no duro chão da Filologia, a serviço da Estilística", poderia escrever o *Território Lírico*.

Augusto Meyer reconhece em vosso livro – e eu com ele em primeiro lugar o bom leitor, ao mesmo tempo *agudo* e *ingênuo*, "ingênuo bastante", acrescenta, "para entregar-se à comoção lírica, sem a qual não há capacidade de recriar, vibrando, mas, de outro lado agudo também, isto é, capaz de interpretar com pleno conhecimento de causa as intenções do poeta, considerado como artífice".

Não me é possível – pois já falei mais do que devia – ler capítulos do *Território Lírico* para mostrar o pioneirismo de vossa ação na crítica estilísti-

ca da Poesia. Para tanto fostes aquele leitor ideal, por querer, na opinião do vosso prefaciador, que a Poesia latente num poema, "espécie de Bela Adormecida no bosque", espere cem anos às vezes pelo seu príncipe eleito. E, para começar a viver enfim o seu destino, a Poesia encontrou em vós o "leitor ideal, sob a forma de um homem corpulento, de cabeça leonina, loura juba atormentada, com nervos de folha sensível à mais leve aragem...".

Sr. Aurélio Buarque de Holanda: foi pouco o que eu disse, desajeitadamente, da vossa obra. Ela foi quem vos trouxe para nossa companhia.

Esperamos nós, vossos confrades, que esta Academia seja um prolongamento do vosso gabinete de trabalho, a continuação da vossa própria casa.

Discurso do
SR. AFRÂNIO COUTINHO

e

Resposta do
SR. LEVI CARNEIRO

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 20 de julho de 1962*

# I

# DISCURSO DO SR. AFRÂNIO COUTINHO

## O IMPRESSIONISMO EM LITERATURA

Ao historiador literário, o século XIX aparece como uma das épocas mais fascinantes, máxime levando-se em conta a variedade de correntes estéticas que a atravessam, cruzando-se e entrecruzando-se, atuando umas sobre outras, opondo-se, prolongando-se, superando-se ou interpenetrando-se de modo a torná-lo um dos maiores laboratórios de idéias estéticas e uma encruzilhada de alta relevância espiritual e artística. Graças à ebulição produzida pelo entrechoque das doutrinas, é de intensa fecundidade o período.

Suas correntes e escolas literárias não oferecem, em conseqüência, contornos nítidos e apresentam, ao contrário, entre si, zonas fronteiriças quando não misturam os respectivos coloridos estéticos a ponto de os próprios representantes vestirem roupagens diferentes no curso de sua evolução ou participarem das qualidades e características de diversas. A famosa antologia *Le Parnasse Contemporain*, lançada entre 1866 e 1876, é o ponto de partida tanto do Parnasianismo quanto do Simbolismo, algumas das principais figuras tendo pertencido aos dois movimentos. Eis aí um dos mais curiosos fatos da História literária.

Aliás, esse e outros exemplos dão razão à historiografia moderna, que se recusa a admitir a noção da delimitação exata entre as épocas literárias, abandonando a idéia de começo e fim em datas fixas. Ao invés, estão mais

acordes com a realidade as noções das áreas intermediárias, das gamas estilísticas, das interpenetrações de estéticas, da impureza de estilos ou escolas. A nova historiografia de cunho estilístico arma-nos, assim, de doutrina muito mais flexível e realista.

A década de 1880 assiste à liquidação do Naturalismo como movimento literário, a qual acompanha a crise do Materialismo e Positivismo. Em verdade a concepção materialista da vida e da Arte já cansava os espíritos. Uma onda de religiosidade e reespiritualização, subjetivismo e idealismo, procurava afastar a Arte e o pensamento do mundo da realidade estrita, da crua pintura da Natureza, repelindo a teoria de que Arte e Natureza se confundem. A reação exprimia um sentimento de desgosto, tédio e revolta, contra a hipertrofia da matéria, em nome do subjetivismo e misticismo. O Materialismo era identificado com a concepção burguesa da vida, daí a reação concretizar-se na atitude de rebeldia da boêmia, decadentismo ou exotismo, mundos diferentes para os quais se pudesse escapar.

Do âmago dessa tendência desenvolveram-se novos estilos e escolas artísticas – o Simbolismo e Impressionismo. O primeiro tem sido devidamente valorizado, mas o Impressionismo, em sua expressão literária, só recentemente encontrou compreensão e estudo crítico adequado, especialmente graças aos métodos e doutrinas da nova crítica. Utilizando a periodologia estilística, pela aplicação dos conceitos e da análise dos estilos individual e de época, a nova crítica e historiografia literárias vêm descobrindo ou redefinindo épocas anteriores inclassificadas ou figuras retardadas ou perdidas.

Está entre essas o Impressionismo literário. Tanto quanto o conceito de barroco aplicado à definição da Literatura seiscentista, o Impressionismo literário do final do século XIX foi batizado por um conceito oriundo das belas-artes. Proveio da Pintura, como extensão da denominação dada por Claude Monet a um seu quadro, *Impression*, exposto no salão de 1874. Mais tarde com o livro de Louis Durants, *Les Peintres Impressionistes*, de 1878, oficializou-se a designação para toda a escola de pintura nova. Mas a estética revolucionária não se resumiu à Pintura, contaminando as demais formas, inclusive a Literatura, constituindo uma verdadeira época artística, entre 1860 e 1810 com unidade de princípios estéticos, concepção de vida e artifícios técnicos próprios.

No Impressionismo, como estilo artístico, dominam os princípios da Pintura, repetindo o velho conceito horaciano do *Ut pictura poesis*. A Literatura e a Música deixam-se impressionar de tal modo com as seduções da Pintura, que esquecem muitos dos seus próprios requisitos.

Desde 1850, a Arte buscava novas direções. Em 1863, no *Salon des Réfusés*, no qual se reuniram os trabalhos rejeitados pelo júri tradicionalista do salão oficial, um quadro marcou as atenções: *Le Dejeuner sur l'herbe*, de Manet, e a ele se deve o impulso inicial da escola impressionista em Pintura, a fórmula pictórica estendendo-se em poucos lustros à Música e à Literatura, num desenvolvimento paralelo ao Simbolismo.

Em Pintura, o Impressionismo distinguiu-se por nítidas características. Em primeiro lugar, os problemas da forma tornam-se preocupações dominantes, aliás não somente na Pintura, senão também na Literatura. Demais dela outras qualidades estéticas se impuseram: a luz solar é a única fonte criadora das cores; a forma e a cor são noções inseparáveis; a Pintura não é imitação da Natureza, mas sua interpretação artificial; as cores é que são responsáveis pela profundidade; nas superfícies planas a sombra não é coerência de luz, mas uma luz de outra classe; o assunto é detalhe acessório, a mesma paisagem podendo oferecer aspectos diversos conforme as mudanças de luz. Em Literatura, o Impressionismo afirmou o triunfo da descrição sobre a narração; o domínio da atmosfera das grandes cidades; o entusiasmo pelo movimento, pela vida, água, sol, cor, ritmo; a superioridade da Poesia pura; a obsessão com o elemento psicológico e sua expressão; a redução de todo valor poético à sensação pura e sua descrição, negando a forma externa das realidades; o uso da linguagem em combinações de palavras tais que sejam o instrumento de registro das impressões, abolindo em conseqüência no escritor a reflexão sobre as coisas, e exigindo dele que se anule para assimilar as qualidades do objeto na sua inteireza.

Em verdade, o Impressionismo, em Literatura, é resultante da fusão de elementos simbolistas e realistas. A realidade, cuja reprodução exata era a norma do Realismo, deixou de existir como foco de interesse, pois o impressioniosta procura registrar a impressão que a realidade provoca no espírito do artista, no mesmo instante em que se dá a impessão. Daí que o mais importante seja o instantâneo, o momento exato em que as emoções e sensações

surgem no espírito do observador. Não se trata de apresentar o real tal como é visto, mas como é visto e sentido num dado momento. A subjetividade colabora, e foi graças a este elemento que o Impressionismo se aliou ao Simbolismo no movimento finissecular de reespiritualização da Arte. O real passou a ser encarado através de um temperamento, pelas sensações e impressões que desperta, num singular momento que passa transferindo o negistro das relações externas para o das relações internas e o das impressões produzidas no espírito pelo contato com as coisas, cenas, paisagens ou pessoas, sem falar nas obras de Arte e Literatura. Conforme acentua Arnold Hauser, a filosofia da vida implícita no Impressionismo é aquela idéia de Heráclito de que o homem não mergulha duas vezes no rio da vida em eterno movimento, os fenômenos não sendo os mesmos nesse fluxo constante. Daí o domínio do momento sobre a continuidade e a permanência, pois a realidade não existe estável e coerente, mas em vir-a-ser, em curso, em metamorfose, em crescimento e decadência. O método impressionista, assim, é a captação do momento, do fragmentário, instável, móvel, subjetivo. A própria noção de tempo modifica-se acompanhando a transformação da experiência da realidade, pois é através do fluir do tempo e da soma dos diversos momentos de nossa mutável realidade existencial que se logra a integração da vida espiritual. O presente é o resultado do passado, ressuscitemos pois o passado, recordando-o, revivendo-o. A filosofia de Bergson e o romance de Proust constituem os marcos desas teorias.

A técnica literária impressionista, arte de cunho pictórico, consiste no "pontilhismo" e "divisionismo", é uma pintura com palavras, acumulando sensações isoladas e detalhes de aparências efêmeras, uma gota de chuva, uma linha melódica de som ou de cor, uma nesga de memória apreendendo a realidade não em estado de repouso, mas nas impressões e na captação afetiva de aspectos do real. O estilo impressionista é dotado, assim, de uma qualidade fugitiva. A narrativa, o enredo, a seqüência de causa e efeito entre os eventos e os indivíduos são substituídas pelo registro dos estados de alma, emoções e sentimentos, de acordo com a lógica subjetiva, pessoal, vaga. O que se procura surpreender é a essência do momento, incidente ou paisagem, graças a uma captação instantânea do estado de alma do artista ou do espírito do observador, das intermitências do coração ou da memória, que ou são capturadas instantaneamente ou desaparecem. Além disso, o instante é percebido visualmen-

te, valorizando-se os efeitos da cor e das tonalidades. A própria estrutura da narrativa é reformada, pois não são os acontecimentos que importam acima de tudo, porém o deleite das sensações e emoções criadas, subordinando-se a coerência, a unidade e o suspense à atmosfera, às sensações, às cores e qualidades tonais. As convenções tradicionais da narrativa, o efeito total, os elementos literários cedem lugar aos aspectos pictóricos. As massas quebram-se em detalhes, daí certa impressão de vago, difuso, obscuro, sem começo e fim. A Natureza é inventada ou interpretada, antes que vista e descrita objetivamente. A onipotência da Natureza cede à liberdade artística.

Além dos traços gerais, a arte impressionista criou um estilo, uma concepção lingüística adequada à reprodução do instantâneo e único. A linguagem usada pelos escritores impressionistas compreende a impassibilidade e a impersonalidade, uma sintaxe esquemática oposta à sintaxe estruturada tradicional, abandonando a estrutura regular da frase, a ordem lógica, as ligações conjuntivas subordinantes e coordenantes, as conjunções; usa a ordem inversa e o anacoluto, o modo imperfeito, a metáfora e o símile, o colorido e a sonoridade. É uma linguagem expressiva da fantasia e da imaginação, que recebeu a denominação de *écriture artiste*.

Foi a estética formulada pelos Irmãos Goncourt, na França, que fixou o impressionismo, libertando a Literatura do Naturalismo pela ênfase na forma artística. Consideram-se eles, destarte, os fundadores e representantes máximos do novo estilo. E se Manet, Degas, Monet, Renoir são alguns dos mais notáveis pintores impressionistas e Debussy, Ravel, os músicos mais importantes da escola, em Literatura destacam-se Pierre Loti, Henry James, Joseph Conrad, Anton Tchecov, Stephen Crane, Marcel Proust, Katherine Mansfield, sem falar nos elementos precursores encontrados na técnica estilística de Flaubert, Baudelaire, Verlaine, Daudet.

## O IMPRESSIONISMO NO BRASIL: POMPÉIA

No Brasil, o Impressionismo triunfou na obra de uma das mais nobres expressões da Arte literária entre nós: Raul Pompéia. Por colocá-lo em posição do mais alto relevo em nosso panteão de glórias é que me sinto feliz, senhores acadêmicos, pela coincidência que me reservou a fortuna ao fazer-me

ocupar nesta Casa ilustre a Cadeira que o tem como patrono, ele que foi, para Capistrano de Abreu, o único dos seus contemporâneos que lhe dera a impressão de gênio.

E ainda mais feliz me sinto, e mais que isso, orgulhoso, por ter sabido compreender a sua posição, na História literária que tive a satisfação de planejar e dirigir, quando foi pela primeira vez devidamente valorado. Até antes, a crítica tradicional, desarmada de métodos e instrumentais adequados à análise do fenômeno literário em si mesmo, na sua qualidade estética intrínseca e no estilo, demonstrava-se incapaz de penetrar casos singulares como o de Raul Pompéia. Por isso viveu a repetir-se, definindo o autor de *O Ateneu* como um naturalista ou um realista, e ainda em trabalhos recentes se insistiu nessa gratuita interpretação. Afortunadamente, a nova crítica soube trazer a revisão segura da classificação de Pompéia, naquela obra, pela pena de Eugênio Gomes e Xavier Placer.

Se, para a identificação estilística de um autor devemos levar em conta não apenas uma característica, mas uma constelação de elementos ou signos predominantes, Raul Pompéia enquadrou-se perfeitamente no esquema impressionista, sobretudo realizado pelos Goncourt, cuja obra e estética lhe serviram de modelo. A sua "crônica de saudades" obedece à técnica da recuperação do passado, que seria usada pelo impressionista Proust em busca do tempo perdido e como um recurso para encontrar a essência da personalidade. A análise interior e a introspecção condizem nele com a preocupação da escola quanto ao aspecto psicológico. A "escrita artista" veicula a sua obsessão da cor, a que subordina até a solução das metáforas e da sintaxe. Era um visual, atraído pelos gestos, ritmo, movimento, e pelas diferenças de matizes corados, e inclusive na caracterização dos personagens, graças à técnica da caricatura, em que se mostrou exímio. Mas também um auditivo, sensível à "emissão de um som prolongado, a crepitar de consoantes, alteando-se ou baixando, conforme o timbre vogal". Dominava-o a caça às sensações que registrava com volúpia, como bom discípulo dos Goncourt, o que o sensibilizaria para certas impressões fugazes, que ele próprio referiu na sua obra-prima, aquelas "reminiscências sonoras que ficam perpétuas", falando uma linguagem que faria inveja a Marcel Proust.

Não se restringe a *O Ateneu* a técnica impressionista em Pompéia. A sua abundante produção de crônicas, contos, poemas em prosa ou canções sem metro, que estou em vias de recolher para publicação em volume da Biblioteca Luso-Brasileira, juntamente com seus artigos políticos, documentam-lhe as preferências estéticas.

De qualquer modo, a técnica impressionista espalhou-se, penetrando aqui e ali na Prosa e Poesia, invadindo o século XX, com obras significativas, como estoutra inclassificada, *Canaã*, de Graça Aranha, sem falar da impregnação impressionista no próprio Machado de Assis e em Coelho Neto e Afrânio Peixoto, para afinal vir a dar no grande desaguadouro de Adelino Magalhães. Assim, de 1890 a 1915, o Impressionismo cria um período estilístico, sem limites precisos e rigorosos, mas de fisionomia bem caracterizada, com expressões na Arte literária, na Crítica, e paralelamente nas demais artes, sobretudo na Pintura de Eliseu Visconti, Rodolfo Amoedo, Helios Seelinger e outros.

## DOMÍCIO DA GAMA

Ao clima impressionista deve ainda a Literatura Brasileira a obra de Domício da Gama, o primeiro ocupante da Cadeira para que fui eleito, o qual certamente cedeu aos imperativos de secretas e inconscientes afinidades espirituais e estéticas com Pompéia, quando se bateu para tomá-lo como patrono, logrando que Rodrigo Octavio lhe cedesse, depois de o ter escolhido. Curiosa figura a desse brasileiro, escritor e diplomata, cuja personalidade avulta distância num quadro junto a amigos que se chamaram Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Eça de Queirós, Eduardo Prado, Magalhães de Azeredo, Barão do Rio Branco. Os testemunhos falam alto das excelências de suas qualidades bafejadas, ainda pelo calor da deusa fortuna, que o colocou, desde o início, na senda de uma próspera carreira. Menino ainda, já os seus dotes intelectuais despontaram, ao liderar um grupo de companheiros em um grêmio literário. Logo após, integrou a *Gazeta de Notícias*, aquela verdadeira academia que Ferreira de Araújo organizara sob a égide do escol intelectual do tempo. Aí, Domício afia as armas, apura a inteligência, aprimora o instrumental. Outra grande oportunidade o coloca em Paris, na roda de Eduardo Prado e Eça de Queirós. Eram as duas últimas décadas do século XIX, e a batalha estética travava-se com estrépito. Domício não era de temperamento inclina-

do à controvérsia, nem às lutas de proscênio. Tampouco o seduziriam as tintas fortes e as pinceladas grossas com que o Naturalismo se impunha. Sua armadura artística e sensibilidade requeriam outros processos de realização, mais de acordo com sua natureza retraída e tímida. Não lhe deve ter sido difícil encontrar a família impressionista, a cuja estética se filiou. Falam por si as suas crônicas, e, sobretudo, os contos dos volumes de *Contos a Meia Tinta* e *Histórias Curtas*. Os próprios títulos denunciam a estética do entretom, da meia tinta, concisão, sugestão, contenção de linguagem, expressão branda levemente sussurrada, dita baixinho, captando impressões sutis e requintadas de paisagens sombrias e silenciosas. Os seus contos são expressões de Arte velada criada à sombra da memória, saudade, melancolia, filtrada através de uma sensibilidade esquiva, Arte de nuances e meia-luz, de atmosfera e transfiguração, Arte sem contornos, vaga, imprecisa e indecisa, Arte do fragmento e instantâneo.

* * *

A linha impressionista que constituiu, assim, a tradição da Cadeira 33, pelo patrono e fundador, teve que ser interrompida para dar lugar ao segundo ocupante, Fernando Magalhães, mas quis o destino que o fio fosse retomado, pouco adiante, com Luís Edmundo.

Unindo Letras e Ciências, o que é uma tradição desta Casa, elevando a Arte da eloqüência ao ápice de uma perfeição em que singulares qualidades vocais e dotes oratórios se ajustavam a um estilo adequadamente tratado, Fernando Magalhães honrou o gênero como os que melhor o fizeram.

## A REBELIÃO SIMBOLISTA

Já em 1899, fazia Luís Edmundo parte do grupo de jovens que constituíam a brigada de choque simbolista no assalto às casamatas parnasianas. Desde o começo da década de 1890 rolava a onda simbolista, como uma revanche da subjetividade, interiorização, espiritualização, individualismo. Eram decadentistas que se reuniram em torno do jornal *Folha Popular*, em 1891, no Rio de Janeiro, do mesmo modo que na *Padaria Espiritual*, em 1892, no Ceará, em nome de novos ideais estéticos, e que tiveram em 1893,

com a publicação de *Missal e Broquéis*, de Cruz e Sousa, o seu grande momento. Eram excêntricos, atraídos pelo hieratismo gramatical, pelo gosto da Mitologia, Ocultismo, Misticismo, Metafísica, forças invisíveis, magia, satanismo, expressão indireta e simbólica.

É o próprio Luís Edmundo, em *O Rio de Janeiro do meu Tempo*, quem evoca a fase em traços pitorescos:

> Quando o século começa, as hostes novas da nossa Literatura vivem assanhadas pelo Simbolismo. É a moderna escola. É a dourada esperança de um grande renascimento literário. Vão ruir por terra – diz-se – as tendências ronceiras que dominam as elites intelectuais. O que não pode continuar – acrescenta-se – é essa Arte de representação direta, prosaica e vil que se chama Realismo na prosa e Parnasianismo na Poesia. Novas maneiras para criar a emoção! Processos novos para apresentação de uma forma simples, natural e de todo contrária à habilidade dos malabaristas das Letras. Guerra aos ignaros copiadores das Odes *funambulesques e dos Trophées*, de um lado, e, de outro lado, violenta oposição à prosa dos que vivem de ancinho de ouro a remexer o lixo vil das sensações terrenas... Entre dez moços que fazem Literatura oito pensam assim.

Os processos de que se utilizam os paladinos da nova idéia são os mesmos de sempre a caracterizar a antropofagia das gerações novas: a irreverência, o desrespeito pelos consagrados do tempo, a ânsia de alarmar o burguês. Múmias, deuses de pés de barro, e outros epítetos muito mais contundentes eram atirados a Machado de Assis, Coelho Neto, Veríssimo, Bilac, arrolados como a "bilacada". Os franceses também se incluíram na degola, Victor Hugo, Leconte de Lisle, Banville, Coppée, Zola, cedendo ao culto de Baudelaire, Verlaine, Mallarmé, Paul Fort, Samain, Verharen...

## LUÍS EDMUNDO

Nascido em 1878, tinha Luís Edmundo 21 anos quando, em 1899, foi encarregado por Cardoso Júnior da direção da *Revista Contemporânea*, uma

dentre as muitas publicações de vanguarda em que foi fértil o Simbolismo brasileiro. Durou a revista de 1899 a 1901, e esses periódicos efêmeros, depõe Edmundo, são em geral, caóticos, confusos, não raro contendo manifestos literários, que são ridículas e fofas declarações de guerra a líricos, a parnasianos e a realistas, formando uma trincheira onde se encastelam soldados vindos de toda a parte, amigos e inimigos, mas que vivem, somente, a dar tiros para o ar... E comenta o saudoso memorialista: "Anhelo de todo novo, anseio natural de demolir, contrário à ânsia de conservar, de todo velha. Rinha de frangão com galo feito, brigando por um galinheiro onde as galinhas são poucas. Luta, porém, até certo ponto, simpática, denunciadora de mocidade e de vida."

## A BOÊMIA E O "NAVIO DA LAPA"

A preocupação de espantar o burguês e violentar os hábitos literários dominantes traduzia-se não apenas nas idéias estéticas e técnicas artísticas intrínsecas, nem tão-somente na pura demolição dos ídolos da hora, mas também nos processos gráficos de apresentação de livros e revistas, sob forma bizarra e original, em várias cores e formatos extravagantes.

Os novos decadentistas ofereciam ainda outro feitio na sua atitude de rebeldia contra os cânones estilísticos e sociais estabelecidos. Sua maneira de reagir incluía a boêmia e o socialismo. Ledores de Bakunin, Kropotikin, Marx, seus ídolos eram quem quer que tivesse programa de violência, para dinamitar a sociedade moderna, e admitiam o punhal e a bomba contra as injustiças e preconceitos de um mundo antinatural e estúpido. Conta Luís Edmundo que um certo caricaturista francês, fugido da pátria para não fazer o serviço militar, tinha escondidas no quarto de Santos Maia duas bombas, cujo destino circulava aos cochichos nas rodas boêmias. Uma, dizia-se com ares sinistros de conspirador, era para o chefe de polícia; quanto à outra, envolvia-se em mistério, e só mais tarde se veio a saber se destinava a certo Alberto Pereira da Silva, alfaiate com loja num sobradinho na Rua da Constituição, a quem os boêmios revolucionários deviam os cabelos da cabeça. É que os moços podiam muito bem ter por divisa os versos do colega

Rafael Pinheiro: "Como tu andas agitando as massas sem nem ter as massas na algibeira."

A época do começo do século pertence à boêmia intelectual e é da Literatura feita e vivida nos cafés, à imitação da intelectualiade francesa da *rive gauche* e de Montmartre. O Café Paris, a Paschoal, a Colombo, o Papagaio, o Lamas reuniam elegantes, boêmios e intelectuais, cada grupo com as suas preferências e pontos prediletos, sem falar na porta das livrarias, sebos e jornais. Era a *belle époque*, época frívola, descuidada, de alegria de viver, da confiança no presente e no futuro. A República se consolidara com a estabilização financeira e o esmagamento da reação monárquica e militar e da revolta sertaneja. O Rio tornava-se uma cidade moderna, graças a Pereira Passos, Osvaldo Cruz, Paulo de Frontin, urbanizando-se e assumindo-se pose de metrópole internacionalizada. Os escritores gozavam de largo prestígio, atraindo para si e a Literatura as atenções de uma sociedade que se requintava nas viagens à Europa e numa vida de luxo, prazeres e cultivo do espírito nos salões, à custa das liberalidades cafeeiras. Vivia-se a Literatura, não somente os escritores, mas também um público ávido de conferências, polêmicas ou saraus literários com declamação e exibição dos maiorais das Letras. Muitos dos participantes das rodas literárias faziam-se respeitar ou temer menos por alguma obra de valor do que pela agitação que produziam, capacidade de compor epigrama e inventar piadas ou de destruir reputações. A maioria distinguia-se pelas vestimentas ou ademanes de elegância, ditados pela moda de então, o fraque e o chapéu-coco, bigodeiras, o monóculo, as polainas, o colarinho alto, a gravata de plastrão. O que, porém, mais emprestava caráter à vida literária era a boêmia à imitação do montmartrismo. Vindo de todo o país, pobres, os intelectuais levavam existência excêntrica, de costumes bizarros e chocantes, passando a maior parte do tempo em cafés, inclusive aí escrevendo seus versos queridos ou tolerados pelos proprietários, em vista da notoriedade que assim adquiriam os estabelecimentos.

Exemplo típico da vida boêmia da primeira década do século é o Navio da Lapa. Velho casarão na Lapa estava abandonado pois ameaçava desabar a qualquer momento. Imaginaram, então, vários intelectuais boêmios, tendo à frente Martins Fontes, tomá-lo de assalto, arrombando-lhe a porta e fazendo dele a sede do grupo. Como navio em mar alto, o assoalho balançava, o que

lhe valeu o nome. Estabeleceu-se verdadeira organização naval com oficiais de dia, ordens de comando, livro de bordo. O oficial a quem se aproximava, perguntava sempre "Quem vem lá?", a que o visitante devia responder com a senha, em geral o nome de um dos grandes poetas da devoção do grupo. Não sendo conhecido, a entrada era barrada ao intruso, nem que fosse necessário o recurso à força. Segundo o testemunho de Edmundo, durou mais de um ano o Navio da Lapa, com Martins Fontes no comando.

Uma vez, no carnaval, saiu o grupo com o comandante, e em pleno mar, isto é, na rua cheia de foliões, encontrou outro navio apinhado de crioulos, e, à ordem de abordagem lançada pelo chefe, o sururu se formou.

Luís Edmundo era figura habitual das rodas intelectuais boêmias. Bonitão, elegantíssimo, no seu porte de quase um metro e noventa, de pernas tão compridas que antes pareciam andas, sempre trajado no rigor da moda, com um indefectível monóculo, era um dândi, exímio dançarino, enamorado das mulheres, disputado por elas, com a alma e a Poesia aos seus pés, pondo-as em polvorosa nas festas ou no *footing* das cinco horas na Avenida ou na porta da Colombo. Era um furor. E, de fato, foi derradeiro representante da geração literária do Dandismo.

Na Secretaria da Academia, figura atualmente a tela de Marques Júnior, que pertenceu a Edmundo, e que representa uma sessão da Sociedade Brasileira de Homens de Letras, por volta de 1914, na qual aparece ele em meio à fina flor da intelectualidade da época.

## A POESIA IMPRESSIONISTA DE EDMUNDO

Desde os dezenove anos penetra Edmundo na vida literária. Sua vocação para as Letras vinha dos dez ou onze anos, quando, de colaboração com um garoto da vizinhança, planejou a representação de uma peça de teatro. Brigando com o companheiro, e como era dono do teatro, um canto de porta, resolveu montar a peça sozinho, um dramalhão com muito choro e fugas de moças, e, como não havia pano de boca a descer, depois de morto ressuscitava para encerrar o espetáculo. Comentava mais tarde, "era a graça única da peça".

Em 1899, publicou em *O País*, com honras de primeira página, um soneto que compusera para um concurso mas que não enviara. Teve três

padrinhos literários, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque e Artur Azevedo, e, com tais credenciais, foi incorporado ao grupo chefiado por Olavo Bilac. Lança, então, seguidamente, os seus livros de versos, *Nimbus*, em 1899, *Turíbulos*, em 1900, *Turris Eburnea*, em 1902, para mais tarde, em 1907, reunir a produção poética no volume das *Poesias* (1896-1907).

Torna-se extremamente popular e o seu soneto "Olhos Tristes" todo o mundo sabia de cor, declamando-o nos salões.

Nascido intelectualmente sob o signo do Simbolismo, em cuja revolução tomou parte, Edmundo não fugiu contudo à pressão parnasiana, exercida onipotentemente pelo seu ídolo e chefe de grupo, Bilac. Poesia amorosa a sua, viu nela José Veríssimo "muito mais eloqüência, ênfase, pompa, que sentimento no sentido poético desta palavra", embora reconhecendo-lhe "uma bela pompa" e "concepções de uma beleza mais alta e de uma Arte mais nobre que as nossas vulgares cantigas de amor".

Mas a verdadeira compreensão da posição que a poesia de Luís Edmundo ocupa em nossas Letras só mais tarde seria possível. Era uma poesia que oscilava e hesitava entre os dois sóis do Parnasianismo e do Simbolismo, como a querer fugir de ambos à procura de uma zona de sombra e eclipse. Era uma poesia intermediária, que ocupou toda uma época imprecisa de transição e sincretismo, a dos anos anteriores ao Modernismo, e que se traduziu pelo Impressionismo e pelo Penumbrismo, misturando elementos simbolistas e parnasianos, idéias de um e forma de outro, mas, ao mesmo tempo, reagindo contra ambos e prenunciando uma nova era estética. Hermes Fontes, Goulart de Andrade, Pereira da Silva, Olegário Mariano, Augusto dos Anjos, Gilka Machado, Marcelo Gama, Luís Edmundo e vários outros marcaram essa fase de indecisão indeterminada, sincretismo, uns pendendo mais para o Parnasianismo, outros para o Simbolismo, abrindo o caminho para os pioneiros do Modernismo, como Manuel Bandeira e Mário de Andrade, ou como Ribeiro Couto e Ronald de Carvalho, que superaram em si mesmos aquela fase, em demanda da nova estética.

Luís Edmundo foi um poeta de cunho impressionista, e a primeira definição coube a Alceu Amoroso Lima, em artigo de 1919. Nesse ponto, posso dar mais esse testemunho em homenagem à sagaz visão crítica do grande mestre revelada em tantos problemas de nossa Literatura. Estava já deli-

neado este trabalho, Luís Edmundo enquadrado, conforme a minha perspectiva no esquema impressionista, quando se me deparou um ensaio seu sobre o poeta, no qual registrava esse feito. Distingue ele a poética de Luís Edmundo como tecida de impressões pessoais mais que de sensações, tudo à flor da terra, esfumando-se em meias tintas, sob uma atmosfera enevoada, com manchas impressionistas em que o próprio sol se vela, esbatendo-se. É uma Poesia elegante, suave, agradável, traindo sensações vagas, fugazes, incertas, superficiais, visões rápidas, sem análise, instintivas. Seu painel é leve, seu colorido esbatido, a tonalide suave e os sentimentos delicados.

> Fiz deste nosso amor um sonho perfumado
> Tão tranqüilo, tão bom, tão casto e tão profundo,
> Que cheguei a esquecer a maldade do mundo
> Sem ver que eras mulher e que eu estava ao teu lado!

Assim, dos sentimentos, como das paisagens, essa poesia elegante fala sempre em tom leve, em impressões superficiais, revelando um temperamento artístico, inclinado menos para as glórias do oceano do que para a humildade do regato, como ele mesmo o disse num poema. É um impressionista que fez Impressionismo sem o saber, e que teve de esperar pela evolução das teorias críticas para ser devidamente compreendido e valorado.

Nessa poesia de sensações fugazes e superficiais do Impressionismo predominam o elemento de subjetividade e a experiência humana e sensorial, reproduzidos objetivamente e com toda a fidelidade, daí a mistura de Parnasianismo e Simbolismo que há nela, diversamente da poesia puramente realista. O Impressionismo possui um elemento de subjetividade, que é a própria sensação, e outro de objetividade, a reprodução fiel desta sensação, através de um temperamento. A impressão viaja do objeto para o espírito do artista, e é aí instantaneamente captada e gravada. O estilo, no Impressionismo, como ensinaram os Irmãos Goncourt, mestres também de Luís Edmundo, como ele mesmo confessou, é a maneira de exprimir a própria sensação em todos os detalhes. As palavras assumem valor pictórico, são palavras ricas de colorido, cromatismo e pitoresco. As frases pintam, pela própria cadência e estrutura, e pela abundância de adjetivos, escassez de verbos e conjunções, repetições e

insistências a marcar os pontos salientes do quadro. Vejamos seu famoso poema dos "Olhos Tristes":

Olhos tristes, vós sois como dois sóis num poente,
Cansados de luzir, cansados de girar,
Olhos de quem andou na vida alegremente
Para depois sofrer, para depois chorar.

Andam neles agora a vagar lentamente,
Com as velas das naus sobre as águas do mar,
Todas as ilusões do nosso sonho ardente.
Olhos tristes, vós sois dois monges a rezar.

Ouço ao vos ver assim, tão cheios de humildade,
Marinheiros cantando a canção da saudade
Num coro de tristeza e de infinitos ais.

Olhos tristes eu sei vossa história sombria
E sei quanto chorais cheios de nostalgia,
O sonho que passou e que não torna mais!

O teor dessa poesia é uma tristeza sem amargor, expressão de um estado de alma, traduzido graças a um ritmo lento e ondulante, que desliza de mansinho, com um conteúdo estranhamente evocativo e através de uma linguagem de suave musicalidade, mais de cochilo que de declamações, feita de murmúrio e matizes, própria a pintar a sensação e a captar a fluidez e o movimento.

## O CRONISTA DO RIO DE JANEIRO

Luís de Melo Pimenta da Costa, Luís Edmundo nas Letras, nasceu na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, en 1878, e, sem embargo das diversas viagens que fez à Europa como resultado de sua atividade de corretor de companhia francesas de navegação, profissão que exercia ao lado do Jornalismo, no *Correio da Manhã*, no qual o acolheu desde o princípio Edmundo Bittencourt, permaneceu um carioca apaixonado de sua cidade. Sentindo que

o estro poético se lhe esgotara, transferiu o lirismo e o amor ao ritmo para um prosador que se transformaria no grande cronista da cidade. O boêmio e o poeta foram substituídos pelo homem de gabinete, numa evolução através de quinze anos, que poderá parecer contraditória, pois quem o visse na sua biblioteca da Tijuca, nos últimos anos, jamais representaria naquele homem, quieto e pacífico bibliófilo e pesquisador do passado, o poeta boêmio de outrora, que se pintara a si mesmo, num poema, a correr atrás da Manolita apressada que "indiferente e veloz nem vê minha alma, abrasada que a segue pela calçada".

O gosto da Poesia-pintura deu-lhe a graça de contar. Alberto Rangel despertou-lhe a vocação da História, e, depois a leitura do seu livro sobre a famosa Domitila, escreveu as duas peças *D. João VI* e *Marquesa de Santos*.

Tomou-se de paixão pelo século XVIII e imaginou um vasto painel do Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis, ao que foi desaconselhado, em vista da dificuldade de documentação, escassa em relação àquela época. Foi a Portugal, remexeu os arquivos, bibliotecas e conventos de províncias, depois à Espanha, logrando, no entanto, reunir um material farto, inclusive iconográfico, e atirou-se ao trabalho.

Vindo a lume, o livro obteve êxito absoluto, de crítica, de público, de venda. Descobrira um filão fecundo, e não teve dúvida em explorá-lo. De 1932, data do primeiro, salta para 1942, quando lança a segunda obra da série, *A Corte de D. João no Rio de Janeiro*. Da evocação social dos últimos anos da era colonial, passa para a pintura da vida pitoresca e íntima da corte portuguesa no Brasil, soberanos e nobres, ministros e fâmulos, crianças, adultos e velhos do tempo e da roda do rei fugitivo, retratados nos aspectos físicos e morais e nos costumes, por um miniaturista exímio, a que não faltavam, outrossim, a verve e a ironia.

Ainda aqui o Impressionismo de Luís Edmundo presta-se como uma luva aos seus objetivos e cria a sua maneira. Sua obra não é de historiador estrito, mas de um cronista. Os dons de poeta mantêm-se-lhe presentes na evocação do passado, e a imaginação não o abandona, antes lhe serve de instrumento na fixação e interpretação da realidade, esteja ela nos indivíduos, cidades, ruas, sentimentos ou hábitos. Não são obras graves e sisudas de História. São antes livros de memória, baseados no documento, mas libertan-

do-se deles, como o pintor impressionista, pela imaginação e impressões pessoais. São livros de homem de letras, evocando um tempo antigo ou a época contemporânea sem o rigor do método propriamente histórico. A História não é Ciência, em sua pena, mas antes um meio para escrever uma obra artística, de restauração do passado. Há muito episódio divertido, uns quantos tipos caricaturados, comentários espirituosos às pencas, que fazem dos livros de Luís Edmundo nesse terreno obras de grande atrativo, maior do que de muito historiador no sentido rigoroso do termo. A liberdade que se dava no tratamento dos assuntos proporcionou-lhe um à vontade, uma despreocupação de que lucrou a movimentação do livro, aproveitando-se disso, também, o seu espírito sarcástico e até irreverente. Dizia ele que costumava trabalhar com alegria, tal a paixão que adquiria pelo tema. E essa alegria sabia comunicar ao que escrevia, resultando livros divertidos, em que o passado como que se agita aos nossos olhos, com a franqueza e independência de um espírito que, como todos os de sua geração – uma época que proclamara a morte de Deus e se educara sob os ecos da apóstrofe de Renan, "ó abismo és o único Deus" –, era forrado de um fino cepticismo, além de isento de sectarismo na apreciação dos homens, costumes e acontecimentos. Porventura não é com esse estofo que se têm escrito alguns grandes livros? E não terá sido essa a razão que levou João Ribeiro a considerar grande livro de verdadeira História nacional a sua crônica do tempo dos Vice-Reis?

O êxito dos primeiros estimulou-o a explorar ainda mais o gênero. No modelo de seus mestres, os Goncourt, do mestre dos seus mestres, Saint-Simon, lançou-se à crônica de seu próprio passado e da vida de sua cidade no tempo em que a viveu. *O Rio de Janeiro de Meu Tempo*, continuado pelas *Memórias*, é o registro despretensioso de episódios e costumes da cidade tal como ele a testemunhou, a que se vieram juntar outros volumes sobre o Rio de outrora, casos e impressões descritos à sua maneira, em *Recordações do Rio Antigo* e *Olhando para Atrás*.

## NACIONALISTA MANSO E CAMARADA

Adquiriu Luís Edmundo reputação de extremado chauvinista, o que ele mesmo admitia, apenas acrescentando a qualificação de "manso e camarada", que não se interessava por "lisonjear as vaidades patrióticas".

Na última década do século passado, quando se processava sua fase mais aquisitiva de formação intelectual, assistiu a uma das mais fortes ondas de Nacionalismo antiluso em que tem sido fértil a nossa História. Por culpa de nossos antigos colonizadores, inconformados com a perda da presa fértil, houve sempre movimento desse tipo, desde a Independência, em reação às tentativas de subjugar-nos o espírito de autonomia. Depois da República, sofremos uma dessas fases de exacerbação da intromissão portuguesa em nossa vida interna. No terreno intelectual, houve uma revanche da mentalidade colonialista, procurando orientar-nos pensamentos, interesses e conduta e dirigir-nos os passos, no falso pressuposto que não tínhamos capacidade para agir por conta própria e que ainda constituíamos uma unidade cultural, falácia que leva muitos publicistas de além-mar a acreditar que o que serve para um se deve estender ao outro e a falar na primeira pessoa do plural quando se referem a problemas que julgam comuns.

Assim ocorreu no decênio final do século XIX, como está testemunhado por Araripe Júnior, e como se pode julgar pelos trabalhos de Raul Pompéia, Rodrigo Octavio e do próprio Araripe, entre muitos. Os principais órgãos da imprensa eram ocupados maciçamente por porta-vozes do antigo imperialismo, insuflando no público o veneno do pessimismo e derrotismo contra o Brasil. Nosso País era considerado incapaz de construir uma civilização, porque habitado por uma raça inferior, anêmica, raquítica, sem vontade e com nervos à flor da pele, deprimida, arruinada pela doença, mestiçagem e ignorância.

Ainda naquele tempo, a fisionomia mental brasileira escapava aos portugueses, que não tomavam a sério o Brasil. Para a inteligência lusa o Brasil não contava, nem no aspecto material, nem no seu desenvolvimento intelectual, a ponto de um escritor de além-mar, Bruno, um dos primeiros a se voltar com simpatia para nossa cultura, declarar: "A mais completa ignorância das coisas do Brasil, das suas aptidões, dos seus homens políticos, de sua Literatura, dava cabimento a extravagâncias de tal ordem que só podiam ser respondidas com apodos e represálias truculentas."

Com os maiores espíritos de então, Luís Edmundo formou o seu nacionalismo, que cultivou a vida toda. Ao contrário dos pessimistas estrangeiros, recebeu ele de seus compatriotas uma mensagem de fé no País, o qual demonstraria, em meio século, extraordinária capacidade de realização e

desenvolvimento, e no seu povo, que provaria a aptidão para todos os progressos, com qualidades diferenciais mui dignas de cultivo e atenção, graças às quais daríamos e estamos fornecendo ao mundo uma contribuição original.

Nossa Literatura é um exemplo dessa capacidade criadora. E Edmundo sentiu-lhe bem precocemente o caráter autônomo, verificação idêntica à que levou Domício da Gama, aos dezoito anos, a fundar um grêmio de jovens para afirmar a existência de uma Literatura nacional independente. O conhecimento do nosso folclore mostrava-lhes a novidade ou as qualidades novas da Literatura nacional desde o início nos séculos XVII, e quanto ao pensamento, à temática, aos sentimentos, "uma Literatura nossa, extremada, independente da portuguesa", no dizer de Clóvis Beviláqua.

Mas foi a diferenciação lingüística a que mais impressionou Edmundo, de modo a apaixoná-lo em todas as oportunidades em que veio à ribalta a discussão do problema, sempre o encontrando na trincheira de defesa da maneira brasileira de escrever, embora, como assinalou Viriato Correia, sua pena mergulhasse com mais freqüência nas tintas lusitanas. Ele mesmo confessou ao seu amigo as preferências pela forma nacional:

> "Ah! como eu quisera escrever brasileiro como vocês escrevem! Quisera, mas não posso. Culpa de meu pai, que assim me educou. Meu filho, como os de sua geração, não será assim. Minha infância e minha adolescência foram invadidas, encravilhadas pelos clássicos lusos. Saí da forma como sou. Além disso é preciso contar com o ambiente português em que sempre vivi, parentes e amigos portugueses. Viagens a Portugal. Muitas viagens! Às vezes, é confissão sincera, tento escrever como vocês, brasileiramente, mas nada sai. Não mudo. É como se quisesse mudar a cor dos meus olhos!"

Era o reconhecimento do fenômeno da diferenciação linguística, paralelo ao da autonomia literária e ao da formação histórica especificamente nossa, que fez dele um historiador brasileiro do Brasil, no dizer de Viriato Correia.

## UM BRASIL BRASILEIRO

Esse Brasil brasileiro coube à República dar-lhe a última demão, para fazer com que em nosso tempo o País atinja a sua fase de maturidade e maio-

ridade de civilização. As forças de seu gênio manifestam-se por toda a sorte de maneiras originais, provando eloqüentemente a grandeza do povo, desmentindo os conceitos pessimistas, e se a Nação se contorce, ainda, em dificuldades, estas refletem apenas as dores masculinas do desenvolvimento de sua forte personalidade.

Só há que lamentar no atual estágio, a muitos olhos parecendo como crítico, certa defasagem entre o progresso material e intelectual e o das instituições políticas e administrativas. Enquanto o povo oferece ao mundo demonstrações da mais alta afirmação e eficiência em vários setores, mostrando-se cada vez mais politizado e consciente de seus interesses e dos métodos democráticos de resolvê-los, levantando quase todos os campeonatos mundiais no esporte e conquistando as maiores láureas artísticas; e enquanto a cultura e as Letras dão prova de extrema vitalidade, a cúpula política e administrativa, com raras exceções, revela-se completamente fracassada, inteiramente fora do tempo e necessidades do País, incompetente e desaparelhada para dirigi-lo, dando a impressão de que representa o fim de uma classe dirigente que não sente a terra fugir-lhe aos pés. O Brasil vive um momento revolucionário, e só não o vê essa elite, insensível, inatenta, indiferente a que o processo se concretize à sua revelia.

Não há qualquer sombra de xenofobia em reconhecer a necessidade de sermos brasileiros, como o fez Luís Edmundo.

Defronta-nos atualmente apenas um dilema: ser brasileiros ou antibrasileiros. A própria oposição direita-esquerda, que tanto devastou as atuais gerações, está superada. É-nos de todo indiferente a ambição das duas nações, que se digladiam pelo domínio do mundo, conflito idêntico a tantos outros do passado na política das grandes potências mundiais.

O que nos interessa é o Brasil, é dar solução brasileira aos nossos problemas, eqüidistantes de Cuba e da Argentina, é pensar o Brasil, afirmá-lo, consolidar-lhe as forças vitais, harmonizar-lhe a vida interior, favorecer uma existência feliz e confortável, livre de sofrimentos e angústias, para o povo. Só um fanatismo deve mover-nos, aquele fanatismo da esperança de que falou Mirabeau.

## O AMOR DAS DUAS CIDADES

O artista Luís Edmundo, o poeta da adolescência, transferiu a sensibilidade estética para o amor da cidade natal, e tornou-se o seu cronista, na obra

da idade madura, estudando- lhe a engrenagem peça por peça, seus órgãos, funções, vida passada.

O adorador do Rio de Janeiro sabia a razão de seu bem-querer. Ninguém mais carioca do que ele, e nenhum conhecia melhor os segredos desta metrópole admirável, única no Brasil isenta de espírito provinciano, sempre pronta a reagir pelo humorismo e pela sátira contra os ridículos humanos e as trapaçarias de certos políticos, rica de entusiasmo generoso e prodigalidade justiceira, alegre e cordial, democratizante na sua tendência a favorecer a igualdade dos benefícios, excitante pela sua vida nervosa, mas tranqüila e fácil no modo de sua gente flanar pelos bosques e praias, cidade feminina, de graça sedutora e temível, desinteressada e ardente, capitosa e aconchegada, que se faz amar como uma mulher. Centro nervoso e cultural do país, jardim de aclimatação, pela sua vocação assimiladora ela atua como órgão de unificação intelectual, verdadeira bomba de sucção atraindo de todos os escaninhos da Nação as forças vivas e as seivas regionais com as quais plasma essa consciência e essa fisionomia intelectual una que o nosso passado oferece. Não são as histórias literárias particulares que representam o Brasil, mas o amálgama de todas realizado nesse extraordinário laboratório humano e social que é o Rio de Janeiro no Brasil. E por não terem passado pela etapa carioca, muitos políticos provincianos jamais lograram mentalidade federal ou nacional, alguns se revelando afinal prejudiciais ao País, pela ausência desse caráter universalizante da educação política que se adquire nas praças públicas e nas redações de jornais da velha capital.

Jamais ela perderá essa função brasileira de capital de fato, em que pese a ter deixado de ser capital de direito.

E é lamentável que um país com tantos problemas de maior premência viesse a esbulhar de seu antigo papel uma cidade que tem todas as qualidades materiais e espirituais para ser a capital, e que ainda acabou de dar prova dessa superioridade entregando o seu posto, entre folgazã e chocarreira, sem reagir, como a ter certeza de que o futuro lhe daria razão com o fracasso da aventura nababesca no planalto, responsável pelo maior entrave na tão complicada administração nacional.

Tinha, pois, sobrados motivos Edmundo, esse carioca *flâneur*, de amar a sua cidade. Seus livros trescalam esse aroma de amor. E ele ainda tinha a seu

favor poder venerar somente uma diva, ao contrário de muitos de nós outros que aqui vivemos, oriundos de outras cidades.

De mim, sou um sofredor, com o coração dilacerado entre dois amores, o da cidade que me viu nascer, que me embalou a infância, e a outra que escolhi para a idade madura e consciente. Uma depositou-se na memória e no inconsciente com as emoções infantis, a outra conquistou-me pela inteligência e reflexão.

Venho de longe, senhores acadêmicos, venho da Bahia, a terra dadivosa e boa que tanto bem tem feito ao Brasil. Lá formei o espírito e o caráter, lá reuni a seiva que venho gastando pelos caminhos. Como me faz falta a minha Bahia! Tenho dela uma saudade indizível. Guardo na retentiva a imagem daquela cidade super-realista, com as suas ladeirinhas grimpando pelos morros, o encanto de seus telhados amontoados, as ruas esconsas de cheiro colonial, as igrejas majestosas, os conventos montados nas encostas, a sua colina sagrada do Senhor do Bonfim, as praias de sargaço e areia branca, as restingas, os mangais e as ilhas, as suas árvores – Oh! mangueiras e cajazeiras de minha terra! –, as suas frutas capitosas, as suas comidas e doces, os seus peixes e mariscos, as tradições populares e festas feéricas de arraial, a sinfonia multicolorida de seus poentes e o infinito prateado de seus luares, a música fantástica de suas noites misteriosas, a alma encantadora e mágica de sua gente, alma aristocrática acalentada ao som misterioso de seu mar a bater caprichoso à beira das verdes praias, o palácio de cristal das mães-d'água!

Como me foi penoso arrancar as raízes! Mas como me falta coragem para regressar! Eis o mal de todos os desterrados. Vivem a sonhar com uma volta que é impossível. *You can't go home-again*! é a síntese perfeita desse estado de espírito no título do romance de Thomas Wolfe. Ninguém consegue voltar. Com todos que o tentam repete-se o que ocorreu com a personagem daquele conto de Saroyan. Partido de sua cidadezinha, andou por mil terras e depois de muitos anos cedeu à tentação do retorno. Saltou do trem, dirigiu-se à velha casinha, penetrou o portão e espiou pela janela. Era véspera de Natal, a neve caía, e, dentro, em torno à mesa no aconchego do lar, os pais e irmãos comemoravam a data de acordo com a tradição. O coração se lhe confrangeu e, não suportando a cena, o homem saiu de mansinho e se foi na escuridão.

Então se é assim, por que tantos emigram? A essa pergunta impertinente, respondia o nosso Afrânio Peixoto, o olhar faiscante de malícia: "Saímos para vencer. Lá, não podemos, pois todos somos baianos!"

Se alguma vantagem levamos é a que explica a energia e o êxito de tantos emigrados: afogam a saudade no trabalho. E, posto que jamais voltemos, resta-nos ao menos a felicidade de falar daquilo que amamos.

## O MISTÉRIO ACADÊMICO

Senhores acadêmicos

Ao me escolherdes para a vossa ilustre Companhia, elegestes a própria controvérsia. Naturalmente, nos vossos ouvidos repercutiram os seus ecos. Já tivestes disso a evidência aqui mesmo. Mas ficastes indiferentes. O mistério acadêmico é impenetrável. E é esse mistério que faz as academias agirem segundo seu próprio interesse coletivo e não conforme a vontade e prevenções de qualquer de seus membros. Ninguém é dono de uma instituição. Cada um de nós, ao ser admitido, não perde a liberdade, pois a Academia não coroa as opiniões mas o talento, a capacidade, as realizações. Cada qual entra como é, e assim ela o quer, sem abrir mão dos princípios e traços de caráter e conduta, que o tornaram conhecido. O que ela exige é precisamente a fidelidade a si mesmo, jamais pedindo o despojamento dos atributos específicos. Se me preferistes, senhores acadêmicos, foi porque me quisestes como sou, com a personalidade intelectual que formei e a modesta obra que venho construindo. Nada vos trago de novo, mas somente a reafirmação de tudo o que fiz e disse.

Acedo, portanto, a esta colina de glória como à culminação de uma longa carreira, no curso da qual não foram poucas as lutas, mas cuja unidade, coerência e culto da dignidade jamais sofreram mossa. Premiastes o trabalhador modesto e paciente que não fez outra coisa senão pôr-se a serviço daquela força misteriosa que habita a Literatura, à qual se referiu Cocteau.

Disse alguém que, ao ler os grandes livros de Literatura, tornamo-nos mil homens e, no entanto, permanecemos nós próprios, enxergamos com mil olhos mas quem vê ainda somos nós, transcendemo-nos para ser cada vez mais nós mesmos.

Meu canteiro tem sido lavrado com o carinho que merecem as plantas delicadas, cuidado de sol a sol, na labuta honesta e a duras penas.

Temperamento de luta, habituado a ser considerado direitista pelos esquerdistas, e esquerdista pelos direitistas, não sou de amaciamento e contemporização, mas de tomada de posição, de nítidas opções doutrinárias, por isso despertando sempre divisões, reações e adversários.

Minha paixão é o assalto à praça. Capitulada, há que buscar outro motivo para empenhar a pugnacidade ou para a provocação ao debate intelectual permanente e inconformado, renovador e revisionista. Espírito afirmativo, acredito em minhas idéias, sei batalhar por elas e defender o que faço. Acostumei-me a reunir do outro lado da barricada os adversários, a fim de derrotá-los a todos juntos, recuando sem amargor, nas batalhas perdidas, para no final vencer a guerra.

Atinjo, assim, esse momento com a alegria do soldado que chega ao topo da cumeada com a serena postura de quem tem saldadas as dívidas para com Deus e o próximo.

## CASO DE GERAÇÃO ESPONTÂNEA

Nas Letras, sou um caso de geração espontânea, e minha carreira resultou de um deliberado e tenaz esforço de vontade, abandonando a profissão médica, para forçar caminho com inflexível continuidade. Não sofri as habituais influências de ambiente ou círculos literários para aderir à Literatura. Nunca fui de rodas, antes sempre um isolado, tendo-me, no início, batido dentro de solidão escura, para abrir janelas sobre a vida intelectual.

Certa feita, há muitos anos, numa classe elementar, o mestre, um bom irmão marista, apontou para um menino, que se escondia sob as asas de sua timidez, e mandou que lesse um trecho da antologia. Ia a leitura sem tropeços, quando o pequeno, muito concho, largou uma dessas silabadas memoráveis. Uma gargalhada estrondosa abalou o prédio do colégio, e ainda hoje eu a sinto fazendo tremer-me a estrutura. Mas a gargalhada redobraria, se o mestre benevolente tentasse bancar a pitonisa e insinuasse que o desastrado ocuparia um dia um lugar ao vosso lado. Naquele instante, em verdade vos digo, nada em mim poderia fazer crer ou prenunciar o homem de letras.

Até onde pode ir a minha memória tão longe que me recorde, o primeiro frêmito que me perpassou a sensibilidade provocada pela emoção literária, é posterior, em classe mais avançada, diante daquele trecho do *Quincas Borba* a propósito das travessuras do cãozinho. Relembros a página:

> Quincas Borba vai atrás dele pelo jardim fora, contorna a casa, ora andando, ora aos saltos. Saboreia a liberdade, mas não perde o amo de vista. Aqui fareja, ali pára a coçar uma orelha, acolá cata uma pulga na barriga, mas de um salto galga o espaço e o tempo perdido, e cose-se outra vez com os calcanhares do senhor. Parece-lhe que Rubião não pensa em outra coisa, que anda agora de um lado para outro unicamente para fazê-lo andar também, e recuperar o tempo em que esteve retido. Quando Rubião estaca, ele olha para cima, espera; naturalmente, cuida dele; é algum projeto, saírem juntos, ou coisa assim agradável. Não lhe lembra nunca a possibilidade de um pontapé ou de um tabefe. Tem o sentimento da confiança, e muito curta as memórias das pancadas. Ao contrário, os afagos ficam-lhe impresos e fixos, por mais distraídos que sejam. Gosta de ser amado. Contenta-se de crer que o é.

É possível que essa impressão remota e primitiva seja responsável pelo humilde mas entusiasta machadiano em que vim a tornar-me.

Outros fatores deverão ter agido em mim como germe do homem de letras que hoje recebeis.

O lar feliz onde nasci tinha por chefe um homem de sensibilidade artística e gosto refinado, arquiteto e construtor, cuja mentalidade técnica não era infensa valorizar os grandes das Letras – e cresci habituado às pressões de admiração pelos nossos Castro Alves, Rui Barbosa, Euclides da Cunha, Gonçalves Dias. Um antepassado, meu bisavô paterno, Antônio Joaquim Rodrigues da Costa, foi poeta da linhagem dos cástridas, e sempre recebeu a veneração da família, que lhe editou a obra. Meu próprio prenome é um reflexo do clima de sucesso que cercou o aparecimento de *A Esfinge*, de Afrânio Peixoto. Parece que os fados teciam misteriosamente e escondidos a rede que me laçaria para as Letras, conspiração essa que teve a complacência de meu pai quando no adolescente despontou, em detrimento da formação médica

iniciada, o vício impune da leitura literária, nas longas horas de intensa aprendizagem, já então definidos o gosto e o pendor para a Literatura; e a mesma complacência encontrei no coração da amorosa companheira que Deus me deu, embora, estou certo que, no íntimo, secretamente inconformada com a perda do grande médico de seus sonhos. Assim como Rilke desejava que o deixassem morrer a própria morte, faz-se mister muita compreensão para um caminhar a sua própria vida.

## RELAÇÕES NA VIDA LITERÁRIA

Nem sempre foram amenas as minhas relações com os grupos literários, desconfiados com o solitário que se recusava a submeter-se ao ritual de admissão nas confrarias e igrejinhas e reagia contra o predomínio, habitual entre nós, da vida literária sobre a Literatura. Desde o primeiro instante de meu regresso ao Brasil, após cinco anos de estudos e trabalhos nos Estados Unidos, carregado como abelha de volta do bosque – uma temporada de estudos no estrangeiro vale-nos para o espírito um grande salto no tempo – não foi animadora a recepção que tive. Tal como um Edmundo Dantès, minha volta assustava certas más consciências e velhas rixas reacenderam-se, o meio literário prevenido por comícios à porta das livrarias e nos serões, onde a cizânia substituía o estudo. A origem era uma só e eu senti na pele o visgo da baba de Caim a envenenar o ambiente, na intenção de barrar-me os passos. Eram perfídias, intrigas, pressões, boicotes, meus trabalhos submetidos a um processo de contabilidade, anotando-se no dever e haver os elogios e referências, até mesmo subestimando-me a capacidade de desforrar e ser inimigo.

Meu mestre Machado de Assis, contudo, ensinara-me a lidar com os rubiões da fauna literária. A paranóia os faz crescerem aos próprios olhos, como o sapo da História, e desafiar a lua. Idólatras de si mesmos, inertes de caráter, põem na cabeça coroas imagináveis, regem impérios só existentes no seu delírio, enxergam fâmulos nas ratazanas que lhes passam aos calcanhares; fazem tudo para chamar a atenção sobre si, como aquele sujeito que acompanha enterros para ver o nome no jornal; multiplicam a própria inópia fazendo-se passar por gênios; incapazes de saber a própria medida e limitações, reduzem por maus tratos a família a escravos da sua falsa grandeza, produto

de uma imaginação esquizofrênica; dão-se em espetáculo tanto mais confrangedor quanto mais sabemos que esses megalômanos são menos perigosos do que desgraçados e torturados como um personagem de Ésquilo, infelicitando a si e aos seus pelo veneno que segregam, desastrados e incapazes, estragando tantas oportunidades que a sabujice lhes propicia; cemitérios de amizades, traem amigos e benfeitores no pressuposto de que são credores eternos da humanidade à qual, muito embora, nada oferecem; frustrados, truncadas as suas aspirações por falta de capacidade interior de realização, entregam a alma às devastações da inveja e do despeito. É que o mal só o mal pode gerar.

Também eu não fui peco. Enfrentei tudo. Da seteira das *Correntes Cruzadas* não poupei flechadas. Combativo, sabendo cultivar as amizades mas também as inimizades, não dei tréguas. Em vez de cortejar os papas da vida literária e os donos das cadeias de felicidade dos suplementos, atirei-me, qual guerreiro audaz, a desmantelá-las, numa campanha de desmoralização das capelinhas e dos vícios em que se cevavam as mediocridades engalanadas, os moedeiros falsos, os mistificadores. A República das Letras é uma comédia representada num beco sujo. Dela tiram partido os inautênticos que não servem às Letras porque baldos de legítima vocação e amor pela Literatura antes fazendo dela um instrumento de autopromoção e carreirismo desenfreado. A prova é que, desmascarados e fracassados, muitos vão buscar compensação na Política, Administração, Diplomacia, passeando nelas a sua falsidade, o seu grosseiro ridículo de arrivistas desgarrados.

Minha coluna no jornal tornou-se a pedra no sapato. Várias vezes foi ameaçada de arrolhamento graças à peçonha da rivalidade mesquinha e aos esbirros a seu préstimo, atirando contra ela polêmicas no próprio suplemento, até por fim conseguirem suprimi-la. O meu nome era proibido nas colunas literárias, ódios e desavenças desfaziam-se no interesse comum de combater-me e escribas mercenários mobilizavam-se em função do sistema de ataque montado contra mim. Embalde, porém, se espezinha alguém contra quem nada se pode alegar além de razões infantis e inconfessáveis.

Não adiantaram os empecilhos contra o trabalho e o estudo. Continuei combatendo a moeda má dos falsários, falando de nomes e coisas que os pseudo-sábios nunca ouviram. Felizmente encontrei sempre a compreensão e apoio de amigos que confiavam em mim, um Otávio Mangabeira, um

Clemente Mariani, um Simões Filho, um Levi Carneiro, um Clementino Fraga, um Leonídio Ribeiro, um Péricles Madureira de Pinho, um Fernando Tude, um Abgar Renault, um Rodrigo Octavio Filho, um Ribeiro Couto, um Cassiano Ricardo, um Gustavo Barroso, um Nilo Bruzzi, um Ivan Lins, como já encontrara antes, desde o tempo da Bahia, um Afrânio Peixoto, um Anísio Teixeira, um Eugênio Gomes, um Euvaldo Diniz, um Aristides Novis, alguns grandes homens que são glória desta Casa e do Brasil. Dois desses amigos estão associados mui intimamente a esta solenidade: Levi Carneiro, com a fidalguia de sua palavra; Clementino Fraga, pela segunda vez apadrinhando-me na vida, com a mesma emoção que teria se no meu lugar estivesse um de seus gloriosos filhos. Não mais vejo entre vós, todavia, o meu querido Otávio Mangabeira, o grande estadista, cuja ausência é a nota triste na festa de meu coração.

O que consegui realizar vejo agora aprovado pelo vosso acolhimento, sem que recorresse a aparelhos de pressão, políticos ou jornalísticos, de que não dispunha, mas impondo-me exclusivamente como escritor, depois de conquistar a simpatia dos independentes e dos jovens.

## A BANDEIRA DA RENOVAÇÃO CRÍTICA

A bandeira que empunho neste momento solene de regozijo insopitado é a da crítica literária renovada, a nova crítica, com que identifiquei meu trabalho intelectual, e que doravante terá por si o prestígio da Casa de Machado de Assis.

Poderá parecer uma ironia do destino que me haja sido reservada nesta Casa, ao adversário da crítica impressionista, uma Cadeira evoluída sob o signo do impressionismo literário.

Quando viajei da Bahia para os Estados Unidos, levava comigo todas as inquietações e anseios de renovação da metodologia crítica. Vivera até então debatendo-me comigo mesmo em busca de caminho. Sentia estarem esgotados e superados os velhos processos em que me educara pelo exemplo da maioria dos meus maiores. Na minha condenação, incluía-me a mim mesmo, e se há algo a meu favor foi ter tido a coragem de romper com o passado. Depois, muitos conformistas reagiram à reforma que advoguei, mas a culpa lhes coube pela incapacidade de renovarem-se e não surpreende que tenham

tido que calar-se em virtude da rarefação produzida ao seu derredor pela sua inatualidade.

Em verdade, represento um esforço de mudança de princípios e métodos, quanto ao processo e à função da crítica em nossos tempos. A História da crítica é rica de meditações a respeito de sua própria função, o que constitui motivo a dignificá-la. Assim, tem sido vista ora como instrumento ético, religioso, político, ora como investigadora das origens da Literatura no complexo geográfico, biológico, social e cultural, ora como expressão das aventuras da alma através das obras-primas.

Evoluindo de sua fase primitiva e empírica, em que atuou como ancilar de outras ciências, encaminha-se ela, em nossos tempos, para a plena maturidade de disciplina autônoma, com métodos e princípios específicos.

Tendo a Literatura uma missão reconhecida na sociedade, – a captação da voz imortal do homem em busca de explicação do próprio mistério – cabe à Crítica exercer o magistério da Literatura, regulando a criação e disciplinando-a à luz das leis do fenômeno artístico.

A crítica não é, em conseqüência, um gênero literário de imaginação, como o Romance, a Poesia, o Drama, a Crônica. É uma disciplina racional próxima à Filosofia, e exercendo-se conforme as regras do raciocínio lógico-formal. Esse aspecto aproxima-a também da Ciência. Não é uma Ciência, no sentido escrito, porque no seu processo colaboram forças intuitivas, impressões sensíveis, elementos de gosto, acumulado no inconsciente, recebidos pela tradição ou pela educação. Tampouco é uma Ciência no sentido em que usaria métodos e conceitos provenientes de outras ciências, como foi o erro dos Hennequin, Brunetière, Taine e tantos deterministas biológicos e sociológicos do século XIX.

Mas não se lhe poderão negar foros de Ciência – e há ciências do espírito ao lado de ciências da Natureza – se quisermos que ela ganhe em rigorismo metodológico e conceitual, característico da atitude científica, além da independência de meios e fins. E só o lograremos, se lhe aplicarmos o espírito científico, se a forrarmos de uma atitude científica. Os que se recusam a admiti-lo não passam de cépticos quanto à sua possibilidade de aprofundamento técnico, e preferem mantê-la e manter-se na epiderme da tarefa, identificando-a com o

vago e superficial jornalismo crítico e com a mera função de noticiar e comentar as obras literárias na base do palpite e do espírito opiniático.

A Crítica não é apenas isso. Vejo-a como algo acima do simples diletantismo, do noticiário ou do autobiografismo impressionista.

## A POSIÇÃO DO IMPRESSIONISMO CRÍTICO

Não é verdade que advogue a eliminação do Impressionismo e mais de uma feita já procurei esclarecer o equívoco. Não há crítica sem impressão ou resposta intuitiva, imediata, despertada no espírito pela obra de arte. Recuso-me, porém, a aceitar que se reduza o ato crítico a essa operação primária, transformando a impressão em sistema e o seu registro em método. A Crítica é um conjunto de atividades para a aferição do valor estético e sua manobra valorativa parte da impressão, invade a área da reflexão, análise, explicação e afinal emite um juízo – que deve ser, no caso, não ético, mas estético, de valor. É, assim, um ato complexo, em três etapas – a da impressão, a da reflexão, a do julgamento – sem uma das quais não há verdadeira crítica. E, para realizar-se, ela se vale de uma visão armada, como dizia Coleridge, uma visão armada de todo um instrumental próprio de análise do tecido literário específico, além do subsídio fornecido pela Lingüística, Filologia, Estilística, Retórica, técnicas de explicação de textos e análise estrutural, e dos que oferecem ciências correlatas, como a Psicologia, a Etnologia, a Antropologia. É, portanto, uma disciplina integral de explicação do fenômeno literário, na sua natureza estética e no intrínseco de sua estrutura. É atividade egocêntrica e específica, usando nesse objetivo tudo o que tiver à mão.

Minha proposta visa a reduzir o Impressionismo crítico às suas proporções verdadeiras. Ele tem dado lugar, no passado, a elevadas manifestações: um Walter Pater, um Virginia Woolf, um Anatole France. Mas é erro pretender inculcar como Impressionismo crítico o que não passa de simples comentário jornalístico ou noticiário de livros. Este traduz "impressões sobre" enquanto o primeiro é uma "impressão de".

Por outro lado, o fato de reagir contra os malefícios do Impressionismo na crítica não implica em condenar o Impressionismo literário. Ainda aqui minha atitude é crítica. O Impressionismo literário é uma alta escola que

merece a admiração, pelo que produziu, inclusive entre nós. A crítica genuína sabe reconhecer e apreciar uma expressão artística do passado, deixando-a, entretanto, no seu tempo, pois a misão dos estilos não é perene, desde que eles se identificam com o todo espiritual de uma época. Se não pertenço à família espiritual de meus antecessores, sou capaz de reuni-los sob a minha admiração e compreender e valorizar o estilo estético em que se expressaram, procurando enxergar a beleza da Arte de entretons e nuances que produziram. Ao mesmo tempo, todavia, proclamo a necessidade, para a atualidade, de libertarmo-nos das implicações da crítica impressionista em favor de uma crítica técnica, objetiva, baseada em critérios e padrões estéticos e métodos rigorosos de investigação e valoração, de análise tanto verbal quanto estrutural, e inspirada no pressuposto conceitual do primado do texto como seu ponto de partida. Há que distinguir entre Impressionismo como elaboração estilística e como método crítico de aferição de valores. O que me recuso a aceitar é a transposição, para a análie do fenômeno literário, da palheta impressionista de Toulouse Lautrec. A Nova Crítica, como deve ser entendida, é que afinal será a verdadeira Crítica. E sob a sua égide, eliminar-se-ão automaticamente os espíritos superficiais, os mistificados, os preguiçosos mentais que costumam não ler as obras para criticá-las e escrevem sob ditado ou à base de conversas, críticas portanto de orelha, com teses sopradas por outros acerca de autores que nunca leram, analfabetos e jejunos, que não têm élan interior para estudar, adquirir cultura e preparo especializado.

## O IMPORTANTE É FAZER BEM

O estágio presente da cultura universal, nessa era tecnológica, exige que melhoremos a relação entre o científico e o literário, lançando uma ponte entre as culturas científica e humanística.

De conformidade com o espírito científico, não basta fazer, como já foi proclamado, mas fazer bem. Fazer não é, de nenhum modo, o essencial.

Fazer somente é uma operação animal, e a ela se reduzem os homens impotentes de criar, angustiados nos seus ressentimentos, incapacitados de fazer bem porque não sabem *o que fazer e como se deve fazer*, empíricos movidos apenas pelos instintos e reflexos vegetativos, inaptos a aprender o

que se faz nos centros de cultura por preguiça mental e ignorância lingüística, e ficam a falar sozinhos, dialogando monocordicamente com a própria e pequenina sombra e assinando o que outros escrevem, porque são privados da alegria de produzir, talento e capacidade de realizar-se em obras.

O importante não é fazer, mas fazer bem, e, para tanto, é mister pureza de alma, humildade de espírito e propósito, e saúde mental, para, em primeiro lugar, aprender como se deve fazer. Do contrário, é a mistificação, a falta de seriedade, a inveja e o ressentimento por que só a alegria de criar é compatível com a criação alheia.

As gerações que surgem nesse Brasil novo não mais toleram o embuste intelectual. Exigem autencidade de comportamento. O Brasil está aí para que o pensemos brasileiramente. Cabe à Crítica Literária uma função, que, sobre ser literária, isto é, exercer-se no contexto literário, não é menos brasileira, porquanto deve orientar-se para o Brasil, concorrendo para consolidar a sua Cultura. Mesmo com o melhor dos métodos, impõe-se que ela se adapte à circunstância social e nacional

Há, pois, uma função especial da Crítica em nosso momento histórico. Em primeiro lugar aperfeiçoar-se quanto a método e princípios, o que proporcionará o estudo superior de Letras agora possível com a formação universitária. Em seguida, assumir o seu papel de educadora do público e mediadora entre ele e a criação, no sentido de fazer da Literatura uma real voz da tribo, traduzindo-lhe os sentimentos coletivos, e, de torna viagem, atuando sobre a alma popular. O crítico não é um artista, mas um pensador, cujo dever é interpretar a obra de arte literária, elucidando-a aos olhos do público, melhorando o gosto coletivo, a fim de torná-lo mais exigente e assim fazer subir o nível da criatividade. Desta maneira, a Crítica é uma atividade válida e seminal, uma disciplina do espírito, detentora de um agudo senso da atualidade e apta a enxergar a Literatura no centro da vida cultural, que a importante posição que usufrui em nosso País.

* * *

Senhores acadêmicos,

Não creio que a Academia seja a instituição reacionária e abstrata que aparece aos olhos de muitos. Tudo depende dos homens que a compõem

quererem firmemente participar dos dramas e do bulício da vida nacional, tornando-se caroáveis à mentalidade nova que cresce cada vez mais no combate à alienação cultural. Não mais estamos no tempo em que os intelectuais se exilavam do Brasil e viviam voltados para a Europa.

Não tenhais receio, senhores acadêmicos, a vossa regra da boa convivência saberei acatar. *Fortiter in re, suaviter in modo*. A educação intelectual é compatível com as tomadas de posição, e não me peja sopitar o vulcão interior para respeitar o direito de opinião.

Antes de integrar-me à ilustre Casa de Machado de Assis, já identificara a alma com outras grandes instituições culturais do País: a Faculdade de Medicina da Bahia, o Colégio Pedro II, a Biblioteca Nacional. Tenho a mística institucional.

Ao me preferirdes, e por isso vos sou agradecido, consagrastes uma vida de fidelidade ao ideal, à dignidade espiritual da pessoa humana e ao culto da beleza, no serviço da Crítica, História literária, organização de edições.

Permiti-me, senhores acadêmicos, que instale aqui, ao vosso lado, em louvor da Literatura Brasileira, a minha lâmpada votiva.

# II

# RESPOSTA DO SR. LEVI CARNEIRO

Na oração conceituosa e eloqüente, que acabais de proferir, fizestes Crítica Literária de alto quilate, evocastes, com emoção, as duas cidades bem amadas, falastes de vossa própria vida. Não percebi, porém, em vossas palavras, que vos empolgasse o júbilo irrestrito do triunfador.

Não repetistes a declaração proferida com ênfase, quando assumistes outra cátedra – a de professor do Colégio Pedro II: "Esta cátedra tinha de ser minha e eu a conquistei porque quis."

Neste ambiente, sentiríeis inconveniente a pontinha de arrogância, que apareceria na afirmativa? Ao contrário, seria ela admissível e perdoável, emanando de um pregador de idéias novas, na euforia da vitória, tanto naquela oportunidade como nesta outra.

É que não vos considerais vitorioso, empenhado, agora mesmo, na refrega, acutilando os que de vós divergiram, ou ainda divirjam. Não sentis atingido o altiplano. Não tendes por finda a áspera ascensão. Levantais o mesmo brado: *Ad augusta, per angusta!*, às alturas, pelas escarpas!

Receareis que na Academia se atrofie vossa personalidade, esmoreça a pugnacidade, tomeis-vos medalhão.

Não, não será assim; a Academia não envolve uma operação aritmética, em que as parcelas se transfundem e desaparecem na soma. Nem é ela uma usina literária, em que fostes, como nós todos, matéria-prima consumida na preparação do produto. Somos heterogêneos. A Academia realiza a velha fic-

ção jurídica, que atribui personalidade própria às associações. Até porque ela, somente ela, é imortal, não os que nos agremiamos transitoriamente sob seu teto – salvo, sem dúvida, os que, pelos próprios feitos, conquistam esse privilégio. A Academia é um oásis, em que se encontram viandantes, provindos de setores diversos, com rumo a todos os quadrantes do horizonte, trazendo nos alforjes coisas diferentes, que cada um não revela por completo aos outros. Conversa-se, *tant bien que mal* – como fazia Montaigne, trocam-se idéias e estímulos, fomenta-se a cultura literária.

Este fardão espalhafatoso e incômodo é um símbolo de cortesia, de cerimônia, de mútuo respeito. De Buffon se disse que escrevia com punhos de renda. Hoje haverá quem escreva em mangas de camisa, como já em seu tempo Tobias Barreto intitulou um discurso famoso, ou até em camisas sem mangas, ou ainda com maiores restrições de indumentária. De fardão, ninguém poderá escrever: ele não corresponde a algum estilo literário.

## CANDIDATO

Tanto mais quanto soubestes ser candidato pertinaz, discreto e sereno, talvez por humildade ou por orgulho, ou, ao mesmo tempo, pelos dois motivos, que se podem conjugar e compensar. Ou ainda, pela íntima convicção revelada na declaração omitida: sabíeis que teria de ser vossa essa Cadeira – ou outra igual.

Suportastes a derrota, depois de uma eleição sem resultado. Decorreram quatro anos: nesse período, a quatro vagas consecutivas não concorrestes; pareceria, aos que vos não conhecessem, que desistíeis. Por fim, candidato pela terceira vez, triunfastes – vencendo outros, de considerável merecimento.

Demonstrastes, com singeleza e naturalidade, o entranhado desejo de ser dos nossos, relembrando a advertência de Camões: "É fraqueza desistir de coisa começada." Vossa persistência lisonjeou a Academia. Realço em vossa atitude que vos não arrufastes, não maldissestes a Academia, nem os acadêmicos. Ainda outra singularidade: não tentastes conquistar votos mediante elogios pessoais, mais ou menos exagerados e insinceros. Teríeis, como crítico literário militante, oportunidades freqüentes de fazê-lo. No entanto, quer em livros, quer na imprensa, vários acadêmicos – ainda os que merecessem, e

então, ai de mim! os que não o mereciam! – não tiveram referência vossa, elogiosa ou benevolente. Poucos a tiveram, por vezes com alguma restrição.

Tampouco fizestes sequer o louvor da Academia, como, em França e em Portugal, historiadores literários o fazem das respectivas instituições similares. Mencionastes apenas publicações que temos realizado, ao passo que vos referistes, com detalhe, às 32 academias dos tempos coloniais, e às do Ceará – não só a "Padaria Espiritual" como a que, com algum arrojo, se denominou "Academia Francesa".

Por honra vossa, recordo esses fatos. Também por honra da Academia, que, mesmo assim, vos elegeu.

## VOCAÇÃO

Alguém veria, em vossa atitude, confirmada a revelação, que fizestes, de serdes "um homem desagradável", um homem que diz somente a verdade, mesmo as que não se dizem, "um afirmativo".

A mim isso me faz refletir num dos mistérios da desencontrada psicologia humana: a par dos que simulam ser melhores do que na realidade são, há os que se comprazem em mostrar-se piores. Em vosso caso, se não estou em erro, também não é isso, ou não será somente isso: ficaste submisso ao império da vocação, ou à imposição do destino.

Maeterlinck falou do "destino invencível de cada ser: em cada homem tudo sacrificado ao fluido estranho que tem várias denominações – pensamento, inteligência, entendimento, razão, alma, espírito... e tem uma só essência". Dentro da destinação geral haverá outras, menores, específicas. Mais valioso que a indicação colhida através de processos científicos, que procuram determinar a vocação do indivíduo, há nele mesmo um anseio íntimo, inexplicável, insuperável, que a revela e impõe, e lhe assegura a satisfação, abrindo caminho, removendo tropeços. Será a atuação daquela essência íntima? ou simplesmente – o favor divino?

Confessastes que, desde a adolescência – aliás, não muito remota – tínheis preocupação "com a reforma dos métodos críticos e a moralização dos hábitos intelectuais".

Em vós a vocação, ou o destino, era a crítica ou o magistério. Soubestes conjugar uma e outra tendências. Vossa vontade firme realizou-a, parecendo que a elas vos submetíeis. Por elas, sob seu imperativo, sacrificastes, e ainda recalcais vosso temperamento afetivo. Formastes, por convicção doutrinária, uma conceituação da crítica literária, quase exclusivamente, senão de todo, objetiva, refreado o subjetivismo. Reconheceríeis que vossos impulsos afetivos seriam incontíveis com o inexorável magistério crítico.

## AFETIVIDADE

Ainda bem que o não conseguistes por completo; não os aniquilastes. Em alguns dos vossos livros, percebi vestígios de vossa afetividade mal contida. Sabeis onde? Nas dedicatórias, na velha moda das dedicatórias a pessoas de família ou amigos. Agora mesmo, ela varou, nos intervalos da crítica objetiva, até à eloqüente e emocionante evocação da Bahia – terra natal amada, que heroicamente decidistes abandonar, porque ali não poderíeis vir a ser o crítico literário que teríeis de ser e de fato sois. Ainda aí o império da vocação, vossa energia a serviço da vocação.

No entanto, chegastes a confessar-vos "produto exclusivo da amizade". Como? apenas da amizade – dos outros? Ora, não haveria essa amizade de terceiros se a não provocásseis, se a não entretivésseis, se a não merecêsseis. Muitas vezes têm procurado amesquinhar a amizade pelo cediço contraste com o amor. De mim, considero – e por isso não quero crer que possais gozar apenas da amizade que vos consagram – que a amizade, ao contrário do amor, que se exalta e desvaira e nem sempre se extingue por falta de correspondência, a amizade não perdura sem retribuição. A amizade é dos recatados, dos introvertidos alimenta-se das coincidências, das afinidades, reveladas em fatos, ou subentendidas, ao passo que o amor provém dos contrastes mais disparatados da rápida centelha elétrica oriunda do choque de duas forças contrárias, nutrido de declarações espetaculares. Só não é assim – ou antes, não precisa de ser assim – o amor conjugal, que inspirou certo trecho de vosso discurso e se consolida e perdura pela amizade, pela mútua compreensão, pela admiração, pela colaboração quotidiana, até pelo devotamento comum à prole. Houve quem distinguisse na vida humana – seria Pascal? –

três fases: a do amor, a da ambição, a da amizade. Por discrição impreterível, não procurarei determinar em qual delas estais: a seqüência das três fases pode ser invertida, duas delas podem acumular-se. Como quer que seja, a amizade é traço marcante de vosso temperamento.

Teria de ser assim, pois nascestes na Bahia – terra de gente de sensibilidade carinhosa, de que resulta intensa sociabilidade. Egresso da terra natal, continuais envolvido pelo apreço e pelo afeto dos co-estaduanos. Agora mesmo, no auditório magnífico desta noite se acha a fina flor da colônia baiana no Rio e, por certo, haverá nele quem tenha vindo de vossa terra natal para vos acompanhar e aplaudir na hora triunfal.

## MOCIDADE

Ainda na Bahia vos fizestes médico e poderíeis vir a ser um grande médico. Fostes, porém, um médico, que, como tantos outros, transviaria a sedução da Literatura, por vós sentida desde o curso acadêmico. Da Faculdade de Medicina não vos apartastes vindo a ser seu bibliotecário. Terá começado assim – ou assim cresceu – vosso amor aos livros. Há pouco tempo, esse velho amor vos levou a sobrepor à acolhedora casa de Ipanema um terceiro pavimento, para os reunir. Em compensação, à primeira vista, essa biblioteca vastíssima impressionou-me pela escassez das encadernações policrômicas, de Letras douradas nas lombadas, que constituem a feição dominante de tantas outras, adornando salões mais ou menos elegantes. A vossa é rude, precioso instrumental de trabalho, em que se aplicam todas as disponibilidades, sem desvio para a figuração luxuosa.

Disse Fidelino de Figueiredo que a bibliografia gera a bibliofilia; convosco, terá ocorrido o contrário – a bibliografia, o trato fecundo dos livros, vos levou à bibliografia – ou contribuiu para que por ela vos apaixonásseis. Ninguém no Brasil lhe reconhecera tanta importância como a que lhe dais, na Crítica e na História literárias. Em alguns casos, é surpreendente a bibliografia que apresentais; nem a apresentais somente, dela vos utilizais, apoiando cada conceito em alguma autoridade prestigiosa e indicando os mananciais em que os estudiosos poderão abeberar-se.

Melhor que isso – de vosso curso médico ficou, como reconhecestes, com a aversão à Medicina, a metodologia científica, que aplicaríeis aos estudos de crítica e de História literárias. Creio que vos ficou o espírito científico, o hábito do estudos aprofundados, das investigações minuciosas, a sede de estudos que teríeis ensejo de satisfazer.

Vem aqui a ponto referir um documento precioso de vosso estado de espírito, ao tempo do doutorado. No mesmo ano de vossa formatura, os doutorandos prestaram homenagem a um professor de ciências – químico, biologista, endocrinologista, higienista – e fostes o intérprete de todos, proferindo interessantíssima oração. Interessante pelo conteúdo, pelo sentido, mas, sobretudo, como índice de vossa primeira formação intelectual, pelo que já se encontra nela do que sois hoje e também pelo que veio a alterar-se.

Falais da "inquietude" (não por certo mais lídima palavra que a vulgar "inquietação") da mocidade – talez, sob a influência de Daniel Rops, que comentaríeis cinco anos mais tarde, no primeiro opúsculo publicado. Mas seríeis, como próprio da mocidade – "dissidente e por convicção e vezo insubmisso e desassombrado". Por isso, perceberian inclusive o próprio professor homenageado, pessimismo em vossas palavras. Declarastes, sem rodeios, que a Medicina vos fora "a mais amarga das decepções", lhe imputaríeis "o concismo, o escalracho que medrou na sementeira de meu espírito". Dissestes mesmo que comentaríeis os problemas com pessimismo. Invocastes o Fausto de Goethe: "O mais inligente foi o mais miserável dos homens"; "a felicidade não existe no homem que pensa". Ao mesmo tempo, com palavras de Rui Barbosa, exaltastes a liberdade; com palavras de Ibsen, afirmastes o dever de dizer a verdade por mais dura que fosse, Recomendastes o que chamastes – "a linha escritural", o "escrúpulo de bem escrever". Insististes na compatibilidade da Ciência com a Literatura. Adiante, não reprimistes vosso sentimento patriótico. Éreis, como afirmastes – "um deslumbrado e seduzido pela magia estonteante das nossas coisas". Queríeis que a Medicina assumisse "feições brasileiras"; precisava ser brasileira. Também a gente: "Sejamos brasileiros vejamos tudo e sintamos tudo como brasileiros..." "Aperfeiçoemos a nossa expressão, o nosso caráter. Ao invés de imitar, criemos." Ainda mais: "Cumpre-nos a nós conhecer o nosso Brasil. Cumpre-nos estudá-lo..." Assinalando que "a corrente nativista, ou nacionalista, se intensificava", repe-

tistes Ronald de Carvalho: precisamos disciplinar a natureza pelo estudo direto do Brasil. Aí estão algumas das características do movimento modernista, já deflagrado a esse tempo. Também advertistes: "nada de passadismo".

Ainda que emitísseis alguma proposição pessimista, não éreis, pois, pessimista. Não o é quem denuncia males e erros, com o propósito decidido e confiante de extirpá-los ou corrigi-los.

Nesse discurso, já pulsava a ânsia de libertação, ou de expansão. Supusestes que ela seria "só compreensível a quem já viveu vida intelectual nas desertas, solitárias e esquecidas províncias brasileiras". Não teríeis razão no asserto: não é preciso ter vivido a apagada e áspera vida intelectual da província, para lhe reconhecer a angustiosa opressão; o problema envolve até o da unidade nacional. Devem enfrentá-lo as Universidades, todas as instituições culturais, inclusive esta mesma Academia.

## REALIZAÇÃO

Em vosso caso individual, teve esse problema solução afortunada. Ocorreu o milagre, o episódio de conto de fadas: um emprego nos Estados Unidos, de índole jornalística, caído do céu. Mostrastes que o merecíeis, tanto soubestes aproveitar o íntimo, prolongado contato com a cultura norte-americana. Por cinco anos contínuos, não fostes apenas redator da edição em língua portuguesa de uma revista americana – freqüentastes cursos da Universidade de Colúmbia e de outras altas escolas; proferistes conferências e publicastes artigos sobre Literatura Brasileira e até sobre a nossa minguada Filosofia; contribuístes, de formas onímodas, para a difusão do conhecimento do Brasil, hauristes a mentalidade universitária, fortalecestes vosso espírito científico.

De volta ao Brasil fostes professor, interino a princípio e, depois, efetivo, por concurso, de Literatura no Colégio Pedro II. Ainda obtivestes a livre docência de Literatura, por concurso, na Faculdade Nacional de Filosofia. Criastes a cátedra de Teoria Literária na mesma Faculdade da Universidade da Guanabara. Isso seria apenas o indefectível emprego público.

Tivestes a fortuna, ou o merecimento, de não esmorecer, mergulhado no banho morno da burocracia. Havíeis resistido à sedução de um homem

empolgante pelo prestígio intelectual e moral – Otávio Mangabeira, que vos chamara a colaborar com ele. Tínheis o propósito de seguir a diretriz traçada: dedicar-vos, no magistério superior, a sistematizar os estudos empreendidos, publicar o vosso livro, ou organizá-lo sob vossa orientação doutrinária. Seria preciso novo milagre, que sobreveio.

Encontrastes, sem que o procurásseis, um homem raro, de cultura, de idealismo, de entusiasmo – que possibilitou a consecução dessa segunda parte do vosso programa. Esse homem providencial, o professor Leonídio Ribeiro, empenhou vultosos recursos da empresa que dirigia na elaboração e na publicação de *A Literatura no Brasil*, que, com proficientes colaboradores, realizastes, em quatro volumes já publicados, estando o quinto a sair dos prelos.

## PREDECESSORES

Portador de uma idéia nova, pouco ou mal conhecida em nossa Literatura, chegastes a proclamar o fracasso da crítica "até hoje", porque "se não manteve fiel ao objeto que lhe é próprio e não construiu um método de abordagem específico, apropriado àquele objeto".

Era a arremetida inicial. Não sois, porém, sempre, e apenas, demolidor. Tendes a preocupação de continuidade. Inconformado, rebelado, inovador – guardais, contudo, certo sentimento de respeito aos que vos precederam.

Sem dúvida, a crítica literária no Brasil começou mal. Basta recordar que José de Alencar se lamentava de faltar-lhe; e que, fora os que a fizeram, quase sempre mal, três, de melhores predicados, dotados de afinidades de caráter e de espírito – a mesma apurada sensibilidade, a mesma incapacidade de louvaminhas insinceras, a mesma aversão polêmica – Machado de Assis, Capistrano de Abreu, Clóvis Beviláqua – desistiram de prosseguir. Somente mais tarde se elevou o nível da crítica com Sílvio Romero, a quem se juntaram José Veríssimo e Araripe Júnior.

Vieram a ser, por fim, contemporâneos – e tiveram benéfica influência conjunta, pelo contraste de opiniões decorrentes das diversidades de formação, de preferência de temperamentos, focalizando, sob diferentes aspectos, a produção literária de seu tempo. Diria: – Completavam-se.

Divergindo fundamente de Sílvio Romero, reconhecestes-lhe o merecimento: tendes sua obra como a mais importante no Brasil no terreno das idéias e da doutrinação literária; vedes nele um gigante intelectual. Que diríeis se tivésseis sentido, pessoalmente, a vastidão, a amplitude de sua cultura, a independência, o ardor de convicções, a fluência da palavra vibrante e convincente? Tive-o como professor de Filosofia do Direito quando esta disciplina culminante figurava, erradamente, no limiar do curso jurídico. Desordenado, Sílvio Romero deslumbrava-nos. Não esqueço um traço do seu temperamento, de que se não tem falado – a bonomia, que temperava certa agressividade. Assim se mostrou inúmeras vezes. Contento-me com referir um episódio mínimo: por ocasião de exame final do ano, prolongávamos demasiado as provas escritas, até que, por fim, ele impacientou-se e bradou, "veemente, mas sorrindo: – "Chega disso! Vocês não pensem que vou ler todas as asneiras que estão escrevendo..."

A obra de José Veríssimo pareceu-vos, em comparação com a de Sílvio Romero, "insignificante, anêmica e superficial", mas reconhecestes que era moralista respeitável, o que não é pouco.

Finalmente, pela de Araripe Júnior creio que começastes a interessar-vos ao fazê-la assunto da tese de concurso de 1957, ou, antes, ao organizá-la e anotá-la, para publicação pela Casa de Rui Barbosa. Destacastes o signo do Nacionalismo, de que, como dissestes, ele "nunca se libertou", coincidindo com a dominação do espírito literário pela preocupação nacionalista. Por mim, receio que esse signo, essa preocupação possa ter-lhe estreitado o campo de apreciação. Não será por isso, contudo, que, como acentuei aqui mesmo, autor de um valioso estudo de José de Alencar, creio que até seu parente, Araripe Júnior, cometeu, em relação a ele, grave erro, o que mais lhe poderia doer, admitindo que tivesse pendor escravocrata!

Faltou a essa tríade notável, se não erro, em alguns casos, inteira isenção no julgamento: Sílvio Romero era quase sempre apaixonado; Araripe Júnior escolhia, por considerações de ordem pessoal, os escritores de que se ocupava; José Veríssimo, o mais impessoal, não o terá sido, pelo menos, em relação a Machado de Assis e Sílvio Romero.

Em fase ulterior, apareceu Alceu Amoroso Lima, que conserva há quarenta anos o primado da Crítica Literária ao Brasil. Dele dissestes que, com

Machado de Assis e Mário de Andrade, foi um dos precursores da tendência para a crítica de orientacão estética. Reconhecendo nele o mestre indiscutido, considerais que passou a ser filósofo social e moralista. Se é certo que sua atuação, como crítico literário, se fez menos assídua, não creio que se tenha encerrado. Sua contínua elevação espiritual inspira-lhe mais generosa benevolência e o afasta cada vez mais das polemiquices e das tricas pessoais; e a intensificação dos estudos sociais e políticos, a que sempre se dedicou, não constitui uma evasão, antes amplia-lhe e aprofunda a compreensão do fenômeno literário.

Depois dele, multiplicaram-se os críticos, mais numerosos hoje que nunca, e de muitos variados portes. Toda a gemte literária faz crítica – ou alguma coisa das outras similares, inferiores, que distinguistes. Aqui mesmo, nesta nossa Casa, poucos são os que a não praticam, com maior ou menor freqüência, alguns com inexcedível autoridade.

## A OBRA

Quanto a vós, tendes – o que não é freqüente – as virtudes primordiais, de que depende a formação do bom crítico literário, segundo Alceu Amoroso Lima: independência, bom gosto, pertinácia, cultura.

A obra, que tendes realizado, tornou-se diferente de todas as demais. Não improvisastes, não criastes doutrinas novas; soubestes transplantá-las, coordená-las, revigorá-las, aplicá-las à nossa Literatura. Nalguns pontos, como reivindicastes, fostes precursor.

Esse árduo empreendimento, com a marca de vossa austera dignidade pessoal, reveste-se pelo menos de três características marcantes, bem raro reunidas e ainda mais raro tão insistentemente acentuadas: – continuidade, unidade, seriedade.

Continuidade, pois, a bem dizer, não tendes feito senão crítica e História literárias. Incursões noutros setores podem considerar-se ocasionais, senão complementares ou subsidiárias.

Dominam vossa obra alguns pensamentos constantes, que lhe dão perfeita unidade. As soluções adotadas coordenam-se. Se não prosseguisse, ela

estaria completa, bem acabada. No entanto, comporta prosseguimento, precisa ter prosseguimento para mais extensa aplicação das doutrinas firmadas.

Da continuidade e da unidade de vossa obra resulta a terceira característica, que lhe reconheço: seriedade – isto é, não há nela improvisação, nem camaradagem, que tantas vezes tem deturpado, ou amesquinhado, a Crítica Literária. Não só vos abstivestes desses maus hábitos: também os exprobastes. Exigistes, e conseguistes a ampla preparação cultural adequada. Fixastes uma orientação doutrinária, impessoal, objetiva. Atingistes a situação que consideráveis propícia ao exercício da crítica literária: – o magistério superior e a publicação de livros.

Acentuaram-se essas características através das várias fases de vossa obra.

Distinguiria uma fase inicial que se pode dizer preparatória. São desse tempo não só a Litratura dispersa em conferências e jornais, um ensaio em francês – *L'exemple du métissage* e o discurso aos doutorandos, a que já me referi, traduções de Peguy, de Maritain de Daniel Rops e de uma *História do Poderio Marítimo*. Ainda desse tempo, um opúsculo valioso – *Daniel Rops e a Ânsia do Sentido Novo da Existência*.

Há, em todos esses trabalhos um pensamento de espiritualismo cristão. Não tínheis ainda enveredado pelo caminho definitivo – mas os atalhos trilhados vos levavam à estrada real.

Em 1940, inciastes a Crítica Literária – não adotastes, contudo, o critério crítico que estabeleceríeis depois da permanência nos Estados Unidos. É fase preliminar, de que há apenas um livro, um belo livro – *Filosofia de Machado de Assis*, em que analisais, em profundidade, a influência do jansenismo e de Pascal na mentalidade do grande patrono desta Casa.

Na segunda fase – de doutrinação, fizestes, depois da renovação mental nos Estados Unidos, a pregação das doutrinas que adotastes. São desse período o opúsculo *Por uma Crítica Estética*, conferência na Univesidade da Bahia em 1948; outro opúsculo – A *Crítica*, dois volumes de artigos na imprensa – *Correntes Cruzadas* e *Da Crítica e da Nova Crítica*. É a evangelização e o combate. Demolis preconceitos e difundis idéias novas.

Na terceira fase – de crítica, "crítica nova" – se incluem os livros em que fizestes aplicação sitemática das doutrinas assentadas, praticadas acidentalmente em alguns do grupo precedente e começada em 1950, com a tese de

concurso *Aspectos da Literatura Barroca*, completando-a a *Bibliografia para o Estudo do Barroco*. Depois, a grandiosa *A Literatura no Brasil*, a que já aludi, e os capítulos de vossa autoria, dela extraídos para formarem um volume – *Introdução à Literatura do Brasil*; a nova edição de *A Filosia de Machado de Assis*, readaptada, quase por completo, à orientação que tomastes; ainda outro estudo, *Machado de Assis na Literatura Brasileira*; o volume sobre *Euclides, Capistrano e Araripe*; edições críticas com anotações das obras de Machado de Assis, Araripe Júnior, Jorge de Lima; por fim, *Conceito da Literatura Brasileira*.

Insisto em notar que, de todos esses livros, somente *A Filosofia de Machado de Assis* é anterior à vossa presença nos Estados Unidos, de 1942 a 1947; os demais, posteriores ao regresso ao Brasil.

Falei de vossa pertinácia, como candidato, e recordei que já se considerou essa uma qualidade necessária do crítico literário. Porque a tendes em alto grau, e sois um estudioso sempre insatisfeito, os temas versados em vossas obras reaparecem, continuadamente os desenvolveis e aprofundais. Com a sedução das idéias novas e o vigor de pioneiro, não vos aferrais, até os detalhes, às conclusões apresentadas de começo. Poderíeis repetir que cada livro vosso é – um livro de *bonne foi*.

Seria impossível – mesmo excedendo, ainda mais desmarcadamente, os limites destas palavras – recordar os conceitos, os princípios que formam o travejamento de vossa construção. Creio – devo dizer, "acho", porém, que basta enunciar os principais, ou alguns deles, para lhes apreender a feição, o sentido e relevância, versando três disciplinas – senão três ciências, que se interpenetram – Literatura, ou antes Filosofia da Literatura, Crítica Literária, História Literária.

Com esse intuito, indicarei três fundamentais e quatro decorrentes.

Dentre os principais: – conceituação da Literatura: conceituação da Crítica Literária, ou Nova Crítica, como dizeis habitualmente, alguma vez dissestes "crítica renovada", o que pode ser mais exato; periodização da História literária, pelos estilos, e não pela cronologia, nem pelas condições sociais, nem pelos fatos políticos.

Dentre os segundos: – preparação e especialização do crítico literário; discriminação da Literatura Brasileira em face da portuguesa; sucessão das escolas literárias, sem inteira separação, mas interpenetrando-se, subsistindo

numas elementos das precedentes; revelação das escolas, a princípio na Literatura, influindo e propagando-se à Música e às Artes Plásticas. São grandes, interessantíssimas, fecundas proposições.

Nenhum leitor atento e meditativo de vossa obra, densa de idéias e conceitos, provocado a pronunciar-se sobre ela poderá limitar-se a aplaudi-la e a adotar-lhe os postulados; se for sincero, terá de arriscar-se, pelo menos, a alguma ponderação dubitativa.

## VISÃO

Não é sem temor que – na situação por vós mesmo criada, sugerindo meu nome para orador nesta oportunidade – tenho agora de dizer dessa obra, que preferiria continuar a estudar e a admirar, sem comentá-la.

Incapaz de qualquer das três modalidades de apreciação que destacastes, de importância decrescente – crítica, *reviewing*, análise – não me arrisco a desfechar sobre vós mesmo e vossa obra um arremedo de crítica biográfica e impressionista – bem sabendo que, até em suas expressões mais perfeitas, menosprezais uma e outra. Resta-me apenas a possibilidade de ensaiar outra espécie de apreciação, de nível mais baixo, que vossa condescendência admitiu, designando-a – "achismo". Assim direi, timidamente, o que "acho" de vossas obras. Será essa a última provação que suportais para completar a investidura acadêmica.

É o que de pior pode acontecer a um crítico literário. Pior ainda, para mim, por serdes crítico da mais alta categoria, assumida por conquista deliberada, e não muito condescendente com as investidas desse gênero.

No entanto, cada um de vossos temas envolve pontos de controvérsia. Revelates amor à controvérsia – eu prezo-a por dever e hábito de ofício. Não chegaremos à plena satisfação comum, empenhando-se em uma autêntica controvérsia. Teremos apenas difereças de pontos de vista, ou de posição.

Aquele terceiro pavimento de Ipanema, com a livraria, poderia equiparar-se a uma *turris eburnea*, em que sentiríeis o prazer estético. Quanto a mim, sinto cada vez mais os reflexos sociais e político mais intensos em todas as criações humanas: suponho cada homem mais e mais mergulhado na crescente agitação política do mundo; todos os seus atos e todos os seus pensamentos

sofrem a influência inevitável dessa condição. Não creio que estejais de todo imune dela, e ainda há pouco o verificamos em certas expansões calorosas de vosso discurso, em que lampejavam fagulhas do braseiro que parecia extinto.

Permiti que, diante de algumas proposições vossas, manifeste receios, ou dúvidas, que me despertam – ainda que compreenda e aplauda, nos traços fundamentais, toda a vossa obra e, sobretudo, a capacidade com que a realizastes.

Meu temor primordial resultou da considerável retração, que fazeis, do campo literário. Repelis a conceituação germânica, de que Sílvio Romero foi, entre nós, estrênuo defensor, abrangendo na Literatura todas as produções do espírito; sustentais, com igual fulgor, uma compreensão mais restrita, que reduz a Literatura à obra de arte, caracterizada pelo prazer estético que proporciona. Com esse conceito de Literatura entrosais o da Crítica Literária.

Repelis velhas, tradicionais teorias da crítica – sociológicas, históricas, ou biográficas, que apreciavam, de fora, a Literatura, investigando fatos e circunstâncias externas, extra-literárias, procurando precipuamente descobrir o homem, às vezes através da obra. Exposastes, por conseqüência, a doutrina anglo-americana (também difundida em outros países) pela qual "a crítica constituirá uma análise e uma avaliação da obra literária como obra de arte", que vale por si mesma e tem finalidade em si mesma. O que interessa é a obra, não o autor.

O crítico vê na obra literária apenas "a grandeza literária, a beleza artística, e as analisa". Remontastes a Aristóteles as origens dessa teoria, que apreciastes minuciosamente nas fontes remotas e nas exposições de numerosíssimos autores modernos. Essa é a "Nova Crítica", que tendes exaustiva e brilhantemente justificado e praticado.

Quanto à conceituação da Literatura, reconheceis a dificuldade de definir, com precisão rigorosa, o "prazer estético". Bastará ele, só por si, em todos os casos, para caracterizar a obra literária?

Creio que poderá bastar em relação à Poesia. Especialmente quanto ao Romance, porém, confesso que, por exemplo, nos livros de Lins do Rego e de quantos o seguiram, me atrai e empolga, além do prazer estético, o panorama vivo da vida de Nordeste, a fixação da psicologia do nordestino – em suma, o depoimento sobre as condições sociais, a visão destas por um observador de apurada sensibilidade. Direis que, assim, estou fora da Literatura: a objeção

decorre da própria conceituação da Literatura, e a vossa me parece – repito, com temor e ousadia – demasiado restrita.

Se não me posso contentar, sempre, com o só "prazer estético" na prosa de ficção, que percentagem de nossa gente alfabetizada e ledora poderá consegui-lo?

Não sendo a Literatura documento de uma época, ou de uma sociedade, como, por tanto tempo, conforme a concepção política ou histórica, por vós brilhantemente contestada, mas, sim, como entendeis, produto autônomo, conforme a concepção "poética", no sentido grego da palavra, pelo só prazer estético que proporciona – o meu receio, de homem que gosta dela, com o fervor apaixonado da velhice, é que se torne uma delícia de requintados, um prazer estético, de pequena elite, como, mal comparando, o da gente que aprecia caviar. Não quereis que toda a Literatura se reduza a assunto da classe mal caracterizada dos estetas. Perdoai-me o receio de que do conceito restrito de Literatura possa resultar a restrição do seu alcance, da sua projeção, do seu interesse, do seu valor.

Lamentais nosso desinteresse pela Literatura: não temeis reduzi-do ainda mais, reduzindo-lhe o sentido? Definistes a crítica como Arte de ler e de ensinar a ler a Literatura em prosa e verso: não receais restringir-lhe o ensinamento, se se limitasse o campo de visão da obra de arte?

E na preciosa observação, que vos é cara, da iniciação dos movimentos no campo da Literatura, propagando-se depois a todas as artes, não se confirma certa identidade da situação psicológica dos diferentes autores e a influência exercida sobre eles, diretamente ou indiretamente, pelos fatos sociais e políticos? A que fica reduzida a autonomia do fenômeno literário?

Sem me embrenhar no cipoal de uma questão filosófica ou sociológica, permiti-me considerá-la em seu aspecto mais humilde, mais ao meu alcance.

Vosso dissentimento, conquanto na boa companhia de grandes críticos de renome, não é somente com Sílvio Romero e tantos outros, mas até mesmo com os fundadores desta Academia. Lúcio de Mendonça nem seria para vós puro e autêntico homem de letras; Machado de Assis e Joaquim Nabuco empenharam-se sempre em reunir na Academia representantes condignos de todos os setores culturais. É irrecusável que este critério, subordinado a inspirações subjetivas, terá aberto as portas da casa – bem o sei! – a quem, se fosse

ele aplicado rigorosamente, nem conseguiria ingresso. Como quer que tenha sido, a verdade incontestável é que a Academia ganhou a estima pública, tem durado, prestigiou-se e prestigiou a Literatura, difundiu interesse por ela, tornou-se uma grande Instituição. Terá sido apesar de tudo? Ou quem sabe se não contribuiu para esse resultado, além do fato de reunir alguns dos nossos maiores e genuínos homens de letras e alguns representantes de outros setores culturais – o fato mesmo de tornar-se o ingresso na Academia aspiração, recalcada ou não, de tantos homens de mais alto nível intelectual?

Nem só do mais alto nível intelectual. Tereis ensejo de ver essa aspiração larvada revelar-se, de súbito, a vossos olhos, nalguma confissão da amizade, que sabeis cultivar. Cada um de nós guarda memória de episódios dessa espécie.

Não preciso dizer-vos que o primeiro dever de cortesia do acadêmico é acolher, com benevolência, até com simpatia, qualquer revelação dessa espécie. Nem o vosso conceito estrito de Literatura justificará outro procedimento.

De resto, talvez se possa estabelecer uma sutileza verbal: a Academia não é de Literatura, mas, de Letras – e pode entender-se que não são cultores das Letras – das boas letras, como se diz – apenas os que proporcionam, e em seus escritos, o prazer estético.

De todas as ilações que se poderiam extrair do vosso conceito de Literatura, a mais penosa seria a que pretendesse denunciar uma incoerência: não poderíeis ser hoje acadêmico; vosso conceito da Literatura não abrange, como reconheceis com implacável lógica, a História e a Crítica Literárias. Quanto a mim, então, mais flagrante seria o impedimento. Seríamos aqui dois intrusos nesta hora nem poderíamos perpetrar os discursos desta noite – nem o meu, pobre e pálido, nem mesmo o vosso, eloqüente e substancioso. Dentre todos os defeitos que um discurso pode ter, nenhum maior que esse, da inoportunidade – conquanto seja esse, quase sempre, o primeiro e inevitável defeito. Enfim, valham-nos a expressão literal do nome da Academia e a sua tradição. Por igual, a lição de Montesquieu, em 1716, ou seja, há quase 250 anos. Ao ser recebido na Academia de Ciências de Bordeaux, recordou ele que os antigos – ainda mais antigos – consideravam que para ser filósofo bastava ter gosto pela Filosofia. Assim entendamos que para ser homem de letras basta gostar de Literatura...

São essas considerações de ordem prática – e eivadas de suspeição. Confesso que minha condição pessoal vicia a minha tímida objeção à conceituação de Literatura, que tendes afirmado.

Conexa a essa concepção da Literatura está a da Crítica. Alguma vez, advertindo que o meio físico, social e histórico e os dados sobre o autor somente interessam secundária e subsidiariamente, são material para o sociológico, para o historiador, para o psicólogo – concluístes: "Jamais, para o crítico literário." Esse seria outro impacto destruidor, do inovador intrépido, enamorado da sua doutrina.

No entanto, não desprezais, por completo e em todos os casos, esses materiais extraliterários, a que se adstringia a Crítica antiga, e são, como dizeis, extraliterários. Por isso, "indiferentes". Reiteradas vezes declarastes que "a crítica intrínseca não implica desconhecimento ou abandono total dos métodos extrínsecos em tudo aquilo que tem valido para o conhecimento"; nem isola um fato literário como um bólido no espaço, encara-o em suas relações com os outros fatos da vida, sem no entanto sacrificar o que deve ser o ponto precípuo da análise crítica: "Sem desprezar as condicionantes externas que sirvam", "não abandona a contribuição histórica, mas colocada no devido lugar, que não é o primeiro; para a Crítica, é a obra de arte, antes e acima de tudo, o que importa." Assim ressalvastes, como "contribuição inestimável", a de Sílvio Romero, aplicando os critérios sociológicos ao estudo da Literatura... "ao fundo de cena da Literatura". Reconhecestes, com Ronald de Carvalho, que, "sem sensibilidade e gosto, nenhuma crítica pode ser boa".

Se assim é, se a Crítica não abandona, de todo, os elementos extrínsecos, e deles se há de valer, secundária e subsidiariamente, parece difícil estabelecer um critério seguro e permanente, uma limitação rígida desse aproveitamento. Tudo se fará empiricamente, segundo a tendência pessoal de cada crítico, ou conforme as circunstâncias peculiares de cada caso. Então, subjetivamente?

Não quero crer, portanto, que a vossa doutrina não reconheça certa gradação na extensão em que será admitido o aproveitamento dos elementos extraliterários, conforme o gênero literário. Se assim fosse, quanto à Poesia, como disse, parece-me fácil excluí-los quase por completo. James Brown, citado por Eduardo Portella, observou que, na América, do renascimento poético proveio uma Nova Crítica. Não será sintomática essa co-relação?

Às demais obras de arte se aplicará, de preferência, o critério estético, sem prejuízo, como tendes dito, dos elementos extraliterários.

Por fim, em relação às sucessivas escolas e movimentos literários, até porque têm feição coletiva, suponho mais cabível a crítica que chamastes sociológica, achando-se tais escolas e movimentos ligados, quase sempre, senão sempre, a episódios políticos ou sociais. Nesses casos, a influência extraliterária poderá ser mais freqüentemente intensa.

Precisamente essas escolas, estilos ou movimentos literários são, como disse, os elementos que adotais para a periodização da História literária – projetando, assim, nova e intensa luz sobre a matéria. Esse é também o último dos princípios fundamentais de vossa obra, que acima destaquei.

## HISTÓRIA LITERÁRIA

Na apreciação das escolas e dos movimentos literários – mais que na das próprias obras literárias e ao contrário do que se daria em relação à Poesia – não percebi, como desejaria, conforme o que acabo de dizer, que houvésseis dado maior relevo aos fatores sociais e políticos. Apenas os tereis ressalvado, como elementos secundários, de fora da Literatura.

Para vós, coerentemente, a História literária há de limitar-se à História do fenômeno estético. Não lhe ampliais o território. Sois, assim, sempre fiel à especialização, especialização do crítico, da Crítica, da História literária. De inteiro acordo convosco, quanto à especialização do crítico, atrevo-me a supor que a restrição da matéria da História literária acarreta sua desvalorização, o desinteresse por ela, a incompreensão dos fatos que ela narra.

Do mesmo modo por que na História política se atende aos fatos econômicos que influem nos fatos políticos, e a História econômica considera os fatos políticos relacionados com os fatos econômicos – porque a História literária não há de perquirir, ainda mesmo fora da Literatura, os fatos que influíram ou determinaram a eclosão de escolas ou movimentos?

Noto que, sem incoerência, quanto ao Barroquismo e ao Modernismo, reconhecendo a dificuldade de os definir, acentuais a influência de fatos históricos, abstendo-vos, contudo, de os detalhar e analisar.

## DECORRÊNCIAS

Fixados os pontos fundamentais mencionados, estabelecestes, como primeira decorrência, a preparação e especialização do crítico literário. Tão relevante e difícil vos parece uma missão que não admitis o diletantismo, nem a improvisação. Exigis habilitação científica completa. Quereis para os críticos o profissionalismo, como já o têm – e com que êxito! – os *foot-ballers*. Apurastes a técnica, com a justa preocupação de "dar aos termos literários um valor crítico preciso". Não fizestes apenas a pregação dessas normas. Soubestes realizá-las, com êxito integral.

A segunda decorrência verifica-se na caracterização dos primórdios da Literatura Brasileira. Fiel à regra de excluir, ou subalternizar, na Crítica Literária, a apreciação de fatos históricos ou políticos, e desprezar a cronologia, caracterizando cada período literário somente pelo estilo predominante, creio que consagrastes, ainda, uma inovação marcante, denominando – barroca – a fase inicial de nossa Literatura, entre o Renascimento e o Neoclassicismo, que era qualificada de "seiscentista". Considerais que "a Literatura nasceu no Brasil, sob o signo do Barroco pela mão barroca do jesuíta", e logo destacada e distinta da Literatura da metrópole. Esse movimento, começando pela Literatura, propaga-se – como em regra acontece, conforme acentuais – às demais artes, pintura, escultura, arquitetura, música. Sobre as origens do Barroco, parece-me interessante a influência política que destacais, observando que, pela sua procedência espanhola, teve em Portugal pouco acolhimento, ao passo que, pelo mesmo motivo no Brasil, como reação contra a metrópole, repercutiu muito mais extensamente.

Esse é um tema que talvez, antes de vós, aqui não se tivesse versado – como está sendo na Europa, mesmo em Portugal – com certeza nunca o fora entre nós tão aprofundadamente. Arrolastes imensa bibliografia, que ocupa seis páginas, em tipo miúdo, da vossa *Introdução Literatura no Brasil*. Atraístes para ele a atenção dos críticos, que o versaram com interesse, apoiando-vos ou divergindo de vós.

Tendo sido esse o assunto de vossa tese de concurso à cátedra do Colégio Pedro II, foi sempre, por vós, reiteradamente considerado no decurso

dos estudos ulteriores. Reconhecestes as dúvidas sobre "a extensão, avaliação e conteúdo" do termo "barroco", divergindo dos autores mais conceituados.

Para vós, o aspecto formal do barroco não é somente o pomposo, ramalhudo, gongórico, também o "discreto, sutil, poupado, meditativo".

Assim, poderemos incluir nesse gênero obras de arte aparentemente muito diversas; dilata-se a noção vulgar arraigada entre nós – talvez correspondente ao sentido primitivo, depois ampliado à Literatura – que aplicava a qualificação somente às artes plásticas. Notei que em *A Literatura no Brasil* fizestes inserir duas belas gravuras, com aspectos típicos do interior de igrejas baianas. A dilatação do conceito levou a enriquecer, talvez demasiado, o gênero, podendo incluir-se, entre suas figuras representativas, as mais distanciadas e diferentes: por exemplo, na pintura não só Rubens, com a sua característica exuberância de cores e de carnes, como também o sutil Watteau, e na música o tumultuoso Tchaikowsky a par do movimentado Bach. Críticos ilustres não cessam de fazer classificações nesse estilo. Anotastes que já se indicou Luís de Camões. Para evitar essa confusão de estilos e de épocas, será preciso adotar o critério cronológico, no caso, talvez, mais preciso?

Vossos estudos sobre esta matéria transcenderam de nossa Literatura, mesmo porque reconheceis que esta apresenta, no período barroco, escritores medíocres – excetuados Antônio Vieira e Gregório de Matos – e elaborastes valiosíssimos ensaios de Literatura Comparada, versando a irradiação do barroco nos principais países da Europa durante o século XVIII.

Caracterizada a Literatura barroca, traçastes as linhas dos movimentos subseqüentes – neoclássico, romântico, realista, naturalista, parnasiano, simbolista, modernista.

Precisaria alongar-me, insuportavelmente, para acompanhar a exposição de vossas idéias sobre cada uma dessas escolas ainda que, como tenho feito, à superfície. Atenho-me apenas à última, a do Modernismo, a mais dilatada, sobreexcedendo, mesmo entre nós, à do Romantismo, a mais importante pelas suas origens remotas e prolongadas, pelas circunstâncias em que se iniciou, pelas características, pelas conseqüências, até porque já se tem classificado vossa obra no Pós-modernismo e sois uma das figuras primaciais desta fase da nossa Literatura.

## MODERNISMO

Foi o Romantimo produto de importação, que bem se aclimatou entre nós, tanto coincidia com a índole de nossa gente, com o sentimentalismo daqueles poetas inspirados, que morriam tuberculosos na adolescência. Irrompeu com o livro de Gonçalves Magalhães, ou, como preferia nosso inolvidável Afrânio Peixoto, com o de José Bonifácio.

Quanto ao Modernismo, porém, críticos da maior autoridade e até mesmo participantes da arrancada de 1922 têm insistido em filiar o movimento a fatos históricos – desde a grande guerra de 1914 até a nossa revolução de 1930 e a crise econômica que a precedeu.

Menotti del Picchia reportou-se à revolução da técnica, ao surgimento de um novo mundo de Ciência e de racionalização – e recordou a palavra do próprio chefe daquela revolução, o Presidente Getúlio Vargas, assinalando o paralelismo da renovação dos valores literários e artísticos e a dos valores políticos e das próprias instituições – ambas oriundas de fatores mundiais e locais.

Fiel sempre à orientação doutrinária firmada, não perquiristes origens. Recuastes a 1909, com Lima Barreto, os primórdios do Modernismo, que prolongastes até 1920; depois, a eclosão de 1922, e até hoje o Pós-modernismo.

Dentre as múltiplas correntes que distinguistes, formadas pela "profunda subversão modernista", destacastes o "movimento de revalorização estética" da Literatura, de que fostes iniciador e orientador, "contra a teoria de que a Literatura não passava de um epifenômeno da vida social e política". Reconhecendo, porém, que, por influência do Modernismo, "a Literatura atingiu um estágio que traduz o grau de maturidade e integração da consciência, da mente, da alma brasileira", dele tendo resultado a reconquista do equilíbrio entre a continuidade e a herança do passado e as mudanças e inovações, entre a tradição e a revolta –, mencionastes, com detalhes, "as conquistas definitivas em grande parte devidas ao seu impulso gerador ou transformador". Entre essas, incluístes o estudo, "com espírito científico", do folclore, da Ciência, da História. A esse mesmo espírito haveria de atribuir-se, em vossa opinião, a criação da tradição universitária e da universidade no Brasil, necessária para dignificar a Literatura. Incluístes no saldo do Modernismo as parcelas indicadas, com lucidez, por Peregrino Júnior, inclusive a da "participa-

ção ativa na vida nacional", mediante a "identificação total com os problemas sociais, políticos e econômicos do Brasil", a da "introspecção nacional" – fatos políticos, em que reponta o fortalecimento do espírito científico.

Alceu Amoroso Lima ligou a "Nova Crítica" ao movimento científico, que passou da macroscopia à microscopia.

Também a série valiosíssima de "estudos brasileiros", que assinalastes, deve filiar-se ao movimento de "introspecção nacional": procura-se o melhor e mais exato conhecimento, deste imenso, esparramado Brasil e da sua gente dispersa e heterogênea.

Conhecia-se, apenas, o litoral, ou parte dele; o *hinterland*, por onde passaram bandeirantes com estritos objetivos, ficara impenetrável. Não nos conhecíamos, não nos comunicávamos. Não havia estatísticas completas, uniformizadas, fidedignas. Quando, em 1882, Rui Barbosa emite os monumentais pareceres sobre a reforma do ensino, contrapôs às estatísticas estrangeiras as nossas, e tinha de advertir da desvalia destas. Em 1890, a primeira Constituinte republicana enfrenta a questão da distribuição das rendas públicas, fundamental para a organização do regime federativo, desamparada de estatísticas e tem de decidir por palpites ou estimativas mal fundadas.

Se assim se passava conosco, pior ainda era com os estrangeiros, que erravam de boa ou de má-fé, ao julgar-nos, e provocavam protestos e reações, mais ou menos patrióticos, aniquilando a mútua compensação imprescindível.

Turistas apressados preocupavam-se, de preferência, com a paisagem; um sábio que nos visita celebriza-se pelo estudo e classificação de palmeiras; alguns zombavam de nossas instituições, louvavam a benevolência dos senhores de escravos. Não se falava no que não existiria – o povo, a coletividade humana, dominada pelos mesmos propósitos e pelo mesmo objetivo, a nacionalidade.

Um moço escritor inglês escreve grandiosa *História da Civilização na Inglaterra*, que lhe daria renome mundial, em que, sem vir ao Brasil, denuncia a impossibilidade da civilização neste País. A Natureza indomável, avassaladora, não o permitiria – é o pronunciamento terrível de Henry Thomas Buckle, que repercutiria prolongadamente no espírito de brasileiros insignes – como Capistrano de Abreu. Sílvio Romero, sempre emancipado, discorda, com alguma prudência, senão timidez, apenas quanto aos fatores apontados, reconhecendo que haveria no asserto alguma coisa de verdade. A contestação

cabal do prognóstico fulminante só mais tarde viria – na palavra de Rocha Pombo, Pedro Lessa, Batista Pereira, Ronald de Carvalho. Esta corrente de opinião também se deve filiar ao Modernismo.

Além desse impacto depressivo, outros agiam aqui dentro, além dos episódios políticos – o desmoronamento da Monarquia, a agitação do processo de adaptação ao regime Republicano, o grave problema social que a Abolição inopinada da escravidão não resolvera, antes agravara, que era do negro.

Como nas boas famílas, em que houvesse alguém de cabelo encarapinhado, nariz esborrachado, beiços grossos, pigmento escurecido, que era escondido às visitas de cerimônia, ignorávamos, queríamos capital na formação do povo.

Sempre se supervalorizou o índio. Era mais interessante, mais pitoresco, e o pitoresco foi sempre obsessão, quase um flagelo nacional. No período colonial o índio era favorecido, imune de escravização pela consideração, muito jurídica, de ter sido o dono das terras de que se apossara o colonizador. Tivemos – também o sei – uma escola literária, indianista, a que se filiaram nossos dois primeiros grandes escritores – José de Alencar e Gonçalves Dias.

A falada "tomada de consciência do brasileiro" dependia – e somente resultou do progresso científico – quando começamos a sair do empirismo, do embasbacamento deslumbrado ou da pasmaceira desalentada. Esse processo ainda se não consumou. Nada mostra melhor quanto essa transformação vai retardada que a observação do que se tem passado com o maior produto de exportação, fonte inexcedível de recursos da nossa balança comercial, que ainda se chama, em linguagem barroca – a "preciosa rubiácea". Quase todos os produtores têm-na cultivado como o faziam seus antepassados, ou antecessores no domínio das mesmas terras. Pensava muito nisso quando via, na Holanda, o cultivo e o comércio das tulipas. Quem contempla imensas áreas territoriais cobertas das belíssimas flores de variados coloridos, de formas imprevistas, pode supor que servem apenas para deslumbramento dos turistas. No entanto, elas são fonte de riqueza nacional, objeto de intensa exportação para outros países, também da América, até mesmo do Sul, acarretando milhões de florins. O acondicionamento das delicadas flores, os processos de expedição, os leilões em que se fazem vendas dos grandes lotes – tudo obedece a normas cada vez mais aprimoradas. Antes disso, com o mesmo cuidado,

se faz o preparo do solo, o cultivo e a colheita das flores. O Instituto competente estuda e aperfeiçoa, cada vez mais, os processos de seleção das terras e dos bulbos, de plantio, de drenagem e de irrigação do solo, e de adubagem; orienta e instrui os cultivadores, os exportadores. Aqui, em relação ao café, como quanto à irrigação das terras áridas, algo começamos a fazer, somente há pouco, graças à iniciativa e à pregação do nosso inesquecível e benemérito Assis Chateaubriand.

De tal sorte, na determinação das causas remotas do movimento modernista há de incluir-se o fortalecimento, ou, antes, a revelação do espírito científico, característico dessa fase da civilização e que significativamente desejais entender – Crítica Literária.

Em 1910, ano climático da República, terminava a terceira presidência paulista: consolidara-se a ordem pública, restaurara-se o crédito nacional, prestigiara-se o conceito internacional do Brasil. Consumara-se a primeira, a mais espetacular realização do processo científico: a extinção da febre amarela. Pela primeira vez, uma tarefa administrativa fora planejada e se consumara triunfalmente, com rigorosa orientação científica, no preciso prazo predeterminado, como se se tratasse da passagem de um cometa no meridiano, sob a orientação inflexível de Osvaldo Cruz, outro que foi dos nossos. Depois, a vacinação antivariólica ainda encontrou resistências inesperadas, provocou motins, quase uma revolução metida a patriótica. Ao passo que, nestes últimos dias, a vacinação antipoliomielítica foi praticada largamente, procurada, com irrestrita confiança e o mais satisfatório êxito.

Por igual, a difusão de conhecimentos científicos resolveu o problema do negro, reabilitando-o. Homens de ciência proclamaram o negro, mentalmente, fisiologicamente, superior ao índio. Partiu da vossa Bahia a retificação pela voz dos seus sábios – desde Nina Rodrigues a Artur Ramos e, dentre tantos outros, como sempre em todos os movimentos culturais do Brasil, Afrânio Peixoto, e mais outros dos nossos, cientista e esteta – Roquete-Pinto.

Por isso mesmo, talvez uma de minhas agradáveis impressões da Bahia, colhidas quando ali passei pouco mais de um mês – foi a da condição social do negro. Não é um revoltado, nem um marginal. Naquele período, não terei tido conhecimento de um só crime cometido por algum homem preto, como tantos e tantos que noticiam aqui cada dia os jornais. Porque acolhidos pela

melhor gente. Em muitas casas há um servidor dedicado, descendente de antigos escravos que pertenceram a antepassados dos atuais moradores. Jantei uma noite na casa de eminente homem público, da alta condição social. Depois do jantar, meu nobre anfitrião apresentou-me a um preto velho, bem apessoado, bem vestido, com aparência digna e respeitosa. Disse-me o dono da casa: – "Hoje ele não foi conosco à mesa, por sua causa..." Surpreendi-me e interroguei: "Ora essa! Por quê?" Quem me respondeu foi o próprio preto, esclarecendo: "É, sim, senhor: há brancos que não gostam..."

Poderia falar-se em – incorporação do negro na sociedade brasileira. Assim se chega a uma fase de otimismo, de que é sintoma o pequeno livro do nosso Afonso Celso, republicano histórico desiludido, em que ressurge o ufanismo do período colonial, apontado em *A Literatura no Brasil*, por Eugênio Gomes, como um dos aspectos do Barroquismo brasileiro. Teve esse livro entusiástico acolhimento excepcional em edições sucessivas e denota, em conseqüência da reação deflagrada, o espírito coletivo que se formava.

Contemporaneamene, dois homens de letras, que também foram dos nossos – Euclides da Cunha e Roquette-Pinto – varam florestas e rios caudalosos e trazem o relatório do que viram à luz da Ciência – um no Noroeste, outro no Norte. Um, em 1909, descreve o homem esmagado pela Natureza na Amazônia, o brasileiro que pisava terra brasileira e era um estrangeiro – mas reabilita o clima e o deserto, que foram caluniados, revela a "seleção telúrica" que "elege para a vida os mais aptos". O outro, em 1912, justifica a confiança retemperada e a alegria sentida no trato do sertanejo. *Os Sertões* e *Rondônia*, ditados pelo perfeito espírito científico, tornam-se duas obras imperecíveis da Literatura Brasileira.

Paralelamente, fora da Literatura, por esse mesmo tempo, Alberto Torres (que não esquecestes de mencionar), outro republicano histórico desiludido, depois de transitar pelos três poderes federais e pelo governo de um Estado, talvez com escassa preparação científica, mas com maravilhosa intuição, denuncia a dilapidação das riquezas naturais e da desorganização nacional. Confia numa reforma constitucional calcada na Constituição monárquica. Sua doutrinação despercebida repercute, vinte anos depois, na palavra empolgante de mais um dos nossos, Oliveira Viana, e, através desta, fundamente, na Assembléia Constituinte de 1934.

## NACIONALISMO

Todas essas circunstâncias bem justificam as conseqüências, de ordem política, que reconhecestes no Modernismo – sem elas inexplicável. Entre tais decorrências, apontastes o Nacionalismo – "sem ser contra", sem "sentido jacobinista".

Assim vi o Nacionalismo em vosso discurso de 1931. Necessariamente, o Modernismo, pelas mesmas circunstâncias de que se originou, fortaleceria o sentimento nacionalista; mas haveria quem o elevasse a um ufanismo pueril, com sacrifício do espírito de autocrítica, que deveria decorrer do Modernismo.

Apoiastes as palavras de Peregrino Júnior: – "O movimento modernista promoveu a orientação da nossa Arte e da nossa Literatura num sentido nitidamente nacionalista, de base humana e social." Nestes termos, tudo estaria bem e mereceria aplauso caloroso; mas essa tendência de "nacionalização" da Literatura não se contenta sempre com a bem justificada preferência de temas brasileiros; vai até o problema da língua e do estilo, prega a emancipação dos "cânones portugueses", para substituí-los por uma linguagem "popular e regional", como disse Peregrino Júnior, entrosando – e ainda bem! – o Modernismo com o Regionalismo.

Esse movimento regionalista, a que dais toda a importância merecida, recebeu alento, senão resultou de fatos políticos.

## LÍNGUA

Ocorreu a recrudescência, a exaltação do "instinto de nacionalidade", que Machado de Assis recomendara, sob a influência de elementos de ordem política, que mesmo que os não tornássemos alheios à crítica literária, não deveriam ser incentivados nem aplaudidos. Assim se chegou a maldizer a colonização portuguesa, a influência portuguesa no Brasil, a denunciar o intuito de uma espécie de recolonização, a proclamar a existência de uma – língua brasileira – e a condenar a linguagem enfática e "arcaizante" de escritores insignes, não só Coelho Neto e Euclides da Cunha, também Rui Barbosa.

Tem esse sentido alguns pronunciamentos vossos. Não posso supor que um homem de vossa alta categoria mental, com a vossa visão universal

dos problemas, acredite no avigoramento ou na renovação, de nossa incipiente cultura, cortando-lhe as raízes profundas. Não desprezando a remota filiação greco-romana, não quereereis, de certo, desligar-nos da fase intermediária, que foi precisamente a lusitana. Não valorizaria nossa Literatura destituí-la da bela e forte língua, assemelhada à latina, que foi a de Camões e Vieira, para sujeitá-la a um idioma mais ou menos improvisado, de restrito alcance regional. Temos enriquecido a velha língua, temos-lhe dado novas tonalidades e múltiplas expressões – não queiramos deturpá-la, criar, para substituí-la, um instrumento formado pelo linguajar expressivo, mas desconexo e variado, da gente de cada trecho do País.

Em plena fase de irrupção do Modernismo, em 1924, a proposta de Graça Aranha, que a Academia rejeitou, visava à elaboração de um "dicionário brasileiro de língua portuguesa", projeto esse que, mais tarde, veio a realizar-se, por obra de ilustres acadêmicos, continuada em edições sucessivas até agora. A própria Academia está publicando um "dicionário da língua portuguesa".

Esperemos pela falada língua brasileira, mais uns cem anos... A questão suscitada está finda. Esgotaram-na, com tantos outros, no ponto de vista histórico e sentimental Afrânio Peixoto, no ponto de vista ecológico, sociológico e político Gilberto Freyre.

Continuamos formando, não apenas por força de tratados diplomáticos, a comunidade luso-brasileira. Aqui mesmo, nesta Academia a que vindes, reservamos no quadro de correspondentes, desde a primeira hora, a escritores portugueses, metade dos lugares. Devo salientar que nunca houve dificuldade em preencher alguma vaga decorrente nesse quadro, atendendo à exigência, não só do merecimento literário, como também do interesse pelo Brasil. Bem sabeis que se mantém em alto nível a Literatura portuguesa: vi citados, em vossos livros, como precursores da Nova Crítica, mesmo em relação ao Brasil, o nosso caríssimo Fidelino de Figueiredo e José Régio.

Quanto a vós, Sr. Afrânio Coutinho, não precisais de investigações livrescas. Precisareis, talvez, nesta matéria, apenas de contato com a realidade. Porque, se fizésseis a travessia do Atlântico, em seis ou oito horas de avião, ou em oito ou dez dias de navio, ao pisar terra de Europa, encontraríeis a gente do povo a falar a mesma língua que falais, e com ela vos entenderíeis (sem embargo de diferenças do significado e da pronúncia de algumas pala-

vras – como aqui mesmo ocorre, quando um carioca conversa com um homem de Belém do Pará ou de certas regiões de São Paulo); e sentireis o carinho que vos envolveria, até mesmo certo orgulho pelo brasileiro, e veríeis aquele "povo montanhês e heróico, à beira-mar, sob a graça de Deus, a cantar e a lavrar" – então se desvaneceria, pelo menos, o vosso receio do propósito de intentar a recolonização do Brasil.

Ainda quanto à linguagem, em relação a Rui Barbosa, colho, em vossa *A Literatura no Brasil*, as palavras de ilustres colaboradores; Luís Delgado proclama-o mestre dificilmente igualável na arte de falar e escrever; Wilson Martins atribui-lhe a formação da convicção de que quem emprega a palavra escrita tem o dever indeclinável de aprimorar o estilo e reconhece-o como "a encarnação mesma da pureza vernácula e, por isso aos olhos comuns, o escritor por excelência". Antonio Candido observou que foi ele um orador, "para o homem médio do povo, em nosso século, a encarnação suprema da inteligência e da Literatura", ainda que quase ninguém o leia, fora de algumas páginas de antologia.

Sem dúvida, todos reconhecem que o Modernismo "rejeitou ao mesmo tempo a tradição purista e Rui Barbosa inteiro" – e é, com esse pensamento, que, naquela mesma obra, de vossa direção, condenastes a estética de Rui Barbosa "arcaizante e latinizante em linguagem", dizendo que, como Coelho Neto, ele "se valia de uma linguagem inteiramente em desacordo com o objeto que tinha em mira descrever ou tentar".

Não esqueço que, em vosso discurso de 1931, citastes, por vezes, conceitos dele, influenciado pela magia da sua palavra empolgante; depois, fizestes a crítica de suas opiniões e, por fim, no ano passado, com a sempre admirável sinceridade de vosso julgamento, retificastes, desdissestes essa crítica, reconhecendo-a injusta. Posso assinalar que, naquele mesmo notável dicurso – Rui Barbosa já tinha morrido e estáveis, como assinalei, sob a influência do Modernismo – vosso estilo límpido e vigoroso apresentava-se, nalguns trechos, arcaizante por certas palavras e expressões.

Rui Barbosa usou tais palavras, mas há de reconhecer-se que o leitor, ou o ouvinte, nunca precisaria de recorrer ao dicionário para entendê-lo, precisamente porque como que diluía essas palavras ou locuções mais raras em outras vulgares.

Ele foi parlamentar e advogado e, muitas vezes, numa e noutra qualidade, orador magnífico, em momentos da mais apaixonada emoção. Nessas ocasiões, poderia ser enfático, até redundante. Muitas vezes, seu vocabulário riquíssimo admitiu palavras arcaicas. Do mesmo passo, enriqueceu a língua com milhares de vocábulos – já se tendo calculado que foram mais de três mil – neologismos de boa formação, necessários ou úteis. Todavia, nas obras de cunho literário – como *Cartas de Inglaterra*, *Oração aos Moços*, o ensaio sobre *Swift* – a linguagem acha-se destituída do aparato retórico.

Devido à polêmica memorável travada com Carneiro Ribeiro, extremam-se as críticas, com freqüência, em torno dos trabalhos do Código Civil, apontando exageros de gramatiquice e o empenho de restabelecer a pura expressão portuguesa. Nota-se a coincidência de serem do mesmo ano de 1902 que datam a *Réplica*, *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *A Conquista* de Coelho Neto, livros que se consideram escritos em estilo arrevezado, sem se atender à inspiração científica que, como dizeis, impregna *Os Sertões*.

Contudo, precisamente na revisão do projeto de Código, a preocupação dominante de Rui Barbosa foi, com insistência, a da simplicidade e clareza do texto, a de propriedade da expressão, pois, como acentuava, "o fraseado sóbrio, seguro, casto, deve caracterizar o estilo legislativo".

É bem significativa a advertência que formula: a língua portuguesa tem belezas de concisão e vigor inestimáveis. Chegou então a condenar o uso dos advérbios de modo.

De tal sorte, todas as suas preocupações gramaticais, de sintaxe, de semântica, de prosódia e eufonia – eram cabíveis e não se podem tachar de arcaizantes. De Stendhal se revelou que lia o Código Civil para aperfeiçoar o estilo, simplificando-o. O mesmo poderiam fazer nossos escritores, não em relação ao Código, mas ao projeto de Rui Barbosa. Advertistes, com inteira procedência, que não é a linguagem o que mais importa à caracterização de uma Literatura. Se o Barroquismo tiver tido na linguagem uma de suas características, parece que nosso Modernismo a terá pelo desataviamento, pela simplificação, que envolve uma nova expressão de beleza. Com essa orientação, de certo modo, o exemplo e o ensinamento de Rui Barbosa são ainda hoje aproveitáveis.

Creio que nossos educadores, senão na totalidade, em grande maioria, assim consideram a repercussão do Modernismo na linguagem, sem desnatu-

rar a nossa, fundamentalmente a mesma através de quatro séculos e meio de civilização.

## EDUCAÇÃO

Em vós se aliam, como acentuei, o crítico literário o educador. Fazeis da Crítica Literária um instrumento de educação. Inspirado por vossa dupla vocação, formulastes impressionante observação, filiando nossa falta de Literatura e de crítica à falta de ensino e estudo de Literatura.

Era mais o educador que o crítico que ficou empolgado pelo movimento de *l'Ordre Nouveau*, evocou a figura de Péguy, como símbolo de ação, de pensamento, de vida, e analisou, através da obra de Daniel Rops, a inquietação do pós-guerra, que era a volúpia da juventude do tempo. Apontastes, então, "os mitos abstratos" com as "falsas alegrias que despertavam", "as miragens do processo indefinido, do cientismo, da mania eugênica, da revolução, do Comunismo... dos diversos nacionalismos vazios de princípios superiores, de um internacionalismo oco e exclusivamente movido por interesses temporais", tudo "sem consistência". Apontastes a causa dos sofrimentos humanos: "o mundo e o homem perderam sua alma, equecendo-se de Deus". Concordastes com Daniel Rops: era preciso dar à vida o sentido que perdera. E a cultura auxilia a vida com o pensamento, meio de viver mais profundamente. Acusastes o liberalismo burguês da "diminuição progressiva da intensidade e da profundidade da vida interior". Aderistes ao preceito de Daniel Rops: a revolução deve a princípio operar em nós mesmos por uma profundidade de nossa vida noral e espiritual, por um saneamento crescente de tudo o que, em nós, impede o florescimento do espírito.

Levastes, assim, as preocupações do educador doutrinário para a crítica literária. Ficou traçado o rumo de vossa vida sob a inspiração de alto idealismo. O mais importante, e o mais belo, é que o seguistes, com êxito completo. E sentimos que esses ideais permanecem indestrutíveis, bem o sentimos ao ouvir certos tópicos de vosso discurso desta noite.

Em vários trechos de vossas obras, repontara o continuado interesse pelos problemas da educação. Que é, senão isso, vosso horror à improvisação, o reclamo da preparação cultural? E a procura do ambiente universitário para a difusão

de vosso ensinamento? Ainda mais: sendo a Literatura expressão do espírito, reconhecestes, entre os fatores mais influentes no seu desenvolvimento, "os instrumentos de aquisição e propagação da cultura, os sistemas de educação".

Desde 1947, retomastes a vida de professor, iniciada na Bahia. Resumiram-se as qualidades que há de ter o crítico literário, dizendo que ele há de ser um homem de bem. Tanto ou mais que ele tem de o ser o professor; ainda mais, o professor universitário. Eu queria que fosse esse, somente esse, apagado e humilde, o dever primordial de todos os professores; quanto possível o de todos os brasileiros. E fosse fácil cumpri-lo – ao passo que se vai tornando cada vez mais difícil. Por essa razão, compreendo todas as exagerações de vosso Nacionalismo; elas se explicam pela inevitável reação do homem de bem ante o descalabro da Pátria comum. Afinal, é compreensível que se pretenda imputar a estrangeiros gananciosos erros e fraudes que os próprios nacionais cometemos, ou permitimos que eles pratiquem.

Professor do Colégio Pedro II, proferistes duas orações notáveis – uma ao assumir vossa cátedra, outra na aula magna de 1961 – impregnadas do sentimento da missão de professor.

A primeira – contida no folheto *O Ensino da Literatura* – é um ataque desassombrado aos defeitos de nosso sistema educativo: – o concurso para provimento das cadeiras de magistério; a junção do ensino da Literatura com o da língua portuguesa; o desvirtuamento do ensino da Literatura, tornando-o ensino de História da Literatura, reduzido à memorização de biografias de escritores, e a estudo da linguagem de textos; o autodidatismo e o diletantismo dos homens de letras, privados do estudo da Literatura em cursos sistemáticos e especializados.

Revestistes, assim, vossa missão professoral de finalidade altíssima, quase despercebida, que abrange o saneamento da vida literária brasileira, considerada por vós "um beco mesquinho e sujo".

Constitui, há quase um século, a educação o problema em que desembocam todos os outros do Brasil – e vós, assim, por certo considerais.

Devo confessar que se os exageros – ou o que eu considero exageros – de vosso Nacionalismo em relação a Portugal me emocionam, os que formulais em relação aos Estados Unidos me surpreendem. Porque, tendo vivido nesse País, como recordei, durante cinco anos, e ali consolidado vossa cultura,

certa vez revidando à argüição que vos magoaria, de americanofilismo, criticastes acerbamente o seu *way of life*, apontastes graves defeitos, ressalvando, apenas, as grandiosas e bem providas universidades.

Não posso, infelizmente, contrapor-vos observações pessoais, que tivesse feito; nem quero valer-me de outros depoimentos valiosos ou das manifestações do alto espírito público e do sentimento de solidariedade humana daquele povo. Queria, apenas, deduzir que, se for assim – dezenas ou centenas de Universidades beneméritas, com milhares de professores, dezenas de milhares de alunos, centenas de milhares de antigos alunos, nenhuma influência benéfica exercem, nada valem, não produzem sequer a elevação do nível moral do País. A crítica atinge, portanto, as próprias Universidades, que tiveram o vosso louvor. Será, então, inoperante o ensino universitário?

## ANTECESSORES

Repeti que nos achamos na "idade da Crítica". Poderia acrescentar: e do Nacionalismo. Sois, nessa Cadeira, o primeiro crítico literário. Nem houve nela, até agora, algum modernista; sim, como focalizastes, o patrono e vários de vossos predecessores, impressionistas literários. Coincidiram todos em provirem desta cidade ou do contíguo Estado do Rio – todos "fluminenses", como se dizia, todos da área mais politizada do País e, por isso, dotados de vivo espírito público, desde o patriotismo vigoroso ao Nacionalismo jacobinista.

O patrono – Raul Pompéia – com pequena e valiosíssima obra literária, escreveu, no prefácio de *Festas Nacionais,* de Rodrigo Octavio, não uma exposição doutrinária, mas ardorosa pregação de ódio, querendo que se acendesse "a flama do ódio vivificante". Eram, então, os primeiros dias daquele ano de 1892, no decurso do qual e ainda no subseqüente a revolução da Marinha, a intervenção estrangeira efetivada e que se ameaçou levar mais longe, o asilo da oficialidade e da marinhagem revoltadas, a ocupação da Ilha da Trindade, exacerbaram ao auge a exaltação jacobinista. Pode medir-se a temperatura, então reinante, da mentalidade de nosso meio político pela desse notável homem de letras.

Ao fundar-se a Academia, Raul Pompéia desaparecera, por um gesto seu desvairado, pouco mais de um ano antes. O primeiro eleito para a Cadeira que se torna vossa, Domício da Gama, fê-lo seu patrono. A homenagem incluía o vigoroso agitador da véspera entre os antepassados da Academia, todos mortos havia muito mais tempo. Postergava-o a uma fase superada de desenvolvimento nacional. Domício da Gama, diplomata de ofício e por temperamento, de patriotismo tranqüilo e confiante – que se dizia, nos últimos dias de vida, cada vez mais apegado ao Brasil, "terra bendita de beleza e doçura" – parece, considerado pelo prisma do jacobinismo, diametralmente oposto ao patrono que indicou. Foi minguada a obra literária de Domício da Gama – toda de suave tonalidade, que se revela desde os títulos dos livros (*Histórias curtas, Contos a Meia tinta*) e acentua o contraste assinalado. Moderação e parcimônia da obra literária explicam-se pela só circunstância que também determina a feição do seu patriotismo: era ele auxiliar dedicado de um trabalhador infatigável e absorvente, Rio Branco, o mais constante de seus auxiliares pessoais e nos pontos diplomáticos de maiores responsabilidades. Não lhe sobraria tempo para a Literatura.

Depois, tivemos Fernando Magalhães, que também não deixou obra correspondente ao alto padrão de sua intelectualidade. Outro isento, de todo, da exaltação patriótica, tendo o patriotismo compreensivo, ordeiro, construtivo. Confiante no aperfeiçoamento moral dos cidadãos, doutrina-os na *Cartilha da Probidade*; desejoso de democracia, defende-a, colabora em sua estruturação, na tribuna parlamentar. Orador dotado de todos os predicados – voz harmoniosa, elocução perfeita, palavra rica e límpida, presença física de beleza varonil, pensamento alto e generoso – seus discursos, na Câmara, na Faculdade de Medicina, nas conferências científicas, até no Tribunal de Júri – sempre revestidos de valor literário. Politicamente e literariamente, é o romântico, proclamando a sobrevivência do Romantismo, em pleno século XX, pelo sentimentalismo e pelo Liberalismo.

Por fim, Luís Edmundo. Seu Nacionalismo é um pouco mais acentuado, sem se tornar agressivo, nem ameaçador, como bem o definistes, temperado por doce sentimentalismo fundamental. Nem o sentimentalismo de Luís Edmundo era choroso, como em regra o dos nossos poetas líricos, mas jovial, triunfante no amor, com uma nota discreta de humor.

## PERSPECTIVAS

Haveis de sentir-vos bem, sob a égide desses nomes, cercado da estima dos contemporâneos.

Através da obra longa e trabalhada, chegastes ao cimo da montanha – que não é o termo da vossa jornada. O semeador esclarecido e devotado tem a surpresa de ver a boa semente germinar antes do tempo. Tão cedo começastes vossa tarefa, com tanto ardor vos empenhastes nela que cedo também chegou a hora de encerrá-la, não para o vosso descanso, ainda que merecido, mas para prosseguir em outra, que a complementa.

Incitado a proceder nesse sentido, alegastes – nem soubestes dizer se por pessimismo ou por humildade – vossa própria incompetência "para vos realizardes", "para realizar o que idealizastes ou visualizastes". Essa declinatória seria a derrocada, a inutilização de toda a obra precedente, já ultimada. Assumistes um compromisso impreterível, não apenas convosco, com a própria Literatura Brasileira.

De resto, escrevestes, há nove anos, as palavras de escusa, que recordei: Dois anos depois, era publicado o primeiro volume de *A Literatura no Brasil* e sucessivamente os outros três e os demais livros que inclui no terceiro grupo de vossos trabalhos. Assim iniciastes desde logo – tendes já iniciado, a aplicação das doutrinas que pregastes, a revisão dos valores de nossa Literatura pelo critério estético.

Agora, nem estais só, como no início da luta. Surgiram discípulos colaboradores, continuadores, alguns de grandes méritos. De um desses dissestes que fazia "a primeira demonstração prática da Nova Crítica brasileira em livro". É Eduardo Portella, que tem a mesma vossa orientação doutrinária, provinda de singulares analogias de formação, pelos estudos especializados no estrangeiro – vós nos Estados Unidos, ele na Europa latina – e iniciado no exercício da Crítica Literária depois de vós, ainda mais jovem que vós mesmos. Tão auspiciosa revelação, que tem ele sabido divergir de vós, mestre reconhecido. Nessas divergências se desenvolve, se adapta, se aprimora, vosso ensinamento.

Quando ele disse que o problema já não é combater Impressionismo, é superá-lo, assimilando-o, não se terá inspirado em vossos conceitos sobre a

sobrevivência de uma escola em outra, sucessiva, pela transmissão de idéias que a precedente consagrara?

E quando ele opina que nada mais passado e menos científico que o desprezo "absoluto e radical" pela vida do autor, não estará apoiando vosso ensinamento, admitindo, como vimos, o aproveitamento subsidiário dos elementos biográficos?

E quando ele afirma que o "merecimento da revisão", por vós "desencadeada" (esta foi a sua palavra exata), não fora seguido ou completado, por outros trabalhos mais práticos, não apenas teóricos – não vos concita a intentar esta grande obra, complementar da grande obra já realizada? Nesse mesmo sentido opinaria, se me não engano, Alceu Amoroso Lima, quando reconheceu o importante papel da Crítica formalista e os serviços que pode prestar às nossas Letras "se não se perder em polêmicas estéreis ou se deixar arrastar por um cego unilateralismo".

Também assim entenderiam os que vos elegemos. Não vos outorgamos apenas um prêmio; também, um incentivo merecido e oportuno. O júbilo de vossa presença aumenta nossa confiança em vós.

Por coincidência auspiciosa, a Academia comemora hoje o seu florido 65.º aniversário. Estais – ela muito mais que vós – na idade de passar, como dizia o vosso e nosso Afrânio Peixoto, de incendiário a bombeiro. Distanciado pela idade, nela ingressais, sob o signo de uma coincidência promissora: vossa festa é também dela. Em verdade, ela é bem mais velha que revela o calendário, pois as associações têm a idade total dos que as compõem. Aprendi isto, quando a Corte Internacional julgava intricado litígio, e acorreram a Haia dezenas de repórteres dos principais jornais da Europa e dos Estados Unidos. Um deles epigrafou o seu noticiário, em *Le Figaro* de Paris, com esta revelação sensacional: – a Corte Internacional conta mil e duzentos anos de idade. Ele somara os anos de cada um dos quinze juízes, para apurar a do tribunal. Aplicado o mesmo critério à Academia, pelos 39 membros que a compúnhamos até agora, o total excederia de dois mil anos. Convosco, diminuirá a média individual; rejuvenesce um pouquinho a Academia.

No entanto, esse é apenas um pequenino, despercebido benefício que lhe fazeis. Outros, muito maiores, vindes prestar-lhe: trazeis o prestígio de

vossa personalidade, a eficiência de vossa colaboração, o encanto de vossa companhia.

Por dobrado motivo, está hoje de parabéns a Academia.

Discurso do
SR. DEOLINDO COUTO

e

Resposta do
SR. LUÍS VIANA FILHO

*Sessão solene extraordinária*
*do dia* 4 de dezembro 1964

# I

# DISCURSO DO SR. DEOLINDO COUTO

Quando se vivem os instantes supremos, tudo o que passou aflora suavemente à lembrança, e em tudo, até nos menores contrastes ou coincidências, se descobrem motivos de encantamento.

Assim, ao render-vos graças pela honra do sufrágio com que me elevastes à dignidade do vosso convívio, senhores acadêmicos, é no confronto entre o já longínquo e o presente que descubro a sobreexcelência do privilégio recolhido, e, a um tempo, vejo acentuadas a minha humildade e a munificência da vossa decisão.

Desde que eleito para esta Companhia, entre mim sentira, como nas redondilhas de Camões, que

> Ali, lembranças contentes
> N'alma se representaram;
> E minhas coisas ausentes
> Se fizeram tão presentes,
> Como se nunca passaram.

Revi-me, então, na casa paterna, chefiada por um magistrado que fez da sua toga objeto de acendrado culto e nela investido deu lição permanente de crença na Justiça. Ali também a minha escola, que outra não tive na infância, e só na adolescência conheci professor diferente daquele, que harmoniza-

va a sua judicatura com o ensino ministrado à numerosa prole. Ali, desde os verdes anos, entrei a compreender a supremacia de princípios, que em meu pai eram obsessivos, e dificilmente outros rumos puderam disputar-me à profissão a que parecia predestinado.

Volveram-se os anos; e hoje, quando, percorridos todos os degraus de uma carreira médica que foi do noviciado ao magistério, venho ao batismo para outra e nímia distinção, recebo-a numa Poltrona acadêmica em cujo espaldar se inscreve o nome de um dos mais puros estros de nossa Literatura – ele próprio iniciado no estudo de leis e descendente de juízes –, Poltrona iluminada, durante sete décadas, pelas fulgurações de cultores do Direito: quatro membros de altas cortes judiciárias e um grande advogado fiaram a tradição que vinculou todos os ocupantes da Cadeira II e, neste momento, de novo me coloca sob o ínclito patrocínio.

Infortunadamente, não há mais que esta aproximação entre os luzeiros de outrora e a penumbra de hoje. Porque todos aqueles também foram príncipes das Letras e, diante de vós, tendes, agora, o médico, que não poderia disfarçar a quase exclusividade de sua condição, e nem jamais pretendeu fazê-lo, escravizado, como é, a uma atividade, no seu egoísmo, dominadora.

Rejubila-me testemunhar que a Academia, sensível à influência das várias correntes do pensamento e da expressão, preserva, contudo, normas inseparáveis da sua essência, entre elas a de recrutar elementos nas diversas áreas culturais. Nesta prática, que Machado de Assis e Nabuco firmaram, como primeiro voto da instituição, reside, sem dúvida, se não a causa principal da sua grandeza, pelo menos o elemento fundamental do seu prestígio.

## MEDICINA E LETRAS

Não respigarei na História, porque é tarefa realizada, nomes de médicos que pertenceram a todos os grêmios literários e, no Brasil, desde a Academia dos Felizes. Apraz-me, entretanto, vê-los em nossos dias e lembrar, ao lado dos que decididamente migraram para as novas atividades e nelas se mostraram excelsos, os que não desertaram a Ciência e buscaram nas Letras o complemento às suas tendências mal encobertas pelo pudor do exercício profissional. Há ainda quem precocemente haja mudado de caminho, como os nos-

sos Alberto de Oliveira e Bilac – este último a confessar que as primeiras inspirações poéticas lhe surgiram nos intervalos de suas vigílias de estudante de Medicina – e quem só tardiamente nele enveredou, à semelhança do professor de cirurgia e Acadêmico francês Henri Mondor, que, nas pausas de trabalho em uma ambulância de guerra, conheceu a grandeza de Mallarmé, e, a partir de então, iniciou exaustiva análise interpretativa da obra do grande simbolista.

Em nossa terra, as raízes desse pendor encontram-se nos inícios do ensino universitário, ao tempo limitado às ciências médicas e jurídicas. A eloqüência dos primeiros mestres dos dois ramos de conhecimento criou fecunda emulação entre eles, e todos porfiaram no engalanar as suas preleções com lances de retórica e apuros de linguagem, quando a técnica ainda não repousava sobre a formidável massa de conhecimentos objetivos que, a pouco e pouco, vai absorvendo integralmente os profissionais da Medicina. Nem só a Oratória, mas, por igual, outros gêneros literários desviaram tantos, e a tal ponto, da rota primitiva que muitos passaram a escritores de ofício.

E deve atentar-se no reverso: homens de letras que influíram na construção do edifício da Medicina. Não me refiro aos que procuraram exemplificar pacientes e estados mórbidos já descritos, por vezes mal conseguindo caricaturar uns e outros ou mesmo deturpar conhecimentos, mas aos que podem ser considerados precursores no observar. Não estão na obra de Camões aspectos originais das moléstias de carência? A dualidade biotipológica, magistralmente expressa em Cervantes, foi apenas ratificada pelos estudiosos da constitucionalística, persistindo integral o conceito que opõe um ao outro os dois principais caracteres humanos. Revendo quanto se encontrava na bibliografia médica do seu tempo, antes de expor idéias que supunha originais, um grande ortopedista britânico, William Little, só em Shakespeare encontrou referência às anormalidades do nascimento para explicar as más formações, tais como as descritas pelo genial dramaturgo em "Ricardo III".

Justificando até designações epônimas, lembrem-se a doença de Pickwick, inspirado na rotunda e sonolenta personagem de Charles Dickens, a síndrome de Münchausen, copiada do mitômano Barão que Rudolf Erich Raspe descreveu, o complexo de Alice no País das Maravilhas, em que Lewis Carrol expôs as delusões e os distúrbios da personalidade, por ele experimentados no período prodrômico da enxaqueca. E o bovarismo que Jules de

Gaultier retirou da heroína de Flaubert? E as auras epilépticas referidas, como em ninguém, por Dostoiewski? É, pois, antigo e frutuoso o entendimento da Medicina com as Letras.

Poderá, entretanto, um médico, que se confessa esmagado pelo dever de cada hora, falar de um poeta? Não serei o primeiro a fazê-lo e – perdoai-me que assim me exprima – é bem que se introduza na apreciação do artista um elemento de outra esfera.

À própria música existiram ouvidos indiferentes, senão hostis, e isto se afirma, por exemplo, de Victor Hugo e Théophile Gaultier, para aludir a mestres do ritmo. À Poesia jamais os houve, sobretudo quando nela se transfundem os reais e eternos sentimentos populares. Desta natureza a do meu antecessor; Poesia compreendida por todos e a que se aplicaria com justeza a observação de Salvador Rueda:

*Cantar que va por la vida*
*Parece una mariposa*
*Que, en lugar de flor en flor,*
*Resvuela de boca en boca.*

## O PATRONO

Exorna a Cadeira 11 o nome de um daqueles românticos da segunda fase – breves clarões no céu das Letras – a produzir também aceleradamente, como o viandante que se apressa por ver se adensarem as sombras da noite.

Luís Nicolau Fagundes Varela, nos seus traços biográficos e na sua obra poética, revela-se um instável com traços ciclotímicos, características da personalidade comumente rotulada de boêmia. Oscilante entre a alegria e a tristeza, embora os momentos depressivos nele fossem predominantes e se agravassem com a adversidade afetiva que o rastreou, capaz de extasiar-se em salões dourados como ante cenas campestres, inapto a fixar-se em qualquer programa de vida, a ponto de ser faltoso às aulas e de não ultimar o curso jurídico, iniciado em São Paulo e prosseguido no Recife, encontrou ensejos que lhe permitiram atingir os cimos do lirismo no seu meio e na sua época.

Às suas disposições temperamentais vieram somar-se o álcool, as desventuras sentimentais, a incapacidade de prover a própria subsistência e, daí, o nomadismo e a instabilidade do humor, tudo a contribuir para os matizes do seu estro ora amoroso, ora elegíaco, ora bucólico, ora patriótico, ora religioso.

A perambulação irrefreável, a hiperatividade demonstrada quando do naufrágio do navio em que viajava do Rio para Pernambuco foram a resultante de excitação psicomotora, que alternava com acentuados sinais melancólicos.

A morte de um filho, ainda pequenino, oriundo de casamento prematuro e de breve duração pelo desaparecimento, logo a seguir, da linda esposa do poeta, legou ao patrimônio literário do País um dos epicédios mais famosos da língua, o "Cântico do calvário". Nunca mais, após o transe, se refez Varela emocionalmente, ou melhor, tais eventos agravaram-lhe a predisposição ingênita, apenas mitigada pelo segundo consórcio.

Ferido pelo infortúnio, conseguiu, a um tempo, retratar magistralmente a Natureza e traduzir o sentimento incomportável.

Dominado embora pelo subjetivismo, interiorizado, Varela olhava em derredor e, conquanto não se possa dizer da sua poesia que exprimiu preocupação social, apontava, não raro, os terríveis contrastes que impressionam os homens de coração e de inteligência.

O etilismo, no qual se refugiou, foi, em parte, o selo do desequilíbrio emocional, em parte uma atitude deliberada para subtraí-lo às agruras da vida ou a busca de um estimulante artificial para o seu estro. Tudo concorria para estigmatizar-lhe a existência, arredando-o do convívio social e fazendo que no tóxico procurasse lenitivo e até inspiração, o que levou Sílvio Romero a rotular-lhe a poesia de – lirismo báquico.

Alguns gênios poéticos, que deveram a inebriantes a provocação de imagens mentais projetadas em suas criações, bem exemplificam a preexistência de lastro depressivo que atingia as raias da morbidez: assim os estados oníricos produzidos pelo álcool em Hoffmann, em Poe e em Schiller, a riqueza das alegorias despertadas pelo haxixe em Baudelaire. Isto sucedeu também a mestres da pintura: é o caso de Van Gogh, que, à luz de recentes revelações, poderia ter particularidades dos seus quadros devidas à influência do absinto. O fenômeno já fora suposto por Perera quanto a El Greco, tornando provável a idéia de que, em certas paisagens de Toledo, o famoso pintor cretense

denuncie os distúrbios de percepção visual que aparecem na embriaguez pelo cânhamo indiano.

Ao engolfar-se na toxicose, disse Varela:

> Pois bem, seja de vinho,
> No delirar insano,
> Que afogue minhas lágrimas mesquinho!...

E, já sob os efeitos enólicos:

> ...corre-me nas veias
> Um sangue mais veloz...
> Anjos... inspirações.., mundos de idéias,
> Sacudi-me da fronte as sombras feias
> Deste cismar atroz!

Mas, escravizado à necessidade do excitante:

> Mais vinho! Oh! filtro mago!
> Só tu podes no mundo
> Mudar os giros do destino vago,
> E fazer do martírio um doce afago,
> De uma taça no fundo!

O oscilar entre dois pólos afetivos o faria escrever:

> Gosto de queimar incenso
> Sobre as aras da alegria...

E, em outro passo:

> Nem uma luz de esperança,
> Nem um sopro de bonança
> Na fronte sinto passar!

Os invernos me despiram
E as ilusões que fugiram
Nunca mais hão de voltar!

Enquanto isso, ora se revelava esperançoso:

Eu quero andar! Eu sei que, no futuro
Inda há rosas de amor, inda há perfumes,
Há sonhos de encantar!
Não, eu não sou daqueles que a descrença
Para sempre curvou, e sobre a cinza
Debruçam-se a chorar!

ora melancólico:

Quero morrer, que este mundo
Com seu sarcasmo profundo
Manchou-me de lodo e fel,
Porque meu seio gastou-se,
Meu talento evaporou-se
Dos martírios ao tropel.

A nota sombria era, contudo, a tônica em Varela, como em Álvares de Azevedo, em Casimiro, em Laurindo, em Junqueira Freire.

Às vezes, no entanto, o poeta de "Noturnas" abandona a atitude individualista para vibrar com a questão Christie, com a revolta nacionalista de Benito Juárez.

É claro que, para essas expansões, concorria a situação histórica, visto que o movimento romântico se desencadeou no Brasil ao tempo em que se acendiam campanhas fundamentais para o destino da nacionalidade, exprimiu anseios políticos e sociais, contribuindo, com a sua temática e a sua forma expressional, para a autonomia da nossa Literatura.

Foi tão profunda a influência dessa Escola no meio intelectual brasileiro – a despeito dos movimentos que se seguiram em nossa poesia, com o prestígio dos seus adeptos e alto valor da respectiva produção –, que ainda se

encontram acentos românticos em poetas atuais, não parecendo arrojado prever se haverão de lobrigar em épocas porvindouras, porque a afinarem com a sensibilidade brasileira.

À poderosa corrente não se poderia subtrair

## O FUNDADOR DA CADEIRA E DA ACADEMIA

Se em Lúcio de Mendonça, como em Adelmar Tavares, o desempenho de funções judicantes e de atividades literárias atingiu o equilíbrio, era indisfarçável que as últimas lhes sorriam mais que as primeiras.

Em Lúcio, poeta e jornalista, crítico e romancista, jurisconsulto e orador, jamais vacilou a crença na Academia, de que foi o pertinaz idealizador e o jardineiro dedicado.

Bela claridade a que dimana do seu espírito que legou às Letras brasileiras tantas páginas de elevada inspiração!

Foi o menino de quem se informou ter aprendido a ler sem professor, visto depois a redigir jornaizinhos no colégio, a alvorecer na Poesia com um livro prefaciado por Machado e em que se revelava o "mal do século". Dizia-lhe o grande romancista, na carta introdutória ao volume: "É do tempo esta Poesia prematuramente melancólica. Não lhe negarei que há na sua lira uma corda sensivelmente elegíaca e, desde que a há, cumpre tangê-la. O defeito está em torná-la exclusiva."

Ingressa nas lides forenses. Adepto veemente da campanha republicana, vai aos teatros e à praça pública, na pregação das suas idéias, jamais, porém, abandonando a Poesia em que se estreara promissoramente. Coroa-lhe a vida pública a nomeação para Ministro do Supremo Tribunal Federal.

No prélio travado para a fundação desta Casa mobilizou todas as energias, investindo de tal forma contra as hesitações e a hostilidade ambientes, que bem se lhe poderia aplicar a frase de Victor Hugo: "Escrevia com uma mão e combatia com as duas."

E "a realidade se fez (comentou Adelmar Tavares), partindo do ímpeto magnífico de Lúcio, da serenidade apostolar de Machado, do equilíbrio ático de Nabuco". O afeto de Lúcio de Mendonça por Machado de Assis foi-lhe retribuído até os últimos dias, quando voluntariamente de tudo se omitia,

porque, antes, a cegueira já o havia afastado de todos: e, ao receber do autor de *Memorial de Aires* o exemplar do volume recém-publicado, agradece-o com frases comoventes: "Será o primeiro livro seu que leio por olhos de outrem... Se não tem medo de almas do outro mundo, deixe que lhe beije as mãos criadoras."

## OS SUCESSORES DE LÚCIO

O nome de Pedro Lessa sinonimiza o de grande magistrado brasileiro.

Senhor de boas humanidades, inicia o curso jurídico en São Paulo, quando a Escola ilustre era um dos focos de propaganda contra o regime monárquico. Entra, de pronto, no Jornalismo Estudantil, a forja de onde sairiam alguns dos legítimos gladiadores da nossa Imprensa. O velho templo de ensino era a esse tempo, como o de Recife, chamado Academia e, em verdade, a um e outro bem se ajustava a designação, porque múltiplas atividades intelectuais em ambos os cenáculos se executavam e aprimoravam.

Lessa, manifestando o seu gosto pelos estudos filosóficos, alista-se no evolucionismo spenceriano, que, àquela altura, poderoso atrativo exercia sobre a mocidade.

Professor da Faculdade, Ministro do Supremo Tribunal, a cujo auditório acorriam todos os profissionais do Direito, para ouvir-lhe a palavra oracular e a sentença justa, foi, além disso, o ensaísta, o conferencista que tão bem estudou João Francisco Lisboa, o polemista, o doutrinador, o integral filósofo do Direito.

"Um dia", comentou Castro Rebello, "a consciência abriu- lhe as portas da fé... Extinguiu-se envolto na pureza das suas convicções."

– Não ensejaram os fados a Eduardo Ramos assumir a Cadeira a que fora alçado pelos incontestáveis méritos de escritor diserto.

Do baiano ilustre proveio a iniciativa dos favores oficiais com que, ao findar do século, foi a Academia agraciada em Lei do Congresso, e esta primazia atesta-a a carta que, a 17 de dezembro de 1900, lhe dirigiu Machado de Assis. O parlamentar apresentou e defendeu projetos importantes relativos à intervenção nos Estados, à organização judiciária e à criação de uma

Universidade na capital do País. O jurista revelou a sua altura na cátedra e no foro.

O autor de *Prosas de Cassandra* deliberadamente situava em plano secundário a sua produção poética, a despeito do retumbante êxito daquela exibição no Teatro São João, da capital baiana, durante uma festa em benefício de Carlos Gomes. Ao declamar a estrofe em que pedia à mãe patrícia acalentasse o filho, cantando música da mais brasileira das nossas óperas:

> Faze d'*O Guarani* a alma de tua alma
> Que a música do berço é a música da vida

provocou delírio, depõe Constâncio Alves, testemunha presencial do sucesso, e que de Eduardo Ramos também dissera: "A sua primavera intelectual floria no inverno."

– Em João Luís Alves se afirmou a capacidade de uma aguda inteligência adaptar-se a multifárias solicitações que lhe asseguraram carreira ascensional nos três poderes da República.

Vai de Minas bacharelar-se em São Paulo, onde forma no grupo de Afonso Arinos, Herculano de Freitas, Carlos Peixoto Filho, Mendes Pimentel. Ingressa no Ministério Público, passa à Magistratura e ascende à Suprema Corte; representante do povo na Assembléia Legislativa de seu Estado, atinge as duas Casas do Parlamento Nacional; secretário do Governo na província natal, chega a Ministro de Negócios Interiores e Justiça.

O advogado conquistara uma cátedra e ensinara o Direito com a proficiência de quem largamente lhe praticara os ditames, o erudito sabiamente comentara o Código Civil Brasileiro.

Foram-lhe traços dominantes o equilíbrio no julgar, a argúcia no debater, a firmeza no comandar.

## ENCONTRO COM ADELMAR TAVARES

Descubro no escrínio de remotas lembranças os meus contactos primeiros – e definitivos, porque através da consagração popular que o imortalizou – com o estro de Adelmar Tavares. Era em Tutóia, cidadezinha litorânea

do Maranhão. Reuníamo-nos, crianças, aos adultos, em torno de um intérprete de prestigiosas canções da época. Naquele sítio, cercado de dunas, às noites cabia a descrição de Machado: "Eram deliciosamente belas, os morros palejavam de luar e o espaço morria de silêncio." Alçava-se, então, a voz do cantor, ritmada pelo som de rústico violão, e os acordes de "Estela" nos inebriavam. Nunca ouvi dizer de quem eram, nem o menestrel o sabia. Esta a verdadeira Poesia, no dizer do próprio bardo:

Nem há reinado maior
Que o reinado de um poeta
Que o povo sabe de cor.

Os versos, quando sublimes, são como certas personagens de romance: acabam por libertar-se dos criadores. "As nossas obras", 'observou Jean Cocteau', não tardam a separar-se de nós e, mesmo quando as escrevemos ou as pintamos, sentimos esta necessidade, que elas experimentam, de fugir de nós e viver a própria vida."

Assim ocorreu com a daquele de quem me incumbe traçar um perfil.

## PERÍODO DE FORMAÇÃO

Adelmar Tavares da Silva Cavalcante nasceu em Recife, aos 16 de fevereiro de 1888. Mal completou um mês de idade, foi transferido com a família para a cidade de Goiana, a bela mesopotâmia de onde partiram muitos heróis das guerras luso-flamengas, a velha Goiana das lutas nativistas, a pioneira das campanhas pela extinção da escravatura.

Ali, aonde o levaram as atividades comerciais de seu pai, viveu toda a infância, em contacto com a gente simples do Nordeste, que o impregnou da resignação e da suavidade, companheiras de toda a sua vida, e também o temperou para as lides que teria de enfrentar. Na contemplação daqueles locais, daqueles rios, daquelas flores silvestres, daquele povo humilde e bom, das cirandas famosas dos fins de semana, conheceu os seresteiros que se exibiam em serenatas, esbanjando inspiração nos desafios à viola. Tudo isso entrou cedo a influir-lhe no espírito, confirmando o prognóstico do seu destino poé-

tico, nascido que fora em um sobradão, em cujo andar térreo se instalava a "Loja das Estrelas".

Guardaria para sempre, e haveria de revelar no plectro, a saudade da terra, fixando para pano de fundo das suas impressões os dias magnificamente ensolarados do sertão pernambucano e, sobretudo, as noites inundadas de luar, com a abóbada celeste a parecer tão baixa que os meninos pensavam atingi-la de um salto. Esta luminosidade resplandece, a cada passo, no seu verso.

Maravilhado com a paisagem da meninice, diria, mais tarde: "Que se me aponte quem não tenha uma árvore no fundo do coração." A sua era gasalhosa e sobranceira:

> Se eu pintasse minha infância,
> pintava – num sol de estio,
> a sombra de uma ingazeira
> debruçada sobre um rio...

Perceberia em tudo a beleza, que transportaria aos seus versos, de modo tal que ninguém pode subtrair-se à admiração pelo seu lirismo. Mas também revelaria laivos melancólicos – e não proviriam estes do que ocorria em derredor?

Teria visto, de quando em quando, chegarem a Goiana as levas de retirantes vitimados pelas intempéries que, ciclicamente, se desencadeavam nas cercanias.

Extraordinária a fixação do sertanejo na zona onde as mutações ocorrem com a fúria de catástrofe!

Um dia, o sol esbraseia, desferindo os seus dardos de encontro à vegetação hipotrófica, desnudando-a de flores e de folhas, enxugam-se rios que pareciam perenes, fogem aos seres vivos os elementos essenciais à existência, reduzem-se os rebanhos a florestas de esqueletos, e o habitante humilde é degredado para longe da terra bem-querida, na desoladora quadra das secas periódicas.

Noutro dia, transmuda-se milagrosamente o cenário, numa apoteose de ressurreição, a ponto de serem quase irreconhecíveis os sítios havia pouco desolados e maninhos e agora luxuriantes e dadivosos, reassegurando a vida e a confiança, até que de novo, "surdamente, imperceptivelmente,

num ritmo maldito, se despeguem a pouco e pouco e caiam as folhas e as flores, e a seca se desenhe outra vez, nas ramagens mortas das árvores decíduas", no dizer de Euclides.

Nesse ambiente de luta portentosa, agiganta-se o homem que ascende à categoria de força da Natureza, porque a tanto o provoca a adaptação vital.

O lutador ciclópico tem acentuada, entretanto, a afetuosidade natural e transfere às trovas magoadas a tristeza com que procura neutralizar as agruras da existência. Canta, e canta brasileiramente, a terra e, sobretudo, a gente e seus sentimentos. É no verso que se lhe extravasa a sensibilidade fina, e os primeiros estímulos que o suscitam traduzem simplicidade e pureza, num horizonte limitado.

Durante toda a vida, Adelmar Tavares terá, por isso, um sino a planger no coração.

Através dos tempos, ressoar-lhe-iam na lembrança os campanários que marcam todos os acontecimentos, alegres e tristes, os grandes passos da vida da cidadezinha, a todos conclamando para participar das emoções de cada qual, e tornando-as coletivas, como sabe fazê-lo a solidariedade humana do sertanejo brasileiro.

Tais acordes teriam suavidade comparável à dos coros de anjos a entoar Aleluia e, pela doçura, capa.zes de suspender o cálice suicida pendente das mãos do Dr. Fausto. Quantas vezes, na infância, se sentiria contaminado de unção, como a despertada pelo bronze cantado por Lamartine:

*Oh! quand cette humble cloche à la lente volée*
*Épand comme un soupir sa voix sur la vallée,*
*Voix qu'arrête près le bois ou le ravin!*

E Adelmar recordaria:

Sinos de Goiana, que saudade imensa
trazem-me esses sinos no meu coração.
Nove igrejas, nove, barulhavam sinos,
da Misericórdia, por defuntos ricos,
do Rosário, pobre, por um preto irmão.

Bate agora o Amparo pelo dia santo.
Vai haver novena, bate o da Matriz,
Ouço um sino fino... Esse é o do Convento
repicando alegre por um casamento,
vem da Soledade o repicar feliz.
Só o dos Martírios continua mudo,
tem caída a torre dos seu brônzeos sons,
não se abre há tempos essa velha igreja,
mas o povo conta que foi vista aberta
noite morta, um dia, por assombração...

Nove igrejas, nove.
Velho Carmo, escuto
teu bater de sino, quando finda o dia,
Vejo teu cruzeiro, na campina assente,
tua torre negra toda encapuzada
como um frade orando pela tarde fria...

Como aqueles sinos de Manuel Bandeira, "Sino do Bonfim,/Sino de Belém,/Sino da Paixão",

batem na minha alma, quando estou sozinho,
pelas tardes frias, esses longes sinos...
– Sinos de Goiana, que recordação!...

Do seu estro nem só se evolam aqueles repiques e dobres, mas também o gemido dos "verdes canaviais das suas centenas de engenhos de açúcar – engenhos cujos nomes fazem sonhar, como nos versos de Ascenso Ferreira – Bugari, Mulungu, Pau d'Arco, Mariúna". Fixaria, também, da Goiana da meninice,

as ruas compridas, falando dos seus santos, dos seus guerreiros, dos homens da sua história. Seus becos e travessas de casas velhinhas, embiocadas, com os telhados negros, pendidas para a frente, humildes, falando à lenda do povo dos tesouros escondidos no seu socalco... As

> águas pensativas, escuras, dos seus rios e o canal coalhado de barcaças, com "as suas velas enroladas e pendidas", recebendo coisas para levar para longe. De tudo lembraria sempre "na tarde da vida", quando "as recordações cobrem a nossa alma, como, ao morrer do dia, as andorinhas, os telhados das velhas igrejas".

Depois, as reminiscências escolares, as aulas de Araújo Filho, de Carneiro Duarte e de Honório Monteiro. O último seria por Adelmar retratado no seu discurso de posse na Academia Pernambucana:

> Como que o vejo: um fraque negro, umas calças brancas espelhantes, de bem gomadas que eram; um *plastron* verde pintalgado, um cigarro meio apagado, esquecido ao canto da boca; a escola à Rua da Misericórdia, em Goiana; uma porção de meninos barulhando, gritando, estudando em voz alta as lições, vozeando, grasnando, como um viveiro de pássaros; uma palmatória amarela, comprida, hierática, sobre a mesa... e o professor esbravejando como um possesso, a cara fechada, os olhos enérgicos, ameaçador. Depois, foi que vi que tudo aquilo era mentira... Sua alma era um favo de uruçu silvestre. O professor era um poeta!.

As musas que o poupavam das mãos justiceiras do mestre-escola passaram, desde então, a provocar o discípulo. De quando em quando, desaparecia da casa-grande do Itapirema, suscitando apreensões da mãe solícita e da ama, tão querida que alcunhada de "Mãe-outra". O velho Francisco tranqüilizava, porém, a esposa: "Maria, sossega. Hoje chegou cantador na casa do Marcelino. Aposto que o pequeno está lá." E estava, deliciando-se com os repentes de Laurentino Goianinha, Adelino Gato Bravo, José Eugênio, Luís Soares, sobretudo do primeiro, negro pachola, que "era para aqueles arredores, para a sua camada, para a sua esfera o que era Hugo para o seu povo, um Heine, um Bilac para nós".

Um dia, nesses longes de simplicidade, o filho único, adorado pelo pai, cuja imagem relembrou,

O chapelão caído
sobre a cabeça branca de algodão.
Buscando o campo –, o dia mal nascido,
voltando a casa, o dia em escuridão,

tem, melancolicamente, interrompida a ingênua felicidade. Naquela data, a primeira grande dor da sua vida:

eu, pequeno, vi, cavando,
sete palmos de campo, soluçando,
uns homens rudes... Tempo que já vai!

"Francisco, adeus"! clamavam, repetindo.
Meu pai desceu de branco... Ia dormindo...
Fechou-se a terra... E não vi mais meu pai!...

Retorna, então, a família a Recife, e Adelmar ingressa no Instituto Ginasial Pernambucano, onde, anos mais tarde, iriam Múcio Leão e Barbosa Lima Sobrinho encontrar eco de sua passagem. Este último recolheu-lhe a fama de fazer

> versos não para a glória das páginas literárias, nem para a meditação ou a adivinhação das leituras vagarosas, mas para a festa das serenatas, nas noites enluaradas. Verso que o namorado pudesse dizer, no portão de jardins humildes, à moça que o escutava, atenta aos ruídos que viessem da própria casa, numa época em que os pais ainda podiam tomar conta de suas filhas.

Possivelmente à conta dos devaneios literários, não foi, de início, aluno apreciável. Mais de uma vez, invectivou-o o professor Cândido Duarte: "O Sr. sempre atrasado, seu Adelmar! Esteve decerto a ver brigar os canários... Aposto que não sabe as lições." E, em verdade, não sabia. Mas, de uma feita em que certa representação teatral requestara a meninada do colégio, ninguém se preparou para a argüição, e Adelmar, que ficara estudando, a tudo respondeu com segurança, ganhando, desde então, lugar no primeiro banco.

Por fim.., a Faculdade! A esse tempo a grande Escola centralizava, com a sua congênere paulista, os anelos de grande parte da juventude brasileira.

Da bela Mauricéia diria:

> ... a minha Recife de estudante! Sem cinemas, sem bares, sem palácios, mas com a nossa vida acadêmica, a nossa alma de trovadores, as nossa tertúlias, as nossas serestas, as nossas repúblicas. Recife era a Veneza Canção! Era tão intenso o luar, tão fina a luz, que a cidade ficava como envolvida numa atmosfera de sonho... As casas, os telhados, os jardins, as águas que recortam a *urbis,* as pontes, os barcos que, presos ao cais, adormeciam fatigados das pescas, as igrejas – tudo era branco, branco de leite, de lírios, de açucenas, de jasmins sei lá – de inocência. Recife ficava como urna noiva que vai casar... Linda! E nós, com a alma dos dezoito anos, a cabeça cheia de sonhos, não resistíamos; escancarávamos as janelas e o luar entrava a jorros.

Os luares recifenses convidavam às serenatas planejadas pelos estudantes-trovadores, de uma janela para outra, nas estreitas e velhas ruas onde se situava a maior parte das "repúblicas". Tudo corria bem para o grupo de noctívagos, até o dia em que a fúria de um pai fez quebrar a pauladas, por dois emissários, as costelas e o instrumento musical de um colega, que Adelmar dizia piauiense, mas que deve ter sido pernambucano; o enamorado, a dedilhar o pinho, em frente à casa de uma pretendida, mal desferira os primeiros versos de uma quadra em voga:

> que estará ela fazendo
> a esta hora, longe de mim?

quando os mensageiros responderam: "está dizendo que vá para o diabo que o carregue, refinadíssimo canalha", e retiraram da arena o troveiro melífluo.

Recife mantinha íntegra a tradição dos seus grandes dias de metrópole do ensino jurídico. A cidade gravitava em torno do velho Convento do Espírito Santo, onde alguns dos maiores jurisconsultos brasileiros não apenas

adestravam a juventude, mas também a conduziam nas grandes avenidas culturais e cívicas.

Aquelas velhas arcadas foram também o palco de tribunos famosos, que pregavam a Abolição e a República e fulminavam o cerceamento da liberdade, a tal ponto que a Escola gloriosa preparava também para a vida e para as liças políticas e sociais. As aulas, a que assistiam até estranhos à classe estudantil, curiosos da eloqüência e das idéias de mestres veneráveis, nem só por isso eram o maior atrativo intelectual de muitos dos futuros bacharéis, e a elas alguns compareciam, dizia Adelmar, mais para que os lentes os vissem.

No Teatro de Santa Isabel, ouviu ainda a voz portentosa de Nabuco, relembrando, na sua última viagem ao Brasil, dramáticos momentos da campanha abolicionista, e, no mesmo palco, escutou o verbo doutrinante de Esmeraldino, evocando as primitivas formas de repressão aos delitos, para acompanhar, através dos tempos, a evolução da criminalística rumo à humanização das penas. Alcançou, também, presente de tanto repetida, a fama de Clóvis, cuja palavra era tão mansa quanto sábia, e a de Tobias, que, erudito entre todos, ditou novos rumos à Cultura brasileira. E, alteando-se do concerto de Ciência jurídica e de Filosofia, o eco dos condoreiros, que, para sempre, marcou a tradição literária da cidade. Na Poesia popular é que haveria, entretanto, de afinar os ritmos, que melhor lhe traduziam a agudeza da sensibilidade. Assim se configurava para ele "a tradição coimbrã de uma estudantada trovadora, que impunha, como ação passível de pena, dormir com luar no céu e violões na terra".

Raros os que ali não tentavam versejar, na demanda da glória literária ou, ao menos, visando à correspondência afetiva. Em Adelmar eram sobretudo fatores constitucionais que o impeliam para o metro, nas horas de meditação, o que depois procurava justificar:

> A gente nunca está só...
> Ou se está com uma saudade
> de um sonho desfeito em pó,
> ou se está com uma esperança
> de nova felicidade,
> no coração que não cansa...

Sempre uma sombra com a gente,
constantemente...
Uma sombra... Boa... ou má...
– Só é que nunca se está.

Cultivaria particularmente a saudade das estudantinas com as toadas e os harmônicos de um violino

que geme e ri, que grita e que cicia...
sobe em dorida imprecação, gargalha,
clama, pragueja, e se enfurece e ralha,
E vem descendo, e anseia e se quebranta
e trilha, e arrulha, e chora, e reza e canta!

Aos encantos naturais de Recife se somavam os de Olinda, onde outra velha abadia fora o berço do ensino do Direito no Brasil. De quando em quando, rumavam os estudantes aos locais, para admirar-lhes os majestosos crepúsculos, que Adelmar pintou:

Aquela praia linda,
de Milagres, plantada à beira-mar de Olinda,
ao pôr-do-sol, é como um sonho que se esfuma...
.....
Pelas tardes serenas,
em surdina,
passa um rumor de penas.
São elas – são as tristes andorinhas,
que vão falar de amores marinheiros,
e de fadas marinhas,
aninhadas às folhas dos coqueiros...
.....
– Milagres, que é que têm teus coqueirais sombrios?
Que estranhas emoções, ao pôr-do-sol, revelas?!
Quanta esperança vem no fumo dos navios!...
Quanta saudade vai no côncavo das velas!...

## O ADVOGADO

Quando Adelmar iniciou os estudos jurídicos, fê-lo em época na qual acrescentar um doutor aos brasões domésticos era quase compulsório para as famílias nordestinas de certa categoria. Até as que eram parcas de recursos nisso se confundiam com as mais favorecidas, procurando que os filhos se elevassem socialmente, e saíssem do anonimato por esse mecanismo.

Não sei, portanto, se, no caso, foi consultada uma vocação legítima ou se apenas obedecida a velha praxe. Certo é que não parecia ele talhado para a advocacia, profissão que demanda os olhos atentos nos prazos do foro e não absortos na contemplação das estrelas. Dentro do embrião de jurista, que se preparava para os altos vôos forenses, palpitava, aparentemente inconformada, a alma do poeta, que haveria de reafirmar-se pela existência inteira. Mais tarde, a enfrentar responsabilidades profissionais, forjava o plano de despedir os volumes literários e dedicar-se integralmente às leituras científicas, porém... confessava: "No primeiro jornal que me caía às mãos, trazendo um artigo sobre a sucessão dos colaterais e um soneto enquadrado em florões caixa-alta, eu lia o artigo sobre a sucessão dos colaterais, mas lia primeiro o soneto."

Atraía-o a antiga capital do País e, em 1910, ano seguinte ao da formatura, aporta ao Rio. Aqui vem encontrar ainda uma geração de poetas dos mais significativos da nossa Literatura. Trava relações com todos eles e a todos se fixa de modo cordial.

Mas era necessário advogar para viver e, entre os deveres profissionais, se inscreve o ingresso nos grêmios, que se destinam a conhecimentos recíprocos e representam lídimas escolas de aperfeiçoamento.

Na Sociedade Brasileira de Criminologia vai ocupar uma Cadeira apadroada por Oscar de Macedo Soares, autor de comentários ao Código Penal, volume que era o texto de estudantes e advogados.

Tendo de fazer o elogio do jurisperito, recordou:

> Nas compridas noites de vésperas de exame, eu tomava notas na biblioteca da Escola, mas era pelo meu "Macedo Soares" que encontrava roteiro seguro aos João Vieira, aos Florentinos e Tomás Alves, Tobias e

Barbalhos, Escorel e Viveiros, para o preparo dos "pontos", camararíamente trocados entre companheiros de "república".

E talvez se haja inspirado num exemplo dos inícios do próprio Macedo Soares, para abandonar a advocacia. Rodrigo Octavio narrou o caso: com Raul Pompéia e Oscar, o memorialista de *Coração Aberto* alugou na Rua dos Ourives uma sala por trinta e cinco mil-réis mensais e nela abriu escritório. Durante os três longos meses em que lá compareceram pontualmente os causídicos, apenas um constituinte se apresentou, levado por Macedo. Alvoroçadamente, foi o cliente cercado pelos três postulantes da justiça, que, entre si, já imaginavam o tipo de ação cabível na espécie. Mas, o sujeito declarou candidamente não possuir dinheiro sequer para os selos da inicial. Confabularam os doutores e resolveram... que o homem também não tinha razão!

No tumulto das varas, que assombra os leigos e quase desanima os interessados, fazendo-os supor que ninguém lhes presta atenção aos argumentos, iniciou a vida pública e chegou a advogado do Banco do Brasil, mas não era a sua rota, para logo substituída.

## NO MINISTÉRIO PÚBLICO

Demorado estágio no Ministério Público entrou na trajetória profissional do bacharel em leis. Exerceu, de início, funções na 5.ª Promotoria do então Distrito Federal. Quem conhecesse o poeta e lhe houvesse aquilatado a finura da sensibilidade prognosticaria talvez o transitório da função, na qual teria de levar alguém a contas com a justiça. Entretanto, a sua inteligência e a sua cultura asseguraram-lhe acesso a todos os cargos da carreira e ensejaram-lhe a redação de trabalhos julgados de valor pelos competentes. Daí o seu prestígio nos meios especializados, onde todos também lhe exaltavam a dignidade e a isenção.

Dessa época é a conferência em que examinou o papel do "automóvel perante a Justiça Criminal". O trabalho é pioneiro, e tão curioso e palpitante como o são os que agora versam o direito interplanetário. Encerra, porém, frases que, hoje, chegam ao pitoresco, visto como proferidas há cinqüenta anos, no início daquela guerra que marcaria a transformação do mundo, com o Rio de Janeiro de dois mil e quinhentos veículos, e numa época em que era

inconcebível que damas os dirigissem. O pavor infundido à pacata população pelas máquinas homicidas levou Adelmar a uma tribuna de conferências, para soltar aflito brado de alerta: "Atravessar o Largo da Carioca ou a Praça Tiradentes, clamou ele, é hoje tão arriscado quanto saltar do morro da Urca", e concluía: "Solver o problema dos automóveis é, deve ser, tão importante e capital como foi o da febre amarela..."

## O MAGISTRADO

A 15 de maio de 1940, como decorrência do merecimento demonstrado em já longo tirocínio profissional, foi nomeado Desembargador no Tribunal de Apelação do Distrito Federal, quando, na sua própria frase, já estava a "escutar os bronzes do campanário nas pausadas pancadas do recolher". Sempre, porém, a procurar nexo entre as suas atividades:

> Sinto Poesia e Justiça
> Nascidas da mesma luz.

Revelou-se, entretanto, um completo juiz. Dos que, tendo presente a letra da lei, utilizam, para interpretá-la, as suas qualidades de homem. E Adelmar era substancialmente um bom. Lembrava Raimundo Correia, poeta como ele e como ele magistrado, de quem se sabe quanto sofria, ao infligir penas. Do grande parnasiano diferia, no entanto, pela capacidade comunicativa e por ostentar a sua lira, com a qual se apresentava nos salões, enquanto Raimundo, quase misantropo, escondia a sua. Iguais, porém, no refinamento da sensibilidade, que Adelmar exemplificava sempre com um episódio expressivo. Certa vez, o maranhense ilustre teve que julgar um pobre anormal, autor de furto (de pequeno furto, como eram os de outrora), mas pai de cinco criancinhas. A sorte destas também estava na sentença de Raimundo, que absolveu o réu, talvez puro necessitado que delinqüira por não ver se consumirem à fome aqueles corpinhos inocentes. Casado com uma infeliz, macérrima, que lavava e engomava o dia todo, para atender às necessidades da casa miserável, tem na consorte o seu advogado. A pobre corre ao juiz, a suplicar-lhe que não condenasse o marido, estróina,

mas de bom coração. Sobretudo bom pai, em cujos braços dormia, todas as noites, um filhinho doente. Raimundo, ante a deficiência de preparo do processo, diz ao indiciado que vai absolvê-lo. Antes, porém, chama-o à razão, lembrando-lhe o lar humilde, onde morava a adversidade, e a pecha que, de futuro, cairia sobre os filhos.

> A cabeça do acusado foi pendendo, como o juncal que o vento verga, pendendo, tomando uma expressão de mágoa profunda, veio-lhe a primeira lágrima, a contração do primeiro soluço e aquele coração..., batido de vícios, rebentou a chorar, no mais longo e sentido dos choros: – Sr. Juiz, eu lhe juro pela minha mãe que serei um homem de bem! E, na penumbra da sala, na meia-luz da tarde que morria, a figura de Raimundo se iluminava desse clarão imaterial que aureola os bons e os justos.

Adelmar conseguiu congraçar admiravelmente lira e balança, buscando naquela como que a inspiração e o equilíbrio para a sua judicatura. Confessava que tal lhe ocorrera através de todo o roteiro profissional: com

> Ela (a Poesia) vi chorar, nos Pretórios Criminais, os perdidos do crime, os desgarrados do bom caminho, as folhas humanas sacudidas pelas tempestades; com Ela, ouvi no Juízo da Provedoria, a voz sagrada dos mortos nos seus túmulos, e com Ela, cumpri fielmente, por doze anos a fio, os mandamentos das suas vontades, batendo-me como impelido por uma força sobrenatural; com Ela venho há dez anos, defendendo o direito dos menores, enxugando as lágrimas dos órfãos, assistindo os privados da razão, os loucos, os mentecaptos, os desassisados, os dipsômanos, os intoxicados, toda essa sinistra floração das humanas desgraças, com Ela, venho há lustros falando à mocidade...

Poeta foi por vocação e por deliberação, por acreditar no papel primacial da Poesia!

## O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

Não apenas o lastro de cultura jurídica, mas o espírito crítico, a capacidade de transmissão e, sobretudo, a tolerância e a ternura reveladas para com os moços levaram-no a uma cátedra de Direito Penal na Faculdade Fluminense, onde encantou várias gerações de discípulos.

Exerceu o magistério ao tempo em que fazê-lo ainda importava em desfrutar do prestígio com que o ofício nimbava os seus agentes e em que o respeito e a gratidão dos alunos eram o maior prêmio aos percalços da profissão, entretanto, preexcelsa como a do semeador.

Ensinando a boa Ciência jurídica, era, pela ilustração das suas aulas, o romântico de sempre, transportado pelo contacto diário com a mocidade aos saudosos tempos do Recife.

## O POETA

Quaisquer que sejam as preferências estéticas, ditadas pela evolução, pelo desejo de conformidade às novas condições da vida, pelo afã de significar momentos históricos e de traduzir preocupações sociológicas e filosóficas, não há como recusar às velhas escolas o que de beleza outorgaram ao patrimônio literário. E algumas delas forneceram documentos à eterna admiração da posteridade, como nos modelos pictóricos de outrora sempre se haverão de vislumbrar a luz e o gênio.

Não há, por outro lado, incoerência alguma em admirar e praticar as novas técnicas e aplaudir as que são consideradas exauridas. As formas de expressão representam uma fatalidade evolutiva, como se observa quanto às outras atividades do pensamento.

Ainda que se julgue ultrapassada uma escola literária, importa considerar que ela é tão difícil de esvaecer-se que existem posições intermediárias. Os seus limites são convencionais. Difícil determinar-lhe o início, e mais ainda o termo, pois que se projeta em movimentos subseqüentes. É o caso das expressões românticas, apuráveis em representantes do Arcadismo brasileiro e seguramente existentes nos dias que correm.

A Literatura é instrumental no promover, estimular e ajudar os grandes momentos da Humanidade, mas também serve à tradução das peculiaridades regionais do homem.

Se, com referência ao Romantismo, atentamos nas motivações e não nas modalidades de exprimi-las, temos que dificilmente se arrancará do Brasil. Porque algumas das suas características se confundem com as próprias características da alma brasileira. Daí, alguns espíritos, tidos por sonhadores ou equivalentemente rotulados, não forcejarem por adaptar-se a novas correntes. "Pode-se dizer que todo movimento literário no Brasil tem qualquer coisa de romântico", escreveu Amoroso Lima, acrescentando:

> Até hoje, os poetas e prosadores românticos, pelo seu idealismo, pelo seu lirismo, pela sua ênfase, pelo seu subjetivismo, pelo modo cantante e sentimental de se exprimirem, são os mais brasileiros dos nossos escritores.

No domínio da Poesia, os movimentos de vanguarda, que situaram o Brasil em plano universal, ainda despertam reservas apenas nos que se encontram obstinadamente ancorados em sediças posições. E, muita vez, só se apreende o valor de tendência quando estas vão passando e já se anunciam outras formas de expressão.

Lembra Goethe que "as únicas obras duráveis são obras de circunstância". Não há, porém, observa Anatole France, senão obras de circunstância, porque todas dependem do lugar e do momento em que foram criadas. Ninguém pode compreendê-las nem amá-las com amor inteligente se não conhecer o local, o tempo e as condições de sua origem.

Adelmar Tavares parecia indócil, a querer subtrair a Poesia à rigidez de normas, quando exclamava: "Em Poesia não há como nos lotearmos em românticos e parnasianos, e simbolistas, decadistas, pessimistas, passadistas modernos e futuristas". Não foi indiferente às novas técnicas e chegou a praticá-las em alguns dos seus poemas, com felicidade:

> O menino está brincando no colo da Mamãe...
> Não tem sua primeira primavera,

tem, apenas, na cabeça, falripas loiras de sol,
macias, de seda,
penugem de passarinho...
Gorduchito, amuado, o menino quer chorar...
Para distraí-lo, a Mamãe entra a brincar de serra com o filhinho...
Pondo-o de pé, como a um boneco,
segura-lhe os pulsos roliços,
e o agita, – ora, lá –, ora, cá,
como fazem os serradores
.....
O menino ri... ri gostosamente...
Ele não sabe nada da vida;
nem da angústia do canto dos serradores,
que serram nas matas virgens
as grandes árvores caídas...
Serra, serra,
Serrador!...
.....
Mas o menino riu... riu... e cansou...
chorou...
E ao ritmo do canto nortista,
que lembra os barqueiros do Volga,
e aqueles homens tristes, que lá no fundo da mata
serram com grandes serras
os grossos troncos das árvores caídas,
a Mamãe apertou com tristeza o menino ao coração...
E, erguendo-se de súbito,
como quem não quer ver no pensamento,
foi dizendo
numa voz de consolo e de carinho:
– Cala a boca, filhinho,
– Cala a boca, filhinho...
O serrador

vai deixar de serrar as madeiras de nosso Senhor...
Parou...
Parou...
– Ô...

A quem assim se exprimia seria injusto aplicar-se apenas o epíteto de "rei da trova" e mais certo dizê-lo "rei na trova", porque utilizou várias modalidades poéticas e foi apreciável prosador.

Viveu momentos cruciais da Literatura Brasileira. Estreou quando se observavam os efeitos do entrecruzamento de correntes estéticas, aquela em que se fizeram mestres Raimundo, Bilac, Alberto e Vicente, aqueloutra em que se sagraram Cruz e Sousa, Augusto dos Anjos, Alphonsus de Guimaraens, e testemunhou os ruidosos momentos da implantação do Modernismo. Atravessou, assim, a fase mais complexa e instável da Poesia nacional, a em que novos rumos iriam ser trilhados pelos cinzeladores do verso.

Soavam-lhe, entretanto, aos ouvidos, com particular encanto, os acordes dos românticos, que lia e admirava, na sua Recife de estudante. Estes o marcaram irreversivelmente. Foi representante do Romantismo, de onde as reservas que a sua obra despertou em alguns, quase todos afinal conciliados com a singeleza do poeta e rendidos à sua sinceridade.

Haver dedicado à trova os melhores instantes poéticos decorre da sua formação e de sua preferência por traduzir sinteticamente os sentimentos pessoais e os inatos e elementares do povo, sem excesso de atavio,

porque a Beleza, irmã gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade,

observaria Bilac.

## A TROVA

O quarteto heptassílabo, simples, humilde, exprime pela sua concisão e selo afetivo, mais que os outros gêneros, os transportes da alma na sua pureza.

"Assim como todo o pensar de um povo está condensado e cristalizado em seus refrães, todo o seu sentir se acha contido em suas quadras", sentenciou Rodríguez Marín.

Surgindo, a um tempo, entre nobres e plebeus, atravessou as eras e difundiu-se, sem vacilação de prestígio, constituindo um caudal a desaguar no folclore, o que lhe assegurou a perenidade e a glória.

Os versos de Guilherme IX, apenas precedidos pelas recém-descobertas carjas moçárabes, datam de oito séculos e são os mais antigos versos líricos integralmente escritos em uma língua romântica. Na esteira do Duque de Aquitânia, outros nobres e até cabeças coroadas cultivaram o gênero trovadoresco, tais como D. Afonso X, o Sábio, e D. Denis de Portugal, além de eclesiásticos famosos, um dos quais, Clemente IV, ascendeu ao sólio pontifício, todos inscritos entre os precursores dos menestréis de nossos dias.

Rapidamente, como lembra Milá y Fontanals,

> o trovador adquiriu grande celebridade e poucos são os que, por meio da novela ou do drama, não se representaram em suas imaginações o trovador provençal fazendo cair ao som da sua lira a ponte levadiça do castelo feudal, alegrando os banquetes ou inflamando o ardor guerreiro nos campos de batalha, cantando, ao resplendor da lua, ao pé de uma janela gótica ou na selva solitária, um amor casto e misterioso, vivendo sempre nas regiões do mais puro idealismo.

Trovadores e jograis se irmanaram na "primeira batalha, penosa e decisiva, para elevar a língua artística às rasteiras expressões cotidianas, despidas de qualquer aspiração poética", na frase de Menéndez Pidal.

A pouco e pouco, tornou-se conciso o gênero, reduzido afinal à quadra, verdadeiro poema de forma fixa.

O versejar parece ser uma integrante da personalidade. Embora em latência, pelas dificuldades de uma expressão e de uma comunicabilidade felizes, nem por isso deixa de ser, observou Leite de Vasconcelos, uma necessidade da alma, colocando- se, como meio de dizer, entre a linguagem corrente e a música.

A Poesia verdadeira independe dos adornos da técnica e pode lobrigar-se no homem inculto, mas que foi, um dia, levado a traduzir uma emoção forte.

Enxameada de locuções e modismos regionais, tem a Poesia popular um denominador comum, o da sensibilidade humana aos vários agentes do espírito.

Popularizando-se, a trova só aparentemente é o mais acessível meio de poetar. Disse Adelmar:

> Nem sempre com quatro versos,
> setissílabos, a gente
> consegue fazer a trova...
> – Faz quatro versos somente.

De fato, o que com ela ocorre é o contraste:

> .....
> .....
> – Tão fácil, – depois de feita....
> tão difícil de fazer,....

Em exprimir no quarteto uma completa idéia foi ele exímio, elevando-se, muita vez, às cumeadas, como no exemplo em que Pereira da Silva vislumbrou "toda a essência cristã, isto é, o batismo e a renúncia numa única estrofe que é um milagre de síntese subjetiva":

> Mãe, que os meus versos incensam!
> Quando eu vim do mundo à luz,
> foi na cruz da tua bênção
> que eu vi a vida – uma cruz.

A despeito da excelente produção em outras espécies, nesta foi que se popularizou o autor de *Noite Cheia de Estrelas*. As origens do seu estro, a simplicidade do seu espírito, a agudeza da sua sensibilidade e a capacidade de exprimir em quatro versos um estado de alma tornaram-no geralmente compreendido e admirado.

Avultou-lhe a popularidade exibir-se nos famosos salões de outrora, nos saraus literários que foram o encanto de uma época despretensiosa e, sobretudo, isenta das preocupações paradoxalmente geradas pelo progresso científico e tecnológico.

Quando surgia, com o seu colete trespassado, o seu ar de bondade, o seu largo sorriso, era o ponto de convergência dos olhares, sobretudo femininos. E recitava:

> Sou jardineiro imperfeito,
> pois, no jardim da amizade,
> quando planto um amor-perfeito
> nasce sempre uma saudade...

Conquistados os aplausos de tantos auditores enlevados, o poeta não podia mais sopitar uma expressão mais acentuadamente melancólica:

> A morte não é tristeza,
> é fim.. É destinação...
> Tristeza é ficar na vida
> Depois que os sonhos se vão...

Foi Adelmar um dos maiores responsáveis pela era de franco refortalecimento do prestígio que desfruta o gênero trovadoresco, de que são atestado os muitos volumes ultimamente publicados e a criação de grêmios para cultuá-lo: nesta cruzada a sua figura é padroeira.

## O PROSADOR

Adelmar trabalhou a crônica e o conto, sendo-lhe também devidos discursos e conferências. O memorialista apenas iniciou a publicação de interessantes notas sobre a *Casa dos Quarenta*.

Na sua prosa, retratam-se-lhe impressões de vário tempo.

Em "Tanajuras" relembra as nuvens de himenópteros que deliciavam a garotada de Goiana, quando das primeiras chuvas de abril. Os zangões e as

içás celebravam núpcias aéreas e, logo, rolavam à terra, disputadas pela gana de toda aquela multidão de meninos que bracejavam, e se empurravam em tropel, apanhando-as, furando-as com estiletes, para ouvi-las zunir e prendendo-as à linha como papagaios. O tríduo nupcial cessava e com ele o espetáculo das tanajuras.

> Hoje – quanto tempo! – (ao relembrar o quadro), filosofo sobre o destino de certas criaturas que, sendo formigas apenas, neste mundo, lá um dia se vêem tanajuras. Voam... Enganam-se... porque o vôo é passageiro. Desaparecido o fenômeno que as fez tanajuras, caem-lhe as asas... E voltam a ser formigas que sempre foram.

"O Aleijadinho da Ocarina" refere-se a um pobre rapaz, órfão de pai e abandonado pela mãe, e que, aleijado, fugira da terra, e passara a viver do seu tosco instrumento, que tocava para solicitar a caridade pública, sobre velha ponte recifense. E, quase sempre, narrou Adelmar,

> conversávamos, ele e eu, durante uma hora inteira ao findar do meu dia acadêmico, quando as primeiras sombras da noite baixavam sobre a cidade, e os lampiões da ponte começavam a piscar a sua luz que se refletia fracamente, agoniadamente, tristemente, nas águas do rio, já escurecido, como a luz de certos destinos se refletem na vida para a morte...

Um dia, ali abaixo veio ter um cego ("todo cego é ceguinho no coração da gente", observaria Carlos Drummond de Andrade), e o concorrente passou a recolher as preferências das benesses a tal ponto que todas as moedas da caridade mudaram de endereço. O condomínio inicial passara a quase exclusividade, até que Manuel Soares, certo dia, liquidou o cego à faca e, quando os gritos da vítima fizeram atrair a multidão, esta viu o pobre músico

> equilibrado nos dois gravetos de pernas – atolado, febril, os olhos vítreos, a face infernal voltada para a altura onde abriam as primeiras estrelas, a ocarina à boca a soprar uma música alucinada, que era mais

> grito do que som – como se a alma de Satã gargalhasse, casquinasse na ocarina do aleijadinho, Sabbat dos Destinos desgraçados.

"Gatuninha de Livros" é a história do sucessivo desaparecimento de volumes da sua biblioteca e dos autores mais caros ao seu afeto: Murat, Alberto, Olegário, Álvaro Moreyra. Vai, por fim, encontrá-los no quarto da filha, de mistura com brinquedos de toda a sorte inteiros e quebrados, enquanto a menina lia versos para as amiguinhas extasiadas. Lá se achavam os livros preciosos.

> E, sem dizer, palavra (comenta) volto para minha sala de biblioteca, com um grande peso no coração... Minha filha começa a gostar de versos, a sentir os poetas, a ouvir vozes de outros mundos... No pequenino espelho do seu coração, já a vida se debruça diferente... Ai de ti, gatuninha encantadora dos meus livros! Bem cedo entras a recolher a pesada herança de teu pai – a de sonhar. .. e a de sofrer!

Adelmar, enamorado dos dias claros e das noites cheias de estrelas, parecia temer que sobre a benignidade do seu olhar descessem sombras que o impedissem de distinguir as pessoas e coisas queridas. Mas, chegou a vaticiná-lo:

> Minha filha, meu sonho, meu carinho,
> amparo meu quando eu ficar velhinho,
> luz dos meus olhos que serão sem luz.

É que sempre buscara no firmamento a iluminação poética:

> A noite baixou silente,
> e, então, cantei tristemente
> as mágoas... para esquecê-las...
> E a Noite, ouvindo o meu canto,
> que era a música de um pranto,
> encheu-se toda de estrelas...

Receava, além disso, que não voltasse a contemplar os "caminhos estrelados de hortênsias e quaresmas abertas", tantas vezes por ele trilhados, rumo à serra, que lhe passara a ser outro motivo de inspiração:

> Na nota verde da paisagem, um ipê imenso, agarrado ao desvão da montanha, fincando as suas raízes de ferro nas rochas do declive, rasgava, vertical e imponente, as franças as ramarias, os galhos e os cipoais da floresta, para, na ânsia maravilhosa da altura, abrir a copa estelar das flores flavas, como uma bandeira magnífica, aos ventos da Natureza.

Nem ainda a extasiar-se nos "dias lindos de Teresópolis", quando o sol era orgíaco e lhe despertava

> desejo de ser átomo dessa luz gloriosa
> que entontece as cigarras que rechinam,
> que faz noivos os pássaros nas árvores,
> e, milagrosamente,
> espumeja, e transborda
> nas almas que eram cântaros vazios...

Era, entretanto, de vê-lo nos seus últimos tempos, a exprimir esperanças de retornar à Academia e, novamente, empunhar a lira, cujas cordas, disse, enramou de cantigas porque "carregá-la foi um destino".

# II

# RESPOSTA DO SR. LUÍS VIANA FILHO

Não fora a alegria com que recebemos cada novo companheiro e eu vos diria que esta é a vossa festa. Hoje, tudo aqui é vosso, ou para vós, pois assim nos habituamos a acolher os que chegam para o nosso convívio de cada dia.

Em verdade sei que é a vossa grande festa espiritual, aquela que cada um de nós imaginou algum dia. Certamente tereis acalentado aquele sonho que me faz lembrar esta página de René Doumic:

> Inicialmente é uma vaga idéia encontrada pelo meio do caminho da vida, menos uma idéia do que um desejo, sonho ainda remoto. O futuro imortal distingue-se, porém, na sua carreira, na qual tem posição de relevo. Seu nome começou a circular sobre os lábios dos homens. E de vários lados lhe chegaram solicitações. Os de seu círculo admiram-se de que ainda não haja pensado na Academia, sugerem-lhe que deveria apresentar-se, e, fortalecendo-lhe o ânimo, graças à fácil difamação, insinuam que faria melhor figura do que muitos outros. Sem dúvida, ele não cede logo a essas vozes tentadoras; mas são vozes de sereias, muito agradáveis para que se recuse por muito tempo a escutá-las. A idéia toma corpo, deixa de parecer-lhe presunçosa; habitua-se a ela: ei-lo virtualmente no prélio.

Porventura, terá sido diferente o vosso caminho, ou o vosso sonho? Permiti que vos diga não o acreditar. Tende, porém, a certeza de serem os

nossos votos para que vos sintais perfeitamente a gosto na Poltrona dita da imortalidade, e que Monteiro Lobato, nas famosas cartas a Godofredo Rangel, confessou que o assustava.

Espero que não vos assusteis. Contudo, para não incidirdes no erro tão freqüente de imaginar que conheceis a nossa Academia, desejo advertir-vos que ela é misteriosa. Da Academia Francesa escreveu Valéry que a sua singularidade consiste em ser indefinível. O conceito bem se aplica à nossa Casa, e, por certo, muito contribui para a curiosidade pública, primeiro passo em direção à fama que, por todo o País, envolve a nossa instituição.

Aliás, embora tal mistério nos seja essencial, e involuntário, por ele pagamos certo preço, pois é grande, e até importante, o número daqueles que, por não nos aceitarem como somos, investem contra nós. Sem querer, contribuem para a nossa maior notoriedade, e para nossa grandeza. A alguns o tempo concede a graça do arrependimento; outros, no entanto, jamais alcançam compreender-nos, talvez inconformados com a circunstância ou a eventualidade de não se lhes haverem aberto as portas às primeiras pancadas com que nos anunciaram o desejo de ingressarem para a nossa Companhia. Sem dúvida, esquecem-se de que Victor Hugo foi três vezes vencido em prélios acadêmicos. Ou julgarão o exemplo mesquinho?

Também não alcançam que nos recusemos à eventual monotonia de uma reunião de escritores. Nisso, por sinal, temos sido recalcitrantes. Dir-se-ia que amamos a variedade, por vezes o contraste, e até o inesperado. Já reparastes, Senhor Deolindo Conto, como são freqüentemente sem lógica as sucessões na Academia? Um orador substitui um romancista ou vice-versa. Um poeta toma o lugar de um historiador; um médico sucede a um filósofo. Daí esta observação de Mário de Alencar: "Não somos uma agremiação de sábios, nem temos sido, apesar do nosso título, nem podemos ser uma privativa companhia de puros homens de letras."

Sinal de que, conservando bem presentes os bons conselhos dos fundadores, jamais nos descuramos de ter conosco alguns *grands seigneurs*. Ou não vos lembrais do que, aí pelo início do século, dizia Nabuco a Machado de Assis: "Nós precisamos de um certo número de *grands seigneurs* de todos os partidos. Não devem ser muitos, mas alguns devemos ter, mesmo porque isso populariza as Letras." Certo? Errado? A verdade é que, fiéis ao ensinamento,

jamais inscrevemos em nosso pórtico algo semelhante ao que, para afastar os profanos, se colocara no da Academia de Platão: "Só entra aqui quem for geômetra." E graças a isso podemos ter o orgulho de contar entre os dos nossos antecessores nomes como os de Oswaldo Cruz e Santos Dumont, que, certamente, aqui não entrariam trazendo como passaporte um volume de crônicas ou poesias.

Aliás, não fazemos mais do que seguir a Academia Francesa, nosso proclamado modelo, e ainda hoje repleta de políticos, e militares, que parecem tornar cada vez maior e mais luminosa a legenda da instituição. Émile Picard, ao arrolar alguns dos sábios que a integraram, teve a satisfação de mencionar Flourens e Claude Bernard entre os fisiologistas; Cuvier, o fundador da Anatomia; Berthelot, o químico; e Dumas, o extraordinário autor das Lições de filosofia química. É possível que os argutos eleitores desses sábios acadêmicos soubessem da indissolúvel união entre a Ciência e a boa linguagem. Aquela não vive sem esta. Daí haver Joaquim Nabuco, nosso primeiro Secretário-Geral, lembrado no seu discurso inaugural: "A Literatura quer que as Ciências, ainda as mais altas, lhe dêem a parte que lhe pertence em todo o domínio da forma." E por que não evocarmos este conceito posto por Lavoisier no prefácio à sua célebre Química – "Por mais certos que sejam os fatos, por mais justas que sejam as idéias que tiverem feito nascer, eles não transmitiriam senão impressões falsas e não dispuséssemos de expressões exatas para os designar."

Mas, se a desvanecem os nomes dos famosos sábios que a ilustraram, não se sente a tricentenária Academia da França menos orgulhosa por haver acolhido os grandes marechais de França, cuja lista se abre com Villars, o vencedor de Friedlingen, e se prolonga até Foch, o herói de Verdun.

Contudo, por mais plausíveis os argumentos que abriram as portas da Academia àqueles que o próprio Machado de Assis chamou "os expoentes", não têm impedido as agressões, as críticas, as verrinas que de quando em quando nos caem sobre o telhado, talvez para provar se está bastante sólido. Muitos ainda não perdoaram a teoria de Nabuco, que dizia a Machado: "Devemos fazer entrar para a Academia as superiorides do País." Ao que acrescentava ser o meio de "torná-la nacional", evitando-lhe talvez sorte igual às muitas que, desde a Colônia, jamais lograram alcançar a maioridade. Em

verdade, é o que se tem feito. Cabe, porém, acentuar que a Academia escolheu os seus caminhos graças ao consenso mais ou menos geral pois jamais conheceu a figura dos "grandes eleitores", em que pese à influência, em certas fases, de Machado, Rio Branco, Mário de Alencar, ou Afrânio Peixoto. Aqui, Senhor Deolindo Couto, cada qual – apesar de quanto se diga – não tem mais do que o próprio voto.

Ah! o voto. Eis a fonte dos nossos sofrimentos. "A contagem", escreveu Doumic, "é a grande máquina de fazer decepções; ela será o ponto de partida de todas as recriminações." Não lembrou Maurois, nas suas *Memórias*, haver candidato que, tendo a certeza de vinte e sete votos, apenas alcançou três? Na realidade não há candidato derrotado – e freqüentemente até os eleitos – que se não considere traído. Nem há como impedir que medrem todas as lendas e fantasias a propósito da insegurança ou fluidez das promessas eleitorais dos acadêmicos. Que fazer se tomam a simples cortesia por inabalável compromisso? Daí os equívocos, os mal-entendidos, as incompreensões, que não custam em transformar-se em áspera objurgatória. E devemos confessá-lo que nos têm feito mal, pois, não raro, atemorizam alguns daqueles que desejaríamos entre os nossos. Assusta-os o mistério ou a proclamada dubiedade dos votos acadêmicos. Numa carta que está a completar sessenta anos, pois é de 13 de dezembro de 1904, obervava Nabuco a Machado:

> Parece-me que alguns não suportam a idéia da não eleição, como se fôsse um desaire. Você sabe que não há desaire; a escolha de um nome pode ser explicada por circunstâncias, além do valor pessoal do candidato. O preterido não perde nada; ao contrário, fica uma espécie de dívida por parte da Academia, que não fará parar à porta, esquecido, quem já tiver direito a ocupar cá dentro uma Cadeira.

Infelizmente poucos aceitam a hipótese do insucesso. Quantos, que estimaríamos aqui sentados, não evitam a nossa porta, e passam ao largo, esmagados pelo espectro de possível mau êxito? Aliás, para lhes deter os passos de tímidos namorados da Academia, há, além do eventual malogro, o pedido de inscrição e as visitas de praxe aos futuros confrades. "Via sacra das visitas", chamou-as Maurois, que acrescentava:

> Visitar trinta e nove homens todos, ou quase todos, notáveis, uns como escritores outros como generais, prelados, almirantes, homens de ciência, embaixadores, não é nada entediante. Longe disso. Os que têm intenção de votar a favor do visitante, dizem-no logo, e isso torna o encontro amistoso e confidencial; os que lhe são hostis, recorrem a várias táticas curiosas de observar, e que vão da franqueza absoluta à total abstenção.

De fato, se para muitos a exigência representa um nonado, ou até agradável oportunidade para novos conhecimentos, para outros significa obstáculo que o temperamento jamais lograria transpor. Não seria o caso de cogitarmos de o retirar da soleira da nossa porta? Por que não admitirmos, em lugar da inscrição e das visitas, uma simples aquiescência do candidato? Na Academia Francesa, invocada desde a nossa fundação, é recente o exemplo de Henry Montherland, conhecido ouriço do mundo intelectual parisiense, e que transpôs os umbrais da Instituição sem bater à porta dos atuais colegas. Tudo muda, a começar pelas idéias, hábitos e preceitos. E, mercê de Deus, nada tem variado mais do que a nossa Academia, que, apesar da aparência conservadora, jamais permaneceu à margem da natural evolução das tendências ou preferência de cada época. Realmente, o exterior pode ser o mesmo; mas quanto tem caminhado o pensamento da Casa de Machado de Assis. Por isso, a antiga desavença com o inquieto e fabuloso Graça Aranha não impede aqui estarem muito a gosto alguns dos demônios da Semana de Arte de 1922. Outros demônios virão às nossas Poltronas, que, possivelmente, os transformarão em anjos cheios de candura, nédios como Jorge Amado, ou sedutores como Menotti del Piechia.

Afinal, o que sustém a nossa agredida imortalidade senão permanente adaptação ao gosto de cada época, independente ou acima de idéias, correntes, seitas, ou escolas?

Mas, nesse desfiar de motivos para a tradicional malquerença que, em cada geração, faz que alguns se atirem contra nós, ainda não vos disse tudo. Quem não ouviu censuras ao tranqüilo chá com que antecedemos as reuniões das quintas-feiras? No entanto, não é mais do que modesta reminiscência da *Revista Brasileira*, onde, primeiramente, se encontravam à tarde os fundadores da Academia. "Conversava-se de tudo", lembrou mais tarde Mário de Alencar

– "sem programa, como num encontro casual. Havia chá e biscoitos, havia cordialidade, havia prazer sem constrangimento". Sinal de que ontem, como hoje, tinham o bom gosto de não falar mal dos desafetos. Não é essa, aliás, função em geral reservada aos amigos?

Também as reuniões semanais da Academia não escapam ao escalpelo dos nossos críticos. Não entendem que alguns homens de boa vontade se encontrem apenas para "compor a eurritmia do pensamento". Em verdade, cada qual se colocando alheio à própria profissão, é o que fazemos em nossas sessões rotineiras, na pequena sala onde sob a inspiração dos patronos e fundadores, cujas efígies temos à vista, continuamos um comércio de idéias iniciado há quase sete décadas na redação da *Revista Brasileira.* Até o hábito dos retratos é o mesmo de outrora. Conta, aliás, Rodrigo Octavio, que, ao tempo em que o seu escritório de advogacia serviu de sede à Academia, lhe oferecera José Veríssimo preciosa coleção de retratos de acadêmicos, que, em fila, colocou na parede. Certo dia, havendo uma consulente levado uma filhinha, esta, apontando para as fotografias enfileiradas perguntou: Mamãe quem são aqueles gatunos?

Por último, vos lembrarei os pequenos sentimentos que nos rodeiam por causa do benemérito legado do livreiro Francisco Alves. Razão teve Afrânio Peixoto ao dizer que "ele nos dá abastança e nos causa tanta injusta animosidade".

Nada disso, no entanto, Senhor Deolindo Couto, impediu que a Academia, durante uma existência que já não é breve, lograsse levar a bom termo aquela missão que Machado de Assis apontou como essencial: "conservar, no meio da federação política, a unidade literária." Tornamo-nos, assim, a mais famosa instituição cultural do País, e à qual a pátina do tempo tem juntado, como queria Joaquim Nabuco, mistério e solenidade. Hoje, com todas as suas galas, ela se abre para vos acolher como um dos nossos companheiros.

Já vos disse bastante, senão demais, sobre a Casa a que vindes pertencer. Deixo à vossa maliciosa inteligência tentar devassar os mistérios, as sutilezas e peculiaridades que um bom convívio vos irá mostrando dia a dia.

Agora, depois de vos dizer da alegria com que vos recebemos, cabe-me falar de vós. Por sinal, não fosse a necessidade de atender velha praxe, não precisaria fazê-lo, tantos e tão notáveis são os títulos e as excepcionais qualidades que vos exornam a invulgar personalidade. Começarei, porém, por lem-

brar que, de todos nós, ides ser o derradeiro a ser ungido por um dos nossos fundadores. De fato – e com isso não revelo nenhum segredo, fostes o último a ter o voto de Magalhães de Azevedo, que há muito era o único sobrevivente do quadro inicial da Academia. Assim, a centelha que recebestes para transmitir a outras gerações vos veio de um daqueles que há quase setenta anos se reuniram para dar início à Academia Brasileira de Letras, em cujo quadro hoje vos integrais *ad immortalitatem*.

E como é luminoso, Senhor Deolindo Couto, o caminho pelo qual, partindo da Rua da Glória, em Teresina, onde nascestes, chegastes até aqui. Mas, ao tentar recompor os vossos passos antes da adolescência, a grande figura com que me deparo é a do magistrado Henrique Couto –, vosso pai, vosso mestre, e ainda hoje tão presente nas vossas horas. Conheci-o e admirei-o há quase trinta anos, quando, iniciando-me na Câmara Federal, tive-o honrosamente como colega. Representava o Maranhão, que tão bem serviu. E, malgrado a diferença de idade, haver-lhe granjeado amizade, ao tempo em que cresceu continuadamente a minha admiração pelo jurista, que, dentro das boas normas de então, era também aprimorado humanista, amigo dos clássicos da antigüidade, que versara profundamente. Juiz em Brejo dos Anapurus durante a vossa infância, aí vos ministrou ele não somente a instrução primária, mas também parte da secundária.

Contudo, o que ele acima de tudo vos propiciava, naqueles remotos e austeros sertões do Maranhão, era admirável exemplo de devoção à família e à coletividade. Um exemplo – permiti dizer-vos – que, no convívio de nossa amizade, vejo repontar freqüentemente. E a ele tanto vos afeiçoastes, e tanto vos esforçastes por o imitar que até a excelente caligrafia lhe copiastes, e de tal modo que, hoje, revolvendo manuscritos daquela época, muitas vezes tendes dificuldades em saber se são dele, ou se são vossos. Diante de tão poderosa influência, justo que já estejamos a nos perguntar por que também não trilhastes a mesma carreira das Letras jurídicas. Por quê?

Em verdade, se na origem de toda vocação há sempre um exemplo, que a faz despontar e a incentiva ao longo da vida, conforme observação de Roger Martin du Gard, nenhuma prova melhor poderieis ter, Senhor Deolindo Couto, em abono da conclusão do romancista do que o vosso próprio caso.

Tudo levaria a supor que, filho de magistrado, desde cedo ambientado no culto do Direito e da Justiça, não teríeis outro caminho a seguir senão aquele que conduz à investidura dos tribunais.

No entanto, não foi o que se deu.

Contrariando a inclinação que deveríeis trazer convosco e advinha da alta e nobre lição paterna, optastes pela Medicina. E, ainda na adolescência, para ela vos orientastes com aquela firme vontade de bem realizar, que explica os sucessivos triunfos de toda uma vida consagrada à cultura.

A Medicina vos recompensou com as mais altas glórias a opção da juventude. Primeiro aluno de vossa turma na velha Faculdade de Medicina de Salvador, continuastes no Rio de Janeiro a manter essa preeminência, de que resultou, com o orgulho de vossos colegas, a simpatia e o apreço de vossos mestres. Mas só o título de doutor em Medicina, com uma larga carreira aberta diante de vosso olhar, não vos bastava; a Ciência vos convocava a outros misteres, nos amplos limites de seus horizontes, e a essa convocação prontamente atendestes, disputando uma cátedra na Faculdade Nacional de Medicina. criando e dirigindo o Instituto de Neurologia, recebendo a consagração de membro efetivo da Academia Nacional de Medicina, aceitando pouco depois a sua Presidência, e sem deixar de aprimorar, a cada hora, a cada dia, o vosso tirocínio de homem de ciência, na amplidão dos anfiteatros ou na reclusão dos laboratórios.

Ao apreciar a vossa vida vitoriosa, para inquirir o mistério de sua inclinação, fui levado a concluir que não poderíeis confirmar a tese de Roger Martin du Gard. Onde o exemplo que teria decidido o vosso destino, a ponto de vos afastar do caminho paterno?

Encontrei a resposta a essa pergunta no vosso discurso de posse como Membro Titular da veneranda Academia Nacional de Medicina, no trecho em que recordais os dias de infância e juventude em Brejo dos Anapurus, ao tempo a terceira cidade do Maranhão: surgiu-me o pendor profissional naquele recanto onde não havia senão um velho médico, beatificado pela gratidão de todos, que, sem exceção, eram seus clientes, e, sem discrepância, gratuitos.

Facilmente imaginamos, no menino que despertava para o entendimento do mundo, a fascinação exercida pelo velho médico sertanejo, perdido num

pequeno burgo do interior, e a atender ao sofrimento alheio, sem outra recompensa além da gratidão humana, nem sempre fácil de encontrar.

Foi ele quem vos deu o exemplo de bondade, dedicação, vontade de servir, espírito de abnegação e sacrifício que, simultaneamente ao exemplo de honradez, amor aos estudos e probidade profissional que recolhestes de vosso pai, iria decidir, desde cedo, o rumo de vossa vocação.

Devo aqui assinalar uma circunstância, que me parece altamente expressiva, entre aqueles muitos avisos misteriosos com que o destino, revelia de nossa vontade, vai traçando o roteiro de nossa existência sobre a terra. A rua onde nascestes, na capital piauiense, tem este nome que as sucessivas gerações não conseguiram mudar: Rua da Glória.

Lembro-me agora que, entre as frases populares que encantavam Maurice Barrès, homem de sua terra e de seu povo, figurava esta, que desejo aplicar ao vosso caso: "Cada um de nós segue a estrada que passa na sua aldeia."

Seguistes a Rua da Glória, Senhor Deolindo Couto, e foi ela que, orientando os vossos passos, nos muitos caminhos deste mundo, vos trouxe à consagração da Academia Brasileira, a que pertenceis agora pelos altos valores de vossa personalidade.

Um dos biógrafos de Napoleão acentuou a circunstâcias de que este, por uma espécie de premonição magnética, ainda nos dias de sua juventude, ao enumerar, num de seus cadernos de estudo, as possessões inglesas na África, escreveu estas quatro palavras numa página em branco: "Santa Helena, pequena ilha..."

Acabastes de assinalar, Senhor Deolindo Couto, que, também na vida de vosso antecessor nesta Academia, um pequeno fato, aparentemente destituído de sentido, trazia em si idêntica premonição. A Casa das Estrelas, loja de comércio situada no sobrado onde transcorreu uma parte de juventude de Adelmar Tavares, diz-nos hoje que, em realidade, o convívio com os astros seria o destino do grande poeta lírico:

A noite baixou silente,
E então cantei tristemente
As mágoas... para esquecê-las...
E a noite, ouvindo o meu canto,

Que era a música de um pranto,
Encheu-se toda de estrelas...

Às estrelas, que desde cedo iluminaram o caminho do poeta que vos antecedeu na Academia, corresponde a constância da glória no vosso destino. E outro não foi o motivo por que, ao sairdes de Salvador para o Rio de Janeiro, onde completaríeis a vossa maturidade de espírito, foi no bairro da Glória que encontrastes a vossa primeira residência na Capital da República.

Por isso, na noite em que festivamente vos recebemos na Casa de Machado de Assis, culminação de toda uma vida gloriosa consagrada à cultura, é-me grato acentuar que a glória tem sido, na ordem geográfica e no plano do espírito, o ambiente natural e o termo de vossas jornadas, como se a ruazinha de Teresina, que vos acolheu quando chegastes ao mundo, tivesse verdadeiramente o simbolismo daquela estrela cadente que riscou o céu no instante do nascimento de Liszt.

Não sucedeis nesta Casa apenas a um poeta, que soube ser um dos mais puros líricos da Literatura brasileira –, intérprete genuíno da alma de nosso povo. Sucedeis também ao magistrado, que honrou a toga, no exercício contínuo da perfeita justiça. Trovador e juiz, Adelmar Tavares pode ser compreendido por vós no magistral discurso que acabais de proferir, porque trazeis em vosso espírito, de harmonia com a vocação científica, uma apurada sensibilidade de escritor e uma consciência orientada no sentido do Direito.

Quem tem, como eu, a fortuna do vosso convívio, sabe de longa data que, no decorrer dos diálogos convosco, repontam freqüentemente reminiscências jurídicas que de início nos surpreendem, como se vos houvésseis dado ao capricho de estudar Medicina e Direito. E mais: servido sempre por aquela retidão de ordem moral, que é a essência dos verdadeiros magistrados.

É a voz de vosso sangue que fala nessas ocasiões, restituindo-nos a lembrança e a admiração ao vosso pai, o Desembargador Henrique Couto, cujo nome se engrandeceu na magistratura do Maranhão e na Faculdade de Direito de São Luís, como figura eminentíssima, que se recorda como ensinamento às novas gerações.

Dele herdastes também, Senhor Deolindo Couto, com a propícia conspiração do ambiente intelectual da terra de João Lisboa e Gonçalves Dias, o gosto das coisas literárias, que também cedo madrugou em vosso espírito.

Dez anos de infância passastes no sertão maranhense, antes que fôsseis trazido a São Luís, para uma nova etapa de vossa existência. E nesse período só tivestes um mestre, na pessoa de vosso pai.

Com emoção já me recordastes uma vez este traço biográfico do Dr. Henrique Couto: as manhãs de seu dia, durante o tempo em que morastes em Brejo dos Anapurus, ele os emprega integralmente no mister de ensinar aos cinco filhos, a que se somavam mais três ou quatro meninos, numa espécie de microescola, em vossa própria casa. E como ao tempo vigorava o regime dos exames parcelados, foi esse mestre que vos preparou para os exames do Liceu de Teresina, cenário de vossos primeiros triunfos, com as notas distintas ou plenas que constituem a alegria conjunta do pai e do filho, no regresso ao lar.

Razão tinha Joaquim Nabuco quando afirmava, no famoso capítulo em que recordou o engenho de Massangana, que os filhos dos pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar das areias da praia e ouvirão o ruído das vagas.

Quando o Conselho Federal de Educação vos elegeu seu Presidente, como sucessor de nosso saudoso amigo e mestre Edgard Santos, destacou em vossa personalidade esta outra faceta, que vos identifica ainda uma vez com o vosso pai: o educador. E isto porque não se extraviou com o tempo, antes se aprimorou com ele, o gosto de ensinar e educar, despontado na juventude.

Certa vez, a cidade de Caxias, palco do conflito que daria ensejo à primeira grande ação pacificadora do único duque de nosso nobiliário, voltou a convulsionar-se por ação de dois grupos políticos. E o que fez o Duque de Caxias para dirimir o conflito, armado, seria feito pelo Dr. Henrique Couto, no litígio político, como juiz investido de igual missão. Ao chegar, encontrou a cidade em pé de guerra. Grande parte da população se havia retirado para outras cidades, temendo a repetição dos episódios sangrentos do século passado. Sem efetuar uma única prisão, nem usar de outras medidas coercitivas, o magistrado conseguiu, utilizando sobretudo a sua força moral, normalizar a situação, podendo os caxienses, dentro de poucos dias, retornar aos seus lares.

Só uma pessoa de sua família quis o Dr. Henrique Couto levar em sua companhia nessa hora espinhosa: fostes vós, Sr. Deolindo Couto. E ali aprendestes como lição, para o resto da vida, que se pode chegar à paz pela própria paz, com a compreensão do instinto cordial do povo brasileiro.

Homem de paz tendes sido, Sr. Deolindo Couto, sem contudo, desprezar aquele instinto de luta, para uma melhor afirmação da própria personalidade, que está na essência da condição humana.

A habilidade com que se conduziu o Dr. Henrique Couto iria influir em vossa vida não apenas por esse ensinamento, pois daí resultou, andando o tempo, a sua nomeação para Secretário de Estado da Justiça.

Mudastes-vos assim para para São Luís, onde se vos desvendou um novo mundo. Desde o Colégio Oscar de Barros, cujo diretor escreveu haverdes sido o melhor aluno que por ali passara, até o Instituto Gomes de Sousa, onde se cursavam os derradeiros exames secundários. Aí, como recordastes ao discorrer doutamente sobre Gonçalves Dias, conhecestes e admirastes Coelho Neto, então em propaganda da sua candidatura à Câmara Federal. E o intenso interesse da capital maranhense pelas coisas do espírito logo vos arrebatou para duas sociedades literárias, de uma das quais fostes o adolescente fundador.

Concluído o curso secundário, o vosso pendor à Medicina vos fez emigrar para Salvador. E, como bom nortista, somente a paisagem carioca deteria a vossa caminhada para o Sul. Por certo, para quem vinha de São Luís, não deviam surpreender os sobrados coloniais baianos, muitos deles verdadeiros arranha-céus debruçados sobre o azul do golfo imenso.

Conhecestes então uma Bahia, que já vive apenas em nossa memória e em nossa saudade. Uma Bahia cheia de "repúblicas" de estudantes vindos do Norte e do interior do Estado, e para os quais a cidade se abria acolhedoramente, outorgando-lhes todos os privilégios. Fostes então um desses privilegiados, aos quais tudo era permitido na antiga metrópole brasileira, tão coisa dos seus forais de cultura bem como da sua tradicional hospitalidade.

Na velha Faculdade de Medicina instalada no antigo Colégio dos Jesuítas, o que vale dizer no local do primeiro centro de educação do Brasil, iniciastes o curso, inevitavelmente ambíguo, de Ciências Médicas e Letras Acadêmicas. Felizmente, não passou de um ano essa amena dispersão. Pois bastou pisar na terra de Castro Alves como calouro com pretensões gramaticais para logo integrardes uma sociedade literária de estudantes em que, à maneira da nossa, tinha cada um o seu patrono, que devia louvar por ocasião da posse. Tal como acabais de fazer hoje.

Descontado portanto o que fizestes, e por sinal lapidado na mais pura linguagem, ao entrar para a Academia Nacional de Medicina, cronologicamente é este, Senhor Deolindo Couto, o vosso segundo discurso de posse acadêmica. O primeiro foi aquele, há coisa de quarenta anos e creio que o elaborastes com emoções bem mais ternas e alvoroçadas do que agora, porque aí os sonhos de mocidade ainda não tinham sofrido os contrastes da vida.

No encontro do Maranhão de Sotero dos Reis com a Bahia de Carneiro Ribeiro ficastes com o sergipano João Ribeiro. O seu elogio, que então realizastes, talvez jamais fosse lido pelo mestre da crítica. Não importava: para vós, era menos uma apreciação do filólogo que neste País e nesta Casa se distinguiu pela universalidade do conhecimento, do que uma tomada de atitude. Preferistes às tricas vernáculas a cultura variada, humanista e severa; deixando de lado as questiúnculas de português, tão comuns na época, elegestes para "guia e autor" um sábio; pedindo-lhe no começo do caminho a mão de companheiro, não queríeis evidentemente a notabilidade transitória dos que brigam pela colocação do pronome; a vossa ambição era de voar pelos mesmos espaços, até onde sobem os eruditos do idioma. Mas com estilo, donaire e austeridade.

Na Bahia, com um pé na soleira da glória, isto é, no seu 1.º ano médico, todos compreendemos esse fervor literário. Alguns dos vossos contemporâneos vos recordam ainda, o mais estudiosos deles, distribuindo-se com método entre as aulas de mestres insignes, ao lado das vetustas igrejas do Terreiro, e a casa humilde da Rua da Lama, a que se seguiu o sobradão do Jogo do Carneiro, povoado de uma revoada de estudantes de diversas escolas, acamaradados em torno de alguns ideais coletivos.

Com a bagagem maranhense assumistes o primado entre eles; com a academia de jovens, firmastes a posição de vernaculista exímio. Na transição da primeira para a segunda série da Faculdade de Medicina não se podia pedir mais...

Viestes, porém, para o Rio de Janeiro; a existência trouxe- vos, numa quadra difícil, a sobrecarga de outros deveres; deixastes, Deus sabe com que silenciosa resignação, o convívio da musa, para obedecer à Ciência; e como interno da vigésima enfermaria da Santa Casa, o menino letrado dissipou-se na obstinação correta do aluno, pontual, aplicado e atento.

O professor, porém, chamava-se Antônio Austregésilo. Ele próprio, detestando a clínica teórica, recomendando aos discípulos que não citassem ninguém, mestre do exemplo e da experiência, o criador da Escola Neurológica brasileira era contudo uma organização perfeita de homem de cultura, que a todo momento conciliava os médicos e os poetas, tanto é certo que "não fazem mal as musas aos doutores".

Tínheis como ele o que bastava para levar vida afora esse compromisso de aliança – das Letras e da Medicina. Inclinação não vos faltava; faltou-vos o tempo. Porque, não para coexistir mas simplesmente para subsistuir, fostes ser interno do Hospital Naval, soerguido numa aba de morro, ao lado do Túnel Velho; e, depois de dois anos rudes, passastes, por honrosa seleção, a interno oficial da Clínica Neurológica da Faculdade Nacional de Medicina, vosso pouso definitivo.

Já então a especialidade vos absorvia. A ela jurastes uma fidelidade aflitiva. Destas que não se rompem nas situações mais sedutoras. O resto seria acidental (dizíeis): que os mistérios de todas as suas sutilezas e de todo os seus segredos dar-vos-iam, no Brasil e no mundo, a notoriedade justa. E com esta imensa disposição de saber, defendestes vitoriosamente a tese doutoral ao mesmo tempo em que os doutores se faziam em júri de borla e capelo, e a golpes de concurso abristes sucessivamente as portas do Hospital Nacional de Alienados, da docência universitária da cátedra, em sucessão do mestre. A esta ascendestes com uma tese extraordinária que já vos segue os passos na fama universitária. De fato, tendes sido mestre admirável. Não faz muito que, ao empossar-se na Academia Nacional de Medicina, evocou um dos vossos colaboradores, o docente que ministrava o primeiro curso de extensão universitária sobre neurologia infantil. E lembrou o encantamento com que vos ouviam as aulas, "não só pela exposição clara e escorreita, como também pela agilidade de raciocínio e pela erudição".

Após o concurso, em telegrama de parabéns trocadilhou Afrânio Peixoto, "braço é braço, abraço de Afrânio Peixoto". Fora concorrente Antônio Austregésilo Filho. No dia seguinte ao resultado, em sua companhia vos visitou o professor Austregésilo. Simples como costumava, disse que ia entregar-vos o filho. Respondestes, com bondade e emoção, que trabalharíeis na

caldeira como igual, pois com ele dividiríeis os serviços. E assim foi – no clima da mais leal e fraterna amizade – até o fim.

Pagastes à Alemanha o tributo que desde Francisco de Castro os jovens médicos se habituaram a pagar aos seus maravilhosos hospitais, cursando em Berlim, com o professor Bonhoeffer, a Patologia e a Clínica do Sistema Nervoso. E, uma vez titular da Cadeira, pusestes o melhor do entusiasmo na criação do Instituto de Neurologia da Universidade do Brasil, que é vosso desde a aparelhagem mais delicada até aos requintes da sóbria elegância com que esteticamente o concluístes.

Dispenso-me de discretear sobre os altos méritos que vos credenciam, *primus inter pares*, nessa neurologia ali tão bem montada, instrumentada e atuante: destes à cidade e à Ciência um pequeno e formoso hospital. Desejo apenas demonstrar que o professor de Neurologia, chamado a pontificar nos congressos internacionais do ramo, membro egrégio de quantas associações dela se ocupam aqui e no estrangeiro, longe de se ter deformado na especialidade – que é o meio de saber-se cada vez mais do cada vez menos – continuou, como no limiar da carreira, a unir a Arte à Ciência.

Mostrastes sem querer, ou contra a vontade, que não é em vão que se lê na infância João Franciso Lisboa ou Antônio Henrique Leal. Sócrates tinha o seu demônio interior; vós tivestes, novelesco, numeroso e irônico, o vosso pequeno demônio, aquele Camilo das primeiras leituras. Talvez dele vos lembrásseis em Lisboa, no ano de 1953, apogeu da vossa trajetória científica, pois ali, vice-presidente do congresso internacional de Neurologia, que convocara mais de três mil professores de todo o mundo, vos coube a distinção de ser – entre os maiores – um dos seus escolhidos para darem a aula programada.

A figura oracular da assembléia era Egas Moniz, prêmio Nobel, esse espantoso Egas Moniz de que esboçastes o retrato iluminado de justiça e admiração. Lutava ele, contorcido pelo reumatismo deformante, com o declínio irreparável das forças: lembrava, no imenso conclave, Pasteur naquele congresso de Londres, em que hemiplégico, entrou pelo braço de Lister. Uma ovação análoga saudou estrandosa e prolongamente o velho mestre.

Pasteur, recebido com tão ruidosa demonstração de carinho, a princípio não a compreendeu; e perguntou, curiosamente, a Lister se era o príncipe

de Gales que ia entrando. Ao que o inglês respondeu: "é o príncipe da Ciência, Pasteur!"

Ornado com esse principado imperecível, o sábio português recebeu apoteose semelhante. Já não podia atender aos inumeráveis convidados, que o procuravam. Abriu exceção para Deolindo Couto e Aloísio de Castro. A vossa aula causou impressão memorável. Não faltou com a cesta de rosas e o seu cartão de cumprimentos exuberantes, Júlio Dantas, este egresso irreversível da Medicina para os jardins da Poesia, do Teatro, do Conto, da Crônica, leve e gentil onde há... "rosas de todo o ano". Conjuraram-se ambos, Moniz e Dantas, para vos academizar: e assim foi que a Academia das Ciências de Lisboa vos acolheu com voto unânime.

Mas, nesse discretear sobre a universidade do vosso renome, não esquecerei o Hospital da Salpétrière. Aí, em certa manhã de 1949, ao visitardes o serviço de professor Haguenau, pediu- vos este a opinião sobre um caso estranho, talvez dos mais estranhos dos últimos tempos, e que ainda pairava sem interpretação. Não demorastes em discorrer sobre o caso, do qual já havíeis visto outro idêntico. E à tarde, ao apresentar-vos a um colega, dizia o professor Haguenau: *Le professeur Couto, qui nous a enseigné quelque chose ce matin.*

Einstein gostava que lhe gabassem a música: era violinista. Mais discreto, temíeis aparecer como profundo conhecedor da Literatura clássica. Só vos deixastes apanhar quando isto foi absolutamente necessário: na tribuna, em que se dão as mãos Hipócrates e Horácio, falando a língua castiça das academias.

As vossas orações e conferências, que formaram e dão vários volumes, têm tudo o que pudicamente ocultáveis no medo que não vos perdoamos – de trair, com as amenidades do espírito, as exatidões da Medicina. Levam todas o cunho da eloqüência plasmada na frase escorreita; aligeiram-se na beleza da forma; ganham com a adjetivação rica e relevo literário; compaginam-se entre as antológicas, de que nesta Academia estão cheios os anais, onde tanto reluziram Aloísio de Castro, Austregésilo, Fernando de Magalhães, Miguel Couto, Miguel Osório de Almeida; e ensinam, e se fazem aplaudir e amar, Clementino Fraga, Silva Mello, Maurício de Medeiros, Peregrino Júnior.

Ao apresentar um dos volumes em que reunistes algumas páginas primorosas, pode Pedro Calmon dizer com acerto: elas mantêm e continuam ilustre tradição, pois harmonizam amavelmente a Medicina com as belas

letras. Realmente vêm "de um tempo em que os médicos conspícuos, com mão diurna e noturna (conforme a recomendação horaciana) entremeavam de boa leitura o estudo interminável".

Em verdade, sempre que deixais o estetoscópio para tomar a pena do escritor, tudo quanto produzis traz a marca do estilista que a intimidade com os clássicos tem constantemente aprimorado. Nem será possível omitir os nítidos perfis com que tendes composto a galeria da vossa admiração. Aí estão comprovando como se bem ajustam, em vossa personalidade, o sábio e o artista, os de Ramón y Cajal e Egas Moniz, dentre os estrangeiros, e os de Carlos Chagas e Francisco de Castro entre os nossos, e a cuja glória compusestes páginas admiráveis pelo bom gosto, a agudeza das observações, e a nota justa de erudição.

Por esses documentos de excelente Literatura se descobre, na sua dimensão integral, a amplitude da vossa individualidade. E principiamos a entrar nos recintos, vedados à curiosidade pública, onde se refugiam os vossos pendores de grande humanista, familiarizado como raros com os problemas da língua portuguesa, versando-lhe com tenacidade a doença e a saúde, explico-me, o direito e o avesso da língua, como disse Vieira, em dia com os filósofos e os lexicógrafos, escrupuloso no escrever sem concessões ao Modernismo, quando este significa o desleixo verbal, e preso com filial carinho aos sublimes modelos de outrora, nessa linha de procedimento intelectual que vos faz neurologista, contemporâneo dos mais avançados, e vernaculista, contemporâneo dos mais antigos e prudentes.

Disso a Academia acaba de ter a prova. Em homenagem ao centenário da morte do cantor de "Y-Juca-Pirama" (logo emendastes, *Jucá*) precisava-se de quem falasse de Gonçalves Dias, homem de ciência. Aceitastes o desafio; e a vossa encantadora palestra, depois de esgotar doutamente o tema, resumiu de modo comovente a biografia tormentada do poeta, acrescentando à sua poliantéia um comentário original, vigoroso e inesquecível. Só se surpreenderam com esse brilhante ensaio os que não vos vêem nas reuniões amáveis do Instituto após a jornada exaustiva, quando o clínico – terminada a sua manhã de sabedoria e caridade, abençoado por quantos enfermos lhe receberam a visita – ainda acha um momento para discuitir, em roda de confrades, as antigas e modernas Letras, com os seus reptos de recitativo poético.

Às reuniões semelhantes, no gabinete do diretor da Biblioteca Nacional, o saudoso Rodolfo Garcia, chamou uma vez Josué Montello à academia Garciana. Ali, ao crepúsculo, recolhendo do trabalho, escritores despreocupados, sob a presidência paciente de Garcia e a presidência efetiva de Afrânio Peixoto, aquele cachimbando, quieto, sobre algum texto paleográfico, este falando fascinantemente, com a sua prosa colorida, experimentavam a sensação vaga de estarem num jardim helênico, onde as asperezas do mundo eram substituidas pela doce lição dos filósofos.

Tendes a vossa Garciana, espontânea e involuntária, ao meio-dia, do salão decorado de gravuras cariocas, que é pela manhã a ponte de comando, de onde dirigis o melhor hospital neurológico destas bandas, e àquela hora um conciliábulo de toda cultura, abrindo sobre os horizontes do pensamento e da Arte as suas janelas inocentes. Aí falais muito dos maranhenses; e de Camilo, de quem tendes uma das mais completas coleções bibliográficas do País, com a vantagem, ou antes, a agravante, de ter lido, anotado e comentado cada um dos livros úmidos de tanta lágrima, cintilantes de tanta malícia, risonhos de tanta pilhéria.

Sois um camiliano como poucos, além disto com a virtude da peregrinação, pois estivestes em São Miguel de Seide, e a teimosia de completar-lhe o acervo, indo desvendar as suas raridades onde quer que se escondam. Tendes, a propósito do autor das *Novela do Minho*, a vossa própria opinião médica. Para vós é triplicemente um lingüista, um escritor inimitável e um doente: está na vossa estante, na vossa Literatura e na vossa enfermaria.

Outro dia, com uma penada, mostrastes quão errados andavam os diagnósticos sobre a enfermidade de que morria, sonhando com as palmeiras onde canta o sabiá, o maior lírico da província que vos alimentou, com a seiva ateniense de seu espírito; contastes numa lúcida palestra, de exata medicina, o que sofreu Camilo. Continuais neurologista, sem os desvios, que poderiam ser tomados à conta de futilidade, embora, nesta liberal República das Letras, de que somos cidadãos desimpedidos, lhe chamássemos "fugas vocacionais"; mas seguindo a estrada reta, olhando para a frente, integralmente vós realizais, acima e fora do sacerdócio médico, a harmonia esplêndida da vida para a qual nascestes.

Bem razão me assistia, Senhor Deolindo Couto, ao falar da clara estrada pela qual chegastes até aqui, onde os vossos amigos e admiradores de ontem serão os vossos companheiros de amanhã.

Contudo, não me sendo dado, na brevidade desse discurso, análise mais acurada para sublinhar o alto teor literário dos vossos ensaios, desejo apenas, para concluir, lembrar uma frase de Catão já por vós invocada certa feita: "As raízes das Letras são amargas, mas os seus frutos são doces." São estes, que, entre nossas alegrias, estais hoje a recolher. Esperamos que eles vos saibam bem. E que da Poltrona onde vos deveis sentir tão à vontade, possais continuar a colhê-los com a tranqüilidade de quem semeou árdua e desinteressadamente. É esta a recompensa aos que, como vós, passam pela vida inspirados por um ideal de Beleza e de Cultura, cuja continuidade constitui não a nossa imortalidade, mas a imortalidade das Academias. Não precisais sequer vos levantar para apanhar aqueles frutos maravilhosos, feitos de sonho e ilusão, e por isso mesmo imperecíveis. Eles são vossos. E da justiça com que eles vos chegam a mancheias podeis avaliar pelo calor dos aplausos que ides ouvir.

Discurso do
SR. GILBERTO AMADO

e

Resposta do
SR. ALCEU AMOROSO LIMA

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 29 de agosto de 1964*

# I

# DISCURSO DO SR. GILBERTO AMADO

Ratificando cinqüenta anos depois os sufrágios de tantos dos vossos predecessores, que quiseram então admitir à sua companhia o rapaz de Sergipe que acabava de publicar o seu primeiro livro composto de uma conferência, de artigos e crônicas de jornal, confirmastes, senhores acadêmicos, a existência em mim de uma academiabilidade, de uma vocação a ser dos vossos, da qual, posso dizer, já não me lembrava mais.

Quando há meio século, quase sem sentir e sem pensar, como que arrebatado num redemoinho, achei-me candidato à Academia, meu espírito, governado pelas premências da hora, voltado para outros rumos, não concebia sequer, nem podia conceber – honra tão grande obtida tão cedo. Entretanto, uma voz prestigiosa nesta Casa, a de Afonso Celso, surpreendia-me, antes da publicação daquele primeiro livro, na estrada que eu começara a trilhar ao chegar do Norte, com um chamado atordoante. Concluindo uma carta em que elogiava um dos meus escritos de *O País*, dizia-me o veterano das Letras e homem de bem: "Candidatando-se à Academia, conte com o meu voto."

Ao exprimir-vos os meus agradecimentos, não só em obediência às regras de uso, mas com o que há em mim de mais alto, de mais digno de vós, penso também – e com que ternura! – nos vanguardeiros desta consagração, naqueles que aprovaram a minha mocidade e anteciparam o vosso gesto. Penso em Carlos de Laet, em João Ribeiro, em Olavo Bilac, em Graça Aranha, em Rodrigo Octavio, em Afonso Celso, em Félix Pacheco, em Silva

Ramos, em Magalhães Azeredo, em Paulo Barreto, convivas mais assíduos da minha memória. Ao relembrar, porém, esse episódio, um pensamento me ocorria sempre, em forma de interrogação, e que nunca pude responder a meu contento. Teria sido um bem ou um mal favor tão prematuro? Como me teria eu movido sobrecarregado de título e dignidade tamanha antes da hora, ao amanhecer da existência? Conquanto a glorificação acadêmica não imponha maiores deveres ou obrigações ao seu fruidor, é evidente que sobre um acadêmico se reflete uma luz condicionada pela altura mesma, pela categoria de ordem social em que o público o situa.

Bem lembrado, porém, estou de que não me mortifiquei por não ter sido eleito. Incorrido desde cedo na fama de pretensioso, a verdade é que jamais o fui no grau que me atribuíam. Era afirmativo. Nos primeiros tempos, desarmado de prudência, magoei muita gente com franquezas supérfluas, defeito de que só me ficou certa intransigência em matéria de julgamento literário.

Em alguns leitores, sobretudo do interior do País, minha ausência desta Casa tornou-se uma espécie de obsessão. "Por que não entra para a Academia?" perguntavam-me. Honrosa para mim, essa preocupação revela até que ponto a Academia penetrou as camadas da população, constituiu-se uma presença não só prestigiosa como sagrada, poderíamos até dizer. A Academia ergue-se no meio brasileiro como um ponto referencial, uma espécie de foco para o qual se voltam os espíritos. Machado e Nabuco estarão contentes lá na imortalidade. Se não realiza o seu fim de "conservar no meio da federação política a unidade literária", se não se converteu, conforme o sonho de Nabuco, "no órgão de expressão, não só literária mas também do próprio instinto da Nação à procura do seu gênio e da sua originalidade" (a rigor tais expressões dos nossos maiores servem a traduzir possibilidades esquemáticas), certo é que a Academia EXISTE, e existe imensamente, para o povo brasileiro. Está no centro das suas crenças. Ninguém "faz espírito" com a Academia, como foi moda há alguns anos. De enxerida no conjunto das constâncias do nosso viver, a Academia transformou-se numa senhora respeitada. Falar mal da Academia tornou-se prova de mau gosto. E quão racional é que assim seja! A glória dos acadêmicos, sua "imortalidade", pode ser falaz, mas a idéia de a consagrar não é. Nesta Cadeira para a qual se dirigiram, tão jovens, João do Rio e Ribeiro Couto, e da qual se alteia, estranha, esquálida, a figura de

Laurindo Rabelo, sentaram-se Guimarães Passos e Constâncio Alves, um e outro pouco avultantes na lembrança do povo. A Academia os revive, reacende a chama votiva diante das suas efígieis, dos seus nomes, conclama-os de vez em quando pela voz dos recém-vindos aos lugares que eles enaltecem como patronos e como primeiros ocupantes, O povo os recorda por nossas vozes, por vozes diferentes. Aquele que sucede a Couto neste momento diz o que Couto representa para ele, para as Letras brasileiras e para o País em geral; como Couto o disse na sua vez de falar. Outros virão perpetuar o culto que, sem a Academia, sem a coragem e o entusiasmo de Machado e Nabuco, ter-se-ia apagado. A Academia, grande Vestal, mantém aceso o fogo simbólico.

É tempo, senhores acadêmicos, de nos aproximarmos do nosso imortal.

Mas, antes, seja-me permitida uma interrupção determinada por encontro inesperado que devo referir, tal a importância extraordinária que teve para quem como eu sente prazer em admirar. Estavam na minha frente artigos e trabalhos, cada qual mais interessante, destinados a propiciar-me dados, biográficos e outros, necessários à composição deste discurso, fornecidos todos por Odylo Costa, filho, amigo de Ribeiro Couto e meu desde a Faculdade de Direito, onde há trinta anos, de professor e aluno, nos tornamos logo companheiros. Além dos seus "Vocação de Cabiúna", de 1948, *Neto de Imigrante*, de 1952, de "Um Menino Pobre", de Albertino Moreira, retrato do poeta na sua infância e no encanto amanhecente da sua predestinação... espalhavam-se também diante de mim os artigos em torno da celebração dos sessenta anos do poeta, o de Peregrino Júnior, *História e Pré-História de Uma Amizade*, rico de notações, de sugestões excitantes, no qual vi com enternecimento citado o meu nome. "À tarde, depois de uma volta pelo Alvear, íamos à *Gazeta* para ver de longe na roda de Cândido Campos as celebridades da época: Gilberto Amado, Antônio Torres, Lima Barreto...", o do grande Alceu, intitulado *O Incrível Sexagenário*, aclamação do homem e do artista triunfantes... "Os poetas autênticos não envelhecem..."

Eu ia lendo tanta coisa bem escrita, tão justa e ao mesmo tempo tão carinhosa. As páginas de Paulo Rónai, "Ribeiro Couto, Tradutor de si Mesmo", começando com estas palavras tão indicativas do dom de Ribeiro Couto de ser ele próprio, isto é, de fazer bem.. "Já contei, há anos, num arti-

go, o muito que devo a Ribeiro Couto, principal responsável pela minha vinda para o Brasil..." arrancaram-me este murmúrio:

"Bravos, Couto, por este bom presente que você nos fez..." Logo me caía nas mãos "O Inumerável Ribeiro Couto" de Raimundo Magalhães Júnior, esta outra brasa sempre acesa no fogão votivo ao poeta – rememorações preciosas cosidas pelos fios de seda da maior ternura, dentro das quais também apareço em boa circunstância, alegre de recordar. E ainda: "Ribeiro Couto, Irredutível Brasileiro", de Dante Costa. Ainda outros. Oh, quanta matéria! Ao lado estava na mesa um exemplar da coleção da Academia com a oração de posse e a resposta de Laudelino Freire, que eu leria mais tarde. Ao abri-lo, achei-me com os olhos no discurso de recepção de Alcântara Machado, que eu desconhecia (aí o encontro a que me refiro), confesso essa falta determinada sem dúvida por minha ausência do País (1933 foi o ano da Conferência Pan-Americana de Montevidéu e das minhas lições na Faculdade de Direito de Paris, de que terão tido notícia os leitores de *Dias e Horas de Vibração,* editado por Ariel e hoje parte dos *Três Livros*, edição recente de José Olympio). Senhores acadêmicos! que surpresa! "Oh, milagres do Brasil!" disse para mim mesmo à medida que ia lendo, a vibrar. Que mestria, que arte, que força, que graça! Exprimindo-se com uma ciência de profissional da arte de escrever, sem traço mesmo longínquo de amadorismo, em períodos densos até o máximo sem prejuízo sequer mínimo da sua leveza, na execução de um trabalho de circunstância, Alcântara Machado, que não escrevia para o público, com a mão afeita apenas à exposição de teses jurídicas, ao jargão dos arrazoados, sentia-se à vontade na atmosfera da criação artística autêntica, senhor de todos os recursos da técnica mais perfeita, das astúcias todas do estilista. Literatura alta mesmo.

Mais uma vez o meu amor a São Paulo, que deve ser o de todo brasileiro (quem não ama São Paulo não é, não pode ser bom brasileiro; e haverá brasileiro que não ame São Paulo?), deu-se motivo a si mesmo. Ali, naquele planalto, desde a colônia, São Paulo cria Brasil, o Brasil destinado a durar, o da verdadeira independência, que é a econômica. Levantada a cortina de... cortiça que insonorizava o Brasil e lhe tapava os ecos do mundo, arrancadas enfim das bocas brasileiras as rolhas do Reyno, desde que o Brasil pode falar e uma tipografia deixou de ser crime no Brasil e às mãos das crianças pôde

chegar o alfabeto, ali, naquele planalto, o Brasil começou a falar, a ser Brasil na voz de São Paulo. Através de poetas, cientistas, criadores de todo gênero, São Paulo abre caminhos. Um século depois da Independência, de onde explodiria o brado renovador, o BASTA às velhas parnasidades da nossa Literatura? Dali, do planalto onde todas as semanas são "semanas modernas". Ali o sopro do Gênesis não pára. Cada minuto de São Paulo é um Fiat. A luz está sempre a nascer naquela terra de Promissão. Terra onde os ricos de nascença, como Paulo Prado, prezam acima de tudo os livros, não os de luxo mas os infólios, os cartapácios dos arquivos onde dorme o velho Brasil. Terra em que o gênio de Assis Chateaubriand requintando no seu dom encontra clima para criar o Museu de Arte Moderna. Terra multíplice e politônica onde a Poesia pode falar tão diferentemente na mesma língua e encantar-se todo o tempo: encantar-me como em Menotti, de quem guardei de cor poemas, alguns insuperados, ao meu ver, pelo frescor das notações verbais e ao mesmo tempo pela solércia com que as palavras são chamadas pela experiência a exprimir a ingenuidade; encantar-me em Guilherme de Almeida, superior a modas e escolas, domador do verbo, soberano na sua arte, graças à qual consegue engastar o universo num camafeu, e o maior tema numa miniatura. E que dizer de Cassiano Ricardo, habitante das regiões do inóspito, sobre cujos amores urrantes "cai a noite usando estrelas douradas", terreno grumoso, em que fermentam formas larvares do nunca dito, criações riscadas por faixas de uma luz jamais sonhada? São Paulo, terra destes poetas, São Paulo... terra de Ribeiro Couto.

E... eis enfim, senhores acadêmicos, o primeiro tema que me cabe desenvolver nesta solenidade. Paulista não de quatrocentos anos, não do planalto milionário, mas do litoral, da pobreza, daquela sucursal de Sergipe que era ao tempo do seu nascimento a cidade de Santos, paulista, sim, mas sem estrondo, em cuja garganta o bandeirante não brada do fundo dos séculos; indiferente ao "histórico", ao "heróico", ao grandioso, procurando nos fatos e nos fastos sobretudo a nota "intimista", o menos "político", o menos militante, o menos capaz de alistar-se em qualquer regimento, falange ou célula ideológica, Couto manteve-se fora do alcance das ressonâncias dramáticas do passado, e durante todo o tempo, no curso do seu viver, distante das áreas perturbadas pelo

encontro das paixões. Prefere ao romântico o prosaico, que transforma em "Poesia", na *sua* Poesia-registro-direto da realidade comezinha.

Passando ao estudo da obra no intuito de acentuar-lhe os característicos, terei de escusar-me logo de início perante os senhores acadêmicos de não me ocupar detidamente do chamado "movimento modernista" do qual, na opinião de todos, foi Ribeiro Couto *magna pars*. Não desconhecendo o valor desse extraordinário episódio, marcador de uma etapa importante no evolver literário do Brasil, do qual Afrânio Coutinho num dos volumes de *A Literatura* nos oferece um quadro admirável, reluto enredar-me em assunto de que jamais me ocupei. Tenho receio de errar, de ser impreciso, o que não gosto de ser. E... por que não confessar claramente que se trata de gênero de discussão que não me interessa? Para mim, o mérito de Couto, seu valor, o de sua obra não se condicionam à escola a que pertenceu, à corrente em que foi levado, às influências que recebeu. Respeitando os críticos científicos, os enquadradores das direções literárias, seus esquemas ou sinopses, permaneço fiel a outras preocupações muito mais simples... Que Ribeiro Couto tenha sido um *pernumbrista*, como foi qualificado no seu tempo, me interessa menos do que indagar se ele foi ou não um bom *penumbrista*. Naturalmente ajuda: a qualificação recordadora da fase, da época em que o escritor escreveu, ajuda. Esclarece. É útil, mas não é essencial. E... para não perder associação que me ocorre: Baudelaire foi durante algum tempo considerado *satanista*. Que importância tem isto hoje? Nenhuma. Sirvo-me de conceitos de T.S. Eliot, maior ensaísta talvez do que poeta e o mais lúcido aquilatador literário que já teve a Inglaterra depois de Matthew Arnold, em que diz:

> O "satanismo" (as aspas são de Eliot) da missa negra estava muito no ambiente; exprimindo-o, Baudelaire era voz do seu tempo; mas servia-se dele ao contrário de seus semelhantes para fins diferentes. O problema para ele era mais sério: era o problema do Bem e do Mal. Baudelaire percebeu que o que tinha importância, the *what matters*, eram o PECADO e a REDENÇÃO.

Para não divagar e não carregar o discurso com o que não lhe é indispensável, vou logo dizendo que Ribeiro Couto era livre de afastar de sua visão, ao escrever *O Jardim das Confidências*, a luz crua e imensa que o

envolveu desde a infância. Nascido em terra de sol – e que sol, o de praia, crescido sob ele, molhando de suor por obra dele a camisola de garotinho, mesmo dentro de casa, pois raio de sol de Santos não respeita janelas nem persianas –, nem uma vez a ele se refere nos seus poemas. Engano-me. Corrijo. O astro-rei aparece uma vez, uma mas com essa qualificação: "sol frouxo." Tendo escolhido a bruma como objeto principal dos seus escritos, Couto manteve-se, com inflexível coerência, fiel a seu propósito. A observação faço-a com um empenho, uma intenção que me apresso em consignar. Quando anos depois, muito depois, Couto começou a mostrar-se de óculos pretos, em luta com a moléstia em que perderia a vista, mais de uma vez me perguntei, tendo na memória o belo esgazeamento dos seus olhos, se podia ter havido qualquer relação entre aquela ausência de sol nos seus poemas e a cegueira que o ameaçava. Tratar-se-ia de uma espécie de premonição, uma advertência da sensibilidade visual contra o seu inimigo... o sol, violento, feridor de pupilas, abrasador de retinas? Mas a idéia só me ocorreu mais tarde, muito mais tarde.

Qualquer que tivesse sido o motivo, impulsão inconsciente ou deliberação meditada, o fato de Ribeiro Couto fechar-se à presença do sol e abrir-se de preferência, ou só e só, à da penumbra, do nevoeiro, não teria relevância para quem, como eu já naquele tempo, o da publicação d'*O Jardim das Confidências*, admitia a liberdade irrestrita do poeta na escolha dos seus assuntos. Por igual e em consequência, despreocupava-me saber se os poemas que o acometiam e o dominavam provinham de leituras estrangeiras, de sugestões de Natureza estrangeira. O não ver claridade, o desdenhar tons gritantes, o só reagir aos surdos apelos das meias-tintas corresponderia à atitude dos parnasianos que viam no Brasil mais ciprestes e Partenons do que senzalas e mangueiras. Mas... assunto não vale nada. Nossos parnasianos, como seus mestres franceses, morreram como morreu a pintura acadêmica no anedótico, no pitoresco, porque uma realidade nova não lhes nascia do verbo e o seu Fiat não era o do Gênesis. As palavras de que se serviam nada REVELAVAM.

Conheci o homem antes de conhecer o poeta. Conforme relembra Raimundo Magalhães Júnior no artigo já citado em torno da celebração do sessentenário, fui em 1918 uma tarde *à Gazeta de Notícias* ao sair da Câmara para felicitar Cândido Campos, o diretor, pela reportagem da chegada ao Rio

de Epitácio Pessoa, recém-eleito presidente da República. Fui logo dizendo: "Notável! A introdução... perfeita. Belo jornalismo. Quem fez?"

– "Foi um rapaz de Santos que está trabalhando aqui conosco. Couto!" – gritou. Vi então diante de mim aquela graça ainda adolescente, aqueles olhos de antílope, aquele sorriso que me foi direto ao coração.

Que estaria no noticiário? Não posso recordar. Devo ter-me impressionado pelo que mais prezo em trabalhos do gênero – a objetividade. No redemoinho, no remelexo popular, na profusão de coisas a ver e anotar, a preensibilidade do talento pode exercer-se à vontade. Uma certa fantasia, respeitosa da justeza do registro, aviventa o texto e lhe dá sabor. No canto da sala para onde corremos logo depois dos abraços, a voz que ouvi era solta, alta, estridente quase, cheia do sol de Santos, ressumante de trópico.

O contraste entre o homem e o livro não se revestia de maior importância nem poderia influir na minha apreciação. Mas para gostar d'*O Jardim das Confidências* faltava-me disposição natural. Eu vivia em contato com uma Poesia totalmente oposta. Meu temperamento, respeitando a delicadeza, nunca a separava da força. Interessava-me a doçura dos que podem ser rudes. Tendo concordado em que era preciso torcer o pescoço à eloqüência, eu vinha contudo de uma formação em que certos acentos e valores não se haviam ainda desapreciado de todo. Mocinho em Pernambuco, eu declarava que a metáfora de Castro Alves

> Quando a fanfarra tocas na montanha,
> A matilha dos ecos te acompanha,
> Ladrando pela ponta dos penedos

valia mais do que livros e livros de "Poesia" no Brasil.

Certo, o choro, as lágrimas podem ser e têm sido Poesia. As de Ribeiro Couto eram:

> Olhando agora o céu da noite adormecida
> pus-me a chorar, silenciosamente,
> sofrendo a dolorosa ironia da vida.
> .....

Ah, como é suave e brando
o tormento de adivinhar – quem o faria?
as palavras que estão dentro de nós, chorando.
Chove dentro de nós... chove melancolia.

A minha alma à mercê de velhas mágoas
é um pássaro ferido mortalmente
que vai sendo arrastado pelas águas.

Enquanto estas melodias chorosas me acariciavam o ouvido achei-me a pensar em Álvares de Azevedo, que "sofrera" ainda mais. Não tinha vinte anos e já não suportava o existir:

Farto da vida breve serei morto!

[...] gemia o adolescente que numa terra de pioneiros, do São Paulo inaugurador ainda estremunhante da longa sonolência colonial, iria inscrever-se nas páginas da História-Pátria, conforme assinalou Sílvio Romero, como o pioneiro por excelência, o criador da linguagem poética nacional. Extinguia-se aos 21 anos sem esperar o seu Missolonghi aquele Byron em cuja alma feita de música surgia na língua velha o verbo novo.

Couto continuaria a sofrer, e muito, mas em verso. Naquele sofredor em Poesia, naquela urna de pranto literário, morava uma quermesse, um festival permanente. Só se queixava nos poemas. Na vida era só exaltação e... heroísino. Esta palavra me veio o ano passado a propósito do nosso último encontro em Paris. "Posso ir almoçar?" – soou-me no quarto de hotel, na manhã invernosa, a voz tão conhecida e tão inconfundível. "Couto!" exultei. "Venha! Venha! Já!"

Na mesa, falando sem parar, a cabeça erguida como a dos cegos, os óculos pretos enormes, sem acertar com o pão, tocando piano na toalha à procura do garfo, possuído da verve gigantesca que era a sua, nem um instante, nem por sombra, dava idéia de que para ele existisse infelicidade no mundo. A volúpia com que saboreava as viandas, os patês, os egrégios queijos de França, com que sorvia o bom *bourgogne branco* logo seguido de um grande *bordeaux rouge*, não lhe tolhia – ao contrário, propulsava-lhe o fluxo

verbal. Vinham-lhe do fundo lírico frases e frases belas. Tendo-o praticado tantas vezes não me lembrava de o ter visto nem ouvido tão exuberante e tão festivo. Sua alma era uma manhã de Páscoa: todas as aleluias cantavam nela.

Durante todo o tempo, nesse almoço, derradeiro encontro que tivemos, dois meses antes da sua morte, embalde pensei que ele fosse aludir à perda da vista. Nada. Absolutamente nada. Tristeza? Estava tão longe dele quanto estaria de uma criança absorvida no brinquedo. Sua *joie de vivre* extravasava no ambiente. A voz estralava, as risadas faziam voltar-se para nós os rostos. Os garçons que nos serviam, o *maître d'hôtel* pasmavam. Os óculos pretos ainda o tornavam mais conspícuo.

Quando o pus no automóvel, já no fim da tarde (como sempre acontecia, o nosso almoço durara horas), ao afastar-me para que o veículo largasse notei que ele não me *via*! O adeus que me dava, porém, era um clangor. "Até a sua volta de Genebra! Ainda estarei por aqui." O porteiro do hotel que o ajudara a entrar e acomodar no carro (quanto engordara!) voltou-se triste para mim: tinha notado a direção errada do gesto. "Oh, colosso!" pensei, com a garganta cerrada. Aquela grandeza, orgulho ou humildade, aquela aceitação, jubilosa quase, diria eu, da desgraça remexia-me até o fundo das entranhas, provocou-me lágrimas, que não pude conter. Senti necessidade de comunicar-me com amigos ainda mais próximos dele do que eu. Escrevi a Manuel Bandeira e a Odylo Costa, filho, prevenindo-os do choque que iam receber ao vê-lo de novo.

Vencendo as minhas idiossincrasias desde muito já me havia eu conciliado com a sua Poesia, pelo menos em grande parte dela. Descomplexara-me e, se não *sentindo* como os da sua geração, deixando-me impregnar intelectualmene dos vários encantos que ela me oferecia. A leitura total do volume da edição recente de José Olympio facilitara-me a apreensão, numa vista de conjunto, dos cimos da paisagem.

Marcavam-se no panorama aspectos que me haviam escapado nas leituras anteriores. Além daqueles títulos, unanimemente reconhecidos, que o consagraram e que Rodrigo Octavio Filho recenseia no seu excelente estudo do terceiro volume da *A Literatura Brasileira*, isto é, o de ter "incorporado à nossa Poesia os motivos de vida simples, o cotidiano, sem nenhuma ênfase e nenhuma oratória", além dos títulos que essa especificação compendia, outros

me foram aparecendo na sua grande significação, revelando-me no Couto que eu apreciava, um Couto que me pus a admirar. Naturalmente quando Rodrigo estatui que *O Jardim das Confidências* e os *Poemetos de Ternura e de Melancolia* "são os melhores documentos da época", o meu teorismo, ou melhor, os meus preconceitos relativos à distinção entre Prosa e Poesia voltavam-me, queriam impor-se de novo. Mas interpretei logo, como me cumpria, em obediência ao que deve ser, que documentação, elemento de Prosa, pode tornar-se substrato poético desde que, graças aos milagres do verbo, crie no espírito do leitor aquele estado deleitoso, produza aquele abalo, aquela embriaguez, aquele encantamento que só a Poesia, como a exaltação amorosa, produz. Compreendi que inclusa na apreciação estava o princípio de que refletindo o *seu* cotidiano, os objetos que lhe povoavam a visão, estava ele, Couto, *exprimindo-se* a si próprio. Na leitura apurada, fui me detendo no que de documento se lhe transformara no íntimo em Poesia, naqueles poemas em que a expressão supre a realidade vista pela realidade deformada; diria, assim, a realidade de todo o mundo, a da Prosa, por uma realidade *única*: a da Poesia. Fui deixando de lado enunciações lançadas no papel para o álbum da memória, lembretes de folhinha, cromos, estampas, litografias, o que está longe de ser Poesia, que é realidade ajuntada à realidade. Para reproduzir o que está, basta um fotógrafo, não precisa pintor. Mas um fotógrafo não apanharia esta maravilha:

> Recife, cidade menina, vestida de cores (oh, quantas cores!)
> Com suas ruas endomingadas de palacetes
> Indo à tardinha ver o folguedo dos bairros pobres,
> Em que os mocambos, pobres negrinhos, têm os pés n'água
> E brincam de esconde-esconde com os coqueirais.

Aí o poeta tira da paisagem, do cenário, Poesia. A prosopopéia, investindo de humanidade os mocambos pobres, leva-nos além do fato observável e comezinho àquilo que Claudel chamava a "transcrição dos objetos contingentes e passageiros ao mundo eterno". O anedótico se espiritualiza e se engrandece.

Em quase todos os poemas do Nordeste, Couto transfigura o óbvio pelo fazer jorrar sobre ele, sobre a evidência ressaltante, tão patente que não a

vêem os olhos – raios que como sob certos jatos de luz de Van Gogh tornam as coisas naturais criações de sonho. A banalidade incrivelmente banal, arrancado o véu que a escondia, a banalidade mais neutra, o objeto mais comum e mais familiar, surge-nos diferente como se nunca o tivéssemos visto. "Poesia é ver, e fazer ver, *pela primeira vez*, o que olhávamos sem ver", como dizia Shelley.

Meu empenho ao longo dessa leitura consistiu em procurar sob o literato o poeta autêntico; sob a aparência, a substância; nas manifestações do sentimental, o que havia de realidade artística; sob as lágrimas, o poder do poeta de fazer do seu pranto a alegria de outros. Nenhuma dor de poeta logrou prevalecer na admiração humana senão pela beleza que revela. António Nobre prevaleceu por esse motivo.

Ao tema do exílio que reinou no espírito das gerações, quiseram amigos de Couto associar-lhe a musa. Mas não insistiram. O poeta não os animou, suponho. Repugnava-lhe à delicadeza e ao bom gosto equiparar a desterro a existência de diplomata brasileiro na Europa. Guimarães Passos tinha motivos para se considerar exilado... em Montevidéu e Buenos Aires: não lhe sobravam dólares. (A propósito: que discurso o de Paulo Barreto ao ocupar a Cadeira de Guimarães, esta Cadeira! Que abundância de vistas, que movimento de prosa, que teor, que obra de escritor! Grande João do Rio!)

Meu intuito ao tocar nessa tese do "exílio", que desde Gonçalve Dias a Casimiro de Abreu não cessou de influenciar a musa romântica, foi mostrar até que extremos de exagero essa moda que durou tanto pôde chegar. O patrono desta Cadeira, considerado "gênio" no seu tempo, tão célebre que uma edição de obra sua trouxe o título *Poesias do Dr. Laurindo*, dramática figura bracejante nas águas mortas do Império, não precisou sair do País para "sofrer" as dores do exílio... O poema que começa pelas linhas famosas:

> Já do batel da vida
> Sinto tomar-me o leme a mão da morte..

continua assim:

> A morte é dura,
> Porém longe da Pátria é dupla a morte.

... Não é perder o mundo
O que me azeda os pálidos instantes
Que canto por gemidos. Meu tormento,
Minha dor, é morrer longe da Pátria...

O desterro, o lugar de exílio... era a Bahia! onde tinha ele ido, do Rio, estudar Medicina. É claro que sob a expressão "Pátria" toam os grandes motivos "mãe, irmãos e amigos", mas apesar de assunto, como já disse, não assumir a meus olhos maior importância, a Bahia... exílio para um brasileiro!

Couto defendeu-se, limitou-se nos seus deleitosos colóquios com Afonso Arinos no sanatório suíço à nostalgia natural, à saudade das gostosuras distantes.

A todo momento no procurar o poeta sob o literato, eu me enriquecia. Colheita abundante. Acompanhando-lhe os passos vi como ele marcha lentamente, às vezes parando diante do inessencial ou do inimportante, reservando sempre suas preferências para o sutil e o delicado, fiel aos sentimentos que a tradição preconiza. O drama da inteligência na ânsia de compreender ou da ação procurando caminhos para a ambição e o desejo sob todas as suas formas contingentes, sob todas as possibilidades da nossa fraqueza, mantinham-se fora do alcance da sua alma voltada para o estável, o prescrito, o determinado.

Nem creio constituísse preocupação do homem modestíssimo, doce e honesto que celebramos, ultrapassar-se, transcender os domínios e territórios nos quais se movia tão natural e encantadoramente. O gosto de sentir-se "sofrer" o privou de impaciências dramáticas. Nenhuma PASÁRGADA luziu de longe ao seu olhar, falou-lhe de longe. A melancolia do manso crepuscular no esvair das coisas – bastava-lhe. Jamais saiu a correr, louco, como Bandeira, em busca da estrela da manhã, andou esburacando o mundo à procura do seu sentido e sua razão de ser como Drummond ou como Schmidt querendo encontrar na música da noite as inocências mortas e o caminho de novas esperanças para os destinos humanos.

Deixando de lado numerosas amenidades inofensivas cujo encanto, apesar de persistente e indubitável, não me transportava, detive-me diante de poemas em que Couto ombreia com os maiores. Quero referir-me àqueles do *Cancioneiro do Ausente* (1932-1943), sob o título "Segredos", em cinco partes, depoimento íntimo autocruciante.

Nestes poemas Couto atinge, como em alguns dos sonetos tão bem classificados de "enxutos" por Manuel Bandeira, a plenitude da expressão com o mínimo de palavras, como é dever do verdadeiro poeta. E a propósito, o seu "modernismo" não o inibiu de conservar-se fiel à tradicional forma de expressão de Petrarca, seguida por Shakespeare e Camões. Segundo certos críticos da Inglaterra de hoje, o soneto constitui sinal de vitalidade poética dos povos. É nas épocas de força, de arranque, de renascença, afirmam esses entendidos, que o soneto floresce. Não endosso *in totum* o conceito mas o menciono com prazer.

Ribeiro Couto não teria sido do seu tempo se não tivesse adotado também o verso livre e corrido o risco de tentar fazer Poesia sem base rítmica alguma. Desde PRUFROCK e as observações que suscitou o poema de Eliot, é geral e assente o conceito de que nenhum verso é "livre" para o artista desejoso de honrar o seu ofício e cumprir o seu mister. *No vers is "libre"* [em francês no texto] *for the man who wants to do a good job*. Quanto a mim, recuso toda a condenação de um e de outro, do verso regular ou do verso livre. Agarro-me à Poesia onde a encontro, seja aprisionada numa estrofe, solta nas cavalgadas de um Whitman ou num verso bem contado e medido ou mesmo nos desenfreios hipermétricos de alguns contemporâneos.

Devo passar agora, por força do tempo de que suponho já ter abusado, ao Couto prosador. Nada poderia dizer sem parafrasear, repetir, plagiar mesmo o que disseram tantos sobre o contista, autor de *Baianinha e outras Mulheres*, d'*O Crime do Estudante Batista*, do *Largo da Matriz* e sobre o romancista de *Cabocla*. Do que disseram tantos julgadores competentes não acho como me afastar, tão condicente com a opinião deles é a minha. Notarei apenas que no poeta o que primeiro se vê, o que eu vi, apesar da sua originalidade, são as influências. Nos contos e em *Cabocla* o mesmo não ocorre. Um crítico observou: "que, seguindo a tradição de Machado, de Lima Barreto, talvez ele se aproxime mais de Katherine Mansfield". Não contestarei. Há parecenças mas tão submergidas pelas dessemelhanças que não vale a pena ao meu conceito demora-mo-nos sobre elas. Quanto a Machado de Assis, que autor de contos existiu ou pôde existir no Brasil que não o lesse ou não aprendesse com ele não só a escrever contos, como a escrever *tout court*?

Couto leu e aprendeu a escrever contos lendo Machado mas compreendeu que entre os dons do autor da "Missa do Galo" um se destaca: a inimitabilidade. Não tentou imitá-lo. Nem precisava. Tinha muito de próprio, de seu. Obra-prima literária é aquela que se relê, que se procura por uma compulsão inafastável de espírito empenhado em satisfazer-se, como o sedento procura o refrigério, um copo de água, uma bebida.

Quantas vezes já li "O Baiano", prisioneiro de Sapucaí! Nesse trabalho temos um documento impressionante de psicologia brasileira. O prisioneiro foi trazido para a praça para ser linchado:

> – Tira uma lasca desse assassino!
>
> – Cachorro
>
> – Como é que tu te chamas, baiano barato?
>
> – Fala, negro
>
> Queriam que o baiano desse informações sobre as tropas legalistas a que pertencia. O baiano sorria sem arrogância, mas sem o menor temor. Arrancaram-lhe o saco de aniagem que lhe rodeava a cintura.
>
> – Fala, diabo! Nós te perdoamos a vida!
>
> Afinal o baiano falou:
>
> – Eu só sinto... – fez uma pausa longa. – Eu só sinto que me façam passar por esta vergonha. Matar, podem matar. Mas me matem vestido e não com as minhas partes de fora.

Aí, com essas palavras proferidas com a tristeza de dignidade moral ofendida em face do martírio, Ribeiro Couto, acaso sem querer, ao meu ver querendo, fotografou certo aspecto da alma do Brasil. O povo, os maiorais da aglomeração, o juiz de Direito, o coronel chefe político, o homem da venda que viera correndo para tomar parte na execução, todos se juntaram no estupendo virar da onda emocional brasileira.

"– Baiano, antes de morrer, me dá um abraço!" gritou um dos que, segundos antes, queria comer vivo o prisioneiro. Este, de mãos amarradas, oscilou ao receber os abraços; ia caindo, foi amparado. No clarão de beleza irrompente da conduta do homem, iluminaram-se os corações e a generosidade brasileira assumiu a direção dos acontecimentos. Ninguém pensou mais no

objeto prático da reunião – arrancar do prisioneiro informações de natureza estratégica ou tática. Brasileiramente, foi mandada às favas toda preocupação de utilidade. O que era preciso, o que prevaleceu daí por diante foi a necessidade de que cada um dos linchadores se achou possuído de honrar a coragem, a nobreza do soldado apreendido. O que urgia era festejar o caboclo decente.

"– O mulato é homem até na hora da morte!"

O chefe político aderiu imediatamente ao sentimento popular: "– Venha comigo, baiano. Vamos ali em casa buscar umas roupas". Um dos presentes, para impedir que as moças, às janelas, pudessem vê-lo naquele escandaloso estado, em completa nudez, envolveu-lhe o torso no seu paletó. Ao lado do coronel, enquanto em torno o povo respeitoso fazia roda, o baiano atravessou a praça. De repente, do fundo do horizonte rebentou o grito repetido: "Aleguá! guá! guá!" Eram os rapazes do esporte náutico que vinham saudar o prisioneiro. Na venda do Maximiano, reconfortando-se com um gole de cachaça, o baiano era alvo da admiração. A cada instante chegavam meninos com presentes que mandavam as famílias: lata de goiabada, sequilhos, fumo de rolo. O prisioneiro agradecia, canhestro. Ao sorrir mostrava através da barba hirsuta de mulato uns dentes brancos, pontudos, de uma ferocidade pacífica. A espaços, escutava-se trazido pelo vento o eco de um tiro perdido, vago refrão da guerra civil. Quão longe estamos de Katherine Mansfield!

*O Crime do Estudante Batista*, como *Cabocla*, fornece-nos ainda exemplo do poder que adquiriu Ribeiro Couto de conter-se, para, dizendo o menos, dizer o mais. Não quero deixar de mencionar as crônicas do *Barro do Município* nem os *Ensaios* como o de publicação recente sobre Portugal.

Quanto ao *Cabocla*, tenho uma palavra para a definir: frescor. Nenhuma outra produção literária no Brasil me dá a sensação de baunilha, de resedá, de bogari, de malmequer, de manacá, de beira de riacho, do que este episódio romanesco de feliz desenlace, idílio de um Lamartine sem solenidade com uma graziela da roça, mais rápida e sabida do que a italiana. Obra-prima sem dúvida. E que réplica jovial do prosador desenvolto, ao elegíaco, ao chorador das *Confidências*!

Couto surpreendente e vário! O adolescente de olhos garços, passo leve e riso à flor dos lábios, promotor de localidadezinhas do interior, presença alerta no Largo da Matriz, o noivo de D. Menina, que, sua esposa, continuou

sempre a ser a menina dos seus olhos, o visitante dos terraços de cura das montanhas suíças, o auxiliar de Consulado em Marselha, o diplomata, o poeta, criador, nos seus contos e no seu romance, de gente logo incorporada ao nosso viver nacional, de Baianinha e Zuca, aportes novos à galeria de meiguices brasileiras, nosso Couto, profuso, sempre o mesmo, porém essencialmente, humanamente, único mocinho magro ou corpulento sexagenário, repórter pobre ou excelência respeitada, para as afeições que teve o dom de inspirar e que em nenhum instante deixaram de o acompanhar, de estar a seu lado, de o envolver..., companheiros de escola primária, de molecadas nos cais de Santos, de noitadas na Lapa, de tertúlias de cabarés, de cidadezinhas de Minas, os seus colegas escritores, testemunhas dos seu começos, êmulos da sua glória alvorecente, continuaram com ele, vivendo na sua ausência as horas que ele presente tanto animara, e nas quais se tornara o ponto de convergência de tantos brasileiros. Através dos escritos que lhe dedicaram os amigos, poderíamos segui-lo passo a passo. O que não farei, pois devo terminar.

Senhores acadêmicos,

Na energia física e no vigor moral do homem cuja obra acabamos de percorrer, sobrevivente na infância à orfandade e à pobreza, na mocidade à moléstia, no triunfante embaixador seguro dos seus meios de ação diplomática, angariador de simpatias para a sua Pátria, no herói que perdeu a vista e não quis que sofrêssemos por isso; nos seus versos, na sua Prosa, no seu modo de ser e de viver, no que Ribeiro Couto escreveu e no que ele foi pessoalmente, eu vejo, vê-se um Brasil tão bonito, tão enternecedor dos nossos corações, tão Brasil de nossos avós, o d' "A Moça da Estaçãozinha Pobre", d' "O Baiano", prisioneiro de Sapucaí, de São Paulo iniciador, de D. Didi junto à máquina de costura ou na soleira da porta da casinha de Santos recomendando juízo e cuidado a Cabiúna que saía para a escola, do Brasil doçura de colmeias, de canaviais em flor, de "Nossa Mãe Bahia", de "Recife – Cidade Menina", de Bilu, de Das Dores e das outras meninas namoradas, de Nossa Senhora Aparecida, dos "Trens que Vêm de Bauru", dos cafezais rutilantes de riqueza, Brasil bom, Brasil simples, Brasil do nosso orgulho, Brasil dos homens de bem, para os quais a palavra DECÊNCIA e a palavra HONRA-

DEZ tinham sentido, Brasil como era, como devia ser e que cremos será, Brasil dos nossos maiores e dos nossos melhores, Brasil da FEB, dos mortos de Pistóia, Brasil, Pátria da paciência, da boa-fé e das esperanças sempre a ressuscitar e a reflorescer das maiores tristezas e decepções, Brasil em que os meninos pobres podem tornar-se embaixadores e não precisam tornar-se embaixadores para entrar nesta Casa e sentar-se nas Cadeiras de Machado de Assis e de Joaquim Nabuco, Brasil do nosso amor, Brasil de Ribeiro Couto...

Senhores acadêmicos,

Base, motivo, assunto dominante em quase tudo o que escrevi, pensei ou falei, assunto de solilóquio e assunto de diálogo, esse Brasil de Ribeiro Couto e meu, a nos unir, a nos atirar um para o outro, oh, como nos enchia as horas em nossos encontros no estrangeiro! Pertencendo ambos à categoria de indivíduos que não se separam da Pátria quando ausentes dela e, ao contrário, se sentem mais junto, mais abraçados com ela quanto mais longe se acham, viver fora do Brasil para nós era viver pensando mais no Brasil... acontecia-nos, a mim, diante de uma catedral, estar vendo projetado na fachada grandiosa o humilde rosto da igrejinha do Sergipe da minha infância e a Couto, numa praça de Florença, sentir-se no Largo da Matriz dos seus contos, das pequenas cidades de Minas. Esse Brasil de Cabiúna, filho de D. Didi, e do discípulo de Sá Limpa na escola primária de Itaporanga, filho de Donana e de Seu Melk, oh, o que não se tornava ele no vidro de aumento, na macroestesia da nossa evocação! Falando do Brasil, Couto redobrava de eloqüência; tornava-se, disse-lhe eu uma vez rivalizando com ele em ênfase elogiosa – não um João Crisóstomo, mas várias "bocas de ouro" abertas num roseiral de mel capaz de parar os colibris e fazer lutarem entre si as abelhas em torno das corolas. A espaços, calava-se, tomava ares de mistagogo... parecia orar procurando interpretar mistérios iniciáticos. Irrompia dos silêncios com uma garotada das que se refere o seu companheiro Alberto Deodato, sergipano típico pelo talento, pela verve e pela capacidade de amar. Leitor fiel e carinhoso, dava-se ao prazer de salientar em cartas que escrevia naquela letra tão bela o que lhe agradava num escrito ou noutro. Guardava na memória trechos que inesperadamente nos recitava. Durante algum tempo muitos dos nossos diálogos em Paris realizavam-se no

adro de Notre-Dame, à noite, ao sairmos de um restaurante do cais, ali perto, onde jantávamos. A catedral onde Victor Hugo jovem, em plena exasperação romântica seguindo as idéias de seu tempo sobre a Idade Média pôs o seu drama lúgubre... era para mim a "mocinha", a meninota, a garota mais faceira de Paris, na primavera coqueteando com o sol menino de maio, no verão envolta no seu véu de andorinhas. Não sei como, efeito de uma frase lida havia muito, não me lembro onde, "Notre-Dame é ainda o que há de mais novo em Paris", daquela maneira a qualificara eu a brasileiro amigo que visitava a França pela primeira vez... "Já foi ver a 'mocinha'?... Não demore! Vá quanto antes olhar para aquela belezinha de Nosso Senhor", disse eu, pensando naquela música presa na pedra e onde vibra e respira o maior poder humano, o do artista criador. Adotando a qualificação que lhe transmitiram, Couto passou a mandar-me lembranças para a mocinha, para a moçoila, a *ragazza, se* escrevia da Itália. Naquele cenário denso que os séculos povoam bafejado pelos sopros do gênio, ao clarão das lâmpadas modernas, servidores da beleza eterna e dela respeitosas, debatíamos sem parar, Brasil, Brasil... Nossa gesticulação tropical e o ressôo às vezes estentóreo do vozear de Couto faziam voltar-se um e outro transeunte. Falávamos do governo que tínhamos, do que deveríamos ter, dos programas a iniciar ou iniciados e não seguidos, dos avanços logo frustrados, arremessos e recuos, dos "problemas fundamentais do Estado", e das "necessidades urgentes" que em vão Tavares Bastos bradara nos ouvidos moucos da Monarquia e que em publicação de 1910, sessenta anos depois, dizia eu que continuavam "necessidades urgentes". Dos motivos de tristeza saltávamos às razões de ufania. Exaltávamos a "unidade nacional", preservada na sua esplendidez – povo, língua, religião. Nada puderam contra ela!... contra a obra do colonizador branco e do trabalhador negro, contra a obra dos mulatos, padres, doutores, coronéis, que deles provieram, produtos da nossa feliz miscigenação, mulatos "instáveis" uns, sem caráter, sem capacidade de esforço, conformes à psicologia e generalizações de etnólogos; mas também mulatos, e em grande número, sem dúvida por obra e imposição do meio, mulatos sólidos, graves, dignos, alguns rígidos até como suecos expoentes de virtudes morais, expressões altas de humanidade, desmentidos concludentes das teorias beócias a respeito de superioridade ou inferioridade de raças. Unidade nacional, obra da Igreja, do Exército e da Marinha, a que se juntou a da Aeronáutica, elos fixa-

dores, núcleos, bases, peças orgânicas da Nação. Nenhuma força erosiva pôde corroer ou carcomer esse bloco de matéria infriável e infrangível, porosa contudo a todos os fluidos e osmoses. Seria um não acabar nunca prosseguir recordando o que nós dizíamos Couto e eu nestes colóquios imensos. Seu espírito e gosto de louvar chamavam-me à lembrança passagens de livros meus. "Entre as reformas a serem empreendidas quando o Brasil começar a organizar-se a criar a sua técnica, em concorrência com a formação científica, o pensamento puro, a filosofia que o exprime, as Letras que o valorizam, as artes que o ilustram..." "Povoar, mantendo a unidade material do País, isto é, povoar no amplo sentido da palavra, pela utilização econômica do braço, pela utilização positiva do espírito, o que vem a ser em síntese utilização política do homem... tudo animado da consciência da Pátria, da compreensão da nossa formação particular, pela aderência concreta ao que é nosso para resolver o que é nosso por um modo nosso, a fim de sermos úteis à humanidade, como Brasil...

Senhores acadêmicos,

Os homens de minha geração cresceram com a palavra Nordeste nos ouvidos e nos lábios. Desde Pernambuco, em 1908, falávamos do Ceará, das secas e das suas obras, em termos de ansiedade e imediação. Cumpria-nos resolver o problema do Nordeste, objeto de palpites dos governos, Epitácio inaugurando, outros esquecendo, problema eterno que agora ultrapassando as nossas fronteiras ecoa pelo mundo oferecendo ao julgamento áspero do estrangeiro ocasião para nos desservir no conceito e respeito dos povos.

Senhores acadêmicos,

Nesta hora de tanta solenidade, um pensamento me vem, que me sorri, que me faz sorrir. Figuro-me lá na eternidade ao lado de Ribeiro Couto prosseguindo nossa convivência, recordando as horas vividas juntos, nossas impaciências, nossas esperanças. Que festa (imagino) não será a nossa, lá onde estivermos, quando Couto e eu ao descermos ou ao elevarmos os olhos para o Brasil do nosso amor pudermos nele ver o Brasil dos nossos sonhos! Que

celebrações! Que momentos não viveremos de novo! Com os grandes olhos claros restituídos à plenitude da visão o poeta irá percorrendo tudo. No Nordeste, tudo verde, tudo palpitando, tudo rumoroso, fábricas, usinas por toda parte, eletricidade muita. Fome, dir-se-ia jamais houvera por ali tal a abundância, a fartura que uma política de competentes soubera propulsar na aridez do deserto, transformando aquela Palestina dos nossos desenganos em Israel para nosso maravilhamento. Não haverá paus-de-arara ou candangos transportados como mercadorias pelas estradas ermas do planalto. Nem haverá estradas ermas. Aldeias, mesmo cidades, juncarão de todos os lados aqueles desertos hoje confrangedores de coração. "Couto" – gritar-lhe-ei – "não há um só caboclinho do Amazonas ou um peão do Rio Grande que não saiba ler! Escola não falta, uma só, no sertão! Nas universidades há mais estudantes de Física, de Química, de Matemáticas do que de todas as outras matérias! Está vendo aquele edifício enorme na vila da comarca de que você foi promotor?" Couto estará vendo. "É um centro de pesquisas no qual inúmeros brasileiros se aplicam a estudar o comportamento dos prótons e nêutrons em vez de passar o tempo a estudar na esquina o comportamento dos mortais." Iremos de estusiasmo em entusiasmo; pararemos às vezes diante de realidades como esta: nas Bolsas e Mercados do mundo a moeda brasileira possuirá cotação internacional como o dólar, a libra esterlina, o franco, o florim, o marco alemão, a coroa sueca, o peso mexicano. Couto pulará, não cabendo em si.

Assim me figuro eu, me represento ao lado de Cabiúna lá no Além, nos anos que hão de vir. O poeta, que me ouvirá querendo sempre interromper-me (quem pôde nunca falar com Ribeiro Couto sem ser interrompido?), tomará afinal a palavra. Falará! Falará! A palavra Brasil ressoará, ressoará na sua voz pelo infinito.

Eu o ouvirei inebriado na felicidade de descobrir no Brasil que ele deixara em luta com os problemas um Brasil de problemas resolvidos... economia organizada, riqueza bem distribuída, saúde, ordem interna assegurada e aceita na satisfação popular, justiça social efetiva, pobres tornando-se ricos, ricos contribuindo para a prosperidade geral, tudo certo, tudo equilibrado, num grande ritmo, dentro da grande luz. Oh, que abraço não será então o nosso, o do menino de Santos e do menino de Itaporanga, naquela exultação, os olhos cheios das imagens e visões que povoaram a nossa vida!

# II
# RESPOSTA DO SR. ALCEU AMOROSO LIMA

Fostes também daqueles que escarneceram desta Academia, onde há meio século vos aguarda um lugar de honra.

Em 1922, no próprio ano da ruptura entre os "modernos" e os "antigos", chamastes a esta Casa de "Conselho Municipal da Literatura". E não havia, nesses idos passados, maior insulto para uma assembléia qualquer, de Letras ou sem elas, do que compará-las ao nosso velho Conselho Municipal, antes mesmo de marcado com o estigma de "Gaiola de Ouro"... No entanto, durante esse triênio decisivo de 1922 e 1924 – entre a Semana de Arte Moderna de São Paulo, a morte de Rui Barbosa, jacarandá da floresta antiga a cuja sombra aliás nunca vos acolhestes, e a clamorosa conferência de Graça Aranha, há pouco neste mesmo recinto comemorada –, durante esse triênio, tão pouco estivestes ao lado dos novos bárbaros. Sempre cultivastes, como a Inglaterra de outrora, um esplêndido isolamento. Já éreis, então, um solitário, mas sedento de comunicação. O contrário, ao mesmo tempo, do misantropo e do mundano. O misantropo é palmatória do mundo. O mundano, a sombra dele. Para vós o mundo não é mau em si mesmo, como pensa o misantropo, nem bom em si mesmo, como quer o mundano. É simplesmente o campo largo, de horizontes sem fim, onde o ser humano se lança, intrépido ou encorujado, para a maior e mais singular das aventuras – a aventura da vida. Sois, por natureza, um aventureiro, um navegante, um descobridor, um poeta – como todo bom sertanejo, sempre impelido pelo vento capitoso da independência. Não éreis então – nesses três anos-chave das revoluções culturais,

espirituais e políticas do nosso século, em nossa terra – o único da vossa espécie. Havia então, em nossas Letras, entre os jovens, um grupo de independentes que não se prendiam nem aos antigos nem aos modernos e deixaram, ou continuaram a deixar, em nossa vida intelectual a marca da sua singularidade. Um Jackson de Figueiredo, vosso luminoso coestaduano, um Monteiro Lobato, um Gastão Cruls, um Antônio Torres, um Humberto de Campos, um Agrippino Grieco, um José Maria Belo não ficaram nem numa vertente, nem na outra. Nem com os "modernistas", nem com os "passadistas". Nem muito menos com os indiferentes ou os egocêntricos, contra os quais iríeis escrever algumas das sentenças mais candentes da vossa obra. Com esses vossos companheiros de idade, tivestes menos o espírito de geração que o de liberdade. E bastariam a coragem e a fidelidade com que há mais de meio século empunhais essa bandeira – hoje mais do que nunca ameaçada, insultada, escarnecida e até espezinhada – para que as futuras gerações vos sejam gratas, como vos é a nossa.

Homem livre quisestes sempre ser, desde a vossa infância. E como homem livre atravessastes as vicissitudes deste século de repintadas e rebocadas servidões. Esse o vosso estandarte. Essa a vossa glória maior. Não vos deixastes levar, nem pelos sofismas reacionários da pseudocultura totalitária das Direitas, a que facilmente vos levaria o vosso culto pelos super-homens, nem pelos apelos revolucionários da pseudocultura coletivista das Esquerdas. Ficastes fiel ao verdadeiro espírito da cultura humana, cuja maior tarefa, em nossos dias, é impedir que se confunda o meio-termo com a mediocridade, o equilíbrio com o ecletismo, a moderação com a covardia, o diálogo com a conversa-fiada, o perdão com a fraqueza moral. A verdadeira cultura é animada pelo espírito *analético* – isto é, que coloca cada coisa no seu lugar e sustenta que a interdependência de valores é a base fundamental da sua independência –, ao passo que a falsa cultura é marcada pelo espírito *dialético*, que prega a supremacia das adversativas – *ou* isto *ou* aquilo – sobre o das copulativas – isto *e* aquilo. Só este espírito de composição harmoniosa e hierárquica dos contrários, inevitáveis na natureza humana, individual ou social, é capaz de impedir que o farisaísmo do – *ou* isto *ou* aquilo – se transforme no diletantismo do – *tanto faz* isto *como* aquilo**.** Ou no pessimismo do – *nem* isto *nem* aquilo. Vossa sutileza de espírito, Sr. Gilberto Amado, compreende perfeita-

mente que não estou jogando com palavras, por simples barroquismo lingüístico, mas com os mais expressivos conceitos dos mais patéticos fenômenos sociais do nosso tempo. Sabeis perfeitamente que um abismo nos separa dessa *belle époque* do diletantismo cultural, durante a qual decorreram a nossa adolescência e a nossa mocidade. Hoje, a gravidade crescente e a premência dos acontecimentos sociais do século desafiam a nossa capacidade intelectual de os interpretar e acaso de os influenciar. Ao longo de toda a vossa vida, esse problema capital da relação entre os fatos e as palavras vos acompanhou passo a passo. Até hoje constitui ele possivelmente o núcleo da vossa personalidade humana. Está no centro de vossa vida de pensamento e de ação, nunca em vós dissociados, nesse meio século, em que vosso nome relembra sempre na perspectiva de nossa vida cultural e social... Vivestes sempre solicitado por esses dois pólos – o da ação e o do pensamento, o dos fatos e o das palavras – e é precisamente nesse esforço contínuo de não permitir que um deles anule o outro ou que o seu encontro represente um meio-termo inconsistente e insosso que estará porventura a marca distintiva de vossa personalidade inconfundível.

Assim foi desde a vossa infância, nesse périplo de cidades que marca o vosso itinerário social e intelectual: Itaporanga, Recife, Rio, Paris, Nova lorque, Genebra. Vejo nessas seis cidades, pequenas e grandes, a via vitoriosa da vossa caminhada de ser metropolitana por excelência. Metropolita! Não será esta uma dessas palavras raras, mas expressivas, que sempre foram para vós uma expressão da Beleza e, portanto, uma das razões mais profundas de viver? Como aquela *Constantinopla* que, em menino, vos abria horizontes de aventura, que explicavam desde então o sentido profundo de vossa vida de giróvago. Giróvago... não será esta, igualmente, outra expressão que o menino de Estância ou de Itaporanga veria soltar no mar, como o balãozinho vermelho daquele inesquecível filme infantil? Como resistir à tentação de citar, na íntegra, um poema também inesquecível da vossa preciosa inspiração de maior poeta bissexto de nossas Letras? Se vos chamo de bissexto, embora o maior deles, não é para diminuir em nada o valor de vossos escassos mas preciosos poemas. Será, quando muito, uma queixa contra a displicência do poeta. Obedeceis, bem demais, àquele imperativo preceito de preparação poética de que os bons poetas não são aqueles que *procuram* a inspiração, mas os que

dela fogem e só se entregam às implacáveis mênades do verso, quando não conseguem delas escapar. Sois um deles. E dos mais fiéis à regra. Embora toda a vossa vida encontrasse na Poesia o vosso ambiente natural. Tendes, como dizeis em um de vossos poemas, "uma alma cíclica de poeta", que faz com que "o mundo inteiro em (vós) exista", só permitindo, porém, de raro em raro, que as palavras aladas de vosso realismo épico tomassem corpo. Um dos poemas em que essas vossas alígeras companheiras encontraram a mais perfeita das expressões é sem dúvida esse admirável "Fora da Moda", um dos mais belos das nossas Letras.

É fresca, rosada,
Mas inatual, distante,
Antiquada, fora de moda,
És assim como a palavra *Arrebol*.

Em ti o sol se ilumina
E em ti o sol fica contente,
Em ti tudo se torna mocidade.
És uma alegria, és uma festa
Mas inatual, fora de moda,
És assim como a palavra *Folguedo*.

És o oposto do *dancing*.
Do *cock-tail*,
Do cassino,
E da *boîte*.
És leve, és jovem, mas antiga,
És assim como a palavra *Passatempo*.

Em ti cantam as cores claras,
Dança a vida nos teus braços
Mas a dança em ti é farândola
É cirandinha,
É roda de São João,

Inatual, evocativa, fora de moda,
És assim como a palavra *Festival*.

Em ti cantam as cores claras,
As cores escuras em ti trepidam frescas,
Nos teus olhos acendem-se os carvões,
Faíscam nos teus olhos pedras foscas.
És a luz, mas com calor,
E todo esse luzir,
Todo esse brilhar,
Que está em ti e de ti se expande,
É antigo, é fora de moda,
É assim como a palavra *Desatino*.

Tua beleza se chama Formosura
Teus movimentos se chamam Corrupio.
Eis outras palavras que te vão:
Louçania, anelo, recuerdo,
Partida, moçoila, passeata,
Também deidade, donaire, contradança,
Cortesia, cantoria,
São palavras condizentes com o teu ser...

Como gostaria de ceder a minha Prosa ao encanto dos vossos versos! Como gostaria de transferir às vossas próprias palavras a evocação da vossa infância! Ninguém como vós, em nossas Letras, soube falar com tanta naturalidade de si próprio. Sois, sem dúvida alguma, o maior dos nossos memorialistas. Já será mesmo um louvor que vos desagrada ouvir. Sediço... No fundo de vós mesmo sentis talvez o que dizia S. Francisco de Assis aos seus companheiros, quando se dispunham a comemorar os atos de um santo qualquer. A única comemoração digna de um santo, dizia o *poverello*, é ser Santo. É evidente que não tendes nenhuma pretensão à santidade. E, antes pelo contrário, passastes toda a vida a brincar de esconder com o demônio, mas sempre com a presença de Donana a vosso lado. E é ela que, na hora final, vos salvará das vossas facilidades, das vossas aventuras, das vossas traquinadas... Pois afinal,

Sr. Gilberto Amado, sereis até o fim o mesmo menino travesso de Itaporanga, que a implacável mão de Bernardo ia buscar, à hora de dormir, no meio da farandolagem da meninada. Pois sois, até hoje, um inveterado boêmio, sem que isso vos impeça de tomar tremendamente a sério não só a vida em geral, mas todas as tarefas graves a que vos tendes entregue. Como foi esse Jackson de Figueiredo, vosso conterrâneo, que as águas do mar tão cedo nos levaram. Creio que não fostes amigos. Acredito mesmo que os vossos caminhos, desde cedo, vos levaram a destinos bem diversos. Não estou aqui para vos reconciliar. Quem vos reconciliará um dia não é deste mundo. Nunca foi deste mundo. Mas sempre viveu, neste mundo, como um signo de contradição. Mas uma contradição toda especial, que se encontra no infinito, como as paralelas. E é por isso que, neste momento, nestas palavras, não hesito em juntar o vosso nome ao do vosso ilustre coestaduano que não teve tempo de sentar-se aqui ao nosso lado, e que as ondas do oceano tão cedo levaram para a felicidade da eterna reconciliação. O mar... Foi esta a grande revelação de vossa infância em Itaporanga. O Vaza-Barris, esse rio modesto que Euclides da Cunha imortalizou – pois não bastam os heróis para imortalizar os sítios, como Tróia, ou mesmo a Tróia Negra, é mister que venham os Homeros ou os Euclides, para que os sítios de heroísmo se tornem imortais –, o Vaza-Barris que banhava a vila de vossa infância, o que tinha de mais ilustre não era para vós, então, como para nós hoje, o de ter banhado o arraial heróico de Canudos. Era o fato de desaguar no oceano. E esse mar alto, essa revelação do oceano é que mais fundamente marcou o menino que até hoje em vós subsiste. Como dissestes no fecho do primeiro volume dessa saga incomparável de nossas Letras, que é a história de vossa vida:

"O menino continuou dentro de mim e é à sua presença militante e buliçosa no espírito do homem feito que atribuo haver encontrado no fato de viver a plenitude que a criança encontra no brinquedo."

Esse fecho de vossas memórias da infância é também o segredo de vossa própria vida. Sois expressão perfeita do *homo ludens*, pois o brinquedo não é apenas uma fase da nossa própria vida. É, de certo modo, toda a nossa vida. Somos, ao mesmo tempo, *homo viator* e *homo ludens*. Somos, na vida, um ser que *viaja*, e um ser que *brinca*. Ai daqueles que não sentirem em si profundamente essa dupla vocação – da viagem e do brinquedo. Ninguém de

consciência suportará a vida, a trágica aventura de viver, se não estiver possuído desse duplo senso do eterno no efêmero. Somos criaturas de Deus, em estado *viatório* e *lúdico*. A grande, a maior sabedoria da vida, reside em compreender que estamos apenas de passagem nesta terra. Nossa morada neste mundo é apenas uma hospedaria. Somos crianças brincando com os acontecimentos e com as palavras, que nos transcendem, tanto uns como outras, de modo inapelável. Só assim seremos, realmente, filhos de Deus. Cristo outra coisa não foi senão o mestre do espírito de trânsito e de gratuidade. É essa a súmula da perfeita sabedoria, dessa *sapientia cordis* que transcende toda a Ciência e toda a História, isto é, todo saber humano. Toda experiência humana.

Por isso mesmo é que tanto me agrada a importância que atribuís, em vossa autobiografia, à vossa infância. Os grandes poetas e prosadores – se acaso há possibilidade de os diferenciar – sabem perfeitamente que somos, toda a vida, o que foi nossa infância. Proust o disse, na mais culta das nações do mundo. Manuel Bandeira o disse, em nossa própria vida intelectual. E um dos vossos inspiradores invisíveis, Joaquim Nabuco, o deixou explícito em suas Memórias, prelúdio sucinto às vossas. Estância e Itaporanga foram o palco, e mais do que um palco, o molde de toda a vossa vida futura. Nesses povoados, grandes cidades para a vossa infância e adolescência, estavam o berço e o espírito formador de toda a vossa vida futura. Ali se gerou o vosso entranhado amor pelo Brasil e pela realidade brasileira, como ali se formou essa vossa consciência sensibilíssima de homem tão apegado à gleba natal como aos horizontes universais que sempre coexistiram em vosso espírito, sem aquele dilaceramento que tanto fez sofrer Nabuco. Somos o mais universal dos povos americanos. O mais europeu e o mais universal. Ora, a evocação de Portugal e a sedução do mar alto é o que encontramos em vossa infância na vila das margens do Vaza-Barris. Fostes marcado, desde o nascimento, por essa gente "forte" de caráter duro e resistente, que constitui o âmago lusitano do nortista, embora marcadamente brasileiro. Eis como descreveis, em vossas reminiscências de infância, esses duros antepassados que moldaram vossa substância humana, tão rígida de cerne quanto adaptável e compreensiva de polpa.

> Essa fauna antidiluviana, esses Matusaléns, esses macróbios sadios, formidáveis troncos de onde procedo, estacam-se linheiros

> como colunas antigas na minha evocação. Colossos alegres que morrem brincando e só morrem porque jeito não há, pois se jeito houvera não morreriam. E venham nos falar de clima "tropical", de clima "depauperante"! Essa gente viveu no sertão cru, na caatinga piolhenta ou à beira de águas não pasteurizadas, ou passadas a cloro, do Rio Real e do Itapicuru. Proclamam eles na sua congenialidade ao meio que o Brasil é terra para a vida. Entre eles não há entediados, esplenéticos, gemebundos. A velha Merência, aos 98 anos defendendo de cacete suas frutas, o velho Faria rimalhando suas graças anciãs, patuscando com a filha brincalhona, enquanto a morte os espreita para saltar-lhes em cima... a morte é que parece ter medo deles. Aí não há delicadinhos, gente biqueira, cheia de niques, de "não me toque", de "deixe disso", de nariz torcido para as realidades da existência. Gente que honra o fato de viver e em viver se compraz. Raiz robusta enseivada em boa terra, a terra do Brasil, esgalha-se em ramos bons que florescem e frutificam na coragem moral e na aceitação do mal e do bem, frutos da vida. Eu os respeito no meu sorriso divertido, oriundo da mesma jovialidade com que Sinharinha Amado envolvia o seu amor pelo pai. Nenhuma solenidade postiça, nenhum entono bobo ou sobrolho de hipocrisia nessa progênie bíblica, irmã dos patriarcas, núcleos de procriação, fundadores de Pátria.

Foram esses antepassados, de poucas Letras e muito caráter, de estreitíssima visão da vida mas de implacável apego a ela, que formaram o núcleo de vossa inconfundível personalidade, que hoje leva, ao cenáculo mais universal da convivência política das nações humanas, uma das personalidades mais representativas de nossa brasilidade. Pois ninguém poderá negar, Sr. Gilberto Amado, que sois um homem tipicamente representativo da civilazação brasileira, no plano universal. Possivelmente o mais representativo de todos, em suas excelências e fragilidades, naturalmente debatido como todos aqueles que tomam atitudes nítidas, em face das pessoas e dos acontecimentos. Em nossos dias, mais que em tempo algum, quem toma atitudes definidas é necessariamente, como de si dizia o Fígaro de Beaumarchais – *Loué par ceux-ci; blâmé par ceux-là; me riant des sots; bravant les méchants; je me presse de rire de tout de peur d'être obligé d'en pleurer*, numa sentença que considero das

maiores de toda a Literatura universal. E gosto de repetir, no silêncio de mim mesmo, quando considero o espetáculo da tragédia de equívocos que hoje, mais do que nunca, jogam os homens uns contra os outros, esquecidos de que só Deus os julgará, em última instância. E que nossas lutas e recíprocas condenações são simplesmente risíveis ou meros brinquedos de criança aos olhos do Eterno.

Em Itaporanga, pois, não era assim que julgáveis as brigas com os vossos colegas, nessa incrível escolinha de Sá Limpa. De lá saístes para a vida, armado para enfrentar todas as contradições, e pronto também para vos adaptar ou, com vossas próprias palavras, "amigo da vida e (dançando) conforme a música que ela prefere tocar. Nunca me desesperando". Esse conformismo com as situações é que nunca vos permitiu ser igual ao modelo de "grande homem" que sempre cultivastes em vossa existência e que, na nossa História, se encarnou na figura de Rio Branco, "o maior de todos nós", como o dissestes no extraordinário retrato que dela traçastes. Mas antes de vos acolherdes em vossas missões internacionais, à sombra do "Barão", e acaso algum dia vos acolhestes à sombra de quem quer que eu fosse, íeis acolher-vos à sombra da Faculdade de Direito do Recife. Sim, vossa infância e vossa adolescência, em Estância como em Itaporanga e um pouco em Salvador, iam continuar no limiar de vossa mocidade no Recife. Recife! Palavra mágica para todo nortista. Recife, entrada do sertão e promontório do universo! Cidade predestinada ao choque de todos os extremos. Cidade clara do nosso passado e do nosso futuro. Ainda hoje sois vós, ó ambivalente, o *signum cui contradicetur* de nossa cultura. A metrópole das contradições. E vós mesmos, Sr. Gilberto Amado, não sois também um mundo de contradições? Não há, simultaneamente, em vosso espírito a saudade de Itaporanga e o espírito de Genebra? Não cantam, em vossa memória, ao mesmo tempo a voz de Donana e o eco das sereias? Não persistem em vós o caráter duro de vossos antepassados quase analfabetos e gananciosos e a vossa cultura universal e o desprezo pela pecúnia? Não dialogam, dentro de vós, o agnosticismo dos positivistas que embalaram a vossa mocidade e as ladainhas da vossa infância? Não sois franciscano em vossa intenção e nietzschiano na tentação de Zaratustra? Não sois tremendamente apegado ao vosso Brasil da infância e de todos os entusiasmos patrióticos e, ao mesmo tempo, trabalhado pelo horror à nossa incultura, aos

nossos ridículos, aos nossos ufanismos? Não sois um cultor dos heróis carlylianos, mas ao mesmo tempo um apologista do perdão e da bondade? Não fizestes a apologia dos homens de ação e da mocidade que pensa mais em ganhar dinheiro que em fazer sonetos e, ao mesmo tempo, um fervoroso adepto da cultura pura e desinteressada sem nenhuma aplicação concreta? Não haverá em vós, dois pólos que vos atraem, simultaneamente, e o homem da terra, que, se não vinha do *sertão* vivia penetrado de espírito sertanejo, e o homem do mar alto, dos horizontes sem fim, que afinal correspondiam melhor à vossa natureza profunda? Como Nabuco, e um pouco como todos nós, viveis entre dois mundos. Mas se a princípio, como ele o disse no passo famoso da *Minha Formação*, e o confirmastes na "Chave de Salomão", era a tentação do Velho Mundo que predominava nos homens cultos do Novo Mundo, hoje é o contrário que observais. E assim o dissestes em 1926, contestando o vosso próprio sentimento da mocidade:

> A conclusão a que cheguei, não podendo duvidar da sinceridade de Nabuco, é que o Brasil aumentara o seu poder de assimilação. A Europa é hoje, para nós, a viagem, o estudo ou a recreação, o prazer do clima, o encantamento artístico, a variedade dos dias animados, longe das obrigações quotidianas, o atrativo intelectual, a curiosidade simplesmente. Mas não vive dentro de nós. Em substância não nos interessa senão como um teatro, um espetáculo, um livro. Estamos, os da geração atual, inteiramente desprendidos dela.

"O fundo do quadro", "o horizonte", a que se refere Nabuco, desapareceu para nós. O que nos ocupava lá, o que nos prendia a inteligência... era Brasil, só Brasil. *(in Minha Formação no Recife,* p. 255.)

Como sois o oposto do romântico ou do liberal, não permanecestes no "dilaceramento", a que se referia Nabuco, nem vivestes angustiado com as vossas contradições. Venceste-as com a maior naturalidade, como clássico, imbuído de espírito goethiano e como primitivo, apegado sempre aos guaiamuns do Vaza-Barris.

Não procurastes nunca ser isto *ou* aquilo. Fostes, com toda a naturalidade, isto *e* aquilo.

Em Recife, nessa segunda etapa do vosso périplo, onde chegastes em 1905, é que passastes entretanto "do monólogo ao diálogo". Foi ali, nessa cidade-encruzilhada que desabrochou definitivamente vossa corola. A semente fora fecunda e forte. A terra sergipana fora generosa e rica. Os anos capitais do Capibaribe iam operar o que vos faltava. Deram à flor do vosso espírito o horizonte por que ansiava a vossa sede de oceano, de mar alto, de comunicação. O eterno solitário, o inconformado e o insatisfeito, o fujão da casa, o amimado da mamãe, o menino da cidade pequena, ia passar a adolescência e a mocidade na cidade grande, à espera que as metrópoles do mundo o colocassem em comunicação com as grandes vozes do universo. A própria Poesia ainda não havia desabrochado em vossa alma. E a vossa cultura ainda não passava do estágio da curiosidade insatisfeita. Em Recife ia agarrar-se a vós a sombra poderosa de Tobias Barreto, embora pela voz de outras sereias européias que se chamavam Kant, Nietzsche e Augusto Comte. E no cenário nacional Lafayette, Euclides da Cunha e o vosso conterrâneo e contemporâneo João Ribeiro. À sombra dessa dupla trindade cultural, do Velho e do Novo Mundo, é que passastes do monólogo interior da infância solitária ao *poliálogo* extrovertido dos vossos vinte anos incompletos. Kant despertava em vós o espírito crítico, que vos converteu num analista implacável dos vossos atos próprios e dos alheios. Comte vos comunicava o amor da observação científica e das grandes generalizações do espírito, que Goethe mais tarde completaria superando as restrições positivistas. E Nietzsche forneceu à vossa paixão natural pelo homem forte o arsenal filosófico e poético para o humanismo super-humanista que vos tornou um campeão do antiextremismo e do antitotalitarismo do nosso século, embora um admirador confessado daqueles mesmos que, às extremas contraditórias da política contemporânea, desencadearam os mais implacáveis totalitarismos do nosso tempo, como Mussolini e Lenin.

Nenhum desses rasgadores de horizontes, no entanto, foi capaz de arrancar do fundo do vosso ser a pequenina mas imortal semente religiosa que Donana havia plantado na terra fofa e tenra da vossa infância. Ao contrário de muitos da vossa geração, que é também a minha, não passastes por nenhuma crise religiosa. Como não perdestes a essência, ao menos, da fé da vossa infância. Não conhecestes nem a angústia de a ver sumir-se nem o encanto de a ver voltar. Atribuístes, paradoxalmente, essa imunização à leitura de Augusto Comte.

> Por me ter forrado de Positivismo, é que acaso escapei à "crise" a que outros contemporâneos não puderam escapar. Há os que nascem para procurar Deus e o procuram de todas as maneiras quaisquer que sejam as vendas que se lhes ponham nos olhos. Haverá também os que, tendo Deus diante de si, já não experimentaram necessidade de procurá-lo fora. Deixemos este problema.

Foi o vosso caso. Não houve problema religioso para vós, como houvera para os vossos predecessores da Escola do Recife, no século XIX, ou para muitos de nós nesse limiar do século XX. Kant, Comte, Nietzsche, Goethe abriram as portas da vossa inteligência. Mas não conseguiram fechar as janelas do vosso coração. Dentro dele sempre ardeu uma lâmpada votiva, pequenina é certo, bruxuleante, escondida, mas nunca de todo apagada. Espírito de composição e de encruzilhada, como sois e é nisso que está porventura o sinal mais típico do vosso exemplar brasileirismo –, nunca tivestes dificuldades em aposentar, em vosso modo de ser, hóspedes aparentemente contraditórios ou apenas dissidentes, como também nunca vos faltou discernimento pessoal bastante para tirar de cada mestre uma lição, sem necessidade de uma submissão integral ao seu ensinamento. Compreendestes, portanto, perfeitamente que éreis uma natureza muito diversa, por exemplo, do vosso grande conterrâneo Sílvio Romero. "Nem uma só vez me senti arrastado pelas preferências e antagonismos de Sílvio, que não podia conceber a vida e as idéias senão sob o ângulo da antítese." Sempre vivestes, pelo contrário, sob o signo da síntese ou antes do *convívio*. Do convívio harmonioso e pacífico dos grandes espíritos, tanto nacionais como estrangeiros, que desde então formaram a vossa família intelectual sem fronteiras, nem no tempo nem no espaço, nem nas ideologias nem nos temperamentos. Sois – por natureza e pela formação cultural também alimentada na voracidade e na seriedade das leituras onímodas do Recife – um homem do Renascimento (embora não moralmente como fazeis questão de acentuar), um Erasmo ou um Da Vinci, aberto a todos os quadrantes, seduzido por todas as sereias, sensível a todos os manjares, do corpo e do espírito, mas sempre fiel à vossa infância e às sementes que nela depositou o amor materno.

Se Pernambuco ia abrir as janelas do vosso espírito para a cultura universal num diapasão já muito diverso do espírito polêmico, unilateral e antité-

tico que caracterizara o movimento de 1870 ali mesmo, em torno da famosa Faculdade em que estudastes e professastes logo depois de formado – também foi ali que se rasgaram novas veredas na floresta ainda confusa da vossa vivência propriamente nacional. E mesmo da formação do vosso estilo, esse puro sangue lingüístico que já agora constitui um dos valores mais perfeitos da língua portuguesa tanto em Portugal como no Brasil.

Na *História do Brasil* de João Ribeiro aprendestes a considerar a realidade brasileira, em sua formação orgânica e social. Como em *Os Sertões* de Euclides da Cunha assimilastes esses sertões que sempre haviam cercado de perto a vossa vivência de menino de povoado pequeno e primitivo, e, mais do que isto, fostes levado pelo contraste a decantar a vossa linguagem. Aprendestes, com ele, a fazer o inverso do que ele fazia. Em vez do método amplificador e ornamental que ele empregava, dando à paisagem ou às figuras mais prosaicas um revestimento barroco que as imortalizou, formastes o vosso estilo pelo método machadiano do despojamento. Mas de um despojamento diverso, igualmente, do empregado pelo "bruxo do Cosme Velho", como o denominou Carlos Drummond de Andrade no seu poema imortal. Vosso método foi outro: o despojamento, a queimada, o desbravamento do mato, mas com a preservação das árvores mais belas, das palavras raras e significativas, simbólicas e irradiantes como antenas de captação e de emissão de sonoridades cheias de sentido, nas quais o conteúdo é tão rico como a forma e esta tão substancial como a própria substância.

Pois em vosso estilo, ao mesmo tempo singularíssimo e comunicativo a harmoniosa fusão de elementos aparentemente antitéticos é um dos segredos da magia incomparável de vossa expressão.

O segredo do vosso estilo está justamente na sua sábia simplicidade, que nunca se corrompe em vulgaridade, na sua concisão que nunca se transforma em pobreza, na sua riqueza verbal que nunca passa a opulência de novo-rico, na sua precisão que nunca se confunde com frieza, na sua sutileza que nunca chega a preciosismo, em suma na adequação perfeita entre a palavra em si e o seu sentido. Tudo isso é fruto de uma qualidade eminente, tanto da vossa personalidade como da vossa obra e portanto do vosso estilo total. Refiro-me à naturalidade que considerais com razão como sendo a nota típica do vosso modo de ser, de pensar, de escrever e de agir.

Em tudo isso, o que reponta é uma nota dominante do vosso pensamento, com a qual definis a Poesia, e nessa mesma definição bem mostrais como sois, acima de tudo, um Poeta. E por isso mesmo escolhestes bem o vosso antecessor, nessa Poltrona, para que um poeta pudesse com autoridade de nascimento e vocação falar de outro poeta, também nato, como foi o nosso Ribeiro Couto.

Poesia, para vós, não é como o vulgo pensa, a fuga à realidade, mas, pelo contrário, a mais aguda penetração no âmago do ser. "Poesia" – dizeis vós, como crítico e o praticais como operário, preguiçoso mas adestrado, do verso

> é concretitude. Um poeta vê – porque vê, sente, ouve, cheira, palpita mais concretamente do que os outros indivíduos, isto é, as coisas, os sons, os perfumes, as formas se lhe manifestam com mais intensidade do que ao comum dos mortais. Poeta e abstração são antinômicos. Só os ignorantes é que pensam que o poeta sonha. Esse conceito popular sempre foi desmentido pelos poetas. O maior poeta é, na sua Arte, o mais prático dos indivíduos. Seu negócio é com a realidade. Dela se assenhoreia como o proprietário da terra e lavra-a como o trabalhador o campo. Todo assunto é poético para o poeta.

Essa profissão de fé realista, na vossa filosofia do verso, que é precisamente a da Poesia mais moderna, no Brasil e alhures, corresponde também, em vossa vida, à profissão de fé realista da vossa participação na política e, acima de tudo, do vosso humanismo brasileiro.

Em 1911, ao chegardes ao Rio, já preparado para as grandes lides do pensamento e da ação, não vos seduzia a política, que no entanto vos enlaçaria em seus braços até 1930, por quase vinte anos. Entre as duas grandes vertentes em que se dividia a vida política brasileira, nesses últimos decênios da República Velha – a vertente idealista de Rui Barbosa e a vertente realista de Pinheiro Machado –, fizestes uma opção que à maioria da mocidade de então, especialmente àquela que ainda não saíra do frágil molde universitário, parecia puramente oportunista. Éramos todos entusiastas de Rui Barbosa e considerávamos o velho Pinheiro como o símbolo do anacronismo da barbaria e da ignorância. Se tivéssemos então de formular um juízo público era

certo que vos desaprovaríamos. E no entanto éreis perfeitamente lógico nessa opção, em face da filosofia da vida, que a vossa extraordinária precocidade cultural e a extensão prodigiosa de vossas leituras no Recife alimentavam em vosso subconsciente e que ia tomar corpo, de modo paradoxal, dois anos mais tarde, na famosa conferência de 1913, a "Chave de Salomão", que considerais, com razão, como sendo a chave de vossa própria personalidade intelectual. Vosso realismo nela se apresentava sob uma forma aparentamente paradoxal: a da condenação do pragmatismo moderno e o louvor da vida do espírito e até mesmo da "superstição". Estou longe, bem o sabeis, de concordar com todos os tópicos dessa mensagem de vossa mocidade em flor. E bem sei que hoje não subscreveríeis mais algumas afirmativas dessa avalanche de idéias, quase todas magníficas, que brotaram, como um gêiser, do fundo do vulcão interior de vossos 25 anos. Estávamos então no último ano do século XIX que, intelectual e sociologicamente, só terminou, como sabemos, com a guerra de 1914, que ia desencadear, sobre o mundo moderno, este nosso alucinante século XX. Perguntáveis então, a vós mesmo, o que era esse homem moderno, de que já se começava tanto a falar. E respondíeis, inquieto e fulminante:

> Uma das coisas que mais me impressionam é a terrível carreira em que nos excedemos. Que é o homem moderno? Um arremesso, uma disparada, uma flecha em direção do dinheiro, da fama ou do luxo. O próprio prazer, mesmo na sua acepção inferior, mas real, deixou de ser o grande estímulo da vida. O que caracteriza o homem moderno é a máxima preponderância da vida exterior. O homem vive fora de si mesmo. O homem é o salão, é o jornal, é a usina, é o teatro, é a rua. Só não é ele próprio; só não é a sua própria alma.

Em contraste com essa desumanização do homem, como diria depois Ortega y Gasset, fazíeis a apologia do homem interior, do homem contemplativo:

> Quando examino a vida dos homens contemplativos, dos homens solitários, dos homens que vivem no diálogo permanente com a consciência, e vejo a sua felicidade, que nada perturba, nem as dores do corpo,

> nem os anseios do espírito, e a comparo com a dos homens trêfegos, sofredores, insatisfeitos, pergunto – que fatal instinto os arrasta nessa febricitante agitação em que eles vivem como possessos?... Comparo a sua esterilidade com a fecunda serenidade dos homens contemplativos.

E aplicáveis então o que entendíeis pelo rótulo misterioso da vossa conferência, que fez época:

> Essa chave de Salomão é o exercício da vida espiritual, a contemplação do mundo... Eu quisera chamar o homem moderno à vida interior. Ele vive fora, é o exilado de si mesmo. Eu lhe quisera dizer: Amigo, olha o mundo, vê as coisas, vê a Natureza e a vida, ouve sobretudo o ressôo que o mundo leva ao fundo do teu coração... Estou convencido de que se os homens começassem a demorar mais a vista nas coisas que os rodeiam teriam dado o primeiro passo para uma grande revolução na conduta humana. Não posso acreditar que o fanatismo político, por exemplo, possa existir em homens que raciocinam, que pensam ou que contemplam.

Esse elogio da sabedoria, Sr. Gilberto Amado, era a mensagem magnífica que vínheis trazer aos moços e aos velhos do nosso tempo. Dizíeis essas coisas essenciais ao humanismo brasileiro, ao sentido profundo da civilização brasileira na América e no mundo moderno, em 1913, pouco antes de começar o século XX. Quem vos ouviu? Quem vos seguiu? Vós mesmos fostes envolvido no turbilhão da Política de um fim de era, que não vos levaria a representar, na prática, o papel que o vosso herói supremo da vida nacional, Rio Branco, representou no início do século, conjugando a vida do espírito e a vida da ação numa harmonia que um ano antes, em 1912, se apagava para sempre. Ficou-nos, porém, dessa vossa profética profissão de fé humanista, a tremenda advertência contra a peste que, a partir de 1914, e principalmente a partir de 1917 e 1921, com os extremismos da Esquerda e da Direita, ia envenenar o nosso século: o *fanatismo*.

O realismo filósofo, poético e político, a que vos levariam tão precocemente a vossa cultura, a vossa meditação e a vossa experiência da vida e dos homens, era precisamente o oposto do fanatismo, sob cujo signo, entretanto,

para mal de nossos pecados, iria desenrolar-se a vida universal do novo século e nos iria atingir em cheio, particularmente depois de 1930. O fanatismo pendular dos extremos e o culto da força, como fonte do Direito e base da ordem pública, a filosofia hitleriana do Amigo-Inimigo, como sendo a base de toda a vida social, tudo isso, que pouco a pouco invadiu a nossa vida pública e particular, tudo era a própria negação do humanismo realista que pregáveis em 1913 e no qual a força moral das "razões do coração" apareciam como sinal típico do humanismo brasileiro, cuja principal característica, como tão bem o dizíeis, é:

> O poder da Nação brasileira, operando a transformação, em fenômeno social, da bondade individual, peculiar aos corações dos habitantes de uma Pátria nova, sem os preconceitos e hierarquias tradicionais que geram e acumulam nas velhas sociedades ódios profundos entre classes e famílias e antagonismos radicais entre filhos da mesma terra. ("Nacionalismo" *in Três Livros*, p. 187.)

Destaco, de modo especial, essa vossa apologia da *bondade* como um traço fundamental do humanismo brasileiro, e procuro aproximá-la da vossa denúncia de 1913 contra o *fanatismo* de que profeticamente então nos advertíeis, porque esse fanatismo é o desprezo pela Bondade e constitui até hoje o mais premente perigo que nos ameaça. Permiti, a propósito, que me deixe arrastar, um momento, por aquele vezo brasileiro de que, com tanta razão, nos premunis: o gosto da citação. Trata-se do início de uma conferência que um eminente ex-embaixador francês em Moscou, o Sr. Jean Laloy, pronunciou o ano passado em Munich, sobre o "Catolicismo Francês e o Comunismo".

Referindo-se o autorizado conferencista ao problema das duas forças essenciais que dirigem os acontecimentos históricos, a *necessidade* e a *contingência*, mostra como a história do mundo teria mudado se o espírito cristão da bondade e não o espírito pagão da vingança tivesse inspirado, em 1881, o governo czarista, por ocasião do atentado terrorista contra o czar Alexandre II. Eis o relato dos fatos e os luminosos comentários que a respeito borda esse lúcido embaixador.

> Em 1881, a 1.º de março, era assassinado o czar Alexandre II, o reformador. Tomando a palavra em público, a 28 de março, o filósofo Vladimir Solovieff exortou o novo czar, se queria ser um monarca cristão, a perdoar aos assassinos do seu pai. O discurso causou escândalo. Solovieff foi expulso da Universidade. Os terroristas foram executados. Seis anos depois novo atentado, sem êxito desta vez. Os novos terroristas foram também condenados. Os responsáveis diretos foram executados. Entre esses havia um estudante muito jovem, Alexandre Iliitch Ulianoff. Foi enforcado. Desde então, como sabemos, seu irmão mais moço se consagrou à ação revolucionária com a energia, o furor e o ódio que um acontecimento tão terrível nele despertou. Trinta anos mais tarde, abatida a autocracia, Vladimir Iliitch Ulianoff, sob o pseudônimo de Lenin, assume o poder e instala na Rússia o sistema político que até hoje ainda o domina. Seja-nos permitido dirigir, por um momento, nossa atenção ao seguinte problema: se o czar tivesse ouvido o filósofo cristão, tanto em 1881 como em 1887, se tivesse perdoado, estaríamos aqui a falar do Catolicismo francês e do Comunismo? Se o jovem Ulianoff não tivesse recebido, na aurora de sua vida, um choque tão profundo, teria ele tido a energia necessária à sua ação revolucionária? Quando nos lembramos que, um dia (Lenin), se queixou de que as lutas políticas constantes o impediram de satisfazer a sua paixão pela música, podemos ao menos fazer a interrogação. Vemos assim como é misteriosa a inserção do Cristianismo e, mais geralmente, das forças espirituais, no mundo político. Se Solovieff tivesse sido escutado, quem sabe se o futro Lenin tivesse orientado, de modo diferente, sua vida e sua atuação" *(in Nova et Vetera*, abril-julho de 1964).

Agora, pergunto eu – se esse vosso apelo à vida interior, às obras da inteligência, à Filosofia e à Arte ("um povo é tanto mais elevado quanto mais se interessa pela Filosofia e pela Arte"), à bondade, ao antibelicismo, à negação da violência e do fanatismo, que em 1913 e em 1917, antes e durante a guerra de 1914, dirigistes a vossos contemporâneos, se tudo isso tivesse sido ouvido pelos homens do nosso tempo, e em vez de permanecerem na indiferença e no cepticismo de um mundo gasto que morria ou no culto da violência e do autoritarismo de uma geração feroz que surgiu – não teria o mundo

moderno evitado a catástrofe de duas guerras universais e o espírito de uma terceira possivelmente apocalíptica, assim como feito a economia, de algumas revoluções, inúteis, supérfluas ou contraproducentes?

Infelizmente, porém, não é a voz dos filósofos, dos poetas, dos santos ou dos grandes chefes espirituais da humanidade que é ouvida pelos homens descuidados do nosso tempo. Ou de qualquer tempo. Cada nova geração se lança à conquista do mundo muito mais sedenta de prazer, de conquista e de vingança do que possuía por aquele amor, até mesmo pelos nossos inimigos, que foi o grande Mandamento novo do Verbo de Deus encarnado. Nunca, como em nossos dias, se falou tanto em Cristianismo e se agiu de modo tão pouco cristão. Nesses cinqüenta anos que nos separam daqueles dias ardentes de vossa mocidade em flor – lançando-se nos braços da Política e das Letras, com a voracidade de um jovem conquistador intimorato e sedento de glória e de prazer, de Cultura e de poder –, nesse meio século mudou a face da Terra e não no sentido em que a quisera o jovem banhista do Arpoador, que galgava o Morro da Graça e namorava os olhos da Glória e do Poder, entre o Mar e a Montanha.

Mas como sois confessadamente uma alma de mar alto e não um alpinista, foi na direção do oceano que se voltaram os vossos olhos, a despeito da consolidação do vosso prestígio tão precoce, por uma cátedra tão brilhantemente conquistada na venerável Faculdade de Direito do Recife e das posições de relevo logo alcançadas, sem esforço, no Parlamento Nacional. Fostes levado à Política sem muita inclinação natural. A época era medíocre, apesar do duelo memorável Rui-Pinheiro, e o vosso nietzschianismo vos acenava muito mais para a era futura dos heróis carismáticos do que para o crepúsculo melancólico do liberalismo burguês. Nele já se apagara, em 1912, o foco luminoso de Rio Branco, pouco antes que o mesmo corresse com Pinheiro Machado e Rui Barbosa. No crepúsculo da República Velha não houve tempo nem lugar para o homem novo que representáveis, com ideais também vindos da Alemanha, como discípulo que ainda fostes, ao menos a distância, de Tobias Barreto, o revolucionário de 1870 –, mas em nome de Goethe e de Nietzsche, e não mais de Haecker, Strauss ou Noiré. Com o desencadeamento da avalanche imperialista de 1914 esses vossos heróis da mocidade iam mostrar-se anacrônicos ou falseados pelas bordas dos herdeiros de Bismarck, embora o humanismo de Goethe ainda fosse de modo efêmero inspirar a frágil

República de Weimar, logo liquidada pelos novos bárbaros. E o super-humanismo de Nietzsche iria converter-se na monstruosa iniqüidade do Nazismo.

Foi menos então o nosso germanismo goethiano ou nietzschiano que o vosso horror à violência, a vos inspirar aquela página memorável do *Grão de Areia*, escrita em 1917, em plena catástrofe universal e dirigida a um amigo que se lançara, como todos nós, num aliadofilismo ilimitado. Tivestes então o mérito de conservar a cabeça fria, mesmo com o coração ardendo em entusiasmo como sempre, e de ver nessa "guerra para acabar com as guerras" apenas o monstruoso despertar do fanatismo e do culto da violência e da intolerância, que iria desgraçar o nosso século.

Lançastes, então, um grito de protesto contra o racismo, contra o culto da latinidade, a despeito do vosso reiterado "mediterraneanismo", contra o esmagamento do homem pelas forças do anonimato e da técnica, mas acima de tudo contra o culto da violência, contra a guerra e a revolução em si.

"Com efeito", escrevíeis então a esse vosso amigo real ou imaginário, em 1917,

> de tal maneira desapareceu do nosso espírito o ideal guerreiro, que o heroísmo tão freqüente dos soldados modernos não nos emociona... A voz da guerra não mais encontra eco em nosso coração... Mentiria quem dissesse que, na engrenagem do mundo moderno, a guerra subsiste com uma função especial... Enquanto vês os exércitos e os seus chefes, enquanto contemplas as nações e os seus dominadores, enquanto o teu pensamento abarca o entrebater das entidades coletivas e dos representantes, esqueces o indivíduo. Nele é, sobretudo, que eu penso com todas as forças do meu coração... Perdido no volume das massas, apagado no corpo das coletividades, mesquinho, obscuro, na grandeza e no brilho dos batalhões, insignificante no renome das pátrias – ninguém se lembra dele, do pobre ser humano, ninguém se lembra dos indivíduos esmagados no choque dos batalhões aos milhares, como protozoários, sob uma árvore que tomba, ou destruídos na fúria de um ciclone... Não é o homem isolado o grão de areia que o simum da guerra, em nome do Estado, foi arrebatar à sua casa para o conduzir aonde talvez ele não desejava?... Nunca, como na era presente, foi tão

> desgraçada a situação do indivíduo diante das forças organizadas que o esmagam sob a eufórica denominação de liberdade *(in Três Livros,* pp. 245-262).

Nunca foi tão necessário, como hoje, digo eu, 47 anos depois dessa vossa página profética e memorável, restaurar no coração dos homens o amor da liberdade. Não da ambigüidade liberal; não da distorção hegeliana do conceito; não da impostura das falsas invocações, demagógicas ou reacionárias – mas da autêntica liberdade que é o mais alto sinal da dignidade humana. Esse vosso protesto, de há meio século, contra o totalitarismo ainda não desencadeado, contra o fanatismo e contra o culto da violência, apenas incipientes, iria não apenas antecipar-se ao futuro, como hoje o estamos vivendo com a experiência trágica desses cinqüenta anos, mas ainda mudar o vosso próprio destino.

Iria então começar, para vós, a passagem do plano nacional para o plano internacional. Já, nesse mesmo admirável ensaio de 1917, faláveis na "interpenetração dos povos (como) característica da civilização moderna" (p. 259). A ela iria devotar- se, desde então, a vossa existência. Não que a esse ideal sacrificásseis o vosso inato sibaritismo de gozador da vida, para quem o ideal sempre foi "viver cada momento como se fosse o último" e "pôr toda a energia do espírito no momento que passa", afirmando que "a sabedoria da vida consiste em fazer de nós o centro do universo", como o proclamáveis enfaticamente no vosso precoce breviário da vida, de 1913, a que fostes até hoje fiel.

Havia em vosso sangue de marujo nato, dos tempos encantadores da infância em que vosso pai levava o menino estremunhado, Vaza-Barris abaixo, a ver o vapor do ocenano (tal qual Ribeiro Couto, nadando em Santos, entre os cascos dos navios atracados e sonhando com os horizontes transatlânticos a que, como vós, se lançaria até a morte) –, havia em vosso sangue de navegante a paixão dos horizontes. E de modo particular a nostalgia do Velho Mundo, como a do vosso antepassado perante a imagem da cidade do Porto, que o acompanhou da mocidade ao leito de agonia. A Europa foi sempre, para vós, a grande amante, o sonho de vossa mocidade realizado continuamente ao longo de toda a vossa vida. Eis como anos mais tarde, em 1936, depois de a terdes por muitas vezes saboreado, como o mais raro dos néctares do espírito e do corpo, concretizastes a vossa paixão do Velho Mundo em

um poema, em que cada palavra é um mundo de evocações e o conjunto uma síntese precisa e capitosa.

Da planura das almas leves
Das aventuras externas, seus movimentos espontâneos,
[seus apetites facilmente saciáveis,
Sonho contigo, Europa côncava, cheia de conteúdo.
Âmago, núcleo, polpa, substância,
Europa estuante de prodígios,
Bazar dos brinquedos do espírito,
Mina dos diamantes do gênio,
Hospital dos agonizantes imortais,
Fonte borbulhante de ânsias comprimidas
Do desejo voraz!
Sonho contigo, coração das sístoles imensas,
Descobertas, Leonardo, Shakespeare,
Penso em ti – Europa eriçada de problemas,
Europa acidentada de filosofias,
Europa labiríntica de abismos e de enigmas,
Europa acumulada de debates e de lutas.
Sonho contigo, ó criadora, ó tentadora, ó corruptora,
Ó aprofundadora
Da planura das almas leves!
Quero aspirar de novo o teu olor de fundo,
O teu relento longo de subterrâneo,
O teu hálito escuro de torrão pisado,
E quero ver coruscar nos meus cabelos
A tua luz de sangue jorrando das usinas de morte
E concentrada na lanterna vermelha
Da tua miséria humana.

Escrevíeis esse poema malarmaico três anos antes que a luz do sangue jorrasse de novo das usinas da morte, embebendo uma vez mais esse torrão pisado pelos séculos, mas sempre rejuvenescido pela esperança, por se haver

ali fixado, séculos antes de se lançar à conquista pacífica do mundo, o único Sangue salvador, porque derramado por Amor e não por ódio. O centro do mundo não está na Europa. Está em Jerusalém – entre o Ocidente e o Oriente, acima dos hemisférios e dos continentes, como acima dos Impérios e das Raças –, e onde se acham o berço e o túmulo do Salvador. Mas não foi em vão que de Jerusalém se estendeu, na Idade Média, a Roma, epicentro espiritual, a Paris, epicentro intelectual, a Aachen, epicentro político. Como já, pouco a pouco, se estendera à Irlanda e à Ibéria, à Britânia e à Moscóvia, à África e à América, à Ásia, às ilhas da Oceânia e agora se prepara para galgar os espaços e passar aos ares nunca dantes sobrevoados. Consciente ou subconscientemente era esse universalismo cristão que vos levava a procurar, no Velho Mundo, as fontes da sabedoria que vos envolvera desde a infância no colo de Donana, e mais tarde, entre os mestres falsos ou verdadeiros da vossa adolescência e mocidade, vos mostraria o Mediterrâneo como o centro do mundo, onde iríeis dançar a vossa "dança sobre o abismo" da vida, entre a tentação dionisíaca e a sedução apolínea como tão fortemente o exprimis nos versos, como sempre precisos e substanciais, essencialmente realistas e antisentimentais, do vosso poema autobiográfico de 1933:

Vai minha vida nas asas do perigo.
Minha vida profusa, diferente,
Com o seu povo de surpresas
Com os seus guias de sempre,
O Imprevisto e o Extraordinário.
Alegre mas arfante, sadia mas fantástica.
Minha vida, que desenho curioso,
Aberta ao arrepio da corrente,
Em abruptas arestas de contrastes!
Longe da estrada comum onde mora o Possível,
E onde o Fácil brinca triunfante com o Normal.
E sobretudo longe do vale da Paz!

O Imprevisto, o Extraordinário,
Esses filhos ricos do Destino,

A tomarem consigo e a arrebatarem
No seu louco saltar e nas suas correrias
Para um mundo de abismos.
Viver é seguir, continuar, geometria plana, linha reta.
Eu ao contrário me puseram num espaço de turbilhão,
Num sistema de prismas e de polígonos,
Num esquema de relâmpagos.
Cada minuto, cada ponto, na linha da minha existência
Pode ser um milagre ou um desastre, uma estrela ou um
[precipício.

Não será o ponto que deve ser, direito, no seu lugar,
Não será o minuto cotidiano do relógio,
O minuto que eu quisera...
É um minuto de túmidos relevos,
Ou de côncavos rebojos.
Ou erguido demais
Ou cavado bem fundo.
Ora réstia de lâmpadas divinas,
Ora hálito de pântanos imundos.

Ó minuto, eu quero parar.
Amigos meus, e meus algozes
– Imprevisto, Extraordinário...
Quero silêncio, quero norma.
Deixai-me construir a minha casa
À beira do rio Regular,
Na rua do Relativo,
Na vizinhança do Conforme,
Sobretudo à sombra da árvore plausível do que se espera.

Paris representou, então, para vós a Europa e esta o encontro com o passado. Como escrevestes no *Espírito do Nosso Tempo*: "A Europa é uma atmosfera densa, cujas camadas representam séculos. A Inglaterra é construída sobre pedras romanas. Uma rua de Paris é um rio que vem da Grécia", e mais

tarde – comentando essa frase densa de conteúdo e virtualidade, como tudo o que escreveis com o vosso estilo, ao mesmo tempo, supra-sintético e metafórico – iríeis comentar assim: "Essa frase contém matéria para trezentas páginas. Eu poderia desenvolvê-la em mil ramificações" (*in Mocidade no Rio,* p. 211). E partis daí para uma daquelas extraordinárias viagens interplanetárias do espírito através dos tempos, em que sois mestre, brincando com os sistemas, com os estilos, com as épocas históricas, com os Impérios e os grandes Espíritos da cultura universal, como um malabarista com suas espadas e suas esferas. Sois um autêntico mágico das idéias gerais, que volteiam em vossas mãos de artista, com a leveza de bolas coloridas. E a passagem dos horizontes pátrios aos horizontes universais correspondeu, precisamente, à vossa inclinação mais natural. E é sem dúvida um dos traços marcantes do vosso humanismo brasileiro.

A vossa redescoberta do Brasil não terá vindo, precisamente, desse vosso afastamento do cenário nacional? A exemplo desse estranho Lord Jim, de Joseph Conrad, tão diferente de vós, por outros motivos, não terá sido esse vosso exaltado patriotismo (que vos levou até a dizer desaforos aos vossos vizinho de mesa em repastos cosmopolitas) fruído do vosso afastamento do solo pátrio, a um tempo voluntário e compulsório? Como diz La Rochefoucauld, a distância no amor é como o vento, que apaga as velas e ateia os incêndios. O incêndio do vosso amor pelo Brasil se alastrou em função do vosso forçado e mesmo desejado cosmopolitismo. Ninguém, entre os nossos escritores, escreveu com tanto conhecimento de causa e tanto brilho sobre coisas estrangeiras como vós. Nem Eduardo Prado, nem Nabuco. Nem os modernos, a partir desse magnífico Antônio de Alcântara Machado. Mas ninguém, por outro lado, permaneceu tão fielmente ligado à sua terra e à sua gente, como vós, Sr. Gilberto Amado, que nos momentos mais solenes de vossa vida de embaixador tínheis o pensamento preso às vossas reminiscências de itaporanguense...

Passastes, em pouco tempo, de Paris a Nova Iorque, do deslumbramento cultural da Velha Europa aos misteres profissionais de representante permanente do Brasil, desde 1948, na Comissão de Direito Internacional das Nações Unidas. Começou então o vosso trabalho silencioso por esse ideal de intercomunicação internacional e de paz universal que havíeis delineado nos escritos proféticos de vossa juventude. Nova Iorque, a quinta etapa de vosso

périplo universalista, não seria para vós um reencontro com esse passado de que vos havíeis embebido, intelectualmente, pelo deboche de leituras da vossa mocidade estudiosa, no Recife?

Nova Iorque, com todo o seu encanto cosmopolita, que Paul Morand tão bem fixou, em nada mudou a vossa discreta aversão pela civilização norte-americana, onde ouvis, sobretudo, "o rumor universal das máquinas de escrever". Não seria indiscreto ao dizer que não sois dos mais entusiastas de uma civilização, em que a máquina ao que dizem superou o homem. "A máquina me fecha a alma" (*Depois da Política*, p. 176).

Mas, ao mesmo tempo, vindes desenvolvendo, no palácio das Nações Unidas, um esforço formidável mas invisível, no sentido dessa intercomunicação entre as nações e dessa barreira contra as soluções primárias, instintivas e violentas dos problemas universais, na simplória ilusão de que a Força resolveria o que só o Amor e a Inteligência podem resolver.

E talvez por isso é que a última etapa do vosso périplo universal não é Nova Iorque e sim Genebra. Por que Genebra?

Por ser, penso eu, a cidade *eqüidistante*. Não é do Oriente nem do Ocidente. Não é do Norte nem do Sul. Não é da montanha nem do oceano. Não é de elites nem de massas. Não é aristocrática, nem democrática. Não é do Velho nem do Novo Mundo. É à cidade disto e daquilo. É a Pátria de todos os patriotas expatriados. É a terra de Calvino e de S. Francisco de Sales. Nos seus cafés Amiel viveu todas as inquietações do mais intenso subjetivismo individualista, como Lenin preparou a mais implacável das revoluções tecnocráticas e totalitárias. "É a cidade que no mundo, proporcionalmente, abriga o maior número de estrangeiros", como vós mesmo o dizeis; o centro de uma nacionalidade eqüidistante de todos os imperialismos, da cultura ou da política, que "acolhe todo o mundo é não se dá a ninguém", ainda em uma dessas vossas sínteses impecáveis, que florescem em vossas obras como os nenúfares nas águas sombreadas. É, acima de tudo, a cidade à beira-lago, onde – "assim como as ruas, cada trecho de margem do lago nos conta histórias, nos fala de Napoleão, de Byron, de Chateaubriand", ainda em vossa própria expressão. Foi ali que em 1912, na primavera de vossas peregrinações européias, ouvistes pela vez primeira cantar o rouxinol. E o dueto com a patativa nunca mais cessou em vosso coração. Pois ainda foi dessa cidade ilustre – em

que as vozes contraditórias de Rousseau e de Voltaire entoaram o dueto da Razão e do Coração, no século XVIII – que há dias recebi a mais recente de vossas missivas. Genebra, a eqüidistante, é o pique onde ides sempre repousar do pega-pega da vida agitada. Como a Beleza baudelairiana, ela pode exclamar: *je hais le mouvement qui déplace les lignes*. Justamente por ser o oposto, a contradição, o antípoda de vossa contínua gesticulação intelectual e movimentação social, é que representa para vós o repouso, o silêncio e a solidão. E assim como é na poeira, na lama e na miséria de Itaporanga, isto é, no terreno da vossa infância, que ides renovar, como Anteu, ao menos pela memória, a vossa juventude de espírito, é no solo cosmopolita da cidade sem confusão e sem miséria, à beira do plácido Leman, que ides repousar de vossas lides universalistas e pensar no Brasil.

Genebra é o pouso final do vosso itinerário dinâmico que percorremos a vôo de pássaro, de Estância e Itaporanga, a Recife, ao Rio, a Paris, a Nova Iorque, até à beira do lago em que dialogam as sombras dos grandes conquistadores da História. Fostes, ao longo de vossa longa vida, levar a eles a saudação do Novo Mundo, tanto o menino pescador de guaiamuns de Itaporanga sobrevive no cidadão do mundo que hoje aqui acolhemos, com meio século de atraso.

Contastes, na história de vossa infância, o caso do riacho Xinduba que banha o sítio onde íeis, em menino, plantar mandioca sutinga, ver o suco suar no tipiti, apanhar lagartixa com talo de folha de coqueiro, surpreender o guaxinim e o quati. O Xinduba era o riacho da zona. Mas só mesmo a vossa palavra mágica pode evocar a história do rio Xinduba, no sítio do Laranjal.

> Riacho entrando na mata é espetáculo digno da atenção de menino. A mata, goela grande, devora o riachinho como um bicho fabuloso nas estampas devora cobras. Na mata tudo reboa; um saltar de insetos estrala como mexer de cadeira em nave de catedral. O riachinho entra na mata, perde-se, coitado, extravasa, anda ainda um pouco porque o sol continua dentro dos ramos, mas a obscuridade chega, ele entontece, cambaleia, deita-se por ali. Torna-se lama. Cadê o riacho? Já desapareceu, coberto de folhas secas; morreu o riachinho. Mas o Xinduba não era desses; furava a mata, botava a cabeça lá fora, espian-

> do de baixo da carapaça dos ramos entrançados, dos troncos e dos arbustos; escapava, largava a correr. O Vaza-Barris o estava esperando (*in História da Minha Infância*, p. 104).

Sois o Xinduba vivo desse sítio do Laranjal. Não permitistes jamais que a goela do mato vos tragasse. Por mais que ficasse gravada sempre, em vossas águas claras da infância, a imagem do vosso berço, abristes caminho através das matas mais entrançadas e obscuras até alcançar o Vaza-Barris da cultura que vos levou aos oceanos do mundo. E hoje aqui se defrontam o Carioca das Laranjeiras e o Xinduba do Laranjal...

Sede bem-vindo, Sr. Gilberto Amado, a esta Casa de mais universal dos nossos escritores. Aqui vos sentireis perfeitamente à vontade, porque sois também vós um mapa-múndi.

Discurso do
SR. ADONIAS FILHO

e

Resposta do
SR. JORGE AMADO

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 28 de abril de 1965*

# I

# DISCURSO DO SR. ADONIAS FILHO

O encontro que a Academia permite, fora da contemporaneidade, explica o que possa ser o mistério das aproximações entre certos homens. Em suas gerações distantes, ultrapassando os problemas imediatos, suprimem todas as diferenças impostas pelo tempo para que subsistam as afinidades no sentido de percepção para com os extremos valores da vida. E, já iguais pela vocação, robustecem o grande encontro na exploração da mesma temática e na reivindicação das gerações. Esse encontro, se capaz de explicar a compreensão crítica – como na exegese de Dante feita por T.S. Eliot, como no reconhecimento de Pascal, feito por François Mauriac –, assegura que os escritores se congregam em torno de motivos permanentes. Dir-se-ia o caminho interior por onde passam, confirmando que há força na tradição dos próprios valores que estabelecem as aproximações.

O levantamento desses valores poderia ocupar a historiografia literária. Mas, dentre eles, que atestam o trabalho intelectual como um ato público – e, por sua duração, o mais público de todos os atos –, talvez nenhum outro ultrapasse esse que, à sombra da Cadeira 21, estabelece o mais singular de todos os encontros. Refiro-me à liberdade, sua colocação como uma constante, sempre a exigi-la os meus antecessores. Essa mesma liberdade que, no centro de todos os graves problemas do mundo, se associa de tal modo ao que somos que é a única a nos marcar como homens. Não vale agora, nesta oportunidade, justificá-la para nos definir. Tudo o que importa é lembrar: ela

estabeleceu o encontro e, estabelecendo-o pelas aproximações literárias, como que armou na praça acadêmica um reduto de fermentação revolucionária.

Os escritores deste reduto, e porque nela acreditaram, é que escritores foram. Acreditaram na liberdade – sem a qual o homem já não é a pessoa – e, por que a exerciam para defendê-la, reafirmaram seu estranho poder através da palavra. Documentaram-na, na oratória ou na Poesia, a palavra a serviço da criatura humana, de seus direitos inatos, protegida contra a opressão. Essa palavra, convidando ao diálogo ou provocando o debate, estabelecendo a dialética ou impondo a catequese, se dispõe de projeção histórica, foi precisamente porque correspondeu à ação no sentido de um veículo que interferiu para a reforma e a mudança. A crença na palavra, da tribuna ou em livro, sempre a base interior de todas as revoluções intelectuais, explica o nosso encontro, sobretudo o meu encontro com os acadêmicos da Cadeira 21. Colocou-se, em seu começo, contra escravidão.

Há na liberdade, no fundo mais fundo de seus componentes, o espaço metafísico que, da inquirição socrática à sondagem dostoeivskiana, associa sua presença ao próprio destino do homem. Os conflitos maiores e as crises profundas, enraizados em nós mesmos, provam que a ela pertencem as soluções. O processo social, em efervescência imediata, demonstra que a História se configura em sua busca. Motivação de vida histórica no plano individual ou coletivo –, sua defesa, essa defesa da liberdade, foi confiada à inteligência. E, como exemplo dessa aliança, que direi orgânica, entre o intelectual e a liberdade, responsável pelo nosso encontro na Cadeira 21, temos em gerações sucessivas a coerência da mesma mensagem. A liberdade, para nossa Cadeira, é mais que uma temática porque surge como uma determinação.

Observarei, porém, e o faço afirmando um compromisso que agora é meu em sua tradição, observarei que o escritor vem para a Academia à sombra da obra. A aceitação dessa obra, pelo reconhecimento crítico e a incorporação ao acervo comum, prova – como no caso dos escritores da Cadeira 21 – que a Academia, também participante, não anula o seu conteúdo revolucionário. É a própria mensagem que se valoriza, tornando- se clássica, mais poderosa no contato com a duração acadêmica. A nossa mensagem, essa permanente reivindicação da liberdade em estado de luta ou em manifestação teórica, esse reconhecimento da liberdade como condição social indispensável à vida, tanto

nos pertence – em conseqüência – como à Academia. O espírito acadêmico, democrático na escolha dos seus membros e na imparcialidade de todos os seus debates, se reflete a sabedoria é precisamente porque adota a liberdade como norma. A Cadeira 21, como se verifica, não subsiste como uma ilha.

Mas, assim integrada no comportamento acadêmico – um comportamento ativo em função da própria liberdade que permite a vocação criadora –, um comportamento revolucionário ao preservar a obra inovadora e reformadora que caracteriza a cultura – a Cadeira 21 se amplia, quase uma frente de guerra, em sua intransigência na defesa da liberdade. Eu diria, sem exagero, que a aprendizagem da liberdade nela se faria não fosse a liberdade nascida com o homem. Há nomes e episódios, porém, situações e acontecimentos, equivale dizer que História existe neste reduto.

E História que se inicia com o Patrono, Joaquim Serra, seu protesto e sua campanha contra a escravidão mostrando que a liberdade e o humanismo se fundem como se uma estivesse a mover o outro. A formação humanista, permitindo uma exata compreensão porque resultante do poder conclusivo, robustecendo-se em sua base erudita que significa saber, já denuncia a liberdade como a própria matriz. E o humanista, em seus recursos psicológicos, em seu conhecimento objetivo, em seu interesse pela educação que corresponde ao exame dos valores humanos, não tinha como omitir-se. É o filósofo em plena verdade, sua palavra subindo ao povo para dizer que fora da liberdade todos os resultados são condenáveis.

Não há progresso ou organização econômica, riqueza ou desenvolvimento, que se possam justificar com o trabalho escravo. A convicção se transforma em uma causa, o filósofo usa a tribuna, em serviço e sua palavra de escritor. A origem, porém, não está na escravidão como um processo – a origem, que atinge o escravidão e qualquer forma de opressão econômica e política, está na liberdade como uma problemática. O homem nasce senhor de si mesmo, livre em sua consciência e seu trabalho, nessa liberdade todo o direito, toda a ordem, toda a justiça, a segurança inteira da sociedade. A liberdade, para Joaquim Serra, é a origem. A escravidão é o motivo. O humanista, e tão humanista quanto os pensadores da sua Província – Odorico Mendes ou João Francisco Lisboa –, como que estrutura a base de uma revolução, a revolução abolicionista.

Temos de admitir, porém, que Joaquim Serra não se isola, inspirando-se no humanismo erudito, para expandir e fortalecer o Abolicionismo. Está ouvindo o povo, conhece as suas manifestações, sabe que o escravismo é movimento em sua temática oral. As personagens escravas protestam, documentando a violência social, nos autos populares e anônimos. Os contos populares, com exemplo no ciclo do martírio, mostram a ignomínia. O estado de revolta, esse abolicionismo que proclama em sua consciência de escritor, ele sabe que é um comportamento coletivo e prova-o a criação popular em sua expressão oral. Os produtos culturais que o conformam, gerando no complexo social a própria personalidade nacional, demonstram que o povo já dispõe de vocação democrática e que a liberdade – como diriam os psicólogos sociais – é parte do seu instinto e do seu caráter. Joaquim Serra, porém, começava a revelar a determinação da Cadeira 21 como um reduto da liberdade.

O patrono pouco antecede o fundador, seu contemporâneo, a linha ideológica na mesma órbita de ação. Em Joaquim Serra, que apreende a vocação popular na luta abolicionista e a situa como uma destinação democrática, o espaço é mais teórico e por isso mesmo mais analítico, lógico e conclusivo. Em José do Patrocínio, em sua voz a própria fala do povo, há força oratória o poder do diálogo. Não é um romântico, um sensibilista a convencer passionalmente, que denuncia a escravidão pela brutalidade intrínseca, a mais estúpida violência do ser humano contra o ser humano. Um agente da liberdade, sim, também um agente da liberdade como Joaquim Serra. Mas, em José do Patrocínio, essa crença na liberdade – sem a qual o homem se deforma na imagem legítima – adquire corpo, salta para fora, há uma exigência irremovível.

A liberdade pede luta, e luta permanente, como a própria vida, para permanecer. O exemplo de como lutar, essa obstinação que já é resistência, está em José do Patrocínio. É um ativista que associa à palavra – à palavra que é a base da própria ação – a liderança no sentido de identificação com a vontade coletiva. Explica-se, nele, o líder. O povo está nele, em todas as reações públicas, está sobretudo nele quando reclama a liberdade como uma condição tão humana quanto social. Seu protesto, em conseqüência, é o de um intérprete que reflete – à sombra ainda dos produtos culturais brasileiros – a consciência de um País que sabe não ser possível civilizar-se contra a liberdade. Em José do Patrocínio, e mais que a vocação coletiva em um comportamento

individual, como que se encarna a compreensão exata do Abolicionismo. A configuração, em verdade, não pode ser outra: o abolicionismo, ao vingar como campanha e vencer como tese, gera conseqüências precisamente porque afirma a nossa destinação democrática.

As conseqüências políticas são decisivas. A reformulação republicana, por este lado, não permite dúvida. É na órbita cultural, porém – e não temos como esquecer os intelectuais que foram seus agentes como o patrono e o fundador da Cadeira 21 –, é na órbita cultural que a liberdade se robustece, consolidando-se como uma das causas e a principal referência da nossa inteligência criadora. O mundo brasileiro, apesar de toda a motivação já aproveitada, oferece-se como complexo material artístico. Literários, no sentido de humanidade para a novelistícia e a dramaturgia, são os seus problemas sociais e humanos. Plásticos, no sentido de uma expressão nativa, a sua Natureza e os seus cenários. A Arte, a nossa Arte, satisfeito o sentimento da liberdade, debruçar-se-ia sobre ele para convertê-lo em conteúdo e forma. A liberdade, social e politicamente assegurada, responsável pela democratização jurídica e racial, também permite a caracterização artística em função do complexo cultural brasileiro com base nas constantes literárias e nos movimentos temáticos.

O uso da liberdade, permitindo o encontro do escritor com o povo, assegurando a receptividade ao escritor, não provoca apenas a expansão da inteligência criadora. Robustece por dentro os produtos culturais, é seu trânsito que se processa, a efervescência se fazendo principalmente na conformação das constantes literárias. E, dentre essas constantes, não temos como ignorar a sensibilidade crítica e a vocação lírica. A manifestação crítica, assim identificada como um resultado do nosso complexo cultural e na dependência da liberdade, ampliar-se-á no reconhecimento mesmo de nossa Literatura. A manifestação lírica, enraizada no cancioneiro popular, permitirá que a experiência poética – apesar das escolas e do artesanato – se renove através da linguagem e da imagem.

A liberdade está por baixo com uma espécie de subsolo. E, se o ensaísmo crítico pode situar-se em Mário de Alencar – também ele a compreender o Abolicionismo em todas as conseqüências culturais –, se o lirismo poético pode ilustrar-se com Olegário Mariano – ambos na Cadeira 21 –, é certo que a liberdade como que se personaliza, tornando-se exemplo, em Álvaro

Moreyra. Um conceito de liberdade, quase diria frente à figura extraordinária, é realmente um conceito de liberdade que se ergue com sua vida, lição de convivência de um homem para com os outros. O testemunho não é apenas meu. É sobretudo vosso, senhores acadêmicos, todos nós a conservarmos a imagem singular que a inteligência nos conflitos e nas crises interiores não comprometeu em seu amor pela humanidade e o mundo.

A biografia exterior, e fosse indispensável reanimá-la, surgiria nas confissões – as lembranças em sua própria palavra – que escreveu como a acordar "os sentimentos das horas passadas junto dos semelhantes". Essas reminiscências, não as amargas, colaboram para o conhecimento do escritor como o documento que não pôde ocultar. Essa biografia à luz, em verdade, não me interessa. Interessa-me a biografia íntima, sua fixação psicológica, o que em Álvaro Moreyra responde por nosso encontro, nós, os acadêmicos da Cadeira 21. É a liberdade, sabemos, que este encontro permite.

E, mais que uma fórmula jurídica ou uma tese filosófica, mais que um fato histórico ou uma determinação social, a liberdade é um comportamento. É tudo isso precisamente porque é o comportamento a salvar, na vida de um homem, a própria existência coletiva. O fundo evangélico da liberdade, responsável pela inquirição dostoievskiana, individualiza-se nessa pessoa que limita a presença ao espaço necessário, sem ambição, sem orgulho, sem ódio. Essa liberdade que chamarei existencial traduzir-se-á, em conseqüência da humanidade e da bondade que a revestem, numa espécie de prática quotidiana. Ela é que o faz escutar, escutar para compreender, sempre longe de qualquer julgamento. A colocação de Romano Guardini, por coincidência em torno de uma personagem dostoievskiana, esclarece: "Ele escuta, ele distingue exatamente o justo do injusto, mas ele não julga."

Extraordinário, porém, e nesse homem que tudo respeita – e conhece sobretudo os sofrimentos e as paixões –, extraordinário é que escolhe o melhor de todos os caminhos. Poderia ter sido o ensaísta, mesmo o ensaísta político, mas seria não evitar a polêmica. E poderia ter sido o crítico, o crítico literário com poder de auscultação, mas seria discutir e negar para não trair sua própria verdade. Ficcionista poderia ter sido ainda, e prova-o sua experiência no teatro, mas seria encarnar-se na personagem aceitando seu crime e provocando o drama. Escolhe, porém, o melhor dos caminhos – o que orga-

nicamente ele é – e poeta permanecerá em todos os lugares, o lírico no prosador, contemplativa a visão das coisas e da vida.

Debruça-se sobre o mundo, todos os sentidos captando enquanto a inteligência transfigura – a bruma, a luz, as rosas, o circo –, e percebe-se que Álvaro Moreyra reinventa na descoberta. Recriando a realidade, como se buscasse "o outro lado da vida", é necessário que se saiba que evita a tragédia. "O dia nos olhos", sim, não o lado noturno, opressivo, cego. Quer fazê-lo e o faz porque movimenta sua própria liberdade, afirmando-a, componente da inteligência como uma função. O lado de sombras, "as amargas", ele conta. É preciso vê-lo nessa escolha, mobilizando o tema e a linguagem, o artesanato e a expressão, alimentando-se de alegria e tranqüilidade que apenas a liberdade interior permite.

A liberdade em conseqüência, decide o poeta. E, enquanto a experiência poética se processa, estabelecendo o roteiro que vingará, entremostrando não ser possível manter-se em seu próprio tempo que – para ele – já está superado. Estamos no começo do século, a primeira guerra não eclodiu ainda, muito longe a grande renovação literária no sentido da reformulação técnica ficcional e da reforma na própria estrutura da Poesia. O mundo brasileiro, e conseqüência talvez do abolicionismo, deixa que os elementos culturais trabalhem gerando condições para uma das suas maiores revoluções artísticas. Essa fermentação encoberta, assim escafândrica, dispõe de alguns agentes ostensivos. Entre eles o poeta Álvaro Moreyra.

O precursor, eu diria, não fosse o participante que antecedia. O Modernismo, que se explicará como uma conseqüência do complexo cultural brasileiro, teve a sua vanguarda. E nessa vanguarda, já conta os cânones e as fórmulas, o poeta a compreender que – em conseqüência da própria evolução – a nossa Literatura não tardaria a se renovar no sentido da libertação. Essa exigência – libertar-se principalmente na área lingüística incorporando literariamente a melhor fala do povo –, para Álvaro Moreyra, se tornava fácil. O artesão trabalha seu verso de poeta como a expressão nativista. E, partindo desse trabalho, movendo aquela expressão, promove o gênero – a crônica – que o situa como figura maior na História da Literatura Brasileira.

A crônica, na construção que realiza, absorvendo constantes literárias brasileiras, numa associação de lirismo e documentário, e refletindo o que é

nele o estilo – pessoal, inconfundível, incensurável –, converte-se em prova: a prova decisiva da própria liberdade que vive. O direito é seu de transformá-la na arquitetura e no conteúdo reanimando o episódio imediato, integrando-a pelo interesse público no Jornalismo. Não desejo exagerar, mas a verdade não quero trair. E asseguro que, se a imprensa hoje não a dispensa, se como gênero literário é um dos mais populares, seria injusto ignorar Álvaro Moreyra como o pioneiro.

O escritor, sem atritos e sem debates – atento sempre à liberdade que é sua precisamente porque a respeita em todos –, não força as conquistas. Executa em sua própria obra o que tem a defender. Com o Modernismo, e nós observamos, há um encontro. E, ao enriquecer o Jornalismo com a crônica, transferindo para a imprensa um dos círculos da Literatura, não oferece outro argumento senão o exemplo do seu trabalho. Não é um teórico, um professor, um apóstolo. É apenas um escritor em extrema humildade. E, nessa humildade, verificando a arena em que se convertem a Arte e a Cultura, é o único a não desejar convencer. O inconformismo, se o manifesta, é porque inova, abrindo precursos, acima dos desafios.

A autenticidade de sua obra está nessa afirmação – sabe que a Arte é nobre demais para ser empenhada em qualquer espécie de luta. Não provoca, em conseqüência, o reconhecimento crítico. O êxito do Modernismo e a popularidade da crônica demonstram que o reconhecimento crítico surge espontaneamente como uma conseqüência daquela afirmação. Esse resultado, que corresponde a uma adesão, implica ainda a vitória pela liberdade. Mas, se a liberdade pôde permitir a concorrência, se pôde estabelecer o triunfo da obra literária sôbre os manifestos, se pôde situar a aceitação de uma posição estética, não anulou em Álvaro Moreyra a contribuição revolucionária. É a própria liberdade, no círculo artístico – em função do poder inovador e renovador da inteligência –, que gera a revolução estética.

Não surpreende, em conseqüência, que o poeta e o escritor – já agora no ciclo modernista –, e valendo-se do clima da própria revolução literária, não surpreende que se detenha sobre a renovação mesma do Teatro brasileiro. O "Teatro de brinquedo", por este lado, corresponde a uma fase – e fase revolucionária – porque interfere na grande mudança. Fosse necessário justificar e diria que, movimento sobretudo de autonomia lingüística, o Modernis-

mo encontrou em Álvaro Moreyra o responsável pelo entrosamento do Teatro à nossa fala. Não será difícil verificar que, na dependência da autonomia lingüística, e apenas quando esta triunfa com a experiência poética, é que o Teatro irrompe para a renovação. Transformar-se-á, porém, o "Teatro de brinquedo" – e já então à sombra da renovação novelística – na "Companhia de Arte Dramática".

A preocupação pelo teatro, em Álvaro Moreyra, não se limita à revisão da dramaturgia para a atualização cênica. É certo que os movimentos posteriores, todos canalizados em função de um Teatro brasileiro, se originaram das duas experiências. Mas, ao entregar-se ao Teatro como um animador – herdando talvez a paixão de João Moreyra da Silva, seu pai um autor teatral –, entende o gênero literário que se funde com o povo no próprio espetáculo. A receptividade, pela participação, é direta e imediata. E nessa receptividade, que corresponde à convivência do escritor, do intérprete e do público, o que vinga é a liberdade, a grande liberdade que se processa na encarnação da personagem pelo ator e no encontro, pelo ator, da personagem com o público.

Esse estado interior da liberdade, componente da criação literária, mais se reflete – e Álvaro Moreyra o sabia por experiência – na tessitura ficcional, novelística ou dramatúrgica. O pedido da liberdade se manifesta em qualquer personagem precisamente porque é o lado mais humano no homem. No Teatro, em conseqüência da representação, traduzir-se-á em um conflito – o conflito pela liberdade mesma – quando se encontram a personalidade da personagem e a personalidade do seu intérprete. É no fundo da criação literária, em conseqüência, que a liberdade se reclama como uma força imensurável. Sabe o romancista que a criatura ficcional, ao adquirir vida para mover um destino, ao ingressar como símbolo ou figura da condição, já exterioriza a liberdade em seus atos. A liberdade, porém, prova mais que a humanidade na personagem. Prova que a personagem também é um ser nascido e a liberdade – em seu caráter e sua imagem – é que confere a presença humana. Esse comportamento, que assim se revela em nosso trabalho; essa liberdade, que volta a nós pela nossa personagem – e acabamos de ver – marca a Cadeira 21.

Esta a minha Cadeira. Os escritores que a ocuparam, de Joaquim Serra a Álvaro Moreyra, firmando a liberdade como sua tradição, não me impuseram um compromisso. Quis o destino que também a ocupasse um romancis-

ta, um romancista e um crítico literário, que, jurando respeito à liberdade, sabe que na liberdade se contém a própria inteligência como função intelectual. Obrigam-me, todos os meus antecessores, a esta definição.

E, definindo-me – quando os reencontro à sombra da definição –, já agora como escritor do meu tempo, não posso evitar o que exigem no fundo mesmo da sua obra. Exigem a luta contra a censura ideológica, contra o comando do partido único nas artes e nas ciências, contra o bloqueio cultural – que tentei estudar em um dos meus livros – ainda hoje oprimindo povos e humilhando o homem. Fossem eles a falar, Joaquim Serra ou José do Patrocínio, e o protesto seria o mesmo, sobretudo ele. Joaquim Serra, que, no testemunho de Machado de Assis, ajudou o País "a soletrar a liberdade". Homens e escritores, como eles permitiram que nós, os que chegamos depois, encontrássemos a liberdade não como uma tese, um debate ou uma reivindicação. O legado era a liberdade como uma vivência. E quero, já agora em depoimento pessoal, ampliando um dos lados do discurso de Jorge Amado – meu amigo da infância, meu companheiro de ofício, meu colega de Academia, meu irmão pelo sangue da terra –, quero dizer que a vida me foi nobre, desde o primeiro dia, precisamente porque encontrei a liberdade como um bem comum. Ela, a liberdade que não precisei desejar porque já era um estado da vida, responde mais que eu próprio pelos romances que escrevi.

Seria imperdoável não mover o tempo, fazendo-o recuar, retomando o passado como a demonstrar que a infância não morre. O menino está deitado na terra, sombras na roça de cacau, os homens cortam os frutos. O agreste de Ilhéus, Itabuna e Itajuípe, em todas as aventuras do povo do sul da Bahia, chega pelas vozes que narram. Heróis que se isolam, o sangue escorre na fala, o menino escuta. A saga é violenta, guerra e ódio, também piedade e amor, a carga humana pesa como o chão de árvores. Ouviu, o menino ouviu. E quando o romancista se debruça para escrever – sem reinventar a fábula regional, sem trair as vozes, sem esquecer as figuras – é o menino quem na verdade escreve. Esses livros, porém, tempo imóvel em minha vida, não se fariam em um País sem liberdade. O censor ideológico silenciaria as vozes, perdida estaria a matéria ficcional, sepulto o escritor em sua solidão. A liberdade, porém, aquela mesma liberdade de Joaquim Serra, plantada estava quando o menino escutou deitado na terra.

Em todos os dias, meio século de vida esgotando a minha experiência de testemunho – por assim dizer todas as esperanças e quase todos os valores –, o acervo se restringiu ao mínimo. O escritor discutiu muito em seus monólogos de leitor profissional. A responsabilidade crítica o deteve sobre os movimentos filosóficos e as escolas estéticas. As teorias e as interpretações, as inquirições e as especulações – em período de idéias controvertida, de análises subjetivas, de dialéticas agressivas – não eliminaram a observação. O fanatismo ideológico, responsável por guerras e revoluções, responsável sobretudo pela volta da brutalidade totalitária, não destruiu a confiança do homem. E, quando não pôde medir os resultados e as conseqüências, a conclusão que se impôs não se alienava frente aos problemas do mundo: a liberdade, como uma função no comportamento humano e em seu uso político no processo democrático, manteve-se como o valor decisivo.

Essa liberdade, que tanto preocupava o escritor em suas relações com a receptividade, ele a reencontraria – menos como uma motivação e mais como um elemento –, mas ele a reencontraria na Cadeira 21. Sei agora que, entre nós, não há distância ou conflito, debate ou crise. A sombra que vem por cima nos abriga a todos. Uma dádiva de Deus, que agradeço, esta de pertencer à Cadeira 21, a Cadeira da liberdade.

# II

# RESPOSTA DO SR. JORGE AMADO

Chego diretamente da Bahia para aqui vos dar as boas-vindas neste momento em que tomais posse de vossa Cadeira na Academia Brasileira, onde vossa falta já se fazia sentir. Posso dizer que chego quase diretamente da região do cacau, de cidades que nós assistimos crescer, a algumas delas assitimos nascer, como, por exemplo a cidade de Itajuípe, erguida Pirangi, nas proximidades de Sequeiro do Espinho, na época das grandes lutas, nascida na fumaça do clavinote de Brasilino José dos Santos, compadre Brás. Chego das ruas de Ilhéus onde éramos meninos há menos de meio século. Meninos de Ilhéus, e é nessa condição que antes de tudo vos saúdo, com alegria e amizade fraternal, em nome dessa gente grapiúna de quem sois orgulho e glória. Trazeis sua marca poderosa e engrandecestes a civilização por eles criada, a cultura nascida da lavoura de cacau e da saga de sangue e morte na manhã da conquista.

Levastes mais além do progresso material e da existência geográfica essa região e essa gente grapiúnas. Hoje a paisagem e o homem de cacau ganharam a imortalidade, não porque, com justiça e em tempo, vos foi dado vestir esse fardão acadêmico, empunhar essa espada de ouro. Mas, porque essa paisagem e esse homem grapiúnas viverão enquanto viver a língua portuguesa, imortais nas páginas de vossa alta Literatura, dos romances que construístes com o sangue e a carne dessa gente, com suas matas de cacaueiros, seus rios, seus montes, sua força de viver. Grandes romances e definitivos não apenas nos limites de uma Literatura baiana ou brasileira, mas da novelística contemporâ-

nea *tout court*. Ainda há poucos dias o intelectual alemão Curt Mayer-Clason, vosso e meu tradutor, me escrevia, num lúcido entusiasmo por vossa Literatura e a propósito da próxima publicação em língua alemã do *Corpo Vivo*, ser esse vosso romance "grande em qualquer língua e em qualquer Literatura". Eis que o menino de Ilhéus, de infância solta nos cacauais, atravessa com seus livros as fronteiras do Brasil e da língua portuguesa, leva o gosto dessa terra e de sua humanidade bravia pelo mundo afora, e outras gentes, no outro lado do mar e das montanhas, saberão de nós e de vossa verdade.

Que diriam os coronéis de cacau. Sr. Adonias Filho, aqueles que matavam e morreram para plantar a terra, ao ver-nos aqui, a vós e a mim, com tão estranho fardamento, membros da Academia Brasileira? Os seus meninos, que eles desejavam doutores, médicos, advogados ou engenheiros, sugaram ao nascer os seios da violência desatada, da indômita coragem e da vida vivida enfrentando a morte; assim cresceram mais do que eles pediram e esperaram, e, em vez de bacharéis, foram escritores, criadores de vida. E somos apenas dois entre os muitos escritores de cacau, a eles nos referimos mais adiante.

Ainda guardo nos ouvidos o som das cavalhadas partindo à noite das fazendas para as expedições punitivas; ainda vejo diante de mim o grande negro José Nique, derrubado morto no chão como uma árvore da floresta, haviam-no abatido a machado. Vejo, numa pensão de Ilhéus, os tiros vindos da rua derrubarem um coronel do cacau e da repetição, que almoçava sereno duas mesas adiante daquela onde eu me sentava em companhia de colegas, jovens estudantes de ginásio. Recordo e me revejo menino de calças curtas a brincar na Praça do Hotel Coelho em Ilhéus, quando um adolescente apareceu; era meu primo Alvinho, ia correndo pela rua, a arma na mão, avisando-me: "Depressa para casa que o tiroteio vai começar." Já começara numa rua de canto, alguém ficara estirado no chão pobre do mísero prostíbulo e outro homem era caçado como rato. As mulheres dormiam com a repetição do lado do travesseiro, os homens entravam pela floresta abrindo as clareiras, medindo a terra, plantando suas marcas de posse, em geral cruzes sem nome, covas de jagunços mortos nas tocaias ou nos encontros. Nos júris, a voz dos grandes tribunos ressoava, e um deles se chamou João Mangabeira; ali, em meio àquele sangue e àquele destemor, o mestre constitucionalista iniciou seu caminho de luta pelas liberdades e pelos direitos dos homens.

Volto os olhos para os dias de infância e vejo os coronéis do cacau à frente dos cabras partindo para derrubar a mata e plantar a lavoura nova. Foi violenta e bela essa saga de machos, essa conquista da terra. Lá vão os coronéis, vejo entre eles a Adonias Aguiar, a João Amado de Faria. Construíram um País e uma cultura, seu sangue floresce em campos e cidades, em escolas e academias, floresce também em livros, em poemas, em contos, em romances.

As vossas raízes, Sr. Adonias Filho, crescem nessa terra de tão generoso estrume, sois nascido dessa valentia, dessa braveza, dessa dureza de vida, alimentado com essas cores e esses perfumes da selva e das roças de cacau, com essa coragem de enfrentar o desconhecido para construir o futuro, de colocar a vida como prêmio da paixão de criar, de transformar o homem. Sendo um romancista do homem e de sua paixão, sois ao mesmo tempo um romancista do homem grapiúna, do homem do cacau. Se bem vossa matéria-prima no trabalho de criação seja o sentimento íntimo do homem, sua intrínseca verdade, seu medo, sua coragem, seu ódio, seu amor, sua vingança, sua solidão nem por isso deixais de ser daquela paisagem, daquele pegajoso mel do cacau daquele homem que é assim porque ali nasceu e vive. Outro perfume teriam vossos romances, outra cor, uma poesia diversa, senão houvesse ali nascido e nascido, ao demais, quando a conquista se concluía. Quando ainda soavam os tiros e caíam os homens nas tocaias.

Da epopéia da conquista da terra surgiu a civilização do cacau e surgiu uma Literatura de cacau, com suas características próprias, com sua marca inconfundível, sua própria verdade. Para evitar qualquer mal-entendido quero de logo afirmar que só me considero importante na criação dessa ficção grapiúna até onde é importante quem coloca a primeira pedra, o primeiro a abrir uma picada que outros transformariam em estrada ampla. Coube-me começar. Viriam depois os escritores como vós, Sr. Adomias Filho, a dar uma dimensão universal e uma garantia de permanência a essas Letras nossas, com a densa estrutura e a forma magnífica de vossos romances.

Creio que aqui vos saúdo também em nome desses escritores do cacau que vos consideram mestre de nossa Literatura grapiúna como eu vos considero. Participam eles desta festa de hoje, também a sua festa pois é a consagração da Literatura do cacau, daquela criada por vós e da que nós criamos, eles e eu. São nossos companheiros de ofício e de criação, filhos do mesmo

solo, sofrido, e vale citar os seus nomes desta tribuna, ligando-os ao vosso nome, pois a Literatura por eles construída nasce da mesma realidade e da mesma ânsia que a vossa.

O romancista James Amado, conseguindo em seu belo e denso *Chamado do Mar* o difícil equilíbrio entre o conteúdo social e a forma quase torturada. O contista Jorge Medauar, nascido poeta em Urussuca, quando Urussuca era Águia Preta, realizado romancista em São Paulo. Do cacau e de sua gente, e sobretudo dos grapiúnas de sangue árabe, são os seus contos admiráveis, entre os quais algumas verdadeira obra-primas, dignas da mais escolhida antologia do conto brasileiro. O romancista Emo Duarte, do cais de Ilhéus e da inquietação dos jovens a ouvirem os poderosos apelos de nosso dramático tempo, dramático e belo, terrível e fecundo. O contista Hélio Pólvora, de Itabuna, com seus retalhos de vida, sua poesia, a atmosfera de infância de seus contos, sua agudeza. Elvira Foeppel, contista e romancista, abrindo novos caminhos num e noutro gênero. Para citar apenas aqueles cujos livros publicados tornaram os seus nomes conhecidos e cuja presença na Literatura brasileira é indiscutível. Vários outros, porém, lá por exemplo, Zadala Maron, cujo nome cito para nele saudar todos os demais jovens trabalhadores das Letras do Sul do Estado da Bahia.

Mas não apenas floresceu a novelística, também os demais gêneros literários, inclusive a pura flor da Poesia, a rara flor da grande Poesia. Quando nesta noite aqui se exaltam os faustos do cacau, como esquecer o nome de seu poeta, o grande poeta brasileiro Sosígenes Costa? Muitos outros nomes deveria eu lembrar para dar medida justa do que vai acontecendo nessas terras grapiúnas como fermentação de idéias, como trabalho intelectual, como devotamento à cultura e ao esforço de criação. Basta com que lembre porém os nomes de dois desses trabalhadores. Um, o de Nelson Schaun, recorda tudo quanto ali foi feito pela cultura num tempo em que essa palavra pouco ou nada significava para a gente da terra, quando o dinheiro ainda era tão novo que só a ele se dava valor. Nesse tempo, o irredutível jornalista foi o símbolo vivo das Letras e do estudo, de valor intelectual e de esforço cultural. E, nos dias de hoje, um poeta vindo de fora tem buscado, com persistência e entusiasmo, valorizar a civilização do cacau e fazer da região um centro de permanente interesse artístico e constante inquietação literária, o abnegado Abel Pereira.

De toda essa cultura, de toda essa vida intelectual, Sr. Adonias Filho, sois parte e mestre, criação e criador, filho e pai.

Acontece, porém, com todos nós, baianos, nascidos em qualquer quadrante do Estado, seja nas plantações de cacau, seja nas de tabaco ou de açúcar, no Recôncavo ou no Sertão, às margens do São Francisco ou nas distantes fronteiras com Goiás e Piauí, nos garimpos das Lavras Diamantinas ou nos cerros de Conquista, acontece que todos conduzimos pela vida afora um amor de perdição, fatal, irremediável, e esse amor é pela cidade do Salvador da Bahia, da Bahia de Todos os Santos, pela cidade negra e mágica que é a nossa capital, e que permanece sendo a mais forte matriz da alma brasileira. Por seus encantos estamos todos rendidos, a seus pés suspiramos enamorados e seu mar e de seus vales e montes, dessas pedras antigas do Pelourinho, das torres das Igrejas centenárias, do ouro de São Francisco do bater dos atabaques na noite dos candomblés e dos orixás. Essa nossa cidade de tão violento contraste entre a riqueza e a miséria, onde se ombreiam a fortuna maior e a pobreza mais dura e cruel, a dos Alagados. Essa cidade onde, porém, o mais pobre homem do povo, o mais explorado trabalhador, é tão civilizado, de tão fina delicadeza, tão elegante e culto quanto o baiano mais rico e viajado. Cidade onde a gente mais cortês e lhana, mais doce e terna, mais gentil que se possa imaginar é, ao mesmo tempo, dentro dessa mansa doçura, a de mais altivo orgulho, de mais forte consciência de sua dignidade de homem. O último pobre da Rampa do Mercado ou de uma "invasão" qualquer trata o mais rico banqueiro ou o mais arrogante latifundiário de igual a igual, porque se as condições de riqueza colocam um fosso de injustiça e dor entre eles, a civilização os iguala, e se por acaso alguma diferença ainda subsistir será quase certamente a favor do homem pobre nessa cidade onde a cultura é produto do povo e de sua grandeza.

Essa outra marca de nosso complexo cultural baiano também está presente em vossa obra que é produto de suas coordenadas. Da que vem da civilização do cacau, com sua violência, suas cores, todas as gamas do amarelo, sua alma sem medo, seus sentimentos fundos e sua dura verdade. Com essas características nascentes, já eram sangue de vosso sangue. E da que vem da civilização da cidade de Salvador da Bahia, cuja poderosa influência começastes a sofrer quando as portas do Ginásio Ipiranga se abriram para o estudante

vindo de Ilhéus. Isaías Alves de Almeida, o então jovem educador, cujo nome se faria nacional e por todos respeitado, não tinha vocação de carrasco e, em geral, permitia aos seus internos prisioneiros a cidade da Bahia como mensagem. Foi por então, com certeza, que tomastes contato com a riqueza incomensurável, a imensa doçura, a força de criação e a capacidade de resistir a todos os obstáculos e a todas as dificuldades que caracterizam nossa civilização baiana.

Já escrevi em qualquer parte que toda a Arte, seja literária, seja plástica, que se cria em Salvador, nasce direta e imeditamente da densa cultura do povo. Os orixás de ferro de Mário Cravo, os de madeira de Agnaldo e do Mirabeau Sampaio, nossos mestres escultores, a pintura dos eruditos como Carlos Bastos, Janner Augusto, José de Dome, Henrique Oswald, Hélio Basto e de primitivos como Willys, João Alves, Cardoso e Licídio, os gravadores como Calazans Neto e Emanuel, os desenhistas como Juarez Paraíso, a magnífica criação do tapeceiro Genaro de Carvalho, e sobretudo a extraordinária recriação do mundo da Bahia na obra sem exemplo de Carybé, o mais baiano dos baianos – toda nossa plástica é nascida da fonte dos artistas populares, dos artesões da madeira e da prata, da cerâmica e do ferro, do metal e do barro. Nascida de um Frei Agostinho da Piedade com suas imagens tão fortes, como o São Pedro Arrependido da igrejinha de Mont Serrat, nascida de um João Duarte da Silva, riscador de milagres estabelecido na Ladeira do Taboão, no século passado, a pintar suas aquarelas para autenticar as graças obtidas pelas crentes, para pagar promessas a Senhor do Bonfim e a Nossa Senhora da Conceição da Praia. Esse João Duarte da Silva, figura das mais curiosas, mereceu um estudo esclarecedor de Clarival do Prado Valadares que, com razão e agudeza, intitulou de Universidade do Taboão aquele mundo que vem do Terreiro de Jesus, desce pelo Pelourinho, pelas Portas do Carmo, pelo Taboão, pela Baixa dos Sapateiros, se estende pelo Santo Antônio Além do Carmo, pela Cruz do Pascoal, pelos Quinze Mistérios, mundo de uma intensa vida popular.

Toda nossa Literatura baiana está igualmente plantada nessa realidade cultural da cidade de Salvador, nessa sua força de povo e ai daquele jovem que queira romper com sua gente e criar sua obra na pura masturbação das palavras, jamais chegará a ser um verdadeiro escritor. Sua Literatura não pas-

sará de um jogo floral e, em verdade, por mais aparentemente moderno e revolucionário, ele será apenas velho, tolo e acadêmico. Acadêmico no pior sentido da palavra, Sr. Adonias Filho, não como sinônimo de membro desta nossa ilustre Companhia, pois a nossa Academia, vale a pena dizê-lo, não se tranca, medrosa e reacionária, para evitar o sopro das idéias e das experiências literárias. Ao contrário, ela as aplaude e as premia; e, àqueles que, com tais experiências realmente se distinguem, aqui ela os recebe entre seus membros. Para prová-lo basta citar entre os acadêmicos mais recentes o nosso Guimarães Rosa, com sua discutida e tão importante experiência formal. Poderiam até os rançosos reacionários da Literatura acusar a nossa Academia de novidadeira. Ainda bem.

Deixemos, porém, de lado a Academia e nossos colegas de fardão para falarmos nesses jovens acadêmicos – sempre no pior sentido do termo – de um formalismo vão, com seus "ismos" e seus "asti", seus concretismos, seus anti-romance, sua vã e vazia bazófia. Quanto a mim, sou a favor de todas as experiências, no campo da Arte e da Literatura são todas elas válidas. Sem experimentar, o artista não avança em sua Arte e não faz avançar a Arte. Mas nem por experimentar e buscar novos caminhos, nem por se levantar na necessária e inevitável luta contra os que os precederam, nem assim podem e devem os jovens artistas abandonar a realidade onde se movem e onde criam, nem assim podem faltar às suas obrigações para com seu povo. Esses jovens ansiosos de forma e novidade devem-se mirar em vossa experiência, Sr. Adonias Filho. Vossa obra é admirável exemplo de como é possível trabalhar a forma sem perder o contato com a realidade em torno, sem faltar à verdade de sua gente e de seu tempo.

Em vosso estudo sobre a ficção baiana, publicado no segundo volume de *A Literatura no Brasil*, realização tão importante de nosso caro Afrânio Coutinho, renovador da crítica nacional, escrevestes:

> Tudo o que importa, porém, na ficção baiana, é a ilustração exterior, a fixação da paisagem social, o impressionante enraizamento na terra. Os romancistas não fecham os olhos, não limitam os sentidos e, precisamente porque aceitam sem disfarce o oferecimento da vida e das coisas, não se recolhem a uma atitude intelectiva. Inutilmente buscaremos um

> analista de paixões, um dialético, um lógico, alguém que aprisione a ficção no círculo de um debate íntimo, uma questão metafísica, uma explicação subjetiva. A supressão desse plano – inconsciente porque acompanha a novelística em toda a evolução, de Rosendo Muniz Barreto a James Amado – decorre sem a menor dúvida do transbordamento da própria terra, sua luz, as cores, a poderosa atmosfera plástica. Para o romancista, a noção que o sentimento estético impôs, e ao qual não pôde fugir, foi a do espaço.

Observação justa, caracterização perfeita: nela cabemos todos nós, os do cacau, assim como os da capital, João Cordeiro, Dias da Costa, Vasconcelos Maia, José Pedreira, Ariovaldo Matos, A Mendes Netto; os ficcionistas das Lavras, do São Francisco, do Recôncavo: Herberto Sales, Ruy Santos, D. Martins de Oliveira, Wilson Lins, Osório Castro, Luís Henrique, Clóvis Amorim. E, como ali provastes, essa foi a herança que recebemos daqueles que, antes de nós, trabalharam e construíram a ficção baiana: Resende Muniz Barreto, Lindolfo Rocha com sua poderosa *Maria Dusá*, Cardoso de Oliveira com um tão curioso romance de costumes. Fábio Luz, o brilhante e encantador Afrânio Peixoto em cuja obra de romancista pela primeira vez aparece a paisagem de cacau, e, finalmente Xavier Marques, grande do romance brasileiro, fundamental em nossa novelística. Em relação a todos eles e a todos nós é bem justa e precisa vossa observação. Falta acrescentar, porém, que, com o vosso aparecimento no campo do romance, desde a publicação de *Servos da Morte*, essa realidade alterou-se e a ficção baiana, mantendo essas suas características fundamentais, adquiriu outra dimensão, pois surgiu alguém capaz de colocar em nossa ficção "um debate íntimo, uma questão metafísica, uma explicação subjetiva". Vossa obra de romancista veio fazê-lo sem, no entanto, em nenhum momento romper essa densa ligação com a terra e com o povo. Vosso exemplo eu o vejo frutificar no romancista Nestor Duarte, debatedor de idéias, e refletir-se em sadia influência sobre os ficcionistas mais jovens, um David Salles, um Noenio Spinola, uma Sônia Coutinho, um João Ubaldo Ribeiro. Todos eles beberam em vossas experiências, em vossos grandes livros. É necessário, porém, que eles aprendam a lição completa para que não tirem os pés do chão, não percam contato com a terra, não fiquem vagando

no espaço, suspensos como balões cheios apenas de ar. É necessário que leiam em vosso citado ensaio essas suas palavras de sábia conclusão:

> Os pontos de convergência no romance baiano, porém, desaparecerão em face do denominador comum que é a terra em seu extraordinário poder de inspiração. Os ficcionistas não dispõem de força para contorná-la e seus recursos imaginários nela se integram, reprojetando-a, nesse esforço em vencer uma realidade invencível. O chão, que em sua crosta sustenta o material artístico – as paisagens, o mar, a ilha, o rio, a seca e o garimpo, o cacau e o sertão –, constitui uma espécie de embasamento para novelística. Em nenhum outro alicerce, como este, o regionalismo se firmará como autenticidade. E em nenhuma outra fonte encontrará os veios que o transformem em um corpo tão maciço quanto o romance baiano.

É desse regionalismo que vem a expressão própria, a mensagem geográfica – absorvendo processos históricos e sociológicos – distinguindo-o quando vai fundir-se no leito do romance brasileiro. A característica regional, como a figuração nais sólida, não permite que o romance baiano se desintegre, os romancistas e seus livros, indo preencher classificações na ficção nacional. O critério de escola seria indefensável, absurda qualquer tentativa para situar Lindolfo Rocha como um naturalista ou Afrânio Peixoto como um neo-romântico. Mesmo no agrupamento regionalista, talvez o mais amplo na ficção brasileira, o romance baiano será facilmente reconhecido. Certos elementos, como vimos, apenas ele possui. E de outro núcleo não sabemos que, congregadas as parcelas, possa apresentar semelhante homogeneidade, continuidade e duração.

Essa compreensão, essa fidelidade ao complexo da cultura baiana é que possibilitou à vossa novelística dar um passo adiante em relação ao chamado Romance de 30, o romance da geração surgida nas águas da Revolução de 30 com tudo que aquele movimento popular continha de desejos de um Brasil mais além do atraso e da miséria, da jugulação pura e simples aos interesses do capital estrangeiro, um Brasil de indústrias e progresso, de desenvolvimento e democrático, um Brasil iniciado com aquele movimento revolucionário e

que não mais parou nem pode ser detido por nenhuma força. Mesmo quando aparentemente isso acontece, trata-se apenas da ilusão de um instante, miragem de loucos sem perspectiva histórica.

A grandeza da novelística surgida em 1930 reside sobretudo em ter rompido com um idílico romance rural, vindo de *Inocência* e chegando até *Cabocla*, em ter rompido com um romance que desconhecia os problemas do Brasil e do seu povo. O Romance de 30 colocou esses agudos problemas na tábua da discussão e, a começar de *A Bagaceira*, do mestre José Américo de Almeida, passando por Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Otávio de Faria, Marques Rebelo, Lúcio Cardoso, Érico Veríssimo, José Geraldo Vieira, Rachel de Queiroz e este vosso amigo, foram levantados e tratados todos os problemas do homem brasileiro e da terra brasileira. Com generoso ímpeto e o desejo de contribuir para o esforço empreendido pelo povo em revolta. Nunca nenhum de nós pensou, no entanto, em estar concluindo o definitivo ciclo do romance brasileiro. Apenas o estávamos continuando, ao romance brasileiro, partindo das obras dos grandes mestres do Romantismo, do Realismo e do Naturalismo. Em Literatura ninguém está concluindo, ninguém está dizendo a última palavra, escrevendo a última obra-prima, realizando finalmente a experiência decisiva. Ninguém.

Acontece, no entanto, por vezes, como resultado de determinadas circunstâncias históricas, no processo das profundas mudanças econômicas e sociais de um País ou de uma área geográfica comportando regiões do mesmo ou de diversos países, surgir uma geração de grande força a realizar obra básica. Foi o caso desses ficcionistas vindos no bojo dos movimentos revolucionários que eclodiram em 1930. Tão forte sua presença, tão importante sua contribuição no quadro geral da novelística brasileira, que o tempo imediatamente a seguir não comportou o aparecimento de uma nova geração a levantar-se contra ela, a superá-la em oposição à sua problemática ou à sua experiência literária. Os romancistas a surgirem após o ciclo de 30, a surgirem com a guerra, não apareceram como uma negação e sim como um aprofundamento e uma nova dimensão desse romance. Fazendo com que certos problemas interiores do homem passassem a ocupar na estrutura do livro um lugar proeminente, que nem sempre lhe era concedido pela novelística de 30, mais preocupada com os problemas exteriores a envolverem o ser humano e a con-

dicioná-lo. Igualmente o cuidado com a forma, com a língua escrita, e a preocupação com a arquitetura da narrativa, foram objetivos desses novos romancistas, enquanto o objetivo dos ficcionistas de 30 era escrever uma língua mais acessível ao povo, era tomar da língua falada para transformá-la em instrumento literário.

Ficcionistas como Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Josué Montello, Dalcídio Jurandir, Dinah Silveira de Queiroz, Herberto Sales, Dionélio Machado, José Condé, Orígenes Lessa, Mário Donato, para citar apenas alguns, vieram, de uma ou de outra maneira, nos anos imediatamente posteriores ao movimento de 30, acrescentar à realidade de nossa ficção, engrandecida com aquela eclosão tão rica, um trabalho consciente, uma elaboração, um artesanato que lhe deram um novo valor qualitativo, que ampliaram as suas dimensões. Como as ampliaram também ao lhes somar certa pesquisa interior, certo mergulho mais denso na alma do ser humano, universalizando o herói nacional de nossa novelística. E, se em alguns mais preocupados com o brilho literário do que com a força da vida, as pesquisas formais conduziram a uma esterilização, a uma castração da força criadora; se, em outros, as tentativas de um intimismo e de uma temática dilacerados em sentimentos artificiais levaram apenas a uma cópia em mau carbono de certos autores europeus e de uma má transposição do romance de Dostoiewsky, de Joyce ou de Kafka para nossas plagas americanas e tropicais – não foram esses os casos de escritores que venho de citar e cuja experiência desembocou na atual novelística brasileira, tão numerosa de bons autores e tão diversificada em seus caminhos que nem vale a pena querer enumerar nomes, tantos são os de obrigatória citação.

Entre esses romancistas surgidos após a eclosão do ciclo de 1930; esses que tomaram da experiência ainda recente e a levaram adiante, esses que souberam somar ao "denominador comum que é a terra", para usar vossa expressão, que lhe souberam acrescentar a essa terra, a esse chão, a nudez interior do homem, sua solidão ao lado de sua solidariedade humana; esses que fizeram de um duro artesanato o caminho da elaboração da Arte. Entre eles, nenhum tanto trabalhou e tanto rendimento deu de seu trabalho como vós, Sr. Adonias Filho. Não vos devemos apenas quatro admiráveis romances como dádivas de um grande escritor a seu povo, a seus leitores. Mas esse romances – do primeiro, *Os Servos da Morte*, ao último, *O Forte*, cujas páginas acabo

de ler – são ao mesmo tempo uma contribuição das maiores e mais originais ao desenvolvimento de nossa novelística brasileira, ao engrandecimento de nossa Literatura.

É tempo de falarmos sobre esses vossos livros. É tempo de trazermos a esta sala nobre – onde tomaram assento os construtores de nossa Literatura, ou seja de nossa vida imortal, e onde hoje estão alguns dos grandes do Romance, do Conto, da Poesia, da Dramaturgia e da Crítica –, é tempo de aqui trazermos vossas histórias e vossos personagens, os do campo bravio e os da cidade de Salvador para que possamos contemplar a face da vida por vós criada, Sr. Adonias Filho, para mais uma vez nos comovermos com a dramática realidade de vossa gente, empenhada num combate de violência e de ódio, de solidão terrível, de muito amor quase sempre desgraçado.

De *Os Servos da Morte* a *O Forte* construístes umo obra de densidade pouco comum em nossa Literatura, onde as figuras se movem como num baixo relevo de tragédias, numa "atmosfera de pesadelo e de loucura, toda aclarada de Poesia trágica", como sobre um de vossos romances escreveu o crítico Oscar Mendes. Atmosfera de pesadelo e de loucuras, sim, as vossas criaturas estão presas nas malhas de um destino sempre terrível, ao qual não podem escapar, contra o qual é inútil esforço, "criaturas condenadas ao nascer", como disse o poeta Odorico Tavares. Entre elas se situam, como determinantes, o ódio e a vingança, o desprezo, a maldade, por vezes uma crueldade sem medida.

Os homens são bichos da terra, brutos nos quais de quando em quando brilha o reflexo de uma distante luz de humanidade. Todos os vossos personagens, de Paulino Duarte a Cajango, de Jerônimo a Jairo, vivem em angústia e desespero, não se abre o mundo para eles como vergel florido nem a vida é doce enleio, nem mesmo franca coexistência de homens diversos em diálogo amistoso ou debate leal. Mundo de espantos e ameaças, de sina cruel e de erguidos muros de ódio, barrando e impedindo os claros sentimentos, a bondade, a esperança, a doçura de viver e a compreensão entre os seres. Largos e amplos só os espaços da Natureza, o bosque, a selva, a serra, o vale. Mas nem mesmo essa Natureza é acolhedora e amiga, quase sempre é agressiva e hostil, "paisagem vazia, sem expansão, comprimida na monotonia dos tabuleiros", como aparece em *Memórias de Lázaro*. Ou "é a montanha torcida terra que

se levantou dentro de um furacão", como surge em *Corpo Vivo*. Chão desolado onde só os homens realmente fortes e brutos podem subsistir e multiplicar-se. Porque em todos os vossos romances, sobretudo nos três primeiros – *Os Servos da Morte, Memórias de Lázaro* e *Corpo Vivo*, vossa desnuda trilogia dos campos do sul da Bahia – os heróis são machos de comprovada rudeza, e suas raízes mais esconsas estão na saga do cacau, naqueles coronéis conquistadores, naqueles trabalhadores que, ao lado da pá e da enxada, levavam o clavinote, o punhal, o parabélum.

Mundo de espantos e de terrores arrastando o leitor numa vaga de lancinante solidariedade para com toda aquela miséria e para com aqueles brutos, mais talvez com os carrascos do que com as vítimas. Porque as vítimas em vossos romances não são, por passivas e frágeis, seres de bondade e ternura, são vítimas apenas porque sua fraqueza as impede de serem desalmados algozes. Não nos infundem piedade e nosso solidário gesto é para com essa parte de animal que todos possuímos e escondemos, é para com aquilo que ainda é informe e inacabado no ser humano, é uma solidariedade mais de consciência humilde e despertada que de bondoso coração.

Não é tanto ao coração do homem que vos dirigis, Sr. Adonias Filho, é sobretudo à sua inteligência, à sua consciência, como a lhe repetir, em cada página de vossa dura novelística, por vezes até cruel, que ainda não chegou o homem a construir seu leito de verdadeiro humanismo, que seu caminho para realizar-se homem de fato e de verdade é ainda um atalho de horrores e misérias, de angústias e brutalidades, de uma gestação feroz que apodrece a própria paisagem em torno e esconde o azul do céu como se o homem não o merecesse. Certas páginas de vossos romances levam a natureza humana ao máximo da crueldade e da primitiva violência, como aquela, por exemplo, nas *Memórias de Lázaro*, em que Rosália, com seu "coração perverso" menina ainda, matava ratos e furava os olhos aos pássaros. Páginas belas e terríveis.

Não me parece, no entanto, que, em sendo assim tão dolorosa e nua a vossa criação, os seres a viver e a padecer nesses vossos grandes livros, possamos vos chamar de pessimista em relação ao homem e ao seu destino. Penso, para assim concluir, em Cajango, no momento final de *Corpo Vivo*, vosso romance de minha particular predileção pela alta beleza de sua escritura e pelo perfeito arcabouço de sua concepção. Escrevestes: "Cajango e a mulher,

as mãos nas mãos, pisam o chão úmido. As rochas como que se movem, dobrando-se a serra, para recebê-los. Descobrirão as cavernas, examinarão os fossos, encontrarão o caminho." Encontrarão o caminho.

Vossos seres de tão informe e ao mesmo tempo tão densa humanidade, não estão para sempre perdidos e condenados, condenado para sempre e para nunca mais o ser humano e sua aventura na terra, sua vida vivida e por viver. O homem está caminhando seu caminho, está abrindo seu caminho; mas em vossa opinião ele vem de iniciar essa caminhada, apenas começa a abrir uma vereda ainda estreita e difícil, plantada de espinhos venenosos, habitada por venenosas serpentes. Ainda assim, porém, ele vai adiante, rompe seu peito e sua angústia explode, enrola-se em sua maldade e dela se alimenta, mas vai abrindo seu caminho, alargando sua picada, seu atalho brabo, vossos homens brabos. Homens, contudo, e, por vezes, no âmago de tanta injustiça e dor, surge uma pequena luz, sua débil esperança.

Esses vossos livros do tempo, do chão e do homem do cacau, desse homem marcado pelo sangue generoso e árdego a estrumar a terra, marcado pelo signo da violência desencadeada, de uma saga de brutos em histórias de espantos, são hoje uma das mais altas e belas realizações de nosso Romance e uma presença já indiscutível no Romance contemporâneo. Prevejo para vossa obra, inclusive para vosso mais recente e magnífico romance, *O Forte*, rápida e brilhante caminhada pelo mundo afora. Vossos livros se destinam ao sucesso internacional, disso não tenho dúvidas. Não tardará que as traduções agora iniciadas se multipliquem a levem vosso nome e nossa fisionomia grapiúna aos quatro cantos da terra.

De caso pensado, deixei à parte vosso último romance, esse *O Forte*, cuja paisagem não é mais a agreste mata do cacau, cuja realidade humana não é a saga de espantos e horrores. O vosso romance da capital, da cidade do Salvador da Bahia, a história do velho forte condenado a ser destruído. Porque sendo ele vosso romance mais maduro e possivelmente o mais perfeito como construção e arquitetura, porque formando com os três anteriores uma unidade como experiência literária e como emoção e mensagem a serem transmitidas, se bem seja irmão dos demais – eu diria que a brisa da Bahia o percorre, essa viração que cercou e tornou menos intolerável a vida no forte, como que essa brisa dá uma nova graça, uma nova beleza a esse romance,

acrescentando-lhe em relação aos anteriores algo de inédito e de surpreendente. Como se uma estreita porta de lirismo se abrisse num muro de ódio e de vingança. É a presença e a influência de nossa cidade, sua força de vida a que ninguém fica insensível.

Nesse vosso romance maior, maior mesmo que *Corpo Vivo*, o destino do forte é trágico e terrível, e o destino dessa gente, o ambiente, a História, a mesma dessa atmosfera. Mas há um chão de idílio, um estremecer mais terno de corações como se a paisagem onde a História cresce e se afirma e nos domina e nos prende num ritmo que torna impossível abandonar-se a leitura, como se essa História do forte e de Tibiti e Jairo rompesse de súbito com aquela quase impossibilidade de amor que seca e queima vossa gente cacaueira. Porque existe nesse vosso último romance a marca da cidade com sua inspiradora beleza. Talvez por isso Tibiti tenha os dentes "cor de pão" e os "olhos de ferrugem". O forte a ser derrubado e o amor de Jairo e Tibiti são como que defendidos pela velha, pela antiga cidade.

Amo esse vosso romance, Sr. Adonias Filho, e o li duas vezes apaixonadamente, em duas diversas leituras, uma como a bebê-lo de um trago, outra como a saboreá-lo letra a letra. E desafio quem quer que seja a abandonar a sua leitura antes de chegar à última página, tal a sua força, sua beleza, essa beleza da Bahia, pois é dela, como é dito no romance, "é da Bahia que vêm o barulho e o calor". Essa Bahia onde, como lá está escrito, "tudo se altera quando as luzes se acendem. A leveza no ar, o vento esfria, vão surgir as estrelas. Os conventos, encapuzados como seus frades, entram nas sombras. Acalma-se o mar, as ondas fracas, não dançam os saveiros." Grande romance da cidade da Bahia, esse vosso *O Forte*, grande romance brasileiro.

Perdoai-me, Sr. Adonias Filho, se me perco em adjetivos e não faço a crítica, a análise, o erudito balanço de vossos livros, se quase me esqueço de chamar a atenção para vossa atividade de ensaísta, seja a de ensaísta político, tão distante de minha maneira de ver problemas e soluções, seja a do excelente ensaísta literário que sois, como o prova vosso volume de estudos sobre diversos ficcionistas brasileiros e vossa atividade crítica nos jornais. Não sou crítico literário, para tanto jamais tive vocação, qualidade ou gosto. Sou apenas um modesto contador de histórias de minha gente, de meu povo, do cais da Bahia e das matas do cacau e jamais almejei ser outra coisa.

Se fosse vosso desejo escutar aqui, hoje, nesta noite de festa, de vossa festa, a análise de vossa obra admirável e seu justo conceito, a medida exata de vossa importância em nossas Letras, de como vem sendo realmente grande vossa contribuição à nossa novelística, terias escolhido para vos receber e saudar um dos vários mestres da crítica literária com assento nesta Casa. Mas longe de vós a vaidade, não apenas a mesquinha vaidade dos medíocres, mas também aquela justa e permitida aos grandes de vossa grandeza. Escolhestes com o coração, ao conterrâneo, ao amigo de infância, ao colega de colégio interno, ao companheiro de Letras, à fraternal amizade jamais estremecida seja pelas divergências literárias, seja pelas divergências políticas, pois sabemos, um e outro, Sr. Adonias Filho, o bem pouco que valem os fuxicos da Literatura e as futricas da Política ao lado da inteireza do homem, de sua dignidade. Escolhestes o amigo de uma amizade nascida antes mesmo de nosso nascimento, pois já era de nossos pais. Eis por que só tendes hoje direito a esses desarrumados adjetivos e a pobres louvores sem maior erudição ou penetração crítica. Amo vossa obra de romancista, tenho por ela a melhor admiração, e dessa estima e dessa admiração compartilham milhares e milhares de leitores.

Alegria de minha vida, da mais pura e permanente, tem sido minha capacidade de admirar, de estimar a obra alheia e aplaudi-la mesmo quando não é ela a irmã da minha, mesmo quando o seu autor não pensa como eu penso, mesmo quando me separam da obra ou do autor diferenças e maneiras de ser, pontos de vista. Amo ler um bom romance, ver surgir um jovem romancista, bater palmas a uma experiência bem-sucedida, e creio que admirar é um dos maiores prazeres entre os reservados ao homem e sobretudo ao homem de letras.

Sei que existem alguns homens cujo prazer, cuja alegria, cuja felicidade reside no ódio, no desejo de fazer mal aos seus desafetos. Esses jamais poderão gozar do prazer de admirar e aplaudir, estiolam-se na inveja e no ódio, seres infelizes. Quanta satisfação não me tem sido trazida por vossa obra pela qual minha admiração e minha estima têm sido constantes? Quando um novo triunfo vem marcar vossa carreira de escritor, eu o comemoro como se fora um triunfo meu, como se eu fosse parte e participante de vosso êxito, de vosso trabalho, de vosso talento realizado, de vossa madura experiência literá-

ria. Assim, bem sabeis com que alegria imensa me encontro nesta tribuna, e de como é sincera cada uma das palavras de louvação por mim aqui pronunciada. Sabeis quanto desejei vossa eleicão, como queria vossa presença nesta Academia Brasileira de Letras para que assim ficasse a Literatura grapiúna aqui representada em suas duas vertentes, em sua completa realidade.

Houve quem tentasse, mesquinhamente, maliciar com o fato de ser eu, velho e provado homem de esquerda, a recebervos aqui, esta noite, devido às divergências que separam a vossa e a minha atuação política, o vosso e o meu pensamento político. Como se o fato de ser vosso adversário no terreno das idéias políticas pudesse influir em minha opinião e em minha estima por vossa obra de romancista (e a obra de um romancista não se limita aos quadros de uma posição política nem mesmo quando o próprio romancista assim o deseja, pois basta que ela possua um sopro de humanidade para romper com todas as tolas concepções de escola, tendências ou sectarismo), como se não pudéssemos ser amigos de fraterna amizade pelo fato de discordarmos sobre concepções e soluções políticas. Bem idiotas são esses sectários e dogmáticos de qualquer posição, partido ou ideologia, de qualquer seita seja ela de esquerda ou de direita. Como homens políticos, creio possuirmos em comum, mais além das nossas divergências ideológicas, algo da maior importância, Sr. Adonias Filho. É nosso horror, nossa total desestima por todo e qualquer sectarismo, por essa estreiteza de visão e de ação que é a negação da inteligência, e que é o único e mísero capital de certos homens políticos – homens de qualquer tendência –, sua única maneira de fazer política. Para esses a política é apenas o ódio, a injustiça, a perseguição, a negação da cultura e do humanismo.

Não vim da Bahia a esta Casa e a esta festa para falar de Política nem para discuti-la. Vim para falar de Literatura, de vossa obra e de vós, Sr. Adonias Filho. Mas não quero deixar de trazer aqui meu testemunho, como vosso amigo e, ao mesmo tempo, como vosso adversário político, sobre a maneira como exerceis o poder político, como utilizais vosso prestígio político. Vós o fazeis de uma forma brasileira, que é exatamente a negação do sectarismo, da estreiteza, da violência. Vós o fazeis com cordialidade, com a maior preocupação pelos vossos adversários, buscando ajudá-los nas dificuldades surgidas, utilizando vosso prestígio para impedir injustiças, para que uns não sejam

demitidos, para que outros sejam libertados. Tendes sido, e posso disso dar testemunho, uma espécie de Ministro das boas causas, coberto de pedidos, agitando-se para atendê-los, a todos, sem querer saber se estais a atender correligionário ou adversário, querendo apenas ajudar. Forma brasileira de fazer política e não fazendo-a como exercício de ódio e de vingança, como desejam os desprezíveis piolhos de todas as tendências e idéias.

Eis por que, Sr. Adonias Filho, mesmo ao falar de política sinto-me aqui inteiramente à vontade ao saudar-vos, eu, com minhas convicções e ciente de vossa maneira de pensar. Porque nem vós nem eu, Sr. Adonias Filho, jamais exigimos de quem quer que fosse atestado de ideologia para lhe darmos nossa amizade ou nossa admiração literária. Isso fica para quem não possui senão o dogma e a seita mesquinha que a nada conduzem, nem a parte alguma.

Aliás, sucedeis nesta Casa a um escritor que era um homem exemplar no que se refere à convivência humana, à doçura de caráter, ao amor pelos homens e à capacidade de querer, de estimar e de assistir mesmo àqueles mais distantes de seu claro pensamento e de seu jamais traído corpo de idéias. Álvaro Moreyra foi neste particular o perfeito brasileiro; sua casa, onde fervilhavam as idéias e discussões, esteve todo tempo aberta e acolhedora para qualquer intelectual, fosse qual fosse sua maneira de pensar. Álvaro tinha horror a tudo quanto significasse limitação da liberdade, era ele um pássaro livre em nossas Letras, livre nos grandes espaços e em sua vida, e não colocou jamais suas idéias como muralha a separá-lo dos demais e, sim, como instrumento de diálogo e de compreensão.

Como grande escritor que sois, ocupais com todo merecimento essa Cadeira antes na posse de um jogral da crônica e da Poesia, de um admirável homem de letras. Mas também o substituís com todo merecimento como cidadão, pois como ele o era, nosso inesquecível Alvinho, sois vós, Sr. Adonias Filho, homem da convivência e da flexibilidade, sois brasileiro como ele, dotado com as virtudes mais brasileiras, as da ternura humana, da cordialidade, da boa amizade, do amor.

Cercado pela admiração da crítica e de vossos leitores, pelo apreço de vossos colegas de ofício, pelo respeito de vossos adversários políticos, pela amizade de todos aqueles que convosco tratam e convivem, aqui chegais, Sr. Adonias Filho, consagrado por vossa obra, mas não ao término glorioso de

uma carreira romancista. Esta noite de festa, quando se alegram e comovem os corações de vossa gente, o coração materno de D. Rachel, pulsando por ela e por Adonias Aguiar, que morreu sem ter a alegria de vos ver Acadêmico, o coração solidário de Rosita, o coração filial da outra Rachel, o de Adoniazinho, os de vossos irmãos e irmãs – esta noite de festa é a consagração de um grande escritor de nosso tempo, maduro em sua criação. De um escritor, porém, que ainda tem muito a nos dar, muita história de seu cacau, de sua cidade de Salvador a nos contar, muita experiência a levar adiante, muito ainda a escrever.

Aqui chegais, Sr. Adonias Filho, quando a vossa obra atingiu a madureza e começa a romper os limites de nossa língua para tornar-se universal. Eu vos desejo, nesta hora solene e feliz, bom trabalho, duro e consciente trabalho e êxito cada vez maior, para nosso orgulho e para nossa alegria.

Discurso do
SR. MARQUES REBELO

e

Resposta do
SR. AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA

*Sessão solene extraordinária*
*do dia 28 de maio de 1965*

# I

## DISCURSO DO SR. MARQUES REBELO

Médico que nunca clinicou, professor que poucas aulas deu, filho de um português de aristocrática linhagem, Domingos José Gonçalves de Magalhães – Barão e depois Visconde de Araguaia, com grandeza, pela graça imperial a que, honra lhe seja feita, tanto e fielmente serviu aqui e no estrangeiro, aqui formando no circunspecto areópago palaciano, secretariando com pena eficiente a espada pacificadora de Caxias no Maranhão e no Rio Grande do Sul, engrossando como deputado geral o rebanho liberal do Imperador, que mantinha também o seu rebanho conservador, e que ao súdito intelectual pagava com atenciosa e admirativa moeda, lá fora como diplomata no Reino das Duas Sicílias, no Piemonte, na Rússia, na Espanha, na Áustria, nos Estados Unidos, na Argentina e na Santa Sé – Domingos José Gonçalves de Magalhães, conquanto a Poesia fosse a sua fascinação, a sua incurável doença, não nos legou uma alta obra poética. Multo aquém disso até, o que é assunto incontroversamente julgado pela melhor crítica do seu tempo aos nossos dias, crítica que não em poucos momentos chegou às portas da negação absoluta e da inútil crueldade. Enfática, enfadonha, pegajosa e sem brilho é a sua lira ao imitar os arcadianos, ao vestir com intuitiva decisão a fantasia do Romantismo – e aperfeiçoava estudos em Paris, integrando um grupo de valiosos brasileiros, quando a onda romântica lá se desenrolou – ou a embicar pelo indianismo, oportunista e interessada, e menos mal por tal lado, que a Literatura, independentemente da qualidade, é sempre interessada, mesmo que às

vezes não o pareça, e, do contrário, é definida e irrevogável subliteratura. Indigente, adjetival e de superfície, como certas ladainhas, é a sua religiosidade versificada, e dela abusou, que a fé era condimento do Romantismo assim como a Mitologia fora tempero neoclássico; não tão pobre é o seu ensaio crítico, histórico e filosófico, devemos-lhe mesmo o nosso primeiro livro de Filosofia que não tenha sido um simples compêndio da matéria, devemos-lhe o *Ensaio sôbre a História da Literatura do Brasil*, verdadeiro manifesto das novas posições literárias, como lhe devemos a desassombrada memória *Os Indígenas do Brasil Perante a História*, oferecida ao Instituto Histórico, na qual concorre para reabilitar o nosso aborígine, tão impiedosa e cegamente atacado pelo prussiano Varnhagen. Péssimo e ridículo se apresenta na única tentativa de novelista; canhestro o seu teatro, louvavelmente fabricado para incentivação do incipiente palco nativo; baldo de faro se mostrou, atrevemo-nos a dizê-lo, ao traduzir para o ator João Caetano a tragédia de Otelo, pois não foi o imortal texto shakespeariano o que escolheu, mas o do bondoso e apagado acadêmico Jean François Ducis, a quem só resta um mérito – o de ter sido o primeiro a pôr em cena na França, embora em deploráveis adaptações, o teatro de Shakespeare, pouco respeitado ali e que o ciumento Voltaire considerava uma abominável farsa.

Seu nome, contudo, grave e cantante – Domingos José Gonçalves e Magalhães! – jamais poderá ser apagado da nossa história literária, jamais! É que, dando a lume em Paris os dois números a revista *Niterói*, com o lema "Tudo pelo Brasil e para o Brasil", se torna em ponta-de-lança do nacionalismo literário, variação do nacionalismo político, que precisava ser exercitado e desenvolvido para vital afrouxamento dos velhos laços lusos, que não poderiam nem deveriam ser resolvidos à moda do nó górdio; com os seus *Suspiros Poéticos e Saudades,* tirados em prelo parisiense, cheios de modernidades que entusiasmaram um ávido contingente da juventude pós-colonial e sugeriram-lhe novos rumos – a nova idéia! – foi o iniciador do movimento romântico em nossa terra recém-emancipada, movimento que revelaria tão esplendorosos estros nacionais e nacionalistas, que contaminou os costumes e a índole da nossa gente, gerando correntes de uma política sentimental, temperamental e personalista, refletindo-se em muitos artigos da Constituição, movimento que afinou tão bem com a alma brasileira despontante que dele até hoje não nos

conseguimos libertar, o que para nossa afirmação e singularização como povo talvez seja benéfico, e nunca na Literatura Brasileira uma influência se fez sentir com tanto peso e extensão quanto a dele; por mais de um decênio se constituiu a incensada glória oficial, a bem dizer, na própria Literatura brasileira, e nela só se ingressava pela sua mão apostólica – era considerado gênio fundador, guia, bússola, patriarca –, reinado à margem do outro de manto de papo de tucano e que somente José de Alencar, com a força telúrica da sua improvisação, viria derrubar do trono para encarapitar se nele. Cônscio e vaidoso da condição predestinada e fulgurante chama, quando não passava de modesto vaga-lume renovador, orgulhoso do seu sangue, da sua posição e da sua classe, Domingos de Magalhães levou rigorosamente a sério o encargo divino de criar a Literatura nacional e, queiramos ou não queiramos, com ele se inicia a carreira literária no Brasil – é um fundador! – a sua fria e orgulhosa brasinha acendeu a pólvora do paiol nativista, explosão que iluminou os céus da pátria nascente com a mais bela, eterna e auriverde pirotecnia. E cabe a moral, se a moral na Literatura fosse coisa que nos afligisse, de que não são os grandes astros que promovem as revoluções literárias, mas, no comum das vezes, os inocentes pirilampos ou os fugazes meteoros.

De sorte que quando o lúcido e fino Carlos Magalhães de Azeredo, um humanista acima de tudo, foi buscá-lo para patrono da sua Cadeira de fundador na Academia Brasileira – a Cadeira 9, que pela generosidade dos membros desta Casa ilustre acabou entregue à minha humilde guarda – não fez mais do que um ato de sensível e inteligente justiça literária. Sim, como olvidar, ao serem escolhidas quarenta figuras patronais, e houve tanta escolha sentimental em detrimento do mérito, aquele que quando a sociedade do tempo não oferecia condições para outro tipo de atividade literária, salvo a bafejada pelo mecenato, pela proteção e beneplácito do erudito D. Pedro II, às Letras se dedicara com paixão, constância, zelo, multiplicidade e devoção? Como não reconhecer e perpetuar o esforço de quem, na aridez de um meio colonial, limitado e caturra, pregou idéias novas, "sonhou com o ideal de um lirismo de alta envergadura, a um tempo brasileiro e universal", e fundou revistas, lançou manifestos, congregou confrades, aliciou prosélitos, empurrou companheiros, concorreu para o desenvolvimento das Artes plásticas e cênicas, estimulou um Martins Pena para os primeiros passos de uma ribalta de cunho

nacional, auxiliou todos os empreendimentos culturais com o poder e o respeito público e oficial que amplamente desfrutava e que poderia ter aproveitado para o seu exclusivo e pessoal interesse?

Não escapou Domingos de Magalhães ao fascínio que a morte exerceu sobre os primeiros românticos, a ela consagrou um volume inteiro – *Cânticos Fúnebres* – onde tantos trechos se confundem com o grotesco, com o caricatural, e está presente, com menos tarja preta e menos mau gosto, nos *Suspiros.* Juntando-o à nostalgia do exílio, vezo também romântico, que todavia nos deu a imorredoura "Canção do Exílio", termina o livro:

> Adeus, ó terras da Europa!
> Adeus, França! adeus, Paris!
> Volto a ver terras da Pátria,
> Vou morrer em meu País.

Sonhava morrer aos vinte e cinco anos, e nas doces plagas natais:

> Terras em qu'eu nasci, como sois belas!
> Como és formoso, ó céu da Guanabara !

pondo os olhos moribundos nas águas da Guanabara, que ele ainda na *Confederação dos Tamoios*, donde extraímos os dois versos acima, por pura ênfase, consideraria "cerúleo golfo":

> Contemplando esse mar que em flor se quebra
> Nessas longínquas praias e enseadas,
> Que recortando vão da terra as orlas,
> Como uma argêntea franja abrilhantada;
> E esses contínuos montes verdejantes,
> Que o vasto Niterói cingem e fecham
> Como em profundo lago, salpicado
> De graciosas ilhas. Ah! disseras
> Um pedaço do céu cheio de estrelas,
> Guardado entre muralhas de esmeraldas!

Ressupino gigante de granito
Protege a entrada do remanso equóreo;
E coo pé colossal, penedo ingente,
Ao longe mostra a barra ao viajante,
Que absorto fica a ver a maravilha!

Sonhava morrer aos vinte e cinco anos e nas doces plagas natais, repita-se. Morreu quarenta e seis anos mais tarde e em Roma, como embaixador, coincidência que se verificaria quanto ao fundador da Cadeira 9, que serviu no Uruguai, na Santa Sé, em Cuba, na Grécia, e novamente no Vaticano, junto ao qual permaneceu vinte anos, quando se aposentou em 1934, pela lei compulsória.

Com raízes no Romantismo, Magalhães de Azeredo traz bastante marcado o cacoete da morte em seus primeiros versos – *Procelárias* publicados no Porto em 1898 e louvados por Machado de Assis. Tinha vinte e seis anos, vinte e seis anos prósperos, risonhos e saudáveis, e a sua estréia nas Letras se dera três anos antes, com os apenas promissores contos de *Alma Primitiva,* estampados no Brasil e com simpatia recebidos pela crítica mais destacada.

Morte, ó Morte, quando eu quero o teu beijo frio...

assim começa o soneto "A Morte", para terminar com a mortuária chave de ouro:

Morrer, sair enfim desta pocilga imunda...
Para Deus? para o Nada? Embora! é diferente...

E em "A Caveira" o artificialismo, que cheira à *Noite na Taverna,* se repete:

Ela me diz fatídica: Repara
Onde é que findam sonhos de poetas...

Na "Velhice de Don Juan", o espanhol suspira:

...Vem a noite eterna; ó alma,
Que voaste tanta vez nas asas da procela,
Busca da sepultura a desejada calma!

Lá está em "Seu Nome":

Porque teu braço, justo Deus, lhe nega
O refúgio suavíssimo da morte?

E pulemos para o "Soneto Negro":

Que valeu caminhar e sofrer tanto?
Sem ter um eco, sem deixar memória,
Comigo, e breve, morrerá meu canto!

Eis de uma curta vida a amarga história;
Compreendei-o vós, que sabeis quanto
É triste a decadência antes da glória !

Citemos agora o fim de "Póstumas":

Eis, ora, o que de mim resta no mundo,
Um corpo que sem vida se consome,
Ermo túmulo fundo
E um simples epitáfio que é meu nome.

E por fim, para não exagerarmos as citações, vamos a outra chave de ouro, a do sonêto "Oblivion":

Até que venha o dia em que se plante,
Na sombra do meu túmulo ignorado,
A eterna cruz do esquecimento eterno!

Mais veraz, mais autêntico seria pouco depois nas *Baladas e Fantasias,* lançadas em 1900 no Brasil, quando vaticinaria: Sim, sou moço! e eis o que

muitos secretamente invejam. Sou moço, e tratarei de o ser por longo tempo ainda, e defenderei enquanto puder o sacro tesouro da juventude!..

E viveu muito – quase um século.

Filho único, órfão de pai muito cedo, nasceu Carlos Magalhães de Azeredo de família conservadora e abastada, em que o sentimento monárquico era muito acentuado. Cercava-o a mesma tendência no colégio dos jesuítas, Colégio São Luís, em Itu, para onde fora, após cinco anos de permanência em Portugal, quando fizera as primeiras Letras no Colégio São Carlos, do Porto. Mas na tradicional cidadezinha paulista, como depois na Faculdade de Direito de São Paulo, na qual se bacharelou em 1898, e destacou-se como talentoso orador e neófito jornalista, dava-se como um político loquaz e apaixonado, com inclinações liberais, sobretudo abolicionistas, seduzido pela contagiante eloqüência de Nabuco. Após a vitória da Abolição, vitória moral mas não econômica e que viria apressar a queda da Monarquia, a "febre partidária sofreu um rebaixamento repentino", porque teve a intuição de que se encerrava ali um período heróico. Essa febre denunciava apenas, disse mais tarde, em 1922, em Dom Pedro II, traços da sua fisionomia moral, "uma crise de crescimento, como em outros a febre poética". No decurso dos anos, acrescentou, talvez por falta de um "motivo de agir", que o inflamasse, nunca mais o seduziram "as sereias daquele pélago insidioso". E devotou-se à Literatura.

> No seio da Arte pura depus a ambição. Que alto prêmio
> vale o de humildemente servi-la. Esse me basta.

declama nas *Odes e Elegias*, tão corretas de forma, tão belas de linhas, sons e cores, tão eloqüentes e puras de linguagem, um livro de qualidade, inegavelmente o melhor livro da sua não pequena e tão valiosa bagagem literária.

Mas a memória do escritor não foi fiel. Teve ainda um outro "motivo de agir". Quando rebentara a revolta de 1893, e estava evidente que o movimento escondia uma tentativa de restauração monárquica, haja vista as forças que a ela aderiram, os homens de letras se dividiriam em duas facções radicalmente opostas, sob o influxo das paixões políticas. E que estivesse com a dos revoltosos não há dúvida. Se não se enfiou de corpo inteiro na ação, dado o seu gênio, meteu a alma ou um pedacinho dela, para se usar uma imagem de

feição machadiana, tanto assim que, para evitar perseguições florianistas, que as cadeias andavam repletas e até execuções haviam sido praticadas, a família, em boa hora, envia-o para São João del-Rei e daí se refugia em Juiz de Fora, longe das rigorosas vistas policiais, quanta vez mais florianistas do que o próprio Floriano e encorajadas e acobertadas pelo estado de sítio. E foi na abrigada terra mineira, muito orgulhosa da liberdade embora tardia, que trabalhou muita poesia das *Procelárias* e se ligou mais intimamente a Olavo Bilac; foi lá que escreveu a maior parte dos contos da *Alma Primitiva*, coisa fácil de se verificar porquanto cada conto traz a data e o lugar da sua fatura; como foi lá que compôs, de parceria com o poeta da "Via-Láctea", o romance *O Sanatório*, aparecido sob o pseudônimo de Jaime de Ataíde na *Gazeta de Notícias*, reduto da mais fina intelectualidade da época.

Passada a borrasca, e venturosamente não há borrasca que sempre dure, consolidada a República, mesmo a trancos e barrancos, Magalhães de Azeredo torna ao Rio de Janeiro, e estamos em 1894. Seu desejo manifesto era entrar para a magistratura, mas acabou nomeado para os quadros da diplomacia. Vai servir no Uruguai. Não permanece muito tempo em Montevidéu. Apenas um ano, mas tempo bastante para noivar e casar-se com Maria Luísa, de grandes olhos azuis, bonita, inteligente, elegante, musicista, possuidora de linda voz de contralto, anjo cubano, filha de emigrados políticos – os Caymari; já haviam eles morado no Rio, gente honrada, distinta e trabalhadora, e esperavam com ardor que Cuba ainda fosse livre, quando iriam a Havana erigir uma cruz de pedra aos famosos mártires das frustradas liberações.

As sogras não merecem muita fé, porém a de Magalhães de Azeredo, escrevendo a Quintino Bocaiúva, de quem os Caymari ficaram devotados amigos, participava o noivado da filha: "O jovem tem talento e boas qualidades." E diria mais: "Os dois valem o que pesam e perdoe-me minha falta de modéstia, pois é a pura verdade." E está perdoada porque era assim mesmo – um casal exemplar, que carregou por toda a vida uma única tristeza: a de não deixar descendência.

Do Uruguai, Magalhães de Azeredo é transferido para o Vaticano. Roma em lua-de-mel é um céu aberto.

> Vale a pena viver aqui uns dois anos para conhecer tudo o que se deve conhecer – escreve a Quintino, de quem se fazia amigo e protegido. – Roma é uma cidade admirável, em que os olhos e o espírito muito tempo podem gozar cada dia um espetáculo novo.

E acabaria verificando que Roma poderia ser vista com crescente interesse, por toda uma longa existência. Naquele céu aberto, porém, sofreria uma injustiça: seria demitido do cargo por embuçada denunciação do ministro residente, cavalheiro que, segundo o próprio Magalhães de Azeredo, era "intrigante, caluniador e de baixas qualidades morais", além de reconhecidamente relapso, e só "por deferência para com o Brasil, e por um sentimento de generosidade mal-entendida, a Santa Sé nunca tomou a iniciativa da denúncia".

Alegava o antepassado do "dedo-durismo", que Magalhães de Azeredo facilmente identificou, não estar o segundo-secretário de legação "de acordo com as instituições da República", esquecendo-se das palavras do insuspeito Nabuco, em *Um Estadista do Império*:

> Nada abalava as duas idéias do imperador: que não se devia tocar na imprensa, e que as opiniões republicanas não inabilitavam nenhum cidadão para os cargos que a Constituição fizera só depender do mérito.

Esqueceu-as o ministro das Relações Exteriores, esqueceu-as, ou jamais as deveria ter lido, o vice-presidente da República em exercício. E Magalhães de Azeredo por tais esquecimentos e omissões foi demitido em 16 de fevereiro de 1897, mal chegado ao posto. Na desagradável emergência, a sua correspondência com Quintino Bocaiúva, prócer da nova e encrencada República, varão por todos ouvido e respeitado, se faz assídua e necessária. Este querido Brasil é, felizmente, tão Brasil, apesar dos oportunistas e delatores, que não iria negar fogo na hora exata – as coisas se acomodaram e o segundo-secretário foi readmitido:

> A reparação não podia ser mais completa, pois não só me reintegraram, mas me restituíram o mesmo cargo que eu ocupava, confundindo assim plenamente a perfídia... Mais uma vez se demonstrou que nada é

> impossível ao prestígio do nosso tão prezado Amigo – agradece a Quintino, que por trás dos bastidores andou tecendo os pauzinhos, agradecimentos que a gentil Maria Luísa reforçaria: "...realmente só um coração nobre e afetivo como o seu podia fazer tanto."

E, graças a Quintino, Roma voltara a ser para o jovem par o mesmo ninho ditoso. E não ficaria aí o desvelo do velho político e amante das Letras pelo escritor e diplomata. Graças a Quintino remoções foram tornadas sem efeito. Graças a Quintino seria promovido, mas não removido, permanecendo no Vaticano, onde o papa o honrava com a sua simpatia. E foi uma troca de favores e cartas que só terminaria com a morte do líder republicano na sua chácara suburbana, afastado da militância política, melancolicamente – e são palavras epistolares de Magalhães de Azeredo –

> comparando o sonho que trouxera e nutrira em si por largos anos, com a realização dele, forçosamente imperfeita e incompleta, quando a essa decepção intelectual se junta a hostilidade dos que deveriam ser amigos, a ingratidão dos que deveriam ser reconhecidos, a sôfrega ambição dos medíocres que para alcançar o poder e a influência não hesitam em afastar brutalmente aqueles que podem fazer da autoridade um verdadeiro instrumento do bem público.

Há, porém, uma outra correspondência, mantida por Magalhães de Azeredo durante vinte anos e que somente findaria também com a morte do destinatário carioca – a correspondência com Machado de Assis, cuja importância, extensão e grandeza não tem similar na nossa vida literária. Iniciou-se quando Magalhães de Azeredo ainda estudava no colégio de Itu, tinha ele dezessete anos incompletos e Machado entrava nos cinqüenta. Foi o vínculo postal do homem que não tinha filhos com o adolescente que não conhecera o pai; foi o colóquio, através dos mares, do mestre afetuoso e discreto com o aluno atento e respeitoso; são lições de maturidade e sabedoria de um lado, são explosões de encantamento, entusiasmo e descobertas do outro. Nelas o fechado habitante do Cosme Velho, para surpresa de muitos, se abriu em confissões literárias e íntimas, nelas o diplomata se mostrou em toda a sua claridade. Nelas o moço incita o sedentário a viagens, e o velho encontra sem-

pre pretexto para recusá-las. Trocam opiniões e inquietações, trocam comentários miúdos, trocam Literatura, trocam retratos, e o visitante que no recatado chalé do Cosme Velho entrasse, embora não passasse da sala, verificaria que só uma fotografia adornava aquelas paredes severas – a de Magalhães de Azeredo, quando jovem.

Se o jovem queixava-se de esplim, o infatigável trabalhador de *Dom Casmurro* aconselhava: "... nada mais verdadeiro e eterno do que aconselhar o trabalho à mocidade... não resvale do repouso necessário no ócio excessivo".

Se o moço dá notícias da saúde, que andara abalada, o velho, depois de se alegrar, confessa:

> Já não posso dizer a mesma coisa de mim. Cansado de longos anos, não robusto, vejo irem-se os anos mais depressa do que vieram, e não sei se breve terei de parar, à espera que passe o derradeiro trem. Veja que bom consolador lhe saio hoje! Acabo falando em cousas tristes. Há minutos desses que não se podem tirar do relógio da alma, o mais que se alcança é dar outro aspecto ao mostrador. O ponteiro marca a alegria, enquanto a mola interior vai na direção do pesar.

Se Magalhães de Azeredo lamenta as canseiras diplomáticas, lá vem o sábio mocho: "Cada ofício tem os seus tédios, e cada tédio faz-se suportável com a continuação."

Admirável é o estudo de Magalhães de Azeredo sobre Leopardi, e mestre Machado felicita-o: "Leopardi é um dos santos da minha igreja, pelos versos, pela filosofia, e pode ser que por alguma afinação moral; é provável que também eu tenha a minha corcundinha."

Mas na copiosa correspondência encontra-se uma carta, que muito interessa aqui e agora. É quando surge a idéia da Academia Brasileira. Magalhães de Azeredo dirige-se prontamente ao mestre a 4 de janeiro de 1897:

> Li nos jornais ultimamente chegados daí que grande número de escritores brasileiros se reuniu para fundar a Academia de Letras, aclamando-o presidente, como era de justiça. Aplaudindo a idéia e achando-a capaz de produzir benefícios e brilhantes resultados, peço-lhe que

> na primeira reunião que houver, depois de recebidas estas linhas, declare aos sócios em meu nome que, embora de longe, me identifico com eles no mesmo intuito, e me ofereço para prestar à nova Academia os serviços que eu possa prestar aqui.

Machado de Assis vai além do recado – manobra com a sua habilidade e prestígio pessoal e, a 28 do mesmo mês, os trinta fundadores elegem os dez sócios que completariam o quadro de membros fundadores da Academia e Magalhães de Azeredo obtém a unanimidade dos sufrágios – tinha 25 anos e derrotava um Rio Branco, um Augusto de Lima, um Constâncio Alves, que só mais tarde pertenceriam à Casa.

Logo após esse triunfo, vem a desolação já abordada da exoneração. As cartas do Brasil mínguam. A do mestre e amigo não chega. Magalhães de Azeredo reclama, queixoso, ao que lhe responde o grande eleitor:

> Não creia em mudança alguma da minha parte... A correspondência pode ter desses hiatos alguma vez... Ultimamente tenho andado assaz fatigado.

E sem tocar muito na demissão:

"Ainda bem que os desgostos pessoais e da carreira não vêm atrasar os seus trabalhos de escritor e de poeta." Conclua o seu livro sobre Roma. E, pouco depois, em carta para Veneza, é consolativo: "Em verdade, só uma cousa perdura: todas as mesquinharias da vida não valem o tempo que se gasta com elas."

A diplomacia sempre foi um problema nosso de afastamento da pátria, progressivamente intenso e que podia chegar à total anestesia; uma moderna mentalidade funcional tem procurado coibir o desgaste, e esperemos que ainda mais se aprimore no propósito. Magalhães de Azeredo era diplomata do antigo molde; tendo passado quase inteiramente a sua longa existência longe do Brasil, contudo jamais ficou a ele indiferente. São versos de 1900 este "Carme Secular":

> Pátria: não cuides que, egoísta,
> Em Roma, na áurea torre ideal, eu me encerrasse,

Para, sonhos só de artista
Sonhando, te voltar ingratamente a face;
E, à tua voz desatento,
Sepultar-me em tranqüilo e fundo esquecimento.

E como percebesse a amnésia por parte de muitos compatriotas, possivelmente diplomatas:

Outros há, sei, que por menos
Te olvidam, Pátria doce e amarga, e são felizes;
Vivem fortes e serenos,

Tais como plantas no ar crescendo sem raízes...
A orgia os nutre e os degrada;
E não pensam em ti... pois não pensam em nada!

Esses toda a glória nossa
Desdenham: pouco a pouco o nosso mesmo idioma,
Na língua, que tarda e grossa
O obsceno rir lhes fez, tons estrangeiros toma.

enquanto ele, cada dia apurando mais a sua língua literária, que é de primorosa categoria, tentava com isso ficar mais perto do Brasil. E procurava inovar a métrica portuguesa, adaptando a ela, tal como vários poetas fizeram para a Poesia italiana, os metros da Poesia latina, a que Carducci chamaria de bárbaros, em oposição aos metros clássicos gregos e latinos, metros que os modernistas retomariam com mais liberdade, e cujo exemplo melhor é o modulado final das *Odes e Elegias :*

Não me coroes, Alma querida, de rosas: o encanto
da Juventude é efêmero; e a minha é quase extinta.

Também não me coroes de louros: a Glória não fala
ao coração, nem o ouve; passa, longínqua e fria.

> Coroa-me das heras, que abraçam as graves ruínas:
> são da humildade símbolo, e da tristeza eterna...

A prolongada ausência, porém, inexoravelmente corrói, abre insoterráveis distâncias, cria oceanos ainda maiores, e, ao percebê-lo, Magalhães de Azeredo, tomado pela saudade, reage:

> Oh! recordar... recordar.., um dia daqueles anos, cujas reminiscências, de modo particular, me são caras, por terem sido os únicos integralmente brasileiros da minha existência! Um dia!... na antiga chácara para sempre saudosa, onde a velha mangueira reinava, conheci eu todas as horas do dia, e dias de todas as estações.

E a mangueira amiga era um ponto fixo na sua saudade:

> Ó velha mangueira! ó matriarca do bosque brasílico! ó velha amiga encantadora! Não raro, nas horas da dúvida angustiosa e da saudade cruciante, em que o homem volve os olhos ao passado com a amarga certeza de não poder ressuscitá-lo, e discute de si para si o valor e a inutilidade da própria existência, eu me pergunto se não houvera sido mais justo voltar, apenas conseguida a felicidade, para junto de ti, edificando o meu lar à tua sombra hospitaleira – em vez de lançar por alheio solo raízes de costume e de afeto, tão fortes como as tuas... Então, empolga-me um desejo frenético de ir procurar-te, além do oceano, lá, no fundo da chácara antiga, no sopé da colina banhada pelo córrego fresco, e de pendurar o meu coração, perpétuo dom votivo, como um pomo entre os teus pomos.

Apesar disso, ao aposentar-se no estrangeiro ficou. Precisamente em Roma que ele tanto amava, como homem e como artista, amor que nunca escondeu, que, pelo contrário, sonoramente, proclamou nas *Odes e Elegias*, que são de 1904, e o livro todo um hino de amor e compreensão à Cidade Eterna:

> Roma, nas ondas sacras do Tibre, nas auras sonoras,
> que vão pelos Hortos Farnésios

e pelas fundas vilas, de tanto arvoredo cingidas,
levando perfumes e lendas,

eu embalei meus sonhos mais caros: as doces quimeras
do espírito jovem e ousado,

as rútilas imagens que à mente sorriam, as flamas
do meu coração amoroso,

as alegrias simples, as trépidas melancolias,
que em mim se alternavam lutando...

Todo o meu ser, ó Roma, vibrou no teu seio materno.

o que constitui confissão de legítima filiação espiritual. Ou então:

A planta da poesia, que ingênua em meu berço brotara
na gleba do trópico ardente,

cresceu, abriu-se (foi-lhe lustral a água nívea das Fontes que as moles
colinas te banham,)
abriu-se vitoriosa num basto rosal purpurino.
Ó Roma, estas rosas são tuas !

o que de algum modo relegava a poesia da sua iniciação em favor daquela que o contato fecundo e purificador com a cultura latina sazonaria.

A descoberta do mundo romano foi-lhe deslumbramento e entrega!

É a hora ideal do ocaso. Dulcíssimo ocaso de Roma!
As cúpulas airosas fulgem no céu ardente;

nas vilas, nos palácios, as brancas estátuas parecem
de quase imperceptíveis frêmitos agitadas,

pela aura vespertina, que aromas de rosas e mirtos
– pagãos aromas – move. Do Tibre as flavas ondas

no curvo dorso levam o sangue do poente abrasado
– elas que tanto sangue de povos já levaram...
.....
Apóias-te à janela. Contemplas a pulcra paisagem.
Oh! céu em que as violetas da tarde empalidecem!

Ora se vão teus olhos ao nobre Janículo, ao cimo,
onde entre verdes troncos a Água Paulina rola

vagas harmoniosas em leito de róseo granito;
e às monacais e frias ceias de Santo Onofre,

que viram o ígneo gênio do Tasso, lembrando Eleonora
e Godofredo o invicto, fugir à vida ingrata...

ora, passando o sumo Zimbório, que esbelto, nos ares,
firmara o hercúleo braço de Buonarroti, fitam

o túmulo orgulhoso do artista Adriano, onde, mesto,
compadecido, o Arcanjo recolhe o gládio férreo;

e estendem-se mais longe, no baço crepúsculo ambiente,
e Roma inteira abrangem – o Píncio, o Capitólio,

o Palatino – cinza de régios orgulhos! – a torre
hirta, que tem o nome de Nero, o campanário

de Cósmedin, que as gralhas rodeiam em vôos ruidosos,
e, ao fundo, os montes de Alba, do Túsculo, esfumados.

A citação foi longa, e quanto gostaria de ir mais além, que é belo relembrar as coisas belas e belos são os versos de Magalhães de Azeredo nas *Odes e Elegias*, impregnadas de paganismo, "esta fonte inesgotável contra a qual" – diz José Veríssimo comentando o poeta – "lutou em vão o Cristianismo..."

> o único manancial verdadeiramente fecundo de inspiração poética e estética, o único donde haurimos o nosso amor à vida, o nosso sentimento da Natureza, a nossa sensação de beleza, o nosso gosto de liberdade, até a nossa profunda aspiração do bem.

Como poderia se sentir à vontade voltando ao chão em que nasceu, mas no qual tão pouco viveu? Quarenta anos de profissão: distante dele não são uma bagatela, e ainda uma apreciável porção da meninice passara em Portugal, onde aprendera a ler...Outros se fizeram os seus hábitos na prolongada ausência, outras se fizeram as suas necessidades, outro era o seu círculo de relações e as suas leituras, outros eram os seus contatos e seus conceitos de vida. Que amigos da mocidade encontraria aqui? Talvez nenhum! Da fornada de fundadores da Academia apenas seis ainda e precariamente viviam. Machado de Assis, que o impulsionara nas Letras, amigo e mestre dileto com quem durante vinte anos mantivera tão alto comércio de idéias e sentimentos, há muito estava morto, e das primorosas cartas trocadas, perfeita antologia epistolar da sensibilidade e da inteligência, que sabiam delas as novas gerações? Que poetas novos o conheciam? – que estranhos caminhos tomara a Literatura Brasileira! Com que companheiros de carreira poderia contar? Raríssimos! e doentes, acabados, à beira da sepultura. Monarquista de formação, com elogios impressos a D. Pedro II, conquanto tivesse sempre servido leal e dignamente a República em toda a sua prolongada carreira, como poderia escapar ao barulho republicano a que aperfeiçoamos os nossos ouvidos? Ou pior, como suportar "as épocas de opressão política" – e as palavras são de Magalhães de Azeredo, escrevendo sobre Garrett em *Homens e Livros* – "em que a inteligência tem tão pouca parte no governo, toda a perspicácia dos déspotas e dos esbirros se concentra na adivinhação das idéias subversivas?" – ele que já a experimentara, sob a ditadura de Floriano Peixoto, quando, para escapar a perseguições, refugiara-se na terra de Tiradentes?

Difícil seria, se não impraticável, para quem já fizera o elogio da vida calma e contemplativa: "Entre tanto barulho ensurdecedor e vão, tanta velocidade vertiginosa e sem meta... empolga-me dez vezes por dia um desejo louco de fugir para longe, bem longe"... na delícia de "mirar sem pressa, gostosamente, árvores, ondas, nuvens, estrelas, pensando em coisas transcendentes e inatuais".

E sempre fora amante das horas solitárias, sempre, desde os tempos infantis:

> Lembra-me que, no colégio, quando cometia alguma falta, me era infligido, por pretenso castigo, passar as horas de recreio numa aula, sozinho. Pretenso castigo; mas antes deleitoso prazer. Porque eu preferia à garrulice dos companheiros aquele ermo cheio de silêncio e mistério. Com um bom livro diante dos olhos, ou com estes a flanar simplesmente, desde a janela da aula, por sombria avenida de bambus, que a enfrentava, ou pelo denso arvoredo, um pouco distante, da chácara colegial, eu gozava ali de inolvidáveis momentos de íntima, pura, espiritual volúpia.

Fez bem, portanto, em ficar na sua amada Roma – e mais trinta anos ficou! – cidade imortal, que tão elevadamente soube cantar em prosa e verso, a ponto de Tristão da Cunha considerá-lo "um romano" – "romano dos papas, isto é, cristão e pagão", "que preza o espírito da Igreja, sua economia, sua disciplina", e "preza também na Igreja a pompa, a volúpia, a mística", "entregou-se a Roma. E Roma dá-lhe bom pago".

"A pátria é, antes de tudo" – escreve em *O Eterno e o Efêmero*, que data de 1936, como explicação talvez da sua permanência romana

> – uma sensação, e a memória de uma sensação; sensação múltipla, tão intensa como difusa, que penetra e satura todos os sentidos, e por meio deles se infiltra nas camadas mais recônditas da existência; sensação de temperatura, de clima, de vária mas característica fisionomia das horas e das estações; é cor, densidade, aroma, sabor, da atmosfera e do solo; é o desenho, policromia, relevo, movimento da paisagem; é consórcio sutil, incessante, da luz e da sombra; é música dos ventos e das águas, é consciência de seguro agasalho, em uma terra que nos pertence, e à qual pertencemos; é, nas figuras, nos gestos, nas falas, nos costumes, dos que nos rodeiam, comunhão cotidiana com criaturas, que, no essencial da vida, vivem como nós vivemos, são o que somos nós mesmos.

Senhores acadêmicos:

A vossa Cadeira 9 é plena de coincidências. E de mais uma eu vos dou prova aqui, caso aliás único entre as quarenta: carioca era o patrono, carioca da Praia Grande; carioca era o fundador, carioca da chácara com mangueiras, aclimado à frescura das fontes e à sombra dos pinheiros de Roma, fontes e pinheiros que Respighi musicalmente retratou; carioca é o vosso novo companheiro, carioca de Vila Isabel, bairro que tem nome de princesa, mas é proletário e pequeno-burguês, e cuja gente humilde foi o básico material da sua ficção e do seu amor. E por que não pensar que esta Casa, que é de todo o Brasil, querendo talvez homenagear a Cidade Quatrocentona, que é a cidade de todos os brasileiros, não tenha só por isso preferido o carioca nato que aqui vos agradece e termina?

# II

# RESPOSTA DO SR. AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA

No capítulo das coincidências, Senhor Marques Rebelo...

E lá vem uma coincidência – parcial: a das palavras deste começo com o título do fino conto machadiano "Capítulo dos Chapéus", que no segundo tomo de vosso diário romanceado *O Espelho Partido* mencionais (a par de "Uns Braços", "O Diplomático", "Uma Senhora", "Missa do Galo" e "Idéias de Canário") como um daquele que, ainda pelo entrar de vossa adolescência, requintaram em "alumbramento" a funda impressão dantes suscitada por *Brás Cubas, Quincas Borba*, e *Dom Casmurro*, com a sua Capitu de olhos de ressaca, por quem, dizeis, ó apaixonável confrade, ficastes "para toda a vida apaixonado".

Porém vós mencionastes coincidências de que é cheia a Cadeira 9, na qual, devidamente sacramentado com a solenidade desta noite, vos acabais de empossar para todo o sempre. E delas também falarei.

A última coincidência das que apontastes, a do ano da posse do carioca – duplamente carioca, digo eu, pelo nascimento e pela obra – com o ano de comemorações quadricentenárias da cidade, passara-me pela cabeça bem antes de me dardes a ler o vosso discurso. Honra-me esse encontro de nossos espíritos; mas dói-me haver perdido aquilo que seria a chave de ouro da minha saudação – e devo resignar-me a encerrá-la com um fecho de metal bem mais modesto. Contudo, às que enumerastes acrescentarei algumas outras coincidências, compensadoras desse malogro. Ei-las: Magalhães patrono foi médico,

e vós cursastes Medicina até o terceiro ano; e sois bacharel, tal como o outro Magalhães, o fundador.

Morastes, há uns quinze anos, na Praia de Botafogo, 48, Edifício Duque de Caxias, onde continua a residir este vosso companheiro. Quatro acadêmicos, aliás, deu aquele prédio, contagiado, assim, da nossa precária imortalidade: além de nós dois, produziu ele Álvaro Lins, que ao eleger-se ainda o habitava, e Magalhães Júnior, que oito anos antes de aqui entrar vendera o seu apartamento ao mestre do *Jornal de Crítica*, trocando a sua cívica morada ali por outra em rua não menos cívica: do Edifício Duque de Caxias passou-se para a Rua Marechal Mascarenhas de Morais.

E, por fim, tomais posse em maio: "Em Maio", nome de um conto vosso de *Oscarina*, ou melhor, poema-conto, ou poema em prosa; em maio, "maio plácido, ameno, maio das sinetas tocando para a bênção na capela do Asilo", como escreveis na bela história do "Circo dos Coelhinhos"; em maio, o mês em que nasceu e foi eleito para esta Casa o amigo e confrade que ora, comovidamente, nela vos recebe.

Ora, deu-se que um dia, senhoras e senhores – o dia de Reis do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1907 –, nasceu no então Distrito Federal, em Vila Isabel, o inocente Eddy, Eddy Dias da Cruz, que aos três anos – e seguramente já por essa altura perdera de todo a inocência – muito se impressionaria com a passagem do cometa Halley. Em anos proximamente seguintes, outros sucessos e coisas lhe deixariam pegadas fundas na memória: o rinque de patinação da Praça Barão de Drummond; a representação de *A Tosca*, no Teatro Lírico (ainda preso, sem dúvida, à lembrança daquela noite, dirá, mais de quarenta anos depois, à sua guia, em Praga: "– Museu, sim, minha cara amiga, ópera, não. Detesto ópera."); e a primeira vez que assistiu a um jogo, no campo do América, clube de que é torcedor doente.

Vai pelos nove anos quando se põe a meter o dente nos autores, a maioria clássicos, da biblioteca de seu pai; e entre os dez e os treze dá conta da Bíblia, de Buffon, e Herculano, e Flaubert e Balzac. Já vistes, senhores acadêmicos, que no princípio da adolescência descobriu Machado de Assis; e, lembrando-se dessa fase da vida, escreverá, em *O Trapicheiro*:

> 1922. Há tempo de ler e tempo de reler (notai a influência do Eclesíastes: 'Há tempo de rir e tempo de chorar.'). No quarto com

> cama de ferro e marulho de ondas, *Meu Tio Benjamim*, *Dominique*, Daudet, Dickens, *Gil Bias*, o *Sargento de Milícias*, Victor Hugo, Bret Harte e *Eugênia Grandet* encheram do intenso maravilhoso todo aquele março de calor e mosquitos.

Truncada a carreira médica, trabalhou uns doze anos no comércio, em diferentes ramos; um destes, o de vendedor, que traria ao homem de letras um mundo de fecundas experiências e observações, colhidas ao contato de terras e gentes, pelos recantos de sua terra e pelo Brasil em fora, e que se refletem não só nos contos e romances, senão também nas *Cenas da Vida Brasileira*.

Outras, e numerosas, observações e experiências lhe ofereceram os anos de 1926 e 1927, quando serviu no Exército; delas está cheia a noveleta "Oscarina", peça inicial do livro homônimo.

Retomando à vida civil, tocou sete instrumentos: conquistou, com o andar do tempo, o canudo de bacharel; foi nomeado inspetor federal do ensino; dedicando-se à indústria, entrou como sócio de um laboratório de produtos farmacêuticos, do qual só recentemente se desligou; fundou museus de Arte; viajou quase todo o Brasil, andou longes terras americanas e européias; manteve, na *Última Hora*, seções fixas, uma delas a "Conversa do Dia", em que deixou excelentes páginas, ainda não enfeixadas em volume.

E, em meio a tudo isso, leu a valer – e entre os autores lidos figuram Gide, Pirandello, Lawrence, Conrad, Henry James, Sinclair Lewis, John dos Passos, Willa Cather, Katherine Mansfield, Jacobsen; leu e escreveu varando as noites. Expressiva, em *A Mudança*, esta confissão (de 1941):

> É madrugada. Vago pelo apartamento na semi-obscuridade, adivinhando os móveis, desviando [-me] deles, contornando-os, cansado da leitura, buscando inspiração, meu pêndulo noturno – ler, escrever, ler, escrever.

Homem sois de língua afiada, Senhor Marques Rebelo, predisposta à franqueza mais rude, à mais dura irreverência, à ironia, ao sarcasmo, à sátira crua por vezes; e ninguém me acusaria de maledicência ao proclamá-lo: que a proclamar verdade tão sabida sois vós mesmo o primeiro, antes que o façam os vossos inimigos – que muitos por isso conquistastes – ou os vossos ami-

gos, nem sempre imunes à maledicência rebeliana, oral ou escrita. Por vezes acontece raiarem pelo exagero vaidoso as vossas confissões neste sentido: "A verdade é só esta – sou um rapaz mal-educado."

Qcorre – ao menos uma vez – quererdes explicar-vos: "Não é fácil ser respeitoso a um garoto que nasceu em Vila Isabel, e na Tijuca e no Estácio foi criado." Lançais à conta do famoso bairro o vosso gosto inato da irreverência – do vosso bairro, de que dizeis ser um modesto cidadão, mas do qual em verdade muito vos orgulhais, e com justo motivo, a ponto de que poderíeis repetir o vosso querido e admirado cobairrano Noel Rosa: "Modéstia à parte, eu sou da Vila."

Em dado momento, chamais "sinceridade" a essa face do vosso feitio: "a sinceridade é uma qualidade que nunca atraiçoei."

Em *A Mudança*, onde apareceis sob a pele de "Eduardo", deixastes esta confissão: "Certos confrades entenderam de inventar o assunto Eduardo. É um assunto fácil, porque dou pasto, por uma certa descontinência de língua." E adiante: "O meu primeiro movimento é sempre de cólera, Chico. Ou de curiosidade." recordando as palavras de alguém – "A inteligência é a faculdade de compreender aquilo que nos é antipático" –, escreveis que isso vos "doeu como uma pedrada. Senti-me burro". "Engraçado!" – Luísa vos diz (e naturalmente com ela concordais). – "Com você é preciso agir como se jogássemos o perde-e-ganha. Porque se a gente quer ouvir vitrola, você liga o rádio. E quando a gente quer rádio, você toca vitrola, e sapeca fatalmente um samba se pedimos que ponha um disco clássico..."

Em certo ponto, porém, revelais divergência entre a língua e o coração: "Nunca é possível cortar uma certa rispidez de gestos e respostas, que me põe em estilhaços o pobre coração de vidro sem o hábito da cautela."

Doutra vez: "Caneta pingando fel, que ganhas com isso?" E, nobremente, o pecador faz o ato de contrição, certo, embora, de não poder fugir ao pecado:

> A verdade é esta: falta-me grandeza. Falta-me o espírito de tolerar a eterna tolice humana, a irremediável vaidade humana, a estupidez humana. Quantas vezes eu juro a mim mesmo não ferir mais susceptibilidades, sorrir piedoso para todas as tolices, para todas as vaidades,

> para toda estupidez, para o carneirismo ou para a cupidez – deixar a vida correr suave e sem barulho como máquina azeitada. Inútil! Sou bichinho rasteiro (o espelho me segura) – e na primeira ocasião lá vai agressão sob a forma de franqueza, quando a franqueza é um mito e as minhas fraquezas são muitas, infinitas, Catarina que o diga!

Dizendo à vossa Luísa que tendes horror a confissões – vós que tantas fazeis –, confessais-lhe:

> não sei gostar muito. Não sorrias... Sei suportar, apenas, e uma e outra coisa podem se confundir um pouco. Suporto uma infinidade de criaturas, de resto com bastante desfaçatez, súbitas explosões e alguns traços de meiguice, além de toneladas de gratidão em certos casos.

E acrescentais, profundando a auto-análise:

> Tenho compaixão de algumas, poucas, pobres almas desarvoradas como Eurico e a nossa perdida Madalena. Estimo Francisco Amaro e Garcia, mas estima indestrutível como se os laços do afeto pudessem ser inoxidáveis como certos aços. Por Vera e Lúcia (os filhos) é amor, mas amor seco, que às vezes nem parece que é amor. Talvez nem seja mesmo amor, pois o amor paternal bem pode ser amor a nós mesmos.

E há um momento em que vos abandonais a esta inquirição psicológica:

> que sabemos honestamente de nós mesmos, com que astigmatismo nos olhamos, infensos às lentes retificadoras?

Mas, pelo geral, não estais para semelhantes indagações, e, como achais que "não há vaidade mais perigosa do que a modéstia", envaideceis-vos das vossas franquezas e maledicências, e do espírito com que as expressastes:

> O que me perguntaram (em Praga) respondi com este jeito que Deus me deu e o Diabo conserva e, por causa de muitas respostas, houve alguns risos. Por causa das perguntas que ousei fazer, certas vezes houve caras fechadas. [...] Desembaraçadamente desatei num rosário de considerações, não distantes muitas da finura e da originalidade, cheias outras de inocente maldade.

Inocente maldade!

Agora carregais mais vivo no auto-elogio, mesclado a elogio de vossa terra e de autores e amigos da especial admiração vossa, ao registrar uma conferência por vós improvisada em Belo Horizonte:

> não me considero um mau conversador, a certas alusões houve risos, a memória não me trai, e me é fácil falar com amor da minha cidade e de Manuel Antônio de Almeida, de Machado de Assis e de Arnaldo Tabaiá, sobre quem vem pesando um cerrado e injusto esquecimento.

"Falar com amor", dizeis. Amor, ternura, piedade – e eis o reverso da medalha, a outra face da vossa complexa personalidade. No quarto do casal, Luísa estuda para um concurso, e:

> De quando em vez, vou até lá como cordão umbilical que nunca se desprendeu da matriz: "– Que é isto?" "– Contabilidade Industrial. Não sabia nada!"
>
> Quando fecha os livros é que eu me instalo na mesinha para as minhas lucubrações. A luz do abajur não a perturba, nunca a perturbou, dorme, cansada, profundamente, e não sinto remorsos. Ao ritmo do seu arfar, vou compondo as minhas coisas.

Depois de a pergunta da praguense Jerolav, vossa guia, sobre se tendes algum verso que vos persiga, responderdes que é o verso (aliás, os versos) de Manuel Bandeira – "E saudava a matéria que passava, / Liberta para sempre da alma extinta", torna ela:

"– Quer dizer que se você tivesse um ex-libris poria nele esse verso?" "Não" – retrucais –, "poria outro: 'Perdido é todo o tempo que em amor não se gasta'. É de Tasso."

E é vosso este conceito, moldado no "Há tempo de rir e tempo de chorar", do Eclesiastes:

"Há tempo de amar e tempo de amar o que se amou." Aos cães se estende esse amor, e eis com que afeto – e poética beleza – vos referis à cadelinha Laurinda:

> Envolveu-se Laurinda num velho suéter verde, de melancólica história, como se fosse possível aquecê-la, aquecer o seu inestimável coração sem latidos. Pérsio é gentil. Abriu a pequenina cova rente ao muro do seu ateliê. Foi plantada lá como semente de amor, ao sol que ela tanto amava.

Se considerais "Triste espetáculo o de uma criança que chora", menos piedade do que os seres de carne e osso não vos merecem as vossas personagens. E com esta breve nota abris os *Três Caminhos*, explicando a razão do título:

> "Vejo a Lua no Céu", "Circo de Coelhinhos" e "Namorada" representam capítulos imperfeitos de três romances tentados, onde cada pequenino herói estava no seu caminho. Se não os prossegui não foi por negligência ou incapacidade. Falou mais forte a piedade de não lhes dar destinos.

Da vossa dedicação aos amigos uma prova citarei. Em 1942 tomastes conhecimento da remessa do *Cascalho*, romance de Herberto Sales, então residente em Andaraí, na Bahia, para o concurso Latino-Americano de Romances, aos cuidados, em nosso País, da *Revista do Brasil*, então dirigida por Otávio Tarqüínio de Sousa, e por mim secretariada. Lestes a obra e escrevestes ao seu autor, com elogios, e sugerindo-lhe modificações, que foram aceitas. Conquanto houvesse ganho, aqui, no certame, Jorge Amado, com *Terras do Sem-Fim,* o vosso interesse não morreu: conseguistes editor para o romance, e, quando este em provas, telegrafastes a Herberto pedindo-lhe vies-

se revê-las, e fostes esperá-lo no aeroporto. E porque Herberto – volvidos alguns anos, e depois de, ante situação difícil e perigosa, haver-se deliberado a deixar sua terra e vir para o Rio, cedendo à insistência do vosso convite – desistisse da viagem quando já estava em Salvador, mandastes a sua mãe este telegrama, que foi entregue ao escritor por seu pai quando aquele, de regresso, já se achava em Feira de Sant'Ana: "Obrigue Herberto a vir pt Tudo farei para salvar o amigo pt Abraços". E pouco depois lhe escrevíeis: "Recebi carta. Quando você quiser vir, é só chegar: o apartamento, com Rebelo ou sem Rebelo, é sempre seu." O complicado romancista não resistiu, e em vossa casa o hospedastes durante meses, e encaminhas-tes-lhe os primeiros passos.

E a vossa amizade a Arnaldo Tabaiá, a Francisco Inácio Peixoto a Walter Benevides, a outros daqueles (não muito numerosos, é certo,) a quem concedeis a graça de os poupar ao pelourinho que é a vossa obra cíclica *O Espelho Partido*, onde tantos desafetos, e até amigos, vêm sendo castigados, por vezes implacavelmente?

Sim, também amigos. Lembrais – só até certo ponto! – o Joaquim Fidélis, do conto machadiano "Galeria Póstuma". À noite essa estranha criatura retratava, em traços sintéticos, e não raro cruéis, pessoas de sua amizade e convívio, num diário, "confidências do homem a si mesmo", cujo veneno não poupou o sobrinho sequer, que morava com o tio e só após a morte deste veio a descobrir o precioso documento:

> Este meu sobrinho .... ama-me. Eu não o amo menos. Discreto, leal e bom... Tão firme nas afeições como versátil nos pareceres. Superficial, amigo de novidades, amando no Direito o vocabulário e as fórmulas.

Com os outros, então, era muito pior.

Santo não sois, por certo; mas ninguém menos que vós pretendeu vender-se por santo. Pecador confesso e relapso, tendes, contudo, como se viu, momentos de grande virtude.

Quer-me parecer mais um traço de vossa afetividade o hábito e gosto de dedicar a amigos as vossas obras.

*Gourmant* e *gourmet*, com ríspidas idiossincrasias alimentares – ao leite, por exemplo, e a quantos lacticínios existem ("não ponho manteiga na boca"; "por mais admiração que. tenha por Metchnikof, troço que não ponho na minha boca é coalhada"), virgulais o habitual trabalho noturno com a ingestão de numerosos acepipes ligeiros, sem dispensardes o café – e, dou o meu testemunho, é excelente o de vossa casa ("Quando que aqui em casa o café não foi decente?" – gritais a um visitante que parecera disto duvidar).

Apaixonado das Artes, Música e Pintura maiormente, sobre elas, como acerca de Letras, gostais de conversar; e creio não perdestes o costume, que tínheis quando meu vizinho, de, querendo impor vosso gosto aos amigos, atacar autores que víeis enfileirados nas bibliotecas, sugerindo, como destino para eles, o lixo, e condenar músicos ou músicas não de vossa preferência, e sugerir a remoção de certos quadros da sala para a cozinha.

Homem de rompantes, língua-de-prata, sois, enfim, como o vosso caro biografado Manuel Antônio de Almeida, um desabusado; e, como somente vós mesmo, e sobretudo em relação aos de vossa estima, um abusado, na acepção bem nordestina de "confiado, intrometido".

Língua-de-prata, sim; mas não é outro senão vós quem escreve, antes de travar, em Ferney-Voltaire, na França, imaginário e espirituoso diálogo com o forte maldizente do *Candide*:

"Desconfiem dos homens de má língua, meus amigos – em regra geral têm bom coração."

Ora haveis de saber que um dia, senhoras e senhores meus, Eddy Dias da Cruz, aquele menino de Vila Isabel, realizou a mais valerosa obra de sua vida: criou Marques Rebelo, que viria a ser um dos grandes de Espanha das nossas Letras, personagem, bem o vistes, de altíssimo teor de personalidade.

Isto ocorreu pela altura de 1926, quando Eddy Dias da Cruz andava pelos seus adolescentes dezenove anos, já semi-empanturrado de leituras e atacado da comichão literária, e querendo de simples leitor passar à condição de autor.

Certo, ao nacionalismo do seu espírito não agradava o estrangeiro nome de batismo; tampouco a seu musical ouvido soaria bem o *Eddy Dias*, esse *di-di*, feio, tipo de cacofonia que a gramática maltrata com um palavrão – *pare-*

*quema.* E, ainda por cima, um de seus professores, o escritor Nestor Vítor, sentindo-lhe os pendores, chama-lhe a atenção para a penosa circunstância.

Assim, antes de aventurar-se a criar nome literário, teve o jovem de, fazendo uma autocrisma, criar para si um nome com que firmar os seus trabalhos.

E – caso não demasiado freqüente – pela vida fora, pela obra fora, Marques Rebelo chegou a matar Eddy Dias da Cruz: matou-o literariamente, e socialmente; e até no campo das amizades íntimas, e no da família, a bem dizer também o matou: na boca sentimentalmente conservadora de uns raríssimos amigos de infância, e na dos filhos, é que o "Eddy" permaneceu; para todos os demais, "Rebelo", como lhe chama até sua mulher; ou poucas vezes "Marques"; ou, finalmente, e por inteiro, "Marques Rebelo".

O jovem Eddy, porém, ficou, no fundo da cena, alimentando, com a sua vivência rica, talvez a maior parte da atividade literária de sua criatura, que a seu turno se fizera criador. Criador, do seu poder demiúrgico viria a brotar toda uma teoria de seres, ora nítidos, vividos, inteiros, ora fugazes, evanescentes, incompletos, e nem por isso menos humanos – ao capricho e sabor das exigências desse universo de características tão próprias que é o universo da ficção.

A argila desse fino escultor, fornecida por Eddy Dias da Cruz, plasmou Seu Azevedo, e Seu João, e Onofre, o mata-mosquitos, e o pequeno Silvino; e mais Rosinha, a professora, doida para casar, e a cujos olhos Santo Antônio "valia muito mais que São Geraldo, razão, mais ou menos, de dois São Geraldos para cada Santo Antônio"; Estela, de olhos que "eram bem o chamado do mar o chamado das ondas de um mar verde, fundamente verde" ("Por onde andará Estela? Em que mares de homens se perdeu?".) E não terá entrado um pouco dessa argila na composição da capitosa Oscarina, embora a tenhais conhecido, ao que parece, pouco após a fase de transição entre Eddy e Rebelo?

Mas é bom atender à cronologia, pondo as coisas nos devidos lugares e tempos.

Operada a transição, trazido às nossas Letras um novo autor, este não principiou escrevendo prosa. Não. Como tantos e tantos, como a grande maioria, começou poeta. A 5 de fevereiro de 1927 estreava, na *Para Todos...*, com o poema "Rua indolente":

Da minha janela, convalescente,
eu vejo a minha rua,
a minha rua indolente de subúrbio,
adormecer ao sol do meio-dia.
Quase silêncio.
Roupas a secar na corda.
O capim, muito verde, cresce na sarjeta
de grandes pedras desiguais.
Um velho tamarineiro enche duma sombra
malandra o botequim da esquina.
Passa um sorveteiro com a sua caixa
mal pintada de verde e de amarelo.
Passa um mascate.
Outros pregões... Os pregões de todos os dias
de vozes cansadas e arrastadas
que ficam muito no ar...
Há um longínquo bater de roupas.
Nas janelas azuis do teu branco chalé,
do teu chalé imperial,
os cortinados de cassa
parecem me chamar...
E de repente,
o teu piano, meio desafinado, enche
o quase silêncio da minha rua indolente,
com uma velha valsa sentimental
que não se toca mais.

Bem se vê: Poesia descritiva, do cotidiano, simples, sem estridências, discretamente filiada ao Modernismo.

Mais uma citarei, publicada na *Revista de Antropofagia*, número de junho de 1928. Seis versos, apenas:

Eu abri a janela
E respirei fundamente a frialdade
Da manhã.
Sob risadas de sinos
A cidade brincava de esconder
Dentro da névoa.

Outra, igualmente breve, "Quando você foi embora", saíra um mês antes, na *Ilustração Brasileira*, vindo no mesmo número um conto seu, "Rita".

E mais outros poemas, vários, lançou Marques Rebelo, que, além de nas citadas revistas, colaborou, entre 27 e 29, na *Revista Sousa Cruz*, em *Verde*, no *Leite Crioulo*, no *Atlântico...*

Chegou a pensar em reuni-los todos em livro, com o título daquele primeiro: *Rua indolente*.

Desistiu, depois; e deu de mão à Poesia. Atirou-se à Prosa, onde por vezes se realizaria bem mais altamente como poeta. Vede, senhoras e senhores, se tenho razão:

> Leniza sentou-se, tímida, na ponta da cadeira, como uma pomba no beiral, exatamente como uma pomba. Uma doce piedade pousou-lhe no coração, como borboleta bondosa que pousasse numa flor morta e sem perfume.

Dois breves e belos poemas. Basta que se lhes dê a disposição tipográfica de versos. São de *A Estrela Sobe*, seu quarto livro de ficção; e a colheita poderia remontar a época muito anterior.

E este, ainda mais curto, lapidar, prodigioso dístico, uma vez feita a separação na palavra "solitário":

"O bêbedo solitário faz parte do luar."

*O Espelho Partido* nos oferece maravilhas poéticas assim: "E a madrugada vinha desabrochando da linha do horizonte como uma imensa orquídea sangüínea."

E agora, senhoras e senhores, a dor pela morte do amigo muito querido transfeita em poesia de grave e enternecida beleza:

> Que tarde de cristal! Que brilhos arrancava o sol do casario! Que clareza tinha o branco de mármore e cal das sepulturas! Diafaneidade, fulgência, claridade, que os olhos sôfregos de Tabaiá não mais poderiam gozar e fixar. Sob o machucado monte de coroas, ramos e douradas Letras da homenagem e da saudade, deixamo-lo no seu alvéolo perpétuo, partícula do favo imenso horizontalmente esten-

> dido, de ventre enchumaçado de inúteis ataduras de algodões antissépticos, operária da beleza, que não fabricaria jamais o mel da alegria e do amor.

Datado "Rio, outubro 931", chegou-me às mãos, em Maceió, o livro de estréia de Marques Rebelo, *Oscarina*: a novela de igual título, dantes publicada na *Feira Literária*, e mais quinze histórias curtas. Outros amigos de lá também o receberam. Foi um rebuliço, na mesmice da província. Ainda me recordo bem de Raul Lima a repetir, deliciado, aquele trecho, que tinha de cor:

> Conheceu Oscarina no mafuá de Botafogo, defronte à barraquinha das argolas.
>
> – Duma morena assim é que eu precisava lá em casa... Oscarina, rebolando, virou de lado, como quem não quer, mas dando corda:
>
> – Sai, pato!...

Valdemar Cavalcanti quase delirava. E Graciliano Ramos, na *Imprensa Oficial*, de que era diretor, um dos pontos obrigatórios do nosso bate-papo literário, levantava-se da mesa, mangas arregaçadas, depois de pentear a gramática e estilo de um original, tomava da obra, sempre à mão, e, abrindo-a no conto de sua preferência, "Na Rua D. Emerenciana", que uns vinte anos depois viria a incluir na sua antologia *Contos e Novelas*: – "Isto é bom como todos os diabos, não é assim?"

Rematava o louvor com um palavrão cabeludo, e, como prova – "mata a cobra e mostra o pau" –, punha-se a ler:

> Seu Azevedo, vizinho, um bom homem, de tardinha, palito nos dentes e paletó de pijama listrado, vinha com a Lúcia e a Ninita, as pequenas, gozar a fresca – digam lá o que disserem, não há como os subúrbios para uma boa fresca! – comentar a *Esquerda* com Seu Jerome, dar dois dedos de prosa com a comadre, perguntar pela entrevadinha, sempre da mesma maneira: e como vai a titia? – porque era ela uma tia velhinha e paralítica, que Seu Jerome abrigava. Mas se ele era

> bom, era irredutível a respeito dos políticos, "todos eles uns grandessíssimos piratas".

– Que desgraçado, não é assim? – comentava Graciliano.

Virava a folha, depois de nos ter consultado os olhos e obtido concordância plena: Vejam isto agora:

> Este mundo é uma bola, D. Veva. Este mundo é um circo...
>
> D. Veva, esfolando os cotovelos na janela, não ouviu bem (a voz do Seu Azevedo era rouca) e ficou com vergonha de perguntar, sem saber se o mundo era um circo ou se era um círculo. Então mudou de assunto perguntando se D. Maria andava melhor do reumatismo com a receita espírita. Seu Azevedo tinha aquele defeito – gostava de falar em doenças. Pegou no reumatismo da mulher – até agora nada de melhoras, comadre, enfim... – e não parou mais.

Sublinhava bem "pegou no reumatismo da mulher". Os ouvintes já conhecíamos o conto, mas nenhum se cansava de ouvir. E a figura de Seu Azevedo, e a figura do criador cresciam a nossos olhos. E eu lembrava aquele fim patético, da mais pungente dramaticidade do cotidiano:

> Ele se foi, é o nosso destino, comadre, uma vontade suprema a que nada podemos opor, e como era bom com Deus está. Mas não a deixou sozinha, pense bem. E os filhinhos? E... D. Veva espantou os olhos gastos para Seu Azevedo, que emudeceu, e, quando pensou nos seus cinco filhos, aí é que ela viu mesmo que estava sozinha e de mãos para o céu começou a gritar.

A todos nós – em grau bem menor ao mestre de *São Bernardo*, espírito mais positivo – tocava-nos também, fortemente, o "Em Maio": sucessão de instantâneos líricos; um "prosoema" (para usar o neologismo com que Osvaldino Marques batiza certas páginas de Guimarães Rosa), com aquele fim, humano e triste na placidez do seu ritmo:

> Quando entrar em casa, sentirei a mesma quietude. Minha mãe cosendo, sentada no seu banquinho ao fundo da sala, minha irmã, esquecidas as mãos no teclado amarelecido, num fim de sonata, sonhando – bem o sei!... – com alguém que não está. O retrato do amigo perdido pende da parede, desolado, sozinho. A lâmpada que ilumina o Senhor derrama uma luz tranqüila, que vai suavemente esmaecer os ângulos dos móveis antigos. Minha mãe levantará a cabeça quando eu bater à porta: Boa noite! Responderei: Boa noite! Minha irmã acordará. Perguntarão se estou cansado, se eu passeei muito, se eu quero comer alguma coisa. Nem sei o que responderei. Deveria haver lágrimas na minha voz. Escondo-as. Não se deve turvar uma felicidade e eu sinto que existe uma felicidade inefável dentro daquelas quatro paredes, mas eu sinto também, angustiosamente, que dentro de tanta paz eu sou um homem sem motivo e lá fora, na vida, um tímido que se aterra.

Nada faltava ao escritor, escrevia João Ribeiro, para ser completo e perfeito, ou (o que está mais próximo da verdade) lhe faltaria muito pouco. O livro, a seu sentir, "sem ênfase, sem frases inúteis e pernósticas", estava entre os melhores do gênero. E Tristão de Ataíde, para quem aqueles contos algo exprimiam "de muito pessoal e de bastante superior ao nível médio de nossa produção literária", aproximava o autor – embora considerando-o "muito mais romancista que contista" – dos dois contistas que a geração anterior, a dele, revelara: Antônio de Alcântara Machado e Ribeiro Couto.

Aproximava, sem contudo expressamente falar de influência, enquanto João Ribeiro identificava a de Machado de Assis, pela sobriedade, singeleza e graça do estilo.

Havia, sim, esta influência, aqui e ali a repontar na construção de uma frase, no fino do humor, mas visibilíssima, palpabilíssima, no estilo e na técnica da "História de Abelha" – no jeito de mitigar ou corrigir a afirmação com o sinuoso da dúvida, ou anulá-la com a negação, de enredar-se num indeciso ir-e-vir, na volúpia de circunloquiar, de abandonar-se um pouco ao fluir lúdico, posto que vigilante, das palavras, e até no gosto de trazer à luz suas pontinhas de erudição:

"Parecia uma abelha." – assim começa.

> Era possível que não fosse, tão complicada e vária é a bicharada do Senhor. A cor, na verdade, não tinha nenhuma semelhança com a das abelhas mais originais que conhecera, um castanho-escuro, carregado, esclarecendo um pouco para o ferrão amarelo, de tom vivo e agressivo. E as listras? Sim, não esqueçamos as listras pretas, grossas, pelo corpo como anéis. Enfim, não é coisa incrível haver abelhas extravagantes. Esta bem o poderia ser. Mas o tamanho? Convenhamos que era do tamanho de um dedo, não digo que um grande dedo rude de trabalhador, mas um dedo pequenino, gentil, digamos logo, um dedo de mulher, o que não deixa de ser porte de sobra para uma abelha. Nada disso importa. Haverá quem negue neste mundo a existência de abelhas descomunais? As da Birmânia, dizem os viajantes que por lá exoticamente andaram, são monstruosas. E não seria porventura esta uma abelha da Birmânia (possivelmente até da Transcaucásia, onde as há também, já ouvi falar), uma abelha-monstro, rara, excepcional, que só aparece por vezes?
>
> Uma abelha, pois, o meu bicho, o dia era domingo, pela manhã, pouco passava das nove horas e eu ia para o banho de mar. [...]
>
> A irmã era loura e estava de bege. A moça era morena. Talvez fosse uma amiguinha. Não – era irmã sim. Vária e complicada é a gente do Senhor.

E assim termina, ainda bem machadianamente, a graciosa narrativa: "A abelha, nunca mais a vi. Era grande, castanha, listrada de preto, notável; talvez nem fosse abelha, um marimbondo, quem sabe?"

Uma das histórias do volume traz o mesmo título de outra de Machado, por sinal, como vimos, figurante entre as prediletas de Rebelo: "Uma Senhora". De Machado de Assis, sabeis, é o conto "O Espelho"; em *Oscarina* aparece "Espelho", apenas sem o artigo.

Com respeito a influências em Marques Rebelo (reveladas não apenas em *Oscarina*), insistentemente se costuma somar à de Machado de Assis as de Manuel Antônio e Lima Barreto. Repete-se que é ele herdeiro e continuador da interrompida tradição desses três cariocas ilustres. Isto se repete com esquecimento de uma verdade flagrante, que sempre reconheci, e com agrado vejo reconhecida por Manuel Bandeira: o paulista Ribeiro Couto, arraigada-

mente carioca em muitos dos seus contos de *A Casa do Gato Cinzento*, em todos os de *O Crime do Estudante Batista*, e nas crônicas todas de *A Cidade do Vício e da Graça* (para só falar de livros seus saídos antes de surgir o nosso autor), esse paulista não há dúvida que exerceu influxo na arte refinada e sutil de Marques Rebelo.

Longo e ocioso seria falar de outros influenciadores: já se viu a complexa vastidão de suas leituras. Assim como assim, mencionem-se dois mestres do conto estático, do conto-crônica, presenças também não infreqüentes na tessitura das narrativas curtas desse outro mestre do conto estático, a quem ora estou saudando: Anton Tchekhov e Katherine Mansfield, a quem, registre-se de passagem, Machado de Assis, não menor que eles, grande entre os maiores do mundo, no gênero, se antecipou, com "A Missa do Galo" – para citar um só exemplo.

Dois anos depois de seu livro de estréia lançaria o escritor *Três Caminhos*: uma novela e dois contos, tudo excelente; destes, um, o "Circo de Coelhinhos", página de certeira psicologia infantil, terna e desenganada ao mesmo tempo, é obra-prima, o que importa dizer: uma das obras-primas do conto brasileiro.

Aqui, mais do que na obra anterior, porque de ponta a ponta, insinua-se a presença do menino Eddy, a fornecer à sua criatura uma constelação de reminiscências de infância.

As qualidades de observação exterior e psicológica, de estilo, de fatura, mantêm aproximadamente o mesmo nível, já elevado, de *Oscarina*; porém a obra, mais reduzida, é, talvez em parte por isso, muito mais homogênea.

Mais dois anos passam – e eis o nosso autor a ganhar, em chave com três outros, o Grande Prêmio de Romance "Machado de Assis", em concurso promovido pela Companhia Editora Nacional. *Marafa* – é o romance laureado.

Pouco me agradara esse livro, ao lê-lo na primeira edição. E era concorde com a minha a opinião do autor: o livro, pelo que se vê nos *Escritores Contemporâneos*, de Renard Pérez, nunca o satisfez de todo. Mas a releitura, agora feita, na terceira e última edição (refundida, como já o fora a anterior), alterou-me o julgamento.

Progresso revela ele – nos meios expressivos e na fabulação. O diálogo, já dantes excelente, atinge, aqui, acabada mestria. De tão vivo, de tão ágil,

recorda a mobilidade da conversa do autor, e a sua própria (sobretudo a antiga) mobilidade física. Falas contrapõem-se a falas, exatas, enxutas, elétricas por vezes, com a vivacidade de um pingue-pongue de jogadores consumados – flagrantes perfeitos de estados de alma; ou derramadamente longas, como as de Baltasar, aquele funcionário público algo incendiário, apelidado "Carne em Açougue" por não saber conversar sem pendurar-se no interlocutor –, mas nem por isso menos expressivamente retratadoras. As almas apresentam-se quase por si sós, em discurso direto, ao longo da narração – processo bem do autor –, e algumas palavras, por vezes uma ou duas, sempre oportunas, com que o ficcionista contraponteia os diálogos –, neles interpoladas, ou acrescentadas a eles, não raro sem a gráfica e esperável solução de continuidade, valem mais que alentadas descrições, conferem prodigiosa vida e verossimilhança à trama da narração, sugerindo intensamente o identificar-se do criador com os problemas e paixões das suas criaturas.

Um vocabulário ricamente matizado e preciso, em que os termos, locuções, ditos e provérbios cultos, usuais ou raros, alternam com os populares, os familiares, os giriais, ou de jargão, os chulos, ou, até, com palavras técnicas, neste quadro da vida carioca, em cujo primeiro plano se patenteia a miséria dos nossos *bas-fonds,* e a que não faltam outros aspectos: um pouco da vida esnobemente mundana, e o carnaval – o das ruas e o das sociedades carnavalescas – e os esportes o futebol (no qual, Senhor Marques Rebelo, notariamente sois doutor) e o boxe, de que também revelais conhecimento seguro, e algo alarmante.

Só um tipo, de toda a galeria de *Marafa,* me parece lá o seu tanto artificial: é o "jovem escritor", muito dado a esnobar, a lançar conceitos, a rir-se da tolice alheia. Artificial, sim: não, está claro, porque assim proceda; mas pela maneira duvidosamente artística por que aparece retratado.

Contudo, a obra é significativa, de forte e generoso teor humano. E, nela, não vos nutris – pelo menos, quase nunca Marques Rebelo se nutre – das vivências de Eddy Dias da Cruz; e sim das próprias, e espantosamente numerosas.

E daqui por diante passareis a desprender-vos mais – nunca, porém, o fareis de todo – do cordão umbilical que a ele vos prende.

Em *Estela me Abriu a Porta* a vossa ficção se mostra cada vez mais sintética, mais despojada, mais cerebral, no estilo e na estrutura; nem é sem motivo que adotais por epígrafe a palavra de Jacques Chardonne: "O tempo conserva de preferência aquilo que é um pouco seco."

E neste ponto abrirei um parêntese para lembrar o vosso gosto das epígrafes. Que felicidade no escolhê-las! Vimos a de Chardonne, excelente; vejamos outras.

Em *A Estrela Sobe,* duas. A primeira, tirada à Bahia: "E o Senhor me disse: 'Toma um livro grande, e escreve nele em estilo de homem'." (Isaías, 8-1.)

A *Os Lusíadas* pertence a segunda: "Oh! grandes e gravíssimos perigos! / Ó caminho da vida, nunca certo!"

Nas *Cenas da Vida Brasileira* a Bíblia retoma. Agora, é o Livro de Jó: "E disse o Senhor a Satanás: 'De onde vens tu?' Ele respondeu: 'Girei a Terra, e andei-a toda.'"

"Boa romaria faz / quem em casa fica em paz" – a este provérbio recorre pitorescamente o autor em outro livro de viagens, o *Correio Europeu.*

George Moore, *Memórias da Minha Vida Morta,* aparece nos dois tomos publicados de *O Espelho Partido*: "A memória de todo homem é um espelho de mulheres mortas."

Mas retomemos o fio. De contos (e semicontos e impressões) se compõe *Estela me Abriu a Porta.* Em um deles, de primeira ordem, "Os Caprichosos da Tijuca", notabilíssima é a fluidez da narrativa, onde o diálogo atinge perfeição dificilmente igualável. Dos melhores contos do autor. E o "Labirinto" será, no gênero, a obra-prima de suas obras-primas. História estranha, desconcertantemente patética, de uma pobre, apagada vida — uma das tantas vidas pobres e apagadas que povoam a ficção rebeliana — atormentada por males vários, de dinheiro e de saúde, e que termina dispondo-se a consultar um oculista, a quem volta, afinal, por não haver obtido melhora:

> – Estou na mesma, doutor! O senhor disse que eu melhoraria com as lentes novas. Nada!...
>
> O oculista, que estava com o rosto sombrio, não respondeu. Foi consultar primeiro a ficha do cliente. A enfermeira trouxe o papelão azul. Ele leu e releu, balançou a cabeça:

> – Custa um pouco, meu amigo. O senhor durante quatro anos não mudou de lentes. Vai pouco a pouco. Calma. Duram muito estas perturbações. Às vezes vão a meses. São perturbações do labirinto.
>
> Seu João riu amargo: – Num labirinto vivo eu, doutor!
>
> O médico abaixou os olhos pequenos que (João reparou bem) pareciam ter chorado:
>
> – Também eu, meu amigo. Também eu. Todos nós andamos num labirinto.
>
> E sentou-se desoladoramente na cadeira de ferro, pintada de branco, com a ficha na mão.

O virtuosismo de técnica e de estilo culmina neste volume, com que o autor proclama haver encerrado sua carreira de contista. Jogos e sutilezas de forma e fantasia alimentam, aqui e ali, a composição dessas historietas, uma delas, muito boa, impregnada daquele tom e jeito machadiano: "Episódio Coreográfico". É bem de notar, por exemplo, no fim, o dedo do Mefistófeles do Cosme Velho:

> Durante uma hora, apesar dos meus bons esforços em contrário ela dançou o que muito bem entendeu como sendo *one-step*. E se houve um aluno, este fui eu. Aprendi que caridade e cerveja eliminam o ridículo, o que é moralidade e alta moralidade.

A alguém que desejou, na Europa, saber que livro gostaríeis de ter escrito, respondestes, sem exagero de modéstia: – "Já me perguntaram isso uma vez, na minha terra, e dou a mesma resposta: *A Estrela Sobe*."

E aqui chegamos ao vosso altíssimo romance. Haveis de recordar-vos da epígrafe bíblica –"Toma um livro grande, e nele escreve em estilo de homem". Certo, por estilo de homem entendeis a forma lisa, desadornada, nua, que já vinha de *Estela me Abriu a Porta*. Simples, sem descer à iliterária condição de simplória. Há muito quem, confundindo simplório com simples, julgue aproximar-se, amontoando períodos inocuamente banais, da simplicidade tão complexa de Machado de Assis. Claro, nem de longe é esta a vossa maneira de ser simples. Revelais, neste livro, mais que nos anteriores, aquilo a que eu chamaria um estilo condicionado: perfeitamente condicionado às per-

sonagens e às situações. Movido do amor às suas criaturas, o criador mistura-se e identifica-se com elas, com os seus dramas, as suas perplexidades, os seus sonhos e desilusões, inquietações e agonias, a ponto de fundir com os delas os seus meios expressivos. Um exemplo típico? O período inicial do romance: "A primeira filha de D. Manuela morreu aos quatro meses, duma gastroenterite, que zombou tanto da homeopatia e alopatia dos médicos como do empirismo solícito das vizinhas."

Traço dessa integração na fala de vossa gente é o constante oscilar entre o uso da paragrafação nos diálogos e a ausência deste uso, processo aqui particularmente notável.

Outro recurso, de assinalada economia expressiva: o hábito, que ora começais a manifestar, de, aberto o parágrafo para registro da fala de um personagem, escrever entre parênteses, antes dela, das palavras ditas, as palavras pensadas, a fala interior. Processo de seguro efeito: dispensa o abuso dos verbos *dicendi*, sozinhos ou seguidos de complemento: "pensou", "disse consigo mesmo" (ou "com os seus botões"); e funde em um mesmo corpo estilístico o pensamento oculto e o enunciado – o mentado e o expresso.

Oh, as torturas que essa obra-mestra vos custou! Delas ficaram vestígios muitos no primeiro tomo de *O Espelho Partido*:

> É mister relê-la, sofrer em cima de cada linha, mondar, enxertar, enxugar os transbordamentos, polir, repolir, tarefa severa e atenta que tanto pode durar um mês quanto um ano. Vou procurar ser rápido. Cada livro que faço vai me dando mais trabalho.

E, quando pretendíeis levá-la ao editor, ficastes, insatisfeito, a catar "miudezas, vírgulas mal colocadas, reticências tolas, esdruxularias – piolhos de estilo". "Piolhos de estilo" de que muitos primários zombam, mas que afligiam artistas da categoria de Baudelaire e de Graciliano Ramos.

E como nestas páginas pusestes a vossa alma! "Deixo *A Estrela*" – escreveis antes do período-remate de *O Trapicheiro* –

> como se deixasse um pedaço de mim, pedaço doloroso, arrancado a duras penas, pingando sangue, mais lágrimas que sangue, pranto da inde-

> cisões e de impotências, retrato móvel de um ser que é um pouco de todos nós. Deixo-a comovido, sabendo que a perdi, que dela me separava para sempre, como se entregasse a filha amada a um desconhecido.

Por isso tanto vos doeu o desinteresse (que penso exagerais um pouco) por esta vossa obra. Para aceitá-lo – anotareis em *A Mudança* – era necessário resignação, "a resignação orgulhosa dos mortos".

Aquela desejada contenção de estilo, o propósito de sobriedade, não devora, porém, o lirismo subjacente no poeta:

> Foram subindo pela estrada, muito limpa, fresca, quase fria pela sombra das grandes árvores de troncos limosos Enlaçaram-se. Foram andando. Um sentimento de mútua e absoluta compreensão tornava inútil qualquer palavra. Há parasitas, há cipós, avencas, samambaias. E as rolinhas ciscavam na areia vermelha do caminho. E da espessura do mato vinham silvos. Silvos, pios, estalidos. E veio um rumor de fio d'água correndo perto. Veio um bater rápido de asas, um cheiro de flor humilde, um trinado queixoso. E as sombras se adensam.

E o livro termina assim – pungente, de um pungente marcado de preocupação metafísica:

> ..."tribulação e trevas, desmaio e angústia, e obscuridade", aqui termino a história de Leniza. Não a abandonei, mas como romancista, perdi-a. Fico, porém, quantas vezes, pensando nessa pobre alma tão fraca e miserável quanto a minha. Tremo: Que será dela, no inevitável balanço da vida, se não descer do Céu uma luz que ilumine o outro lado das suas vaidades?

Álvaro Lins, velho admirador do romance, sabe esse final de cor, e comove-se profundamente com ele. E negando, ao criticá-lo, que vos falte "um maior sentimento d' humanidade", ressalta que exprimis "o sarcasmo ao lado da piedade, a ironia ao lado da ternura e simpatia, o desdém ao lado da solidariedade"; e recorda, a esse propósito, um conto pirandelliano, onde o

autor fala do seu costume de, todos os domingos, dar audiência aos personagens seus. Depois de ouvir os dramas de cada um, acrescenta Pirandello:

> Então eu, que de fato tenho um bom coração, me compadeço deles. Ainda que talvez a compaixão não se ajuste a certas desventuras sem a condição de se poder rir a seu respeito. Por isso, os personagens das minhas histórias vão espalhando pelo mundo que sou um escritor cruel e desapiedado.

E reclama "um crítico de boa vontade que fizesse ver quanta compaixão se encontra debaixo do meu riso".

Escritor viageiro, sois dos mais originais. Tedioso vos parece, decerto, repetir toda uma série de manifestações de êxtase basbaque facilmente copiáveis de outras obras, e até de guias. Não o ignorais: nada mais simples do que fazer Literatura de viagens sem conhecer os lugares descritos. Tem graça Albino Forjaz de Sampaio ao contar de um homem que sempre desejara correr mundo e, a dada altura da vida, mutilado creio que das duas pernas, renunciara por inteiro ao velho sonho e, intensificando as leituras de viajantes, veio a revelar-se fecundo autor de obras do gênero. Vós, muito ao contrário, percorreis "terras de vossa terra" e países alheios, vagamundeando ao longo de "Oropa, França e Bahia", e observais e registrais aquilo que os outros não viram, por não quererem ou não saberem ver. Não aprofundais: limitais-vos à condição de impressionista. Um impressionista bem fiel ao que sois, de raiz: sóbrio, seco, sarcástico, e de extraordinário humor, e, alguma vez, de forte lirismo; e de concisão não raro lapidar, a ponto de concentrardes as impressões num período de duas linhas, ou de uma, ou até de duas ou três palavras. Ocorre, nalguns casos, ser a impressão tão desnorteante que diríamos andar naquilo o gosto de *épater le bourgeois*. Será realmente assim? Receio meter-me, aprofundando este ponto, na camisa de onze varas de um grave problema: a sinceridade do artista. Sinceridade do artista *versus* sinceridade do homem. Que cipoal! Vacilo em trazer à baila o verso, tão realejado, de Fernando Pessoa – "O poeta é um fingidor"; rendo-me, porém, à necessidade de o fazer. Nem é descabido aplicá-lo a vós, porquanto, já se viu e verá, sois um poeta: poeta no sentido em que no geral se toma esta palavra, e poeta porque

criador – acepção primeira do termo: criador, autor, aquele que faz. Mas, ainda que aceitando a evolução semântica do vocábulo, me afoitaria a modificar o verso de Pessoa, dando-lhe esta forma: O *artista* é um fingidor. E em particular o artista de *ficção*; até porque, etimologicamente, *ficção* prende-se a fingir, donde a felicidade do título do livro de João Pacheco: *O Mundo que José Lins do Rego Fingiu*. Faltaria deslindar outra face da questão: refiro-me, agora, aos vossos livros de viagens, e não aos vossos contos ou romances. Mas, Senhor Marques Rebelo, sucede que por vossos livros perpassa, de ponta a ponta, o ficcionista – exceto aquele em que tratais de um escritor de ficção: *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida*, bem esteado em árduas pesquisas, rigidamente objetivo, preso invariavelmente ao propósito de informar e esclarecer. Tudo o mais – Romance, Novela, Conto, Teatro, Crônicas, viagens, Literatura infantil – tudo ficção, no todo, ou em parte.

Vamos aos textos. Andemos, em vossa companhia, por terras do Brasil: *Cenas da Vida Brasileira.*

Estamos em Minas – Montes Claros:

> A exclamação é de Newton Prates:
> – Êta, velho besta!
> O velho besta tem sessenta anos curtidos ao sol de Montes Claros, da qual nunca saiu Com cinco contos no bolso, arrumou um passe na Prefeitura e bateu para o Rio de Janeiro. Demorou-se oito dias.
> – Que tal? perguntaram quando voltou. – Multo decadente!...

Passemos a Lontras:

> Conversinha:
> – Morreu Zé Fagundes.
> – Quem matou?

E a Vila Brasília:

> Conversinha:
> – Que tal a estrada?
> – Boa para avião.

Cataguases, agora:

> A família Peixoto [Francisco Inácio Peixoto] se mostra envergonhadíssima do pobre almoço que pôde oferecer ao visitante ilustre. O cardápio compunha-se dos seguintes pratos: sopa de ervilhas, peixe assado, empadas e pastéis, galinha assada, salada de alface e agrião, carne recheada, lombo de porco com tutu de feijão, arroz de forno, linguiça e farofa de torresmo, couve à mineira, angu à mineira, rosbife. Como sobremesa havia: doce de coco, doce de leite, arroz-doce, gelatina, goiabada de cascão, melado e várias espécies de queijo. Como bebidas: vinhos portugueses, brancos e tintos, champanha francesa, águas minerais e café.
>
> A família estava envergonhadíssima!

Por contraste, uma imagem de sabor poético:

> Agora já estou longe da ponte. E as luzes da cidade, nas margens, são como círios que ladeassem um esquife.

Lá vem Itajubá:

> O homem nunca tinha visto o mar. Um dia, viu-o.
> – Então?
> – Muito chique, muito distinto...

Em Pedras Brancas, é um problema social que o toca:

Se vós soubésseis quanto ganha uma professora pública, vossas faces cobrir-se-iam de vergonha.

Passemos adiante:

> A casa mais colonial de Sabará foi construída no ano passado.

Em Belo Horizonte:

Nos torneios de bilhar, os resultados são sempre hierárquicos. Primeiro lugar – o chefe de polícia; segundo lugar – o chefe de gabinete; terceiro lugar (empatados) – os quatro delegados auxiliares; e assim por diante.

Novo traço lírico:

Ó Primavera! Bailados das crianças na Escola Normal na entrada da Primavera! Ó corações pequeninos que um dia irão amar e sofrer! Ó graça da minha filha no meio das bailarinas que um dia irão chorar, chorar!

Barbacena:

Dizia-me o homem:
– Eu queria era ver inimigos do divórcio casados com D. Zizi!
D. Zizi era a esposa do homem.

Vamos ao Estado do Rio:

Miguel Pereira – 1941
Balancete do festival em benefício da Caixa Escolar:

| | |
|---|---|
| Renda | 110$000 |
| Despesas com pães e mortadela | 105$000 |
| Saldo | 5$000" |

Correias – 1942.

Pensão exclusivamente familiar para convalescentes em geral, diz a tabuleta. Na varanda, de pijama, estão oito convalescentes em geral de tuberculose.

E, agora,

Rio Branco – 1949

Eis um lugar em que ninguém pode atirar pedras no telhado alheio. Não há pedras.

Depois, Belém:

> A luz é fraca apesar do extraordinário esforço dos vaga-lumes.
>
> E depois de quase um mês de planície amazônica, como sentisse a necessidade premente de ver jacarés e sucuris, fui fazer uma visita ao Museu Goeldi.

Passando de um extremo a outro: Florianópolis:

> Foi a única queixa apresentada à policia no último e entusiasmado carnaval – o homem estava muito bem no cordão pulando e cantando quando roubaram-lhe a dentadura.

Abramos o *Correio Europeu*:

> Não me venham dizer que o inglês não é sagaz. Depois de dez dias de recusas sistemáticas, o garçom do pequeno-almoço compreendeu que eu não gostava de aveia, nem de leite.
>
> Guinéu é uma libra com penacho. Vale vinte e um xelins.

Falta-me tempo para dar aqui o excelente diálogo com Voltaire, a que antes me referi, e onde o escritor francês faz terrível crítica à ONU. Vejamos a síntese de suas impressões a respeito da França:

> – E como estamos quase na fronteira, diga-me, amigo, o que pensa da França?
>
> – Penso que tem os melhores perfumes do mundo, mas não gosto de perfume engarrafado. Penso que sua cozinha é requintada e ilimitada, mas eu prefiro comidas simples como ovo estalado. Penso que guarda o segredo dos vinhos fabulosos, mas o que eu aprecio mesmo é água. Água somente. Penso que tem costureiros famosos, mas não sou otário. Penso que é ótimo o seu Teatro, mas prefiro o inglês. Penso que são lindas e picantes as canções bulevardianas, mas não há nada no mundo igual ao *jazz*! Penso que sua vida mundana é um paraí-

so de elegância, mas meus hábitos são menos fesandês. Penso que sua vida espiritual é intensíssima, mas me acomodo melhor com o asseio corporal. Penso que tem mulheres lindíssimas, mas eis um assunto sobre o qual não admito nenhuma preferência de origem. Penso que seu passado guerreiro é uma apoteose, mas eu sou inimigo dos canhões. Penso que Renard é minha bússola, mas que novos ventos perturbam a minha rota. Penso muita coisa, enfim, mas são segredos que irão comigo para o túmulo.

*São Marinho*
Realmente existe.

Na Itália:

*Pisa*
É tudo multo bonito, mas deviam consertar a torre.

*Brescia*
É bom conhecer, para quando passar por Barra do Piraí poder tirar o chapéu.

Para acabar com tal praga [a das bicicletas em Genebra], lembrei propor à municipalidade a vinda de uns oito lotações cariocas, que numa semana dariam cabo duns oito mil ciclistas e restabeleceriam o prestígio do chofer.

Em Lisboa:

E quando o avião já deixava para longe as curvas serenas do velho rio, peguei um jornal (visado pela censura) e leio o anúncio fúnebre da Sra. Maria Duarte das Fezes Ferreira, que Deus misericordioso lhe reserve melhor nome no reino dos céus.

Em Paris, outra vez:

> Conceituosa conversa, numa recepção de embaixada, com uma substância que até agora não sei bem se era mulher ou omelete.

Passemos a folhear a *Cortina de Ferro*:

Depois de assistir a um balé, na Rússia, à qual, isentamente, ao longo do livro, faz elogios e restrições:

> – Gostou? – perguntou-me à saída o simpático Capetovich.
> – Não – respondi-lhe com sinceridade.
> – Mas nós temos o melhor bailado do mundo!
> – Não, Capetovich, vocês têm o melhor bailado russo do mundo, o que é muito diferente.

> Satanov fora veraz – o Hotel Nacional [de Moscou] não era o melhor. Tinha esse ar antigo mais antigo que o antigo.

Ao passar por Austerlitz, perguntaram-lhe:

– "Não quer dar uma vista?" E, antes de responder a quem o convida, informa ao leitor: "Eu tenho tão pouco entusiasmo por Napoleão Bonaparte quanto pelo Sr. Napoleão de Alencastro."

Na *Cortina de Ferro*, o ficcionista não se contém, e inventa três guias de nomes diabólicos – Demon Satanov, Belzebuv Capetovich e Lucifer Ilitch Diabonov. Os dois primeiros estouram – um quando ouve do visitante um "Cruz credo!", e outro quando pega num papelucho onde estava uma oração contra os demônios.

Já antecipei comentários à vossa biografia de Manuel Antônio de Almeida, em segunda edição, melhorada. Agora, quero apenas assinalar que nem nessa obra, de pesquisa, deixais de lado a irreverência:

> Por diletantismo ou por influência de Manuel Araujo Porto Alegre, que era poeta e pintor, mau poeta e mau pintor, estudou Desenho na Academia de Belas-Artes.
>
> *Suspiros Poéticos e Saudades* que, entre parênteses, não deixa saudades a ninguém.

> Tivemos um punhado de escritores que cultivaram, como José de Alencar e Gonçalves Dias, um indianismo de ópera, aliado a um sentimentalismo convencional e enfeitado, que alguns críticos teimam em considerar como manifestação espontânea da alma brasileira.

Não deixarei de mencionar vossos livros para crianças, em colaboração com Arnaldo Tabaiá. Um deles é *Pequena História de Amor*, na qual me impressiona vivo a cena em que a Coruja tira a luz dos olhos da Cambaxirra, a mulher de João-de-Barro, em troca de ervas para cura deste, e também o final, quando o marido nota que está cega a companheira:

– Por mim você deu toda a luz dos seus olhos, meu anjo! – exclama o João-de-Barro.

Mas agora ela ria, beijando-o muito, abraçando-o com todo o ardor:

– Não, a verdadeira luz dos meus olhos sempre foi você, meu querido!

Não consegui ver os outros dois: *A Casa das Três Rolinhas* e *Aventuras de Barrigudinho*.

Escrevestes, também, *A B C de João e Maria* e *Tabuada de João e Maria,* ilustrados por Santa Rosa, e, em colaboração com Herberto Sales e com ilustrações daquele artista, a Cartilha *O Cruzeiro*.

É cedo, Senhor Marques Rebelo, para falar com inteireza e precisão sobre a mais importante das vossas obras: *O Espelho Partido*. Dela, que abrangerá, uma vez completa, nada menos de sete tomos, até agora só dois vieram a lume: *O Trapicheiro* e *A Mudança*. Duas coleções, somente, de estilhaços desse monumental espelho. As imagens por eles refletidas, embora extraordinariamente numerosas, deixam-nos à espera, para julgamento cabal, das imagens restantes, complementares; e, sobretudo, muitas e muitas outras surgirão, inteiramente novas, com o decorrer do tempo.

Mesmo assim, por enquanto, nesta ainda limitada parte de um todo já se pode entrever o grandioso do conjunto; já é possível ressaltar o imenso poder de observação, o humor, a sátira, o desencanto, a ironia e piedade, o gosto da reflexão madura, e, talvez acima de tudo, a excelência do estilo, apuradamente requintado, amorosa e aturadamente enriquecido, torturadamente trabalhado.

De Sá de Miranda se conta que trabalhava as suas peças até quatorze vezes, deleitando-se, após o primeiro jato, em "lamber a cria". De lamber a cria também gostais: já o vimos, antes, quando tratei de *A Estrela Sobe*. Agora, a tortura parece bem maior. E sucedem-se as confissões a esse respeito. Uma delas:

> Escrever é vencer dificuldades... A mão é fraca, corta, substitui, modifica, pára a cada linha, angustiosamente, o talhe variando como um desafio aos grafólogos. A cinza do cigarro estimulante tomba sobre o papel sem pauta. Um ventinho tépido chega da noite avançada. Baratas aparecem por trás dos dicionários.

O martírio atinge o auge:

"Três horas para escrever uma linha. Acabar não escrevendo nada."

Que bem conheceis essa peleja com as palavras! Acodem-me os versos de Carlos Drummond de Andrade:

> Lutar com palavras
> É a luta mais vã.
> Entanto lutamos
> Mal rompe a manhã

Assombroso o valor humano e documental desta vossa grande obra: pregões, versos populares, lendas e abusões, o futebol; o carnaval, com as suas cantigas, os seus blocos, as suas escolas de samba; poesias de Natal dos lixeiros; reminiscências de infância; arbitrariedades policiais; doenças, dores-de-cotovelo, confissões íntimas, apertos financeiros, contas domésticas mensais; Literatura, Política; tantos aspectos de um Rio já mais antigo, como, por exemplo, a escola com a carta de á-bê-cê.

O Rio... sois o grande cronista desta vossa cidade, de que a princípio retratastes a subpequena e a pequena burguesia, e de que agora estais pintando a classe média – intelectuais pobres, artistas, profissionais. Vossas influências? O Rio de Janeiro será talvez a maior de todas; entre outros tantos, creio ser ele por excelência o vosso autor de cabeceira.

A este *Espelho Partido* prefiro chamar, em vez de romance, diário romanceado. O que em nada lhe diminui o substancial, embora conte eu com a vossa brilhante defesa:

Oh, isto não é um romance! – dirão alguns técnicos, o que não tem importância e não constitui verdade. Tudo pode ser romance. Mas há sujeitos que se queixam: – Isto não é vida! – E estão vivendo.

Podereis acrescentar, imagino, que "não existe fórmula para o romance; se tomarmos um grande romance do século XVIII e um grande romance deste século, quase nada têm de comum, como se fossem coisas de gênero diverso."

Em certo trecho, lançais um conceito artístico de viva importância, exprimindo a vossa opinião em face do binômio invenção-observação do real: Inventar, não!" – exclamais. – "O ideal é obter-se um máximo de realidade num máximo de adaptação."

E confessais:

"Atraem-me vertiginosamente as minudências, os mofinos recantos das almas, os tiques e gestos microscópicos, perturbam-me doentemente os sutis achados lingüísticos."

E, aqui e ali, a sátira, o senso do humor. Humorista, não invejais e, portanto, não escondeis, o humor alheio:

"O Estado Novo é o estado a que chegamos." (Barão de Itararé), sem, no entanto, perder a oportunidade de exibir o vosso: "Entre as duas o coração não balança."

"Seu Valença é quem sabia levar a vida. Primeiro o resto, depois o trabalho."

"João Herculano – mais um milímetro e seria uma caricatura."

Alguém vos diz que, tendo gostado muito de *A Estrela*, pensa haverdes estragado tudo com as dez linhas finais ("tribulação e trevas...") vos pergunta: "Para que entrar no metafísico, você que nunca foi disso?" E respondeis ("fiel ao princípio de que livro não é assunto para se defender, quando nosso"):

"Saiu sem querer... e agora, fica."

Teria realmente saído sem que o desejásseis?

Em torno dos tipos básicos, fundamentais, agita-se, em vossa obra, larga legião de vidas por assim dizer ancilares – indispensáveis à ficção, porque tudo é vida.

Sois um homem do vosso tempo. A problemática dos dias atuais palpita singularmente nesta vossa obra, sem estar ausente nas anteriores. Toda a inquietação, as ânsias todas, as dúvidas e perplexidades, e atormentados sonhos, e duras injustiças, os roteiros cruzados da vida moderna, do mundo desesperado de hoje – tudo se reflete, a fremir, neste amplo calidoscópio, neste painel imenso do *Espelho Partido* – partido, como partidos são os nossos destinos.

Eduardo, quero crer, é a personagem mais rica, mais significativa, mais numerosa, do afresco enorme que estais a elaborar. E Eduardo sois vós. Criatura de Eddy Dias da Cruz, sois autocriador: criastes-vos a vós mesmo, juntamente com a multidão de seres que trouxestes ao mundo – esse poderoso e misterioso cosmo da ficção.

Assim, pois, Senhor Presidente, senhores acadêmicos, minhas senhoras e meus senhores, esta Casa ora recebe, com orgulho, as três figuras – Eddy Dias da Cruz, Marques Rebelo escritor, Marques Rebelo personagem: como no mistério da Santíssima Trindade – só por comparação, é certo –, três pessoas distintas e um (e grande) escritor verdadeiro.